A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3592 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º — LISBOA — Domingo, 1 de Agosto de 1920 — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 — Preço, 5 centavos

Trilogia irritante

Eletricos, agua e gaz são os tres fantasmas que perseguem a população lisboeta. Essa trindade martirisanto, tres coisas distintas e uma só verdadeira, a incompetencia camararia dos tempos passados, presentes e provavelmente futuros, domina de modo inquietante a vida municipal citadina. O gaz ha muito tempo que brilha pela ausencia, os eletricos estão em descanço e a agua poupa-se, com prejuizo da higiene e limpeza publica, o mais que se póde, visto não se poder contar com a chuva, para engrossar os ribeiros, senão lá para as proximidades do equinoxio. Estes factos que, com administrações camararias inteligentes e dedicadas ao bem publico, ou não teriam chegado a dar-se, ou já estariam remediados ha muito, trazem a população da cidade n'uma permanente irritação surda que o mais ligeiro incidente póde fazer explodir. Oxalá isso não venha, porém, a suceder.

Das tres questões, a que agora está mais palpitantemente irritavel é a dos eletricos que todos os dias ameaça agravar-se pelas reclamações do pessoal e pelas resoluções estapafurdias da vereação, tendo concorrido tambem para a embrulhar a estupida ideia que por ahi anda a germinar, da construção d'um metropolitano, sem que o movimento da cidade a justifique e sem atenção a que os terrenos pouco solidos e encharcados da parte baixa a tornariam dificil e até perigosa. A mania de imitar, sem sombra de criterio, o que se faz lá por fóra, conduz a estas extravagancias.

* * *

A questão dos eletricos era simples de resolver se tivesse havido serenidade, era uma simples questão de aritimetica elementar.

A companhia pediu autorisação para aumentar as tarifas, pedido que a toda a gente de senso se afigurou justissimo, pois que o primeiro aumento havia sido insignificante e o preço do carvão e de outros materiaes, assim como as reclamações do pessoal, entorpeciam cada vez mais a exploração cujos prejuizos aumentavam todos os dias. Apoz varias peripecias permitiu a camara o aumento, não tão avultado como o reclamava a companhia, mas tão aproximado que esta entendeu poder aceital-o a titulo provisorio e experimentavel.

Não concordou, porém, no preço que a camara marcou para os passes semestrais e anuais, primeiro porque não tem obrigação de os conceder, segundo porque não estava esse preço em relação com o aumento das tarifas ordinarias.

A Camara teimou levada nas pandas azas d'uma facil popularidade. Se não fôra a vaidade, teria reflectido e chegaria depressa á conclusão de que a razão estava d'esta vez do lado da companhia. E senão veja-se. A primeira zona era primitivamente de 3 centavos, hoje é de 8, aumento de 170 por cento; a segunda zona era primitivamente de 4 centavos, hoje é de 12, aumento de 200 por cento; a terceira de 5 centavos, hoje é de 14, aumento de 180 por cento; a quarta era de 6 centavos, hoje é de 17, aumento de 180 por cento. Na quinta e sexta zona crêmos ser o aumento de 150 por cento. Ora o preço dos passes era primitivamente de 50 escudos, a Camara marcou-lhe o preço de 120 com um aumento, portanto, de 140 por cento apenas.

Ora, sendo o passe uma avença anual que dá direito a andar sempre de carro, todos os dias e durante todo o dia, se assim o desejasse o seu possuidor, deveria evidentemente ser objecto d'um aumento bastante superior ao das tarifas ordinarias. A companhia não quiz, porém, ir tão longe e contentou-se com o aumento significado pela maior percentagem de aumento das tarifas ordinarias que é a relativa á segunda zona, isto é, 200 por cento, e marcou para os passes anuais o preço de 150 escudos e 80 escudos para os semestrais que sempre foram relativamente mais caros que aqueles. A companhia, por ultimo, parece que concordava já em baixar para 140 escudos o passe anual e para 70 o semestral.

A justiça de tais reclamações mede-se pelos olhos dentro de toda a gente que não estivesse desnorteada pelas palmas e vivas dos portadores de passes que á fina força queriam sacrificar toda a cidade aos seus interesses particulares, tendo-o, com efeito, conseguido, infelizmente, como se está vendo, pois que, por causa de cem ou duzentos assinantes, está uma população de cerca de oitocentos mil habitantes privada dos meios de condução indispensaveis para tratar dos seus negocios.

E digam lá que não é uma população ordeira e paciente!

* * *

A questão da agua é egualmente simples de resolver, desde haja bom senso.

A agua não chega para as necessidades do consumo de uma população que, desde a data do contracto, tem aumentado imenso e que, felizmente, vai adquirindo, cada vez mais, habitos de limpeza e higiene que não tinha ha alguns anos. O remedio é claro é, meter mais agua na canalisação, pois, louvado Deus, não faltam nos arredores os riachos aproveitaveis. Para isso são, porém, necessarias obras que, feitas ha anos quando essa necessidade impreterivel se fez sentir, teriam custado tres a quatro mil contos e hoje custarão doze a quinze mil, senão mais.

A companhia está a terminar o seu contrato e ninguem que possua um espirito disciplinado e habituado a encarar as coisas, sob o aspecto da justiça, poderá pretender que ela ocorra a tão grandes despezas sem compensações de especie alguma, tanto mais que ela nenhuma responsabilidade tem no fenomeno do aumento consideravel de população e consequente alargamento da area da cidade. Era á camara que competia prover de remedio, a tempo e horas, a situação, emprestando o dinheiro necessario para a companhia fazer as obras, recebendo o juro respectivo até ao fim do contracto e, terminado este, ou municipalisaria o serviço o que para o publico seria uma desgraça, porque passaria a ter muitos empregados das aguas, mas muito pouca agua, ou abriria novo concurso que seria o caminho mais conforme aos interesses municipaes. A companhia que ficasse com a exploração restituiria á camara o dinheiro emprestado ou partilharia com ela os lucros resultantes do serviço, como melhor entendessem e acordasssem.

Se a camara não possuia, como nos parece que não, o dinheiro necessario para a realisação das obras, ha muito tempo que haveria de ter entrado em negociações com a companhia, fazendo-lhe concessões, que a habilitassem a levantar na praça o dinheiro suficiente para ocorrer ás despezas das obras a efectuar.

Uma das concessões que a camara poderia oferecer-lhe, seria a da iluminação electrica da cidade por força proveniente de desnivelamento liquido cujas obras deveriam ser para ela relativamente pouco dispendiosas por poder emprehende-las conjuntamente com as do fornecimento de agua.

E isso seria tanto mais util quanto é certo que, pelo caminho que as coisas levam, não se descortina ao longe qualquer raio de luz que possa alimentar-nos a esperança de termos tão cedo a luz do gaz, parecendo estarmos condenados ás trevas eternas. Haveria a tentar o fabrico do gaz de agua, mas quem é capaz de fazer mover o pesadissimo carrão da nossa administração municipal!?

Segredos a toda a gente

Magalhães Lima

Activam-se os preparativos para a festa de homenagem a Magalhães Lima. Está mesmo delineado o programa: Virginia Quaresma dirá duas palavras de saudação e de homenagem; cantar-se-hão algumas canções regionaes; artistas dos teatros de Lisboa recitarão versos. Quem não conhece Magalhães Lima—se Magalhães Lima conhece toda a gente! O tribuno impetuoso, ardente, romantico ainda muito rapaz com os seus 70 anos e a sua cabeleira branca que hoje, como no tempo dos carros do Jacinto, e das caricaturas do Bordalo, da monarquia e do sr. João Franco, nunca deixa um instante de nos falar nos gregos coroados de violetas— e nas diabruras do clero; esse homem que vae a Paris e volta logo á tarde, que percorre o mundo emquanto eu leio o Noticias, *que é republicano desde o tempo doirado em que ser republicano era ainda sonhar—esse homem vae ter no proximo dia 8 a homenagem ao seu passado e ao seu presente, numa hora em que o presente é para tanto dos nossos republicanos em evidencia, apenas a ultima cinza do prestigio...*

A eterna questão

O problema dos electricos mantem-se no mesmo pé—com graves inconvenientes para a sola das botas. A questão promete prolongar-se indifinidamente porque, segundo me dizem, vae ser entregue aos tribunaes. O caso é grave — e não pode deixar de interessar toda a gente: a Camara, a Companhia, os assinantes, todos nós que andamos na lufada do verão e neste momento suspiramos—fica aqui entre nós—pelos electricos a vinte mil réis, a zona. Perdão: ha apenas uma creatura isolada, silenciosa, reflectindo no brilho pálido das suas botas enormes que se desinteressa de tudo: o sr. Presidente do Ministerio. Quem me dera a mim ser o senhor Antonio Granjo — para ter a ilusão de que o mundo não existe!

Luis d'Oliveira Guimarães.

Dr. Hipolito Raposo

Relativamente ainda á condenação deste nosso estimavel colega da «Monarquia» no tribunal militar de Santa Clara, devemos acrescentar que algumas referencias que lhe temos feito, não querem dizer que estejamos de acordo acerca da competencia daquele tribunal para julgamento dum delito que é claramente abrungido nas disposições da lei de imprensa e que, porisso, tem o seu fôro especial. Muito menos ainda podemos admitir a coexsistencia de dois processos em dois tribunais diferentes, pelo mesmo delito. O que nas aludidas referencias quizemos salientar, foi que era naturalissima uma condenação por um delito cuja responsabilidade foi franca e desassombradamente assumida, não havendo motivo por esse facto para qualquer ataque ás instituições republicanas.

O sr. dr. Hipolito Raposo não se insurge tambem contra a sua condenação; apenas não reconhece a competencia do tribunal que o julgou por um delito de imprensa e protesta contra o facto de ter sido submetido a dois processos pelo mesmo delito, no que lhe damos toda a razão.

E aqui fica assim a resposta ás considerações duma atenciosa carta que deste nosso apreciado colega recebemos.

O MARTIRIO D'UMA MULHER

No proximo dia 5 de agosto *A Capital* iniciará a publicação d'uma serie de cartas, em que se fará a descripção das torturas, dos sofrimentos infligidos a uma senhora que muito tem padecido, porque cometeu o crime de amar. Mas se, perante as falsas convenções sociaes, amar é um crime, e ter a coragem de o proclamar, de o dizer bem alto, é ainda crime maior?

Não é um romance, mas sim factos da vida real, a narrativa singela e despretenciosa, feita pela propria vitima, das perseguições de que tem sido alvo por ter tido a coragem de romper com preconceitos, e tem sofrido horrivelmente porque a lei—a lei!—protege o seu perseguidor.

Em

O martirio d'uma mulher

vêr-se-ha como se condena ao internamento n'uma casa de doidos quem nunca sofreu de loucura, contanto que haja quem assim o queira para sua conveniencia. E' sobre tudo um brado contra as revoltantes injustiças que ainda se praticam em pleno seculo XX. A defeza da senhora que figura n'este terrivel drama será feita, como dissemos, pela propria vitima, que, melhor do que ninguem o podia fazer, evocará os momentos tragicos do seu encerramento com doidas e dirá até mesmo a miseria que tem sofrido, por não querer sujeitar-se a imposições para ela degradantes.

O caso dos electricos

Não pode continuar a paralisação

Ha tres dias já que a população de Lisboa se vê privada de electricos e isso pelo simples motivo de que desde principio foi mal posta a questão. E mal posta, porque a verdade é que o conflicto actual derivou das reclamações dos portadores de passes, reclamações que a Camara Municipal perfilhou e apadrinhou mesmo d'um modo que não chega bem a compreender-se. O passe perdeu a validade desde que terminou o praso por que foi tomado e assim como a Companhia não póde obrigar o assignante a renovar o seu contracto, o portador não póde constituir uma excepção á regra geral e não tem o direito de exigir que o passe lhe seja dado, assim como uma herança que se transmite de paes a filhos, sem previo entendimento com a Companhia. Surgiu uma questão sobre a diferença de preço? Muito bem. As duas partes contractantes entendem-se a esse respeito, mas emquanto duram as negociações o portador de passe paga o seu bilhete como qualquer outro passageiro e não dá já logar isso a que nos vejamos nós todos sem um meio de transporte indispensavel.

Ha um outro aspecto n'esta paralisação dos electricos deveras curioso. Interessam-se pelo caso os portadores de passes que fazem barulho, a minoria, é preciso acentual-o; interessam-se os que não fazem barulho e estão dispostos a pagar o que a Companhia pede e que já estava reduzido a 70$00 por semestre, e que são a maioria; interessa-se o pessoal dos carros, que declarou a gréve visto terem-lhe sido retirados os aumentos de salario em virtude do abaixamento de tarifas que a Camara decretou; interessa-se finalmente o publico, o grande publico, todos nós que somos forçados a andar a pé longos percursos n'uma cidade tão acidentada como Lisboa, e que não vêmos que a solução esteja para breve, visto que a Camara tomou uma atitude irreductivel. Só o sr. presidente do ministerio, segundo declarou a um redactor do *Diario de Noticias* n'uma entrevista que este nosso colega publicou, se desinteressou da questão.

Pois nós entendemos que o sr. dr. Antonio Granjo não póde de fórma alguma desinteressar-se d'uma questão da magnitude d'esta, que interessa a uma população inteira. A Companhia Carris de Ferro não se mostra disposta a tratar com a Camara, e com razão. Que confiança lhe pode merecer uma vereação que d'um momento a outro toma deliberações absolutamente contraditorias, mais ainda, que falta aos compromissos que toma simplesmente para beneficiar uns tantos protegidos seus, que tiveram artes de lhe impôr a sua vontade?

Ao pessoal da Companhia tambem a confiança que a Camara lhe merece ficou bem patenteada na reunião de hontem.

Porque, pois, não ha de o governo intervir? Tem obrigação de o fazer. Já que a Camara se mostra incompetente, tome a si o governo o cumprimento dos contractos, tome mesmo conta da viação, mediante, é evidente um entendimento com a Companhia, e vêr-nos-hemos assim todos nós livres do pezadelo da duvida que nos tortura de não sabermos quando afinal poderemos descançar e ter a certeza de que nos não faltarão transportes.

Assim, como está, é que não póde, nem deve ser.

Dr. Magalhães Lima

A grande festa da Associação dos Trabalhadores da Imprensa na Sociedade de Geografia

E' no proximo domingo que, pelas 13,30 horas prefixas, se realisa na sala *Portugal* da Sociedade de Geografia a sessão comemorativa do 16.º aniversario da Associação dos Trabalhadores da Imprensa, a qual é dedicada ao decano dos jornalistas sr. dr. Magalhães Lima. Será descerrado o retrato do venerando jornalista, cujo elogio é feito pela nossa querida colega sr. D. Virginia Quaresma, seguindo-se uma *matinée* de arte em que figuram os principaes artistas e os corpos coraes dos teatros de Lisboa.

A actriz Emilia de Oliveira, recitará a poesia *Os cabelos brancos*, dedicada a Magalhães Lima, seguindo-se-lhe varios numeros de canto, versos e poesias por artistas do Teatro Apolo, Nacional, Trindade, Avenida, etc. O actor Alves da Cunha, representando a empresa do Politeama, recitará versos do nosso saudoso colega Eduardo Coelho e dos nossos queridos camaradas de imprensa srs. *Esculapio*, Acacio de Paiva, Raposo de Oliveira, etc.

A ilustre artista e escritora Mercedes Blanco, por uma concessão muito especial, visto tratar-se de uma festa de imprensa, acedeu a figurar no programa com cançonetas e fados portugueses.

A sua não menos ilustre colega D. Bertha Viana da Mota, cantará uma romanza, acompanhada ao piano por seu marido o grande pianista compositor Viana da Mota.

Ausenda de Oliveira, a graciosa actriz do Teatro do Ginasio, cantará a valsa da *Duqueza do Bal Tabarin*, numero de grande exito, sendo acompanhada pela orquestra do Teatro da Trindade.

Carmo Dias, o eximio guitarrista portuguez, executará, com acompanhamento de viola por Abel Negrão, o *Poême de Amour*, fantasia de Genero Alboim.

A brilhante festa terminará com o hino Nacional, cantado pelos corpos coraes de todos os teatros de Lisboa e com acompanhamento da orquestra do teatro da Trindade.

A distribuição de bilhetes de convite continua na séde da Associação dos Trabalhadores da Imprensa, na rua das Gaveas.

Advertencia importante

Respondendo a reclamações recebidas

Todos os jornaes da tarde e da noite retomaram já o seu antigo pessoal tipografico, podendo, por esse motivo, sair ás suas horas habituaes. «O Seculo» da noite poude mesmo adeantar a sua hora de sahida.

«A Capital», em virtude dos seus operarios se acharem trabalhando no jornal «A Patria» desde 1 de maio, está sendo feita por tipografos na maioria estranhos á classe.

Esta explicação convem que os nossos leitores a tenham presente, afim de reclamarem dos vendedores o nosso jornal, por isso que muitos deles, com o fundamento de que «A Capital» sae mais tarde, se recusam a fazer a sua venda.

Serve tambem esta explicação de resposta ás reclamações que temos recebido de muitos desses leitores.

A proposito desta advertencia, publicou o jornal *A Batalha* a seguinte nota:

A comissão pró aumento de salarios dos quadros dos jornais de Lisboa pede-nos a publicação do seguinte:

«Tendo saido no jornal *A Capital*, de 28 do corrente, uma nota na qual a empreza do jornal *A Capital* diz que já todos os jornais retomaram o seu antigo pessoal grafico, podendo, por esse motivo, publicar-se ás horas habituais, esta comissão vem declarar que se a empreza de *A Capital* ainda não resolveu o conflito como as restantes empresas, é unica e exclusivamente devido a não ter querido solucionar o conflito grafico.

O pessoal de *A Capital* continua em greve e aguarda, na sua Associação de Classe, a adesão da empresa de *A Capital* á organização de trabalho e salarios minimos, já em vigor em todos os restantes jornais de Lisboa.

Esta comissão julga conveniente esclarecer o publico e a classe grafica do motivo porque a empresa de «A Capital» ainda não tem a laborar o seu antigo quadro. Este não se demitiu, como parece depreender-se da nota publicada na «Capital». Encontra-se, como acima dizemos, na sua Associação de Classe aguardando a solução do conflito».

Ora no dia de 21 maio, publicou «A Capital» o seguinte:

Tendo constado á direcção de «A Capital» que o seu antigo quadro tipografico constituido pelos srs. Miguel Martins, chefe, Manuel e Guilherme do Espirito Santo, linotipistas, Gabriel Duarte, Libanio de Brito, Antonio Pinheiro e Ribeiro Pisco, compositores, estava empregado no jornal «A Patria», que ha-de em breve iniciar a sua publicação, solicitou da direcção desse jornal lhe dissesse se eram ou não verdadeiras as informações que recebera.

A esse pedido respondeu, por parte da direcção da *Patria*, o deputado sr. Antonio Mantas com a seguinte carta:

*Sr. Manuel Guimarães dig.*mo *director d'«A Capital».*—Lisboa.—Satisfazendo os desejos de v. manifestados na sua carta de 20 do corrente, cumpre-me declarar-lhe que efectivamente estão em serviço, no jornal *A Patria* os tipografos referidos na carta de v., exceptuando Antonio Pinheiro, mas é meu dever dizer a v. que ainda não está constituido o quadro tipografico e todo o pessoal que trabalha na montagem da tipografia de *A Patria* é a jornal.

Devo tambem dizer a v. que o pessoal que fôr admitido neste jornal não acumulará, com o nosso consentimento, serviços com quaisquer de outros jornais.

De v., etc.—*Antonio Mantas.*

Como esclarecimento, diremos que esta carta foi recebida antes do aparecimento de *A Patria*, a 27 de maio, e que do pessoal que estava trabalhando na montagem desse jornal faziam parte todos os antigos tipografos d'«A Capital», com excepção de um, o sr. Antonio Pinheiro, que está empregado no escritorio da casa Batista & Barbosa, da rua do Poço dos Negros. Esses tipografos ficaram fazendo parte do quadro efectivo da *Patria*.

PELO TELEGRAFO

Conselho da Liga das Nações — Os assuntos de que vai ocupar-se

LONDRES, 28.—Na conferencia do conselho da Liga das Nações serão discutidas as seguintes questões: Ruptura de todas as relações comerciais e financeiras com os subditos de qualquer Estado que, fazendo parte da Sociedade das Nações e apesar do compromisso contraido assinando o pacto da Sociedade, recorra á guerra; fixação das melhores medidas economicas e financeiras a tomar em comum para tornar efectivo esse bloqueio economico social como uma das armas mais eficazes da Sociedade para impedir a guerra, criação dum organismo internacional de higiene analogo ao Instituto internacional do trabalho, já criado, medidas a tomar para a aplicação das disposições do pacto no que refere ás potencias encarregadas do mandato sobre as antigas possessões alemãs; criação dum tribunal de justiça internacional; relações entre o conselho da Sociedade das Nações e a assembleia das nações; orçamento geral da Sociedade; despesas da comissão de delimitações; atribuições a dar ao respectivo comité para o estudo das questões relativas ás comunicações e transito internacionais, como, por exemplo, bilhetes directos para passageiros, alfandegas, passaportes, etc., resolução do pedido da India para fazer parte do «Bureau Internacional do Trabalho»; fixação de uma nova data para a conferencia internacional financeira, que devia ter-se celebrado em Bruxelas em 23 de Julho.—(*Havas*).

Os socialistas francezes repudiam a Segunda Internacional

PARIS, 28.—Na reunião realizada pelos partidos socialistas em comemoração da morte de Jaurés foi aprovado o repudio da Segunda Internacional pela sua criminosa cumplicidade com a politica de hegemonia imperialista da Alemanha e uma censura aos aliados por não terem castigado os responsaveis pela guerra. —(*Havas*).

A retirada da Alemanha das tropas britanicas

PARIS, 28.—Depois de ouvido o parecer do marechal Foch, os srs. Lloyd George e Millerand sancionaram a decisão da conferencia de embaixadores com respeito ao adiamento da retirada das tropas britanicas e italianas de Allenstein e Marienweder.—(*Havas*).

Tomando precauções contra uma possivel sabotage

LONDRES, 28.—O sr. Regiñal Tower recebeu instruções para impedir que o auxilio dos aliados á Polonia seia sabotado por actos politicos como seja a gréve dos «dockers», que se recusam a descarregar munições.—(*Havas*).

O vencedor da «Taça America»

NOVA-YORK, 28.—Na quinta e ultima prova para a conquista da Taça da America ganhou o hiate «Resolute» do New-York Yacht-Club.—(*Havas*).

O serviço militar obrigatorio abolido na Alemanha

PARIS, 31.—Segundo relata o «Petit Parisien» o parlamento alemão aprovou em terceira leitura, depois dum debate extremamente violento, o projecto do governo, imposto pelo acordo de Spa, abolindo o servido militar obrigatorio na Alemanha. O «Petit Parisien» acentua que a supressão da justiça militar e do serviço militar obrigatorio representa um retumbante cheque nos partidos da direita levando-os para a mais irredutivel oposição. —(*Havas*).

O armisticio russo-polaco

PARIS, 31.—O primeiro encontro entre os plenipotenciarios polacos e os dos soviets para a discussão do armisticio teve logar em Baranovitch na passada sexta-feira.—(*Havas*).

Conselho da Sociedade das Nações

SAN SEBASTIAN, 31.—O Conselho da Sociedade das Nações está preparando os trabalhos para a sua nova reunião que se realisa em Setembro mas não em San Sebastian.—(*Havas*).

O general Lucas consegue evadir-se do poder dos «sinn-feiners»

LONDRES, 31.—Esta madrugada, na estrada entre Limerich e Tiperary, na Irlanda, um automovel militar encontrou e recolheu, o general Lucas que acabava de evadir-se do ponto onde o haviam sequestrado os «sin-feiners» nos ultimos dias de junho. Pouco depois o automovel foi atacado pelos «sinn-feiners», que lutaram desesperadamente. Houve dois soldados mortos e três feridos. Um outro automovel militar que chegou durante a luta obrigou os «sinn-feiners» a fugir podendo o general Lucas chegar ao quartel de Tiperary.—*Havas*.

A reconstrucção da catedral de Reims

PARIS, 31.—A imprensa francesa anuncia que se pensa na reconstrução da catedral de Reims.—*Havas*.

As condições impostas pelos franceses ao governo da Siria

BEYROUTH, 28.—Na sua entrada em Damasco os franceses desfilaram por entre uma multidão em atitude respeitosa, tendo ocupado a estação de caminho de ferro e edificios publicos.

As tropas encontraram pelas estradas muito material abandonado pelo inimigo na sua desordenada fuga.

O novo governo que se constituiu espontaneamente apresentou-se ao general Goybet que, em nome do general Gouraud, declarou que seriam impostas as seguintes condições:

O emir Fayçal, que conduz o paiz a dois passos da ruina, deixaria de reinar; seria imposta uma contribuição de guerra de 10 milhões de francos para indemnização dos prejuizos causados pelos bandos do Oeste, iniciar-se-ha imediatamente o desarmamento geral, sendo as forças do exercito sirio transformadas em força de policia e reduzida ao indispensavel; o material de guerra será entregue aos franceses e os principais culpados deverão ser entregues aos tribunais militares.

O novo governo aceitou todas estas condições afirmando o seu desejo de lial cooperação.—(*Havas*).

Os russos evacuam a Persia

TEHERAN, 28.—Um «sem-fios» de Tchitcherine comunica que as forças de terra e mar russas evacuaram todos os territórios e aguas persas.—(*Havas*).

Pormenores sobre a Conferencia de Boulogne

PARIS, 28.—O enviado especial da «Havas» a Boulogne, dando pormenores sobre a conferencia ali realizada, diz que os governos francês e britanico, ao mesmo tempo que preveniram o governo dos soviets de que a conferencia sobre o reatamento das relações normais entre a Entente e a Russia ficava subordinada á regularização da questão polaca, fizeram saber ao governo de Varsóvia que não se desinteressavam da sua dificil situação, dando-lhe conselhos a tal respeito.

Desde que os soviets aceitem as condições estabelecidas na nota elaborada pela Inglaterra, esta convidaria a França a tomar parte na conferencia, sendo provavel que a França aceitasse por deferência pela Inglaterra e interêsse da Polonia, sem que, comtudo, essa participação implique um reatamento de relações politicas nem o reconhecimento dos soviets, pois que o sr. Millerand apresentaria, no inicio da conferência, a questão prévia do reconhecimento, pelo governo dos soviets, dos compromissos tomados pelos anteriores governos russos.

A questão da participação dos Estados limitrofes e de Wangel seriam tambem submetidos, logo do principio, á apreciação da conferência.—(*Havas*).

A Alemanha violando o Tratado de Versailles

PARIS, 30.—Dizem de Stockolmo ao «Echo de Paris» que uma casa sueca solicitou do governo autorização para importar 200.000 espingardas alemãs para reexpotar para o Mexico, autorização que o governo recusou. Este caso demonstra que a Alemanha vende o seu armamento, violando assim o disposto no Tratado de Versailles. Supõe-se, alem disso, que essas espingardas se não destinam propriamente ao Mexico mas sim á Russia sovietista. —*Havas*.

Tumultos no Parlamento japonês

TOKIO, 31.—Em consequencia da publicação duma carta em que os ministros da fazenda e da agricultura se justificam da acusação que lhes é feita de se entregarem a especulações ilicitas. a sessão do Parlamento japonês decorreu tumultuosa, tendo de ser suspensa. Assegura-se que o governo pedirá a demissão.—*Havas*.

Adeantamento feito pela França aos alemães

PARIS, 31.—Finalmente a Camara aprovou o adiantamento de 200 milhões á Alemanha, para pagamento de carvão. Durante a discussão foi dito que a Alemanha, no periodo da guerra, destruiu sistematicamente e scientificamente as minas da França.—*Havas*.

Sessão tumultuosa no Reichstag

BERLIM, 30.—A sessão do Reichstag em que se discutiu a supressão dos tribunais militares foi, por vezes, tumultuosa.—*Havas*.

Palmira Bastos obtem um sucesso

RIO DE JANEIRO, 31.—Palmira Bastos estreou-se com as «Marionettes» obtendo um brilhante sucesso.—(*Americana*).

A' chegada do «Lima» haverá grandes festas

RIO DE JANEIRO, 31.—O comercio do Pará receberá com grandes festas a chegada do paquete «Lima».—(*Americana*).

Cotação cambial e do café

RIO DE JANEIRO, 31.—Cotação sobre Londres 14 3/32 e 14 3/16; cotação do café 12$800.—(*Americana*).

Nota da reunião da Sociedade das Nações

SAN SEBASTIAN, 31.—O conselho executivo da Sociedade das Nações reuniu esta manhã publicando uma nota oficiosa que diz ter o Conselho examinado a informação do sr. Balfour sobre as relações e entre os poderes do Conselho e os poderes da Assembleia.

O sr. Bourgeois apoiou o projecto de uma universidade internacional formulado pela União das associações internacionaes de Bruxelas.

O secretario geral sr Eric Doumond leu uma carta de Nansen sobre a repatriação dos prisioneiros de guerra detidos na Siberia.—(*Havas*)

O acordo de Spa aprovado pela camara franceza

PARIS, 31.—O sr. Millerand explicou á Camara que se não fossem votados os creditos á Allemanha, anular-se-hia o cumprimento do protocolo relativo ao carvão e bem assim a clausula que permite á França ocupar a bacia do Rhur no caso de a Allemanha faltar ao seu compromissio. Alem d'isso prejudicar-se-hia a Italia, a Belgica e as industrias francezas, ás quaes faltaria o carvão indispensavel. O orador faz um apelo ao espirito politico da camara para que soubesse distinguir as questões secundarias das principaes e expôz a necessidade de uma união estreita uma confiança intima entre todos os aliados que cooperão para facilitar os creditos de 200 milhões mensaes por um periodo maximo de 6 mezes. A camara aprovou o conjuncto do projecto por 393 votos contra 83 e o acordo de Spa por 356 votos contra 169.—(*Havas*).

O monumento a miss Cawel

BRUXELLAS, 1.—A rainha inaugurou o monumento a Miss Cawel.—(*Havas*).

Adesão da Italia

LONDRES, 1.—O governo italiano aderiu a resposta dada pela Inglaterra ao governo dos soviets.—(*Havas*).

Facilidades aos viajantes

BRUXELLAS, 1.—Informam de Paris que os viajantes que sigam para o estrangeiro poderão levar 5.000 francos em papel francez ou estrangeiro em vez dos 1.000 francos que eram permitidos.—(*Havas*).

Restrições á abolição do serviço obrigatorio

BERLIM, 1.—A abolição do serviço militar obrigatorio e conselhos de guerra que deu origem á sessão tumultuosa no Reichtg não é aplicavel ao tempo de guerra.—(*Havas*).

O que diz o comunicado bolchevista

PARIS, 1.—O comunicado bolchevista do dia 30 diz que os soviets passaram n'aquela data o rio Narva, ocupando Bielostock e Proujany e tomando muitos prisioneiros e material.—(*Havas*).

BERLIM, 1.—Informa a *Gazeta de Voss* que a vanguarda das forças bolchevistas se encontra já muito proximo das fronteiras.—(*Havas*).

O voto ás mulheres belgas

BRUXELLAS, 31.—O parlamento belga aprovou o projecto concedendo o voto ás mulheres.—(*Havas*).

Propaganda politica

Realisa-se hoje no Apolo o comicio organisado pelo partido Popular

Conforme estava anunciado realisou-se hoje no teatro Apolo mais um comicio organisado pelo partido Popular. A concorrencia era regular tendo-se constituido a mesa cerca das 15 horas presidindo o sr. Dr. Julio Martins que a assistencia recebe com salvas de palmas e vivas á Republica.

Usou primeiramente da palavra o sr. Cunha Leal, que largamente se ocupou da situação economica financeira, combatendo o alto comercio e a finança.

O problema economico foi largamente tratado pelo orador que prendeu a atenção dos assistentes durante tres quartos de hora.

Seguiu-se-lhe o sr. Dr. Vasco de Vasconcelos, que se ocupou do problema colonial, condenando a centralisação dos serviços na metropole, opiniando para que as nossas colonias tenham a autonomia de que carecer. Pouco tempo esteve em ministro e se tal não tivesse sucedido, teria apresentado medidas de largo alcance que ele faria vingar no Parlamento pois eram necessarias para o nosso desenvolvimento colonial.

Falou por fim o sr. dr. Julio Martins, que fez largas considerações sobre politica interna, mostrando quanto o partido Popular tem sido combatido pelas classes conservadoras e isto porque o partido de que é *leader* só quer moralidade nos negocios publicos, o saneamento do exercito e da marinha e o combate sem treguas aos monarquicos traidores.

O comicio terminou pelas 17 horas entre vivas á Republica Radical, aos membros mais categorisados do partido Popular, á mistura com gritos de abaixo a amnistia.

Theatros e Cinemas

Entrevistas e palestras

Amelia Rey Colaço fala á «Capital» na «Castro» que nos vae dar

Emquanto no palco os *«infantes»*, durante um intervalo do ensaio, correm céleres e por um pouco quasi jogam o eixo, Amelia Rey Colaço, a futura interprete da *Castro*, dá-nos algumas palavras sobre a tragedia.

E' dificil precisar. E' uma palestra interessante de pessoa culta.

As nossas perguntas não são de entrevista, essa monumental estopada a que todos os celebres se regeitam. Queremos ouvir as impressões da artista. Saber se foi ela ou a empreza quem teve a ideia de ressurgir a *Castro*. E Amelia Rey Colaço fala. E' como o devassar dum sonho oculto.

Em primeiro logar, diz-nos que de ha muito, na convivencia intelectual com Lopes Vieira, via na figura de Ignez de Castro, na sua tragedia, uma das figuras mais lindas da nossa historia, dignas de se ressuscitar. E até, pensára por vezes, nossos devaneios que os poetas e os artistas tem, no que seria a *Castro* ressuscitada, mas no Coliseu, assim como agora o *Oedipo, Roi de Thebes*, na mise-en-scene monstra de Gemier, no *Cirque de Paris*. Lembra-se que ainda era vivo Augusto Rosa, e que esse sonho, bem como o duma representação para os eleitos, na *Quinta das lagrimas*, em que o dialogo com a ama, fossem a parte principal, representação do Teatro da Natureza, nunca imaginou se pudessem um dia conseguir.

—E agora?

Quando vieram para o Nacional, pensaram logo em dar uma recita classica, serão com um *auto* de Mestre Vicente, serão Garretiano, ou qualquer outra noite de arte. Mas as dificuldades foram tantas...

Lembraram-se então Luiz Galhardo e Julio Dantas de pôr em scena a *Castro*, que nunca se representára em Lisboa. Amelia Rey Colaço acolheu com ardor essa ideia, e agora...

—E agora?

Resta ver o que sairá. Amelia Rey Colaço fala de preferencia em Lucinda do Carmo, que vai fazer a ama; e quando se fala na sua interpretação, sorri alacremente... Estudo, sim, atitudes, no quadro do Columbano, nos livros já que a *rosacea* fracos elementos lhe dá... De resto, sente o papel, e, será o que o fôr. Que a figura lhe é querida, não resta duvida; que, o que ha de indefinido, de superior, de belo e de sonho na figura de Inez, lhe é querido, não hesita em confessar. O resto...

—O resto o publico verá e dirá quando o pano subir para dar logar a uma das mais vivas tragedias de amor de todo o mundo.

E entretanto, o ensaio prosegue, os «infantes», os pobres pequenotes que amanhã vão ser *infantes*, reteem a sua correria descuidosa pelo palco, para, pela 14.ª vez, verem assassinar a sua mãesinha.

D. Justus

Noticias velhas

2 de agosto de 1825

Nasce em Lisboa o dr. Rodrigo Paganino que nas horas vagas da sua clinica e depois de abandonar a carreira, se dedicou ao teatro, traduzindo e adaptando varias peças, e dando até originaes como o drama em 4 actos «Os dois irmãos» representado em D. Maria. Morreu em 1863 com 28 anos de idade.

Cinemas

Entre nós

No film «O condenado» que se está preparando, além das pessoas que a «Capital» já noticiou tomarem parte na sua interpretação, figuram Ana Pereira e Virginia. Os trabalhos são presentemente em Lisboa, tirando-se as scenas da «Penitenciaria» que figuram no film.

O cartaz de hoje

Nacional, ás 21.30, «Sonho d'uma noite d'agosto».
Politeama, ás 21,15, «A Labareda».
Trindade, ás 21.15, «Chá e torradas».
Ginasio, ás 21.15, «O A's».
Avenida, ás 21.15, «Com unhas e dentes»—Os novos quadros «Comboio mixto» e «No palco do diabo».
Eden, ás 21.15, «Negocio da China», com o novo quadro «Cabeças ôcas».
Apolo, ás 21.15, «O Serafim da Graça».
Salão Foz, ás 21 «Variedades».
Olimpia, Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.
Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.
Chantecler, Animatografo e fitas faladas.

Elmo, o Poderoso

Segue na sua carreira triunfal a maravilhosa pelicula em 18 episodios, 36 partes, *Elmo, o Poderoso*. Recheada das mais interessantes aventuras, com scenas emocionantes e aspectos lindissimos, o surpreendente *film* é actualmente o grande sucesso do «Salão Central», onde se exibe diariamente. Amanhã, duas estreias na *matinée:* O novo episodio intitulado *Os dois fogueiros*, mais uma corôa de gloria do seu protagonista, o destemido e valente artista Elmo Lincoln, e *Sára Felton*, em 5 actos, drama moderno, cheio de magnificas situações, destinado a um exito ruidoso

Assalto frustrado a uma padaria

Hoje de madrugada, uma numerosa multidão composta de homens e mulheres, tentou assaltar uma padaria na rua dos Sapadores. Como encontrasse resistencia, começou a apedrejal-a. Intervindo a policia, foi a ordem restabelecida, tendo ficado ferido João Martins, morador na calçada dos Barbadinhos, 2, que foi receber curativo ao hospital da Marinha.

ULTIMA HORA

A questão dos cereais

Importantes casas põem o seu trigo á disposição do governo.—A lavoura conforma-se com o preço estabelecido de $36 o quilo

Estava anunciada para hoje ás 14 horas na Associação da Agricultura mais uma reunião dos lavradores do paiz afim de ser tratada a questão dos cereaes.

Foi regularmente concorrida essa reunião, á qual assistiram os importantes lavradores srs Palha Blanco, dr. Aresta Branco, Filipe de Jesus, Ruy de Andrade, Luiz Gama, Joaquim Nunes Mexia, dr. Afonso de Melo, Sinel de Cordes, José Wan-Zelli Pereira Palha, direcção do Syndicato Agricola de Extremoz e Antonio Miguel de Souza Fernandes.

Carlos Andrade O'Neill, D. Manuel de Bragança, José Pequito Rebelo, conde de Mendia, Teofilo Duarte, dr. Fernandes de Oliveira, Estevão Wan-Zeller, Arthur Carvalho da Silva, Joaquim Brandão, Simões Margiochi, etc.

Pouco passava das 14 horas quando chegou o sr. presidente do Ministerio e Ministro da Agricultura, sr. dr. Antonio Granjo, que se fazia acompanhar do seu secretario, o deputado sr. Domingos Cruz, do director geral do comercio agricola, sr. Joaquim Belfort; sr. Cincinato da Costa, inspector geral do Ministerio da Agricultura e Urbano de Castro, director geral de Economia e Estatistica Agricola. O ministro, afim de aguardar a chegada dos retardatarios foi descançar um pouco para o gabinete da direcção até que pelas 15 horas assumiu a presidencia, começando por agradecer á lavoura e á agricultura a sua solicitude em auxiliar patrioticamente o governo. A situação já não é tão grave como quando tomou conta do Governo, mas facto é que as dificuldades podem surgir novamente e por isso vem mais uma vez pedir o auxilio da lavoura afim de acudir a qualquer situação aflictiva que se possa vir a desenhar. O governo está crente de que a lavoura não deixará de prestar o seu auxilio evitando-se assim medidas energicas, que, não representando uma ameaça, não poderiam deixar de ser postas em pratica em caso extremo.

O sr. dr. Cidraes diz que o governo não tem que fazer agradecimentos. A lavoura prestou um serviço obrigado, tanto mais a um governo, com o seu feitio conservador que se não apresenta ao som de guerra. Não quer isso dizer que não fosse prestado o mesmo serviço a outro governo, porque a lavoura portugueza não é politica. O que se prestou foi um serviço ao paiz e nada mais, e com o patriotismo da lavoura pode o governo contar.

O sr. Antonio Granjo de novo sauda a lavoura e pede desculpa de não poder continuar a presidir por ter de ir assistir ao juramento de bandeiras dos recrutas do Parque Automovel Militar, convidando a tomar a presidencia o lavrador sr. Palha Blanco, de quem faz um rasgado elogio, compatriota e portuguez de lei. O ministro sae acompanhado por quasi toda a assistencia, reabrindo pouco depois a assembleia tendo na presidencia o sr. Palha Blanco que é secretariado pelos srs. conde de Mendia e Simões Margiochi.

E' dispensada a leitura da acta da sessão anterior, fazendo-se a leitura do expediente em que figuram oficios e telegramas de alguns lavradores e de sindicatos agricolas do paiz informando não poderem fornecer trigo por ser insuficiente para o consumo das diversas localidades. Em compensação são depois lidos outros oficios de lavradores e sindicatos, de Ferreira do Alemtejo, da administração da casa Rebelo, do Gavião; de Montemor, Santarem, Arraiolos Fronteira, Elvas e Serpa pondo á disposição do governo alguns milhares de moios de trigo e farinha para o fabrico de pão.

O sr. dr. Cidraes participa á mesa que a Associação da Agricultura recebeu a oferta de 100 vagons com trigo.

O sr. Palha Blanco refere-se ás *démarches* que se realisaram com o ministro sobre o fornecimento de trigo, que ficou fixado em 36 centavos cada quilo. De o seu voto a tal preço, embora isso desagrade a alguns lavradores mas entende que acima de tudo a lavoura não se deve tornar cumplice de um crime de lesa patria, ou seja lançar a fome no paiz.

O sr. dr. Pequito Rebelo diz que a lavoura está muito sobrecarregada e considera não aceitavel a nova lei dos cereaes, o que representa a ruina economica dos lavadores. Os 36 centavos não chegam para cultivar o trigo, urgindo que o governo dê ao paiz uma moeda sã porque a nota moeda portuguesa está como que falsificada ou desvalorisada.

O orador que pretende fazer politica com o caso, termina dizendo ser necessario que o preço da tabela seja aumentado, sendo de opinião que o pão deve ser caro, impedindo-se assim que ele seja exportado para Hespanha.

Diz por ultimo que não se deve transigir com o governo e que se exija do mesmo o premio até hoje não pago, para o lavrador que maior porção produza de trigo.

O sr. dr. Nunes Mexia refuta as afirmativas do orador antecedente e entende que para honra da lavoura portuguesa não se modifiquem os compromissos e as resoluções tomadas na sua ultima assembleia. Essa associação deve mostrar que é composta de homens de bem aos quaes não ficará mal caso não sejam atendidos, apontar depois aos homens do governo que eles erraram mais uma vez.

O sr. Rosado da Fonseca concorda que o preço de $36 centavos em quilo de trigo, só deve ser fixado para este ano, pois é um facto que muitos lavradores sofrem graves prejuizos com tal preço.

O sr. dr. Cidraes diz que a assembleia não tem autoridade para fazer revogar a tabela do preço do trigo, embora possa estudar o assunto e sugestional-o ao ministro. Refere-se depois a algumas frases do lavrador sr. dr. Pequito Rebelo, afirmando por fim, que a situação economica do paiz é má, mas ela não é mais que o reflexo da situação má dos outros paizes. Lá fóra, trabalha-se mais que em Portugal e, dahi o facto de ser maior o mal que lavra no nosso paiz. O que devemos é trabalhar.

O sr. Rosado da Fonseca ainda presta alguns esclarecimentos sobre o custo actual da sementeira e colheita do trigo, falando depois o sr. dr. Rebelo que é de opinião que se convoque outra assembleia, convidando-se o ministro da agricultura a assistir afim do caso dos cereaes ser convenientemente tratado.

O sr. dr. Nunes Mexia e dr. Cidraes ocupam-se ainda do preço do trigo, afirmando que este não póde ser agora alterado. Se algum lavrador vende o trigo por preço superior a tabela está fóra da lei, sendo tal facto irregular. A direção da Associação da Agricultura é que não póde proceder da mesma forma.

O sr. Wan-Zeller comunica que a casa Palha Wan-Zeller pôs trigo á disposição do governo, comunicação que o sr. dr. Cidraes aproveita para solicitar dos lavradores presentes que declarem as quantidades de trigo que podem ceder ao governo.

O sr. presidente põe á votação a proposta do sr. Pequito Rebelo para que se convoque uma nova assembleia geral, afim de ser modificada para mais a actual tabela do preço do trigo. Sobre a forma de votar falam os srs. Luiz Gama, dr. Cidraes, Antonio Miguel de Sousa Fernandes, sendo todos de opinião que para decoro da Associação tal proposta deve ser regeitada.

Ainda por opinião do sr. Luiz Gama a proposta em discussão é dividida em duas partes: 1.ª, ser convocada uma nova assembleia afim de ser modificado o atual preço do trigo; 2.ª que se convoque uma assembleia para se estabelecer o preço para a colheita do proximo ano.

A primeira é regeitada por toda a assistencia, apenas com exclusão do proponente, tendo a assembléia resolvido quanto á segunda que a direcção ficasse com plenos poderes para estudar o assunto e convocar depois para tempo oportuno uma reunião afim de se acordar no preço para o ano proximo.

O sr. Gincinato da Costa, em nome da Companhia das Lezirias, diz que todo o trigo daquela companhia está á disposição do governo.

O sr. Pequito Rebelo, que protesta contra o facto da assembleia se recusar a reparar um erro grave para a lavoura, declara que se afasta da Associação com magua, lamentando não ser compreendido.

O sr. dr. Cidraes diz que o facto de haver disparidade de opiniões não implica motivo para o sr. dr. Rebelo se despedir da Associação. A assembleia manifesta-se contraria á saida do sr. dr. Rebelo, o qual volta a declarar que não concorda com a atitude da assembleia.

Eram 17 horas quando o sr. Palha Blanco levantou a sessão.

A falta de carvão

A exploração da mina de Santa Suzana

Numa reunião, realisada pelos ferro-viarios do sul e sueste, no Barreiro, votou-se uma moção exigindo que seja imediatamente explorada a mina de Santa Suzana, indo o pessoal até á greve, se isso se não fizer. O pessoal ferro-viario desssas linhas ofereceu ao governo todo o seu esforço, prontificando-se a ir trabalhar na mina, a fim de que se inicie a extracção do carvão, que tão preciso é no momento presente.

Já por mais duma vez se tem «A Capital» referido ao assunto, reclamando do governo o rapido inicio dos trabalhos precisos para a lavra dessa mina, que representa uma verdadeira riqueza.

Cadaver abandonado

O guarda 1314 da 8.ª esquadra encontrou esta manhã abandonado o cadaver de uma creança recemnascida na Avenida 5 de Outubro. Foi removido para a Morgue.

Uma scena de tiros

Ao comissariado da policia foi comunicado pelo guarda 147 que quando o tenente aviador sr. Paiva Simões, em serviço no grupo de esquadrilhas de aviação, seguia em companhia de alguns amigos pela rua de Bemfica, foi provocado por um individuo que se encontrava á porta duma taberna conhecido pelo nome de José Roque, o qual em seguida disparou dois tiros sobre o tenente e os seus amigos, tendo o alvejado que fazer uso da sua pistola.

O provocador pôs-se em fuga.

Noticias da Capital

Furto de lampadas electricas.—O guarda 453 da 4.ª esquadra, capturou no Eden-Teatro, Francisco Palma, residente na rua do Arco do Bandeira, 160, 5.º por ter estado ao serviço d'aquela empreza, e servindo-se do nome d'essa empreza ter ido ao estabelecimento da firma J. A. Leitão, na rua João Coelho, 8 a 14, requisitando 150 lampadas electricas de 200 velas, 4 de 400 e 10 de 100, tudo no valor de 1.313 escudos, indo depois vendelas na casa Palissy da rua de Serpa Pinto, pela quantia de 3$80 cada uma.

O gatuno recolheu aos calabouços do governo civil.

Roubo de calçado no valor de 1.000 escudos.—De madrugada os gatunos entraram por meio de arrombamento, no estabelecimento de sapataria, sito na travessa do Monte, 32, pertencente a Joaquim Izidro Correia, furtando calçado no valor de 1.000 escudos.

A gatunagem em acção.—Foi preso Leopoldo Albuquerque e Melo, residente na rua Possidonio da Silva, 3, 2.º, a pedido de um dos socios da firma Veiga & Franco, Limitada, com estabelecimento de fanqueiro na rua dos Navegantes, que o acusa de ali ter praticado um importante furto.

—A policia prendeu Maria Pereira Borges, natural da Ilha das Flores, por ter furtado a seu patrão Antonio Bonzo, morador no rua dos Bacalhoeiros, 64, 2.º, varios objectos de prata e dinheiro.

—Os gatunos entraram a noite passada por meio de arrombamento na residencia de José Quadros, na rua da Arrabida, 4, e lhe roubaram uma porção de chumbo de forrar caixões.

—Foi preso José Antunes Costa, sem residencia nesta cidade, por ás 4 horas da madrugada conduzir ás costas dois arreios no valor de 200 escudos. Na esquadra confessou tel-os furtado na Avenida da Republica.

—Queixou-se no governo civil José Lourenço, morador na calçadinha de Santo Antonio, 5, loja, de que a sua amante Maria Augusta se ausentou de casa, furtando-lhe roupas e outros objectos no valor de 06 escudos.

Fazendo justiça por suas mãos

Luiz Amaro Valente, morador na travessa da Bica, aos Anjos, 1, loja, encontrou na referida travessa, Palmira da Conceição Rocha, residente na rua de S. Lazaro. Começou a agredil-a a socos e pontapés, por ela ha dias lhe ter roubado 150 escudos.

Como a agredida se não conformasse e começasse a gritar por socorro, apareceu a policia, que prendeu os dois.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3593 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Segunda-feira, 2 de Agosto de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

Altos comissarios coloniais

Será possivel que mais uma vez encerre o parlamento as suas portas sem ficar resolvida a importante questão dos altos comissarios coloniais e feita a nomeação das pessoas que hão-de ir desempenhar aquelas elevadas funções?

Não podemos, nem queremos, acreditá-lo. Seria levar longe de mais o menosprezo dos interesses publicos.

Ha mais de dois anos que essa questão vitalissima para o progresso das colonias da qual se esperam justamente enormes beneficios para o desenvolvimento da riqueza colonial, aguarda o voto favoravel dos proceres parlamentares e não seria toleravel que ainda uma vez fosse preterida por assuntos de importancia secundaria.

Já veio a publico a indicação dos individuos destinados a tão altas funções. Para Angola foi indigitado o sr. general Norton de Matos e para Moçambique o sr. dr. Alvaro de Castro, sendo-nos muito grato reconhecer que ha muito tempo se não faz uma indicação de pessoas tão em harmonia com os superiores interesses do paiz. O primeiro aceitou o convite, mas o segundo hesitou, em virtude de ter constituido com alguns amigos, na politica partidaria, um grupo aparte, e não o querer abandonar. Chegou mesmo a dizer-se que, se aceitasse, seria apenas para desempenhar essas funções durante dois mezes, o que seria absolutamente inadmissivel; equivaleria a transportar para Moçambique a instabilidade dos governos da metropole, com todos os seus gravissimos inconvenientes, e o sr. dr. Alvaro de Castro sabe melhor do que nós que possimos resultados isso acarretaria para aquela nossa ridentissima colonia.

De lastimar será que os interesses do grupo partidario reconstituinte, de tão limitado alcance sob o ponto de vista do bem publico, sobrelevem no animo do eminente colonial aos sagrados e fundamentais interesses do paiz que muito teria a esperar da sua acção inteligente e patriotica n'aquelas remotas regiões africanas.

Pena será que o ilustre africanista venha a preferir deixar-se estiolar improficuamente em inglorias lutas partidarias sem nenhum escopo levantado, em vez de ir exercer a sacratissima e dificil missão, mas porisso mesmo gloriosa, de administrar a provincia de Moçambique e defendel-a da mal refreada cobiça dos visinhos, tornando-se credor da estima e consideração de nacionais e estrangeiros.

Que terrivel e venenosa é essa engrenagem politica partidaria que obscurece os mais claros entendimentos a ponto de os impedir de distinguir nitidamente os interesses do paiz e os seus proprios, deformando a visão das coisas, de modo a deixar-lhes entrever a gloria, onde não podem encontrar senão desgostos, sensaborias e aborrecimentos!

Preferirá o sr. dr. Alvaro de Castro ser aqui o chefe de um grupo partidario, de pouco marcada importancia, a ser a primeira autoridade de uma provincia que vale um imperio, com largas atribuições que lhe darão azo a manifestar as suas altas qualidades de inteligencia e os seus largos conhecimentos coloniais, vis-a-vis de personagens de elevada cotação mundial, como é o alto comissario da União Sul Africana?

Talvez! Ocasiões ha na vida em que nos sentimos impelidos para o suicidio e a recusa do sr. dr. Alvaro de Castro das altas funcções que lhe foram oferecidas, afigura-se-nos o seu suicidio como homem publico.

Em Moçambique seria *the right man in the right place*. Aqui nada de util se lhe oferece á sua inteligencia e actividade.

Poderia ter desempenhado o papel que dentro da monarquia coube a Rodrigo da Fonseca, mas não tendo querido, sabido ou podido aproveitar a ocasião, esta não mais se lhe apresentará. O melhor que agora teria a fazer, seria seguir o caminho de Barjona de Freitas, mas com mais vantagem e utilidade para o país que as que derivaram da acção daquele ilustre politico monarquico. Os seus correligionarios integrar-se-hiam no partido com que mais afinidades tivessem, e isso seria mais um bem para a nação.

Dizemos-lh'o sinceramente, como amigos e admiradores dos seus dotes de inteligencia e mais qualidades pessoais.

Melhor avisado andou o sr. general Norton de Matos que, aceitando as elevadas funcções de alto comissario em Angola, irá ilustrar ainda mais o seu nome, prestando relevantes serviços ao seu paiz que do progresso das colonias espera o fortalecimento necessario para arcar com as dificuldades que o futuro ensombrado lhe prepara na Europa. O governo que o sr. Norton de Matos exerceu na Africa Ocidental deixou traços indeleveis de grata recordação para todos os que se interessam pelos progressos d'aquela portentosa região e é garantia segura de que vai emfim a provincia de Angola entrar n'um periodo de pleno desenvolvimento das suas riquezas incalculaveis.

Ousamos esperar que o mesmo sucederá a Moçambique, porque nutrimos a esperança de que, por fim, os superiores interesses do paiz sobrelevarão no animo do sr. dr. Alvaro de Castro a quaisquer outras considerações de ordem muito secundaria.

Oxalá não nos iludamos!

Não ha carros electricos

E não se sabe ainda quando começarão a circular

Ha coisas que se não chegam a compreender. Uma população inteira como a de Lisboa está privada de carros electricos ha quatro longos dias e até agora, que saibamos, nenhuma das entidades a quem de direito incumbe olhar pelo bem estar e pela comodidade de todos nós se preocupa com isso. E' um misterio se alguma coisa se tratou a tal respeito, como misterio é o desinteresse que o governo, pela boca do seu presidente, manifestou por uma questão tão grave.

Vae deixar de existir esse meio de transporte? Durará a gréve tempo indefinido? Perguntas são estas a que ninguem pode ou sabe responder com precisão. Organisou já a Camara Municipal um serviço que substitua a viação electrica? Ora, nem isso quer em tal pensou, nem se preocupa com o regulamentar o preço dos trens e dos automoveis, que podem levar o que muito bem quizerem e entenderem. Que tem a Camara com isso? Contanto que os portadores de passes não paguem mais de 60$00 por semestre, o resto que importa aos ilustres vereadores!

Para o conflicto, que, por absoluta incompetencia da Camara, se deu e em que, afinal, o grande prejudicado é o publico, somos todos nós os que temos de vir de bairros distantes, uma unica solução ha: a do governo avocar a si o cumprimento dos contractos com a Carris de Ferro, de modo que nos não vejamos na dura necessidade de ter de fazer longas caminhadas, ao fim das quaes ficamos completamente estropeados e em que se perde um tempo preciosissimo.

Chame o governo a si esse cumprimento, entenda-se com a Companhia, resolva o *modus-vivendi* por esta apresentado emquanto se não faz a revisão dos contractos, que ella propria foi a primeira a pedir, mas acabe-se com isto, ponham-se os carros na rua. São tantas já as causas de irritação e as dificuldades com que a população luta, que mais esta — e importantissima — pode talvez dar origem a um extravasamento de coleras, cujas consequencias se não podem prever.

E' perigoso sempre brincar com o fogo, e a Camara Municipal ou não vê, ou finge não ver que as suas resoluções n'este assunto teem a reprovação unanime de todos os municipes, salvo, é claro, a de meia duzia, que a aplaudem e a incitam.

Lisboa não pode continuar privada de carros electricos.

Segredos a toda a gente

A nova geração

A ultima geração é uma geração neurastenica: neurastenica por educação, neurastenica por instincto. Toda a vida portugueza no momento que passa se resente deste estado de espirito mil vezes mais perigoso para a saude do que o sarampo. A nova geração, em politica como no amor, está cada vez mais longe dessa mocidade doirada de ha 70 anos que estilhaçava seges e que picava toiros — e que era infinitamente mais irreverente, mais sans-culotte, mais gravata vermelha do que a d'hoje que come bolos de créme, que usa espartilho como as mulheres, que passa a vida a chorar em verso com grandes vantagens para os tipografos — com grandes inconvenientes para todos nós.

A ultima geração que teve o desdem do preconceito e o culto fervoroso da anecdota morreu com a jaleca e o chapeu d'aba larga de D. João de Menezes. Os rapazes do meu tempo nascem já velhos — e apenas os velhos estão em plena gloria — no amor, na literatura, na politica, na vida.

Santa Suzana

Como sabem pelos jornais existe nas proximidades de Alcacer uma mina de hulha conhecida pelo nome de Santa Suzana. Essa mina continua, como ha dez anos, inexplorada — certamente porque os estrangeiros ainda não tiveram a fantasia de lhe chamar sua. Ha gente que protesta. Os empregados do Sul e Sueste — irão mesmo para a grève. Em todo o caso, embora se saiba que não se explora uma mina como quem põe uma gravata — o que é certo é que os nossos homens publicos não teem tido tempo para dedicar cinco minutos d'atenção á pobre mina de Alcacer. E porquê? Pela simples razão de que gastavam todo o tempo — com a Casta Suzana? Quem sabe.

Ramalho Ortigão

Deviam ter sido hoje inaugurados no Gerez os bancos do Ramalho — aquele Ramalho elegante, forte, resplandecente, puro inglez na elegancia Saint James Street, que passou na vida como quem descia o Chiado e que todos os anos tinha a fantasia deliciosa de adoecer — apenas como pretexto para fazer a sua cura no Gerez. Era ali, num recanto cheio de frescura e de sombra, que ele ficava horas e horas sosegado, olhando a paisagem, fumando charutos, seguindo nas ramadas viçosas o cantar alto dos passaros... Aquele banco — meia duzia de traços de Raul Lino feitos em pedra — ha de andar na memoria de todos que se sentarem ali: de muitos porque adoram Ramalho; de um ou outro simplesmente porque o banco é comodo.

Luis d'Oliveira Guimarães.

OS "FILMS" do manicomio Conde Ferreira

Urge que se faça uma sindicancia ao que ali se passa

O manicomio Conde Ferreira, atravez de dois jornaes — um de Lisboa e outro do Porto — que, talvez por uma singular coincidencia, pertencem á mesma empreza, tem vindo, desde que *A Capital* anunciou a divulgação do caso da sr.ª D. Maria Adelaide Carvalho, a desenrolar um «film» que, afinal, hoje apresentou o seu epilogo.

Esse epilogo, deveras imaginoso e original, está na seguinte noticia:

No hospital Conde Ferreira

Confirmam-se as tentativas de rapto

PORTO, 1. — Confirma-se a noticia que dei ha dias de que se premeditava o rapto de tres pobres senhoras que se encontram no hospital Conde Ferreira, por motivo do seu desarranjo mental. Tratava-se das sr.as D. Etelvina Barreto, D. Alcina, de Cabeceiras de Basto, e duma outra senhora de nome Ester. A segunda destas senhoras é possuidora de avultada fortuna, constando que as outras duas tambem dispõem de meios.

A direcção do hospital, que tem exercido uma vigilancia especial sobre elas, oficiou ás respectivas familias, pedindo que, em consequencia do que se passava, as retirassem desse estabelecimento.

Ora, ha dias já, que o manicomio Conde Ferreira havia anunciado que se preparava um rapto, tendo até — se não estamos em erro — declarado que, por esse motivo, requisitara uma força da Guarda Republicana.

Pois bem, agora a força da Guarda Republicana já não e bastante; os cubiçosos das fortunas das desventuradas senhoras cujo rapto se preparava, são em numero tão grande, constituem uma força tão poderosa que nem mesmo toda a Guarda Republicana do Porto é suficiente para evitar essa fuga tão extranha e invencivel. E, assim, a direcção do manicomio entende mandar em paz as senhoras, endereçadas ás suas familias de onde — quem sabe? — nunca deveriam ter sahido.

Ora tão compenetrados estamos já da ideia de que no hospital Conde Ferreira se cometem erros gravissimos e se fazem condenaveis atropelos contra a lei que ficamos a pensar quem sejam estas senhoras visadas pelo pretendido rapto a que a noticia se refere. De que loucura sofrerão? Em que consistirá o seu desarranjo metal?

Sofrerão tambem de loucura lucida-afectiva?

A sua doença será amar — essa terrivel enfermidade que os psiquiatras do Conde Ferreira não admitem que se dê impunemente entre determinadas senhoras de familias abastadas? Lá que elas são abastadas, de isso não ha duvida porque a noticia o diz, consequentemente a loucura deve ser lucida-afectiva.

Pois temos pena que, nesta altura, as senhoras sejam enviadas ás suas familias, apesar do manicomio contar com o apoio da guarda republicana para evitar a sua fuga. E, temos pena porque urge que se faça uma sindicancia, uma rigorosa sindicancia, ao Conde Ferreira e talvez essas senhoras pudessem fornecer tambem elementos para conclusões interessantes. Mas, enviadas agora ás respectivas familias, ficam fóra da alçada da sindicancia que se ha de fazer para honra do paiz e das instituições.

Relativamente á afirmação com que se pretende sugestionar o publico de que são pessoas interessadas nas suas fortunas que se pretendem apoderar de certas doentes — nessa afirmação é que não acreditamos por ser demasiado grosseira e inepta. A verdade é que essas senhoras estão interditas e a sua interdição continuará quer estejam em liberdade ou não.

Como se poderia portanto alguem aproveitar de fortunas, que se manterão em poder dos membros de familia que conseguiram a sua interdição?

Mas poderiamos talvez até concluir — se conhecessemos essas senhoras — que elas eram incapazes de reger os seus bens; agora o que seria dificil era convencerem-nos — se é que sofrem de tal loucura lucida-afectiva — que o seu sequestro é preciso, que o seu isolamento do resto do mundo se impõe, que a sua liberdade de viver finalisou entre as paredes estreitas e horriveis de um manicomio.

Por isto e por tudo mais que havemos de dizer, continua a verificar-se que só teem interesse sordido nessas fortunas as pessoas que criminosamente pedem o seu sequestro e que só podem partilhar desse dinheiro, criminosamente extorquido e esbanjado em favor de serventuarios, aqueles que se ligam num ataque acalorado e furioso contra essas tristes vitimas da força e da maldade.

A morte do sr. dr. Sidonio Paes

Sob a presidencia do juiz de paz da Pena, sr. Arthur Policarpo, tendo como representante do ministerio publico o sr. dr. Lemos e peritos os srs. drs. Julio de Matos, Sobral Cid e Caetano Beirão, assistindo o advogado sr. dr. Cóta, de Torres Vedras, realizou-se hoje, pelas 13 horas, no gabinete do director do manicomio Miguel Bombarda, o exame ás faculdades mentaes de José Julio da Costa, autor da morte do sr. dr. Sidonio Paes, não ficando ainda concluido o exame, devendo voltar a reunir o conselho no dia 4, pelas 13 horas.

O José Julio da Costa foi transportado da Penitenciaria no automovel da guarda republicana, sendo acompanhado pelo tenente sr. Isidro Leitão e sargento Mota da mesma guarda, recolhendo após o exame novamente á Penitenciaria.

Mutilados da Guerra

(A colocação)

A aturada e ruidosa campanha jornalistica que a favor dos mutilados da guerra se manteve durante largo tempo, na sua maior parte na *Capital* e tambem em parte notavel no *Seculo*, campanha em que se salientou notavelmente e inolvidavelmente o talento jornalistico do dr. José Pontes, não tinha só em vista auxiliar-nos na campanha patriotica e politica da valorisação e glorificação dos nossos mutilados, tendo em vista o conquistar o devido interesse e respeito pela nossa colaboração na guerra, nem tão pouco visava sómente, como muitos supõem, o angariar recursos para a sua assistencia; visava muito principalmente o difundir as modernas ideias sobre assistencia aos mutilados, combater n'estes a tendencia para a mendicidade, e destruir o preconceito arreigado de que o mutilado é um inutil, o que além de não ser verdadeiro, é inconveniente e molestante para o espirito do mutilado e prejudicial aos interesses colectivos, particularmente nos paizes mais sacrificados, que carecem do trabalho e aproveitamento de todos.

Particularmente quizemos aproveitar o oferecimento do *Seculo* para este aspecto especial do trabalho de propaganda. Segundo o que eu imaginara, contava que por meio d'aquele jornal se viessem, pelas provincias, a constituir comissões locais que se interessassem pela colocação dos mutilados e se fôsse aceitando em emprezas e casas particulares, no comercio, na industria, na agricultura, o mutilado, consoante as suas aptidões, em concorrencia, ou de preferencia, até ao valido, sempre que isso fosse possivel, visto que, muitas vezes, ha logares que tanto podiam ser desempenhados por valido, ou melhor por integro, como por mutilado. O papel da secção de investigação e orientação profissional do serviço da assistencia aos mutilados devia conjugar a sua acção com a dos serviços de assistencia social. Infelizmente não foi possivel a regularisação dos serviços, como eu os imaginara, e em grande parte por causa de razões que sumariamente expuz no meu artigo sobre serviços pedagogicos.

Sempre que foi possivel, e disso tenho fartos documentos, oficial e particularmente procurámos conseguir que nos logares publicos fosse dada preferencia aos mutilados da guerra, que os pudessem desempenhar (ao Dr. Julio Martins, quando Ministro do Comercio e á Administração dos Correios se devem grandes facilidades para esse efeito). A varias entidades particulares directa e indirectamente nos dirigimos, e por vezes com notavel exito. Mas ficámos muito aquem do que queriamos. Sempre mais ou menos o mutilado tendia, em geral, justificadamente para ver o seu problema resolvido pela pensão e colocado em lugar publico e o publico tendia, quando o utilisava, a fazel-o mais por caridade e favor do que por convicção de que o mutilado possa aceitar-se em concorrencia com o não mutilado.

No fundo, por mais que se fizesse, o auxilio ao mutilado consegue-se mais por compaixão do que por admiração, mais por favor e esmola do que por motivo de reconhecimento de valor e prestimo.

Como factos interessantes para a historia destes serviços e aspecto, entre nós, da questão da assistencia aos mutilados da guerra, citarei tres especies de factos.

Na coleção dos nossos moldes de mutilações existentes e patentes no meu gabinete de Santa Izabel, figuram dois moldes de um mutilado da guerra de quem nunca me esqueço. Mal chegou, tão cheio de animo vinha, e com tal consciencia do seu prestimo, que não houve maneira de contel-o. Cumpriram-se apenas as formalidades da sua matricula e abalou logo, sem querer saber de descanço, nem de pensões, para se ir ocupar num logar de telegrafista, a bordo. Referivel, a este tipo animoso houve alguns, entre os quais me lembro tambem de dois empregados no comercio: um sobrinho do general sr. Norton de Matos, amputado da côxa e o sargento sr. Alvares.

Ao contrario, entre os mais deprimidos, figura um rapaz que sem lesão de maior, não houve forma de adaptar ao trabalho. Tudo se tentou. Queixava-se sempre, fugia sistematicamente a todo o esforço.

Quasi nada ha a esperar deste tipo.

Por ultimo, citarei o facto curioso do quasi nulo resultado de um inquerito a que quiz proceder junto das autoridades locaes para saber das condições de vida dos mutilados em licença e já em condições de ter alta, que para se adaptarem ao trabalho, haviam sido mandados para as suas terras. Ainda tenho varios exemplares das circulares que mandei imprimir para esse efeito. Ali duramente eu dizia, que as informações deviam ser exactas, e que em nada podiam prejudicar a questão das pensões. Pois, apesar d'isso, não só deixei de receber varias respostas, como me succedeu até o seguinte: mandei recolher a Santa Izabel um mutilado do braço, porque a informação dizia que vivia na miseria, mas com grande espanto meu, vi-o chegar muito contrariado, porque andava não na mizeria mas em negocio, que lhe corria bem (negocio de peles), e lhe causava grande transtorno a vinda aqui. A informação fôra dada com receio de que a pensão viesse a ser diminuida.

O problema da colocação é quasi tão difficil para aos que d'ella precisam como para os que d'ella teem de cuidar.

Esta questão dos mutilados não deve, por muitas razões, ser considerada uma questão morta; pelo menos, por minha parte me esforçarei sempre por mantel-a viva e no nó [devido á justiça e aos legitimos direitos de todos os que ela traz e pêlo, e sempre com o entusiasmo e desejo de bem servir a causa por que trabalhei.

A. Aurelio da Costa Ferreira.

Dr. Magalhães Lima

A festa dos Trabalhadores da Imprensa

A direção da Associação dos Trabalhadores da Imprensa de Lisboa tem hoje demorada conferencia com o atívo emprezario sr. Luiz Galhardo sobre a grande festa que a mesma Associação realisa no proximo Domingo pelas 13, 30 prefixas na Sala *Portugal* da Sociedade de Geografia em homenagem ao decano dos jornalistas portuguezes sr. Dr. Magalhães Lima.

O sr. Galhardo prometeu todo o seu apoio e auxilio a esta imponente festa, cujo programa devé ficar definitivamente organisado amanhã, indo em seguida os corpos gerentes da Associação ao Palacio de Belem afim de receberem do chefe do Estado a aprovação do mesmo programa.

O serviço de policiamento da Sala *Portugal* é feito pelas tres corporações dos bombeiros voluntarios: de Lisboa, da Ajuda e Lisbonenses, que gentilmente se prestaram a colaborar nessa homenagem.

Advertencia importante

Respondendo a reclamações recebidas

Todos os jornaes da tarde e da noite retomaram já o seu antigo pessoal tipografico, podendo, por esse motivo, sair ás suas horas habituaes. «O Seculo» da noite poude mesmo adeantar a sua hora de sahida.

«A Capital», em virtude dos seus operarios se acharem trabalhando no jornal «A Patria» desde 1 de maio, está sendo feita por tipografos na maioria estranhos á classe.

Esta explicação convem que os nossos leitores a tenham presente, afim de reclamarem dos vendedores o nosso jornal, por isso que muitos deles, com o fundamento de que «A Capital» sae mais tarde, se recusam a fazer a sua venda.

Serve tambem esta explicação de resposta ás reclamações que temos recebido de muitos desses leitores.

A proposito desta advertencia, publicou o jornal *A Batalha* a seguinte nota:

A comissão pró aumento de salarios dos quadros dos jornais de Lisboa pede-nos a publicação do seguinte:

«Tendo saido no jornal *A Capital*, de 28 do corrente, uma nota na qual a empreza do jornal *A Capital* diz que já todos os jornais retomaram o seu antigo pessoal grafico, podendo, por esse motivo, publicar-se ás horas habituais, esta comissão vem declarar que se a empreza de *A Capital* ainda não resolveu o conflito como as restantes empresas, é unica e exclusivamente devido a não ter querido solucionar o conflito gráfico.

O pessoal de *A Capital* continua em greve e aguarda, na sua Associação de Classe, a adesão da empresa de *A Capital* á organização de trabalho e salarios minimos, já em vigor em todos os restantes jornais de Lisboa.

Esta comissão julga conveniente esclarecer o publico e a classe gráfica do motivo porque a empresa de «A Capital» ainda não tem a laborar o seu antigo quadro. Este não se demitiu, como parece depreender-se da nota publicada na «Capital». Encontra-se, como acima dizemos, na sua Associação de Classe aguardando a solução do conflito».

Ora no dia de 21 maio, publicou «A Capital» o seguinte:

Tendo constado á direcção de «A Capital» que o seu antigo quadro tipografico constituido pelos srs. Miguel Martins, chefe, Manuel e Guilherme do Espirito Santo, linotipistas, Gabriel Duarte, Libanio de Brito, Antonio Pinheiro e Ribeiro Pisco, compositores, estava empregado no jornal «A Patria», que ha-de em breve iniciar a sua publicação, solicitou da direcção desse jornal lhe dissesse se eram ou não verdadeiras as informações que recebera.

A esse pedido respondeu, por parte da direcção da *Patria*, o deputado sr. Antonio Mantas com a seguinte carta:

Sr. Manuel Guimarães dig.mo director d'«A Capital».—Lisboa.—Satisfazendo os desejos de v. manifestados na sua carta de 20 do corrente, cumpre-me declarar-lhe que efectivamente estão em serviço, no jornal *A Patria* os tipografos referidos na carta de v., exceptuando Antonio Pinheiro, mas é meu dever dizer a v. que ainda não está constituido o quadro tipografico e todo o pessoal que trabalha na montagem da tipografia de *A Patria* é a jornal.

Devo tambem dizer a v. que o pessoal que fôr admitido neste jornal não acumulará, com o nosso consentimento, serviços com quaisquer de outros jornais.

De v., etc. —*Antonio Mantas.*

Como esclarecimento, diremos que esta carta foi recebida antes do aparecimento de *A Patria*, a 27 de maio, e que do pessoal que estava trabalhando na montagem desse jornal faziam parte todos os antigos tipografos d'«A Capital», com excepção de um, o sr. Antonio Pinheiro, que está empregado no escritorio da casa Batista & Barbosa, da rua do Poço dos Negros. Esses tipografos ficaram fazendo parte do quadro efectivo da *Patria*.

"A Victoria"

Reapareceu hontem este nosso colega, que voltou a ser matutino. E' seu director politico o sr. dr. Carlos Olavo, o que quer dizer que passou a ser orgão do Partido Reconstituinte.

Ao nosso colega desejamos longa e prospera vida.

O MARTIRIO D'UMA MULHER

No proximo dia 5 de agosto *A Capital* iniciará a publicação d'uma serie de cartas, em que se fará a descripção das torturas, dos sofrimentos infligidos a uma senhora que muito tem padecido, porque cometeu o crime de amar. Mas se, perante as falsas convenções sociaes, amar é um crime, e ter a coragem de o proclamar, de o dizer bem alto, é ainda crime maior?

Não é um romance, mas sim factos da vida real, a narrativa singela e despretenciosa, feita pela propria victima, das perseguições de que tem sido alvo por ter tido a coragem de romper com preconceitos, e tem sofrido horrivelmente porque a lei — a lei! — protege o seu perseguidor.

Em

O martirio d'uma mulher

vêr-se-ha como se condena ao internamento n'uma casa de doidos quem nunca sofreu de loucura, contanto que haja quem assim o queira para sua conveniencia. E' sobre tudo um brado contra as revoltantes injustiças que ainda se praticam em pleno seculo XX. A defeza da senhora que figura n'este terrivel drama será feita, como dissemos, pela propria vitima, que, melhor do que ninguem o podia fazer, evocará os momentos tragicos do seu encerramento com doidas e dirá até mesmo a mizeria que tem sofrido, por não querer sujeitar-se a imposições para ela degradantes.

PELO TELEGRAFO

Os mineiros alemães não querem a supressão de horas suplementares e aumento de salarios

BERLIM, 26. — Numa reunião efectuada pelos mineiros do Ruhr em Bochum foi aprovada por unanimidade uma moção declarando a assembléa satisfeita com a atitude do representante dos mineiros em Spa declarando que os mineiros estão prontos a aumentar voluntariamente a extracção do carvão em quantidade que permita a entrega das quantidades prometidas na conferencia de Spa ainda para fazer face ás necessidades internas da Alemanha e ás obrigações resultantes dos acôrdos estabelecidos com a Suissa e a Holanda. Nessa moção acrescenta-se, porem, que êsse aumento de extracção só poderá levar-se a efeito quando realizada a melhoria de alimentação dos mineiros. Foi reprovada, por grande maioria uma moção propondo a supressão das horas suplementares e aumento de salarios. — *Havas*.

No Congresso socialista de Genebra

GENEBRA, 1. — Na moção francesa aprovada pela comissão de responsabilidades do Congresso socialista diz-se que a questão da Alsácia Lorena ja não existe e que a Alemanha republicana reconhece a obrigação de reparar os prejuizos causados pela Alemanha imperialista. Brauen e outros representantes alemães na comissão declararam que votavam essa moção em seu nome individual e que avisariam os outros delegados quando chegassem. Esta atitude parece ser uma manobra tendente a iludir a questão de responsabilidade no caso da delegação francesa não ser admitida, visto ser constituida exclusivamente por membros do partido socialista unificado. — *Havas*.

Visita do sr. Millerand ás regiões devastadas

PARIS, 1. — Consta que o Sr. Millerand, depois dum repouso de alguns dias em Versailles, visitará as regiões libertadas, sendo provavel que se dirija em breve ao Sr. Deschanel para o pôr ao corrente da situação externa e interna. — *Havas*.

O adeantamento á Alemanha

PARIS, 31. — A discussão no senado sobre o projecto do adeantamento dos 200 milhões para o carvão foi muito mais breve que na Camara, 221 a favor, 31 contra. — *Havas*.

Monumento á França

VERDUN, 1. — Realisou-se hoje sob a presidencia honorária do Ministro da Instrução, a cerimónia da inauguração do monumento dedicado á França e oferecido por um comité holandês. — (*Havas*).

Os assaltantes do paquete «Sovirat»

MARSELHA, 1. — Os bandidos bolchevistas que no mar negro assaltaram o paquete francez *Sovirat* já chegaram presos no paquete francez *Lorraine* para serem julgados. — (*Havas*).

Manifestação de voluntarios da Guerra

PARIS, 1. — A manifestação que os voluntarios estrangeiros que tomaram parte na guerra fizeram hoje nos Invalidos, é assunto que ocupa todos os jornaes da tarde. — (*Havas*).

Licenceamento na Turquia

CONSTANTINOPLA, 1. — Está sendo negociado o licenciamento das forças nacionalistas. — (*Havas*).

Uma entrevista com Roque Gameiro

RIO DE JANEIRO, 1. — N'uma entrevista concedida pelo ilustre artista portuguez Roque Gameiro, fez ele optimas referencias ás relações entre os dois paises. — (*Americana*).

Anarquista expulso

RIO DE JANEIRO, 1. — Foi expulso o anarquista portuguez Augusto Araujo. — (*Americana*).

O exito da «tournée» do Nacional no Brazil

RIO DE JANEIRO, 1. — A peça «Marionette» teve maior exito que o obtido pelo «Cardeal». Os artistas foram muito aplaudidos, principalmente Brazão, Palmira Bastos e Lucinda Simões, que continuam sendo alvo de grandes atenções. — (*Americana*).

Professores primarios

Os professores que constituem a comissão executiva do conselho central da União do Professorado Primario, srs. Manuel Barroso, Manuel da Silva, José Pires Marques, Saturnino Neves e Viriato de Oliveira, deram-nos o praser da sua visita, o que muito agradecemos.

Acrescentaremos que esses distintos professores iniciaram já junto do sr. ministro da instrucção as necessarias «démarches» para que sejam satisfeitas algumas das aspirações formuladas pela classe no congresso de Coimbra.

Vapor "S. Jorge"

Deve entrar amanhã no Tejo este navio. Um radiograma de bordo, hoje recebido em Lisboa, diz que a bordo vem tudo bem.

Duas questões palpitantes

A falta de farinha — A ordem publica

De Beja vêm para Lisboa 4 milhões de quilos de trigo — Em Braga nada se deu de anormal

Um dos assuntos que ultimamente mais tem prendido a atenção do povo é a falta de farinha em Lisboa, o que contribuiu para uma certa escacez do pão. O publico alarmou-se um pouco com o caso e vá portanto de formar bichas interminaveis ás portas das padarias, levando cada um mais do que necessitava para o seu consumo. D'ai, resultou ainda maior escacez, pois que muita gente ficou desprovida, emquanto outra se forneceu em demasia.

Mas tal situação, que a principio se apresentou um pouco aflitiva, tende a melhorar, felizmente. A lavoura nacional, reunida ontem na séde da Associação Central d'Agricultura, mostrou patrioticamente estar ao lado do governo, comprometendo-se a fornecer trigo ou farinha, vindo já a caminho de Lisboa parte desse tão indispensavel genero. Do Ribatejo e Alemtejo sairam já para a capital alguns vagons com farinha, tudo indicando, pois, não haver motivos para sustos ou receios.

Mais se diz que é esperado no Tejo um carregamento de trigo exotico, tendo dito um jornal da manhã de hoje que o governo tem recebido nos ultimos dias inumeras propostas para acquisição do trigo referido, sendo algumas dessas propostas apresentadas por senhoras.

O caso original e curioso de senhoras se meterem em negocios com o Estado levou-nos até á Camara dos deputados afim de inquirir junto do presidente do Ministerio e Ministro da Agricultura o que de verdade havia sobre o assunto:

— Isso não é verdade, — informa-nos o chefe do governo. — Não recebi quaisquer propostas de senhoras. Isso é mentira...

«O que tenho como certo e garantido é o abastecimento da cidade. A situação agora é menos aflitiva, sendo natural que se faça ainda sentir um pouco a falta da farinha, mas já tenho assegurados 4 milhões de quilos, que veem de Beja. Esta farinha deve chegar em breves dias...

«Tudo o mais que se diga é pura fantasia...

E o sr. dr. Antonio Granjo sai de junto de nós apressadamente afim de ir conferenciar com o ministro dos estrangeiros, sr. Melo Barreto.

Mais uma volta pela sala dos Passos Perdidos e eis-nos na frente do sr. ministro do interior, de quem procuramos obter informações sobre alterações de ordem publica em Braga e no Porto.

Como esclarecimento aos nossos leitores diremos que ha dias se deram assaltos em Santarem, sendo gerais os protestos em todo o paiz contra a carestia da vida. Em Tomar ainda ontem á noite estava preparado um comicio que foi proibido, dando-se depois disso varias manifestações. Ha quem queira ver tambem, nas manifestações tumultuosas que ontem á noite se deram no Porto, quando duma sessão solene de homenagem ao novo bispo de Leiria, realisada na séde do Circulo Catolico Operario, uma especie de ligação com um anunciado movimento bolchevista no alto Minho.

Facto é que as autoridades do Norte estão ao facto da existencia de um *complot* bolchevista, motivo por que ontem á noite saiu do Porto com destino a Braga um *camion* com metralhadoras e forças de infantaria da guarda republicana.

— Mas não se trata de um movimento, sómente no Norte, — esclarece-nos o sr. ministro do interior. — Esse movimento está sendo planeado em todo o paiz e o governo tem dele conhecimento. O que os inimigos da ordem procuram estabelecer e uma especie de desassocego, fazendo com que isoladamente e em varios pontos se deem alterações da ordem. E' um programa maduramente estudado e combinado, afim de que num dado momento se dê o movimento geral. Ora isso é que se torna necessario impedir e para evitar que em Braga se produzissem quaisquer acontecimentos tomaram-se as precauções indispensaveis. Nada, afinal se deu, pois as autoridades dali precaveram-se, sendo necessario que as outras façam o mesmo.

«O caso do Porto não tem importancia de maior. Foi tudo sufocado rapidamente, estando perfeitamente garantida a ordem.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

O livro duma atriz

Quando acabei de ler com interesse e respeito o novo livro de Mercedes Blasco, multiplas ideias me assaltaram. E' digo com interesse porque o livro é realmente atraente; e digo com respeito porque é a obra sentida duma portugueza e duma mãe.

Sá da parte literaria noutro logar mais proprio foi dito, da parte teatral competia aqui tratar. Mercedes Blasco foi—e não é porque se obstinam em não a contratar—uma artista. Ao teatro deu a sua mocidade, a sua frescura e, dizem, que a sua beleza. Teve fortunas e esbanjou-as; hoje nada tem, alem dum nome que passeou pelo estrangeiro e uma inteligencia que se evidencia na confactura dos seus livros.

E' notavel verificar que são raras as artistas portuguesas que sabem escrever! Já não queremos pensar naquelas estrelas guindadas pelo acaso ás culminancias, do reclame mas que a cada momento se filiam no gremio daquela que *Lucinda do Carmo* no seu livro, coloca a dizer: «nsobo que eu alumeio». Falamos nos atrizes dignas deste nome pela sua vida artistica; apontam-se os nomes daquelas que saibam correctamente e são raros os nomes a quem as letras patrias devem um bom trecho de prosa. E sem querer demorar as nossas considerações sobre este facto, sintomatico aliás, pensamos no resto. E o resto é a desilusão de Mercedes Blasco, ao fim dalguns anos de vida, de triunfos e sacrificios. Desilusão...

Mas é uma velha mania do lado a humanidade, dizer que se desilude. Sempre, em todos os tempos assim foi. A artista que é jovem, nova, que excita os apetites da plateia grosseira obtem sempre sucesso; a mocidade, a graça, a frescura não devem iludir ninguem; o publico não vê o valor que se esconde debaixo destes requisitos para os seus sentidos. Quando o tempo passa e tudo morre, que importa o talento, as palmas de outrora! O publico é outro que já adora e aplaude outras belezas, outras mocidades em vôgo.

Ha no livro de Mercedes Blasco, paginas tristes, de desalento e de vivido sentimento. Um sopro de injustiça passa... Ninguem a contracta? Não é já celebridade que vem impôr fabulosos ordenados; é uma actriz que quer continuar a sua carreira... Nas onde? O mundo ri e diver-te sem atentar nela! Tem um filho doente e fraco; viu morrer outro por falta de recursos, e em volta a mesma e sempre fria indiferença. Deve ser cruel.

E o burguez, aquele que foi chocado pela irreverencia brusca e *canaille* das memorias duma *actriz*, esse, talvez palitando os dentes, comente que é «o que sucede sempre a quem não tem juizo, e tendo tido fortunas as dissipou, cantando como a cigarra».

A proposito ainda, lembra-me o que uma outra artista, agora no primeiro periodo de vida e mocidade, chegada ha pouco do Brazil onde a incensaram em loucos elogios, educada em França, contratada por companhias cinematograficas extrangeiras, tendo fotografias e amaveis palavras de Mary Pickford, Theda Bara e tantos outros, dizia dos homens numa sabia e inteligente premeditação.

— Um só desfez a minha pequena fortuna, os outros hão-de pagar».

E o certo é que os seus dois pequenitos receberam agora 12 contos cada um, enquanto a mãe, sem nada, boemia o livre continua a sua vida e... o seu programa artistico.

Mercedes Blasco foi infeliz, não teve a previdencia da formiga. No entanto merece que todos os que se interessam pelo teatro olhem para o seu livro e para o seu incontestavel valor.

D. Justus.

Noticias novas

Está marcada para sexta feira, no Apolo, a *premiére* da revista «Risos e Flores», original de Valeriano Machado, musica de Bernardo Ferreira e Vasco de Macedo, que está dirigindo os ensaios da parte orquestral da peça. «Risos e Flores», tem 2 actos. Os titulos dos quadros do 1.º, são: *A fada da meia noite*; 2.º, *No variar é que está o goso*; 3.º, *Soluços e gargalhadas*; 4.º, *O futuro de Portugal* (apoteose).

Os titulos do 2.º acto são: 5.º quadro; *Mostruario feminino*; 6.º, *O amor no seculo XVI*; 7.º, *O amor no seculo XVII*; 8.º, *O amor no seculo XVIII*; 9.º, *O amor na actualidade*; 10.º, *Cupido vinga se*; 11.º, *Risos e Flores* (apoteose).

—Depois d'*A Castro*, de Ferreira, que iremos apreciar esta semana, no Nacional, depois das muitas tragedias se escreveram sobre o mesmo motivo, nenhuma, porém, tem a grandeza, a paixão, a dignidade de sentimento d'*A Castro*, de Ferreira. Esta obra, joia do teatro portuguez, estava esquecida; ha tres seculos que não se representava e á gerencia do teatro Nacional cabe a gloria de a resurgir para a admiração de todos os portuguezes. Essa ressurreição não seria possivel sem um trabalho inedito de adaptação, que tornasse a obra susceptivel de ser compreendida pelo publico moderno, d'esse trabalho semelhante ao que Echegaray, Benavente etc., teem feito, na visinha Hespanha, para tornar possivel a representação das peças de Lopes de Vega, Tirso de Molina e Calderon de la Barca, encarregou-se o ilustre escritor Julio Dantas que vai, decerto, apresentar-nos um belo trabalho a avolumar entre os mais apreciados com que tem brindado a geração contemporanea.

Na opereta farsa «Amor em Pó» em ensaios no Avenida, a gentil actriz Lina Demoel desempenha o papel de *Olga*, actriz de 25 anos, sendo esse um dos principais papeis femininos da peça.

—No Avenida 5.ª feira, é a recita de homenagem ao popular João Silva que voltará a apresentar-se no «Nutricia» da revista o «Diabo a quatro», fazendo-nos ouvir o seu estribilho: «Sarão os marujos»? Na recita toma parte o impagavel Nascimento Fernandes, que soube tornar popular, nessa peça, a frase—«O' mestre onde está o gato?» e regerá o hino «Avaré» composição sua executada pela orchestra, e coreada pelas companhias do Eden e Avenida.

Noticias velhas

3 de Agosto de 1843

Nasce na Suecia a cantora celebre «Nilsson». Foi a unica rival da Patti e retirou de scena apoz successos em todo o mundo, em 1888.

3 de Agosto de 1893

Morre em Pernambuco o ator Julio Sant'Ana, que se estreara no teatro em 1891 na R. dos Condes com a opereta «O Tio Braz. Agradou na «Filha do Tambor Mór», na revista Fim de Seculo. Na tournée ao Brazil em que morreu, conseguiu agradar no «Tim tim por tim tim», «Mis Helyette», «Grã-Duqueza» etc.

Reclames

Agora, que o Eden está fechado temporariamente aproveita-se o tempo, de dia e de noite, para ensaiar a nova revista «Sem Camisa», original de Bento Faria, Alvaro Santos e Amadeu Provença, com musica de Bernardo Ferreira e Alves Coelho. Os titulos de todos os quadros do 1.º acto são os seguintes: «A' meia noite»; 2.º, «A virgem vermelha»; 3.º, «Brada ás armas»; 4.º, «O carrasco canta»; 5.º, «Tem alguma cousa a alegar em sua defeza»? 6.º, «Casas baratas»; 7.º, «Roupa Branca»; 8.º, «Felicidade aparente»; (apoteose).

Noticias novas

Lá por fóra

FRANÇA.—M. Francis Carco numa interview que concedeu á «Comedia» declarou estar trabalhando numa nova peça em 3 atos «Les deux amis», e num «film» tirado do seu romance «l'Equipe». Carco é o autor de «Mon Homme».

—No Eldorado primeira representação de «La Loupiote» drama em 5 atos e 9 quadros tirado do romance de Aristides Bruant e Artur Bernède.

—No casino de Croisic obteve sucesso a revista «Un grain de sel» de Pierre Kok.

—Ferandy que anda em Tournée, levarou á scena em Nantes «Les deux Ecoles» e «Les Affaires sont les affaires».

—Inauguron-se o Theatro de Bry-sur-Marne com a peça «L'Ami Fritz».

Por jornaes recebidos do Rio de Janeiro sabemos continuar com muito agrado as representações da Companhia Satanela-Amarante, tendo-se no dia 29 de Junho estreiado os artistas Rachel Barros e Alves da Silva na peça «Rainha do Fonografo» onde alcançaram um ruidoso exito.

O cartaz de hoje

Nacional, ás 21,30, «Sonho d'uma noite d'agosto».
Politeama, ás 21,15, «A Labareda».
Trindade, ás 21,15, «Chá e torradas».
Ginasio, ás 21,15, «O A's».
Avenida, ás 21,15, «Com unhas e dentes»—Os novos quadros «Comboio mixto» e «No palco do diabo».
Eden, ás 21,15, «Negocio da China», com o novo quadro «Cabeças ôcas».
Apolo, ás 21,15, «O Serafim da Graça».
Salão Foz, ás 21 «Variedades».
Olimpia, Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.
Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.
Chantecler, Animatografo e fitas faladas.

TOURADAS

Campo Pequeno. — Realisa-se no domingo a festa artistica de um dos nossos mais apreciados e aplaudidos artistas do pé, Alfredo dos Santos, que organisou um bom cartaz, tendo principiado por alugar touros na antiga ganaderia dos irmãos Robertos, que ainda n'esta epoca não mandaram touros ao Campo Pequeno. Contratou o novilheiro «Facultades», que na sua festa do ano passado foi aplaudissimo, e juntou-lhe, para que alternasse com «Facultades» e lhe disputasse as palmas, outro novilheiro de nomeada, Teofilo Guerra.

A cavalo tourearão Rufino, Teixeira e Justiniano Gouveia, e a pé os melhores colegas do beneficiado.

Poeira da Arcada

Sanidade interna

Segundo o boletim da sanidade interna, na semana finda em 24 de julho manifestaram-se em Lisboa 8 casos de febre tifoide, 6 de difteria, 2 de meningite e 3 de variola, e no Porto, 1 de difteria, 2 de sarampo e 1 de tosse convulsa.

Assuntos de instrucção

Foi revogado o decreto que preceituava que os candidatos de menor idade ao exame de habilitação para professores das escolas moveis apresentassem, juntamente com o requerimento, certidão de emancipação. O diploma que revoga aquele decreto permite a admissão ao referido exame aos individuos que completem 19 anos de idade até 31 dezembro do ano em que prestarem provas.

— Foi para o *Diario do Governo* a lista dos juris dos exames de habilitação para o magisterio primario nas escolas moveis que se realisarão na actual quinzena nas escolas primarias superiores de Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Lisboa, Porto, Viana do Castelo e Vila Rial.

Conflicto entre armadores e maquinistas

A Federação Maritima e a comissão de maquinistas fluviais do porto voltou a conferenciar com o sr. ministro da marinha acerca do conflito suscitado entre os armadores do Norte e os maquinistas fluviais do Douro.

Festas associativas

Academia Recreativa de Lisboa. E' o seguinte o programa das festas dedicados pela direcção aos socios: dia 8, ás 21 horas, baile; dia 15, á mesma hora, representação da opereta «Ingratos no Bairro»; dia 22, baile á inglesa; dia 29, recita com a comedia «Casamento e mortalha...»

ULTIMA HORA

Nos Deputados

A's 13,30 o sr. Sá Cardoso manda proceder á primeira chamada.

Ha na sala por junto sete deputados: o sr. Mesquita de Carvalho, que cavaqueia com o sr. Tamagnini Barbosa, Manuel José da Silva e Sampaio Maia, em amena conversa, Dr. Paes Rovisco e Evaristo de Carvalho, e os srs. Jacintho de Freitas e Viriats da Foue secretariam.

No entanto a chamada faz-se, *pro-forma*, n'uma enfiada silenciosa de nomes, emquanto o sr. Sá Cardoso mexe e remexe na papelada, afadigado pelo trabalho e abstacto á invocação inutil dos nomes. Lá fóra n'um desespero de sbrigação a campainha retine.

Espera-se.

Que admira que não haja numero, se a canicula aperta e os electicos não funcionam...

Para nós virmos para aqui tivemos, Deus do Céu! que nos agarrar com força aos varões d'uma carruagem, um pé no estribo e o outro no espaço, á mercê d'um encontrão mais forte que nos atirasse á linha. Ora francamente viajar assim não convida e de supôr se nos antolha que os senhores deputados prefiram a fresca aragem das praias e a refrescante sombra dos arvoredos, a uma caminhada estoante para S. Bento.

Não ha numero portanto para que a sessão funcione. Não o ha pelo menos por emquanto...

Aguarda-se e cavaqueia-se.

O sr. dr. Evaristo de Carvalho pergunta:

—Então o sr. foi comprado? E' um mal. Eu sempre o disse. Quando isto estiver tudo nas mãos da moagem o que ha de ser de nós?

O sr. Domingos Cruz comenta:

—O que não ha é imprensa. Eu se tivesse duzentos contos, cem queimava-os n'um jornal que fosse a genuina expressão do povo. N'um jornal independente.

Mais alguns deputados veem chegando. São poucos ainda. Ainda não ha numero. O sr. dr. Jacinto Nunes com a sua eterna alegria na alma e o seu cravo vermelho na lapela anima agora um pouco a mazombice da espera discutindo lá para o centro com varios deputados.

A's 14 horas o sr. Sá Cardoso declara que estão presentes 24 deputados e manda ler a acta.

Como não podemos pôr em duvida a declaração da mesa, embora na portaria haja n'essa altura apenas 22 entradas, achamos que deve ser assim.

Entretanto o deputado sr. Domingos Cruz requer pelos ministerios respectivos nota dos oficiaes, sargentos e praças mortas aos movimentos revolucionarios de 1917, Norte e Monsanto 191. e pensões que foram dadas ás suas familias.

As galerias encho de sargentos de todas as armas aguardando a interpelação do sr. Afonso de Macedo.

Como não haja numero para aprovar a acta passa-se no expediente.

Em varios grupos comenta-se com uma certa extranhesa o facto do sr. Sá Cardoso, politico militante, assignar, n'um jornal politico, um artigo acentuadamente politico dentro das doutrinas d'um determinado grupo parlamentar, e fazel-o pondo por baixo a sua especialissima situação de *Presidente da Camara dos Deputados.*

Veem entrando mais sargentos. Muitos sargentos. Há já duas galerias repletas.

O sr. Jacinto Freitas pede a palavra para um negocio urgente: tratar da maneira como está sendo interpretada a lei das indemnisações por efeito da revoluçãomonarquica do Norte.

Sendo-lhe dada a palavra, o orador analisa largamente o assunto e envia para a mesa um projecto de lei marcando taxativamente as indemnisações a dar e as pessoas que dessas indemnisações devem ser excluidas.

Antes da ordem o sr. Antonio Francisco Pereira diz que tem recebido cartas confirmando as suas afirmações sobre maus tratos aos presos acusados do assassinato do Dr. Pedro de Matos. Lastima apenas que em vez de ser um juiz de investigação criminal o encarregado da sindicancia a taes factos, não fosse nomeada pessôa extranha á policia.

O sr. ministro das Colonias promete transmitir as considerações ao sr. ministro do interior.

O sr. Manuel José da Silva diz que ha meio ano que figura na ordem do dia o projecto de lei sobre milicianos. Não é moral que a sessão termine sem que a discussão desse projecto se faça. Temos por honra nossa, da Republica e dos que se bateram, que esse projecto se discuta imediatamente. Tambem a situação dos conservadores do Registo Predial se tornou intoleravel e insustentavel. Ha um projecto de lei que trata do assunto. Pede por isso que as comissões que o hão-de julgar o façam o mais rapidamente possivel. Por ultimo pergunta se o sr. presidente do ministerio estava ou não informado da interpelação do sr. Afonso de Macedo. Lastima que o sr. dr. Antonio Granjo ainda aqui se não encontre, propondo por isso que a interpelação se faça mesmo com prejuizo da ordem do dia.

O sr. presidente da Camara dá explicações. E' preciso pôr de parte a discussão dos orçamentos para se poder discutir alguns assuntos pendentes.

O sr. Manuel José da Silva diz que em ultimo caso se marquem sessões noturnas.

O sr. Manuel José da Silva (Porto) diz que estão em gréve no Porto as vendedeiras de leite por efeito d'uma legislação que precisa caducar. Ha muito leite puro e bom que não dá as 3 0[0 de gordura que a lei exige. D'ahi a gréve e os prejuizos de milhares de creaturas.

Entra na sala o sr. presidente do ministerio.

O orador pede ao chefe do governo que atenda as reclamações das vendedeiras e resolva o assunto a contento de todos. Trata ainda das reclamações em tempos apresentados sobre a tabela de emolumentos do Registo Civil que não aproveitou aos respectivos ajudantes. Contra isso reclama.

Outro assunto ainda: o preço da venda dos jornaes a cinco centavos. Deseja saber a razão por que o Estado não permite a venda dos jornaes por um preço inferior a essa quantia.

Reclama ainda a regalia do abatimento de 50 o[o nos caminhos de ferro aos oficiaes milicianos que ha pouco cessou.

O sr. Eduardo de Souza—Mas é que a C. P. está neste paiz acima de toda a gente, do Parlamento e do governo...

O sr. Dr. Antonio Granjo explica as exigencias da lei sobre a densidade dos leites a que é aplicada a lei dos açambarcadores. Só a Camara pode modificar essa lei, se assim o entender. Afirmou no entanto que essa densidade é de facto exagerada.

Espera resolver o caso, mas insiste em dizer que o governo não o poderá fazer sem que o Parlamento lh'o conceda. Quanto aos serviços do Registo Civil, assunto que se não pode resolver á faca, consta já da declaração ministerial e ha-de resolver-se como de justiça.

O preço fixo da venda dos jornaes não é coisa que não se compreenda. Esse decerto executar se-ha emquanto o Parlamento assim o entender.

O governo não considera o caso resolvido por essa forma. O problema é delicado. Ha que resolvel-o por outra forma e ele será resolvido em Portugal como o foi lá fóra. O que é preciso é terminar com artificios á custa dos quaes uns se locupletem á custa dos outros.

O governo procurará resolver o problema trazendo á Camara os indispensaveis regulamentos. Finalmente, quanto aos passes dos milicianos, resume-se apenas a uma interpelação da Companhia com a qual o governo nada tem, visto o caso dos passes estar entregue aos tribunaes. Isto pelo que respeita á C. P. Pelo que se refere as linhas do Estado, providenciará.

E segue a

Interpelação Afonso de Macedo

O sr. Afonso de Macedo começa por declarar que na sua interpelação não ha a mais pequena nota politica. Ha apenas a defeza d'uma classe que merece a atenção da Republica, a justiça feita a homens que nas horas graves teem estado sempre ao lado das instituições republicanas. Essa classe que desde 31 de janeiro até á escalada de Monsanto esteve sempre pronta a defender a Republica, como o soube fazer depois em França, nas fileiras do C. E. P.

Não ha, portanto, politiquice. Ha justiça. Que a classe dos sargentos de terra e mar tem sido esquecida nas suas justas reivindicações. Trata depois dos respectivos vencimentos. Leis e decretos, numeros e artigos. Pelo artigo 4.º fica estabelecido o vencimento pessoal dos sargentos de terra e mar. Ha depois o decreto 6475 que, conjugado com o 5570, dá o vencimento normal constituido por prét, alimentação, gratificações, ajuda de custo, etc. Posto isto, extranha que por uma simples ordem do ministerio da guerra se lhe retirasse a ajuda do custo de vida. Cita-se o artigo 117 do Regulamento. Ha na ordem, na nota ou o que é do ministerio da guerra, uma flagrante injustiça que só serve para agravar uma classe que á Republica tem prestado os mais relevantes serviços.

Toda a gente, até simples contratados, tem direito aos 40 escudos de ajuda de custo, menos os sargentos. Pois no ministerio da guerra ha dactilografas a ganharem 120$00 escudos mensais e ainda por cima as vão buscar a casa em *side-car* e a casa as vão levar igualmente em *side-car*. (Risos e exclamações prolongadas). Veja portanto o governo a flagrante injustiça que isto representa! Bom seria que as dactilografas do ministerio da guerra fossem dispensadas, visto que a sua entrada para ali só obedeceu a empenhos e a favores e elas podiam muito bem ser substituidas por sargentos do secretariado militar. Diga-se mais. Além dos 40 escudos de subvenção, elas receberam mais 15 o que é expantoso.

O sr. Henrique Braz — Para alguma coisa serve ser menina...

O orador, continuando, diz que depois de tudo isto não se compreende que os sargentos, que não foram para a gréve do funcionalismo publico e até se ofereceram para a debelar, a não tenham, ao passo que toda a gente recebe a ajuda de custo, menos eles (Calorosos apoiados).

E' pois, necessario que a Republica faça justiça, justiça a todos, não esquecendo aqueles que, como os sargentos, a teem defendido e salvado nas horas do perigo.

Termina enviando para a mesa uma moção convidando o governo a dar aos sargentos a ajuda de custo.

O sr. dr. Antonio Granjo extranhou que a interpelação lhe tivesse sido dirigida; diz que o governo só tem uma unica preocupação: cumprir estrictamente as leis, votadas pelo Parlamento. Como já ha pouco, frisou é ao Parlamento que compete modificar, alterar ou abolir as leis que necessitem da sua intervenção.

Parece que a este assunto se quer dar um caracter politico enviando para a mesa nesse sentido uma moção que pode como tal ser tomada.

Não nega, antes concorda com os direitos dos sargentos, mas os seus direitos teem que assentar em principios legislativos.

O sr. Afonso de Macedo nega mais uma vez qualquer intuito politico no debate que vem de fazer-se.

O sr. Antonio Granjo interpreta como uma moção politica que precisa ser esclarecida.

O sr. Julio Martins declara que não ha politica no caso. Trata-se apenas de fazer justiça a uma classe que a merece. E a votação da Camara só significa isto—a justiça d'essas pretensões. Nada mais.

(Apoiados nos varios lados da Camara).

Os deputados retomam os seus logares. Vamos á votação. A moção é de novo lida na mesa. Ha hesitação nas fileiras da maioria.

O sr. Paiva Gomes pede a palavra para um requerimento. — Requer a generalisação do debate.

Vozes — Não pode ser.

Posto o requerimento á votação aprova-se.

O sr. Paiva Gomes conferencia com o sr. presidente do ministerio.

O sr. João Camoezas fazendo o elogio da classe dos sargentos diz que seria diminuir-lhe os creditos, comercialisar essa priveligiada situação de patriotismo á custa duns centavos ou duns escudos. Mas trata-se dum questão de justiça e isso é que é preciso encarar de frente e encarar a direito. Não, é uma questão de favor é um acto de justiça.

Envia portanto para a meza uma moção em nome do P. R. P. em que a Camara, reconhecendo a justiça devida aos sargentos de terra e mar espera que o governo resolva a questão como de justiça.

O sr. Pereira Bastos diz que a questão só se resolve por meio de um decreto, sem o qual governo algum poderá fazer o que fôr, visto que com o que está escrito nada mais se pode fazer.

O sr. Antonio Maria da Silva diz que na declaração ministerial que teve a honra de trazer á Camara quando foi governo havia a uniformidade dos vencimentos do funcionalismo publico. Em materia de vencimentos o que para ahi ha é o cahos havendo até quem receba contra a lei mais e muito mais de 4.500 escudos.

No caso dos sargentos o que ha é uma interpretação á faca, que não é justa nem está certa. O que o sr. Pereira Bastos disse não tira nem põe nada á questão dos sargentos.

Estabelece-se vivo dialogo entre varios deputados. Ninguem se entende e cada um tem sobre o caso a sua opinião.

Varios deputados pedem a palavra e o assunto terá ainda larga e palavrosa discussão, muito possivelmente terminando já quando o nosso jornal estiver na maquina.

No Senado

Preside o sr. Correia Barreto.

O sr. Dias Andrade protesta contra os assaltos cometidos no circulo catolico operario no Porto.

O sr. ministro dos estrangeiros promete transmitir o assunto, que reputa de grave, ao sr. presidente do governo.

O sr. Jacinto Nunes e Bernardino Machado associam-se áquele protesto.

Seguidamente são aprovados dois votos de sentimento pela morte do sr. general Fernandes Costa e do sr. José Queiroz.

O sr. ministro dos estrangeiros tem palavras elogiosas para com a memoria destes cidadãos.

Entra em discussão o projeto concedendo a revisão aos processos dos implicados nos acontecimentos politicos.

A gréve dos eletricos

O pessoal reuniu hoje e vae distribuir um manifesto expondo a sua situação

O pessoal da Companhia Carris de Ferro continua em sessão permanente, tendo esta tarde reunido sob a presidencia do sr. Francisco dos Santos, falando, entre outros, os srs. Antonio da Silva, Armando Martins e Claudio dos Santos, que principiou por saudar a imprensa, pela fórma como ela se pôz ao lado do pessoal e do publico, passando depois a lêr uma copia da moção da camara que aprovava o aumento de tarifas. Esse aumento, como se sabe, foi dado para melhorar a situação do pessoal. Mas a camara entendeu dever retiral-o, o que fez com que o pessoal fôsse para a gréve.

Foi apresentado um manifesto que vae ser distribuido, expondo a situação do pessoal e as negociações havidas entre a camara e a companhia.

Em seguida foi apresentada uma proposta pelo sr. Antonio Silva, para convidar os portadores de passes a enviar á associação uma proposta declarando por quanto lhes convem a assinatura.

Por fim varios oradores atacaram a camara pela atitude que ela tomou na questão, repetindo-se que, se encontram em gréve, é unicamente por culpa da camara.

A classe só retomará o trabalho quando as suas reclamações forem atendidas por completo.

—Devido á paralisação dos carros electricos e emquanto esta durar, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, independentemente do serviço normal do horario em vigôr, estabelece desde ámanhã um serviço especial de comboios entre Lisboa e Bemfica e Braço de Prata com o seguinte horario:

Partidas de Lisboa para Bemfica ás 8-20, 14-15, 17-20, e 19-40; de Bemfica para Lisboa ás 8 50, 15-5, 18 12 e 20-15; de Lisboa para Braço de Prata ás 7-57, 10-23, 12-15, e 17 53; de Braço de Prata para Lisboa ás 9-20, 11-10, 13-02, 18-40.

Estes comboios teem paragem em todas as estações intermedias.

Precauções contra a peste bubonica

O sr. ministro das colonias deu ordem para que sejam satisfeitos todos os pedidos do governador da Guiné, quanto ás medidas que essa autoridade adopte para defender a provincia duma invasão da peste bubonica, que está grassando com certa intensidade na Guiné franceza.

PENSÕES ECLESIASTICAS

A comissão nacional de pensões eclesiasticas enviou ao sr. governador civil o processo referente ao pessoal das egrejas do 1.º bairro, o qual pediu melhoria de pensão.

Noticias da Capital

Roubando o patrão.—A pedido de Henrique d'Oliveira, socio de uma padaria sita na rua Saraiva de Carvalho, foi preso Agostinho Domingos Pereira, padeiro, natural de Estarreja, a quem acusa de lhe ter furtado do seu quarto de dormir a quantia de 1.210 escudos e varios decumentos de importancia.

Um amante brutal.—Foi preso Felipe Gomes Laranja, da ilha do Grilo, por ter agredido á facada a sua amante Marcelina Maria, a qual foi conduzida n'um automovel da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, onde ficou.

E' um nunca—acabar... Maria Amelia Moraes, travessa da Mato Grosso, 54, 1.º, Irnel Moraes e Artur da Silva Bempostinha foram presos por terem furtado dois cordões de ouro, no valôr de 170 escudos, a Antonio Simões Figueiredo.

Queixaram-se: Maria Lopes, moradora na estrada das Amoreiras, 29, de que lhe furtaram da sua residencia roupas e outros objetos no valôr de 55 escudos, indicando á policia o nome d'um individuo de quem suspeita; Antonio Leonôr Monteiro, residente na rua Luciano Cordeiro, 123, 2.º, de que na Avenida da Liberdade lhe furtaram, quando estava assentado n'um dos bancos, o relogio, corrente e medalha de ouro e uma nota de 50 escudos, tudo no valôr de 180 escudos; João da Silva Caires, morador na rua de Belem, 91, 1.º, de que em Algés lhe furtaram uma carteira contendo 350 escudos; Os gatunos entraram por meio de chave falsa na rua Vieira Luzitano, 25, 1.º, pertencente a Lucindo da Conceição, roubando-lhe a quantia de 80 escudos e varias peças de roupa

Um beijo na face...—Na calçada do Carmo, foi preso Francisco Azêdo Silva, morador na rua do Ferregial n.º 7, por agredir a sôco e á bofetada Ana David, residente na rua Serpa Pinto, 18, 4.º, por ela se ter recusado a dar-lhe um beijo.

Não sabe, o selvagem, que n'uma mulher nem com uma flôr se bate...

Uma fuga do Tribunal de Defeza Social

Respondeu hoje no Tribunal de Defeza Social o conhecido gatuno de golpe e arrombamentos «José Barbeiro», que era acusado de se entregar á vadiagem.

Como não aparecessem as testemunhas de acusação, que eram agentes da policia de investigação, foi absolvido, tendo, porém, que continuar preso á ordem do juiz do 1.º districto, por estar ali pronunciado pelo crime de um importante roubo praticado pela quadrilha de que ele faz parte.

O «José Barbeiro», vendo que o oficial de diligencias estava distraido, pôz-se em fuga, não tornando a ser visto. O caso foi comunicado á policia.

A gréve do Vale do Vonga

Não ficaram ainda liquidadas as negociações para solução da questão suscitada entre a companhia do caminho de ferro de Vale de Vouga e o seu pessoal.

A comissão delegada do pessoal partiu para o norte, devendo regressar por estes dias a Lisboa, afim de continuar a tratar do assunto junto do sr. ministro do comercio.

QUINTA ASSALTADA

Na Portela de Sacavem, uma quinta pertencente ao sr. Alfredo Durão, foi hontem assaltada por um grupo de individuos. Como lhes tentasse fazer frente, foi agredido á facada ficando ferido na côxa e braço esquerdo.

Veiu receber curativo ao banco do hospital de S. José, seguindo depois para sua casa.

A questão das subsistencias

Ferreira do Alemtejo, 1. — Foi elevado o preço da farinha n'este concelho, de $24 para $40 cada quilo. Não foi necessario haver mais combinação alguma para os aguadeiros aumentarem mais 100 0[0 em cada cantaro d'agua, os barbeiros 50 0[0 e os comerciantes e sapateiros abrirem as comportas.

Os sapateiros estão em gréve, e agora servindo-se do pretexto de aumento de preço da farinha querem mais ordenado.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3594 — 11.º anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira, 3 de Agosto de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

Esperanças

A situação que sob o ponto de vista das subsistencias, se nos apresentava, ha dias, obscurissima, vai-se aclarando um pouco, pelo auxilio prestado pela lavoura, deixando nutrir esperanças de que se dominará a crise aflitiva que se delineava no horisonte.

Ainda bem que a lavoura comprehendeu finalmente que nas suas mãos, mais que nas das autoridades e da força publica, está a garantia da ordem. Pesa-lhe, porisso, uma gravissima responsabilidade que ela felizmente soube assumir a tempo de remir a parte das culpas que lhe cabem na crise que se pretende debelar.

E' sabido que por esse paiz fóra saiam pela fronteira todos os productos da terra que os proprietarios vendiam sem escrupulos e sem se importarem com o mal que assim causavam ao paiz, uns por sofreguidão do maior ganho que lhes proporcionava a valorisação da moeda do paiz visinho, e outros por especulação politica, só com a mira em colocar a Republica em dificuldades.

Veio, porém, a reflexão a tempo de lhes fazer vêr que os perigos que assim estavam a acumular contra a ordem e segurança publica não deixariam de os atingir talvez em maior escala que a quaisquer outras classes.

Reconhecemos que não tem tido a lavoura nacional a protecção devida por parte dos poderes publicos, mas não era isso razão bastante para que ela se alheasse quasi por completo dos interesses publicos, fazendo pelo seu procedimento rarear no mercado os generos mais essenciais á vida.

Tudo se escoava para o paiz vizinho, cereais, legumes, aves, gado, tudo, e, a continuar assim, a fome aferrar-nos-ia em breve e seguir-se-ia o cáos.

Pela atitude ultimamente tomada pela lavoura é licito esperar, todavia, que seja afastado dos nossos olhos tão horroroso fantasma.

E' preciso, porém, ainda, que a lavoura se compenetre do que nem só de pão vive o homem e que necessario é que o mercado seja aprovisionado de outros generos, como arroz, azeite, legumes, etc., pois de tudo isso se sente uma falta que traz toda a gente muito apreensiva por causa das dificuldades que todos os dias é preciso vencer para arranjar qualquer coisa de comer.

Muito para louvar seria que a patriotica atitude da lavoura fosse seguida por outras classes das quais depende a alimentação publica, como, por exemplo, as empresas de pescarias que deveriam empregar todos os esforços para fazer sair ao mar os vapores e outros barcos de pesca, a fim de baratear dentro dos limites possiveis o importante elemento da nossa alimentação que nos fornece o mar.

Aos intermediarios nas transacções de todos os generos impõe-se tambem maior moderação. Para esses deve o governo pôr em pratica um conjunto de medidas repressivas dos seus desaforos.

Segredos a toda a gente

As democracias

As democracias exigem figuras de prestigio que lhes orientem a alma indecisa e até certo ponto incoerente. Quando as não encontram, a sua dissolução surge inevitavel e mil vezes revistivel nos cola-tudos politicos e ás goma-arabicas teoricas. Entre nós não existe presentemente uma crise de homens publicos; existe sobretudo uma crise de homens de prestigio. E' a nossa doença. E' a eterna epidemia d'uma população que gasta horas e horas inventando blagues, atirando boatos, bebendo café.

Nós — porque não confessá-lo — não temos n'este instante, como a monarquia não teve nos ultimos quinze anos, um unico homem de verdadeiro prestigio. Temos idolos? Não sei — mas se em todo o caso assim fôr, os idolos vivem na melhor das hipoteses, apenas vinte e quatro horas.

A sobrecasaca

Tive hoje o prazer de cumprimentar... uma sobrecasaca. Compuz o momento, curvei o joelho e com a solenidade dos grandes momentos e das grandes mesuras, balbuciei apenas:

—Senhora condessa... Ha tanto tempo já! E—não sei porquê tive a impressão de que aquele velho tipo de toilette sacudia o pequenino pó duma lagrima—e recordava o tempo em que fôra com o chapeu alto, o dernier cri da mode —a ultima palavra da elegancia blazé. Hoje a sobrecasaca passou á historia como o jaleco azul do sr. D. Miguel, como a casaca verde bronze de Garrett, como o frack cordealissimo do senhor Bernardino Machado—e só de longe em longe vê o ar do dia.

— Sabe? — dizia-me uma vez uma senhora — Não posso vêr uma sobrecasaca na rua.

— Porquê.

— Porque me lembro logo d'alguem que morreu.

O teatro portuguez

A Capital dará na primeira quinta feira—o dia da moda—o resultado do concurso teatral. Quantas desilusões se espalharão nesse dia? Quem sabe. Talvez tantas como as peças? Isso não —com o que nós temos mil e uma razões para nos regosijarmos. Nesta aflitiva decadencia do teatro portuguez vão desaparecendo na morte, como sombras gloriosas, as ultimas figuras, todas aquelas que marcaram um ponto de referencia nos ultimos 70 anos do teatro portuguez. Então, auctores dramaticos, esses...

Era Chaby Pinheiro que me dizia na pequenina sala da sua residencia, no Bairro Alto, pouco tempo antes da sua partida para o Brasil:

—Bati á porta de todos os autores dramaticos possiveis e imaginarios á procura dum original e nem um, meu amigo, nem um...

Luis d'Oliveira Guimarães.

O MARTIRIO D'UMA MULHER

No proximo dia 5 de agosto *A Capital* iniciará a publicação d'uma serie de cartas, em que se fará a descripção das torturas, dos sofrimentos infligidos a uma senhora que muito tem padecido, porque cometeu o crime de amar. Mas se, perante as falsas convenções sociaes, amar é um crime, e ter a coragem de o proclamar, de o dizer bem alto, é ainda crime maior?

Não é um romance, mas sim factos da vida real, a narrativa singela e despretenciosa, feita pela propria vitima, das perseguições de que tem sido alvo por ter tido a coragem de romper com preconceitos, e tem sofrido horrivelmente porque a lei—a lei!—protege o seu perseguidor.

Em

O martirio d'uma mulher

vêr-se-ha como se condena ao internamento n'uma casa de doidos quem nunca sofreu de loucura, contanto que haja quem assim o queira para sua conveniencia. E' sobre tudo um brado contra as revoltantes injustiças que ainda se praticam em pleno seculo XX. A defeza da senhora que figura n'este terrivel drama será feita, como dissemos, pela propria vitima, que, melhor do que ninguem o podia fazer, evocará os momentos tragicos do seu encerramento com doidas e dirá até mesmo a mizeria que tem sofrido, por não querer sujeitar-se a imposições para ela degradantes.

André Brun

Tivemos hoje o praser de abraçar este nosso antigo companheiro de redacção e distincto oficial do exercito, que vem passar um mez entre nós.

André Brun chegou ante-hontem de Paris, acompanhado de sua esposa e filhinha.

Os nossos cumprimentos de boas vindas.

Advertencia importante

Respondendo a reclamações recebidas

Todos os jornaes da tarde e da noite retomaram já o seu antigo pessoal tipografico, podendo, por esse motivo, sair ás suas horas habituaes. «O Seculo» da noite poude mesmo adeantar a sua hora de sahida.

«A Capital», em virtude dos seus operarios se acharem trabalhando no jornal «A Patria» desde 1 de maio, está sendo feita por tipografos na maioria estranhos á classe.

Esta explicação convem que os nossos leitores a tenham presente, afim de reclamarem dos vendedores o nosso jornal, por isso que muitos deles, com o fundamento de que «A Capital» sae mais tarde, se recusam a fazer a sua venda.

Serve tambem esta explicação de resposta ás reclamações que temos recebido de muitos desses leitores.

A proposito desta advertencia, publicou o jornal *A Batalha* a seguinte nota:

A comissão pró aumento de salarios dos quadros dos jornais de Lisboa pede-nos a publicação do seguinte:

«Tendo saido no jornal *A Capital*, de 28 do corrente, uma nota na qual a empreza do jornal *A Capital* diz que já todos os jornais retomaram o seu antigo pessoal grafico, podendo, por esse motivo, publicar-se ás horas habituais, esta comissão vem declarar que se a empreza de *A Capital* ainda não resolveu o conflito como as restantes empresas, é unica e exclusivamente devido a não ter querido solucionar o conflito gráfico.

O pessoal de *A Capital* continua em greve e aguarda, na sua Associação de Classe, a adesão da empresa de *A Capital* á organização de trabalho e salarios minimos, já em vigor em todos os restantes jornais de Lisboa.

Esta comissão julga conveniente esclarecer o publico e a classe gráfica do motivo porque a empresa de «A Capital» ainda não tem a laborar o seu antigo quadro. Este não se demitiu, como parece depreender-se da nota publicada na «Capital». Encontra se, como acima dizemos, na sua Associação de Classe aguardando a solução do conflito».

Ora no dia de 21 maio, publicou «A Capital» o seguinte:

Tendo constado á direcção de «A Capital» que o seu antigo quadro tipografico constituido pelos srs. Miguel Martins, chefe, Manuel e Guilherme do Espirito Santo, linotipistas, Gabriel Duarte, Libanio de Brito, Antonio Pinheiro e Ribeiro Pisco, compositores, estava empregado no jornal «A Patria», que ha-de em breve iniciar a sua publicação, solicitou da direcção desse jornal lhe dissesse se eram ou não verdadeiras as informações que recebera.

A esse pedido respondeu, por parte da direcção da *Patria*, o deputado sr. Antonio Mantas com a seguinte carta:

Sr. Manuel Guimarães dig.[mo] *director d'«A Capital».*—Lisboa.—Satisfazendo os desejos de v. manifestados na sua carta de 20 do corrente, cumpre-me declarar-lhe que efectivamente estão em serviço, no jornal *A Patria* os tipografos referidos na carta de v., exceptuando Antonio Pinheiro, mas é meu dever dizer a v. que ainda não está constituido o quadro tipografico e todo o pessoal que trabalha na montagem da tipografia de *A Patria* é a jornal.

Devo tambem dizer a v. que o pessoal que fôr admitido neste jornal não acumulará, com o nosso consentimento, serviços com quaisquer de outros jornais.

De v., etc.—*Antonio Mantas.*

Como esclarecimento, diremos que esta carta foi recebida antes do aparecimento de *A Patria*, a 27 de maio, e que do pessoal que estava trabalhando na montagem desse jornal faziam parte todos os antigos tipografos d'«A Capital», com excepção de um, o sr. Antonio Pinheiro, que está empregado no escritorio da casa Batista & Barbosa, da rua do Poço dos Negros. Esses tipografos ficaram fazendo parte do quadro efectivo da *Patria*.

O sr. Machado Santos

Avista-se amanhã com o sr. presidente do ministerio

O sr. presidente do ministerio convidou hoje na Camara o sr. Machado dos Santos para uma conferencia sobre o grave problema das subsistencias. Essa conferencia ficou aprazada para amanhã, ás 23 horas, no ministerio da Agricultura.

NO PARLAMENTO BELGA

A sessão em que intervieram os combatentes da Grande Guerra

Como o telegrafo já noticiou, na quinta-feira passada o parlamento belga foi teatro de scenas de extraordinaria violencia.

Os antigos combatentes belgas reclamam de ha muito uma pensão para cada um, ao passo que o projecto do governo actualmente em discussão prevê a fundação d'uma instituição tendo por objectivo a reparação dos prejuisos sofridos em virtude da guerra por alguns d'eles.

O jornal activista «Ons Vaderland» explorando com o descontentamento dos antigos combatentes, convidára estes a fazer uma manifestação no parlamento. Esse convite deu resultado. Na quinta-feira de tarde, alguns milhares de manifestantes se reuniram nos «boulevards» proximos do palacio da Nação onde funcionam a Camara e o Senado.

Cerca das 15 horas e meia, os manifestantes quebraram a cadeia formada por alguns raros agentes que o burgomestre postára nos arredores da Camara.

Em breve trecho a praça da Nação foi invadida, os vidros das portas d'entrada quebrados e por eles uns mil manifestantes aproximadamente se precipitaram na Camara, subindo a correr as escadarias e entrando na sala das sessões.

No meio de gritos e de blasfemias, alguns individuos correram para a tribuna e atacaram o ministro Colleaux e o deputado socialista Hubin, que foi lançado por terra e espancado com cadeiras. Centenares d'outros gritavam em flamengo: «Só nos iremos embora, levando dinheiro».

O tumulto durou perto d'uma hora.

Deputados e ministros tinham-se conservado nas suas bancadas e o presidente na sua cadeira, emquanto o deputado socialista Maes, acenando com o lenço, bradava aos manifestantes: «Não se vão embora! Não se vão embora!»

Os manifestantes sairam pelas 16.30 e a sessão foi reaberta.

O deputado Hubin reclamou então do ministro do interior e do burgumestre explicações sobre a insuficiencia das medidas que haviam sido tomadas.

Entretanto, cá fóra, os manifestantes foram afastados com mansidão, porque haviam tido a prudencia de pôr á sua frente mutilados da guerra, pelos gendarmes e pela policia de Bruxelas.

Dr. Magalhães Lima

O chefe do Estado preside á grande festa de domingo na Sociedade de Geografia

O sr. presidente da Republica recebeu hoje, pelas 16 horas, em audiencia, no palacio de Belem, os nossos camaradas de imprensa srs. Francisco Vidal e Saude Junior, respectivamente presidente e secretario da direcção de Associação dos Trabalhadores da Imprensa, que foram convidal-o a presidir á festa que no domingo, pelas 13,30 horas prefixas, se realisa na sala *Portugal* da Sociedade de Geografia, por motivo do 16.º aniversario da mesma associação. N'essa ocasião será descerrado o retrato do decano jornalista sr. dr. Magalhães Lima, em conformidade com as resoluções da ultima assembléa geral da referida Associação. Ao sr. dr Antonio José de Almeida foi apresentado, para aprovação, o programa da brilhante festa, que o sr. Presidente da Republica achou interessante, tendo frazes elogiosas e referencias amaveis não só para a Associação da Imprensa, como ainda para o venerando e ilustre jornalista e homem de letras que é o dr. Magalhães de Lima.

VII Olimpiada

Parte amanhã a «equipe» de esgrima

Amanhã, no comboio rapido das 21 horas, parte para Ostende a «equipe» nacional de esgrima, que nos vae representar na VII Olimpiada em Anveres, constituida pelos atiradores Jorge Paiva, João Sasseti, Frederico Paredes, H. Silveira, Mascarenhas de Menezes, dr. Manuel Queiroz, dr. Americo Durão e Ruy Mayer.

A «equipe» jogará no dia 11 em torneio em «Ostende», seguindo depois para Anvers.

O governo concedeu 10 mil escudos para despesas. O esgrimista dr. Antonio Osorio não faz parte da «equipe» em virtude de se sentir incomodado de saude. A acompanhar a «equipe» seguem os srs. Constantino Norton Osorio e José Martins, o primeiro como delegado ao juri e este como massagista.

«A Capital», que tem preconisado a necessidade da representação nacional na VII Olimpiada, felicita o «comité» pelo triunfo que acaba de obter, conseguindo do governo a verba indispensavel.

POLITICA

Um almoço que nos faz crescer agua na boca — Pãosinho branco, assucar branco, manteiga deliciosa... — O ano agricola — Abastança que não precisa tabelas — O que se passou ontem na Camara — O que vai fazer o Senado — Ecos da "Traulitania" — Um projecto de lei indispensavel e justo

Ainda ha creaturas felizes na terra! Assistimos agora a um almoço d'um amigo que tinha na sua improvisada meza alvissimo pão vindo de Alcobaça, um assucar fino e branco como veu virgem de noiva andaluza, e uma manteiga, Deus do ceu! uma manteiga que era de se lhe ficarem cravados n'ela os olhos do Apetite! Ainda ha disto n'esta marmore a cidade do Tejo onde a gente já de ha muito se deshabituou do luxo d'estas iguarias...

Ora a verdade é que a proposito d'esta *politica* das donas de casas, o meu felizardo amigo do pão alvo, do assucar alvissimo e da manteiga tentadora,—até faz crescer agua na boca á simples enunciação d'estas coisas!...—me dizia entre tristonho e mordaz:

—«Se vocês não teem aqui estas coisas é porque os governos o não teem querido. Se não vejamos. Ha ou não ha no Paiz as mesmas vacas, as mesmas cabras e as mesmas ovelhas que existiam antes da guerra? Ha. Hoje, mais litro menos litro, temos a mesma quantidade de leite. Simplesmente ele estraga-se, bebe-se, e deita-se fóra na provincia, porque não compensa mandal-o para a cidade. Isto que se dá com o leite, dá-se com a manteiga, com os queijos, com os ovos. De maneira que as tabelas só servem para afastar os generos valorisando-os em preços despropositados...

—Perdão. Mas isso já está tudo dito e redito...

—Homem, oiça! Não lhe posso dar coisas novas sem lhe relembrar as coisas velhas. Tudo isto veiu para lhe dizer que as palavras do sr. Dr. Antonio Granjo as julgo afastadas da verdade. A colheita do trigo foi este ano superior á do ano passado em todas as provincias de Portugal. Em todas, note bem.

«E quanto ao milho, o norte teve este ano uma producção recompensante. A batata, *atacada* na Extremadura e nas Beiras, teve nas restantes provincias uma colheita que podemos chamar satisfatoria. E as pessôas que se dedicam á creação de gados afirmam que nunca tiveram um ano tão remunerador como este! Já vê, portanto, que no dia em que desaparecerem as tabelas, e após uma ~~alta in~~dispensavel em certos generos, a abundancia favorecendo a concorrencia hão-de produzir os seus efeitos. Mas agora me lembro que isto não é politica de partidos e você não é capaz de dizer isto na *Capital*...

—Engana-se; *A Capital* só tem um desejo: bem servir a Patria e a Republica.

* * *

O que se passou hontem na Camara foi hoje o assunto de todas as conversas fóra e dentro do Parlamento.

Em animada conversa com o sr. general Souza Rosa, o sr. coronel Sá Cardoso dizia-lhe ha pouco:

—O que nós fizemos aqui hontem foi uma covardia.

O sr. general Souza Rosa exclama:

—O que aquilo demonstra é que ha pouco que fazer nos Quarteis!

O sr. Sampaio Maia:

—E representa uma indisciplina. Homens fardados não veem para as galerias em parada de forças.»

Como passe por nós o sr. tenente-coronel Mendes dos Reis, perguntamos-lhe:

—Que faz agora o Senado?

—Eu sei lá. Começa perque não sei o que quere dizer á moção hontem aqui aprovada. A Camara manifestando a necessidade de interpretar uma lei passa á ordem do dia... Se ha necessidade de interpretação porque a não fizeram? E' por certo esta a resposta que o Senado dará ao oficio que lhe foi enviado sobre o assunto pela Camara dos Deputados. Que, fiquemos nisto, se quizerem beneficiar a classe dos sargentos, hão-de estender esses beneficios a todos os outros. Ha dos reforma os principalmente».

O sr. general Sousa Rosa ilucida:

—Ha oficiaes reformados que morrem de fome. Coroneis a ganharem 90$00 escudos. Alferes a receberem menos do que sargentos! Eu conheço dois oficiaes reformados que quando um sae de casa o outro não o pode fazer porque ha só um par de botas para ambos!»

* * *

O projeto de lei interpretativo ontem apresentado nos Deputados pelo sr. Jacinto de Freitas, apoiado por todos os lados da Camara, veiu na hora propria, afim de acabar com especulações curiosas, em que convem meditar. Com efeito, em Viana do Castelo, por exemplo, estava instalada na Camara Municipal uma comissão administrativa, toda monarquica, sem exclusão de um unico dos seus membros. Tão monarquica, que logo no dia 23 de janeiro, proclamada a traulitania no Porto, cada um dos seus membros envergou a casaca, pôs a tiracolo a faixa de sêda azul e branca que os vereadores usavam *in illo tempore*, religiosamente guardada para o efeito,—e ei-los nas varandas da Camara Municipal,—(consta de fotografias autenticas) — aclamando Paiva Couceiro, a junta governativa e a familia exilada.

De seguida, reuniram na sala nobre, onde o presidente, em sessão extraordinaria, acolitado por todos os colegas, afirma, segundo consta do livro das actas, toda a sua alegria «pelo faustoso acontecimento», declarando-se «extremamente feliz», animado por uma satisfação indizivel, etc. Dias depois, a 29, tratam os edis de, em nova sessão, promover exequias e retirar das ruas os nomes que a ~~Republica lhes tinha dado~~, acabando por enviar a Couceiro um telegrama repetindo as suas saudações, e «fazendo-o com tanto mais entusiasmo quanto é certo ter sido eleita pelos votos monarquicos do concelho».

Pois bem. Como a lei 968 pode deixar duvidas sobre se as suas sanções se aplicam só aos individuos *nomeados* pela traulitania ou tambem aos que a acataram e reconheceram pela forma mais estrepitosa, e tal é o caso, aí temos os nossos edis a reclamar da aplicação da lei... *porque não foram nomeados*. E, caso se lhe reconhecesse razão, aí os teriamos porventura a reclamar indemnisações pelos prejuizos que sofreram, possivelmente, em sua fazenda e haveres, *em consequencia do movimento monarquico*.

Não seria picaresca a situação? A verdade é que o projecto de lei, que aliás não atinge ninguem que só tenha servido com o dezembrismo, vem restabelecer a boa doutrina, evitando que autenticos inimigos do regimen, que tão facilmente atraiçoaram a propria «republica-nova» que diziam defender, venham pedir, ao fim e ao cabo, quaisquer indemnisações. O projecto deve ser hoje aprovado, por unanimidade e sem discussão.

PELO TELEGRAFO

Reune em San Sebastian a comissão permanente da Sociedade das Nações

PARIS, 2.—A comissão permanente militar, naval e aérea criada de harmonia com o artigo 9.º do pacto da Sociedade das Nações como orgão consultivo junto da referida Sociedade, reunirá ámanhã, pela segunda vez, em San Sebastian onde, desde 30 de Julho, tem reunido o Conselho da Sociedade no qual a França é representada pelo sr. Leon Bourgeois. O general Fayolle, representante militar, almirante Lacaze, representante naval, e o general Dumereil, representante aeronautico, partiram de Paris no domingo.—(*Havas*).

A necessidade d'uma aliança franco-belga

BRUXELAS, 2.—Mr. Brund, presidente da Camara Belga, pronunciou, perante um publico constituido na maioria por operarios, um discurso demonstrando a necessidade duma aliança franco-belga. Essa França, maravilosa de heroismo durante a guerra, deve ser nossa aliada, disse Mr. Brund, não só por razões sentimentais mas tambem porque êsse é o nosso interêsse. E indispensavel que se estabeleça imediatamente o acôrdo franco-belga e, assim que ele esteja concluido, poderemos então voltar-nos para a Holanda.—(*Havas*).

Minas de carvão paralisadas

INDIANOPOLIS, 2.—Em consequencia da grêve, as minas de carvão da Indiana estão fechadas.—(*Correspondente*).

Torpedeiros americanos na Turquia

WASHINGTON, 2.—De Philadelphia sairam para a Turquia seis torpedeiros.—(*Correspondente*).

O socego no Perú—O valor da importação

LIMA, 2.—A mensagem do presidente do Perú lida ao Congresso diz que no paiz é absoluto o socego, apesar da atitude pouco amistosa do Chile.

A importação no primeiro semestre de 1919 foi de 15 milhões de libras esterlinas e em 1920 de 28 milhões.—(*Americana*).

O valor da piastra uruguaya em relação a Portugal

MONTEVIDEU, 2.—Foi publicado o decreto fixando o valor da piastra uruguaya em relação a Portugal. Ficará valendo seis escudos e cincoenta centavos para as relações comerciaes entre as duas republicas.—(*Americana*).

Exportação de assucar argentino

BUENOS AIRES, 2.—Foi autorisada a exportação de 14000 toneladas de assucar para os Estados Unidos e o Chile concedeu a de 11000 em eguaes condições para os governos europeus.—(*Americana*).

Delegado brasileiro ao congresso postal de Madrid

RIO DE JANEIRO, 2.—O ministro do Brasil em Hespanha, sr. Nilo Peçanha, foi nomeado delegado geral do Brasil ao congresso postal de Madrid. — (*Americana*).

Os mineiros alemães na conferencia internacional de Genebra

GENEBRA, 2.—Na conferencia internacional dos mineiros, que se está realizando nesta cidade, os delegados alemães apresentaram uma moção pedindo a redução, a 6 horas, do dia de 8 horas. A satisfação dêste pedido importará a impossibilidade de serem entregues aos aliados as quantidades de carvão que, na conferencia de Spa, os alemães se comprometeram a entregar.—(*Havas*).

Na Polonia—A reconstituição do exercito—Declarações do chefe do estado maior—Um apelo á população rural

VARSOVIA, 2.—Prossegue com exito a reorganização do exercito polaco. O exercito, que foi o que mais sofreu, reconstitue-se rapidamente sob o comando do general Haller. O quarto exercito, que está operando ao sul de Brest-Litowsk, parece ser atualmente o mais experimentado, em consequencia da dificil retirada que acaba de efetuar, mantendo, no entanto, um moral excelente.

As tropas polacas desencadearam agora uma ofensiva contra a cavalaria do general Boudienny ao sul do Pripet, nos arredores de Brody.

Por outro lado parece que os bolchevistas concentram forças nas margens do do Narew no intuito de efetuar uma ofensiva na direção de Bug, a fim de tentarem uma marcha sobre Varsovia.—(*Havas*).

VARSOVIA, 2.—Falando com os representantes da imprensa, o chefe do Estado maior polaco, general Rozwodowski declarou o seguinte: «A vitoria dos soviets seria, principalmente, uma vitoria alemã.

Os nossos brilhantes exitos de algum tempo a esta parte enfraqueceram a vigilancia do paiz, mas, depois dos revezes que acabamos de sofrer, a situação melhorou e poderemos resistir ao inimigo».—(*Havas*).

VARSOVIA, 2.—Num apelo dirigido ás populações rurais da Polonia o sr. Witos diz que a classe rural é a base do Estado polaco e deve agora prestar um amplo auxilio á patria. A Polonia deseja a paz, mas uma paz honrosa e, para que uma tal paz se possa estabelecer é preciso que os aldeões cumpram o seu dever para com a patria.—(*Havas*).

VARSOVIA, 2.—As missões militares aliadas continuam mandando boas noticias do numero e do moral das tropas polacas em operações, que vão ainda ser reforçadas com elementos estrangeiros de comando, tendo sido mudadas forças d'uma frente para outra.—(*Havas*).

A prova de aviação de Antuerpia

ANTUERPIA, 2 — O hidroavião «Glisser», tripulado pelo aviador francez Lambert, ganhou as duas provas do concurso de aviação de Antuerpia e a taça conferida á maior velocidade. — (*Havas*).

A assinatura do tratado com a Turquia

PARIS, 2. — O coronel Henry recebeu no domingo as credenciais dos plenipotenciarios otomanos, trazendo-as depois a Paris ao ministerio dos negocios estrangeiros, onde se procedeu á sua verificação. Seguidamente levou, para apresentar á delegação otomana, as credenciais dos plenipotenciarios aliados. Julga-se que o tratado poderá ser assinado na proxima quinta feira. — (*Havas*).

Movimento nas Filipinas contra os americanos

MANILHA, 2. — Os habitantes das Filipinas mostram-se excitadissimos quanto á nova lei que prójeta dar ao presidente dos Estados Unidos a faculdade de aplicar ás Filipinas os regulamentos maritimos aplicados nos Estados Unidos.

Manuel Quezon, presidente do senado, pôz-se á frente do movimento de protesto e fala-se até na possibilidade d'uma guerra com os Estados Unidos.

Crê-se que o desejo de independencia é a base verdadeira d'essa demonstração de hostilidade e que os interesses comerciaes inglezes e japonezes animam os revolucionarios.—(*Correspondente*).

Lloyd George nega importancia politica a um artigo de Churchill

LONDRES, 3.—Na Camara dos Comuns o sr. Lloyd George respondeu a varias perguntas que lhe foram feitas sobre o recente artigo que o ministro da guerra sr. Churchill publicou no «Evening Standart» preconisando a colaboração da Alemanha para combater o bolchevismo no Oriente. Por entre risos e aplausos o sr. Lloyd George falou em tom humoristico negando ao artigo a importancia politica que se tem pretendido atribuir-lhe.—(*Havas*).

Manifestações anglofobas na India

PARIS, 2.—Segundo o «Eco de Paris», Mehmed Alli, delegado indio ao congresso socialista de Genebra, declarou que existe na India um movimento revolucionario para protestar contra o desmembramento da Turquia. As principais manifestações anglofobas são o facto de todos os chefes indios haverem renunciado os altos cargos que ocupavam e os demais indios se negarem a pagar impostos e a prestar serviço no exercito e na policia.—(*Havas*).

Uma entrevista de Millerand com Giolitti

PARIS, 2.—Os srs. Millerand e Giolitti terão brevemente uma entrevista na Saboia e não na Suissa, como se havia anunciado.—(*Havas*)

Os delegados da Liga das Nações recebidos por Afonso XIII

MADRID, 2. — D. Henrique Albela Ande, vice-consul de Espanha na Alexandria, foi nomeado consul do Porto.

Dizem de San Sebastian que o rei recebeu ontem antes do almoço os delegados da conferencia da Liga das Nações separadamente e por esta ordem: Inglaterra, França, Italia, Belgica, Japão, Brasil e o secretario geral. A reunião da conferencia hoje deve ser uma das ultimas. =(*Havas*).

Deputado belga castigado

BRUXELAS, 3. — Foi aplicada uma pena disciplinar ao deputado Maes, que representa na Camara os antigos combatentes, por ter aplaudido estes quando invadiram a sala das sessões. Foi proibida a manifestação que as associações flamengas dos antigos combatentes organisavam para 15 do corrente.—(*Havas*).

Boato desmentido

LONDRES, 2.—Desmente-se o suicidio do ministro da Guerra do Egipto.—(*Havas*).

Comunicado bolchevista

ZURICH, 2. O comunicado bolchevista diz que continua o seu avanço, capturando muitos prisioneiros e material.—(*Havas*).

Disturbios na Saxonia

LONDRES, 3.—Noticias de Zitau (Saxonia) dizem que continuam ali os disturbios, havendo a policia abandonado a cidade e tendo os comunistas organisado um comité para a administrar.—(*Havas*).

Novo governo turco

CONSTANTINOPLA, 2.—Está constituido o governo da presidencia de Damão Ferid Pachá.—(*Havas*).

A proxima sessão da Liga das Nações

SAN SEBASTIAN, 3. — A Conferencia da Liga das Nações acedeu ao desejo do Presidente Wilson para que a proxima assembleia da referida Liga se realise em Genebra em 15 de novembro. O Rei ofereceu hontem á noite um banquete no Palacio de Miramar em honra dos delegados da Conferencia, havendo hoje uma festa nautica.—(*Havas*).

Espanhoes em Marrocos

CEUTA, 2.—O destacamento que foi surpreendido por um forte contingente inimigo teve um sargento e 6 soldados mortos e 1 capitão, 1 tenente, 4 sargentos e 3 soldados feridos.—(*Havas*).

As relações comerciais anglo-russas

LONDRES, 3.—O novo delegado dos soviets Kemenoff, que acaba de chegar á Inglaterra, foi entrevistado pelo «Evening News» declarando que os seus desejos e os do seu governo vão reatar as relações economicas e politicas entre a Inglaterra e a Russia.—(*Havas*).

O que dizem os jornaes polacos

VARSOVIA, 2.—Os jornaes da extrema esquerda qualificam o sovietismo russo de imperialismo inadmissivel na Polonia.—(*Havas*).

O governo belga toma medidas para assegurar a ordem

BRUXELLAS, 3.—O concelho de ministros examinou as medidas destinadas a assegurar a ordem no paiz. O ministro do interior reuniu todos os governadores afim de combinar com elles essas medidas.—(*Havas*).

Delegado russo em Londres

LONDRES, 2. Chegaram os delegados dos soviets, Kamenef e Krassino.—(*Havas*).

O regimen dos trigos em Hespanha

MADRID, 2.— Noticias das diversas provincias agricolas indicam que se desenha uma forte oposição entre os lavradores contra o novo regimen de trigos e farinhas, estabelecido pelo recente decreto. Em Jaen a greve é geral.—(*Havas*).

Os aliados vão auxiliar a Polonia

PARIS, 2.—Os aliados estudam os meios de auxiliar a Polonia em vista de os bolchevistas terem ultrapassado a linha marcada pelo Sr. Lloyd George, que apelou já para o apoio da opinião ingleza. As ultimas noticias de Varsovia dizem que os polacos resistem, causando serias perdas aos bolchevistas, que tem avançado em desordem e devido unicamente á sua superioridade numerica.—(*Havas*)

A CAPITAL no Porto

Encontra-se á venda na tabacaria Africana, rua 31 de Janeiro, e nos seguintes kiosques: Carmo, Hospital, Carlos Alberto, Chiado, Santo André, S. Lazaro, Tiburcio, Pavão, Passos Manuel, Pintasilgo, Marquez de Pombal e Conde Ferreira.

CONGRESSO

Nos Deputados

Só ás 14.30 ha numero para se ler a acta, que não pode ainda ser aprovada, passando-se ao expediente.

Seguidamente como fôra hontem votado entram em discussão as emendas do Senado á proposta de lei dos altos comissarios para as nossas colonias.

O sr. dr. Vasco de Vasconcelos propõe que o artigo 1.º seja mantido tal como saiu votado da Camara dos Deputados.

O sr. Ferreira da Rocha manifesta o desejo de que as emendas do Senado sejam respeitados, tanto quanto possivel.

O sr. Vasco de Vasconcelos mantem o seu criterio, o que é de novo rebatido pelo sr. ministro das colonias. O sr. Vasco de Vasconcelos em treplica, faz votos porque ninguem tenha que se arrepender das votações que se fizerem. O sr. Ladislau Batalha considera os altos comissarios simples intermediarios prejudiciaes entre o Terreiro do Paço e as colonias.

Aprova-se nesta altura a acta e passa-se á ordem do dia.

O sr. ministro do interior, cumprimentando a mesa e a Camara informa o sr. Antonio Francisco Pereira de que logo que teve conhecimento de maus tratos a presos deu as ordens necessarias para que tal se não repetisse, mandando imediatamente proceder aos indispensaveis inqueritos ás acusações formuladas.

Envia depois para a mesa duas propostas de lei, uma de transferencia de fundos e que dizem respeito á manutenção da ordem publica, e outra de um credito especial de 50.000$00 para alimentação dos presos civis e indigentes que já se devem desde abril do ano passado. Pede para ambas urgencia e dispensa de regimento.

Aprovado, e fica para quando se votar a proposta do chefe do governo que continua seguidamente em discussão e que diz respeito ás concessões pedidas pelo governo sobre medidas a exercer livremente até janeiro no que respeita ao problema das subsistencias.

O sr. dr. João Gonçalves analisa largamente a proposta do governo e expõe a largos traços a sua acção durante o tempo em que geriu a pasta da agricultura.

O orador continua falando á hora de fecharmos este extrato.

Os assaltos em Setubal

Uma comissão de comerciantes de Setubal veiu hoje pedir ao chefe do districto para ser ali enviado um agente de policia da investigação, a fim de proceder á descoberta de fazendas no valor de 92 contos que desapareceram por ocasião dos assaltos que ali se deram ultimamente.

Indicaram os comissionados ao sr. governador civil o nome do antigo agente Custodio das Dores, caso o sr. dr. Reis Junior concordasse, em virtude d'esse agente ter sido mandado reintegrar. Mas parece que ha dificuldade em ser satisfeito esse pedido devido ao facto de Custodio das Dores não ter ainda tomado posse o logar, por não haver verba para reformar um dos agentes dados por incapazes do serviço.

A comissão prontifica-se a pagar todas as despesas.

Theatros e Cinemas

Noticias velhas

1 de Agosto de 1855

Inaugura-se no Porto o velho «Circo» onde depois se edificou o «Teatro Circo do Principe Real», mais tarde «Teatro Principe Real».

4 de Agosto de 18 4

Emilia das Neves estreia-se no Rio de Janeiro com o drama «Joana a Doida».

4 de Agosto de 1896

Morre no estado do Rio de Janeiro com 61 anos de idade o dr. Augusto de Castro, escritor e humorista a quem o teatro deve varias obras de sucesso, desde a sua primeira comedia «A ninhada de meu sogro», até aos «Bandidos de Casaca», «Paquita», «De Herodes para Pilatos», etc.

4 de Agosto de 1898

Morre em Paris Charles Gartier, o arquiteto que construiu o teatro «Opera» de Paris.

Noticias novas

Entre nós

José Ricardo é possivel que se associe com Robles Monteiro e Amelia Rey Colaço para nos dar bons espetaculos de arte no proximo inverno. O peor é o teatro...

—Faz amanhã anos o actor ensaiador Augusto Soares, actualmente no Porto.

—Deve realisar-se brevemente na Sociedade de Geografia uma exposição de maquetes scenograficas feitas pelos nossos distintos scenografos entre os quais se contam trabalhos dos seguintes: Joaquim Viegas, Reis pai, Luiz Salvador, José Mergulhão, José de Almeida, Calderon, Renda, Amancio & Serra, Frederico Aires, Campos & Oliveira. Consta que um jury classificará esses trabalhos provando assim que temos artistas ilustres na arte de scenografia.

—A atriz Maria Pia fará parte da companhia do Ginasio no proximo inverno.

—Em Ponte de Lima deu nos dias 24 e 25 dois espetaculos a Companhia Carlos de Oliveira no teatro «Diogo Bernardes».

—A Companhia Esperanza Iris, no proximo inverno, virá talvez fazer uma temporada ao «Sá de Bandeira» do Porto.

—«Entre Giestas», a peça de Carlos Selvagem representada no Republica, deve ainda subir á scena este verão no Nacional, talvem em festa artistica.

—Ao actor Alves da Cunha foi entregue um original portuguez dum distinto oficial do exercito, que será posto em scena na futura epoca.

—A festa artistica de Alves da Cunha realisa-se com a primeira do «Pele Nova», comedia franceza, ligeira, diferente do genero violento em que até aqui tem figurado.

—Faz hoje anos a atriz Clara Batista.

Cinemas

Entre nós

Em S. Pedro do Sul foi inaugurado no dia 23 o animatografo ao ar livre montado pela Empresa Luciano, de Viseu, com a fita portugueza «A Rosa do Adro».

—Com o titulo de «Lisboa Tenebrosa» vae uma nova empresa de Lisboa executar uma fita em que entram artistas portugueses entre os quaes segundo consta Adelina Abranches, Jorge Grave, Fernando Pereira, Eduardo Reis filho etc. Dois quadros dessa pelicula representam um incendio e outro uma scena passada nos grandes canos da cidade baixa.

—Pela mesma empresa será tambem reproduzida para o film «A Severa» constando que a protagonista será desempenhada pela ilustre actriz Angela Pinto, e entrando mais Carlos Viana e outros. Serão introduzidas nesta fita passageens de uma corrida em forma. Estas fitas parece que serão ensaiados pelo distinto ensaiador Henrique Santana, sendo os films manufacturados pela Companhia Portugalia de Leopoldo O'Domel & C.ª

Lá por fóra

Inglaterra.—A «Aliance Film» terminou já «O marido de domingo» com Irma Reyce.

—O comico americano Dan Russell trabalha em peliculas editadas por Walter Ford.

—A «Cairo Film C.º» nova empresa ingleza, acabou a sua primeira produção, uma obra em que entram alguns centenares de pessoas, entitulada «A ilha da sabedoria». Custou mais de 100 contos.

França.—Por iniciativa da Sociedade da Edição da Arte Francesa, está-se constituindo uma sociedade denominada «Egypte Film» cujo objecto é favorecer a venda de peliculas francesas no Oriente.

Reclames

A companhia que sob a direção do habil e estimado empresario Luiz Ruas vae representar no teatro Nacional, do Porto, subordinada á firma *Ruas, Gomes, Limitada*, conta com os seguintes elementos artisticos: Alfredo Ruas, Joaquim Prata, Soares Correia, Alfredo Pereira, Antonio Martini, José Silva, Agostino Lages, Hipolito Silva, Antonio Bastos, Justino de Magalhães, Evangelina Bastos, Alda Teixeira, Zulmira Vargas, Candida Rosa, Izaura Campos, Guilhermina Anjos, Edith Fernandes, Adelina Martins, Jayme Silva, director de scena, Fernando Athos, maestro, Francisco Alves, ponto, Artur Silva, contra-regra.

—Parte no sabado em digressão pelas provincias praias e termas, e sob a gerencia do estimado e distinto actor Jorge Grave, a Tournée Henrique Alves da qual fazem parte, alem daquele notavel actor, os distintos artistas Carlos Viana, tenor Fernando Pereira, Luiz Leitão, Alfredo Paulo, Pereira da Silva, Frederico Pereira, Irene Grave, Lonzalira Pereira, Alice Rodrigues, Maria Helena, Mercedes d'Almeida e Judith Silva. Acompanha-a o distincto maestro Cruz Braz. O ponto, contra-regra e mestre da montagem das peças são respectivamente Costa e Silva, Frederico Ferreira e Antonio Costa.

O cartaz de hoje

Nacional, ás 21.30, «Sonho d'uma noite d'agosto».
Politeama, ás 21,15, «A Labareda».
Trindade, ás 21.15, «Chá e torradas».
Ginasio, ás 21.15, «O A's».
Avenida, ás 21.15, «Com unhas e dentes»—Os novos quadros «Comboio mixto» e «No palco do diabo».
Eden, ás 21.15, «Negocio da China», com o novo quadro «Cabeças ócas».
Apolo, ás 21.15, «O Serafim da Graça».
Salão Foz, ás 21 «Variedades».
Olimpia, Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.
Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.
Chantecler, Animatografo e fitas faladas.

Noticias da Capital

A série diaria. — Queixaram-se, Francisco Santo Estevam, hespanhol, de que os gatunos lhe furtaram a carteira contendo 50 pesetas, 54$85 em dinheiro portuguez e varios documentos, e Domingos Pires, rua da Fabrica da Polvora, 55, de que lhe furtaram varios objectos de ouro no valor de 215 escudos.

Foram presos:—Carlos Augusto de Carvalho, rua de S. João da Mata, 139, acusado por seu pae, Joaquim Gonçalves Gamboa, de que por varias vezes se tem ausentado de casa, furtando-lhe todas as roupas e outros objectos; Candido Augusto Patricio d'Oliveira, travessa das Terras do Monte, 13, 1.º, por ter roubado, pelo processo do «conto do vigario», a quantia de 50 escudos; Antonio Maria, da rua de S. Sebastião da Pedreira, 34, 1.º; José Simões Pedro de Carvalho, vila José d'Oliveira, 5, e Americo Dantas, pateo das Merceeiras, 6, 3.º, por terem roubado João Lopes Junior, do Sobral de Mont'Agraço.

Um genro «exemplar».—Queixou-se á policia João Correia, da rua de S. Marçal, 17, 1.º, de que seu genro Francisco Vieira Peres lhe tem dado maus tratos e o ameaça de morte.

Junção do Bem

A Junção do Bem distribuiu 80 esmolas de um escudo cada uma a parochianos pobres da freguezia de S. Nicolau.

Vida Sportiva

A abertura do Stadium

No proximo domingo vae fazer-se a abertura do Stadium e a empreza apresenta já nesse dia um programa magnifico. Fuentes, o conhecido campeão hespanhol do motociclismo, fará uma corrida contra portugueses e Pemoulier disputará uma corrida ciclista em trez mãos.

Pena é que os nossos motociclistas não despertem e só se preocupem a fazer corridas na Avenida, porque, com a sua cooperação, a empreza do Stadium podia certamente elaborar programas magnificos, tanto mais que se não poupa a despezas, a fim de nos dar campeões estrangeiros, tanto do ciclismo como em moto.

Cristiano, Raposo e Piedade já devem correr no domingo como profissionaes e, ao que parece, teem *treinado* com vontade de vencer.

Pena foi que o conhecido corredor Inocencio Pinto sofresse o desastre a que já nos referimos, porque perdemos belas tardes de emoção que só ele nos sabe dar pela sua pericia e pelo seu arrojo. Felizmente este estimado corredor vae passando melhor, com o que folgamos.

Poeira da Arcada

Assuntos coloniais

Vão ser creadas comissões de subsistencias em todas as nossas possessões.

—Foi determinado o aumento dos direitos de exportação para varios generos coloniais, quando se destinem ao estrangeiro.

—Os agricultores de Moçambique representaram ao sr. ministro das colonias pedindo que seja alterado o diploma que tributa a cana sacarina, pois que, tal como está redigido, só beneficia os fabricantes da bebida cafreal denominada sope.

Açucar para o norte

O senador sr. Julio Ribeiro conferenciou com o sr. ministro da agricultura ácerca do fornecimento de assucar para o norte do paiz.

Universidade do Porto

O sr. dr. Fernando Macedo Lopes foi nomeado secretario geral interino da Universidade do Porto.

Associação dos empregados do Estado

Realiza-se ámanhã á noite, na Associação dos Empregados do Estado, junto ao arco da rua Augusta, a assembleia geral, com a seguinte ordem: apresentação do relatorio, eleição da mesa da assembleia geral e eleição da comissão revisora.

A provincia n'A CAPITAL

LEIRIA, 1.—O novo bispo de Leiria toma posse da sua diocese no proximo dia 5 do corrente. Ao acto assistirão o Nuncio apostolico, Cardeal Patriarca e Bispo conde ou seus representantes. O novo Prelado fará a sua entrada no templo do Espirito Santo e daí dirigir-se-ha em procissão á Sé, onde será cantado um *Te-Deum* por grande orquestra, sendo depois proferido um discurso de saudação aos seus diocesanos pelo novo Prelado. Entre os numeros dos festejos comemorativos da posse figura um bodo a 100 pobres. Para prestar as honras ao Nuncio de S. Santidade vem a esta cidade a banda da Guarda Republicana. O novo prelado ficará residindo na rua de Alcobaça, onde receberá os cumprimentos das entidades e pessoas que o desejem saudar. Consta-nos que muitas casas ostentarão colchas durante a passagem do cortejo, que será abrilhantado por varias filarmonicas. E' de esperar a vinda a esta cidade de milhares de pessoas.

Pediu a sua exoneração de administrador do concelho o sr. Adriano Candido de Magalhães, que tem exercido esse logar com prudencia e bom senso.

Apesar de se dizer ha dias que muito em breve viria para esta cidade um vagon de assucar, o facto é que até ao presente ainda se não cumpriu essa promessa. O pouco que, a ocultas, se vende é a 4$00 o kilo; havendo mesmo dificuldade em o alcançar por tão exorbitante preço.

E' aterrador o que se está passando nesta cidade em tudo que respeita á venda dos generos de primeira necessidade. O pão passa a 80 centavos o kilo, carvão e lenha não ha ou, se aparece, é por alto preço.

O azeite falta, a carne é carissima e as frutas e hortaliças estão hoje por um preço fabuloso. Fazendas, panos, etc., sem se falar no respetivo preço, sendo para desejar que os poderes publicos tomem as necessarias providencias para evitar possiveis alterações de ordem publica derivadas da fome e miseria que aqui ha.

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Realisou-se o casamento da sr.ª D. Maria Albertina de Castro Rodrigues Teixeira, filha do sr. Carlos Garcez Teixeira a da sr.ª D. Albertina de Castro Rodrigues Teixeira, com o sr. José Julio Fernandes Costa, filho do sr. dr. José Joaquim Fernandes Costa, já falecido, e da sr.ª D. Herminia Costa.

O acto civil realisou-se em casa dos paes da noiva, e o religioso na egreja da Estrela. Em seguida foi oferecido aos convidados um «lunch» fornecido pela casa Bernad. Os noivos partiram para a sua casa em Azeitão, onde fixaram residencia.

ULTIMA HORA

CONGRESSO

No Senado

A's 15,30, meia hora mais tarde que a designada pelo regimento, é aberta a sessão sob a presidencia do sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Mendes dos Reis e Pereira Gil. Verificada a presença de 28 legisladores, estando no seu logar o sr. ministro da instrução, é aprovada a ata e lido o expediente.

O sr. Afonso de Lemos, que na ultima sessão havia prestado homenagem á Associação de Agricultura pela sua atitude colocando-se ao lado do Governo na solução da crise das subsistencias, elogia pela mesma forma a ação que tomou a Associação Comercial, que nomeou o seu presidente para exercer o cargo de comissario geral dos abastecimentos. O orador, que é aplaudido unanimemente pelo senado, termina declarando que estas resoluções patrioticas devem ser seguidas por outras coletividades.

Apoiados.

O sr. Dias de Andrade envia para a meza um projeto de lei propondo a celebração d'uma festa a D. Nuno Alvares Pereira, festa que terá logar no dia 14 de agosto, data da batalha de Aljubarrota, devendo ser erguido no local da batalha um monumento em sua honra, com a seguinte legenda: «A D. Nuno Alvares Pereira, defensor da independencia nacional. A Patria reconhecida».

O sr. Bernardino Machado alude ao assalto ao Circulo Catolico do Porto, regosijando-se por saber que foram os proprios republicanos que protegeram os Prelados, acompanhando-os a suas proprias casas.

Amanhã ha sessão.

José Queiroz

No seu funeral fazem-se representar o sr. Presidente da Republica e o Governo

A' hora a que escrevemos vae a caminho do Cemiterio Oriental o funeral do malogrado critico de arte Sr. José Queiroz, que saiu do Museu Archeologico do Carmo.

Até ás 17 horas, a urna contendo os restos mortaes do saudoso extincto foi velada por pessoas de familia e por inumeros amigos, criticos de arte, escritores, homens de letras, jornalistas, artistas, gente de teatro, etc.

O catafalco estava armado a meio da sala principal do Museu, ou seja na antiga abside da egreja e aos pés do tumulo de D. Fernando 1.º A urna de mogno estava coberta com a bandeira da Associação dos Archeologos, sobre a qual assentavam muitas corôas e ramos de flores da familia, da Sociedade Nacional de Belas Artes da Sr.ª D. Elisa de Menezes, etc.

Passava das 17 horas quando a urna foi conduzida para uma berlinda dourada, tirada a duas parelhas, ocasião que os fotografos aproveitaram para tirar alguns clichés. O turno foi constituido por senhoras, seguindo apoz o feretro o sr. Dr. João Rocha, que representava o sr. Presidente da Republica; Melo Barreto, ministro do Estrangeiros, que representava o governo; deputado Julio Cruz, representante do presidente do Ministerio; Dr. Alfredo da Cunha, presidente da Associação dos Archeologos e que dirigia o funeral; os nossos colegas: Mario Salgueiro, que representava *O Seculo*; Rangel de Lima, representante do *Diario de Noticias*; A. Nogueira Junior, diretor de *O Radical*; Luiz Saude Junior, que representava *A Capital* e o seu diretor sr. Manuel Guimarães; João Graça, representante da Camara Municipal; Luiz Galhardo, representante das emprezas teatraes do Eden, Politeama, Avenida, Ginasio e Nacional; Alberto de Souza, por parte do grupo *Pró-Evora*; José Candido do Vale Coutinho, representante de um grupo de entalhadores, o representações da Academia Internacional de Letras e Sociedade Literaria, Luiz de Camões, ambas de Napoles, da orquestra do Coliseu dos Recreios, etc.

Após o coche funebre seguia outra berlinda com o sacerdote e seu acolito e uma fila de trens com amigos do extinto, entre os quais nos recorda ter visto os srs.: dr. Julio Dantas, Antonio Robalo Gouveia, Luciano Freire, Alfredo de Morais, José Justino Sant'Ana, Armando Gil Ramos, João Piloto, José Alexandre Soares, Adães Bermudes, Pena Romero, Antonio Francisco Peres, Armando de Almeida, Manuel da Silva, Afonso Azevedo, Nunes Branco, José de Vasconcelos e Sá, Emilio Segurado, Antonio Menezes, Carlos Coucelo, Alexandre Ferreira Braga, Henrique Ferreira Lima, Joaquim Rodrigues da Silva, Julião Machado, Visconde de Almeida e Vasconcelos, Matos Sequeira, Antonio Rosa, José Maior, Rafael Ferreira, João de Macedo Santos, Afonso Pereira Machado, J. A. Moreira de Almeida, Antonio Maria da Silva, Visconde do Ameal, Domingos Egrejas, Manuel Andrade Gomes, Eduardo Cunha e Costa, Francisco Romano Esteves, Jorge Colaço, Pedro Bordalo Pinheiro, Ernesto Carlos de Mendonça, Frederico Santos Lima, Acurcio Pereira, Hemeterio Abrantes, Jesuino Ganhado, Afonso Dornelas, Sebastião Pessanha, D. José Pessanha, etc., etc.

Governador Civil de Lisboa

O governador civil de Lisboa, ilustre oficial do exercito, capitão-aviador sr. Lello Portella, foi hoje pelas 16 horas, acompanhado do seu secretario, ao Palacio de Belem apresentar cumprimentos ao sr. Presidente da Republica.

"Doida, não!"

A proposito da publicação do livro «*Infelizmente louca!*» recebemos a seguinte carta:

Sr. Manuel Guimarães:

Recebi ontem o livro editado pelo sr. dr. Alfredo da Cunha em resposta ao meu «Doida, não!» e apresso-me a vir pedir-lhe que me perdoe ser eu a causa das insinuações malevolas que ali são feitas ao seu jornal e que me indignaram muitissimo, como me indignou tudo quanto n'ele se diz, principalmente contra os que, com tanta dedicação como desinteresse, me defendem. Pela verdade da acusação que n'esse livro lhe fazem, v. poderia, se não tivesse já outros elementos, avaliar das *verdades* que os seus autores escreveram e os seus cooperadores.

O livro «Branco e Negro», e chamo-lhe assim porque o exemplar que me chegou ás mãos, apesar de vir luxuosamente brochado a branco, vem por dentro *negro* e *bem negro*, traz elementos de importancia para a minha defesa; espero, pois, que v. acederá a que, por intermedio de «A Capital», eu lhe responda. Isso será, sr. director, a confirmação publica de que a bondade de muitos excede a maldade de alguns, tendo v. o seu lugar entre os primeiros, mas lugar de destaque.

Aguardando anciosa os artigos de reportagem inteligente e cuidada que o seu honrado jornal vai principiar a publicar, em breve enviarei a v. as minhas primeiras cartas para o mesmo fim e das quais tomo inteira responsabilidade.

Renovando os meus agradecimentos calorosos e os meus protestos de verdadeira estima e gratidão, creia-mo

De v. etc.,
Maria Adelaide Coelho

A tragedia de hontem

Chamava-se João José Zilhão o oficial reformado que, como os jornais da manhã noticiaram, hontem, ao fim da tarde matou com um tiro de pistola, na R. Barata Salgueiro D. Iria Perfeito Sequeira, por ela se recusar a corresponder ao seu amor e o aceitar por marido, suicidando-se em seguida cortando as carotidas.

Os cadaveres continuam na Morgue, não se sabendo ainda o dia em que se realisará a autopsia.

Bateria de Campolide

O capitão de artilharia sr. José Alfredo de Paula foi convidado para o comando da bateria de artilharia da guarda republicana aquartelada em Campolide, convite que declinou por estar secretariando o sr. ministro da instrução e por tencionar apresentar a sua candidatura na proxima eleição suplementar de deputado por Castelo Branco.

Propaganda dissolvente

Duas prisões

Por estarem incitando os seus companheiros a fazerem greve e por insultarem a guarda republicana, foram hoje presos Antonio da Piedade, trabalhador, residente na travessa das Flores 90, 1.º, e José Gil, «o José Galo», cordoeiro, morador na travessa de Paulo Martins, 13 1.º E., que é conhecido pela policia como agitador perigoso. E' irmão d'outro agitador de nome Antonio Gil, o individuo que ha tempos fez explodir uma bomba no Terreiro do Trigo. Os presos fazem parte da Juventude Sindicalista, tendo na condução para a esquarda ameaçado o guarda 918 de que o haviam de matar, sendo-lhes apreendidos alguns folhetos com versos á revolução social e varios documentos da Juventude Sindicalista.

Pelas colonias

O comercio de Huila reclama contra graves factos que se deram em Lubango

Na Associação dos Trabalhadores de Imprensa foi hoje recebido o seguinte telegrama:

MOSSAMEDES, 1.—Actos 5 de junho base inquerito ordenado ministro atingem momento actual maxima intensidade. Povo de Lubango pede V.Ex.ª solicite imediatas providencias que ponham cobro perseguições militares não associados acções auctoridades: transferencias, prisões oficiaes superiores e subalternos, deportações Cuamato jornalistas, suspensão de jornaes, apreensão correspondencia particular, lançamento falsos boatos de movimentos bolchevistas e levantamentos colonia boer. Pede tambem castigo imediato do grupo oficiaes que destruiram tipografia Progresso e a saida imediata das autoridades, evitando-se maiores conflictos—(a) *Comercio de Huila*.

CRITICA LITERARIA

Uma carta da autora da «Vagabunda»

Meu caro Armando.

Li a sua cronica do ultimo sabado sobre livros e já alguem me dissera que V. fora azedo para comigo, tratando do meu recente livro *Vagabunda*. Exageraram um pouco. Azedo não foi V., mas simplesmente agridoce.

Não me admirou, porque sei, como toda a gente que lê as suas criticas sobre teatro, pintura ou trabalhos literarios, que o Armando tem a preocupação de dizer mal, quando todos os outros criticos dizem bem, ou de antolhar de restricções o bem que diz, como no presente caso.

V. acusa-me de muito pessoal no meu novo trabalho e essa observação é uma ingenuidade, porque a historia de uma vida não pode ser d'outra maneira, estando exatamente n'isso o seu encanto.

Diz ainda que tenho a pecha de publicar as cartas que me escrevem.

Posso garantir-lhe que ficaram ineditas muitas cartas de gente grande. E quanto ao que me teem dito, ha coisas que o publico gostaria de saber e no entanto eu calo-me... Já vê que sou muito menos indiscreta do que o meu caro colega pretende insinuar.

Mas tudo isto são pirraças sem importancia e que eu lhe perdôo.

Agora o que não posso deixar passar sem protesto é v. chamar-me *exactriz*. Essa é de palmatoria, n'um critico inteligente, que lê jornais estrangeiros e que anda sempre a par do movimento teatral. V. sabe muito bem que os anos em que não representei em Portugal passei-os em *tournées* por palcos estrangeiros, afóra os quatro anos de captiveiro na Belgica. Sabe tambem (porque bastante se ocupou do meu trabalho, muito gentilmente até) que quando cheguei fui contratada para o Apolo e em seguida para o Foz.

Se estou ha alguns mezes sem escritura, lá viu os motivos no capitulo *O Regresso*, em que poude ler a troca de cartas entre mim e o conhecido emprezario Luiz Galhardo.

Respondo por esta fórma tambem a varias pessoas que me teem perguntado se abandonei o palco.

Não o abandonarei emquanto a minha alma puder vibrar e aceitarei qualquer contrato para teatro, musicado ou declamado, sempre que as peças e as condições convenham ao meu temperamento e á minha categoria artistica.

Não teve, certamente, a idéa de ferir-me porque essa intenção seria deshumana, tratando-se de uma mulher que sofreu verdadeiros horrores pela patria e a quem a morte de um filho, em tragicas circunstancias, enlutou para sempre o coração.

Apesar de tudo, sua muito afetuosa

Mercedes Blasco.

O nosso colega Armando Ferreira, que não estava já á hora a que esta carta nos foi entregue, responder-lhe-ha amanhã.

A gréve dos electricos

O pessoal manifesta-se contra a Camara Municipal

Em virtude das declarações feitas hontem á noite pela Camara Municipal, declarações que são já do dominio publico, o pessoal da Companhia Carris de Ferro voltou hoje a reunir, falando diversos oradores, entre os quaes os srs. Antonio Silva, Claudio dos Santos e Armando Monteiro, os quaes protestaram contra essas declarações, sendo por fim aprovada por aclamação uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Tornar responsavel por tudo quanto possa suceder á Camara Municipal;

2.º Não aceitar a municipalisação de serviços, visto á incompetencia já por varias vezes demonstrada pela Camara;

3.º Chegado a este ponto, só seja aceite a socialisação sob a administração do pessoal, unica entidade a que a isso tem direito.

Foram depois nomeadas comissões para irem ter com os seus colegas que se encontram em Santo Amaro e Arco do Cego, para retirarem e recolherem á séde da associação.

Por tal motivo o conflito, como se vê agravou-se, e ao que parece não chegará a uma solução, sendo um verdadeiro misterio quando voltaremos a ter electricos.

Andaime que abate

Tres operarios em estado grave

N'um terreno da nova avenida Marquez Sá da Bandeira andam em construção alguns barracões. Hoje, num d'eles abateu um andaime da altura d'um 2.º andar, sobre o qual se encontravam sete operarios que ali andavam a trabalhar.

Comparecendo os socorros, foram conduzidos ao hospital do Rego, onde receberam o primeiro curativo, mas porque o estado de tres d'eles apresentava gravidade, foram para o hospital de S. José, ficando na enfermaria n.º 4.

São os serventes de pedreiro: Nuno Fortunato, de 31 anos, residente na azinhaga da Murta, ferido na cabeça; Cezario Bento, de 34 anos, morador na azinhaga da Ceboleira, com fractura da perna esquerda, e Francisco da Costa, de 50 anos, morador na quinta do Ramalhete, ferido no queixo.

Os restantes seguiram para suas casas.

A questão das subsistencias

O novo correspondente de Penacova diz-nos que n'aquele conselho está tudo carissimo e que do pouco que ha esse mesmo é para os afilhados e amigos. Entende ele que o comercio deve ser livre e que, sem essa medida, nunca haverá fortuna e não deixará de continuar a haver a ganancia. A proxima colheita de milho promete ser importante.

Já, infelizmente, o mesmo se não pode dizer da do azeite e do milho. Trigo e centeio houve menos que o ano passado.

Elmo, o Poderoso

A' medida que no Salão Central vão sendo exibidos os surpreendentes episodios desta afamada pelicula, mais ruidosa se vai tornando o agrado com que o publico a recebe. A ultima série, intitulada *Os dois fogueiros*, é de molde a emocionar profundamente o espectador, sendo extraordinario o desempenho do seu protagonista, a cargo do destemido e valoroso artista americano Elmo Lincoln.

Amanhã, 4.ª feira, na *matiné* estreia de mais um episodio, *O incendio*, cheio de novidades e de imprevisto.

Latino-Americana
Annuncios e comunicados em todos os jornaes nacionaes e estrangeiros
Rua Antonio Maria Cardoso, 28
Telefone:—2143-C.
BREVEMENTE — RUA DO [illegible]TRO, 18

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3595 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quarta-feira, 4 de Agosto de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

O MARTIRIO D'UMA MULHER

Inicia amanhã, quinta feira, *A Capital* a publicação d'uma serie de cartas nas quaes se fará a descripção das torturas, dos sofrimentos, da miseria que teem sido infligidos a uma senhora, das mais distinctas da sociedade lisbonense, que muito tem padecido, porque cometeu o crime de amar e, em vez de occultar sob o manto da hipocrisia esses amôres, teve a coragem de os proclamar bem alto e romper com as falsas conveniencias sociaes.

E' portanto um crime—um crime!—d'amor o que se vae relatar no

Martirio d'uma mulher

e as consequencias que d'ahi derivaram, a serie de intrigas, que em volta d'esse drama se teem forjado, para que a fortuna d'essa senhora—porque, infelizmente para ela, tem uma grande fortuna—não possa pertencer-lhe.

Servirá ao mesmo tempo o

Martirio d'uma mulher

para demonstrar quão urgente se torna a remodelação da lei barbara e injusta que permite que se possa atirar para os horrores d'um hospital de doidos uma creatura qualquer, desde que a familia disponha d'um pouco de influencia e de dinheiro.

A defeza será apresentada pela propria interessada, apoz umas ligeiras notas de reportagem, o que provará, melhor do que nós o poderiamos fazer, quão lucidas são as faculdades de inteligencia d'aquela que se pretende fazer passar por louca. Narração veridica, documentada mesmo, certamente vae despertar enorme interesse o

MARTIRIO D'UMA MULHER

cuja publicação *A Capital* enceta

ámanhã

PARLAMENTO

Nos Deputados

A situação dos oficiaes reformados e de reserva—Um pouco de agitação—A lei da restrição de indemnisações

Não havendo numero á primeira chamada, espera-se até ás 14 horas, a que perante as reclamações dos srs. Sá Pereira e Campos Melo, o sr. Sá Cardoso manda proceder á segunda chamada, que dá 27 deputados presentes, o que faz com que se iniciem os trabalhos lendo a ata e o expediente.

Antes da ordem os srs. Viriato da Fonseca e Estevam Aguas tratam da situação dos oficiaes reformados e do quadro de reserva que classificam de miseravel e para a qual pedem providencias e que lhe seja dado ao menos os 40$00 escudos de ajuda de custo de vida.

O sr. Antonio Francisco Pereira chama a atenção do governo para o texto d'uma carta inserta n'um jornal da manhã denunciando uma tentativa de suborno feita pelo chefe d'uma das repartições do Governo Civil a um policia da Segurança do Estado.

O sr. ministro da instrução promete transmitir essas considerações ao seu colega do Interior.

O sr. Tomaz Rosa incita para que se discuta o projeto de lei que diz respeito aos oficiaes reformados e de reserva.

O sr. Campos Mello pede urgencia e dispensa do regimento para a interpelação do art.º 5.º da lei n.º 903, que trata da concessão de passes nas linhas do Estado a deputados e senadores.

O sr. Alvaro Guedes trata da situação do funcionalismo publico cujos vencimentos se faz mais por emolumentos do que por ordenado. Lavra nisto uma barafunda que é preciso destriçar e para o assunto chama a atenção do sr. presidente do ministerio. E' necessario fixar um vencimento minimo e um vencimento maximo. Sem isto não ha nada feito, nem moralidade que preste.

E como esteja presente o sr. ministro das colonias, continuam mais uma vez em discussão as emendas introduzidas no Senado á proposta de lei dos Altos Comissarios.

Voltam a falar sobre ele os srs. Manuel José da Silva (Oliveira de Azemeis), ministro das colonias e Amaral Reis.

E fica ainda para ámanhã.

O sr. Mem Verdial pede que se marque para ordem do dia duma das proximas sessões o projecto de lei que altera o funcionamento da Camara, no que respeita ao art. 13 da Constituição.

Aprova-se agora a acta e lê-se o restante expediente, sendo posto á votação o requerimento do sr. Estevam Aguas para que entre ámanhã em discussão o projecto de lei que se refere a oficiais reformados. Falam os srs. Manuel José da Silva (Azemeis), José de Almeida, Sousa Rosa, Estevam Aguas, Eduardo de Sousa—tudo isto sobre o modo de votar! exclama o sr. Nunes Loureiro. Ha vinte minutos!—E seguem-se ainda os srs. Manuel Fragoso, Mem Verdial, Brito Camacho, Paiva Gomes. Mais vinte minutos!

Por fim fala o sr. presidente do ministerio e vota-se o requerimento. Regeitado!

O sr. Manuel José da Silva—Requeiro a contra-prova.

O sr. Cunha Leal—Invoco o § 2.º do artigo 116.

Procede-se á contra-prova. Ha ápartes d'um lado e d'outro.

—E' o cheque mais violento que se podia dar na mesa.

—Já ninguem se entende.

—O melhor é os oficiaes irem para a gréve!...

—Ordem! Ordem! sr. presidente...

Ha invectivas.

O sr. Mem Verdial:

—Eu não percebo o sr. Aguas de pé.

O sr. Paes Gomes:

—Isso só prova que o senhor não sabe o que se está a votar.

Regeitam 37 e votam 22.

Depois vota-se o requerimento do sr. Estevam Aguas.

O sr. Cunha Leal:

—Ora aqui está uma votação aguado...

(Risos. Novos ápartes. E segue a sessão.)

Aprovam-se urgencias de varios projectos. Vae passar-se á ordem do dia.

O sr. visconde de Pedrosa interroga a mesa. Quer saber quando se discutem as propostas de finanças.

O sr. presidente do ministerio declara que o sr. ministro das finanças as apresentará depois de amanhã.

E passa-se finalmente ás declarações do chefe do governo.

O sr. Jacinto de Freitas requer que a materia seja dada por discutida sem prejuizo dos oradores inscritos.

Nova confusão. Outra vez ninguem se entende e sobre o modo de votar falam os srs. Manuel José da Silva (Azemeis), Cunha Leal, Mem Verdial.

A'partes violentos. A mesa dá explicações e pede explicações.

O sr. Lelo Portela intepreta largamente o regimento, interpretação combatida pelo sr. Julio Martins.

O sr. Nunes Loureiro — Ha tres quartos d'hora que se fala sobre o modo de votar!

O sr. João Camoezes—E' mais uma sessão perdida!

Lá para a direita ha agora acalorado dialogo entre os srs. Cunha Leal e Lelo Portela, com interrupção do sr. Ladislau Batalha.

A campainha retine.

O sr. Sá Cardoso—Mas eu é que já não sei quem está no uso da palavra.

Vozes — Vamos a votos! Vamos a votos!

O sr. Alvaro Guedes —Invoco o regimento, artigo 58.

O sr. Manuel José da Silva — Nós saberemos responder á tirania dos votos!

Por fim aprova-se em prova e contra-prova o requerimento Jacintho de Freitas. E entra-se mais uma vez na discussão.

O sr. Mem Verdial propõe que ao governo se deem as auctorisações consignadas na lei 982 de 1919.

Fala depois o sr. Manuel José da Silva (Porto) que está falando e analisando as declarações do governo, o que promete demorar.

No Senado

Aberta a sessão, entra imediatamente em discussão o projecto de lei sobre a concessão do Porto Comercial de Montijo a que o sr. Rodrigues Gaspar fez uma larguissima analise, ocupando toda a sessão até á hora de fecharmos este extracto e declarando semelhante concessão inconstitucional.

Distinção merecida

Foram agraciados com a gran-cruz da ordem da corôa da Belgica os srs. general Norton de Matos e almirante Leote do Rego.

Condenados politicos

O sr. dr. Moreira d'Almeida pede para seguir para a Africa

A direcção da Associação dos advogados procurou hoje o sr. presidente do ministerio, afim de lhe transmitir o pedido do sr. dr. João Moreira d'Almeida, que se encontra condenado em pena maior por delicto politico e que pretende seguir para a Africa.

Porto de Mossamedes

O engenheiro sr. Pinto Teixeira foi encarregado de elaborar um projecto de melhoramentos do porto de Mossamedes, entre os quais figura a construção duma ponte cais.

Advertencia importante

Respondendo a reclamações recebidas

Todos os jornaes da tarde e da noite retomaram já o seu antigo pessoal tipografico, podendo, por esse motivo, sair ás suas horas habituaes. «O Seculo» da noite poude mesmo adeantar a sua hora de sahida.

«A Capital», em virtude dos seus operarios se acharem trabalhando no jornal «A Patria» desde 1 de maio, está sendo feita por tipografos na maioria estranhos á classe.

Esta explicação convem que os nossos leitores a tenham presente, afim de reclamarem dos vendedores o nosso jornal, por isso que muitos deles, com o fundamento de que «A Capital» sae mais tarde, se recusam a fazer a sua venda.

Serve tambem esta explicação de resposta ás reclamações que temos recebido de muitos desses leitores.

A proposito desta advertencia, publicou o jornal *A Batalha* a seguinte nota:

A comissão pró aumento de salarios dos quadros dos jornais de Lisboa pede-nos a publicação do seguinte:

«Tendo saido no jornal *A Capital*, de 28 do corrente, uma nota na qual a empreza do jornal *A Capital* diz que já todos os jornais retomaram o seu antigo pessoal grafico, podendo, por esse motivo, publicar-se ás horas habituais, esta comissão vem declarar que se a empreza de *A Capital* ainda não resolveu o conflito como as restantes empresas, é unica e exclusivamente devido a não ter querido solucionar o conflito gráfico.

O pessoal de *A Capital* continua em greve e aguarda, na sua Associação de Classe, a adesão da empresa de *A Capital* á organização de trabalho e salarios minimos, já em vigor em todos os restantes jornais de Lisboa.

Esta comissão julga conveniente esclarecer o publico e a classe gráfica do motivo porque a empresa de «A Capital» ainda não tem a laborar o seu antigo quadro. Este não se demitiu, como parece depreender-se da nota publicada na «Capital». Encontra-se, como acima dizemos, na sua Associação de Classe aguardando a solução do conflito».

Ora no dia de 21 maio, publicou «A Capital» o seguinte:

Tendo constado á direcção de «A Capital» que o seu antigo quadro tipografico constituido pelos srs. Miguel Martins, chefe, Manuel e Guilherme do Espirito Santo, linotipistas, Gabriel Duarte, Libanio de Brito, Antonio Pinheiro e Ribeiro Pisco, compositores, estava empregado no jornal «A Patria», que ha-de em breve iniciar a sua publicação, solicitou da direcção desse jornal lhe dissesse se eram ou não verdadeiras as informações que recebera.

A esse pedido respondeu, por parte da direcção da *Patria*, o deputado sr. Antonio Mantas com a seguinte carta:

Sr. Manuel Guimarães dig.mo director d'«A Capital».—Lisboa.—Satisfazendo os desejos de v. manifestados na sua carta de 20 do corrente, cumpre-me declarar-lhe que efectivamente estão em serviço, no jornal *A Patria* os tipografos referidos na carta de v., exceptuando Antonio Pinheiro, mas é meu dever dizer a v. que ainda não está constituido o quadro tipografico e todo o pessoal que trabalha na montagem da tipografia de *A Patria* é o jornal.

Devo tambem dizer a v. que o pessoal que fôr admitido neste jornal não acumulará, com o nosso consentimento, serviços com quaisquer de outros jornais.

De v., etc. —*Antonio Mantas.*

Como esclarecimento, diremos que esta carta foi recebida antes do aparecimento de *A Patria*, a 27 de maio, e que do pessoal que estava trabalhando na montagem desse jornal faziam parte todos os antigos tipografos d'«A Capital», com excepção de um, o sr. Antonio Pinheiro, que está empregado no escritorio da casa Batista & Barbosa, da rua do Poço dos Negros. Esses tipografos ficaram fazendo parte do quadro efectivo da *Patria*.

A gréve da Imprensa Nacional

Parece que o pessoal retoma ámanhã o trabalho

O sr. ministro do interior recebeu esta tarde o director geral da Imprensa Nacional, sr. Luiz Derouet e a comissão delegada do pessoal daquele estabelecimento em gréve. O sr. coronel Alves Pedrosa comunicou as resoluções do conselho de ministros, no sentido de serem incluidas no orçamento do seu ministerio as medidas conducentes a serem atendidas as reclamações do pessoal da Imprensa. Acrescentou que, na previsão do orçamento não poder ser votado até ao proximo encerramento do Parlamento, tinha já mandado elaborar uma proposta de lei inserindo as referidas medidas, parà a qual pedirá urgencia e dispensa de Regimento.

Por seu turno, a comissão, concordando com as declarações do sr. ministro do interior, comprometeu-se a que os grévistas retomassem ámanhã o trabalho, convencida de que assim seria deliberado na assembleia que iam realisar. Pediu tambem que fosse retirada a força militar que se encontra guardando a Imprensa Nacional. Respondeu o sr. coronel Alves Pedrosa que o assunto era propriamente da competencia do director geral, sr. Derouet, funcionario em quem depositava toda a confiança, que egualmente atribuia ao pessoal.

Assim, desde que o sr. Luiz Derouet considerasse desnecessaria a guarda republicana na Imprensa Nacional a mandaria retirar d'ali.

Estando as coisas assim bem encaminhadas para a solução da gréve, e na hipotese do pessoal retomar ámanhã o trabalho, devem reaparecer na sexta-feira as tres séries do *Diario do Governo*, continuando a sua normal publicação.

Couraçado italiano no Tejo

Procedente de Gibraltar entrou hoje no Tejo o couraçado da marinha italiana *Venese*, sob o comando do almirante Costuri.

Desloca 8.203 toneladas e tem 478 homens de tripulação.

"Alguns aspetos do nosso problema colonial"

O sr. dr. Pedro José da Cunha publicou em opusculo a conferencia que em abril findo realisou na Sociedade de Geografia sobre «Alguns aspetos do nosso problema colonial».

O ilustre professor, que tratou, com a proficiencia que todos lhe reconhecem, do magno problema colonial, disse, referindo-se á emigração periodica dos indigenas dos nossos territorios:

Porque é que as colonias britanicas do Sul da Africa vão buscar á nossa Provincia de Moçambique grande parte dos braços de que precisam para as suas explorações? E' porque nessas colonias o preto é um cidadão como qualquer outro, a quem a lei não impõe a obrigação de trabalhar; a adopção do regime contrario considera-la-hiam o regresso a um estado muito proximo da escravidão, o que chocaria gravemente os seus sentimentos filantropicos e liberais. Mas como não podem prescindir dos trabalhadores indigenas, não querem os pretos do seu Territorio a trabalhar por imposição legal, e não chegam para as necessidades os que o fazem voluntariamente, adotaram o cómodo expediente de ir buscá-los a casa do visinho. E o melhor da passagem é que nos acusam a nós, portugueses, de mantermos o regime da escravidão nas nossas colonias, por impormos ao indigena a civilisadora obrigação do trabalho, sem se lembrarem, ou ocultando-o adrède, que duma grande parte dessas criaturas, que sujeitamos a semelhante obrigação, são eles, e não nós, quem se utiliza do trabalho; e que é justamente por nós procedermos assim que eles podem ostentar ainda hoje o seu decantado manto de liberdade, altruismo e filantropia, deixando a maior parte dos seus indigenas á boa vida.

Acresce que o facto de tantos braços se deslocarem para fóra do territorio nacional embaraça o viver de muitas das nossas empresas que, dipondo de maiores facilidades de mão de obra, poderiam imprimir um desenvolvimento muito mais consideravel ás suas operações; e pode afirmar-se que o facto será deixando no escuro todas as vezes que se queira alegar o pretendido marasmo das nossas colonias para mostrar a nossa inercia ou a nossa incompetencia em materia de administração colonial.

Dá-se ainda uma circunstancia, extremamente grave, que talvez seja uma novidade para muitos. A companhia de Moçambique nunca tem consentido que se contratem pretos no seu Territorio para trabalhos a executar fóra dele, mas não pode impedir, dada a enorme extensão da fronteira, que alguns deles se escapem clandestinamente, indo alugar os seus serviços á Rhodesia ou ao Transvaal. Pois a um desses, que ha pouco foi apanhado quando regressava á sua terra, apreenderam as autoridades da Companhia de Moçambique um manifesto de propaganda bolchevista, impresso nas duas linguas, inglesa e portuguesa.

Parece-me que todos estes factos e circunstancias são outros tantos argumentos a favor da tese, de que, aos bem entendidos interesses nacionais, não convem que continui o fornecimento de indigenas para o Rand. Mas a cessação desse fornecimento não basta para que todas as empresas que contribuem para a valorização das nossa colonias vejam terminar, como por encanto, as dificuldades com que lutam para a obtenção de mão de obra. Já tive ocasião de notar a falta de correspondencia que existe entre a intensificação do esforço colonizador e a densidade da população indigena; onde mais se trabalha é por vezes onde os braços mais escasseiam; pontos ha em que o trabalho é quasi nulo, onde a população indigena pulula, num quantum relativamente avultado.

Os inconvenientes, embaraços e prejuizos que de aqui dimanam só podem, quanto a mim, remover-se por um leal entendimento e uma acção de conjunto de todos os interessados, que tenham como consequencia ir-se buscar os indigenas onde os houver, para os distribuir, com a maior equidade possivel, por toda a parte onde forem necessarios».

Dr. Reis Junior

Para Santarem, onde vae tratar da sua eleição para deputado, partiu hoje, no rapido da manhã, o sr. dr. Reis Junior, director da policia de investigação.

Dr. Magalhães Lima

A festa de Domingo na Sociedade de Geografia

Ficou hoje definitivamente organisado o brilhante programa da festa de domingo proximo, na Sociedade de Geografia, comemorativa do 16.º aniversario da Associação dos Trabalhadores da Imprensa de Lisboa e em homenagem ao decano dos jornalistas portuguezes sr. dr. Magalhães Lima. O Sr. Presidente da Republica comparecerá na sala *Portugal* ás 14 horas prefixas, realisando-se em seguida pela nossa distincta colega sr.ª D. Virginia Quaresma o elogio do decano dos jornalistas, cujo retracto será depois descerrado pelo chefe do Estado.

A Empreza do Theatro Apolo participou que a companhia d'aquela casa de espectaculos se fará representar pela graciosa actriz Maria Alves, que cantará *couplets* de uma nova producção, do popular escriptor Sr. Penha Coutinho, expressamente escritos para esta festa e intitulados *A Lima de Magalhães*.

O ilustre escriptor e jornalista brazileiro sr. dr. Carlos Cavaco, que se encontra em Lisboa, apresentará tambem ao dr. Magalhães Lima as saudações da imprensa fluminense.

A festa termina com o hymno nacional, cantado pelos corpos coraes dos Teatros da Trindade, Apolo, Avenida e Eden com acompanhamento da orchestra do Teatro da Trindade.

Segredos a toda a gente

A anedocta

Muita gente desdenha na historia dos homens e dos factos esse pequeno nada que define muito melhor uma epoca do que um alfarrabio e que se chama em oito letras apenas—anedocta. A vida é feita de anedoctas. O amor é a anedocta do coração. A palavra é a anedocta da idêa. A loucura é a anedocta do cérebro. Quem consegue fazer dessa anedocta um sorriso—é um homem de espirito; quem consegue fazer dela uma lagrima—é um homem de sentimento; quem faz dela apenas uma gargalhada—é um louco. Toda a gente tem a sua anedocta: uma troca de chapeus, uma frase distraída e comprometedora, um olharsito que vem a tempo, uma pisadela que chegou tarde, uma mulher que olhou para nós e que córou depois...

Todo o homem tem em si a sua caricatura—e por quê? Porque passa a vida, a fazer anedocta de si proprio.

A Castro

Sobe amanhã á sena no Teatro Nacional a velha tragedia d'amor do seculo XIV que Antonio Ferreira trouxe para o oiro do verso seiscentista o que é ainda hoje—digam o que disserem—apesar dos cabelos brancos dos seus tres seculos, a mais bela interpretação daquela Inez de Castro, linda, loira e fragil, amorosa á maneira velha do tempo de D. Pedro folião e travesso que bailava nas ruas á luz dos archotes, como um bôbo de D. Diniz.

Amelia Rey Colaço fará a protagonista—com os seus 23 anos e o seu talento; Robles Monteiro será o Rei Bravo; Clemente Pinto, o Infante; o seu gesto, a sua expressão, a sua dor; Lucinda do Carmo e Augusto de Melo interpretarão tambem—e eu, neste momento não posso deixar de fazer votos para que os outros artistas se não convertam de pé para a mão em novos assassinos da pobre Castro.

Em Barcelona

Barcelona está em pleno terrorismo—porque não tem mais nada que fazer. Estalam bombas—como garrafas de champagne. Ha casas assaltadas—por amabilidade. O governador declarou aos jornalistas que está decidido a perseguir os homens de terror—com a mais captivante gentileza. E embora os jornaes o não digam, eu tenho varias razões para concluir que entre os nuestros hermanos *o regosijo deve ser completo. Creio que ha mesmo entusiasmo—porque a verdade é que as revoluções não passam de blagues inofensivas sobretudo... para os que morrem. Como veem, em Portugal, está a revolução na rua. Em compensação, em Espanha, o socego é completo...*

Luis d'Oliveira Guimarães.

A paralisação dos carros electricos

Um convenio que se não cumpre — A Camara Municipal desautorisa os seus representantes

Na exposição que a Camara Municipal fez pretendendo justificar a atitude que tomou para com a Companhia Carris de Ferro, atitude que levou ao conflicto actual, de que resulta o termos todos nós—os que não temos automoveis ás nossas ordens—de andar a pé, com enormes transtornos e sacrificios, nada ha que seja favoravel ao Senado municipal. Bem ao contrario.

Diz a propria Camara que, com a aprovação do contracto, a Companhia se obrigava ao pagamento de esc. 223.989$89, importancia em litigio de licenças de carros, de reparação e conservação de calçadas. Primeira vantagem para o municipio, pois que o pagamento de uma quantia em litigio é desde logo causa ganha, e, a continuar como até aqui, quando será ela paga? E sabe-se lá por ventura a favor de quem os tribunaes decidirão!

Dizia o contracto que a Companhia continuaria a pagar á Camara a taxa de 4 % sobre as receitas brutas até 700.000$00, e, além desta quantia, a de 8 %. Desnecessario é dizer que seria esta a que efectivamente a Companhia viria a pagar, visto que as suas receitas não poderiam nunca deixar de ir além de 700.000$00. E com o aumento de tarifas veja-se a quanto não monta a percentagem cobrada pela Camara, sem falar no imposto do selo, que, como se sabe, é de 1,5 centavos por bilhete de preço superior a $10, o que quer dizer receita, e avultado tanto para a Camara como para o Governo.

Vem a Camara alegar que, a quando do aumento das tarifas, se levantaram os mais veementes protestos. Esquece-se, porém, de acrescentar que foram principalmente os portadores de «passes» que fizeram esses protestos e tanto assim é que, depois do convenio, ou acordo, como se lhe queira chamar, de 31 de maio, o publico, compreendendo a razão que havia para esse aumento, não se manifestou. Foram ainda e sempre os portadores de «passes» que incitaram a Camara e que tentaram estabelecer uma agitação que era meramente ficticia. E que a Companhia não tinha clausula alguma pela qual fosse obrigada a conceder «passes», dil-o a propria exposição da Camara, quando se refere a «que o uso faz lei». Sempre o amor pelos portadores de «passes»!

Esqueceu-se a Camara de que o contrato que baixou para aprovação ao Senado municipal não era apresentado pela Companhia, mas sim o resultado do estudo feito por comissões suas e delegados desta ultima, pertencendo, portanto, a responsabilidade aos representantes da Camara.

O acordo, assinado em 31 de maio, perante o então presidente do ministerio, o saudoso coronel Antonio Maria Baptista, foi-o, a pedido e instancias da Camara, pelos seus delegados, que não puzeram a condição dele ter de ir ao *referendum* do Senado municipal. Mais tarde é que veiu essa *hábilidade*.

Para a Companhia fazer o primeiro aumento ao seu pessoal, prometeu-se-lhe uma compensação, empenhando a Camara ou os seus representantes a *palavra de honra*, a que se faltou. Comissões da Camara examinaram a escrituração e os serviços da Companhia e todas foram concordes em que as receitas não chegavam para cobrir as despezas.

O que se censura á Companhia é que ela pretenda ter o exclusivo da tracção mecanica para transporte de passageiros, como se ela o não tivesse já pêlos seus contractos legais e viesse pedir novas concessões! O que ela não quer é vêr-se a braços com uma concorrencia mais que desleal e que apenas serviria para lhe arrancar centenas de contos, como claramente já houve quem o manifestasse. Quanto ao argumento de que as carreiras baratearíam, mercê da concorrencia que se estabeleceria, é um exemplo frizante o que se está passando. Carros sem condições absolutamente algumas de condução, sem comodidade de especie alguma, estão levando $50 e $60 por carreiras, pelas quais os carros da Companhia nem a terça parte levam. O publico que agradeça á Camara, que enfaticamente diz defender os interesses dos municipes!

Quanto á proporção que a Camara pretende estabelecer para vir demonstrar que o preço dos passes estava em harmonia com os das tarifas dos bilhetes ordinarios, já dissemos no nosso numero do dia 1 que assim não era. Dissemos nós, no artigo de fundo d'esse dia:

«A primeira zona era primitivamente de 3 centavos, hoje é de 8, aumento de 170 por cento; a segunda zona era primitivamente de 4 centavos, hoje é de 12, aumento de 200 por cento; a terceira de 5 centavos, hoje é de 14, aumento de 180 por cento; a quarta era de 6 centavos, hoje é de 17, aumento de 180 por cento. Na quinta e sexta zona crêmos ser o aumento de 150 por cento. Ora o preço dos passes era primitivamente de 50 escudos, a Camara marcou-lhe o preço de 120 com um aumento, portanto, de 140 por cento apenas».

Quanto á *lama*, a que o sr. Lino da Silva se referiu, se ela salpicou n'este momento alguem, foi a Camara que saiu mal ferida. Demostram-no bem as moções votadas pelo pessoal em gréve. E' tanta a confiança que a Camara lhe merece, que só aceita a municipalisação desde que possa por suas mãos pagar-se! Assim foi dito na reunião d'esse pessoal, ante-hontem.

Este artigo vae já longo, mas descancem os srs. vereadores que continuaremos a apreciar os seus atos, que, como todos os que pratica qualquer corporação publica, estão sujeitos á critica da imprensa.

E não nos assustam as ameaças que sabemos foram formuladas de que a imprensa será forçada a fazer gratuitamente a defeza da Camara. Ora, pois!...

O arroz comprado em Hespanha

Até que finalmente vem para Portugal

Noticiam os jornais da manhã que vem finalmente para Portugal o arroz que ha tempo foi comprado em Hespanha, caso que tem dado largamente que falar e que mereceu as honras de ser tratado no parlamento.

A proposito vem recordar parte do que na Camara dos Deputados disse o então ministro dos estrangeiros, sr. Melo Barreto, que hoje ocupa a mesma pasta.

Trata-se, com efeito, d'uma transacção celebrada pela antiga comissão de abastecimentos do Ministerio do Trabalho, com um subdito espanhol, que se propôz fazer entrar no paiz 1.500 toneladas de arroz, a um preço tal que, depois de pagos os direitos, se poderia vender a $26 o maximo. A comissão de abastecimentos deu parte dessa transacção ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros, em 22 de Março de 1917, pedindo que o representante de Portugal em Madrid fosse encarregado de fiscalizar a referida compra de arroz e de efectuar o respectivo pagamento, e, no dia 11 de Abril, informou o mesmo Ministerio de que fôra aberto em Madrid o crécito de 908.045,95 pesetas, correspondentes a 316 contos, ao câmbio do dia, para o pagamento referido. O que se passou depois? Tendo o sr. dr. Augusto de Vasconcelos recebido a comunicação da Direcção Geral da Fazenda Pública, para pagar o arroz ao fornecedor, á medida que ele fosse sendo adquirido, nela se firmou, certamente, para entregar a quantia mencionada a esse fornecedor, mediante a apresentação da factura comprovativa dessa aquisição,—feita a crédito,—em vez de o fazer mediante a apresentação dos documentos de embarque ou carregamento. Mas a verdade é que o arroz não chegou a vir para Portugal, porque, ao ultimar-se a operação, já o governo hespanhol prohibira, de novo, a exportação desse genero, que estivera autorizada durante quinze dias, pela real ordem de 12 de Março de 1917. Depois disse fizeram-se varias tentativas para se conseguir a remessa do arroz e obteve-se, por duas vezes, a respectiva auctorização, mas, da primeira, a licença foi suspensa antes de realizada a operação, e, da segunda, foram levantadas dificuldades insuperaveis ao agente que devia efectua-la.

Tal foi a situação em que encontrei ao assumir a regencia da pasta dos Negocios Estrangeiros: o Tesouro Público desapossado da quantia de 316 contos, representativa dum fornecimento de arroz, parte do qual continua em Valencia, em vez de todo ele ter dado ha muito entrada em Portugal para o consumo publico. Logo que tive conhecimento do facto tratei desse assunto junto do Governo Espanhol, por intermédio da nossa legação em Madrid, para se pôr termo a um estado de cousas que não pode, evidentemente continuar. E para que a Camara avalie o interesse das minhas diligencias, leio as seguintes palavras duma nota dirigida pelo sr. ministro de Portugal em Madrid, ao sr. marquês de Lema, então ministro dos Negocios Estrangeiros de Espanha, no dia 18 de Agosto deste ano, pedindo a renovação da autorização de saida do arroz:

«Em vista da crise de subsistencias com que luta o meu paiz e atendendo ao desembolso feito, ha mais de dois anos, pelo meu governo, tomo a liberdade de pedir, com a maior instancia a V. Ex.ª, que seja renovada a licença de exportação das referidas toneladas de arroz, parte das quais pertence á colheita de 1916, e que o agente encarregado de tratar das operações não seja embaraçado nas suas «démarches», por nenhuma estação oficial espanhola. Afirmando a V. Ex.ª que nenhum pedido desta natureza lhe tenho dirigido com tanto empenho, *nem que tão vivamente me tenha recomendado o Governo Portugues... etc.*»

Antes disso, em 11 do mesmo mês, o sr. dr. Conceiro da Costa fizera uma larga exposição dos factos ao Governo Espanhol.

No dia 21 de outubro o sr. encarregado de negocios em Madrid realizou uma nova diligencia junto do sr. Presidente do Conselho de Ministros de Espanha, apresentando a S. Ex.ª um «memorandum», cuja copia tenho presente, e referindo que o agente encarregado das operações do arroz em Valencia será o sr. D. Leopoldo Aguirre Verdaguer, vice-consul de Portugal naquela cidade; e, o simples registo deste facto responde ao reparo formulado pelo sr. dr. Brito Camacho, com respeito a ser, ainda hoje o subito espanhol Reis o *agente indispensavel*. No dia 28 do mesmo mês o sr. Vasco Quevedo telegrafou dizendo: *creio resolvido favoravelmente caso arroz Reis.*

Finalmente o mês passado o mesmo diplomata dirigiu-lhe o seguinte telegrama:

«Ministro Abastecimentos declarou-me ontem, que concede licença de exportação arroz Reis, assunto que leva a conselho de Ministros. Tendo presidente do conselho de Ministros e Ministro do Estado mostrado melhor interesse, julgo que caso está decedido definitivamente. Não abandono assunto sem licença estar em meu poder».

De resto, para esta solução—desejada, evidentemente, por quantos zelam os interesses do Pais—devem contribuir a situação excelente em que se encontra a Espanha, no tocante á produção do arroz, que excede, em larga escala, a quantidade indispensavel ao consumo nacional; isto alem de haver, ainda um *stock* importante da colheita de 1918. Com efeito, a colheita de arroz em Espanha pode calcular-se em 242.268 toneladas, representando um aumento de 35.140 toneladas sobre a colheita anterior. Ora, como o consumo anual não é superior a 180.000 toneladas, ha um excesso de 62.000 toneladas, sem falar no que resta da colheita antecedente.

Tais são as unicas *démarches* da responsabilidade da minha gerencia, com que muito me honra, porque elas demonstram a atenção que tenho consagrado ao assunto e o interesse que me merece tudo quanto possa representar a sagrada defesa dos dinheiros publicos, que os homens de governo devem zelar, sempre, com inflexivel severidade.

Repito: — o Governo está empregando os esforços mais instantes no sentido de que venha para Portugal o arroz, comprado e pago em 1917. Espero conseguí-lo, como acabo de expor,—mas se, por qualquer circunstancia, não o obtiver, apesar desses esforços, efectivados junto do Governo Espanhol, creia a Camara que não hesitarei nos meios a empregar, sejam eles de que natureza forem, para que aos cofres publicos se restitua o dinheiro empregado nessa malfadada operação.

PELO TELEGRAFO

O saque do palacio de Abdul Hamid—Sentença que causa sensação

CONSTANTINOPOLA, 3.—Julgando o processo relativo ao saque do palacio do sultão por ocasião do destronamento de Abdul Hamid, o Tribunal marcial proferiu ontem a sua sentença ordenando o embargo de todos os bens moveis e de raiz dos incriminados, entre os quais figuram Enver Pachá, generais de divisão de brigada, senadores, deputados e outros altos funcionarios.

A sentença causou profunda sensação.—(*Havas*).

No congresso mineiro de Genebra

GENEBRA, 3.—No congresso dos mineiros o sr. Albert Thomas foi da opinião que a mesa internacional não pode levar a cabo a sua missão sem estar em contacto direto com as organisações sindicalistas.—(*Havas*).

Movimento diplomatico brazileiro

RIO DE JANEIRO, 4.—O secretario de legação sr. Macedo Soares foi transferido para Lisboa.—(Havas.)

Gréve geral contra os organisadores das guerras

GENEBRA, 3.—No congresso dos mineiros o sr. Dujardin desenvolveu nas suas linhas gerais, o relatorio preparatorio apresentado pela secção belga. Esse relatorio constata a fermentação de ideias produzidas pela grande guerra e que começa a ter repercussão em paises situados longe da Europa, e censura severamente a atitude dos mineiros alemães durante o conflito, concluindo por preconizar que nos estatutos da Federação internacional se estabeleça a gréve geral contra os organizadores das guerras. O delegado alemão Wyssemans reconhece a necessidade duma confiança mutua e, dizendo que os alemães estão dispostos a isso, aceitou o relatorio belga com algumas modificações relativas a horario de trabalho, pelo que o presidente Smilie propoz que o relatorio fosse reenviado a respectiva comissão para novo exame. Foi depois levantada a sessão.—(Havas)

Os trabalhos do Reichstag

BERLIM, 3.—O Reichstag aprovou o restabelecimento de relações com a Livonia e adiou a discussão do decreto relativo ao desarmamento da população civil. Discutiu tambem o decreto de amnistia mas não tomou sobre o caso qualquer resolução.—(Havas.)

Avelino da Silva Monteiro

Para a Foz do Douro, acompanhado de sua esposa, que ali vae convalescer da longa doença que a tem afligido, partiu o nosso prezado colega de redação e distincto oficial de marinha, capitão de fragata sr. Avelino da Silva Monteiro.

D'aquela estancia nos enviará Avelino Monteiro algumas cartas.

VIDA SPORTIVA

Nota do dia

O facto de partirem hoje para a Belgica os esgrimistas portuguezes que vão disputar os torneios dos Jogos Olimpicos Internacionaes, encheos de alegria e satisfação, porque tem sido *A Capital*, que na imprensa diaria mais tem feito vêr a necessidade do nosso paiz participar das grandes provas sportivas mundiais. Todos os paizes civilisados trabalharam, como o nosso, durante alguns mezes, na preparação dos seus atletas que haviam de disputar os campeonatos de Anvers; a missão de propaganda dessa ideia coube principalmente ao Comité Olimpico Portuguez, que tem produzido uma obra benemerita, vencendo todos os rudes obstaculos que se lhe teem anteposto e que são sempre frequentes na nossa terra, onde imperam a inveja e o mau espirito sportivo.

Podem os portuguezes não triunfar em Anvers, mas a sua ida ali representa já um grande esforço e uma grande vitoria para aqueles que veem ha um ano, defendendo a representação portugueza na VII Olimpiada. Os nossos esgrimistas possuem qualidades iguais ou talvez mesmo superiores as dos atiradores de todo o mundo; a figura brilhante que fizeram o ano passado na Olimpiada Militar prova-nos bem isso, tanto mais que é sabido que não houve preparação especial para essas provas, como agora houve para a Olimpiada.

Por isso nós alimentamos, com razão, a esperança de que os nossos homens hão de alcançar uma classificação brilhante em Anvers. Pode afoitamente dizer-se que é a «élite» dos nossos esgrimistas que parte; a energia da nossa raça, o estimulo pelo exemplo do nosso passado de aventuras brilhantes e grandiosas, ha-de levar os nossos esgrimistas ao triunfo.

A Capital sauda entusiasticamente os «sportmen» que partem e o Comité Olimpico Portuguez que soube e poude, apesar de todas as negligencias e mesmo má vontades, conseguir que Portugal enviasse uma «équipe» de esgrima que ha-de evidenciar-se entre as de todo o universo.

Pinto d'Almeida

A equipe de tiro em Anvers

Hoje foi recebida em Lisboa a seguinte noticia, datada de 30:

«Hontem, nas provas de pé, batemos a Belgica, Grecia, Tchecos Slovacos e a Hespanha. Aguardamos outros resultados. Estamos satisfeitos».

Em Vila Franca de Xira

As festas de domingo proximo

Como já dissemos o Sporting Vilafranquense inaugura no domingo a sua séde e o seu campo atletico. E' mais um poderoso club que surge da iniciativa de alguns entusiastas, apoiada pelo auxilio, pela influencia e pela dedicação de um homem, que pôe ao serviço de todas as boas causas o seu prestigio e até o seu dinheiro. A Julio Cesar dos Santos, presidente do Sporting Club Vilafranquense, ainda a iniciativa e a trabadesse antigo «sportsman» se deve a organisação brilhante das festas de domingo proximo em Vila Franca de Xira.

O novo club foi instalado com um campo magnifico. Nesse campo se realiza todo o sensacional programa desportivo que esta traçado: desafios de «foot-ball», disputa de taças, jogo de pau, torneio hipico á antiga portugueza, assaltos de luta e de «box», apresentação dos gloriosos campeões nacionais Manuel Grilo e Silva Raivo etc.

Neste dia haverão comboios extraordinarios entre Vila Franca e Lisboa, e vice-versa.

TIRO

Sociedade de Tiro n.º 1

Teve logar no ultimo domingo na Carreira de Pedrouços, o «Torneio de Tiro Mensal», prova esta que se disputou pela segunda vez, e que apesar da falta de electricos foi regularmente concorrida pelo que se vê que o gosto pelo tiro se continua mantendo entre os socios desta prestimosa sociedade.

Foi vencedor o sr. Carlos Marrafa, que ficou detentor do «Laço União» durante o mez corrente.

Em seguida classificaram-se os srs. Antonio Manuel dos Reis, Fernando Viegas, Clemente Silva e Adolfo Teixeira.

Teve tambem inicio o «Campeonato» prova que seguirá nos dias 8, 15 e 22, sendo de esperar que n'ela se inscrevão os melhores atiradores da Sociedade uma vez que se disputa o titulo de Campeão.

Noticiario

De Portugal

Em virtude da gréve dos electricos o Stadium só abrirá no dia 15 d'este mez.

—No proximo domingo efectua-se a Travessia do Tejo por equipes do C. N. C.

Amanhã daremos detalhes d'esa importante prova.

—No dia 22 deve ser inaugurado o campeonato de Water-polo de 1.ª e 2.ª categorias.

—A direcção do Portugal Foot-ball Club avisa todos os seus socios de que no proximo domingo o seu «team» joga em Vila Franca de Xira, com o «team» mixto das casas bancarias de Lisboa, na inauguração do campo do Sporting Club Vilafranquense.

Do estrangeiro

Os esgrimistas francesses alimentam as melhores esperanças de triunfar em Anvers. Consideram o seu «nacional» Gaudin como invencivel, muito superior mesmo a Nedo Nadi, o celebre atirador italiano.

—A volta da Italia em bicicletas, que se disputa em 8 «etapes», foi este ano ganha por Belloni, sobre Grenco em 2.º logar o Jean Alavoine, o campeão francez, em 3.º logar. O celebre Girardengo abandonou a prova na 2.ª «etape», devido aos muitos maus acidentes que sofreu.

—Nos campeonatos de França de Lawn-tennis, mademoiselle Susanne Lenglen ganhou os campeonatos de «singles» e «doubles» para senhoras e «mixed-doubles». Vêremos o que essa joven fenomenal consegue nos jogos olimpicos, onde ela tanto deseja triunfar.

—O «boxeur» francês dos levissimos Dupré, tendo ganho o campeonato nacional batendo Grassi nos pontos em 20 «rounds», fez match nulo com Sam Minto.

—O duque Decazes dotou a Federação Franceza de Box com 20 mil francos para a preparação dos «boxeurs» concorrentes aos jogos olimpicos.

—O conhecido atleta francês Paoli baten na mês e meio o «record» do seupaiz no lançamento do peso, atingindo 14 metros e 10.

—Guillemot é atualmente «recordman» francês da corrida pedestre de 1.500 metros, em 4' 2" 2/5.

—Nos concursos de Deuver, Colorado—E. U.—um automovel «Averland» conseguiu a seguinte proeza: fazer um salto em comprimento de 5,m50 sobre um obstaculo de 1,m50 de altura, com auxilio de trampolim, e sem que o carro sofresse o menor dano. A experiencia foi repetida com sucesso mais de 40 vezes!

Theatros e Cinemas

Entrevistas e palestras

Maurice Maeterlinck confia á Comedia os seus projectos

Antes da sua partida para Espanha, Maurice Maeterlinck o autor da *Monna Vanna* e de *L'oiseau bleu* concedeu ao jornal teatral uma entrevista que transcrevemos por a acharmos interessante para todos os leitores que amam o teatro.

—Os meus projectos literarios? Ei-los. Tenho uma peça de guerra em 4 actos *Le Bourgmestre de Stilmonde* revista em 1917 e que a censura me impediu de fazer representar em Paris durante a guerra, sobre o enganoso protesto de que nela entravam oficiaes alemães. Fi-la traduzir em espanhol, por Gomez Carrillo, e foi representada em Buenos Ayres em principios de 1918. Causou grande sensação porque era uma obra excelente de propaganda franceza.

Tambem foi representada em Espanha, e traduzida em Inglez, representou-se em New-York, onde foi «boycotada» pelos alemães—porque como sabeis todos os teatros de New-York lhes pertencem. Em Inglaterra onde ainda está em scena o grande actor inglez Martin Harwey faz o papel de Bourgmestre.

Rodolfo Darzens, o emprezario do Teatro Moncey, po-la-ha em scena no inverno no seu teatro. Ao mesmo tempo, para completar o espectaculo, subirá a scena uma «farça» minha em 2 pequenos actos «O milagre de Santo Antonio».

O «Bourgmestre of Stilmond» será posto tambem em scena este inverno no Teatro do Parque, em Bruxelas. O seu creador será Paul Mounet. Ha um facto curioso a proposito desta peça: acaba de ser traduzida em alemão e vae ser representada na Suissa alemã. Não sei como a aceitarão...

—E tudo?

—Não. Escrevi uma peça em 4 actos chamada «La Puissance des Morts». Acaba de ser traduzida em inglez e vae ser representada em Inglaterra e depois na America por John Barrimore. Tambem escrevi o seguimento do «Oiseau Bleu», é uma peça em 5 actos e 12 quadros, cujo titulo «Les Fiançailles». Foi representada o ano passado em New-York e no proximo inverno irá á de ribalta no Hys Majesty Teater.

—E para os cinemas?

—Tambem escrevi. 3 scenarios, dum dos quaes extrai a peça «La Puissance des Morts». Serão filmadas na America.

Mais algumas palavras que pouco interessarão os leitores, sobre o seu novo volume em preparação, e ahi teem os projectos duma das figuras mais interessantes da literatura e da mentalidade universal contemporanea.

Noticias velhas

5 de agosto de 1811

Nasce em Metz o compositor Ambroise Thomas, autor da *Mignon*, *Carnaval de Veneza*, *Psyché*, *Songe dune nuit d'ete*, *Françoise de Remini*, *Hamlet*, etc., etc. Faleceu a 12 de Fevereiro de 1896.

5 de agosto de 1820

Nasce Emilia das Neves, em Bemfica. A sua historia ou a historia da sua vida é de sobejo conhecida para que nos alonguemos, contudo daremos os topicos, dessa grande artista do teatro portuguez. Filha de gente pobre, quiz aproveitar as suas formas esculturaes para ser bailarina. Aconselhada antes a entrar para a declamação, quiz o destino que Garrett a ouvisse, e logo exigiu que o papel de «Beatriz» do seu «Auto de Gil Vicente» lhe fosse entregue representando-se no Rua dos Condes com enorme triunfo a 15 de agosto de 1838. Os sucessos seguiram-se até ao drama «Luiza de Signerolles» onde atingiu a perfeição, que depois a acompanhou em dezenas de peças nacionais e extrangeiras.

Toda a imprensa e nomes como Garrett, Castilho, Rebelo da Silva, Palmeirim, Alexandre Herculano, Teixeira de Vasconcelos, Camilo, Andrade Corvo, Lopes de Mendonça, Mendes Leal, João de Lemos, Cunha Belem, etc., etc., são unanimes em declarar Emilia das Neves o maio vulto dramatico do Teatro Portuguez.

Na sua tounée ao Brasil o sucesso que causou foi imenso. Em seu beneficio e despedida representou no Teatro de S. Pedro d'Alcantara a *Medeá*; foi um delirio, teve de andar de camarote em camarote abraçando as senhoras de quem se despedia. Mais de duas mil pessoas com archotes e banda de musica a acompanharam a casa, estendendo-se casacos nas ruas para ela passar.

Emilia das Neves morreu em 19 de dezembro de 1883, tendo o seu busto no atrio do Teatro Nacional esculpido por Soares dos Reis.

5 de Agosto de 1837

Nasce em Alcacer do Sal, Antonio de Campos Valdez, que foi durante largos anos emprezario de S. Carlos devendo-se a ele a vinda a Lisboa de celebridades como Mongini, Lotti, Galletti, Fancelli, Borghimamo, Massini, Pati, Pecdorini, Nevada, Tetrazini, Battistini, etc., etc. De autores portuguezes poz em scena as operas *Arco de Santa Ana*, de Sá Noronha, *Eurico* de Miguel Angelo, *Denelida* do Visconde do Arneiro, *Lameana* e os *Dorias* de Augusto Machado e *D. Branca* de Alfredo Keil. E apresentou-nos *Regina Pacini* e os *Andrades*. Morreu em Paris a 8 de maio de 1889.

5 de Agosto de 1855

Nasce na Madeira, J. de Freitas Branco, tradutor distintissimo a quem se deve o conhecimento em Portugal da obra de muitos escritores alemães e escandinavos. Traduziu a *Casa de Boneca* de Ibsen, *Uma falencia* de Bjornson, Suderman, Schintson, Moger, etc. Tambem publicou estudos e criticas literarias sobre Kipling, Maeterlink, Ganet, etc.

Noticias novas

Entre nós

Faz ámanhã 38 anos, o antigo emprezario do Eden José Mota de Carvalho.

—A peça «Peic Nova» que vai subir á scena no Politeama teve a sua primeira representação em Paris no «Teatre Michel» a 28 de dezembro de 191...

Lá por fóra

FRANÇA —O Ginasio abrira a proxima epoca com a reprise da *Rafale* de Bernstein, com Mme. Simone e Signoret nos principaes papeis.

—O deputado Geo Gerard apresentou á Camara um projecto de lei sobre os nomes falsos, pseudonimos, etc.

—No Chatelet reprise do *Michel Strogoff* em grande espetaculo.

—O Teatro Sarah Benhardt reabre com uma comedia em 3 actos *Le coronel Wallingford* de Abel Tarrido e Fernand Fauré.

—No Teatro da Natureza do Valléè de Chevreux, realizou-se em 1 de Agosto a «premiere» de *Fluctuat nec Mergitur* drama lirico de George Gsandjean.

—*La Comédie de la Glorie* é uma comedia em 2 actos que será representada no inverno num dos teatros de Paris. E' seu autor Maurice Schwol.

ITALIA.—Um consortium de importadores de peças acaba de se consttuir em Milão, figurando nele os srs. R. Ricardi, Broglio, Motta, Palermi, Giordani e Siminberghi.

Para breve possuem já as seguintes peças francesas: *Le repas du Lion* de François de Curel, *Mademoiselle ma Mère* de Verneuil, *La danseuse eperdue* de René Fauchois. *Une faite femme* de Jacques Deval. *Le Paquebot Tenacité* de Voldrac. *Ver le Pole* de Pierre Chanie. *L'autre Nuit* de Andre Amyvelde. *La plus belle victoire* de Brulat, *Amour et Cinema* de Praxi e Tremois.

BELGICA.—No *Kursaal* d'Ostende tem obtido grande sucesso a cantora M.me Rittes-Ciampi.

—Em Bruxelas está-se construindo um grande teatro entre a *rue de la Colline* e a *rue des Pesonniers*.

—O Scala da mesma cidade vae ser dirigido pela *divette* Angele vankoo, actual directora do *Teatre de la Gaité*.

O cartaz de hoje

Nacional, ás 21.30, «A Castro».
Politeama, ás 21,15, «A Labareda».
Trindade, ás 21,15, «Chá e torradas».
Ginasio, ás 21.15, «O A's».
Avenida, ás 21.15, «Com unhas e dentes»—Os novos quadros «Comboio mixto» e «No palco do diabo».
Apolo, ás 21.15, «O Serafim da Graça».
Salão Foz, ás 21 «Variedades».
Olimpia, Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.
Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.
Chantecler, Animatografo e fitas faladas.

Lotaria de Lisboa

Numeros mais premiados

5039—40.000$00
3528— 5.000$00
5122— 1.000$00

5038—590$00	3109—200$00
5040—590$00	4795—200$00
1769—400$00	5148—200$00
341—200$00	5425—200$00
557—200$00	5825—200$00
1102—200$00	5979—200$00
2949—200$00	

Especialidades farmaceuticas

Permanecem largos mezes na Alfandega devido á falta de sêlos

Sobre a nossa mesa de trabalho vão-se amontoando dia a dia as reclamações de varios farmaceuticos de Lisboa, protestando contra a demora que as suas encomendas teem na Alfandega.

Ainda ha pouco o farmaceutico sr. Formosinho nos dizia:—Como é sabido, nenhuma especialidade pode sair da Alfandega sem que seja selada, correspondendo a cada uma d'essas especialidades um sêlo relativo ao preço por que o artigo é vendido ao publico.

«Ora sucede que a Alfandega não tem esses sêlos e portanto não pôde fazer despachos emquanto a Casa da Moeda lh'os não fornecer.

«Mas isto que se passa com as especialidades estrangeiras dar-se-ha tambem com as nacionais, porque os estampilhas estão encerradas.

—E ha quanto tempo se encontram as suas encomendas armazenadas?

—Eu sei lá... Olhe: em dezembro do ano findo recebi comunicação que havia chegado uma encomenda de França. Tenho remessas enviadas pelas casas Poulin e Michelat, que ha 5 mezes estão aguardando despacho.

«Como deve calcular, isto faz-nos grandes transtornos, não sendo natural que as remessas demorem tantos mezes nas viagens.

«Estamos fartos de reclamar, mas a solução é sempre a mesma: não temos estampilhas...

Ouvidos taes queixumes, natural era que inquirissemos até que ponto eram verdadeiras as reclamações.

O director da Alfandega, com quem em seguida nos avistamos, esclareceu-nos:

—Tudo isso é verdade. A Casa do Moeda não nos fornece, certamente por o não poder fazer, os sêlos indispensaveis. Já antes da gréve a falta de estampilhas se fazia sentir, mas agora essa falta agravou-se ainda mais. Mas o que se dá com as estampilhas para as especialidades farmaceuticas, passa-se tambem com os tabacos, que estão nas mesmas condições.

Alem d'isso, quando ha sêlos, todos ainda que contar com o trabalho da selagem, que é naturalmente um pouco demorado.

So houvesse mais umas estampilhas, tudo se remediaria e se uma proposta que eu apresentei superiormente já por varios vezes tivesse sido aprovada, não haveria reclamações.

—E essa proposta é?...

—E' muito simples. As pessoas que tivessem de comprar estampilhas iriam adquiri-las directamente á Casa da Moeda, onde as pagariam. Fazia-se o mesmo que á Companhia dos Tabacos que se encarrega da propria de colocar os sêlos nos seus artigos. Assim, evitava-se perca de tempo, simplicando-se os serviços...

N'esta altura um continuo entra com um volumoso envelope da Casa da Moeda.

São facturas de sêlos que aquele estabelecimento do Estado hoje enviava para a Alfandega, na importancia de 32.000 escudos.

As facturas la seguem para a tesouraria, mas segundo opinião do respectivo tesoureiro, são uma pinga de agua no oceano. Trinta e dois mil escudos de estampilhas servirão apenas para alguns dias.

E o director da Alfandega conclue, afirmando novamente:

—O que covem repito, é que cada qual va comprar os estampilhas á Casa da Moeda e as coloque nos seus artigos...

Quem alvitra? Quem reclama?

Presos que desejam seguir para o degredo

Escreve-nos da cadeia do Limoeiro o preso Antonio Carneiro da Silva, em nome de cento e tantos companheiros seus, que se encontram apurados para seguir para Africa, pedindo-nos que intercedamos junto do sr. ministro da justiça para que quanto antes sejam enviados a seu destino. Por mais duma vez teem solicitado pelas vias competentes o deferimento dessa pretenção, mas não tem havido até hoje modo de obter. Estão-se estiolando no Limoeiro e não ha maneira de d'ali os fazer sair.

Pedem para ser enviados a cumprir a sua pena o mais rapidamente possivel.

Ahi fica o apelo, que nos parece dever ser atendido.

ULTIMA HORA

Comissario geral dos abastecimentos

Ao que se diz, um grupo de socios da Associação Comercial de Lisboa, vae pedir a convocação d'uma assemblea geral extraordinaria da referida Associação, para tratar do caso da nomeação do sr. Alvaro de Lacerda para comissario geral dos abastecimentos.

Fundam-se esses socios na circunstancia do nomeado ser, além de director da Associação Comercial, socio da firma Carvoeira Limitada, e socio da casa João Cruz Limitada, da rua do Arco do Bandeira, que se ocupa não só da especialidade de materiaes de construcção, mas ainda de artigos de alimentação.

Colhido pelo comboio

Um desenhador das Obras Publicas ficou com uma perna esfacelada em Algés

Hoje de tarde na estação de Algés, quando em companhia de um amigo pretendia embarcar num comboio para Lisboa Alvaro José de Magalhães, desenhador de 2.ª classe das Obras Publicas, residente na Calçada da Maruja, 28, 3.º D.º teve a infelicidade de ser colhido pelos rodados sofrendo grave fractura da perna direita, seguida de ferida e esfacelamento dos tecidos.

Veio para Lisboa e recebeu do enfermeiro sr. Parreira os primeiros socorros no posto da Cruz Vermelha no Terreiro do Paço, seguindo depois na mesma maca e num automovel da Cruz Vermelha para o hospital de S. José. Ali foi operado, recolhendo em estado grave a uma das enfermarias.

O desastre foi devido ao facto do sr. Magalhães, no meio da atrapalhação de tomar o comboio, ter saltado para uma carruagem quando o comboio ia já em andamento.

Cruzador «Pedro Nunes»

Entrou hoje no Tejo o cruzador auxiliar *Pedro Nunes*, que foi atracar á muralha oeste do Posto de Desinfecção Maritima.

Traz cêrca de 40 militares do C. E. P., tres presos, material de guerra e do avião e o cadaver do desditoso oficial aviador portuguez que ha tempos encontrou a morte na foz do Tamisa, como então noticiámos.

Malas postais

Pelo vapor *Funchal* são ámanhã expedidas malas postais para a Madeira, Açores e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

Ferro-viarios do Vale do Vouga

Ficou hoje definitivamente solucionada a gréve dos ferro-viarios do Vale de Vouga.

Cruzada das Mulheres Portuguesas

Do Consul de Portugal em Gibraltar, sr. V. Nunes Tavares, para auxiliar a Cruzada das Mulheres Portuguesas, recebeu a sua secretaria geral, sr.ª D. Ana de Castro Osorio, a importancia de L—2, que renderam 36$92, pagando desta generosa forma os postais patrioticos dos que a «Cruzada» largamente distribuiu como propaganda na hora gloriosa da paz.

Ecos & Noticias

Magalhães Barros

Para a sua casa na Praia da Rocha, acompanhado de sua esposa e filhos, partiu hoje o nosso prezado amigo e importante industrial sr. Antonio Judice Magalhães Barros.

Negocios escuros

Assucar a 3$20 o quilo

A policia de segurança do Estado esteve esta tarde interrogando Joaquim Miguel Lopes Saramago e Carlos Fernandes, antigo empregado do ministerio das subsistencias, sobre a transmissão de um telegramma que foi apreendido e em que se dizia para um certo comerciante do Porto que tinham conseguido alguns vagons de assucar a 3$20 o quilo e se negociar da venda.

Os jornaes da manhã dizem que são dois importantes comerciantes da nossa praça o que não é verdade, pois apenas se trata de dois intermediarios de varios negocios.

O facto vem confirmar a noticia ha dias dada pela «Capital» de que no Porto se estão fazendo importantes fortunas, vendendo-se ali assucar a 7 escudos.

Poeira da Arcada

Contra actos do governador da Guiné

Deu entrada no ministerio das colonias uma exposição do director do Serviço de agricultura da Guiné, contra alguns actos praticados pelo sr. capitão Guerra, governador daquela provincia.

Conselho de ministros

O conselho de ministros esteve hoje reunido na secretaria das colonias.

Conferencia

O administrador do concelho do Seixal conferenciou com o sr. ministro do comercio acerca do desaçoriamento do rio Judeo.

Noticias da Capital

Carvão apreendido. — O chefe Furtado, da fiscalisação dos impostos, apreendeu hoje, na rua do Arco do Marquez de Alegrete, uma carroça de carvão, que estava a ser vendido clandestinamente. Ordenou o apreensor que esse genero fosse vendido ao publico, o que se fez na rua dos Alamos.

Roubo de lampadas no Eden. — A policia apreendeu hoje 125 lampadas electricas, no valor de 800 escudos das que ha dias foram roubadas no Eden Teatro, como noticiámos.

Um gatuno temivel. — O agente Henrique de Figueiredo prendeu hoje o gatuno de arrombamentos Raul José Marques, o «Raul do Arco do Carvalhão», que conta 32 prisões por furto e alguma condenações. Regressou ha pouco de Loanda onde esteve a cumprir degredo.

A gréve dos electricos

Uma iniciativa interessante — A reunião de hoje do pessoal

Uma comissão de despachantes da alfandega, a quem, como aliás a toda a gente, causa enormes transtornos o que se está passando, resolveu fazer uma representação, na qual, reconhecendo ser de justiça o aumento de preço dos «passes», propõem que estes sejam dados por 140$00 anuaes, ou 70$00 semestraes.

Essa representação tem já elevado numero de assignaturas dos antigos possuidores, d'aqueles que não concordam, nem nunca concordaram com o movimento da minoria tão calorosamente apoiado pela Camara e que originou o presente estado de coisas.

Todos os que subscrevem essa representação dão não só o seu nome, como o numero de assignatura, demonstrando assim bem claramente o que pensam.

Uma das listas para os que quiserem concordar com o alvitre encontra-se na casa Tota, da rua do Ouro.

O pessoal em gréve voltou a reunir esta tarde. Depois de varios oradores terem falado, resolveu-se:

1.º—Não retomar o trabalho, se, no caso de se dar um acordo entre a Camara e a Companhia, se pretender elevar as tarifas além do aumento que já haviam tido;

2.º Caso se tomem medidas de violencia para saírem com os carros para a rua, os conductores não cobrarão os bilhetes dos passageiros, viajando estes de graça, e, em ultimo caso, abandonarão os carros nas ruas;

3.º Se forem presos alguns membros do comité ou das comissões, todo o pessoal, ordeiramente, se irá entregar á prisão.

Foi tambem aprovado o voto de sentimento pela morte do agulheiro Francisco Fiuza.

As resoluções hoje tomadas pelo pessoal são, ao que ele proprio diz, para o caso de contra eles ser empregada a violencia. Estamos convencidos de que tal se não dará, assim como convencidos plenamente estamos de que o pessoal continuará a manter a linha de conducta ordeira e correcta que o tem imposto á consideração e estima do publico.

Como ultima nota diremos que na associação de classe do pessoal dos electricos teem sido recebidas muitas cartas de portadores de «passes», nas quaes concordam com os preços estabelecidos pela Companhia.

Serviço telegrafico da tarde

Retirada de tropas chinezas

PEKIN, 3.—As tropas chinezas que estavam guarnecendo as fronteiras teem retirado.—(Havas.)

Os delegados russos em Londres

LONDRES, 3.—O sr. Lloyd George recusa-se a receber os delegados dos soviets emquanto não se assinar o armisticio com a Polonia.—(Havas.)

Os tumultos no parlamento belga

BRUXELAS, 3.—Os individuos presos pelos ultimos acontecimentos teem sido postos em liberdade.—(Havas.)

As consequencias do movimento operario alemão contra os polacos

DANTZIG, 3.—Manifestando-se um movimento alemão anti-polaco pela recusa dos operarios alemães em descarregarem munições a imprensa alemã diz que esse movimento pode prejudicar os subditos residentes em Dantzig, como se pode ver com a represalia dos polacos em vinverem viveres para aquela cidade.—(Havas.)

O novo presidente do Panamá

PANAMÁ, 3.—Belisario Parras foi nomeado presidente da Republica.—(Havas).

A provincia n'A CAPITAL

COVILHÃ, 2.—Para a Figueira da Foz, acompanhado de sua mãe e irmã D. Lourdes Tarouca, saiu o sr. Antonio Dias Tarouca, comerciante nesta praça, onde goza de gerais simpatias.

—Faleceu o alferes, sr. Neves, cunhado dos srs. Joaquim Fernandes Duarte e sr. Antonio Fernandes Duarte (Parófia).

—Da Belgica, chegou a esta cidade o estudante sr. Amadeu da Silva Leitão, filho do comerciante sr. João Antonio Narciso Leitão.

—Esteve nesta cidade o professor oficial de Covêlos, concelho de Tábua, sr. Aurelio Grilo de Faria, de Castelo Branco.

—Saiu em viagem de negocios para Lisboa e Porto, o sr. João Nunes Garção, industrial d'esta praça.

—Passou no dia 28 do mez findo o 1.º aniversario do passamento da mãe do presidente da Camara, sr. Jose Craveiro Junior.

—Em goso de férias estão entre nós os estudantes Raul Alves da Silva, J. Calheiros, A. Ferrão, José Espiga Pinheiro, Mercedes Correia, Alda Mota, Mario Barata, Alberto Fernandes Braz, Estanislau, F. Braz, Miguel F. Braz e Alberto Ferreira d'Almeida Neto.

TAVIRA, 3.—Uns ciganos envolveram-se em desordem com outros na vizinha povoação, resultando ficar o cigano Francisco «O Rico». Este levou dois tiros na cabeça dando entrada no Hospital Civil em perigo de vida. E' causa da desordem uma questão que datava ha mezes.

Faleceram: a esposa do comerciante sr. Antonio Pereira de Vasconcelos e o sr. Joaquim Marcos Padinha, escrivão da armação de atum Tavirense de 88 anos e irmão do prior aposentado Lucio Flora Martins.

Regressou da capital o sr. Silvestre negociante de automoveis.

COLARES, 3.—Nos proximos dias 14, 15 e 16 celebram-se tradicionaes festas em honra da Virgem da Assumpção, padroeira da freguezia. A comissão promotora está empregando todos os esforços para que as festas sejam o mais brilhantes possiveis.

As missas solenes serão acompanhadas com bela musica de côro e sermão por um dos mais conceituados oradores. O templo ornamentado a capricho. A banda da Armada e a filarmonica da terra durante os tres dias tocam no largo da egreja.

Haverá kermesse, iluminações á moda do Minho etc.

Colares séde da 1.ª região que dá o afamado vinho apreciado em todo o mundo vae pois vestir-se de galas nos proximos festejos.

VISITA A QUARTEIS

O general sr. Pedroso de Lima, comandante geral da guarda republicana, visitou hoje, pelas 10 horas, o quartel de Cabeço de Bola, sendo acompanhado pelo sub-chefe do estado maior major sr. Gilberto Moto, chefe dos serviços de saude capitão sr. Mendonça, chefe dos serviços veterinarios major sr. Costa, engenheiro Prieto d'Oliveira, ajudante de campo capitão Soares e alferes sr. Leote do Rego.

Foi passada revista a 150 praças, sendo depois feitos alguns exercicios tanto a pé como a cavalo.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

A mensagem a Garcia. — Em opusculo, publicou *O Jornal de Seguros* este trabalho de Elbert Hulbard, tradução de Wladimiro, que tão larga retumbancia tem tido na America e em todos os paizes do mundo. E' um incentivo a que o homem produza trabalho inteligente e util, porque, áquele que assim proceder, nunca faltará colocação. O cumprimento do dever deve ser sempre a norma do homem.

Salvaterra de Magos

PORFIRIO NEVES DA SILVA

FALECEU

Maria Gertrudes Silva, seus filhos genro, nora, seus netos e suas irmãs participam a todas as pessoas de suas relações e amisade o falecimento do seu querido e saudoso marido, pai, sogro, avô e cunhado e que o seu funeral terá logar ámanhã, 5 do corrente, pelas 5 horas da tarde, da sua residencia em Salvaterra para o Cemiterio da mesma vila.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3596 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 5 de Agosto de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

O MARTIRIO DE UMA MULHER

No manicomio Conde Ferreira

Uma peregrinação atravez as enfermarias dos homens : : Dos loucos mansos ao pavilhão dos criminosos : :

Lasciate ogni speranza,
: : o voi che intrate : :

O hospital do Conde Ferreira fica afastado do centro populoso do Porto, quasi á beira da estrada da circumvalação. O edificio é isolado cuidadosamente das ruas humildes e tristes que o cercam por um alto muro que lhe encobre toda a perspetiva e sobre o qual se debruçam, a longos espaços, algumas rosas de uma brancura nivea e magoada...

E' um dia doirado e doce de julho este em que o visito. E' por isso tambem um dia de relativa paz para os nervos dos desgraçados que ali vou encontrar. Esta atmosfera leve e transparente, que parece envolver-nos n'uma caricia e gritar-nos que a natureza tem momentos de caridade, é o mais bemdito lenitivo que pode surgir ao torturador sofrimento d'aqueles que se afundaram na noite da razão. Transposto o largo portal do «Conde Ferreira» ergue se, cheia de beleza e de magestade, a figura esculpida em pedra do benemerito ilustre que fundou o hospital e que lhe deu o seu nome.

Depois, poucos métros adeante, olhando de um lado e de outro tufos de verdura dispostos em talhões ajardinados, rasga-se a ampla escadaria que dá ingresso principal ao edificio. Confesso que não declino a minha verdadeira identidade, como creio prejudicial denunciar a minha profissão. Para quê, se vou ao manicomio Conde Ferreira para observar e não para ser observado?

Sou guiado na visita ao hospital, bem como duas pessoas amigas que me acompanham, por um enfermeiro que tem mais de vinte anos de casa.

Depois de visitar a capela, alegre e artistica, de entrar no gabinete do estudo de psichiatria guarnecido de mapas sinopticos onde se indicam as principaes causas da loucura; de descer á cozinha geral, onde noto o mais irrepreensivel asseio e a melhor ordem—começo a minha peregrinação atravez as enfermarias destinadas aos homens.

Os quartos de 1.ª classe estão, n'este momento, quasi totalmente desertos. Quasi todos os doentes passeiam na cerca, aproveitando a doçura da tarde.

Alguns dos quartos de 1.ª classe são mobilados elegantemente, quasi com luxo.

Este facto tem servido de pretexto para aliviar as consciencias dos senhores alienistas ao encarcerarem no manicomio individuos no pleno uso das suas faculdades mentaes... Mas... não desejo precipitar a narrativa dos detalhes da minha visita. Ha de vêr-se como, por mais comodidades, por mais confortos, por mais sumptuosidade de que fossem dotados os aposentos de um hospital de doidos, seria sempre um ambiente maldito de tortura... Ha de vêr-se como todos esses moveis ardilosamente elegantes se devem transformar em coisas macabras, infernaes, quando pela noite adeante o sono é interrompido por queixumes sem nexo, por palavras sem acerto, por gritos estridentes e lancinantes. Ha de ver-se o que é essa *casa de repouso* que os senhores alienistas inventaram para uso alheio e sómente para as infelizes senhoras que podem servir de estorvo a fortunas avultadas ou a vaidades enfatuadas...

Proseigamos, pois, n'esta dolorosa —mais do que nunca—missão de reporter. O resto ha de vêr-se depois...

As palavras dos loucos mansos : : : : : : : : :

Desço á cêrca e principio a entrar em conhecimento aberto com essa extranha multidão de infelizes que formam um mundo tão áparte. Que diversidade de manifestações morbidas e todas mais tristes e impressionantes umas do que as outras! Aquele louco que está fixamente a um recanto do pedaço da cêrca gradeado que se destina aos loucos mansos tem a mania da perseguição. Fala e gesticula constantemente. Não tem um momento de descanço. Responde a insultos que ilusoriamente ouve. Repele agressões que cuida levantarem-se na sua frente. A sua physionomia está horrivelmente congestionada por aquela luta que não conhece tréguas. Agora é um epileptico que se me aproxima. Foi o alcool que o pôz assim, que o transformou naquele farrapo da vida, naquele espectro de gente.

Pede-me, numa voz sumida e quasi em segredo, que diga á mãe que o vá vêr na sexta-feira. E parece-me que, ao pronunciar a palavra mãe, a voz estrangulada pela rouquidão toma uma entonação mais cristalina e suave. Mas a minha atenção prende-se, por largos momentos, a um rapaz de estatura muito elevada, muito magro—duma horrivel magreza—que me pede informações sobre acontecimentos e homens politicos, sobre escritores e artistas, mostrando, a cada palavra, encontrar-se ao corrente do que se passa no mundo exterior onde nós vivemos.

Tem uma cultura fóra do vulgar e o seu espirito, assim como um moribundo que se despede com saudade da vida numa longa agonia, assim se esforça avidamente por fugir das trevas que procuram sepultal-o desde ha treze anos. Contam-me em breves palavras a sua via crucificada. Era estudante do 4.º ano de medicina quando a loucura se lhe manifestou. Acrescentam-me que foi uma mulher com quem vivia que o lançara naquele irremediavel abismo, fazendo-o ingerir uma daquelas bebidas que a boçalidade crê milagrosas para fazer o amor crear raizes. Como disse, o seu espirito chega a atingir uma interessante lucidez; mas, subitamente, a bruma volta, a noite faz-se... Pergunto-lhe:

—Quantos anos tem?

Responde-me com uma grande tristeza:

—Eu sei lá quantos anos tenho já! São tantos, tantos... talvez uns mil e cem anos.

Em seguida, recomeça a falar com a mesma lucidez que já me havia impressionado. Refere-se ao afastamento politico de Afonso Costa, á eloquencia vibrante de Alexandre Braga, critica o ambito dos jornais politicos, interessa-o, emfim, a acção nacional. Mas novamente o seu espirito cae e, á queima-roupa, pergunta-me ainda:

—O senhor acredita em lobishomens?

Como eu lhe responda com um gesto de incredulidade, prosegue vivamente:

—Pois olhe, é por causa de um lobishomem que me encontro assim. Estava no quarto ano de medicina quando numa noite me apareceu. Foi desde então que comecei a sentir este enfraquecimento cerebral...

—Ha-de melhorar—digo, na esperança de o animar.

—Isso sim! Estou aqui ha treze anos e não sinto melhoras nenhumas...

Está proximo um velho, de estatura mediana e reforçada, de longos bigodes brancos, com as guias pendentes á maneira de china. Tem um não sei quê de iluminado no olhar sereno e brando. Crê-se santo e, misturando politica com religião, refere-se principalmente á vida do Brazil cujos estadistas cita com entusiasmo.

Como o interrogue sobre a terra da sua naturalidade, responde vivamente e n'uma expressão acentuada de ofensa:

—Mas... sou de todo o mundo. Se eu sou santo!

Trata todos por *meu amor*, explicando que, como ser superior, divino, deve este tratamento a toda a humanidade, cujos destinos — repete incessantemente — guia e vela.

O conhecimento com os loucos furiosos : : : : :

Ao lado d'este compartimento n'uma outra divisoria fortemente gradeada, passeiam os doidos furiosos. Destaca-se um individuo alto, magro, fisionomia inteligente e uma mobilidade simpatica. Era padre formado em teologia e foi um dos estudantes mais distintos de Coimbra, no seu tempo. Veste uma longa sotaina preta e calça sapatos decotados, de polimento, guarnecidos com grandes e espalhafatosas fivelas. Está tranquilo, quasi alegre. Conta-me a sua historia duma forma muito original:

—Eu estava em casa de meu irmão e pensava, e muito bem, que ninguem tem direito de comer sem trabalhar. Ora, como eu não tinha nada que fazer, antes de almoçar ou de jantar, desarrumava a casa, mudava a posição aos moveis para cumprir a minha missão de trabalho. Mas veiu um dia em que o meu irmão estava muito nervoso e gritou-me: — *Já para o Conde Ferreira. E' já para o Conde Ferreira.* Respondi-lhe que precisava fazer a mala, mas tambem por artes magicas a mala estava feita e á porta um carro e um policia para me levarem. Compreendi então que meu irmão já não era ele; estava sugestionado. Pois se ele estava mais nervoso do que eu! Agora aqui estou.

Ao terminar, continua passeando tranquilamente, ao mesmo tempo que me faz um cumprimento reverente.

No mesmo logar, está outro padre, tambem formado em Coimbra e que foi condiscipulo do primeiro a quem nos referimos. E' acometido de ataques de furia terriveis e, quando assim está, é, sobretudo, contra o seu antigo companheiro de escola que se revolta, agredindo-o tanto quanto póde. O seu olhar despede chispas de odio e de ameaça. Veste o colete de forças, que é ainda completado por solidas peias. Fére-me a atenção o numero de loucos que se encontram com os movimentos tolhidos. Fico por um instante a pensar como é muito mais humanitario o tratamento usado em alguns hospitaes de Inglaterra, da Alemanha, de outros paizes da Europa e ainda da America do Sul, onde o colete de forças é desde alguns anos posto inteiramente de parte e condenado como um inutil suplicio. Recordo-me mesmo que ha cêrca de cinco anos, visitando um hospicio de alienados na America do Sul, me foi indicado um doido criminoso, perigosissimo, que cometera, antes de para ali entrar, nada menos do que cinco terriveis assassinios. Estou a vê-lo passear na grande cêrca que defronta aquele estabelecimento modelar, com o olhar agressivo, parecendo, a todo o momento, querer manifestar-se como um tigre faminto contra todos nós. Os medicos ilustres que me acompanharam nessa visita explicaram-me, então, que aquele temivel alienado estava dominado pela obsessão de matar o diretor do hospital. Pois bem, não obstante tudo isso, ele passeava livremente e sem a tortura do colete de forças! Decorreram cinco anos e não me consta que o eminente alienista, visado por aquela doentia obsessão, tenha sido assasinado. Como é diferente o que se passa por cá!... E' que os nossos alienistas estão tão seriamente preocupados pelo estudo de modalidades ineditas de loucura—na ancia talvez de conquistarem a gloria da construção de um moderno ramo de sciencia—que não tiveram tempo de estudar ainda os tratamentos ultimamente adoptados para aliviar os sofrimentos dos loucos com manifestações conhecidas...

Passamos em seguida ao pavilhão dos loucos criminosos. E' dividido em pequenas celas, que a luz espreita vagamente por uma parede rasgada quasi junto ao tecto. Ali ficam encerrados, durante o dia e a noite, quando os acessos de febre se tornam indomaveis. Observo-os atravez dois buracos feitos nas portas que comunicam com o corredor. Faz calafrios vêr a sua palidez cadaverica, a sua magreza transparente, a sua febricitante excitação. Alguns enroscam-se a um recanto da cela, com os olhos cerrados e o suor a gotejar-lhe pelo fato tornado em farrapos. Faz horror vêr o inferno em que se tornou a sua existencia. Mais do que nunca, ao encarar a cruciante desgraça d'estes desventurados, me lembro da frase com que Dante definiu o irremediavel abismo, o desespero invencivel do *Inferno*:

O' vós que entraes, deixae á porta toda a esperança!

A SEGUIR:

NO MANICOMIO CONDE FERREIRA

Atravez as enfermarias das mulheres —O quarto do suplicio da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho — Os importantes : : depoimentos das enfermeiras : :

Luiz d'Oliveira Guimarães

Para a sua casa do Espinhal, onde vae passar as férias grandes, partiu hoje o distincto aluno da faculdade de direito e nosso presado colega de redacção Luiz d'Oliveira Guimarães.

A sua secção não póde, por esse motivo, continuar a ser diaria, mas Oliveira Guimarães fal-a-ha duas vezes por semana e não ficarão assim os nossos leitores privados dos *Segredos a toda a gente*, que tão apreciados teem sido.

Advertencia importante

Respondendo a reclamações recebidas

Todos os jornaes da tarde e da noite retomaram já o seu antigo pessoal tipografico, podendo, por esse motivo, sair ás suas horas habituaes. «O Seculo» da noite poude mesmo adeantar a sua hora de sahida.

«A Capital», em virtude dos seus operarios se acharem trabalhando no jornal «A Patria» desde 1 de maio, está sendo feita por tipografos na maioria estranhos á classe.

Esta explicação convem que os nossos leitores a tenham presente, afim de reclamarem dos vendedores o nosso jornal, por isso que muitos deles, com o fundamento de que «A Capital» sae mais tarde, se recusam a fazer a sua venda.

Serve tambem esta explicação de resposta ás reclamações que temos recebido de muitos desses leitores.

A proposito desta advertencia, publicou o jornal *A Batalha* a seguinte nota:

A comissão pró-aumento de salarios dos quadros dos jornais de Lisboa pede-nos a publicação do seguinte:

«Tendo saido no jornal *A Capital*, de 28 do corrente, uma nota na qual a empreza do jornal *A Capital* diz que já todos os jornais retomaram o seu antigo pessoal grafico, podendo, por esse motivo, publicar-se ás horas habituais, esta comissão vem declarar que se a empreza de *A Capital* ainda não resolveu o conflito como as restantes empresas, é unica e exclusivamente devido a não ter querido solucionar o conflito gráfico.

O pessoal de *A Capital* continua em greve e aguarda, na sua Associação de Classe, a adesão da empresa de *A Capital* á organização do trabalho e salarios minimos, já em vigor em todos os restantes jornais de Lisboa.

Esta comissão julga conveniente esclarecer o publico e a classe gráfica do motivo porque a empresa de «A Capital» ainda não tem a laborar o seu antigo quadro. Este não se demitiu, como parece depreender-se da nota publicada na «Capital». Encontra-se, como acima dizemos, na sua Associação de Classe aguardando a solução do conflito».

Ora, no dia de 21 maio, publicou «A Capital» o seguinte:

Tendo constado á direcção de «A Capital» que o seu antigo quadro tipografico constituido pelos srs. Miguel Martins, chefe, Manuel e Guilherme do Espirito Santo, linotipistas, Gabriel Duarte, Libanio de Brito, Antonio Pinheiro e Ribeiro Pisco, compositores, estava empregado no jornal «A Patria», que ha-de em breve iniciar a sua publicação, solicitou da direcção desse jornal lhe dissesse se eram ou não verdadeiras as informações que recebera.

A esse pedido respondeu, por parte da direcção da *Patria*, o deputado sr. Antonio Mantas com a seguinte carta:

Sr. Manuel Guimarães dig.mo director d'«A Capital».—Lisboa.—Satisfazendo os desejos de v. manifestados na sua carta de 20 do corrente, cumpre-me declarar-lhe que efectivamente estão em serviço, no jornal *A Patria* os tipografos referidos na carta de v., exceptuando Antonio Pinheiro, mas é meu dever dizer a v. que ainda não está constituido o quadro tipografico e todo o pessoal que trabalha na montagem da tipografia de *A Patria* é a jornal.

Devo tambem dizer a v. que o pessoal que fôr admitido neste jornal não acumulará, com o nosso consentimento, serviços com quaisquer de outros jornais.

De v., etc. —*Antonio Mantas.*

Como esclarecimento, diremos que esta carta foi recebida antes do aparecimento de *A Patria*, a 27 de maio, e que do pessoal que estava trabalhando na montagem desse jornal faziam parte todos os antigos tipografos d'«A Capital», com excepção de um, o sr. Antonio Pinheiro, que está empregado no escritorio da casa Batista & Barbosa, da rua do Poço dos Negros. Esses tipografos ficaram fazendo parte do quadro efectivo da *Patria*.

EM SAN SEBASTIAN

A reunião do conselho da : Sociedade das Nações :

SAN SEBASTIAN, 4.—A sessão publica do Conselho da Sociedade das Nações abriu ás 11 horas. Em face d'um relatorio do sr. Scassis, o Conselho anulou o art. 3.º da resolução de 16 de janeiro de 1920 que atribuia ao governo de la Sarre o encargo da totalidade das despezas feitas pela comissão de delimitação do seu territorio. Por indicação relatada pelo sr. Tittoni, resolveu fazer figurar na ordem do dia de 3 de agosto da primeira assemblea da Sociedade as medidas relativas ao bloco e propoz á assemblea a nomeação duma comissão internacional do bloco a fim de organisar um plano de acção. Em face dum relatorio do sr. Quinones de Leon resolveu convidar os Estados Unidos a colaborar na conferencia internacional para a liberdade de comunicações e transito, e comunicar a todos os governos reconhecidos, a titulo de simples informação, a ordem do dia da conferencia e respetivos documentos. Depois de ouvir o relatorio do sr. Cunha, representante do Brazil, o Conselho decidiu adoptar e submeter á assemblea o projecto de conferencia internacional de higiene relativo ao estabelecimento d'uma repartição internacional de higiene. Mediante relatorio do sr. Leon Bourgeois, resolveu subvencionar a publicação dos documentos relativos a Sociedade das Nações por intermedio da comissão da Universidade internacional de Bruxelas. O conselho reuniu novamente á tarde em sessão reservada no decurso da qual o sr. Eric Brumond leu um relatorio sobre o repatriamento de prisioneiros. Em presença do ministro da Polonia foi em seguida examinada a situação d'este paiz que é considerada ameaçadora em consequencia de n'ele se haver desenvolvido a epidemia do tifo. O sr. Leon Bourgeois comunicou á assemblea os resultados dos trabalhos do comité internacional de jurisconsultos para o estabelecimento d'um tribunal permanente de justiça internacional. — (*Havas*).

A divergencia sobre as ilhas Aland

SAN SEBASTIAN, 4.—A comissão de jurisconsultos encarregada pelo Conselho da Sociedade das Nações, na sua sessão realizada em Londres em 12 de Julho, de lhe dar o seu parecer consultivo sobre as questões de direito suscitadas pela divergencia existente entre a Suecia e a Finlandia a respeito das ilhas Aland, reuniu pela primeira vez na terça-feira. Esta comissão é composta pelos srs. F. Larna de presidente decano da faculdade de direito da Universidade de Paris, professor Struycken conselheiro do Estado na Haia e professor Max Huber conselheiro juridico no Departamento politico de Berne. Nesta primeira reunião foi resolvido que as sessões da comissão se realizariam na Faculdade de direito da Universidade de Paris.—(*Havas*).

O emprego de gazes toxicos e a fiscalisação e trafego d'armas e munições

SAN SEBASTIAN, 4.—Realizou-se a primeira sessão da Comissão consultiva permanente para as questões militares, navais e aéreas, com a presença do general, Fayole, vice-almirante Lacase, e general Dumesnil, representantes da França. Os srs. Quinones de Leon, Leon Bourgeois, general Echague e general Fayole pronunciaram breves discursos, tendo sido inscritas na ordem do dia duas questões importantes: 1.ª o emprego de gazes toxicos como arma de guerra; 2.ª a convenção relativa á fiscalização e trafego de armas e munições. A comissão procedeu á sua organização administrativa que compreenderá 3 sub-comissões, uma militar, outra naval e outra aérea, presididas, respectivamente, durante um mez, pela Bélgica, pelo Brazil e pela Gran-Bretanha.—(*Havas*).

A emigração portugueza

Urge encaminhal-a para as nossas colonias

Não é preciso ir para o Brasil, nem para a America do Norte, para melhorarem de situação os que na metropole não encontram campo vasto á sua actividade e, tendo apenas em perspectiva a miseria, se veem forçados a emigrar. Nas nossas colonias vão eles encontrar uma vida desafogada, o bem estar mesmo, e sem se desnacionalisarem, antes concorrendo para engrandecer o nome portuguez.

E' preciso que isto se diga bem alto, é preciso que de norte a sul se faça uma propaganda intensa para desviar a emigração para as nossas colonias onde ha terrenos fertilissimos, riquezas inexploradas, que apenas esperam a mão do homem para se desentranharem em caudaes de ouro.

Para que isso, porem, se faça, para que se torne uma realidade, forçoso é que se constituam empresas genuinamente portuguesas que facilitem o trabalho a todos que o pretendam. Mas tambem o Estado tem de proteger essas empresas e não as sobrecarregar com impostos e com toda a especie de exigencias, que lhes dificultam a vida e fazem com que os capitaes se retraiam, preferindo conservar-se inactivos nos cofres.

Ha empresas que pagam, não sobre a sua produção, o que seria justo, mas sobre o capital de constituição, o que concorre, como dissemos, para o retraimento de capitais.

E' necessario, é indispensavel que se olhe para a nossa rica colonia de Angola e que não seja egualmente desprezada a formosa e uberrima ilha de S. Tomé, á qual, se faltarem os braços angolenses, definhará.

Em Angola, em Moçambique, em todo o nosso vasto dominio colonial, tem o colono portuguez assegurada largamente a existencia.

E' uma obra de verdadeiro patriotismo o encaminhar para ali os nossos emigrantes.

PELO TELEGRAFO

Aquisição de carvão argentino

SANTIAGO, 3.—A camara votou um credito de 6:625.000 piastras para adquirir 500.000 toneladas de carvão na Argentina.—(*Americana*).

Reconhecimento do Governo da Bolivia

SANTIAGO, 3.—O governo resolveu reconhecer o novo governo boliviano.—(*Americana*).

Pedindo o reconhecimento da Armenia

SANTIAGO, 3.—O representante ramenio na America do Sul pediu ao governo para que reconheça a independencia d'esse paiz.—(*Americana*).

Os espiões peruanos em acção no Chile

SANTIAGO, 3.—As autoridades judiciaes estão ultimando o processo, que promete ser sensacional, por motivo do assalto da população local á Sociedade Operaria «Mundo de Valparaizo», por motivo das continuas greves.

Foram encontrados documentos reveladores de planos aterradores, preparados por espiões peruanos.—(*Americana*).

As dividas da Austria

PARIS, 4.—O sr. Millerand, como ministro do estrangeiros da França e srs. Reisch ministro das finanças da Republica austriaca e Barão d'Erchoff, plenipotenciario austriaco em Paris, assinaram ontem uma convenção fixando e precisando os meios de aplicação pelo que respeita á regularização das divida da Autria cujo prazo de pagamento terminou antes e durante a guerra. Esta convenção será submetida á aprovação do parlamento logo que este reabra.—(*Havas*).

Os delegados otomanos seguem para Constantinopla

PARIS, 4. — Os membros da delegação otomana, Rachid bey, antigo ministro do interior, Munir bey e Schalendin bey, cuja missão em França terminou, deixaram Paris na terça-feira á tarde, seguindo pelo expresso Lorient-Simplon em direção a Veneza donde seguirão por mar para Constantinopla.—(*Havas*).

A publicação do tratado com a Bulgaria

PARIS, 4.—O «Journal Officiel» publica hoje a lei aprovando tratado de paz assinado em Neuilly-sur-Seine em 27 de Novembro de 1919 entre as potencias aliadas e associadas duma parte e a Bulgaria de outra parte e bem assim o protocolo assinado no mesmo dia, actos estes em que a Romenia tomou parte por declaração datada de 9 de dezembro de 1919.—(*Havas*).

Concurso literario de "A Capital"

Concurso de peças teatrais

1.º premio... Esc. 100$00

Nove de Abril, por *Thereza Leitão de Barros* (La Donna Velata)

2.º premio... Esc. 80$00

Corpo e Alma, por *Alfredo Joaquim Gameiro* (Quem tem vagar...)

A'manhã publicaremos os restantes premios e a respectiva acta do juri deste concurso.

Em vez de politica... ...trata-se de escolas

Uma palestra interessante com o deputado Tavares Ferreira

Votadas na Camara dos Deputados as autorisações pedidas pelo sr. Antonio Granjo, a proposta passa hoje pela certa no Senado, sem grandes analises nem viva oposição que o Senado, Camara pacata, velho ambiente da pacatez d'outr'ora não é para ensanchas de grande fôlego...

A politica portanto está n'uma acalmia que até parece a gréve dos electricos, e não dá, feitas as contas, com que encher um linguado.

E porque ha pouco o deputado sr. Tavares Ferreira, ilustre professor da Escola Primaria Superior de Santarem, e uma das creaturas que, dentro da Camara, em mais proficiencia e maior produção tem tratado os assuntos pedagogicos, se abeirasse da nossa mesa de trabalho, lembramo-nos de lhe perguntar o que havia sobre o importantissimo assunto da instrução que podesse dar uma entrevista curiosa, ilucidativa e interessante para *A Capital*. E logo o professor Tavares Ferreira, gentilmente nos expõe as suas opiniões:

—Dizer-lhe simplesmente que as nossas escolas primarias não podem corresponder cabalmente á alta missão que lhes incumbe, seria reproduzir uma banalidade que, á força de repetida, cai já quasi automaticamente de todos os labios.

No entanto, uns dizem-no porque tambem o ouviram dizer outros pelo connecimento restrito das escolas da sua localidade, e mui poucos pelo estudo e apreciação do conjunto, que os habilite a formar juizo seguro e exato. Nem esse intento é facil, atenta a falta de elementos estatisticos, absolutamente indispensaveis.

Quantos professores primarios ha, por exemplo, no nosso paiz? Parece uma pergunta de pronta resposta, não é verdade? Pois não é.

Quiz sabe-lo em fevereiro do ano findo quando fiz parte da comissão encarregada pelo sr. Dr. Domingos Pereira de estudar o aumento dos ordenados.

Ninguem me soube dizer no Ministerio da Instrução. Foi preciso recorrer ás folhas de vencimentos de janeiro d'esse ano para, á custa de muito trabalho, obter esse numero, devidamente descriminado por classes.

O mesmo me sucedeu no tempo do governo da União Sagrada, quando tive de demonstrar ao dr. Afonso Costa que a efectivação dos ordenados estabelecidos na lei 424, não trazia aquele aterrador aumento de despesa que lhe haviam indicado.

Desnecessario se torna salientar os inconvenientes que adveem da falta de uma regular estatistica do nosso ensino primario.

Felizmente, já alguma coisa se começou a fazer para suprir esta lacuna.

A Derecção Geral de Estatistica, reconhecendo a imperiosa necessidade de trabalho de tão capital importancia, publicou ha dias uma interessante estatistica relativa ás nossas escolas primarias no periodo que vai de 1910 a 1915. E' um trabalho valioso e bastante elucidativo a cujos organisadores eu não posso nem quero regatear os merecidos louvores.

Socorrendo-me de numeros fornecidos por essa estatistica e de elementos que n'outras partes tenho colhido, procurarei satisfazer os seus desejos, dando-lhe alguns esclarecimentos, embora resumidos sobre as nossas escolas primarias.

Começarei por dizer-lhe que as reputo *insuficientes* na quantidade e *deficientes* na qualidade. A agravar, e muito, estes dois grandes males ha ainda a sua má distribuição pelo paiz, que tem obedecido menos ás necessidades locais do ensino, que ás influencias politicas, que nada poupam.

— E tem dados certos para essa afirmação?

— Claro, meu caro amigo.

«Não é uma afirmação sem base. E' a conclusão lógica a que arrastam os numeros constantes do seguinte mapa, relativos ao ano de 1915, por ser este o ano em que me foi possivel obter elementos mais exatos e completos:

DISTRITOS	Numero de escolas em 1915	Numero de professores em 1915	Numero de crianças recenseadas	Numero de escolas por 1.000 crianças recenseadas	Numero de alunos por cada professor
Aveiro	374	451	51.162	7,[illegible]3	118
Beja	153	155	26.233	5,83	169
Braga	504	466	36.2[illegible]3	13,89	77
Bragança	442	397	22.486	19,65	56
Castelo Branco	291	287	35.3[illegible]8	8,22	123
Coimbra	408	425	52.238	7,81	122
Evora	142	162	18.9[illegible]6	7,51	116
Faro	158	194	45.093	3,50	23[illegible]
Guarda	569	556	37.666	15,10	67
Leiria	255	238	36.065	7,07	151
Lisboa	412	735	92.848	4,43	126
Portalegre	149	176	19.682	7,57	111
Porto	691	803	104.430	6,61	130
Santarem	347	361	45.[illegible]91	7,69	124
Viana do Castelo	258	266	23.[illegible]70	11,18	86
Vila Rial	474	473	32.573	14,55	68
Vizeu	729	750	58.081	12,55	77
	6.355	6.895	737.2[illegible]5		

«Como vê, é enorme a desigualdade de distrito para distrito, quer no numero de escolas para cada grupo de 1.000 crianças recenseadas, quer no numero de alunos por cada professor, se possivel fosse executar a obrigatoriedade do ensino. Emquanto o distrito de Bragança tem 19, 65 escolas, o de Faro tem apenas 3,50. A seguir a Bragança, como mais beneficiado está o distrito da guarda com 15,10 ao passo que o de Beja acusa somente 5,83. E se não cito em especial o distrito de Lisboa com 4,43, o que é pouco, quasi nada mesmo, é porque o numero de professores compensa até certo ponto a exiguidade do numero de escolas. Em resumo, do exame dos numeros verifica-se que são os distritos do norte que, proporcionalmente, dispõem de maior densidade de escolas. Porque a politica ali tem maior influencia, ou porque as povoações do norte se interessasem mais pelo ensino popular? Talvez uma coisa e outra. Esta desigualdade porém, já é velha. Vem de longe.

Em 1892, por exemplo, emquanto o distrito da Guarda, por cada 1.000 habitantes, possuia 1,49 escolas, e o de Vizeu 1,12, o de Faro apenas tinha 0,51, Braga e Viana 0,64, Lisboa e Santarem 0,68.

Pelos numeros de 1915, constata-se que essa desigualdade se tem mantido atravez dos anos, sendo o distrito de Faro o menos beneficiado.

Mas a palestra já vai longa, e por isso, se o alvitre lhe não desagradar e os seus leitores se não aborrecesem, reservarei para outro dia mais alguns informes sobre o assunto e sobretudo sobre as pessimas condições em que o nosso ensino primario tem de ser exercido.»

E como o sr. Sá Pereira na sua vóz rachada de espanta pardaes começasse lá em cima a fazer a segunda chamada, aquela segunda chamada já agora indispensavel, o sr. Tavares Ferreira retoma o seu *fauteuil*, não sem nos dizer ainda:

—Olhe que é preciso cuidado com o recenceamento das creanças. Os numeros são manifestamente errados pela imperfeição do proprio recenseamento. Mas como lhe digo, mais dia menos dia, voltaremos ao assunto.»

Agradecemos. O leitor que faça o mesmo, que nem sempre é de uso ouvirmos n'este paiz a opinião dos competentes.

Cotações cambial e do café, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 4.—O mercado do café teve ontem pouca animação.

O valor da moeda brazileira, devido ás especulações cambiaes que continuam a manifestar-se sofreu ontem uma leve depressão. As cotações de ontem são: Café tipo 7, 12$800 reis; Cambio sobre Londres, 14 5/8 e 14 3/8; Valor do escudo portuguez, 1.000 reis.—(*Americana*).

«A Liberdade»

Sob este titulo deve aparecer em breve um novo diario, que será dirigido pelo antigo jornalista sr. Victor Falcão.

«A Liberdade» dedicar-se-ha principalmente á apreciação das questões economicas e financeiras.

Banco Colonial Portuguez

Como se resolveu praticamente o grave problema da nossa colonisação africana

Volta novamente á tela da discussão, no Parlamento e nos jornais, a situação d'aquel' outro Portugal que nós conquistámos palmo a palmo no continente africano, cuja área imensa é avantajadamente maior do que a nossa superficie continental.

A Capital primeiro, *O Seculo* depois, e agora o *Diario de Noticias*, levantaram patrioticamente o grito de *alerta* a favôr d'um maior, mais logico e mais productivo desenvolvimento das colonias portuguezes da Africa do Sul, rodeadas por outras mais prosperas e espreitadas, nos seus menores movimentos, pelo espirito imperialista e absorvente da União, hoje simples colósso arreganhando o dente, amanhã, se não tivermos patriotismo e juizo, avalanche que nos ha-de esmagar, com a força avassalante da sua prosperidade e do seu proprio desenvolvimento racico.

De maneira que tudo quanto fizermos a favor de Angola e Moçambique, todo o nosso esforço, toda a nossa acertada administração, nada mais será do que contribuirmos, d'uma maneira rapida e eficaz para resolvermos os mais graves problemas da nossa vida na Metropole, engrandecendo-nos, quer sobre o ponto de vista moral, quer e principalmente sobre o ponto de vista economico.

Cada palmo de terra africano, regado atravez dos seculos e da Historia pelo sangue generoso e bom dos soldados nossos irmãos, desde o sonho luminoso d'Afonso de Albuquerque, á realidade heroica de Mousinho, desde Magul a Marraquéne, até Novalé, toda a Africa portugueza é um vasto campo das nossas glorias passadas, e tem que ser, ha-de ser a base das nossas realidades no presente para que se efectivem, para que se realisem, praticamente fecundas, as nossas esperanças d'um Portugal melhor dentro d'um Portugal maior!

Para isso, deixemo-nos de enfemismos! é necessario dinheiro. Muito dinheiro!

Na guerra, como na paz, os exercitos e os povos, teem uma mola, real — o dinheiro, em libras ou em dolars, em francos ou em escudos.

Mas o dinheiro só por si não vale. Ha que capitalisal-o com talento, canalisando-o depois com aquela habilidade com que nas terras de regadio se canalisam os ribeiros fertilisantes.

Como?

Eis aqui uma pergunta a que o arrojado espirito de bons portuguezes e de bons patriotas respondeu já o mais cabalmente que se podia exigir, creando esse poderoso organismo que se chama o Banco Colonial Portuguez, fundado ha pouco mais de um ano e já hoje prospero, vincando fundo e largo o seu logar e o seu futuro, e abrindo a golpes de audacia e de inteligencia a estrada florida e risonha do nosso maior e mais proficuo desenvolvimento colonial.

O que quere, a que vem, o que visa, este colosso d'uma organisação financeira nas nossas terras d'Africa? A promover o fomento e o progresso economico-financeiro das provincias ultramarinas.

E' todo um programa de vitalisação, é toda uma sadia fonte de progresso, facilitando operações de exportação e importação; estimulando industrias, riquesa fomentando riquesa, rasgando estradas, montando companhias, auxiliando emprezas, desenvolvendo emfim aqueles meios de transportes, maritimos e terrestres, sem os quais os feracissimos terrenos dos nossos planaltos africanos nada de util produziriam para nós.

A creação do Banco Colonial Portuguez representa portanto incontestavelmente um agigantado passo na nossa politica economico colonial, valorisando ao maximo o sólo ubérrimo que ainda hoje possuimos nas terras do continente africano, e que sem esse influxo, sem lhe podermos aproveitar, na rapidez dos transportes, a fertilidade imensa do solo e do sub-solo, pouco ou nada representariam para nós mais do que um estigma, um ferrête de ignominia, á nossa atrazadissima administração colonial.

Depois, outros problemas, e dos mais complicados, giram em volta d'aquilo que é de uso chamar-se o progresso das nossas colonias africanas. Ja nas suas relações com a metropole, já nas suas relações internacionais, principalmente as que se referem á America latina, a dois passos d'Africa, no lado de lá do oceano. Dado isso, todos esses planos, todas essas necessidades, foram devidamente ponderados pelo Banco Colonial Portuguez que traçando com mão firme e experiente o seu vasto plano de acção economico-financeiro, o começou ja pondo em acção, de maneira a vincar a sua situação, no Paiz e nas colonias, como em todos os grandes centros financeiros do mundo, e a crear á volta de si uma aura de confiança que o torna já hoje um dos mais respeitados colossos da finança colonial portugueza.

E d'aqui a pouco, pela sua ação direta, ou pela ação das suas filiaes, espalhadas em toda a Africa Portugueza, o Paiz inteiro tem a certeza de que emfim, começou para o nosso vastissimo imperio Colonial uma nova era do maximo desenvolvimento nas maximas prosperidades.

Foi esta, a obra que, patrioticamente, conseguiu o punhado de portuguezes que a figura culminante de Candido Soto Maior conseguiu agrupar em volta de si, levando a cabo a junção do Banco Colonial Portuguez, a maior, a mais inteligente e a mais proficua das iniciativas realisadas, a bem do futuro de Portugal, que ha-de ter na Africa, n'um curto periodo de tempo, e atraves do Banco Colonial Portuguez, o celeiro das suas necessidades, e a gloria pratica d'uma administração condigna e produtiva.

Os vencimentos do Exercito para os reformados e de reserva

O sr. tenente Correia Mendes dos Reis elucida "A Capital" minuciosamente sobre a justiça dessas reclamações

Entra hoje em discussão na Camara dos Deputados o projecto de lei que se refere aos vencimentos do exercito, e porque a alma d'esse grande movimento de justiça, a alma e a cabeça que tudo previu e tudo tentou remediar que ledo do possivel fosse o sr. tenente-coronel Mendes dos Reis, senador e indigitado ministro da guerra do ministerio Fernandes Costa, espirito de militar disciplinador, e um dos que, no Parlamento e no Exercito, melhor conta tem dado dos assuntos para que chamaram a sua comprovada competencia, tratámos hoje de o procurar para sobre o assunto que vae ser debatido trocarmos aquelas impressões com que pudessemos elucidar o publico.

O sr. tenente-coronel Mendes dos Reis, sempre gentil para com *A Capital*, colocou-se imediatamente ao nosso dispôr:

—Com o maximo prazer, disse o ilustre militar, lhe dou os informes que me pede.

«Em julho do ano passado, apresentei no Senado um projecto de lei, que visava a fazer desaparecer desegualdades injustas existentes nos soldos e gratificações dos oficiaes do Exercito e da Armada, em virtude dos decretos 5.570 e 5.571.

«Pelo meu projeto egualavam-se os soldos dos oficiaes do Exercito e da Armada, egualdade existente na legislação anterior, e equiparavam-se as gratificações de patente dos oficiaes da Armada e dos oficiaes de Engenharia e Artilharia a pé, o que ainda era um beneficio para os oficiaes da Armada.

«De facto, representando as gratificações de patente uma compensação para as diferenças de tempo de curso, e sendo a duração dos cursos dos oficiaes da Armada e dos oficiaes de Engenharia e Artilharia a pé, respetivamente, 4 e 7 anos, é evidente que os oficiaes da Armada ainda ficavam favorecidos.

«Pelo meu projeto ainda se alteravam as gratificações dos oficiaes do Exercito, partindo da base justissima de que o oficial de Engenharia e Artilharia a pé, arregimentado, não deveria ter vencimento inferior ao do oficial da Armada, de egual facto, em terra e em serviço de tropas; e que o mesmo se deveria dar com os oficiaes de Artilharia, Cavalaria e Infantaria, em relação ao oficial de Administração Naval.

Para se avaliar a flagrante desegualdade entre os vencimentos dos oficiaes do Exercito e da Armada, basta citar um exemplo: um alferes de Engenharia, arregimentado, com um curso de sete anos, ganhando o mesmo que o soldado, que ... recebe menos 25 escudos mensaes que um guarda-marinha, com um curso de quatro anos, em terra, ganhando o minimo que pode ganhar!

As equiparações propostas eram unicamente com os oficiaes da Armada, em serviço em terra, porque evidentemente quando embarcados, os seus vencimentos devem ser superiores.

E era tão justa a doutrina do meu projeto, que o Senado o aprovou por unanimidade, incluindo os Senadores que são oficiaes da Armada.

Seguiu o projeto para a Camara dos Deputados, tendo sido dado pela 1.ª vez para ordem do dia tal qual veio do Senado, mas os incidentes que precederam o 1.º interregno parlamentar...

Não tendo porém sido discutido, e reaberto o parlamento, a Comissão de Guerra entendeu e muito bem, que se deveria aproveitar a oportunidade de remodelar por completo todo o decreto 5.570, fazendo cessar os disparates que a sua execução estava dando na pratica, como, por exemplo, o facto anti-disciplinar de haver sargentos ajudantes, 1.ºs e 2.ºs sargentos, que percebiam vencimentos liquidos superiores aos dos alferes das mesmas armas, fazendo serviço nas mesmas unidades.

A Comissão de guerra da camara dos deputados teve a gentileza de me convidar para colaborar n'essa remodelação, que constituiu um trabalho longo e de responsabilidade, e em que, com prazer o digo, encontrei sempre a melhor vontade da parte dos ilustres oficiaes que a compõem, por ex., os srs. general Tomaz Rosa, coroneis Pereira Bastos e Aguas, major Malheiro Reimão, etc, em se apresentar um projecto, que, respeitando as condições de tesouro, melhorasse, ainda que ligeiramente, as condições economicas dos oficiaes, sargentos e mais praças do activo, evitando que os oficiaes e sargentos reformados e da reserva morressem de fome.

Foram introduzidas modificações, melhorando as disposições em vigor, sobre ranchos, fardamentos, ajudas de custo, etc, e com economia para o Estado, tendo-se respeitado aliás toda a doutrina já aprovada no Senado.

As precarias condições das finanças publicas não permitiram porém que o projecto entrasse ha mais tempo em discussão.

As angustiosas e até miseraveis circunstancias que atravessam os oficiaes da reserva e reformados, havendo oficiaes superiores com vencimentos que não atingem 40 escudos — parece incrivel! — pesaram de tal forma no animo da camara, que o projecto foi hoje dado para ordem do dia.

Estou certo que a camara será unanime em aprovar o projecto.

Mas é bom acentuar que não se trata de aumento de vencimentos. Apenas se corrigem anomalias e revoltantes injustiças, que beneficiam, é certo, um pouco os vencimentos dos oficiaes, sargentos e praças, mas... não esqueça dizer-se que esse aumento não é tal, que o alferes não fique ainda ganhando menos do que o carroceiro, não atingindo os seus vencimentos liquidos metade dos invejaveis salarios do sapateiro ou alfaiate.

E é conveniente saber-se tambem que com o aumento proposto os vencimentos dos nossos oficiaes ficam incomparavelmente inferiores aos dos oficiaes das outras nações, taes como a França, Inglaterra, Hespanha, Estados-Unidos e tantas outras, em que um simples alferes ganha mais do que um coronel do Exercito Portuguez!

Continuam, portanto, de pé as aspirações dos oficiaes e sargentos do nosso exercito, de que os seus serviços sejam condignamente recompensados; mas, não podendo esse *desideratum* realisar-se senão com uma justa equiparação dos vencimentos de todo o funcionalismo civil e militar, os oficiaes e sargentos do Exercito terão o patriotismo necessario para aguardar serenamente a hora que a Republica julgue oportuna de devidamente poder remunerar os seus esforços.

Assim falou o sr. tenente-coronel Mendes dos Reis. De esperar é que o Parlamento se não demore na discussão deste projecto que, como acaba de ser pormenorisadamente exposto aos nossos leitores, é tudo quanto ha de mais justo, de mais racional e de mais logico.

Tribunal de defeza social

O caso de Guimarães

Um dos acusados é absolvido, os outros dois postos á disposição do governo

Voltou hoje a reunir este tribunal, sob a presidencia do sr. dr Teixeira Coelho, tendo como vogaes os srs. drs. Felix Horta e Barbosa Viana, para julgamento de Jeronimo de Sousa, secretario geral da Federação de Calçado, couros e peles, Antonio José Pereira «o Ribeirinho», e Domingos da Silva Figueiredo, operarios surradores de Guimarães, todos acusados de quando da gréve dos operarios curtidores e surradores n'aquela cidade terem ali, na rua de Vila Verde, arremessado, em 9 de fevereiro ultimo, uma bomba contra a residencia do industrial Antonio Martins Leite, que recebeu graves ferimentos, tendo ficado morto um seu filho menor e outros dois feridos.

A audiencia abriu ás 13 horas, vendo-se a sala do 1.º districto completamente cheia. Foram tomadas medidas extraordinarias de segurança, confiadas á Guarda Republicana e á policia, tendo sido destacados para o Governo Civil 30 guardas civicos, 4 cabos e 2 chefes, tomando a direcção do serviço o capitão sr. Ferreira.

Na rua o serviço de policia era feito por patrulhas de cavalaria da Guarda Republicana, tendo estado de prevenção no quartel do Carmo forças da mesma guarda para ocorrer a qualquer alteração da ordem que se desse e tendo comparecido na Boa-Hora a informar-se da forma como o serviço estava montado o tenente coronel sr. Liberato Pinto, chefe do Estado Maior da Guarda Republicana.

Aberta a audiencia, o advogado de defeza, sr. dr. Sobral de Campos, requereu para que fossem juntos ao processo dois atestados de comportamento dos reus Antonio José Pereira e Jeronimo de Sousa.

Passou-se depois aos interrogatorios dos réus, os quais negaram terminantemente que tivessem sido os autores do atentado. O escrivão sr. Abilio Magro passou a ler o processo no qual, pelo depoimento de muitas testemunhas, se vê que a bomba encontrada no quintal da residencia do industrial Antonio Martins Leite foi para ali arremessada no dia 8 de fevereiro pelo *Ribeirinho*, de acordo com os restantes.

A explosão não se deu, porém, n'aquela ocasião, mas sim no dia seguinte, quando os filhos do Leite encontraram o explosivo no quintal e com o qual, julgando tratar-se de uma bola de ferro, entraram a brincar.

A leitura do processo dura tres quartos de hora, findo o que começaram a ser ouvidas as testemunhas de defeza, depondo em primeiro logar o Cristiano de Carvalho, importante industrial do Porto, que diz que o processo é um reflexo ainda do reinado da Traulitania. Defende com calor o réu Jeronimo de Sousa, estando convencido de que a bomba pertencia ao Leite que tinha em casa armamentos, assim como outros reacionarios, descrevendo rapidamente o que foi o movimento realista no Norte e no qual o Leite teve grande interferencia.

O sr. Bento da Cruz, segunda testemunha descreveu o que foi a missão do Jeronimo de Sousa, que unicamente foi a Guimarães tratar da questão da gréve dos operarios curtidores, pouco adeantando sobre os restantes réus.

Segue-se-se o sr. José Faria, testemunha do réu «Ribeirinho», que unicamente desmente a testemunha Damião, que no processo figura como tendo ouvido o «Ribeirinho» dizer que ele fôra o autor do atentado. Trata-se de uma testemunha contraditoria e nada mais, que nega as declarações do Damião, que uma vez já foi processado como testemunha falsa.

O antigo chefe da policia de Guimarães sr. Pires, que acompanhou de começo o processo, diz que o Leite lhe confessou ter sido victima de um desastre. A principio ninguem apontou, nem mesmo o Leite, os criminosos, tendo-se procedido a varias diligencias sem resultado, não figurando no processo taes diligencias a principio, o que causa a admiração não só de testemunhas como dos proprios juizes. O sr. Felix Horta é de opinião que no banco dos réus deviam estar outros acusados que figuram no processo e que ali se não encontram, mercê da fórma como tudo foi organisado.

A's 15 horas é suspensa a audiencia, que reabre um quarto de hora depois, afim de depôr Silva Santos, testemunha de defesa do *Ribeirinho*, o qual declara que a testemunha Damião que figura no processo prestou falsas declarações.

O sr. Francisco da Costa, testemunha do reu Domingos Figueiredo, diz que este, quando preso, saiu da prisão por varias vezes para ir jantar com os industriaes e o seu advogado, os quaes lhe prometeram 700 escudos para acusar o *Ribeirinho* e os restantes.

Embriagaram-no por vezes afim de prestar declarações falsas, o que então fez, assignando autos que não representavam a expressão da verdade.

O sr. Ludgero Machado, tambem testemunha do reu Figueiredo, diz que esteve preso por suspeito e que pela meia noite os industriaes o levaram tambem para o Hotel Dalinha, onde lhe deram comida e lhe prometeram dinheiro para denunciar operarios, o que ele não aceitou. Antonio Augusto Aurelio, a ultima testemunha que depõe, é de opinião que os reus não estão implicados no crime de que os acusam, pois a voz publica de Guimarães diz que as bombas pertenciam aos industriaes que d'elas se serviram quando da Traulitania.

Cerca das 16 horas começaram os debates, usando da palavra o sr. dr. Sobral de Campos, que presta homenagem á memoria do falecido presidente do Tribunal Pedro de Matos, saudando, depois, o seu substituto. O orador protesta contra o aparato belico do Tribunal, mostrando não concordar com ele por violento, como não concorda tambem com a violencia popular. O dr. Sobral de Campos passa a analisar demoradamente o processo, apresentando as hipoteses de que o industrial Leite se podia ter servido, para vingar-se, dos operarios em gréve.

Antes de ser proferida a sentença são julgados dois individuos acusados de vadiagem. Um d'eles, de nome Miguel Luiz dos Santos, apresentou-se voluntariamente ao juiz do Tribunal de Defesa Social, para ser condenado e seguir para a Africa, pois não quer ser vadio, mas precisa de comer e não o tem.

O sr. dr. Sobral de Campos chama a atenção para este caso unico e lembra que seja o tribunal que recomende o infeliz á Assistencia Publica, pois não ha o direito de condenar um homem que, lutando com dificuldades, vem entregar-se á prisão.

A' 16,15 minutos os membros do tribunal recolheram para deliberar, voltando á sala tres quartos de hora depois para ser lida a sentença.

Os dois vadios são absolvidos e mandados em paz.

O reu Jeronymo de Souza foi absolvido e os dois restantes condenados a serem postos á disposição do governo. A sentença foi lida no meio do maior silencio, não se tendo dado o menor incidente.

As testemunhas de defeza, e por cada reu, vieram expressamente do Porto e Guimarães, para deporem.

No julgamento de hoje devia tambem responder Manuel Ramos, fabricante de bombas n'uma casa das escadinhas de S. Crispim, onde se deu uma explosão, e autor do atentado dinamitista do Campo de Sant'Ana contra o agente Costa da policia da 1.ª secção de investigação.

O julgamento ficou, porém, transferido para outro dia.

CONFERENCIAS

E' na proxima segunda-feira, ás 16 horas, no teatro Nacional, que o sr. almirante Leote do Rego realiza a sua conferencia patriotica, sob o tema «Rusurgimento Nacional», á qual presidirá o sr. dr. Magalhães Lima.

A CAPITAL no Porto

Encontra-se á venda na tabacaria Africana, rua 31 de Janeiro, e nos seguintes kiosques: Carmo, Hospital, Carlos Alberto, Chiado, Santo André, S. Lazaro, Tiburcio, Pavão, Passos Manuel, Pintasilgo, Marquez de Pombal e Conde Ferreira.

ULTIMA HORA

Nos Deputados

Altos comissarios

Feita a segunda chamada, o sr. presidente declara que vae passar-se á ordem do dia, primeira parte, mas o sr Brito Camacho faz-lhe saber que não ha numero para votações e nesse caso entra-se no antes da ordem.

O sr. Mem Verdial manda para a mesa uma nota de interpelação ao sr. ministro da trabalho sobre a exploração da mina de Santa Suzana pelo Estado e sobre a legalidade de autorisação ministerial dada para pesquisas na região onde se encontra aquela mina.

O sr. Tavares Ferreira chama a atenção do ministro da agricultura para o facto de á camara da Golegã ainda não ter sido enviado assucar, apesar das requisições respetivas já estarem ha muito pagas. Reclama tambem contra o irregular fornecimento de farinhas e diz que na Beira se está já pagando a batata, ainda agora semeada, a cinco e seis escudos a arrôba.

O sr. ministro da agricultura responde-lhe que esses serviços se estão agora regularisando e que em breve tudo isso cessará.

O sr. Tamagnini Barbosa trata da exploração oleicola no norte, principalmente em Bragança.

O sr. dr. Antonio Granjo agradece a informação e promete providenciar.

Entre o sr. presidente do ministerio e dr. José Gonçalves trocam-se depois largas explicações sobre trigos e medidas que dizem respeito á questão dos abastecimentos.

O sr. Eduardo de Souza chama a atenção do governo para um telegrama de *El Sol*, que dá como condemnados á morte tres oficiaes portuguezes. O sr. presidente do ministerio declara que essa noticia decerto não foi transmitida de Portugal, mas que no entanto chamará para o caso a intervenção do seu colega dos extrangeiros. Tambem o sr. Eduardo de Souza se referiu ao aprezamento d'um navio do T. M. E., pelas auctoridades francezas, por trazer contrabando das costas da Italia para as costas hespanholas.

Pode dizer afoitamente que tal noticia carece de fundamento.

Aprova-se agora a acta e lê-se a ultima parte do expediente que demanda votação.

E passa-se á primeira parte da ordem do dia: votação do art 1.º da proposta de lei dos Altos Comissarios.

Aprovada a emenda do senado.

E passa-se ao artigo 2.º.

O sr. Brito Camacho requer que o assunto continue em discussão. A Camara aprova e vão-se aprovando e regeitando emendas, falando sobre o caso varios deputados.

No Senado

Montijo e subsistencias

Desde que o sr. presidente deu por aberta a sessão, o sr. Rodrigues Gaspar tomou conta da palavra e continuou a sua enfiada de argumentos contra a concessão do Montijo. E falou, falou, falou até ás16, 30, hora a que o sr. dr. Antonio Granjo se apresentou no senado e o sr. tenente coronel Mendes dos Reis requereu a urgencia e dispensa do regimento para as autorisações pedidas ao Parlamento pelo sr. Antonio Granjo e hontem votadas nos Deputados.

Sobre ela, sem grandes hostilidades e apenas definindo principios, está falando o sr. dr. Bernardino Machado.

As propostos ficam hoje aprovadas no senado.

A gréve dos electricos

E já lá vão seis dias!

Que nos conste, não se fez hoje *démarche* alguma para a solução deste conflito, que tanto está irritando a opinião publica, sendo gerais as queixas. Quem aproveita com o caso são as empresas de transporte e os antigos carros Salazar, que levam o que muito bem querem e lhes apetece.

Na séde da associação do pessoal voltou este hoje a reunir, tendo falado varios oradores, os quais protestaram contra a camara municipal, acusando-a de a unica responsavel da gréve.

Foi nomeada uma comissão para convidar os seus colegas que se encontram nas bilheteiras e escritorios em Santo Amaro a abandonarem o trabalho.

Na associação continuou hoje a ser recebido grande numero de cartas e bilhetes postais de assinantes de passes concordando com o preço estabelecido pela companhia.

Director tecnico do Arsenal da Marinha

Foram assinados os decretos exonerando de director tecnico do Arsenal de Marinha o capitão de mar e guerra, engenheiro constructor naval sr. Vaz de Carvalho e nomeado para o substituir o capitão de fragata, tambem engenheiro constructor naval, sr. Carvalho Daun e Lorena.

Ministros

O sr. ministro da justiça tem ido todos os dias ao seu gabinete, demorando-se largo tempo a trabalhar em assuntos da sua pasta, principalmente na remodelação da lei do inquilinato.

— O sr. ministro do interior vae ámanhã a Tavira acompanhar sua familia. Conta regressar na segunda feira.

Imprensa Nacional

Como hontem noticiámos, o pessoal da Imprensa Nacional retomou hoje o trabalho, na melhor ordem.

Pelas 5 horas, o director d'esse estabelecimento do Estado, sr. Luiz Derouet, mandava retirar a força que ali se encontrava de guarda, sendo assim atendida uma das reclamações do pessoal, o qual, comtudo, aguarda que até ao dia 15 o assunto fique definitivamente solucionado.

Por causa d'uns baldios

Um homem morto, dois feridos

No logar de Areias, concelho de Alcobaça, por causa d'uns baldios [illegible] rados a Joaquim Vicente, houve antehontem uma grande desordem. Acudiu a guarda republicana, que se viu forçada a dar algumas descargas, do que resultou ficar morto o trabalhador [illegible] dos Santos de 5[illegible], do lugar dos Arciprestes, e ficarem feridos os trabalhadores Izequiel Luiz, de 37 anos, e Joaquim Fernando, de 44, que vieram para Lisboa, dando entrada no hospital de S. José.

O primeiro tem um ferimento feito por bala na perna esquerda e outro produzido por uma paulada na cabeça, recolhendo á enfermaria n.º 4, e o segundo, que entrou na n.º 10, tem um ferimento de bala na cóxa esquerda.

Cruzador "Varese"

O contra almirante italiano e comandante do couraçado *Varese* foram, acompanhados de um 2.º tenente, cumprimentar o sr. ministro da marinha.

Mão d'obra indigena

Foi mandado levantar em Angola um rigoroso inquerito ácerca da fórma como ali se leva a efeito o recrutamento de mão d'obra para S. Tomé e outros pontos, afim de se verificar o que ha de verdade ou de falsidade nas acusações que tem vindo a publico.

Em viagem

Boas novas

LAS PALMAS, 30. — Um sem-fios de bordo do vapor «Mendes Barata» diz que os oficiaes daquele vapor seguem bem e saudam as suas familias, Candido da Silva, João Correia, Leonel de Oliveira, P. e Neto, Camara Sampaio, J. A. Gomes Belo Carvalho, Aprigio Braz, João Silva, Carlos Carvalho, Jorge de Castro, Pedro Spinola, Silva Sanches. — (*Havas*).

Serviço telegrafico da tarde

A «tournée» da companhia do Nacional

RIO DE JANEIRO, 4. — Continuam os sucessos da companhia do Teatro Nacional de Lisboa. Hoje representa-se a «Fedora» com Palmira Bastos na protagonista e ámanha sobe á scena a «Conspiradora» com Luciuda Simões. — (*Americana*).

Tabelas d'armasenagem do Lloyd Brasileiro

RIO DE JANEIRO, 4. — O Lloyd Brasileiro adoptou tabelas de armazenagem identicas ás das outras emprezas. — (*Americana*).

Os navios de guerra cedidos pela Alemanha

CHERBUGO, 4. — Chegou ontem a este porto o 11.º grupo de navios de guerra cedidos pela Alemanha em cumprimento do tratado de paz. Compreende o cruzador «Starteraun» e o torpedeiro «S-130». — (*Havas*).

Principe que viaja

MARSELHA, 4. — De regresso de Paris, partiu no dia 3 para o Extremo Oriente, a bordo do «Armand Behic», o principe Wotochaya Vong Sisondal, filho do rei Cambodge. — (*Havas*).

Estudantes chineses em França

MARSELHA, 4. — A bordo do «Prothos» chegaram a este porto, de passagem para Paris, duzentos estudantes chinezes — (*Havas*).

Anistia na Alemanha

BERLIM, 3. — O Reichstag aprovou o projecto de anistia apresentado pelo bloco governamental. — (*Havas*).

Socego absoluto em Damasco

DAMASCO, 4. — E' completa a calma nesta cidade. Os chefes de bandos imploram de todos os lados a sua submissão. — (*Havas*).

Deputado expulso da Russia

ZURICH, 4. — Um «sem-fios» de Moscou diz que Trotsky ordenou a expulsão, do territorio russo, do deputado socialista Laffont e de sua esposa. — (*Havas*).

Onde estão os plenipotenciarios russos?

VARSOVIA, 3. — O governo e o Estado maior polaco encontram-se sem noticias dos plenipotenciarios que foram encarregados de negociar o armisticio com os representantes dos soviets. — (*Havas*).

ZURICH, 4. — Dizem de Moscou, por um telegrama sem fios, que a delegação polaca realizou a sua primeira entrevista com a delegação sovietista em Baranovisch, tendo os delegados dos soviets declarado que os poderes de que os polacos iam munidos não tinham o valor que fôra convencionado dar-lhes visto que não podiam concluir os preliminares do armisticio.

Em vista disto a delegação polaca pediu que a deixassem regressar á Polonia, o que lhes foi concedido. Hoje á tarde deverá realizar-se em Minsk um novo encontro, desta vez com plenos poderes — (*Havas*).

Mais um atentado terrorista em Hespanha

VALENCIA, 5. — Quando o ex-governador de Barcelona, Maestre Laborde, regressava de passeio em trem com sua esposa e cunhada, um grupo alvejou-os a tiro, matando a cunhada e deixando Laborde e a esposa em estado gravissimo. — (*Havas*).

As idéas do sr. Vandervelde quanto ao socialismo

GENEBRA, 4. — Na ultima sessão do Congresso Socialista, o sr. Vandervelde, ministro da justiça da Belgica e antigo presidente da Internacional antes da guerra, iniciou o debate opondo, duma maneira flagrante, o socialismo realisador dos inglezes ao socialismo destruidor dos russos. Moscou e Londres: duas doutrinas de que o sr. Vandervelde evoca a oposição fundamental. Moscou é o blanquismo insurrecional para o qual o golpe de força deve substituir a insuficiencia da evolução economica, mas a Moscou e ao bolchevismo o sr. Vandervelde opõe Londres, centro de atração do socialismo ocidental com uma classe operaria disciplinada e uma policia consciente da sua missão. Entre estes dois simbolos os socialistas teem que escolher. Como o declarou tambem o sr. Huysmans com a aprovação do sr. Renaudel, é em Londres que o sr. Vandervelde desejaria ver fixar-se a séde da Internacional que, sob a egide do proselitismo inglez, poderia rapidamente agrupar todos os socialistas a quem não cega o bolchevismo. — (*Havas*).

Os franceses na Siria

ALBA, 3. — A situação na Siria é excelente. As tropas francesas foram recebidas com entusiasmo nesta cidade. Ocuparam Homs e Hama, ficando de posse de toda a rede ferro-viaria. — (*Havas*).

Franceses e turcos na Cilicia

BEYROUTH, 3. — A situação na Cilicia melhorou consideravelmente.

As tropas francesas saidas de Adana alcançou uma importante vitoria contra as forças kemalista em Venidje. Os turcos, que possuiam canhões e metralhadoras, combateram rudemente, tendo um batalhão francez a necessidade de dar seis assaltos á baioneta. O inimigo deixou no campo mais de 400 mortos, 600 espingardas e 250 prisioneiros e entre estes, um alemão. Uma coluna franceza chegou a Warsing em 31 de Julho. — (*Havas*).

As resoluções do governo polaco

VARSOVIA, 4. — O governo polaco acolheu com sangue-frio as pretenções dos bolchevistas em tratarem do armisticio e da paz ao mesmo tempo. Considera isso como uma manobra dos soviets tendente a explorar em seu favor os ultimos sucessos militares e impedir a chegada, a tempo do auxilio dos aliados. Os membros do gabinete estão resolvidos a uma resistencia a todo o transe se, nos dias que se seguirem, e estando rotas as negociações para o armisticio, as hostilidades continuam em toda a frente. As forças russas esforçam-se por abrir um corredor por entre as forças polacas, em direção á estação de Varsovia que comunica com o porto de Dantzig onde desembarca o material de guerra enviado pelos aliados á Polonia. — (*Havas*).

O que o governo inglez pensa fazer

LONDRES, 4. — O governo inglez fez saber, por telegrama sem fios, ao governo dos soviets que, em virtude das suas negativas em negociar não sómente o armisticio mas tambem a paz com a Polonia, a idéa d'uma conferencia internacional em Londres para a qual seriam convidados representantes dos soviets, terá de ser posta de parte, visto que, nos termos da ultima nota britanica a paz com a Polonia deve ser a primeira questão a discutir na conferencia de Londres entre polacos e russos com a assistencia dos aliados. — (*Havas*).

Concessões á mancomunidade catalã

MADRID, 5. — O conselho do gabinete resolveu confiar á mancomunidade catalã diversos serviços que se achavam confiados até agora aos conselhos geraes das 4 provincias catalãs. Decidiu tambem suspender a intervenção do jury de Barcelona em diversos delictos sobretudo nos de assassinato e morticinios de caracter social. — (Havas).

Os bolchevistas em Brest-Litovsk

ZURICH, 4. — Um «sem-fios» de Moscou comunica que os bolchevistas se apoderaram de Brest-Listovsk. — (Havas).

Aviador Guilherme Fonseca

O seu funeral

Realisou-se esta tarde o funeral do desditoso aviador Guilherme de Abreu Fonseca, cujo cadaver veiu a bordo do cruzador *Pedro Nunes*, como noticiámos, saindo o feretro do Arsenal de Marinha, sendo colocado o feretro num armão da Guarda Nacional Republicana, coberto com a bandeira nacional. Ladeava-o uma força de praças da aviação maritima, seguindo-se uma outra, para lhe prestar as honras devidas.

Foram oferecidas corôas dos aspirantes de marinha e da Aeronautica Naval.

Estavam representados o sr. Presidente da Republica pelo secretario geral sr. Jayme Athias, o ministro da marinha pelo seu chefe de gabinete, sr. capitão de fragata Carlos Freitas, e no prestito incorporaram-se os srs. general da 1.ª divisão com os seus ajudantes, alferes Boavida, representando o comandante da policia, tenente Cabrita, representando o governador civil, Zeferino da Silva pelo director da policia de segurança do Estado, alferes Otero pelo chefe do estado maior do S. N. R., Liberato Pinto, capitão Mimoso, pelo comandante de infantaria 1, capitão Albuquerque pelos oficiais da policia, 2.º tenente José Simões, representando o almirante sr. Bernardo Mesquita, Eduardo dos Santos pela esquadrilha ligeira «Vasco da Gama».

Tambem estavam quatro oficiaes aviadores representando a esquadrilha de Aviação Republica, muitos oficiaes da Guarda Republicana, do exercito e marinha e uma força de cavalaria da Guarda Republicana.

A's 18 horas o cadaver ficou depositado na estação do Rocio, n'um fourgon armado em camara ardente, para seguir no combóio do norte.

Em San Sebastian

A conferencia da Sociedade das Nações

SAN SEBASTIAN, 4. — A conferencia da Sociedade das Nações na sessão da manhã e da tarde discutiu os seguintes pontos. 1.º obrigações da Sociedade em consequencia do pacto e mandatos. A Sociedade estudará juntamente com os aliados e associados o regimen que deverá dar-se aos mandatos, segundo os territorios. A Sociedade velará pela estricta aplicação do regimen adoptado. 2.º Creação de um tribunal de justiça internacional, encarregando-se dos detalhes d'essa creação em comité dos seguintes jurisconsultos: Dattin, japonez; Altamira, hespanhol; Barilaqua, brasileiro; Descamps, belga; Hagerups, norueguez; Delapedrello, francez; Loder, holandez; Lord Philiprore, inglez; Ricibusatti, italiano; Eli Root, americano; A esse tribunal será agregada uma comissão consultiva permanente, sobre questões navaes, militares e aereas, que será formada por 3 tecnicos de cada estado. — (Havas.)

Quem alvitra? Quem reclama?

Sargêtas que fedem

Pedem-nos os moradores da rua das Prêtas para que chamemos a atenção de quem de direito para o fedôr nauseabundo que deitam as sargêtas daquela rua, mórmente as que ficam em frente d'um talho que ali ha e para onde fazem vazadouro de carnes pôdres.

E' um cheiro pestilencial e um perigo constante para a saude publica.

Aí fica a reclamação, á espera do indispensavel remedio...

VIDA SPORTIVA

Nota do dia

Nos ultimos tempos a natação tem-se desenvolvido no Porto duma forma tão intensa que nos leva a crer que dentro em pouco as lutas travadas entre os portuenses e lisboetas hão-de ser das mais renhidas, das mais interessantes.

Não é raro ver ali inscriptos para qualquer prova trinta ou quarenta concorrentes, dos quaes a grande maioria se apresenta a correr, o que prova que realmente existem e sabem nadar; dizemos isto porque conhecemos bem o nosso meio sportivo para pensarmos que haverá muita gente que julgue que o facto não passe duma «espanholada» para que se pense por cá que o sport nautico no Porto está muito desenvolvido... sem o estar.

Tivemos já varias vezes ocasião de constatar o entusiasmo que no norte existe por tão excelente sport. Para estimulo foram creadas tres categorias de nadadores; achamos isso um optimo meio de chamar ás provas os fracos e os que principiam.

Entre nós não se adoptou ainda esse sistema; razões positivas não as sabemos, mas devemos supor que não serão muito «razoaveis»...

Falando do desenvolvimento da natação do Porto não podemos deixar de frisar que muito tem contribuido para tal o nosso amigo Oliveira Valença, um entusiasta pelos sports nauticos, empreendedor das mais rasgadas iniciativas.

Pinto d'Almeida

Grandes Festas em Villa Franca

Inauguração do campo do Sporting Club Vilafranquense

Vão aparecendo por fóra de Lisboa instalações sportivas tão completas e tão modernas como as melhores da capital. Gabe agora a vez a Vila Franca de Xira, onde a evolução sportiva se chegou a acentuar por tal fórma que a creação d'um campo apropriado se impoz aos espiritos mais progressivos da alegre vila ribatejana. Encontrou o Sporting Club Vilafranquense um presidente de direcção, ao mesmo tempo amigo dedicado, que não descansou emquanto mesmo á custa de esforços e sacrificios proprios, não dotou o seu club com um campo atletico, cuja inauguração se realisa no domingo.

E' brilhante a festa d'essa inaugnração, organisada por esse valioso elemento a que fizemos referencia e que é o antigo *sportman* sr. Julio Cesar dos Santos. Haverá *box*, luta, jogo de pau e dois desafios de *foot-ball* n'um dos quaes o Sporting Club Vilafranquense e o Grupo Bancario de Lisboa disputarão um artistico bronze.

A' noite haverá iluminação, fogo de artificio e outros folguedos populares.

TIRO

A equipe portugueza na olimpiada

Segundo informam os jornaes estrangeiros sabe-se já alguns resultados das provas de tiro de espingarda: em pé 1.º, Dinamarca, com 265 pontos, 2.º, Suecia, com 255; 3.º, Estados Unidos, com 253; 4.º, Italia, com 251; 5.º, França, com 249; 6.º, Noruega, com 242; 7.º, Filandia, com 253; 8.º, Suissa, com 234; 9.º, Africa do Sul, com 242; 7.º, Filandia, com 235; 8.º, Portugal, com 218; 12.º, Belgica, com 217; 13.º, Grecia, com 209; 14.º, Tcheco-Slovaquia, com 203; 15.º, Hespanha, com 200.

Deitados, 1.º, Estados Unidos, com 289 pontos; 2.º, França, com 283; 3.º, Suecia, com 281; 4.º, Suissa, com 280; 5.º, Noruega, com 279; 6.º, Filandia, com 279; 7.º, Hespanha, com 278; 8.º, Italia, com 272; 9.º, Africa do Sul, com 266; 10.º, Tcheco-Slovaquia, com 261; 11.º, Holanda, com 259; 12.º, Dinamarca, com 258; 13.º, Belgica, com 254; 14.º, Portugal, com 246.

ESGRIMA

A equipe nacional partiu hontem para a Belgica

Partiu hontem no comboio da noite em direcção a «Ostende» que depois seguirá para «Anvers», a equipe nacional de esgrima que vae representar Portugal na VII olimpiada.

Na estação encontravam-se bastantes amigos dos esgrimistas estando representado o Comité olimpico Portuguez pelo seu presidente sr. Prestes Salgeiro e Eliseu de Carvarlho.

O actual governador civil sr. Lello Portella tambem acompanhado do seu secretario foi apresentar as suas despedidas aos esgrimistas.

Da equipe apenas Mascarenhas de Menezes Fernando Correia Ruy Mayer não partiram hontem devendo seguir amanhã por mar.

Ciclismo

O programa da União Velocipedica Portugueza

O conselho director da federação ciclista elaborou na sua ultima reunião o programa do corrente ano. A primeira prova efectuar-se-ha no proximo dia 22 do corrente e será a classica de 50 kilometros, para a qual se acha, desde já aberta a inscrição na séde da U. V. P.

Seguir-se-ha uma corrida de 100 kilometros para disputa da «Taça União», ultimamente creada para comemorar o 20.º aniversario da U. V. P. Esta corrida será por «équipes» e a ela podem concorrer todos os clubs filiados.

Pensa ainda a U. V. P. em realisar este ano o campeonato de Portugal em estrada.

Casa Pia Atletico club

Devem iniciar-se brevemente as aulas de esgrima, luta e box deste club. A inscrição está aberta na séde do club, podendo inscrever-se os socios que desejarem cultivar este sports.

Theatros e Cinemas

Noticias velhas

6 de Agosto de 1829

Nasce no Brazil o escritor de teatro Climaco Lobato, auctor dos dramas, «A neta do pescador», «Maria», «O ouro» e as comedias «O diabo», «A mãe d'agua», etc.

6 de Agosto de 1842

Nasce em Lisboa Augusto Cesar Ferreira de Mesquita, traductor e auctor dramatico a quem se deve «O Fidalguinho» (3 actos), no Gynasio e as peças em 1 acto «O portador desta», «Quem o feio ama», «Ver e crer», etc.

6 de Agosto de 1850

Nasce o actor João Machado Pinheiro e Costa, que apesar de nascido em Guimarães, abalou cedo para o Brazil onde alcançou uma posição respeitavel, tendo sucesso das peças «Sinos de Corneville», «Nitouche», «Volta ao mundo», «Pera de Satanaz», etc.

O cartaz de hoje

Nacional, ás 21.30, «A Castro».
Politeama, ás 21,15, «A Labareda».
Trindade, ás 21.15, «Chá e torradas».
Ginasio, ás 21.15, «O A's».
Avenida, ás 21.15, espectaculo variado.
Apolo, ás 21.15, «O Serafim da Graça».
Salão Foz, ás 21 «Variedades».
Olimpia, Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.
Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.
Chantecler, Animatografo e fitas filadas.

Os assaltos de Setubal

Para Setubal, onde vae averiguar do paradeiro de fadendas e outros artigos, no valor de 92 contos, desaparecidos por ocasião dos assaltos aos estabelecimentos, partiu hoje para aquela cidade o agente de investigação Duarte d'Oliveira.

Marinheiros falsamente acusados

Ha mezes, referimo-nos á acusação feita a alguns briosos marinheiros, que «A Situação» dizia partir do cabo Gloria, como bolchevistas. Pois o sr. Gloria, que hontem regressou de Inglaterra a bordo do «Pedro Nunes», da tripulação do qual faz parte, veiu hoje á nossa redacçao declarar que é redondamente falso o que esse jornal disse.

Elmo, o Poderoso

Se o ultimo episodio exibido, intitulado «O incendio», levou ao Salão Central, tudo quanto Lisboa tem de mais distinto, o que a empreza faz exibir amanhã na *matinée*, não só deve atrair uma enorme concorrencia, como vai despertar o maior interesse.

Elmo Lincoln, seu protagonista, com a sua força herculea e as suas belissimas qualidades de actor, dá todo o realce ás principais passagens do seu novo e admiravel trabalho.

Na «matinée» de amanhã apresenta o sensacional programa do Salão Central, a estreia do novo e incomparavel episodio «O rochedo do suplicio».

Antonio José Gomes Netto Ferreira

Faleceu

Confortado com os Santos Sacramentos da Egreja

R. I. P.

Maria Antonia Gomes Netto Ferreira, e seu marido Alvaro Humberto Ferreira, Maria Leonor Antas Barbosa, Emilia Rodrigues Ferreira Santa Barbara, Mariana Barbosa Gomes Netto e seu marido Antonio José Gomes Netto Junior, Florinda Ferreira Anão e seu marido Caetano Bastos Anão, Maria Adelaide Rocha Gomes Netto, Antonio José Barbosa Gomes Netto, João Gomes Netto e sua mulher, Fernando Gomes Netto e sua mulher, José Filippe Gomes Netto e sua mulher, Paulo Gomes Netto, Joaquim José Nunes e sua mulher (ausentes) Belmira Gomes Netto Affonso e seus filhos e genro, Maria dos Anjos Barbosa Corsino e seu marido João Candido Corsino, Cecilia Barbosa Oliveira e seu marido José Caldeira de Oliveira, Manuel Rodrigues Pereira sua mulher e filhas, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações o falecimento do seu adorado filho, bisneto, neto, sobrinho e primo e que o seu funeral sairá da estação do Caes do Sodré amanhã sexta-feira seis de Agosto ás duas horas da tarde para o cemiterio do Alto S. João.

NOTICIAS DA CAPITAL

A cronica do roubo.—Foram presos: Adriano Bernardino, rua de S. Felix, 17, loja, por ter furtado á firma Cayol & C.ª, com escritorio na travessa dos Remolares, 11, seis latas de agua raz no valor de 140 escudos; José Rosa, morador na rua Damasceno Monteiro, 8, r/c., por ter furtado uma pistola automatica no valor de 50 escudos a José dos Santos Dias, morador na rua João do Outeiro, 68, 1.º; Antonio Luiz Brito e José Alexandre de Brito, moradores na rua de S. Gens, 18, 1.º, D., por terem furtado a quantia de 55 escudos a Anibal da Costa, com eles residente.

—Queixaram-se: Carlos Ribeiro da Silva, com armazens no Beco da Galé, n.º 30, de que os gatunos lhe furtaram 111 sacas de linhagem no valor de 200 escudos; Antonio Barreiros, soldado n.º 287 da 1.ª companhia da guarda-fiscal, de que tendo dado, para ser entregue na sua residencia, uma bilha com 30 litros de azeite a um individuo de nome Antonio cuja morada desconhece, este depareceu para parte incerta.

Assalto á mão armada.—Quando Antonio dos Santos, morador na rua de Xabregas, 87, loja, passava na azinhaga da Bica, foi assaltado por dois desconhecidos que tentaram roubal-o, disparando contra ele um tiro, que o feriu. Mas como puxasse por uma pistola de que ia munido, os assaltantes puzeram-se em fuga.

Julgamentos no governo civil.—Acusado de ter carvão sonegado, respondeu hoje João Ferreira de Matos, com armazem na rua Direita de Marvila, 74. Foi absolvido, por falta de provas.

Bicicleta abandonada.—Joaquim de Oliveira, da quinta do Carregal, a Chelas, participou á policia que encontrou abandonada uma bicicleta no valor de 60$00, ignorando a quem pertença.

VIDA PARTIDARIA

Federação Nacional Republicana.—Reuniu a comissão paroquial das Mercês para tratar da fundação do Centro Republicano do 3.º bairro e tomou conhecimento de queixas de varios comerciantes e paroquianos referentes á fórma como a junta está procedendo na distribuição do assucar, sendo nomeada uma comissão para proceder a um inquerito a fim de apurar como os factos se passaram. Na acta foi lançado um voto de louvor á comissão municipal de Lisboa, pela fórma inteligente e criteriosa como tem dirigido os seus trabalhos tendentes a solucionar a carestia da vida para cujo fim a primeira conferencia publica terá logar no proximo domingo 8, na séde social. Antes de terminar os seus trabalhos foi aprovado por aclamação um voto de confiança ao Conselho Central.

TOURADAS

CAMPO PEQUENO.—Ha corridas em que não falham previsões. A de domingo deve ser uma d'elas, porque Alfredo dos Santos, o festejado e promotor, reuniu tais elementos que forçosamente ha de haver no decurso da lide frequentes fases de animação e verdadeiro entusiasmo. Os touros pertencem aos irmãos Robertos, que se teem esmerado no apuramento. Os artistas do pé e do cavalo, portuguezes, são dos mais aplaudidos. Os artistas hespanhois são os afamados novilheiros «Facultades» e Teofilo Guerra acompanhados por «El Indio» bandarilheiro do primeiro.

Alfredo dedica a corrida á classe teatral e convidou a assumir a direcção o popular actor Nascimento Fernandes, que aceitou.

Vai ser distribuido no domingo o numero unico dum jornal dedicado a Alfredo e colaborado por varios aficionados e cronistas taurinos.

A tragedia da rua Barata Salgueiro

Realisou-se hontem o funeral do capitão reformado João José Zilhão, cujo feretro ficou em jazigo de familia no cemiterio dos Prazeres.

Hoje, da egreja do Socorro, sahiu o da sua victima, sr.ª D. Iria Perfeito Sequeira, que foi numerosamente concorrido.

Ecos & Noticias

DOENTES

Tem experimentado sensiveis melhoras a esposa do capitão sr. Paula Pacheco, chefe do gabinete do sr. ministro do interior.

Antonio José Gomes Netto Ferreira

Faleceu

Confortado com os Santos Sacramentos da Egreja

R. I. P.

A firma J. A. Ferreira & C.ª e Ct.ª cumpre o triste dever de participar aos seus amigos o falecimento do menino Antonio José Gomes Netto Ferreira, filho unico do seu consocio Alvaro Ferreira, cujo funeral se realisará amanhã seis do corrente as 2 horas da tarde da estação do Caes Sodré para o cemiterio do Alto S. João.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3597 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sexta-feira, 6 de Agosto de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

O futuro de Portugal

O sr. Bento Carqueja, distinto professor da Universidade portuense e director do *Comercio do Porto*, acaba de publicar em segunda edição *O futuro de Portugal*, em que estuda as causas da nossa má situação economica e financeira e em que preconisa os remedios que em sua opinião devem tomar-se.

E' o sr. Bento Carqueja um economista distinto, como exuberantemente o tem demonstrado na regencia da sua cadeira e nas suas obras anteriores, e não fala com paixão de politico, o que lhe dá uma grande autoridade.

De entre os capitulos do livro destacamos o que se refere ás colonias, porque, neste momento, o problema colonial é para nós um dos mais importantes. O sr. Bento Carqueja o diz: a situação é grave, mas não é insoluvel. Que todos nós trabalhemos pelo engrandecimento da Patria.

Diz *O futuro de Portugal*:

Como coroação do edificio da nossa rehabilitação nacional, aparece o problema colonial, complexo nas suas irradiações e emaranhado de perigos, a surgirem de todos os lados.

Respeitaveis e incontroversos como são os nossos direitos seculares, a ancia da dominação, que devora algumas nações europeias, exige, todavia, que multipliquemos a afirmação d'esses direitos, pela utilisação, o mais ampla possivel, dos valiosos recursos que se nos deparam por toda a parte e que poderiam constituir preciosos elementos da nossa rehabilitação financeira, se os houvessemos sabido aproveitar, ha muitos anos.

E' cheia de ardis, recheiada de artificios a politica colonial de outras nações; por isso, carecemos de munir-nos da mais vigilante atenção e do criterio mais seguro, para nos precavermos contra as surprezas que nos ameaçam de todos os lados. Por muito concludentemente que, para vergonha do nosso tempo, possa fazer-se pesar o direito da força sobre a força do direito, não será facil abafar a voz da consciencia universal, desde que Portugal demonstre sincero e arreigado empenho de levar aos seus vastos dominios coloniaes a luz da civilisação e os elementos de progresso indispensaveis para abrir novas terras á expansão dos productos do velho mundo.

Estadistas e publicistas teem tentado dar como liquidada a nossa situação de povo colonial.

Pois bem; afirmemos categoricamente, perante o mundo, que não se extinguiriam, com o volver dos tempos, as energias da nossa raça e que soubemos compensar por iniciativas proficuas e civilisadoras os rasgos de heroicidade que outr'ora foram signaes da nossa presença e afirmação do nosso poderio.

O nosso tino administrativo ha-de demonstrar-se no modo como estreitarmos as relações mercantis entre as colonias e a metropole, especialmente pela intensificação de carreiras de navegação nacional; na forma como utilisarmos os abundantissimos artigos da nossa producção colonial; na maneira como crearmos os elementos indispensaveis para a exploração dos mais valiosos territorios; emfim, no plano de administração que adoptarmos, para realisar obra essencialmente benefica e de efeitos positivamente praticos e reaes. O que temos feito, até agora, e que não pouco dinheiro tem custado, não corresponde ao que nos cumpre empreender.

A exportação do continente e ilhas para as nossas colonias não passou de 7:860 contos, em 1915, e o que de lá recebemos não foi além de 3:980 contos. E' muito pouco. Para Angola exportamos 4:000 contos, sendo certo que deveriamos ter ali mercado para dez vezes esse valor.

Nesses 4:000 contos entraram 1:138 contos de tecidos de algodão, indicador suficiente do largo campo aberto á nossa industria algodoeira. Para Moçambique mandamos apenas 1:311 contos e muito maior deveria ser a capacidade da colocação de productos da metropole.

Não trepidem os governos um momento na implantação dos meios necessarios ao engrandecimento dos diversos ramos da administração colonial. Não se deixem enlevar por espetaculosos planos e por ambições desmedidas; realizem obra pensada, obra sinceramente patriotica. O futuro demonstrará que, em pleno seculo XX, não se risca do mapa das colonias um povo, que outr'ora soube antecipar-se aos outros povos na conquista do mundo.

Esse povo não é diverso do que foi; não o inutilisaram causas morbidas; não se modificou este ridente meio em que ele foi creado. O povo é o mesmo; a raça tem o mesmo natural vigor; só a errada orientação da administração publica tem contribuido para que as obras dessa raça não tenham correspondido aos grandes predicados d'ela, ás suas incontestaveis e preciosissimas aptidões.

Convençamo-nos d'isto.

E, desde o problema politico e o problema social, até ao problema financeiro, ao problema economico, ao problema colonial, desprendamo-nos das velhas praticas, interessemo-nos pela marcha dos negocios publicos e contribuamos todos, no campo especial em que mais proficuamente possa exercer-se a actividade de cada um, para que o futuro da nossa Patria represente a solução das multiplas dificuldades presentes e constitua a segurança de um grande e solido futuro.

Com essa contribuição colectiva, com esse empenho sincero na salvação comum, havemos, positivamente, de restaurar riquezas perdidas pela nossa indiferença. D'essa forma, renovaremos tambem as melhores tradições da nossa nacionalidade; defenderemos o brio de nós todos, a honra e o bom nome da nossa Patria.

A situação actual é delicadissima, na verdade; mas não é insoluvel.

Tenhamos fé no futuro de Portugal!

POLITICA

A vida do governo — Votações que desanuviam o horisonte — A "tragedia" dos Altos Comissarios — Indigitam-se nomes — Eliminações e consequencias — Freire de Andrade ou Leote do Rego? — A ordem do dia para hoje — Um "bluff" irrespeitoso — Ha uma coisa que não falha: a falta de numero — Rectificação indispensavel

Com a votação das autorisações pedidas pelo sr. dr. Antonio Granjo e a aprovação da proposta dos Altos Comissarios, a politica entrou n'uma fase de relativa acalmia, visto que parlamentarmente já não ha agora possibilidade de lhe bulir. E como impreterivelmente o Parlamento fechará no proximo dia 15, o governo do sr. dr. Antonio Granjo manter-se-ha no poder até á reabertura de outubro que uns dão para 10, outros para 15, mas que talvez nem mesmo o governo a tenha fixado ainda. Isso pouco importa. Quanto á nomeação dos Altos Comissarios anda ahi uma intriga de deitar abaixo o Carmo e a Trindade.

Já o dissemos ha bastante tempo: o sr. Norton de Matos aceita; o sr. Alvaro de Castro regeita.

Ha portanto uma unica nomeação a fazer que não se podendo pensar no sr. dr. Afonso Costa senão por *blague*, nem no sr. dr. Brito Camacho senão por pirraça inaceitavel, ha que olhar em volta na chusma de pretendentes, uns que de facto o são, e outros que apenas o são nos bons desejos dos amigos e... dos inimigos. Quem são porém os pretendentes? Ha nomes que se citam. Com probabilidade ou sem ela, citam-se, e estão n'este caso os srs. Antonio da Fonseca, Ferreira Diniz e Sá Cardoso do partido reconstituinte; Ferreira da Rocha, Freire de Andrade e Augusto de Vasconcelos, do partido liberal; Leote do Rego, independente; Domingos Pereira, Herculano Galhardo e Amaral Reis do partido democratico. Parece que só o partido popular os não tem, de braço dado com o partido socialista, se bem que já ouvissemos a alguem a opinião de que não seria mal aceita pelo governo a nomeação do sr. dr. Julio Martins, e n'este caso o plano seria este.

Analisemos porém as possibilidades dos indigitados. O sr. Antonio da Fonseca tem a mais formal oposição de todos os partidos e até da maioria dos seus correlegionarios. Ferreira Diniz, colonial distinto e demasiadamente modesto para fazer sombra. Sá Cardoso só o ouvimos lançado por alguns correlegionarios, e não o acreditamos viavel nem mesmo assim. Já basta que o tivessem feito presidente da Camara dos Deputados onde as suas faculdades de dirigente teem fracassado estrondosamente. N'esta mesma situação se encontra o sr. Augusto de Vasconcelos que tem ainda por cima ás costas a carrapata do arrôz. O sr. Ferreira da Rocha é actualmente ministro das Colonias e está por esse facto fóra de combate. Herculano Galhardo não aceita. Amaral Reis tem uma forte oposição. De maneira que n'este momento ha tres nomes para os quaes convergem as atenções de alguem que com o assunto se preocupa: Domingos Pereira, Leote do Rego e Freire de Andrade. Sendo quasi certo que o sr. dr. Domingos Pereira, ao ser convidado, responderá negativamente, restam os srs. Leote do Rego e Freire de Andrade, o primeiro com mais probabilidades politicas; o segundo com mais possibilidades oficiais.

E' isto o que, agora e extra-oficialmente conseguimos apurar por entre a indiscreção de amigos e más vontades de inimigos. O que podemos porém assegurar é que a negativa do sr. dr. Alvaro de Castro trouxe ao governo embaraços e arrelias, escangalhando principalmente um *arranginho* de politica partidaria que andava na forja e que os amigos do «leader» reconstituinte puzeram em fóco perante as possiveis hesitações do Chefe...

Et voilá!

* * *

Estamos quasi no fim desta 2.ª prorogação de sessão legislativa. Temos apenas meia duzia de dias uteis, que o mesmo é que dizer — escassos minutos na vida parlamentar. Não se pode dizer que o Parlamento tenha trabalhado bem, e curioso seria fazer-se uma estatistica das sessões perdidas por falta de numero, das horas preciosas que essa falta de numero desperdiçou das sessões que se realisaram e ainda daquelas que foram levadas na voragem das discussões politicas.

Mas porque isso não é coisa facil de organisar, saiba o leitor que estão marcadas para a ordem do dia de hoje — não ha «bluff» mais irrespeitoso! — vinte e tres propostas e projectos de lei — «vinte e tres»! — quasi todos ali encaixados com urgencia e dispensa de regimento. Ora de tres uma: ou esses projectos se não votam, ou se votam de afogadilho ou ha que fazer mais uma prorogação de dois meses. Mas descancem os leitores que não ha motivos para sustos. Ha oito meses está na ordem o projecto dos milicianos, já duas vezes foi ministro da guerra o sr. Helder Ribeiro e o projecto ainda não sofreu alteração de maior, graças a Deus..

Pois é verdade — vinte e tres projectos!

Ei-los aqui por sua ordem:

1.ª parte

Parecer n.º 135 — que altera as tabelas n.ºs 1, 2 e 4 do decreto n.º 5570 estabelecendo os vencimentos dos oficiaes na situação de reserva ou reformados, chamados á efectividade.

Projecto de lei — que interpreta o n.º 4 do art. 26 da lei 968 de 10 de maio de 1920.

Proposta de lei — que abre um credito especial a favor do ministerio do interior de 511.900$ como «despesas extraordinarias com a manutenção de ordem publica».

Proposta de lei — que abre a favor do ministerio do interior um credito especial de 50.000$ para despesa com a alimentação dos presos civis.

Parecer 535 — que altera o artigo 13 da Constituição.

Parecer 422 (c) — relativo ao orçamento do ministerio do comercio.

Parecer 422 (d) — relativo ao orçamento do ministerio do trabalho.

Parecer 144 — que estabelece a situação dos oficiaes milicianos.

Parecer 198 — que manda regressar ao serviço activo os oficiaes do extinto corpo de capelães militares.

Parecer 59 — que concede á junta geral do Funchal a faculdade de conceder o exclusivo do jogo ao archipelago da Madeira.

2.ª parte

Parecer 537 — que altera a lei n.º 903 sobre subsidios parlamentares.

Parecer 194 — que estabelece um quadro transitorio de adventicios do trafego da Alfandega de Lisboa e de escripturarios das Alfandegas.

Parecer 389 — que modifica o Codigo do Registo Predial.

Parecer 455 — que abre um credito especial de 7.600$00 para reforçar a verba da rubrica «Institutos federados á Provedoria, subsidios, pensões e outras despesas da Assistencia Publica, do art. 29.º cap. 13 do orçamento do ministerio do trabalho para 1919 1920.

Parecer 473 — que manda desligar do quadro os empregados da Direcção Geral e do quadro geral das Alfandegas quando requisitados pelo Governo para exercerem qualquer comissão de serviço publico.

Parecer 400 — emendas do Senado que reintegra no Corpo de Fiscalisação dos Impostos, como fiscal, o revolucionario civil Antonio Augusto Baptista.

Parecer 157 — emendas do Senado que considera variante da estrada de 4.ª ordem n.º 78 de Lagos a Vila Real de Santo Antonio as estradas de 3.ª ordem de Albufeira a Pera, e de Albufeira a Mar Tereda.

Parecer 471 — emendas do Senado que concede á Camara Municipal de Ponta Delgada isenção de direitos para o serviço de agua e luz electrica.

Parecer 333 — que cede á Camara Municipal de Portalegre o convento de Santa Uara.

Parecer 274 — emenda do Senado sobre nomeação de professores de escolas particulares convertidas em oficiais.

Prrecer 204 — que restabelece o Tribunal do Comercio do Porto, nos termos da legislação anterior ao decreto de 26 de maio de 1911.

Parecer 428 — que autorisa a nomeação do quadro da Direcção Geral das Contribuções e Impostos dos individuos que á data do decreto de 26 de maio de 1911 estavam habilitados com o ultimo concurso para aspirante de fazenda.

Juramos *in fidei chronistae* que é copia textual da ordem do dia marcada para hoje!

Tudo isto hoje! Que admiravel *bluff* no jogo do *Pocker*...

Mas em compensação são duas horas da tarde, a sessão já devia estar a funcionar á uma hora e ainda não ha na sala numero suficiente para o fazer.

Assim mesmo e que é. As vidas estão curtas e emquanto o pau vai e vem folgam as costas.

Ora pois...

* * *

Hontem, na nossa entrevista sobre oficiais reformados, saíu tenente *Correia* Mendes dos Reis quando haviamos escrito *tenente coronel* Mendes dos Reis. Erros da revisão de que só é culpado esta canicula somnolenta que tudo espapaça em unturas de manteiga falsificada. Que nol-o desculpe o nosso presado amigo sr. tenente coronel Mendes dos Reis a quem hoje gostosamente restabelecemos o devido posto.

O MARTIRIO D'UMA MULHER

Iniciou hontem *A Capital* a publicação d'esta sensacional descripção d'um dos casos que ultimamente mais tem apaixonado a opinião publica, por os seus protagonistas serem bem conhecidos.

Como já dissemos, apoz umas ligeiras notas de reportagem, será a propria victima que fará a sua defesa e ninguem melhor do que ela poderia descrever, com verdade, com emoção, os horrores do seu internamento n'uma casa de doidos, ela que está no pleno goso das suas faculdades e a quem o unico crime que póde ser imputado é o de não ter sido, como tantas outras, hipocrita e ter confessado bem alto, de fronte erguida, o amor que se lhe senhoreou do coração, não se lembrando de que em volta da sua fortuna teceriam as intrigas que a fizeram arrojar para um manicomio.

A SEGUIR:

NO MANICOMIO CONDE FERREIRA

Atravez as enfermarias das mulheres — O quarto do suplicio da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho — Os importantes : : depoimentos das enfermeiras : :

EM SAN SEBASTIAN

A reunião do Conselho da : Sociedade das Nações :

S. SEBASTIAN, 5. — Na sessão do Conselho da Sociedade das Nações realizada na quarta feira de manhã o sr. Leymans, representante da Belgica, apresentou ao Conselho o relatorio sobre as obrigações que incumbem á Sociedade no que respeita aos mandatos coloniais. Na sessão da tarde o sr. Leon Bourgeois, encarregado da preparação da conferencia internacional a realizar em Bruxelas, apresentou o relatorio respectivo, cujas conclusões foram aprovadas por unanimidade. O sr. Adard, presidente da referida conferencia financeira, fez saber por telegrama que estava de acordo com o sr. Bourgeois na generalidade das propostas do relatorio. A Conferencia financeira deverá reunir em Bruxelas em 24 de Setembro. E' possivel que nessa data o Conselho supremo não possa fazer conhecer ao comité de organização da Conferencia os resultados das negociações que tem havido entre os aliados e a Alemanha com respeito á indemnização de guerra e ás modalidades do convite a tomar parte nessa Confrencia que será dirigido á Alemanha e aos outros três Estados inimigos. O Conselho salienta, pois, que somente as questões designadas para ordem do dia da Conferencia poderão ser postas em discussão, tendo o présidente da Conferencia recebido do Conselho da Sociedade das Nações o encargo de manter fora de qualquer deliberação todas as questões atualmente em discussão entre os aliados e a Alemanha.

A comissão de reparações será convidada a enviar um seu delegado com o fim de tomar nota para o que julgar conveniente, das deliberações tomadas pela Conferencia. A ordem do dia da Conferencia financeira foi provisoriamente fixada, podendo já indicar-se por uma forma geral: Depois da sessão de abertura, abordar-se-ha imediatamente o estudo da situação financeira e economica de cada paiz, devendo os delegados de cada Estado representado na Conferencia enviar uma exposição definindo a situação financeira do seu paiz contendo informações sobre orçamento, divida interna e externa, circulação fiduciaria, cambio, etc. Estes trabalhos deverão ser acompanhados duma breve exposição oral. Depois do exame dessas exposições, o qual durará 2 ou 3 dias, a Conferencia ocupar-se-ha do estudo dos problemas essenciais da politica financeira e apreciará sucessivamente a questão das finanças publicas, a da moeda, a do cambio, e a do comercio internacional.

Depois duns dias de discussão a Conferencia encarregará um comité de redação de preparar os projectos de resoluções resumindo os principios essenciais aprovados pela Conferencia. A ultima parte da Conferencia consistirá em examinar os projectos de ação internacional apresentados e estudar os meios a empregar para facilitar o comercio internacional e assentar na possibilidade de emprestimos internacionais.

Alem destes vastos problemas, os delegados reunirão em comités especiais para estudarem um certo numero de questões de ordem tecnica, como sejam a organisação e comparação dos elementos economicos fornecidos por todos os paizes. — (*Havas*).

Universidade de Lisboa

Exames de Estado

Concluiram o exame final de Estado para o magisterio liceal na E. N. Superior da Universidade de Lisboa, tendo ficado aprovados, entre outros, os srs. drs. Manoel Gamito, Agostinho de Paiva, Ferraz, Leitão de Barros, Anacleto e as bachareis sr.as D. Maria Luiza Lami, D. Josefina de Noronha, D. Sebastiana Quintanilha e D. Margarida Tocha.

As teses dos candidatos versavam, conforme o regulamento, sobre assuntos originais de ordem didática. A do sr. Leitão de Barros versava sobre «Historia da arte».

Dr. Magalhães Lima

A imponente festa de depois de ámanhã na Sociedade de Geografia

Tudo faz prever que seja uma festa imponente e invulgar a que a Associação dos Trabalhadores da Imprensa realisa depois de amanhã na Sala *Portugal* da Sociedade de Geografia, pelas 13,30 prefixas, por motivo do seu 16.º aniversario, e que este ano é dedicada ao decano dos jornalistas portugueses sr. dr. Magalhães Lima, cujo retrato, um belo trabalho do nosso camarada da imprensa sr. Franco, será descerrado pelo chefe do Estado. O elogio do dr. Magalhães Lima é feito pela nossa querida colega sr.ª D. Virginia Quaresma, realisando-se em seguida uma *matinée* de arte com artistas e corpos coraes de todos os teatros de Lisboa.

O ilustre maestro sr. Luiz Filgueiras prestou-se tambem gentilmente a colaborar na festa, regendo a orquestra do teatro da Trindade.

A Camara Municipal cedeu plantas de estufa e flores para ornamentação da tribuna presidencial cujo logar de honra é ocupado pelo Chefe do Estado, membros do governo, Camara Municipal, Governador Civil e outras entidades oficiaes. A guarda de honra ao sr. Presidente da Republica é feita por uma força de infanteria, do comando de um capitão, com banda, da G. N. R. Pelas escadarias da Sociedade de Geografia formam, abrindo alas, praças de cavalaria da mesma guarda.

O sr. ministro da Marinha prometeu tambem o seu concurso no sentido de que a banda da Armada execute varios trechos durante a festa.

A companhia do teatro Nacional faz-se representar pelo distinto ator Augusto de Melo, que recitará varias poesias.

Mercedes Blasco, a graciosa *divette* e escriptora, fará canções nacionaes, e Auzenda de Oliveira, gentil e graciosa, cantará a valsa da *Duqueza do Ball Tabarin*.

PELO TELEGRAFO

Um banquete ao sr. dr. Epitacio Pessoa

RIO DE JANEIRO, 5. — O comercio oferece no proximo dia 14 um grande banquete ao Presidente da Republica, dr. Epitacio Pessoa e a sua familia. — (*Americana*).

A «tournée» do Nacional

RIO DE JANEIRO, 4. — A companhia do Teatro Nacional de Lisboa, leva hoje á scena o *Hamlet*. — (*Americana*).

Cotação do café, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 5. — Continua pouco animado o mercado do café. A cotação de ontem foi, café, tipo 7, 12.600 reis. Cambio sobre Londres para compra 14, para venda, 14 1/8. Valor do escudo português, 1020 reis. — (*Americana*).

Azeite que se some

Descaminho de direitos e do proprio genero

A direcção geral dos impostos e contribuições teve conhecimento do descaminho, em Evora, dos direitos de 22.500 litros de azeite, pertencentes ao proprietario d'aquela cidade sr. Manoel da Mota Capitão.

Nomeados os chefes fiscaes srs. José Caetano d'Assis Espada e Domingos Olimpo Abreu para averiguarem o caso, para ali partiram, tratando de proceder a investigações, no que foram eficazmente auxiliados pelo administrador do concelho e presidente da camara municipal, sr. dr. Espadinha, já o mesmo não sucedendo da parte do secretario geral do governo civil, que opoz todas as dificuldades e obstaculos á missão de que os zelosos funcionarios iam encarregados.

Apesar de todas as dificuldades conseguiram eles apurar que não só os direitos tinham sido descaminhados, como o proprio azeite, á excepção de 348 litros, que vieram para Lisboa, para a Empreza Val do Rio, se sumiu. Para onde? Não se sabe.

Ficou instaurado o respectivo processo e o sr. Mota Capitão terá de explicar o destino que deu ao azeite. Pelos resultados obtidos são dignos de elogio os funcionarios encarregados das diligencias e que mais uma vez demonstraram a sua competencia.

Concurso literario de "A Capital"

Concurso de peças teatrais

1.º premio... Esc. 100$00
Nove de Abril, por *Thereza Leitão de Barros* (La Donna Velata)

2.º premio... Esc. 80$00
Corpo e Alma, por *Alfredo Joaquim Gameiro* (Quem tem vagar...)

3.º premio... Esc. 50$00
O Degredado, por *Antonio Correia Pinto d'Almeida* (Antonio Amargo)

4.º premio... Esc. 20$00
Alma Antiga, por *D. Maria Fernanda da Costa e Quadros* (Que o amor de Portugal E' simples, quasi sem historia...)

Concurso de romances

1.º premio... Esc. 120$00
Maria Abeirola, por *Raimundo Esteves* (João Peregrino)

1.ª menção honrosa... (Publicação)
Historia muy simples duma vida muy curta, por *Emilio Salgueiro* (Marco de Santelmo)

Relembremos. Em 1 d'outubro do ano passado, *A Capital* organisou e lançou a ideia dum concurso literario entre os novos que causou, podemos garantir e orgulhar-nos, grande entusiasmo entre os jovens escritores da nossa terra.

Já dissemos um dia.

Os concursos d'este genero — quasi ineditos em Portugal — teem por fim estimular os que tendo condições inatas, vivem atropelados pelos mais ousados, pelos mais bafejados da sorte. Levantar o nivel literario, interessar a parte desconhecida do paiz, revelar nomes ocultos ou por uma excessiva modestia ou por uma indiferença criminosa é uma obra que se impõe á imprensa.

Certamente que não era de esperar num concurso com a liberdade e amplitude do que a *Capital* organisou, onde todos tinham cabimento dentro dumas largas normas, o aparecimento de obras primas, pois só um acaso muito prodigioso poderia admitir que um escritor de larga envergadura, com uma autentica obra de valor, estivesse oculto até ao nosso concurso; mas, aliás, com qualidades, revelações de condições que um treino maior, um elogio publico, pode tornar melhores e até basilares para um futuro nome.

Como tambem já dissemos ao concurso de romances acorreram 16 originais, ao das peças teatrais compareceram mais de 80. Foi um sucesso de numero, pelo menos. E, foi um trabalho laborioso, meticuloso para os *jurys* que amavelmente se puzeram á disposição da *Capital*. Varias causas, desde a grève tipografica, que impedia a convocação do jury, á doença e afazeres publicos dalguns membros d'esse jury, demoraram até esta data a selecção final, demora aliaz não muito exagerada, atendendo á quantidade de obras a ler e á dificuldade de concertar opiniões.

Em 15 do mez passado o «jury» constituido pelos senhores dr. Sousa Costa, Aquilino Ribeiro, José Parreira, Mario d'Almeida e Armando Ferreira, terminara o apuramento dos romances entregues lançando dois nomes a publico os do sr. Raimundo Esteves, e o do sr. Emilio Sequeiro, cujo estilo os leitores de «A Capital» poderam admirar na publicação que fizemos do seu original.

Hoje, «A Capital» lança mais uma meia duzia de nomes de gente nova ou ainda não experimentada nas lides teatraes. Cumpre, pois, o seu programa, programa que apesar das contrariedades sucessivas materiaes dos tempos presentes, vem realisando ha tempos uma movimentação literaria, uma protecção aos novos, um impulso no limite das possibilidades á Arte Nacional.

O «jury» de teatros constituido por dr. Julio Dantas, Eduardo Schwalbach, Eduardo Brazão, (ausente) Bento Mantua e Alvaro Lima terminou hontem a sua ardua tarefa.

A acta que publicaremos da reunião final indica além dos 4 primeiros premios, outros nomes que mereceram menção honrosa. Alguns são absolutamente desconhecidos, outros são os de senhoras que nos ultimos tempos tem procurado impor o seu nome nas letras. Apraz-nos registar que dois dos premios são nomes femininos; é caso sintomatico duma victoria feminina em toda a linha. Cumprindo o que a «Capital» prometeu aos seus leitores o jury está estudando juntamente com a direcção da «Capital» a forma de levar á scena as 4 peças — primeiros premios — ficando assim completamente cumprido o seu programa e os seus compromissos para com os leitores.

Resta ainda atender a um grande numero de cartas de varios concorrentes pedindo para que embora não premiados, os seus trabalhos tivessem algumas palavras indicando os erros, ou defeitos de fórma a poder o *concurso* revestir-se tambem d'um lado pratico e util para todos. A este desejo corresponde *A Capital* entregando os originais á secção teatral do jornal, e absolutamente fóra da responsabilidade do *juri* que os classificou, e encarregando-a de na respectiva secção dar em poucas palavras os topicos dos varios originais conservando em tudo a reserva dos pseudonimos.

Para terminar, a *Capital* agradece a todos os membros do *juri* que gentilmente se prestaram á missão de classificar as dezenas de originais recebidos, os quais estão á disposição dos concorrentes, na administração d'este jornal.

Os premios pecuniarios acham-se tambem a partir de amanhã, á disposição dos premiados na administração do jornal.

Advertencia importante

Respondendo a reclamações recebidas

Todos os jornaes da tarde e da noite retomaram já o seu antigo pessoal tipografico, podendo, por esse motivo, sair ás suas horas habituaes. «O Seculo» da noite poude mesmo adeantar a sua hora de sahida.

«A Capital», em virtude dos seus operarios se acharem trabalhando no jornal «A Patria» desde 1 de maio, está sendo feita por tipografos na maioria estranhos á classe.

Esta explicação convem que os nossos leitores a tenham presente, afim de reclamarem dos vendedores o nosso jornal, por isso que muitos deles, com o fundamento de que «A Capital» sae mais tarde, se recusam a fazer a sua venda.

Serve tambem esta explicação de resposta ás reclamações que temos recebido de muitos desses leitores.

A proposito desta advertencia, publicou o jornal *A Batalha* a seguinte nota:

A comissão pró aumento de salarios dos quadros dos jornais de Lisboa pede-nos a publicação do seguinte:

«Tendo saido no jornal *A Capital*, de 28 do corrente, uma nota na qual a empreza do jornal *A Capital* diz que já todos os jornais retomaram o seu antigo pessoal grafico, podendo, por esse motivo, publicar-se ás horas habituais, esta comissão vem declarar que se a empreza de *A Capital* ainda não resolveu o conflito como as restantes empresas, é unica e exclusivamente devido a não ter querido solucionar o conflito grafico.

O pessoal de *A Capital* continua em greve e aguarda, na sua Associação de Classe, a adesão da empresa de *A Capital* á organização de trabalho e salarios minimos, já em vigor em todos os restantes jornais de Lisboa.

Esta comissão julga conveniente esclarecer o publico e a classe gráfica do motivo porque a empresa de «A Capital» ainda não tem a laborar o seu antigo quadro. Este não se demitiu, como parece depreender-se da nota publicada na «Capital». Encontra se, como acima dizemos, na sua Associação de Classe aguardando a solução do conflito».

Ora no dia 21 de maio, publicou «A Capital» o seguinte:

Tendo constado, á direcção de «A Capital» que o seu antigo quadro tipografico constituido pelos srs. Miguel Martins, chefe, Manuel e Guilherme do Espirito Santo, linotipistas, Gabriel Duarte, Libanio de Brito, Antonio Pinheiro e Ribeiro Pisco, compositores, estava empregado no jornal «A Patria», que ha-de em breve iniciar a sua publicação, solicitou da direcção desse jornal lhe dissesse se eram ou não verdadeiras as informações que recebera.

A esse pedido respondeu, por parte da direcção da *Patria*, o deputado sr. Antonio Mantas com a seguinte carta:

Sr. Manuel Guimarães dig.mo director d'«A Capital». — Lisboa. — Satisfazendo os desejos de v. manifestados na sua carta de 20 do corrente, cumpre-me declarar-lhe que efectivamente estão em serviço no jornal *A Patria* os tipografos referidos na carta de v., exceptuando Antonio Pinheiro, mas é meu dever dizer a v. que ainda não está constituido o quadro tipografico e todo o pessoal que trabalha na montagem da tipografia de *A Patria* é a jornal.

Devo tambem dizer a v. que o pessoal que fôr admitido neste jornal não acumulará, com o nosso consentimento, serviços com quaisquer de outros jornais.

De v., etc. — *Antonio Mantas*.

Como esclarecimento, diremos que esta carta foi recebida antes do aparecimento de *A Patria*, a 27 de maio, e que do pessoal que estava trabalhando na montagem desse jornal faziam parte todos os antigos tipografos d'«A Capital», com excepção de um, o sr. Antonio Pinheiro, que está empregado no escritorio da casa Batista & Barbosa, da rua do Poço dos Negros. Esses tipografos ficaram fazendo parte do quadro efectivo da *Patria*.

VIDA SPORTIVA

A taça Mutilados da Guerra vae disputar-se

Falemos hoje sobre a Taça Mutilados da Guerra. Todos por certo se recordam do brilhantismo com que se disputaram no primeiro ano da sua organisação os desafios de foot-ball, cujo producto reverteu para os mutilados da guerra, aqueles bravos que nas terras da Flandres e de Africa souberam enobrecer o nome portuguez.

Felizmente hoje, os governos já olham com um pouco mais de atenção para esses militares, e a guerra, terminando, não aumentou o seu numero, o que permite a nação compensa-los do esforço dispendido, olhando por eles como bons portuguezes que souberam ser.

A campanha que em *A Capital* foi feita bastante contribuiu para que hoje o Instituto de Arroios seja um hospital modelar sob todos o seus aspectos.

A Taça Mutilados da Guerra, como iamos dizendo, iniciou-se em julho de 1918 e foi instituida pela *Capital* e um grupo de amigos do nosso jornal. Ficou vencedor nesse ano o Sporting Club de Portugal.

De então para cá as epocas do campeonato teem terminado tarde e d'ahi a impossibilidade de faze-la disputar novamente, como esta estatuido no seu regulamento, visto que a Taça Mutilados da Guerra ficará de posse do club que a ganhar tres anos seguidos.

Este ano é necessario disputa-la, é necessario fazer reviver e recordar o brilhantismo com que os quatro clubs no primeiro ano da sua realisação a disputaram, vamos, pois, meter mãos á obra, convidando os representantes dos clubs Sporting, Bemfica, Imperio e Victoria que foram e serão os concorrentes á *Taça Mutilados da Guerra*, e, de acordo com a Associação de Foot-ball, fixaremos a data da sua realisação, que poderá ser talvez no proximo mez de Setembro. Sobre o producto destes desafios, *A Capital*, como jornal iniciador destas festas e em virtude do que acima expuzemos sobre os mutilados da guerra lembra que d'ora ávante 50 °|o sejam entregues para os orfãos da guerra, que bem merecem o auxilio e carinho de todos nós e 50 °|o para a caixa de socorros aos jogadores invalidos que a Associação de Foot-ball este ano creou e com a qual concordamos absolutamente, achando a ideia magnifica.

Contudo, se alguem tem melhor ideia sobre o destino a dar ao produto dos desafios, *A Capital* aceita esse alvitre desde já.

A organisação da *Taça Mutilados da Guerra* vai ser confiada pela direção de *A Capital* ao bi-semanario *Os Sports* e este por sua vez pedirá um delegado dos clubs concorrentes e um delegado da Associação para assim a parte tecnica e administrativa—serem efectivadas pelas tres entidades.

Cremos, desta maneira, satisfazer não só os desejos de *A Capital* para que a taça se continue a disputar, como para que o seu produto reverta para um fim humanitario.

A. de Campos Junior

Nota.—A «Taça Mutilados da Guerra» encontra-se, conforme determina o seu regulamento, de posse do Instituto de Arroios. Sera por estes dias exposta num estabelecimento da Baixa.

A. de C.

Recreios Deportivos da Amadora

O elegante recinto desportivo da Amadora volta á sua antiga actividade proporcionando aos seus associados distrações interessantes.

Para amanhã, sabado, organizou a comissão de festas, um grande baile no Rink da patinagem que será abrilhantado por um grupo de musicos da banda da Guarda Nacional Republicana.

Como a luz dos Recreios é produzida pelo vento, e não se gasta combustivel para a sua fabricação, o recinto será profusamente iluminado a electricidade durante as horas do baile.

Os socios teem entrada gratuita com apresentação da cota de Maio e com os bilhetes anuaes de 1920-21, podendo fazer-se acompanhar com as senhoras e meninos de sua familia.

Sport Club Recreativo da Pena

A festa do 1.º aniversario

O Sport Club Recreativo da Pena, esta elaborando um programa, para a festa do seu primeiro aniversario.

Por isso já hoje podemos dar alguns detalhes, sobre a referida festa:

Dia 15.—Desafio de foot-ball entre este Club e o Grupo Foot-Ball Nacional; realisando-se o primeiro desafio ás 12 horas entre os 3.os (teams), e o segundo ás 16 horas entre as 1.as (teams).

Dia 22.—Corrida ciclista, no percurso de 30 kilometros, sob o regulamento da União Velocipidista Portugueza.

Dia 29.—Alvorada ás 6 horas, por um terno de corneteiros; ornamentação nas salas do club; sessão solene e conferencia sobre educação fisica; destribuição de premios, etc. etc.

Terminando por um sarau á franceza

NATAÇÃO

A travessia do Tejo por equipes

Realisa-se no domingo, pelas 9 horas, a mais importante prova de natação por equipes de seis nadadores: A Travessia do Tejo, para disputa da Taça «Silva Carvalho», do Club Naval de Lisboa, confiada a organisação este ano á comissão dos Amadores de Natação do Sul.

São concorrentes as equipes do Club Naval e Sport Algés e Dafundo sendo dificil fazer prognosticos sobre o vencedor.

A largada, faz-se ás 9 horas, no sentido do Sul no Norte, em frente ao Presidio da Trafaria.

Do Club Naval parte o gazolina «Ondina» e um rebocador do Arsenal ás 6.30 horas, com todos os concorrentes e o jury, que é composto pelos seguintes sportsmen: Visconde de Silva Carvalho (Presid.), Guilherme Campers (arbitro), João Formosinho (juiz da partida), Manuel Garcia e Nenparth Vieira, (fiscaes da corrida), João F. de Mesquita, J. Simões e Raul Cordeiro, (juizes de chegada), João dos Santos Rodrigues e Humberto Reis, (chronometristas).

VIANA DO CASTELO. —No dia 18 do corrente, por ocasião das celebres festas da Agonia, ha uma grande festa nautica, promovida pelo novo Club Aviz Atletico Club, no qual tomam parte quatro clubs do Porto, havendo desafio de «water-polo» entre o Aviz e um «team» representativo da cidade do Porto, e uma corrida de natação, por «equipes». Representam-se o Sport Club Nun'Alvares, Bocing, Sport Club e Fluvial, todos do Porto, correndo entre outros o primeiro nadador do Norte e um dos melhores portuguezes Carlos Caetano.

Esta prova deve ser a mais importante do norte, na presente epoca, por nela tomarem parte os melhores nadadores do Minho e Douro. O «team» que vem jogar a Viana é o mais forte que se pode organisar no Porto.

A festa realisa-se de tarde na doca da cidade.

Do estrangeiro

Os holandezes, tratando da sua preparação para os torneios de «foot-ball» dos jogos olimpicos, estabeleceram o seguinte programa de treino:

1.º Exercicios leves de ginastica sueca, a efectuar todos os dias;

2.º Exercicios atleticos — «sprints» para adquirir velocidade — passeios longos para adquirir resistencia;

3.º Exercicios com a bola e «matchs» de treino.

Consideram como factor de primordial importancia para o triunfo a resistencia, devido á egualdade dos «teams» que se apresentam nos jogos, o que leva a «matchs» em que se expende grande esforço.

* * *

Numa reunião de treino em Malmö, Suecia, Jane Gylling, bateu o «record» feminino dos 100 metros a nado, em 1 m. 28 s. 1|2. O anterior «record» pertencia a Emmy Macknow, em 1 m. 38 s. 1|2.

* * *

Nas provas de natação de Anvers a Africa do Sul fay-se apenas representar por Miss Nash, de Captown.

* * *

A representação americana nos jogos Olimpicos que presentemente se estão disputando é de 325 atletas, muito superior á dos jogos anteriores, cujo maximo foi de 150.

NOTICIAS DA CAPITAL

A gatunagem em acção.—Foram presos: Alvaro da Silva, morador na travessa Larga, 33, r|c., por ter furtado objectos no valor de 70 escudos a José Lopes, residente na rua de Santa Martha, 7; Rodrigo Correia, sem residencia n'esta cidade, por ter furtado joias no valor de 300 escudos a Henriqueta dos Santos moradora na travessa do Terreirinho, 10, 3.º; Antonio Esteves Laranjeira, da rua do Terreirinho, 58, 5.º, por ter furtado um relogio e corrente a Joaquim de Almeida, com ele morador.

Os gatunos entraram por meio de arrombamento na residencia de Francisca Rosa Martins, na Estrada de Sacavem 684, roubando-lhe roupa e objectos no valor de 200 escudos. A roubada indicou á policia as pessoas de quem suspeita.

Julgamentos no governo civil. — Responderam hoje no governo civil Joaquim Daniel Roldão, com estabelecimento na rua de S. Paulo, 188, e Antonio dos Santos, calçada de Sant'Ana, 39, 1.º, por venderem assucar por preço superior ao da tabela; Francisca da Conceição, calçada de Sant'Ana, 139, 1.º, e Albino da Silva, com leitoria na rua da Ribeira Nova, 20, por vender azeite por preço superior ao da tabela, tendo já tres condenações pelo mesmo delicto.

Foram os tres ultimos absolvidos por fálta de provas.

O primeiro foi condenado em 1:000 escudos de multa.

VIDA PARTIDARIA

Centro Escolar Republicano Liberal Ribeiro de Carvalho.—Reunem amanhã, pelas 21 horas, na séde, rua do Socorro, 11-C, 2.º, os corpos gerentes, presidentes dos grupos federados e comissões politicas deste Centro, sendo convidados a assistir á reunião os corpos gerentes do Centro Dr. Egas Moniz, afim de se tratar de assuntos da maxima importancia.

TOURADAS

Campo Pequeno.—A corrida de domingo é dedicada pelo seu promotor, o festejado bandarilheiro Alfredo dos Santos, á classe teatral. O popular actor Nascimento Fernandes dirige-a por gentil atenção para com o festejado.

Os touros, dos irmãos Robertos, que foram apartados para a corrida de domingo, causarão bôa impressão pelos tipos e corpos que apresentam, sendo natural que em bravura correspondam á fama da antiga casta a que pertencem. Está encarregado de lidal-os um grupo brilhante de artistas, composto pelos cavaleiros Rufino, R. Teixeira e Justiniano Gouveia, pelos novilheiros «Facultades» e Teofilo Guerra, pelos bandarilheiros Cadete, T. Rocha, Alfredo, Custodio, A. Xavier, A. Carvalho e A. Marroco «El Indio», da quadrilha de «Facultades», e por um grupo de destemidos pegadores, capitaneados por Chico Marujo.

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

Teatro Nacional — A Castro, por *Antonio Ferreira*, adaptação do *Dr. Julio Dantas*

Toda a imprensa é unanime em reconhecer como dignas do maior aplauso as intenções da Administração do Teatro Nacional por ter dado ontem ao publico, a representação de *A Castro*, do nosso teatro classico.

Nós já nos congratulámos tambem com o facto. Embora tardio, escolhendo o verão em vez da temporada normal, sem uma conferencia por um nome ilustre das letras a abrir a notavel representação da «primeira e mais bela tragedia de amor escrita em portuguez sobre a paixão e morte de Inez de Castro», merece contudo fóros de acontecimento e aplausos de todos nós que muito amamos o teatro portuguez. A imprensa foi unanime em aplaudir, ao fim de varios meses de exploração de mercadoria estrangeira, um original portuguez. As palmas estrugiram francas e a satisfação era plena em todo o nosso teatro Nacional; parecia que haviamos revivido, que tinhamos um Teatro Nacional, mais feito para serões de arte, classicos ou contemporaneos, do que exclusivamente para auferir proventos da bilheteira.

A Castro é, como já dissemos num artigo especial que lhe consagrámos, uma das mais belas e mais historicas obras do nosso passado literario. Do seu valor, multiplos escritos ha, apenas restando falar da adaptação do dr. Julio Dantas. Foi com o seu dedo habil de dramaturgo que dos 5 actos de Ferreira compoz os 4 actos da adaptação do ano de 1920, juntando o 3.º e o 4.º. No primeiro acto para para dar mais o caracter amoroso, e como na peça de Antonio Ferreira, nunca o publico vê juntos os dois amantes, Julio Dantas, esboça o encontro dos dois, sobre cujo amplexo amoroso o pano cae A fala que durante o beija-mão do 2.º acto se escuta, tambem é transplantada para ali, com segura mão e bom exito; e o resto é cingindo-se o mais que pode á forma antiga, aproveitando versos e falas e condignamente respeitando a ideia de Ferreira, que a obra segue até final. Assim o apaixonado dialogo com a ama, a fala do secretario do infante no 1.º. Os versos do Rey «Oh cetro rico, a quem te não conhece, como és formoso e belo» e a prece «Senhor, que estais nos ceos, e vês as almas» são conservados na sua beleza; bem como a suplica sentida «Esta he a mây de teus netos.», e os restantes trechos literarios da peça.

Na scena capital da tragedia, para vincar a nota dramatica, com o *savoir faire* de homem que sabe tocar na tecla sensivel das plateias, o dr. Julio Dantas ou o ensaiador por sua indicação naturalmente, faz com que Inez de Castro, venha cair morta em scena. E' o teatro moderno, entrando um pouco na ingenuidade literaria do seculo XV, mas com agrado do publico a quem devem ser atenuadas todas as causas de enfado, sendo bom criterio fazer entrar por uma forma aména nos dominios do conhecimento do povo as obras valiosas doutros tempos Que o exemplo pois se propague e repita.

Do desempenho da tragedia «A Castro»

Um dos pontos interessantes da noite de hontem dizia respeito ao desempenho. Se os nossos louvores vão para o dr. Julio Dantas e para Luiz Galhardo, devemo-los tambem a Robles Monteiro e Amelia Rey Colaço, pela parte que lhes corresponde na subida á scena de *A Castro*.

De todos os artistas que hontem se fizeram aplaudir, Amelia Rey Colaço foi a mais completa. Hesitámos muito, antes de a vermos interpretar a calma figura da *mizera e mesquinha*; não porque duvidassemos do seu talento, mas porque reconheciamos os seus nervos, os quaes aqui deviam ser absolutamente dominados. E realmente a artista, a verdadeira artista que Amelia Rey Colaço já é, conseguiu dominar-se, dando-nos uma figura interessante, quasi ideal, de sonho, como hoje, a muitos seculos da verdade, os espiritos poeticos podem construir em volta da historia de Inez. Aqui, confiante, amorosa; além, um alvoroço d'alma que *s'entristece assombrada dos medos* e que a faz dizer:

Não sey que est'alma vê, que tanto teme

Depois ainda, no ponto culminante do desespero, rojada aos pés do rei, gritando «não me mates, não me mates, senhor, não to mereço» ou arrancando lagrimas quando, com os filhos em volta, assiste ao julgamento pela feroz e sanguinaria inclemencia dos conselheiros de Afonso IV. E' ainda impressionavel a forma como Amelia Rey Colaço vem desequilibrada, agonisante e cae em scena; ha mesmo em nós a convicção do estofo de artista de tragedia que se encerrá nesta artista; e o futuro no-lo confirmará.

Cada pequeno acto dava margem ao desempenho d'um dos jovens actores recentemente no Nacional. Assim, no 2.º acto e no 3.º cabe a vez a Robles Monteiro. E' acertado o seu trabalho e o estudo que fez da figura historica; é tambem digno de registo a caracterização—que hoje tão raramente vimos aplicada — que empregou. Na preco fez soar o verso, sendo pena, mas sem culpa sua, que os recursos vocaes não sejam tantos que permitam levar a exaltação, as falas mais vehementes até ao extremo sem que uma rouquidão baça lhes tire um pouco o efeito completo.

Do mesmo mal enferma Clemente Pinto, quando atinge os paroxismos da dôr e do odio no 4.º acto. Este actor, no papel de D. Pedro, acentua a opinião que fizemos do seu trabalho no *Segredo*. Tem qualidades para se impôr e compreende onde residem os escolhos dos papeis; assim, na gesticulação do 4.º acto é sobrio, talvez em demasia, mas porque não lhe chega ainda o folego para impressionar nas tiradas de desespero e de vingança. Prefere a uma excitação ridicula, porque o tragico que não chega ao grandioso é ridiculo, a sobria representação. E, por isso, merece palmas.

Dos restantes ha Lucinda do Carmo, num papel inferior aos seus grandes meritos. mas onde tem um belo trabalho de composição da personagem.

Eduardo de Freitas, um mensageiro com caracter e que disse com inteligente intuição o seu papel. Raposo segurou-se na sua fala, de forma a não ser enfático e ôco. E, os conselheiros, bastante ridiculos, é que desmancharam o conjunto pela falta de condições naturais para dizer principalmente verso. Tambem os figurantes deixaram bastante a desejar naquele conjunto; estamos em crer que é dificil conseguir melhor recrutamento, mas a bôa impressão do publico desfaz-se ante aqueles servidores dum monarca, fidalgos e nobres, arrastando-se indolentemente de peugas caidas, sem saberem curvar-se, sem terem *linha* nenhuma. Assim como é desagradavel que sejam os mesmos 6 guardas que fiquem no 3.º acto, junto do rei Afonso e depois no 4.º junto do infante Pedro.

Os scenarios cuidados, com bôa luz e alfombras virgilianas o 1.º, devido a Frederico Ayres, alegre, embora um pouco dúro no panorama da cidade que se vê além da janela, o do 3.º. Todos os mais condignos.

Em resumo, merecendo louvôres, só louvôres e todo o amparo da imprensa o intento patriotico e literario de quem dirige os destinos do Teatro Nacional. E o que fôr de deficiente se releve pelas dificuldades presentes.

Na plateia e nos bastidores

Apesar da noite calida e da epoca que transcorre o «Nacional» vestia galas, apresentando uma plateia cheia Ali figurava no seu camarote Santos Tavares, o emissario do governo, e no camarote ao lado Herculano Galhardo e Luiz Galhardo com suas familias, Dos criticos estavam Avelino d'Almeida, Rocha Junior, Pereira Coelho, Gustavo Sequeira, João Bonança, Henrique Roldão, o nosso camarada João Tocha, Mme. Judice da Costa e filha conversam com Antonio Cabreira, cuja calva reluz aos mil... lumes da sala. Mais á frente o dr. Antunes de Azevedo fala com a familia Rey Colaço que se senta ao pé de Branca de Gonta e seu marido, Lêlo Portela, o novo governador civil vôa até ao seculo XVI, emquanto cá em baixo o ex-ministro da instrução Vasco Borges sorri e conversa.

Entre portas João Correia d'Oliveira espreita, Luiz Cardoso goza as suas ferias e Inacio Peixoto admira os efeitos da sua marcação.

Lá dentro a azafama é maior; passam os figurantes e num degrau duma escada, Chagas Roquette *causeur e blagueur* incorrigivel fala aos amigos: «Tragedias... com o bacalhau a 2500!!! Tragedias, é cada qual em sua casa com as mulheres e os filhos».

E a nossa reportagem regista tambem que essa inteligente artista que é Lucinda do Carmo, a proposito das noites memoraveis com peças historicas, conta o seguinte. Uma noite, no seu camarim, representara-se em *reprise* que deu brado o *Frei Luiz de Sousa* um admirador do bom teatro depois de perorar largamente sobre a peça e as maravilhas da representação pergunta abrutamente?

— E a tradução, a tradução de quem é?

Tambem de mau gosto certamente um *piadista* no final rematou: como o autor não poude comparecer por motivos imperiosos, o sr. Galhardo é que recebeu as palmas do final.

Para nós, repetimos, a noite foi de gala.

Armando Ferreira.

Noticias velhas

7 de Agosto de 1843

Primeira representação do drama de Mendes Leal, *O Pagem de Aljubarrota*, no teatro da Rua dos Condes.

7 de Agosto de 1919

Primeira representação no Politeama, da imitação *Mulher ingrata* de Henrique Roldão. Agrado relativo.

ULTIMA HORA

Nos Deputados

Já passante dos 14 horas e com uma hora e pico perdida na calacice das esperas, o sr. Sá Pereira reclama e o sr. Sá Cardoso, estando presentes 24 deputados, manda ler a acta.

Antes da ordem o sr. Domingos Cruz envia para a mesa um projecto de lei decretando feriado nacional o dia 24 de agosto, centenario da revolução de 1820, bem como a verba de dez contos para um monumento na cidade do Porto. Pede para ele urgencia e dispensa de regimento.

O sr. Manuel José da Silva (Azemeis) reclama sobre a falta de açucar para a Camara Municipal de Ribeira de Pena. Pede ao sr. ministro da instrução que se dê por habilitado a responder á interpelação sobre o caso Cunha Belem. O mesmo pede ao sr. ministro do interior acerca dos funcionarios suspensos do governo civil.

O sr. Helder Ribeiro promete transmitir. O sr. ministro da instrução toma nota e responderá.

O sr. Estevam Aguas manda para a mesa o parecer sobre o projecto que diz respeito aos vencimentos dos oficiais do exercito.

O sr. Paes Rovisco pede á mesa que faça com que o sr. ministro da justiça venha ainda hoje á Camara.

O sr. Virgilio Costa reclama a atenção do sr. ministro da guerra para a situação dos sargentos milicianos que serviram no C. E. P. e desejam passar ao quadro permanente.

O sr. Helder Ribeiro responde que o assunto está já merecendo a atenção da secretaria da guerra e que na proxima ordem do exercito será inserta uma portaria que regulará estes casos esquecidos.

O sr. Alvaro Guedes requer que entre imediatamente em discussão o parecer que diz respeito aos tesoureiros de finanças.

O sr. Lelo Portela, lá na extrema direita, está falando agora, mas por mais que se peça ORDEM! as conversas são de tal maneira em voz alta que não ha possibilidade de nós ouvirmos uma palavra. Cremos mesmo que nem o sr. Lelo Portela se consegue ouvir a si proprio.

O sr. Antonio Maria da Silva refere-se ás varias ações de despejo que ha apresentadas contra o Estado por casas onde funcionam escolas e estações telegraficas.

Envia para evitar esses factos um projecto de lei suspendendo todas essas ações de despejo para o que pede urgencia e dispensa de regimento.

Entramos na costumada barafunda do final de sessões em que toda a gente fala e a barulheira na Camara é intoleravel. Não se ouve nada, não se percebe nada e não se pode honestamente trabalhar.

Só agora conseguimos que o sr. Virgilio Costa nos dissesse o que havia dito, um pouco mais pormenorisadamente. Foi isto:

«Chamo a atenção do sr. ministro da guerra para a aplicação da condição 3.ª portaria n.º 235.º da lei da guerra que regula as condições em que os 1.os e 2.os sargentos das diversas armas e serviços promovidos para o quadro miliciano do exercito durante o estado de guerra, poderão dar ingresso no quadro permanente. Entendo justo que sejam abrangidos por aquela condição não só os sargentos promovidos a este posto no C. E. P. e nas expedições militares ás colonias mas tambem os que foram promovidos na metropole e que depois fizeram parte das expedições. Espero que o sr. ministro da guerra redigirá a portaria nesse sentido».

Como o sr. Antonio Maria da Silva citasse as irregularidades do tesoureiro de finanças de Portel que sendo senhorio da casa onde funciona a respectiva repartição é um dos tais a que o orador se referiu, o sr. ministro das finanças declara que ele será exemplarmente castigado. Depois o sr. Inocencio Camacho envia para a mesa varias propostas de finanças e faz um apêlo á imprensa para que lhes dê a maxima publicidade.

Das propostas apresentadas ha duas duma importancia capital. Uma que autorisa o governo a crear pela Junta do Credito Publico e nos termos da legislação em vigor, titulos de divida fundada interna do juro nominal e anual de 5 1|4 0|0 necessarios para realisar por venda e emissão publica um emprestimo até 60 mil contos efectivos cujo encargo real não exceda 6 1|2 0|0 ao ano e para converter, na paridade do juro efectivo actual em parte ou no todo e em titulos de novo fundo consolidado de 5 1|4 as inscrições depositadas em caução no Banco de Portugal por virtude da base 1.ª do Contrato de 29 de abril de 1919 e cuja substituição e realisação estão autorisadas nos precisos termos daquela mesma clausula contractual.

O juro do novo fundo de 5 1|4 0|0 ao ano, como divida publica consolidada interna, será pago aos quadrimestres vencidos, na Junta de Credito Publico em regimen de dotação pelo rendimento do imposto predial, urbano e rustico, em especial, além da garantia dos rendimentos geraes do Estado, e nos termos da legislação vigente.

O novo fundo fica isento, tanto em juro como em capital, dos impostos de rendimento e de selo nos titulos, cujo valor nominal será de cem escudos, de quinhentos escudos e de mil escudos, quer de assentamento quer de compra, podendo emitir-se certificados de qualquer importancia nominal, conforme o regulamento da J. do C. P. O novo fundo fica inconvertivel durante os 10 primeiros anos desde a sua emissão publica. Os titulos de divida consolidada de 3 0|0 (inscripções) recolhidas em virtude da execução desta lei serão entregues á Junta para imediata anulação, sendo o producto liquido do emprestimo receita extraordinaria do orçamento do ano economico corrente.

A outra egualmente importantissima, é a que se refere á contribuição predial rustica e urbana em que o rendimento colhe talvez de cada predio rustico, a partir do ano corrente e, para todos os efeitos fiscaes, o valor de V que resultar da apreciação da seguinte formula: $V=\frac{R \times P}{E}$ em que R. representa o rendimento colectavel descrito na matriz de 1914, P o preço na epoca do calculo do predio predominante produzido no mesmo predio e E o preço do mesmo producto em 1914, fixado nas estivas camararias e V o rendimento colectavel sobre que incidam as taxas para o ano a que a operação se refere.

O sr. ministro das finanças expõe largamente as suas opiniões sobre o caso e pede ás comissões a maxima urgencia nos processos.

As propostas apresentadas causaram sensação na Camara e foram desde logo acaloradamente discutidas em grupos, quer da Camara, quer dos Passos Perdidos, extranhando-se que não se fazendo emprestimos ha muitos anos se faça agora um de cem mil contos nominaes, sendo 60.000 liquidos, o que dá, na opinião dos mais entendidos elementos da Camara, uma situação pouco satisfatoria para o actual governo em materia de credito.

Vota-se depois o projecto do sr. Antonio Maria da Silva com ligeira discussão.

Aprova-se seguidamente a urgencia para as propostas do sr. ministro das finanças.

E discute-se acaloradamente o projecto de lei em que a contribuição autorisada pelo art. 1.º da lei 999 seja aplicavel ao concelho de Gaia aos generos reexportados até 1 0|0, quando estes não tenham ainda pago a citada contribuição do art. 1.º

Sobre o assunto falam muitos oradores, a discussão é acalorada por vezes e por fim vota-se que o projecto vá ás comissões respectivas.

E a sessão continua, discutindo-se agora um credito especial para o ministerio da instrução.

No Senado

O Vasco Marques protesta contra o sindicato de hoteis no Gerez e outras termas, o que só prejudica os que teem obrigação de tratar da saude. O sr. ministro do trabalho promete estudar o caso e providenciar.

O sr. Julio Ribeiro insurge-se contra a demissão do sr. João Carlos Marques da Costa Guerra, sub-delegado de saude em Leiria, perseguido por ideias politicas que por sinal não tem.

O sr. ministro do trabalho atendeu a reclamação do sr. Julio Ribeiro, visto que em seu entender os funcionarios publicos, desde que não hostilizem o regimen, podem pensar livremente.

O sr. Mendes dos Reis lamenta que se não tenha cumprido até hoje a lei das indemnisações.

A sessão continua, sem importancia de maior.

A gréve dos electricos

Para resolver uma gréve que tantos transtornos está causando e contra a qual se ouve por essas ruas veementes protestos, não nos consta que se tenham hoje feito quaisquer *démarches*.

O pessoal voltou a reunir esta tarde, sendo lidas cartas de muitos assinantes, concordando com o preço dos 140$00 anuaes pelos passes.

Tambem foi lido um oficio do pessoal da Associação Carris de Ferro do Porto, comunicando ter-se ali declarado a gréve e estar ao lado do pessoal da carris de Lisboa. A assembleia resolveu enviar telegrama, a agradecer.

Em seguida falaram varios oradores, entre eles o sr. Joaquim Silva, secretario geral do sindicato metalurgico, que aconselhou o pessoal e os seus colegas metalurgicos a lutarem até ao fim, apesar da fome já ir entrando em casa dos operarios.

Depois foi apresentada uma moção que foi aprovada, entre as conclusões da qual figuram o não aceitar a municipalisação dos serviços e o saudar a imprensa.

Uma opinião de dois assinantes

Sr. redactor do jornal «A Capital».—Permita-nos v. que apresentemos a nossa humilde opinião sobre a malfadada questão dos electricos.

São trez as partes em litigio: Camara, Companhia e assignantes.

A' Camara temos que manifestar o nosso apoio moral pela energica atitude tomada na defeza dos seus municipes, não se deixando subjugar pelas altas influencias e cumprindo com o seu dever.

A Companhia, embora sejamos todos unanimes em reconhecer que pretendia com o orgulho não dar satisfações aos assignantes, tem manifestado, depois da compreensão dos factos, o desejo de harmonisar a questão auctorisando as assignaturas anuaes para Esc. 140$00 e Esc. 70$00 para os semestraes.

Os assignantes, que n'este caso devem colaborar n'uma plataforma para resolução do conflicto, reconhecidos para com a Camara pela sua defeza e achando, em parte, justo o augmento acima referido, não dando a Companhia por vencedora, mas reconhecendo a sua bôa vontade, dão o assunto por liquidado com honra para todas as partes, aceitando o augmento estipulado de Esc. 140$00 e Esc. 70$00.

Todos que concordem com esta plataforma deverão oficiar á Camara, agradecendo a sua nobre atitude e dando-lhe a sua adesão, afim de não prejudicar mais a vida normal da cidade.

Os assignantes n.º 4176 e 1899, *Alvaro Marques da Silva* e *Francisco Candido Rodrigues*, rua dos Retrozeiros, 122, Lisboa.

Malas postaes

Pelo *Portugal* são amanhã expedidas malas postaes para a Africa ocidental, sendo a ultima tiragem da caixa geral ás 14 horas.

A revolução de 1820

O seu centenario — Um projecto de lei apresentado hoje á Camara dos Deputados

O movimento revolucionario de 24 de agosto de 1820 é um dos maiores e mais nobres feitos que ilustrou a Historia Patria. Um punhado de portuguezes, cujos nomes nalteceram a grandeza moral de um povo, um impulso generoso e belo, arrostando com todas as ameaças e terrores que caracterisam sempre os regimens absolutos, lutando com os preconceitos sociais que tão profundamente dividiam então a familia portugueza, preparou o advento de uma epoca nova. Um pouco recuado já tal movimento, as suas consequencias vêm até nós, depois de, por honra nossa, terem ecoado e produzido uma salutar influencia em muitos povos da Europa.

Triunfante a revolução do Porto, os ilustres portuguezes que a tinham preparado puzeram a sua inteligencia e a sua dedicação ao serviço da Patria, dotando-a com um corpo de leis que profundamente modificaram o estado social, economico e politico da sociedade portugueza, entrando-se abertamente num periodo aureo de Liberdades.

Como cupula grandiosa d'esta obra, as Côrtes constituintes decretaram o codigo fundamental da nação portugueza, que foi a primeira carta de alforria que o povo portuguez a si proprio se passou.

Passando brevemente o primeiro centenario d'esta data gloriosa, não póde a Republica deixar de a solenisar festivamente, prestando homenagem aos que tanto honraram a Patria que lhes foi berço e não deixando no olvido os que lançaram os fundamentos da obra completada em 5 de outubro de 1910.

Tais são os motivos que fundamentam o projecto de lei que temos a honra de submeter á vossa apreciação.

Art. 1.º E' considerado feriado nacional o dia 24 de agosto de 1920, em comemoração do primeiro centenario da revolução que iniciou em Portugal uma epoca de reformas sociais, economicas e juridicas.

Art. 2.º Fica o Governo auctorisado a erigir, na cidade do Porto, um monumento comemorativo d'aquele glorioso movimento, e bem assim a dispender até á quantia de dez mil escudos com a celebração do centenario.

Art. 3.º Fica revogada a legislação em contrario.

Domingos da Cruz (assinado tambem por muitos outros deputados).

A questão dos fosforos

O desaparecimento de peças do processo que se refere ao aumento de preço

O sr. presidente do ministerio, respondendo hontem na camara dos deputados a uma pergunta formulada pelo sr. João Camoezes sobre o boato que corria de terem desaparecido peças do processo da tão falada questão dos fosforos, dizia que o facto era verdadeiro, tendo tomado as providencias que se impunham, estando na disposição de empregar os meios legaes para fazer cumprir o mandato do parlamento.

O facto extraordinario de terem desaparecido as peças e um processo, o que representa um caso grave, fez com que hoje palmilhassemos a Arcada em procura de esclarecimentos.

No Supremo Tribunal Administrativo recusaram-se terminantemente a dar-nos quaesquer informações, o mesmo sucedendo no ministerio das finanças.

Para elucidação dos leitores apenas podemos dizer o seguinte:

A Companhia dos Fosforos precisava aumentar as tarifas e n'esse sentido requereu ao respectivo ministro. Este mandou convocar o tribunal arbitral para decidir a questão, visto que no contracto existente entre o governo e a companhia se estipula a nomeação de um tribunal arbital para decidir esse assunto,

Constituido o tribunal, este decidiu que a companhia deverá aumentar o preço, tendo depois d'isso a Camara dos Deputados aprovado uma moção pela qual o governo devia obstar e por todos os meios ás resoluções do Tribunal. Este mandou então perguntar para o Supremo Administrativo qual os meios que o governo tinha para obstar ao cumprimento do acordão do referido tribunal, sendo lhe respondido que: ou os embargos judiciaes nos termos do codigo de Processo Civil, ou o recurso per parte do ministro do despacho que mandou convocar o tribunal arbitral.

O ministro fez esse recurso, mas ele foi agora regeitado pelo Supremo Tribunal Administrativo, por faltarem as taes peças do processo.

Como complemento, diremos ainda que tal desaparecimento não se deu no Supremo Administrativo, mas sim no ministerio das Finanças.

Ou essas peças foram desviadas propositadamente, ou então houve *esquecimento* em envia-las para o Supremo Administrativo.

POEIRA DA ARCADA

Cumprimentos

A direcção da Associação Comercial de Lojistas cumprimentou hoje o sr. ministro do interior.

Tambem um numeroso grupo de oficiais dos serviços administrativos do exercito, tendo á sua frente o respectivo director geral, coronel sr. Macedo Coelho, cumprimentou hoje o sr. ministro do comercio, falando esse oficial e respondendo-lhe o sr. Velhinho Correia.

Contribuição predial

A direcção da Associação Lisbonense de Proprietarios procurou hoje o sr. ministro das finanças para com ele conferenciar sobre assuntos de contribuição predial. Por motivos de serviço, não poude ser recebida, o que se dará n'um dos primeiros dias.

Importação e exportação coloniais

Foram mandadas elaborar estatisticas sobre a importação e exportação das nossas colonias.

Marinha de guerra

Por ordem do sr. ministro da marinha vão entrar em activo fabrico todos os navios que necessitem reparações, afim de serem empregados em varias comissões de serviço.

O *Aviso 5 de outubro* deve largar por estes dias para o norte, para continuar nos importantes trabalhos hidrograficos.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3538 — 11.º anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabado, 7 de Agosto de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

O caso de Moçambique

Deputados dos varios grupos politicos enviaram ontem á mesa da respectiva Camara um requerimento pedindo autorização no ministerio das colonias para consultarem os documentos que ali devem existir respeitantes á administração publica dos ultimos anos na provincia de Moçambique.

A' volta deste requerimento, especialissimo por que é firmado por deputados de todos os partidos, fez-se desde logo uma corrente enorme de curiosidade e veiu a saber-se que ele se baseava em factos gravissimos que giraram á roda duma absoluta autonomia concedida a um funcionario que tentou, no desempenho do seu cargo, limpar, arejar, pôr no são toda uma enorme barafunda burocratica que só tinha servido até ali para levar a provincia de Moçambique ao cáos mais perfeito e criminoso que é possivel imaginar-se.

Havia escritas incompletas, livros cheios de rasuras e de emendas, cadernos de papel mal alinhavados, lançamentos imperfeitos, dinheiros cujos destinos se ignoravam, um audacioso pandemonio, onde não ha quem possa dizer se o maior crime é o desleixo, a incuria, ou a mais refalsada desvergonha.

Havia habitos acumulados em clientelas dinastias burocraticas, desleixos sobre desleixos, e um nulo amor pelos interesses da Patria originaram por certo a melindrosa situação em que foi esbarrar a decidida boa vontade dum funcionario honesto e onde hão de embicar fatalmente todas as outras energias que se lhe sucedam visto que um funcionalismo contaminado e doente dificilmente ha-de orientar-se em modelos novos de trabalho fecundo e honesto emquanto impiedosamente o termo-cauterio indispensavel lhe não for aplicado queimando a carne podre até ao osso, de maneira a fazer desaparecer as chagas purulentas que tudo infeccionam, homens e principios, organismos e sociedades.

O que se passou na provincia de Moçambique é um simbolo.

Bastou que uma vontade decidida e honesta quisesse estabelecer vida nova, solidamente assente em bases que representavam uma garantia para a Provincia e um motivo de orgulho para a Republica, para que a cabala surgisse, polvo enorme a alastrar os tentaculos até ás secretarias do Terreiro do Paço, e a enredar, e inutilisar, os esforços de quem tinha por norma o altruismo popular — para grandes males grandes remedios.

E o certo é que, embora temporariamente, os tentaculos obtiveram apoio, a intriga ganhou formas de triunfo e a cabala sabiamente organisada soube impôr-se de maneira a inutilisar a acção patriotica encetada pelo funcionario honesto que a Republica escolhera para levar a cabo uma obra de praticas realisações.

E tudo isto provém de que nós todos, sentimentaes em extremo, dum sentimentalismo piegas e doentio, assentamos os alicerces da nossa vida publica na *bondade*, e daqui estabelecemos uma escala descendente que pode perfeitamente registar-se desta forma: *Bondade—Tolerancia—Indiferença—Relaxamento—Desordem—Cahos*. Começamos de facto pela Bondade, uma *bondade* hipocritamente subjectiva, viciosa e viciada, quasi sempre bi-lateral nas aspirações e nos desejos, untuosa quanto baste para desejados fins. Passamos depois á *Tolerancia*, já paredes meias com a lassidão, deixando passar carros e carretas e encavalitando no nariz uns oculos demasiadamente côr de rosa. Num pulo estamos na *indiferença* quasi sempre *bras dessus, bras dessus* com o mais declarado *relaxamento*. Quando caimos na *desordem* espantamo-nos. Mas ainda por efeito daquele sentimento inicial de *bondade* nos deixamos navegar o barco ao sabor da corrente, fechando os olhos e pondo as mãos na cabeça á laia de macacos, para o tremebundo fatal. E caimos no *cahos*!

Esta é a escola seguida. Nas colonias como na metropole. Na nossa vida publica como na nossa vida privada.

Pois bem. E' preciso mudar nos de rumo. A' bondade é necessario contrapôrmos o *Rigor*. A' tolerancia a *Fiscalisação*. A' indiferença a *Energia*.

E embora usando de *bondade* e de *tolerancia*, ha que fecharmos a nossa escala progressiva com a *Ordem*, sem o que não ha organismos, nem sociedades que resistam aos embates do tempo, e aos trabalhos de sapa, da intriga e das cabalas miseraveis que não ha ahi inutil nenhum que não traga em embrião na alma putrefacta.

Façamos uma Patria nova numa Republica honesta. Mas frisemos bem que honestidade não é subserviencia, para a Republica ser grande, para ser nobre e para ser amada, como todos nós a desejamos vêr, não precisa transigir com um passado de desvergonha.

O caso de Moçambique é um simbolo. Apontal-o é um dever. Agora nós a obra. Assentemos com vigor uma solida fiscalisação e estabeleçamos energicamente a ordem.

POLITICA

A crise do governo—Recorda-se uma velha parabola dos bons tempos de escola — "Preso por ter cão e preso por o não ter..." — Confirma-se a nomeação do sr. general Norton de Matos para Alto Comissario da provincia de Angola

Contaram-nos em creança e lêmol-a depois nos saudosos livros da nossa primeira infancia uma historia que vezes sem conta recordamos pela vida fóra nesta acidentada travessia pelo eriçado matagal da imprensa: a parabola do velho, do burro e do neto. Os leitores sabem-na tão bem como nós. Era uma tarde quente de julho. O sol escaldava nas escarpas d'um monte. A estrada arida, deserta, sem a sombra d'uma arvore e a sêde d'agua d'uma fonte, chispava faúlhas. A caminho da feira o velho, o rapaz e o burro. Todos tres *pedibus calcantis*. Passa um aldeão. Tem nas veias o atrevido sangue d'uma raça de desordeiros:

—Olha que pandega! Os dois á pata e o burro em fidalguias! Ora não ha!...

O velho ouviu, limpou ofegante as bagadas de suor e disse para o neto:

—Faz lá a vontade ao homem... Monta no burro.

—Sumete! Arrenégo! Então já viram uma coisa destas! O machão do rapaz dá-lhe que dá-lhe no burro, e o velho a pé debaixo d'uma soalheira d'estas!... *E de força!*...

O velho ouviu, limpou mais uma vez o rosto, rios de agua a escorrerem-lhe no peito crestado pela poeira dos tempos, e resmungou:

—Apeia-te lá, rapaz. Já agora façamos a vontade ao mundo...

E escarranchou-se ele no largo albardão de bico.

Mas eis senão quando, um rancho alacre de raparigas, estrugindo mocidade e saracoteando ancas, surgiu e gargalhou para o velho já entontecido.

—Olha lá ó velho! Não tens vergonha de ires montado no jumento e o pobre inocente a pé debaixo d'uma torreira d'esta?!

E o grupo passou, e o velho, para que se calassem bocas do mundo, chamou o neto e amezendou-o deante dele na suposição de que enfim estava resolvido o problema.

Mas o rapazio lobrigou o caso, já quando os tres atravessavam o povoado, e foi um desabar de insultos, um atrevimento de ditos mal soantes que o pobre velho não teve remedio senão voltar á primitiva forma.

E desmontando-se os dois, lá foram a caminho do mercado, como haviam começado a jornada.

Bocas do mundo não ha quem as cale. E já nos aforismos da Historia que é a sabedoria das nações, os visavós dos nossos pais repetiam a proposito: «Preso por ter cão e preso por o não ter!»

Veiu tudo isto á colecção d'uma falada crise ministerial que nós hontem negamos, dando o governo com relativa vida desafogada até outubro. Parece que sendo o nosso trabalho registar as oscilações do barometro politico, isso devia ser levado á conta d'um honesto proceder, visto que *A Capital* que a ninguem se enfeúda, mas á Republica desinteressadamente serve, apenas deseja que haja ordem, paz e sossego *em cima*, para que possa existir correspondentemente trabalho productivo e bom *em baixo*.

Mas tal não foi assim comprendido, e o nosso presado colega *A Manhã* diz-nos d'ali á laia de remoque: «...ha dois barometros que não devem falhar: o primeiro é a chegada há dois dias a Lisboa do sr. dr. Domingues dos Santos, sinal de crise proxima; outro, é a afirmação da *Capital*, na sua cronica politica de ontem, dando o governo como firme até Outubro... o que representa um mascarar de baterias da parte daqueles que a esse jornal devem ter fornecido tal informação.»

Está bem. Fiquemos nisto.

E o velho, o rapaz e o burro chegaram ao mercado sem perigo de maior...

* * *

Está definitivamente assente que o sr. general Norton de Matos aceitará o elevado cargo de Alto Comissario da Republica na provincia de Angola.

Homem d'uma rara energia, militar disciplinador, a sua acção vae por força fazer-se sentir no elevado cargo para onde o alcapremou a sua reconhecida competencia. Por certo, sem se deixar enredar pela intriga de camarilhas, sem se embriagar em faceis glorias do mando, o general Norton de Matos vae em Angola realisar uma grande obra de reconstrução e de fomento, honrando a Patria e a Republica e vincando fundo o prestigio do seu nome ao ambicionado progresso n'uma das mais ricas provincias do nosso ultramar.

N'uma hora dificil, quando outros antepõem aos interesses da politica os graves problemas da nacionalidade, o general Norton de Matos aceita o encargo, e vae, sem exibicionismo de sacrificios ocupar o logar que lhe indicaram que não é de descanço mas de vigilancia, que não é de aposentadorias doiradas, mas de espinhosas responsabilidades.

Temos uma grande fé, uma grande esperança na obra a realisar pelo ilustre cabo de guerra que conseguiu n'um meio de *defetistas* organisar essa obra, que apesar de todos os seus defeitos, foi grande como efetivação da vontade e mostrou o pulso forte que a iniciou —o nosso C. E. P.

Agora em Angola, campo imenso á sua energia, á sua lucidez de espirito emprehendedor, á sua vontade de ferro, o general Norton de Matos ha-de demonstrar por certo que a Republica é capaz daquela obra de ressurgimento colonial, em que está indiscutivelmente o futuro de Portugal.

A Capital folgando com a escolha do Alto Comissario da provincia de Angola espera agora que o Alto Comissario a escolher para Moçambique, visto o sr. dr. Alvaro de Castro não aceitar, como se afirmou, o encargo, seja alguem cujo nome represente egualmente a garantia duma obra

O MARTIRIO D'UMA MULHER

Do que tem sido e continua a ser este estranho caso, que tanto tem apaixonado a opinião publica, dil-o-ha *A Capital* aos seus leitores na continuação da narrativa cuja publicação se iniciou no dia 5. O trecho a seguir intitula-se

Atravez as enfermarias das mulheres —O quarto do suplicio da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho — Os importantes : : depoimentos das enfermeiras : :

Advertencia importante

Respondendo a reclamações recebidas

Todos os jornaes da tarde e da noite retomaram já o seu antigo pessoal tipografico, podendo, por esse motivo, sair ás suas horas habituaes. «A Capital», em virtude dos seus operarios se acharem trabalhando no jornal «A Patria» desde 1 de maio, está sendo feita por tipografos na maioria estranhos á classe. Esta explicação convem que os nossos leitores a tenham presente, afim de reclamarem dos vendedores o nosso jornal, por isso que muitos deles, com o fundamento de que «A Capital» sae mais tarde, se recusam a fazer a sua venda. Serve tambem esta explicação de resposta ás reclamações que temos recebido de muitos desses leitores.

A proposito desta advertencia, publicou o jornal *A Batalha* a seguinte nota:

A comissão pró aumento de salarios dos quadros dos jornais de Lisboa pede-nos a publicação do seguinte:

«Tendo saido no jornal *A Capital*, de 28 do corrente, uma nota na qual a empreza do jornal *A Capital* diz que já todos os jornais retomaram o seu antigo pessoal grafico, podendo, por esse motivo, publicar-se ás horas habituais, esta comissão vem declarar que se a empreza de *A Capital* ainda não resolveu o conflito como as restantes empresas, é unica e exclusivamente devido a não ter querido solucionar o conflito gráfico.

O pessoal de *A Capital* continua em greve e aguarda, na sua Associação de Classe, a adesão da empresa de *A Capital* á organização de trabalho e salarios minimos, já em vigor em todos os restantes jornais de Lisboa.

Esta comissão julga conveniente esclarecer o publico e a classe gráfica do motivo porque a empresa de «A Capital» ainda não tem a laborar o seu antigo quadro. Este não se demitiu, como parece depreender-se da nota publicada na «Capital». Encontra se, como acima dizemos, na sua Associação de Classe aguardando a solução do conflito».

Ora no dia 21 de maio, publicou «A Capital» o seguinte:

Tendo constado, á direcção de «A Capital» que o seu antigo quadro tipografico constituido pelos srs. Miguel Martins, chefe, Manuel e Guilherme do Espirito Santo, linotipistas, Gabriel Duarte, Libanio de Brito, Antonio Pinheiro e Ribeiro Pisco, compositores, estava empregado no jornal «A Patria», que ha-de em breve iniciar a sua publicação, solicitou da direcção desse jornal lhe dissesse se eram ou não verdadeiras as informações que recebera.

A esse pedido respondeu, por parte da direcção da *Patria*, o deputado sr. Antonio Mantas com a seguinte carta:

Sr. Manuel Guimarães dig.mo director d'«A Capital».—Lisboa.—Satisfazendo os desejos de v. manifestados na sua carta de 20 do corrente, cumpre-me declarar-lhe que efectivamente estão em serviço, no jornal *A Patria* os tipografos referidos na carta de v., exceptuando Antonio Pinheiro, mas é meu dever dizer a v. que ainda não está constituido o quadro tipografico e todo o pessoal que trabalha na montagem da tipografia de *A Patria* é a jornal.

Devo tambem dizer a v. que o pessoal que fôr admitido neste jornal não acumulará, com o nosso consentimento, serviços com quaisquer de outros jornais.

De v., etc.—*Antonio Mantas.*

Como esclarecimento, diremos que esta carta foi recebida antes do aparecimento de *A Patria*, a 27 de maio, e que do pessoal que estava trabalhando na montagem desse jornal faziam parte todos os antigos tipografos d'«A Capital», com excepção de um, o sr. Antonio Pinheiro, que está empregado no escritorio da casa Batista & Barbosa, da rua do Poço dos Negros. Esses tipografos ficaram fazendo parte do quadro efectivo da *Patria*.

Bairros Sociais

Afirmações interessantes — O que é preciso que se faça

O deputado socialista sr. Augusto Dias da Salva concedeu hoje a um colega nosso uma ligeira entrevista donde extrahimos os seguintes periodos:

«Devido a nossa organisação administrativa, com a qual nenhuma entidade particular pode competir, obtemos todos os meteriaes por preços vantajosos. Assim temos exploração de pedra, cal, areia e tijolo. O primeiro d'aqueles materiaes, que é vendido pelos comerciantes a 13$00 e 15$00 o metro cubico, custa ao bairro apenas 8$00. A cal, cotada no mercado a 24$00 e o tijolo, que oscila entre 90$00 e 120$00, são obtidos para o bairro do Arco Cego, respectivamente, por 18$00 e 60$00. Presentemente, existe pendente no ministerio da agricultura uma pretenção do conselho administrativo, para obtenção de madeira que aparelhada e pronta, virá a saír ao preço maximo de 70$00, quando no mercado é vendida a 100$00 e 120$00.

Calcula-se que o dispendio da construção do bairro do Arco do Cego não exceda, por metro quadrado, mais de 15$00, preço impossivel de obter em obras particulares, que teem de suportar os lucros dos industriaes, que vão, em média, a 50 por cento, e ainda o dos proprios construtores, que hoje já exigem 20 e 30 por cento.»

Já por varias vezes *A Capital* tem tratado do assunto e por isso não se pode extranhar que registemos as afirmações do deputado socialista. Elas são de facto importantes, e é necessario que os nossos bairros sociaes, sejam alem do mais verdadeiros bairros educadores desde os seus alicerces. E' preciso que a eles presida sempre uma amisade muito especial, amisade por uma obra que sendo para os operarios deve ter d'estes um especial carinho e uma especialissima dedicação

O que é porem preciso é assentar-se num plano geral quer sob o ponto de vista economico, quer sob o ponto de vista da sua rapida construção.

O que é preciso tambem é que a contabilidade das comanditas não apresente o aspecto que em 31 de maio ultimo apresentava, pela qual se via que os adeantamentos feitos importavam em 134.262$60 e o trabalho efectuado apenas valia 61.417$41. Embora isso se explique por diversas circunstancias, é preciso que não volte a repetir-se.

Cada operario tem que ser um amigo da sua propria obra e encaral-a mais sob esse aspecto especial do que propriamente sob o aspecto do interesse material de momento.

Só assim os bairros sociaes podem representar uma grande obra util, moral e patriotica.

Dr. Magalhães Lima

A festa de ámanhã em sua honra na Sociedade de Geografia

Deve revestir extraordinaria imponencia e brilhantismo a festa de arte que a Associação dos Trabalhadores da Imprensa de Lisboa realisa ámanhã, pelas 13,30 horas, na sala *Portugal* da Sociedade de Geografia, por motivo do seu 16.º aniversario. A sessão é de homenagem ao decano dos jornalistas, o sr. dr. Magalhães Lima, tendo sido organisado um programa que deve causar entusiasmo, pelos elementos de real valor que nele tomam parte.

Esse programa e o seguinte:

Hino nacional pela orquestra do Teatro da Trindade; Leitura de um breve relatorio da direção da Associação dos Trabalhadores da Imprensa; Elogio do dr. Magalhães Lima, pela distinta escritora sr.ª D. Virginia Quaresma e descerramento do retrato pelo sr. Presidente da Republica; *Os Cabelos Brancos*, poesia de homenagem ao Mestre, pela distinta atriz Emilia de Oliveira do Teatro da Trindade; *A Lima do Magalhães*, «couplets» originaes do escritor Penha Coutinho, pela gentil atriz Maria Alves, do Teatro Apolo; Versos originaes de varios jornalistas, recitados pelo distinto ator Alves da Cunha, do Teatro Politeama; Duo a guitarra portugueza e viola, pelos amadores srs. Carmo Dias e Abel Negrão: *Poeme d'amour*, (Fantaisie) de Genaro Alboim; Versos pelo ilustre ator Augusto de Melo, representante da Companhia do Teatro Nacional: *Romanza*, pela distinta artista sr.ª D. Berta Viana da Mota, do Teatro Politeama, com acompanhamento ao piano pelo ilustre professor e compositor o maestro sr. Viana da Mota; Saudação pelo ilustre jornalista e escritor brasileiro sr. dr. Carlos Cavaco; *A Ferro Mata* e *Creança Louca*, canções com letra original da ilustre escritora D. Mercedes Blasco e executadas pela mesma distinta artista; A Valsa da *Duquesa do Bal Tabarin*, pela gentil atriz Ausenda de Oliveira do Teatro do Ginasio.

A festa termina com o Hino Nacional cantado pelos distintos artistas Ausenda de Oliveira, do teatro do Ginasio, e José Dubini, da Trindade, com acompanhamentos dos corpos corais dos teatros da Trindade, Apolo. Avenida e Eden.

O distinto maestro sr. Luiz Filgueiras presta gentilmente o seu concurso a esta festa, regendo a orquestra do teatro da Trindade.

A guarda de honra ao chefe do Estado é feita por uma força de infantaria da G. N. R. do comando de um capitão e uma banda, estendendo-se ainda pelas escadarias do edificio, abrindo alas, outra força de cavalaria da mesma guarda. O policiamento da sala é feito pelos bombeiros das quatro secções dos voluntarios de Lisboa, Ajuda, Lisbonenses e Campo de Ourique.

Os socios da Sociedade de Geografia e suas familias teem entrada, como de costume, mediante a apresentação do bilhete de identidade.

A festa é abrilhantada por duas bandas: a da marinha e uma da guarda nacional republicana.

Concurso literario de "A Capital"

Concurso de peças teatrais

A Sr.ª D. Tereza Leitão de Barros (1.º premio)

A Sr.ª D. Maria Fernanda de Castro e Quadros (4.º premio)

E' do seguinte teor a acta lavrada pelo juri para a classificação das peças presentadas ao concurso aberto pela *Capital* em 1 de outubro de 1919:

Acta 2

Aos cinco de Agosto de 1920, reuniram n'uma das salas da redação do jornal *A Capital*, os membros do juri abaixo assignados, para proceder á classificação final das peças apresentadas ao concurso aberto por aquele diario e que deverão ser representadas, conforme o compromisso tomado quando da iniciativa d'aquele concurso, n'uma recita a realisar no proximo inverno, n'um dos teatros de Lisboa, em favor da «Casa Gil Vicente».

Na ausencia do actor Eduardo Brazão, presentemente no Brazil, conhecida a sua opinião, já anteriormente expandida, os abaixo assignados:

Tendo em consideração o tratar-se de peças em um acto, sempre dificeis de fazer e muito mais por auctores novos ainda não experimentados n'este genero de literatura;

Atendendo mais á necessidade de desculpar as naturais hesitações de quem começa, como sejam, alem da deficiencia de tecnica, certos defeitos na propriedade da expressão e algumas inverosimilhanças e ingenuidades;

Atendendo finalmente á conveniencia de estimular aptidões, procurando concorrer para um maior desenvolvimento e uma mais larga produção do teatro nacional;

Resolveram, por unanimidade, conferir os quatro premios a distribuir, pela fórma seguinte:

A' péça «9 de Abril», assignada com o pseudonimo «*Lá Donna Velata*», o primeiro premio, de cem escudos.

A péça «Corpo e alma», não assignada, com o numero de inscripção «*57*», o segundo premio de oitenta escudos.

A' péça «O Degredado» assignada com o pseudonimo «*Antonio Amargo*», o terceiro premio de cincoenta escudos.

A' péça «Alma Antiga», assignada com o pseudonimo «*Alfazema*», o quarto e ultimo premio, de trinta escudos.

Procedendo-se seguidamente a abertura dos envelopes que encerravam os nomes dos autores, verificou-se que pela ordem das péças acima descritas, correspondiam aos respectivos pseudonimos, os nomes de D. Theresa Leitão de Barros, Alfredo Joaquim Gameiro, Antonio Correia Pinto de Almeida e D. Maria Fernanda de Castro Quadros.

Mais resolveram, seguindo o mesmo criterio, fazer mencionar n'esta acta, as peças que em seguida vão descriptas e que, embora sem direito a premio, revelam qualidades dignas de destaque:

O tio Joaquim............	assignada com o pseudonimo	*Carlos Luiz*
Sem remedio...............	» » » »	*Luigi*
Castigar..................	» » » »	*Antero de Lima*
O homem da mancha branca	» » » »	*Vaz Fonte*
Reboliço feminino.........	» » » »	*Bichano*
O ultimo acto.............	» » » »	*Hugo Lino*
De chofre.................	» » » »	*João das Dores*

E não havendo nada mais a tratar, finda a sua missão, foi encerrada a sessão pelas vinte horas, de que se lavrou a presente acta.

(aa) *Julio Dantas, E Schwalbach, Bento Mantua, Alvaro Lima* (por «A Capital»).

* * *

Como já hontem dissemos e hoje repetimos, resta ainda atender a um grande numero de cartas de varios concorrentes pedindo para que, embora não premiados, os seus trabalhos tivessem algumas palavras indicando os erros, ou defeitos de fórma a poder o *concurso* revestir-se tambem d'um lado pratico e util para todos. A este desejo corresponderá *A Capital* entregando os originais á secção teatral do jornal, e absolutamente fóra da responsabilidade do *juri* que os classificou, e encarregando-a de na respectiva secção dar em poucas palavras os topicos dos varios originais conservando em tudo a reserva dos pseudonimos.

Como tambem noticiámos, os premios pecuniarios acham-se, a partir de hoje, á disposição dos premiados em todos os dias uteis, na administração d'este jornal, das 18 ás 19 horas, onde egualmente poderão ser requisitados os originais que não foram classificados e cujos auctores não desejem aguardar as referencias que, oportunamente, como acima dizemos, serão feitas na nossa secção teatral.

O CALVARIO DAS NOSSAS ESCOLAS

Para um milhão de creanças oito mil professores!

Nova entrevista com o deputado e professor sr. Tavares Ferreira

Prometemos ante-hontem quando demos uma interessante entrevista com o ilustre professor da Escola Primaria Superior de Santarem, o deputado sr. Tavares Ferreira, voltarmos em breve ao assunto, e já hoje gostosamente o fazemos.

O sr. Tavares Ferreira é homem pratico, methodico, e as suas promessas são pontos de honra a que não falta. Por isso hoje expontaneamente se colocou á nossa disposição para esse fim.

— Cá me tem de novo!

Cumprindo a promessa feita, vou dar-lhe mais algumas informações sobre as nossas escolas primarias.

Em 1915, havia em todo o paiz, incluindo as ilhas adjacentes, 6:784 escolas, com 7:351 professores. Estes numeros estão hoje um pouco acrescidos, pois ha actualmente mais de 8:000 professores.

Quantas d'essas escolas funcionam em edificios proprios? Ninguem o sabe ao certo, pois a este respeito não me consta que qualquer simulacro sequer de estatistica se tenha feito. Pelo menos, eu já o quiz saber, e ninguem me soube informar.

Pelos meus calculos, creio porem, que não errarei muito, se lhe disser que mais de 60 % estão instaladas em casas arrendadas, na sua grande maioria, higienica e pedagogicamente condenadas.

Faltas de ar e privadas de luz, a maior parte d'essas casas não teem sequer o espaço indispensavel para a frequencia escolar. As crianças estão ali empilhadas, sem conforto de especie alguma. Conheço uma na Beira de tão diminuta superficie, que a cada metro quadrado correspondem tres alunos. Tem apenas uma pequena janela que, pelas suas dimensões, mais parece uma solteira. Os alunos entram para uma *modelar* sala de aula, passando pela cosinha da residencia da professora, por não haver outra porta que n'ela dê ingresso. A madeira do tecto, muito apodrecida pela humidade, deixa ver as telhas atravez dos seus inumeros buracos. As velhas cadeias não causam mais horror.

E funciona ahi a escola, por não haver outra casa melhor.

Mas como esta, ou muito parecidos com esta, ha muitos por esse paiz fóra, sobretudo nas Beiras e Traz os Montes. Não obstante, por serem os mais frios do paiz, e é precisamente n'estas provincias que elas deviam ser mais confortaveis. Pois dá se exatamente o contrário.

De escolas, apenas teem o nome. São verdadeiros antros que afastam em vez de atrairem as crianças.

Visitei uma ocasião uma no distrito da Guarda, cuja porta nem chave tinha, estando permanentemente aberta, para assim a tornar... mais publica...

Verdade seja, que n'isso não havia perigo para a guarda do respetivo material escolar, que se resumia a uma tosca mesa de pinho para os alunos escreverem, á vez está claro, por não chegar para todos. A mesa do professor era do mesmo estilo e valor. E para não desmanchar este *agradavel* conjunto, encostado a uma das paredes, um esqueletico e minusculo quadro preto—já tão coçado que dificilmente se poderia afirmar que tivesse sido pintado em qualquer epoca—completava o *riquissimo* mobiliario.

E como se isto não fosse bastante para a impor á admiração de nacionais e estrangeiros, uma taberna instalada no andar terreo, emprestam-lhe, um «valiosissimo auxilio moral», para a recomendar á consideração dos poderes publicos.

Mas não é preciso percorrer as sertanejas aldeias, dispersar pelas montanhas das Beiras, para nos inteirarmos do estado miseravel das nossas escolas primárias.

Aqui mesmo na capital, muitas d'elas funcionam em edificios improprios, sem condições higienicas e pedagogicas, que os tornem sequer adaptaveis ao seu regular funcionamento.

Urge e impõe se portanto que se encare a serio e com coragem, o magno problema das construções escolares.

E' de capital importancia para o desenvolvimento do ensino popular.

Assim o entenderam outros paizes, dos quais destacarei—a França e a Inglaterra.

Em Novembro de 1863, n'uma exposição sobre a situação do imperio, que em França se publicou, fazia-se esta acertada afirmação:

«A experiencia prova que uma escola pública não está verdadeiramente constituida, senão quando se encontre ao abrigo das variações e da instabilidade a que as propriedades particulares estão necessariamente expostas.»

Em 1883 publicou-se uma lei que impunha ás comunas a obrigação de construir casas de escola.

Ao fim de 40 anos, estavam construidas 39.328, ou sejam, em média, 983 por ano.

O mesmo interesse e empenho pelas construções escolares, manifestam a Inglaterra.

No patriotico intuito de resolver este magno problema, criou-se em 1870, um «comité escolar» em cada distrito. Só o de Londres, em 5 anos, construiu 134 edificios que podiam compostar 110.000 crianças aproximadamente. Precisamos fazer o mesmo. E se é indispensavel estimular as iniciativas particulares, mais indispensavel se torna que o estado dê o exemplo, aumentando as verbas destinadas a essas construções.

Alguma coisa, nesse sentido a Republica tem já feito, incluindo os orçamentos de alguns anos, 200 contos annais para tal fim. Ultimamente autorisou-se um emprestimo de 5.000 contos, de que se levantaram 1.500 Mas tudo isto isto é pouco. Não basta. E' preciso mais, muito mais, se quizermos ter escolas definitiva e devidamente constituidas. E para terminar deixe-me dizer lhe que a Republica, se não tem feito tudo aquilo que as necessidades do ensino primario exigem, não deixou contudo de analisar esse seu beneficio, obra já bastante apreciavel, São os numeros que o afirmam.

Em 1901 havia 4.521 professores. Em 1910 esse numero elevou-se a 5.808, sofrendo portanto em 10 anos, um aumento de 1.287 professores, o que dá em media 128 por ano.

De 1910 a 1915 o numero de professores atingiu 7.351, quer dizer nestes cinco anos houve um aumento de 1.543, isto é, mais que nos ultimos dez anos da monarquia. Os distritos onde esse aumento foi mais elevado foram os de Lisboa com 217 Porto 216; Vizeu 155 e Aveiro 108. Os que menos aumento tiveram foram os de Beja com 24 somente, seguindo-se-lhe na ordem decrescente, *Portalegre com 30; Evora 48; Castelo* Branco 48; Faro 51; Leiria 56 e Braga 59.

Em Lisboa, o numero de professores, que em 1910 era de 274, subiu em 1915 a 415, havendo portanto um aumento de 131.

Ora havendo em 1892 na capital 279 professores e 274 em 1910, verifica-se que nos 18 anos que mediaram entre aquelas datas, o seu numero diminuiu em vez de aumentar.

Como vê, o confronto não pode ser mais favoravel á Republica.

Mas o que se tem feito, sendo alguma coisa, é quasi nada em face do que é necessario fazer. Devemos ter hoje mais de um milhão de crianças em idade escolar. Precisamos pelo menos 25.000 professores dando a cada um a elevada media de 40 alunos. Desde que só temos cerca de 8.000, ou seja menos da terça parte, não é de estranhar que a percentagem do analfabetismo decresça tão lentamente».

Ahi teem os nossos leitores o que sobre um assunto importantissimo diz e pensa um dos nossos mais habilitados professores.

Talvez valesse a pena ouvil-o atravez da *Capital*, o sr. ministro da instrução...

VIDA SPORTIVA

Nota do dia

As provas de natação que este ano se devem realisar na Figueira da Foz podem revestir-se de extraordinario brilhantismo, se á confecção do programa presidir uma boa orientação.

A essas provas devem concorrer os melhores nadadores da localidade, de Lisboa e do Porto. Travar-se-hão, por isso, renhidas lutas.

O que entendemos que os organisadores devem fazer é organisar séries eliminatorias, pelo menos no campeonato de 200 metros, para que afinal reuna apenas os 4 ou 5 melhores nadadores. Não é muito dificil saber-se antecipadamente quaes os concorrentes que mais probabilidades teem de vêr os seus nomes incluidos nessa final, e assim as séries seriam organisadas de forma que ficasse colocada em cada uma um desses provaveis vencedores. Desta forma, a prova seria mais regular; as séries despertariam interesse, porque se travaria a luta de uns tantos contra o «leader» e a final seria extraordinariamente forte e bem disputada, porque os nadadores poderiam nadar mais á vontade, sem a preocupação de serem incomodados, como sucederá se correm mais que 4 ou 6 ao mesmo tempo.

Não está isto no habito dos organisadores das provas que entre nós se realisam, mas não podemos andar toda a vida sem progredir.

Numa prova de grande percurso não se pode nem deve fazer isto, mas para corridas de velocidade achamos indispensavel fazel-o, quando os concorrentes excederem em numero meia duzia.

Temos visto já em corridas de 100 e 200 metros lançarem-se á agua 8 e mais nadadores, pelo que fatalmente todos ficam sujeitos a ser prejudicados, voluntaria ou involuntariamente.

A Figueira, que terá de certo nas suas provas numerosos concorrentes, tem agora ocasião de as organisar modelarmente, para servir mesmo de exemplo aos clubs do sul e do norte, que não olharam ainda para este facto com olhos de vêr.

Se em em todas as provas se procede do modo que indicamos, porque ha de haver excepção nas corridas de natação?

Não sabemos explicar.

Que os organisadores das provas da Figueira nos não levem a mal este modesto conselho, que visa apenas melhorar as condições das corridas e tornal-as mais sportivas, mais renhidas e mais interessantes, portanto.

Pinto d'Almeida

NATAÇÃO

A classe do G. C. P. na doca de Alcantara

Com regular frequencia teem continuado as classes de natação na doca d'Alcantara, onde o Ginasio tem um barracão e em Pedrouços na jangada Walter Awato, no estabelecimento de banhos do Roque.

Amanhã, ás 9 horas, realisa o Ginasio Club Portugues as provas finaes da classe de natação dos alunos da Casa Pia a quem o Ginasio Club ha anos vem obsequiosamente ministrando o ensino deste util exercicio.

Os que concorrem ás provas são uns 30 nadadores fazendo, alem das provas de estilos, corridas de 50 m, 100 m e 200 m e varios exercicios de salvamento.

Foi adiada para o dia 5 de Outubro a realisação da importante prova de natação «Travessia do Tejo a nado», instituida pelo Ginasio Club Portugues *em 1908 e na qual se disputa o* «Escudo Ginasio Club», tendo o vencedor medalha d'ouro e diploma.

—Estão marcadas para o dia 5 de setembro as provas de remo, para disputa das taças «Lisboa» e «cinco de outubro» e prova de «Juniors».

Parece que este ano a essas provas concorrem «équipes» do Porto, que já se estão treinando.

—Diz-se que na corrida para disputa da taça da «Vitoria» que, como se sabe, foi instituida o ano passado pela Associação Naval 1.º de Maio, da Figueira da Foz, toma parte a «equipe» de remo brasileira, que tambem vae aos jogos olimpicos d'Anvers.

Do estrangeiro

Na Maratona dos jogos olimpicos os americanos fazem-se representar por 4 corredores, por não poderem tomar parte os 7 que estavam escolhidos, visto que o regulamento o não permite.

—A grande maioria dos atletas *americanos que concorrem á olim*piada pertencem ás universidades.

—Depois de varias eliminatorias a «equipe» suissa de esgrima que jogará em Anvers ficou constituida por Wilhelm, capitão (La Chaux-de-Fonds), dr. Jacquet (Genebra), Montaguier (Genebra), de Tribolet (Lausane), F. e E. Fitting (Lausanne) Albaret (Genebra), E. Empeyta (Genebra), Lagier e de Trey, suplentes.

Noticiario De Portugal

Vai realisar-se no Coliseu dos Recreios um sarau promovido pela Camara Municipal de Lisboa e organisado pelo G. C. P.

As grandes datas historicas

A celebração do 14 d'Agosto

A direcção da Cruzada D. Nun'Alvares Pereira faz o seguinte apelo:

Povo Portuguez! Unamo-nos todos para glorificação da Patria!

Em 14 de agosto corrente celebrar-se-ha em Lisboa e, sem duvida em todo o Pais, a comemoração da gloriosa batalha de Aljubarrota.

Não pode ser mais proprio o momento para esta patriotica Festa Nacional. Cumpre que todo o Pais, conscio da solene gravidade do momento que passa e que tanto interessa aos ulteriores destinos da Patria, n'ela comungue e tome parte, sem distinção de côres politicas, porque acima dos interesses ou preocupações partidarias, paira imperativamente a magna aspiração da unidade e do resurgimento nacional.

Aos pertinazes inimigos da nossa autonomia e aos detractores systematicos das energias da nossa raça, sempre rediviva das mais tremendas catastrofes, e que ainda ha pouco, nos campos da batalha da Africa e da Europa, por uma maneira tão assinalada mais uma vez impôs a lendaria bravura das armas portuguesas, o indomito furor «do peito forte lusitano», por Camões celebrado em estrofes imortaes, cumpre demonstrar-lhe que por mais abatidas que essas energias se lhes afigurem, ellas ainda não perderam aquele intimo e sempre vivo eiluvio, e antes o conservam integro e sagrado, que levantaram a Patria portugueza a novos alôres heroicos na demanda de outros e sempre melhores destinos. E' como um sonho messianico que nenhuma desilusão logra desfazer e que nenhum desastre consegue destruir.

Assim foi nesses sinistros e incertos dias que precederam em 1385 a memoravel jornada de Aljubarrota em que o montante do futuro condestavel, em redemoinhos de vertigem, espalhando o terror e a morte, consolidou indestructivelmente a ameaçada nacionalidade portuguesa. Assim será ainda hoje—agora e sempre— em que enlaçados e irmanados no mesmo espirito e na mesma aspiração que levou Nun'Alvares, ao dia triunfal de Aljubarrota os corações verdadeiramente e indefectivelmente portugueses comemorando agora muito significativamente a data dessa batalha redentora se erguem e se alevantam numa comunhão sagrada, até á mais alta expressão da independencia da Patria manifesta e sinthetisada na figura nobre e imortal de Nun'Alvares—um cavaleiro e um santo. Assim em o proximo dia 14 de agosto, todos os corações portugueses poderão e deverão vibrar numa pulsação unisona em honra desses dois nomes simbolicos ligados numa mesma expressão e numa mesma afirmação — *Aljubarrota e Nun'Alvares*.

Gloria ao grande condestavel!

Postos de socorros noturnos

O movimento dos cinco postos que estão funcionando foi, durante a ultima semana, de 12 chamadas.

Como se sabe, os postos estão abertos das 22 ás 8 horas e são para casos urgentes.

Propaganda de Portugal

Contra a raiva

A Sociedade Propaganda de Portugal no louvavel intuito de contribuir para atenuar tanto quanto possivel os perniciosos efeitos da raiva, terrivel mal que tantas victimas causa no nosso paiz, está dirigindo uma circular a todas as camaras municipais na qual se faz notar, pela apreciação das respectivas estatisticas, o assustador desenvolvimento que esse flagelo está tendo em Portugal, e se solicita a intervenção imediata d'essas corporações no sentido de serem tomadas medidas profilaticas tendentes ao decrescimento e até mesmo ao desaparecimento do mal.

Acompanha essa circular uma pequena publicação, em fórma de calendario, do Instituto Bacteriologico, na qual se indicam as providencias a tomar para o caso, tanto de se ser mordido, como para evitar a propagação do mal.

De ano para ano a raiva tem aumentado. Assim, por exemplo, ao passo que em 1893 foram tratadas no Instituto Bacteriologico 367 pessoas, em 1918 receberam ali tratamento 3153. E' preciso, é forçoso opôr um dique a tal aumento e o empreendimento da Sociedade Propaganda de Portugal merece todos os louvores e oxalá que seja secundado pelas camaras municipais prestando-se assim um valiosissimo serviço.

TOURADAS

Campo Pequeno.—A corrida de amanhã, em festa artistica do estimado bandarilheiro Alfredo dos Santos, principia ás 17,30 e consta da lide de 10 touros dos irmãos Robertos pelos seguintes artistas: cavaleiros, Rufino Pedro da Costa, R. Teixeira e Justiniano Gouveia, espadas novilheiros «Facultades» e Teofilo Guerra, bandarilheiros, Cadete, Rocha, Custodio, A. Xavier, A. Carvalho e «El Indio», da quadrilha do espada. O grupo de forcados é chefiado por Chico Marujo.

O apreciado actor Nascimento Fernandes dirigirá a corrida, que Alfredo dedica á classe teatral. Abrilhantam a corrida duas bandas de musica, uma das quaes é a da Fabrica Portugal.

Multa de 6.000 escudos

Foi confirmada no Supremo Tribunal administrativo, a sentença que condenou em 6.000 escudos a firma Jacinto & Botelho com manteigaria na rua da Prata.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

O «Nacional» e... os societarios.

Dos jornaes:

«O sr. senador Julio Ribeiro e outros senadores vão apresentar um projecto de lei mandando admitir como societaria do teatro Nacional a actriz Mercedes Blasco, *pelos serviços prestados durante a guerra como enfermeira da Cruz Vermelha e recitas de caridade no estrangeiro, em virtude de certificados das autoridades militares.*

Em 30 do mez p. p. publicou a *Capital* uma nota do dia, da qual extratamos os seguintes trechos para o gosto... teatral de Julio Ribeiro.

«No Teatro Nacional» deram-se não ha muito tempo 6 vagas de societarios. E' verdade? E'.

Para elas entraram: Eduardo Brazão, Palmira Bastos, Lucinda Simões, 3. E mais; Helena de Castro... E mais tambem Antonio Gomes e Irene Gomes.

Societarios do Nacional!!!!

Não discutindo os meritos destes senhores, que lá nunca puzeram os pés, é ainda caso para saber o seguinte:

O Estado dá um prazo ás pessoas que nomeia para os cargos que paga, a fim de tomarem posse. No caso de passar esse praso, são demitidos novamente. Alguem nos pode dizer se Antonio Gomes e Irene Gomes, tomaram posse? E se não tomaram foram demitidos?

E então o publico fica a pensar da desorganização e desafinação de tudo isto, ao lembrar-se que Henrique Albuquerque, Rafael Marques, Erico Braga, necessarios no «Nacional», a ponto de serem contratados para lá representar, não sejam os societarios a preencher as citadas vagas e andem aquelas duas almas por operetas, esfolando os seus «belos» cargos de «societarios» do «Teatro Nacional» onde nunca puzeram os pés, nem para tomar posse?

Até agora ainda ninguem respondeu á *Capital*.

Saberá o sr. Julio Ribeiro algo do assunto?

A. F.

Noticias novas

Entre nós

Pelo escritor Rafael Ferreira foi entregue á empreza do teatro Apolo uma peça de costumes populares intitulada «Gente Portuguesa», que está *sendo musicada pelo maestro Luz* Junior.

O primeiro ato é passado no Terreiro do Paço, na ocasião do embarque dos cirios para a Atalaia, e o segundo e o terceiro neste local.

Noticias velhas

8 de Agosto de 1846

Nasceu no Porto o maestro Cyriaco de Cardoso, empresario bem conhecido do Porto, que se tornou notavel pela execução que conseguiu dalgumas dificeis partituras.

Foi na sua empreza que deu o grande sinistro do Teatro Baquet em 1888.

No teatro D. Afonso para onde se mudou fez cantar «Carmen», «Freyshutz», «Fra diavolo», «Valle de Andorra», mas sempre com dificuldade em conseguir elementos artisticos. Desiludido mudou de genero, obtendo triunfo com o «Burro do sr. Alcaide», no Avenida de Lisboa, seguindo-se o «Solar dos Barrigas», «Valete de Copas», Cócó, Reineta e Facada», e «Testamento da Velha».

Depois ainda como director musical esteve no Avenida, no Porto etc. sendo muito reconhecidos os seus esforços.

8 de Agosto de 1851

Nasceu em Lisboa a atriz «Guilhermina de Macedo» que se estreou na Rua dos Condes, elemento de valia nas varias companhias em que figurou. Esteve no Rio de Janeiro com Lucinda Simões, nunca passando do meio agrado. Retirou e morreu já fóra da vida de scena.

8 de Agosto de 1874

Inaugurou-se na Figueira da Foz, o teatro «Principe D. Carlos» depois transformado em club de batota. Abriu com a representação por amadores do drama patriotico «Opressão e liberdade» original de Eduardo Coelho.

O cartaz de hoje

Nacional, ás 21.30, «A Castro».
Politeama, ás 21.15, «A Labareda».
Trindade, ás 21.15, «Chá e torradas».
Ginasio, ás 21.15, «O A's».
Apolo, ás 21.15, «O Serafim da Graça».
Salão Foz, ás 21 «Variedades».
Olimpia, Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.
Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.
Chantecler, Animatografo e fitas faladas.

Cruz Branca

Realisa amanhã um interessante exercicio

Esta benemérita instituição do serviço de saude dos Bombeiros Voluntarios de Campo d'Ourique, realisa amanhã de manhã, nos terrenos da Damaia, Alferragide e Nodel, um exercicio de maqueiros, enfermeiros e sinaleiros, o qual é dirigido superiormente pelo seu respetivo comandante, sr. Branco Martins, tendo como auxiliares o chefe de serviço sr. Antonio Jacinto Pereira da Rocha e chefe instrutor sr. José Luiz Carlos d'Oliveira, enfermeiro chefe do banco do hospital de S. José.

A coluna é composta de um pelotão de 20 maqueiros, 10 enfermeiros e 4 sinaleiros com o respetivo terno de corneteiros, 2 side-cars, um auto-maca e uma ambulancia.

O tema do exercicio é o seguinte: Do logar de Nodel pedem socorros devido a um violento incendio que ahi se manifestou, havendo gente a socorrer, mas quando a coluna chega á Damaia de Baixo, é avisada de ter-se dado em Alferragide um desabamento d'uma empena d'um predio em reconstrução, havendo vitimas e gente soterrada.

O comandante improvisa um hospital na Damaia de Cima, dividindo o pelotão de maqueiros para os dois locaes.

Os maqueiros procedem aos salvamentos, socorrendo e transportando no hospital as vitimas que ahi são pensadas dos diversos ferimentos que apresentam.

Finda a primeira parte do exercicio, seguir-se-ha a instrução militar do mesmo pessoal.

A coluna, terminado o exercicio, almoça no campo e retira para o Quartel.

Noticias da Capital

Um gatuno de respeito.—Nos calabouços do governo civil encontra-se novamente o terrivel gatuno Miguel Francisco Roque, o *Pelado*, ou o *Careca*, que ha tempos se evadiu da colonia penal de Cintra, sendo agora detido por ter praticado por meio de arrombamento um importante furto, fazendo tambem parte de uma terrivel quadrilha de gatunos que ha dias entraram por meio de arrombamento n'uma sapataria na Avenida Duque d'Avila, donde roubaram calçado no valor de 4:000 escudos.

—Deu hoje entrada na Tezouraria do 4.º Bairro a quantia de 5:641 escudos importancia de 767 passaportes e 115 vistos passados pela 1.ª repartição do governo civil durante o mez de Julho findo.

A serie diaria.—Foram presos Eduardo Vasconcelos, sem residencia nesta cidade, por ter furtado a um provinciano a carteira contendo 200 escudos; Manuel da Silva, sem residencia, por ter furtado um relogio e corrente no valor de 200 escudos a Manuel d'Almeida, da azenhaga da Fonte; Bernardina Adeleide Rosa, por ter furtado nos Grandes Armazens do Chiado calçado no valor de 55 escudos.

Queixaram-se: Emilia Neves, moradora na rua da Boa Vista, 93, 4.º de que os gatunos lhe furtaram objectos e dinheiro no valor 55 escudos; Alberto Monteiro, artista teatral que anda em excursão pelas provincias e actualmente em Cascaes, de que um seu companheiro lhe furtara objectos d'ouro e dinheiro no valor de 500 escudos.

Queimada ao apagar um fogo.—Na rua de Santo Antonio da Gloria, 54, rez do chão, quando hoje de manhã Berta Tavares Penedo andava queimando formigas, pegou fogo ao soalho e a um sofá. Ao tentar apagal-o, ficou queimada nos pés e nas mãos, pelo que foi conduzida á Cruz Verde, onde recebeu curativo. Chegou a comparecer material de incendios, que pouco depois retirava.

Festas associativas

Grupo Dramatico Lisbonense—Amanhã, pelas 21 e meia horas, promovido pela direção, em homenagem ao seu consocio sr. Augusto Soares, na recita com o drama *Morte civil*, em que o homenageado tem o principal papel.

A provincia n'A CAPITAL

PRAIA DA ROCHA, 6.— Chegaram a estas termas José Sepulveda Mascarenhas, major Ferreira de Sousa, capitão J. Arsenio Moreira e familias, todos residentes em Lisboa, e Antonio Magalhães Barros e sua familia, da Mecilhoeira da Carregação.

Continuam paralisados os trabalhos da nova avenida do Vau; a verba de 5.000 escudos foi absorvida na expropriação de terreno.

ULTIMA HORA

Falta de iluminação

As ruas da cidade, excepto as da Baixa, continuam ás escuras

A Camara Municipal, na sua preocupação de municipalisar, emquanto não póde socialisar todos os serviços, vae lançando n'eles a confusão, vae positivamente pondo n'um caos tudo quanto de preciso é á vida da cidade.

Os serviços de aguas, os serviços de limpeza, os serviços de calcetamento, os serviços de viação, os serviços de iluminação estão na *beleza* que se vê, que é bem palpavel.

Dos electricos nos não ocuparemos aqui, visto que toda a gente sabe, á sua custa, quantos sacrificios se fazem para percorrer longas distancias a pé sob este sol de canicula. Referir-nos-hemos em especial á questão de iluminação.

A cidade só na parte denominada a Baixa tem luz. Nas ruas mais afastadas nem ao menos se acendem os candieiros, ha algumas noites. Toda a area abrangida pelas ruas Possidonio da Silva, do Borja, e Cavalariças do Infante, para não falarmos em outras, jaz imersa em funda escuridão. Aproveitando-se o pretesto de que a lua nasce já lá para as 2 ou 3 horas da manhã, não se acendem os candieiros. E os moradores d'essas ruas que não saiam de casa, a não ser que se queiram expôr aos riscos de apanhar uma tareia, quando não uma facada ou um tiro.

Ora a Camara Municipal, que tantas valentias mostra no caso dos electricos, que pensa em municipalisar esse serviço, porque não toma providencias contra a companhia que é obrigada a iluminar a cidade? Será porque a iluminação não é tambem um serviço dos mais importantes d'uma capital?

Misterios que a nossa mente simplista não compreende, ou antes compreende de mais. Mas, como nem todas as verdades se podem dizer, limitamo-nos a chamar a atenção da camara municipal para isto: As ruas da cidade estão ás escuras!

A gréve dos electricos

E continuamos na mesma! Não ha modo de se chegar a uma solução.

O pessoal da Companhia Carris voltou hoje a reunir, sendo lido um telegrama do pessoal dos electricos do Porto, confirmando a sua solidariedade, saudando os colegas de Lisboa, e noticiando que o pessoal superior e de escritorios aderiu á greve.

Correu hoje com insistencia o boato de que todo o pessoal operario da Camara Municipal se vae declarar *em greve*, por *solidariedade* com o dos electricos. Não sabemos o que haja de verdade e apenas nos limitamos a registar a noticia.

A comissão de assinantes que concorda com o aumento dos passes entregou esta tarde ao sr. dr. Vidal, presidente da comissão executiva da Camara Municipal, uma representação com grande numero de assinaturas. São ainda em grande numero as listas que para tal fim se encontram em diversos estabelecimentos.

Portugal lá fóra

Uma victoria da «equipe» portugueza de tiro em Anvers

Segundo nos comunica o «Comité» Olimpico Portuguez», os nossos representantes nos Jogos Olimpicos de Anvers classificaram-se em 8.º logar no torneio de tiro á pistola.

Como se vê, é uma victoria brilhante, visto que as nações concorrentes são em numero de desaseis e as condições da nossa «equipe» tanto em munições como em armas é inferior á das outras nações.

O Brazil em Anvers

Na proxima segunda-feira no comboio das 8,50 partem para Anvers os srs. dr. Castelo Branco e Bahemar Ferreira Serpa que tinham ficado em Lisboa em virtude deste ultimo chegar doente ao nosso porto.

Parece que a «equipe» de tiro brazileira nada pode tomar parte no concurso de tiro por ter chegado tarde a Anvers.

Farol do cabo Spartel

O consulado de Portugal em Tanger, comunicou ao ministerio da marinha que, a partir de hoje, começa a funcionar o farol do cabo Spartel.

Poeira da Arcada

Sanidade interna

Segundo o boletim de sanidade interna apresentado na ultima sessão do conselho superior de higiene, na semana finda em 31 de julho manifestaram-se em Lisboa 4 casos de difeteria, 2 de escarlatina e 5 de febre tifoide, e no Porto apenas um caso de difteria.

Conselho de ministros

O conselho de ministros que fôra convocado para hoje de manhã não chegou a realisar-se por motivo de doença subita do chefe do governo. O sr. dr. Antonio Granjo foi acometido de uma colica benigna, tendo experimentado grandes melhoras durante o dia.

Interesses coloniais

O sr. ministro das colonias mandou pedir aos governadores das nossas possessões ultramarinas indicações de quais as medidas de fomento que e tendem dever ser adoptadas nas respectivas provincias.

O governador geral de Angola requisitou o material necessario para o fabrico das alfaias agricolas destinadas ás granjas.

Emigração clandestina

O inspector dos serviços de emigração sr. Barros Lima, prendeu a bordo de um paquete que ultimamente passou no Tejo, Mario Ferreira, de Pedrogão Grande, filho de Joaquim Ferreira e de Luiza Henriqueta, porque, sendo portuguez, se apresentou com passaporte brasileiro, obtido por intermedio do agente habilitado Acacio Rebocho Guedes, de Lisboa, que tambem foi preso, e que iludia a boa fé do consulado brasileiro com documentos falsos.

O Brasil intensifica a produção do carvão

RIO DE JANEIRO, 6. — Em vista das dificuldades que está ocasionando a falta de carvão para as varias industrias, intensificou-se a exploração de grandes jazigos existentes no territorio da Republica. — (*Americana*).

Contra os agitadores estrangeiros

RIO DE JANEIRO, 6. — A imprensa aplaude energicamente a atitude tomada pelo governo contra os agitadores estrangeiros. — (*Americana*).

Carreiras para os Estados Unidos

RIO DE JANEIRO, 6. — Destinaram-se mais dois navios para a carreira do Loyd brazileiro entre Nova-York e este porto — (*Americana*).

Gréve da construcção civil

RIO DE DE JANEIRO, 6. — Os operarios das construções civis declaram a gréve da sua classe, — (*Americana*)

A resposta do governo dos soviets ao «ultimatum» britanico

PARIS, 6. — A imprensa franceza diz que já chegou a Londres a resposta do Tchitcherine ao «ultimatum» britanico exigindo que o exercito vermelho detenha a sua marcha sobre Varsovia. «O Petit Parisien» diz constar-lhe que nessa resposta o governo dos soviets, declara, entre outras coisas: 1.º que está disposto a concluir uma paz separada com a Polonia; 2.º que está disposto a reconhecer a independencia desse paiz; 3.º que as operações militares do exercito vermelho devem continuar até que os delegados polacos voltem ás linhas russas com plenos poderes para negociarem o armisticio; 4.º que o governo dos «soviets» não tem a intenção de exigir condições de paz proporcionaes ao exito das suas operações militares.—(*Havas*).

Os polacos preparam-se para resistir

VARSOVIA, 6.—O exercito vermelho, descendo ao longo da fronteira russa polaca e tendo em vista ocupar a via ferrea Rantzig-Varsovia, parece ter atingido Ostrolenka. Os polacos preparam-se para uma energica resistencia. Os srs. Jussorand e lord Dabernon vão deixar a Polonia encarregados de dar conta da situação aos governos francez e inglez.—(*Havas*).

O congresso dos mineiros em Genebra

GENEBRA, 6.—O congresso dos mineiros discutiu demoradamente o programa das horas de trabalho, tendo os delegados alemães, holandes e inglez insistido na necessidade de as reduzir.—(*Havas*).

Cruzador «Varêse»

A oficialidade cumprimentou o sr. Presidente da Republica

O sr. Presidente da Republica recebeu hoje pelas 16 horas, em audiencia, o almirante e demais oficialidade do cruzador italiano *Varêse* que ha dias se encontra fundeado no Tejo.

A apresentação dos nossos hospedes foi feita pelo sr. ministro da Italia.

O chefe do Estado demorou-se largo tempo conversando com o almirante do cruzador italiano.

Ecos & Noticias

Bodas de prata

Passa hoje o 25.º aniversario do casamento do sr. Fernando Eduardo da Costa Pimenta e da sr.ª D. Cristina Felicidade Sette Pimenta, extremosos paes do sr. Eduardo Setto Pimenta, empregado do Banco Nacional Ultramarino.

FALECIMENTOS

Faleceu hoje a sr.ª D. Antonia de Jesus Henriques Pena, mãe do sr. José Rey y Henriques, sub-chefe de serviço das oficinas tipograficas da Imprensa Nacional de Lisboa, e do sr. José Rey e Pena, chefe tipografico da «Ilustração Portugueza».

Ordem publica

Em varios pontos do paiz tomam-se providencias para evitar assaltos

Desde ontem á tarde voltam a correr boatos de que a ordem será alterada, servindo de desculpa para tal alteração a carestia da vida.

Fala-se em assaltos a armazens e depositos e todos esses boatos já nós a eles fizemos referencia quando na sala dos Passos Perdidos da Camara dos Deputados entrevistamos o sr. ministro do interior.

Em varios pontos do paiz teem-se esboçado tentativas de alteração de ordem e assaltos, mas a guarda republicana com as suas prevenções, evitou até agora demandos que assim prejudicariam os interesses economicos do paiz.

Em Alcacer do Sal houve indicações de uma possivel alteração de ordem e por isso para ali seguiram ontem forças de reforço, nada porem até agora se tem dado de anormal.

Para Setubal seguiram tambem hoje de tarde uma secção de metralhadoras pesadas para evitar eguaimento possiveis alterações.

Ainda hoje o chefe do Estado maior da guarda Republicana, tenente coronel sr. Liberato Pinto nos dizia:

—Isto tudo é consequencia da falta de abundancia de generos alimenticios nos grandes centros. Ha uma certa resistencia dos pequenos centros em deixa-los sair, mas é preciso socorrer os lares onde os generos faltam.

D'ahi uma certa efervescencia que obrigam a estas prevenções...

Latino-Americana
Anuncios e comunicados em todos os jornaes nacionaes e estrangeiros
Rua Antonio Maria Cardoso, 28
Telefone:—2143-C.
BREVEMENTE — RUA DO OURO, 18

A CAPITAL

...ANO DA NOITE

3599 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Domingo, 8 de Agosto de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

UM PROBLEMA GRAVISSIMO!

A questão do leite

No banquete já agora historico que a lavoura ofereceu ao sr. presidente do ministerio após o certamen dos motores agricolas nos campos do Ribatejo, o sr. Pelha Blanco teve para com o chefe do governo esta frase que, sendo um compromisso, é tambem e muito principalmente um grito d'alma d'um portuguez consciente da momentosa gravidade do momento que atravessamos: «o meu trigo, desde o norte ao sul do Tejo, está ás suas ordens, sr. Dr. Antonio Granjo».

E se não fosse a mancha parda da politica levantada na poeira facciosa da inconsciencia partidaria pelo sr. Dr. Tiago Sales, a reunião dos campos da Arriaga teria sido para a vida do governo e para a vida da nação um grande e alevantado acontecimento de que era licito esperar um melhor futuro na inquieta espectação que envolve toda a vida economica nacional.

Ainda assim houve, nas promessas que a lavoura proferiu pela voz autorisada do sr. Pelha Blanco, um grande suspiro de alivio para todos nós que tinhamos já na garganta a mão descarnada da fome e no horizonte apenas um traço negro que nem era sequer um ponto de interrogação tão precisas e tão claras teem sido as palavras dos governos quanto á nossa desgraçada situação economica.

O patriotico exemplo do sr. Pelha Blanco não está porem ficando isolado, e já em Evora lavradores e autoridades se conjugam para que em vez d'um inverno de fome haja nos lares d'aquela provincia alemtejana, senão a abastança, pelo menos o *quantum satis* indispensavel ás necessidades da legião.

Diga-se porem, e registe-se este facto como um sintoma doentio de *revanche*, a provincia vem de ha tempos a esta parte fazendo uma guerra surda a Lisboa, negando-lhe os produtos dos seus campos, a abastança dos seus lares.

Lisboa que tem vindo estoicamente sofrendo todas as epidemias desde a pneumonica ao tifo exantematico, a falta de luz á falta de casas, tem agora sobre si uma outra não menos grave, não menos importante e seguramente de efeitos bem mais perigosos, no presente e no futuro, do que as epidemias anteriores.

Lisboa está sem leite!

Sem leite para os seus doentes, sem leite para as suas creanças.

E isto que podia á primeira vista parecer um problema minimo de alimentação, é um problema gravissimo, um problema maximo para o qual nos permitimos chamar a atenção do governo e muito em especial a atenção do sr. presidente do ministerio e ministro da agricultura.

Se nós tivessemos estatisticas organisadas facil nos seria demonstrar, com numeros, a gravidade e a importancia do assunto que vimos tratando e que se nos afigura digno das maiores e mais rapidas atenções. Não ha leite em Lisboa. Desapareceram da rua os vendedores ambulantes que vinham dos arredores da cidade. As vacarias que temos ou não fornecem, ou fornecem-n'o em tão diminuta quantidade que mal chega para uma reduzida minoria de freguezes certos. E o pouco que aparece á venda é na maioria dos casos uma mixordia infeccionada por processos de falsificação vilissimos que merecia da policia uma fiscalisação rigorosa e dos auctoridades um castigo severo, energico, exemplar. Já passou de moda a simples falsificação com agua. Esse misicia não dava a densidade precisa para eludir a nossa quasi inhabil fiscalisação, de maneira que os gananciosos exploradores desse negocio usam agora, como isto repugna escrever!, a urina humana em substituição da agua.

Assentemos portanto nisto: Lisboa está sem leite e uma parte consideravel do pouco que lhe fornecem é miseravelmente falsificado.

Porquê? Dizem leiteiros e creadores de gado que o motivo principal reside nas tabelas. Que eles não podem por um preço irrisorio fornecer leite puro e em quantidade, visto que tudo encareceu e o negocio assim fixado lhes não dá margem a viver.

Só é assim, e o governo tem obrigação de o averiguar, acabe-se, mas já, mas imediatamente, com a tabela fixa para o preço do leite.

Ha em Lisboa milhares de doentes que passam martirios sem conto porque não teem uma gôta de leite para se alimentar em doenças em que, pela prescripção dos medicos outra não póde nem deve ser a sua alimentação.

Como ha, e isto é bem mais grave, centenas de milhares de creanças privadas pela falta do leite, d'aquela alimentação que a higiene infantil exige, e que nem sempre, senão raras vezes, é vantajosamente substituida pelas farinhas da especialidade.

O que se está fazendo é um crime! O que se está consentindo é um crime! Ha creancinhas com fome porque uma alimentação deficiente secou o peito das mães e porque o mercado lhes não fornece uma gôta de leite puro e de confiança.

E porque a quadra vae explendida para todas as doenças e todos os achaques gastro-intestinaes, vá de gastarem na botica o dinheiro que mais bem empregado seria no leiteiro.

Os medicos o sabem, e supomos até que o não ignora ninguem, que a falta de leite está transformando Lisboa n'uma vasta necropole infantil e que amanhã poderá ser já tarde para remediarmos as criminosas consequencias do dia de hoje.

Caro embora, mas exista o leite em abundancia, e não haverá bolsa de pobre que se não esquadrinhe para arrancar de lá o ultimo centavo preciso e necessario á alimentação dos filhos.

Assim, como está é que de nada serve! Que toda uma cidade por muito que barafuste de tabela em punho, não o conseguirá adquirir desde que ele falta.

Resolva-se portanto o assunto, mas resolva-se depressa, resolva-se já, para que os milhares de creanças e de doentes não morram, como estão morrendo, á mingua da unica alimentação que lhes é recomendado.

Advertencia importante

Respondendo a reclamações recebidas

Todos os jornaes da tarde e da noite retomaram já o seu antigo pessoal tipografico, podendo, por esse motivo, sair ás suas horas habituaes. «A Capital», em virtude dos seus operarios se acharem trabalhando no jornal «A Patria» desde 1 de maio, está sendo feita por tipografos na maioria estranhos á classe. Esta explicação convem que os nossos leitores a tenham presente, afim de reclamarem dos vendedores o nosso jornal, por isso que muitos deles, com o fundamento de que «A Capital» sae mais tarde, se recusam a fazer a sua venda. Serve tambem esta explicação de resposta ás reclamações que temos recebido de muitos desses leitores.

A proposito desta advertencia, publicou o jornal *A Batalha* a seguinte nota:

A comissão pró aumento desalarios dos quadros dos jornais de Lisboa pede-nos a publicação do seguinte:

«Tendo saido no jornal *A Capital*, de 28 do corrente, uma nota na qual a empreza do jornal *A Capital* diz que já todos os jornais retomaram o seu antigo pessoal grafico, podendo, por esse motivo, publicar-se ás horas habituais, esta comissão vem declarar que se a empreza de *A Capital* ainda não resolveu o conflito como os restantes empresas, é unica e exclusivamente devido a não ter querido solucionar o conflito grafico.

O pessoal de *A Capital* continúa em greve e aguarda, na sua Associação de Classe, a adesão da empreza de *A Capital* á organização de trabalho e salarios minimos, já em vigor em todos os restantes jornais de Lisboa.

Esta comissão julga conveniente esclarecer o publico e a classe grafica do motivo porque a empreza de «A Capital» ainda não tem a laborar o seu antigo quadro. Este não se demitiu, como parece depreender-se da nota publicada na «Capital». Encontra-se, como acima dizemos, na sua Associação de Classe aguardando a solução do conflito».

Ora no dia 21 de maio, publicou «A Capital» o seguinte:

«Tendo constado á direcção de «A Capital» que o seu antigo quadro tipografico constituido pelos srs. Miguel Martins, chefe, Manuel e Guilherme do Espirito Santo, linotipistas, Gabriel Dures, Libanio de Brito, Antonio Pinheiro e Ribeiro Pisco, compositores, estava empregado no jornal «A Patria», que ha de em breve iniciar a sua publicação, solicitou da direcção desse jornal lhe dissesse se eram ou não verdadeiras as informações que recebera.

A esse pedido respondeu, por parte da direcção da *Patria*, o deputado sr. Antonio Mantas com a seguinte carta:

Sr. Manuel Guimarães dig.mo director d'«A Capital».—Lisboa.—Satisfazendo os desejos de v. manifestados na sua carta de 20 do corrente, cumpre-me declarar-lhe que efectivamente estão em serviço, no jornal *A Patria* os tipografos referidos na carta de v., exceptuando Antonio Pinheiro, mas é meu dever dizer a v. que ainda não está constituido o quadro tipografico e todo o pessoal que trabalha na montagem da tipografia de *A Patria* é a jornal.

Devo tambem dizer a v. que o pessoal que for admitido neste jornal não acumulará, com o nosso consentimento, serviços com quaisquer de outros jornais.

De v., etc.—*Antonio Mantas.*

Como esclarecimento, diremos que esta carta foi recebida antes do aparecimento de *A Patria*, a 27 de maio, e que do pessoal que estava trabalhando na montagem desse jornal faziam parte todos os antigos tipografos d'«A Capital», com excepção do um, o sr. Antonio Pinheiro, que está empregado no escritorio da casa Batista & Barbosa, da rua do Poço dos Negros. Esses tipografos ficaram fazendo parte do quadro efectivo da *Patria*.

Concurso literario de "A Capital"

Concurso de romances e de peças teatrais

Do concurso aberto pela *Capital* em 1 de outubro do ano findo, demos já os resultados, tanto o de romances, como o de peças teatrais

No primeiro, os premiados foram:

Maria Abeirola, por Raimundo Esteves *(João Peregrino)*, com o premio de 120$00;

Historia muy simples d'uma vida muy curta, por Emilio Salgueiro *(Marco de Santelmo)*, 1.ª menção honrosa e publicação dessa novela n'*A Capital*, o que já se fez.

No de peças teatrais, os premiados foram os seguintes:

Nove de Abril, por D. Tereza Leitão de Barros *(La Donna Velata)*, 1.º premio, 100$00;

Corpo e Alma, por Alfredo Joaquim Gameiro *(Quem tem vagar...)*, 2.º premio, 80$00;

O Degredado, por Antonio Correia Pinto d'Almeida *(Antonio Amargo)*, 3.º premio, 50$00;

Alma Antiga, por D. Maria Fernanda da Costa e Quadros (*Que o amor de Portugal é simples, quasi sem historia...*), 4.º premio, 20$00.

Tambem o jury entendeu que deviam ser mencionadas as seguintes peças, que, embora sem direito a premio, revelam qualidades dignas de destaque:

O tio Joaquim, de *Carlos Luiz*;
Sem remedio, de *Luigi*;
Castigar, de *Antero de Lima*;
O homem da mancha branca, de *Vaz Fonte*;
Reboliço feminino, de *Bichano*;
O ultimo acto, de *Hugo Lino*;
De chofre, de *João das Dôres*.

Como muitos dos concorrentes manifestaram o desejo de que aos seus trabalhos, embora não fossem premiados, se consagrassem algumas palavras, indicando os erros ou defeitos que teem, afim de, por esta fórma, o concurso revestir uma fórma pratica, *A Capital* entregará os originaes á secção teatral do jornal, e absolutamente fóra da responsabilidade do *juri* que os classificou, encarregando-a de, na respectiva secção, dar em poucas palavras os topicos desses originaes, conservando a reserva dos pseudonimos.

Os premios pecuniarios acham-se á disposição dos premiados, em todos os dias uteis, na administração deste jornal, das 18 ás 19 horas, onde egualmente poderão ser requisitados os originaes que não foram classificados e cujos auctores não desejem aguardar as referencias a que acima nos referimos.

Narcoticos...

Dizia-me você hontem...

Dizia-me você hontem que os homens não sabem amar. Que não teem aquela imaterial ambição da pósse; e que todos os seus desejos, todos os seus caprichos, se resumem na carne palpitante.

Como você se ilude a si propria! Quando dois olhos se encontram, na estrada longa e larga da vida, de duas uma: ou se fitam indiferentes e passam adeante, ou se prendem na chama dum sentimento egual, e então não ha, como você supõe,—você, toda feita de duvidas e de ponderações, de obstaculos e de experiencias—não ha, repito, raciocinios que bastem, nem barreiras demasiado fortes que sirvam.

O sentimento da alma prende-se no sentimento da carne; e arrancar um do outro seria como quem pretendesse cortar os ramos todos duma arvore para que ela frutificasse no tronco. Se os olhos falam, se eles se entendem, e não ha nos recessos das almas, o fermento acre da mentira, deixe-se você de filosofias, que uma coisa mais forte do que a vontade e mais resistente do que o medo das situações futuras, hade vencer e triunfar. E' essa coisa a que uns chamam Amor, outros Paixão, é apenas a vida na sua mais bela expressão de ferocidade sentimental e eterna—a vida que se multiplica nos seres e nas plantas, que gera os dramas do coração e as tragedias da loucura, a vida que você desconhece talvez porque lhe tenha arrefecido já o sangue ardente da sensibilidade feminina, que não tem olhos para os problemas do futuro mas apenas os tem para as loucas realidades do presente.

O Amor,—fique-o você sabendo,—só habita nas almas que ainda não se adaptaram ás congeminações matematicas do egoismo... E' cego como o velho Milton. Esbelto e aguerrido como um Apolo; e impetuoso e grande como a passagem ciclopica da Avalanche.

Aqui está uma coisa que você... já não pode sentir!

P. F.

Na costa portuguesa

Vapor encalhado

VIANA, 8.—Ao sul da praia de S. Bartolomeu está um vapor encalhado estando outro vapor pequeno a ver se tenta salva-lo.—*(Havas)*.

POLITICA

Ha crise ou não ha crise?—Fantasias dos que muito amam o governo—Não ha cascas de laranja: ha a Constituição da Republica e o Regimento do Senado — Opiniões contrarias ás "opiniões" correntes — O governo ficará, pelo menos, até outubro

O que ha de politica? Pouco mais de nada. Domingo esplendido de sol, dos que não teem a dura obrigação de contradizer praticamente as teoricas afirmações da C. G. T., debandaram, mesmo sem eletricos, para as praias e para os campos, e os *mentideo*, do costume estão desertos.

Resta-nos ao menos o orgão oficioso do governo para nós nos entendermos. Antes isso. Archivemos portanto estes preciosissimos informes do nosso presado colega *A Manhã*, que valem quanto pesam e por sinal pesam que tem diabo! Oiçamol-a:

«Mas dar-se-ha essa crise? Continuamos a supôr que tal não conseguirão a aqueles que estão empenhados na queda do ministerio dentro da presente semana. Ao contrario do que se afirmara, nem o sr. ministro da justiça nem os restantes membros do governo estão na disposição de dar significado politico á moção, a que ontem nos referimos, e que o sr. Herculano Galhardo tenciona apresentar no Senado, declarando inconstitucional o projecto de lei sobre as inspecções do notariado na Madeira e Açores.

Mas, se o governo se desinteressa da questão, o mesmo não sucede com os democratico, sendo estes quem tomará como um acto de hostilidade a rejeição—inevitavel—da falada moção do sr. Herculano Galhardo. Comtudo, e era este um dos boatos que na Arcada circulavam, o anuncio da cabala referida, denunciada com muitas horas de antecedencia da sua realisação, desorientou aqueles que a pretendiam pôr em pratica. Por esse motivo parece terem acenado nos seus propositos, do que resultará que, afinal, não será o incidente do Senado que obrigará a meter agua a barcaça ministerial. Votado naquela Camara o conhecido projecto de lei do sr. senador Alfredo Portugal, os democraticos estão já dispostos a aceitar essa votação, aguardando que ele transite para os Deputados, onde tencionam fazer-lhe um *enterro* de primeira. Desfeita assim a cabala, á roda desta questão arquitetada, com que se pretendia derrubar o governo, resta a segunda hipotese a que hontem tambem fizemos referencia—a discussão das propostas de finanças. Parece-nos, porem, que tambem sobre este pretexto nada conseguirão os inimigos do governo e que este tem todas as probabilidades de se safar, até o dia 15, das *cascas de laranja* que já se puseram no seu caminho ou das que durante a presente semana, se lhes seguiram».

Como veem ha aqui o que se chama, salvo o devido respeito, uma no cravo e outra na ferradura. Mas será tudo aquilo assim? Segundo as nossas informações, o caso muda um pouco de figura. Assim podemos garantir que os democraticos não teem, ao que hontem nos informava uma alta figura desse partido—descansem almas irrequietas! não foi o sr. Antonio Maria da Silva...—a mais pequena intenção reservada de deitar abaixo o governo, e o caso do Senado não passa duma simples questão constitucional. O projecto de lei que o sr. Lopes Cardoso desejava fazer passar no Senado não é á face da Constituição e do regimento da competencia daquela Camara. Não o pode ser. Não o será portanto. E tudo se resume nisto. Não houve portanto plataformas apresentadas, nem tampouco premeditação de hostilisar o governo. E muito menos cabalas. O sr. dr. Antonio Granjo sabe perfeitissimamente que o sr. Herculano Galhardo tem pouco geito e nenhum feitio para *tombeur* de ministerios e que se ha alguem a quem o actual chefe do governo deve o seu assento numa cadeira de presidente é precisamente ao *leader* democratico do Senado que não iria agora embicar com o sr. Lopes Cardoso numa preocupação oposicionista á *outrance*.

Não. O que ha é apenas isto: o projeto de lei sobre as inspeções do notariado na Madeira e Açôres é á face da constituição regimental do senado indiscutivel ali. De maneira que o senado não o discutindo cumpre apenas um dever, nunca uma pirraça.

Não será portanto votado no senado como afirma o nosso colega *A Manhã*. O senado não o pode fazer e não o fará. Nem o governo tampouco se preocupará politicamente com isso que politicamente nada representa de facto.

Mais sabemos que tudo quanto para ahi se tem dito de cascas de laranja não passa d'uma encantadora *blague* de que, á força d'habitos adquiridos, se enterteem brincando aos ministerios.

As proprias medidas de finanças apresentadas pelo sr. Inocencio Camacho passarão em ambos os lados do Parlamento após ligeiras discussões e consideradas como o vão ser pelas duas camaras com simples medidas de expediente sem alcance de maior. Terão possivelmente uma mais viva discussão por parte do G. P. P. e de um ou outro membro mais graduado do P. R. P. mas no fim e ao cabo serão votadas para que o governo não possa dizer que tem contra si a maioria da representação nacional.

Serão votadas e o governo caminhará se o quizer fazer. Só cahirá se ele proprio, por motivos inaceitaveis, se quizer deitar a terra. Ora como isto se não dá, o governo do sr. dr. Antonio Granjo continuará no poder, *pelo menos*, até outubro.

São estas as nossas melhores informações.

Mutilados da Guerra

(A legislação)

Este assunto: legislação referente aos mutilados da guerra, ha-de provavelmente ocupar-me por varias vezes no desfiar d'este rosario de nestas ácerca do que se fez e do que é preciso ainda fazer-se.

Por hoje apenas irá alguma coisa por onde possa aquilatar-se do valor dos principios adotados nas duas fundamentais leis, em vigor, e ver-se que, de facto não é a extensão e complicação que torna os diplomas legais mais valiosos e uteis.

A protecção aos nossos mutilados da guerra está ou tem estado especialmente assegurado por dois pequenos diplomas (Decretos com força de lei), um o Decreto 4154, de abril de 1918 e outro o Decreto 4268, de 5 de outubro de mesmo ano).

O primeiro d'estes dois decretos foi redigido e entregue por mim a uma das pessoas que mais se interessaram pela causa dos mutilados, o sr. coronel-medico dr. Pompeu Mirateau, que foi chefe da Repartição dos serviços de saude do Ministerio da Guerra; estava para ser publicado, quando Ministro da Guerra o sr. Norton de Matos, e, por virtude dos acontecimentos de dezembro, só poude ser publicado pelo dr. Sidonio Pais, que da melhor vontade o perfilhou mostrando tambem pela questão o maior interesse.

O segundo decreto foi tambem entregue ao dr. Pompeu Mirateau, depois de estudado pela comissão dos medicos que tratavam das questões relativas aos mutilados da guerra, e que habitualmente e regularmente se reuniam no Instituto de Santa Izabel. Esse decreto, por proposta minha, com a qual plenamente concordou o então Ministro da Guerra sr. coronel Amilcar Motta, foi publicado em 5 de outubro de 1918, conjuntamente com outro decreto da nossa iniciativa, o da criação de um distinctivo especial para uzo dos mutilados, e tudo em comemoração d'aquele dia, de 5 de outubro.

O primeiro destes dois decretos assegura ao mutilado todos os seus vencimentos de campanha, durante o tempo em que esteja em tratamento ou reeducação em hospitaes ou institutos. Mutilado e familia, todos recebem, tal qual aquele estivesse em campanha.

Até á data daquele decreto, o mutilado, dado por incapaz e em instancia de reforma, não recebia do Estado mais do que alojamento e tratamento!

Não é preciso mais nada para medir o passo que se deu.

Pelo segundo decreto, é assegurado ao mutilado, em incapacidade consolidada, e por lesão cirurgica que se julgue ter defraudado a integridade anatomica ou fisiologica em mais de 30 %, é assegurada uma pensão complementar que é tantos por cento da pensão de reforma, geral, quanto por cento é o valor da incapacidade.

Um mutilado com 50 % de incapacidade tem além da sua pensão de reforma, correspondente ao seu posto, 50 % mais dessa pensão.

Até á data da publicação deste decreto todos os mutilados dados por incapazes, sendo praças de pret, tinham, *qualquer que fosse a natureza da mutilação*, pensão egual (pensão de reforma extraordinaria egual á pensão de reforma ordinaria de um soldado com 30 anos de serviço). Um cego teria a mesma pensão que um mutilado dos dedos, um mutilado dos dedos a mesma que um amputado da cóxa ou braço.

Não é preciso mais nada para medir o outro passo que se deu.

Para preparar a eclosão destas duas beneficas leis, publiquei na *Medicina-Contemporanea*, um artigo que intitulei: *Reeducação e pensões*, e em que concretamente, com os existentes no Instituto de Santa Izabel, mostrei a monstruosidade da imperfeita e obsoleta lei então em vigôr. Esse artigo foi depois incluido no 1.º vol. das *Publicações do Instituto medico-pedagogico*, que preparei para a Conferencia de Roma.

Até certo ponto a victoria é da imprensa; a imprensa para ela concorreu, e muito orgulho tenho eu nisso.

Assim o que hontem relatava um jornal da manhã com respeito ao abandono em que se encontra um gazeado e reumatico soldado que, na guerra, foi impedido do glorioso mutilado sr. tenente-coronel Xavier da Costa, lograsse conseguir o que ainda está por conseguir: uma lei especial de proteção semelhante á dos mutilados, para os invalidos da guerra, para os invalidados da guerra por acidente medico!

Reparar-se-ia mais uma injustiça; desapareceria mais uma iniquidade.

A. Aurelio da Costa Ferreira.

A CAPITAL no Porto

Encontra-se á venda na tabacaria Africana, rua 31 de Janeiro, e nos seguintes kiosques: Carmo, Hospital, Carlos Alberto, Chiado, Santo André, S. Lazaro, Tiburcio, Pavão, Passos Manuel, Pintasilgo, Marquez de Pombal e Conde Ferreira.

O MARTIRIO D'UMA MULHER

Do que tem sido e continua a ser este estranho caso, que tanto tem apaixonado a opinião publica, dil-o-ha *A Capital* aos seus leitores na continuação da narrativa cuja publicação se iniciou no dia 5. O trecho a seguir intitula-se

Atravez as enfermarias das mulheres —O quarto do suplicio da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho — Os importantes : : depoimentos das enfermeiras : :

A semana literaria

Considerações varias sobre a SEMANA LITERARIA. — A Catedral, por *Manuel Ribeiro* (Ed. Guimarães & C.ª) **— O fariseu**, por *Silva Gonçalves* (Ed. do auctor).

Minha boa amiga:

Não, não morri ainda. As sete pragas do Egito caindo sobre mim não fariam mais dano no meu espirito do que as irreverencias da natureza o dos homens que ultimamente tem assoberbado Lisboa. Você, não deu por isso. Apenas esfregou as mãos de satisfeita crueldade quando me viu vitima dumas duzias de linhas em que num desabafo alguem dizia que eu «achava mau o que os outros achavam bom.»

Você, dá licença, mademoiselle? Dá? Palavra?

Pois então deixe-me desabafar. Deixe-me dizer que não ha critica literaria em Portugal, que todos nós pessoas muito amaveis, e muito agarradas a este pequeno mundo, cujos confins mais longinquos são a Livraria Classica no deserto da Avenida, e cá ao cimo a Portugal-Brasil, ao oriente o Terreiro do Paço e ao ocidente o Lallemant do Conde Barão, conhecidos uns dos outros e uns dos outros dependendo, não temos nunca ocasião de criticar ou de dizer sequer as verdades. O nivel literario baixou exactamente por isso. Quem se atreve a zabumbar nessas incongruencias e imbecilidades literarias que, bem enroupadas, resistem á crise de papel e dominam tudo? Se os autores são estes ou aqueles, muito bons rapazes ou raparigas, que vem aqui ás redações segredar o seu sorriso de recomendação, ou são aqueles outros parentes do *Jornal de X*, ou de *Diario B*? E os politicos, e os cronistas, e os jornalistas são os culpados de tudo. A verdade? Pode você apontar-me nos ultimos dez anos 10 obras, veja que são só 10, que tenham ficado, indestrutivelmente como padrões literarios dalguma epoca ou dalguma sociedade?

E' léria, minha amiga, o que se encontra por toda a parte; *words, words, words*—como dizia o principe da Dinamarca,—que mais tarde plebeiamente, revolucionariamente, apareciam traduzidas na boca de Souvarine—aquele do *Germinal*—pela sua constante e mordaz expressão habitual «lérias, lérias... lérias,... Livrinhos de versos bajoujos, lamurias flangentes com ideias velhissimas repetindo-se constantemente; e nós dizemos que sim, «que tem coisas, que o joven promete, que o verso não é mal inspirado»; toleramos em vez de desancarmos. Vem os que fazem livros de cronicas, apanhados recortadinhos de jornais onde em geral já esfolaram uns cobres; as crónicas são o refugio da gente moderna que já não tendo talento ou vigor para escrever o *Primo Bazilio* ou a *Madona do Campo Santo*, descobre que é o seculo, a gente de hoje que exige o fragmento da literatice até onde as suas penas salgam; como se as edições dos velhos não se exgotassem ainda... E os consagrados? São consagrados, minha amiga, do meio dos mediocres que minguam. Ha algum nome que seja completo, absoluto, possante, que não seja assim um pouco de *fancaria safinée* ou *conto do vigario* bem armado ao publico, e que apenas causa sensação pela falta de melhor no mercado!

Imagine, minha amiga, um Silva Pinto ou um Camilo, no meio desta gente!

«Que eu digo mal de tudo»! Mas minha boa mademoiselle Z, eu não sou senão injusto, porque ainda não me desprendi por completo da subserviencia nacional que aparece por toda a parte, disfarçada humildemente em delicadas dedicatorias, ou se impõe arrogante como um flagelo a que não ha que fugir, v. g. a peste, a publicidade, o bilhete de apresentação dum colega de imprensa... E o medo, minha amiga? Eu tenho medo, você sabe? Tenho 40 anos já feitos, e conservo-os com todo o carinho que posso dedicar a uma recordação da minha mocidade; ora se eu me atrevesse a dizer a verdade, só a verdade, ácerca dos sensaborões, ócos estupidos, inuteis, livros que formam a maior parte senão a totalidade do que aparece sobre a minha secretaria, acredite, que choviam as cartas, os bilhetes anonimos, as esperas, os insultos e até as bofetadas no Chiado, sem falar nas represálias que se exerceriam sobre a minha bem conservada pessoa. Vale a pena? Já vê que não. Faz-se tudo a contento de todos, e, mesmo que á nossa redação venham a sarrazinar-nos os ouvidos com os louvores proprios, as virtudes milagrosas do livrinho de que querem que nós passêmos uma certidão publica de obra prima, nós nunca declaramos essas miserias intimas que o publico comentaria como quizesse... Já vê que no fundo não somos maus de todo. O que nós sabemos... e o que nós não dizemos...

* * *

Minha amiga; esqueça o que lhe tenho estado a escrever vamos á faina. Vai ser pequena, descance. Um livro apenas. E' *A Catedral*.

«Já li»; estou a advinhar que foi isto o que você susurrou entre a fiada de perolas que os outros dizem ser os

seus *dentes*. Puro engano. Esta não é a *Catedral* de Sevilha que Blasco Ibañez juntou ao seu belo romance. E' a nossa *Sé*, a sé velha, afonsina, historica, carcomida, ruinada, musgósa dentro de cujas paredes, um joven temperamento de literato, o sr. Manuel Ribeiro, faz passar o seu valioso trabalho. A *Catedral*, ou se quizer, *A Sé* para não se confundir com a citada obra, ponto algum tem de comum com ela. E' um volume cheio, bem trabalhado literariamente, pacientemente cheio de erudição, ao mesmo tempo obra de ideias e de teorias e com o seu entrecho amoroso, original, interessante. Podia dizer-lhe o seu entrecho rapidamente. Mas, para quê? Mataria a sua curiosidade e nem por isso você lucrava com a narrativa. A parte máscula, viril, bem arcabouçada do livro é a sua estrutura, o delineamento, o estilo em que é escrito. Consegue Manuel Ribeiro por um bom doseamento da parte literaria entre os resultados das suas investigações historicas sobre a *Sé* de Lisboa, tornar amena a leitura até final do seu romance, levando assim prudente e sabiamente o espirito do leitor até aos conflitos de ideias que deseja. Merece controversias o livro? Discutiveis as figuras de religiosos que Manuel Ribeiro põe recitando as suas ideias? Os jornais catolicos lhe sairão ao caminho sobre esse ponto. Para mim e certamente para si, minha amiga, que lê quasi pelos meus olhos, o livro da-nos belas impressões sobre todos os pontos de vista. E aqui n'este logar, consagrado ás letras, eu limito-me a afirmar-lhe que este nome simplorio que outro qualquer escritor engeitaria de colocar num personagem culto e cheio de valor, é um nome que deve fixar atentamente porque o que já lhe tem dado e agora completo com com a *Catedral*, é prova em excesso de que é o nome d'uma figura literaria do nosso tempo digna dos melhores elogios.

E fique-se com esta. No mesmo correio lhe mando esse pequeno folheto *O fariseu* do padre Silva Gonçalves. Foi o que se chama *semana... santa literaria* só a lidar com livros de padres ou sobre religião. Este folheto nada encerra: versos que tanto podem ser dedicados a uma pessoa como á humanidade inteira, e algumas teorias pouco aprovaveis n'estes tempos, e que em resumo se condensam nos dois versos da ultima quadra

E' sempre mais valorosa
a alma quando se humilha.

E em desacordo completo com tal doutrina que só póde vir d'um descendente espiritual de Loyola, vou arrumar os livros e dar-lhe uma grande novidade: Domingo vou visita-la. A si, e ao mar. Se soubesse a saudade que tenho... D'ele? de si? Perdôe-me não ser indiscreto e consinta que até o poder fazer em realidade, lhe beije as mãos respeitosamente.

Armando Ferreira.

PELO TELEGRAFO

Imigrantes agricolas para S. Paulo

RIO DE JANEIRO, 7.—Durante o mez findo, para trabalhos agricolas no Estado de S. Paulo foram 170 portuguezes, 263 italianos, 125 hespanhoes, 125 alemães, 4 austriacos, 2 suissos, 37 japonezes, 56 russos e 5 inglezes.—*(Americana)*.

Cotações, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 7.—Cotação do café, 12$400; cambio sobre Londres, 3 13|16, 13 7|8; valor do escudo portuguez, 1$050.—*(Americana)*.

Vera Janocopulos

RIO DE JANEIRO, 7.—A ilustre artista Vera Janocopulos deu um concerto no teatro Municipal, obtendo enorme exito.—*(Americana)*.

A «tournée» do Nacional

RIO DE JANEIRO, 7.—A companhia do Nacional de Lisboa leva hoje á scena a peça «A conspiradora».—*(Americana)*.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Está finalmente apurado o resultado do concurso de peças teatraes aberto pelo jornal *A Capital* em 1 de outubro de 1919. Varios factores influiram para que esse resultado não fosse mais cedo dado a publico como seria desejo do jury que ao concurso presidiu e a quem deixamos aqui consignados os nossos melhores agradecimentos.

Resta, porem, organisar a recita em favor da *Casa Gil Vicente* que se deverá efetuar no principio da proxima epoca de inverno, num dos teatros de Lisboa. Para que a mesma seja levada a efeito não só com a grandiosidade e brilhantismo que *A Capital* deseja mas ainda porque é necessario que, praticamente, esse espetaculo corresponde na parte material, ás necessidades para que, imediatamente se pensam pôr em pratica, as aspirações dos artistas dramaticos portuguezes, ou seja a definitiva fundação da sua casa de repouso que terá por titulo *Casa Gil Vicente*, resolveu *A Capital* constituir uma grande commissão organisadora dessa festa, para o que vae dirigir convite a pessoas que bem o seu nome ligado aos diferentes ramos de atividade teatral. Organisada essa comissão que o deve estar por estes proximos dias, resolver-se-ha seguidamente a escolha da casa de espetaculos em que tal recita deverá ser dada.

Quando ventilado este assunto no inicio do concurso, recebemos de Augusto Gomes, a oferta do seu teatro Apolo, que ficaria á nossa disposição. Aqui lhe renovamos os nossos agradecimentos com tanta maior razão de ser quanto é certo ter sido o unico que, prontamente acudiu ao nosso apelo. Não conhecemos as intenções dos demais emprezarios mas não desejando que, sejam elas quaes forem, possam supôr, que se quer dar previlegio a qualquer deles, quando tal não é nossa intenção e tendo em mira o desejo d'uma grande receita, o teatro indicado para o nosso fim, seria o de S. Carlos. Cremos que presentemente está adjudicado a uma empresa particular e sendo assim, estará essa empresa disposta a cooperar numa festa que, representa acima de tudo, um ato de justiça aos nossos artistas, sempre dispostos a auxiliar iniciativas, sem cuidarem, sequer do seu bem estar? Dentro de poucos dias o saberemos.

Alvaro Lima

Noticias velhas

9 de Agosto de 1807

Diz a historia que Napoleão manda fechar a maior parte dos teatros de Paris a fim de atenuar a crise porque passavam. Desta forma os que ficaram de pé... salvaram-se.

9 de Agosto de 1825

Nasce Luiz Augusto Palmeirim, pai de Luiz Palmeirim, bem conhecido da mocidade jornalistica portugueza e brasileira de hoje e do dr. Vasco Palmeirim.

Ao teatro deu as comedias representadas em «D. Maria», «Dois casamentos de conveniencia», «Domadoras de feras» «Como se sobe ao poder» e «Sapateiro de escada», além de grande numero de poesias e canções suas que se tornaram queridas, como «O Guerrilheiro» e a «Vivandeiras» que todos conheciam. Na imprensa, nas letras, e no conservatorio de Lisboa onde era director quando faleceu, todos o estimavam e admiravam pelo seu valor literario e qualidades de caracter.

9 de Agosto de 1851

Arde no Rio de Janeiro o teatro de «S. Pedro d'Alcantara». No mesmo dia nascelna Baía Moreira Sampaio, um dos autores mais queridos do Brazil, juntamente com Arthur Azevedo. A sua primeira peça foi a comedia em 3 actos «Entre o Cassino e a Phenix» representada no antigo «Cassino» em 1876. Os seus trabalhos originaes e traduções são ás dezenas motivo porque nos «livramos de...» os dar aos nossos leitores.

Noticias novas

Entre nós

Faz hoje anos a actriz Luisa Durão. Vá lá a indiscrição... 21 anos.

Noticias novas

Lá por fóra

Belgica.—No «Scala» de Blantenlerghe está em scena uma revista «Ostende en folie» que os jornaes dizem que é mais apimentada que espiritual.

França.—Henri Bataille que foi vitima d'um acidente de automovel acha-se quasi restabelecido.

—Por dificuldades surgidas, o «Vandeville» talvez já não possa abrir com «les Ailes Brisées» de Pierre Wolff, de forma que a abertura da epoca ou será com uma comedia nova de Tristan Bernardt, ou refine do «Petit Café» e do «Deux Canards».

—Francis Carco terminou a sua peça dramatica em 2 atos, cujo colaborador é Alfred Savoir.

—No «Porte Saint-Martin» sobe á scena no proximo inverno uma peça nova de Kistmaeckers.

—A nova comedia de Robert Fiers que agora se aliou com Francis de Croisset, terá por interpretes no «Ateneu», Marthe Reguier e M. Rozemberg.

—Sarah Benhardt está publicando o seu primeiro romance, no «Excelsior».

O cartaz de hoje

Nacional, ás 21,30, «A Castro».
Politeama, ás 21,15, «A Labareda».
Trindade, ás 21,15, «Chá e torradas».
Ginasio, ás 21,15, «O A's».
Apolo, ás 21,15, «O Serafim da Graça».
Salão Foz, ás 21 «Variedades».
Olimpia. Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.
Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.
Chantecler, Animatografo e fitas faladas.

Festas associativas

Gremio Ocidental Portugal Recreativo —Hoje, ás 21 horas e meia, recita extraordinaria com a reparição da revista «Acho Bem».

Vida Sportiva

Nota do dia

Não sabemos se a empreza do Stadium já pensou na situação em que se encontra o motociclista Inocencio Pinto.

Só não pensou, tem de faze-lo quanto antes, porque o desastre que Inocencio sofreu impossibilita-o de trabalhar na sua vida profissional e não sabemos se esta época poderá tomar parte nas corridas do Stadium apesar de ir experimentando melhoras dia a dia.

Para o motociclismo, para o publico e, consequentemente, para a empreza do Stadium o desastre do Inocencio foi um grande contratempo, mas a quem decerto mais prejudicará é a ele proprio, visto que está impossibilitado de correr.

Inocencio tem hoje um nome que dificilmente se eguala e a prova deu-nos a ele a época passada saindo vencedor de todas as grandes provas de fundo, correndo contra maquinas de egual força cujos reclames os exaltavam extraordinariamente.

Inocencio tem familia, tem dois filhos, torna-se necessario portanto que quebros que com o seu nome e com o seu valor se defendiam dos enormes despezas que acarreta o Stadium, agora olhem por ele como devem.

O corredor Couto Junior acaba de nos lembrar o seguinte:

—Se a empreza do Stadium e os representantes da *Indian* quizerem, farei algumas corridas esta época na maquina de Inocencio com a unica condição de dividir por mim e por ele todos os lucros do contrato e dos premios.

Não será uma ideia para aproveitar?

A. de Campos Junior

NATAÇÃO

A Travessia de hoje

Realisou-se hoje a travessia do Tejo por equipes, organisada pela comissão dos amadores de natação, para disputa *Taça Silva Carvalho*.

Tomaram parte n'esta importante prova apenas duas équipes, saindo vencedora a do Sport Algés e Dafundo, que chegou pela ordem seguinte:
1.º—Bazilio Santos em 43'.
2.º—Benjamo Basto em 43,3'.
4.º—Luiz Alves Miguel.
6.º—João Norton Nogueira.
9.º—Ricardo Domingues.
12.º—Ramiro Vito Monteiro.

Da equipe do Club Naval todos fizeram o seu percurso.

BOX

Um combate entre amadores em perspectiva

Entre os amadores Faustino Pereira e Mario Garcia, parece que vae realisar-se um combate em 6 rouns. Estes dois amadores tem publicado varias cartas em *Os Sports*, devendo o combate efectuar-se brevemente.

O rochedo do suplicio

Sugestivo titulo este que tanta gente tem chamado ao magnifico Salão Central, onde o belo *film* a que pertence, *Elmo, o Poderoso*, continua a fazer as delicias dos frequentadores daquele lindo cinema.

E' seu interprete principal o inegualavel actor-atleta Elmo Lincoln, o mais afamado artista na sua especialidade em toda a America.

No espetaculo desta noite figuram os principaes episodios da formosa pelicula, estreiando-se na matinée de amanhã o 13.º episodio, *O Vale Escondido*.

Jardim Zoologico

E' esperado amanhã, pelo vapor «Zaire», um elefante, destinado ao Jardim Zoologico, o qual foi oferecido pelo sr. Esteves Rodrigues, negociante estabelecido no Congo Belga.

Noticias da Capital

A gatunagem em acção.—Foram presos Antonio de Sousa rua Santo Antonio da Gloria, 38, 1.º e Carolina de Jesus, com ele residente, por terem furtado a Maria da Purificação, da mesma morada, um cordão de ouro no valor de 70 escudos.

—Queixaram-se; de que os gatunos lhe furtaram esta manhã uma carteira contendo 150 escudos e documentos importantes, Manuel do Carmo, residente na rua Conselheiro Arantes Pedroso, 59; Manuel Joaquim Azevedo, rua 1.º de Maio, 28, de que Jeronimo Marcês d'Oliveira, com ele morador, lhe furtou a quantia de 65 escudos, José Nunes, morador na rua do Arco da Graça, 6, loja, de que lhe furtaram uma carteira contendo 90 escudos.

Desertor que é preso.—Foi preso, na rua 24 de Julho, Raul de Carvalho, morador no pateo da Torrinha, por haver contra ele mandados de captura passados pelo comando da 1.ª divisão do exercito, por ser desertor do regimento da artilharia da guarnição.

"Camion,, que se volta

Nove pessoas feridas

Todas as manhãs costuma sahir um «camion» com os carteiros que fazem a distribuição em Campolide, Carnide e Bemfica. Como de costume, hoje seguiu o veiculo, e no regresso, quando trazia 6 carteiros, dos que procedem á abertura dos marcos postaes, tres civis e o chefe de policia da esquadra de Campolide, ao chegar em frente da farmacia central do exercito, voltou-se, cahindo todos os passeiros e ficando mais ou menos feridos.

Conduzidos ao hospital de S. José, receberam ali os necessarios socorros, seguindo depois para suas casas, com excepção de Antonio Meles Pereira, comerciante, de 38 anos, residente na Fontainha, que ficou internado por apresentar gravidade o ferimento que tem na cabeça.

TOURADAS

Algés.—Desta vez é que os toureiros marrecos apresentam ao publico as suas mirabolantes sortes e a sua extraordinaria e inacreditavel dextresa. Já estiveram anunciados duas vezes, sem que as corridas se tivessem podido efectuar. Já é enguiço!

O sucesso vae ser completo, pois em toureio não ha nada que eles não façam, até com um estilo muito proprio, que em nada se parece com o dos mais famosos toureiros! Quer toureiem bem, quer toureiem mal, o publico fica satisfeito. Ahi é que está o segredo deles.

O cavaleiro é o popular José Gomes. Para ensaiarem as suas vocações de bandarilheiros, apresentam-se rapazes que não voltam a cara nem a um minuto quanto mais a uma vaca. Tudo será risola no domingo não faltando ainda o chistoso intervalo comico «Cavalhadas Burr-ó-Comicas».

Ultima Hora

Trabalhadores da Imprensa

A homenagem ao dr. Magalhães Lima

foi uma festa brilhante, a que assistiram o sr. presidente da Republica e diversos membros do governo

Foi imponente, como se esperava, a festa que a Associação dos Trabalhadores da Imprensa de Lisboa realisou hoje na Sala Portugal da Sociedade de Geografia, comemorando o 16.º aniversario da mesma Associação e como homenagem ao decano dos jornalistas portuguezes, sr. dr. Magalhães Lima.

A magestosa Sala Portugal apresentava uma assistencia extraordinaria, que se aglomerava nas galerias. Em baixo tomava logar o elemento oficial vendo-se entre a enorme massa de gente os srs. ministros do Interior, Justiça, Comercio, Governador Civil, Comandante da G. N. R., oficialidade de terra e mar. Os Bombeiros Voluntarios, das 4 secções dirigiam o serviço de policiamento com um acerto digno de registo. Entretanto vão chegando os convidados que se veem em embaraços para obter logares. O sr. Ministro de Italia que se faz acompanhar de algumas senhoras toma logar em frente á tribuna presidencial.

Pelas 13,30 chegou a guarda de honra, que vae formar com a banda em frente ao palacio da Sociedade de Geografia. Pelas escadarias formam depois, abrindo alas, praças de cavalaria da mesma guarda, de grande uniforme.

A's 14 horas prefixas chegou o chefe do Estado que se fazia acompanhar do secretario geral sr. Jaime Athias e do secretario particular sr. dr. João Rocha. A força apresenta armas, a banda executa o hino nacional e o chefe do Estado depois de receber os cumprimentos de todas as pessoas presentes, sobe as escadarias e vae descançar na sala da India onde se demora alguns momentos conversando com os membros do governo, direção da Associação dos Trabalhadores da Imprensa, etc.

Quinze minutos depois, o chefe do Estado entra na sala Portugal, ouvindo-se uma vibrante salva de palmas, emquanto a orquestra do teatro da Trindade executa sob a regencia do maestro Felgueiras o hino nacional, que é ouvido no meio de enorme entusiasmo.

O sr. presidente da Republica assume o logar de honra da mesa, tendo á direita o chefe do governo e ministro de interior e á esquerda os srs. ministros da justiça e do comercio.

Em frente á mesa da presidencia toma logar o sr. dr. Magalhães Lima, que é rodeado pelos srs. ministro da Italia, governador civil de Lisboa, comandante da guarda, deputados, senadores, oficiais de terra e mar, muitas senhoras, etc.

Ao lado da tribuna presidencial forma-se a mesa a qual é constituida pelos srs. Francisco Vidal, presidente da Associação dos Trabalhadores da Imprensa e secretarios srs. Luiz Saude Junior e Julio de Almeida.

Aberta a sessão pelo sr. Francisco Vidal, em nome do chefe do Estado foi lido o expediente que era enorme e por isso impossivel de registar e em que figuram oficios, telegramas, cartas, etc.

Em seguida foi lido pelo secretario da direção, nosso colega sr. Luiz Saude Junior, o relatorio da Associação em que após historiar largamente a vida atribulada da colectividade que ali vem hoje prestar uma homenagem solene ao decano dos jornalistas, depois de relembrar os saudosos mortos e depois de preconisar a união de todos os que á vida do jornalismo se dedicam, vida inglorias e exaustiva, e que não teem a consideração que devem merecer, depois de pôr em destaque a obra de um dos mais prestimosos socios, o velho reporter José Joaquim de Almeida, conclue:

«A V. Ex.ª, sr. Presidente reintero os agradecimentos da Associação dos Trabalhadores da Imprensa, pela presença do venerando chefe do Estado n'esta festa; aos ilustres membros do governo é extensiva também a nossa gratidão; para aqueles que se prestaram a colaborar n'esta homenagem, taes como a ilustre direção da Sociedade de Geografia, a empreza Taveira, os emprezarios srs. Luiz Galhardo e Augusto Gomes, os distintos e laureados artistas e amadores que figuram no programa, emfim para todos que nos ajudaram vae a expressão sincera da nossa mais elevada estima e consideração.

Ao Mestre eu dirijo por ultimo um apelo. Continuae a alimentar-nos com os vossos conselhos, indicar-nos o caminho que temos a trilhar, apontae, como mestre que sois, a forma como devem proceder os vossos discipulos, os quaes, amando-vos e cuidando-se seguindo, são vossos conselhos e assim se poderá dizer mais tarde:

Os discipulos dão honra aos mestres...»

Sobe agora á tribuna a nossa ilustre e querida camarada Virginia Quaresma que a assembleia recebe com uma vibrante salva de palmas. Virginia Quaresma começa por descrever, de uma forma colorida e sugestiva, as dificuldades que semeiam o caminho do jornalismo tão eriçado de espinhos e tão ingrato de glorias. Esta modesta legião de trabalhadores de jornal—exclama com ardor—recorda sob mais de um aspecto impressionante a imensa avalanche de operarios anonimos que vivem debaixo da terra, arrancando-lhe ás entranhas os tesouros preciosos que ela tem escondidos. Como eles, tambem os jornalistas se habituaram a confundir as radiações do dia com as sombras da noite, desconhecendo qual são as horas que soam para o seu trabalho e quai são as que devem anunciar o seu repouso.

Todavia, são os jornalistas os principaes elementos propulsores, a alma ardente do progresso moral das sociedades a que dão a força sugestionadora que calam os grandes principios; ora que se cimentou as ideias rasgadas; ora que acabam por merecer as aspirações inteligentes, justas e generosas. Virginia Quaresma explica que só uma grande ternura pelas suas cans a levava a acreditar o dificil contentamento de falar no momento solenissimo, em que a nossa classe procura levantar um monumento de homenagem ao decano dos jornalistas portuguezes, ao alto e amoravel Mestre de todos nós, ao luminoso espirito e á alma limpida do dr. Magalhães Lima.

Seguidamente, em traços energicos e brilhantes, historia o que foi o jornalismo de ha cincoenta anos, quando desabrochava as suas primeiros arvores. Faz o perfil de Rodrigues Sampaio, «Sampaio da Revolução de setembro». Fala de Teixeira de Vasconcelos, acentuando o que representa o poder suges'ivo do seu estilo cheio de graça e de galhardia, vernaculo e lapidar. Desenha a individualidade de Mariano de Carvalho a um tempo profundo e combativo. Evoca carinhosamente Pinheiro Chagas cuja pena maleavel faiscava como um diamante de raras e preciosas fulgurações. Lembra pessoalmente Emygdio Navarro e Antonio Ennes, o mais heroe desta pleiade de gigantes do jornalismo portuguez se não surgisse um rapaz imberbe, de cabeleira loira romantica e de olhos azues cheios de doçura. Era um tipo sonhador e de apostolo e de idealista e de filosofo.

Da onde vinha esse novo Messias de uma sociedade mais inteligente e mais bondosa, mais cheia de luz e de justiça? Aparecera nos bancos do liceu do Porto e foi conduzido no primeiro jornal, onde colaborou, pela mão de Gualdino Campos.

Virginia Quaresma passa então a contar, com uma naturalidade empolgante, o que foi desde ahi a vida jornalistica de Magalhães Lima, atravez dos jornais de Coimbra e atravez a imprensa de Lisboa a que deu o maior, o mais decisivo impulso e pelo qual todos os profissionais do jornalismo lhe devem ser gratos. Frisa a importancia que teve o *Seculo* no desenvolvimento do jornalismo profissional — n'essa carreira que ainda hoje é uma aspiração, uma conquista definitiva a fazer, mas que foi perdendo esse caracter de aventura, de acaso que ainda lhe conheceram os generais do jornalismo a que se referiu.

Mostra como a redacção da *Vanguarda* foi uma escola amoravel de ações e de conselhos para todos os jornalistas da sua geração, perante os quais pontificava Magalhães Lima —não só com a sua sabedoria e a sua experiencia—mas sobretudo com a sua grande e inabalavel fé!

Acaba por exaltar a Associação dos Trabalhadores de Imprensa pela consagração a Magalhães Lima, consagração que neste crescente crepusculo de tristezas, de agonias, de maus presagios, é uma bela lição e um exemplo edificante de energia e de fé.

A assistencia fez uma calorosa ovação á nossa distinta camarada que foi cumprimentada pelo sr. presidente da Republica, pelos ministros, senadores e deputados presentes e outras pessoas de categoria.

Seguidamente é executado, á risca, o programa sendo todos os artistas fremente mente aplaudidos.

Entre os artistas executores do programa destacava-se Mercedes Blasco, que cantou com muita alma, lindissimos versos da sua autoria, sendo-lhe tributada pela assistencia uma grata manifestação de aplauso.

Por ultimo, o ilustre escritor e jornalista Dr. Carlos Cavaco produziu uma vibrante alocução em nome da imprensa brazileira, sendo interrompido frequentes vezes com entusiasticas vivas ao Brazil e ao povo brazileiro. Foi um momento de imponencia e de delirio indiscritivel.

O dr. Magalhães Lima, iou palavras repassadas de comoção, agradeceu a bela festa de hoje, risando que os seus principaes titulos de gloria, os seus prazões os havia conquistado na sua profissão de jornalista.

No final, o sr. Presidente da Republica felicitou todos os artistas que deram o seu concurso a esta tarde de arte, demorando-se a conversar Berta Viana da Mota, Auzenda de Oliveira e Mercedes Blasco que felicitou calorosamente pelo exito obtido nos numeros da sua valiosa colaboração.

O sr. ministro das colonias fez-se representar pelos seus chefe de gabinete e secretario.

Serviço telegrafico da tarde

Afirmações dos notaveis do Libano ao general «Gourand»

BEYOUTH, 8.—O general Gourand que partiu para Zahla, afim de anunciar a adesão dos 4 distritos de Boalkak Bahes, Anchaya e Hasbaya no Libano, foi alvo duma manifestação triunfal. Foi recordado o plano de 1860-1862, que levava aquelas regiões o limite oriental do Libano. O programa que se queria realisar ha 60 anos foi agora executado. Por duas vezes e especialmente em 1919, apesar da pressão exercida pelo regimen cherifiano, a população dos 4 distritos exprimiu o desejo de se ligar ao Libano. A noite, durante o banquete, presidido pelo general Gourand, os notaveis de Libano afirmaram a sua fidelidade inquebrantavel á França, protectora secular do Libano.—*(Havas)*.

A crise da imprensa em Hespanha

MADRID, 7.—O jornal oficial publicará amanhã um decreto autorisando a livre importação do papel para conjurar a crise dos jornaes.—*(Havas)*.

Dificultando a emigração

MADRID, 7.—O jornal oficial publica um decreto determinando que os armadores estrangeiros autorisados a embarcar emigrantes, paguem um taxa progressiva que vae de 10.000 pesetas por 2.000 emigrantes até 25.000 por 11.500 emigrantes. Além disso os consignatarios autorisados a embarcar emigrantes pagarão, uma taxa anual progressiva desde 1.000 pesetas por 1.000 emigrantes até 5.000, por 4'000 emigrantes.—*(Havas)*.

Expresso descarrilado mortos e feridos

UDINE, 8.—O expresso Udine-Trieste-Viena descarrilou perto de Reana del Rojale. Houve 5 mortos e numerosos feridos.—*(Havas)*.

Em Marrocos

MARRAKECH, 8.—A harka do pachá Glaona dispersou, proximo de Urumateroo os revoltosos que tiveram 40 mortos e numerosos feridos.—*(Havas)*.

A gréve dos electricos

Na assembleia que hoje reuniu do pessoal foi votada a seguinte moção:

1.º Continuar na gréve até completa vitoria da classe;

2.º Novamente declarar que o pessoal não confia na administração da camara visto a sua comprovada incompetencia, não aceitando por isso a municipalisação.

3.º Considerando responsaveis de tudo que possa suceder aqueles que tendo por dever evital-a, arrastaram a classe para a gréve.

Empregados publicos

Reuniram hoje, os empregados publicos, presidindo o sr. Sá Nogueira, falando varios oradores, entre eles os srs. Sebastião Eugenio, Teixeira Dantas e Luiz Soares, ocupando-se da equiparação de vencimentos. Resolveu-se nomear uma comissão de melhoramentos, com delegados em todos os ministerios, para tratarem do caso com os ministros, e convocar para breve uma assembleia magna.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3600 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 9 de Agosto de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

O MARTIRIO D'UMA MULHER

LER A'MANHA n'A CAPITAL a continuação da narrativa deste comovente caso, que tanta sensação tem produzido.

A'manhã **A'manhã**

Atravez as enfermarias das mulheres — O quarto do suplicio da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho — Os importantes : : depoimentos das enfermeiras : :

POLITICA

Tempestades que se acastelam, que se aproximam e que se desfazem

Afirma-se que alguma coisa de grave se projecta no seio do funcionalismo publico. Ha manifestações em marcha, ameaças, pressões, nuvens. Umas verdadeiras, outras exageradamente falsas. No meio d'isto tudo ha sempre quem explore, quem especule.

Talvez para evitar funestas consequencias de mal consentidos, o sr. presidente do ministerio apresentará hoje, lá para o fim da sessão, a seguinte proposta de lei:

ARTIGO I

Fica o Governo auctorisado a remodelar as subvenções e ajudas de custo atribuidas aos funcionarios, empregados e operarios do Estado, civis ou militares, em activo serviço, reformados ou aposentados, nos seguintes termos:

1.º—A subvenção mensal será calculada de fórma tal que a soma dos vencimentos atribuidos a qualquer daqueles serventuarios, a titulo de remuneração de serviço ou de pensão de aposentação, ou de reforma, não seja superior a

$$V \times \left(1 + \frac{R}{P} \right)$$

entendendo-se nesta formula:

V—representa o vencimento ou a pensão a que o serventuario teria direito se ele fosse calculado nos termos da legislação aplicavel vigente em 30 de junho de 1914, se esse vencimento ou pensão não fosse superior a 45$00 por mez.

R—o custo da ração em generos de uma praça do Corpo de Marinheiros da Armada no semestre anterior á data em que a pensão fôr fixada.

P—o custo da mesma ração no primeiro semestre de 1914.

2.º—No caso de *V* ser superior a 45$00, a formula a aplicar será

$$V + \frac{45 \times R}{P}$$

ARTIGO II

Fica revogada a legislação em contrario.»

Ficará assim o caso resolvido? Ha quem afirme que não, visto que por detraz das forças do funcionalismo outras se alevantam mais fortes e aguerridas.

No emtanto, o governo está vigilante e confia. Ainda não é desta, afirma-se, que a ordem será criminosamente alterada.

* *

A questão do Senado está morta e deu-se precisamente o que hontem afirmamos. Houve, é claro, reuniões, conferencias, medos. O P. R. L. reuniu, os *leaders* dos partidos andaram numa roda viva e por fim tudo ficou na Santa Paz do Senhor — uma tempestade num copo d'agua.

Bem o previramos nós...

O melhor é que perante a lei o projecto porque o sr. dr. Lopes Cardoso se empenhava era tudo quanto ha de menos necessario visto que a fiscalisação normal das Camaras cabe por lei aos respectivos juizes.

Mas diziam as linguas perversas que as nomeações ficando dependentes da proposta do conselho de notariados, no qual se compreendiam habilidosamente dois ilustres deputados que assim não perderiam os mandatos.

O que se afirma, e isso consta já nos *mentideros* e nos Passos Perdidos —*arcades ambo!*—é que no seio do gabinete Granjo as desinteligencias são fundas e grandes por haver ministros que se preocupam um pouco além das conveniencias com a politica estreita e acentuada dos partidos.

E nada mais.

Classes maritimas

Declaram-se em gréve as do Porto e Lisboa

Devido ao conflito existente ha já longos dias, por causa das reclamações dos machinistas fluviaes do Douro, declararam-se hoje em gréve as classes maritimas de Lisboa e do Porto.

Houve uma conferencia entre as direcções das respectivas associações de classe e o sr. presidente do ministerio, estando o sr. ministro da marinha envidando todos os seus esforços no sentido de solucionar rapidamente o assunto.

CONGRESSO

Nos Deputados

Com as costumadas demoras ás 14,20 o sr. Manuel José da Silaa (Azemeis) tem a palavra para protestar contra a situação estranha da greve da Carris, lançando as culpas á Camara Municipal e pedindo para ela a atenção do governo.

O sr. dr. Antonio Granjo dá explicações. Logo de principio o governo tentou resolver o conflito estabelecendo uma plataforma que foi quasi por completo recebida por ambas as partes menos na questão dos *passes*. Ainda n'este ponto a Companhia transigiu indo até 70 escudos, precisamente o mesmo que agora desejam os proprios portadores de *passes*.

O sr. Nunes Loureiro (aparte) Os *passes* são apenas um pretesto, o que a Companhia quer é um novo contrato que lhe convenha.

O sr. presidente do ministerio, continuando, diz que isto não é assim, mas que não está ali a defender a Companhia. A sua obrigação será, quando tenha que intervir, fazer cumprir as determinações da Camara.

O sr. Pais Ravisco refere-se ás irregularidades que está cometendo o juiz da Comarca de Elvas e pede que este seja suspenso e sindicado.

O sr. presidente do ministerio promete interessar-se do caso junto do seu calega da justiça.

O sr. Orlando Marçal clama pela necessidade de se encontrar emfim o celebre processo das eleições ha tanto tempo realisadas em Timor.

O sr. ministro das colonias não conhece o caso mas parece-lhe que este deve estar afecto ao ministerio do interior.

O sr. Tavares Ferreira não comprehende o criterio que presidiu á restrição dos quadros do professorado a pretesto da redução do funcionalismo publico, n'uma classe que está já por sua natureza reduzida a um terço.

O sr. ministro da instrução dá explicações.

O sr. Manuel Fragoso protesta contra o castigo dado a uns sargentos que em Santarem, após um jantar vieram para a cidade dar vivas á Republica. Trata-se de vinte e tantos rapazes que tomaram parte na revolta de Santarem e mal vae a Republica se castiga precisamente aqueles que a sabem defender nas horas más e duvidosas do perigo.

O sr ministro da guerra não conhece o caso mas não vê nos factos apresentados nem motivos de indisciplina nem crime a punir. Deve haver reclamaçóis desses castigos e logo que esta chegue á sua mão ele procederá da maneira mais justa para esses servidores leais e fieis da Republica.

O sr. Eduardo de Souza requer urgencia e dispensa de regimento para o projecto de lei que marca o dia 14 de agosto como dia de festa nacional em comemoração do heroe de Aljabarrota. Aprovada a urgencia, a dispensa de regimento, e o projecto, com dispensa da ultima redacção.

O sr. Manuel José da Silva (Azemeis) trata uma vez mais da situação de professores agregados e efectivos do ensino secundario para que chama a atenção do ministro enviando para a mesa um projecto de lei que deseja discutido na sessão de amanhã e que é regeitado em prova e contra-prova.

O sr. ministro das colonias requer que logo após a discussão do projecto dos oficiais reformados se aprecie o projecto da revisão constitucional que respeita aos Altos Comissarios.

Aprovado.

Na ordem continua em discussão o projecto que aos oficiais reformados diz respeito falando sobre ele varios deputados e sendo-lhe introduzidos varias emendas e aditamentos.

O sr. Americo Olavo requer depois que se discuta o parecer do projeto n.º 88 que trata da situação dos oficiais quē se reformaram para não irem para a guerra. Aprovado.

A sessão continua.

No Senado

Preside como sempre o sr. Correia Barreto aos 28 senadores presentes.

O sr. Julio Ribeiro requer urgencia para o projecto de lei alterando para 19 o numero de membros que compõem a Sociedade do Teatro Nacional admitindo imediatamente como societaria a actriz Concеição Marques Gheffim (Mercedes Blasco), projecto que largamente justifica.

O sr. Velez Caroço envia para a mesa varios requerimentos de oficiaes reformados e do quadro de reserva pedindo ajuda de custo de vida.

O sr. Desiderio Beça chama a atenção do sr. ministro do interior para os acontecimentos havidos em Carrazeda de Ancães ocasionados por uma distribuição de assucar.

O sr. ministro do trabalho transmitirá ao seu colega as considerações expedidas.

O sr. Henrique Valdez trata da pessima distribuição do «Diario do Governo», e á sua confeção no que diz respeito aos discursos parlamentares.

O sr. Vasco Marques trata da navegação costeira e lastima a sua paralisação.

O sr. ministro da marinha promete providencias.

Passando-se á ordem do dia vae passar-se ao projecto de lei legislando sobre partilhas de predios urbanos, o que se suspende o requerimento do sr. Abel Hipolito para se entrar no projecto de lei que trata das inspecções notariaes na Madeira e Açores.

O sr. Herculano Galhardo diz que não fez questão politica, nem a fará.

Não seria ele homem de principios que se colocaria em semelhante situação. Envia, portanto, para a mesa a seguinte questão prévia:

«O Senado, considerando que nos termos do art. 23.º da Constituição Politica da Republica é privativa da Camara dos deputados a iniciativa sobre impostos, reconhece que não pode deliberar convenientemente á materia do projecto de lei n.º 526 e continua na ordem do dia».

Assinam esta questão previa os srs. Herculano Galhardo, Alfredo Gaspar, Pais d'Almeida, Julio Ribeiro e Velez Caroço.

O sr. ministro da justiça combate esta doutrina e defende largamente a aprovação do projecto.

A lucta entre a Polonia e os soviets

Os polacos preparam-se para uma energica defeza — Na conferencia dos aliados, chega-se a um entendimento das medidas a tomar contra o governo de Moscou

VARSOVIA, 7.—O comunicado polaco diz que continuando os bolchevistas a atacar Gatroleka e Bug, os polacos perderam o contacto com o inimigo, agrupando para um combate que se deve ferir brevemente. A leste de Sokolo, a luta continua com os bolchevistas, que passaram a margem esquerda do Bug polaco e evacuaram parcialmente Terespol. Na região de Brody, depois de repelirem o inimigo para Radziwillow, os polacos fizeram prisioneiros e tomaram despojo, figurando entre ele o estandarte de uma brigada de cavalaria.—(Havas).

HYTHE, 8.—Os bolchevistas não aceitaram a proposta britanica para fazerem treguas por dez dias com a Polonia.—(Havas).

HYTHE, 8.—O sr. Millerand e o marechal Foch, que desembarcaram ás 9/45 em Folkestono, foram recebidos pelo sr. Lloyd George, lord Curzon e pelo almirante Beatty, dirigindo-se todos em seguia de automovel para a vila Lympne. Em Hythe dizia-se que os delegados comerciaes dos soviets não receberam ainda de Moscou a resposta que esperam.—(Havas).

HYTHE, 8.—A conferencia do sr. Lloyd George com o sr. Millerand durou desde as 10 horas até ás 13/30 e nela se discutiu a recusa dos soviets em deterem as operações militares. A conferencia deve recomeçar ás 14/30. Lord Ridder, fazendo uma comunicação sobre as informações recebidas, declarou que a situação se apresenta com negras côres.—(Havas).

HYTHE, 8.—Chegou o sr. Blfour. As duas mensagens recebidas de Moscou, embora sem caracter definitivo, indicam que os soviets recusarão as condições propostas pela Gran-Bretanha.—(Havas).

HYTHE, 8.—O governo de Moscou recusou definitivamente as propostas britanicas. Os delegados polacos e bolchevistas devem encontrar-se na proxima quarta feira em Minsk, pois é preferivel que se entendam uns com os outros.—A conferencia foi adiada para amanhã.—Segundo a Agencia Reuter, os delegados á conferencia de Hythe devem partir para França amanhã ás 14/30.—(Havas).

HYTHE, 8.—Os chefes dos governos inglez e francez tomaram deliberações acerca das consequencias resultantes da recusa dos soviets em fazerem uma tregua de 10 dias com os exercitos polacos e adquirirem a convicção de que o governo bolchevista tentava ganhar tempo para ocupar Varsovia e estabelecer ali um governo comunista. Os polacos viram-se, pois obrigados a examinar as providencias que comporta a situação e encarregaram os peritos militares de redigir um relatorio do qual devem tomar conhecimento amanhã de manhã. Tendo o almirante Beatty e os marechais Foch e Wilson tomado parte nas deliberações, chegou-se á conclusão de que o sr. Lloyd George deve perfilhar o ponto de vista francez e levaram-no a aceitar a ideia de que é indispensavel que, se os aliados quizerem assegurar e existencia da Polonia e a segurança da Europa, devem tomar medidas contra o governo de Moscou, medidas que o sr. Lloyd George se esforçava por evitar até agora.—(Havas).

ZURICH, 7 — Um aerograma do governo polaco dirigido a Moscou diz que aceita a nova proposta dos soviets, pede porém, que os plenipotenciarios polacos possam comunicar directa e livremente com o seu governo pela T. S. F. de Miusk. Pede ainda que se suspendam os ataques desde que comecem as negociações para o armisticio. —(Havas).

VARSOVIA, 8—O Conselho Municipal está organisando a defeza da cidade para aguardar o exercito que se julga ter a resistencia suficiente para cançar as tropas russas.—(Havas).

WASHINGTON, 8 — Os secretarios de Estado Colbi e Davis conferenciaram demoradamente com o presidente Wilson na Casa Branca examinando a questão da Polonia. — (Havas).

LONDRES, 8 — Na conferencia entre os srs. Millerand e Lloyd George em Hythe ficaram assentes as resoluções a tomar sobre a situação polaca-bolchevista. As ultimas noticias de Varsovia dizem que a opinião julga que a Alemanha procura pretextos para ocupar a Pomerania polaca. A noticia de origem alemã de que os destacamentos polacos tinham passado a fronteira no territorio plebiscitario da Prussia oriental está completamente desmentida, bem como a dos incidentes nos territorios ex-alemães, tendo a Polonia tomado medidas para a protecção das minorias alemãs nesses territorios. — (Havas).

Narcoticos...

«Fumos»... de S. Bento

O sr. presidente do ministerio fez-me agora recordar os meus bons tempos de rapaz em que era preciso, no colegio, fumar um cigarrito ás escondidas não fosse o prefeito apanhar-me com a boca na botija, que é como quem diz com o cigarro na boca...

E' que o sr. dr. Antonio Granjo, sentado na sua cadeira de ministro, tem que fumar com todas as reservas e cautelas não vá o sr. Sá Cardoso acicatado pela fiscalisação cerbérica do sr. Balthazar Teixeira mandar-lhe, por um continuo, o bilhetinho da praxe...

E' já velho séstro de quem não fuma não consentir despoticamente que os outros o façam. E como parece que o sr. presidente da Camara dos Deputados e o seu primeiro secretario não querem ter mau halito, sentir constantemente na boca a saliva amarga dos fumadores, nem tampouco acordarem de manhã com má côr, vertigens e todos os outros achaques da gente desbragada que fuma, não ha maneira de consentirem que os deputados fumem.

D'ahi o resultado! Toda a gente fuma. Fuma o sr. Antonio Maria da Silva, primeiro premio de existencia em bont dorée da C. T. P.; fuma o sr. Mesquita de Carvalho uns cigarrinhos fusiformes e filosoficos. Delicia-se nas espiraes do fumo grosso dum charuto sem fim o dr. Eduardo de Sousa. O sr. Campos Melo tem o praser plebeu da cachimbada. O Sá Pereira não dá um apoiado substancial sem a excitação tabagisia dum bregeiro caprichosamente envolto numa mortalha zig-zag. Todos fumam enfim, o mais ocultamente que podem, colegiaes submissos que não desejam perturbar as delicadas pituitarias do sr. Sá Cardoso e mais do sr. Balthazar Teixeira.

Já lá dizia A. Karr:

Fumer est un des plaisirs les plus bêtes e plus conteux...

E eis ahi talvez porque os dois não fumam, já não digo comme un suisse, mas ao menos para honrar os gostos dos companheiros de Colombo e para não desmerecerem no conceito daquele Jean Nicot que achou tão bom o fumo que o foi impingindo á côrte viciada de Catarina de Medicis.

Mas por Deus, senhores carrascos dos fumadores de S. Bento, se não fosse o fumo, este fumo delicioso e encantado que nos desanuvia o cérebro e nos faz espalhar as maguas—um cigarro é sempre o melhor e o mais sizudo dos companheiros—o Louvre não teria as obras primas de Teniers, nas doces tonalidades da luz argentina, nem o esplendido quadro de Van Ostade, nem a curiosa e expressiva cabeça de Brauwer, nem as telas magistraes de Meissonier!

Não sr. Sá Cardoso! Não sr. Balthazar Teixeira! Os vossos conselhos, as vossas reprimendas, os vossos bilhetinhos aos meninos a quem foi confiada a representação nacional, hão de valer tanto como as proibições de Luiz XIII, como o Mirsocapnos *do soturno Jacques I, ou como a insolita excomunhão antifumista do Papa Urbano VIII.*

Pois se até la falerne «fumeux» aiguillone á l'amour.

Como querem os srs. Sá Cardoso e Balthazar Teixeira que os srs. deputados não fumem?

Fumar!

Melhor do que um cigarrinho bont dorée—ponta dourada, ponta de cortiça, ou mesmo sem ponta nenhuma!—da marca especial «SEMEDÃO», só conheço... um charuto da mesma marca!

P. F.

Reclamações operarias

Pessoal dos Arsenaes

Na reunião magna de hoje resolve retomar amanhã o trabalho aguardando o cumprimento das promessas do governo

Os operarios dos Arsenaes do Exercito e da Marinha, que no momento presente são os que estão mais mal remunerados, veem reclamando ha sete mezes junto do Estado, por intermedio das suas comissões de melhoramentos, aumento de salario, pois que não lhes foi concedido a ajuda de custo de vida que tiveram outros funcionarios do Estado.

Em face disso, os arsenalistas reuniram-se na quarta-feira ultima nos seus sindicatos, resolvendo fazer uma paralisação do trabalho durante 24 horas que começava hoje e realisar hoje, pelas 1 horas, uma reunião do pessoal tambem dos arsenaes no Teatro Nacional.

De facto, á hora acima indicada, realisou-se essa reunião, que esteve extraordinariamente concorrida, vendo-se por completo apinhados os camarotes e plateа. Não se registou o menor incidente, tendo a assembleia resolvido retomar amanhã o trabalho á hora habitual, isto depois de ouvida a comissão de melhoramentos a qual declarou aos assistentes que tendo-se avistado com os ministros competentes, estes se haviam comprometido a que durante a semana corrente seriam atendidas as reclamações. A sessão terminou cerca do meio dia, saindo os operarios esperançados em que justiça lhes vae ser feita.

No intuito de se providenciar rapidamente em caso de alteração de ordem, estiveram de prevenção rigorosa nas suas esquadras o pessoal da Mouraria, da Praça d'Alegria, do posto do Teatro Nacional e da esquadra da rua do Comercio; o serviço de policia foi reforçado no Rocio, onde durante algum tempo se conservou o comissario, capitão sr. Tribolet.

Os operarios dos Arsenaes resolveram aceitar em principio a realisaçao de um movimento geral que tenha por fim a diminuição do custo de vida ou o aumento de salario se se agravar a situação economica.

Hospital Civil de Lisboa

O novo diretor geral

Toma amanhã posse do cargo, o novo diretor dr. Hermano José de Medeiros Deputado da nação e cirurgião dos hospitaes.

Ao ato que terá logar pelas 14 horas assiste o sr. ministro do Trabalho.

Um caso grave

Uma monstruosidade juridica

Com estes titulos e sub-titulo publicou o nosso colega do Porto *A Tribuna*, ante-hontem, um artigo em que se refere ao caso do *chaufeur* envolvido no pretenso rapto e não menos pretenso sequestro d'uma senhora bem conhecida na alta sociedade lisbonense, caso que tanto tem dado que falar. Insurge-se *A Tribuna* contra o facto de tanto esse *chaufeur* como seu primo jazerem ha longos mezes n'uma prisão, sem que haja justiça n'esta terra que ponha côbro a semelhante arbitrariedade.

Diz o nosso colega portuense, do qual é um dos directores o sr. dr. José Domingues dos Santos:

«Ha dias, transcrevendo uma representação que a Associação de Classe dos Chaufeurs de Lisboa dirigiu ao sr. Ministro da Justiça, tivemos o ensejo de nos referirmos a um facto gravissimo que se está passando com dois individuos presos nas Cadeias da Relação d'esta cidade, facto a que é necessario pôr termo, sem demora, para prestigio da Justiça e das Instituições.

«O caso, olhado em si mesmo, já é absolutamente condenavel, porque não se admite, sem se concebe, que, por muito ronceiras que sejam as fórmulas do nosso processo criminal, possam, ao seu abrigo, conservar-se detidos, sem uma pronuncia definitiva e consequentemente inhabilitados de qualquer defeza, ha mais de ano e meio, duas criaturas sôbre quem pésa, é certo, uma acusação, mas uma acusação que os tribunais não sabem se é verdadeira ou se, pelo contrario, carece de fundamentos.

«Mas, precisamente porque o facto se dá em condições muito especiais, n'uma desigualdade extrema de situações entre o queixoso e os arguidos porque o queixoso de tudo dispõe—dinheiro, muito dinheiro, influencias de diversa natureza, uma posição social que muitos invejariam—e os arguidos apenas podem contar com a sua honradez, com a sua pobreza, com a tranquilidade da sua consciencia, o que tudo somado é infelizmente, n'estes tempos, muito pouco, porque os arguidos nem sequer dispõem da sua liberdede, é indispensavel dar uma solução ao caso que, pelas suas delongas, ameaça seriamente o bom nome dos Tribunais, começando o criar á volta d'eles uma atmosfera de suspeições em que não devem estar envolvidos»

....

«Póde tolerar-se que na Republica haja criaturas privadas da sua liberdade durante quasi dois anos sem culpa formada?

«E' justo, é humano que se deixem apodrecer nas prisõis dois homens que eram o amparo unico das suas familias, só porque o seu acusador assim o quer, para satisfazer os seus indignos ódios?

«Póde permitir-se que os tribunais sejam instrumentos faceis de vingança, quando o direito corre largamente? E' assim que se prestigia o Regime?»

Companhia Colonial Agricola Capela

Publicamos na segunda pagina os estatutos desta nova companhia, que acaba de organisar-se e cujo capital, já realisado, é de 3605 contos. Quer pelos fins a que se destina, quer pelos homens que estão á sua frente e que são os srs. conselheiro Silvino da Camara, Avelino José Pires e Ernesto Serzedelo Pressler, a nova companhia tem um brilhante futuro em perspectiva e um exito garantido. Tanto mais que da propriedade Capela dão as melhores e mais lisongeiras referencias as mais importantes firmas de Angola.

Tudo quanto tenda a desenvolver as nossas colonias merece-nos os mais justos elogios. E nesse caso está a nova companhia.

Assuntos coloniais

Vae começar brevemente a montagem dos postos de telegrafia sem fios em Cabo Verde.

—O governador de Angola telegrafou ao ministro das colonias pedindo que sejam para ali mandados oficiaes de marinha e engenheiros maquinistas, afim de completarem os quadros da marinha colonial daquela provincia.

Interesses locaes

O sr. Julio Maria de Sousa, secretario particular do ex-ministro das finanças, conferenciou com o sr. ministro do comercio acerca da urgente reparação da estrada distriotal n.º 132 na parte que fica na avenida marginal de Coruche. O ministro prometeu mandar proceder imediatamente áquela obra.

Regresso de ministros

Regressaram a Lisboa os srs. ministros da guerra, estrangeiros e instrução.

Escola transferida

Foi transferida a escola de ensino primario geral de Foros, freguesia de Salvaterra de Magos, para o logar de Marinhais, freguesia de Muge.

Sindicancia ao Instituto do Professorado Primario

Numa das dependencias do gabinete do sr. ministro da instrução foi hoje iniciada a sindicancia ao Instituto do Professorado Primario, tendo deposto a sr.ª D. Amalia Luazes. O sindicante, sr. dr. João Antunes, encontra-se na naquela dependencia em todos os dias uteis das 17 ás 19 horas, afim de ouvir quem perante ele desejar fazer o seu depoimento.

ASSUNTOS TEATRAIS

ENTREVISTAS E PALESTRAS

Madame X... prediz-nos o que vae ser : a temporada de inverno em Lisboa :

Não ha jornal que não tenha o gosto afinadissimo de dar noticias em primeira mão. A noticia teatral, a cuscuvilhice de bastidores, os arranjos e combinações para d'aqui a um, a dois, a tres mezes, interessam as secções teatraes porque sabem que... essas noticias interessam ao grande publico.

O que para ahi se tem dito da futura epoca! O que se divisa tambem entre brumas!! Mas de tudo que se diz e que se divisa, o que é verdade? O que tem bases concretas?

Diabo! Se nós pudessemos saber?

E assim matutando o cronista passa em frente do consultorio de madame X..., aqui na rua do Carmo. Madame X... lê o futuro e faz revelações assombrosas sobre o passado Uma subita ideia. Se ela nos quizesse dizer alguma coisa do futuro... teatral...

Dito e feito. A consulta são 5 escudos, com a advertencia de que é dificil fazer prognosticos. E, pouco depois, madame X..., rua do Carmo, tantos, entra em sonhos.

....

—Algum facto notavel para a futura epoca nos teatros de Lisboa...

— ... A independencia...

—A independencia? Algum grande sucesso teatral?

—Não posso precisar... Mas creio que é um sucesso para todos os teatros... a obcessão d'um homem que termina...

—Veja se pode dar-me casos mais concretos. Por exemplo: no *Trindade* que vê?

Ha uma longa pausa. Madame X... parece fazer um grande esforço.

—Sim... no Trindade... A revolução, Robespierre, Sardou, o Carlos Santos...

—A revolução?

—Grande espectaculo, o ataque á carroça dos condenados... Agora vejo um auctor francez em Portugal assistindo á sua peça... muito vago ainda... Agora no cartaz temos Bataille.

—*L'Animateur?*

—Não, não é. Uma peça italiana, tambem. Bento Mantua e Angela Pinto... Peça de Carnaval, Brun... E' dificil dizer-lhe mais, está tudo ainda muito vago...

—Passemos então ao Ginasio...

—Um actor novo que se tem imposto...

—Já sabemos, Alves da Cunha...

—Uma actriz que tem vestidos *dernier cri*... Um muito magro que quer ser socio da empreza. Uma ou duas estreias de jovens artistas, talvez outra rapariga agora no Brazil e que tem feito as ingenuas d'outro teatro, ainda esfumado; Maria Pia, Alegrim e Cristiano Sousa... tambem lá vejo Virginia em representações. *A rêde*, um original historico, escrito expressamente para o emprezario...

—De quem? De quem?

—Misterio...

—Veja se consegue divisar-lhe as fórmas...

—E' uma figura simpatica... poeta, literato ilustre... auctor dramatico... adaptador... *Sociedade Portugal-Brazil*... Não posso, não posso dizer mais. Vejo a *Aigrette*... Kistemaeckers, Nicodemi... *O Othelo*...

—E agora no *Politeama?*

—*Mãe, filha*, o espirito santo *Grijó*, com o divino *Sacramento*, grande confusão por falta de elementos que quebram contractos... *O Instinto*, *O amor é cego*, um original, a *Bela Aventura*, o *Gaiato de Lisboa*... Schwalbach...

—Vê mais longe, no futuro desse teatro...

—Cinema... companhias estrangeiras, concertos... Pretendentes varios.. Muito ao longe, confusamente, Rey Colaço, Robles, José Ricardo...

—Oh! que confusão, é melhor talvez repousar...

—Não; vamos seguir: *Avenida*, «Carlota Joaquina».. a *Malvaloca*... ohll..

—Por quem? Por quem?

—Maria... Maria... Vejo tambem o Mendonça, e pouco mais, originaes..

—E no *Eden?*

—Grande companhia... de opereta e revista. Nascimento e Erico Braga, revistas novas, fantasias e operetas... O costume com outra cabeça...

—E no *Nacional?*

—Vejo o costume... Galhardo aqui... um comboio, muitas flôres. Palmira Bastos, complicações, apoteóses, grandes ordenados, *Montmartre*, *Marionettes*, *Altar da Patria*... *O Cardeal*... Um original... *Maria Madalena*... Carlos Selvagem... tudo ainda um pouco confuso... é sempre confuso...

—Póde dizer-me se ha alguma novidade sensacional premeditada?

—Vejo, sim, esboçado ainda, em névoa, um grande acontecimento teatral durante a epoca de inverno... Vejo tambem a morte de alguem, uma figura das letras nacionaes...

Terminava a nossa palestra; pouco mais podia adiantar a extraordinaria vidente. Por isso, passámos á sala ao lado, onde madame X... tem a secção de *manicure* e *pedicure*.

Custou-nos a curiosidade 5 escudos. Damos as novidades aos leitores por 5 centavos. E' caso para perguntar, como o galego da mosca na canja: «Por este preço talvez quizessem uma entrevista com o sr. Bataille ou com François de Curel...

D. Justus.

Leote do Rego

Por motivos imprevistos, ficou adiada para dia que oportunamente será anunciada, a conferencia que o sr. vice-almirante Leotte do Rego devia realisar hoje, ás 16 horas, no teatro Nacional.

Voando sobr a ecidade

Odistincto oficial aviador sr. Lello Portella, governador civil de Lisboa, andou voando sobre a cidade, levando na sua companhia o tenente coronel sr. Liberato Pinto, chefe do estado maior da guarda republicana.

A cidade ás escuras

A Companhia não atende reclamações, a Camara Municipal não faz caso

Não ha n'esta linda cidade de Lisboa quem se importe com as reclamações dos municipes, que só servem para pagar e...ah, perdão! tambem são saudados pelo sacrificio que fazem em andar a pé!

No nosso numero de ante-hontem reclamámos contra o facto da area abrangida pelas ruas Prossidonio da Silva, do Borja das Cavalariças do Infante estar imersa em profunda escoridão. Nem um candieiro ali se acende. Na area de Campolide o mesmo sucede. Quer dizer: só a Baixa tem luz.Os moradores das outras ruas que se arranjem como quizerem, que não saiam de suas casas depois do sol posto, a não ser que se sujeitem ás consequencias que d'ahi podem derivar.

A culpada é a Companhia Reunidas Gaz e Electricidade? Sem duvida, visto que é ela quem tem obrigação de iluminar a cidade. Mas o que é certo é que a Camara Municipal, desde que a Companhia não cumpre aquilo a que é obrigada, tinha obrigação imediata de intervir. Como o faz?

Ao passo que nos obriga a andar a pé e que proclama aos quatro ventos da publicidade que vae rescindir o contrato com os electricos, apoiada por comissões e por sindicatos varios que se formaram com a mira em fabulosos lucros, ao passo que pensa em municipalisar esse serviço no que respeita á iluminação está muda e queda que nem um penedo vá lá a expressão popular mas verdadeira no presente caso.

A Companhia do Gaz nem ao menos manda acender as tristes lamparinas de petroleo que para ahi bruxuleiam? Que importa que até em cidades e vilas de provincia haja luz electrica e na capital se assista á vergonha que presenceamos? Ora, ninharias! Que tem a Camara Municipal com isso?

Não será tambem a iluminação o feudo d,uma cofpanhia, um monopolio? Só a tração mecanica para a Camara é que o é. O resto, que importa?

Pois, senhores da Companhia e senhores da Camara a cidade está ás escuras e chega a ser uma vergonha, uma verdadeira e autentica vergonha o que se está passando. Luz! Venha Luz!

PELO TELEGRAFO

Inquietaçao na Prussia Oriental segundo uma nota alemã

PARIS, 8.—Goepert, presidente da delegação alemã; entregou no ministerio dos negocios estrangeiros uma nota chamando a atenção dos aliados para a inquietação que as destruições do material e das munições pelos mesmos aliados causaram na população da Prussia Oriental. —(*Havas*).

Chegada de 15 aviões Spad

RIO DE JANEIRO, 8.—Chegaram 15 aviões Spad e são esperados mais outros 15.—(*Americana*).

Economias e desenvolvimento da riquêza publica

RIO DE JANEIRO, 8.—O presidente da Republica, sr. dr. Epitacio Pessoa, assentou em que se fizessem rigorosissimas economias.

Para aumentar os rendimentos estuda-se a construção de vias ferreas no interior ligando com a bacia do Amazonas.—(*Americana*).

O vapor «Lima» é recebido festivamente

PARA', 8.—O vapor *Lima* foi recebido ao son dos hinos portuguez e brasileiro, sendo festiva e calorosa a receção.—(*Americana*).

Reproduzindo entrevistas sobre a aproximação luso-brazileira

RIO DE JANEIRO, 8.—O jornal *A Noite* reproduz as entrevistas de Julião Machado.—(*Americana*).

A «tournée» do Nacional

RIO DE JANEIRO, 8.—A companhia do Nacional leva hoje á scena o *Hamlet*. —(*Americana*).

A cotaçao do trigo e do algodão nos Estados-Unidos

NEW-YORK, 5.—Em consequencia dos importantes pedidos da França e da Italia, a cotação do trigo subiu 18 pontos. A melhoria do cambio produziu uma alta de 120 pontos no algodão.—(*Havas.*)

A reconstituição da catedral de Reims

PARIS, 8.—O cardeal Mercier, vindo da Belgica, chegou a Nancy, onde foi alvo de uma ovação entusiastica. O cardeal Luçon, arcebispo de Reims, chegou tambem a Nancy, para assistir á representação popular do drama da Paixão cuja receita é destinada á reconstituição da Cathedral de Reims.—(*Havas*).

A socialisação das minas

GENEBRA, 7.—O congresso internacional de mineiros outorgou plenos poderes ao comité internacional para recorrer a todos os meios, inclusive a greve geral mundial, no sentido de se obter a socialisação das minas em todos os paizes.—(*Havas.*)

Tripulação que se recusa a embarcar

BORDEAUX, 9.—A tripulação do paquete *Asi*, que devia partir para Portugal e Brazil recusou embarcar em vista da amnistia concedida a certos marinheiros condenados em consequencia da greve de abril ultimo.—(*Havas*).

Gréve dos eletricos

Ao que nos consta, o pessoal da Companhia Carris de Ferro vae efectuar-se um «meeting» para assistir o qual convidará representantes da camara municipal e dos portadores de passes.

COMPANHIA Colonial Agricola CAPELLA

(BENGO E QUANZA)

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa

Os estatutos desta Companhia fundada pela escritura de 29 do mez de julho corrente, celebrada pelo notario EUGENIO DE CARVALHO E SILVA, de Lisboa, são do teor seguinte:

CAPITULO I

Denominação, séde, objecto e duração

Art. 1.º

Sob a denominação de «COMPANHIA COLONIAL AGRICOLA CAPELA», é constituida uma sociedade anonima de responsabilidade limitada que se regerá por estes estatutos e pelas disposições do Codigo Comercial.

Art. 2.º

A sociedade tem a sua séde em Lisboa, podendo estabelecer sucursaes, agencias, delegações e qualquer outra especie de representação, onde e quando entender necessario.

Art. 3.º

O seu objectivo é a exploração agricola de propriedades, proprias ou arrendadas e o comercio e industria dos seus productos.

§ Para a realisação do seu objectivo poderá a sociedade:

§ a) adquirir por qualquer contracto e meio legal tudo o que seja ou venha a ser necessario.

§ b) subscrever capitaes ou interessar-se por qualquer fórma ou fusionar-se com quaesquer outras Emprezas, ou adquirir o seu activo;

§ c) promover a venda directa ou á consignação, dos seus productos e realisar em geral todas as operações comerciaes, sociaes e financeiras necessarias.

Art. 4.º

A duração da sociedade é por tempo indeterminado.

CAPITULO II

Capital social, acções e obrigações

Art. 5.º

O capital social é inicialmente de 3.605 contos, dividido em 36.050 acções liberadas, do valor nominal de 100$00 cada uma; e foi integralmente realisado e está representado em dinheiro e pelas propriedades agricolas na circunscrição civil de Icolo e Bengo, em Cabiri, provincia de Angola, denominadas «Capela», descrita sob o n.º 198 na Conservatoria da Comarca de Loanda, «Caloge», «Zamba», «Paiva» e «Tungo», descritas sob os n.ºs 2.186 a 2.189 na mesma Conservatoria, e «Canunga», «Fagó», «Façu», «Mininge», «Denga», «Zamba segundo», «Caluele», «Quecomba», «Correia», «Mambucos», «N'goma» ou «N'Golo» e «Carianzala», descritos sob os n.ºs 2.190 a 2.201.

§ 1.º—Fica autorisado o Conselho de Administração, ouvido o Conselho Fiscal, a elevar o capital social ao maximo de 15.000 contos, tanto em dinheiro como por entrada de valores de qualquer especie e nas condições que os corpos gerentes fixarem.

§ 2.º — Qualquer outra elevação de capital será deliberada pela Assembleia Geral.

Art. 6.º

Efectuadas novas emissões as acções respectivas serão denominadas de segunda serie.

§ 1.º Os subscritores da primeira serie terão a preferencia em quaesquer emissões futuras, na proporção do numero de acções que possuirem.

§ 2.º—Os subscritores de futuras emissões que não forem pontuaes nos pagamentos ficarão sujeitos ao juro anual de 6 0|0 por toda a móra que houver, e se decorrido o prazo de 60 dias após o vencimento da ultima prestação não se desobrigarem, perderão o direito ás importancias pagas, podendo a Companhia dispôr das respectivas acções promovendo a sua venda na Bolsa por intervenção oficial.

Art. 7.º

As acções em futuras emissões serão nominativas emquanto o seu valor nominal não estiver integralmente pago, mas uma vez liberadas serão como as da primeira serie, nominativas ou ao portador e reciprocamente convertiveis, nos termos da lei.

§ unico—As acções serão representadas por titulos de 1, 5, 10, 20 e 50 acções e estes assinados por 2 administradores.

Art. 8.º

A sociedade, cumpridas as formalidades legaes, poderá emitir obrigações nos termos que a lei faculta.

§ unico — Em todas as emissões de obrigações se reservará o direito de opção aos accionistas na proporção das suas acções.

Art. 9.º

A sociedade pode adquirir acções sob rigações proprias e fazer quaesquer operações sobre umas e outras sempre que ouvido o Conselho Fiscal, o Conselho de Administração o entender por conveniente.

CAPITULO III

Administração e fiscalisação

Art. 10.º

A sociedade é representada activa e passivamente, em juizo e fóra dele por um Conselho de Administração composto de 3 membros efectivos, sendo um com as atribuições de administrador-delegado, eleitos de entre os acionistas de 3 em 3 anos com a faculdade de reeleição.

§ 1.º—Nenhum administrador poderá assumir o seu cargo sem prévia mente depositar nos Cofres da Companhia em caução da responsabilidade que lhe possa impedir da sua administração a quantia de 30 contos que poderá ser representada por titulos ao portador desta sociedade os quaes ficarão inalienaveis até 6 meses decorridos sobre a aprovação de contas do ultimo ano do seu mandato.

§ 2.º—A sociedade só fica obrigada pela assinatura de 2 administradores.

§ 3.º—Não poderá fazer parte do Conselho de Administração quem ocupar cargo identico em sociedade congénere.

Art. 11.º

Ao Conselho de Administração, revestido dos mais amplas faculdades para a realisação do objecto social, compete:

Procurar por todos os meios ao seu alcance impedir o seu maior desenvolvimento ás explorações agricolas e industriaes praticando todos os actos e efectivando todos os contractos que repute necessarios; elaborar os regulamentos para o serviço interno e externo da sociedade; criar, organisar ou extinguir sucursais, agencias, estabelecimentos e representações da sociedade; conferir mandatos gerais ou especiaes em nome dela; escolher, nomear e demitir empregados, agentes e correspondentes; superintender em todos os serviços industriaes, comerciaes e finalmente praticar todos os demais actos que por estes estatutos ou por lei lhe são cometidos.

§ 1.º—O Conselho de Administração deve reunir-se diariamente em sessão, salvo motivo justificado.

§ 2.º — O Administrador-delegado poderá fazer-se substituir no exercicio do seu cargo por qualquer membro dos corpos gerentes da Companhia que para esse fim escolher, assumindo porém inteira responsabilidade da acção do seu substituto.

Neste caso a remuneração será apenas a que o administrador-delegado de sua conta estabeleça com prejuizo do § unico do art. 14.º destes estatutos.

Art. 12.º

O Conselho Fiscal compõe-se de 10 membros, 5 efectivos e 5 substitutos, eleitos de entre os accionistas de 3 em 3 anos com a faculdade de reeleição.

§ 1.º—A uns e outros efectivos e substitutos se aplicará o disposto no § 3.º do art. 10.º destes estatutos.

§ 2.º—Nenhum membro do Conselho Fiscal poderá desempenhar o seu cargo sem que préviamente haja depositado nos Cofres da Companhia como caução á responsabilidade que assume a quantia de 10 contos que poderá ser representada por titulos ao portador desta sociedade os quaes ficarão inalienaveis até seis meses após a aprovação de contas do ultimo ano do seu mandato.

Art. 13.º

As atribuições do Conselho Fiscal são as que constam do art. 176.º do Codigo Comercial; e, salvo o disposto no n.º 2 do mesmo artigo, as suas resoluções são tomadas por maioria de votos, cabendo um voto a cada vogal.

§ unico—O Conselho Fiscal reunese ordinariamente uma vez por mez no escritorio da séde da Companhia e extraordinariamente sempre que tres dos seus vogaes o entendam necessario ou quando fôr necessario pelo Conselho de Administração.

Art. 14.º

Os honorarios do Administrador-delegado serão de 450$00 mensaes a cada um dos outros Administradores vencerá mensalmente a quantia de 300$00.

Cada membro do Conselho Fiscal terá direito á remuneração mensal de 50$00.

§ unico—Os membros substitutos do Conselho Fiscal, quando convocados para desempenhar as suas funções, teem direito á quota parte dos lucros estabelecidos pelo art. 23.º destes estatutos na proporção de tempo do seu exercicio e haverão como vencimento a quantia que a Assembleia Geral entender atribuir-lhes.

CAPITULO IV

Assembleia geral

Art. 15.º

A Assembleia Geral compõe-se dos accionistas que tenham 100 acções pelo menos, averbadas, em seu nome 30 dias antes do fixado para a reunião, ou egual numero de acções em titulos ao portador, depositados com 15 dias de antecedencia nos cofres da Companhia.

§ 1.º—Os depositos de acções ao portador tambem poderão ser feitos nos estabelecimentos bancarios que os anuncios dos convocatorios designarem, devendo os accionistas apresentar com a referida antecedencia de 15 dias os documentos comprovativos.

§ 2.º—Os accionistas com voto podem constituir mandatarios que os representem, os quais terão de ser igualmente accionistas com voto, podendo esses mandatos ser conferidos por uma simples carta dirigida ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral.

§ 3.º—Nunca poderão ser mandatarios nem mandantes os membros em exercicio tanto da mesa como dos corpos gerentes.

§ 4.º—Cada accionista terá direito a 1 voto por cada 100 acções sem prejuizo do § 3.º do art. 183.º do Codigo Comercial.

Art. 16.º

A Assembleia Geral ordinaria reune-se pelo menos uma vez cada ano nos primeiros quatro mezes findo que seja o exercicio anterior.

A Assembleia Geral extraordinaria reunir-se-ha quando fôr requerida pelo Conselho de Administração, Conselho Fiscal, ou por accionistas que representem, pelo menos um terço, do capital social; devendo no seu requerimento declarar o fim.

Art. 17.º

A Assembleia Geral ordinaria funcionará achando-se presentes os representantes dos accionistas que a compõem, uma parte que constituia pelo menos um terço; do capital social e a Assembleia Geral extraordinaria só poderá funcionar achando-se presentes ou representados dos membros accionistas pelo menos metade do capital social salvo o disposto no § 1.º do art. 131.º do Codigo Comercial.

Art. 18.º

Quando uma Assembleia Geral regularmente convocada não possa constituir-se por insuficiencia do capital representado, convocar-se-ha imediatamente nova reunião que se realisará dentro dos 30 dias seguidos porém nunca antes de 15.

§ unico.— Nessa reunião serão validas as deliberações que se tomarem qualquer que seja o capital realisado.

Art. 19.º

Não podem assistir ás assembleias gerais os accionistas sem voto nem os portadores de obrigações.

Art. 20.º

A meza da assembleia geral compõe-se de um presidente, um vicepresidente, dois secretarios, dois vice-secretarios e será eleita de 3 em 3 anos podendo ser reconduzida.

§ 1.º—As convocações das Assembleias Gerais serão feitas pelo presidente da Mesa, pelo vice-presidente ou por quem as suas vezes fizer, publicando-se com antecedencia e as formalidades legais (art. 181.º do Codigo Comercial) os respectivos anuncios e enviando-se cartas convocatorias directamente aos accionistas cuja residencia fôr conhecida pela Companhia.

§ 2.º—Compete ao presidente da Assembleia Geral, além das atribuições ordinarias do seu cargo, rubricar as folhas e assinar os termos de abertura e encerramento dos livros de actas do Conselho de Administração, Conselho Fiscal, Assembleia Geral e dos posses.

§ 3.º—Por cada reunião será organisada uma lista de accionistas, com a indicação do numero de acções e votos que a cada um compete.

CAPITULO V

Disposições gerais

Art. 21.º

O ano social começa em 1 de Janeiro e termina em 31 de Dezembro de cada ano.

§ unico.—Exceptua-se, porém, o primeiro exercicio que terminará em 31 de Dezembro de 1921.

Art. 22.º

E' de conta da sociedade a Contribuição Industrial (imposto de rendimento) que fôr lançado aos corpos gerentes.

Art. 23.º

Além do fundo de reserva legal poderá haver fundos de reserva especiais que a assembleia geral resolver crear dotados com as quantias que a mesma assembleia lhes destinar em cada ano sob proposta do Conselho de Administração, sancionada pelo Conselho Fiscal.

Art. 24.º

Os lucros anuais verificados pelo respectivo balanço geral da séde, liquidos de todas as despezas e encargos terão a aplicação seguinte:

1.º—5 0|0 para o fundo de reserva legal;

2.º—70|0 para dividendo aos accionistas sobre o capital realisado;

3.º— do remanescente, 30 0|0 para os corpos gerentes, sendo 25 0|0 para o Conselho de Administração e 15 0|0 para o Conselho Fiscal.

1—Dos 25 0|0 atribuidos ao Conselho de Administração, 10 0|0 pertencerão ao Administrador-delegado e 7,5 0|0 para cada um dos outros Administradores.

2—Os 60 0|0 restantes do remanescente serão aplicados a fundos de reserva especial que a Assembleia Geral entender dever crear e o reforço do dividendo aos accionistas.

Art. 25.º

Prescrevem a favor do fundo de reserva legal os dividendos que não forem reclamados pelos interessados dentro do prazo de 5 anos a contar da data em que a Assembleia Geral ordinaria os tiver votado salvo casos de força maior, devidamente comprovados.

Art. 26.º

A dissolução e a liquidação da sociedade regular-se-hão pelas deliberações das Assembleias Geraes competentes que obedecerão em tudo ás disposições da lei e destes estatutos.

§ 1.º—Ao Conselho de Administração competirá proceder á liquidação da sociedade, salvo determinação em contrario da Assembleia Geral.

§ 2.º—Quando a liquidação seja feita pelo Conselho de Administração pertencer-lhe-ha todos os poderes a que se refere o art. 134.º do Codigo Comercial nos seus §§ 1.º e 2.º

§ 3.º—Pagas as dividas passivas ou feitas as consignações para esse efeito necessarias, destinar-se-ha o remanescente a pagamento das acções na importancia correspondente a cada uma.

Art. 27.º

A aquisição de uma ou mais acções já subscritas ou de subscrições futuras importa a adesão plena ás disposições destes estatutos para todos os direitos e obrigações que neles se firmam.

§ unico—Para qualquer divergencia de maior suscitada entre os accionistas e a sociedade, resultante do contracto social ou das deliberações sociais fica estipulado o fôro da comarca de Lisboa com a expressa renuncia a qualquer outro.

Art. 28.º

A séde provisoria da Companhia é no escritorio da firma Neves & Cruz, na rua Ivens, 53, Lisboa.

Art. 29.º

São designados para constituir o Conselho de Administração durante o primeiro trienio os acionistas:

Conselheiro Silvino da Camara, Avelino José Pires e Ernesto Serzedello Pressler (Administrador-Delegado).

§ 1.º—Estes Administradores assumem desde já o seu cargo sem prejuizo do exposto no art. 10.º destes estatutos que deverá cumprir-se logo que esteja constituido o Conselho Fiscal.

§ 2.º—A primeira Assembleia Geral reunir-se-ha no dia 15 de Agosto proximo, pelas 15 horas, na rua da Boa Vista, n.º 84, a fim de eleger a meza, o Conselho Fiscal e tomar outras deliberações.

§ 3.º—Nessa Assembleia cada acionista, seja qual fôr o numero de acções que possua terá direito a um voto.

Art. 30.º

Em tudo quanto fôr omisso nestes estatutos reger-se-ha a sociedade pelas disposições do Codigo Comercial e legislação vigente.

Lisboa, 31 de Julho de 1920.

O Notario,

Eugénio de Carvalho e Silva

D. Maria Amalia Oliva Achiles Gonçalves

FALLECEU

Maria Emilia da Fonseca Oliva, Dr. José Oliva Mendes da Fonseca sua mulher e filhos, Eduardo Oliva (ausente), e mais parentes participam a todas as pessoas das suas relações e amizade que foi Deus servido chamar á sua Divina presença, a sua muito querida filha, irmã, cunhada, tia e sobrinha, Maria Amalia Oliva Achiles Gonçalves, cujo funeral se realisa amanhã 10, pelas 14 horas, saindo o prestito funebre da estação do Rocio para o seu jazigo no cemiterio Oriental.

VIDA SPORTIVA

Nota do dia

Na sexta-feira passada o assunto da nossa nota do dia foi a *Taça Mutilados da Guerra*. Expuzemos então o nosso modo de vêr ácerca da sua disputa. Antes, porém, falámos com pessoas que, embora indirectamente, é certo, teem interferencia no assunto.

Sobre o produto das receitas deste torneio recebemos a carta que abaixo publicámos do nosso amigo sr. dr. Tovar de Lemos, e devemos dizer que estamos absolutamente de acordo com a sua maneira de vêr quanto a os mutilados da guerra necessitarem ainda de auxilio, mas do que não abdicamos é da percentagem de 50 0|0 destinada á Caixa de Socorros a jogadores invalidos, iniciativa posta em pratica este ano pela Associação de Foot-Ball.

A. de Campos Junior

A carta que recebemos do D. Tovar de Lemos diz:

Meu caro Campos.—Vi na «Capital» uma noticia sua, referente á «Taça dos Mutilados» que se encontra aqui no Instituto. Como lhe disse ha dias, quando nos encontrámos, era tenção minha lembrar-lhe que fosse disputada este ano, pois, além do interesse sportivo, havia para o meu ponto de vista o interesse material, pois isso representaria sem anoide uma parcela de dinheiro a juntar ao que os mutilados já teem e que não é muito.

Foi pois com surpresa que vi a sua ideia de ser disputada a Taça, revertendo, porém, a receita para outras instituições, e, se me permite, aqui lhe deixo o meu protesto de primeira discordancia que tenho consigo. De resto, sempre de acordo e sempre amigo obrigado.—*Tovar de Lemos.*

Nota.—No proximo sabado devem reunir na redacção de *Os Sports* os delegados dos clubs concorrentes e um delegado da A. F. L.

A. de C.

Noticiario De Portugal

O celebre lutador Maurice Deriaz foi convidado para vir a Lisboa fazer um matchs de luta.

O atleta em questão respondeu que só viria se os desafios fossem dirigidos por um nosso amigo conhecido professor e o unico portuguez que no estrangeiro toma parte em torneios de luta.

— Na ultima assembleia efectuada no Sport Club Sacavenense foram eleitos os seguintes corpos gerentes.

Direcção—José Romão Sousa; Antonio Gregorio Correia; Severino Fernandes; Inacio Marques Vieira.

Assembleia geral—José Pereira; Guilherme Marques Vieira; Telmo Fernandes; Pedro da Silva e Pedro dos Reis.

— No proximo domingo realisa-se no Porto a disputa da Taça Leixões. Concorrem duas equipes, uma do Porto e outra de Lisboa.

— Realisa-se hoje pelas 21 horas, na séde da Associação Naval, uma reunião entre as direcções da Federação Nacional de Remo, Associação e Club Naval, a fim de tratarem das regatas a realisar em Lisboa em 5 de setembro.

— Denominado «Terreirense Foot-Ball Club» fundou-se mais um novo club que se propõe praticar o foot-ball, cuja séde ficou instalada na travessa do Caldeira, 32, 1.º.

— O Comité Regional do Norte é constituido do seguinte modo.

Presidente — Oliveira Valença, do Velo Club do Porto;

Vice-Presidente — Dr. J. J. Lobão de Carvalho, delegado das escolas;

1.º Secretario — Joaquim Pilrão, do Club Sportivo Nun'Alvares;

2.º Secretario — Adelino Costa, do Foot-Ball Club do Porto;

Tecnico — Alexandre da Fonseca, do Club Escola Nautica;

Tesoureiro — Joaquim Coelho, do Racing Club do Porto;

Vogais — Ferreira de Almeida, do Sport Club do Porto; Antonio José da Fonseca, do Club Fluvial Portuense e o Ang Atletico Club de Viana do Castelo.

Companhia Agricola das Neves

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 4.000:000$00

Pagamento do Dividendo Complementar 1919-1920

Previnem-se os srs. acionistas de que no dia 11 do corrente e em todas as quartas e sextas feiras seguintes, das 13 ás 16, está a pagamento no escritorio d'esta Companhia, na rua do Comercio, n.º 7-2.º esq. o dividendo complementar de 1919-1920 de 10|0, (dez escudos por acção) livre de todos os impostos.

Lisboa, 9 de Agosto de 1920

O Director.—*José Mendes Leite*

Theatros e Cinemas

Noticias velhas

10 de Agosto de 1823

Nasce no Maranhão o poeta Gonçalves Dias. Para o teatro deixou o notavel poeta as seguintes obras: «Leonor de Mendonça»; «Patkuel», «Beatriz Cenci», e «Boabdil».

10 de Agosto de 1831

Nasce José Monteiro Torres, tratado no livro de Souza Bastos, «Tipos do Teatro», onde tem um largo e interessante capitulo. Foi empresario do «R. dos Gondes», e tinha um feitio especialissimo que punha em foco a forma como administrava as suas empresas, os seus amores, e as suas aventuras comicas.

Entre nós

Chagas Roquette está trabalhando numa opereta para ser representada por senhoras da sociedade, o mesmo grupo que levou pela primeira vez a «Quaker Girl».

Por noticias particulares recebidas conta-nos que a tournée Chabi Pinheiro não tem sido muito feliz no Brazil.

Lá por fóra

França.—O «Gran Guigorol» de Paris mudou o cartaz, tendo agora as peças «Lui, La Menace», «La Torture», «Un petit trou pes chese».

—Na «Comédie Française» ainda esta temporada de verão será montada «la Mort enchainée» de Maurice Magre. No centenario de Emile Angier, subirá a peça «les Enfrontés»

—Em Paris correu o boato de que a Federação dos espectaculos, de acordo com a C. G. T. anda procurando adquirir um grande teatro nos «boulevards» para ahi organisar um teatro cooperativo.

—Na proxima epoca subirão as seguintes peças novas na «Opera Comique»—«le Roi Candaule» de Maurice Donnay e Alfred Bruneau. «Forfaiture» de Millet André de Lord e Erlanger. «Dans l'ombre de la catedral» de Lena, Ferrare e Huex.

—Para a futura epoca o «Theatre Michel» anuncia já «les amants de Sazy» de Romain Coolus. «Amour, prends garde» ! de Peter e Soulié. «Femme de luxe» de Alfred Savoie. «l'enfant gatée» de René Fauchois. «Quand le diable y serait» de Rip e Gigoux.

Noticias novas

—Vae grande azafama no Apolo, afim de conseguir-se realizar na 4.ª feira a «premiere» da revista «Risos e Flores» que a Empreza Augusto Gomes capricha em apresentar brilhantemente.

Reaparecem nessa peça as gentis atrizes Maria Pinto e Alda Teixeira, assim como Alfredo Ruas que o publico fluminense festejou durante uma longa temporada.

O cartaz de hoje

Nacional, ás 21.30, «A Castro».
Politeama, ás 21.15, «A Labareda».
Trindade, ás 21.15, «Chá e torradas».
Ginasio, ás 21.15, «O A's».
Salão Foz, ás 21 «Variedades».
Olimpia, Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.
Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.
Chanceler, Animatografo e fitas faladas.

Noticias da Capital

A cronica do roubo. — João José Rodrigues, sem residencia n'esta cidade, foi preso por ter furtado objectos de ouro no valor de 100 escudos a Luiz Fernandes, da calçada do Combro, 71.

Queixaram-se: Manuel José Ferreira Alves, da rua Nova de S. Domingos, 22, 3.º, de que tendo em sua casa como hospede uma mulher de vida facil, cujo nome ignora, ela lhe furtou dinheiro no valor de 100 escudos; Maria da Conceição Simões, rua do Jardim do Tabaco, 110, 3.º, de que lhe furtaram uma carteira contendo 180 escudos; Maria José Lopes, rua das Madres, 84, de que uma mulher de nome Estrela Celeste, com ela morador, lhe furtou objectos no valor de 42 escudos; Alberto Luiz Pires, morador na rua Costa Cabral, de que na noite passada foi assaltado por dois individuos que lhe furtaram a quantia de 75 escudos.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3601 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira, 10 de Agosto de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

O MARTIRIO DE UMA MULHER

No manicomio Conde Ferreira

Atravez as enfermarias das mulheres — O quarto do suplicio da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho — Os importantes : : depoimentos das enfermeiras : :

A tarde mergulha lentamente num poente de oiro e de ternura... Poucas horas me restam para visitar o manicomio e, no entanto, falta-me atingir o fim principal que ali me levou: — percorrer as enfermarias das mulheres, conhecer o quarto onde, durante interminaveis mezes, a filha de Eduardo Coelho, a flôr do seu lar e o maior enlevo do seu alto espirito, expiou cruelmente um delicto de amor. Os meus nervos vibram já numa contracção dolorosa, horrivel, dificil de dominar. Puzeram-m'os assim os espectaculos de martirio e de impiedade do Destino que acabo de presenciar e de recolher na minha alma comovida, atravez a peregrinação de algumas horas entre aquele penoso desfile de individuos que, pelo seu subjectivismo morbido, crescem e multiplicam incessantemente, dentro do mundo em que vivemos, outros mundos de compreensão tão nebulosa e extranha. E é só assim—bem diferentes de nós, bem marcados pela distancia psichica que de nós os separa—que se pode entender o seu isolamento e a sua inutilisação para a vida. Pois não é verdade que a liberdade é uma coisa muito preciosa e sagrada que tem custado mares de lagrimas e de sangue, para que alguem ouse atentar contra ela por qualquer futilidade, por qualquer detalhe de vistas ou de criterio pessoal? Confesso que teria gostado de sahir do manicomio Conde Ferreira com a convicção de que efectivamente os que ali superintendem põem acima de tudo, sempre que o podem fazer, o culto pela liberdade dos outros, principalmente quando essa liberdade pertence a seres frageis, indefezos, perseguidos por uma sociedade irracional, incoerente, hipocrita.

Gostaria de terminar estas ligeiras notas de reportagem, podendo afirmar que os sabios do Conde Ferreira põem o humanitarismo acima dos convencionalismos sociaes onde toda a escola de pouca vergonha é aceite e protegida desde que as aparencias se salvem com mais ou menos cuidado. A missão do medico é uma lição luminosa de caridade, onde a inteligencia e o coração se conjugam, e nunca deveria ser o chicote do castigo infligido por uma sociedade cujos processos de ha muito a condenaram irremediavelmente como a uma velha devassa—pretenciosa, embusteira e ridicula. Mas não! No manicomio Conde Ferreira não é assim.

Aqueles quartos, quasi luxuosos, que vou visitar, abrem-se, não raras vezes, para atender, numa reverencia rasgada, os preconceitos sociaes. E descancem os senhores que nós não sahiremos das nossas atribuições de reporter para o poder afirmar. São os depoimentos das enfermeiras que o dizem; são os proprios depoimentos dos medicos que o confirmam.

Trevas... trevas!...

Atravez as enfermarias das mulheres, os espectaculos de trevas e de tristeza repetem-se a cada passo. Sae-me ao caminho uma mulher com a fisionomia idiotisada, com a boca rasgada n'um sorriso uniforme, indefinivel, perpetuo... Corre atraz de mim no corredor por onde eu sigo, espreita os meus menores movimentos, escuta as palavras que troco com as outras loucas, e o seu sorriso escancarado, alvar, é sempre o mesmo.... Dir-se-ha que todo o turbilhão, todo o cahos de pensamentos e de instintos que se revolvem dentro do seu organismo—talvez profunda, talvez irremediavelmente doente— todo esse lamentavel cahos se fundiu, se caldeou n'aquela mascara em que não se altera sequer um vinco.

Algumas das loucas que encontro envelheceram ali—teem trinta e mais anos de manicomio.

Impressiona principalmente ver uma velhinha muito descarnada, muito ressequida, colada a um canto, com o chale muito aconchegado ao pescoço e com os olhos sempre fixos no mesmo ponto. Tem talvez mais de oitenta anos e negou inteiramente, já depois de ter dado entrada no hospital.

E' um ser humano que mais se adivinha do que se reconhece... Espera, desde ha muito, a hora da libertação final.

Passo agora ao pavilhão que costuma receber as doidas de terceira classe. As que se conservam calmas passeiam, acompanhadas das enfermeiras, na cerca junto do pavilhão. Destaca-se uma rapariga, talvez de trinta anos, com a pele morena—doirada e grandes olhos negros e aveludados. Corre para mim e abraça-me, dá-me o nome da familia e suplica-me que a arranque áquele inferno. Mas este esforço provoca-lhe uma excitação confrangedora.

Os seus gritos alucinantes repercutem agora por toda a cerca. A febre faz-lhe tumultuar as fontes, esgazeia-lhe o olhar, faz-lhe agitar os braços em convulsões de raiva e de dôr.

Afasto-me com a alma horrorisada; mas a enfermeira, que guia a minha visita, encaminha-me para dentro do pavilhão circular, onde se alinham as celas das doentes que estão tomadas de ataque de furia. Atravez o buraco de uma cela, espreita um rosto de uma fealdade horrivel, verdadeiramente animalisado, onde Max Nordau teria estudado, decerto, os estigmas das degenerescencias mais estranhas. Os olhos esbugalhados são duas bolas, quasi por completo brancas, sem mobilidade nem expressão.

O nariz enorme, desmedidamente dilatado, fareja pelo buraco da cela, e da boca, com os labios grossos, bestialisados, contrahidos num rictus espumante de raiva, saem sons inarticulados, uivos que atordoam os ares. Apresso-me a voltar á cerca, procuro fugir, distanciar-me d'aquele recinto, verdadeira morada da dôr e do desespero e onde os sacrificados da vida expiam as mais implacaveis crueldades do destino...

Doidas... com juizo?

Dirijo-me ás enfermarias de primeira classe. Percorro o longo corredor onde enfileiram as salas destinadas ás loucas furiosas. Uma d'estas salas encontra-se entreaberta e, ao meio, n'uma cadeira, senta-se uma senhora elegantemente vestida, com a cabeça reclinada sobre a mão direita, profundamente triste. Procuro falar-lhe, como tenho feito a todos os hospitalisados, mas a enfermeira opõe-se terminantemente.

— Não é possivel—diz-me.—As ordens sobre o isolamento em que deve estar esta senhora são rigorosas. Não posso permitir que lhe fale.

— Mas porque? Sofre de furias? Profere palavras obscenas?

— Não. Ela conversa até muito bem e nunca sofreu de furias. Está n'uma cela de furiosas por castigo.

— E que delicto cometeu?

— Procurou passar uma carta para fóra do hospital, por intermedio do dentista que a tratava.

— Mas que importancia póde ter a carta de uma louca? — retorqui vivamente.—Não será castigo demasiado cruel mandar uma pessôa inconsciente, irresponsavel, para um logar horrivel como este, só porque procurou fazer sahir do manicomio uma carta? Depois da visita que fiz a alguns hospitais de doidos no estrangeiro, recebi frequentes vezes cartas e versos dos doentes com quem mais conversei e estou absolutamente convencido que nenhum d'esses desgraçados sofreu nem sequer uma reprehensão por este motivo.

A enfermeira encolhe misteriosamente os hombros e volta a insistir, com delicadeza, nas ordens que recebeu da direcção do hospital.

Fico a pensar n'este caso estranho, mas obedeço, proseguindo na minha visita. Subo ao primeiro andar, onde estão os quartos de primeira classe. No corredor passeiam duas senhoras, tambem vestidas com certa elegancia e com ar de distincção. Uma d'elas deve ter cerca de trinta anos. Tem cabelos de um loiro ruivo e olhos castanhos onde se reflecte uma profunda tristeza, mas ao mesmo tempo um espirito inteligente e ponderado. Interessa-me inquirir sobre a sua doença e pregunto á enfermeira:

— E estas senhoras do que sofrem? Que manias teem?

— Não teem manias nenhumas — responde-me prontamente.—Não recebem mesmo a visita dos medicos. Os pais mandam-nas para aqui de castigo.

—E' verdade,—acóde a outra enfermeira que está encarregada d'aquela secção—veem para aqui de castigo, geralmente por os paes se desgostarem de elas namorarem ou darem mesmo qualquer passo errado.

E logo, com profunda convicção, acrescenta:

—Não devia ser permitido que isto se fizesse. Acharia muito mais proprio que as mandassem para uma casa de correcção.

Concordo, embora sem grande entusiasmo, para não ferir a atenção da empregada, e aproveito o momento para a interrogar despreocupadamente:

—E' verdade: não esteve aqui uma senhora de nome Maria Adelaide, que pertence a uma familia de Lisbôa?

—Esposa de um senhor que tem um jornal?

— Exactamente. E essa senhora de que sofria?

— Nunca ninguem lhe notou sofrimento algum. Nós só podemos dizer d'essa senhora que tinha uma grande inteligencia. Diz-se até que escreveu agora um livro.

— Efectivamente ouvi falar n'isso —digo no mesmo ar de despreocupação.

Procuro ainda entabolar conversa com estas doidas... que as enfermeiras confessam ter juizo. Mas, ás primeiras palavras que trocamos, as enfermeiras mostram-se inquietas. Não ha duvida que é sobre estas extranhas doentes, que não precisam de medicamentos nem de medicos, que o rigor da disciplina do manicomio Conde Ferreira se faz sentir. Afasto-me para não atormentar as pobres mulheres que precisam defender o pão que comem, se bem que ele não consiga sofrear-lhes gritos de revolta, como os que lhes ouvi. E' que são mulheres, a sua sensibilidade, naturalmente delicada, sobreleva se a todos os espinhos e baldões da sorte de que tenham sido victimas no seu aspero caminho de pobreza e de necessidades. Afligem-as, portanto, a desgraça de outras mulheres, como elas, e que, comquanto por uma irrisão da vida fossem ricas, sofrem muito mais, teem uma cruz mil vezes mais pesada... Pergunte-se a qualquer d'essas mulheres que ali estão a ganhar o pão de todos os dias, se qualquer d'elas desejaria possuir, n'aquela triste situação, a riqueza das desventuradas senhoras cujo encarceramento elas são as primeiras a reprovar e a condemnar. Posso jurar que todas diriam, sem uma sombra de hesitação, que para nada lhes serviria essa riqueza e que a sua liberdade é bem mais preciosa do que todos os tesouros do mundo.

Espreito em seguida para uma sala onde a luz entra veladamente, como que a medo de surpreender os quadros de angustia que representa cada doente ali sentada. A' minha frente, uma senhora ainda nova, com uma longa e forte trança de cabelos negros caída sobre o peito, arfando de febre. Veste o colete de forças. O seu olhar formoso, mas marcado pela loucura, fixa-se constantemente num ponto do vacuo que é a sua maior, a sua morbida obsessão. Mais acolá senta-se uma senhora que está impressionantemente palida, com o rosto apoiado ás mãos esguias, muito brancas, nervosas... Quer folhas, muitas folhas, para evitar que ao corpo cheguem serpentes imaginarias. Perto desta infeliz vê-se outra que constantemente tece um fio que só a sua imaginação apreende. E por aqui e por ali mais espectaculos em que a tristeza e a desolação teem sempre as mesmas côres negras e aterradoras.

Indicam-me onde ficava o quarto da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho. Quasi contiguo, ficam os aposentos da louca talvez com mais terriveis furias a que o manicomio dá hospitalisação. Ha nove anos que está hospitalisada e deve ter agora uns trinta e cinco anos de edade. E' filha dum dos homens mais ricos e poderosos do paiz e muitas vezes anda esfarrapada, em desalinho... Tem, durante a noite, ataques tão violentos que, batendo com toda a força na porta do quarto, as camas das enfermeiras, encarregadas de a vigiar, vão, com o choque, de extremidade a extremidade do quarto contiguo onde dormem. Era no meio d'este ambiente de horrores que se procurava o *repouso* exigido pelos cuidados que a saude da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho merecia aos que tanto lhe queriam e querem ainda...

Descemos. Voltamos a encontrarnos na cerca. Pelo menos aqui ha luz, ar, a esperança da resurreição da vida e da liberdade. Mas tudo isto não passa do sonho belo de uns instantes.

Além, levanta-se o pavilhão destinado ás loucas criminosas. Pequenas celas, com uma fenda, apenas, junto ao tecto, por onde a luz entra fracamente... Uma daquelas celas foi o primeiro quarto — o nome de quarto é irrisorio — onde passou horriveis insonias a filha de Eduardo Coelho.

Foi a sua primeira prisão, o seu primeiro carcere privado!...

A SEGUIR:

NO MANICOMIO CONDE FERREIRA

Como sou levado á presença da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho — O que observei e o que lhe ouvi

: : Doida, não! : : :

MERCEDES BLASCO

A sua entrada para o Nacional representa um acto de justiça

O nosso presado camarada de redacção Oliveira Guimarães, noticiando ha dias o aparecimento do novo livro de Mercedes Blasco escreveu, na sua prosa onde se espelha a mocidade ardente, generosa e boa dos vinte anos, estas palavras que eu preciso transcrever aqui já que da Mercedes, daquela endiabrada Mercedes das *Memorias duma atriz*, vou escrever tambem.

Dizia com justiça Oliveira Guimarães:

«Não ha ninguem que não conheça a interprete deliciosa da *Belle au bois durmant* ainda do tempo doirado em que havia ilusões e assucar e a graça de Deus, quantos dos meus leitores não foram apresentados, ao menos uma vez, aos seus admiraveis olhos de portuguesa, á sua pele rosada e fresca como certos retratos da pintura inglesa, ás suas atitudes nervosas, vibrateis, inverosimeis, onde vive simultaneamente o segredo dos movimentos rapidos e das imobilidades inconstantes e que nunca deixam de nos fazer pensar ao mesmo tempo num demonio vestido de saias e num garoto de jornais? Quantos? Nenhum afinal. Essa boneca que Silva Pinto definiu com tres linhas e Valença pintou com dois traços, essa boneca de... (mas nunca se devem dizer os anos duma mulher!) a que a expressão tonta do perfume e do misterio, tão peculiar ás raparigas que ainda não fizeram vinte anos empresta muito, mocidade e de alegria—vive ainda do prestigio glorioso do passado. Todas as memorias se avivam. Sente em tudo, no ceu, nas coisas, na luz doirada da manhã, no ar morno da tarde, na tranquilidade nevoente da noite-saudade. Não ha um recanto, um aspecto, um pormenor, uma flor ou um sorriso, uma lagrima ou um bilhete postal, a paixão dum instante ou a loucura dum momento que a não envolva como nevoa perfumada de rosas velhas, que a não perturbe sempre com a mão invisivel dum amor que envelhece, que morre e que passe... Eu não sei, apesar de tudo, se Mercedes escreveu o seu livro com lagrimas nos olhos—mas tenho mil e uma razões para acreditar que sim».

Ora este livro, a que Oliveira Guimarães se refere, chama-se *Vagabunda*. E tudo o que se podia dizer do livro resume-se nas palavras que transcrevemos. De mais, falar a portuguezes e sobretudo aos portuguezes do meu tempo, do nosso tempo, na Mercêdes, afigura-se-me uma heresia tão grande como se quizesse, por exemplo, afirmar aos mafrenses que não ha conventos em Portugal.

A Mercêdes é... a Mercêdes, sangue estoira-verga da raça, onde se acumulou toda a heroica pimponice d'um povo de brigões que tem a guitarra por simbolo e o fado por oração.

E' vel-a na Belgica durante as horas rubras do fogo. E' sentil-a, alma de portugueza nas contorsões tragicas da agonia junto do filho morto em Holocausto ao Amor da Patria distante!

Pois bem. Hontem no Senado da Republica, um collega nosso, o jornalista Julio Ribeiro, propoz que á artista que tão bem sabe amar e glorificar a sua Patria, e que lá fora no extrangeiro jamais deixou de a honrar, como portugueza e como Artista, lhe sejam franqueadas as portas do Nacional.

E' justo. Mais: é humanamente justo, sem que esse gesto represente sequer a sombra d'uma esmola.

Mercedes Blasco saberá honrar o seu logar no Nacional, como soube tornar conhecido e aplaudido o seu nome e a sua arte nos maiores palcos do mundo!

O Parlamento distinguindo-a com esse gesto de justiça honra-se, honrando uma artista genuinamente portugueza.

E é tão dificil premearem-se artistas em Portugal que é como para darmos a Mercedes os nossos mais entusiasticos parabens.

P. F.

Narcoticos...

Obrigação masculina

Mandou-me você dizer num bilhete perfumado que o meu primeiro Narcotico era uma simples demonstração da vaidade masculina. Nada mais injusto. Você confundia dois sentimentos opostos—o orgulho e a vaidade, e supôs que esta existia onde apenas aquele se manifestava.

As mulheres são, por via de regra, péssimas psicólogas, e você não foge, pelo visto, á regra geral.

Pois olhe que me enganou! Eu julgava-a uma creatura fora, pela inteligencia e pelos nervos, da infinita banalidade feminina. E supunha-a assim fiado na expressão garota dos seus olhos que deixavam antever um mundo novo de inéditas sensibilidades. Pura fantasia!

Afinal você é—quem o havia de pensar!—um simples producto do meio citadino, febricitado pelo coquetismo francês doentiamente mestiçado pelo londrino flirt *das miss de exportação.*

Falhou. Enganei-me. Onde eu supunha vibração, ha apenas póse. Onde eu buscava ineditismo, encontrei simplesmente estudo.

D'ahi a minha singela nota onde você quiz tam somente descobrir vaidade e que eu formulara exclusivamente dentro do meu orgulho.

Eu sei que você, lida em poetas franceses, me vae responder com o romantico Lamartine: Les orgueilleux sont des sots. *Mas deixe-me você ser tolo á vontade contanto que eu lhe demonstre que o meu orgulho está um pouco acima da sua vaidadesinha incomensuravel de mulher...*

Todo o homem tem obrigação de ter em si, pelo menos, o orgulho de se não deixar vencer.

P. F.

POLITICA

Uma tabela interessante — Um dialogo que marca uma epoca e duas politicas — A questão das finanças — Propostas aceitaveis — Propostas inaceitaveis — O que anda no ar... — Camaroeiro içado! — A convocação do Congresso do P. R. P.

Quando hoje nos dispunhamos a começar a nossa cronica politica assaltou-nos uma sêde de quem tasquinára um naco de bacalhau salgado a dois escudos e pico cada kilo. E porque a sêde é para nós um flagelo insuportavel puzemos a pena em descanso e fomos ao «bufete» de S. Bento a refrescar um pouco as guelas resequidas. Eis senão quando lobrigamos numa larga travessa uns pêcegos que fariam pela segunda vez a tentação da mãe Eva, se ainda houvesse neste mundo de Cristo Evas em perfeito estado de Graça Celestial. Em resumo, atirámo-nos aos pêcegos como Sant'Iago aos Mouros só nos lembrando os precalços da refrega ao ajustar das contas. Bagatela... Dois pêcegos apenas. Um pouco o custo d'um jantar d'outros tempos nas mesas lautas do Tavares.

E foi então que um deputado amigo nos deu para as mãos esta tabela de preços hoje ainda vigorando em dinheiro portuguez, tal qual a vamos dar para raiva de nós todos e fundo pesar de meio mundo.

Note-se que tudo isso que ahi fica não é uma *blague*, é coisa existente em territorio da Republica e os preços que figuram adeante de cada genero são em escudos e centavos. Ora tenham e bondade de lêr:

Arroz (picolo), 62 kilos, 2$70; Milho, (picolo), 62 kilos, $90; Batata (picolo) 62 kilos, $90; Assucar, kilo, $22,5; Azeite, 1$12,5; Bacalhau, $69; Café, $22; Carne de vaca de 1.ª, $23; Carne de bufalo, $20; Carne de carneiro, $20; Carne de porco, $30; Carne de galinha, $30; Peixe, $40; Chá preto, 1$35; Chá verde, 1$80; Farinha de trigo, $20; Hortaliça, $04,5; Manteiga de vaca, $90; Massa de 1.ª, $45.

Não quero avolumar mais a justa anciedade do leitor. Descancem. Teem tudo isso... a 45 dias de viagem... na ilha de Timor.

Olha se nós tivessemos em acção a lei do João Franco!

*

Fala-se junto de mim nas eleições suplementares d'Alcobaça e Santarem em que ficaram eleitos respectivamente os srs. José Barbosa (reconstituinte) e Fernandes Costa (liberal).

O sr. Sá Pereira diz:

—Aquilo houve por lá pouca vergonha grossa. Sobretudo em Alcobaça. O Maldonado mandou colocar os caceteiros á boca da urna para não deixar votar os eleitores. Segundo me consta, vão ser ambas contestadas...

O sr. Maldonado de Freitas responde:

— Engana-se, amigo. O que eu não fiz foi mandar para lá dinheiro dos cofres do Estado para a compra de votos, como fez um ministro para proteger o candidato do seu partido!

O sr. Sá Pereira:

— Não diga isso! Não confunda esses processos antigos com melhoramentos locaes indispensaveis...

—A' custa de duodecimos exgotados, riposta o sr. Maldonado de Freitas. E acrescenta:

— Quanto a caceteiros deixei-os todos no partido de onde me raspei ha tempo.

—Engana-se! Esses foram consigo e não fizeram cá falta nenhuma. Foram eles até os vencedores de Alcobaça.

Voi là tout!

*

A proposito de finanças vae-se levantar em ambas as Camaras aquela excitação a que já nos referimos. E podemos desde já afirmar que se a questão do emprestimo passará, o mesmo não acontece ás propostas que dizem respeito ás contribuições rusticas e urbanas.

Um alto espirito parlamentar que exerce em S. Bento um logar de destaque e que tem marcado sempre pela sua correcção dizia-nos a proposito:

—A formula da contribuição predial aplicada á região do Douro levar-nos-hia a multiplicar o rendimento colectavel por 16, pelo menos, o que com aplicação da taxa progressiva seria esmagador.

«Assim um rendimento colectavel de 500$00 em 1914 passará a 8:000$00.

«Correspondendo-lhe a taxa de T = 1 ou sejam 8 %, pagava 40$00, sem contar os adicionais em 1914 e agora correspondendo-lhe a taxa T = 5, ou sejam 12 % pagará nada menos de 960$00. Vinte e quatro vezes mais, despresando ainda os adicionais.

«E' edificante!

«E pelo que respeita a arrendamentos ha isto.

«Quando o senhorio não receba do arrendatario o rendimento colectavel calculado establece se que o primeiro possa rehaver do segundo a importancia da diferença; mas... pelo recurso dos tribunais. E se o arrendatario não tiver por onde pagar?

— E o que ha sobre o emprestimo? —arriscamos.

— Eu lhe digo. *Consta* que o governo prescinde da caução para colocação do emprestimo, se encontrar grande resistencia da parte da Camara.

«Antecipadamente já o ministro das finanças devia ter dados seguros que o habilitassem a saber que a caução era desnecessaria.

«Mas quiz-se dar a impressão de... ceder.

E estamos nisto! E atraz disto ha a lei dos funcionarios publicos que cahiu pessimamente na opinião publica, ha o projecto hontem aprovado no Senado e que terá nos Deputados enterro de primeira classe, o que ha-de colocar o sr. Lopes Cardoso no *statu quo ante* do amuo, e ha uma atmosfera que começa a adensar-se, a adensar-se... Enfim, não sei se vêem bem?!

Camaroeiro ao alto!...

* *

E já agora para fechar vá lá uma noticia em primeira mão e que apesar do seu laconismo é duma alta importancia na politica portugueza. O Directorio do P. R. P. resolveu, ao que nos informam, convocar o Congresso partidario para o fim da primeira quinzena de setembro.

Trata-se é claro da reunião normal do partido e realisar-se-ha portanto na cidade do Porto, como fora antecipadamente marcado.

O Directorio do P. R. P. acaba de sancionar a candidatura do sr. dr. Julio Gomes dos Santos Junior na vaga aberta pelo Porto.

O Directorio e Juntas do P. R. P. reunem ámanhã para tratarem conjuntamente de assunto de alta importancia para o partido, esperando-se a esta reunião uma desusada concorrencia.

A questão dos electricos

Como se pretende desvirtuar o caso, acusando de vendida a imprensa

Num manifesto, ou coisa parecida, que hontem se publicou para ahi anonimamente, porque quem o subscreve se assina «A comissão de municipes», que ninguem sabe quem sejam, nem ninguem conhece, porque todos nós, os que vivemos em Lisboa, somos municipes da cidade, vem a insinuação, clara e terminante, de que a imprensa está vendida á Companhia Carris de Ferro. Não merecia resposta tal calunia e naturalmente deve ser prosa dos mesmos portadores de «passes» que numa reunião preconisaram que se obrigasse a imprensa a defendel-os. Mas sempre lhes queremos dizer que quem os informou os enganou.

Temo-nos ocupado do assunto porque ele é de interesse publico e tanto temos falado contra a Camara na questão dos electricos, como quando reclamamos, por exemplo, providencias para a falta de iluminação que se nota na cidade, como temos falado quando se trata de tudo quanto ao publico interessa.

Da agencia de publicidade a que o manifesto se refere não sabemos, nem queremos saber. Não é comnosco. O certo é que se fosse essa agencia que tratasse do caso, estava no seu papel: é uma agencia de publicidade, portanto para ganhar dinheiro. A tal comissão de municipes é que não quer ganhar nada e a prova é que vende— e não dá—o manifesto a 5 centavos!

Isenção até ali!

Muitas vezes, quando se quer provar demais, sucede exactamente o contrario. Basta o que no tal manifesto se faz quando se transcreve um relatorio antiquissimo, para demonstrar que as receitas da Companhia são fabulosas. Ora comissões nomeadas pela Camara examinaram toda a escrita da Campanhia e foram concordes em dizer que o aumento de tarifas era absolutamente necessario. Em que situação coloca o manifesto essas comissões? Que responda quem quizer. Por este exemplo se vê a má fé que presidiu á confecção da «Carta aberta».

Muito mais teriamos a dizer, mas não vale a pena. Sentiram-se tão pouco á vontade os que assignaram essa carta que, contra as disposições da lei de imprensa, nem traz o nome da tipografia onde foi composta e impressa, nem o nome do editor.

Portanto é licito supôr que foi a propria Camara que assim veiu a publico acusar nos de vendidos.

A palavra é de prata, mas o silencio é de ouro, diz o velho adagio. Ha defezas contraproducentes.

Advertencia importante

Respondendo a reclamações recebidas

Todos os jornaes da tarde e da noite retomaram já o seu antigo pessoal tipografico, podendo, por esse motivo, sair ás suas horas habituaes. «A Capital», em virtude dos seus operarios se acharem trabalhando no jornal «A Patria» desde 1 de maio, está sendo feita por tipografos na maioria estranhos á classe. Esta explicação convem que os nossos leitores a tenham presente, afim de reclamarem dos vendedores o nosso jornal, por isso que muitos deles, com o fundamento de que «A Capital» sae mais tarde, se recusam a fazer a sua venda. Serve tambem esta explicação de resposta ás reclamações que temos recebido de muitos desses leitores.

A proposito desta advertencia, publicou o jornal *A Batalha* a seguinte nota:

A comissão pró aumento de salarios dos quadros dos jornais de Lisboa pede-nos a publicação do seguinte:

«Tendo saido no jornal *A Capital*, de 28 do corrente, uma nota na qual a empreza do jornal *A Capital* diz que já todos os jornais retomaram o seu antigo pessoal grafico, podendo, por esse motivo, publicar-se ás horas habituais, esta comissão vem declarar que se a empreza de *A Capital* ainda não resolveu o conflito como as restantes empresas, é unica e exclusivamente devido a não ter querido solucionar o conflito grafico.

O pessoal do *A Capital* continua em greve e aguarda, na sua Associação de Classe, a adesão da empresa de *A Capital* á organização de trabalho e salarios minimos, já em vigor em todos os restantes jornais de Lisboa.

Esta comissão julga conveniente esclarecer o publico e a classe grafica do motivo porque a empresa de «A Capital» ainda não tem a laborar o seu antigo quadro. Este não se demitiu, como parece depreender-se da nota publicada na «Capital». Encontra se, como acima dizemos, na sua Associação de Classe aguardando a solução do conflito».

Ora no dia 21 de maio, publicou «A Capital» o seguinte:

Tendo constado á direcção da «A Capital» que o seu antigo quadro tipografico constituido pelos srs. Miguel Martins, chefe, Manuel e Guilherme do Espirito Santo, linotipistas, Gabriel Duarte, Libanio de Brito, Antonio Pinheiro e Ribeiro Pisco, compositores, estava empregado no jornal «A Patria», que ha-de em breve iniciar a sua publicação, solicitou da direcção desse jornal lhe dissesse se eram ou não verdadeiras as informações que recebera.

A esse pedido respondeu, por parte da direcção da *Patria*, o deputado sr. Antonio Mantas com a seguinte carta:

*Sr. Manuel Guimarães dig.mo director d'«A Capital».—Lisboa.—*Satisfazendo os desejos de v. manifestados na sua carta de 20 do corrente, cumpre-me declarar-lhe que efectivamente estão em serviço, no jornal *A Patria* os tipografos referidos na carta de v., exceptuando Antonio Pinheiro, mas é meu dever dizer a v. que ainda não está constituido o quadro tipografico e todo o pessoal que trabalha na montagem da tipografia de *A Patria* é a jornal.

Devo tambem dizer a v. que o pessoal que fôr admitido neste jornal não acumulará, com o nosso consentimento, serviços com quaisquer de outros jornais.

De v., etc. —*Antonio Mantas.*

Como esclarecimento, diremos que esta carta foi recebida antes do aparecimento de *A Patria*, a 27 de maio, e que do pessoal que estava trabalhando na montagem desse jornal faziam parte todos os antigos tipografos d'«A Capital», com excepção de um, o sr. Antonio Pinheiro, que está empregado no escritorio da casa Batista & Barbosa, da rua do Poço dos Negros. Esses tipografos ficaram fazendo parte do quadro efectivo da *Patria*.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Comemorando o 4.º aniversario da abertura deste interessante *templo d'arte* onde se guarda carinhosamente a obra do genial e imortal caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro, o grupo Amigos-Defensores do Museu, no intuito de tornar conhecida essa obra de critica alegre aos nossos mais costumes, convidou as direcções de alguns asilos e escolas a levarem ante-hontem ali as suas educandas.

Perto das onze horas chegou o asilo D. Pedro V, quarenta e duas alunas acompanhadas pela regente sr.ª D. Gertrudes da Conceição Duarte e professoras D. Joana Amelia Pinheiro, D. Joaquina da Assunção Pureza, D. Ana de Jesus Azinheiro, sendo recebidas pelos secretarios do grupo sr.ª D. Julieta Ferrão e sr. Alvaro Neves. Era interessante vêr como as creanças riam ante aquelas centenas de caricaturas, explicadas de maneira a compreenderem o objectivo do artista.

E nota curiosa: as creanças procuravam em todos os quadros esse tipo creado por Bordalo, o Zé Povinho, que mais especialmente lhes despertara a atenção. Esta visita terminou ás 13 horas.

Depois estiveram no Museu quinze alunas do asilo de S. João acompanhadas pela sua regente, sr.ª D. Mariana Nunes, e professora D. Celeste d'Oliveira Rocha.

Devido á gréve dos electricos os alunos de desenho da Escola Industrial Marquez de Pombal não puderam comparecer.

Hontem começou o periodo, em que anualmente o Museu se conserva fechado. Este ano, isto é, de 4 de janeiro a 8 de agosto, a estatistica acusa 689 visitantes, que generosamente contribuiram com 119$81 centavos para o asilo de S. João.

Ultimamente o Museu foi enriquecido com muitas fotografias de Rafael e uma preciosa colecção de jornais portuguezes, brazileiros e estrangeiros com criticas á obra do glorioso artista, gentil oferta de sua filha, a sr.ª D. Helena Bordalo Pinheiro; um bilhete autografo de Rafael e uma pagina da *Berlinda*, oferta do Amigo-Defensor dr. Xavier da Costa; um numero raro do *Seculo* natal de 1895 e colecção dos jornaes *O Moscardo, O Chinelo* e *Salão Comico*, oferta do Amigo Francisco Valença; a colecção da *Ilustração Trasmontana* com ilustrações de Rafael e o livro de J. Dantas *Ao ouvido de m.me X* oferta do Amigo Licinio Perdigão e ainda outros livros oferecidos por D. Julieta Ferrão e Alvaro Neves.

PELO TELEGRAFO

Os festejos pela chegada do «Lima»

BELEM (PARA), 9.—Continuam as manifestações de regosijo pela chegada a este porto do vapor portuguez *Lima* que vem iniciar as carreiras diretas entre Portugal e Brazil. A colonia portugueza residente no Pará, ofereceu um banquete á oficialidade no qual se fez representar o Governo do Estado. Foram levantados entusiasticos brindes aos dois paizes irmãos. —(*Americana*).

Os pescadores portuguezes resolvem naturalisar-se

RIO DE JANEIRO, 9.— Está resolvida a questão dos pescadores portuguezes que se encontravam no Brazil a braços com dificuldades, em virtude da lei não permitir a estrangeiros o exercicio da pesca. Sendo-lhes apresentado o dilema ou o regresso a Portugal ou a naturalisação da sua segunda patria, resolveram todos naturalisarem-se brazileiros devendo principiar já a trabalhar.—(*Americana*).

Comerciante portuguez que se suicida

RIO DE JANEIRO 9.—Suicidou-se por meio de enforcamento o comerciante portuguez Manuel Teixeira Carrapatoso, chefe da firma comercial desta praça Carrapatoso & C.ª. O extinto sofria desde ha muito de uma horrivel neurastenia.—(*Americana*).

VIDA SPORTIVA

Nota do dia

«Os Sports» publicam no seu proximo numero todos os resultados das provas de tiro dos Jogos Olimpicos que se estão disputando em Anvers, pelos quaes se verão o que conseguiram os atiradores portuguezes.

Não foram muito boas as suas classificações, é facto, mas isso não se pode atribuir á falta de faculdades dos nossos atiradores.

O exercicio do tiro está atrazadissimo no nosso paiz. Em todas as nações os homens que sabem servir-se duma arma no tiro ao alvo contam-se aos milhares, ao passo que entre nós podem contar-se apenas em algumas centenas.

Resulta d'ahi que a escolha duma «equipe» em Portugal faz-se entre um numero de atiradores dez ou cem vezes menor do que em qualquer outra nação; ora, quanto maior fôr o numero de amadores de tiro, maior será a percentagem dos bons atiradores.

Alem disso, as armas empregadas pelas diversas «equipes» eram muito mais modernas do que as nossas Mauser, com aperfeiçoamentos que ainda não empregamos. E tambem as munições são todas escolhidas, o que entre nós se não faz.

Para os concursos, os americanos e os suecos chegam mesmo a especialisar-se numa unica posição de atirar.

Tudo isto são vantagens.

O nosso defeito, muito nacional, é de guardar sempre tudo para a ultima hora, dá em resultado não se poder avaliar bem das nossas qualidades em confronto com os estrangeiros, que de tudo tratam com tempo e com meticuloso cuidado.

O que se tem provado, tanto agora em Beverloo como em Le Mans o ano passado, é que os nossos atiradores não são inferiores aos melhores estrangeiros; deem-lhes armas e munições modernas e boas, facultem-lhes bons treinos e as comodidades necessarias, e vel-os-ão triunfar ao lado dos grandes campeões.

Das lições que temos recebido devemos tirar proveito, trabalhando incessantemente para que nos futuros concursos internacionaes possamos concorrer com vantagens.

Pinto d'Almeida

VII Olimpiada
Resultados do tiro

Já são conhecidas as classificações das provas de tiro á pistola e revolver dos jogos olimpicos em Anvers. A classificação foi a seguinte: revolver por «équipes». 1.º, America, 1:309 pontos, 2.º, Grecia, 1:285; 3.º, Suiça, 1:270; 300 metros das 3 posições, classificação por «équipes»: 1.º America, 4:879 pontos; 2.º, Noruega, 4:784; 3.º, Suiça, 4:689. Pistola, 50 metros, por «équipes», 1.º, America, 2.º, Suecia; 3.º, Brazil. Pequena carabina, 50 metros, por «équipes»: 1.º, America; 2.º; Suecia; 3.º, Suiça. Revolver individual, a 36 metros, 1.º, Paraense (brazileiro); 2.º, Brackan (americano); 3.º, Zulauf (suiço). Concurso individual, 1.º, nas 3 posições: 1.º, Fischer (americano); 2.º, Larssen (dinamarquez); 3.º, Déstenssen (norueguez). Pistola individual, 1.º, Frederick (americano); 2.º, Dacosta (brazileiro); 3.º, Lane (americano). Pequena carabina, individual: 1.º, Messlein (americano); 2.º, Rothlac (americano); 3.º, Feuton (americano).

Os «Sport» no Porto

No proximo domingo, como já noticiamos, realisa-se no Porto a disputa da Taça Leixões numa prova de natação de 500 metros. Alem d'esta prova, outras se realisarão, concorrendo nadadores de Lisboa.

«Os Sports» aproveitando a ocasião de ser a primeira vez esta epoca que os nadadores de Lisboa e Porto se vão encontrar e numa prova que ha dez anos não se disputa, dedica uma pagina aos sportsmens portuenses com o seguinte sumario:

O Velo Club renasce—entrevista.

—Artigo do sr. Lobão de Carvalho (antigo concorrente da Taça Leixões).

—A taça Leixões—a sua creação e os seus vencedores.

—Programa completo da festa que consta de seis provas com os nomes dos concorrentes e todos os detalhes.

—Notas diversas, além de varias fotografias de amadores etc.

LAW-TENNIS
Uma victoria do Internacional sobre o Carcavelos

Realisou-se no domingo passado nos «courts» o Carcavelos Club, na quinta Nova, um «match» de tennis, desforra entre o Lawn-Tennis Internacional (portuguez) e o Carcavelos Club (inglezes). Depois de fases interessantissimas de parte a parte, coube a vitoria ao Internacional, por 6 contra 3.

Os resultados tecnicos foram os seguintes: Ryder e Casanovas vencem Swoet e Gibbon por 6/3, 6/0. Burnes e Bryan vencem Fernando B. da Silva e Frederico d'Orey por 6/3, 6/4. Montgomory e Ryan vencem A. Pinto Coelho e L. Diogo da Silva por 2/6, 7/5, 8/6. Montgomery e Ryan vencem Fernando B. da Silva e Frederico d'Orey por 6/2, 6/1. Ryder e Casanovas vencem Barros e Bryant por 7/5, 6/0. A. Pinto Coelho o Diogo da Silva e Gibbon por 6/2, 6/1. A. Pinto Coelho e Diogo da Silva vencem Barnes e Bryant por 6/2, 6/2. Ernesto Ryder e Casanovas vencem Montgomery e Ryan por 2/6, 7/5, 6/4. Fernando B. da Silva e Frederico d'Orey vencem Sweet e Gibbon por 6/2, 6/4. Os jogadores portuguezes eram acompanhados pelos seus «ampires», srs. Hermenegildo Franco e Carlos Marques. Ficou assente novo «match» para desempate no dia 22 do corrente. Aos jogadores de Lisboa foi oferecido um chá pelos jogadores inglezes.

Taça Mutilados da Guerra
Uma reunião

No proximo sabado, pelas 21 horas reunem na redacção de *Os Sports* os delegados do Sporting, Imperio Bemfica e Victoria e da Associação, afim de de assentar na disputa da «Taça Mutilados da Guerra», cuja organisação foi pela *Capital* confiada a *Os Sports*.

Do estrangeiro

E' o seguinte o programa das provas de esgrima que os nossos amadores devem estar disputando em Ostende, antes de partirem para os jogos de Anvers.

Dia 9—Poule internacional de 5 atiradores duma mesma sala para disputa da «Taça Fritz Vanden Abeelen».

«Grande Premio d'Ostende», torneio individual de sabre, a 5 toques.

Dia 10—«Grande Premio dos Aliados», poule individual a 1 toque, séries. «Premio du Kursaal», poule individual para seniors.

Dia 11—Final do «Grande Premio dos Aliados». «Taça Albert Feyerick», por equipes de 5, á espada de combate.

—O recordman do mundo do lançamento do dardo, o filandez Myrrha, numa tentativa especial atingiu a distancia de 69 metros e 93, batendo assim o seu anterior record de 66,28. Não se sabe porém se os seus 69,93 serão homologados.

—O nadador francez Maurice Violas estabeleceu ha tempos o record francez na distancia de 300 metros, em 4'27'' 1|5. O seu precedente record era de 4'31'' 1|2.

—Na equipe sul-africana que concorre aos sports atleticos de Anvers ha dois homens que correm os 100 metros em 10'' 4|5.

—O famoso atleta francez, que foi mutilado na guerra, Paoli elevou o record nacional do lançamento do peso a 14m,16.

—Segundo informações de New-York, a equipe de esgrima americana que se baterá em Anvers é extremamente forte, porque os seus homens teem seguido um treino rigorosissimo. Será talvez a primeira vez que os Estados Unidos brilharão neste sport.

Theatros e Cinemas

Noticias velhas

11 de Agosto de 1812

Nasce em Saint Lô Octave Feuillet, a quem o teatro francez deve bastantes triunfos, como a *Vida dum rapaz pobre, Dalila, Tentação, Redenção, etc.*

Faleceu em Paris a 28 de dezembro de 1891.

11 de Agosto de 1841

Nasce em Lisboa o actor Batista Montedonio que varias vezes se dedicou ao teatro e ao comercio; talvez por isso mesmo, nunca chegou a grande actor; no entanto destacou-se no Ginasio em 1878 nas peças *Amigo dos diabos, Mascara verde, Bailando, etc.* Veiu a morrer no Brazil em 1887.

11 de Agosto de 1870

Estreia-se na *Trindade* o actor José Antonio Godinho, que nunca chegou tambem a celebridade. Estreou-se com a magica *A rosa de sete folhas*.

11 de Agosto de 1898

O Diario do Governo publica o decreto com a *Organisação da Sociedade artistica do Teatro D. Maria II.*

Este trabalho foi feito pelo ilustre escritor Antonio Ennes... Foi o primeiro trabalho... Oh! tempos!... Oh Móres!

Noticias novas

Entre nós

Do empresario sr. Augusto Gomes recebemos a seguinte carta:

Sr. redator.—Para esclarecimento da verdade peço a V. a finesa da publicação da carta que segue, o que muito agradeço. Em tempos foi-me apresentada no teatro Apolo pelos srs. José Fernandes Carreira e Valeriano Machado uma revista que tinha por titulo *Riso Amarelo* e á qual por entendimento com os mesmos senhores se ficou chamando *Risos e flores*. Dando-se porém o falecimento do sr. José Fernandes Carreira um dos autores da referida revista, o outro socio o sr. Valeriano Machado alega a si a paternidade da referida revista não consentido que nos cartazes ou reclames figure outro nome que não seja o seu, visto que em seu nome individual registou a peça. Como em minha consciencia, apesar de morto, o sr. José Fernandes Carreira, não deixa de ser um dos autores da referida revista, rasão esta que me leva a escrever a V. e aos leitores desse conceituado jornal porque não quero arcar com responsabilidades que me não pertencem.—De V., etc.—*Augusto Gomes.*

—Partiu hoje para o Porto, o empresario Luiz Galhardo.

—Hontem no Eden experimentou-se a apoteose de Mergulhão para a revista *Sem camisa*.

Lá por fóra

Inglaterra.—Em novembro virá a Londres dar uma serie de representações a actriz franceza Jane Marnac.

França—As 4 protagonistas da peça *L'E'cole des Cocottes* no *Variétés*, serão: M.me Orinelly, Max Deculy, Raimu e Therese Dorng.

—No Renaissance, voltou á scena *M'Amour* de Paul Billand e Hennequin.

—No Teatro Sarah Bernhardt ensaia-se uma comedia em 3 actos de Fauré *Un Esbrouffeur* tirado da peça americana *Get Quick Rich Walluigford.*

O cartaz de hoje

Nacional, ás 21.30, «A Castro».
Politeama, ás 21,15, «A Labareda».
Trindade, ás 21,15, «Chá e torradas».
Ginasio, ás 21.15, «O A's».
Salão Foz, ás 21 «Variedades».
Olimpia, Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.
Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.
Chantecler, Animatografo e fitas faladas.

ULTIMA HORA

CONGRESSO

Nos Deputados

Fala em primeiro logar o sr. Viriato da Fonseca. Pede providencias contra a peste bubonica que lavra na provincia da Guiné com bastante intensidade. Ha na metropole medicos coloniaes que bom seria fossem enviados para lá.

O sr. ministro das colonias já providenciou, já foram abertos os creditos especiaes para combater o mal e lançará mão de todas as medidas que forem exigidas pelas circunstancias.

O sr. Plinio Silva quer que se discutam os projetos mais importantes e mais urgentes.

N'estes termos pede prioridade para o que respeita á desanexação duma freguesia do concelho de Elvas. Trata da necessidade da construção do caminho de ferro de Vila Viçosa a Elvas, bem como do alargamento desta ultima cidade que está enclausurada e atrofiada dentro das velhas muralhas do castelo.

O sr. ministro do interior promete transmitir aos seus colegas da guerra e do comercio as considerações expendidas.

O sr. Ferreira Diniz envia para a mesa dois projectos de lei, um sujeitando os indigenas á obrigação de, por meio do trabalho, adquirirem os meios de subsistencia afim de melhorarem sucessivamente a sua condição social, outro estabelecendo as bases em que deve assentar esse trabalho.

O sr. João Camoesas trata da questão dos electricos e diz que a Camara está cumprindo o seu dever defendendo os municipes das forças esmagantes dos monopolios. E para defender as regalias populares todas as justas reações são aceitaveis, e ele orador entre uma força organisada para esmagar as regalias populares e acção defensiva destas não hesita e acompanhal-os-ha. Pena é que a imprensa esteja hoje nas mãos de emprezas particulares, defendendo os seus interesses e não os interesses do Estado. Antes de fechar ainda este periodo legislativo ele ha de trazer á Camara um projecto de lei para que se crie um tribunal de fiscalisação de maneira a que sempre que uma campanha surja se averigue os fins geraes e particulares a que visa e os interesses que defende.

(Apoiados).

O sr. Eduardo de Sousa—Não apoiado!

O sr. Sá Pereira—Apoiado! Apoiado! E' mete-los nas cadeias!

O sr. Eduardo de Sousa—Peço desculpa, mas não apoiado!

O sr. Manuel José da Silva (Azemeis)—quero que se discutam os diplomas publicados pelo governo durante o adiamento das Camaras nomeadamente aquele que concedeu certas facilidades á Companhia de Mossamedes. Refere-se depois uma vez mais á situação dos secretarios geraes dos governos civis, oficiaes generaes e sargentos.

O sr. ministro das colonias responde e explica, mas as suas explicações não satisfazem o sr. Manuel José da Silva (Azemeis).

O sr. Alberto Jordão protesta contra a sahida de azeite e trigo do districto de Beja.

O sr. ministro do interior dá explicações e promete interpelar-se do caso junto do sr. ministro do interior.

O sr. Alvaro Guedes diz que em Mafra e na Ericeira não ha nem azeite nem assucar.

Vozes—Só ahi? Mas não ha em parte nenhuma!

O sr. ministro ouviu com toda a atenção e promete transmitir.

O sr. Viriato da Fonseca requer urgencia e dispensa do regimento para um projeto que torna extensivas aos oficiaes reformados e da reserva, do exercito colonial, as regalias que nontem foram atribuidas á oficialidade nessas situações da tropa da metropole.

O sr. Manuel Fragoso quer saber o que ha sobre aumento de preço de tabaco. Se o aumento beneficia apenas os operarios bem está. Se é mais um *bonus* á Companhia protesta.

O sr. ministro das finanças diz que isso é apenas um simples boato, uma afirmação graciosa e gratuita.

O sr. ministro da justiça diz ao sr. dr. Paes Rovisco que já mandou sindicar os atos do juiz de direito da comarca de Elvas.

O sr. Sá Pereira pergunta:

—O que ha sobre a *leva da morte?*

—O que ha a respeito das 33.500 ações?

—E o que se passa quanto ao internamento de pessôas dadas como loucas e internados no Conde Ferreira simplesmente porque teem dinheiro?

O sr. ministro da justiça responde:

—Todas as pessôas incriminadas na *leva da morte* estão pronunciadas e os processos seguem os seus tramites.

—O processo das 33.500 ações está parado porque houve acusações mas faltaram as provas.

—Quanto ao internamento dos *loucos* com juizo, tudo isso se faz ao abrigo das leis e ele não tem pela sua pasta maneira de intervir.

O sr. Sá Pereira insiste n'este ponto:

—Seria de bom conselho ao menos mandar proceder a um inquerito...

O sr. ministro da justiça:

—Não é da minha jurisdição. Não o posso fazer.

O sr. ministro do interior deseja que lhe votem dois projetos de lei, um deles que trata dos vencimentos da policia. Pede para eles urgencia e dispensa de regimento. A outra proposta é relativa á melhoria de vencimentos dos funcionarios da Imprensa Nacional.

Aprovada agora a ata, resolve-se que amanhã se discuta o projeto de lei que se refere á situação dos oficiaes milicianos.

O sr. Eduardo de Souza protesta mais uma vez contra a falta de fosforos e quere que se aprove o seu projeto das acendalhas.

Depois disto entra-se na ordem do dia com a continuação dos Altos Comissarios.

O sr. Orlando Marçal apresentou um projeto de lei elevando a $20 a percentagem de $12 pagas pelo cofre geral de emolumentos aos funcionarios de finanças, nos termos do art. 24 do D. n.º 5859, de 6 de junho de 1919.

No Senado

O sr. Ramos Preto aberta a sessão diz que ainda afinal se não provou aquela incompetencia de que acusaram o seu governo. Afinal a situação não melhorou, antes está cada vez peior.

O sr. dr. Bernardino Machado trata largamente do caso dos 2.500 portuguezes que se encontram na miseria nas margens do Amazonas.

Pede esclarecimentos.

O sr. Melo Barreto dá-lh'os confirmando a veracidade do informe.

Trata-se duma medida de administração interna do Brazil que o governo portuguez procura resolver com os naturaes melindres que o caso requer.

O sr. Bernardino Machado volta ainda a falar, entrando-se depois na interpelação do sr. Travassos Valdez ao sr. ministro da marinha.

Uma atoarda
Não houve assaltos, nem tentativas de tal ás estações de Braço de Prata e Poço do Bispo

Um jornal da manhã de hoje dá a alarmante noticia de que um grupo numeroso de homens e mulheres tentou assaltar as estações de Braço de Prata e Poço do Bispo, o que foi impedido pela Guarda Republicana, que anda vigilante na linha. Esse bando porém assaltou depois—conforme afirma o mesmo jornal—a barraca do guarda João Antunes, agredindo-o e roubando-lhe alguns parcos haveres.

Ora tal noticia não passa de uma atoarda, pois não houve a menor tentativa de assalto nem o caso teve a importancia que lhe quizeram atribuir.

Segundo as informações que nos foram prestadas nos Caminhos de Ferro e no Comissariado Geral da Policia, o caso resume-se no seguinte:

No domingo ultimo pelas 22 horas um grupo de 8 individuos acompanhado de duas mulheres seguia pela linha ferrea, o que é contrario ao regulamento, razão porque o guarda da passagem do nivel proximo á estação do Poço do Bispo lhe tolheu os passos. Um dos do grupo, que ia um tanto ebrio agrediu o guarda, fugindo todos após a mulher do mesmo ter gritado por socorro.

Esse guarda viu-se depois sem a carteira que continha algum dinheiro.

N'isto se resumem os taes assaltos ás estações de Braço de Prata e Poço do Bispo.

A questão dos electricos
A Associação Industrial oferece-se para intermediaria, sendo o oferecimento aceite pelo pessoal

Continua no mesmo pé, sem que haja quem possa dizer quando termina, o conflicto que ha dias se arrasta entre a Camara Municipal de Lisboa, a direcção da Companhia Carris de Ferro e o respectivo pessoal. O publico continua sem electricos, o que cada vez mais vae prejudicando a vida da cidade.

O pessoal em gréve voltou a reunir hoje pelas 15 horas na séde da sua associação de classe, sob a presidencia do sr. Carlos Fortes, que era secretariado pelos srs. José Baptista Ribeiro e Manuel Lourenço Brito, tendo este lido um oficio em que a Associação Industrial Portugueza se oferece para intervir no assunto.

Usaram da palavra os srs. Manuel Rolo, que fez varias considerações sobre o movimento, aconselhando á classe a maior serenidade; Claudio dos Santos, membro da comissão de melhoramentos, que expôz á assemblea o resultado das *démarches* que se fizeram junto da direcção da companhia sobre os empregados que ainda se encontram ao serviço. O orador espraia-se largo tempo em varias considerações, mostrando que a principal causadora do conflicto foi a Camara Municipal, que está cheia de vereadores incompetentes. Depois de novamente lido o oficio da Associação Industrial, a assemblea aprovou uma proposta para que uma comissão se fosse entender com a direcção da referida Associação. Ainda falaram outros oradores, que mais ou menos atacaram o sr. Ricardo Covões, por ser o autor da carta aberta hontem distribuida na cidade e que insere inumeras falsidades.

O sr. José Mendes Roque, que fala com uma certa *verve*, diz que foi socialista, trabalhou para a causa, mas vê-se agora desiludido, motivo porque é actualmente um revoltado. Vê afinal que os socialistas nada teem feito no Parlamento e na Camara Municipal, a não ser disparates, quando eles deviam trabalhar para o bem da sociedade, o que não teem feito.

Como os oradores se demorem fazendo considerações, é lido um requerimento para que a comissão de melhoramentos siga imediatamente a avistar-se com a direcção da Associação Industrial o que é aprovado por unanimidade.

A assemblea prosegue nos seus trabalhos até ao regresso da comissão, que saiu da sala pelas 16,30.

Reclamações operarias
Os maritimos retomam o trabalho

Conforme referem os jornaes da manhã, nas suas secções da ultima hora, ficou solucionada hontem á noite a questão que se suscitára ha tempos entre os maquinistas e fogueiros dos barcos de pesca do Porto e respectivas empresas e da qual resultou terem-se declarado em greve as classes maritimas de Lisboa e Porto.

O sr. presidente do ministerio, a quem o caso foi entregue, prometeu que os exames feitos desde 1 de julho em diante serão anulados e convidado a sahir das traineiras o pessoal que nas mesmas se encontra em taes condições, devendo ser readmitido o antigo pessoal sem represalias.

Tal resolução agradou aos maritimos, que hoje de manhã á hora do costume retomaram o trabalho. A greve de hontem não foi geral por tal resolução ter sido tomada urgentemente, havendo classes que dela não tinham tido conhecimento.

No entanto, foram impedidos de seguir para bordo de alguns vapores barcos com refrescos, não tendo podido tambem «O Samara» que hontem entrou no nosso porto, largar a carga, motivo porque com ela seguiu para Marselha.

Greve dos operarios da Camara?

Os boateiros veem afirmando ha dias que o pessoal operario da Camara Municipal está na disposição de se declarar em greve. Na Camara, onde estivemos hoje a colher informações foi-nos dito:

—Não ha motivo algum para que o pessoal trilhe tal caminho. A Camara deu, como é sabido, ao seu pessoal burocratico o aumento de 40 escudos para ajuda do custo da vida.

«Por sua vez o pessoal operario reclamou tambem um aumento que a Camara em principio aceitou, resolvendo dar-lhe uns 20 escudos ou pouco mais por mez.

«O Senado Municipal vae agora pronunciar-se sobre o assunto, sendo natural que a proposta da comissão executiva da Camara seja aprovada. Nessa proposta estipula-se que esse aumento seja dado de 1 de julho em diante.

«Não ha pois motivo para qualquer gréve...

Cruz Branca
Os serviços prestados pela benemerita instituição

A iniciativa particular, quando se trata de obras de benemerencia, obtem resultados prodigiosos. Um exemplo frisante é a Cruz Branca, serviço de saude mantido pela briosa corporação dos bombeiros voluntarios de Campo de Ourique. Sem auxilio oficial, tem a Cruz Branca prestado os maiores e mais relevantes serviços, não lhe faltando os louvores e incentivos de todos quantos veem assistindo ao seu desenvolvimento e á soma de esforços e de boa vontade que os rapazes de Campo de Ourique tendo á sua frente o comandante sr. Augusto Branco Martins, dispendem para engradecer a corporação a que se dedicaram de corpo e alma.

De fundação recente, pois que só em outubro de 1918 a Cruz Branca começou a funcionar, logo nesse ano no seu posto foram feitos 172 curativos e 702 conduções, sendo um em maca e 701 em automovel. Em 1919, os curativos foram em numero de 1320 e as conduções 320, sendo 182 em maca e 138 em automovel.

Corporação que assim presta serviços bem merece que todos, incluindo os poderes publicos, a auxiliem.

POEIRA DA ARCADA

Conselho de ministros

O conselho de ministros reuniu hoje efectivamente tratando de assuntos de administração publica, da questão das subsistencias.

Conferencias

Conferenciaram hoje com o sr. ministro do comercio os srs. Leotte do Rego e dr. Ramos Preto.

Equiparação de vencimentos

A comissão de equiparação dos funcionarios publicos foi hoje recebida pelo sr. ministro das finanças, com quem tratou daquele assunto. O sr. Inocencio Camacho mostrou a melhor bôa vontade em satisfazer as justas aspirações do funcionalismo. Mas, não podendo realisa-las no curto lapso de tempo que falta para o encerramento do Parlamento, alvitrou á comissão que o habilitasse com um projecto de lei pelo qual o governo ficasse auctorisado a fazer a equiparação durante o interregno parlamentar, projecto que, submeteria imediatamente ás camaras. Aceite o alvitre a comissão tratou desde logo de elaborar aquele projecto.

Malas postais

Pelo vapor francez «Roma» são amanhã expedidas malas postaes para os Açores e New-Iork, sendo ás 11 horas a ultima tiragem da caixa geral.

Liga dos oficiais de marinha mercante

Os jornaes anunciaram para hoje ás 15 horas uma reunião na séde da liga dos oficiaes da marinha mercante.

Como é costume na imprensa, ali mandamos um dos nossos redactores, que diga-se de passagem foi um tanto abruptamente recebido por um individuo que parecia ser um dos directores da colectividade.

Por ultimo o continuo veiu avisar-nos de que a reunião era secreta e que d'aquillo que se podesse tornar publico nos jornaes aos mesmos seria enviado um extracto...

Serviço telegrafico da tarde

A «tournée» do Nacional

RIO DE JANEIRO, 9.—Hoje a companhia do Teatro Nacional de Lisboa representará a *Pipiola* de que é protagonista a atriz Palmira Bastos. Esta representação é aguardada com grande interesse.—(*Americana*).

Cotações, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 9.—A cotação do café foi hontem de 12$600. Cambio sobre Londres respetivamente para compras e vendas 18 1|16, 18 7|8. Valor do escudo portuguez 1$30—(*Americana*).

A proposito das declarações que o «Matin» atribue a Afonso XIII

SAN SEBASTIAN, 9.—Respondendo a uma pergunta que lhe foi feita por um jornalista ácerca das declarações que o jornal parisiense *Le Matin* atribue ao rei de Hespanha, o ministro dos negocios estrangeiros disse que o *Matin* tem liberdade para publicar o que quer e que não ha meio de impedir de o fazer, mas que o mesmo jornal tem toda a responsabilidade do facto.

De resto, acrescentou o ministro, é inutil dizer que o governo nada sabia do caso, que ainda menos autorisou a publicação e que ignora o que possa haver de verdade em tudo o que ali se refere.—(*Havas*).

NOTICIAS DA CAPITAL

Fugindo ao marido e roubando-o.—Queixou-se José Joaquim, comerciante em Aguas de Moura, concelho de Setubal, de que sua mulher lhe fugiu para Lisboa em companhia do seu empregado José d'Oliveira, furtando-lhe objectos de ouro e dinheiro, no valor de 1:570 escudos.

Gatunos em acção.—Foram presos: Manuel Mendes, sem residencia, por ter assaltado Lucinda Tavares Faria, rua dos Machadinhos, 10, 2.º, com o fim de lhe roubar um cordão de ouro que trazia ao pescoço, o que não conseguiu por ela ter gritado por socorro; Francisco Lopes, calçada da Picheleira, por ter furtado uma porção de sabão no valor de 430 escudos na fabrica da polvora em Chelas; Manuel de Carvalho e José da Conceição Brito, calçada da Bica Grande, 9, por subtrairem lenha e carvão no valor de 52 escudos a Augusto Alves Ferreira, rua Latino Coelho, 8.

Uma prisão importante.—A pedido do director da policia de investigação, foi hontem preso em S. Pedro do Sul, para onde se havia evadido, o carroceiro José Fernandes, *o José Rôla*, que faz parte de uma quadrilha de gatunos de arrombamento e que foi um dos principaes implicados nos importantes roubos praticados nos armazens de Joaquim Bento, rua Alves Correia, e Duarte, Limitado, rua das Flores, roubos avaliados em 12:000 escudos.

A literatura portugueza na Alemanha

A professora da universidade de Hamburgo Luise Ey empreendeu o tornar conhecidas na Alemanha a literatura portugueza e a brazileira, escolhendo para isso trechos dos melhores prosadores e poetas das duas nações irmãs.

Começada a colecção em 1914, veio interrompel-a a guerra. Mas já surge o novo volume com trechos escolhidos de Guerra Junqueiro. O empreendimento da distincta professora é coadjuvado pelo editor Julio Groos, de Heidelberg. O primeiro volume era dedicado ao saudoso jurisconsulto e escriptor Trindade Coelho.

Custodio das Dôres

O habil agente Custodio das Dôres, que foi mandado reintegrar na policia de investigação, tomou hoje posse do seu logar, ficando a prestar serviço na 4.ª secção, sob as ordens do chefe Tavares.

Agente habil e zeloso, é um belo auxiliar tanto para o seu chefe de secção como para o director d'essa policia, sr. dr. Reis Junior, e de desejar é que funcionarios como Custodio das Dôres se mantenham por largo tempo na policia, pois bem carece a cidade de que haja quem a limpe dos criminosos que a infestam.

Albergaria de Lisboa

A direcção d'esta prestimosa instituição, na sua ultima reunião, entre outros assuntos, tomou conhecimento do donativo de 200$00, ofertados pelo nosso compatriota sr. Joaquim Maria Pereira, negociante no Rio de Janeiro e agora de passagem nesta cidade, por intermedio do sr. Victor Guedes Junior, e egual donativo do sr. Antonio Ferreira Lopes, capitalista, residente em Lisboa, sendo resolvido exarar na acta um voto de agradecimento aos dois beneméritos.

Julgamentos no governo civil

Responderam hoje: Maria Joaquina de Jesus, rua João Braz, Joaquina Maria, rua Fernandes Tomaz, 140, Rosaria Pereira, quinta da Raposa, vendedeiras ambulantes, por venderem leite com agua, e João Fernandes, beco de Santa Helena, 21, por vender azeite por preço superior á tabela. As duas primeiras foram condenadas na multa de 1.000 escudos cada uma, e os dois ultimos absolvidos por falta de provas.

VIDA PARTIDARIA

Centros Republicanos Liberais, Ribeiro de Carvalho e Dr. Egas Moniz.—São convocados para uma reunião que se realisa ámanhã, pelas 21 horas, na séde do centro Ribeiro de Carvalho, rua do Socorro, 11-C, 2.º, a direcção e os presidentes das comissões de propaganda e dos grupos federados do Centro Ribeiro de Carvalho, e bem assim a direcção e a comissão politica do Centro Dr. Egas Moniz. Pede-se principalmente a comparencia de todos os presidentes de comissões e grupos federados no districto de Lisboa.

Assiste á reunião o sr. Ribeiro de Carvalho.

Hospitaes Civis de Lisboa
Toma posse o novo director geral interino sr. dr. Hermano de Medeiros

Tomou hoje posse pelas 14 horas, do cargo de director geral interino dos hospitaes civis, para o que foi nomeado em comissão gratuita o deputado sr. dr. Hermano de Medeiros, cirurgião dos hospitaes e professor da Escola Profissional de enfermagem.

A posse foi-lhe dada pelo sr. ministro do Trabalho assistido varios medicos, chefes das varias repartições, pessoal de escriptorio e enfermagem, etc.

Usou da palavra o sr. Ministro do Trabalho, seguindo-se outros oradores que puzeram em relevo o caracter e honestidade do novo funcionario.

O sr. dr. Hermano de Medeiros agradeceu por fim em termos calorosos a recepção carinhosa que lhe foi dispensada, terminando por pedir a todo o pessoal que o coadjuvasse na ardua missão que lhe foi confiada.

Quem alvitra? Quem reclama?
Oficiais reformados

Sr. redactor de «A Capital».—Pelo parlamento vae ser elaborado o decreto da melhoria de vencimentos para os oficiais da reserva e reformados. Julgo de toda a justiça que n'ele seja consignado que, sempre que novas leis augmentem os vencimentos dos oficiais do efectivo, essa disposição de lei seja extensiva aos primeiros, independentemente de nova determinação, isto, com o fim de evitar excepções odiosas e injustificadas, tal como sucedeu com a doutrina do decreto n.º 2570 de 10 de maio de 1919.

Agradecendo a publicação d'esta carta, sou de v. etc.—*Jacintho Gonçalves Guerreiro Chaves*, capitão reformado.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3602 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 11 de Agosto de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

O MARTIRIO DE UMA MULHER

"DOIDA, NÃO!"

A primeira carta da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho

E' a sr.ª D. Maria Adelaide Coelho que começa hoje a fazer a sua propria defeza. Não tem *A Capital* duvidas algumas em afirmar que o que se vae lêr é, efectivamente, da autoria da desventurada senhora que foi arremessada para dentro de um manicomio como castigo implacavel a uma falta de amor que cometeu. E não tem duvidas em o afirmar porque, antes de aceitarmos a defeza nas colunas de *A Capital* da sr.ª D. Maria Adelaide, encarregámos dois jornalistas e ainda um amigo da nossa inteira confiança de visitar e escutar religiosamente a infeliz senhora para que pudessem testemunhar a autenticidade dos seus artigos e, consequentemente, pudessem asseverar o pleno uso das suas faculdades mentaes.

Assim, as notas de reportagem que se seguirão são uma entrevista de um nosso redactor com a sr.ª D. Maria Adelaide. Entretanto, para não impacientarmos os nossos leitores — que todos os dias nos escrevem, pedindo o prosseguimento d'esta humanitaria campanha — principiamos, desde já, a intercalar os nossos artigos de reportagem com as cartas enviadas pela filha de Eduardo Coelho.

Sr. director de «A Capital» — Peço-lhe que me apresente aos seus leitores para que eu possa, em conversa sem pretenções e que farei por tornar o menos maçadora possivel, contar-lhes muitas cousas que não sabem e de que precisam ter conhecimento, para poderem, como juizes, julgar.

Feita essa apresentação, antes de mais nada, tenho um dever indeclinavel a cumprir: agradecer a todas as pessoas que me teem defendido e auxiliado, desde que ouviram os meus lamentos. Aos corações, onde encontraram eco os meus soluços, agradeço, pois, de toda a minha alma, quanto me teem feito, e, cumprida esta obrigação, que me escutem as consciencias puras e as almas nobres.

Sei, como o sabe toda a gente, La Fontaine o escreveu e Curvo Semedo o traduziu na fabula «O moleiro, o filho e o burro» que:

O mundo fala de tudo
Tenha ou não tenha razão

e é porque esta grande verdade os anos se teem encarregado de no-la confirmar, que não duvido que o facto de vir eu propria defender-me na imprensa, não agrade a todos. Na impossibilidade, porem, de contentar uns e outros, tenho de raciocinar como o velho da dita fabula:

Do qu'observo me confundo!
Por mais que a gente se mate,
Nunca tapa a boca ao mundo

e, prosseguir na minha defeza, não sendo, no entanto intuito meu, com este raciocinio, menosprezar nenhum dos meus leitores.

Porque preciso que se desfaça para sempre, a lenda da minha demencia, eu tenho de esclarecer factos, argumentar com razões que me parecem convincentes e tornar conhecidas cousas ignoradas. E' isso que me traz aqui e não a embriaguez da celebridade, nem tão pouco, o desejo de insultar ninguem. Se por vezes a violencia da frase exceder um pouco os limites que marquei a mim mesma, n'esta luta pela liberdade, n'esta luta pela vida, que me perdõe quem me lêr e não veja n'isso uma falta de respeito; mas sim o calor natural que este assunto em mim provoca.

Como o prefacio dum livro, esta minha primeira carta, acaba de elucidar o leitor das intenções que me trazem até junto dele; e vai dizer-lhe as circunstancias com que me debato, no quadro em que me encontro e a luta a feito; aquelas em que foi escrito o meu livro «Doida, não!» e, ainda, as que determinaram o seu aparecimento em publico.

Atente, pois, o leitor; começarei por estas.

Quando, no dia 29 de maio de 1919, fui chamada á sala de entrada do hospital do Conde de Ferreiro, apresentou-se-me um homem alto, porte e maneiras distintas, que me disse quem era e ir ali por ter sabido que eu desejava passar uma procuração. Não lhe ocultei ser esse o meu desejo, mas não lhe deixei, tão pouco ignorar o para que tal eu fizesse, necessario se tornava que me soubessem inspirar confiança. Apresentou-me então uma carta que eu escrevera. Não bastava. Não tinha razões para duvidar da palavra de quem se me dirigia, mas tambem as não tinha para o acreditar. Então o sr. dr. Bernardo Lucas, porque era ele, foi buscar um documento diante do qual as minhas duvidas se desfizeram e passei a procuração a pessoa de confiança do ilustre advogado.

Dois dias depois fez-se o meu deposito judicial, que se requereu que fosse no mesmo hospital, pretendendo-se d'este modo evitar duvidas que podiam prejudicar a rapidez com que era necessario proceder; e, no acto do deposito, foi-me dada licença para escrever quanto precisasse dai em diante.

Requerido o divorcio, alegando injurias graves, o sr. dr. Bernardo Lucas, já então legalmente meu advogado em virtude do substabelecimento da procuração que eu passara, partiu para Lisboa afim de dar inicio ao arrolamento dos meus bens. Recomendou-me á partida que escrevesse sobre a minha vida passada e factos presentes, apontamentos que lhe facilitassem a elaboração da minha defeza.

Vi-me forçada a uma recapitulação dificil em qualquer situação em que me encontrasse, mas muito mais dificil ainda, na enfermaria dum manicomio, no meio de gargalhadas e prantos, ouvindo cantares e soluços, entre ataques e furias. Recordar factos que não firmara na memoria por nunca ter pensado em me vir a ser preciso usar dêles, era um esforço grande. Sem ninguem que me auxiliasse, eu tive de encontrar, nas brumas do passado, os sorrisos da infancia, as lagrimas da mulher, choradas pelas mágoas sofridas, fazê-las passar atravez da amargura dos meus dias e aparecer aos olhos do meu defensor, em toda a sua verdade.

De noute, quando mais silencio reinava no hospital e a minha carcereira dormia descansada com a chave do meu quarto metida debaixo do travesseiro, eu levantava-me descalça, levemente, aproximava-me da lamparina de azeite que, numa luz palida e funerea iluminava o quarto dando-lhe um tom sinistro e tomava, a lapis, nota do que a memoria me oferecia. Quando chegava o dia dava aos meus apontamentos nocturnos maior desenvolvimento, sendo interrompida muitas vezes por scenas compungentes.

Foi sôbre as minhas declarações que o sr. dr. Bernardo Lucas trabalhou e porque lhe pareceu que eu expunha com correcção, na impossibilidade de termos longas conferências, pediu-me que escrevesse o que era preciso êle saber.

E, emquanto eu só, completamente só com a minha memória tentava ajudar esse homem de bem que, por me defender dedicadamente, tem sido inúmeras vezes insultado por quem era incapaz de proceder com igual dedicação, o sr. dr. Alfredo da Cunha podia a parentes e aderentes informes de que depois se utilizava como lhe convinha, escondendo quasi sempre a verdade. Emquanto eu, nêsse cemiterio de vivos onde a maior crueldade, que pode existir em peitos humanos, me sepultou *9 mêses*, tentava auxiliar o meu advogado para obter a minha liberdade, o sr. dr. Alfredo da Cunha empregava manejos inauditos para inutilizar-nos os esforços e tentava, pela segunda vez, exilar-me. Foi então, que num estremecimento de piedade, num grito de socorro, o sr. dr. Bernardo Lucas reclamou, dos altos poderes do Estado, protecção e liberdade para a infeliz mulher que fôra ilegal e indevidamente metida num hospital de doidos. O seu brado foi ouvido e, há um ano, no dia 9 de Agosto de 1919, eu fui arrancada a essa tortura horrivel.

Hei-de contar-lhe, leitor, como essa fuga se passou, mas não hoje, porque não desejo alterar a ordem que marquei para estas palestras.

Poucos dias depois da minha saida, a intriga e a calunia, postos ao serviço da perseguição, fizeram a breve trecho com que fosse passado contra mim um mandado de captura. Principiei a viver uma vida de sobresalto, a ter necessidade de me ocultar como um malfeitor, a ter emfim, pelo proprio instinto da conservação, de inventar disfarces e de escolher asilos inacessiveis. As dificuldades aumentavam pela ignorancia da verdade e desconhecida de quasi todos, a situação agravava-se, via-me sem recursos e sem liberdade para me defender. Inutilmente tentei fazer-me ouvir, pedindo, em voz baixa, piedade. Quem podia tel-a, não a teve. Reconhecendo então que era preciso gritar para ser escutada, autorisei o sr. dr. Bernardo Lucas a publicar o «Doida, não!»

Chegou o meu longo gemido ao coração de muitos; mas vem logo o sr. dr. Alfredo da Cunha clamar que não sou a autora do livro. E é esse mesmo senhor, que tanto me quer doida, que vem, negando-me a autoria, proclamar bem alto a integridade da minha razão; que os mais ... a reconhecer a verdade e é tudo quanto ha de mais inutil, porque facilimo é provar, e já tem sido provado, que eu escrevo o que penso. Não me surpreendeu, todavia, este clamor do sr. dr. Alfredo da Cunha, porque já me fôra negada a autoria duns autografos que se juntaram a um dos processos e de que lá existia a prova de terem sido escritos por mim. Esta teimosia fez germinar-me no espirito a ideia de dar tambem em publico uma prova de que sou a autora do «Doida, não!». Na *Capital* achei o acolhimento mais carinhoso e cá me tem o leitor.

As cartas que lhe escrevo são feitas, não nas horas de ócio, porque as não tenho, mas nos intervalos do trabalho a que me dedico para ganhar para as minhas linhas, pois nunca tive por costume pregar-me com alfinetes. O meio em que me encontro, sereno, afectuoso, o silencio cortado apenas pelo chilrear dumas creanças que como passarinhos animam o quadro, onde a vida de trabalho honesto decorre tranquila, dá ao meu coração uma doçura que me faz falar quasi com levesa da minha pesada cruz.

Ha cerca de dois mezes constou-me que se preparava a resposta ao meu «Doida, não!» Não me assustei. Esse livro devia ser feito, era evidente, com o unico fim de desmentir o meu, tentando agravar-me a situação; mas, *infelizmente* para os seus autores encontrei nele elementos de defesa importantes. Devido ás armas de má qualidade que o sr. dr. Alfredo da Cunha usa para me ferir, as balas fazem ricochete.

Em geral a mulher é mais teimosa do que o homem, ele não me leva a melhor. Lembram-se daquela que mesmo dentro do poço, quando já não podia falar, prestes a afogar-se, com a mão fóra da agua teimava com o marido que não era faca, era tesoura? Pois eu teimo com o sr. dr. Alfredo da Cunha que não estou doida e hei de provar que o não estou.

O sr. dr. Cunha teima e faz teimar aos outros que sim; eu teimo e comigo teimam muitissimas pessoas que não; ora como do meu lado é que está a verdade, hei de vencer, leve o tempo que levar.

E hoje não desejo cançar mais quem me lê.

Maria Adelaide

Narcoticos...

A sinfonia dos beijos

Os pygmeus da pena, como este vosso creado, por aquele eterno principio de que a asneira é livre, teem, salvo o devido respeito, o direito de discordar ás vezes das luminosas congeminações dos Genios...

Vem isto a proposito de se misturarem no meu cérebro duas opiniões contrarias sobre o mesmo velho thema; uma de Ld. Byron e outra do sr. Julio Dantas.

E' que emquanto o enthusiasta admirador das «serras da lua conhecidas» declara olimpicamente que o seu maior desejo era que as mulheres todas não tivessem mais do que uma só boca rosada e apetitosa para as beijar d'uma só vez, o romantico autor das Rosas de todo o ano *declara* ex-cathedra *que*

Dos milhões de milhões de beijos que nós damos
Só ha um beijo bom que não se chega a dar!

Ora aqui estão duas opiniões que não valem sequer a ponta d'um cigarro!

Se a belesa consiste na variedade, imagine o leitor a tremenda sensaboria d'um beijo dado nas bocas de todas as mulheres reunidas numa só! Azedava! Era como se um fino bebedor de Champagne tivesse um dia o mau gôsto de juntar numa taça monstro todos os vinhos capitosos do mundo, de sabores diferentes e de diferentes tonalidades...

Quanto aos beijos que se não dão ninguem me convencerá que o melhor pêcego é aquele que se não come e o melhor passeio aquele que se não faz!

Byrantinices...

Eu ainda vou pélo Th. de Bauville que achava, e muito bem, que

Tout ravit et palpite au baiser du soleil

E se nem sempre a recomendação de S. Paulo — Saluta te invicem osculo sancto — *se pode realisar, acho que mesmo com a sua pontinha diabolica os melhores são ainda aqueles que se dão.*

Eu sei e tu sabes, gentilissima leitora, que vae uma distancia infinita do Beijo da Paz ao Beijo dos cristãos, e uma criminosa aproximação entre o Beijo feudal e o Beijo de Judas. São tudo Beijos protocolares. Beijos que se dão fechando os labios. Uma especie de donatio ante nupsias. *Selo salivado de contractos. Ora pondo de parte os exageros hiperbolicos de Lord Byron, e o doentio preconceito do sr. Julio Dantas, os melhores... os melhores são aqueles que a mãe Eva nos ensinou a dar mordendo, na loucura infinita dos desejos, a maçã pecaminosa. Foi este o primeiro beijo, filho da tentação, e não me parece que ele tivesse sabôr algum se a mãe Eva ficasse toda a vida a olhar cá de longe a macieira tentadora—só para ser agradavel ao autor da* Ceia dos Cardeaes...

A gama infinita dos beijos! Desde o beijo pecado ao beijo ternura! Desde o beijo ternissimo duns labios de mãe na boca rosada dum filho, ao beijo infernal e satanico dos amantes—beijo fôgo e ancia que se dá mordendo os labios! Ha beijos que são himalaias de dôr! Ha beijos que são infernos de luxuria! Beijos que se não dão... esses são como oceanos que não existem. Não teem: nem agua, nem sabôr.

P. F.

Revelações sensacionaes

Afonso XIII e o ex-imperador Guilherme

Como o rei de Hespanha descreve o incidente de Vigo—. A tensão de relações entre entre os dois soberanos

O ministro dos negocios estrangeiros de Hespanha julgou-se obrigado a fazer declarações a proposito das revelações que o jornal *Le Matin* vem fazendo ácerca do que pensava o rei Afonso XIII e que tanto ruido tem feito no mundo diplomatico.

O artigo do *Matin* de 7 é curiosissimo. Reproduzimol-o na integra. E' Afonso XIII que fala, no dizer do jornal parisiense:

«Deve de certo supôr que não se me meteu em cabeça uma intervenção directa junto da Inglaterra ou da Alemanha. Pouco me importa separar os dois Buldogues.

«Penso de resto que conhece os sentimentos que professo pelo imperador da Alemanha.

«Olhamo-nos de travez ha doze anos, desde o incidente de Vigo, que lhe devem ter contado, adulterando-o mais ou menos.

«Quando fez dezoito anos, o imperador Guilherme nomeou-me coronel d'um dos seus regimentos. E' o costume e, além d'isso, ele supunha que isso incomodaria os francezes. Mezes depois, passa em Vigo; vou saudal-o a bordo do seu navio, depois de ter envergado o pequeno uniforme de dia (Feld-Anzug), a conselho do meu adido militar. Durante a viagem exercitei-me sósinho, no meu salão, em fazer continencias bem rigidas e bem prussianas, de modo a impressional-o.

«Ao chegar ao tombadilho, vejo toda a gente de grande uniforme em roda dele e compreendo a *gaffe* que me fizeram praticar. Mas o que ha mais grave é que, ao chegar em frente dele, esqueço-me de todo o meu aprumo, de todos os pequenos exercicios que acabara de fazer e desato a rir...

«Ele faz-me uma scena de censuras deante de todo o seu estado maior e deante do meu... e imagina como isso me agradou. Faz-me notar o meu á vontade, a incorrecção do meu uniforme, etc.

«—Quando se vem saudar o imperador da Alemanha, deve trazer-se o grande uniforme. Não devias tel-o esquecido.

«—Mas foi o teu adido militar que me deu uma informação errada.

«—Como? O *teu* adido militar? Já te permite porventura que me tratasse por tu?

«—E dei-te eu auctorisação para o fazeres?... etc.

«E a scena continuou neste tom.

«Desde essa epoca não houve picardias que ele não tentasse fazer-me, especialmente na minha primeira viagem á Alemanha.

«Ha tres semanas fez-me enviar por meu primo o imperador da Austria o texto da nota alemã acerca do bloqueio, dois dias antes dela se tornar publica. Pedia-me para lhe dar a conhecer a minha opinião pessoal, como camarada e como amigo. Limitei-me a responder-lhe: *Penso que estás completamente louco.*

«Oito dias depois, o meu governo enviava-lhe uma resposta mais extensa e mais estudada, de que deve ter gostado tanto como da primeira.

«Se alguma vez eu fôsse encarregado s'alguma missão, actuaria directamente dobre o imperador e sobre os hungaros.

«O imperador Carlos não é uma aguia, bem sabe. Mas é inutil que o seja. Aprecio-o como deve ser apreciado, porque as considerações de familia nunca me impediram de dar aos homens e ás coisas os nomes que devem ter. A côrte de Viena é um ninho de intrigas, no meio das quaes o novo imperador se não mexe com facilidade. Mas tem boa vontade e póde ser ajudado. Conheço a sua côrte melhor do que ele.

«Conheci o antigo archiduque herdeiro Francisco Fernando. Ria encapotadamente da partida que ia pregar a seu sobrinho Carlos, o actual imperador, arrebatando-lhe a corôa em favor de seu proprio filho, que, como sabe, não podia ser o herdeiro.

«Vi as elevações sucessivas da duquesa de Hohenberg, que conheci dama de honor numa das suas viagens a Madrid, etc.

«Por meu tio, o archiduque Frederico, estamos ao corrente de tudo. Cuido ha algum tempo das minhas relações com a côrte de Viena, *para todos os fins uteis e sem dar a conhecer o meu alvo.*

«Estudo com cuidado a disposição dos exercitos alemão e austriaco no *front* oriental.

«Os alemães misturam parte do seu exercito com o austriaco, mas essa mistura não é inextricavel.

«Rodeio-me de informações, estudo a questão apaixonadamente».

O oferecimento, como se vê, era formal, não o podia ser mais.

Mas, antes de tudo, o rei tem uma censura—que é um elogio—a dirigir á França.

«—Em toda esta aventura—diz ele—tenho receio de que os franceses tenham demasiados escrupulos. Talvez em breve vejam que toda a gente começa a ocupar-se dos seus *pequenos negocios.*

«Desde o primeiro dia da guerra que a Alemanha conserva, se não com o governo de Petrogrado, pelo menos com os meios dirigentes russos, uma serie de intrigas que são verdadeiras negociações, destinadas de principio a paralisar o paiz e em seguida a preparar uma paz separada.

«Neste momento, tem a certesa de que a Alemanha, a Austria e a Italia não encetaram um pequeno entendimento?

«Mesmo no interior da Alemanha se preparam *pequenos negocios.*

«Qual será o imperador da Alemanha no momento de concluir negociações? Será um Wtthlsbach da Baviera? Um Nassau do Wurtemberg? Um novo eleitor de Saxe? (sic). Em todo o caso póde não ser um Hohenzollern, se a Alemanha tiver com isso a ganhar.

«Tudo isto para lhe dizer (e não falo ao acaso) que é necessario não ter medo de perceber e imaginar, se não se quer ser surpreendido pelos acontecimentos».

A questão dos electricos

O pessoal manifesta-se mais uma vez contra a incompetencia da camara

Tudo no mesmo pé. Lisboa continua sem carros electricos, o que vem prejudicando extraordinariamente o publico, que já começa a protestar contra tal estado de coisas.

Os grévistas reuniram, como de costume, pelas 15 horas, na séde da sua associação, á Esperança, sob a presidencia do sr. Antonio Ferreira, que era secretariado pelos srs. Carlos Sanches Ribeiro e Luciano da Costa Ferreira.

Foi lido um oficio do socio n.º 359, Porfirio Borges, que se encontra doente no hospital e pede auxilio, ficando resolvido abrir-se uma subscripção para o socorrer.

Falaram depois: Manuel Carvalhaes, que aponta o facto de alguns empregados, cujos nomes cita, se encontrarem ainda a trabalhar nas estações; Antonio da Silva, que lamenta tambem que [illegible] presidente da associação, conductor da Companhia, ande fazendo serviço nos *camions* destinados a transportes de passageiros no [illegible], lavrando o seu protesto contra tal facto, insurgindo-se tambem contra a Camara Municipal, a principal causadora da gréve, tornando-se urgente que alguem providencie para evitar este estado de coisas.

O sr. Claudio dos Santos saúda todos os colegas pela sua união, demonstrada durante 12 dias de gréve, e informa que nada ainda ha sobre a intervenção no conflito por parte da Associação Industrial. Insurge-se tambem contra o facto de um conductor andar a fazer serviço nos *camions*, o que deve ser devidamente ponderado pelo *comité* grévista; voltando depois a referir-se ao que hontem se passou na séde da Companhia, entre uma comissão de grévistas e a direcção da Companhia, rectificando o que os jornaes da manhã de hoje dizem sobre o caso. O orador refere-se á incompetencia da camara, que deixa a cidade vergonhosamente abandonada, sem limpeza, não cuidando das regalias dos municipes, o que não é para estranhar desde que se saiba que a vereação é constituida por ineptos, que dão a impressão de creanças birrentas a quem é necessario dar açoites para não fazerem maldades. Se os vereadores continuarem procedendo como fazem as creanças, que se lhes dê o castigo, que se vá á camara e que cada um proceda então como entenda. Não é justo que, por uma birra, o pessoal da Carris e as suas familias morram de fome, quando os que assaltaram a camara, os novos ricos, continuem explorando os municipes, passeando em trens e automoveis da camara, que eles não pagam, mas sim os municipes.

Foi depois aberta uma subscripção para o grévista doente a que acima nos referimos, tendo rendido 12$000. Na meza lêram-se em seguida varios postaes de portadores de «passes», entre os quaes figura um que despertou sensação: o signatario dizia concordar com o aumento das assinaturas, pois que actualmente está gastando em transportes para cima de 2 escudos diarios, e que, portanto, mais lhe convem os «passes», embora por preços elevados, não necessitando da protecção da camara, pois é maior e sabe bem administrar-se mesmo melhor do que a vereação administra os negocios do municipio.

A sessão continua á hora a que encerramos este extracto, reinando a maior animação e ouvindo-se constantemente vivas á gréve e á solidariedade do pessoal da Carris, correspondidos com enorme entusiasmo.

Advertencia importante

Respondendo a reclamações recebidas

Todos os jornaes da tarde e da noite retomaram já o seu antigo pessoal tipografico, podendo, por esse motivo, sair ás suas horas habituaes. «A Capital», em virtude dos seus operarios se acharem trabalhando no jornal «A Patria» desde 1 de maio, está sendo feita por tipografos na maioria estranhos á classe. Esta explicação convem que os nossos leitores a tenham presente, afim de reclamarem dos vendedores o nosso jornal, por isso que muitos deles, com o fundamento de que «A Capital» sae mais tarde, se recusam a fazer a sua venda. Serve tambem esta explicação de resposta ás reclamações que temos recebido de muitos desses leitores.

A proposito desta advertencia, publicou o jornal *A Batalha* a seguinte nota:

A comissão pró aumento desalarios dos quadros dos jornais de Lisboa pede-nos a publicação do seguinte:

«Tendo saido no jornal *A Capital*, de 28 do corrente, uma nota na qual a empreza do jornal *A Capital* diz que já todos os jornais retomaram o seu antigo pessoal grafico, podendo, por esse motivo, publicar-se ás horas habituais, esta comissão vem declarar que se a empreza de *A Capital* ainda não resolveu o conflito como as restantes empresas, é unica e exclusivamente devido a não ter querido solucionar o conflito gráfico.

O pessoal de *A Capital* continua em greve e aguarda, na sua Associação de Classe, a adesão da empresa de *A Capital* á organização de trabalho e salarios minimos, já em vigor em todos os restantes jornais de Lisboa.

Esta comissão julga conveniente esclarecer o publico e a classe gráfica do motivo porque a empresa de «A Capital» ainda não tem a laborar o seu antigo quadro. Este não se demitiu, como parece depreender-se da nota publicada na «Capital». Encontra se, como acima dizemos, na sua Associação de Classe aguardando a solução do conflito».

Ora no dia 21 de maio, publicou «A Capital» o seguinte:

Tendo constado á direcção de «A Capital» que o seu antigo quadro tipografico constituido pelos srs. Miguel Martins, chefe, Manuel e Guilherme do Espirito Santo, linotipistas, Gabriel Duarte, Libanio de Brito, Antonio Pinheiro e Ribeiro Pisco, compositores, estava empregado no jornal «A Patria», que ha-de em breve iniciar a sua publicação, solicitou da direcção desse jornal lhe dissesse se eram ou não verdadeiras as informações que recebera.

A esse pedido respondeu, por parte da direcção da *Patria*, o deputado sr. Antonio Mantas com a seguinte carta:

*Sr. Manuel Guimarães dig.*mo *director d'«A Capital».*—Lisboa.—Satisfazendo os desejos de v. manifestados na sua carta de 20 do corrente, cumpre-me declarar-lhe que efectivamente estão em serviço, no jornal *A Patria* os tipografos referidos na carta de v., exceptuando Antonio Pinheiro, mas é meu dever dizer a v. que ainda não está constituido o quadro tipografico e todo o pessoal que trabalha na montagem da tipografia de *A Patria* é a jornal.

Devo tambem dizer a v. que o pessoal que fôr admitido neste jornal não acumulará, com o nosso consentimento, serviços com quaisquer de outros jornais.

De v., etc.—*Antonio Mantas.*

Como esclarecimento, diremos que esta carta foi recebida antes do aparecimento de *A Patria*, a 27 de maio, e que do pessoal que estava trabalhando na montagem desse jornal faziam parte todos os antigos tipografos d'«A Capital», com excepção de um, o sr. Antonio Pinheiro, que está empregado no escritorio da casa Batista & Barbosa, da rua do Poço dos Negros. Esses tipografos ficaram fazendo parte do quadro efectivo da *Patria.*

Segredos a toda a gente

PORQUE SE PINTAM AS MULHERES

Uma tarde destas precisamente quando calçava as luvas para sair chamaram-me ao telefone. O conde de X... tinha a captivante gentileza de convidar-me para ir tomar uma chicara de chá á sua casa de *Buenos-Aires*. Fui. Acolheu-me muito risonho um criado velho que fôra escudeiro da marqueza de Viana. Atravessei uma saleta forrada de azul onde havia um ramo de rosas sobre um contador velho de pau preto; beijei a mão da condessa cuja beleza palida e triste muito 1870 com os seus olhos negros e a sua melancolia suspirava pela paleta de Columbano; apresentaram-me a duas ou trez senhoras que eu já conhecia de vista e entretinha-me com o conde e com um ingles de cabelos côr de palha e de flôr na *smocking* a examinar, sobre um fogão, umas faianças do Rato que suspiravam decerto pelas saias de balão e pelas capotas de palha de Italia das elegantes do seculo XIX—quando uns tacões, Luiz XV puro, herdeiros com certeza dos saltos vermelhos de Marivaux atravessaram a sala, saltitaram em passinhos léves de perdiz sobre o tapete e uma encantadora rapariga passou muito loira, muito rozada, muito fresca, um fio de pérolas ao pescoço, um pequenino léque de rendas palpitando-lhe entre os dédos como uma aza que vôa. Era Mademoisele Z. Corri ao seu encontro.

—Parece realmente que tem oito dias, a menos Mademoiselle L. baixou os olhos. Eu tossi, por distracção e continuei solenemente:

—As mulheres nunca podem justificar as suas vaidades.

—Como os homens nunca podem explicar os seus defeitos.

—Talvez. Mas não se esqueça do que dizia La Bruyere. Que se as mulheres fossem naturalmente como elas se tornam com a pintura — seriam intoleraveis.

—E porque é que os homens frizam o cabelo e pintam o bigode?

—Porque aprenderam com vocês.

—Mas nem todas as mulheres tem bigode.

—E nem todos os homens se frizam.

—As mulheres pintaram-se sempre.

—Sempre nos desconheceram. Se vocês adivinhassem quanto descem ao assomarem pelas ruas dando-nos a impressão de caixas de tinta—juro-lhe, minha senhora que não havia uma loja de perfumes que se aguentasse vinte e quatro horas.

—Eu aceito a opinião de Baudelaire.

—Olhe que Baudelaire escreveu as *Flores do Mal.*

—Veja lá se as *zentildonosa* venezianas do seculo XVI que se pintavam dos pés á cabeça não enganaram todos os homens que quizeram?

—Quasi todos os mercadores judeus usavam oculos.

—E a Pompadour?

—Luiz XIV era cego.

—Conhece Mademoiselle Cochois?

—Nunca julguei que tivesse lido *Les memoires pour servir á l'histoire de l'esprit e du coeur?*

Cinco minutos depois sentavamo-nos sobre um sofá de seda verde que, segundo me dizem, teve relações muito intimas com os calções de veludo do marquez de Loulé. Conversámos. Uma poeira doirada de fim da tarde sintilava nos espelhos, cortejava dois bonecos de *Sèvres*, fluctuava entre um biombo e um vaso de flores. Enquanto ela me falava do seu ultimo vestido e da sua ultima viagem com a vivacidade dum rapaz e com essa pontinha de orgulho que é o maior encanto o que não é o menor defeito de todas as mulheres—sobrou-me tempo para observar as suas grandes olheiras quasi negras e quasi roxas, a polpa côr de rosa da sua pele, os traços vermelhos dos seus labios, o seu cabelo loiro infinitamente loiro, fabulosamente loiro como eu só me lembro de ter visto em certo retrato de Jonh Opie—e não foi sem uma viva surpresa que tive a fatalidade de constatar, depois de pôr não sei quantas vezes o monoculo, que Mademoisele Z se pintava desde a ponta do nariz á modula dos ossos com grandes vantagens para os droguistas e com manifestos inconvenientes para todos nós.

Nunca poude explicar a mim proprio esse verdadeiro delirio do pó de arroz e do carmim que ameaça subverter, como por encanto, todo o prestigio, toda a frescura, toda a graça luminosa e fina da pele—e não deixei de fazer votos em silencio, é claro, para que a minha deliciosa amiga tomasse quanto antes um banho de chuva ou um *duche* escossês.

—Em que está você a pensar?

—No tempo em que você tinha os cabelos pretos.

—Ainda se lembra?

—Nunca se esquecem os pormenores.

—E não lhe parece que desde que pinto o cabelo de loiro estou mais nova?

—Li e gostei.

—Ficam-lhe muito bem esses sentimentos. Pois eu não li e não gostei.

—Vá amanhã *lunchar* comigo. Terei muito prazer em lhe apresentar o meu *cold cream* os meus *crayons* negros e azues...

—Optimos—para deitar fóra

—O meu carmim, os meus cosmeticos, a agua oxigenada... você não conhece a agua oxigenada?

—Conheço. E' excelente para lavar luvas.

—A senhora condessa aproximára-se:

—Passemos á casa de jantar.

O conde:

—Com que então animado o *rendez-vous?*

—Não. Discutiamos apenas se as mulheres devem ou não devem pintar-se. O conde não concorda que sim!

—Não minha senhora. Estou de côrdo apenas em que esse privilegio deve ser concedido aos homens.

—Que lhe parece, *mister* Jonh?

—Parece-me que fazia uma fortuna um homem que lavasse a cara ás mulheres.

Luis d'Oliveira Guimarães.

PELO TELEGRAFO

Um desmentido oficial

WASINGTON, 10.—O governo desmente a noticia dizendo que anuncia a proxima remessa, aos aliados, d'uma nota americana, relativa á situação russo-polaca.—(*Havas*).

Protestando contra a intervenção na «Russia»

LONDRES, 10.—Esta noite realisou-se um conselho de gabinete sob a presidencia do sr. Lloyd George, ja de regresso de Hythe. O grupo parlamentar liberal independente aprovou uma resolução protestando contra toda e qualquer intervenção de aliados na Russia o mesmo contra o bloqueio.—(*Havas*).

Voluntarios que seguem para a frente de batalha

VARSOVIA, 9.—Todos os dias se dirigem para a frente da batalha grande numero de voluntarios.—(*Havas*).

A entrada do general Gouraud em Damasco foi brilhantissima

DAMASCO, 10.—A entrada do general Gouraud nesta cidade realisou-se no sabado, sendo recebido solenemente pelo general Goiben, comandante de divisão e pelos membros da missão francesa. A' sua chegada á estação do caminho de ferro viu reunirem-se logo em torno de si os representantes das populações e do governo provisorio, tendo á sua frente Uadine-Bey Ioubi, a municipalidade, os principais funcionarios e notaveis da cidade e os chefes das familias mais importantes. A recepção foi das mais cordiais. Destacamentos do antigo exercito cherifiano, formando ao lado das tropas francesas prestaram as devidas honras durante a cerimonia da entrega das condecorações aos oficiais e soldados, que se distinguiram nos combates recentes. A cidade, que se encontrava embandeirada, manifestou abertamente a sua simpatia pela França. Depois dum notavel desfile de tropas, o general Gouraud recebeu em sua casa, na antiga residencia do Islam, mostrando quanto havia de artificial na oposição creada entre a Siria e a França.—(*Havas*).

O que pensa o governo americano a respeito da Russia

WASHINGTON, 10.—Uma declaração do departamento do Estado, que a imprensa reproduz, constata que o exercito russo actual constitue o exercito nacional. Acrescenta a mesma declaração que os russos não teem ambições territoriais e que é admissivel que não queiram sacrificar a soberania da Polonia. A politica americana deseja salvaguardar os territorios russos até que o povo tenha regularisado os seus negocios internos.—(*Havas*).

O vôo d'um zepelin ex-alemão

PARIS, 10.—O Zepelin ex-alemã; L. 72, afecto á marinha francesa, voou hoje de manhã sobre Paris, dirigindo-se de Maubeuge para a costa do Mediterraneo.—*Havas*).

Um bloqueio efetivo da Russia efetuado pelos aliados
Auxilio moral e material á Polonia

PARIS, 10.—Referindo-se á conferencia que deve realisar-se amanhã em Minsk entre os representantes da Russia e da Polonia, encarregados de negociar o armisticio, o *Petit Parisien* diz que se realmente os delegados «bolchevistas» oferecerem á Polonia condições rasoaveis que garantam a este pais a sua integridade territorial e a sua independencia politica, a atitude dos aliados terá necessariamente que modificar-se, mas em caso contrario, estes, de comum acordo, tomarão contra os «sovietes» as medidas de segurança que se verifique serem indispensaveis. Será assegurado o bloqueio efetivo da Russia pelo Baltico; solicitar-se-ha aos estados visinhos da Russia (Suecia, Noruega e Dinamarca) que não enviem os seus produtos á Russia e ajudem a combater o perigo mundial do bolchevismo. Eventualmente os aliados poderão apelar para o concurso da Alemanha para realisarem por terra o isolamento total da Russia. Uma outra medida consistiria em estabelecer uma frente defensiva contra a Russia dos «sovietes», apelando para esse efeito, para o concurso dos estados que se separaram da antiga Russia. Alem disso o exercito do general Vrangel, que já hoje é auxiliado pelo governo francez, sê-lo-ha igualmente pela Gran-Bretanha, a qual lhe enviaria material de guerra. Escusado é dizer que a Polonia receberia dos governos aliados todo o auxilio material e moral, secundando os seus esforços para manter a sua independencia. Mesmo que o corredor de Dantzig viesse a ser cortado pelos «bolchevistas», a remessa de material poderia fazer-se pela Tcheco-Slovaquia. Finalmente, se os «sovietes» se obstinarem na sua provocante intransigencia, Kranzine e Kameneff seriam convidados a sair de Londres no prazo de 8 dias.—(*Havas*).

Declarações do ministro alemão das finanças

FRANCFORT, 9. — O ministro da fazenda alemão d'isse numa conferencia publica que a Alemanha deve permanecer neutral no conflito russo-polaco. Falando das importancias que, segundo a imprensa franceza, a Alemanha deve pagar como indemnização de guerra, declarou o ministro que nem mesmo trabalhando intensamente, a Alemanha poderia pagal-a em menos de cem anos.—(*Havas*).

Vida Sportiva

LUCTA

Uma classe no G. C. P.

A direcção do Gimasio Club Portuguez a pedido de alguns socios que desejam dedicar-se á luta, vae iniciar uma classe de luta, durante o periodo de ferias dirigido pelo «sportman» Claudio d'Oliveira, que a isso se presta obsequiosamente.

A classe funciona ás segundas, quartas e sexta-feira, das 16 ás 19 goras.

Festas do «sport» para os mutilados da guerra e Casa dos Jornalistas

A comissão organisadora das festas sportivas que pelo Club Sportivo de Pedrouços serão levadas a efeito no dia 12 de setembro e que constarão de regatas, gymkana, jogos floraes, recitas, etc.

Sehundo resolução aprovada por unanimidade ficou resolvido que o producto das festas revertam parte a favor dos mutilados da guerra e outra parte para a Casa dos Jornalistas.

Ficou tambem resolvido que fosse disputada uma taça intitulada «Taça dos Joraulistas».

FOOT-BALL

«Taça Mutilados da Guerra» — Uma reunião na redacção de «Os Sports»

Em virtude da direcção de *A Capital* confiar ao bi-semanario *Os Sports* a organisação do torneio da «Taça Mutilados da Guerra», este já enviou convites ás direcções do Sporting Club de Portugal, Sport Lisboa e Bemfica, Imperio, Lisboa Club, Victoria Foot-Ball Club e Associação de Foot-Ball, a fim de se efectuar uma reunião no proximo sabado, pelas 21 horas, na redacção de *Os Sports*, devendo nesta reunião ficar assente a data da realisação do torneio e bem assim fazer umas ligeiras alterações ao regulamento, etc. A organisação deste torneio será feita por tres delegados, um dos clubs concorrentes, um da Associação e um do jornal.

Da receita serão retirados 50 0|0 para a caixa de socorros a jogadores invalidos e 50 0|0 para os mutilados da guerra, em virtude da carta que ha dias publicámos do sr. dr. Tovar de Lemos em que nos declarava que os mutilados ainda necessitam do auxilio particular.

E' de esperar que os quatro clubs citados e a Associação enviem os seus delegados afim de se ultimar com tempo este assunto.

Prisão dum ex-policia

Acusado de cumplice do auctor do alcance nos Transportes Maritimos

Como oportunamente noticiamos, Joaquim Ferreira de Conceição, o auctor do desfalque nos Transportes Maritimos, conseguiu evadir-se segunda vez quando ia ao hospital de S. José a fim de ser radiografado. Depois d'isso, já voltou a dar que falar, pois que, tendo-se hospedado n'uma casa de pensão na praça da Alegria, d'ali desapareceu levando as joias da dona da casa, na importancia de 1.000 escudos.

Como seu cumplice, está preso e incomunicavel n'uma esquadra Manuel Mendes, que foi expulso da policia por ter agredido o alferes sr. Barros e Queiroz, quando esse oficial ali fazia serviço.

O Mendes teve de cumprir por esse delicto 30 dias de prisão no Limoeiro, onde travou conhecimento com o Ferreira Conceição, cuja fuga auxiliou. Foi por sua intervenção que ele se hospedou na casa da praça da Alegria e foi ele ainda que lhe facilitou os meios de fugir d'ali.

Apezar de já não ser policia o Mendes, traz ainda o bilhete de identidade, do qual se tem servido para praticar diversas proezas.

Julgamentos no governo civil

Responderam hoje Alfredo Pereira, com leitaria na Avenida da Liberdade 57, José Ferreira, com vacaria na rua de D. João de Castro, 43; Daniel Ferreira, vendedor ambulante, rua da Ilha do Grilo, 72, por venderem leite por preço superior á tabela; Joaquim Xavier Carneiro, com mercearia na rua de S. Cristovam, 11, por vender massas alimenticias tambem por preço superior á tabela. Foram absolvidos por falta de provas.

Em viagem

Boas novas

Foi hoje recebido em Lisboa o seguinte radio telegrama, datado de hontem, ás 11,25:

Os passageiros de primeira classe do vapor *Portugal* seguem bem e saudam suas familias.

Valores selados e postaes

Segundo comunicação recebida da direcção da Casa da Moeda, esse estabelecimento do Estado está habilitado a satisfazer todas as requisições de valores selados e postaes que lhe forem dirigidos pelas respectivas repartições fiscaes.

Academia Recreio Artistico

Esta conceituada agremiação de recreio solenisa no dia 15 o seu 65.º aniversario com uma sessão solene e a distribuição de um bodo a 100 pobres.

Para os nossos protegidos, em nome dos quaes agradecemos, enviou-nos a direcção da Academia tres senhas.

O 5.º Congresso do Livre Pensamento

Alem das théses que a comissão executiva d'este congresso apresenta oficialmente n'um grupo de 6, como já foi noticiado, serão apresentadas tambem outras théses por iniciativa dos congressistas, dentro as quaes já se pode citar a do sr. Alvaro Neves, «Archivos das Conservatorias do Registo Civil», que se prende com a Lei do Registo Civil.

A comissão executiva de Lisboa foram agregados mais os srs. Fernando de Barros Freire e Luiz Rufino Belas.

Na séde da Associação do Registo Civil, largo do Intendente, 45, 1.º, recebem-se todos os pareceres ou opiniões tendentes a melhorar as conclusões das théses que se relacionaram com as leis da Separação da Egreja e do Estado e a do Registo Civil.

A inscrição para o congresso é de 1$00 por pessoa e de 2$50 por colectividade.

As sessões efectuar-se-hão nos dias 19 e 20 de setembro.

TOURADAS

Algés. — No domingo, como já dissemos, toureia a famosa quadrilha dos corcundas, sendo a corrida deveras interessante. A empreza oferece um brinde aos vendedores de jornais e para os que tiverem menos de 12 anos; a entrada é baratissima. O cavaleiro é o apreciado José Gomes.

Theatros e Cinemas

Noticias velhas

12 de Agosto de 1878

Estreia-se em Lisboa a cantora de zarzuela «Romalda Mariones» que fez epoca com a celebre zarzuela «Processo de Cancam» no teatro dos Recreios

NOTICIARIO

E' já amanhã que se realisa no Teatro Apolo a *première* da revista de Valoriano Machado e José Fernandes Carreira, musica de Bernardo Ferreira e Vasco de Macedo com lindissimos scenarios de Salvador e Reis (filho) e riquissimo guarda roupa de Castelo Branco.

Esta revista cujo titulo é *Risos e Flôres* tem dois *compères*. A vida Airada desempenhada por Dora Vieira e o Zéca Serapião Alfarroba pelo ator Aurelio Ribeiro.

Completam o magnifico conjunto d'esta companhia as atrizes Maria Pinto e Alda Teixeira ultimamente contratadas.

O cartaz de hoje

Nacional, ás 21.30, «A Castro».
Politeama, ás 21,15, «A Labareda».
Trindade, ás 21.15, «Chá e torradas».
Ginasio, ás 21.15, «O A's».
Salão Foz, ás 21 «Variedades».
Olimpia, Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.
Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.
Chantecler, Animatografo e fitas faladas.

Ecos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

Partiu para a Ericeira o sr. Henrique Emilio Botelho d'Andrade, acompanhado de sua esposa e filho.

Noticias da Capital

Proezas da gatunagem. — Queixou-se Maria dos Santos, rua da Oliveirinha, 60, de que lhe furtaram diversos objectos no valor de 60 escudos.

Livros e Publicações

Os arquivos e as bibliotecas em Portugal — O erudito investigador e estudioso que é o dr. Antonio Ferrão acaba de publicar este livro, precioso auxiliar para os que se interessam por livros e manuscriptos, sobretudo por estes, pois que é um balanço, embora sumario, — o auctor o diz — da situação em que se encontram os nossos mais importantes depositos de manuscriptos e livros do Estado ou publicos. E' um relatorio dos serviços da repartição de instrucção artistica, quando as bibliotecas e arquivos do Estado estiveram a cargo d'aquela repartição.

E', como dizemos, um trabalho valioso.

Sindicalistas em acção

Tentando apunhalar um policia e ameaças de morte

Quando esta madrugada o guarda civico n.º 643, da esquadra da Mouraria, depois de terminado o seu serviço, seguia pela rua das Pretas em direção a casa, foi assaltado por um grupo de individuos que tentaram apunhalal-o, valendo-lhe o não ser morto a energica defeza que apresentou. O guarda ficou apenas ligeiramente ferido nos dedos da mão esquerda e no peito.

Sabe-se já que se trata dum *complot* dos sindicalistas que frequentam o cafe 5 de Outubro da rua Fernandes da Fonseca, café que tem sido vigiado pela policia da esquadra a que o 643 pertence. Sabe-se ainda que o chefe Ayres, da mesma esquadra, está ameaçado de morte. Esse funcionario teve hoje uma larga conferencia com o sr. capitão Albuquerque.

A policia de investigação tomou conta do caso e, ao que parece, conhece já mais ou menos os implicados no *complot*, andando-lhes na pista e tendo o sr. dr. Reis Junior dado ordem para serem presos.

O chefe Ayres bem como o guarda 643, estiveram pelas 3 horas da madrugada no Governo Civil, sendo ouvidos pelo Comissario Geral de Policia e pelo Director da Policia da Segurança do Estado.

Tribunal militar

Reuniu hoje o 1.º tribunal militar, em Santa Clara, para julgamento dos seguintes reus: soldado n.º 1525 da 10.ª companhia do regimento de infantaria 16, Manuel Nicolau Ferreira Mendes, acusado de furto e condenado na pena de 4 meses de prisão em depoito disciplinar, sendo-lhe dada por expiada a pena com o tempo de prisão sofrida; 2.º sargento Antonio de Matos n.º 816, da 11.ª companhia do regimento de infantaria 14, tambem acusado de furto, que foi absolvido, e Jaime Duarte Montes, 1.º cabo n.º 31, da 3.ª companhia do deposito de adidos da guarnição de Lisboa, acusado de deserção, condenado na pena de 4 anos de deportação militar.

Tambem devia responder, por furto, o capitão de infantaria 17 sr. Francisco José da Silva Santos Junior. Foi adiada a discussão da causa para depois das ferias.

Poeira da Arcada

Engenheiro Andrade

Regressou á metropole, por motivo de doença, o engenheiro sr. Andrade que está exercendo interinamente, ás funções de director dos caminhos de ferro de Lourenço Marques.

Interesses coloniais

Vão ser organisadas associações comerciais e industriais em varias ilhas do arquipelago de Cabo Verde.

— Foi determinado que nos boletins das provincias ultramarinas se publique a lista dos serviçais que faleceram em S. Tomé, afim dos respectivos herdeiros poderem receber os espolios.

Assuntos de instrução

Os srs. André Daniel Calvo Velasco e João da Silva Correia Junior, foram aprovados na secção de fisiologia romena, do magisterio normal primario.

— Foi autorisada a permuta de lugares entre as professoras das escolas de Lisboa sr.as D. Maria do Carmo Rodrigues Borbo, da n.º 57 e D. Irene do Ceu Viena Lisboa, da n.º 71.

Dr. Queiroz Veloso

Tendo terminado a série de conferencias que a pedido dos alunos do 2.º ano da Escola Normal Superior de Lisboa, o sr. dr. Queiroz Veloso realisou sobre os pontos mais importantes da pedagogia, em consequencia de não haver na Escola professor daquela disciplina desde o falecimento do dr. Adolfo Coelho, os estudantes como manifestação de reconhecimento, ofereceram ao sr. dr. Queiroz Veloso uma valiosa e artistica papeleira em vinhatico, com aplicações em prata, placa e dedicatoria tambem em prata, *signé* Leitão.

Malas postais

Pelo vapor *Asie* são ámanhã expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

Jardim Zoologico

Deu entrada no Jardim Zoologico o valiosissimo elefante com que o sr. Sebastião Esteves Rodrigues dotou aquele estabelecimento de utilidade publica. E' o primeiro exemplar do genero que o jardim possue.

«Ipanas», tal é o nome de trato do exotico paquiderme, tem 5 anos e é notavel pela sua extrema docili[dade].

Ultima Hora

CONGRESSO

Nos Deputados

Antes da ordem o sr. Orlando Marçal critica a forma como se pretende revogar um decreto com força de lei por meio duma simples circular ou despacho minsterial que é atentatorio dos principios de direito que no paiz sempre foram respeitados. Pelo art.º 75 do decreto com força de lei de 23 de Agosto de 1888 cumpre á guarda fiscal revistar as bagagens dos passageiros nas estações. Estes servidores do Estado teem feito otimos serviços, fazendo apreenções importantes. Pois o sr. Director das Alfandegas acha que está em paiz conquistado e quer subordinar o serviço da guarda fiscal aos empregados aduaneiros. Ora isto é extraordinario e por isso contra o caso se revolta e protesta, reclamando inergicas providencias.

Tambem requer ao sr. Presidente para que a Camara antes de fechar, regularise a angustiosa situação dos empregados administrativos e dos tesoureiros da fazenda publica que ha muitos meses teem projectos de lei pendentes da discussão e teem sido injustamente esquecidos. O orador tem estado ha meses apartado dos trabalhos parlamentares, motivo porque não tem tratado do assunto, mas conta que desta vez a Camara reconhecerá a legitimidade das suas reclamações nesse sentido, pois que se tem tratado da situação de varios funcionarios e só teem sido despresados os empregados administrativos e os tesoureiros de finanças.

Por isso requere que esses projectos entrem sem demora em discussão, bem como o parecer n.º 194 que diz respeito aos adventicios da Alfandega.

O sr. ministro da instrução promete transmitir ao seu colega das finanças as considerações do orador.

O sr. Tamagnini Barbosa envia para a mesa um projecto de lei ratificando o das indemnisações e dizendo respeito aos prejudicados pela Traulitania no districto de Bragança. Pede para ele urgencia e dispensa de regimento.

O sr. Manuel Fragoso protesta contra o decreto que restringe a iluminação publica.

O sr. Eduardo de Sousa—V. Ex.ª dá-me licença? E' que esse decreto foi feito de acordo com as prescrições do Borda d'Agua...

O orador, continuando diz que as restrições do decreto nada economisam e que só prejudicam a população da cidade e principalmente das gentes dos jornais que nem ao menos pode trabalhar e alimentar-se depois da meia noite.

O sr. ministro do comercio promete atender essas reclamações. O decreto vai ser em breves dias modificado.

O sr. João Camoesas trata da mina de Santa Suzana. E'-lhe imensamente simpatica a tal respeito a atitude do sindicato dos ferro-viarios do sul e sueste. Essa atitude só é vantajosa para o Estado. A concessão para pesquisar já foi revogada. Deseja portanto saber o que vai fazer o governo a tal respeito.

O sr. ministro do comercio diz que quanto ao seu valor intrinseco é com o sr. ministro do trabalho. Em seu entender o Estado se não lhe convier ser o unico explorador deve pelo menos ter comparticipação nos lucros. Vae estudar o assunto e procederá.

O sr. Antonio Maria da Silva entende que a entregar-se a explorações dessa mina a alguem é de justiça que o Estado o faça á empreza a quem foram autorisadas as pesquisas.

O sr. José de Almeida ocupando-se da situação da Assistencia Publica queixa-se de que o Conselho que trata dessas coisas ainda não reuniu e que a A. P. se está governando ainda pelos orçamentos eladorabos antes de 1914. Acresce que ás despesas da A. P. se lhe foram juntar sem receita alguma, as despesas da obra de «5 de Dezembro». Entende que o Parlamento não deve fechar sem ter resolvido os casos graves de dotação e de orçamento de que depende a vida da nossa Assistencia Publica.

Refere-se ainda ao internamento nos hospitais de alienados de pessoas no pleno uso das suas faculdades mentais. Isto é grave e chama para o caso a atenção do governo.

O sr. ministro do trabalho promete interessar-se na solução do assunto e trazel-o resolvido ao Parlamento na proxima sessão legislativa. Quanto aos loucos o seu internamento depende dos regulamentos internos ao abrigo das leis que embora más ha que respeital-as emquanto não forem revogadas.

Ha agora dez minutos de confusão com requerimentos e explicações. Protestos. Alguns murros nas carteiras. Provas e contra-provas.

Por fim o sr. ministro do comercio pede que entre amanhã em discussão uma proposta qualquer.

Ha novos protestos. O sr. Manuel José da Silva exclama:—Isto é unico. Não ha governo, nem Camara, nem maioria, nem presidencia. Anarquia pura.

O sr. Velhinho Correia dá explicações.

Vozes:—Estamos a perder tempo!

O sr. Sá Pereira:—Ordem! Ordem! Mais dez minutos de confusão.

Entra-se depois na almejada discussão do projecto, mas o sr. Mem Verdial zanga-se porque não lhe deram a palavra e promete fazer obstrucionismo. Para isso pede a palavra e começa fazendo obstrucionismo.

Entretanto diremos que o assunto a que se referiu o sr. ministro do comercio, foi este: Requerer que seja discutido amanhã e nos dias seguintes antes da ordem do dia e sem prejuizo desta o parecer que eleva a 30 mil contos o custo das obras do porto de Leixões e autorisa o governo a incorrer anualmente no orçamento geral do Estado a verba de 750 contos, em vez de 240, para custear essas obras. A proposito refere-se á importancia para o Norte da aprovação desse projecto do qual depende o necessario desenvolvimento do porto de Leixões e de toda a vida comercial e economica do norte do paiz. No projecto criam-se as receitas correspondentes.

A Camara depois de ouvir as considerações em contrario do sr. Manuel José da Silva, vota aprovando a proposta do sr. ministro do comercio.

E o sr. Mem Verdial continua. Não sabe nada. Não conhece nada. Não vota, não aprova nem regeita porque não sabe o que é.

Vozes:—E' um deputado encravado. Então saia da sala.

O orador continua e manda vir volumes de legislação.

Ha protestos:

—Isto não pode ser! Não se pode estar á espera que os continuos tragam as legislações.

O sr. Mem Verdial invoca o regimento. O regimento dá-lhe o direito de falar e ha-de falar.

Na frente do orador ha já uma duzia de volumes.

O sr. Plinio Silva, protesta com violencia. A camara começa a agitar-se. O sr. presidente chama o orador á ordem.

O orador exalta-se e diz que é tão honrado como os que mais o são e que costuma olhar para toda a gente de frente.

O sr. Vasco Borges bate com força na carteira e pede ordem.

E o sr. Mem Verdial continua, lendo artigos, consultando livros para um assunto já votado no Senado e que toda a Camara aprovara quasi sem discussão!

—Isto é vergonhoso para o prestigio da Camara!, exclama-se.

E no entanto o sr. Mem Verdial continua a sua lenga-lenga.

E a hora passa-se, a maioria dos deputados saem da sala, e o sr. Mem Verdial por uma simples birra de colegial consegue inutilisar os esforços de toda a Camara.

Por fim dá a hora o sr. Mem Verdial cala-se e passa-se á votação duma urgencia e dispensa do regimento requerido pelo sr. ministro da marinha para o projecto de lei n.º 500 sobre taxas de pilotagem. Aprovado o projecto e requerimento sem discussão e com dispensa da ultima redacção.

Discute-se depois um projecto do que diz respeito ao mesmo assunto quanto ás ilhas adjacentes.

O sr. Manuel Fragoso:—O projecto dos milicianos continua a dormir a somno solto!

O sr. Cunha Leal protesta tambem. O projecto dos milicianos fica para traz e no entanto hontem foi-lhe votada a urgencia.

O sr. Manuel José da Silva (Azemeis) secunda estas considerações.

O sr. Manuel Fragoso—E' que a Camara [...]

Sobre o projecto da generalidade fala largamente o sr. Manuel José de Silva (Azemeis) a quem responde o sr. Jayme de Sousa.

No Senado

Preside o sr. Correia Barreto, aprovando a acta 38 senodores.

O sr. Vera Cruz insiste pela remessa de documentos que ha mais de 5 anos anda pedindo.

O sr. Abel Hipolito envia para a mesa varios requerimentos de oficiaes reformados pedindo ajuda de custo.

Aprova-se o projecto de lei vindo da Camara dos Deputados sobre vencimentos dos oficiaes na reserva ou reformados, chamados á efectividade.

Em ordem do dia aprovam-se os seguintes projectos:

Legislando sobre a admissão aos exames de 2.º grau no actual ano economico.

Concedendo uma pensão a Idalina Rosa, viuva de João Augusto da Silva Rosa.

As gréves

Os operarios da Camara abandonam o trabalho por 24 horas

Conforme hontem dissémos tudo parecia indicar que os operarios do Municipio não declarariam a gréve, pois como referimos a comissão executiva da Camara aprovou as reclamações feitas sobre augmento de salario, estando a aprovação definitiva de uma reunião do Senado Municipal.

N'uma reunião realisada hontem á noite os operarios municipaes, resolveram em signal de protesto por não terem sido atendidas as suas reclamações votar a gréve de 24 horas, motivo porque não se fez de madrugada a limpeza da cidade nem se tendo egualmente durante o dia de hoje feito as regas.

O pessoal dos matadouros municipaes não trabalhou não podendo por isso ser abatidas 172 rezes chegadas ultimamente das Ilhas. Essa matança far-se-ha amanhã, devendo portanto haver fartura de carne.

Nos cemiterios apareceram tambem comissões de vigilancia, que conseguiram impedir que os operarios jornaleiros não trabalhassem o que não impediu que se fizessem como de costume os enterramentos.

Amanhã tudo voltará a trabalhar porque o Senado Municipal que reune hoje á noite por certo se ocupará do assunto e aprovará a proposta da comissão executiva para que aos operarios seja dada um augmento de 20 escudos mensaes.

As ruas da cidade devido á falta de limpeza e regas já começaram a apresentar um aspecto repugnante que oxalá amanhã seja modificado a bem da hygiene e de saude publica.

O pessoal burocratico da Camara não aderiu ao movimento comparecendo como de costume nas suas repartições.

Antonio Manaças

Fomos esta madrugada surpreendidos com a noticia da morte de Antonio Manaças, distinto professor primario, um dos espiritos mais lucidos e mais inteligentes com que contava a classe. Antonio Manaças foi um trabalhador incansavel. Durante muito tempo foi ele alem de todas as reivindicações em professores primarios. A ele se deve a fundação do gremio dos Professores Primarios (oficiaes), tendo sido tambem director do «Professor Primario» e mais tarde secretario geral da União dos Professores Primarios. Ocupou ainda o cargo de vogal delegado da sua classe no Conselho Superior de Instrução. Durante toda a vida trabalhou energicamente em todos os campos para o engrandecimento da instrução a ele se devem muitas indicações que modificaram o ensino. Associamo-nos a dôr que enlutou os professores primarios e apresentamos as nossas condolencias a sua esposa, sr. D. Celeste Neves Manaças, e a seu irmão o sr. dr. Afonso Manaças.

O funeral realisa-se amanhã pelas 10 horas, saindo da Rua de S. Cristovão, 8-1.º, para o cemiterio oriental.

Antonio Manaças que contava 31 anos de idade foi vitimado por um tifo que desde o congresso da classe em Coimbra o tinha levado ao leito.

A falta de carvão

A' estação de Alcantara chegaram hontem muitos vagons com carvão vegetal que os consignatarios não levantaram, sendo reclamado para que fosse repesado. Como tal se não pode fazer naquela estação, ficou combinado ou que os carvoeiros levantassem as suas encomendas ou que estas seguiriam então para os cais da Madre-Deus e Campo Pequeno, para se preceder á tal repesagem.

Marinha de guerra portugueza

BROOKLYN, 11.—Os oficiais e praças do *São Gabriel* pedem para escrever para New-York até ao dia 15 do corrente.—*(Havas)*.

S. JULIÃO, 11.—Entrou o aviso de guerra *5 de Outubro*.—*(Havas)*.

A morte do dr. Sidonio Paes

No manicomio Miguel Bombarda não se realisou hoje, conforme estava anunciado, o exame mental a José Julio da Corta, autor da morte do dr. Sidonio Paes.

Serviço telegrafico da tarde

A imigração no Brasil

RIO DE JANEIRO, 10—Chegaram 347 emigrantes turcos, que veem em busca de trabalho. A imprensa diz que o progresso da imigração no Brasil reverte em progresso da sua patria, moral e geograficamente envolvida no conflicto europeu.—*(Americana)*.

O caso dos pescadores estrangeiros

RIO DE JANEIRO, 10—A inspectoria de pesca marcou 60 dias para os pescadores estrangeiros se naturalisarem.—*(Americana)*.

Os restos mortaes dos imperadores

RIO DE JANEIRO, 10—A condessa de Eu manifestou telegraficamente o seu desejo de que os restos mortaes dos imperadores fiquem em Petropolis.—*(Americana)*.

Cotações, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 10—Cotação do café, 12$500; cambio sobre Londres, 13 5|16, 14 1|32; valor do escudo portuguez, 1$000.—*(Americana)*.

A má fé dos russos

LONDRES, 10.—A estação de telegrafia sem fios de Moscou negou-se repetidas vezes a receber a nota polaca aos soviets pretextando perturbações atmosfericas.—*(Havas)*.

LONDRES, 10.—Presume-se que os bolchevistas procuram adiar a entrevista de Minsk com os delegados da Polonia, até tomarem Varsovia.—*(Havas)*.

A delegação franceza á conferencia de Hythe

PARIS, 10.—A delegação franceza á conferencia de Hythe regressou hontem ás 22|30 negando-se a fazer qualquer declaração sobre os assuntos tratados e acordos realisados.—*(Havas)*.

Relações russo-dinamarquezas

LONDRES, 10.—Informam de Compenhague para o «Times» que a comissão dinamarqueza para o reatamento das relações comerciaes com os soviets suspendeu as negociações.—*(Havas)*.

Arcebispo de Melbourne

LONDRES, 10.—Chegou o arcebispo de Melbourne, Mr. Mannix, que partiu imediatamente com destino desconhecido.—(Havas).

Boycotage na Hungria

BUDAPEST, 9.—«O boycottage da Hungria terminou hontem á noite.—(Havas).

Os bolchevistas são carrascos

VARSOVIA, 9.—Os refugiados dizem que os bolchevistas martirisam a miudo os oficiais e os soldados polacos, que ficam prisioneiros. O avanço da cavalaria russa continua, embora lentamente, por causa do cansaço dos homens e dos cavalos.—(Havas).

Os soviets rejeitam a proposta inglesa

LONDRES, 9.—Diz-se que o governo dos soviets rejeitou a proposta inglesa para ser concedida aos polacos uma tregua de dez dias.—(Havas).

Regressando da conferencia de Hythe

HYTHE, 9.—O sr. Millerand e as entidades que o acompanhavam, regressaram já a França o sr. Lloyd George voltou para Londres, negando-se a fazer declarações sobre o resultado da entrevista com o primeiro ministro francez.—(Havas)

Gréve em Viena

VIENA, 9.—Ao meio dia foi declarada a gréve geral do pessoal dos correios, telegrafos e telefones.—(Havas).

Acordo italo-grego

PARIS, 10.—Diz o «Temps» que foi assinado um acordo entre a Grecia e a Italia sobre o Dodecaneso.—(Havas).

Ordem dos soviets para a ocupação de Varsóvia

LONDRES, 9.—Um aerograma de Moscou diz que os soviets determinaram ao seu exercito que entre em Varsovia, e que deve realizar-se brevemente.—(Havas).

O avanço russo

ZURICH, 10.—Um aerograma de Moscou diz que as tropas russas continuam avançando em toda a frente. —(Havas).

O que pensa o sr. Lloyd Georges

LONDRES, 10.—O sr. Lloyd George discursando na Camara dos Comuns disse que a questão da Polonia é uma questão gravissima pois a perda da sua independencia afecta essencialmente a paz europeia e a paz mundial. Os aliados estão decididos a apoiar a Polonia porem se esta julga poder aceitar e aceita, de facto, as condições de paz que lhe impõem os «soviets» uma vez que esta baseada na sua independencia, então os aliados não terão já que intervir. Os trabalhistas aplaudiram estas declarações.—(Havas).

Revolução anti-bolchevista

LONDRES, 10.—Rebentou uma revolução anti-bolchevista em Bakou.—(Havas).

Manobras dos delegados dos soviets

PARIS, 8.—Dizem de Londres que Kameneff quer fazer propostas em nome do governo dos soviets, referentes ao reconhecimento da vida rusa contraida durante o regimen tzarista com a França e outras potencias. Insiste para que o deixem ir a Paris refutar essa proposta, mas duvida-se da sua sinceridade, receando-se que seja uma manobra tendente a captar a simpatia dos francezes portadores de titulos russos para com os soviets.—(Havas).

Um apelo ao povo feito pelo governo polaco

VARSOVIA, 8.—O comité de defeza da capital dirigiu uma proclamação ao povo para combater até á ultima gota de sangue. Foi demitido o ministro da guerra, substituindo-o imediatamente o general Stenokowsky.—(Havas).

O tratado de paz com a Turquia

PARIS, 8.—Foi assignado ás 4 horas da tarde em Sèvres o tratado de paz com a Turquia com o ceremonial de costume presidindo o sr. Millerand.—(Havas).

Lotaria de Lisboa

Numeros mais premiados

2868 — 20.000$00
1361 — 2.000$00
5316 — 1.000$00

4906—500$00	4044—200$00
823—200$00	5747—200$00
1315—200$00	6117—200$00
2046—200$00	7246—200$00
2190—200$00	7331—200$00
3239—200$00	

João Vicente Ribeiro Junior

FALECEU

Lydia Seabra Ribeiro, João Cardoso Vicente Ribeiro, Mario Cardoso Vicente Ribeiro, Julio Seabra Vicente Ribeiro, Maria Luiza Santos Ribeiro, marido e filhos, Rita Eugenia Santos Ribeiro, marido e filhos, Manuel Vicente Ribeiro e José Vicente Ribeiro, participam a todos os seus parentes e amigos o falecimento do seu querido marido, pae, irmão, cunhado e tio e que o seu funeral se realizará ás 17 horas de 12 do corrente e sairá da sua residencia, Rua Rodrigo da Fonseca, 18, r|c, Dt.º

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.

João Vicente Ribeiro Junior, participa a todos os clientes e amigos o falecimento do Ex.mo Sr. João Vicente Ribeiro Junior.

Farmacia Barreto

Participa a todos os clientes o falecimento do Ex.mo Sr. João Vicente Ribeiro Junior, proprietario da casa.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

2603 — 11.º anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quinta-feira, 12 de Agosto de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

Só o trabalho nos póde salvar

Todos os dias a opinião publica é sobresaltada com os boatos que circulam de proximos movimentos revolucionarios, chegando até os alviçareiros a marcar a hora a que eles se devem dar. E a corroborar mais ou menos a veracidade d'essas atoardas ha o facto de as prevenções nos quarteis serem continuas, chegando a enervar tanto os oficiaes como as praças, por demasiadas.

Todas as noites prevenções, todas as noites vigilias, todas as noites para os mais timoratos sustos e sobresaltos. Basta que ouçam um ruido insolito, um tiro disparado por acaso, ou propositadamente mesmo, para que esses timoratos vejam n'isso imediatamente o signal da revolução, que lhes foi anunciada confidencialmente, com ares de grande misterio, mas que afinal é o segredo de Polichinelo, porque toda a gente o conhece.

Ora se se deixassem todos os que pensam em agitações e movimentos politico-revolucionarios de aventuras, não seria muito melhor!

O que precisamos é de trabalhar, e trabalhar a valer. Falta-nos tudo, absolutamente tudo, desde o carvão até ao azeite. Não ha no paiz o indispensavel para a alimentação publica, tendo de importar a maior parte dos generos alimenticios, mercê de causas variadissimas, que não analisaremos agora, mas em que predominam a incuria e o desleixo. Batem-nos á porta o espectro da fome e não é uma figura de retorica a que empregamos. Infelizmente, não é, mas sim a verdade.

Porque não se hão de congregar todas as energias, todos os esforços, para afugentar esse espectro, que d'um a outro momento se transformará n'uma triste realidade?

Vamos! Deixemo-nos de vãs agitações, de aventuras perigosas, e trabalhemos, trabalhemos todos para que ao paiz voltem dias de um relativo bem estar, de uma tranquilidade de que carecemos absolutamente.

Não é com revoluções, não é derramando sangue, que se consegue obter pão. E' trabalhando e trabalhando no meio da paz, do socego, produzindo-se assim obra util. Lancemo-nos, pois, ao trabalho e salvaremos assim o Paiz do abismo a cuja beira se encontra.

Aos "filantropos" amigos da sr.ª D. Maria Adelaide

Ameaças que não intimidam

Calunias que não sujam

As consciencias tórvas — as consciencias empedernidas para o sentimento e para o remorso — desenham hoje sobre as nossas cabeças ameaças iminentes porque nos calemos perante o monstruoso crime de se ter encarcerado a filha de Eduardo Coelho num hospital de doidos, no uso pleno das suas faculdades mentaes. Enganam-se, porém, redondamente. As colunas de *A Capital* continuarão abertas á defeza da infeliz senhora. Não conseguem fazer-nos recuar, nem sequer um passo, no que julgamos ser um dever de justiça e de caridade.

Enfurecidos, procuram todos os subterfugios, lançam mão de todas as calunias para se defenderem deante do tribunal da opinião publica, que tem mais peso do que todos os sabios e juizes — o que se fizeram cercar para fazer triunfar a mesquinhez da sua vingança revoltante.

Mas quanto mais falam, quanto mais se defendem — mais se afundam, mais se perdem...

Não é um caso inedito. Sucede assim a todos os criminosos que procuram fugir ás tremendas responsabilidades que lhes pertencem. Falam em escandalo, temem o escandalo e não se lembram que foram eles que o provocaram, levando até ao manicomio, até ao ambiente infernal que já descrevemos, a sr.ª D. Maria Adelaide Coelho. Falam em protecção — que tartufismo revoltante! — mas que protecção concedem á infeliz senhora? A de lhe darem de comer dentro d'um manicomio? Essa protecção é rejeitada pela sr.ª D. Maria Adelaide. Ela prefere viver de esmolas, trabalhar para ganhar dia a dia a sua atribulada existencia, a entregar-se ao sequestro do manicomio.

Não sabem as ingenuas *creanças* — se a sr.ª D. Maria Adelaide é viva ou morta e, *por isso*, não teem de lhe dar alimentos, porque não querem alimentar outras pessoas... Isto lê-se e não se acredita — tanto tem de impertinente e de satanico. Pois bem! As pessoas que teem duvidas sobre se a sr.ª D. Maria Adelaide é viva ou morta teem uma maneira facil de poder afirmar que efetivamente é viva e que realmente escreve as cartas que «A Capital» está publicando. Todos os seus autografos se encontram n'esta redacção, á disposição de quem os quizer lêr e reconhecer a sua letra. Quanto a aparecer deante da Justiça — ha de aparecer, certamente, quando a Justiça quizer fazer justiça. Entretanto, vae sendo examinada por medicos que são verdadeiras sumidades e que gritam, como a desventurada senhora, *Doida não!*

A conferencia Leote do Rego

A conferencia do sr. almirante Leote do Rego é amanhã, na séde da Associação dos Lojistas, Avenida da Liberdade, 19, 1.º, pelas 16,30 horas.

Narcoticos...

Sensações fortes

Ora louvado seja Deus! Ha gente que se arrisca á travessia dos Oceanos para fazer uma viagem á cordilheira dos Andes, ás montanhas da Suissa, ou aos sertões africanos em busca de sensações fortes e inéditas, quando afinal tudo isso se resume n'uma simples viagem em camion d'Alcantara ao Rocio, n'esta cidade eterna que em prosa de academico anda cantando o nosso optimo camarada Norberto de Araujo!

Ha lá nada mais cheio de peripecias e de sensações do que a vida de hoje gosada atravez a trepidação infernal d'um mastodonte que arranca e resfolega como se quizesse estoirar-nos todas as costelas e subverter-nos de baixo para cima e de cima para baixo todo o nosso derrancado sistema anamotico!

E' ver! Hoje por exemplo como quer que perdesse, ao meio dia, o comboio das dez, da linha de Cascais, e só ás quatorze houvesse probabilidades de passar o rapido das onze, resolvi-me a trepar, no largo do Calvario para a almofada d'um bicho.

—Delayar, 30 c., 2000 t. de carga— que d'ai a minutos se punha em marcha, estremecendo as pedras das ruas e as paredes dos predios, em direção á Baixa.

—Um bilhete para a Avenida das Cortes...

—Cinco tostões, patrãosinho...

—Então: e se fosse para o Rocio?

—Era a mesma coisa.

Uma costureirita, d'olhos pretos e seis á mostra, elucidou-me:

—Ah! nem que o senhor fosse só para a Pampulha... Eu cá gasto por dia quinze tostões só em viagens!

Calei-me. Paguei os cinco tostões e segurei-me com força ao varão de ferro da capota.

Largo de Alcantara. Sobem mais passageiros. D'outro camion, que aguardava a partida, saem para o nosso os passageiros apressados. O outro chauffeur zanga-se. O nosso camion põe-se em marcha. Na rua do Livramento duas mulheres atravessam-se-lhe na frente.

—Eh! mulheres! Eh! mulheres! Eh! raios!

As mulheres fogem espavoridas, largando os cestos das compras:

—Estupôres! Não sabem andar mais de vagar!...

—Oh! sua oiga, você não vê o camion?

Dentro ha risos, ditinhos, piadas. Uma gaivota toda satisfeita, batendo as palmas:

—Oh! Angelica? Isto é qu'é bom!

O camion avança, aos bórdos, aos zigue-zagues. Ah! por alturas do Quartel dos Marinheiros o outro, raivoso, passa por nós como um meteôro. Entramos em perfeito desafio.

—Agora é que são elas! Dá-lhe mécha, oh! coiso! Força no manipulo. Olha os gajos a rirem-se! Ah! cães!...

E o desafio toma proporções assustadoras. A calçada da Pampulha é levada de assalto. Cá em cima, já na rua de S. Francisco, o primeiro camion para e toma passageiros. O outro avança.

—Pare lá! Pare lá! Você não vê, seu bruto!

—Bruto é você!

—Larga lá oh! coiso!...

E a corrida precipita-se, nuvens de poeira envolvendo tudo, emporcalhando todos.

A' volta das Janelas Verdes o primeiro estaca de repente. A escada para os passageiros caiu-lhe á rua.

O outro avança. Uma carroça interpõe-se. Ha gritos. Vae dar-se um chóque tremendo. Milagrosamente os tres veiculos passam a tempo sem novidade. Os passageiros trambulham uns para cima dos outros. Mais risos. Mais graçolas.

— Isto é qu'é baril!

E a caravana segue. Vamos agora... devemos ir, a 400 kilometros á hora, tanta é a poeira e taes são os solavancos.

Avenida das Cortes. Mando parar. Estou satisfeito.

Nem fui aos Alpes, nem á Suissa... Mas lá sensações fortes, a cinco tostões por cabeça, dessas é que eu já não me livro! Mas não repito. Uma vez por não saber. E chega! Safa!...

P. F.

As conquistas da sciencia

A T. S. F. aerea ao alcance de toda a gente

Um inventor inglês acaba de descobrir um aparelho que permite a qualquer piloto de aeroplano ou passageiro, sem conhecimento algum da telegrafia ou do alfabeto Morse, expedir telegramas aereos.

O mecanismo compõe-se duma caixa cubica pesando uns seis kilos. Num dos lados dessa caixa estão gravados sessenta telegramas diferentes, dispostos em tres colunas, indicando: uma as cidades sobre as quaes vôa, o aeroplano, outra contendo assuntos de *aterrissage* o *panne*, e ainda outra que se refere ás condições atmosféricas e altitude.

Como no quadro telefonico, o piloto tem somente que introduzir uma ficha no orificio correspondente ao telegrama que quer expedir, pois ergue uma alavanca que está em contacto com um mecanismo parecido com o relogio. Uma serie de contactos dispostos em volta d'um tambor rotativo transformam no codigo Morse o signal de chamada do aviador bem como o telegrama. Apenas isto.

Este aparelho póde tornar-se muito pratico a bordo de aviões que façam serviço regular em determinada linha.

A questão dos electricos

Parece que finalmente se vão iniciar as *démarches* para a solução do conflicto que se debate ha dias entre a Camara Municipal, a direcção da Companhia Carris de Ferro e respectivo pessoal em greve.

O oferecimento da Associação Industrial para servir de medianeira no conflicto foi finalmente aceite pela Camara Municipal na sua reunião de hontem no Senado.

No entanto os grevistas ainda não receberam qualquer convite para a reunião das partes em litigio, a qual naturalmente se realisará ao fim da tarde de hoje.

O pessoal da Carris, como de costume voltou a reunir hoje na séde da sua Associação á Esperança pelas 15 horas, sob a presidencia do sr. Joaquim Baptista, que era secretariado pelos srs. Luciano Costa Pereira e José da Costa Nicolau.

Usou em primeiro logar da palavra Manuel Rolo que se refere á quete que hontem foi feita a favor do socio doente Porfirio Borges, o qual enviou á mesa um oficio de agradecimento.

O sr. Francisco Santos mais uma vez se refere á incompetencia dos Vereadores da Camara Municipal a quem se deve a principal senão a unica responsabilidade do conflicto e da greve. O sr. José Mendes Roque, refere-se á situação em que o pessoal está apenas devido a inepcia e incompetencia dos edis municipaes.

Termina aconselhando á classe a maior energia e firmesa, pois que assim se conseguirá a victoria que não vem longe.

O sr. Carlos Fortes abunda nas mesmas opiniões do orador antecedente atacando a Camara e os seus vereadores que nada teem feito de util para a cidade. Apenas teem tratado da barriga, principalmente os socialistas que com a sua teimosia calçaram uma bota que não sabem descalçar.

Na mesa foram lidos bilhetes postaes de varios portadores de passes que concordam em que o preço das assinaturas sejam de 140 escudos anuaes.

Conforme estava anunciado a Companhia dos Caminhos de Ferro, inaugurou hoje as carreiras de comboios «tramways», entre a Alfandega e o Poço do Bispo.

A estação de paragem na Alfandega foi fixada em frente ao primeiro elevador de carga, logo á entrada daquele estabelecimento aduaneiro.

Do Poço do Bispo para a Praça do Comercio organisaram-se 5 trens, cada um com tres carruagens de 3. classe, e da Alfandega para o Poço do Bispo, tres comboios, tendo todos paragem no Campo das Cebolas, Largo dos Caminhos de Ferro e Xabregas. As primeiras carreiras de manhã e as ultimas da tarde tiveram extraordinaria afluencia de passageiros.

Distribuição de carvão

Da estação de Alcantara-Terra começaram hoje a ser levantadas grandes quantidades de carvão, que fazem parte da remessa chegada ha dias, conforme referimos, em 30 vagons.

Estranha doutrina!

As camaras municipaes e a imprensa

A Camara Municipal do Funchal, na sua sessão de 3 do corrente mez, resolveu:

«Oficiar á imprensa para que os extractos das sessões sejam publicados na integra, e em caso contrario a Camara retirar-lhe-ha o logar que lhe é reservado oficialmente».

Isto lê-se e custa a compreender que haja uma camara municipal que tome resolução tão disparatada, para lhe não darmos outro nome.

Estranha doutrina, na realidade. Tentar obrigar a imprensa a publicar o que os srs. vereadores do Funchal quizerem!

E, se não, lá vem o castigo: retirar-lhe o logar!

Nem fazemos comentarios. Vale lá a pena!

Livre Pensamento

Na sessão que no domingo se deve realisar em Setubal, sob a presidencia do sr. dr. Magalhães Lima, usarão da palavra os srs. capitão Salvador da Costa e professor Lino da Silva.

A partida de Lisboa dos oradores e dos que os acompanham far-se-ha ás 8 horas.

Universidade Livre

No salão-teatro desta colectividade, realisa-se no proximo domingo a festa anual, promovida por uma comissão de alunos em homenagem ao corpo docente e conselho administrativo, subindo á scena o drama em 3 actos, «Sombras e coloridos» e a comedia em 1 acto «Atribulações dum estudante». Seguir-se-ha um acto de variedades, será recitada uma poesia, expressamente escrita para esta noite, intitulada «O Professorado», e será lido um monologo laudativo dedicado aos professores desta Universidade.

As salas estarão ornamentadas com bandeiras e pequenos trofeus festivos, principiando o sarau dramatico e musical ás 20,30 horas prefixas.

Gremio Socialista "Era Nova,,

Realisa-se no proximo domingo em Cazelas, Ajuda, a inauguração deste gremio, havendo sessão solene, em que usarão da palavra os srs. dr. Ramada Curto, dr. Agostinho Fortes, Augusto Dias da Silva, Alfredo Franco, Arthur Consulado e Martins Santareno. Será inaugurada a bandeira, com uma salva de 21 morteiros, e kermesse, sendo ornamentado o logar de Cazelas, tocando uma banda de musica e havendo á noite baile dedicado ás moradoras de Cazelas, Portela e Outurela.

Pelo Telegrafo

A situação da Polónia, o avanço da cavalaria russa, na espectiva d'uma grande batalha

PARIS, 11.—A manobra dos exercitos vermelhos para investirem Varsóvia ao norte e a oeste vae-se desenvolvendo. As tropas ocupam agora, nessas duas direcções, uma serie de posições em arco de circulo, cujo raio está a cerca de 70 quilometros do norte da capital.

O *Temps* escreve que a via ferrea que pela margem direita do Vistula conduz a Dantzig e a Varsóvia está cortada pela cavalaria russa que atingiu o caminho de ferro em Ciechanow, 70 quilometros ao norte de Vasórvia, e desce ao longo da via ferrea em direcção ao sul. Por isso que as negociações que os «sovietes» convocaram para Minsk não conduzem a assignatura rapida dos preliminares da paz, parece iminente que se trave uma batalha em Mious Dovec, diante de Varsóvia. A sorte desta batalha, se ela fosse favoravel aos polacos, transformaria a situação. Nas importantes declarações que fez na 3.ª feira na camara dos comuns, o sr. Lloyd George disse principalmente, segundo escreve o *Petit Parisen*, que se a conferencia de Minsk não der qualquer resultado, os aliados fornecerão á Polónia guias militares e conselhos e exercerão pressão economica contra a Russia dos soviets para a obrigarem a cessar o estrangulamento da vida da nação polaca. Essa pressão far-se-ha ou por uma acção nova ou por uma acção internacional. No final da sessão da camara dos comuns, o sr. Lloyd George declarou que acabava naquela ocasião de receber de Komeneff uma comunicação indicando-lhe as condições formuladas pelos soviets.

O *Petit Parisien*, depois de enumerar as condições já conhecidas, diz que as condições de paz proveem o estabelecimento de uma zona neutra e a cessão de terras aos parentes dos soldados polacos mortos na guerra. Ainda o *Petit Perisien* diz constar-lhe que o general Weygand não declinou a proposta que lhe foi feita pelo Conselho da Defeza Nacional de assumir o comando dos exercitos polacos, tendo imposto apenas certas condições.—(*Havas*).

As dividas do regimen czarista

PARIS, 11.—Nos meios oficiaes desmente-se a noticia de que Kameneff realise quasquer questões tendentes ao reconhecimento das dividas russas do regimen czarista.—(*Havas*).

Italianos e tchecoslovacos

ROMA, 11.— Partiu para Veneza o ministro dos estrangeiros sr. Sforza, afim de conferenciar com o chefe do governo da Tcheco Slovaquia.—(*Havas*).

O odio dos alemães aos francezes

PARIS, 11.—Em Monguncia foram maltratados uns soldados francezes por 30 alemães ebrios, tendo aqueles que recolher ao hospital. Atentados identicos estão-se dando com frequencia.—(*Havas*).

Os voluntarios de d'Anunzio dão que falar

ROMA, 11.—Afirma-se, sob reserva, que os voluntarios de d'Anunzio invadiram e saquearam o consulado da Noruega em Fiume.—(*Havas*).

De Paris a Budapesth em vôo directo

BUDAPESTH, 11.—Chegou a esta capital em vôo directo de França um aeroplano francez com dez passageiros.—(*Havas*).

O acordo militar franco-belga

PARIS, 11.—Segundo as informações que publica a imprensa belga a respeito do acordo militar franco-belga, o acordo inclui um artigo de carater claramente defensivo, que só poderá ter execução no caso de uma agressão injustificada por parte da Alemanha.

Não se tratou da questão da reorganisação das forças militares dos dois paises; é uma questão que a França e a Belgica resolverão em harmonia com os seus interesses comuns.—(*Havas*).

A travessia do dirigivel L. 72 correu sem incidentes

PARIS, 11.—A manobra do dirigivel L. 72, que, como dissemos, aterrou no hangar de Guers Pierrefeu, fez-se sem se ter dado o menor incidente.

O dirigivel foi imediatamente recolhido no seu hangar e a tripulação declarou que a travessia tinha sido excelente e que não estava nada fatigada.—(*Havas*).

Para combater a navegação portuguesa

RIO DE JANEIRO, 11.—Comunicam do Pará que a Both Line, a fim de combater a navegação portuguesa, vae aumentar os vapores da sua linha para aquele Estado.—(*Americana*).

Emigrantes sirios para o Brazil

RIO DE JANEIRO, 11.—O paquete *Highlander Piper* trouxe 168 emigrantes sirios.—(*Americana*).

Suicidio d'um portugues

RIO DE JANEIRO, 11.—Suicidou-se o portugues Fernando Maria Azevedo, que sofria de molestia incuravel.—(*Americana*).

A «tournée» do Nacional

RIO DE JANEIRO, 11.—A companhia do Nacional leva hoje á scena o *Kean*.—(*Americana*).

O novo orçamento brazileiro

RIO DE JANEIRO, 11.—O presidente da Republica receberá sexta feira as comissões de finanças e o ministro, a fim de se acordar no novo orçamento.—(*Americana*).

Confederação de pescadores brazileiros

RIO DE JANEIRO, 11.—Instalou-se a Confederação dos Pescadores, que conta 70.000 socios brazileiros.—(*Americana*).

Cotações, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 11.—Cotação do café, 12$500; cambio sobre Londres, 13 7/8, 13 15/16; valor do escudo portuguez, 1$050.—(*Americana*).

Os trabalhistas ingleses contra a Polonia

LONDRES, 11.—O conselho executivo do partido trabalhista procurou o sr. Lloyd George antes da sessão nos Comuns, anunciando-lhe que o partido não colaborará no transporte de viveres e munições destinados á Polonia.—(Havas).

Noticias animadoras

VARSOVIA, 11.—Os polacos continuam senhores da situação em toda a frente de Brest-Litowsk até á Galicia.—(Havas).

A evacuação de Varsovia

VARSOVIA, 11.—O governo deliberou evacuar a capital e oferecer o comando supremo ao general francez Weigand, que impoz condições para aceitar.—(Havas).

Tratado secreto austro-russo

NOVA-YORK, 10. — O secretario de Estado Colby, deu esta manhã conhecimento de existir um tratado secreto entre a Russia e a Austria, que foi assinado em julho.

Determinou-se um inquerito sobre a significação real do facto.

Segundo o artigo 1.º a Austria compromete-se a ficar neutra na guerra que se dê contra a Russia dos *Soviets* e a impedir a passagem pelo seu territorio de material de guerra destinado aos inimigos da Russia, principalmente a Polonia.

O artigo 2.º prevê que se reatem as relações economicas e comerciaes.

O artigo 3.º diz que sendo preciso «salvaguardar os interesses de cada um dos governos» a Russia dos *soviets* terá o seu representante em Viena e a Austria o seu em Moscou.

O artigo 4.º estipula que todos os comissarios do povo do antigo governo *sovietico* hungaro que se encontrem actualmente na Austria sejam postos em liberdade, auxiliando-os a darem ingresso na Russia dos *soviets*. Este artigo visa especialmente Bela Kun.—(*Correspondente*).

Modificações no gabinete alemão

BERLIM, 10. — Um diario de Leipzig anuncia que vae haver uma modificação na constituição do ministerio durante as férias parlamentares.

O ministerio de Reconstrução, cuja pasta ainda não tem titular, será ligado ao ministerio dos negocios estrangeiros.

As funções do vice-chanceler ficam independentes. Seriam retiradas do ministro da justiça, Hintze, passando para Kardorff, membro do partido conservador moderado.

Hintze conservar-se-ha no ministerio da justiça.

Outro jornal declara que se trata duma resolução tomada após longas deliberações, pela fracção conservadora moderada do Parlamento, e a respeito da qual o gabinete ainda se não pronunciou. — (*Correspondente*).

Declarações de repatriados da Russia

ANVERS, 10. — Chegou o paquete *Czar* que embarcou em Abo e em Reval 107 belgas, 58 inglezes e 9 russos. Os repatriados são unanimes em declarar que o regimen dos *soviets* na Russia não está tão proximo do seu fim, como se imagina.—(*Correspondente*).

A morte d'um irmão do rei de Sião

PARIS, 11.—Um irmão do rei de Sião, sua alteza real Rabi do Ragahuri Dinakridhi, ministro da agricultura, que tinha vindo a França para ser operado, acaba de falecer em Saint Cloud.—(*Havas*).

A propaganda alemã no Sarre

PARIS, 11.—O *Temps* publica indicações de todo edificantes acerca da propaganda alemã no Sarre. Do *dossier* apreendido recentemente a Hellment pela gendarmaria franceza na Alemanha ocupada, alem das notas e das cartas dirigidas a Ollment pela *Saaverin*, de Berlim, e pelo *bureau* central do *heimatdieust*, que é o serviço central da propaganda economica e politica do *Allangen*, encontraram-se-lhe os mais pequenos detalhes sobre a organisação de um comité no Sarre de propaganda alemã com a indicação dos meios de acção materiais e morais.—(*Havas*).

A politica do socialismo alemão tem de orientar-se de modo diferente do seguido até hoje

PARIS, 11.—O sr. Arthur Rosier, que tomou uma parte activa no congresso socialista de Genebra, escreve na *France Libertée*, a respeito da nova orientação dos socialistas alemães: A politica do socialismo alemão sofreu com o voto de Genebra uma nova orientação, pois ou nós nos enganamos ou então a aceitação por parte da delegação alemã da ordem do dia sobre as responsabilidades importa para essa politica obrigações imperativas de reparação e a confissão do caracter deliberadamente agressivo da guerra, o dever das necessarias reparações e o reconhecimento de que o cataclismo só se desencadiou porque as instituições democraticas faltavam na Alemanha. Tudo isto cria ao socialismo alemão a necessidade de uma rectificação a que não pode fugir sem cometer um crime. Rompimento formal com os partidos *chauvinistas* e tambem com os partidos cujas fronteiras o democratismo não ultrapassava, mas que conservava como seu aliado como um meio de superioridade sobre os outros povos: tais são os resultados que o voto do congresso se propoz atingir e que se atingiram com o desenvolvimento das polemicas que nele levantou a social democracia. Fica assim definida a sua nova posição nos ataques que lhe possa valer a sua atitude em Genebra da parte dos partidos não socialistas. Era preciso precisar por parte da social democracia a condenação do regimen e reiteral-a pelo que respeita á reputação do espirito pangermanista.—(*Havas*).

Os Estados Unidos na intenção d'assegurar a independencia placa

WASHINGTON, 11.—O governo respondendo á nota italiana sobre a questão polaca, declarou que empregará todos os meios para assegurar a independencia da Polonia sem que por isso seja partidario da conferencia europeia.—(Havas).

Concurso literario de "A Capital"

FIGUEIRA DA FOZ, 10.—Causou a mais agradavel impressão na Figueira o resultado do Concurso literario de «A Capital».

Como se sabe, para aqui vieram dois premios: primeiro de romances dois premios: o primeiro de romance e novelas, «Maria Abeirola», de Raymundo Esteves, e o terceiro das peças teatraes, «O desterrado», de Antonio Amargo.

Aos nossos amigos e distinctos laureados um abraço de felicitações.

Os dramas do mar

Um capitão afogado

O lugre dinamarquez «Zenitha», que seguia de Setubal para a Islandia com carregamento de sal, arribou ao Tejo para comunicar que no dia 8, pelas 11,45, quando a bordo se fazia uma manobra debaixo de muito vento, o comandante, capitão Ydon Martin Kloge, foi arrebatado, caindo ao mar e sendo improfiquos todos os esforços feitos para o salvar.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

O livro "Infeliz-Mente"

Leitor:

E' grande o sacrificio a que vou obrigá-lo, mas preciso que me acompanhe em todo este episódio, transformado num triste drama, para que possa bem formar o seu juizo.

Devo, porém, preveni-lo de tres cousas:

Primeiro, que, em tudo quanto vae ler, não ha fantasias, não ha cousas para armar ao efeito, não; ha unicamente a verdade em toda a sua nudez.

Segundo, que muitas partes deste meu trabalho devem tornar-se como resposta ao livro ha pouco publicado com o fim de desmentir o meu «Doida, Não»!

E' o livro «*Infeliz*» (chamar-lhe-hei assim, abreviando, porque o seu titulo é muito comprido) onde muito se *mente*:

Ao meu advogado, o sr. Dr. Bernardo Lucas, pedirei que documente e esclareça os pontos em que julgue de vantagem a sua intervenção.

Terceiro, que serei forçada a fazer figurar nas minhas palestras com o leitor várias personagens. Uma delas tem um dos principaes papeis em tudo que vou escrever.

Apresentar-la-hei e trata la-hei pelo seu nome, que de resto o leitor já conhece.

Tentarei, porém, faze-lo o menos que puder, não porque ela tenha desmerecido na minha estima e na minha gratidão, mas porque não desejo que julguem que venho vangloriar-me.

Contando factos ignorados, pretendo fazer luz onde apenas ha treves, não tenho ideias reservadas. Dito isto, ficamos entendidos e agora retrocedamos ao dia 13 de Novembro de 1918, dia em que abandonei Lisboa.

Dias antes fôra ao cemiterio dos Prazêres levar áqueles que a morte me roubara umas modestas flôres de despedida e as minhas lágrimas de saudade, misturadas com as súplicas de perdão.

Ao sair de casa, para nunca mais voltar, levava dentro d'alma uma pungente saudade por alguem que lá ficava.

Depois de uns ultimos preparativos para a viagem, dirigi-me á padaria Ingleza, onde ficara de me encontrar com minha irmã. O chá decorreu pouco animado.

Custava-me falar, com mêdo que a palavra traisse o pensamento. A despedida fi-la precipitadamente, para que minha irmã não visse as lágrimas prestes a correr; e fui mudar de fato, de chapeu, de calçado, para que não pudesse ser reconhecida ao partir.

O Manuel (eis a personagem a quem atraz aludi), vendo-me banhada em pranto, propoz-me por três vezes desistir da ida, visto ela tanto me fazer sofrer, mas eu não podia ficar.

Havia de partir, para não mais voltar.

Sósinha atravessei o Rocio cruzando com alguem conhecido que nem para mim olhou. Entrei na estação. Dirigi-me ao guichet, comprei o meu bilhete e subi a larga escadaria. Em cima muita gente, muita luz, mas ninguem fêz reparo em mim. Entrei na gare. O comboio estava formado; tomei uma carruagem de 2.ª classe com corredor lateral e sentei-me, abrindo um jornal para fingir que lia. O coração pulsava-me com fôrça, sentia um nó na garganta, o jornal tremia-me nas mãos. Sempre que alguem se aproximava da porta a procurar lugar eu dava um estremeção.

Longos minutos aquêles!

Finalmente fecham a porta, os meus companheiros de carruagem dizem o ultimo adeus aos seus amigos; eu olhei num derradeiro olhar, através dos vidros da portinhola, a longa gare do Rocio e o comboio partiu. Deixei cair o jornal; já não podia mais.

Em marcha lenta o comboio atravessou o tunel, passou Campolide e eu, imovel para não chamar sôbre mim a atenção das mais pessôas, deixei passar algumas estações ainda.

Depois mudei de carruagem e fui para aquela onde me tinham marcado lugar. Não me dei por conhecida de pessôa alguma.

Na Pampilhosa mudámos de comboio e o Manuel foi buscar-me uma chicara de chá e umas bolachas.

Emquanto, já dentro do comboio da Beira Alta, esperavamos a hora da partida, o sono venceu-me. Aconchegaram-me a manta de viagem e dormi alguns minutos. Ao acordar, vi que os meus companheiros de carruagem, excepto o que ia ao meu lado, dormiam a sono solto. Principiava a amanhecer. O fresco da madrugada fez-me bem. Pareceu-me acordar dum longo pesadelo.

O comboio partiu. Comecei a poder divisar o panorama, primeiro com custo, depois com facilidade á medida que a manhã aclarava. Nasceu o sol e os seus primeiros raios douraram os campos. Iamos avançando sempre e o dia avançava tambem. Já se via sobre os telhados das modestas choupanas um fumosinho branco denunciador das primeiras refeições do dia e nos campos iam-se vendo aqui e ali os trabalhadores, os gados... a vida emfim.

Absorta, eu contemplava aquela região, de que sempre gostára tanto, com o pensamento em alguem que ficara longe.... Chamou-me á realidade o grito—Santa Comba Dão.

Descemos. Uma manhã linda. A verdura lavada pelo orvalho da noite que deixára a repousar nalgumas folhas e a brilhar, como pirilampos pequeninos, umas gotas de agua, tinha nos seus diversos cambiantes um aspecto encantador.

Atravessámos a ponte e subimos para a vila.

Veio ao nosso encontro a senhoria da casa que tinha sido alugada para nossa residencia, que nos acompanhou até lá e nos preparou café com leite.

Nessa casa entrou a Maria Romana, levando dentro do peito a pulsar-lhe o coração de Maria Adelaide.

Mas, leitor, descancemos das emoções da viagem e depois continuaremos.

Maria Adelaide

Advertencia importante

Respondendo a reclamações recebidas

Todos os jornaes da tarde e da noite retomaram já o seu antigo pessoal tipografico, podendo, por esse motivo, sair ás suas horas habituaes. «A Capital», em virtude dos seus operarios se acharem trabalhando no jornal «A Patria» desde 1 de maio, está sendo feita por tipografos na maioria estranhos á classe. Esta explicação convem que os nossos leitores a tenham presente, afim de reclamarem dos vendedores o nosso jornal, por isso que muitos deles, com o fundamento de que «A Capital» sae mais tarde, se recusam a fazer a sua venda. Serve tambem esta explicação de resposta ás reclamações que temos recebido de muitos desses leitores.

A proposito desta advertencia, publicou o jornal *A Batalha* a seguinte nota:

A comissão pró aumento dos salarios dos quadros dos jornais de Lisboa pede-nos a publicação do seguinte:

«Tendo saido no jornal *A Capital*, de 28 do corrente, uma nota na qual a empreza do jornal *A Capital* diz que já todos os jornais retomaram o seu antigo pessoal grafico, podendo, por esse motivo, publicar-se ás horas habituais, esta comissão vem declarar que se a empreza de *A Capital* ainda não resolveu o conflito como as restantes empresas, é unica e exclusivamente devido a não ter querido solucionar o conflito gráfico.

O pessoal de *A Capital* continua em greve e aguarda, na sua Associação de Classe, a adesão da empresa de *A Capital* á organização de trabalho e salarios minimos, já em vigor em todos os restantes jornais de Lisboa.

Esta comissão julga conveniente esclarecer o publico e a classe gráfica do motivo porque a empreza de «A Capital» ainda não tem a laborar o seu antigo quadro. Este não se demitiu, como parece depreender-se da nota publicada na «Capital». Encontra-se, como acima dizemos, na sua Associação de Classe aguardando a solução do conflito».

Ora no dia 21 de maio, publicou «A Capital» o seguinte:

Tendo constado á direcção de «A Capital» que o seu antigo quadro tipografico constituido pelos srs. Miguel Martins, chefe, Manuel e Guilherme do Espirito Santo, linotipistas, Gabriel Duarte, Libanio de Brito, Antonio Pinheiro e Ribeiro Pisco, compositores, estava empregado no jornal «A Patria», que ha-de em breve iniciar a sua publicação, solicitou da direcção desse jornal lhe dissesse se eram ou não verdadeiras as informações que recebera.

A esse pedido respondeu, por parte da direcção da *Patria*, o deputado sr. Antonio Mantas com a seguinte carta:

Sr. Manuel Guimarães dig.mo director d'«A Capital».—Lisboa.—Satisfazendo os desejos de v. manifestados na sua carta de 20 do corrente, cumpre-me declarar-lhe que efectivamente estão em serviço no jornal *A Patria* os tipografos referidos na carta de v., exceptuando Antonio Pinheiro, mas é meu dever dizer a v. que ainda não está constituido o quadro tipografico e todo o pessoal que trabalha na montagem da tipografia de *A Patria* é a jornal.

Devo tambem dizer a v. que o pessoal que fôr admitido neste jornal não acumulará, com o nosso consentimento, serviços com quaisquer de outros jornais.

De v., etc. —*Antonio Mantas.*

Como esclarecimento, diremos que esta carta foi recebida antes do aparecimento de *A Patria*, a 27 de maio, e que do pessoal que estava trabalhando na montagem desse jornal faziam parte todos os antigos tipografos d'«A Capital», com excepção de um, o sr. Antonio Pinheiro, que está empregado no escritorio da casa Batista & Barbosa, da rua do Poço dos Negros. Esses tipografos ficaram fazendo parte do quadro efectivo da *Patria*.

Reformados de marinha

E' tão justa a pretensão dos reformados que se nos dirigem que nos limitamos a inserir, sem lhe fazer o minimo comentario, a carta que acabamos de receber e que é do seguinte teor:

Sr. director de *A Capital* — Como o seu muito acreditado jornal foi o primeiro a tratar da melhoria dos vencimentos dos reformados militares e como é sua norma pugnar pelas causas justas como a dos milicianos, lembramos a conveniencia, agora que já foi aprovada na camara dos deputados a lei melhorando os exiguos vencimentos dos reformados do exercito, de se não demorar a sua aplicação aos reformados da armada, que lutam com as mesmas dificuldades que os seus camaradas do exercito.

Agradecendo o que V. poder fazer em nosso favor, somos com toda a consideração e reconhecimento —*Reformados de marinha*.

Estamos convencidos de que o sr. ministro da marinha não deixará de atender aqueles de quem é o chefe supremo e que se apressará a propôr ao parlamento que a medida tomada agora para o exercito se torne extensiva á marinha.

Theatros e Cinemas

ANTE-PENULTIMAS

"PELE NOVA"

A peça de Etienne Roy que amanhã sobe á scena no Politeama é uma perfeita comedia franceza. E' comedia no sentido leve desta especie de teatro, aquele humor francez não feito de ditos, nem de situações ridiculas ou engraçadas, mas pelo sorriso que desperta ante a leve filosofia que expõe; é franceza, em tudo, nas liberdades de amor, nos amantes e nos choques dos dois sexos que a cada momento a peça nos dá. Imoral? Estamos em crer que não se tantas outras peças roçando o mesmo tema, formadas sobre o infalivel adulterio, tem sido optimos piteus para as plateias lisboetas.

Em duas palavras eis o entrecho da *Pele nova* que amanhã ides vêr.

François, homem do nosso tempo, irresistivel ás mulheres tem uma esposa que ama com o reconhecimento vivo do seu valor, da sua inteligencia, da sua formosura. O que não quer dizer que não deixe de ter as suas amantes das quaes a actual é *Mme Duroy*. No primeiro acto, assiste o espectador á despedida desta amante, uma ruptura em forma, porque... porque François, resolve separar-se, tomar pele nova, de seriedade e fidelidade. E' o que acaba de prometer e garantir ao seu amigo Jacques, todo ele musculos e *sports*, e que não encontra forma de comprehender o coração frivolo do seu amigo. E é tambem o que participa a *Luciana* amiga de sua mulher, e que a vem visitar. O acaso quer porem que Germana não esteja em casa e é François, o marido, quem a recebe... Passa aquele sôpro de sensualidade, ou não se sabe o quê... e zás... a amante ideal, o calor da conversa, a infalivel declaração subita, imediata... E quando depois Germana chega, o marido só lhe sabe dizer «moi... je t'adore»...

No 2.º acto está-se no campo. Os esposos tem hospedado consigo, a boa amiga Luciana e Marta, mulher de Jacqu s. Que novem pode vir desfazer a felicidade de todos. Germana satisfeita por vêr o marido sempre ao pé de si, mais extremoso e *seu*, François entre a mulher deliciosa e a amante deliciosissima, Jacques e Marta amando-se com a rigidez dos frios, dos ponderados, dos calmos.

E' nessa ventura que François pensa, reclinado numa cadeira, balouçando-se, quando uma suida apressada da amante e a entrada furtiva da mulher, que ele não vê, e o abraça, trazem a quebra daquela felicidade tão bem equilibrada. Palpando-lhe os braços, murmura o seu nome com umas amorosas frases que não deixam duvidas: Mas não é Luciana, é Germana. E nada mais é necessario. A boa esposa percebe tudo, quer romper, quer divorciar-se. Em seu socorro vem Marta e emquanto a esposa traida vai soluçar para dentro... o marido implora da imaculada Marta que concilie aquele casal...

E' o primeiro dialogo do amor que teem, e nos rapidos momentos, o infalivel, a tentação... levam François a perturbar-se e a perturbar Marta. Na altura em que lhe arranca um beijo nova entrada da mulher.

A traição afigura-se-lhe completa de todo, e vae vingar-se.

E' claro que a vingança não existe, a mulher é sempre fraca, e no 3.º acto feito para a reparação dá-se a reconcialiação... por horas talvez, mas suficiente para acabar a peça.

Toda a ideia do autor se concentra nessa prece do marido infiel por instinto que antecéde as ultimas frases da peça e que para não se perder o seu interressante aspecto literario e espirituoso, damos na integra:

«Seigneur, vous que je ne suis encore jamais allé solliciter, protegez-moi contre les femmes, et defendez moi de tromper la mienne. Car, permettez-moi de vous le dire respectueusement, Seigneurs, vous êtes un grand coupable C'est vous qui avez mis dans le coeur de l'homme le désir de les posseder; c'est vous qui avez créé le charme du sourire, la beauté du corps, e le danger des regards; c'est l'homme qui a imaginé la vertu, mais c'est vous qui avez inventé la volupte. Je n'ai plus qu'une volonté: celle d'etre fidéle. Mais c'est si difficile. Je suis sur que vous même, Seigneur, si vous reveniez sur la terre, vous eprouveriez des tentations en rencontrant tant de failles soufres, d'yeux tendres e de levrés amoureux... Donc, Seigneur, mettez un bandeau sur mes yeux, bouchez mes oreilles e preservez-moi des désirs qui rôdent autour de moi...»

Tal é a peça que amanhã em festa de Alves da Cunha sobe á scena, para descançar os artistas que agora tem um trabalho de esforço na Labareda.

Noticias velhas

13 de Agosto de 1811

Nasce no Rio de Janeiro, Domingos José Gonçalves de Magalhães, que traduziu a tragedia *Otelo* de Ducis, e escreveu dois originaes, tambem tragedias *Olgiati* e *Antonio José*.

13 de Agosto de 1827

Nasce o poeta Gomes de Amorim a quem o teatro deve bastantes sucessos. O poeta-operario, como foi chamado, por ter tido de aprender o oficio de chapeleiro a fim de ganhar o pão, quando regressou do Brazil cheio de desilusões e de amor pela literatura.

De teatro tem: *Ghigi*, drama; *D. Sancho II, O Corsario, A escravatura branca, A comedia da vida, Melodrama dos Melodramas* (camaleno), *o Cedro vermelho, O casamento e a mortalha, A viuva, Os herdeiros do milionario, A proibição*, etc., etc. As mais notaveis destas são *Ghigi* por não entrar nela nenhuma mulher e *Odio de raça*. Nesta peça Teodorico fazia um *mulato* repelente, com tanta verdade que todas as noites era pateado.

Certa vez assistia ao espectaculo um farmaceutico do Conde Barão. Era uma creatura muito nervosa, que numa das scenas em que Teodorico cometia uma das suas perversidades, não poude conter-se; deu um grito e atirou para a scena um molho de chaves, que se apanham a cabeça do actor, o matavam.

O farmaceutico saiu desesperado do teatro e como no molho iam as chaves da porta, passou a noite ao frio e á chuva.

No dia seguinte perguntaram-lhe porque as não fôra pedir ao palco, e ele respondeu:

—Deus me livre. «Se lá encontrasse aquele malvado preto... dava cabo dele, tal a raiva com que lhe estava».

13 de Agosto de 1869

Nasce em Vizeu, Augusta Cruz, que se estreou em 1890 no teatro Garibaldi de Padua, no *Trovador*. Percorreu todos os teatros de Italia, Austria, Russia, Mexico, Brazil, etc.

Noticias novas

Entre nós

O sr. Valeriano Machado fez publicar uma carta aberta dizendo coisas intimas das suas relações com o coautor da peça do Apolo. A proposito desta recebemos uma nova carta do sr. Augusto Gomes que por vir já publicada nos jornaes da manhã nos escusamos de inserir. No entanto, a doutrina é a louvavel e tudo mais que se diga é reclame á peça.

—A Alves da Cunha foi entregue pelo sr. Leitão de Barros um novo original portuguez.

—Activam-se os ensaios no Nacional dos «Lobos» original portuguez de que um dos autores é João Correia d'Oliveira.

—Confirma se a noticia dada pela «Capital» ha um mez de que a seguir á «Bomba Real» o Aguia d'Ouro do Porto leva a opereta portugueza «A Bela Germana» sendo a protogonista Etelvina Serra.

—Augusto Pina acha-se no Porto tratando de assuntos relativos á proxima temporada.

—No Politeama estreia-se amanhã em papel de dama galã, a jovem atriz Alice Tredy.

—Os 2 novos films da «Revista-film» são «Barba negra» com o protagonista Teodoro Santos e «O abismo do amôr» com Duarte Silva.

— No dia 15 é a estreia no Olimpia da fita «Bouclete» com protagonista Saby Dellys.

Lá por fóra

França—No «Femina» subiu á scena o «Rafles» de Dario Nicodemi.

—No «Comedie-Marigny» subirá á scena no inverno «la Traversée» de Alfred Capus.

—Mistinguett que fôra a Londres entrar num film, veiu para Paris em aeroplano, e declara que não volta a fazer este trajecto senão da mesma fórma.

—«O Chatlet» e seguir ao «Miguel Strogoff», leva á scena uma peça em 4 actos e 21 quadros de Henry Gosse «No ano 2020».

—No «Nouvel Ambigu» dará no inverno uma nova peça de Charles Meré, «Les Conquerants».

—Sacha Guitry porá em scena no inverno no «Teatro Edouard VII,» o seu novo original «Le Comédien».

America — Durante a filmagem do *The d'Hywayman* onde figura uma simulação duma queda dum avião, a queda foi real, morrendo o intrepido aviador tenente Docklear, cujos exercicios de acrobacia eram espantosos.

Estrelas do ecrain

Mary Pickford uma das rainhas do cinema, acaba de reentrar em New-York com Douglas Faisbanks. Regressaram de Paris e Londres onde *tout le monde et son père* festejam a estouvada e sentimental, sempre interessante artista.

Mary P. Mford é bem conhecida do publico lisboeta de cinemas para que lhe façamos a biografia. Todos sabem que aos 5 anos já era celebre no teatro e hoje graças ao seu talento, á sua graça e aos seus «travestis» excentricos tornou-se uma «estrela» de cine que ganha 200 contos por ano. O seu ultimo sucesso é a «Petite Americaine» um sentido protesto contra as atrocidades alemã; na vida real Mary Pickford foi tambem sempre dedicada aos aliados, tendo sido durante a guerra madrinha de 600 artilheiros.

Um fraco de Pickford: os gatos; por causa d'um maltez, quando filmava *Une fille d'Ecosse* ia morrendo afogada; não quiz largar o pequeno bichano que acidentalmente caira com ela á agua e ia sendo uma vez... Mary Pikford.

O cartaz de hoje

Nacional, ás 21.30, «A Castro».
Politeama, ás 21,15, «A Labareda».
Trindade, ás 21.15, «Chá e torrados».
Ginasio, ás 21.15, «O A's».
Salão Foz, ás 21 «Variedades».
Olimpia, Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.
Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.
Chantecler, Animatografo e fitas falados.

NOTICIAS DA CAPITAL

A cronica diaria. — Foi preso Joaquim Alves, morador na rua Heroes de Kionga, por ter furtado diversos objectos de ouro, no valor de 220 escudos, a Athaide da Silva, residente na rua Freire Manoel do Cenaculo, J. F. S.

Estão presos no governo civil, para averiguações, os conhecidos gatunos que dão pelas alcunhas de *Pecego Careca* e *Martelo*.

Prisão dum comerciante. — Os fiscaes do ministerso da agricultura, srs. Luiz Madeira Veiga, Aurelio Daniel e Raul Pinto, capturaram hoje Manoel Lopes Serra, proprietario do estabelecimento de manteigas na rua da Prata, 83, pelo facto de estar vendendo azeite por preço superior ao da tabela.

Na mesma ocasião foram apreendidas algumas sacas de arroz, que ali estavam sonegadas.

Gréve dos carroceiros

Parece que amanhã abandonarão o trabalho

O comissario geral da policia foi hoje informado de que os carroceiros estavam na disposição de se declararem amanhã em gréve.

Foram tomadas todas as providencias para evitar qualquer conflito.

ULTIMA HORA

CONGRESSO

Nos Deputados

Lida a acta, passa-se ao expediente onde figura uma carta do sr. dr. Nuno Simões dando a razão da sua não comparencia ás sessões da Camara a que só volta, declara, «pela importancia do que a incidencia da contribuição predial sobre o Douro representa», reservando-se politicamente «o direito de nivelar d'ora avante como estender a sua actividade politica».

O sr. ministro das colonias requer que entre imediatamente em discussão o projecto de lei sobre Altos Comissarios. Emendas já aprovadas no Senado. Aprovado. Discute-as o sr Ferreira da Rocha, e como não ha mais ninguem inscrito, votam-se e aprovam-se.

Em negocio urgente o sr. Paiva Gomes trata dos subsidios aos parlamentares que são funcionarios das colonias e manda para a mesa um projecto de lei resolvendo o assunto e pedindo para ele urgencia e dispensa de regimento. Aprovado.

O sr. ministro das colonias dá explicações e aceita o projecto Paiva Gomes.

Sobre o caso falam varios oradores, revogando-se depois todos os decretos promulgados ao abrigo do art.º 87 da Constituição pelo ex-ministro Utra Machado.

As galerias começam a animar-se. Nas escadarias ha o poder do mundo. São os funcionarios Publicos que veem ao Parlamento tratar dos seus interesses.

Passa-se ao projecto de lei que se refere ao Porto de Leixões e seus melhoramentos. Vota-se com o aplauso de toda a Camara.

O sr. Domingos dos Santos propõe que da Junta Autonoma faça parte um vogal da Camara Municipal do Porto.

Aprova-se. O mesmo se faz a uma outra proposta ministerial que tribute o carvão mineral embarcado ou descarregado no Porto de Leixões.

O sr. ministro das Colonias congratula-se com a homenagem que acaba de ser prestada á cidade do Porto pelo Parlamento da Republica.

Entra-se na frase agúda dos requerimentos. Tudo requer e ninguem se entende. Ha protestos. Apartes violentos.

O sr. Ladislau Batalha pergunta o que ha sobre os funcionarios da Imprensa Nacional e sobre funcionarios publicos.

O sr. presidente declara que não ha nada, e passa-se adeante.

Ouve-se:

— E' o bódo.

— Isto é uma vergonha.

— Assim não se trabalha nada.

O sr. presidente—Eu não tenho culpa. A Camara aprova hoje uma coisa e amanhã outra!

Entra em discussão o projeto de lei n.º 46. Ninguem sabe o que é mas parece que são emendas do senado.

Tambem ninguem o discute e o sr. Sá Cardoso lá vae dizendo conforme convem *está aprovado ou está regeitado*.

A Camara conversa ou discute coisas varias aos grupinhos, aqui, ali, acolá.

E votam-se seguidamente varios projectos de interesse local que cada um dos deputados vae requerendo como lhe agrada.

Só tarde entraremos nos projectos de finanças e já a hora de a elas nos não podermos referir.

Deve haver no entanto discussão acalorada e algumas surpresas á mistura

No Senado

O caso da "Doida, não!,, tratado pelo sr. Julio Ribeiro— As prisões do chauffeur e de seu irmão não podem ser mantidas

32 senadores presentes. Preside o sr. Correia Barreto.

O sr. Afonso de Lemos refere-se ás irregularidades cometidas pelo Juiz de Direito da comarca de Odemira, e da falta de assucar naquela localidade.

O sr. Fernandes de Almeida refere-se á epidemia que está grassando em Vila ena, concelho de Vila Real, pedindo providencias.

Protesta contra os acontecimentos ocorridos no Porto que são de egual quilate aos da «Traulitania».

O sr. Alvares Cabral péde que seja enviado um medico para a Ilha de St.ª Maria dos Açores.

O sr. Julio Ribeiro protesta contra o facto de estarem ha 20 mezes presos 1 «chaufeur» e seu irmão ligados á celebre comédia que anda nos jornaes com o titulo de «Doida não», e diz:

«O drama intimo passional, que jornaes e livros tornaram do dominio publico, e é conhecido pelo nome «Doida, não»! num dos seus tristes e impressionantes episodios, deixou de ser privado e exige a intervenção energica e imediata do sr. Ministro da Justiça, como chefe supremo da magistratura portuguesa.

No seu resumo é isto:

O «chaufeur protagonista do drama, acusado de ajudar a fuga da senhora internada no Conde Ferreira, e um outro homem que de bôa fé recebeu em sua casa os fugitivos, foram presos a requerimento do marido ofendido e encarcerados em dezembro de 1918—ha 20 mezes!—sem até hoje lhes ser entregue nota de culpa!

São eles Manuel Lopes Cardoso Claro e Alberto Cardoso.

Em que lei se funda a justiça do Porto para ter na cadeia ha 20 mezes dois cidadãos, sem saberem oficialmente de que são acusados?!

Desde as ordenações de 1754 até ás leis da Republica, não encontro disposição alguma que autorise tal monstruosidade juridica.

Haverá? Dizem que, sofismando uma lei qualquer que fala em pronuncias provisorias, ali querem reter anos e anos os dois desgraçados, exercendo contra eles uma vingança nada compativel com a dignidade de homens de bens.

Será assim? Não sei. Seja, porem, como fôr, se se trata dum abuso do poder judicial, o sr. ministro dará, certamente, as providencias necessarias para que cesse a infamia; se ha uma lei que comporta essa barbaridade sem nome, o sr. ministro, certamente tambem, apresentará ao Parlamento qualquer proposta que evite esta vergonha á Republica e se não possa dizer que a plutocracia neste paiz tem até poder para afirmar, com actos, que a democracia dentro de Portugal é um mentira.

Providencias, sr. ministro. Mas providencias energicas, imediatas, decididas».

O dr. Lopes Cardoso, ministro da justiça, respondeu que ia providenciar, deu razão ao senador e tentou justificar o procedimento havido.

Houve depois acalorada discussão dialogada, ouvindo-se esta expressão de Julio Ribeiro: os hospitais de alienados estão a substituir os conventos.

Julio Ribeiro mandou para a mesa um projecto de lei regulando a entrada nos manicomios.

O sr. *Bernardino Machado* refere-se ao despedimento de varios operarios das obras publicas.

A' hora de encerrarmos este extracto nada mais de importante se passa.

O Congresso reune amanhã

A Camara dos Deputados aprovou, por unanimidade, uma proposta do sr. Brito Camacho para que seja convocado o Congresso da Republica, a fim da sessão legislativa ser prorogada até ao dia 20, a fim de poderem ser discutidas e aprovadas as propostas apresentadas pelo governo.

A minoria socialista é de opinião que a prorogação vá até ao dia 31, visto isso não trazer aumento de despesa para o Estado.

O Congresso reune amanhã.

POEIRA DA ARCADA

Precauções contra a peste

O Conselho Superior de Higiene foi de parecer que se chamasse a atenção das estações de saude, para os navios que entrem nos portos portuguezes procedentes da Argentina, visto estar ali grassando a peste.

Assuntos de Instrução

Em consequencia de ter partido para a Serra da Estrela, o sr. Carlos Pimentel, director geral interino de ensino secundario, fica exercendo aquelas funções o sr. dr. Quiroz Veloso, que assim terá a seu cargo todas as direcções gerais e secretaria do geral do ministerio da instrução.

Tarifas e imposto sobre bebidas

As tarifas do caminho de ferro de Moçambique vão ser diminuidas, mas passarão a ser pagas em ouro.

Tambem o imposto sobre bebidas alcolicas nacionaes não será aumentado, como fora proposto, mas será egualmente pago em ouro.

Candidatos a deputados por Moçambique

Segundo informações particulares, os candidatos a deputados por Moçambique são os srs. Figueiredo Lima, Jaime Ribeiro, Jaime Teixeira, João Albazini, Carlos da Graça e dr. Fernandes Costa.

Tenente coronel Pereira Cabral

Este oficial, deixou o governo do districto de Moçambique, passou a exercer o cargo de administrador d'uma companhia d'aquela Provincia.

Malas postais

Pelo vapor «Almanzora» são amanhã expedidas malas postaes para a Madeira, Cabo Verde, Pernambuco, Pará, Manaus, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 12 horas a ultima tiragem da caixa geral.

Comissario dos Abastecimentos

O sr. Alvaro de Lacerda toma posse do cargo para que foi nomeado

O novo comissario dos abastecimentos, sr. Alvaro de Lacerda, tomou hoje posse do cargo para que foi nomeado.

Eram 18 horas, quando ao Ministerio da Agricultura chegou, vindo de Cintra e acompanhado do sr. ministro dos estrangeiros, o chefe do governo, que fôra áquela pitoresca vila assistir a um almoço em honra dos oficiaes do cruzador italiano *Varese*.

Muitas centenas de pessoas assistiram á posse do novo comissario dos abastecimentos, vendo-se entre a assistencia os representantes das principais casas bancarias, comerciais e industriais da praça de Lisboa, etc.

A posse foi dada pelo sr. ministro da agricultura que usou da palavra explicando a necessidade que tem em recorrer ás forças vivas do paiz, para resolver o problema dos abastecimentos. O sr. dr. Antonio Granjo fez depois o elogio do sr. Alvaro de Lacerda, pondo em destaque o seu patriotismo e afirmando que o governo confia plenamente na inteligencia e honradez do novo funcionario, ficando crente que será proficua a sua ação, porquanto ao lado do novo comissario se encontram todas as forças vivas da nação.

O chefe do governo foi bastas vezes interrompido com vivos apoiados e outras manifestações de adesão ás palavras que acabava de proferir, seguindo-se o sr. Alvaro de Lacerda, que agradeceu as saudações que lhe eram dirigidas e que julgava imerecidas. Prometeu um apoio dedicado e patriotico ao governo, contando para o bom desempenho da missão que lhe foi confiada com a leal cooperação de todos os funcionarios do Ministerio da Agricultura e com o nunca desmentido patriotismo das forças vivas do paiz.

A' hora a que fechamos estas rapidas notas a cerimonia da posse continua.

Os operarios municipaes

Devem retomar amanhã o trabalho

Pelos jornaes da manhã de hoje já os nossos leitores estão ao facto do que hontem se passou na reunião do Senado Municipal, sobre augmento de salarios aos operarios. Como haviamos previsto o referido senado aprovou uma proposta da comissão executiva afim de ser concedido o augmento de 20 escudos mensaes a cada operario.

Os reclamantes entenderam que deviam receber os 40 escudos de subsidio dado ultimamente aos restantes funcionarios e d'ahi o facto de se dividirem as opiniões, alvitrando uns que se declarasse definitivamente a greve geral da classe, sendo outros da opinião que se recebam os 20 escudos, e que mais tarde se reclamasse o restante.

Facto é que se não chegou a uma resolução definitiva, motivo porque a gréve se mantem durante o dia de hoje, não tendo sido varidas nem regadas as ruas da cidade, nem se tendo tão pouco procedido á remoção dos lixos.

No matadouro municipal não se apresentou ao serviço o pessoal das matanças, ficando por abater as 172 rezes ha dias chegadas das Ilhas. Essas rezes, ao que parece vão seguir para as pastagens, tendo já hoje saido do matadouro para os campos muitos carneiros, cabritos, etc.

Os grévistas reuniram-se ali em grupos aguardando que lhes fossem entregues as senhas referentes aos 6 dias de trabalho e pelas quaes lhes são pagas as respectivas ferias.

O pessoal burocratico apresentou-se todo ao serviço o mesmo tendo feito o pessoal superior e da inspeção.

O pessoal dos cemiterios trabalhou hoje sem excepção, tendo retomado o serviço o pessoal jornaleiro que hontem havia adherido ao movimento.

Um jornal da manhã de hoje diz que não houve enterramentos o que é menos verdadeiro, pois tal serviço foi feito como nos dias normaes.

Os grevistas reuniram hoje resolvendo pedir a libertação de varios companheiros que constituiam a comissão de vegilancia que havia sido detida proximo da Abegoaria, na Avenida dos Defensores de Chaves, quando da declaração da greve. Uma comissão procurou em seguida o governador Civil, para se desempenhar de tal missão, sendo todos os presos restituidos á liberdade.

Esse gesto agradou extraordinariamente aos grevistas que resolveram então retomar o trabalho, parecendo que já hoje á noite se fará a limpesa das ruas da cidade.

Marinheiros falsamente acusados

Em tempos *A Capital* inseriu uma noticia que fôra publicada pela «Situação», na qual se dizia que o cabo Gloria, da Armada, tinha acusado de bolchevistas algumas dezenas de camaradas seus, os quaes se apressaram a desmentir a insinuação, pedindo que se fizesse um inquerito.

O cabo Gloria, ao tempo ausente, assim que regressou a Lisboa, ha dias, apressou-se a ir áquele jornal e a vir á nossa redacção protestar ser falso o que dele se dissera e na «Situação» pediu lhe fossem dados os nomes dos que o haviam acusado. Foram-lhe hoje ali entregues as provas, duas cartas, uma do ex-agente da policia de investigação Manoel Alves d'Oliveira e outra do 1.º artilheiro Manoel Tavares Ferreira da Fonseca, que o acusam d'ele ter denunciado os seus camaradas e pretender um logar na preventiva ou nas subsistencias.

Pede-nos o cabo citado para fazermos publico ser absolutamente falso o que essas cartas conteem e para mais uma vez se ficar sabendo que era e é incapaz de denuncias, de mais a mais falsissimas.

Elmo, o Poderoso

Depois dos artistas notabilissimos que teem passado pelo «ecrain» do sumptuoso Salão Central, só um outro, se não maior, pelo menos tão ilustre, conseguiria obter os aplausos nosso publico.

Dá-se agora esse caso com o formidavel athleta e eximio actor norte-americano, Elmo Lincoln que na fita em 18 episodios, 36 partes, «Elmo, o Poderoso» apresenta um trabalho extenuante, cheio de efeitos e dificuldades.

O espectaculo desta noite é deveras sensacional, figurando nele os ultimos episodios já exibidos do afamado «Elmo, o Poderoso», realisando-se na matineé de amanhã, a estreia de mais um episodio, que vai ser um novo sucesso—«A ponte humana».

A provincia n'A CAPITAL

FIGUEIRA DA FOZ, 10.—Realisa-se no proximo domingo, 15, a primeira tourada da epoca no Coliseu Figueirense. O programa diz-nos que virão tourear os conhecidos artistas Adolfo Machado e Rufino da Costa, a cavalo, e os bandarilheiros Tomé, Custodio, Cadete, Vital, etc., com os amadores D. Carlos de Mascarenhas e Francisco de Oliveira. Dirigirá a lide o distincto aficionado sr. Carlos de Abreu. E assistirá a Filarmonica 10 de Agosto, que, segundo nos consta, ensaiou já para este espectaculo um magnifico repertorio.

—A Filarmonica 10 de Agosto comemorou o seu 40.º aniversario com os seguintes numeros: alvorada, uma salva de morteiros ao meio dia, concerto de tarde no Jardim Municipal, e baile, á noite, dedicado aos socios e familias.

Ecos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

Retirou hontem para o Porto, acompanhado de sua esposa e filho, onde foi fixar residencia, o sr. Lopo Nogueira, um dos mais conceituados republicanos da velha guarda no bairro de Alcantara e secretario da Junta Geral do Districto de Lisboa. O sr. Lopo Nogueira, que foi durante 17 anos guarda livros da casa Martins Gomes, foi agora nomeado director gerente da Fabrica de Garrafas da Amóra, filial de Campanhã. A Lopo Nogueira desejamos as maiores felicidades.

Manoel Virgilio Guimarães de Brito

Missa

Publio Virgilio Franco de Brito, sua esposa, filho, nóra e mais familia, participam aos seus parentes e pessoas das suas relações, que se realisa amanhã, 13, uma missa por alma do seu saudoso filho, irmão e cunhado, na egreja dos Anjos pelas 10 e meia da manhã.

Os Estabelecimentos Bancarios abaixo designados previnem os seus Ex.mos clientes que, nos termos da portaria publicada no Diario do Governo de 9 do corrente, estarão fechados das 12 ás 13 1|2 horas, excepto aos sabados em que continuarão a fechar ás 13 horas.

Banco Nacional Ultramarino
Banco Colonial Portuguez
Pinto & Sotto Mayor
Banco Espirito Santo
Banco Portuguez & Brazileiro
Credit Franco Portugais
Banco Industrial Portuguez
José Henriques Tota & C.ª
Nunes & Nunes Ld.ª
Fonsecas, Santos & Viana

Latino-Americana
Annuncios e comunicados em todos os jornaes nacionaes e estrangeiros
Rua Antonio Maria Cardoso, 28
Telefone:—2143-C.
BREVEMENTE — RUA DO OURO, 18

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3604 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 13 de Agosto de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

O problema da alimentação

Tomou hontem posse do seu cargo o comissario dos abastecimentos, sr. Alvaro de Lacerda. E' um logar espinhoso, esse, sobretudo num momento em que, como o actual, carecemos em absoluto de tudo. O sr. Alvaro de Lacerda foi indicado pela Associação Comercial de Lisboa, da qual era um dos directores. E como, na questão que diz respeito á alimentação publica, a Associação Comercial tem sido apoiada e tem procedido de acordo com a Associação Industrial e com a Associação Central de Agricultura, segue-se que o comissario dos abastecimentos é um representante do que se convencionou chamar as forças vivas da Nação.

Dois aspectos importantissimos tem a questão da alimentação publica: o primeiro, o mais grave, sem duvida, é o de fazer aparecer os generos preciosos, pois que, ou os não ha, ou os que existem estão a bom recato com a mira em lucros ainda mais fabulosos do que os que já teem auferido os que com a miseria publica teem explorado e continuam explorando, pouco lhes importando que a população inteira dum paiz chegue a sofrer a fome, contanto que vejam os seus cofres repletos de dinheiro.

O segundo problema a resolver é o de, aparecidos esses generos, fazel-os baratear, de modo que todas as classes os possam adquirir e não sejam alguns deles exclusivo apenas das classes abastadas.

O que importa, porém, de momento e a primeira coisa a fazer é, sem duvida possivel, o abastecer o mercado, e trazer para a luz do dia os generos que porventura estejam sonegados. Custem um pouco mais, custem um pouco menos, não se trata agora disso, nem o publico faz questão de tal. Habituou-se já a dar o que lhe pedem, mas o que quer é ao menos poder comprar aquilo de que absolutamente necessita e sem o que não pode viver. Compreende-se por acaso que alguem possa viver sem arroz, sem azeite, sem assucar, sem carvão, numa palavra sem os generos indispensaveis?

Eis, na nossa opinião, a primeira coisa a fazer. Depois de resolvido esse problema, se tratará então do outro, na medida do possivel, porque milagres já hoje se não fazem. E' claro que conseguir resolver as duas questões seria melhor, incomparavelmente melhor, seria alcançar uma victoria que daria grande prestigio, merecido renome a quem obtivesse esse «desideratum».

O sr. Alvaro de Lacerda mostra-se animado dos melhores desejos. E' trabalhador, é honesto, duas qualidades que o recomendam. Mas precisa encarar a situação bem de frente, porque de mais a mais não é só ele, não é só o seu nome que estão em fóco. E' um representante das forças vivas do Paiz. Se consegue solucionar o problema, será incontestavelmente uma victoria que essas forças alcançarão, vindo demonstrar que a sua cooperação é, mais do que util, indispensavel aos governos.

Se, pelo contrario, fracassa na sua missão, com ele fracassam essas forças vivas.

Tal é o dilema posto. Esperemos da boa vontade, da energia, dos esforços do sr. Alvaro de Lacerda que em breve tenhamos de lhe tributar elogios e felicita-lo, a ele, e ao publico, pela sua escolha para o alto cargo que está desempenhando.

Narcoticos...

A proposito

Fui hoje dar um abraço de despedida a um velho amigo de infancia e de colegio que veiu agora a Portugal matar saudades e reviver no conforto intimo da familia os tempos d'outr'ora.

Fomos companheiros de colegio e fomos depois camaradas de redacção.

O meu amigo era um jornalista de pulso, e a sua acção dentro da gazeta em que ambos espremiamos os miólos e gastavamos as energias era das mais brilhantes e das mais prestimosas.

Pois ninguem dava por isso. Ninguem se preocupava com o esforço herculeo do grilheta que, colocando-se na primeira fila dos atiradores, foi nobre, foi grande, foi, muitas vezes até, victima do seu desinteresse, da sua fé, da sua desinteressada competencia.

Um dia o ciclone passou. O peoneiro audaz foi derrubado, e ninguem, absolutamente ninguem!, correu a ampara-lo, a conforta-lo, a dar-lhe uma séde de agua ou uma codea de pão.

Emigrou. Para além dos oceanos a sua energia e o seu braço deram-lhe, na base solida do seu talento, o pão negro dos foragidos.

Trabalhou, sofreu, teve horas de desanimo, minutos de dor inenarravel, até que um dia a tortura, a «Deusa milionaria» sorriu-lhe, escancarou-lhe a burra de todas as benésses, enriquecendo-o.

Até então, os seus velhos amigos dos tempos maus da gazeta obscura esqueceram-n'o.

Mas um dia o jornalista d'outros tempos voltou á Patria, já burguez, já rico, já senhor da sua propria independencia.

E foi só então que os grandes amigos d'outr'ora, os grandes apaixonados do seu talento se lembraram dele para lhe inaugurarem o retrato na sala nobre d'uma chafarica da grei!

Tartufos!

Ah! meu cão fiel e amigo, como eu tenho por ti uma consideração sem limites!

P. F.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

O livro "Infeliz-Mente"

Vêr é facil, prevêr é dificil

Continuemos, leitor:

Ao entrar na modesta casa de Santa Comba-Dão, eu não podia ter previsto que aquele sol que a iluminava, se transformaria, mais tarde, em densa escuridão.

A minha vida ali, vou dizer-lha.

O meu primeiro cuidado foi fazer desaparecer a minha verdadeira personalidade, mudando de traje, vestindo-me á moda da região, dizendo-me do Alemtejo, provincia que eu conhecia um pouco para poder falar dela, se dela me falassem, e deixando ignorar quem era a minha familia.

Tratei de pôr em ordem a casa que era pequenina e que lhe vou descrever: no andar de baixo morava a senhoria, a sr.ª D. Maria do Céu Madeira, sua irmã e seu tio. Este andar dava entrada ao meu por uma escada aberta ao fim do corredor. Subida ela, havia como que uma especie de vestibulo. A' direita um quarto de arrecadação pertencente á senhoria; ao lado d'este, o meu quarto de «toilete».

Ao fundo o meu quarto de dormir, com uma janela de peitoril para o lado da horta e um esconso para arrumação. A' esquerda, a casa de jantar, de cuja janela, tambem de peitoril, se desfrutava um lindissimo panorama; uma dispensa e a cosinha.

Tudo posto em ordem nesse lar, que uma rajada forte, um tufão impetuoso havia de derrubar em breve, comecei a minha nova vida.

Para mais facilitar o arranjo caseiro, mandavamos nos primeiros dias vir a comida do hotel.

A irmã da senhoria era quem me ajudava na lida da casa e me fazia as compras. Afeiçoei-me a ela. Bastante tartamuda, ao começo tive dificuldade em a entender, dentro em pouco, porém, já tal não sucedia.

Os meus dias passava-os nos trabalhos domesticos e cosendo, sem que ninguem pudesse suspeitar da verdade. A' tarde lia ao meu companheiro, ou êle me lia a mim, livros dos melhores autores portuguêses que por assinatura tinhamos conseguido duma livraria em Lisboa. Assim afastava de mim dolorosos pensamentos; e as lágrimas que as saudades pelos meus me faziam chorar, apenas tinham uma testemunha, o Manuel.

Inquieta por noticias de Lisboa, êle procurou-me o *Diário de Noticias* que não achou á venda, mas alguêm lho emprestou.

Deparei com uma local em que se pedia a quem soubesse do meu paradeiro que o indicasse. Embora fria na forma, impressionou-me muito. No dia imediato vinha repetida, mas acrescentaram-lhe uma palavra mais carinhosa.

Porque me viu muito apoquentada, o Manuel propôs-me que voltasse a casa; daria qualquer desculpa, explicando a minha ausência, e tudo ficaria ignorado. Mas não fôra para voltar que eu saira dela e as razões que haviam determinado a saida, longe de desaparecerem, tornavam-se mais fortes. Não, não voltaria nunca.

Tentando distrair-me, levou-me a passear pelo campo.

O ar fresco de novembro, a quietude dos pinhais, ao longe os chocalhos do gado e o canto dum pastor, tudo isto contrastava singularmente com o que se passava em mim.

Além a paz, no meu coração a inquietude.

Ao regressarmos a casa soubemos que alguem procurara o Manuel, deixando recado para ir no dia imediato á Administração. O que podia ser? Foi, e ao chegar junto de mim disse-me que se recebera um telegrama, que, de resto, tinham mandado a todas as administrações de concelho, pedindo a identidade e, se possivel fosse, os retratos das pessoas chegadas nos ultimos dias.

Sobresaltei-me.

Mandar o meu nome e o meu retrato era proclamar a verdade, era o escandalo que eu tanto queria evitar. Não podia ser.

Resolvi então escrever ao sr. dr. Alfredo da Cunha e assim fiz. Uma carta grande, explicativa, descobrindo tudo e declarando lealmente que apenas pretendia a minha liberdade.

No dia imediato o meu companheiro tinha de ir procurar generos que nos faltavam para nosso sustento e levaria a carta. Mas de noute reconsiderei. Se aquela carta, dado o mau serviço dos correios, fosse parar, por engano, ás mãos dum inimigo que usasse dela em publico? Regista-la seria denunciar o meu paradeiro. O melhor era escrever outra, laconica, mas que no seu laconismo désse tudo a perceber.

Ver é facil, prever é dificil.

De madrugada, emquanto o meu companheiro se preparava para partir, escrevi a carta já conhecida como a *carta do lacre verde* e em que dizia apenas: «Estou viva, mas em condições que me considero morta para todos os efeitos e como tal preferivel é que me considerem tambem». Isto era o bastante para que compreendessem que não deviam procurar-me mais e que eu nada queria do casal. Considerando-me morta e desejando que assim me considerassem, não podia haver duvidas sobre as minhas intenções, pois que aos mortos apenas é precisa a paz.

O Manuel partiu levando a carta e os dias continuaram a suceder-se.

Aproveitei a sua ausencia para limpar a casa, pôr cortinas nas janelas e dar, áquela modesta morada, um certo ar de conforto que nos proporcionasse bem estar.

A' noute descia para fazer serão com a senhoria e a irmã. Quando o tio delas recolhia, como tinha vivido em França muitos anos, falavamos algumas vezes em francez; ele contava-me o que vira por lá e assim passavam as noutes até que chegou a de 24 de novembro em que o serão terminou por umas paciencias feitas com cartas de jogar pela D. Maria do Céu. Pouco antes das 10 horas subira para minha casa e deitei-me. «Como estava frio, cobri-me bem com a roupa e adormeci. Acordei a uma pancada na porta da rua». (*Doida, não!* pag. 17).

Leitor, para a proxima vez direi quem foi que bateu.

Maria Adelaide

Nos bastidores da politica

O papel da diplomacia do Vaticano

é neste momento importante na Europa e a Inglaterra trata de o aproveitar

Em correspondencia de Rome, o *Matin* dá as seguintes informações sobre o papel preponderante que a diplomacia papal tem na actual conjuntura:

Neste momento parece-nos util frisar a importancia da ação que a Inglaterra desenvolve junto do Vaticano.

A nossa aliada opuzera-se á nomeação de mgr. Barlasseira, por saber que ele conquistara a influencia franceza como patriarca de Jerusalem.

Debatida esta questão teve o contra de que o delegado apostolico do Egito foi um dominicano inglez, o reverendo Couturier.

Na Palestina, a Inglaterra fez conhecer ao Vaticano a sua intenção de não querer considerar os lugares santos senão como santuarios puramente locaes.

E' contra essa pretensão a Santa Sé, que faz prevalecer esses santuarios, nos quaes a promiscuidade dos cultos demonstra o carater internacional, como pertencentes a toda a cristandade.

Sabe-se que tendo a Inglaterra conseguido a supressão dos privilegios francezes no Oriente, o Vaticano se apressou a reconhecer que a França tinha direito a compensações.

A Italia, que devia ter voto perponderante na comissão internacional encarregada da vigilancia e em face da questão dos logares santos, comissão criada e resolvida na conferencia de San-Remo, não o tem, sendo naturalissimo que a Santa Sé o tivesse.

Ainda a proposito do Oriente, por ocasião da sua ultima passagem em Roma o patriarca maronita, que fôra alvo de variadas pressões, tratou logo de declarar que o Libano só uma cousa desejava: que a França assumisse a responsabilidade da liberdade civil e religiosa do paiz.

Esse patriarca, com o apoio da Santa Sé, apressou-se a telegrafar ao general Gouraud, dizendo que reprovava todas as excitações anti-francezas dos ultimos tempos.

A Inglaterra faz ainda esforços para conseguir que Roma esteja do seu lado na questão da Irlanda.

Realmente os conselhos de moderação não faltaram aos bispos irlandezes ultimamente chegados a Roma.

Perguntamos: convirá á Santa Sé intervir nos negocios internos duma nação?

* *

Por outro lado, como esquecer o solido apoio que os catolicos irlandezes prestam ao catolicismo.

Recentemente, a Inglaterra mostrou desejos de ver o arcebispo irlandez de Melbourne, monsenhor Mannix, mudar de opinião e se não obstinasse em desembarcar na Irlanda, apezar da proibição do governo real.

Não fôra da propria cabeça de Mannix que a Inglaterra tiraa já a mitra vermelha que pertencia ao primaz da Australia?

Na presente conjectura, é verosimil, para não dizer certo, que a secretaria do Estado romano tivesse dado ao violento bispo os conselhos que a prudencia exigia.

Não nos preocuparemos com o que Balfour disse em Roma a respeito dos negocios irlandezes. A proposta de admissão do papado á Sociedade das Nações, dimanadas do antigo ministro inglez, provou que a Inglaterra reconhecia o auxilio que Roma lhe poderia prestar.

O tratado de Versailles preveniu, como se sabe, a substituição das missões alemãs que existiam nas colonias daquele imperio. A Grã Bretanha iniciou já as necessarias negociações sobre tal assunto, como a França se verá obrigada a fazel-o por sua vez.

Falaremos tambem da recente visita ao papa, feita pelo chefe indiano Mohamed-Ali, o qual pretendia falar em nome de tresentos milhões de musulmanos. visita que prova que até na India o Vaticano tem interferencia

Seria ainda sobre a inspiração da Inglaterra que na China, onde a França se tinha oposto a todo o estabelecimento de qualquer nunciatura que a secretaria de Estado parece ter criado dificuldades á nomeação dum visitante apostolico com autoridade sobre dioceses chinezas?

O Vaticano não ignora tambem o auxilio não disfarçado que a Inglaterra protestante concede á Grecia ortodoxa.

Os gregos fomentam a inquietação de Roma, que não olvidou as declarações categoricas feitas em Paris por Venizelos a um representante do papa.

— Se Constantinopla nos faltar um dia, Santa Sofia será ortodoxa, mas nunca catolica!

O cardeal Dubois já apresentou ao Vaticano propostas tendentes a paz da parte de Athenas, mas até agora, tudo se limita a projectos...

* * *

Ao lado da Inglaterra, os imperios centraes olham para S. Pedro. Mas cremos que não nos enganaremos se dissermos que as simpatias do vaticano se inclinam para um sistema que fazia da Baviera, da Austria e dos paizes romanos um caso independente sob o ponto de vista d'uma Prussia conjugada com Saxe.

Esta solução acalmaria as apreensões que o futuro da Austria está suscitando.

Daria, alem d'isso, uma satisfação aos sentimentos dos membros da Curia, que, embora internacionais em principio, se demonstram italianos quando julgam vêr desenrolar-se a seus olhos a possibilidade d'uma confederação danubiana!

Para tocar n'um assunto palpitante, diremos ainda prodigalisados á Polonia os conselhos romanos de moderação.

De Roma nasceu a realisação d'uma liga baltica, a unica que seria capaz de proteger a um tempo a Russia e a Alemanha.

Na Iugo-Slavia a egreja mantem os croatas contra a absorpção dos servios, e em Belgrado preconisa um acôrdo com a Italia.

Se na Tcheco-Slavia a crença fortificada pelo Estado parece inquietadora, Roma ao contrario tem uma situação solida na Hungria, onde apoia o governo Hortly.

O Vaticano dispõe ainda d'um terreno favoravel na Bulgaria, onde se manifestam sentimentos de união, assim como na Roménia.

Na Italia, finalmente, onde todos os olhares incidem hoje sobre o Oriente, o Vaticano exerce uma acção decisiva temporaria, moderadora por emquanto.

Deve-se-lhe em parte a mudança de atitude do partido popular para com a França. A Italia, por sua vez, devia aproveitar a força de que a Egreja dispõe tanto nos Estados Unidos como na America do Sul.

O abastecimento de aguas á cidade de Lisboa

Um problema da maior urgencia e que o governo, ao que parece, vae tratar de resolver

Os jornais da manhã noticiam que o sr. ministro do comercio vai nomear uma comissão para estudar e propôr as medidas que devem ser imediatamente adoptadas para a resolução definitiva do abastecimento de aguas á cidade de Lisboa.

Essa comissão que, será constituida por delegados nomeados pelo governo, entre os quais se contam dois representantes da Camara Municipal de Lisboa, não está ainda formada, não tendo portanto sido publicada no *Diario do Governo* a portaria competente, por a camara municipal não ter respondido ao oficio que o ministro lhe enviou. Por sua vez, a camara devia ter ontem tratado do assunto, mas, ao que nos consta, a sua comissão executiva entendeu que devia levar o caso á ponderação do senado municipal, o qual reunirá hoje á noite. Assim se protelou um assunto que devia merecer a mais absoluta urgencia, não se compreendendo que para um caso de tal natureza, ou seja a nomeação simples e rapida de dois delegados, a camara tenha de ouvir o senado municipal.

Por tal motivo é natural que a comissão só amanhã se constitua depois disso é que serão iniciados os trabalhos, com a maior rapidez, sobre as diferentes *étapes* que lhe serão incumbidas, tais como: a restrição imediata do consumo da agua; recursos para a melhoria do pessoal da companhia e abastecimento com novas aguas.

O ponto mais grave actualmente a ponderar é a restrição do gasto da agua, eliminando-se por completo as regas á agulheta e todos os mais gastos superfluos em momentos graves.

Nesta medida, que comporta tambem o encerramento das zonas durante a noite, o abastecimento das aguas á população de Lisboa poderá estar mais ou menos garantido, evitando-se dentro do possivel e por esta forma o facto mais grave de faltar a agua para a extinção dos incendios.

O sr. ministro do comercio, que ponderou a gravidade do momento, está disposto a encarar a questão de frente e terminar de vez com o actual estado de coisas. Sendo assim, só merecerá os louvores de todos os habitantes da cidade.

Oxalá que a camara municipal egualmente se compenetre dos seus deveres.

A sr.ª ministra de Cuba em Lisboa

A «Agencia Americana» recebeu hontem da Habana um telegrama que envolve um lamentavel equivoco, como o proprio sr. ministro de Cuba em Lisboa acaba de declarar na Agencia. O facto da expulsão do Haiti, a que o despacho se refere, não póde de modo algum relacionar-se com a sr.ª ministra de Cuba e suas filhas, que se encontram presentemente em Cauterets, nos Altos Pirineus, em vilegeatura.

Temos o maior prazer em fazer esta rectificação, aproveitando o ensejo de apresentar ao ilustre diplomata, que é tambem um jornalista distinctissimo, as nossas sinceras homenagens.

A gréve dos electricos

Espera-se que o conflicto fique hoje solucionado

Espera-se que fique hoje finalmente solucionada a questão dos electricos, que tão grandes prejuizos tem acarretado ao publico e ao comercio da capital.

Finalmente iniciaram-se, ao fim de 12 dias, as *demarches* para que o conflicto termine de uma vez para sempre, tendo essas *demarches* sido efectuadas pela direção da Associação Industrial Portugueza, que se entendeu já sobre o assunto com a vereação da Camara Municipal e governo.

A' hora a que escrevemos está-se realisando na séde da Associação Industrial uma larga conferencia entre a referida direção e a comissão de melhoramentos do pessoal da Carris. Entretanto os grevistas reuniam na séde da sua associação, sob a presidencia do sr. José Augusto Martins, que era secretariado pelos srs. Luciano C. Pereira e João Mendes Marmeleiro. Em primeiro logar usou da palavra o sr. Manuel Carvalhais, que, como de costume, aconselhou a união e energia de todos, porque a victoria será ganha. Aconselhava no entanto aos grevistas para que estejam alerta, porque pode suceder que com as negociações que se iniciaram fiquem prejudicados. O orador passou a analisar a carta aberta, e que se afirma ser de autoria do sr. Ricardo Covões, a quem atacou violentamente por ter praticado uma burla, pois publicou um manifesto anonimo que é a sucessão de outras tantas irregularidades que o mesmo senhor pôs em pratica quando vereador da Camara Municipal.

O orador passou a apontar essas irregularidades, terminando por junto da imprensa lançar o seu protesto contra a atitude do autor do manifesto e levantando vivas á união do pessoal da Carris, á imprensa e operariado de todo o mundo, que foram correspondidos com enorme entusiasmo.

A sessão foi n'esta altura suspensa por 5 minutos, pois ia passando na rua o funeral de um operario da carris. A assembléa ainda aprovou uma moção para que fosse por mais cinco minutos suspensa a sessão em signal de sentimento pela morte do professor Antonio Manaças.

Foi em seguida feita uma quête a favor do grevista Carlos Fortes, a qual rendeu 11$16.

A' hora a que saimos da Associação do Pessoal da Carris, ainda não havia chegado a comissão de melhoramentos, que fôra avistar-se com a direcção da Associação Industrial.

Mausoleu ao coronel Baptista

O deputado sr. dr. José Monteiro recebeu hontem do ex-governador civil de Beja, dr. Luis Maria Cortez, a quantia de 175$00 para o mausoleu á memoria do ex-presidente do ministerio sr. Antonio Maria Baptista, sendo 125$00 producto duma subscripção aberta naquela cidade por aquele antigo chefe de distrito, e 50$00 da respectiva Camara Municipal.

Mais gréves?

O pessoal da Companhia das Aguas não abandonará o trabalho

Tem constado ultimamente e ainda hontem correu com grande insistencia o boato de que o pessoal da Companhia das Aguas ia declarar-se em gréve, por ainda não terem sido atendidas as suas reclamações sobre melhoria de situação.

As diferentes estancias da Companhia foram hoje de madrugada tomadas por numerosas forças de tropa, mas o director delegado da Companhia, dr. Carlos Pereira, que se encontrava na estancia das maquinas elevatorias, ao ter conhecimento do que se passava, imediatamente informou o chefe do estado maior da guarda republicana de que o boato se não confirmava, pois tinha a absoluta convicção de que o pessoal da Companhia estava confiante nas medidas que o governo ia adoptar e entre as quaes deveriam ser atendidas as suas justissimas reclamações. As forças retiraram imediatamente.

Os carroceiros reclamam aumento de salario

Dissemos hontem que a policia fôra informada de que os condutores de carroças estavam na disposição de declararem a gréve, caso não sejam atendidas as suas reclamações sobre melhoria de situação.

Os carroceiros ainda não ha muitos meses reclamaram aumento de salario e foram atendidos, passando hoje por ser uma das classes mais bem remuneradas. Pois reclamam agora novo aumento.

A classe reune hoje pelas 21 horas e segundo consta irão para a gréve pois supõe-se que não sejam atendidas as suas novas reclamações.

Os ferro-viarios

O pessoal de tracção da C. P. reune hoje pelas 21 horas, na séde do seu sindicato, na rua do Arco Marquez do Alegrete, afim de discutir as reclamações a apresentar á direcção da companhia. Parece que os ferro-viarios não vão para a gréve, embora, ao que nos informam, se trate na reunião de hoje qual a atitude que a classe deve tomar em face de qualquer movimento por parte dos seus colegas do Sul e Sueste, que fazem cavalo de batalha e questão nacional da exploração da mina de carvão de Santa Suzana.

Bandas da Guarda Republicana

As dos batalhões n.os 5 e 6 dão ámanhã concertos nas paradas dos seus quarteis, a primeira das 16 ás 17,30 e a segunda ás 14 horas

PARLAMENTO

Nos Deputados

Antes da ordem o sr. José Mantas ataca como escolas de crime varias exibições de *films* verdadeiramente immorais. A tal respeito envia para a meza um projecto de lei para o qual pede a maxima urgencia na sua discussão.

O sr. Plinio Silva deseja que se dedique uma hora da sessão para discutir os projectos de maior urgencia.

O sr. Alberto Vaz trata mais uma vez do problema da emigração clandestina, para o facto chamando a atenção do governo.

O sr. Viriato da Fonseca volta a referir-se á epidemia da peste bubonica na Guiné e a pedir os mais instantes cuidados, o que lhe é prometido pelo sr. ministro das colonias.

O sr. Manuel José da Silva chama a atenção do ministro da guerra para as actuais instalações de oficiaes na Escola do Guerra que constituem uma verdadeira vergonha.

E mais uma vez tambem o orador trata de assuntos de instrução no que respeita a professores agregados dos Liceus, que estão a pedir a intervenção do sr. ministro da instrução.

O sr. ministro da justiça promete transmitir aos seus colegas da guerra e da instrução as considerações expendidas.

O sr. Jacinto de Freitas envia para a meza um projecto relativo aos vencimentos dos funcionarios judiciais e protesta contra o mau funcionamento dos telegrafos, que fez com que um telegrama urgente levasse 68 horas de Lisboa a Viana do Castelo.

O sr. Tamagnini Barbosa trata dos interesses locais do circulo que o elegeu.

O sr. presidente do ministerio promete prestar ás considerações do orador todas as atenções.

O sr. Alvaro Guedes defende uma vez ainda a melhoria de situação dos tesoureiros de finanças.

Depois d'isto a camara aprova um voto de sentimento pela morte do antigo deputado sr. conego João Maria Gomes.

E entra em discussão o projecto de lei sobre oficiaes hostis ao regimen (emendas do senado) que são regeitadas após ligeira discussão, ficando portanto o projecto como fôra dos Deputados.

Em seguida o sr. presidente do ministerio manda para a mesa uma proposta pedindo auctorisação para abrir créditos especiaes destinados a acudir á crise das subsistencias. Pede para ela urgencia e dispensa de regimento.

Aprovado. Atacam com a maxima vehemencia a proposta do sr. Julio Martins e Cunha Leal. O sr. presidente do ministerio defende. Não esperava semelhante ataque por parte do sr. Julio Martins e Cunha Leal, deputados de categoria que por isso mesmo teem uma gravidade extrema. Não responde a esses ataques.

N'esta altura lê-se o oficio do Senado que convoca a reunião do Congresso. Suspende-se portanto a dos deputados até que aquela esteja funcionando.

CONGRESSO

A's 16,30 toma a presidencia o sr. Correia Barreto.

Ha na sala 110 congressistas.

O sr. presidente põe á votação a proposta de prorogação. O sr. Brito Camacho marca o dia 19 para fecho dos trabalhos parlamentares. O sr. Antonio José Pereira propõe que o dia marcado seja 27. E' aprovada a primeira ficando a segunda prejudicada.

Seguidamente entra em discussão o projecto de lei que trata dos oficiais desafectos ao regimen cuja doutrina aprovada nos deputados fôra modificada no senado e novamente mantida na primeira camara.

Sobre o assunto falam varios oradores, devendo o projecto ficar aprovado com uma ligeira alteração de redação.

Afirma-se que serão marcadas sessões para ámanhã e depois na Camara dos Deputados.

No Senado

No Senado a sessão foi pequena e não teve importancia de maior.

O sr. Abel Hipolito tratou dos comerciantes lesados pela Traulitania em Vila Real e terras limitrofes.

O sr. Fernandes de Almeida emendou a mão sobre o que dissera na vespera.

Os srs. Alvaro Cabral e Fernandes Torres trataram de questões de moralidade e o sr. Vasco Marques reclama do governo prontas providencias para que acuda ao arquipelago da Madeira, onde ha fome, pela absoluta carencia de trigo e milho. Não levantou mais cedo o seu grito de alarme, porque só agora tomou conhecimento de tão angustiosa situação, que não admite delongas. O governo está recebendo trigo exotico, sendo indispensavel que o reparta com a Madeira imediatamente. Pede ao sr. ministro da instrucção que apresente urgentemente esta reclamação ao seu colega, fazendo-lhe sentir quanto importa agir desde já.

O sr. ministro da instrução promete transmitir a reclamação hoje mesmo e fazer sentir ao seu colega da agricultura quanto ela é instante.

E como sejam quatro horas fecha-se a sessão e vae-se para o congresso.

PELO TELEGRAFO

Cotações, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 12.—Cotação do café, 12$350; cambio sobre Londres, 13 13/16, 13 7/8; valor do escudo portuguez, 1$000.—(*Americana*).

Jornalistas que defendem a sua adesão á Terceira Internacional

PARIS, 12.—Os srs. Cachin e Fressard, de regresso da Russia, resignaram as suas funções de director da «Humanité» e do secretario do partido socialista, a fim de poderem defender a titulo pessoal a adesão á Terceira Internacional por ocasião do próximo congresso socialista.—(*Havas*).

Os Estados Unidos não querem negociar com os soviets

WASHINGTON, 12.—O final da nota do govêrno americano insurge-se severamente contra o regimen dos soviets, o qual diz ser baseado na abjuração de todos os principios da honra e da boa fé. Nêste documento diz-se que não existe terreno algum de entendimento com semelhante gente.—(*Havas*).

Visita ás regiões libertadas

PARIS, 12.—Foi no comboio das 7,55 que o sr. Milerand partiu a visitar ás regiões libertadas.—(*Havas*).

PARIS, 12.—O sr. Milerand partiu acompanhado pelo ministro das regiões libertadas. Regressando ambos a Paris no dia 21.—(*Havas*).

PARIS, 12.—O sr. Millerand, que, desde a sua subida ao poder, desejava percorrer as regiões libertadas, poude, finalmente, aproveitar o periodo das férias para pôr em prática o seu desejo retardado até agora pelas suas ocupações parlamentares e diplomáticas. O presidente do conselho partiu hoje de manhã de Paris afim de visitar sucessivamente os dez departamentos devastados, sendo acompanhado na sua viagem pelo sr. Ogier, ministro das regiões libertadas, tendo chegado ás 9,30 a Noyon em cuja estação era aguardado pelo sr. Noel, senador, pelo maire e por varias notabilidades locais. Acompanhados por um numeroso cortejo, formado pela população, o sr. Milerand e comitiva dirigiram-se a pé, através das ruas orladas de ruinas, ao edificio da Municipalidade que os alemães deixaram quasi destruido quando pela segunda vez ocuparam Noyon.—(*Havas*).

O que diz o «Temps» do avanço russo

PARIS, 12.—Segundo diz o «Temps» parece que a marcha convergente dos exercitos vermelhos vindos do norte e do leste em direcção a Varsovia não tem progredido por forma apreciavel, parecendo pois que a ameaça mais séria continua a ser no norte.—(*Havas*).

A destruição das fortificações de Mayence

PARIS, 12.—Os jornais franceses dizem que em cumprimento do tratado de Versailles, começaram os trabalhos de demolição das fortificações de Mayence, os quais deverão prolongar-se por cerca dum mez.—(*Havas*).

A defesa que representa o acordo militar franco-belga

BRUXELAS, 12.—Depois do sr. Brunet, presidente da Camara e deputado socialista por Charleroi, um outro deputado socialista, Mr. Braquart, acaba de pronunciar um discurso em favor do acordo militar franco-belga, Mr. Braquart disse ser preciso que as regiões do Meuse e Entre Sambre e Meuse estejam devidamente defendidas para que não mais se sacrifique a Belgica a uma parte da França. Concluida que seja a aliança militar defensiva com a França, haverá por do rio Meuse um milhão de homens e a partir d'esse dia Liége constituirá uma segunda Verdun.—(*Havas*).

O rendimento dos impostos em França

PARIS, 12.—O resumo dos impostos arrecadados em França no passado mez de julho acusa um total geral de 1.109,011,100 francos, ou seja um acrescimo de 338,824,000 francos em relação aos calculos orçamentais e de 337.915.000 francos em relação a igual mez de 1919. A receita total dos sete primeiros meses de 1920 acusa um aumento de 1.978.498,200 francos sobre o que fôra calculado orçamentalmente e de 2.253.760.900 francos em relação a egual periodo de 1919.—(*Havas*).

Declarações de Lloyd George na Camara dos Comuns

LONDRES, 11.—Respondendo na camara dos comuns á pergunta que lhe foi feita sobre se era certo ter o sr. Millerand declarado, em nome da França, que reconhecia o governo do general Wrangel, o primeiro ministro declarou não saber nada e o mesmo sucede com o ministro dos negocios estrangeiros e com a embaixada francesa. O sr. Lloyd George acrescentou que teve conhecimento do facto pela imprensa ha meia hora e que estranhou a noticia, por quanto o sr. Millerand nada lhe dissera e na conferencia de Hythe não se tratara dessa questão. Proseguindo, o sr. Lloyd George disse supor que a noticia é inexacta, apezar da França se julgar no direito de apoiar o general Wrangel. A Inglaterra julga-se no direito de não o fazer e que só a atitude dos soviets russos poderia levá-la a alterar esta sua maneira de ver. Se o sr. Millerand tivesse o proposito de reconhecer o general Wrangel, certamente o teria comunicado ao seu aliado. Deve, portanto, haver engano no telegrama de que se trata.—(*Havas*).

Chega a Londres uma comissão das Trade-Unions russas

LONDRES, 11.—Chegou uma comissão do Conselho Central das Trade-Unions russas. Em vista da situação internacional, o sr. Lloyd George resolveu adiar para a proxima semana a sua partida para a Suissa e, pelo mesmo motivo, continuarão as sessões na Camara dos Comuns.—(*Havas*).

Um desmentido da legação da Romenia em Paris

PARIS, 12.—A legação da Romenia em Paris enviou aos jornaes a seguinte nota: «Uma informação publicada num jornal da manhã como procedendo de Bucarest diz que a Romenia, em virtude de insistentes gestões dos aliados, consentiria em deixar passar pelo seu territorio um corpo de exercito do general Wrangel com destino á Galicia. A legação da Romenia, desmentindo tal informação, aproveita o ensejo para prevenir o publico que se mantenha em guarda contra o apreciamento de falsas noticias com respeito á situação e á politica da Romenia, noticias essas que aparecem com uma insistencia regular e a que não são talvez estranhas certas especulações sobre cambios.—(Havas).

VIDA SPORTIVA

Nota do dia

O caso das regatas deste ano é o assunto palpitante.

Depois do reatamento de relações entre os dois clubs da Figueira, tudo parecia indicar—pelo menos aparentemente — que estava solucionado o assunto; as regatas efectuar-se-hiam e todos os clubs nauticos unidos, com vontade de trabalhar e de progredir, ao lado da Federação, iniciavam uma nova epoca de propaganda util para o remo.

Mas...

Ha sempre um mas em tudo e, nesto caso, foi a Associação Naval quem poz o mas. Foi a direcção desta prestimosa colectividade que entravou e continua entravando a boa marcha dos trabalhos para que as regatas já anunciadas se disputem.

Contemos o caso:

Na segunda feira passada reuniram delegados do C. N. L. A. N. L. e da Federação; varios assuntos se trataram e voltou-se a falar sobre os barcos de oito. Nesta altura damos a palavra aos *Os Sports*, que diz:

«Voltou á falar-se sobre a celebre questão dos barcos de oito e o nosso amavel informador, irritado pela forma como a Associação Naval de Lisboa está a encaminhar tudo isto, acrescenta.

— A Associação, cujo passado é cheio de trabalho em prol do sport nautico, como todos sabem, está trilhando um caminho errado, prejudicando seriamente não só a acção da Federação como a boa paz que é necessario existir neste momento, tanto mais que se acaba de alcançar uma vitoria, com o reatamento das relações entre os dois clubs da Figueira.

—Trata-se duma resolução da Associação que não póde nem deve existir. Não cede nem vende um barco de oito ao C. N. L. e dai como facil será depreender que o C. N. L. estacionará, não podendo concorrer á «Taça Correia da Silva» e até á «Taça da Vitoria».

Comentarios? Para quê? O publico que os faça ou então a Associação que se explique.

A. de Campos Junior

A «equipe» portugueza de esgrima triunfa em Ostende

Sabe-se já que a equipe portugueza de esgrima que tomou parte n'um torneio internacional em Ostende obteve um triunfo que nos deve regozijar na prova por equipes. Portugal classificou-se em 2.º logar; na prova individual Jorge de Paiva obteve o 2.º logar.

A abertura do Stadium vae fazer-se no domingo

Já foram afixados os cartazes das corridas que no domingo se efetuam no Stadium do Lumiar, inaugurando nesse dia a epocha deste ano.

A inscrição fechou na segunda feira, e reuniu muitos corredores que vão tornar as provas interessantes. Em ciclistas amadores inscreveram-se João Ferreira, Eduardo Mendonça, João Porfirio, João Santos Borges, Carlos Luiz Branco e Piedade, sendo este ultimo condicionalmente.

Em motocicletas inscreveram-se os amadores Raul José Manuel, Julio Martins, A Berlyter e N. N.

A prova de ciclismo para profissionaes vae, despertar interesse devendo ser das mais renhidas, pois Pimoullier, tem de se haver com Antonio Cristiano e Joaquim Raposo.

Para fechar teremos o grande «match» entre Arido de Albuquerque e Florencio Fuentes, que ao que parece farão uma corrida de 20 voltas entre mãos.

FOOT-BALL

Taça Mutilados da Guerra

Reunem amanhã na redação de «Os Sports», rua do Norte, 5, 1.º, os delegados dos clubs de foot-ball, Imperio, Bemfica, Sporting e Victoria e um delegado da Associação, afim de se acordar na realisação do torneio da «Taça Mutilados da Guerra», cuja organisação este ano foi pela direção de *A Capital* confiada aquele bi-semanario.

Ao que parece esta disputar-se-ha nos fins de setembro.

Sport Club Recreativo da Pena

Este novo club vai realisar nos dias 15, 22 e 29 deste mez, como já noticiámos varias festas e provas de sport com o seguinte programa:

Dia 15.—A's 12 e 16 horas.—Desafios de foot ball com o Grupo Foot-Ball Nacional em 4.as e 3.as categorias respetivamente, no campo da Junqueira.

Dia 22.—A's 10 horas.—Corrida velocipedica com o percurso de 30 kilometros com o seguinte itinerario:

Partida—Calçada de Santana a Loures e volta.

Dia 29.—A's 6 horas da manhã.—Alvorada por um terno de corneteiros.

A's 16 horas.—Sessão solene nas salas cedidas gentilmente pelo Centro Republicano Social da Pena, fazendo uso da palavra uma individualidade em destaque que versará sobre o meio sportivo, procedendo-se á distribuição dos premios aos vencedores da corrida, havendo em seguida baile.

Noticiario

De Portugal

Continua no domingo a ser disputado na Carreira de Pedrouços o campeonato da Sociedade de Tiro n.º 1, que deve terminar no dia 22.

Nos dias 5, 12 e 19 de Setembro o Gymnasio Club faz disputar tambem na Carreira de Pedrouços uma prova instituindo a Taça Gymnasio Club.

— O concurso hipico d'este ano parece que se disputará nos primeiros dias de Outubro.

—Em vista de que se realisa no domingo no Porto a prova de natação Taça Leixões não se realisam provas em Lisboa.

—Hoje pelas 21 horas realisa-se na rua do Alecrim, 69-2.º uma reunião de antigos socios do Sporting Club de Portugal. Trata-se de elevar a côta d'este club para 5 escudos.

Do estrangeiro

Os franceses teem grandes esperanças no triunfo de Guillemot, nos 5.000 metros pedestres, Ichard, na Maratona, e Geo André, nos 400 metros barreiras, nas provas dos Jogos Olimpicos.

—Nas primeiras provas dos concursos de «tennis» disputados em Ostende, Belgica, os japonezes Kashio e Kumagay e Suzana Leuglen alcançaram brilhantes vitorias.

—A nadadora americana Ethelda Bleibtrey bateu o record mundial feminino das 100 jardas no tempo maravilhoso de 1'5'' 1|5.

—O campeão francez de box Charles Ledoux bateu em Montreal, Estados Unidos, Johnny Fisk, por K-o ao 5.º «round».

A disputa d'um match de foot-ball no Brazil

RIO DE JANEIRO, 12. — Toda a imprensa aplaude a resolução do Botafogo Foot-Ball Club ter convidado o campeão portuguez a vir disputar um *match* na ocasião da visita dos reis da Belgica.—(*Americana*)

N. da R.—Em Portugal, como se sabe, não se disputa o campeonato de Portugal de foot-ball, atingindo portanto o convite os dois clus Sport Lisboa e Bemfica, campeão de Lisboa, e Foot-Ball Club do Porto, campeão da capital do norte.

Theatros e Cinemas

Festas artisticas

No Politeama realisa-se hoje a festa artistica de Alves da Cunha, 1.ª figura da companhia que sob o seu nome explora o teatro.

Não fazemos o seu medalhão, por dois motivos; o primeiro porque o retrato não está cá; foi ao que parece organisar a companhia de inverno para o Ginasio; e em 2.º logar porque teriamos de refletir as palavras justas e de admiração por Alves da Cunha, que muitas vezes já aqui temos inserido; ora repetir é sempre fastidioso principalmente para quem lê.

Hoje já Alves da Cunha, tem o seu logar nos eleitos das plateias, e talvez não olhe os jornalistas e os criticos com aquele olhar de simpatia de quando ainda estava nas meias tintas da sua carreira. No entanto, pode crêr, da parte de todos existe pelo actor a justa consagração ao seu valor e os nossos aplausos para que o estudo, a dedicação ao seu metier, o progresso ainda na sua arte o tornem ainda mais perfeito e completo do que hoje felizmente para todos, já é.

No espectaculo que organisou para a sua festa não faltam os requisitos para uma noite memoravel. Longo espectaculo, uma peça nova, 3 tipos diferentes por Alves da Cunha; cooperação de Virginia e uma casa toda passada. Escusado é tambem dizer que na 1.ª fila nos encontrará, aplaudindo-o e felicitando-o.

Noticias novas

Entre nós

No Nacional estão-se realisando, sob a direção de Ignacio Peixoto, os ensaios da peça regional «Os Lobos», original de Francisco Lage e Correia d'Oliveira.

—Está no Porto o escritor Barbosa Junior.

—Passa no domingo o aniversario natalicio da ilustre actriz Adelina Abranches.

—A companhia Alves da Cunha, deve talvez ir dar uma serie de espectaculos á Figueira da Foz.

—Parece posta de parte a ideia de Nascimento ir fazer uma peça dramatica ao Politeama. Este artista parte brevemente para Espanha.

—Estreou-se na «Bomba Real» a atriz Zulmira Miranda.

—Faz hoje anos o actor João Lopes.

—Nos meios teatraes fala-se em que na proxima epoca será posta em scena no «Nacional» uma peça do falecido Maximiliano d'Azevedo.

—Machado Correio, escritor teatral, parte brevemente para o Brasil

—Vae entrar em ensaios no Politeama, uma adaptação de Mario Duarte «As duas causas».

Lá por fóra

França.—No «Teatre des Arts» sobe á scena «La maison du Bon Oren» de Edmond Fleg. Em seguida por em scena «Bonheur!...» obra dum novo, Charles Oulmont. A 3.ª peça por-se em scena será «La comedi du genie» em 8 quadros de Françoi de Curel.

—No «Apolo» no proximo inverno será montada uma magica de gran de espectaculo de Garse e Darla «La Ceniture de Venus».

—Do romance de Pierre Beno «l'Atlantida» está sendo extrahid uma peça para o inverno. O adapt dor não é... o dr João de Barros.

Espanha.—No Teatro «El Paraiso» estreou-se com agrado «la ultima revista» original de José Romeu music do Barrero y Puislant.

—Esperanza Iris prorogou o se contracto ficando na »Zarzuela» novembro a janeiro.

No «Latina» estreia-se em breve companhia dramatica.

O cartaz de hoje

Nacional, ás 21,30, «A Castro».
Politeama, ás 21,15, «Pele nova».
Trindade, ás 21,15, «Chá e torradas».
Ginasio, ás 21,15, «O A's».
Apolo, ás 21,15, «Risos e Flôres».
Salão Foz, ás 21, «Variedades».
Olimpia, Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.
Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.
Chantecler, Animatografo e fitas faladas.

NOTICIAS DA CAPITAL

A roubalheira diaria.—Queixaram-se Maria do Carmo Tainha, Costa do Castelo, 134, de que Maria do Espirito Santo, pateo da Costa do Castelo, 8, lhe furtou varios objetos no valor de 178 escudos, e Antonio Rocha, calçada de Arroios, 51, de que seu filho Antonio Rocha se ausentou de casa, subtraindo-lhe dinheiro e roupas no valor de 90 escudos.

Mauricio Guilherme Castilho da Costa, rua da Prata, 198, 3.º, foi preso por ter entrado no estabelecimento de cabedaes pertencente a Armando da Luz Teodosio, rua da Prata, 185, por meio de chave falsa, furtando pelica e sandalias, em valor ainda desconhecido.

Com o craneo fracturado.—Deu entrada na enfermaria n.º 4 do Hospital de S. José, um pequeno de 9 anos de idade, semi-nu e descalço que na praça dos Restauradores se agarrou ao automovel S. 4198, caindo e fracturando o craneo pela base.

ULTIMA HORA

Ordem publica

Os boatos de alteração da ordem publica têm fervilhado nas ultimas noites e ainda a noite passada varias atoardas correram com intensidade, o que levou a policia a estar de prevenção rigorosissima até ás 7 horas da manhã de hoje, permanecendo nos seus postos o governador civil, comissario geral da policia, todos os oficiaes, e demais pessoal superior das varias policias, incluindo os chefes e agentes em serviço na investigação.

A tranquilidade em todo o paiz é absoluta.

Poeira da Arcada

Venda de chalets em Lourenço Marques

Vão ser vendidos em leilão 9 «chalets», cuja construção foi iniciada pelo governo na cidade de Lourenço Marques. Esta resolução foi tomada em vista da excessiva carestia da mão de obra e dos materiaes que se torna necessario adquirir para a sua conclusão.

Promoções na marinha

Foram promovidos, a primeiro tenente do quadro dos auxiliares da marinha, o sr. Agostinho Carlos de Almeida e a segundos tenentes, os srs. João Marques da Silva, Joaquim Rocha, Julio Simplicio Teles de Sousa, José Pereira da Silva e Antonio de Oliveira Carvalho, e a guarda-marinha da administração naval, o sr. Victor Condessa.

Aceitação de legado

A Confraria do Santissimo da freguezia da Ribeira, concelho de Ponte de Lima, foi autorisada a aceitar o legado que lhe deixou José Bento Gonçalves, constituido por um terreno denominado Pedregal, naquela freguezia, ou 400$ em dinheiro.

Multa por não apresentar carta de saude

O Conselho Superior de Higiene foi de parecer que se mantivesse a multa imposta ao capitão do vapor norueguez «Pan», por não ter apresentado carta de saude do pôrto de Rouen, no acto da visita em Lisboa e por não poder ser considerada regular e valida a que posteriormente apresentou.

O feriado d'ámanhã

Conforme foi votado pelo Parlamento, ámanhã é dia de feriado nacional, em consequencia de passar o 535.º aniversario da victoria de Aljubarrota.

Sanidade interna

Segundo o boletim de sanidade interna, na semana finda em 7 do corrente, manifestaram-se em Lisboa 10 casos de difteria e 1 de febre tifoide.

Serviço telegrafico da tarde

O armisticio polaco-russo

VARSOVIA, 11.—Os plenipotenciarios polacos ao armisticio partiram hoje para Minsk.—(*Havas*).

O aumento da producção de carvão na Alemanha

PARIS, 12.—O jornal «L'Eclair» publicaum artigo salientando que a produção do carvão aumentou sensivelmente na Alemanha. E assim que, principalmente na Prussia, a extracção de carvão atingiu 50 milhões 743 mil 864 toneladas no primeiro semestre de 1920, ao passo que em igual periodo de 1919 não fora alem de 51.303.260 toneladas. Pelo que respeita a lenhite, coque e aglomerados mantem-se a mesma proporção que para a hulha. No entanto em 1919 a Prussia dispunha ainda da bacia mineira do Sarre. A Alemanha tem, portanto, a ampla possibilidade de cumprir os compromissos que contraiu e executar o acôrdo do Spa. «L'Eclair» conclui dizendo que isso depende apenas da boa fé e da boa vontade da Alemanha.—(Havas).

Tres assassinios e um suicidio

HUESCA, 12.—Orós Bajo, pequena aldeia proximo de Jaca, foi teatro dum crime que causou a maior sensação, e espanto.

Antonio Arés matou seu irmão José, a mulher d'este e uma sobrinha de tres anos.

Pegando numa espingarda foi ao campo procurar o irmão e com um tiro matou-o á queima-roupa.

Carregou de novo a arma e disparou sobre a cunhada que acudira, dando-lhe morte instantanea.

A criança, que estava brincando recebeu uma bala na cabeça.

Em seguida o criminoso foi á aldeia de Ol van procurar um outro seu irmão, que se livrou duma morte certa por não o querer acompanhar.

Antonio Arés voltou para o campo e suicidou-se ahi metendo uma bala num dos olhos.—(Correspondente).

O novo emprestimo francez de 6 0|0, numerosos pedidos, vantagens concedidas

PARIS, 12.—O ministro das finanças está empregando todos os esforços no sentido de se organizar rapidamente o trabalho de preparação do emprestimo de 6 0/0 de 1920. Conhecem-se já algumas das resoluções tomadas a tal respeito. Será criado um Comissariado do Emprestimo, o governo solicitará dos representantes categorizados da agricultura, do comercio e da industria e, bem assim, aos Bancos que garantam ao empréstimo o seu concurso sem restricções. A Imprensa nacional já recebeu ordem para fazer o possivel para que os subscritores recebam, no proprio acto da subscrição, titulos negociaveis já selados e numerados para não terem que suportar os transtornos resultantes do emprego dos recibos provisorios. Alem disso segundo relata a imprensa franceza, o sr. François Marsal tem recebido numerosos pedidos de capitalistas e pequenos proprietarios que desejam beneficiar, o mais cedo possivel, das vantagens do novo emprestimo, pelo que se procederia a arbitragens no mercado. Muito embora não se pense em abrir desde já a subscrição e provavel que o ministro seja levado a encarar a eventualidade dese receber, antes da data oficial uma parte das entradas que a economia nacional reserva para este emprestimo. Essas entradas beneficiariam, desde já, de vantagens sensivelmente iguais áquelas a que teem direito no acto da subscrição definitiva.—(Havas).

Venizelos alvo dum atentado

PARIS, 12—Na ocasião em que o sr Venizelos tomava o comboio para Nice, dois individuos dispararam-lhe tres tiros de revolver. Segundo o exame a que se procedeu, o sr. Venizelos ficou levemente ferido. Os agressores foram presos.—(*Havas*).

PARIS, 12.—O atentado contra o sr. Venizelos quando se preparava para tomar o comboio para Nice deu-se da seguinte forma: O sr. Venizelos estava acompanhado do ministro da Grécia, quando na sala de espera soaram oito tiros, caindo ferido o chefe do governo grego. Conduzido á enfermaria, verificou-se que tinha uma ferida no hombro e outra nas costas. Os agressores fugiram, perseguindo-os o publico, que os queria linchar, ameaçando-os os policias com revolveres. Pouco depois foram presos, declarando chamar-se, um Enam Kiriolis, tenente de engenharia do exercito grego, de 23 anos de edade e domiciliado em Paris; outro de apelido Thorrafos, tenente da marinha grega, correspondente do jornal da Bolsa de Athenas. Confessaram a premeditação do atentado, inspirados no proposito de libertar a Grecia do seu opressor e restituir a liberdade ao seu pais.—(*Havas*).

Uma carta do sr. Lloyd George a Kameneff

LONDRES, 13.—O sr. Lloyd George escreveu a Kameneff lamentando a demora que os russos tem posto na reunião de Minsk, destinada a combinar o armisticio e a paz com a Polonia, ao mesmo tempo que as suas tropas continuam a invadir a Polonia. Acrescenta o chefe do governo inglez que tal procedimento desperta legitimas suspeitas.—(*Havas*).

Uma nova conferencia a respeito da Polonia

LONDRES, 12.—O *Evening Standard* diz esta tarde que o sr. Lloyd Georges, Lord Cruzon e o sr. Millerand devem reunir-se em Boulogne-sur-mer no domingo, 15.

O encarregado de negocios da França notificou esta manhã ao governo britanico o reconhecimento do governo de Wrangel pela França o telegrama que lhe ordenara essa notificação chegou muito atrazado, em consequencia d'um erro de transmissão.—(*Havas*).

As vitimas do bolchevismo

A Nobreza russa no exilio

A nobreza russa, fugindo aos horrores da revolução, abandonou o seu paiz natal; dedicando-se ao trabalho, instalou-se em França e ali se encontram o conde Ignatieff, o principe Lyszezynki, o principe Boris, a princeza Mestcherski, o coronel Skonzatoff, o principe Dadeshkiliany, o principe Goudacheff, os coroneis Doroshewsky, Paz-Pomarnazky, o general Nicolajeff, o duque de Leuchtenberg e outros ainda cujos nomes não nos ocorrem.

E' curiosa a vida de cada uma destas personagens.

Por exemplo:

A mãe de Ignatieff vive em Garches, não longe da Saint-Cloud, com seu filho, numa quinta que arrendaram, e, senhora de trinta formosas vacas, fornece leite para Paris.

O principe Lyszezynki está empregado num Banco; o principe Boris e sua esposa dedicam-se á pintura, concorrendo ás grandes exposições de quadros; o conde Ignatieff cultiva uma grande horta que tem em Saint-Germain. O coronel Skonzatoff, que comandou um regimento de cavalaria, é um excelente agronomo e maneja a enxada na perfeição, orgulhando-se das suas couves e alfaces; o principe Dadeshkiliany é um grande lavrador que rivalisa com o antecedente na sua tarefa dos campos; o principe Goudacheff tem uma bela herdade no centro da França, depois de ter sido embaixador da Russia em Hespanha.

Doroshewsky, notavel engenheiro, tem, com alguns companheiros seus, uma oficina de reparação de autos e de fabricação dos mesmos. O coronel Paz-Pomarnazky tem uma garage e repara automoveis. O general Nicolajeff é *chauffeur* d'um *camion* que faz carreiras para Paris.

O duque de Leuchtenberg tem uma grande colonia agricola perto de Tours.

Consideram o seu exilio um felicidade relativa na esperança de regressarem ao seu paiz, mas completamente alheiados da politica.

Farinha impropria para consumo

Uma multa de 20:000 escudos

Em 19 de julho, os ficais do ministerio da agricultura srs. Luiz Manuel de Sousa Pereira Guerra e Sebastião da Costa apreenderam nos armazens da Mercantil Importadora e Exportadora, no cais de Santarem, 623 sacas com farinha que a analise deu como impropria para o consumo.

Os fiscais apreensores dirigiram-se ao estabelecimento de Armando Mota, na rua da Rosa, 59, onde aprehenderam 27 sacas; á pastelaria Marques, no Chiado, onde encontraram 15 sacas, e á confeitaria de Baltazar Castanheira, na rua da Betesga, onde aprehenderam 18 sacas, todas da mesma farinha, tendo os proprietarios d'esses estabelecimentos declarado que as haviam comprado áquela companhia.

Como representante d'ela respondeu hoje no governo civil o sr. Hermenegildo Pereira, que tinha como defensor o sr. dr. Abel d'Andrade, o qual não conseguiu rebater a acusação.

Por esse motivo, foi o réu condenado pelo juiz sr. dr. Paiva Lereno, na multa de 20:000 escudos.

Na sentença que lavrou, o sr. dr. Paiva Lereno mandou exarar o seguinte:

«Tendo-se provado que o fornecimento ilegal, feito pelo réu, o foi em virtude d'um despacho do então ministro da agricultura sr. dr. João Luiz Ricardo, comunique-se este facto a quem direito para os efeitos do § 2.º do artigo 1.º da lei n.º 22, de 30 de dezembro de 1919».

1.ª vara comercial de Lisboa

Por este Juizo, cartorio do escrivão do 2.º oficio, e nos autos de acção especial nos termos do Decreto de 29 de Maio de 1907, em que é autor o Agente do Ministerio Publico, como representante do Estado, e ré Carolina A. M. da Silva, correm editos de 30 dias contados da 2.ª e ultima publicação legal do presente anuncio citando João Martins Junior, residente, que foi, no Funchal, e hoje ausente em parte incerta, na qualidade de um dos legaes representantes da ré, Carolina A. M. da Silva, para no prazo de dez dias, que começará a contar-se depois de findo o dos editos, impugnar o pedido pelo autor na mesma acção, ou seja o pagamento de 267 pesetas, ou o seu equivalente em moeda portugueza no cambio do dia do pagamento, proveniente de despezas efectuadas pela auctoridade consular portugueza como representante do Estado e que tiveram por fim o agasalho, sustento, condução e repatriação de tripulantes da escuna «Sr.ª da Conceição» de que é proprietaria e armadora a dita ré, a qual foi afundada junto ás costas da Galiza, por acção de submarinos inimigos; alem dos juros legaes,—sob pena de ser imediatamente condemnado no pedido, sendo sempre afinal condemnado nesse; seguindo-se os demais termos do aludido Decreto de 29 de Maio de 1907.

Lisboa, 26 de Julho de 1920.

O Escrivão do 2.º Oficio,

Arnaldo Rebello da Costa Franco e Abreu

Verifiquei: O Juiz Presidente,

Nunes da Silva

LIVROS E PUBLICAÇÕES

A B C—Com a regularidade que o distingue saiu hoje o numero 6 desta bela revista, que dia a dia mais se impõe quer pela oportunidade dos assuntos, quer pelas boas ilustrações que apresenta.

Boletim do Banco de Seguros.—Saiu o numero 4 d'esta publicação, de que é director o sr. Cordeiro Ramos.

Latino-Americana
Anuncios e comunicados
em todos os jornaes nacionaes e estrangeiros
Rua Antonio Maria Cardoso, 28
Telefone:—2143-C.
BREVEMENTE — RUA DO OURO, 18

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3605 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabado, 14 de Agosto de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

POLITICA

Continua o camaroeiro içado — Mar de fundo... — As propostas do sr. ministro das finanças — O contra-projecto Cunha Leal — As votações da Camara — A vida periclitante do ministerio Granjo — Tempestades que se avizinham — Um ministro que deve estar proximo a realisar as suas aspirações...

A barafunda exgotante dos ultimos dias parlamentares tem sido de tal maneira absorvente desde as birras oratorias do sr. Mem Verdial até ao «dize tu direi eu» do «peço a palavra sobre o modo de votar» que a secção politica, pletórica de assuntos, tem ficado apenas nos bons desejos do a escrever.

Mas emfim, mais vale tarde do que nunca, e o leitor não levará a mal que hoje, sabado, se ponha a casa em ordem, fazendo uma especie de racolta politica do que mais importante ha ali digno de menção.

Diziamos nós na nossa ultima nota que estava o camaroeiro içado o mais uma vez os factos vieram confirmar as nossas informações. Efectivamente ha fortes indicios de temporal nas costas e o mar, se não está completamente agitado por temporal desfeito, mostra comtudo sinaes precursores de borrasca. Ha ja mesmo vagas silenciosas, aquilo a que os marinheiros experimentados chamam na sua linguagem tipica *mar de fundo*, que não sendo dos p ores não deixa de ser dos mais enjoativos...

As propostas de finanças apresentadas pelo sr. Inocencio Camacho prometem uma discussão pelo menos agitada, se não tumultuosa. A da contribuição predial rustica está mesmo já na berra e sobre elas foi lançado o contra-projecto do sr. Cunha Leal que as comissões, apreciando-o, deram como inferior ao do ministro. Deram-n'o assim oficialmente. Mas dá-se o facto extranho de toda a gente, mesmo os mais afectos á politica do governo, confessarem que, se o sr. Inocencio Camacho não fosse o ministro, o contra-projecto Cunha Leal era melhor, sob todos os pontos de vista.

Talvez por isso um deputado com quem hontem trocámos impressões no fim da tarde nos dizia, entre triste e enjoado:

—Ora aqui está o que é politica! Fala-se em que é preciso mudar de processos, em que é necessario e urgente entrarmos em vida nova, e afinal de contas recorre-se sempre aos velhos processos da vida velha. Haja vista a questão das propostas de finanças. Ha umas do ministro. Ha outras dum parlamentar. Que havia a fazer? Apenas isto—vêr qual das duas era melhor, qual delas era de mais vantagem para o Paiz e aproval-a. O ministro? Mas o ministro não tinha mais do que confessar que acima da sua vaidade pessoal estava o bem da Republica e aceitar de bom grado a resolução da Camara. Que o governo se colocava em cheque—dizem! Mas então qual é preferivel? Conservar uma asneira para ser agradavel a um homem, ou votar uma proposta inteligente para servir o paiz? Que uma crise ministerial é um perigo neste momento grave da vida nacional... d'acordo. Mas ninguem manda embora o governo! O que era preciso era conjugarem-se patrioticamente os esforços de toda a Camara, não para sustentar amigos, não para aguentar correligionarios, massómente para engrandecer e fortificar a Republica, com medidas sadias e justas. Ora não é aprovando medidas deficientes, quando ha outras melhores, que a Republica se prestigia, servindo-se melhor o paiz por velhos processos de politica de campanario.

Aqui está o que sobre tão momentoso assunto diz a voz autorisada dum dos parlamentares mais ponderados e trabalhadores.

Depois deste bico d'obra outro surgiu. Foi a proposta do governo hontem apresentada com urgencia e dispensa de regimento concebida nos seguintes termos:

Artigo 1.º E' o governo autorizado a abrir no ministerio das finanças, a favor do da agricultura, por simples decreto publicado no *Diario do Governo*, os creditos que forem indispensaveis para acudir á crise economica, os quaes reforçarão a respectiva dotação do projecto de orçamento para o actual ano economico do segundo dos referidos ministerios.

§ unico. Esta autorização é extensiva aos produtos já contratados, mas ainda não pagos pelo ministerio da agricultura.

Apenas iniciada a discussão, ficou-se desde logo sabendo que tal qual está, vaga e impressiva, a não votam os «populares», nem os democraticos, nem tam pouco os socialistas, que essa declaração nos fez particularmente o «leader» desse grupo da Camara. Quem a vota, portanto? Liberaes e reconstituintes? Certamente. Mas isso não lhe dá maioria, e de duas uma: ou o sr. dr. Antonio Granjo se retira, ou a torna numericamente clara. Tal como está não passa, e se o governo mantiver a sua intransigencia nesse ponto, necessariamente o governo cáe e vae-se embora, a não ser que deseje passar por cima das manifestações dos votos da Camara.

Mas não nos iludamos. Atraz d'estes aguaceiros ha outro ainda que é o incidente Lopes Cardoso, ainda não liquidado na Camara dos Deputados, que fará a proposta, a «forceps» arrancada ao Senado, um enterro de primeira classe, no pôço sem fundo das commissões.

Como vêem, a vida do governo não deslisa evidentemente num mar de rosas, nem os escolhos apresentados são de tão pequena monta que não tenham que ser levados em linha de conta, n'uma analise maduramente pensada, ás energias vitaes do ministerio Granjo.

Quere isto dizer que o governo esteja em terra? Não. Significa apenas que a vida do governo se encontra n'um periodo agudo de crise, como aquelles doentes atacados de doença incuravel e que quando menos se espera deixam arrefecer o seu da bôca, sem mesmo o assistente dar por isso.

Depois ha sintomas que não falham na certeza dos diagnosticos. Parlamentares ha que ha muito não vindo á Camara, por terem retirado para a provincia, ou por estarem de licença, já hontem estiveram em S. Bento. E não são dos menos dignos de registo os srs. Nuno Simões, que á Camara voltou para atacar as propostas de finanças, no que respeita á região do Douro, e os srs. Abilio Marçal e Alfredo de Souza, que pertencem á esquerda democratica.

Emfim, o que fôr ha-de soar e já não falta muito para que o choque violento entre os parlamentares se não dê. D'esse choque advirá a queda do gabinete Granjo? Tudo leva a crêr que sim, tanto mais que, afirma-se, o proprio governo que está farto de remar contra a maré, havendo ministros, como o sr. Velhinho Correia que afirma alto e bom som que o dia mais feliz da sua vida de homem publico é aquele em que deixar de ser ministro.

Ou nós nos enganamos muito ou esse dia de felicidade para o actual ministro do comercio não anda longe...

Narcoticos...

Nun'Alvares

A sombra heroica de Nun'Alvares projecta-se sobre toda a Historia de Portugal, envolvendo-a na grandeza maxima do seu vulto gigantesco e unico!

Nun'Alvares foi grande porque teve fé, e ter fé é ainda hoje o esforço conjugado de todas as energias indispensaveis para se conseguir uma obra. Fizeram-n'o santo, mas não deixou por isso de ser o estoira-vergas dos campos de Valverde, a alma ardente dos embates titanicos de Aljubarrota! Herói e santo, Nun'Alvares chega para todos. A sua figura impõe-se até mesmo nos seus prejuizos e nas suas taras que a hereditariedade fundamente lhe vincou.

Simplesmente os que falam agora em Nun'Alvares fazem-no como quem atira um desafio de brigão ás faces duma multidão desvairada. Ora Nun'Alvares, privilegiado do heroismo, figura maxima das reivindicações dum povo, organismo centuplicado pela Fé, nervos retesados no amor sagrado da Patria, foi heroe primeiro, foi santo depois. Aproveitêmos a Historia. Sejamos como ele grandes no amor da Patria, que nem por isso nos é vedado ser, como ele foi, egualmente grandes no fôro intimo das consciencias. Nun'Alvares combateu e resou. E se já então havia que juntar a acção do gladio em marcha ao cicius dos labios em prece, não nos parece que hoje, em todos os campos da espiritualidade humana, o seja menos.

Não nos fixemos só num ponto. Analisemos a figura em conjunto, porque foi juntando as duas forças maximas da Raça—o patriotismo e a fé—que Nun'Alvares conseguiu a suave pacificação dum claustro, á sombra frondosa da independencia duma Patria: Patria que ele cimentou—na constancia das obras e nas energias da fé.

P. F.

UM PEDIDO JUSTO

Ao sr. ministro das colonias

Ha meses já que deu entrada no Ministerio das Colonias o pedido de reintegração de um 2.º ex-oficial da Curadoria Geral dos Serviçais e Colonos da Provincia de S. Tomé e Principe.

Vem esse pedido devidamente informado pelo governador da respectiva provincia, sabendo nós que a informação junta é de molde a ser atendido o pretendente.

Pois, até hoje, como justo seria, essa reintegração ainda se não fez e nem sequer o Conselho Colonial foi ouvido.

Chamamos por isso a atenção do sr. ministro, certos de que seremos ouvidos e de que justiça será feita a quem na realidade a tem, como o funcionario de que se trata, e que se vê preterido assim no seu futuro.

O que é o Zeppelin "Z-72"

que foi agora entregue á França

Ampliando a noticia telegrafica da travessia feita sobre Paris, pelo aeronavo que a Alemanha entregou á França, damos os seguintes informes:

O Zeppelin «Z-72», que em junho foi dado á França, para execução das clausulas aeronauticas do tratado de Versailles, abandonou na madrugada do dia 10 Mauberge, deixando o seu logar vago para outro troféu do mesmo genero.

Destinado á vigilancia do Mediterraneo, dirigiu-se para o seu hangar em Cuers-Pierrefeu (Var).

Já no dia 9 se sabia, pela tarde, que o monstro alemão, em tudo identico áquele que, em 1916, fez duas dezenas de vitimas, voaria sobre Paris pelas novas horas da manhã.

Com uma exactidão admiravel, apareceu, efectivamente, no momento fixado, num céo claro explorado por milhares de olhos.

Escoltado por tres leves biplanos, vogando a pequena altura, a uma altitude relativamente baixa, com pouco andamento, o dirigivel em cuja ré iam pintadas as côres francesas, atravessou a cidade de leste a oeste, e, magestosamente, afastou-se na direção do sul.

A equipagem era composta pelos oficiais de marinha: Plessis de Grenedan, piloto; Tanzi, Castera, Lapied, Diparcy e Loisel e alguns maquinistas da armada.

O «Z-72» é um zeppelin tipo marinha, cuja carcassa mede 226 metros de comprimento e 26 e meio de diametro na parte mais larga.

E' de 68.500 metros cubicos e a sua força ascencional de 80 toneladas. Leva seis barquinhas, duas no eixo longitudinal, uma á prôa e outra á ré; as quatro outras barquinhas estão colocadas par a par no plano médio longitudinal. Cada barquinha possue um motor de 300 cavalos, movimentando cada qual uma helice propulsora. A potencia motora total é de 1.800 cavalos que podem imprimir ao dirigivel uma velocidade de 120 a 130 kilometros á hora, em caso de força maior.

Em caso normal não deve ir além de 95 kilometros. O dirigivel é provido dum posto transmissor e receptor de radio-telegramas.

Na parte interior do balão, ao longo da quilha, ha um espaço, um vacuo, que forma um corredor—*passerelle* onde se acham dispostos os reservatorios da essencia, de 400 litros cada, e os saccos cheios de agua (water-ballasts) que servem para lastro. Em comunicação com esse corredor, encontram-se dois vastos salões de repouso para os quais teem acesso todas as barquinhas.

O sequestro dum arcebispo

A proposito da noticia dada pela *Capital* do sequestro de mgr. Mannix, acrescentaremos hoje os seguintes pormenores:

O paquete *Baltico* entrou na tarde de 9 no porto de Liverpool. Os passageiros declararam que mgr. Mannix fôra obrigado pelas autoridades a embarcar de manhã, ás 9 horas, em um navio de guerra que o esperava no mar alto para o levar a Penzance, porto situado no extremo sueste da Inglaterra.

Acrescentava-se terem sido tomadas todas as providencias para evitar que o arcebispo fosse a Londres, Manchester e Glasgow.

Assim que o contra-torpedeiro *Wyvern* fundeou em Mounts-Bay, na tarde de 9, viu-se um barco a gazolina afastar-se dele.

Acompanhado, então, pelo seu secretario e dois agentes da Segurança, o arcebispo Mannix pisou o solo inglez.

Imediatamente o arcebispo irlandez se dirigiu em automovel para casa do conego Wade, com quem tomou chá, seguindo, após uns momentos de repouso, para a «gare», onde tomou o comboio para Londres.

Antes de entrar na carruagem declarou que de fórma alguma censurava a maneira por que haviam sido executadas as ordens britanicas, acrescentando:

—Nenhuma missão me traz a Inglaterra e era meu desejo ir para o meu paiz e não vir para aqui. O meu desembarque na Inglaterra é absolutamente involuntario. E' curioso perguntarem-me porque queria ir á Irlanda. A Irlanda é o meu paiz natal. Onde havia eu de ir? Ha sete anos que ali não vou e é muito natural que tenha desejos de o fazer, depois de ter permanecido esses anos na Australia.

Conta-se que quando o arcebispo abandonou o *Baltico* para ser levado para bordo do *Wyvern*, se produziram manifestações no convez daquele navio, pró e contra o prelado.

A Alemanha e o bolchevismo

Diz um jornal alemão:

«Não pode haver entendimento algum entre as democracias ocidentaes e a Prussia.

O prussianismo e o socialismo entendem-se, porque em comum são frações fundadas no valor e no dever: por conseguinte devemos e podemos ligar-nos a Russia; o nosso fim comum é destruir a paz de Versailles.

Uma ligação entre a Russia e a Alemanha espulsaria a Inglaterra da Europa se ela não tomasse parte nessa reunião. A Inglaterra vê-se, pois, obrigada a resignar-se: a França tem que seguil-a e seguir-nos.

A aliança com a Russia proporcionar-nos-ha certamente um imenso futuro politico».

14 AGOSTO 1385
14 AGOSTO 1920

Aljubarrota

O 535.º aniversario da grande batalha foi hoje condignamente solemnisado em Lisboa

Dia alegre, de sol quente e ardente o de hoje em Lisboa, como que indicando que a propria Natureza se associava ás manifestações nacionais comemorativas do 535.º aniversario da grande batalha de Aljubarrota, que a 14 de Agosto de 1385 se travou proximo do Chão da Feira e em que mais uma vez as heroicas armas portuguesas sairam vitoriosas contra as hostes do D. João I de Castela, que nos queria arrastar para a escravidão.

Lisboa, como sempre sucede em ocasiões solenes, amanheceu festiva e sorridente. Por toda a parte tremulavam ao vento bandeiras nacionais, á mistura com outros pavilhões de nações amigas, dando á cidade um aspecto de alegria consoladora.

Não chegou a ser considerado dia feriado o de hoje por o senado não ter tido tempo de votar o projecto de lei, aprovado na Camara dos Deputados. O governo, para evitar a *gafe*, entendeu, porém, que devia dar tolerancia de ponto nas repartições publicas, o que equivale a dizer que os funcionarios do Estado não compareceram nas repartições. Por tal motivo a Arcada esteve completamente deserta, vendo-se tambem encerradas todas as casas bancarias e os mais importantes estabelecimentos comerciais da Baixa.

Como sempre sucede em dias de festa nacional, os estabelecimentos do Estado tiveram arvoradas as bandeiras nacionais e os navios de guerra surtos no Tejo embandeiraram em arco, salvando ao meio dia com 21 tiros, no que foram imitados pelas fortalezas de terra.

Nos quarteis houve melhoria de rancho para as praças, devendo haver á noite iluminações em todos os edificios do Estado e nalguns particulares.

Teve grande luzimento a missa campal nas ruinas do Carmo

Um dos numeros ex-programa das festas de hoje era a missa campal que a sub-comissão do culto ao Santo Condestabre mandava resar nas ruinas do Carmo, pelas 11,30.

O aspecto do recinto era belo e magestoso. A meio, ou seja na nave central, erguia-se o altar sobre o qual assentava a imagem do Santo, ladeado por castiçaes com velas e jarrões com flores, vendo-se ao fundo um rico espaldar de damasco branco e ouro, rodeado de sanefas de damasco vermelho franjadas a ouro.

O docel grande e largo, como que formando toldo, era de setim verde brilhante com barra mais escura. Do lado do Evangelho erguia-se o solio, destinado ao sr. Cardeal Patriarca, tambem com espaldar de damasco branco bordado a ouro, vendo-se do lado da Epistola o pulpito onde o reverendo conego sr. dr. Pereira dos Reis devia proferir uma alocução alusiva ao acto.

Antes da hora marcada para o inicio da cerimonia já era avultado o numero de pessoas que se aglomeravam no recinto. Praças de infantaria da Guarda Republicana, de grande uniforme, faziam o policiamento dando ao quadro um aspecto de certa grandiosidade. Entretanto, iam chegando as pessoas de representação que tinham sido convidadas a assistir ao acto e entre os quaes nos recorda ter visto: o reverendo Bispo do Funchal; monsenhor Carlos do Rego, Antonio Augusto de Almeida, José Francisco de Oliveira, Alberto Correia, capitão Dornellas, Tomaz Borba, Vicente de Luz Silva, prior do Sacramento, Americo da Costa Aires, Braulio Nunes da Costa, Alfredo Jeronimo Faco Valentim, José Antunes dos Santos Trincão, direcção da Juventude Catolica e da Associação dos Arqueologos Portuguezes; oficialidade de terra e mar, senhoras da nossa primeira sociedade, irmãos da Ordem Terceira do Carmo, etc., etc.

Um pouco antes das 11,30 chegou o sr. Cardeal Patriarca, que á entrada do Museu do Carmo era aguardado por todas as pessoas acima referidas. O sr. D. Antonio Mendes Belo, após ter recebido os cumprimentos dirigiu-se para a sala principal da Associação dos Arqueologos portuguezes ou seja a capela-mór do antigo convento, onde esteve conversando alguns minutos com os assistentes, findo o que foi então tomar logar no solio armado ao ar livre. Deu-se então começo á missa, sendo celebrante o reverendo conego dr. Manuel Anaquim, que era acolitado pelos srs. Alfredo Jeronimo Faco Valentim e pelo presidente da Juventude Catolica.

A' esquerda do altar via-se o curioso estandarte da Cruzada Nacional Nun'Alvares Pereira, que era empunhado pelo sr. Zuzarte de Mendonça. Durante a cerimonia foram executados n'um orgão varios trechos de musica sacra, sendo a lavanda ministrada pelos irmãos da ordem do Carmo, direcção da Associação dos Arqueologos, membros da Academia e subcomissão dos festejos, sendo por fim dada a benção pelo sr. Cardeal Patriarca.

Terminada a missa, subiu ao pulpito o reverendo conego dr. Pereira Reis, que realçou as virtudes do Santo Condestabre, descrevendo durante largo tempo o que foi D. Nun'Alvares Pereira, como soldado e como homem da Patria e de Deus.

Findo o discurso do pregador, o sr. Cardeal Patriarca e demais pessoas de categoria voltaram á sala principal da Associação dos Arqueologos, onde todos se demoraram alguns momentos, sendo ali oferecido pelo sr. D. Antonio Mendes Belo com o mesmo cerimonial de entrada. Durante o dia o recinto esteve patente ao publico, sendo extraordinario o numero de pessoas que desfilaram perante as ruinas do antigo convento.

Na Capela da Ordem Terceira do Carmo, tambem o comissario da Cruzada D. Nun'Alvares Pereira, reverendo Borba, resou uma missa, com acompanhamento de vozes, sendo o acto muito concorrido.

PELO TELEGRAFO

Ministro que pede a demissão

MADRID, 13.—Correm insistentes boatos, os quaes, todavia, ainda não foram confirmados, de que o ministro do interior pediu a demissão.—*(Havas)*.

Incidente com a guarda civil: um morto e 9 feridos

MADRID, 13.—No arrabalde dos Quatro Caminhos, tendo um automovel derrubado e ferido uma mulher gravida, o publico deitou fogo ao veiculo. Interveiu a guarda civil para restabelecer a ordem, mas tendo uma pedrada atingido um tenente, este mandou fazer fogo, resultando ficar morta uma creança de 6 anos e feridas 9 pessoas.—*(Havas)*.

O incidente do general Wrangel-O que diz a imprensa a tal respeito

LONDRES, 13.—Os governos francês e inglês encontraram uma solução satisfatoria para o incidente provocado pelo reconhecimento do governo do general Wrangel, por parte da França.—*(Havas)*.

PARIS, 13.—Os jornaes desta capital são de parecer que o motivo do actual desacordo entre a França e a Inglaterra é o reconhecimento por parte daquela nação do governo do general Wrangel, reconhecimento que é uma consequencia logica de qualidade da politica seguida com relação á Russia e que embora o mesmo reconhecimento não corresponda a determinadas atitudes do governo britanico, está longe de representar uma manifestação de mau humor contra a Gran-Bretanha. O acto do sr. Millerand é considerado como uma publica afirmação de que os sovietes não representam a Russia na sua totalidade, nem todo o proletariado russo.—*(Havas)*.

PARIS, 13.—Toda a imprensa comenta largamente o assunto que originou o desacordo momentaneo franco-britanico, reconhecendo que de 120 milhões de russos, apenas 650.000 são bolchevistas, estando essa infima minoria longe de representar a nação.—*(Havas)*

«Chauffeurs» que roubam fio telegrafico

PARIS, 12.—Prevenida a policia de que seis individuos, com dois automoveis, estavam tratando de cortar fios telefonicos entre Rocquencourt e Chevreloup, tratou de correr ao local. Uma vez, por acaso, não chegaram tarde.

Os guardas de segurança ocultaram-se atraz dos autos e revolver em punho, ficaram á espera. Bem depressa um dos bandidos, precisando sem duvida de qualquer peça de ferramenta, se aproximou e abriu, confiante, a porta dum dos automoveis. Imediatamente cercado, preso e amarrado, ficou na impossibilidade de fugir. Os companheiros, que de longe presenceavam a scena, trataram de fugir, deixando ficar uns cento e cincoenta metros de fios cortados.

O individuo preso chama-se Edmundo Budin, «chauffeur» de automoveis, residente em Levallois-Perret. Nos autos, que tambem abandonaram, encontraram-se documentos que originaram a prisão imediata de Domingos Jiby, de 34 anos de idade, tambem «chauffeur» e morador em Levallois. A policia está na pista de mais ladrões.—*(Correspondente)*.

Descoberta dum deposito de granadas

EPERNAY, 12.—Em Venteuil, ha poucos dias, a explosão duma granada matou um homem e feriu dois outros.

Pelo inquerito feito pela policia descobriram-se no bosque do Four, não longe do logar onde se deu a explosão, doze caixas com granadas escondidas entre o mato.

Pelas informações colhidas, conseguiu saber-se que Cojean Ivos, chefe de cantoneiros em Venteuil, havia obtido esses engenhos, nos campos, comprando-os a trabalhadores que andavam limpando os campos. O individuo dirá agora com que fim Cojean amontoou ali as caixas de explosivos e a que as destinava.—*(Correspondente)*.

O MARTIRIO D'UMA MULHER

A proxima cronica sobre o sensacional caso do sequestro da sr.ª D. Maria Adelaide intitula-se:

Como sou levado á presença da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho — O que observei e o que lhe ouvi

: : : Doida, não! : : :

Um match de foot-ball entre argentinos e uruguaios

BUENOS AIRES, 13.—Ao match de foot-ball entre argentinos e uruguayos assistiram 25.000 pessoas. Os argentinos venceram por 1 goal a 0.—*(Americana)*.

O caudilho revolucionario mexicano Villa aclamado por milhares de pessoas

MEXICO, 13.—Chegou a San Pedro de Covernila, Pandro Villa, que era esperado por milhares de pessoas, que o aclamaram.

Declarou que abandonara a lucta por patriotismo. Continuar, equivaleria a trazer a intervenção dos Estados Unidos.—*(Americana)*.

A França d'acordo com os Estados-Unidos no que respeita á questão polaca—A resposta do governo francez

PARIS, 13.—O sr. Millerand dirigiu um telegrama ao encarregado de negocios da França, em Washington, em que comunica que o governo francez está inteiramente de acordo com o governo americano sobre os principios formulados na nota relativa á Russia, dirigida á embaixada italiana. Da mesma fórma que o governo americano, não pode o governo francez ter relações oficiais com um governo resolvido a conspirar contra as instituições francesas cujos diplomatas seriam instigadores de revoltas e cujos oradores proclamam que assinarão contractos com intenção de os não observar.

O governo francez julga tambem, como o governo americano, que é necessario um estado polaco independente e deseja vivamente: 1.º Manter a independencia politica e a integridade territorial da Polonia; 2.º Empregar esforços para vigiar o armisticio russo-polaco de forma a que não conduza ao reconhecimento do regimen bolchevista e ao desmembramento da Polonia; 3.º Auxiliar para o futuro o povo russo.

Os pontos de vista do governo francez sobre este assunto teem sido sempre os mesmos, estando todavia decidido a aprovar as condições do armisticio oferecidas á Polonia, uma vez que sejam conformes com os principios que o governo francez tem defendido. Terminando, o sr. Millerand constata a intima harmonia de sentimentos que animam os povos americano e francez no momento em que está em jogo o futuro da Civilisação.—*(Havas)*.

O canal da Mancha

LONDRES, 12.—Respondendo a uma pergunta feita pelo sr. Chynes a respeito do canal da Mancha, o sr. Bonnar Law declarou que os peritos que tinham examinado a questão não concordavam com um grande numero de pontos e que o governo não tinha tempo, em vista disso, de se ocupar agora de tal assunto.—*(Correspondente)*.

Os indesejaveis russos não se revoltaram

MARSELHA, 12.—Correu o boato de que os indesejaveis russos que haviam desembarcado em Odessa, ha quinze dias, se tinham revoltado durante a viagem. Nada houve.

Um oficial do *Imperator-Nicolas I.º* declarou que a viagem se efectuou nas melhores condições, acontecendo o mesmo com mais tres navios.

Os russos conformaram-se com as leis de bordo, não se dando insubordinação alguma.

Quando os barcos entraram em Odessa foram os passageiros para um navio turco e outro russo.

Assim, não houve o menor entendimento com os bolchevistas.

Dois dos navios, o *Batavia* e o *Ayrette*, com a bandeira brazileira içada, entraram no porto sem dificuldade e o desembarque efectuou-se sem o menor incidente.—*(Correspondente)*.

Enver pachá em Berlim

BERLIM, 12.—Enver pachá esteve ha pouco em Berlim. Guardaram-se as maximas reservas sobre a sua visita e a imprensa nem palavra disse. No ministerio dos estrangeiros declararam não lhe ter falado, o que não se julga provavel. Dizem que conversou com Ludendorff e com outros oficiais, assim como com Talaat pachá, que reside aqui.—*(Correspondente)*.

Os sinn-feiners continuam praticando as suas proezas

LONDRES, 12.—Ao chegar hontem á noite á gare de Lowri o ultimo comboio, alguns sinn-feiners apoderaram-se do maquinista e do fogueiro e despiram-nos completamente.

Depois untaram-lhes o corpo com alcatrão e amarraram-nos costas com costas. Um dos malfeitores foi preso hoje.

Tambem se sabe que na noite de hontem incendiaram o tribunal de Carlingford.

O edificio ficou reduzido a um monte de cinzas. Tambem foi ferido gravemente um homem ao pé da estação de Emily, no condado de Tipperary.—*(Correspondente)*.

A mulher polaca

Batalhões voluntarios femininos

Bem celebre se tornou a mulher polaca quando da defeza de Lomberg e notavel se vae tornando cada vez mais na sua luta contra o bolchevismo.

Atualmente conta-se oito batalhões voluntarios de mulheres que se opõem ferozmente ao avanço dos vermelhos e com a mesma energia que empregaram no combate contra os ukranianos.

Esses oito batalhões de mulheres pelejam hoje ao lado de seus irmãos d'armas com uma heroicidade bem digna de registo, admiração e respeito.

A' sua ação por ocasião da defeza de Vilno, se deve o trecho seguinte:

No momento critico em que, falhos de munições, os soldados polacos tiveram que sucumbir, elas, excelentes atiradoras, substituiram-nos até poderem fazel-o.

Obrigadas a retirar, as que não puderam atingir as suas linhas preferiram suicidar-se a render-se.

Esta opopeia, que se equipara nos exemplos mais famosos do heroismo antigo, fará com que o seu nome passe á posteridade.

Advertencia importante

Respondendo a reclamações recebidas

Todos os jornaes da tarde e da noite retomaram já o seu antigo pessoal tipografico, podendo, por esse motivo, sair ás suas horas habituaes. «A Capital», em virtude dos seus operarios se acharem trabalhando no jornal «A Patria» desde 1 de maio, está sendo feita por tipografos na maioria, estranhos á classe. Esta explicação convem que os nossos leitores a tenham presente, afim de reclamarem dos vendedores o nosso jornal, porque muitos deles, com o fundamento de que «A Capital» sae mais tarde, se recusam a fazer a sua venda. Serve tambem esta explicação de resposta ás reclamações que temos recebido de muitos desses leitores.

A proposito desta advertencia, publicou o jornal *A Batalha* a seguinte nota:

A comissão pró-aumento dos salarios dos quadros dos jornais de Lisboa pede-nos a publicação do seguinte:

«Tendo saido no jornal *A Capital*, de 28 do corrente, uma nota na qual a empreza do jornal *A Capital* diz que já todos os jornais retomaram o seu antigo pessoal grafico, podendo, por esse motivo, publicar-se ás horas habituais, esta comissão vem declarar que é esse jornal *A Capital* ainda não resolveu o conflito com os restantes empresa, é unica e exclusivamente devido a não ter querido solucionar o conflito grafico.

O pessoal de *A Capital* continua em greve e aguarda, na sua Associação de Classe, a adesão da empresa de *A Capital* á organização do trabalho e salarios em vigor, já em vigor em todos os restantes jornais de Lisboa.

Esta comissão julga conveniente esclarecer o publico e a classe grafica do motivo porque a empresa de «A Capital» ainda não tem a laborar o seu antigo quadro. Este não se demitiu, como parece depreender-se da nota publicada na «Capital». Encontra-se, como acima dizemos, na sua Associação de Classe aguardando a solução do conflito».

Ora no dia 21 de maio, publicou «A Capital» o seguinte:

«Tendo constado á direcção de «A Capital» que o seu antigo quadro tipografico constituido pelos srs. Miguel Marinha, chefe, Manuel e Guilherme do Espirito Santo, linotipistas, Gabriel Duarte, Libanio de Brito, Antonio Pinheiro e Ribeiro Pisco, compositores, estava empregado no jornal «A Patria», que ha-de em breve iniciar a sua publicação, solicitou da direcção desse jornal lhe dissessem se eram ou não verdadeiras as informações que recebera.

A esse pedido respondeu, por parte da direcção da *Patria*, o deputado sr. Antonio Mantas com a seguinte carta:

Sr. Manuel Guimarães dig.mo director d'A Capital—Lisboa.—Satisfazendo os desejos de v. manifestados na sua carta de 20 do corrente, cumpre-me declarar-lhe que efectivamente estão em serviço no jornal *A Patria* os tipografos referidos na carta de v., exceptuando Antonio Pinheiro, mas é meu dever dizer a v. que ainda não conversei com nenhum deles, já em que todo o pessoal que trabalha na montagem da tipografia de *A Patria* é a jornal.

Devo tambem dizer a v. que o pessoal que foi admitido neste jornal não acumulará, com o nosso consentimento, serviço com quaisquer de outros jornais.

De v., etc.—*Antonio Mantas*.

Como esclarecimento, diremos que esta carta foi recebida antes do aparecimento de *A Patria*, a 27 de maio, e que do pessoal que estava trabalhando na montagem desse jornal faziam parte todos os antigos tipografos d'*A Capital*, com excepção de um, o sr. Antonio Pinheiro, que estava empregado no escritorio da casa Batista & Barbosa, da rua do Poço dos Negros. Esses tipografos ficaram fazendo parte do quadro efectivo da *Patria*.

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

Teatro Politeama — **PELE NOVA**, 3 actos de *Etienne Roy*, : : : trad. de *Jaime Victor* : : :

Peça

Na nossa secção de *ante-primeiras* publicámos ante-hontem as seguintes notas sobre a *Pele nova*, acompanhando o respectivo entrecho:

«*A peça de Etienne Roy que sobe á scena no Politeama é uma perfeita comedia franceza. E' comedia no sentido leve desta especie de teatro, aquele humor francez não feito de ditos, nem de situações ridiculas ou engraçadas, mas pelo sorriso que desperta ante a leve filosofia que expõe; é franceza, em tudo, nas liberdades de amor, nos amantes e nos choques dos dois sexos que a cada momento a peça nos dá. Imoral? Estamos em crer que não, se tantas outras peças roçando o mesmo tema, formadas sobre o infalivel adulterio, teem sido optimos piteus para as plateias lisboetas*».

E realmente o publico riu hontem com satisfação dando por confirmadas as nossas previsões. Posta em scena, a *Pele nova* não tem outro fim senão entreter durante algum tempo da epoca de verão o publico de Lisboa, descançando os artistas da companhia de trabalhos de maior folego que até aqui nos tem dado.

Para nós, portuguezes, ainda não completamente desmoralisados, a peça é exagerada, quasi mesmo inverosimil. Da primeira frase á ultima é o amor sensual antepondo-se ao matrimonial, que impera. O tipo de *irresistivel*, em volta do qual gira a peça, especie de magnetismo amoroso que se excita á aproximação de qualquer *odore di femina*, é um pecador impossivel de ser compreendido e perdoado pelas nossas mulheres muito mais recatadas que as parisienses; e os proprios semelhantes de François hão-de pensa-lo um tudo nada exagerado na sua fraqueza de sexo *forte*... Ainda por cima a comediasinha não se resgata sequer das suas teorias originaes sobre o amor, a fidelidade e a regeneração, colocando uma nota sentimental, uma lição moral no fim... pelo contrario, nada indica que o perturbador e perturbado, marido infiel *per natura*, após uma préce ao Deus incriminando-o de ser o culpado das infelicidades dos homens, dando ás mulheres os encantos que todos nós sabemos, venha a ser um marido calmo, e... trabalhador.

Mas a peça não quer impingir moraes, quer apenas dar-nos um tipo e proporcionar-nos umas horas de graça franceza, um sorriso *canaille* e indulgente á pouca vergonha da humanidade. Porque se fossemos exigir condições á peça, teriamos logo de esbarrar com esse ingenuo e ridiculo «truc» de teatro que serve de arma á vingança da mulher traida: o esconderijo dos bilhetes amorosos entre os dois esposos colegiaes ser uma pasta aberta sobre uma meza, ao meio duma sala onde todos andam...

Mas, repetimos, a peça não pretendeu nada da moral, nem da verdade, nem do grande teatro: o seu fim é só fazer sorrir, estupefaciar com a sua teoria carregada nas côres, mas com muito fundo real... Para este designio é uma peça completa, subtil, que se ouve com agrado e sem esforço de maior.

Versão

Para se acomodar á companhia, e realmente porque nada encerra de importante na sequencia da peça, o adaptador cortou logo de entrada a *scena I* do original. E' uma velha costumeira da nossa terra fazerem-se mutilações nas peças extrangeiras para as subordinar ao pessoal artistico das companhias; scenas, personagens, atos inteiros vão por vezes fóra, numa colaboração que os autores não agradecerão por certo. A scena cortada da *Pele Nova* nada influe certamente para o seguimento da comedia,—é apenas a patentear que Germana, esposa fiel dum marido infidelissimo, resiste aos assaltos de muitos admiradores e pretendentes—mas se o autor a escreveu, que diabo...

De resto, a versão, descolada do original, com largueza e segurança, não deixa perder nenhum dos pontos interessantes da peça, mantendo a leveza dos ditos de espirito francez, o que recomenda bastante o trabalho.

Desempenho

Alves da Cunha, no papel principal. Papel de comedia, leve, cheio de *nuances*, totalmente diferente dos outros que até aqui tem feito, ou das grandes figuras de drama intimo onde Alves da Cunha se tem firmado, prestou-se para que este nosso primeiro actor nos desse uma nova modalidade do seu valor. N'uma psicologia que é verdadeira, mas apenas carregada um pouco para mais surpreender o espectador, a personagem exigia aqui, leviandade, sedução, mocidade; e, póde dizer-se, apesar de fatigado com dois actos violentos, Alves da Cunha percorreu os 3 da *Pele Nova* com movimentação, leveza e todos os mais requisitos que uma peça d'este genero requer. Foi melifluo e garoto, ciumento e seductor... Um bom trabalho tambem, a juntar aos da outra galeria.

De Berta Viana da Mota, agradou-nos o seu 1.º acto e algumas scenas do 3.º Com *charme* e vivacidade n'estes que apontamos; no 2.º, porque tem de ferir a nota sentimental, porque passa á gama do chôro e da angustia, já declamou enfaticamente, já não conseguiu manter a mesma linha equilibrada do primeiro acto. Apraz-nos registar, contudo, o seu trabalho d'arte, para apontarmos a esta artista qual o teatro que melhor se lhe adapta. Para as grandes damas, para as figuras do teatro de Kistemaekers ou de Bernstein, pode crer, ainda está muito falta do treino teatral, da ductilidade de talento e da escola de palco que esses papeis necessitam; o seu teatro, os personagens a vestir por emquanto, e que, permitanos dizer-lhe, não fazem menor nome ou merecem menos o respeito da critica ou do publico, são os papeis que começou trilhando no *Ninho de aguias*, o primeiro acto gracioso, léve, abonecado da *Pele nova*, até mesmo n'um vôo já mais largo, a *Cecilia das covardias*. E, só terá a lucrar.

Em volta d'estes papeis cria a peça franceza um tipo de *sportman*, higienico e ingenuo em amôr, com uma mulher que desconhece a fogosidade dos prevertidos; e uma actriz do *Odeon*, viva, estouvada, alegre, mas bom coração no fundo.

N'este papel salienta-se com acerto e inteligencia Berta de Albuquerque. No de *Jacques* José Monteiro faz o possivel para não perder de todo o personagem, que é um tipo, quando bem tratado; e sua esposa cabe a Alice Fred, ainda tambem muito cheia de defeitos e erros declamatorios, sem modelações na voz e hirta no representar. Em papeis de passagem Laura Fernandes, Georgina Guimarães e Luiz Portugal, que repete o creado do *Ele, ela... e ele*; até nos pequenos papeis, os mais insignificantes, é crer, se encontra sempre uma porta por onde se patenteia o desejo de viver pequeno actor que o faz; não pensar assim, é desejar não fazer nada.

A enscenação movimentada, sendo visivel com agrado as disposições das salas do 1.º e 4.º actos. O fundo *azul* e *verde* em tons crús (aquilo é o extrangeiro, é claro) e duros fazia um pouco mal á vista.

Na plateia e nos bastidores

Noite de verão, plateia escolhida, amigos de Alves da Cunha e admiradores. Dos criticos só metade; a outra metade estava no Apolo. Pela sala o «Orgão dos empregados dos hoteis e restaurants» com o retrato do artista.

Nos bastidores uma surpreza dos maquinistas e electricistas; uma barraca com fartura de brindes e bilhetes de felicitações.

E o creador em portuguez do voluvel «François» sorri e conversa...

—Alves da Cunha?

—Não, meu amigo. Cristiano de Souza, que no Brazil levou já o *Pele nova* e agora vem felicitar o seu camarada.

E os amigos afluem, emquanto Ruy da Cunha, o *secretario-boxeur*, como os *Champignos* do teatro lhe chamam, pede desculpa do *mano* não chegar ali, «porque está a mudar de *pele*...»

Armando Ferreira.

O cartaz de hoje

Nacional, ás 21.30, «A Castro».
Politeama, ás 21,30, «Pele Nova».
Trindade, ás 21,15, «Chá e torradas».
Ginasio, ás 21.15, «O A's».
Avenida, ás 21,30, «Amor em pó».
Apolo, ás 21,15, «Risos e Flôres».
Coliseu dos Recreios, ás 21, «Variedades».
Salão Foz, ás 21 «Variedades».
Olimpia, Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.
Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.
Chantecler, Animatografo e fitas faladas.

Noticias da Capital

Farinha impropria para consumo.—Num gabinete do Governo Civil encontra-se ainda detido Hermenegildo Pereira, gerente da Sociedade Mercantil Importadora, pelo facto de não ter pago a multa de 2)000 escudos, em que foi condenado no Tribunal de Açambarcadores.

Propaganda subversiva.—O guarda 1787, capturou na praça do Comercio o menor José Alves, que por ali andava fazendo a distribuição duns manifestos que convidavam a guarda republicana a uma revolta.

Submetido a um interrogatorio na esquadra da rua do Comercio, declarou que taes prospectos lhe haviam sido dados por um soldado da guarda que se fazia acompanhar por um individuo vestido de gango, que não conhece.

As proezas da gatunagem.—Queixou-se á policia Gerardo da Silveira, morador na rua dos Salgadeiras, 6, de que na praça do Comercio lhe haviam furtado uma bicicleta do valor de noventa escudos.

—Por ter roubado a José Monteiro Alves, residente na avenida Duque de Loulé, 10, 1.º a quantia de 140$00, foi preso Silverio Correia, sem domicilio.

Roubo importante.—Deu hoje entrada num dos calabouços do Governo Civil o carroceiro José Rôla, capturado, como noticiámos, em S. Pedro do Sul.

E' acusado de fazer parte duma quadrilha de gatunos que, por meio de arrombamento, roubaram varios artigos no valor de 12 000$00 dos armazens de Joaquim Bento, na rua Alves Correia, e na casa Duarte, Limitada, da rua das Flores.

Incendio n'uma fabrica de sedas

Hoje, pelas 7 horas, foram reclamados os socorros publicos para um incendio que com violencia se estava desenvolvendo na fabrica das sedas da rua da Bombarda, hoje pertencente á Sociedade de Tecelagem de Sedas Ld.ª

Para o local avançou todo o material das 4.ª, 6.ª e 8.ª secções dos municipais, bem como os respectivos chefes, tendo sido aplicadas na extinção 3 agulhetas.

O fogo destruiu completamente um barracão de madeira, que servia para serração de lenha, comunicando a um anexo da fabrica, e que se destinava a estufa para secagem de obra em seda manufacturada.

O barracão, bem como a estufa, ficou completamente destruido, sendo consideraveis os prejuizos, que são cobertos por varias companhias de seguros.

Assistiu aos trabalhos o comandante Parente, e compareceu com o seu pessoal o director da companhia das aguas, sr. Carlos Pereira.

Postos de socorros noturnos

O movimento dos 6 postos abertos foi, durante a ultima semana, de 16 chamadas. Os postos funcionaram das 22 ás 8 horas e são para serviço de urgencio.

Vida Sportiva

Nota do dia

Temos a impressão de que a futura epoca de foot-ball nos vae confirmar o que pensámos da que ha pouco findou: mais teams eguais em probabilidades de vencer e nenhum superior aos de anos passados.

A divisão de jogadores bons pelos diversos clubs e o esforço de outros para melhorarem a sua fórma deram em resultado possuirmos hoje grupos equilibrados, que nos fornecem desafios interessantes; mas ficámos em condições de inferioridade contra qualquer club estrangeiro que nos visite.

Ora o desenvolvimento do foot-ball tem de ser encarado sob dois pontos de vista: 1.º, conveniencia de existirem em numero sempre crescente teams de forças eguais, porque, assim, os matches realisados chamam publico pelo imprevisto de resultado, e entre esse publico novos adeptos aparecem sempre; 2.º, necessidade de melhorar um conjunto que seja possivel combater com teams estrangeiros.

O primeiro ponto de vista é o que se está realisando, sendo, portanto, indispensavel cuidar do segundo quanto antes. Como conseguir o fim que se pretende?

Só a Associação de Foot-ball de Lisboa póde pôr em pratica o unico meio, pelo menos de momento, capaz de resolver o assunto: é formar uma selecção sua, com jogadores dos diversos clubs, os que sejam os melhores, mas que assiduamente treinem, não apenas «em familia», porque esses desafios se levam sempre de brincadeira, mas deante do grande publico, que possa ir constatando os progressos do team de selecção, que, em matches internacionais, terá sempre de defender o nosso foot-ball. Assim, quando algum club estrangeiro viesse até nós, embora vencesse o club ou clubs portuguezes com quem jogasse, teria contra si a forte selecção da A. F. L., unico team que representaria bem a força do foot-ball portuguez.

E' indispensavel que isto se ponha em pratica e persista, mesmo que ámanhã venhamos a ter algum club com forças capazes de vencer grupos de fóra do paiz. Não vemos que possa haver dificuldades em formar uma selecção, desde que alguem d'ela se interesse com vontade.

Pinto d'Almeida.

FOOT-BALL

Taça Mutilados da Guerra—A reunião de hoje

Como temos noticiado, reunem hoje, pelas 21 horas, na redacção do bi-semario «Os Sports», os delegados do Sport Lisboa e Bemfica, Sporting Club de Portugal, Imperio Lisboa Club, Victoria Foot-Ball Club e Associação Foot-Ball, afim de ficar resolvida a realisação do torneio da «Taça Mutilados da Guerra», cuja organisação foi confiada pela direcção d'«A Capital» ao «Os Sports».

E' provavel que este torneio seja o primeiro da epoca nos fins do mes de setembro.

A Taça encontra-se na posse do Instituto de Arroios, devendo na proxima semana ser exposta num estabelecimento da Baixa.

Quem alvitra? Quem reclama?

Reformados da Marinha

Sr. director de «A Capital».—Foi já aprovada na Camara a lei relativa aos reformados do exercito, e pouco falta para que se efetive a equiparação dos vencimentos do funcionalismo civil.

O Parlamento fecha em 19 do corrente; quando é que lhe será apresentado o projecto referente á melhoria dos reformados de marinha, sabida a pouco boa vontade que algumas repartições teem a nosso respeito?

E' para frisar o seguinte: quando foi presente em maio de 1919 o projecto no Parlamento aumentando os vencimentos do exercito, o diploma identico *para a marinha apareceu ao mesmo tempo.*

Porque não sucedeu o mesmo agora a proposito dos reformados?

Porque esta desegualdade? Se as repartições militares o puderam fazer, admira ou é para extranhar que as da Armada o não fizessem...

Felizmente que o sr. Ministro da Marinha é civil e dadas as suas declarações publicas e reconhecida boa vontade é de esperar que consiga que os reformados da Armada logrem melhoria, ao menos para não morrerem mais cedo de fome.

Agradecendo a publicação, somos de v. etc.—Reformados de Marinha.

EM FAVOR DOS POBRES

Festejos em Paiões

Nesta pitoresca povoação, da freguesia de Rio de Mouro, começam amanhã, continuando nos dias 21 e 22, festejos abrilhantados por uma boa banda de musica e que constam de kermesse, tombola e interessantes diversões. O producto reverte em beneficio dos pobres mais necessitados da povoação.

A's 15 horas de amanhã será aberta a kermesse, que se encontra sortida de brindes e valiosas prendas.

Caminhos de ferro do Sul e Sueste

Na direcção d'estes caminhos de ferro está aberto concurso desde ámanhã até ao dia 31 de dezembro para a construcção das oficinas geraes do Barreiro e fornecimento de maquinas, ferramentas e outras para essas oficinas.

O ante-projecto e as condições do concurso estão patentes todos os dias uteis no edificio da direcção, das 11 ás 17 horas.

Universidade Livre

Como já noticiámos, realisa-se ámanhã, pelas 20 horas e meia, o sarau dramatico-musical de homenagem ao corpo docente e conselho administrativo da Universidade, promovido por uma comissão de alunos.

Será recitada a poesia *O professorado*, escrita expressamente para a festa, seguida de uma alocução, da representação do drama *Sombras e coloridos*, um acto de *Folies bergéres* e a comedia *Atribulações de um estudante.*

Festas associativas

Academia Recreio Artistico.—Realisam-se ámanhã as festas comemorativas do 65.º aniversario, sendo o programa o seguinte: ás 14, concerto por um sexteto; ás 15, distribuição d'um bodo a 100 pobres; ás 16, sessão solene; ás 21, baile com continuação da kermesse e da tombola.

Movimento Associativo

Pessoal maior dos correios e telegrafos.—Reune amanhã, pelas 20 e meia horas, a assembleia geral, na sédo da associação, para discutir reclamações (inactividade, extraordinario e ajuda do custo) e pedido de cedencia d'uma sala.

Feira em Queluz

Em Queluz realisa-se amanhã concurso de gado e feira promovidos pela camara municipal de Cintra. Disputar-se-hão diversas provas sportivas e duas *poules* hipicas pelos oficiais e sargentos do Grupo de baterias a cavalo, ali estacionado.

Ha kermesse e as festas serão abrilhantadas por uma banda de musica.

TOURADAS

Algés.—O dia de ámanhã é um domingo bem passado na praça de Algés. Os atractivos da corrida são muitos, todos garantindo uma tarde de animação e de risota continua. A apresentação dos originaes toureiros marrecos, que resistem ás mais furiosas marradas e fazem coisas que nunca ninguem viu, é o *clou* da tarde. Junta-se a isso o engraçadissimo intermedio comico-taurino «Cavalhadas Burr-o-Calcantes Pau e Bola» e as peripecias a que sempre dão logar os atrevimentos dos que querem á força ensaiar as suas vocações para bandarilheiros.

A cavalo toureia o popular José Gomes. Entre os bandarilheiros figuram alguns vendedores de jornaes, pelo que a corrida lhes é dedicada, tendo entrada por 20 centavos nas galerias os que tiverem menos de 12 anos. A corrida principia ás 17 e tres quartos.

Livros e Publicações

A «derrota» dos telegrafo-postais na gréve de 1920.—O sr. Luiz Gonzaga Monteiro, 3.º oficial dos telegrafos, acaba de publicar um volume subordinado a este titulo e em que faz a historia do que se passou com a ultima gréve dos correios e telegrafos. Analisa a ação do comité dirigente, contra o qual se pronuncia, por, no seu entender, não ter sabido dirigir os grévistas.

Boletim das missões civilisadoras.—Recebemos o numero 2 d'este boletim do Instituto de Missões Coloniaes, de que é director o sr. Abilio Marçal.

Traz larga colaboração em portuguez e francez, sendo um interessante repositorio.

Ultima Hora

A gréve dos electricos

Tudo como d'antes...

Coisa alguma de positivo ha ainda sobre o conflito que se arrasta ha já longos dias entre a Camara Municipal, a Companhia Carris de Ferro e o respectivo pessoal em gréve.

A Associação Industrial Portugueza tem proseguido nas suas «démarches» afim de solucionar o conflicto, tendo encontrado por parte dos grévistas a melhor boa vontade, bem como por parte da direcção da companhia, em resolver o assunto. Essas «démarches» teem sido um pouco demoradas, sendo natural que até segunda feira nada haja resolvido, visto ser hoje dia feriado e amanhã Domingo.

Os grévistas, como de costume, reuniram hoje, pelas 15,30, na séde da sua associação, sob a presidencia do sr. Artur Teixeira Basilio, que era secretariado pelos srs. Carlos Santos Ribeiro e Artur Lopes.

Foi lido o expediente, em que figurava uma carta de Henrique Borges, pedindo a protecção dos seus camaradas, e um oficio do conductor Joaquim Dias Pereira, para que os grévistas não retomem o trabalho sem que lhes sejam pagos os dias do movimento e sem que sejam atendidas todas as suas reclamações.

O sr. Claudio dos Santos, da comissão de melhoramentos, diz que nada mais ha a elucidar, depois do que se passou na reunião de hontem com a direcção da Associação Industrial, mantendo-se a situação no mesmo pé. A referida associação quiz ouvir os grévistas sobre as suas reclamações, e estes indicaram que não desejavam senão que lhes fosse dado o que lhes retiraram, bem como o pagamento dos dias da gréve.

A Associação explicou que não tomára a resolução expontanea de intervir no conflicto, mas sim porque tal lhe fôra pedido por varios socios, que se veem prejudicados com a falta de transportes, o que tem motivado a chegada tardia dos operarios ás fabricas.

Tal facto representa grandes prejuizos e por isso a Associação interveiu, mas não a favor de A, de B ou de C, tratando-se apenas agora de modificar este estado de coisas.

O orador passou depois a historiar o que se passou entre a comissão de melhoramentos e a direção da Associação, á qual os grévistas afirmaram não poderem abdicar do pagamento dos dias da gréve, pois que para o movimento foram arrastados e não de vontade propria.

Refere depois o que teem sido as reclamações dos grévistas desde janeiro para cá, nunca tendo ficado a questão arrumada definitivamente, e tanto que nunca os 50 °/o prometidos foram recebidos.

Insurge-se contra a camara municipal, que tem protelado a questão com grande prejuizo do publico, o que originou o conflicto actual, aliás natural, pois se não compreende que o pessoal de um momento para o outro ficasse sem a quantia de 2$60 diarios.

Informa que a direção da Associação Industrial achou justas as reclamações dos grévistas, mas que entende que devia haver uma transigencia, afim de se fazer um armisticio.

A assembleia manifesta-se ruidosamente contraria a tal ideia, dizendo que a classe está farta de ser enganada e que a vereação municipal lhe não merece a menor confiança.

A direcção da Associação Industrial, diz o orador, concordou plenamente com as declarações da comissão de melhoramentos embora se sinta triste com o que tem tratado e ouvido na Camara Municipal. Isso não a desanimará, comtudo de proseguir no seu caminho para uma conciliação honrosa de parte a parte.

O orador anuncia que ámanhã se realisará, pelas 17 horas, no Parque Eduardo VII, um comicio, para o qual prontamente cedeu o terreno, tendo egualmente o governador civil com toda a rapidez deferido o pedido, pelo que é digno do agradecimento de todos.

Pede que os grevistas em massa ali compareçam, que cumpram o seu dever não alterando a ordem e se alguem ali aparece com esse sentido que seja vigiado e entregue ás autoridades.

Por ultimo lê uma carta de um antigo conductor que se encontra na America, o qual, em cada semana, fica com 75 a 80 escudos livres.

Se o conflito se não solucionar, lembra que todos em massa emigrem para aquele paiz.

Na mesma ordem de ideias fala depois o sr. Antonio da Silva, que é de opinião que se convidem os senadores da camara municipal a virem dizer da sua justiça ao referido comicio, terminando por perguntar á classe se esta quer transigir, ao que os grévistas numa só voz respondem negativamente.

O sr. Antonio da Silva Carvalho tambem se ocupa do comicio, demorando-se em considerações varias sobre a carestia da vida.

A falta de policia

Não é só em Lisboa que ela se dá

Queixamo-nos da falta de agentes policiaes, mas, pelo que refere o *Matin*, não é só aqui que se dá esse caso.

Em França subsiste a mesma falta que vem desde 1874, onde havia um só agente para 200 pessoas.

Ali, como aqui, a população aumentou consideravelmente e a custo, em Paris, se obtem um guarda para cada milhar de pessoas, o que prova que o recrutamento da policia na capital de França atravessa uma grande crise, vendo-se até uma notavel diminuição no numero dos mantenedores da ordem publica.

Um agente, de noite, em Paris deve defender dois kilometros. E' esse o resultado do inquerito feito pelos redactores daquele jornal, que ao seu domicilio se dirigem depois da meia noite.

Um deles, que se dirigia para a rua Legendre, a tres kilometros da redacção, e que teve que crusar seis ruas, duas praças e uma avenida, apenas encontrou uma patrulha dobrada perto da praça de Clichy.

Na mesma noute, um outro camarada de redacção que ia para a rua dos Saints-Pères, não encontrou viv'alma, tendo feito um trajeto de dois kilometros.

Outro ainda, a caminho dos Invalidos, quasi uma legua de longe, encontrou um policia no largo da Madeleine, outro defronte do Elyseu e outro ao pé do ministerio dos estrangeiros.

Total: dez kilometros, cinco agentes.

Não admira, pois, que as agressões e assaltos se multipliquem. Apesar da muito boa vontade dos agentes, é-lhes impossivel, a não ser que os apaches sejam indolentes, chegar ao local de qualquer crime, menos de um quarto de hora depois da consumação do delito.

O vagabundo, depois da meia noute, é o unico senhor da rua.

Ora ante tudo isto, o francez treina-se no box e nós teremos que nos defender por todas as fórmas e feitios.

Cruzador «Varese»

Sahiu hoje do nosso porto o cruzador italiano *Varese*, que ha dias aqui se encontrava, como noticiámos.

A comemoração de Aljubarrota

A parada militar

Milhares de pessoas assistem ao desfile de tropas

Uma parada militar é um numero que sempre agrada ao povo de Lisboa. D'ahi o facto deste numero do programa das festas de hoje ter atraido principalmente ás avenidas novas, á Avenida da Liberdade, Largo do Camões e Rocio extraordinaria multidão.

Na Avenida as filas de cadeiras do Asilo de Mendicidade que se enfileiram ás margens dos passeios eram disputadas com certa avidez, principalmente pelas senhoras, que com as suas *toilettes* primaveris davam uma nota de alegria á festa.

A cidade entrou a movimentar-se a partir das 15 horas. Pouco depois começaram saindo as tropas dos quarteis, ao som de alegres *passe-calles* ou de marchas guerreiras.

A marinha, irreprehensivel como sempre, apresenta-se fardada de branco, o que põe uma nota de destaque entre a multidão. Vae com a sua banda e bandeira formar no talhão em frente ao grande lago, do lado esquerdo. Seguem-se os engenheiros, telegrafistas de praça, sapadores de caminhos de ferro, com banda e bandeira, sapadores mineiros, artilharia de costa, grupos de infantaria e cavalaria da administração militar com bandeira e banda, lanceiros, etc.

A partir da Rotunda e formando pelas avenidas novas formam os varios batalhões de infantaria da guarda republicana com as suas bandas, os diversos grupos de metralhadoras, baterias de artilharia e esquadrões de cavalaria.

Assume o comando geral d'essas forças o coronel sr. Baptista, irmão do falecido presidente do ministerio sr. Antonio Maria Baptista.

A partir das 18 horas, o transito de vehiculos pela rua central da Avenida é proibido, sendo empregado em tal serviço a pouca policia civica que hoje temos e que é superiormente dirigida em varios pontos por todos os comissarios de divisão. A Guarda Republicana apresenta-se com fatos de cotim e luvas brancas, o que produz belo efeito.

A's 17,45 todas as forças se encontram formadas em parada aguardando-se que chegue ao Teatro Nacional o sr. Presidente da Republica afim de então se fazer o desfile em continencia.

Na varanda do Nacional está armado um grande toldo branco, estando a balaustrada coberta com uma colgadura.

Entretanto vão chegando ao Nacional as pessôas que por dever de cargo teem de assistir ao acto.

Na varanda do teatro Nacional viam-se o corpo diplomatico, membros do governo, presidente do Senado e o da camara dos deputados, muitos membros das duas casas do parlamento, oficialidade de terra e mar e muitas senhoras.

A's 18,20, chegou o cortejo presidencial, vindo á frente quatro batedores de lanceiros, guarda avançada tambem de lanceiros e no primeiro *landau* descoberto o secretario geral da presidencia sr. Jaime Athias, secretario particular do sr. presidente da Republica, dr. João Rocha, e Julio Cruz, secretario do sr. dr. Antonio Granjo.

No segundo *landau*, egualmente descoberto, vinha o sr. presidente da Republica, acompanhado do sr. presidente do ministerio.

A' hora a que fechamos esta noticia, está o sr. dr. Antonio José d'Almeida passando revista ás tropas, seguindo-se o desfile d'estas em continencia.

1.ª vara comercial de Lisboa

Por este Juizo, cartorio do escrivão do 2.º oficio, e nos autos de acção especial nos termos do Decreto de 29 de Maio de 1907, em que é autor o Agente do Ministerio Publico, como representante do Estado, e ré Carolina A. M. da Silva, correm editos de 30 dias contados da 2.ª e ultima publicação legal do presente anuncio citando João Martins Junior, residente, que foi, no Funchal, e hoje ausente em parte incerta, na qualidade de um dos legaes representantes da ré, Carolina A. M. da Silva, para no prazo de dez dias, que começará a contar-se depois de findo o dos editos, impugnar o pedido pelo autor na mesma acção, ou seja o pagamento de 267 pesetas, ou o seu equivalente em moeda portugueza ao cambio do dia do pagamento, proveniente de despezas efectuadas pela auctoridade consular portugueza como representante do Estado e que tiveram por fim o agasalho, sustento, condução e repatriação de tripulantes da escuna «Snr.ª da Conceição» de que é proprietaria e armadora a dita ré, a qual foi afundada junto ás costas da Galiza, por acção de submarinos inimigos; alem dos juros legaes,—sob pena de ser imediatamente condemnado no pedido, sendo sempre afinal condemnado neste; seguindo-se os demais termos do aludido Decreto de 29 de Maio de 1907.

Lisboa, 26 de Julho de 1920.
O Escrivão do 2.º Oficio,

Arnaldo Rebello da Costa Franco e Abreu

Verifiquei: O Juiz Presidente,

Nunes da Silva

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3606 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Domingo, 15 de Agosto de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

O MARTIRIO DE UMA MULHER

O livro "Infeliz-Mente!"

Quem batia á porta

Era uma senhora amiga da D. Maria do Céu, cuja voz eu já conhecia por a ter ouvido algumas vezes. Não era para mim a visita, não tinha que saber o que a trazia ali.

Tornei a adormecer para acordar de novo a uma pancada, d'esta vez, na porta do meu quarto.

Não quero fatigá-lo, leitor, repetindo o que descrevi a paginas 18 e seguintes do meu livro «*Doida, não!*», mas peço-lhe que me deixe fazer umas considerações indispensaveis.

Disse na minha carta-prefácio que devem ser tomadas como resposta ao livro «*Infeliz*» muitas partes d'este meu trabalho. A minha carta anterior, por exemplo, em que eu descrevi a minha vida em Santa Comba, é uma d'elas. E, porque estou n'este ponto, acho oportuno referir-me a uma nota, de autor ignorado, que vem n'esse livro, no capitulo «D. Maria Adelaide e sua familia». Pela esperteza má que n'ela se adivinha, maldade que, afinal, é a essencia do livro «*Infeliz*», devo pô-la bem em relevo.

Diz-se ali que eu mandava imprimir bilhetes com o meu suposto nome — Maria Romana Claro — para recomeçar a minha «*vida de cumprimentos e de sociedade... em Santa Comba!*»

Os bilhetes foram impressos em Lisboa e sociedade existe em toda a parte; não é só aquela que o autor da nota frequenta e que eu não sei qual seja, visto não saber quem ele é, mas a avaliar pela sua maliciosa e indelicada reticencia, referindo-se ás familias de Santa Comba, não me parece que seja d'uma finura extrema.

Serouva com «*a irmã*» da minha «*servente*», diz ele e é verdade. Não é só honesto e digno, sr. anotador, quem costuma calçar luvas, pois pessoas ha que só as uzam para esconder as nodoas que teem nas mãos. Mas o leitor repare que eu tinha *uma servente*. Adiante.

Usava «*um avental grande*», diz ele, (sinal que era asseada) *e um lenço atado no alto da cabeça* (prova evidente de loucura!) e esqueceu-lhe de lembrar, por onde se vê que falta de memoria todos teem (até ele que é tão lembrado) que usava *saia de chita*. Esquecimento imperdoavel... sr. anotador.

Cosinhar e arrumar quartos, sacudir tapetes e lençois, além de demonstrarem que sabia ser dona de casa, mostram que tinha asseio e arranjo.

Conversava em francês com o *mestre de música* (diz êle, o anotador com mostras de ironia), tio da senhora que alugara as *águas-furtadas* em que eu vivia.

Se falava em francês, é porque eu e *o mestre de música* conheciamos o idioma, o que não acontece a alguns advogados. Ha um até que me visitou no dia 31 de maio de 1919, no hospital do Conde de Ferreira, a quem propuz falarmos nessa lingua, para não sermos compreendidos por quem nos escutava e que me respondeu que entenderia melhor em português. Devo lialmente declarar que não foi nenhum dos meus advogados. Numas *águas-furtadas* viveram meus Pais, antes da sorte lhes sorrir, tem vivido e vive muita gente honrada e boa e não me ficava mal que eu vivesse, tambem, sendo mulher dum operário. Mas não eram *águas-furtadas*; era um segundo andar, com quatro casas de pé direito, como se pode ver ainda hoje. Viver num palacio, trajar sedas e veludos é que não podia ser aceite á mulher que tinha por companheiro um homem que, no seu trabalho, veste fato de ganga. Isso sim, é que seria uma loucura.

Não me preocupava com a ausencia de noticias de meu filho e do resto da familia, diz o anónimo, mas quem me lê compreende o que êle não atinge, que, se eu dava como familia apenas o meu companheiro, se eu era Maria Romana e não Maria Adelaide, não iria falar dos meus parentes a quem me fosse estranho. Pela mesma razão me alegrava, quando as recebia, ou me entristecia, quando as não tinha, noticias daquêle que para todos ali era a minha única familia. No meu intimo, porém, persistia a saudade pelos meus e a amargura da separação.

O «distinto médico e senador», a quem se refere o anónimo, não o conheço, mas deve ser jocoso. Eu já desconfiava disso, desde que ele disse a alguem, naturalmente por graça, que eu estava «tão doida como êle». Esqueceu-se o anotador de dizer isto; nem só eu tenho lápsos de memória...

A minha vida e a minha saúde que eu comprometia em Santa Comba, como dizem na nota, foram-me, mais tarde, *com cuidado conservadas no Conde de Ferreira...*

As testemunhas que o homensinho das notas... (refiro-me ás notas do livro) diz que me são afectas foram apresentadas pelo sr. dr. Alfredo da Cunha *como suas testemunhas*, que só agora reparou, depois dos depoimentos feitos, que eram irmã duma servente, etc., pessoas que só lhe mereceriam consideração, se, em vez de dizerem a verdade, dissessem o que a ele convinha.

Recorda o anotador que foi meu filho quem me resolveu a sahir de St.ª Comba. Sim, foi. Porque me enterneci ao vê-lo; porque os seus beijos e os seus pedidos me quebraram o animo. Não tive dureza de coração ao abraça-lo; abalara-me o encontro, sinal evidente de que não estava extincto em mim, como pretendem, o amor materno. Se me decidi a acompanha-lo, é porque senti uma emoção profunda com as suas instancias de que fosse com ele. E, afinal, para quê? Para deixar que me atirassem, sem dó, para um hospital de doidos, levando-me pelo seu braço, sem estremecer sequer. Eu já lhe disse, a ele, uma vez, no hospital, e aqui o repito: a ele já perdoei; mas erguem-se entre nós os loucos que ali vi e que se riem de escarneo, quando a sua lembrança me comove.

Continuemos, porém: se me recusei a ir para Beja, por vergonha de minha irmã, como se diz na tal nota, isso apenas prova que eu tinha a consciencia de que não devia aproximar-me de minhas sobrinhas, depois de me ter dedicado a um homem que não era meu marido e a quem ligara o meu destino. E voltar para Lisboa, não! A dignidade do sr. dr. Alfredo da Cunha impedia-o de me receber em casa e os meus sentimentos impediam-me de a ela voltar.

Demais sabia o sr. dr. Alfredo da Cunha, ele que sabe tanto(...) o que eu responderia a taes propostas. E, se recusei Beja e Lisboa, porque não me levou para outra terra, havendo tantas no paiz? Onde melhor estariamos era em lugar onde não houvesse conhecidos, uma terra tranquila, onde os nossos espiritos se calmassem, para poder tomar uma resolução condigna. Porque me trouxe para o Porto? Porquê? Porque era o ponto de mira — ali é que existia o Conde de Ferreira.

Disse no meu livro «Doida, não»! e sustento, porque sustento a verdade, que sai de Santa Comba mais morta do que viva e se sai amparada como o anotador sublinha, é porque, certamente, as fôrças me faltavam, em resultado da comoção sentida pelo que se passara.

Diz o autor da nota que foi arrastado a escrever o livro *Infelis*, sem ter ido de rastos.

Acredito. Mas não diz o que o arrastou a escrever tanta mentira; e fez bem, porque, afinal, era dizer o que todos nós já sabemos.

Quanto á palavra *fresca* que uma testemunha empregou, dizendo parecer-lhe, quando eu saí, que eu era uma creatura fresca e aparentando ter aí os meus 25 anos de edade (esta senhora foi muito lisongeira e não reparou bem) não quere dizer que eu saisse com o ar duma pessoa que não tem coisas sérias que a preocupem, e o anotador bem o sabe, mas faz que não percebe.

Saiba, no emtanto, esse senhor, (sempre lho quero dizer) que a palavra sublinhada tem muitas significações; até, em sentido figurado, costuma empregar-se, defenindo alguem de quem conhecemos a matreirice: és fresco... e, com esta me fico.

Maria Adelaide

Segredos a toda a gente

O ULTIMO DIA D'UM RAPAZ SOLTEIRO

Meu amigo:

Fiz ontem vinte e quatro anos—e caso-me daqui a vinte e quatro horas. E' esta a minha ultima carta de rapaz. Não te esqueças de a guardar naquele contador italiano que está ao fundo do teu quarto. Talvez te sirva ainda para fazeres precisamente o contrario do que ela diz. Não te rias. Sim, meu amigo, eu que considerava o amor um brinquedo de crianças e uma caturrice de velhos—caso ámanhã. Mas a verdade é que não é bem um casamento de amor; foi uma distração. Todos nós temos na vida a nossa distração. Eu te conto. Sabes que passei o mez de junho no Estoril. Uma tarde, no terraço do *Hotel de Italia*, afundei-me num cadeirão inglez—um destes cadeirões onde não desgostaria de dormir a sésta um frade dominicano—e tive a fantasia deliciosa de passar pelo sono com o ultimo numero do *Times* sobre os joelhos. Nisto, um perfume morno aflorou-me á pele, uma voz de mulher cantou ao meu ouvido: «Então, não queres?». Como supuz que se tratava dum convite para uma partida de *tennis* encolhi vagamente os ombros e respondi, sonolento ainda: «Pois sim». Lembras-te do que dizia Dupuy? Que a palavra *sim* que forma os casamentos é tão rapida—que não dá tempo a reflexões. Fazes favor de me dizer porque é que Dupuy tem razão?

Ah! meu amigo. Como eu hoje na luz doce do meu pequeno quarto de solteiro, ao escrever-te esta carta, num alvoroço, penso que tu és feliz, deliciosamente feliz—por não teres a felicidade de te casares ámanhã. Passa-me neste instante pelos olhos a minha mocidade,—e mais uma vez reconheço, como Voltaire, que o sentimento profundo, o amor por que se vive e o amor por que se morre, o sorriso e a lagrima, a alma que ajoelha, a paixão que ilumina, o inferno que abraza—só os conhece a névoa de prata dos cabelos. Tu és meu amigo, não és? Manda-me um frasco de qualquer coisa para tornar os cabelos brancos. Chegou a minha hora fatal—muito mais cedo do que eu contava. Atravesso o momento mais dificil da minha vida. Nada do que vai passar-se de ámanhã para o futuro se assemelha, nem por sombras, ao que foi até hoje. Começam infalivelmente a surgir no meu caminho os ciumes—e as modistas. Levarei para Paris com a minha mala de viagem—a primeira caixa de chapeus. Nunca mais deixarei de pedir a Deus para que não chova a rodo-dos chapeus de aba larga! Se te casares um dia arranja uma mulher—sem cabeça. O casamento, meu caro, é o primeiro acto de loucura dos velhos que têm a insolencia de se julgarem novos e dos novos que têm a mania pouco inofensiva de se considerarem velhos. Estou na vespera de envelhecer vinte anos. A borboleta inquieta e doirada da minha juventude adormeceu já, mas tenho receio, juro-te, que ela venha a acordar ainda. Queres ouvir? Foi ontem cear com aquela francesa, muito loira, que tu conheces. Bebi não sei quantas taças de *Champagne*, dei-lhe não sei quantos beijos e á despedida, quando ela me perguntou muito risonha como um bébé: «Então até quando?»—eu, meu velho, eu a pensar na minha mulher e no meu casamento respondi-lhe apenas apertando-lhe a mão: «Até depois de ámanhã». Não te parece que foi do *Champagne*? Pois evidentemente. Enganas-te. Se fosse do *Champagne*—tinha dito asneira.

Mandei vir de Londres, da *Regent Street*, duas perolas magnificas—e ainda não sei a quem as hei de dar. Adóro minha futura mulher, mas a verdade é que essa tem obrigação de gostar de mim—mesmo que eu lhe não dê nada. Ainda são capazes de ir parar ás mãos daquela rapariga que eu te apresentei, uma noite, em S. Carlos e que tu achaste parecidissima com certo retrato de Chartran. Que dizes? A' minha mulher é que não. Eu logo vi que tu dizias isso. Que ideia tão triste que vocês fazem do casamento. Eu não sou assim. Bem, está combinado. As perolas pertencem deste momento á sevilhana que tu conheces do *Avenida-Palace* e que tem a mania de colecionar joias—e de gostar de mim. E' a unica solução, afinal. Olha. Porque não vens hoje jantar comigo ao *Palace*. Tu, d'antes, gostavas de *cannelon á Richelieu*, não gostavas? Anda dahi. O noivo sou eu. E que te importa a ti que eu cometa ámanhã o maior erro da minha vida—e meta no dia seguinte uma bala na cabeça da minha mulher? Tu não eras capaz de ir jurar ao tribunal que estava inocente? Ora, se eras. Bem, adeus. Não te cases nunca. Mas emfim, se o diabo quizer que tu venhas a ser tão distraido como eu fui, não te esqueças de aconselhar aos outros aquilo que eu hoje te aconselho a ti. Afinal, o casamento não tinha razão de existir—se não houvesse o divorcio!

Um grande abraço do teu amigo

Jorge

Luis d'Oliveira Guimarães.

POLITICA

O governo está em crise—A votação de ámanhã na Camara—Qual será o futuro governo?—Extra-parlamentar ou liberal?—Duvidas e probabilidades—Propaganda socialista—Oradores oficiaes e assuntos a discutir

Bem informados andavamos nós ontem quando dissemos que a nova proposta do ministerio Granjo não era aceite por varios partidos da Camara, incluindo o partido socialista. Que estavamos de facto na bôa informação demonstra-o a seguinte nota oficiosa que o Gremio Socialista de Lisboa hoje mesmo nos forneceu:

«O Conselho Directivo do Gremio Socialista de Lisboa, em reunião extraordinaria, interpretando o sentir do P. S. P., perante a crise de multiplices aspectos por que o Paiz está passando, declara não tolher por modo algum a ação necessaria ao actual governo para se defrontar com a situação economica e financeira, mas resolve opôr-se terminantemente a que lhe sejam conferidas faculdades tão latas que permitam abusos irremediaveis. Por isto, espera que os deputados socialistas impeçam por todos os meios viaveis, que ao governo seja concedida a autorisação que pede para abrir no Ministerio das Finanças creditos indefinidos e ilimitados a favor do da Agricultura, a pretexto da atenuação da gravosa carestia da vida, com os seguintes fundamentos:

1.º—Desprestigio desnecessario do Poder Legislativo;

2.º—Impossibilidade de fiscalisar e impedir a tempo a má aplicação dos creditos pedidos;

3.º—Irreparabilidade da ruina nacional que possa advir do mau uso de creditos indefinidos e ilimitados, e ineficacia da responsabilidade ministerial, quando mesmo se aplique depois de consumada a ruina».

Temos portanto que, a não ser a proposta retirada pelo governo, ou a não consentir este numa profunda e radical transformação da mesma, ela terá na Camara dos Deputados a seguinte votação: 69 votos a favor e 72 contra. Isto mesmo na melhor das hypotheses: Quer dizer, votando com o governo o grupo do sr. dr. Domingos Pereira. Mas mesmo que assim não fosse, bastava que o governo tivesse uma minoria insignificante para que o sr. dr. Antonio Granjo, obrigado pelas suas anteriores afirmações, na Camara, se fosse embora.

Hontem á tarde dava-se já o governo como demissionario. E' cedo ainda. Só amanhã, depois de mais larga discussão, o governo resolverá, e como muito possivelmente o seu prestigio governamental ficará em chéque, não será para estranhar que o governo vá ámanhã ou depois a Belem apresentar ao presidente da Republica a demissão colectiva do gabinete.

Quem vae seguir-se-lhe? Voltaremos de novo a um ministerio das esquerdas? Parece-nos, neste momento, absolutamente impossivel essa formula extremista. Mas oiçamos o nosso informador. Dizia-nos ele hoje, a tal respeito:

—De facto, o governo Granjo tal qual está não póde manter-se. E' uma situação ficticia, um *bluff* governamental, que nada resolve, que nada póde resolver. O ministerio Granjo nem tem consistencia, nem homogeneidade, nem ideias proprias, visto que tem que viver das ideias dos tres partidos que o compõem. Portanto, ou ámanhã, ou depois, perante a votação da Camara, cae. Cae e vae-se embora sem nada ter resolvido, antes tendo *moralmente* aprovado a crise economica com o processo completo das propostas Inocencio Camacho. Pergunta-me você—e agora? Agora ou vamos ter um ministerio extra-parlamentar, o que me parece dificil, ou caimos num ministerio *liberal* presidido pelo actual chefe do governo. A primeira hipotese acho-a inviavel. A segunda suponho-a exequivel, se o presidente da Republica estiver de acordo na dissolução parlamentar. Neste ultimo aspecto, nós teriamos nas finanças o Lelo Portela e continuaria nas colonias o Ferreira da Rocha. São dois rapazes estudiosos, duas competencias, ambos com ideias novas, com energias novas e com orientações novas.

O Granjo ficaria na presidencia do ministerio, mas com a pasta do interior. Iria para o comercio o Aboim Inglez e para a agricultura o actual comissario das subsistencias. As outras pastas de somenos importancia seriam distribuidas a figuras marcantes do partido.

Aqui tem você o que se trama, o que se prepara, o que anda no ar. Será viavel? Eu lhe digo: Politicamente, não vejo lá muito bem como. Mas devo confessar lealmente que o paiz gostaria de vêr este governo no poder. Ficaria na oposição o meu partido que havia de unificar-se, engrandecer-se, tornando-se cada vez mais forte, mais partido de governo. E aí tinha você os dois agrupamentos da Republica em perfeito eqdilibrio de ideias, de programas e de governo.

—Mas será assim?

—Isso agora!... Mas olhe que se o governo Granjo cae e a crise se estende indefinidamente, não tenham os politicos duvida sobre o que se espera! A reacção far-se-ha sentir e ela será tremenda.

—Mas afinal o governo cae ou não cae? Mas seja preciso. Sim ou não?!

—Cae. E' a minha opinião, é a opinião de toda a gente, é a opinião do proprio governo. Cae.

—A'manhã?

—Possivelmente. Mas se não fôr ámanhã... será depois.

E foi-se em direcção ao Martinho a beber café! E nós viemos para a redacção precisamente a pensar que o governo não cahia...

■ ■

Ainda a proposito do partido socialista, temos informação que o respectivo Gremio vae promover na proxima semana um grande comicio de propaganda em Alcantara, em que usarão da palavra os srs. dr. Ramada Curto, deputado Ladislau Batalha, Martins Santareno e Antonio Luiz Horta. Outros falarão ainda extra-oficialmente, visto que a tribuna será livre aos que desejarem falar.

Tratar-se-ha do problema economico e do problema financeiro. Discutir-se-ha a crise das subsistencias, e como a palavra é livre cada um dirá da sua justiça conforme entender e quiser.

Expulsa do Haiti

Não foi a esposa do sr. ministro de Cuba em Lisboa, como já dissemos, que foi expulsa do Haiti com suas filhas, pelos norte-americanos. Todavia, a informação dada pela Agencia Americana tinha mais ou menos fundamento, pois que, ao que dizem jornais hespanhoes e francezes, foi na realidade expulsa d'aquele paiz a sr.ª consulesa de Cuba.

Como se vê, foi erro na transmissão do telegrama, do que a Agencia Americana não tem, nem pode ter culpa, como o ilustre representante de Cuba em Lisboa foi o primeiro a reconhecer.

O ZEPPELIN "Z-72"

Uma noite no ar

A grande aeronave que a Alemanha entregou á França e cuja descrição démos hontem, ao noticiar a sua partida de Mauberge para o seu *hangar* de Cuers-Pierrefeu, depois de passar uma noite nos ares, fez a sua *atterrissage* na manhã do dia seguinte.

Partindo de Mauberge ás 5,43, voou sobre Lile e Amiens, em direcção a Paris, onde fez as suas evoluções ás 9,30.

Partindo de Paris ás 15 horas, ás 17,30 encontrava-se por cima de Marselha e ás 19,30 chegava a Cuers.

A sua passagem por Lyon foi sobre a rua da Republica até á *gare* de Perrache, impelido sempre por um forte vento NO.

Seguiu o vale do Rhodano, aparecendo em Marselha a pequena altura da cidade e do porto, seguindo depois para Toulon, levado pelo mesmo vento. Deixando Toulon, dirigiu-se para Este, no intuito de alcançar Cuers-Pierrefeu pelo lado da costa.

Quando em Cuers se deu sinal da sua chegada eram 19,30. Era demasiado tarde para a manobra de *atterrissage*, sendo impossivel recolher ao *hangar* antes da noite; e, segundo as disposições tomadas antes da partida, dormiu ao luar, aguardando a manhã imediata para descer.

Tendo o Zeppelin passado a noite nos ares, andára voando por sobre a região de Giens-Hyeres e litoral.

O dirigivel evolucionou durante meia hora e depois principiou a descer lentamente; ás 5,56 a barquinha da prôa tocou no solo; ás 6 o aparelho estava em frente do *hangar* e doze minutos depois entrava no seu ninho.

A manobra foi primorosamente executada.

Os jornalistas tiveram uma entrevista com o tenente de marinha Plessis, que pilotou o dirigivel durante a travessia da França, como o pilotara da Alemanha a Mauberge.

As impressões do capitão do navio aereo são as melhores, porque a viagem se levou a efeito sem o mais pequeno incidente.

Notou apenas uns pequenos defeitos nas vozes de comando, devendo desde já fazer-se alguns melhoramentos no *L-72*.

Os vinte e seis passageiros, oficiaes e homens de equipagem, confessaram-se encantados com toda a travessia, especialmente com o cruzeiro noturno.

O mais entusiasmado era o capitão da fragata *Thierry*, que representava o ministro da marinha e que tomára logar na *cabine* dos passageiros na companhia d'um engenheiro e um oficial radio-telegrafista.

Outro Zeppelin que vae ser entregue á França

O *L-72*, que, segundo o que se afirma, vae muito em breve efectuar um cruzeiro no Mediterraneo, deixou Manberge para dar o seu logar a outro do mesmo tipo.

Realmente, a França vae receber proximamente o segundo Zeppelin previsto nas clausulas do tratado de Versailles.

Será esse o *L-120*, capitaneado por Kernadec na companhia de Paquignon e Villeroy, oficiaes que sairam de Paris e vão a caminho de Berlim, donde se devem dirigir a Dantzig.

Mauberge será o porto destinado ao dirigivel *L-120*, que terá a designação de civil e comercial para transportes aereos.

A T. S. F. desempenha hoje um papel consideravel, na transmissão rapida, dum extremo a outro da França, sobre o estado atmosferico. Existe realmente um serviço meteorologico, da navegação aerea, que bem depressa ficará unificado. Feita essa unificação, as estações centraes funcionarão em Paris, Nancy, Lyon, Marselha, Toulouse, Bordeus e Tours. Neste momento, o serviço de navegação aerea tem ao seu dispôr o centro de Paris (postos regionaes em Valenciennes—Mauberge, Saint-Inglevert, Abbevile e Havre), o centro de Lyon (Dijon, Moulins) o centro de Marselha (Montélimar, Nuries, Perpignan e Nice); no próximo mez tem o centro de Bordeus-Toulouse, comunicando com os postos de Bayona, Agen e Angoulême.

De seis em seis horas os postos correspondentes ás estações principaes comunicam entre si.

Quatro vezes ao dia, a estação da T. S. F. de Paris sabe todas as correntes aereas das diversas regiões.

A equipagem do Zeppelin, que de Mauberge correspondia com Paris pela telegrafia sem fio, tinha, antes da partida, todas as informações atmosfericas a respeito das regiões que ia atravessar. E mesmo durante a travessia esteve em comunicação com os portos de Dijon, Lyon, Montélimar e Marselha.

O tratado de paz com a Turquia

A cerimonia da assinatura

SEVRES, 13.—Nos dois lados do salão quadrado da fabrica de Sevres, enorme sala que serviu para exposição dos melhores exemplares do museu, destacam-se pratos ricos tendo pintados os perfis ingenuos das damas da alta sociedade, urnas e bustos de porcelana.

A meio, a classica mesa em fórma de ferradura, em volta as cadeiras douradas. Por cima, emoldurados em caixilhos de pau santo, deliciosas composições em porcelana de Sevres, onde as personagens se impõem nas inocentes atitudes de *vitrail*.

Uma pequenina mesa ao centro da que tem a forma da ferradura ostenta o tratado de paz, adornado pelo tinteiro encomendado pelo kaiser. Depois de tantas delongas, ia ser finalmente assinado o tratado de paz com a Turquia.

O sr. Fouquiéres, encarregado do protocolo, recebe os plenipotenciarios. Venizelos, que se encontrava em Paris, é um dos primeiros a chegar, acompanhado pelo sr. Athos Romano, ministro da Grecia em França. Millerand segue-o. Depois de todos se encontrarem nos seus lugares e após tres minutos de espera, um continuo agaloado aparece e anuncia:

—Os senhores plenipotenciarios do Imperio otomano!

E penetram naquela sala, graves, sem esboçar um gesto, o general Handi pachá, Reclud Ali-bey e Tevfik pachá, envergando os tres casaca preta e o turbante, que conservam na cabeça, segundo os habitos do seu paiz, durante toda a cerimonia.

Millerand ergue-se então e declara:

—Vamos proceder á assinatura do tratado de paz entre as potencias aliadas e a Turquia. Garanto aos senhores plenipotenciarios do Imperio otomano que o exemplar do tratado de paz que vão assinar é em tudo eguel áquele que lhes foi transmitido.

Imediatamente, guiados pelo sr. Fouquiéres, o general Hamdi-pachá levanta-se e inscreve a sua assinatura na parte inferior do tratado. São dezeseis horas e dez minutos. Assinam em seguida Rechid Ali Bey e Tevfik-pachá. Sir Jorge Graham, representante do imperio britanico, é o primeiro a assinar o tratado de paz por parte dos aliados. Em seguida assina egualmente os seguintes documentos diplomaticos:

O tratado da Thracia, convenção relativa ás zonas de influencia economica no Oriente (entre a Inglaterra e a Italia); a convenção grego-italiana, relativa ao Dodécanése, etc.; tratado sobre a America; tratado das minorias gregas; tratado dos novos Estados entre a Italia, Tcheco-Slovaquia, a Polonia e a Romania; tratado das fronteiras da Europa central.

As assinaturas são feitas pela ordem seguinte: França (os srs. Millerand, François-Marsal, Jules Cambon e Paleologo); Italia (conde Bonin-Longare, general Marietti, Samitelli-Rey Carlovalli e Bella Abbadessa); Japão, (os srs. M., Matsui; Armenia, (sr. Haromian); Belgica (os srs. Van den Heuven e Rollin-Jacquemins); Grecia (os srs. Venizelos e Athos Romano); Polonia (conde Zamoeski, ministro em Paris, delegado polaco á conferencia da paz); Portugal, (sr. Afonso Costa); Romania, (principe Ghika); Tcheco-Slovaquia, (sr. Osuski).

O Hedjaz, a Servia e a America não estavam representadas na cerimonia, que terminou ás 16 horas e 25.

O sr. Millerand declarou:

—Como todas as assinaturas estão sobre os tratados, declaro encerrada a sessão.

Bem depressa os tres delegados turcos que haviam permanecido imoveis e glaciaes durante a cerimonia dirigiram-se para a saida e, na companhia do coronel Henry, foram para o hotel dos Reservoirs, em Versailles.

Millerand partia pouco depois.

Firmado o ultimo tratado de paz com as potencias que combateram contra a Entente durante a grande guerra, o estado de paz está oficialmente restabelecido com os cinco poderosos inimigos.—(*Correspondente*).

Doutrina bolchevista

Instruções da Internacional aos seus agentes no estrangeiro

HELSINGFORS, 12. — Foram dadas instruções aos agentes bolchevistas que se encontrem no estrangeiro. São elas:

1.ª Procurar por todos os meios possiveis reconciliar-se com os governos burguezes; em caso de necessidade, dar-lhes concessões na Russia;

2.ª Os representantes bolchevistas no estrangeiro não se devem comprometer pela propaganda comunista;

3.ª Esse cuidado está a cargo de agentes secretos, que dependem dos representantes oficiais e recebem por intermedio seu os fundos necessarios para a acção;

4.ª Não trabalhar nem resolver segundo os paizes, explorando o mais abertamente possivel os lados fracos dos respectivos governos;

5.ª Dar valiosas subvenções aos grevistas estrangeiros e á imprensa de oposição;

6.ª Fomentar movimentos separatistas;

7.ª Organisar n'uma alta escala a emigração dos operarios para a Russia, principalmente estrangeiros descontentes com o seu governo;

8.ª Em caso forçado, provocar conflitos internacionaes e guerras, aproveitando-se d'elas para proceder contra os governos, enfraquecendo assim os recursos do paiz;

9.ª Em caso de força maior, não ficarem inactivos perante os actos terroristas;

10.ª Em primeiro logar, fazer os maiores esforços por reunir em comum os operarios e os empregados de caminhos de ferro, de oficinas metalurgicas e de empregados na alimentação.

PELO TELEGRAFO

Crise hespanhola, a substituição do ministro do interior

MADRID, 15.—O conde de Romanones, que regressou esta noite a Madrid, confirmou a noticia já dada pelo marquês de Alhucemas sobre a concentração de todos os grupos liberais, a qual teria tambem aderido ao partido republicano reformista. A respeito da demissão do ministro do interior, não ha ainda qualquer confirmação oficial e parece que a questão apenas será definitivamente resolvida a favor ou contra, quando o referido ministro voltar da sua viagem a Santander, para onde partiu a noite passada e onde descançará alguns dias, conforme o exige a sua saude.—(*Havas*).

Documento historico—Uma carta do ex-konprinz

PARIS, 14.—O *Matin* publica uma carta do ex-konprinz dirigida a Guilherme II em julho de 1917 em que lhe dizia, depois de um sumario exame da situação, que considerava esta desastrosa para a Alemanha e Austria; considerando tambem o fraco exito da campanha submarina, opinava por que se pedisse negociações de paz, pois dependia d'isso a vida do povo alemão, que estava já perigando — (*Havas*).

Armisticio entre a Finlandia e a Russia

HELSINGFORDS, 14.—Foi concluido um armisticio de 31 dias entre a Finlandia e a Russia, baseado na cessão da Carélia compreendida entre o lago ladoga e o golfo de Finlândia, á Finlândia, e garantias á Russia, no golfo da Finlandia.—(*Havas*).

Condenação dos fomentadores de gréves nos territorios ocupados

MOGUNCIA, 14. — Foram julgados em conselho de guerra os agentes da «heiratsdenst», acusados de terem espionado e tentado fomentar «complots» nos territorios ocupados. Quatro dos acusados e, entre êles, Schilebrach, deputado pelo Hesse, foram condenados a um ano de prisão; outro foi condenado a 10 anos de detenção. Os que não compareceram foram condenados a 20 anos de detenção. — (*Havas*).

O atentado contra Venizelos

PARIS, 14.—Os auctores do atentado contra o sr. Venizelos, interrogados pelo juizo de instrução, negaram-se a responder sobre os motivos que haviam sugerido o seu crime. Recusaram-se tambem a nomear defensor. Venizelos continua a melhorar. —(*Havas*).

PARIS, 14.—O boletim do estado de saude do sr. Venizelos diz que ele passou uma noite excelente. Temperatura 37,3; estado local completamente satisfatorio.—(*Havas*).

A representação oficial franceza na Olimpiada de Anvers

PARIS, 14.—A imprensa franceza diz que o governo será oficialmente representado nas Olimpiadas de Antuerpia pelos srs. Henri Paté, deputado por Paris, Gaston Vidal, deputado de Allier, o general Serrigny do Estado Maior do exercito. —(*Havas*).

Advertencia importante

Respondendo a reclamações recebidas

Todos os jornaes da tarde e da noite retomaram já o seu antigo pessoal tipografico, podendo, por esse motivo, sair ás suas horas habituaes. «A Capital», em virtude dos seus operarios se acharem trabalhando no jornal «A Patria» desde 1 de maio, está sendo feita por tipografos na maioria estranhos á classe. Esta explicação convem que os nossos leitores a tenham presente, afim de reclamarem dos vendedores o nosso jornal, por isso que muitos deles, com o fundamento de que «A Capital» sae mais tarde, se recusam a fazer a sua venda. Serve tambem esta explicação de resposta ás reclamações que temos recebido de muitos desses leitores.

A proposito desta advertencia, publicou o jornal *A Batalha* a seguinte nota:

A comissão pró aumento de salarios dos quadros dos jornais de Lisboa pede-nos a publicação do seguinte:

«Tendo saido no jornal *A Capital*, de 28 do corrente, uma nota na qual a empreza do jornal *A Capital* diz que já todos os jornais retomaram o seu antigo pessoal grafico, podendo, por esse motivo, publicar-se ás horas habituais, esta comissão vem declarar que se a empreza de *A Capital* ainda não resolveu o conflito como as restantes empresas, é unica e exclusivamente devido a não ter querido solucionar o conflito gráfico.

O pessoal de *A Capital* continua em greve e aguarda, na sua Associação de Classe, a adesão da empresa de *A Capital* á organização do trabalho e salarios minimos, já em vigor em todos os restantes jornais de Lisboa.

Esta comissão julga conveniente esclarecer o publico e a classe gráfica do motivo porque a empresa de «A Capital» ainda não tem a laborar o seu antigo quadro. Este não se demitiu, como parece depreender-se da nota publicada na «Capital». Encontra-se, como acima dizemos, na sua Associação de Classe aguardando a solução do conflito».

Ora no dia 21 de maio, publicou «A Capital» o seguinte:

Tendo constado á direcção de «A Capital» que o seu antigo quadro tipografico constituido pelos srs. Miguel Martins, chefe, Manuel e Guilherme do Espirito Santo, linotipistas, Gabriel Duarte, Libanio de Brito, Antonio Pinheiro e Ribeiro Pisco, compositores, estava empregado no jornal «A Patria», que ha-de em breve iniciar a sua publicação, solicitou da direcção desse jornal lhe dissesse se eram ou não verdadeiras as informações que recebera.

A esse pedido respondeu, por parte da direcção da *Patria*, o deputado sr. Antonio Mantas com a seguinte carta:

Sr. Manuel Guimarães dig.mo director d'«A Capital».—Lisboa.—Satisfazendo os desejos de v. manifestados na sua carta de 20 do corrente, cumpre-me declarar-lhe que efectivamente estão em serviço no jornal *A Patria* os tipografos referidos na carta de v., exceptuando Antonio Pinheiro, mas é meu dever dizer a v. que ainda não está constituido o quadro tipografico e todo o pessoal que trabalha na montagem da tipografia de *A Patria* é a jornal.

Devo tambem dizer a v. que o pessoal que fôr admitido neste jornal não acumulará, com o nosso consentimento, serviços com quaisquer de outros jornais

De v., etc.—*Antonio Mantas.*

Como esclarecimento, diremos que esta carta foi recebida antes do aparecimento de *A Patria*, a 27 de maio, e que do pessoal que estava trabalhando na montagem desse jornal faziam parte todos os antigos tipografos d'«A Capital», com excepção de um, o sr. Antonio Pinheiro, que está empregado no escritorio da casa Batista & Barbosa, da rua do Poço dos Negros. Esses tipografos ficaram fazendo parte do quadro efectivo da *Patria*.

A Polonia condenada a desaparecer?

A mensagem do governo francez aos Estados Unidos

PARIS, 14.—O sr. Millerand, presidente do conselho, enviou aos Estados Unidos uma passagem em que confirma o acordo entre os dois governos; diz que está em perfeita harmonia com o governo federal e que deseja ardentemente manter a independencia politica e a integridade territorial da Polonia. E' por este motivo que tanto Paris como Washington estão de acordo para estimular todos os esforços feitos no sentido de se chegar a um armisticio entre a Polonia e a Russia, mas evitando que o caracter atribuido ás negociações tenha como consequencia reconhecer o regimen bolchevista e desmembrar a Russia. Conclue que o governo francez nunca variou na sua vontade de sustentar os principios tão claramente formulados pelo governo dos Estados Unidos. E' neste espirito que ele está resolvido a aprovar as condições do armisticio oferecidas á Polonia, no caso de elas estarem conformes com estes principios. E' ainda neste espirito que, depois de maduro exame, o governo francez reconheceu, de facto, um governo russo que declara aceitar principios.—*(Havas)*.

Uma vitoria polaca, a derrota do 13.º exercito vermelho

CONSTANTINOPLA, 14.—As tropas do general Wrangel derrotaram o 13.º exercito vermelho, fazendo 6:000 prisioneiros e apoderando-se de 4 trens blindados, 150 metralhadoras e 30 canhões. A esquadra de Wrangel bombardeia Otckekoff para abrir o Dnieper ás canhoneiras russas.—*(Havas)*.

Respondendo á nota francesa

WASHINGTON, 15.—O secretario do Estado prepara uma resposta á nota francesa, que aprova, mostrando-se de acordo com os principios geraes nela expressos. Considera, porém, que esses principios não implicam, de momento, o dever de reconhecer o governo do general Wrangel.—*(Havas)*.

O parlamento hungaro oferece auxilio aos polacos

VARSOVIA, 14.—A delegação do parlamento hungaro visitou o governo polaco reiterou-lhe o oferecimento de 50.000 homens para auxiliar a Polonia e bem assim grande quantidade de trigo e pessoal da Cruz Vermelha.—*(Havas)*.

Uma grande batalha está travada nos arredores de Varsovia

PARIS, 14.—As ultimas noticias recebidas da Polonia, escreve no «Petit Parisien», anuncia que acaba de se travar uma grande batalha nos arredores de Varsovia, num raio de 30 a 40 kilometros ao norte, ao nordeste e a leste da cidade. Esta batalha deve durar alguns dias e provavelmente será decisiva; todavia, mesmo se os polacos a perdessem, estes nem por isso abandonariam a luta. Segundo alguns despachos, o general Woygand assumiria ou o comando em chefe do exercito polaco ou o papel de seu chefe de estado maior. Semelhantes funções já lhe foram oferecidas, mas a colaboração do marechal Foch não podia aceita-las; em primeiro logar, porque é dificil tomar a responsabilidade duma situação que se não criou e, depois, porque, numa guerra nacional, é um comandante nacional que convém ao exercito. O general Waygand fica, pois, em Varsovia, como simples conselheiro militar do exercito polaco.—*(Havas)*.

Os russos derrotados em varios pontos

VARSOVIA, 14.—As tropas polacas resistem ao avanço dos bolchevistas conseguindo derrota-los em varios pontos.—*(Havas)*.

O estado das negociações

VARSOVIA, 12.—Os parlamentares polacos concordaram com os negociadores bolchevistas que a delegação encarregada das negociações chegariam aos postos avançados no dia 14 pela manhã, a fim de se dirigir a Minsk.—*(Havas)*.

Conferencias que se relacionam com a Polonia

PARIS, 14.—O encarregado de negocios da America conferenciou demoradamente com o director do ministerio dos estrangeiros.

Esta tarde realisar-se-ha uma conferencia com o embaixador de Inglaterra.—*(Havas)*.

Varsovia será defendida até á ultima

VARSOVIA, 14.—O presidente da Republica, recebendo a delegação dos habitantes da capital, disse-lhes que o governo estava decidido a resistir e a defender Varsovia até ao ultimo extremo.—*(Havas)*.

A egreja de Bucelas em ruinas

Porque se não permite a sua reconstrução se ha quem dela se encarregue?

Encontra-se, infelizmente, há muito tempo votada ao completo abandono a egreja matriz de Bucelas, do concelho de Loures, sem que as competentes autoridades tenham, como deviam, olhado seriamente para o assunto, afim de evitar a continuação do vandalismo que se observa e a completa danificação do edificio.

A egreja, que tem por orago Nossa Senhora das Purificação, é um grandioso sacrario de reliquias da nossa antiga arquitetura, sendo valiosos os objetos artisticos que ali se encerram.

Encontra-se ali magnifica obra de talha dourada e quadros importantes de azulejos do seculo XVII, bem como outros objetos de valor, mas tudo, como dissemos, está em completo abandono, cheio de pó e de teias de aranha.

Parte das alfaias e objetos do culto acham-se espalhados pelo corpo da egreja, sujeitos á ação destruidora dos ratos e mais bicharia que por ali vagueia!

Além de tudo isto, que é bastante vergonhoso, grande numero de vidros nas janelas acham-se partidos, devido á malvadez da garotagem.

Ha em Bucelas muitas pessoas com meios de fortuna, que não teriam duvida em tomar a seu cargo a reparação do templo, se para tal fossem convidadas pelas respectivas autoridades. Existe naquela localidade uma comissão organisada que tem os seus estatutos pendentes da aprovação superior, a qual se responsabilisa pela conservação do templo e de tudo quanto encerra, bem como se propõe a manter o culto livre, se quizer o poder exercer.

Não se compreende que a egreja se conserve fechada, completamente abandonada, e estejam abertas duas capelas no perimetro da freguesia onde o culto se exerce a contento da população.

Ha da parte do povo de Bucelas verdadeiro empenho em que a egreja seja aberta ao culto, esperando-se a necessaria autorisação do sr. administrador do concelho de Loures, sem a qual não se podem realisar as indispensaveis obras de reparação.

Porque não se tem dado a tal respeito as respectivas ordens? O sr. administrador do concelho de Loures ignorará, por acaso, o estado em que se encontra a egreja?

Urge, pois, para dar satisfação aos cristãos, que se deem as providencias que tão importante assunto reclama. Evite-se a completa destruição d'aquele belo templo construido em 1553, no reinado de D. João III. Para o assunto chamamos a atenção do sr. administrador do concelho de Loures e do sr. Cardeal Patriarca de Lisboa.

TOURADAS

Campo Pequeno.—Promovida por um grupo de amadores e amigos do Adolfo Machado, realisa-se no domingo, no Campo Pequeno, uma corrida de homenagem a este artista, na qual tomarão parte apreciadissimos amadores, como os cavaleiros D. Alexandre de Mascarenhas, Vasco Fontelva e F. Barreiros, os bandarilheiros D. Carlos de Mascarenhas, F. de Oliveira, Patricio Cecilio, Gama Lobo, D. Pedro de Bragança e João Malhou e o aplaudido grupo de forcados de Santarem, de que é cabo o sr. Antonio de Abreu.

Serão lidados touros de F. Victorino, do Lavre (Vendas Novas). A tão belos elementos junta-se ainda um nome, que é um valioso atractivo, o do novilheiro «Facultades», que, na festa artistica de Alfredo Santos, alcançou um grande exito.

Descanço semanal

O comissario geral da policia de Lisboa, em ordem do corpo do hoje, determinava que se cumpram rigorosamente as instruções há muito recomendadas sobre a lei do descanço semanal.

As abortadeiras

A morte d'uma paciente e a prisão da parteira

E' o habil agente Antonio Augusto, da 1.ª secção da policia de investigação, a cargo do chefe Murtinheira, o encarregado de proceder a averiguações sobre mais um crime de aborto provocado, a que os jornais da manhã laconicamente se referem e de que foi vitima Beatriz da Costa Cabaço, do pateo do Carrasco, 7, 2.º. A Beatriz, que andava pejada de 8 meses, procurou a parteira do hospital de S. José, Emilia Teixeira, da rua 20 de Abril, 41, 2.º, e com ela combinou provocar o aborto, por meio de picadas. A Beatriz, que se sujeitou ao tratamento, foi instalar-se para casa da parteira, onde faleceu hontem, depois de ter abortado. O sub-delegado de saude da respectiva area, sr. dr. Prazeres, que verificou o obito, mandou o cadaver para a Morgue, bem como o feto recemnascido, proseguindo agora as investigações policiaes, pois sobre a parteira recáem suspeitas de não ser este o unico crime em que se encontra envolvida. A Emilia Teixeira continua sob a mais rigorosa incomunicabilidade n'uma esquadra.

Jardim Zoologico

«Epanas», o docil elefante que habita, ha dias, o parque das Laranjeiras, ao qual foi oferecido pelo sr. Sebastião Rodrigues, teve uma enterite, de que tem sido tratado pelo tenente coronel veterinario sr. dr. Francisco M. Mota d'Almeida, que, desde ha muitos anos, presta ao Jardim, com rara dedicação, os serviços da sua especialidade.

O valioso paquiderme está quasi restabelecido, comendo já com apetite a avultada ração.

Excursões e passeios

A excursão promovida anualmente pelo Gremio Excursionista Civil do Monte realisa-se no dia 22, sendo este ano a Cascaes e fazendo-se a entrega dos bilhetes nos dias 20 e 21, das 21 ás 23 horas.

NOTICIAS DA CAPITAL

Debaixo dos pés...—Na rua de S. Pedro Martir, 35, 3.º, houve hoje de madrugada mosquitos por cordas. Foi o caso que Rosalina de Jesus, pelxeira, e Estefania de Jesus, engomadeira, altercaram por qualquer motivo, envolvendo-se em desordem.

Em dado momento, uma delas atirou com um vaso á outra, mas errou a pontaria e o vaso saiu pela janela, indo cair sobre a visinha do andar inferior Rosa Pinheiro Bolhosa que estava á janela e que tendo sido ferida na cabeça foi receber curativo ao banco do Hospital de S. José.

A Rosalina de Jesus, ao ser presa, empregou grande resistencia, agredindo o guarda 1855 com socos e pontapés, tendo o civico de empregar a fôrça e ficando e Rosalina ferida na cabeça, pelo que foi tambem receber curativo ao referido hospital.

Os desordeiros.—Jacintho Rosa Belo, da rua do Diario de Noticias 21, 2.º foi agredido por José do Carmo Botas, da mesma rua, 24, que lhe atirou com uma garrafa á cabeça, tendo de ser pensado no posto de Misericordia.

Foi preso o trabalhador Dionisio Aires, da rua Sabino de Sousa, 68, loja, que na rua Moraes Soares ameaçou de agredir a tiro o guarda n.º 1270, que ali se encontraya de patrulha. O Aires já ha dias havia agredido com pedradas o referido guarda, que ficou ferido na cabeça.

A serie diaria.—Foram presos: Roldão Cezar Gomes de Moura, marinheiro da rua de S. Pedro Martir 1, 1.º, por ter furtado varios generos da montra da leitaria de Daniel Antonio da Costa, na rua do Loreto; Ludgero Ferreira da Silva, trabalhador, sem residencia, por andar a furtar calçado da porta de varios estabelecimentos da rua dos Cavaleiros e da rua dos Remedios; Carlos Augusto Paixão, ajudante da serralheiro, da calçada de Santo André 113, que estando como empregado de Eduardo Martins, da rua José Estevão, 41, d'ali furtou varios accessorios para biciclitos.

—Os gatunos entraram por arrombamento em casa de José Galspito, na rua Tomas Ribeiro 22, 5.º, o qual se encontra em Paço de Arcos. Ignora-se ainda o valor do furto, tendo ficado a casa guardada pela policia.

—A' policia foi entregue uma queixa de Antonio Pedro das Dores Junior, da rua da Silva 17, 3.º e proprietario de uma casa de bebidas na Travessa da Laranjeira 30, acusando os larapios de proprietario lhe terem furtado uma bicicleta no valor de 300 escudos.

—Os larapios entraram por escalamento de uma janela em casa de Antonio Simões, na rua Alexandre Herculano 25, 4.º, tendo furtado varios objectos de ouro e prata no valor de 150 escudos. O roubado queixou-se á policia dizendo suspeitar dos trabalhadores de uma obra proxima.

Policia expulso.—Foi expulso da corporação policial, por ter completado 15 dias de deserção, o guarda 318 Manuel Correia de Andrade, da esquadra da Praça d'Alegria.

ULTIMA HORA

A questão dos electricos

O comicio no parque Eduardo VII

A cidade pode passar cinco ou seis meses sem electricos, disse ao pessoal um dos vereadores municipaes

Conforme estava anunciado, realisou-se com extraordinaria concorrencia o comicio promovido pelo pessoal da Companhia Carris de Ferro, a fim de expôr ao publico o motivo da gréve.

Foi no alto do Parque Eduardo VII, junto á Penitenciaria, que pelas 17,20 se constituiu a mesa, presidindo o sr. José Henriques Moreira, que era secretariado pelos srs. José dos Santos Cabral e José Augusto Martins.

A autoridade estava representada pelo capitão sr. Albuquerque, que tinha sob as suas ordens 164 policias.

Foi lido um oficio da União dos Sindicatos Operarios, dando todo o seu apoio aos grevistas.

Aberta a sessão, o presidente declarou que a tribuna era livre e que poderia usar da palavra quem quizesse, aconselhando a melhor ordem, para que a autoridade não tivesse de intervir.

O sr. Armando Martins, membro da comissão de melhoramentos, passou a expor o motivo da gréve, afirmando que o pessoal nada reclama, nem nada deseja mais do que seja o cumprimento do convenio assinado em 31 de maio no ministerio do interior entre a Camara Municipal e a Companhia Carris.

Afirma que o pessoal não retomará o trabalho sem lhe serem pagos os dias em greve. Ataca o auctor da celebre carta aberta e explica as razões que lançaram o pessoal neste movimento. A Camara Municipal é a unica responsavel da actual situação.

Indo á Camara a comissão de melhoramentos fazer as suas reclamações, um dos vereadores disse-lhe que, assim como a cidade tinha ficado dois meses sem caminhos de ferro, tambem podia passar cinco ou seis sem electricos, que não faziam falta.

Ataca o sr. Alvares Cabral, vereador, que diz ser o inimigo mais acerrimo da Companhia por não ter conseguido, como pretendia, o logar de comissario junto d'ela.

O pessoal não consentirá que as tarifas sofram novo aumento para o publico. Que paguem os portadores de passes, que o podem fazer.

Em ultimo recurso que desista a Camara dos 8 % que tem e o governo dos 15 % do imposto do selo, podendo assim ser beneficiado o publico.

Seguem-se no uso da palavra os srs. Carlos Forte, da comissão de melhoramentos, José Augusto Martins e Claudio dos Santos, na mesma ordem de ideias.

O comicio continua, á hora a que fechamos este extrato, no meio do maior entusiasmo e animação.

MODOS DE BURLAR

Uma "grande" empresa

que não passa, afinal, d'uma armadilha para apanhar dinheiro aos incautos

Um jornal da manhã de hoje noticia que á policia de investigação foi apresentada queixa contra uma empresa que se constituiu em Lisboa ha 3 anos e que, destinada a dar impulso á vida industrial, comercial e agricola do paiz, e a prestar auxilio a todas as iniciativas particulares, não cumpriu o seu dever, apesar de ter conseguido apanhar alguns milhares de escudos aos incautos, o que representa uma burla.

A noticia é em parte verdadeira, mas a falta é que á policia não foi apresentada qualquer queixa nesse sentido, estando no entanto alguns accionistas da empresa em questão dispostos a chamar a atenção do governo para o grave caso. Tal facto representa um abuso que urge reprimir, porque não se procedendo com energia contra tais burlões, isso implica o retraimento do capital nacional, que, dados factos de tal natureza, natural é que não sejam empregados em empresas sérias e honestas.

Nas suas linhas geraes o caso resume-se no seguinte:

Fundou-se uma empresa, que, segundo anunciava nos seus prospectos, tenha um capital inicial de um milhão de escudos, capital em subscrição 9 milhões e capital social, em breve completamente realisado, 10 milhões de escudos.

Pois apesar de tão espalhafatosos reclames, o capital realisado até hoje não vae além de 30.000 escudos, completamente já gastos em propaganda, cujos resultados proficuos foram nulos.

Essa empresa tem sete secções, todas elas destinadas a garantir o capital aos seus accionistas, já fazendo emprestimos, já fornecendo-lhes todos os utensilios, sementes e adubos indispensaveis á agricultura, já facultando os meios necessarios para desenvolver ou crear os negocios comerciaes em varios pontos do paiz e estrangeiro, ou montando industrias novas ou desenvolvendo as existentes, garantindo-lhes uma caixa previdente sem pagamento de joia, ou ainda desenvolvendo o ensino comercial.

De todo este programa, apenas a tal empresa conseguiu cumprir o ultimo numero ou seja mantendo em Lisboa e n'outra cidade do Norte secções para o ensino Comercial.

Fóra d'isso, as outras secções creadas não se mantiveram por falta de criterio, devido ao esbanjamento dos dinheiros colhidos pelas acções.

Uma das regalias concedidas aos accionistas era o levantarem os seus capitaes ao fim de seis mezes e, decorrido um ou dois anos, terem direito a um titulo de credito em conta corrente de 5 ou 10 vezes maior, conforme fosse decorrido o tempo de 1 ou 2 anos de accionista.

O levantamento do dinheiro foi concedido apenas a alguns accionistas, e as restantes vantagens nunca foram concedidas.

Dividendo, até hoje, não foi distribuido pela empresa em questão, a qual nos titulos provisorios de acções indica as casas bancarias Borges & Irmão, Banco Economia Portuguesa e outra, com o *truc* de dar a entender que são os seus bancos, quando, afinal, isso não sucede, pois a empresa não tem nelas depositadas quaesquer quantias que possam garantir a seriedade da mesma empresa.

Serviço telegrafico da tarde

Nas regiões devastadas. O resurgimento de Lens e de Reims

PARIS, 14.—Falando da visita do sr. Millerand ás regiões devastadas, o «Petit Journal» escreve que Lens é um testemunho vivo da fé, da obstinação e do labor das populações dos departamentos devastados pelo inimigo. Lens resurge; é certo que não se vêem já as suas casas de tijolo nem os grupos de casas de outrora nas suas ruas regularmente traçadas hoje, o que se vê são casas simples de madeira, algumas vezes garridas, onde aqueles a quem a invasão destruiu os lares vieram procurar um abrigo provisorio. Uma nova «Mairie» improvisada instalada n'um completo abarracamento, assolhado e com janelas claras, uma egreja de madeira cujo rudimenter campanario é encimado pelo galo tradicional, um hospital, tambem de madeira pintado de vivas côres e onde dedicadas enfermeiras prodigalisam os seus cuidados a mais de 250 crianças e doentes.

E' esta cidade nova que renasce das ruinas da antiga e que não deseja senão prosperar e engrandecer-se.

Acaba de se formar uma comissão para dar o seu parecer no concurso de todos aqueles que desejarem contribuir para a reconstrução e para o renascimento de Reims. A' frente desta comissão encontram-se os srs. Lex Bourgeois, presidente do Senado, presidente da Sociedade das Nações o senador do Marne, o cardial Luçon arcebispo de Reims e grande numero de personalidades.—*(Havas)*.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3607 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Segunda-feira, 16 de Agosto de 1920 | Telephono n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

O MARTIRIO DE UMA MULHER

O livro "Infeliz-Mente!"

Amigos falsos são peores que inimigos declarados

Retomemos a conversa no ponto em que a deixei. Como em parentese respondi a uma nota do livro *Infeliz*, por vir a talho de foice. Assim farei algumas vezes.

Ora dizia eu que a minha partida de Santa Comba está descrita no meu livro *Doida, não!*; e porque o leitor já a conhece, acho melhor não a repetir, seria cansá-lo inutilmente, além de que o que se passou foi assim, não pode haver alterações.

Da minha chegada ao Porto já contei tambem o principal no meu livro. Há uns pequenos nadas, cousas sem importancia em que nem vale a pena falar, e no que apenas devo insistir é no papel importante que um amigo... do Peniche desempenhou em tudo isto.

Chegada que fui ao Porto, escolheram-me o hotel Sul-Americano como ante-camera do Conde de Ferreira. No meu quarto apenas entravam meu filho e o sr. dr. Antonio Balbino Rêgo, médico cirurgião dos hospitaes com consultório na rua do Mundo, 81, 1.º, Lisboa (não levo nada pelo reclame) que se dizia amigo da familia.

Esse senhor, habil Tartufo, afastou sempre de mim o sr. dr. Alfredo da Cunha no Sul-Americano. O que lhe dizia a ele, não sei, o que me disse a mim, não o esqueci.

Na unica vez em que me falou na minha entrada numa casa de saúde, eu disse-lhe que só havia uma solução, chegadas as cousas ao ponto a que tinham chegado — o divórcio — e esse senhor respondeu-me, —parece que estou a ouvi-lo—«E quem lhe diz que, emquanto está na casa de saúde, se não vai tratar disso?

Quem m'o devia ter dito era o meu coração, se conhecesse, como hoje, um pouco melhor os homens.

Duma das vezes em que insisti por falar com o sr. dr. Alfredo da Cunha, perguntou-me se eu não receava um acto violento por parte d'aquele senhor. Disse-lhe que não.

Nunca tive médo á morte rápida; o que me mete horror é a agonia lenta em que se veja ir, pouco a pouco, desaparecendo a vida, levando atraz de si esperanças e ilusões, indispensaveis á existencia de todos, porque sem elas o mundo não seria suportavel.

Mas, perguntarão leitor, como é que o sr. dr. Balbino Rego tinha tanta interferencia n'este caso, não sendo sequer seu medico?

Quereria saber-lhe responder, mas não sei. Só o que posso contar-lhe é como conheci esse senhor e as relações que tinhamos, podendo tambem desdo já dar-lhe a saber que o sr. dr. Balbino Rego, que no Conde de Ferreira teve alguem de familia — o que pode ser cousa grave, se um dia cae nas mãos de algum colega psiquiatra—tinha amigos n'aquele hospital.

Uma tarde, ha anos, a filha mais nova de meu falecido irmão José Tomaz Coelho foi com uma criada a casa d'umas pessoas amigas. Havia lá um cão e, como a criança era muito amiga de animais, afagou-o e o cão, para lhe manifestar a sua alegria, lançou-lhe as patas aos hombros, mas, por infelicidade, com uma unha rasgou-lhe uma palpebra. A criada levou a pequenita ao hospital do S. José. Quem estava de serviço no banco era o sr. dr. Balbino Rego, que lhe fez o curativo. Dias depois foi ele a casa de meu irmão retirar os pontos naturais com que cosera a palpebra e, como a mãe da pequenita não tinha animo para assistir, fui eu chamada. Foi quando conheci o sr. dr. Balbino Rego.

Passado tempo, um amigo do sr. dr. Alfredo da Cunha falecia, deixando recomendada ao amigo uma filha. Esta vivia com a mãe que a não tratava bem, o que levou um tio materno da criança a fazer-lha retirar por justiça, entregando-a ao sr. dr. Cunha. Para evitar que lhe pudessem atribuir uns ferimentos que a pequenita apresentava, pediu este senhor ao sr. dr. Moraes Sarmento (já falecido) que lhe fizesse um exame.

Este ilustre clinico foi a nossa casa, levando consigo o sr. dr. Balbino Rego, medico do posto antropometrico do Governo Civil de Lisboa. Foi a segunda vez que o vi.

Tempos depois a mesma pequena, que tinha sido internada num colegio pelo sr. dr. Alfredo da Cunha, foi passar umas ferias a Lisboa e ali apanhou sarna. A directora do colegio mandou-m'a entregar por não poder tratal-a, receando o contagio para as outras alunas. Estava o sr. dr. Alfredo da Cunha, se não me engano, nas Pedras Salgadas.

Fiquei embaraçada. Em casa não a podia eu tratar, porque provavel era não conseguir um isolamento completo das mais pessoas. Telefonei então para os hospitaes e casas de saude, mas, assim que declarava a naturesa do mal, recebia uma resposta negativa—não podiam aceita-la. O que havia de fazer? Lembrei-me — infeliz inspiração! — como o sr. dr. Balbino Rego conhecia a pequena e era dos hospitaes, de telefonar-lhe a expor-lhe o caso. Este senhor prometeu-me tentar arranjar onde a criança pudesse ser tratada convenientemente. De facto telefonava-me pouco depois, dizendo que, apesar de grandes dificuldades, tinha conseguido um quarto no hospital Estefania, mas que era necessario ocultar a verdade, que só uma enfermeira devia conhecer. Qué estivesse lá ás tantas horas. Lá fui como o leitor virá.

Maria Adelaide

POLITICA

O que ha, o que não ha e o que pode haver...

Não ha maneira de se escrever com calma e serenidade depois duma caminhada brutal, debaixo dum sol asfixiante que nos dessóra até á medula. Hoje, por exemplo, a Sociedade Estoril—ha coisas só possiveis em Portugal!—resolveu, sem aviso prévio, suspender o comboio das onze e tal. A essa hora, na estação de Alcantara-mar, havia uma quantidade rasoavel de passageiros já com o bilhete comprado, aguardando apenas o comboio. Eis se não quando o comboio surge e passa como um meteóro, sem paragem alguma. Indaga-se o que é e obtem-se como resposta que a Companhia resolvera á ultima hora eliminar as paragens desse comboio e que o outro só vinha á 13,40—duas horas depois! Protestos, zangas, arrelias, e vá de receber novamente o dinheiro e marchar a pé para Lisboa. E' isto decente? Não é. Mas como isso não tem nada com a politica, deixemos as lamentações e vamos á secção...

O que ha de novo? Nesta altura da sessão não ha nada. Nem numero sequer para começar os trabalhos e já lá vae uma hora de espera e de calacice. Quanto á vida do governo, divergem em absoluto as opiniões, e se uns dão o governo em crise, outros dão-n'o, pelo contrario, rijo e teso para acudir ao peso. Uma *blague* permanente que seria interessante se não fosse perigosa. Agora dá-se como certo que o sr. dr. Antonio Granjo aceita a fixação d'um limite maximo de quinze mil contos, sem incluir a dotação do tres duodecimos.

Será assim? Dizem que é assim, mais mil menos mil, que em coisas de pouca monta não vale a pena pensar.

O que é facto é que a tempestade não se acalmou ainda e que ha mesmo dentro dos partidos que apoiam o governo quem deseje perguntar ao governo o que pensa sobre a questão dos trigos, se deseja o regimen do bastarmo-nos a nós proprios, ou se pelo contrario recorremos a uma larga importação, e neste caso ainda qual é o criterio a seguir—o que acaba de seguir o Senado francês, cheio de logica e de patriotismo, marcando taxativamente verbas monetarias e verbas cerealiferas, ou o regimen de bambochata em que vimos desfalcando o tesouro publico em cêrca de oitenta mil contos por ano.

Tudo isto são perguntas a que hoje ou ámanhã se ha de sugeitar o sr. dr. Antonio Granjo e das respostas depende um pouco a vida parlamentar do governo.

E estamos nisto. Vamos, porém, apostar dobrado contra singelo em como em assuntos de votação os nossos calculos não falham e que muito errados andam os que supõem navegar num mar de leite.

Se o sr. presidente do ministerio aceita o quantitativo dos duodecimos bem está. A tempestade acalma-se, o ambiente purifica-se e a nau governamental pode singrar. Se não, não. Mas já não falta muito para vermos o resultado de tudo isto. Aguardemos algumas horas mais, mas não nos deixemos embalar na doce esperança das calmarias de agosto.

OS SEGREDOS DA GUERRA

Os aliados poderiam ter feito a paz em 1917?

O sr. Briand ofereceu-se para o fazer

Continuando nas suas sensacionais revelações, o *Matin* chegado hoje a Lisboa traz o seguinte artigo:

—Se querem fazer a paz em proveito da Russia, demorem a guerra mais quinze ou dezoito mezes—dissera o rei de Hespanha em 1914...—se, pelo contrario, querem esmagar a Alemanha em seu beneficio e para bem da civilisação inteira, continuem desarticulando a coalisão inimiga... Lá para o outono ofereçam a paz aos imperios centraes, uma paz terrivel: **A sua paz.**

O conselho de Afonso XIII não foi atendido em França, naquela epoca, senão por um homem: o sr. Aristides Briand.

Presidente do conselho, fôra posto ao facto, pelo sr. Poincaré, presidente da Republica, das *démarches* do principe Sisto no fim do ano de 1916 e principios de 1917.

Embora ele tivesse abandonado o poder em meados de março de 1917, conhecia a substancia da conversação havida com o rei de Hespanha em 2 de março de 1917, transmitida ao governo francez no dia 6 de março.

Até soubera por informações pessoais que o imperador de Austria tencionava escrever ao imperador da Alemanha.

Essa carta foi, realmente, dirigida a Guilherme II pelo imperador Carlos em Junho de 1917. Insistia ela sobre o descontentamento crescente dos povos submetidos á Austria, sobre a impossibilidade, da continuação da guerra por mais tempo e sobre a necessidade de pôr um termo a ela, embora ao preço de sacrificios comuns da Austria e da Alemanha.

No proprio mez de junho em que Guilherme II recebia do seu aliado esse convite para a paz, o sr. Briand recebeu, pessoalmente, a visita duma alta senhora belga, viuva dum senador, a condessa de Merode.

Madame Merode vinha de Bruxelas. Descreveu a transformação que se tinha operado havia alguns mezes no procedimento dos funcionarios alemães e de seu chefe, o barão de Lancken.

Orgulhosos e impios, viam-se esmagados pelo sentimento da derrota.

O barão de Lancken era o primeiro a deixar adivinhar a sua inquietação.

Chegára a dizer a Madame Merode:

—Se a *Entente* quizesse fazer a paz, o meu chefe supremo estaria disposto a aceitala. Mas, só na certeza de que triunfaria, porque, caso contrario, os pangermanistas o derrubariam imediatamente.

Estas palavras fizeram crer a Madame Merode que eram de extrema importancia, vindas dos labios dum homem que todos sabiam ser confidente de Guilherme II e seu agente directo.

—Em todo o caso—acrescentara o sr. Lancken,—o meu chefe não fará a paz sob qualquer pressão externa, seja dum amigo, seja dum aliado.

Madame Merode ouvira essas ultimas palavras sem lhes compreender o sentido.

Foram essas as que mais impressionaram Briand.

—Oh!—pensou ele— o imperador da Austria já escreveu.

E julgou ver, nos propositos do sr. Lancken, a reação que a carta do imperador Carlos havia suscitado no imperador Guilherme.

—Se o kaiser tem que fazer concessões—chegára a dizer o governador da Belgica,—é porque pelo menos deseja que o seu paiz tire delas um beneficio moral.

No estado em que Briand ficara, cada uma dessas frases devia ser rica em conclusões. O receio dos pangermanistas, o tremor duma paz terminada sem ser por seu intermedio, a ancia de tratar, a sós, tudo concordava, encaminhando-se a provar que o kaiser não acreditava já no sucesso das armas e que procurava o meio de salvar o trono e a sua dinastia.

Todavia, não podia assentar-se o edificio da paz, sobre umas palavras de mulher. Por isso, Briand se mostrou muito reservado, limitando-se a responder:

— Nenhum homem de Estado pode, minha senhora, comprometer-se, como deverá reconhecer, numa conversação tão pouco precisa. Demais, a França não vai tratar disso, sem, por um lado, ter ouvido os aliados, e, por outro, sem certas garantias, como por exemplo: 1.º a evacuação dos territorios invadidos; 2.º a restituição da Alsacia e da Lorena; 3.º a reparação pelo inimigo dos mesmos estragos por esse inimigo feitos.

Madame Merode recebeu essa resposta e saiu.

* *

O sr. Briand fez logo sciente disso o governo de então, observando que constituia uma especie de replica alemã ás *démarches* do principe Sisto e encerrava uteis indicações sobre a desconfiança que tivera outr'ora o Kaiser a respeito da sua aliada a Austria.

Passou-se o verão. Em setembro, nova visita ao sr. Briand, não duma senhora, mas do barão Coppée, a quem seu filho acompanhava.

Este vinha confirmar as suspeitas do barão de Lancken, que declarou:

—A cousa é muito seria. Um certo numero de elevados personagens belgas verificaram como nós o valor d'essas propostas.

O interlocutor do sr. Briand citou nomes, entre os quaes, crêmos, o do cardeal Mercier, e afirmou não ter a menor duvida sobre as disposições do imperador de Alemanha.

—Eu só posso dar valor ao que me diz, com duas condições,—retorquiu ele.—A primeira é que sejam postos ao corrente de tudo o presidente da Republice e o governo francez. Segunda, que me trará a prova de que a *démarche* de que sou alvo neste momento é feita de acôrdo com o governo belga.

—Nada mais natural—replicaram o barão Coppée e seu filho.

E, dois dias depois, punham o sr. Briand em contacto com o primeiro ministro belga, o barão de Broqueville.

O chefe do governo belga deixava transparecer claramente que julgava a referida proposta digna de ser tomada em consideração e transmitida aos aliados.

Broqueville contou depois a varios amigos, ter dito a Briand que a questão tinha os seus perigos, principalmente para o sr. Briand, mas que merecia ser tentada.

Isto é exacto.

Briand tambem disse:

—Ha homens que correm outros perigos nesta guerra, e dia a dia, ha tres anos. Comparados com os que arrostam os soldados, os perigos que esperam o homem politico não são dignos de nota.

A conversação na qual o presidente de conselho belga e o antigo presidente do conselho francez haviam estudado os preliminares da paz, coleccionado os informes obtidos, procurado a tactica a seguir, devia ter terminado numa sugestão de Broqueville. Tratava-se, naquele momento, duma conferencia na Suissa para a troca de prisioneiros.

—A França podia designa-lo para seu representante nesse paiz—disse Broqueville a Briand.—Eu nomear-me-hia delegado na Belgica, e poderiamos desta maneira avaliar melhor o alcance das propostas que nos são feitas.

No momento em que se trocavam estas frases, a França estava a braços com mais uma crise ministerial.

Cahira o ministerio. Painlevé tomava o seu logar.

O sr. Briand foi apresentar então ao presidente da Republica, ao presidente do conselho e ao sr. Ribot, ministro dos estrangeiros, os oferecimentos que havia recebido.

Advertencia importante

Respondendo a reclamações recebidas

Todos os jornaes da tarde e da noite retomaram já o seu antigo pessoal tipografico, podendo, por esse motivo, sair ás suas horas habituaes. «A Capital», em virtude dos seus operarios se acharem trabalhando no jornal «A Patria» desde 1 de maio, está sendo feita por tipografos na maioria estranhos á classe. Esta explicação convem que os nossos leitores a tenham presente, afim de reclamarem dos vendedores o nosso jornal, por isso que muitos deles, com o fundamento de que «A Capital» sae mais tarde, se recusam a fazer a sua venda. Serve tambem esta explicação de resposta ás reclamações que temos recebido de muitos desses leitores.

A proposito desta advertencia, publicou o jornal *A Batalha* a seguinte nota:

A comissão pró aumento dos salarios dos quadros dos jornais de Lisboa pede-nos a publicação do seguinte:

«Tendo saido no jornal *A Capital*, de 28 do corrente, uma nota na qual a empreza do jornal *A Capital* diz que já todos os jornais retomaram o seu antigo pessoal grafico, podendo, por esse motivo, publicar-se ás horas habituais, esta comissão vem declarar que se a empreza de *A Capital* ainda não resolveu o conflito como as restantes empresas, é unica e exclusivamente devido a não ter querido solucionar o conflito gráfico.

O pessoal de *A Capital* continua em greve e aguarda, na sua Associação de Classe, a adesão da empresa do *A Capital* á organização do trabalho e salarios minimos, já em vigor em todos os restantes jornais de Lisboa.

Esta comissão julga conveniente esclarecer o publico e a classe gráfica do motivo porque a empresa do «A Capital» ainda não tem a laborar o seu antigo quadro. Este não se demitiu, como parece depreender-se da nota publicada na «Capital». Encontra-se, como acima dizemos, na sua Associação de Classe aguardando a solução do conflito».

Ora no dia 21 de maio, publicou «A Capital» o seguinte:

Tendo constado á direcção de «A Capital» que o seu antigo quadro tipografico constituido pelos srs. Miguel Martins, chefe, Manuel e Guilherme do Espirito Santo, linotipistas, Gabriel Duarte, Libanio de Brito, Antonio Pinheiro e Ribeiro Pisco, compositores, estava empregado no jornal «A Patria», que ha-de em breve iniciar a sua publicação, solicitou da direcção desse jornal lhe dissesse se eram ou não verdadeiras as informações que recebera.

A esse pedido respondeu, por parte da direcção da *Patria*, o deputado sr. Antonio Mantas com a seguinte carta:

Sr. Manuel Guimarães dig.mo director d'«A Capital».—Lisboa.—Satisfazendo os desejos de v. manifestados na sua carta de 20 do corrente, cumpre-me declarar-lhe que efectivamente estão em serviço, no jornal *A Patria* os tipografos referidos na carta de v., exceptuando Antonio Pinheiro, mas é meu dever dizer a v. que ainda não está constituido o quadro tipografico e todo o pessoal que trabalha na montagem da tipografia de *A Patria* é a jornal.

Devo tambem dizer a v. que o pessoal que fôr admitido neste jornal não acumulará, com o nosso consentimento, serviços com quaisquer de outros jornais.

De v., etc.—*Antonio Mantas.*

Como esclarecimento, diremos que esta carta foi recebida antes do aparecimento de *A Patria*, a 27 de maio, e que do pessoal que estava trabalhando na montagem desse jornal faziam parte todos os antigos tipografos d'«A Capital», com excepção de um, o sr. Antonio Pinheiro, que está empregado no escritorio da casa Batista & Barbosa, da rua do Poço dos Negros. Esses tipografos ficaram fazendo parte do quadro efectivo da *Patria*.

A luta entre russos e polacos

Os motivos por que a França reconheceu o governo do general Wrangel

O governo francez, pela voz do seu presidente, o sr. Millerand, declarára no parlamento que só reconheceria um governo russo que lutam contra o bolchevismo, que tivesse as simpatias da população e que demonstrasse um espirito liberal e progressivo, honrando ao mesmo tempo os compromissos tomados anteriormente pela Russia.

As noticias recebidas da Criméa vieram mostrar que o governo do sul da Russia creava instituições electivas, assegurava aos camponezes a propriedade legal das terras e aplicava na administração os principios sobre que assentam no momento actual todos os governos regulares da Europa.

Além d'isso, o governo do general Wrangel tornou publicos os seguintes principios como base da sua politica:

1.º—No que respeita á futura organisação da Russia, o fim principal do governo do sul da Russia é dar aos povos a possibilidade de determinar a fórma de governo por uma livre expressão da sua vontade.

2.º—A egualdade, quanto aos direitos civis e politicos, e a inviolabilidade pessoal de todos os cidadãos russos sem distinção de origem e de religião.

3.º—Atribuição, em propriedade plena, da terra aos que a cultivem de facto, como consagração legal da tomadia efectuada pelos camponezes das terras durante a revolução; esta reforma está recebendo completa execução.

4.º—Defeza dos interesses da classe operaria e das organisações profissionaes.

5.º—No que respeita ás relações com as informações politicas que se crearam no territorio da Russia, o governo do sul da Russia continuará num espirito de reciproca confiança e de colaboração com elas, a união das diferentes partes da Russia numa ampla federação livremente consentida, união que resultará naturalmente da comunidade de interesses e, em primeiro logar, das necessidades economicas.

6.º—Em materia economica, restabelecimento das forças productivas da Russia nas bases comuns a todas as democracias modernas, deixando amplo logar á iniciativa particular.

7.º—Reconhecimento dos compromissos internacionaes contrahidos pelos governos anteriores da Russia para com as potencias estrangeiras.

8.º—Pagamento das dividas da Russia, cuja garantia reside na execução do programa da reconstituição economica.

Taes os motivos porque o governo francez reconheceu o governo do general Wrangel, oficial que, como se sabe, foi o escolhido para tomar o comando em chefe dos exercitos que operam contra os bolchevistas.

Quanto á lucta que se está ferindo entre polacos e russos, as ultimas noticias dizem o seguinte:

STOCKOLMO, 15. — A cidade de Soldau foi tomada no dia 13 do corrente pelos bolchevistas após um combate que durou alguns dias.—(*Havas*).

ROMA, 15.—A direcção do partido popular aprovou uma ordem do dia, declarando que em presença da tentativa bolchevista de impor a ditadura comunista na Europa pela violencia e pelo militarismo, renova e afirma o direito dos povos de escolherem o governo que quizerem sem qualquer ingerencia estrangeira e em particular o direito da nação polaca a uma completa independencia.—(*Havas*).

A criminalidade no estrangeiro

Ladrões de malas nas estações de caminhos de ferro. Trata-se de espiões?

Ha poucas semanas num hotel da rua de Malta, em Paris, foram hospedar-se quatro pessoas, dois homens e duas mulheres, que ocupavam tres quartos pequenos onde frequentemente se juntava com eles um quinto individuo.

Chegada a noite, saiam os cinco em grupo e só recolhiam de madrugada, carregados de malas e fardos. Andavam todos elegantemente vestidos, mas era bem visivel a sua vulgaridade. A sua atitude suspeita foi notada pelo comissario do bairro de Folie-Mericourt, que tratou de investigar.

Tres inspectores da policia foram encarregados de deitar a mão aos hospedes do hotel da rua de Malta.

Apanharam um deles, quando se dirigia, com dois embrulhos na mão, para o mercado do Templo e pediram-lhe algumas explicações, a que não respondeu satisfatoriamente. O preso declarou chamar-se Antonio Loria, ter trinta e quatro anos e exercer a profissão de corrector. O inspector Tangazi não se deu por satisfeito com as explicações fornecidas e passou uma busca na rua de Malta, nos quartos ocupados pela quadrilha, dando em resultado saber-se a que mister esses individuos se dedicavam.

Nos tres quartos as malas e maletas estavam em monte, e apresentavam um singular indicio revelador de que haviam sido arrombadas. Peças de roupa se viam em varias prateleiras e pelos cantos. Uma das mulheres, surpreendida pelo comissario no seu labor, correu ao fogão onde intentou lançar um masso de letreiros de varias cidades que haviam sido arrancados das malas.

A quadrilha foi imediatamente presa e no comissariado obteve-se a verdadeira identidade dos gatunos. São eles cinco e chamam-se Antonio Soria de 34 anos; Julio Soria, seu irmão, de 32; Teresa Gallat, de 27; Leontina Lafon, de 32, amante de Antonio e irmã do ultimo cumplice, Mario Lafon, 27, pedreiro e morador na rua Vert-Bois, 45. Confessaram entregar-se ha um ano aos roubos nas gares do P. L. M., das linhas do Estado e de Orleans. Na propria sala das bagagens, e aproveitando a aglomeração de passageiros á chegada dos comboios é que elas *trabalhavam*, andando para isso munidos de falsas guias.

A quadrilha estava perfeitamente organisada. Os irmãos Soria praticavam os furtos; Mario espalhava as mercadorias em Saint-Ouen ou no mercado do Templo. As mulheres tratavam das malas e das fazendas. Mario conseguira obter uns documentos no consulado de Hespanha em Nice, que lhe dava a entidade de subdito hespanhol. Mas havia uma circumstancia a que ele não atendera. Tinha um cartão das subsistencias com o seu verdadeiro nome.

Os tres homens são desertores desde 1917 e tinham um cumplice chamado Eugenio Claudio Notte, actualmente preso por furto. Vê-se, pela correspondencia apanhada, que eles tinham cumplices em varias cidades. Bastantes telegramas são assim concebidos: «Mande mala.»—«Mala chegou.»—«Segue outra mala», etc.

Por fim fez-se uma descoberta notavel entre os papeis dos gatunos: a de uma correspondencia em alemão em nome de Muller, que encorra, entre outros documentos, um caderno onde se acham anotadas certas indicações que podem permitir aos agentes inimigos a passagem pela fronteira sem serem incomodados, uma colecção de sinais, descrições de certos pontos, varias fotografias de navios alemães e de submarinos, um retrato em ponto grande do ex-kaiser, etc.; tudo isso foi apanhado.

Esses papeis pertenceriam á quadrilha ou seriam subtraidos por esta de qualquer mala?

O inquerito a que se procede o dirá.

PARLAMENTO

Nos Deputados

A transferencia dos sargentos—As propostas de credito ilimitado

No expediente figura uma carta de renuncia do deputado por Beja sr. Moniz Tavares.

Antes da ordem, o sr. Bartholomeu Severino trata do pessimo serviço dos caminhos de ferro do Vale de Vouga, cujos horarios não se combinam com as demais linhas das outras companhias, o que prejudica extraordinariamente toda a vida da legião da Beira Alta.

O sr. ministro da marinha promete transmitir as considerações expendidas ao seu colega do comercio.

O sr. Manuel José da Silva (Azemeis) trata mais uma vez da situação dos professores provisorios dos liceus, ácerca dos quaes volta a produzir amargas considerações.

O sr. ministro da instrucção promete mais uma vez tambem providenciar.

O sr. Pinto da Fonseca chama a atenção do governo para a situação em que se encontra uma enorme quantidade de praças que estão ilegalmente no serviço da Guarda Republicana. Essas praças já acabaram o seu tempo de serviço e é justo que sejam licenceadas.

Chama tambem a atenção para o corpo da policia do Porto, que está quasi sem policiamento, mercê do vencimento miseravel que percebem.

Cita tambem o facto de na estação do Rocio existirem contractadores para a venda de bilhetes que desaparecem por completo das bilheteiras.

O sr. presidente do ministerio promete comunicar ao sr. ministro da guerra, do interior e do comercio as reclamações apresentadas.

Como ha, porém, a respeito de vencimentos um projecto de lei na Camara, espera que esta o faça rapidamente aprovar.

O sr. Viriato da Fonseca trata da sindicancia de um governador da India, assunto já tratado na outra Camara pelo sr. Artur Torres. Apesar disso, chama para o caso a atenção muito especial do sr. ministro das colonias, que promete não o descurar.

O sr. dr. João Camoesas pede urgencia para o projecto que diz respeito ao pagamento das pensões ás vitimas da revolução de 5 de outubro.

Informam-no que já foi votado.

O orador trata depois do estabelecimentos agricolas a que diz respeito o projecto 5761 e para o qual pede imediata discussão.

O sr. Abilio Marçal chama a atenção do sr. ministro do comercio para as estradas no districto de Castelo Branco, uma delas principalmente que representa uma urgente necessidade a sua conclusão.

O sr. ministro do comercio promete atender e providenciar.

Aprovada a acta da ultima sessão, passa-se ao restante expediente.

Regeitam-se depois um sem numero de urgencias e entra-se no negocio urgente do sr. dr. João Luiz Ricardo, que trata do caso da farinha avariada apreendida nos armazens da firma Mercantil e cujo julgamento foi realisado ha dias sendo os reus condenados pelo sr. juiz Paiva Lereno que no entender do mesmo juiz deve ser demitido do seu logar do funcionalismo publico.

Ha uma cabala contra si, mas despreza-a, agora; porém, trata-se de um atentado ao pão que honradamente ganha num logar que não pediu o que é o menos; peor do que isso é o atentado á sua honra.

E não podendo porque não tem provas para afirmar que este juiz é um agente da moagem, só pode atribuir esta sentença a uma vingança desde que como demonstrou com documentos nada podia prestar-se a uma tal sentença —nem a ignorancia da lei nem a sua má interpretação—porque é julgado como criminoso sem sequer ter sido ouvido.

O sr. Antonio Maria da Silva:—Issa é um juiz e peras. Ele é que devia ser irradiado.

O sr. presidente do ministerio presta ao sr. dr. João Luiz Ricardo a manifestação da sua maior consideração e respeito. O sr. dr. Paiva Lereno não é juiz de carreira. E' apenas um funcionario policial com a categoria de magistrado segundo a lei.

O sr. Antonio Maria da Silva:—Isto é apenas monstruoso! Apenas monstruoso!

O governo afirma depois que, perante as declarações do sr. dr. José Luiz Ricardo, só tem que mandar proceder a uma nova e rigorosa sindicancia para averiguar da intenção do funcionario Lereno no despacho pronunciado.

Não ha o direito de condenar seja quem fôr sem ouvir o respectivo delinquente. Far-se-ha portanto a referida sindicancia.

O sr. dr. João Luiz Ricardo agradece.

O sr. Pais Rovisco diz que o juiz Lereno devia ser substituido por um juiz de carreira.

O sr. ministro do interior procederá tambem como fôr de justiça segundo as declarações do sr. presidente do ministerio.

O sr. Afonso de Macedo em negocio urgente deseja tratar da questão dos sargentos.

A Camara aprova.

O sr. Carlos Olavo—Requeiro a contraprova. Aprovado

O sr. Afonso de Macedo trata depois da questão dos sargentos e da perseguição que ultimamente se tem vindo fazendo a esses benemeritos da Republica que tão ferozmente veem sendo apontados ás iras do sr. ministro da guerra pelos jornais sidonistas e monarquicos.

Lamenta que se tivessem transferido sargentos pelo simples facto deles se interessarem pela sua situação e pelos seus interesses. Esses homens são aqueles que se bateram em Santarem e em Monsanto e que agora foram dispersados pelas terras da provincia.

E emquanto isto se pratica deixam-se fazer reuniões para os lados do Salitre, deixa-se aguçar a navalha de ponta e mola contra a Republica. Não. Não será jamais com o silencio da sua palavra que tal se fará.

Não faz com o caso politica. Mas quere que se faça justiça áqueles cujo crime foi apenas e é ainda hoje o de muitos amarem a Republica.

O sr. presidente do ministerio diz que o sr. ministro da guerra tem o direito de transferir os sargentos que entender.

O sr. Afonso de Macedo—Já tinha esse mesmo direito o sr. Amilcar Mota.

O sr. presidente do ministerio declara que foram apenas onze os transferidos, o que é uma coisa banal. Nesses onze ha 3 que estiveram com Sidonio aos e um principalmente um pessimo elemento para a vida da Republica.

O sr. Julio Martins—Então porque se não demitem esses homens?

(Barulho. A'partes. Voz, apoiados).

O chefe do governo diz que procedeu assim para defesa da Republica e para segurança da disciplina. Essas transferencias que se fazem em todas as ordens do Exercito...

O sr. Manuel José da Silva—Isso não é verdade. Sargentos não figuram nas Ordens do Exercito. (Risos). Um mau elemento em Lisboa é um mau elemento em toda a parte. (Apoiados).

O chefe do governo diz depois que o governo não se conturbou com a estada do conspirador José de Almeida e sua esposa na povoação raiana de Vila Verde.

Se porem das autoridades d'ai vierem informações de que da sua estada ali periga a Republica o governo mandal-os-ha para fóra do Portugal.

Volta a falar o sr. Afonso de Macedo que verbera as explicações do chefe do governo.

Não quere que se façam favores. Quere que se faça justiça. Ha sargentos transferidos que foram sempre dedicados republicanos. Se isto é defender a Republica dá vontade de rir.

E entra-se na ordem do dia: a proposta dos creditos ilimitados pedidos, pelo sr. presidente do ministerio, a quem é dada novamente a palavra.

O sr. Antonio Granjo, afirmando novamente a necessidade que o governo tem de se habilitar com recursos, estranha as restrições que a camara lhe aponta, quando a outros gabinetes se teem autorisado creditos ilimitados.

O sr. Antonio Maria da Silva contesta.

O orador insiste em que assim tem acontecido.

Abilio Marçal estranha que não tenham ainda sido convenientemente dotadas n'este ano a estrada n.º 123 dos Carvalhos ao Rio Zezere, no concelho de Certã e a ponte do Bouçã sobre o mesmo rio e extremo d'aquela estrada, e pede ao sr. ministro do comercio que remedeie sem demora esta falta.

Pede tambem providencias em favor da reparação da estrada n.º 56, que está intransitavel, nos concelhos de Ferreira do Zezere e Tomar.

No Senado

De mais importante houve as explicações trocadas entre os sr. Bernardino Machado e o sr. ministro dos negocios extrangeiros, que deu sobre o caso dos pescadores portuguezes no Brazil as seguintes explicações:

O sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros (Melo Barreto):—Quando, ha dias, teve a honra de responder ao sr. dr. Bernardino Machado sobre a questão dos pescadores portuguezes no Brazil, prometeu aquele ilustre senador comunicar-lhe as noticias que recebesse com respeito ao andamento d'essa questão, que lhe tem merecido o maior interesse.

D'esse dever se desobriga n'aquele momento, tendo a satisfação de declarar que não é verdadeira a noticia, vinda a publico, da naturalisação, em blóco, dos 2.500 pescadores portuguezes,—noticia que lhe causou verdadeira extranheza, sobre a qual pediu informações, embora n'ela não acreditasse e que muito folga de não vêr confirmada pelos factos.

Alguns d'esses nossos compatriotas, especialmente no Pará, naturalisáram-se brazileiros, com efeito; outros embarcáram, clandestinamente, para os Estados-Unidos da America do Norte;—mas não é verdade que os 2.500, em blóco, tenham adotado a nacionalidade brazileira.

O que ha de positivo é que as autoridades maritimas brasileiras fundamentam a prohibição do exercicio da pesca aos estrangeiros no decreto de 9 de dezembro de 1897, no de 17 de julho de 1912, creando a inspectoria de pesca e aprovando o respectivo regulamento, no de 3 de março de 1915. Não discute, é claro, a legitimidade dessa proibição, que representa, como já disse, um acto de administração interna de um paiz estrangeiro;—mas a prova de que ela é discutivel está no facto de ter o proprio governo brasileiro ouvido, sobre o assunto, a alta instancia consultiva da Republica, no ponto de vista juridico. Pode acrescentar que advogados ilustres são de parecer de que os diplomas referidos não prohibem a pesca a estrangeiros,—constando-lhe, até, que alguns pescadores pensaram em intentar contra a deliberação das autoridades maritimas acções de nulidade e, mesmo, solicitar o *habeas-corpus* para o exercicio do sua profissão. Seja como for, as negociações continuam, nos termos da perfeita cordealidade—que caracterisa toda a vida de relação entre as duas nações irmãs—tendo o sr. ministro da marinha do Brasil atendido o pedido do sr. embaixador de Portugal no que diz respeito á ampliação, por dois meses, do praso para a naturalisação.

VIDA SPORTIVA

FOOT-BALL

Taça Mutilados da Guerra—Vae efectuar-se nova reunião

No sabado passado, como estava annunciado, realisou-se na redacção do bi-semanario *Os Sports* a primeira reunião entre delegados dos clubs de foot-ball e direcção daquele bi-semanario.

Talvez por falta de electricos e tambem por se encontrar doente o sr. Raul Nunes, director da Associação de Foot-Ball, esta não se fez representar assim como o Sporting Club não enviou delegado.

Apenas compareceram os delegados do Imperio, Victoria e Sport Lisboa. Entre estes dois primeiros e o redactor principal de *Os Sports* foram trocadas algumas impressões sobre a epoca em que se deverá efectuar o torneio, mas nada ficando assente, visto que nova reunião se efectuará no dia 24 do corrente.

E' de crer que o torneio da *Taça Mutilados da Guerra*, se venha a realisar nos fins de setembro, pouco antes do inicio do Campeonato. O producto dos desafios, como já dissemos, será entregue em partes iguais aos mutilados da guerra e á caixa de socorros a jogadores invalidos, resolução tomada entre a direcção de *A Capital*, o grupo de amigos que auxiliaram esta ideia ao primeiro ano da sua realisação, como seja o actual presidente do Sport Lisboa, sr. Bento Mantua, e direcção de *Os Sports*.

Algumas pessoas, talvez influenciadas por aquelas que ha tempos pretendiam chamar a si este torneio para o disputar no Estoril, quando ele é exclusivamente da iniciativa de *A Capital*, pretendem impôr opiniões, que afinal, nada valem, visto que a *Taça Mutilados da Guerra*, hoje de posse provisoria do Instituto de Arroios foi instituida pela *Capital* e um grupo de amigos, como nessa ocasião se disse. Agora que se pretende disputar o torneio *A Capital*, antes de tornar publica a noticia, ouviu como era natural aqueles amigos com quem contou no primeiro ano da realisação dos torneios.

NATAÇÃO

Disputou-se hontem no Porto a prova de 500 metros da Taça Leixões entre duas equipes do Porto e Lisboa. A vitoria coube á equipe de Lisboa, que era constituida pelos nadadores srs. Renou, Mario Marques, Bazilio, Bessone Basto, Antonio Soares e Stockler.

Em vila Franca de Xira

No campo do Sporting Club Vilafranquense, recentemente inaugurado, realisa-se no proximo domingo, um apparatoso torneio hipico, á antiga portugueza, no qual tomarão parte mais de trinta dos nossos mais conhecidos cavaleiros.

O torneio está sendo organisado sob as indicações de um antigo «sportsman», muito entendido em assuntos de hipismo, e cujo auxilio e cooperação foram solicitados pelo Vilafranquense, que é o promotor do torneio.

Noticiario

Do estrangeiro

A equipe americana de atletismo desembarcou na manhã do dia 8 em Anvers.

N'essa mesma tarde, na Stadium dos Jogos Olimpicos, efectuaram-se alguns treinos entre os concorrentes de todos os paizes ali instalados, estando em maior numero os francezes e americanos.

Padoock, o celebre sprinter dos 100 e 200 metros pedestres, treinou com Caste, Lorain, Croci e Murchison.

— O «menager» do team sueco que concorre a Anvers é o mesmo dos Jogos de Stockholmo, considerado como o melhor *entraineur* europeu.

— A pequena volta da França em bicicleta, disputada na pista do Parque dos Principes em 50 quilometros pelos primeiros classificados da grande prova de estrada «Tour de France», foi ganha por Barthelemy. O interesse d'esta prova, pelo lado sportivo, deixou muito a desejar.

— Nas provas de natação dos Jogos Olimpicos estão inscriptas 22 nações, não estando incluido n'este numero o nosso paiz.

— Carlo Messori, o ciclista italiano que durante algumes epocas tantas simpatias g a geou quando entre nós correu na pista de Palhavã, está agora n'uma bom forma, tendo-se classificado muito bem n'umas corridas disputadas ultimamente em Turim.

— O boxeur peso-pesado Nilles recuperou o seu titulo de campeão francez vencendo Haurs ao 8.º round, por este ter sido desqualificado por bater baixo. O match foi monotono, tendo Nilles conseguido vantagem aos pontos, que lhe teriam naturalmente dado á vitoria se não a tivesse obtido por desqualificação do seu adversario.

A greve dos carroceiros

Nem todos os conductores de carroças abandonaram o trabalho

Não se póde dizer que fôsse geral a greve dos conductores de carroças, proclamada ante-hontem, pois que muitos d'aqueles veiculos transitaram hoje pelas ruas da cidade, não tendo tal facto dado motivo a quaesquer conflictos ou incidentes desagradaveis.

Os grevistas, por ser hontem domingo e com a precipitação com que aprovaram a proclamação da greve, não chegaram a nomear comissões de vigilancia, o que certamente contribuiu para que não se registassem o conflitos que se temiam.

Pelas 16 horas de hoje a classe reuniu na séde de sua associação na Travessa da Agua da Flôr afim de tomar deliberações.

As novas reclamações dos carroceiros, ou seja augmento de salario, aderiram já: a Nova Companhia Nacional de Moagens e os proprietarios de carraças srs. Joaquim Manuel Gomes Gonzaga, José Augusto de Aguiar, Joaquim Amorim, Bernardino Rodrigues da Silva e a firma Santos Ld.ª

As comissões de vigilancia devem ser nomeadas hoje á tarde afim de amanhã exercerem a sua acção. O *Comité* da greve já enviou a todos os proprietarios de carroças a nova tabela aprovada pela classe.

A policia da esquadra de Arroios apreendeu grande quantidade de manifestos em que se incitavam os carroceiros a declarar a greve geral da classe.

NOTICIAS DA CAPITAL

Roubam e agridem.—Queixaram-se: Luiz Joaquim Proença, travessa da Peixeira, 30, de que lhe furtaram varios objectos de ouro e prata no valor de 220 escudos; João de Oliveira, beco do Monte, de que pelo processo do «conto do vigario» o burlaram na quantia de 51 escudos; José Antunes, com sapataria no largo da Graça, 103, de que Francisco Vilela Pinto, da rua do Santa Marinha, 14, por diferentes vezes lhe roubou solas e cabedais no valor de 700 escudos, quando trabalhava na sua oficina como sapateiro; Vicente Moita, rua Zolimo Pedroso, 15, 2.º, de que no Caracol da Graça foi esbulhado por dois individuos desconhecidos, os quais o agrediram com socos e lhe furtaram a carteira com 105 escudos, tendo ficado ferido no olho direito, do que foi receber curativo no banco do hospital de S. José; Joaquim Martins, travessa do Teixeira Junior, 17, 1.º, de que na rua do Alvito foi assaltado por João da Silva, vila Emilia, que o agrediu á paulada, fazendo-lhe um ferimento na cabeça, e lhe subtraiu a carteira com 77 escudos; Antonio Simões, rua Alexandre Herculano, 25. 4.º, de que os gatunos entraram na sua residencia, d'onde furtaram objectos de ouro no valor de 100 escudos.

Desertor preso.—Foi preso Sebastião Lopes, morador na rua Luciano Cordeiro, por ser desertor do exercito.

As abortadeiras.— O agente José Augusto continuou hoje nas suas diligencias sobre o caso da morte de Beatriz da Costa Cabeça em casa da parteira Emilia Teixeira, da rua de S. Lazaro, tendo hoje sido ouvidas algumas testemunhas.

Quem alvitra? Quem reclama?

Oficiais a quem se não paga

Ao ministerio da guerra foram em tempo pedidos pelo dos estrangeiros, alguns oficiais para ali prestarem serviço em assuntos que diziam respeito á Conferencia da Paz.

Feitos esses e concluido o serviço, pediram esses oficiais que lhes fosse pago aquilo a que tinham justo direito. Até hoje, ainda tal se não fez. Ao que parece, é a contabilidade do ministerio das finanças que não dá resposta, de modo que se não paga a quem trabalhou e que contava com esse dinheiro.

Para o caso nos pedem que chamemos a atenção do sr. ministro das finanças.

Cumprimentos ao governador civil

Acompanhada por grande numero de forasteiros de Estremoz, esteve hoje em Lisboa a banda da Associação Filarmonica Artistica Estremocense, que veiu ao Barreiro tomar parte nas festas da Senhora do Rosario.

A banda percorreu as ruas da cidade e foi ao governo civil cumprimentar o chefe do distrito.

Julgamentos no governo civil

Responde hoje no governo civil o comerciante Luiz Lopes Serra, socio da firma Gomes Serra & Gomes Limitada, com estabelecimento na rua da Prata, 88, acusado de ali ter generos sonegados, visto que pelos fiscais do ministerio da agricultura ali foram apreendidos 10 litros de azeite e 45 quilos de arroz.

Alegou o referido comerciante que esses generos eram para consumo dos seus socios e do pessoal. Foi condenado na multa de 1.000 escudos, por falta de tabela.

Tambem foram julgados, e absolvidos por falta de provas, José Bernardes, rua de Campo d'Ourique, 77, por vender carvão por preço superior ao da tabela, e Manuel Antão Junior, com estabelecimento na rua dos Fanqueiros, 108, por igualmente vender azeite por preço superior ao da tabela.

ULTIMA HORA

A questão dos electricos

Continua no mesmo pé, não se tendo ainda chegado a qualquer acordo

Sem solução, continua o conflito que se levantou entre a Camara Municipal de Lisboa, Companhia Carris de Ferro e competente pessoal.

A Associação Industrial Portugueza continua nas suas *démarches* afim de solucionar a grêve. Por emquanto não são conhecidos os trabalhos da referida Associação, a qual, ao que se diz, se encontra bastante desgostosa por vêr que as suas intenções e desejos teem sido malsinados.

O pessoal em grêve voltou a reunir hoje, pelas 16 horas, sob a presidencia do sr. Carlos Fortes, que era secretariado pelos srs. Antonio Loureiro e Artur Lopes.

Usou da palavra em primeiro logar Armando Martins, que se insurgiu contra o facto da assembleia se não ter manifestado ao ouvir ler uma carta de Carlos Ribeiro, que se congratula com o exito do comicio de hontem no Parque Eduardo VII.

A assembleia rompeu em manifestações de simpatia, ouvindo-se tambem vivas ás organisações operarias.

O presidente sr. Carlos Fortes condenou a atitude dos operarios da Carris que estão trabalhando, traindo assim os seus colegas, e o sr. Manuel Carvalhaes aconselhou coragem afim de todos, sem vacilarem, irem de cabeça erguida para o movimento da Confederação Geral do Trabalho.

Na mesa foram lidos: um telegrama dos delegados da Industria Mobiliaria em moção de propaganda, e um oficio da Federação dos Trabalhadores dos Transportes Internacionaes pedindo a adesão do pessoal da Carris á mesma Federação.

O sr. Manuel Carvalhaes propõe que seja enviado um delegado á Associação dos Conductores de Carroças afim de encorajar aqueles camaradas que se encontram desde hoje em lucta e fazer a propaganda sobre a antiga Federação Geral de Transportes para que a mesma tenha vida, como é de utilidade para todas as classes trabalhadoras.

Malas postais

Pelo vapor *Highland Loch* são amanhã expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 12 horas a ultima tiragem da caixa geral.

Tribunal de Defesa Social

Voltou hoje a reunir, pelas 13 horas, o Tribunal de Defeza Social, sob a presidencia do sr. dr. Teixeira Coelho, tendo como vogais os srs. drs. Felix Horta e Raul Viana. Foi presente a julgamento Francisco da Cunha, padeiro, do Porto, que naquela cidade, em 15 de janeiro ultimo, arremeçou uma bomba explosiva contra uma padaria da rua do Padrão da Legua, pertencente a Luciano Frances Quintas, causando varios danos. O reu que negou o crime e era defendido pelo sr. dr. Sobral de Campos foi condenado a ser entregue ao Governo.

Tambem responderam Francisco Rocha e Constantino Alves, igualmente padeiros, que quando da grêve ultima, em 16 de janeiro, atiraram uma bomba contra uma padaria da rua Antero do Quental, do Porto, pertencente a Alberto d'Araujo. Foram absolvidos.

Seguiu-se o julgamento de José Maria Francisco, proprietario em Coimbra, logar de Malheiros, o que em 22 de novembro ultimo fez ali explodir uma bomba num olival, do que resultou ficar ferido um menor. Foi absolvido.

POEIRA DA ARCADA

Assuntos de instrução

Foi nomeado definitivamente professor da secção de surdos-mudos da Casa Pia de Lisboa a sr.ª D. Amalia Pereira Saldanha.

— O professor sr José Mateus Barreto Junior foi nomeado reitor do liceu de Braga.

— A inspecção das escolas moveis está apreciando os serviços dos professores durante o ultimo ano lectivo, afim de oportunamente ser publicada a lista dos que merecem ser reconduzidos. Logo que essa lista venha no *Diario do Governo*, será autorisado o pagamento dos vencimentos de agosto e setembro aos professores reconduzidos.

— Reassumiu as funções de chefe interino da primeira repartição do ensino secundario o primeiro oficial de secção sr. Silverio Pereira Junior.

Farinha imprópria para consumo

Por ter satisfeito a multa de escudos 20:000, em que foi condenado, como noticiámos, foi hoje posto em liberdade o sr. Hermenegildo Pereira, gerente da Mercantil Explorador, com séde no cães de Santarem.

Artistas portuguezes no Brazil

Deram-nos o prazer da sua visita o professor sr. Artur Trindade, sua esposa, madame Trindade, o sr. Luiz Barbosa, violinista, e o sr. Rubio Milan, pianista, que ainda esta semana partem, a bordo do «Caxias», para o Brazil, onde vão em «tournée» artistica.

Os nossos votos d'uma feliz viagem e, ainda mais, excursão.

GREMIO SOCIALISTA DE LISBOA

Na proxima semana inicia o professor sr. dr. Agostinho Fortes, na Universidade Livre, que para esse fim lhe cedeu as suas salas, uma serie de conferencias publicas, onde versará com a sua costumada proficiencia o seguinte tema:

«Evolução economica da Humanidade e razão de ser do socialismo».

PELO TELEGRAFO

Na Grecia—descoberta dum complot—Estabelecimentos saqueados

ATENAS, 15—Como consequencia do atentado contra o sr. Venizelos, rebentou um movimento anti-constitucional, sendo alguns estabelecimentos, saqueados. Descobriu-se um *complot* que tinha por fim derrubar o estado de coisas actual, sendo feitas numerosas prisões. Foi morto o filho do ex-ministro.—(*Havas*).

A prosperidade da Republica de Equador

QUITO, 15.—O presidente da Republica, Baquerisso, leu a mensagem na abertura do Congresso, declarando que o Equador mantem as melhores relações com todos os paizes, esperando-se que a questão das fronteiras com o Perú seja em breve resolvida.

A importação e exportação foram quasi duplas das do ano findo.

O estado financeiro é muito prospero. O presidente foi aclamado.

Do Senado foi eleito presidente José Julian Andrade, da camara dos deputados Luiz Vernasa. — (*America*).

MODOS DE BURLAR

Uma "grande" empreza

que só serve para apanhar dinheiro aos incautos

Causou sensação a noticia que *A Capital* hontem publicou sobre a constituição, ha uns anos em Lisboa, de uma empreza destinada a dar impulso á vida industrial, comercial e agricola do paiz e que, apesar de ter apanhado algums milhares de escudos aos incautos, ainda não cumpriu nada do que prometera, o que representa uma burla.

Os jornaes de hoje transcrevem as nossas informações e, como o caso tem despertado certo interesse, voltamos ao assunto, afim de fornecer aos leitores de *A Capital* mais algumas informações curiosas.

O caso não deve deixar de merecer a atenção do governo, pois que muitas pessoas e o proprio Estado teem sido burlados e explorados.

A empreza de que nos vimos ocupando montou filiaes em Viana do Castelo e Evora e sucursaes em Torres Vedras e Reguengos. Nenhuma delas chegou, porém, a funcionar, tendo sido trespassadas as casas que tinham sido alugadas e isto depois de, nas instalações, terem sido gastas grandes verbas para a sua apropriação.

A sucursal de Torres chegou a abrir, mas só deu prejuizo, por falta de orientação e de fundos para negociar. Numa das cidades do Douro foi montada outra filial, sendo ali a unica acção que deu resultado a educativa, não o tendo dado as restantes, por não haver dinheiro para as transacções.

Em todas estas filiaes e sucursaes se venderam titulos provisorios de acções, que, aliás, sucede por Portugal fóra, nas colonias e ainda no estrangeiro, por intermedio de agentes expressamente nomeados para tal fim.

Os titulos provisorios de acções, até hoje não convertidos em acções definitivas, representam uma fraude importante para os cofres da Fazenda Publica, porquanto neles deixou de entrar o imposto de selo correspondente. Mas a Fazenda Publica está tambem burlada em muitas outras contribuições, porque o unico director que existe de tão «grande» Empreza, sendo empregado de finanças aposentado ou licenceado, conseguiu alapardar ou fazer calar todos os funcionarios que ali teem ido no intuito de fiscalisar o pagamento das contribuições.

Tal Empreza tem sido um saco sem fundo donde se tira e se gasta sem peso, conta e medida.

A escrituração não existe nem mesmo os livros exigidos pela lei. Dividendo tambem não tem dado, porque o dinheiro tem desaparecido como por encanto.

Uma das casas bancarias que hontem deixámos de apontar, e que nos titulos provisorios d'acções figura, é o Banco Comercial de Lisboa, que ainda ha bem pouco tempo respondendo a um seu cliente que o consultava sobre tal *Empreza* dizia:

—«Informamos que não temos tido transacções, ignorando portanto qual o seu valor nem como o das suas acções».

O Banco Economia Portugueza e a Casa Borges & Irmão, tambem não podem informar que tenham tido depositos importantes da citada empreza.

Em resumo: A *empresa* não tem escrita formada; não tem pago á Fazenda Nacional o que deve pagar; as suas acções são provisorias ha mais de dois anos; não tem sido governada conscientemente; manda a lei; o dinheiro das acções e os rendimentos da secção educativa foram desbaratados.

Milhares de titulos provisorios de acções estão espalhados por todo o Portugal, o que constitue uma verdadeira burla para os incautos, cumprindo ao Governo proceder contra tal abuso.

Os atropelados por automoveis

Soma e segue...

Nada menos de dois atropelamentos temos hoje a registar. Soma e segue...

Na enfermaria n.º 3 do hospital de S. José deu entrada Luciano de Oliveira, de 50 anos, sapateiro, residente na rua Latino Coelho, 1, D. F., que na praça do Marquez de Pombal foi atropelado pelo automovel n.º 3096, guiado pelo *chauffeur* Alfredo Antonio, morador na rua do Arco do Cego, 30, tendo ficado com a orelha esquerda decepada.

N'uma das salas do banco do mesmo hospital está em observação um pequeno, que aparenta ter 8 anos, o qual na rua de S. Bernardo foi atropelado pelo automovel do secretario do sr. ministro da agricultura, guiado pelo *chauffeur* Cipriano da Silva Botelho.

O cartaz de hoje

Nacional, ás 21,30, «A Castro».
Politeama, ás 21,30, «Pele Nova».
Trindade, ás 21,15, «Chá e torradas».
Ginasio, ás 21,15, «O A's».
Avenida, ás 21,30, «Amor em pó».
Apolo, ás 21,15, «Risos e Flôres».
Coliseu dos Recreios, ás 21, «Variedades».
Salão Foz, ás 21 «Variedades».
Olimpia, Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.
Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.
Chantecler, Animatografo e fitas faladas.

Latino-Americana
Annuncios e comunicados em todos os jornaes nacionaes e estrangeiros
Rua Antonio Maria Cardoso, 26
Telefone: 2143-C.
SUCURSAL — RUA DO OURO, 81

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3608 — 11.º ano | Direção e propriedade de Manuel Guimarães | Redação e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Terça-feira, 17 de Agosto de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

O MARTIRIO DE UMA MULHER

O livro "Infeliz-Mente!"

Am'gos falsos são peores que inimigos declarados

Cheguei ao hospital com a pequena que me parece que tinha uns 13 anos de edade, não sei ao certo, e já lá estava o sr. dr. Balbino Rego.

A razão que se deu para o internamento foi o precisar uma observação cuidadosa aos intestinos.

Todos os dias eu ia passar horas com a internada e encontrava-me lá algumas vezes com o tio e tia d'ela, que, se forem de consciencia, não me deixam sem confirmação.

Em poucos dias a criança ficou boa e voltou para Sintra.

Quando o sr. dr. Alfredo da Cunha regressou a' Lisboa, contei-lhe o sucedido e o serviço que o sr. dr. Balbino Rego nos tinha prestado.

Foi então que entre os dois doutores se estabeleceram mais relações. O sr. dr. Alfredo da Cunha frequentava o consultorio do sr. dr. Rego, convidava-o para o teatro e, uma ou outra vez, para jantar.

Meu filho tambem se tornou frequentador assiduo do consultorio, sonde ia receber umas injecções hipodermicas.

Nos teatros, principalmente no Coliseu das Portas de St.º Antão, quando havia ópera, encontrava-me muito com o sr. dr. Balbino Rego que, sempre amavel, se juntava a nós no fim do espectaculo para o carro o levarmos a casa, que ficava em caminho da nossa.

Foi assim que uma noute em que eu estive só com meu filho no Coliseu, tendo-se esse senhor, como costumava, reunido a nós no fim do espectaculo, na Avenida, emquanto dentro do carro esperavamos por meu filho, que fôra a casa d'um amigo pedir desculpa de não passar lá o resto da noite (havia uma soirée para a qual recebera convite), por se esperarem tumultos, o sr. dr. Balbino Rego encetou uma conversa um tanto enigmatica... a que eu não liguei importancia.

O sr. dr. Alfredo da Cunha que, ao começo da sua amizade com o sr. dr. Balbino Rego, principiou um tratamento qualquer com aquele medico, não lhe continuou na porfia, abandonou-o.

Mais tarde qualquer incómodo fê-lo guardar o leito e, como podia parecer mal ao Amigo que o não chamasse para o tratar, o sr. dr. Cunha entregou-se nas mãos do sr. dr. Balbino Rego. Descrendo, porém, novamente da sua sciencia, aproveitou a ida d'esto, uns tres dias, ao Algarve, para mandar chamar o sr. dr. Morais Sarmento.

Decididamente não lhe merecia confiança o saber do sr. dr. Rego, quando precisava de medico para si.

—«Mas, então, perguntará o leitor, como é que, não confiando o sr. dr. Alfredo da Cunha na sciencia do sr. dr. Balbino Rego, o seu voto tem agora para ele o parece que teve, quando o internaram, tanto valor?»

—«Como o que só a opinião de certos medicos de clinica geral e cirurgiões vale muito no seu caso, e a de outros, como, por exemplo, a do sr. dr. Forbes Costa que, além de ser um medico distintissimo, é director d'uma enfermaria de alienados no hospital do Conde de Ferreira não é atendivel?»

Leitor, que lhe digam *os sabios da escritura que segredos são estes da natura*, porque eu cá não sei.

Continuemos, porém, a nossa historia; isto foi um áparte.

Quando havia alteração de ordem publica, ou casos anormais, o sr. dr. Balbino Rego telefonava-me, pedindo informações que eu tivesse obtido do jornal, ou dava-me ele qualquer informe para eu transmitir para a redacção, pois esse senhor sabia muito bem, como de resto toda a gente, quanto eu me interessava pelo «Diario de Noticias».

Aconteceu ter de vir a Lisboa uma criada da madrasta do sr. dr. Alfredo da Cunha fazer uma operação a um quisto que tinha no pescoço, na direcção da garganta, e foi o sr. dr. Balbino Rego que a operou no hospital de S. José. Ao anoitecer eu fui buscal-a no automovel. Quando lá cheguei a rapariga ainda estava mal disposta em resultado do coloroformio que lhe tinham ministrado para a operação.

Como eu não quizesse deixal-a passar a noite no hospital, decidi-me esperar um pouco até ela se sentir melhor.

O sr. dr. Balbino Rego então fez-me sahir do quarto onde estava a operada e levou-me para um gabinete que comunicava com outro onde se fazia não sei que em não de forma sei, um laboratorio e depois foi mostrar-me o seu quarto de cama.

Isto impressionou-me mal.

Passei depois a falar-lhe menos e a ultima vez que estive na casa de S. Vicente foi uma tarde em que o sr. dr. Alfredo da Cunha o tinha convidado para jantar. A' sobremeza, queixando-me eu de que não estava bem disposto, o sr. dr. Balbino Rego teve qualquer dito que me desagradou e retirei-me da meza.

Desde a scena no hospital de S. José que eu ficára a embirrar com ele. Parecera-me que esse senhor tinha querido aparentar diante da pessoa que estava no gabinete contiguo ao seu, que havia entre nós mais relações do que realmente existiam.

Aqui tem o leitor as minhas *intimidades* com o tal amigo dos Diabos, como eu lhe chamo.

Perguntando-me uma vez a enfermeira chefe no hospital do Conde de Ferreira se eu conhecia a mulher do sr. dr. Balbino Rego, que, diga-se de passagem, ele nunca fez por me apresentar, respondi-lhe que não e que tinha muita pena de não poder dizer outro tanto do marido. E tenho...

Maria Adelaide

POLITICA

O Parlamento e os governos — Boatos e mais boatos — Plataformas e entendimentos — E' cedo para diagnosticos

Começa a esboçar-se de novo a campanha da dissolução. Sempre que surge no horisonte da politica o ponto de interrogação d'uma crise, logo aparece, como simples corolario, a necessidade do Parlamento se dissolver. Dêmos de barato que seja assim, mas ai! dos governos no dia em que lhes desapareça a cabeça de turco do Parlamento! O Parlamento é mau, o Parlamento é mesmo pessimo, mas não ha melhor. E se das Constituintes para cá ele tem progredido numa escala descendente, o que é verdade é que, mesmo mau, mesmo pessimo, ele tem evitado muita asneira e algumas crimes, demonstrando por vezes um bom senso, digno de registo, e muitas outras um patriotismo, digno de nota.

Além de que nós não acreditamos muito nas campanhas contra o Parlamento. Por via de regra são feitas ou por aqueles que não conseguiram uma cadeira de deputado, ou pelos que nem sequer categoria politica tinham para a disputar. E muitos mesmo dos que hoje parlamentares falam contra o Parlamento sangrame-se apenas em saude, visto que demais sabem eles que, fóra das velhas agremiações politicas a que pertenceram, não teem eleitores nem sequer para humildes regedores.

Vem isto tudo a proposito da sessão de hontem. Que foi uma sessão inutil, diz-se. Mas se não fosse a sua inutilidade não sabiamos ainda hoje porque haviam sido transferidos os sargentos, desconheceriamos o que pensava o governo da estada em Vila Verde do oficial austriaco sr. D. João de Almeida, e muito possivelmente tambem estariam já em acção as propostas do sr. Inocencio Camacho, contra as quaes, num côro unisono, protestam lavradores e viticultores, proprietarios e proletarios que não atingiram, misoravel ceguêira!, a importancia de semelhantes locubrações financeiras.

E continua-se no mesmo estado. O governo fica. O governo não fica. Se fica ou não, é cedo ainda para o afirmar ou negar, mas isso não obsta a que se possa cada vez mais na orgnisação d'um governo retintamente liberal, obefiado pelo actual presidente do ministerio, a quem, em ultima instancia, o sr. dr. Antonio José de Almeida, esgotados todos os recursos, concederia a dissolução parlamentar.

Diz-se tambem que o governo tem a mais formal uniformidade de vistas. Com a mais formal ou a menos formal, o governo o que está é ancioso por despir a camisa de onze varas em que se meteu numa hora tremenda de tremendas responsabilidades. E quanto a pontos de vista, ha fundas divergencias entre os ministros democraticos e os restantes membros do gabinete estando o sr. Velhinho Correia preso pelos cabelos, o que explica que hontem o seu chefe de gabinete votasse com as oposições contra o Governo.

Nesta historia de crises ha porém sempre que lastimar a fugaz vida ministerial dos ministros que trabalham. Assim, segundo as nossas informações, o sr. Mello Barreto estava nas melhores disposições de efectivar agora a sua grande obra de remodelação e reorganisação dos serviços gerais do seu ministerio, para o que lhe não falta nem competencia nem estudo, tendo mesmo reunido já um plano geral de reforma indispensavel á vida moderna dos negocios externos de Portugal. Tudo isso irá por agua abaixo se a crise se der, o que nos leva a lastimar que essa pasta não seja neutra em politica visto que muito depende a sua vida e o seu esplendor externo da continuidade da sua obra ministerial.

Mas, enfim, pode ser que a tempestade passe e os horisontes se desanuviem. Ha de ser dificil. Fala-se, porém, em entendimentos, em plataformas, em transigencias dum lado e doutro, que podem levar o parlamento a uma reconciliação com o governo, o que será um optimo balão de oxygenio até outubro proximo. No entanto, repetimos: ainda é cedo para um diagnostico definitivo. Pode vir, quando menos se espera, um agravamento da crise.

Mas, se os humildes não aplaudissem os grandes e se não acercassem d'eles, estes teriam um restricto publico. Não é verdade?

José Queiroz — *Figuras Gradas.*

José Queiroz

Oh morte, cruel tiranna,
Contra ti todos teem queixas!
Quem has de levar não levas,
Quem has de deixar não deixas!

que Ele e os seus companheiros tantas vezes cantaram «ao som de bem tocadas guitarras»!

Sem um adeus ás suas queridas coisas, sem os braços de um amigo que o amparassem, levou-o ela brutalmente na madrugada de hontem, em plena rua, a Ele que Portugal e a Arte Portugueza tanto precisavam que deixasse!

Não foram só o corpo e a alma de José Queiroz que findaram: foi tambem um culto do que era sacerdote insubstituivel, o culto da ceramica nacional, das faianças, dos azulejos, dos barros, culto que tão profusamente procurou semear, em publicações sucessivas, semente abandonada em má terra e que por certo não conseguirá florescer.

Foi sob este aspecto de iluminado conhecedor de ceramica — e tambem do mobiliario — que mais ocasião tive de O apreciar, porque tambem foi no que mais O ouvi e li.

São, no entanto, bem sabidos os multiplos aspectos do seu temperamento artistico. Os jornais d'estes dois ultimos dias já se teem referido aos seus trabalhos de pintor e de desenhista, de decorador, de ilustrador, de esculptor e de arquitecto, de poeta e do critico literario e artistico.

A sua obra de inventariação dos azulejos do paiz e da conservação dos monumentos nacionais era já extremamente notavel, e transpirava um carinho e uma dedicação insólitas e insuperaveis.

Conhecera-O pessoalmente ha tres anos.

Uma tarde, tinha-se inaugurado havia pouco, se bem me lembro, a secção de ceramica nacional do Museu de Arte Antiga, e ou visitava-a com o director, Dr. José de Figueiredo, que me acompanhava. N'uma das salas, este meu amigo teve uma exclamação de desagrado pela falta de um catalogo que désse indicações sobre as peças expostas...

N'isto José Queiroz, que, muito humildemente, estava sentado a um canto e que tudo ouvira, avançou para nós que não O tinhamos visto ainda, e com a modestia e a suavidade do seu falar, ofereceu-se para nos prestar algumas indicações, pois conhecia *um pouco* as peças... — Ele que tinha sido o organisador da secção! José Queiroz por certo se tinha magoado com a censura involuntaria. Ele que tanto se envaidecia com o methodo e a ordem das coisas que fazia e organisava!

Pouco tempo depois, foi na exposição dos tapetes de Arraiolos, no Museu do Carmo, que um de nós, ainda com os mesmos visitantes, se dirigia a Ele para lhe fazer sentir uma incorrecção de guarda das salas; e foi um desgosto enorme o que teve, absolutamente visivel nas suas feições que se transtornaram, por alguem da casa ter atrevido a tratar mal um visitante da sua exposição! Como sentia profundamente estas pequenas sensaborias! Que magua me fazia vêr a sua afflicção, a sua dôr, como se se tratasse de coisas suas intimas e muito amigas, quando me contava que uns vandalos tinham desrespeitado um monumento, arrancando um azulejo do seu logar, ou quando era forçado a confessar-lhe que se partira ou rachara uma peça de faiança!... Assim, habituou-se a vêr-me n'esses e n'outras exposições onde nos encontramos, e conheceu-me uma vez que eu entrava no Gremio Literario.

Levemente interessado pelo bricabrac, Ele iniciou-me então na secção especial da Ceramica.

Empenhado nos meus progressos, levou-me a sua casa, mostrou-me as suas colecções, combinou comigo passeios e excursões aos *ferros-velhos*...

E em pouco tempo era eu quem forjava pretextos para ir á sua casa, para entrar no seu templo e ahi o ouvir, levando-lhe peças de faianças para que me désse a sua opinião e o seu conselho. Que impressão de ternura e de delicado prazer me fazia a sua *riqueza* acumulada pacientemente durante anos e anos, disposta com amor e religião como objectos de culto! E que doçura a do pé que andava por aquela sala de trabalho, pelos outras casas, por objectos todos!

Abria-me a porta, muito timidamente, a Delfina, a «velha criada — «sempre rabujenta!» dizia-me Ele quando lhe perguntava por ela, — e em bicos de pés, para não perturbar o silencio religioso do seu trabalho chamar o ilustre, que vinha de braços abertos, muito amavel — «os Josés são sempre amaveis!» escreveu Ele — a sorrir, já arranjado para o almoço, de calças de sahir e o casaco do pijama negro, com alamares de cordão.

Ia almoçar, a sua pratada de arroz e o seu chá com pão com manteiga, almoço habitual.

E iamos juntos procurar os moveis que hoje tenho em minha casa, uma casa que Ele me encontrou e que por todas essas ajudas me fez chamar-lhe sua *afilhada!*

Sempre que descobria um movel ou outro objecto antigo que não lhe convinha adquirir, dirigia-se a um amigo a quem pudesse convir, *para que não fôsse para o extrangeiro ou se perdesse*, sublinhava sempre.

D'outras vezes ia eu buscal-o á Brazileira do Chiado, etapa infalivel do seu dia, onde tomava um café; e quantas outras ao Gremio, batendo eu na janela que ficava por cima da moza escolhida — a mesma onde todo agora estas notas — entreaberta nos dias de muito calor em que Ele estava em mangas de camisa, rodeado pelos seus cadernos de apontamentos, ao pé da bandeja do chá, chamando-o eu, ou entrando e indo sentar-me junto d'Ele.

De quanto lhe era afecto aquele cantinho de trabalho no Gremio, calculamos bem nós que tanto o vimos ali; só faltava um dia era porque estava doente ou tinha ido para fora — dizia-me o Damião, o velho criado.

Quando O encontrava na rua, tinha sempre um dito de espirito ao apartar-me a não ou ao despedir-se; o quem O conheceu de perto deve lembrar-se da originalidade da sua graça, de sabor muito portuguez, com um cunho acentuadamente popular, que Ele cultivava e de que nunca desistia. Era o homem mais portuguez que eu tenho conhecido!...

E que maravilhoso conversador! Tendo vivido enormemente toda a sua vida, podia entreter só com o contal-a: e eram as anecdotas, as partidas, as suas rapaziadas, e por outro lado as suas excursões de estudo, as suas impressões, as suas relações... Entretinha ouvil-O falar do Eça, do Ramalho, do Fialho, do Bulhão Pato... Que de traços e detalhes ineditos Ele apontava!...

Um dia, ha dois anos, teve uma grande alegria: foi quando Lhe revelei a existencia de um tesouro seu desconhecido, uma capelinha na cêrca do Hospital da Estrela, rica de lindos paineis de azulejos antigos. Mas já lá andara, insultando, a não do irreverente... Conjugámos os nossos esforços para que a pequena capela pudesse ser salva... Como morrerá o resultado d'esse nosso trabalho!...

Estes pequenos factos, traçados a largo, exemplificam as qualidades do seu tipo encantador; José Queiroz não era somente o homem «que se ocupa de *cacos*», como dizia de si proprio num dos seus livros; José Queiroz tinha uma bela alma de Artista, á Ruskin, e era um santo apostolo.

A' sua obra de que fazem parte a *Ceramica Portugueza*, as *Figuras Gradus*, as *Olarias do Monte Sinay*, um folheto sobre *A Arte na Escola* e varios artigos espalhados por jornaes e revistas, transmitiu ele este mesmo caracter pessoal e estas mesmas qualidades. Pena foi que a morte o levasse no momento em que novos trabalhos, por certo valiosos, pois os elementos que eu delles já vira assim faziam prevêr, iriam completar a grinalda do seu amor á terra portuguesa.

Ultimamente, de ha um ano para cá, encontrava-o menos: adivinhava-o triste e muito preocupado. Queixava-se a miudo do estomago e do coração. Varias vezes me falou em o auscultar, nunca o levando a efeito por varias razões de ocasião. Diz-me um colega meu e tambem seu amigo, que o observou algumas vezes, que Ele era um cardiaco. Entretanto, tinha cada vez mais o seu aspecto, e os incidentes syncopaes sucediam-se.

Mas embora mais afastados, eu tinha-lhe a mesma amisade e sentia por Ele a mesma dedicação, queria-lhe como se fosse meu parente proximo; e contava tel-O sempre nas minhas reuniões de familia, como O tive na cerimonia intima do meu casamento.

Pobre José Queiroz, só agora vae ter a merecida apotheose do seu valor! Bem previa Ele um dia deante de mim, quando se queixava ao aguarelista Leitão de Barros das injustiças que lhe faziam frequentes vezes, o que aquele nosso amigo observava que ainda Lhe haviam de fazer justiça: «ai, sim, depois de morto..! muito obrigado...»

Que saudade, o que pena não me ter podido despedir d'Ele! Resta-me a consolação de que no momento preciso em que se devia estar dando o seu acidente final, estava eu falando a seu respeito com uns Amigos; na minha casa de jantar, obra inteiramente sua de desenho, de decoração e de colecçionação! como Ele queria a essa obra, que um dia estava prestes a ser demolida! E que conforto espiritual poder eu te-la sempre tão perto!...

Em meu nome e no de ela irei depois de amanhã acompanhal-O ao «unico campo onde os homens são todos eguaes, unico campo onde se encontra a Verdade»... (1).

Antonio de Menezes

1 de agosto de 1920.

(1) Figuras Gradas, pag. 78.

NA METROPOLE:

não ha generos

NAS COLONIAS:

deixam-se apodrecer

Do comercio de Ango'a foi hoje recebido o telegrama que em seguida inserimos e que é o brado mais eloquente que dar se pode contra o desmazelo e a incuria da parte dos dirigentes, que se entreteem em fazer politica, em vez de cuidarem do problema gravissimo da alimentação publica.

Na metropole ha falta de generos. Em Angola ha toneladas de mantimentos a apodrecer! Na sua simplicidade, estas palavras dizem tudo.

O telegrama é do seguinte teor:

«Protestem junto do Ministro das Colonias e toda imprensa contra a deliberação da Companhia Nacional de Navegação ordenando o desvio do vapor *Extremadura*, para carregar minerio em Wallisbay, com prejuizo da carga retida aqui ha tres mezes. Lembramos que os vapores teem vindo abarrotados de carga para os portos de Angola, sendo justo que recebam a nossa carga. Lamentamos resolução dos Transportes Maritimos do Estado desviarem os seus vapores para aquele porto estrangeiro a receber minerio, havendo fome nos portos do norte, o deixando todos os mantimentos apodrecendo nos nossos armazens, creando situação dificil para salvar compromissos. Lembramos egualmente insistam junto dos Ministros sobre remessa urgente de maquinas e vagões de caminho de ferro para obstar paralisação de trafego e salvar milhares de toneladas de mantimentos despachados desde agosto do ano passado.

a) Osorio, Carvalho & Freitas, Limitada, Beltrão, Pena, & C.ª Limitada, Diogo & C.ª Limitada, Companhia Agricola do Dande, Gabriel de Oliveira & Costa, Bernardo, Raposo & C.ª, Anapaz & Irmãos, Henriques, Azevedo & Batista, Limitada, C. Vinhas Limitada, *Mondego, Irmãos, Antoave, Galungo, Lapela, Oleos, Angolense, Quinhentos, Credito, Nedo, Nefer, Marfaria, Confiança, Justo, Nipon, Ciriaco, Atema*.»

OS ATENTADOS POLITICOS

A tentativa de assassinio do sr. Venizelos

Os assassinos e o mobil que os impeliram ao crime

Noticiou já largamente o telegrafo a tentativa de assassinio de que foi vitima o estadista Venizelos, presidente do conselho de ministros da Grecia. Ha, porem, alguns pormenores que se nos afiguram interessantes e que, por isso, vamos dar hoje aos nossos leitores.

Eram 8.25 da tarde do dia 12 quando o sr. Venizelos entrou na gare de Lyon, acompanhado pelos srs. Athos Romanos, ministro da Grecia em Paris, Coromillas, ministro da Grecia em Roma, e Paléologue, secretario geral do ministro dos negocios estrangeiros, que haviam ido cumprimentar o presidente do conselho grego. Este entrou pela porta de chegada, do lado da alfandega, a fim de não ser incomodado pelos curiosos, e, na realidade, encontrava-se a essa hora pouca gente n'esse sitio. Só alguns guardas de paz e os agentes encarregados de velar pelo sr. Venizelos durante a sua estada em Paris estavam nos seus postos. Saudaram-no e, quando ele lhes retribuia a saudação, de subito ouviram-se umas detonações e balas sibilaram, vindas da direita, contra a sua pessoa. Dois individuos, ocultos, um por detraz d'uma balança da sala das bagagens, outro no vão d'uma porta, disparam contra o presidente.

O sr. Venizelos abaixou-se instintivamente, para escapar ao perigo que o amiaçava, o que não obstou a que fôsse atingido por dois projecteis. Caiu nos braços do sr. Athos Romanos, emquanto os agentes se lançaram em perseguição dos agressores, que pouco depois prendiam.

Entretanto, o sr. Venizelos era conduzido n'uma maca á casa de saude da rua Georges-Bizet.

* *

Os autores do atentado não opuzeram resistencia alguma aos captores. Um d'eles, no comissariado da gare de Lyon, declarou chamar-se Sterepis Apostolos, ter nascido a 31 de Dezembro de 1889, em Aitolicon, e ser publicista e director do *Jornal da Bolsa*, de Athenas. Está em França ha dois mezes e habitava em Paris no Grand-Hotel, onde ocupava o quarto n.º 961.

Lamento, disse ele ao comissario, ter cometido semelhante acto em territorio francez, porque tenho muita simpatia pela França, mas tinha juizo pado fazer desaparecer Venizelos e apenas tinha uma coisa: o tel-o apenas ferido.

O outro agressor, conduzido ao comissariado do bairro dos Quinze-Vingts, declarou chamar-se Georges Kyriakis, ter vinte e cinco anos, tenente na disponibilidade e habitar no hotel do Rhodano, na rua Jean-Jacques-Rousseau.

Depois de interrogados, foram entregues á policia judiciaria. As declarações que haviam feito eram exactas.

Kyriakis estava em França desde 22 de julho. Pelas informações colhidas a seu respeito no hotel do Rhodano, sabe-se que tinha uma vida tranquila e recebia pouca gente. Professava teorias anti militaristas. Parecia de saude debil, mas dava a impressão d'um homem inteligente, lia Racine, Molière, Pascal e Descartes, e ia frequentes vezes ao teatro.

Quanto a Sterepis, coisa alguma na sua atitude, no Grand-Hotel, permitia supôl-o capaz de praticar semelhante acto. Deve-se no entanto notar que o encarregado de negocios da Persia, que habitualmente vive n'esse hotel, tinha solicitado de Venizelos uma entrevista na tarde do dia do atentado. Soubera por acaso do que se tramava e queria prevenir o presidente grego? E' uma conjectura apenas, esta.

* *

Na casa de saude da rua Georges-Bizet, as noticias sobre o estado de Venizelos eram das mais tranquilisadoras. O ferido não desmaiara sequer e não sentia receio algum.

A's 10 horas, o dr. Desmarest procedia ao exame radiografico. Uma das balas atingira o presidente no hombro esquerdo e alojára-se nos musculos da omoplata, sem tocar o osso. A outra atingira o alvejado um pouco acima da côxa direita e roçara apenas pela carne.

A que mobil obedeceram os agressores?

Atribue-se o atentado ao descontentamento d'um certo numero de oficiaes que o actual governo licenciou em seguida á deposição do rei Constantino.

Sterepis é, com efeito, antigo tenente de marinha, e Kyriakis tenente de engenharia na disponibilidade.

Eram partidarios do exrei e foram exilados quando Venizelos subiu ao poder.

A nossa campanha em favor da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho arranca, de todos os lados, aplausos

A campanha, cheia de justiça e de humanitarismo, que «A Capital» levantou em favor da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho está interessando profundamente toda a gente de coração e de bem, que nos escreve para nos incitar com a sua solidariedade e o seu aplauso.

Comovem-nos as cartas simples e boas que recebemos e são elas, — com as palavras enternecedoras de gratidão da desventurada senhora, privada da sua fortuna e da sua liberdade, — que nos dão a força suficiente para... chegar ao fim. Esta campanha é feita para os bons, é dirigida aos que teem alma e consciencia, e perdem o seu tempo, evidentemente, os maus que nos censuram, os maus que nos ameaçam, os maus que pensam assim impor-nos o silencio e tolher-nos os movimentos. Esses devem conservar-se ao lado daqueles que combatemos —daqueles que se devem considerar nossos irreconciliaveis adversarios no campo da sensibilidade.

Como se tem visto, o reporter de «A Capital» que foi encarregado de tratar d'este assunto e de avistar com a sr.ª D. Maria Adelaide Coelho quasi não tem sido ouvido nesta cruzada de caridade. E' a propria vitima de uma monstruosidade sem atenuantes que se está defendendo, serenamente —com uma ponderação e um brilho de que talvez não fossem capazes os que a acusaram de doida e arremessaram para o tragico ambiente de um hospital de doidos.

Vimos a sr.ª D. Maria Adelaide. Durante quatro horas conversámos sobre tudo a sua vida passada e presente. Ouvimos os seus brados de revolta; confrangeram nos as suas lagrimas amarissimas; vibrámos no mesmo sentimento de indignação, mas abalamo-nos ao mesmo sopro de fé.

Era esta a entrevista que tinhamos a fazer. Era pôr deante da opinião publica todo o rosario de miserias, urdido por vingadores mesquinhos com o forte apoio de comparsas sem escrupulos... Mas o que nós ouvimos está a sair, mais uma vez, da boca sincera da infeliz senhora que privilegiadamente transmite as suas palavras á sua formosissima pena.

E' interessante assistir-se a este milagre operado pela força e pela sugestão da verdade. A mulher que, durante interminaveis mezes, permaneceu num manicomio, em perfeito uso das suas faculdades mentaes; a mulher a quem um grupo de figuras sinistras pretende tirar o direito á vida; a mulher a que se tem infligido os mais horrorosos martirios —vence heroicamente a sua dor para se vir defender o para vir acusar... Que tremenda lição para os espiritos e para os tartufos!... Verificar a sua defesa será a nossa unica compensação... e não queremos outra!

Do sr. José Assis Nicolau, marinheiro da armada, recebemos uma carta em que aplaude a atitude que *A Capital* tomou na defeza da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho e em que alvitra que, para convencer incredulos e por quaesquer outros motivos para ai se tem formulado, publiquemos um autografo dessa senhora.

Agradecemos os palavras do louvor que nos são dirigidas e em breve *A Capital* fará a publicação pedida.

PELO TELEGRAFO

Uma nota da comissão de reparações

PARIS, 16. — A imprensa franceza publica a seguinte nota que lhe foi comunicada pela comissão das reparações: «O protocolo do carvão assinado em Spa no dia 16 de julho, pelos representantes dos governos aliados e do governo alemão, prevê, entre outras coisas, a constituição, em Essen, de uma comissão, na qual a Alemanha deve ser representada e que tem como missão estudar os meios de melhorar as condições de vida dos mineiros alemães, sob o ponto de vista da alimentação e da habitação. A comissão das reparações empregou todos os esforços para a nomeação dos membros aliados d'esta comissão, convidou o governo alemão e tomou todas as medidas necessarias para que a dita comissão pudesse reunir-se e começar os seus trabalhos sem demora.» — *(Havas)*.

A grande feira comercial franceza em Bruxelas

BRUXELAS, 16. — No domingo de manhã inaugurou-se no Palais des Ports a primeira grande feira comercial franceza de Bruxelas. O sr. Raymond Froncard, magistrado municipal de Schaerbek e presidente do comité organisador, pronunciou um discurso que foi muito aplaudido e no qual declarou a aliança intima entre a França e Belgica, desejada por todos os francezes e belgas que tenham uma visão clara dos interesses de seu paiz. O sr. de Vil, deputado por Bruxelas, acentuou bem o caracter da manifestação de amisade franco-belga e disse que é preciso que os corações belgas e os corações francezes não deixem de bater, de futuro, em unisono. — *(Havas)*.

Um protesto do governo alemão

BERLIM, 16. — O governo protestou em Paris, Londres e Roma contra a resolução do Conselho Supremo que separou a Prussia oriental e que atribuiu á Polonia o porto de Kurzebach. — *(Havas)*.

Advertencia importante

Respondendo a reclamações recebidas

Todos os jornais da tarde e da noite retomaram já o seu antigo pessoal tipografico, podendo, por esse motivo, sair ás suas horas habituais. «A Capital», em virtude dos seus operarios se acharem trabalhando no jornal «A Patria» desde 1 de maio, está sendo feita por tipografos na maioria estranhos á classe. Esta explicação convem que os nossos leitores a tenham presente, afim de reclamarem dos vendedores o nosso jornal, por isso que muitos deles, com o fundamento de que «A Capital» sae mais tarde, se recusam a fazer a sua venda. Serve tambem esta explicação de resposta ás reclamações que temos recebido de muitos desses leitores.

A proposito desta advertencia, publicou o jornal *A Batalha* a seguinte nota:

A comissão pró aumento de salarios dos quadros dos jornais de Lisboa pede-nos a publicação do seguinte:

«Tendo saído no jornal *A Capital*, de 28 do corrente, uma nota na qual a empreza do jornal *A Capital* diz que os todos os jornais retomaram o seu antigo pessoal grafico, podendo, por esse motivo, publicar-se ás horas habituais, esta comissão vem declarar que se a empreza de *A Capital* ainda não resolveu o conflito como os restantes empresas, é unica e exclusivamente devido a não ter querido solucionar o conflito grafico.

O pessoal de *A Capital* continua em greve e aguarda, na sua Associação de Classe, a adesão da empresa de *A Capital* á organização de trabalho e salarios minimos, já em vigor em todos os restantes jornais de Lisboa.

Esta comissão julga conveniente esclarecer o publico e a classe grafica do motivo porque a empresa de «A Capital» ainda não tem a laborar o seu antigo quadro. Este não se demitiu, como parece depreender-se da nota publicada na «Capital». Encontra-se, como acima dizemos, na sua Associação de Classe aguardando a solução do conflito».

Ora no dia 21 de maio, publicou «A Capital» o seguinte:

Tendo cansado á direcção de «A Capital» que o seu antigo quadro tipografico constituido pelos srs. Miguel Martins, chefe, Manuel e Guilherme de Espirito Santo, linotipistas, Gabriel Duarte, Libanio de Brito, Antonio Pinheiro e Ribeiro Pisco, compositores, estava empregado no jornal *A Patria*, que ha-de em breve iniciar a sua publicação, solicitou da direcção desse jornal lhe dissesse se eram ou não verdadeiras as informações que recebera.

A' sua pergunta foi respondido, por parte da direcção da *Patria*, o deputado sr. Antonio Mantas com a seguinte carta:

Sr. Manuel Guimarães dig.mo director d'A Capital.—Lisboa.—Satisfazendo os desejos de v. manifestados na sua carta de 20 do corrente, cumpre-me declarar-lhe que efectivamente estão em serviço no jornal *A Patria* os tipografos referidos na carta de v., exceptuando Antonio Pinheiro, mas é meu dever dizer a v. que ainda não está constituido o quadro tipografico e todo o pessoal que trabalha na montagem da tipografia de *A Patria* é a jornal.

Devo tambem dizer a v. que o pessoal que fôr admitido neste jornal não acumulará, com o nosso consentimento, serviço com qualquer de outros jornais.

De v., etc.—*Antonio Mantas*.

Como esclarecimento, diremos que esta carta foi recebida antes do aparecimento de *A Patria*, a 27 de maio, e que do pessoal que estava trabalhando na montagem desse jornal faziam parte todos os antigos tipografos d'«A Capital», com excepção de um, o sr. Antonio Pinheiro, que se encontra empregado no escritorio da casa Batista & Barbosa, da rua do Poço dos Negros. Esses tipografos ficaram fazendo parte do quadro efectivo de *Patria*.

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO APOLO. — *Risos e Flôres*, revista em 2 actos, de *Fernandes Carreira* e *Valeriano Machado*, musica de *Bernardo Ferreira* e *Vasco Macedo*.

Crêmos que a crise de revistas é absoluta. Depois de varias liquidações furtadas, põem-se em scena peças antigas, re'ocadas de novo e da autoria de ilustres desconhecidos. Parece que vae chegando o tempo de todos que no fundo da gaveta teem o fruto dos ocios d'uma companhia de seguros ou d'um dia de trabalho em qualquer ministerio, o verem subir á scena... por falta de mercadoria.

Risos e Flôres é uma revista e se não nos apressámos a vir comunicar ao publico a boa nova d'um sucesso é porque realmente saimos do Apolo sem grandes entusiasmos.

A graça da peça é escassa, verdade que não entrando pelas libertinagens, a que recorrem os que não teem mais nada com que fazer cocegas ao publico.

Fantasia pouca, ideias originaes nenhumas; musica, pelo contrario, bem apropriada e scenario e guarda-roupa dignos de elogio. O desempenho fraco, muito fraco, salientando-se, é claro, Roldão e alguns nomes já conhecidos das platéas populares: Dora Vieira, Maria Pinto, Berta Miranda, Aurelio Ribeiro, Moraes, etc.

Mais uma para a conta.

A. F.

THEATRO AVENIDA. — *Amor em Pó*, peça musicada em 2 actos de *Matos de Alem*, musica de *Luiz Junior*.

Para fugir á banalidade deprimente e já desmamada das revistas, e talvez porque não tivesse mais nada para pôr em scena a empreza que explora o *Avenida* montou a adaptação teatral dum conto dum escritor portuguez que se encoberta sob o pseudonimo de Matos de Alem.

Não havendo melhor, tem que se ir vêr.

E, pensa-se tambem que do agrado daquela sensaboria depende o sustento de tanta gente que foi contratada por uma empreza sem repertorio.

O Amôr em pó é um esboço de opereta, uma tentativa fraca das pernas. Baseada no inverosimil, com um enredo frouxo e levemente picante, apresenta de importante e agradavel a musica de Luz Junior, vibrante, alegre, popular que nos faz pensar na fase do seu trabalho em que mais se destacou, dando animação a algumas revistasinhas no R. dos Con'es.

O desempenho coadunando-se com as exigencias da epoca, do teatro e da peça, querendo destacar-se João Silva um soldado que tambem podia ser um dos seus costumados policias, Humberto do Amaral, Conde, Lina Damoel e algumas Marias, Alices, etc., etc. que ficaram por não desmanchar o todo.

Chamadas e sucesso para Luz Junior.

A. F.

Noticias novas

Entre nós

Penha Coutinho tem uma revista para a epoca de inverno do Apolo. Chama-se *Terra de encantos*.

— Para a epoca de inverno do Ginasio contratou-se o actor Otelo de Carvalho.

— Foi contratado para o inverno no S. Luiz a actriz caracteristica Sofia Santos.

— *D. João de Castro*, é o titulo duma peça historica que o jornalista Alexandre Mimoso destina a um teatro de Lisboa.

— *As duas causas*, a peça em ensaios no Politeama, é uma adaptação muito livre duma peça italiana, por Alberto Morais e Mario Duarte. A acção passa-se no Porto.

—Diz-se que no inverno figurarão no elenco do *Nacional*, Irene Grave e Jorge Grave. Com Merce'les Blasco, o senador Julio Ribeiro e a cançonetista Carmen de Vicente, deve estar certo.

Lá por fóra

França.—No Theatre Antoine subirá á scena uma peça nova do Louis Verneuil *L'inconnue*.

—Feydeau fará reprise no *Cigale* das suas peças *la Puce à l'oreille* e *la Duchesse des Foliès Bergères*.

Hespanha.—Casimiro Orlas, não contente com os aplausos que escutou em Cordova, propõe-se continuar deleitando o publico em Sanlucar de Barrameda, onde dará quinze espectaculos.

— No teatro Pereda, de Santander, estreou-se *Blasones y talegas*, de José Maria de Pereda, acomodada á scena por Eusebio Serra Agradon.

—Passou ha dias o 5.º aniversario da morte de Miguel Ramos Carrión, que tanta gloria deu ao teatro com as suas formosas producções.

— Em Lima contrahiu matrimonio Aurora Jauffret *La Goya*. Foi a Lima disposta a conquistar o publico e conquistou um marido. Verdade seja que uma coisa não exclue a outra...

—Os irmãos Velasco contrataram para Havana a notavel artista Cipri Martin, que parte na qualidade de *tiple* comica.

OS SEGREDOS DA GUERRA

Uma carta do sr. Briand ao sr. Ribot

O antigo presidente de conselho dizia quaes as condições em que aceitára as negociações propostas pela Alemanha

Continua o *Matin* trazendo a publico documentos d'um alto valor para a historia da guerra. O numero do dia 14 insere a carta do sr. Briand, que nunca, afirma esse jornal, foi transmitida aos aliados. Diz o *Matin*:

Quando uma personagem como o sr. Briand vae procurar o governo francez, em plena guerra europeia, para lhe propor o estudo das possibilidades da paz, quando pode invocar a opinião do rei de Hespanha, as cartas do imperador da Austria, as propostas dum agente directo do imperador da Alemanha e até uma conversa confidencial do cardeal Gasparri, confirmando, em face das informações duma das melhores agencias de informação mundial, a informação da Vaticano, de que o governo alemão está pronto a restituir á França a Alsacia e Lorena, essa *démarche* não pode ser votada ao esquecimento.

Francamente, o sr. Ribot, então ministro dos negocios estrangeiros, manifestou um scepticismo que se não compreende.

Não deu credito ás propostas do sr. de Lancken, sendo até hostil a todos os boatos e até mesmo á ideia de examinar os preliminares feitos pelo inimigo.

Todavia, depois duma conversação realisada no Palacio Bourbon entre os srs. Painlevé, presidente do conselho, Ribot e Briand, ficou assente que este ultimo formularia por escrito a oferta que fazia, as condições em que a paz seria feita, e que essa nota havia de servir de base para uma consulta confidencial dos aliados.

Essa carta, que foi um dia lida na Camara, em reunião secreta, nunca foi publicada.

Ei-la no seu texto exacto e integral:

«Paris, 20 de setembro de 1917.—Sr. Ribot, ministro dos negocios estrangeiros, Paris.—Meu caro presidente:

«Depois da conversação que tivemos na Camara, o sr. presidente do conselho, o senhor e eu, ficou resolvido que o senhor enviaria uma nota para servir de base a uma consulta confidencial dos nossos aliados sobre o seguimento que é conveniente dar a uma proposta que, na constituição do gabinete actual, eu julguei do meu dever, na qualidade de antigo presidente do conselho e como francez, tornar sua conhecida.

A conversação que se solicita deve realisar-se sob as seguintes reservas, aceitas, previamente:

1.º—Não é preciso quebrar a solidariedade entre a França e os seus aliados. A carta da França, embora esteja disposta a ser-lhe concedida, não poderá ser separada da dos aliados e é preciso que, no rigor de 1914, fique intangivel;

2.º—Qualquer que seja o resultado da conversação que se propõe, qualquer negociação de paz oficial não pode ser feita antes da evacuação dos territorios aliados ocupados pelos exercitos inimigos;

3.º—Sob o ponto de vista francez, a unica base de solução admissivel é a restituição integral da Alsacia Lorena.

4.º—A restituição dos objectos roubados é uma condição *sine quâ non* de paz, assim como a reparação dos estragos produzidos sob a reserva d'uma formula qualquer que se ha de acabar, que exclua qualquer ideia de penalidade;

5.º—A questão das garantias, admitida em principio, fica, no que diz respeito ao seu caracter e seu alcance, para ser debatida.

Por outro lado:

6.º—Exclue-se toda a possibilidade de se discutir a margem esquerda do Rheno;

7.º—Não se admitirá senão uma paz completa, tanto na ordem politica como na ordem economica.

Em resumo, das diversas explicações que me foram dadas deduzi que a sugestão que se fez foi inspirada pelas seguintes considerações:

Os dirigentes alemães teem um vivo desejo de paz. Ora, não veriam uma solução possivel por meio de um contacto directo dos governos.

Os seus exercitos ocupam a Belgica e uma parte do nosso territorio; compreendem que mesmo um começo de negociação oficial é inaceitavel por nós, pois que nos poderia acarretar as consequencias de termos de deixar cair as armas das mãos dos nossos soldados.

Pelo outro lado, os dirigentes alemães teem que contar com a opinião publica do seu paiz, especialmente com as tendencias excessivas dos pan-germanistas.

Não podem fazer conhecer publicamente os fins da guerra, baseados em concessões mais ou menos dilatadas, sem antecipadamente possuirem a convicção de que essas concessões terão a sorte de serem aceites, pelo menos em principio, e servirem de base a uma negociação ulterior susceptivel de se chegar á paz. São eles de opinião que esta deve ser preparada, tratada dia a dia por conversações oficiosas.

Se se dirigem a mim, é porque eu estou fora do governo e porque, tendo sido já presidente do conselho, tendo nesta qualidade transmitido a resposta ás propostas de paz da Alemanha em nome de todos os aliados, supõe-se que estes não podem deixar de ter confiança em mim.

Aqui tem, meu caro presidente, resumidas tão fielmente quanto o pude fazer, as explicações que poderão servir de base á consulta que se tratá.

Não podia deixar de lhe dar a conhecer estas sugestões, e se o faço é para descargo da minha consciencia.

Fica assente que se algum andamento se der á proposta que me foi transmitida, o governo francez nada saberá.

Tomo toda a responsabilidade do perigo, muito satisfeito se me fôr possivel servir os interesses do meu paiz e de seus aliados, e contribuir para fazer aproximar, um dia só que seja, o desenlace do terrivel drama em que tomamos parte ou vivemos ha tres anos.

Peço-lhe que aceite, meu caro presidente, a expressão da minha inteira dedicação.—*Aristides Briand*. *P. S.*—Devo acrescentar que a pessoa que me indicasse as concessões que a Alemanha pode fazer em vista da paz, seria encarregada de falar e a fornecer uma prova irrevogavel.

A. B.

Esta carta nunca foi transmitida aos aliados.

No dia 22 de setembro, se não estamos em erro, o sr. Ribot dirigiu aos ministros dos estrangeiros da Gran-Bretanha e da Italia um telegrama sumario indicando que o sr. Briand julgava ter sido alvo de uma proposta de preliminares de paz e que havia dado imediatamente ás propostas que lhe tinham sido feitas. Mas Ribot acrescentava logo que tinha indicado a Briand o perigo desse procedimento irregular, sem conhecimento dos governos aliados.

Algumas linhas a que os ministros inglez e italiano responderam numa curta aprovação, e as negociações foram suspensas.

Enganava-se o sr. Briand a respeito do estado de espirito da Alemanha nesse fim de verão de 1917? Não o cremos.

VIDA SPORTIVA

Nota do dia

Os espanhoes, que em materia sportiva não devemos considerar superiores aos portuguezes, conseguiram uma boa representação no Jogos Olimpicos, onde decerto não vão ganhar, mas apenas aprender e mostrar que pertencem a um paiz que justamente se considera civilisado.

E' tristé, bem triste, que a apatia que se revela em todas as coisas da nossa terra tivesse creado tambem já tão fundas raizes no sport. Só a isso se deve não termos uma maior representação na VII Olimpiada. E o mesmo nos sucederá em 1924 se não reagirmos desde já com a maxima energia e força da vontade.

Nestes assuntos, como em tudo, guardar as coisas para os ultimos momentos dá sempre o resultado de se ficar em meio. O Comité Olimpico Portuguez trabalhou, não ha duvida, mas não teve nunca a auxilial-o nem a acção dos clubs nem a propaganda da maioria da imprensa, que, infelizmente, não compreendeu ainda devidamente o seu dever.

E' tempo de nos reabilitar-mos, de mostrarmos que possuimos em sport tão boa materia prima como os outros paizes. Deve pensar-se mais nisto do que na intriga mesquinha que é, afinal, o que mais prende a atenção e espirito dos nossos homens de sport.

Um meio eficaz para o resurgimento é o estimulo internacional e esse podemos tel-o em torneios contra espanhois. Pense-se a serio em organisar anualmente torneios de todos os sports entre portuguezes e espanhoes e veremos que optimos resultados serão colhidos quando a ideia fôr posta em pratica.

Teem sido com o estimulo internacional que todos os paizes mais teem desenvolvido o seu sport. Os povos do norte, suecos, noruegueses, dinamarquezes e finlandeses, organisam constantemente torneios entre os seus atletas em conjunto.

Os francezes e belgas muito teem conseguido com os seus matches anuais de diversos sports. Na America do Sul fazem-se grandes provas, principalmente de foot-ball e natação entre brasileiros, argentinos e chilenos, e o resultado obtido provaram-nol-o os brasileiros quando outro dia jogaram com os nossos um treino de water-polo, em que mostraram uma grandissima superioridade.

Urge, portanto, tratar-se a sério e com vontade da olimpiada peninsular; é uma aspiração que está no programa do C. O. P. e que os espanhoes aplaudem e desejam ardentemente. Faça-se propaganda, trabalhe-se, que tudo se conseguirá.

Pinto d'Almeida.

Julgamentos no governo civil

Albino da Silva, com leitaria na rua da Ribeira Nova, 20, foi hoje presente a julgamento no governo civil, acusado de ter vendido manteiga por preço superior ao da tabela e por tentativa de suborno dos fiscais do ministerio da agricultura. E' a quarta vez que comparece naquele tribunal, tendo sido duma das vezes multado em 1.000 escudos.

Do primeiro crime foi absolvido, mas ficou detido para averiguações quanto á tentativa de suborno.

Tambem responderam José Luiz Pereira, vendedor ambulante, rua da Vinha, 37, 3.º, Emilia dos Santos, leiteira, rua de S. Felix, 12, r|c., e Antonio Quaresma, vendedor ambulante, rua Gomes Freire, 82, acusados de venderem leite com agua, sendo absolvidos, por falta de provas.

Apreensão na "Brazileira" do Rocio

Os fiscais do ministerio da agricultura srs. Raul Pinto, Julio Cesar Valente e Aurelio Daniel e o chefe de secção do mesmo ministerio sr. Reinaldo Ferreira Godinho apreenderam hoje na «Brazileira» do Rocio uma grande porção de café, no valor de 16.000 escudos.

O gerente do café, sr. Mario Teles, socio da firma Teles & C.ª, Limitada, está ausente no Douro, motivo porque não foi preso.

ULTIMA HORA

Nos Deputados

O credito pedido pelo governo era de 80.000 contos, mas a Camara só concede 30.000

Já passante das 14,30, lida a acta e o expediente, entra-se no antes da ordem, tendo a palavra o sr. Antonio Maria da Silva, que trata da lei 870—pensões auxiliares de Montepios, enviando para a mesa um projecto de lei regulando a sua distribuição.

O sr. Manuel José da Silva (Azemeis) que protesta contra a falta da presença d'um membro do governo, ao menos um, que tivesse a consideração de estar aqui á abertura das sessões. Pede depois que a comissão de finanças dê o seu parecer a um projecto de lei que é d'interesse geral e que ha muito já devia estar discutido.

O sr. Henrique de Vasconcellos—O' sr. presidente, e se V. Ex.ª, ao menos, mandasse pedir um ministro? Ao menos um.

—Ele ahi está!—exclama-se.

E' o sr. ministro do interior que chega e que logo de entrada pede a palavra para dar explicações ao sr. Pinto da Fonseca sobre licenciamento de praças. Isso não tem podido fazer-se por circunstancias especiais. Quanto á policia do Porto, ha de diligenciar na medida do possivel fazer com que essa falta deixe de subsistir.

Entretanto, a Guarda Republicana irá fazendo o que poder, a fim de que a ordem se mantenha. Tudo isso é proveniente do miseravel vencimento que á policia se distribue. Ha tambem um outro factor: a organisação da policia de Lourenço Marques, onde se paga bem e para onde querem ir os policias da metropole.

O sr. Pinto da Fonseca insiste na necessidade de se licenciarem, como é de justiça, as praças que estão servindo na Guarda Republicana e que já o deviam estar.

O sr. Manuel José da Silva (Azemeis) trata das acumulações no ministerio da Instrução e que bradam aos ceus. Ha funcionarios que são no mesmo tempo professores e que com essa duplicidade não o podem ser. Nessas condições está o sr. dr. José de Barros, cujo ultimo diploma é necessario anular, porque representa uma prejudicial indisciplina.

O sr. ministro do interior toma na devida consideração e promete transmitir ao seu colega da instrução.

O sr. dr. Henrique de Vasconcelos, por entre os aplausos da Camara, pede providencias contra o facto de serem impunemente enxovalhados magistrados que cumpriram o seu dever no julgamento dum crime de assassinio. Não se remetam os assassinos já condenados a fomentar e fazer campanhas contra esses magistrados, mas contra todas as testemunhas que contra eles depuzeram no processo, creando, assim, antecedentes, que muito podem prejudicar a boa administração da justiça. Refere-se em especial a um dos magistrados atingidos, o sr. dr. Cesar dos Santos, de cuja integridade faz o elogio.

O sr. ministro da instrução promete transmitir ao sr. ministro da justiça as considerações apresentadas.

O sr. ministro do Interior toma nota e promete mais uma vez transmitir.

O sr. Domingos Cruz trata do montepio dos sargentos de terra e mar, que ainda hoje não é uma validade, embora seja uma aspiração que vem já de 1911. Agora vem o montepio oficial e pede a suspensão do decreto que os mandou lá inscrever. Pois até hoje essa lei ainda tambem não foi cumprida e as inscrições não se fizeram. Pede para isso providencias.

O sr. ministro do Interior ouviu com toda a atenção, e promete transmitir ao seu colega das finanças. E como seja hora de passar á ordem do dia, aprova-se a acta e lê-se o resto do expediente que demanda votações.

Vota-se depois o requerimento do sr. Manuel José da Silva (Azemeis) para que entre imediatamente em discussão o projecto de lei dos milicianos.

Confusão. Perguntas. A'partes.

—Ordem! Ordem!

O sr. Julio Martins — Tudo isto é para ganhar tempo!

E' regeitado por 36 votos contra 14.

O sr. Visconde de Pedralva requer que o mesmo projecto se discuta, com prejuizo de 2.ª parte da ordem do dia.

O sr. Alberto Jordão protesta.

O sr. Virgilio Costa diz que ha um ano que esse projecto se vem protelando. Tudo isso mostra a má vontade do governo em aproval-o.

O sr. Antonio Maria da Silva defende que o projecto dos milicianos se discuta com a maxima urgencia. Isso representa um compromisso de honra.

O sr. Eduardo de Souza vota, mas protesta e diz que os populares já regeitaram uma vez a urgencia.

O sr. Manuel José da Silva (Azemeis) defende o seu partido e diz que isso não é verdade.

O sr. Antonio Pereira protesta contra a barafunda da Camara e cita o caso dos funcionarios da Imprensa Nacional.

Fala ainda o sr. João Camoezas, que aprova o requerimento do sr. Pedralva, o que demonstra que a esquerda da Camara tem por este projeto todo o interesse.

E começa toda a gente a requerer e a aprovarem-se requerimentos. Continua-se na barafunda.

Por fim entra-se na ordem do dia continuando em discussão a proposta ministerial dos creditos ilimitados.

Exgotada a inscrição, vae votar-se.

O sr. Sá Pereira requer votação nominal. Aprovado.

Feita a chamada, aprovam 57 deputados e regeitam 8.

E entra-se na especialidade, falando em primeiro logar o sr. José Domingos dos Santos, que envia para a mesa a seguinte proposta de emenda ao artigo 1.º:

Proponho que o artigo 10; seja substituido pelo seguinte:

Artigo 1.º—E' o governo autorisado a abrir pelo ministerio das finanças, a favor do ministerio da agricultura, os creditos necessarios para ocorrer á crise economica, até ao limite de 15:000.000$ para reforço da verba correspondente aos quatros duodecimos orçamentaes, já aprovados pelo congresso.

§... A abertura dos creditos a que se refere este artigo será feita por meio de decreto, fundamentado e publicado no *Diario do Governo*, precedendo aprovação sem conselho de ministros.

E voltamos tambem assim aos discursos anteriores, falando os «leaders» dos partidos e os deputados que haviam tomado a palavra na gueeralidade.

E assim a discussão continua com os mesmos argumentos e a mesma rectorica.

E' provavel que a proposta do sr. José Domingos dos Santos seja votada ainda com alterações.

O sr. Brito Camacho não concorda com a proposta do sr. José Domingues dos Santos e envia para a mesa um aditamento elevando a quantia até 50.000 contos.

O sr. José Domingues dos Santos retra a sua proposta.

O sr. dr. Antonio Granjo diz que precisa de 80.000 contos, mas, se a Camara lh'os não conceder, aceitará a proposta do sr. Brito Camacho.

O sr. Ladislau Batalha declara que o partido socialista não vota creditos ilimitados.

Foi votada a proposta apresentada pelo sr. Brito Camacho.

No Senado

O senador Alvares Cabral pediu a urgencia e dispensa de regimento para o projecto de lei do sr. Rodrigues Gaspar, que se refere á concessão do Porto de Montijo, no qual as comissões de Fomento, Finanças e Marinha dão por unanimidade o seu parecer favoravel á concessão, regeitando por este facto o projecto acima referido.

Precedendo-se á chamada, verificou-se não haver numero.

E' á primeira vez que isto acontece nesta legislatura, nesta casa de Parlamento.

Amanhã ha sessão.

NA RUSSIA

Quem é o general Wrangel

A luta dos exercitos vermelhos com os polacos

Dissemos hontem quaes os motivos por que a França reconheceu o governo do general Wrangel. Quem é esse oficial?

Vae responder a esta pergunta o general Miller, representante do governo do sul da Criméa em Paris, que se expressa do seguinte modo:

«Foi um dos heroes das cavalgadas epicas da invasão da Russia oriental em setembro de 1914. Oficial subalterno d'um regimento de cavalaria da guarda imperial, carregou, á frente do seu esquadrão, contra uma bateria em plena ação, acutilou os alemães sobre as suas peças e apoderou-te dos canhões, que levou em triunfo para as linhas russas.

Os bolchevistas, que dentro em pouco perceberam que Wrangel era o mais serio dos seus adversarios, teem-no caluniado de todos os modos. Primeiro, acusaram-no de ser alemão, devido ao nome; czarista, devido ao seu antigo posto na guarda; reacionario, por causa de colaborar com Denikine, de quem, de resto, se separou ruidosamente.

Pedro Nicolaievitch Wrangel nasceu em 1878, numa cidade do sul da Russia, onde a sua familia está estabelecida ha muitas gerações. Depois de solidos estudos, cursou o Institu'o de ruinas de Petrogrado, d'onde saiu como engenheiro e um dos primeiros classificados.

Preferiu, ao brilhante futuro que lhe oferecia a industria, o posto de tenente de cavalaria da guarda e seguiu os cursos especiaes da Academia militar, onde se distinguiu por uma competencia e qualidades excepcionaes.

* * *

Wrangel tomou parte ña guerra russo-japoneza, em que se distinguiu pela sua intrepidez. Apesar do seu merecimento, o governo imperial não favoreceu o seu acesso aos postos superiores. A revolução russa encontrou-o simples coronel d'um regimento de cossacos tcherkesses, á frente do qual tomára parte nos mais violentos recontros da Grande Guerra.

Depois da *débâcle* do front russo, Wrangel foi dos prisioneiros oficiaes patriotas que não admitiam a derrota e que se agruparam em redor de Alexeieff, primeiro, de Korniloff e de Denikine, em seguida, para luctarem contra a desorganisação do paiz e protestarem contra a vergonhosa paz de Brest-Litovsk.

Durante toda a campanha de Denikine contra os bolchevistas, Wrangel entrou, heroicamente, em todos os recontros. As suas façanhas valeram-lhe os elogios do governo britanico e uma das ordens mais apreciadas da corôa de Inglaterra, enviada por uma missão especial, com uma carta do rei Jorge.

Preocupado mais com a Russia do que com ambições pessoaes, insistiu com Denikine para que o exercito de voluntarios subisse o Volga, a fim de operar a sua funcção com as tropas de Koltchak, que vinham de leste. Denikine preferiu avançar sobre Kiev, o que permitiu aos exercitos vermelhos efectuaram um movimento envolvente que o isolou definitivamente de Koltchak.

Tornava-se impossivel um acordo. Depois da rendição de Kharkof e da bacia do Donetz, Denikine propoz encarregar-se da defeza de Rostov. Era tarde demais para que os voluntarios tivessem alguma esperança de exito. Wrangel, desaprovando os metodos tacticos e a administração civil de Denikine, rompeu com ele e retirou-se para Constantinopla.

* * *

Pouco tempo ali esteve. Apoz a demissão de Denikine, o exercito dos voluntarios chamou-o e o seu regresso foi aclamado pelas tropas e pela população da Criméa.

Bastaram-lhe alguns mezes para constituir, com os fugitivos das tropas de Denikine e de Koltchak, um exercito regular, disciplinado e forte, bem enquadrado e bem aprovisionado, capaz de proibir o acesso da peninsula ás hordas do exercito vermelho!

Wrangel compreendera o grave erro praticado pelo seu antigo chefe ao não fazer caso de organisar os serviços da retaguarda e a administração dos territorios libertos da tirania bolchevista. Tomou imediatamente as medidas repressivas que se impunham, castigou com serenidade a especulação, a concussão e a fraude, mandou comparecer os funcionarios prevaricadores perante o tribunal marcial e deixou-os fuzilar sem piedade.

Esses actos de energica justiça valeram-lhe a confiança da população, que vê com alegria desaparecerem os abusos de que era victima, e a dedicação dos soldados, bem alimentados, bem tratados e que teem a certeza de encontrar n'ele justiça.

As tropas adoram Wrangel, que dispõe actualmente d'um exercito suficientemente forte para empreender contra os bolchevistas uma grande ofensiva, contanto que tenha assegurado o abastecimento regular de material, viveres e munições».

* * *

Tal é o retrato do general Wrangel, feito por quem o conhece bem. A sua acção vai fazer-se sentir, sem duvida, energicamente.

Por outro lado, as ultimas noticias da Polonia não são desanimadoras. Dizem elas:

Os polacos repelem os bolchevistas em diversos pontos

VARSOVIA, 16.—No sector norte está-se desenvolvendo uma grande batalha com os bolchevistas que atacam proximo de Plonsk. As forças polacas iniciaram um movimento de concentração; os seus destacamentos dispersaram tres regimentos bolchevistas, fazendo 230 prisioneiros e tomando-lhes algumas metralhadoras. Um regimento de uhlanos, num ataque decisivo, massacrou completamente um regimento bolchevista. A acção está-se desenvolvendo duma maneira satisfatoria, tendo os polacos retomado Newe Minsk e Marzew, a leste de Varsovia.

Tendo o 3.º e 6.º exercitos sovieticos recebido ordem categorica de tomarem a capital, começaram um ataque na direcção de Radski que ocuparam transitoriamente e em seguida retomaram por meio dum ataque da divisão lituana e branco-rutenos. Neste sector continua a luta encarniçada. A leste de Cholm os polacos forçaram a frente inimiga proximo de Dignatew e ocuparam Dorelusk e Swieze, repelindo os bolchevistas para a margem direita do Bug. Depois dum aceso combate, os polacos retomaram tambem Hubioszow e a sua cavalaria, apoiada pelos destacamentos de infantaria; luta no sector Bradziechow-Cholojew com o exercito Budienwy. O comandante polaco, para reconstituir a linha da frente, ordenou a retirada para o Bug, pelo que as forças polacas abandonaram Brody.—(*Havas*).

VARSOVIA, 16.—No domingo a delegação polaca partiu para Minsk; compõem-na o sub-secretario de Estado dos negocios estrangeiros, o sub-secretario de Estado da presidencia do conselho e seis deputados representando todos os partidos da Dieta e, entre estes, De Mestins, o Graiski, antigo presidente da comissão dos negocios estrangeiros da Dieta. A delegação é acompanhada de peritos, figurando entre eles o general Listowski, pessoal tecnico, secretarios e representantes da Cruz Vermelha americana. Segundo os jornais polacos a missão chegou a Minsk na segunda-feira.—(*Havas*).

O que diz o comunicado russo

MOSCOU, 16.—No dia 14 o exercito russo ocupou a cidade de Sercok e várias localidades situadas entre 15 e 20 verstas de distancia de Novo-Georgiewsk.

Combatemos em Cholm. No dia 15 ocupámos Sorpez e toda a linha de Nasjelsk a Sorpez e Novo-Minsk, chegando a 25 verstas ao norte de Lublin.

Assinalam-se combates na frente de Radzymin a Okumen. Na direção de Vladimir-Volonski, onde os polacos tomaram a ofensiva, ocupámos várias localidades ao norte de Radiwilow.—(*Havas*).

Ataques repelidos, segundo o comunicado polaco

VARSOVIA, 16.—Na região de Varsovia o inimigo atacou obstinadamente os sectores de Radzymin, Okumen e Lesniakovizna.

Radzymin passou de mão em mão, ficando por fim em poder dos polacos.—(*Havas*).

POEIRA DA ARCADA

Conselho de ministros

O conselho de ministros reuniu hoje de manhã na secretaria das colonias, tratando de assuntos parlamentares e de administração publica, da questão das subsistencias, etc. E' possivel que volte a reunir amanhã.

Emigração por via maritima

O capitão de mar e guerra sr. Paiva Curado, chefe de departamento maritimo do centro foi nomeado para fazer parte da comissão encarregada de rever o regulamento da emigração pela via maritima.

As gréves

A questão dos eletricos

A Camara não cede, o governo, ao que parece, apoiará a Companhia

Parece que finalmente está em via de solução o conflito que ha já 18 dias, com manifesto prejuizo da população da capital, se arrasta entre a Camara Municipal, a direcção da Carris de Ferro e o respectivo pessoal.

Depois da sentença da auditoria administrativa a questão modificou-se um pouco, parecendo que é agora o proprio governo que se interessa pela solução do incidente, que, diga-se de passagem já ha muito devia estar resolvido para bem de todos.

O engenheiro sr. Freire de Andrade director da Carris, teve hoje uma conferencia, desde as 11 horas até ás 14, com o sr. presidente do Ministerio. Nessa entrevista, de tres horas, foi largamente apreciada a questão, bem como a sentença do tribunal administrativo publicada ultimamente nos jornais.

O sr. Antonio Granjo, como advogado analisou bem essa sentença e o incidente que deu causa á greve do pessoal da Carris, chegando á conclusão de que a Companhia tinha razão.

N'essas condições a direcção da Companhia pensa pôr por toda esta semana os electricos nas ruas, tendo prometido o chefe do governo que forneceria as necessarias forças militares para impedir atentados, desordens ou agressões ao pessoal dos carros.

Como a sentença da auditoria administrativa reconhece a razão que assiste á Companhia esta fará sair os carros com os preços das tarifas aumentadas conforme o acordo feito em 31 de maio no Ministerio do Interior entre a Camara e a Companhia.

Como esse convenio ou acordo está em vigor, a Companhia só pensa agora em cumpri-o.

Não haverá passes, conforme o mesmo acordo determina, estando a direcção da Companhia no intuito de convidar o pessoal a retomar o trabalho.

Acederá ele ao convite?

E' ainda um ponto á ver, porquanto os grevistas não estão dispostos a trabalhar sem que lhes sejam pagos os dias em greve, condição que a Companhia, ao que parece, não está muito disposta a aceitar.

Depois de tal resolução, que fará a Camara?

Um vereador com quem hoje nos avistámos nos Paços do Concelho esclareceu-nos:

—A sentença da auditoria administrativa ainda não foi comunicada á Camara por via de intimação e aguardamos portanto que ela nos seja feita. Essa sentença suspende as deliberações camararias tomadas depois de 28 de Maio, mas sem duvida, e sem o querer, reforça essas deliberações que são nem mais nem menos do que as que se encontram exaradas no ultimo parecer camarario enviado ao governo e em resposta ao ultimo e inaceitavel *modus-vivendi*, da companhia.

Para elucidação dir-lhe-hei que as resoluções da camara de 28 de Maio importam o ultimo aumento das tarifas e o fornecimento de passes a 60 escudos ao semestre ou 120 ao ano.

A Camara insiste em que o passe é uma tarifa e d'aqui não sae. E tanto que os proprios bilhetes de assinatura no verso inscrevem o seguinte: *Extrato das condições da «tarifa» dos bilhetes de assinatura*. Em resumo: A Camara mantem, custe o que custar, as suas decisões...

Como se vê, a questão toma agora outro aspeto curioso: ou seja a Camara manter-se intransigente e o governo entender que a companhia tem razão e estar portanto disposto a faser cumprir a sentença da auditoria administrativa.

Está portanto em cheque parte da vereação municipal, não toda, porque nem todos os vereadores concordavam com a orientação dos seus colegas. Nessas condições se encontram, ao que nos consta os srs. dr. Alberto Ferreira Vidal, Alberto Tota, Braz de Carvalho, Magalhães Peixoto e Aires Leal de Matos. Quanto ao vereador sr. Rodrigues Simões abandonou por algum tempo os trabalhos da vereação por não querer tomar parte na malfadada questão.

Por sua vez o pessoal em gréve voltou hoje a reunir na séde da sua associação sob a presidencia do sr. Francisco dos Santos que era secretariado pelos srs. Carlos Sanches Ribeiro e Artur dos Anjos. Usaram da palavra varios oradores e entre eles José Eduardo Fernandes, J. Carvalhaes, José Nunes Martins, Jorge Martins, José Henriques Moreira ás quais aconselharam a maior ordem e união porque a victoria caberá aos grevistas. Mais aconselharam a que não se aceitem quaisquer plataformas e que ninguem retome o trabalho sem serem pagos os dias de gréve.

A direcção da Associação Industrial que como é sabido, está empenhada em solucionar o conflito, deverá ter hoje pelas 14 horas uma conferencia na Camara Municipal com alguns vereadores. A referida direcção esteve reunida no escriptorio do sr. Freire de Andrande na rua de S. Nicolau, tendo participado para a camara que só bastante tarde ali podia comparecer.

O chefe do estado maior da guarda Republicana, tenente coronel sr. Liberato Pinto, esteve hoje á tarde conferenciando com o presidente do Ministerio sobre o conflito dos eletricos e das medidas a adoptar para os carros poderem finalmente circular, conforme a sentença da auditoria administrativa.

A gréve dos carroceiros

Durante o dia de hoje foram recebidas na séde da Associação dos conductores de Carroças 151 adesões de patrões ás novas tabelas aprovadas ultimamente pelos carroceiros. Muitas carroças circularam hoje pelas ruas da cidade, não se tendo dado qualquer incidente desagradavel.

Os grevistas reunem hoje, pelas 21 horas, na séde da sua Associação, para tomar resoluções.

A questão das subsistencias

O comissario dos abastecimentos sr. Alvaro Lacerda esteve hoje conferenciando com o sr. ministro das colonias ácerca da vinda para a metropole de produtos alimenticios das nossas possessões.

O vapor «Africa», que hoje chegou a Lourenço Marques, na sua viagem de regresso trará 400 toneladas de milho para o Funchal, cuja população está lutando com a fome, devido á absoluta falta daquele cereal.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3669 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quarta-feira, 18 de Agosto de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

O MARTIRIO DE UMA MULHER

O livro "Infeliz-Mente!"

Quem diz o que quere ouve o que não quere

Desculpe-me, leitor, se hoje tenho de interromper de novo a minha narrativa, para dizer umas cousas que agora teem oportunidade.

Li na *Capital* do dia 12 ultimo uma local com o titulo—«*Aos filantropos amigos da sr.ª D. Maria Adelaide*» e sub-titulo «*Ameaças que não intimidam—Calunias que não sujam*»—a que desejo juntar algumas palavras minhas.

Primeiro, repito aqui o meu agradecimento profundissimo e certifico a minha indelével gratidão á *Capital* que passa através as labaredas do odio, com a coragem que lhe dá a consciencia de que cumpre uma obra de caridade e de justiça, facultando-me as suas colunas para que essas labaredas me não envolvam tambem; depois, declarar em publico o seguinte:

Ha um ano que saí do Conde do Ferreira apenas com a roupa que tinha vestida, sem um centavo de meu; ha *um ano* que caridosamente me deram algumas roupas, por caridade me sustentam e me albergam.

Ha um ano que trabalho sem descanso para me tornar menos pesada áqueles que com uma caridade sem ostentações teem repartido comigo do seu pão.

Pois bem, a muito mais estou disposta; até a acabar os meus dias, se tanto fôr preciso, a apanhar trapos com um gancho pelas ruas, para não morrer de fome, se de outro modo não poder ganhar o meu sustento. Mas o que me não sujeitarei nunca é a voltar para o dominio do sr. dr. Alfredo da Cunha, quer como marido, quer como tutor, ou voltar para o Conde do Ferreira ou outro qualquer manicómio. Isso, não!

Chamem-me embora doida, chamem-me o que quizerem—quem se não sente não é filho de boa gente.—Se o sr. dr. Alfredo da Cunha imaginou que me rendia pela fome, enganou-se; e, se esse senhor se não sentiu pelo que eu lhe fiz, sinto-me eu pelo que ele me tem feito.

Quando uma mulher sabe, como eu, o que é sofrer, como eu sabe o que é um hospital de doidos e como eu recebe a ingratidão dos seus, quando essa mulher disser—não—está dito por uma vez.

Já não ha humilhações que eu não conheça, amarguras que me sejam novas; mas, se as houvesse, não me fariam recuar um passo. Não sou cobarde, nem nunca fui medrosa.

Vi-me perdida no ambiente do loucura em que me lançaram, sem mesmo ter o desafogo das lagrimas, entregue ao maior desespero que pode imaginar-se e não desanimei.

Até hoje a justiça não me tem facilitado os meios de defeza e eu não desanimei.

Emquanto não apareceu o meu livro «Doida, não!» tudo se conjugava contra mim, por ser desconhecida a verdade e eu não desanimei.

Não seria agora, no momento em que tantos corações piedosos e tantas consciencias puras me amparam e defendem, que eu desanimaria.

Confio na justiça, porque confio na verdade.

Podem vir os sábios do universo inteiro; não os temo, se tiverem consciencia.

Podem vir os juizes de todos os Tribunais; não os receio, se forem conscienciosos.

Tão pouco temo a opinião do publico, porque a dos bons só pode defender-me no infortunio; a dos maus nem de leve me toca.

Deixem-me na miseria *aqueles que tanto querem o meu bem*; e, entretanto, espalham aos quatro ventos a sua filantropia.

Dão a esmola ao vagabundo, mas negam-me o pão, a mim, fingindo que não se lembram que estou a viver de esmolas.

Sempre achei que a caridade fôsse um belo sentimento, tanto quando eu a exercia, como hoje, que comigo é exercida. Acho justo que a minha familia o pratique, se pode repartir da sua mesa com aqueles que teem fome; mas eu a eles não peço esmolas, peço aquilo que é meu e que lhes não teria pedido nunca, se não fôsse bem buscar-me aonde eu estava para me atirarem para um hospital de doidos.

Ignoram se sou viva—dizem eles—mas o argumento não colhe.

No dia 13 de outubro que passou, mandei um bilhete de parabens pelo seu aniversario á irmã solteira do sr. Manuel Emidio da Silva, amigo intimo do sr. dr. Alfredo da Cunha, senhora a quem eu só devia atenções. No dia 16 do mesmo mez, mandei os parabens pelos seus anos, á filha mais nova de meu falecido irmão José Tomaz Coelho. No dia 6 de dezembro p. p. felicitei um afilhado meu, (filho duns primos do sr. dr. Alfredo da Cunha) a quem era devedora de muita estima. No dia 12 do dito mez, mandei felicitações, pelo seu aniversario, á minha afilhada e sobrinha, filha mais velha do mesmo meu falecido irmão. Em 17 de fevereiro p. p. pelo mesmo motivo felicitei minha cunhada, mãe dessas pequenas. Nem eu, nem as filhas se tinham, que eu soubesse, até á ultima data, envolvido ostensivamente nesta monstruosa questão; e, para que não pensassem que lhes escrevia de outro mundo, os meus bilhetes levavam o carimbo dum dos meus advogados, que servia ao mesmo tempo de indicação do local para onde me podiam responder. Só o meu afilhado me enviou uma carta carinhosa.

Admitamos, porém, que os outros quatro bilhetes se perderam...

No dia 11 de fevereiro p. p. eu estive em Gaia, no cartorio do notario sr. Leal Junior onde fiz uma declaração que foi junta a um processo. E, não sabem se estou viva!...

Afinal teem razão. Já podia ter morrido de fome, se não houvesse a verdadeira caridade.

Leitor, não lhe fala uma morta, fala-lhe uma mulher que tem sofrido muito, que tem chorado muitissimo, mas que está disposta a sofrer ainda muito mais, se fôr preciso, para conseguir a sua liberdade.

Maria Adelaide

P. S.—Como por engano de composição, na minha carta publicada no dia 16, saiu na 2.ª coluna, linha 41, *Lisboa*, em vez de *Sintra*, como pode ser atribuido a minha falta de memoria, agradecia muito a rectificação.

M. A.

POLITICA

A crise governamental subsiste? — O que se passa no seio do governo — A vida interna do P. R. P. — No futuro Congresso — A obra do sr. Balthazar Teixeira — A atitude do sr. Julio Martins — Alto Comissariado de Moçambique

Ao principio da tarde de hoje afirma-se nos Passos Perdidos que a sessão será ainda prorogada até fins de Agosto, e tudo leva a crêr que isto se faça, visto que não é nas 48 horas que faltam para o encerramento das Camaras que estas podem materialmente discutir e votar as propostas apresentadas pelos varios ministros e muito principalmente as que dizem respeito aos ministerios das finanças e do interior.

Quanto a crise governamental, ela subsiste mais na propria inconsistencia do governo do que nas oposições parlamentares. E' que o governo enferma do mal das homogeneidades forçadas e sabendo-se que, por exemplo, o sr. Velhinho Correia pertence aos elementos extremistas da esquerda, mal se compreende vendo-o ao lado dos extremistas da direita. Além disso, no partido *liberal* a corrente Ribeiro de Carvalho, representativa da opinião de que o partido deve arcar sósinho com as responsabilidades do mando, avoluma-se cada vez com mais insistencia e não tarda que produza os seus efeitos. Por outro lado, ainda o sr. Inocencio Camacho, cujo tremendo fracasso espantou até os seus mais intimos amigos, sente desde a primeira hora a necessidade de se retirar para a sua governatoria do Banco de Portugal, falando-se até já no seu possivel substituto, o dr. Lelo Portela, que é, em materia financeira, uma das mais altas competencias do partido. Por aqui se vê que a vida do governo, nem é desafogada, nem desanuviada, mas não oferece por emquanto um indicio seguro pelo qual se anuncie taxativamente a hora certa da partida. Será quando mal se fôr é.

Dentro ou fóra do Parlamento o ministerio Granjo tem fortes aguaceiros que só um pulso forte e decidido, ajudado por uma coesão ministerial perfeita, poderia aguentar a pé firme.

Aguardemos, portanto, o desenrolar dos acontecimentos...

* * *

Volta a falar-se na scisão do partido democratico. E' já uma *scie* graciosa e inofensiva. Do P. R. P. devem sahir aqueles elementos que lá se não sentirem bem, mas os que ficam serão ainda bastantes para que o partido não desapareça.

As nossas informações são até bem diferentes. Sabe-se que os partidarios que do P. R. P. se afastam o fazem apenas por uma questão de chefes, nunca por um principio, por um programa, por uma divergencia de ideias.

Homens, chefes, vaidades, e nada mais. Ora no dia em que, pela sahida dos elementos desavindos, o P. R. P. readquira a força inconfessavel d'uma coesão *de verdade*, nós teremos na Camara um forte nucleo oposicionista, equilibrado e aguerrido, que ha-de dar *agua pela barba* aos governos formados sobre o conservantismo dos direitos.

Em brevo sahirá o orgão oficial do partido *A Democracia* e já se anuncia que no proximo congresso as coisas correrão de forma a não deixar duvidas de quanto á marcha interna dos democraticos.

* * *

Está outra vez em fóco o primeiro secretario do congresso, sr. Baltazar Teixeira que, não contente com os jardins semiramicos que mandou fazer n'um esbanjamento de dinheiro á doida, e que queria fazer uma secção tipografica do Parlamento para fins que ainda ninguem percebeu, lhe deu agora para embirrar com os desgraçados funcionarios que teem a infelicidade de o ter por chefe.

Assim, na passada sexta-feira, em reunião do Congresso, entre varios assuntos tratados, foi aprovado sem discussão o projecto de lei n.º 94, que trata de dar a categoria e proventos aos dois porteiros de sala e aos dois chefes de continuos de terceiros oficiais. O projecto foi aprovado, e o sr. Baltazar Teixeira entendeu logo mandar sustar o dito projecto que já é lei promulgada pelas camaras em sessão conjunta. O mesmo senhor fez baixar o referido projecto á comissão de finanças, quando a Camara dos senhores deputados ainda se não tinha pronunciado! De maneira que o oficio enviado á secretaria da Camara do Senado, ao abrigo da lei n.º 954, não tinha razão de ser, porque ha mais de um ano que o sr. primeiro secretario vem criando injustificados embaraços ao dito projecto, que tinha obtido já o *concordo* do ministro das finanças e ainda o parecer favoravel da comissão de finanças da Camara dos Deputados.

E tudo isto porque o sr. Baltazar Teixeira não se lembra da situação miseravel dos outros.

* * *

Atribue-se grande importancia a um jantar a que assistiram os srs. Julio Martins e Antonio Granjo. Afinal, parece que estes dois homens publicos se juntaram casualmente jantando, como velhos amigos, sem que tal facto tivesse o mais pequeno significado politico. Isto mesmo se prova pelo continuado ataque do grupo Popular ao governo, que muito boa gente dava como terminado, após esse jantar.

Assim, não parece, como egualmente nos informam, que o sr. dr. Julio Martins não foi convidado para Alto Comissario de Moçambique, nem, se o fosse, aceitaria.

Para esse logar continuam na ordem das possibilidades os tres nomes que apontamos:

Couceiro da Costa, Freire de Andrade e Leote do Rego.

PELO TELEGRAFO

Desenvolvimento das vias ferreas

RIO DE JANEIRO, 17.—Foi aprovado o orçamento de 4223 contos para a construcção da parte da via ferrea compreendida entre Pirapora e Theresina.—(*Americana*).

Os «indesejaveis»

RIO DE JANEIRO, 17.—Foi procurado como vadio e vae ser expulso Alfredo Araujo.—(*Americana*).

Cotações e valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 17.—Cotação do café, 11$150; cambio sobre Londres 13 9/16, 13 5/8; valor do escudo portuguez, 970 reis.—(*Americana*).

Acquisição de aeromarinos

RIO DE JANEIRO. 17.—Foram adquiridos em Washington quatro aeromarinos navaes.—(*Americana*).

Estreitamento de relações artisticas

RIO DE JANEIRO, 17.—A imprensa sauda João Figueiredo, emissario oficial, que foi tambem encarregado pelos artistas portuguezes do estreitamento de relações artisticas.—(*Americana*).

Irmão forçado a matar outro, suicida-se em seguida

MADRID, 17.—Na ocasião em que os dois irmãos italianos Carlos e Amadeu Silvera, vinham de Ciempozuelos para Madrid sós no mesmo compartimento do comboio, este ultimo, que acabara de sair do manicómio de Ciempouzuolos e, sem duvida, no augo dum novo ataque de loucura, saltou ao pescoço do primeiro, procurando estrangula-lo. Carlos, vendo-se perdido e na impossibilidade de se livrar do irmão, matou-o com dois tiros de revólver e suicidou-se com outros dois tiros.—(*Havas*).

Melhoramentos no Porto do Havre

PARIS, 17.—Diz a imprensa franceza que acaba de se efectuar no Havre a imersão de uma formidavel caixa metalica que deve suportar o cabo de reparo provisto para os grandes transatlanticos. Esta caixa tem 345 metros de comprido por 60 de largo e um pezo total de 45 000 toneladas e foi colocada a 20 metros abaixo de zero das cartas maritimas No seu interior será construida uma doca podendo receber navios de mil toneladas de deslocação, isto é, nove vezes o «Imperator». Os trabalhos custarão 100 milhões de francos.—(*Havas*).

Uma autoridade considerada sediciosa

CORK, 17.—O tribunal militar considerou como culpado o *maire*, por ter pronunciado discursos sediciosos. A sentença será pronunciada ulteriormente.—(*Havas*).

Libertação de prisioneiros britanicos

LONDRES, 17.—Por uma mensagem de Tiflis, vinda de origem bolchevista, sabe-se que todos os prisioneiros britanicos em Bakw, fôram libertados em 5 d'agosto, excepto o vice-consul Hewelcke, que se encontra no hospital.—(*Correspondente*).

O arcebispo mgr. Mannix quer ir á Irlanda

LONDRES, 17.—Entrevistado, monsenhor Mannix, declarou ter lido o texto d'uma questão levantada na Camara dos comuns, a pedir que se permitisse ao arcebispo de Melbonne que desembarque na Irlanda, pois que ele declarou que ia ao seu paiz unicamente com o fim de visitar a familia.

O prelado acrescentou que iria á Irlanda na qualidade de simples cidadão, qualidade que lhe faculta naturalmente a liberdade que é concedida a qualquer cidadão.—(*Correspondente*).

Tribunaes dissolvidos pela força armada

LONDRES, 17.—O palacio da Camara de Cork, onde se achavam instalados tres tribunaes sinn-feiuistas, foi cercado por soldados, que, penetrando depois no edificio, prenderam onze pessoas, entre elas o sr. MacSwiney, lord-maire de Cork.

As pesquizas demoraram duas horas.

Em Limerick fizeram-se buscas em varias casas. Trocaram-se tiros nas ruas e ha dois homens feridos.—(*Correspondente*).

Florestas incendiadas

MONTPELLIER, 17.—Um incendio destruiu, em Castelnau, oito hectares de pinheiros que rodeavam palacetes, os quaes a custo foram salvos.

Quarenta hectares de mato foram destruidos pelo fogo no castelo de Tonfrorde, encontrando-se ainda a policia e a tropa no local do sinistro.—(*Correspondente*).

Visita de americanos ás regiões devastadas

PARIS, 17—Na terça feira, 270 delegados dos Cavaleiros de Colombo chegaram de visita ás regiões devastadas da França e foram em perigrinação a Chateau-Thierry, onde o general Mangin e Madame Mangin lhes fizeram companhia, indo com eles ao Bois Balle, onde jazem 3 000 soldados americanos.

O general Mangin prestou homenagem ao valor dos soldados americanos que, encontrando-se pela primeira vez debaixo de fogo, logo causaram a admiração dos soldados francezes.—(*Havas*).

Protesto do alto clero irlandez

LONDRES, 17.—O arcebispo e os bispos da Irlanda publicaram um manifesto, protestando contra as medidas postas em pratica pelo governo a proposito do regresso de monsenhor Mannix.—(*Havas*).

A Camara dos Comuns adia as suas sessões

LONDRES, 17.—A camara dos comuns adiou as suas sessões para o dia 11 de Outubro, tendo-se o governo comprometido a convocar excepcionalmente o parlamento, no caso da situação internacional o exigir.—(*Havas*).

Gréve que termina

ROMA, 17.—Terminou a gréve dos operarios do porto.—(*Havas*).

Organisações secretas na Alemanha

BERLIM, 18.—Uma agencia clandestina de Magdburgo propalava noticias falsas, sendo apreendidos documentos em que se prova que fomentava a oposição á desmobilisação das guardas civicas e corpos voluntarios descobriu-se a existencia de uma organisação secreta com 12.000 filiados na Saxonia e Auhalt.—(*Havas*).

A situação na Mesopotamia é ameaçadora

BAGDAD, 18.—Peora a situação na Mesopotamia. Os rebeldes ameaçam a cidade de Hilla e tentam cercar Bagdad.

A linha ferrea foi cortada e as comunicações com a Persia acham-se interrompidas.—(*Havas*).

Os austriacos maltratam creanças hungaras

BUDAPESTH, 18.—Uma nota oficiosa diz que ao regressarem á Hungria as creanças hungaras, que se achavam hospitalisadas na Holanda foram objeto de maus tratos, ao atravessarem a Austria, por parte do publico que lhes roubou roupas e viveres.

Muitos chegaram á Hungria quase despidos.—(*Havas*).

Lloyd George parte para a Suissa

LONDRES, 18.—O sr. Lloyde George partirá ámanhã para a Suissa.

Na camara dos Comuns foi votada por aclamação a proposta do sr. Bonar-Law de adiamento para 19 de outubro.—(*Havas*).

Conferencia financeira internacional

BRUXELAS, 18.—A conferencia financeira internacional reunir-se-ha em 24 de setembro proximo.—(*Havas*).

O sr. Millerand aclamado

PARIS, 18.—O sr. Milerand prosegue na sua viagem as regiões devastadas, sendo muito aclamado por toda a parte.—(*Havas*).

MONSTRUOSIDADES JURIDICAS

Presos "esquecidos" nas prisões

Um projecto de lei que merece todo o aplauso

De ha muito que se vinha clamando contra o facto de presos jazerem tempos indefinidos nos carceres, sem julgamento, não havendo meio de os arrancar de ali senão quando aos tribunais isso muito bem apetecia.

O caso da prisão do *chauffeur* que ha 18 longos meses está, com seu irmão, nas masmorras das cadeias da Relação do Porto, porque ao marido da senhora que voluntariamente o acompanhou para Santa Comba Dão assim apetece, veiu pôr em fôco essa monstruosidade juridica que, como tantas outras, precisa ser expurgada do nosso codigo, para honra e dignidade da justiça portugueza.

Os deputados srs. João Bacelar e Jacinto de Freitas elaboraram em tal sentido o projecto que a seguir transcrevemos e que hoje vae ser presente ao parlamento:

Senhores deputados:—Os clamores dos individuos que permanecem nas prisões meses indefinidos, á espera de julgamento, não podem continuar a ser indiferentes a quem tenha a verdadeira noção do respeito que é devido á liberdade individual.

Não pode admitir-se por mais tempo que as delongas dos tribunais conservem em clausura indeterminada supostos delinquentes, muitas vezes inocentes, e que pelas demoras no julgamento sofrem penas de prisão quasi sempre maiores que as que lhes competiriam se porventura fossem condenados.

Estas demoras injustificaveis não se coadunam com os principios de justiça em que se baseia toda a legislação repressiva, e devem acabar no proprio interesse da sociedade que, lançando por muito tempo esses individuos no meio contagioso e nocivo das prisões, vae inicial-os, assim, numa escola superior de crime.

Pelo exposto, temos a honra de submeter á vossa apreciação o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º Nenhum individuo, seja qual fôr o motivo da sua prisão, pode estar sobre clausura aguardando julgamento por tempo superior a cento e oitenta dias, devendo ser restituido á liberdade quando nesse espaço de tempo não fôr sujeito a julgamento.

§ unico. Não serão contados, para o efeito deste artigo, os dias dispendidos no cumprimento de qualquer diligencia ou na resolução de qualquer recurso, quando essas diligencias forem requeridas e esses recursos interpostos pelo individuo que se encontra sob prisão.

Art. 2.º A presente lei só produzirá os efeitos a que se refere a parte segunda do art. 1.º, passados que sejam cento e oitenta dias da sua publicação.

Art. 3.º Fica revogada a legislação em contrario.

E' digno de todo o aplauso este projecto, que vem terminar duma vez por todas com influencias politicas e de dinheiro.

A telegrafia sem fios

Vão ser trocados telegramas particulares entre a França e os Estados Unidos

No dia 15, pela primeira vez, se abriu uma comunicação directa para o serviço de telegramas particulares entre a França e o continente americano.

O unico cabo francez que liga a França a Nova-York não é suficiente para as relações comerciaes, sempre crescente. A França tinha que se servir de cabos estrangeiros e portanto só o podia fazer quando esses cabos estavam disponiveis.

Pensou-se na T. S. F., mas as companhias radio-telegraficas estrangeiras que possuem poderosos postos dos dois lados do Atlantico, e que até então monopolisavam o trafico por meio de ondas aereas, fizeram propostas em condições inaceitaveis. A França dirigiu-se ao governo americano e, após uma concordata entre o sr. Luiz Deschamps, sub-secretario de Estado dos P. T. T., e o ministerio das comunicações navaes no departamento da marinha dos Estados Unidos, ficou resolvido iniciar-se no dia 15 do mez corrente o serviço das comunicações particulares entre a estação de Doua (Lyon) e a da marinha americana de Annapolis (Estados Unidos).

A importancia desse acordo é grande para os francezes e deve-se ao sr. Luiz Deschamps o bom exito das suas negociações.

Por motivo das relações oficiaes que a Doua já garante, o periodo quotidiano das transmissões da Doua para Annapolis foi limitado a 12 horas, mas a recepção das mensagens de Annapolis na estação de Poitiers pode efectuar-se durante todo o dia.

Trata-se doutros melhoramentos que tornarão ainda mais rapida a expedição de telegramas num futuro bem proximo.

As taxas (telegramas ordinarios e da imprensa) foram fixadas de comum acôrdo pelos Estados Unidos e pela França, segundo a tarifa actual do cabo.

Segredos a toda a gente

OPINIÕES DO DIABO

Era uma hora da manhã quando recolhi a casa. Tomei a minha chicara de chá preto, acendi um cigarro e fui deitar-me. Como não conheço nada melhor para chamar o sôno do que um bom livro folheei ao acaso o *Traité de Droit Constitutionel*, de Duquet, bocejei não sei quantas vezes sobre as teorias da personalidade do Estado, concordei que Duquet era um *blagueur* impenitente, uma especie de Fradique Mendes com o capelo vermelho da Universidade de Paris e dispunha-me a fechar a luz electrica e a adormecer com a maior naturalidade d'este mundo—quando a porta se abriu e uma figura singular e desconhecida assomou, vestida de xadrez branco e preto, na névoa luminosa e serena do meu quarto de dormir. Instintivamente ergui-me na cama; gritei, nervoso:

—Mas quem é o senhor?

O homem atirou para cima d'uma cadeira o seu chapeu de palha e as suas luvas amarelas, sentou-se, familiarmente, a meu lado e respondeu-me como se eu tivesse a obrigação de o conhecer ha muito tempo:

—Sou o diabo.

Confesso-lhes que me tremeram as mãos, que me latejaram as fontes, que um arrepio me percorreu a espinha—e não falto á verdade se lhes disser que ainda hoje não explico os motivos que o levaram a visitar-me precisamente á hora em que costumo receber apenas o meu velho Morfeu.

Olhei-o, espantado. Não era evidentemente o Satanaz felpudo e ridiculo com o seu rabo de macaco e a sua pêra de chibo que a minha imaginação copiara talvez das iluminuras do seculo XIV; não era tambem o Mefistofeles grotesco, excessivo e romantico que perturbára a velhice dolorosa do Fausto e que Goethe me apresentára uma tarde, n'uma rua de Berlim; não era ainda esse tipo ao mesmo tempo palhaço e sinistro, delicado e fatal, que roubava as galinhas do abade de Cluny, que oferecia ramos de cravos a santa Pelagia, que vinha todas as noites, cheio de pocira e de fadiga, envolto na sua capa negra, bater á portaria do convento dos dominicanos de Florença—pelo contrario, era um Diabo muito do nosso tempo filosofo e septico, moderno e *flaneur* vestindo pelos alfaiates de Londres, usando a rosa branca de Oscar Wilde, interpretando o dandismo segundo Barbey e capaz de dizer mal de toda a gente com muito mais elegancia, com muito mais espirito, com muito mais segurança de processos de que quasi todos nós. Emquanto, n'um ou dois minutos de silencio, ou seguia a sua barbicha negra de satiro que me fez pensar em certos retratos do duque de Guizo, os seus movimentos rapidos, sacudidos, angulosos, paradoxais, as suas mãos inquietas e palidas que folheavam, lampejantes de aneis, o meu *Droit Constitutionel*—o diabo fixou em mim mais do que uma vez os seus olhos verdes e acabou por dizer-me, n'um sorriso desdenhoso:

—Então o senhor ainda acredita em livros de direito?

Respondi-lhe que sim. Ele cruzou a perna como qualquer senhora da moda, balouçou o pé sobre o tapete e proseguiu:

—Pois faz mal, meu amigo. Acredita precisamente numa coisa que tem, pelo menos para mim, a unica vantagem de não existir. O direito é um *bluf*. Eu sei que vocês discordam—porque afinal mais ou menos sentimentos mais ou menos homens de letras estão destinados, ou calcem as luvas de gomo de Musset, ou vistam a casaca azul de Voltaire ou usem as meias de seda de Montesquieu a morrer dessa doença de idealismo infinitamente mais complicada do que o amôr, infinitamente mais perigosa do que a neurastenia, infinitamente mais vulgar do que o sarampo. Não seria dificil demonstrar-lhe, meu amigo, que as maiores injustiças teem sido cometidas em nome da lei.

«Isso a que vocês chamam pomposamente *direito* é a inversão da justiça—porque tem sido sempre e não ha razão nenhuma para que deixe de continuar a sê-lo, a obra da classe dominante. Consciencia colectiva, solidariedade social, interesses geraes—palavras sobre palavras, *blagues sobre blagues* que apenas teem o merecimento de darem livros humoristicos menos graciosos do que as anedoctas de Malherbe e muito mais inverosimeis. O homem é suficientemente egoista para se importar com outro homem. Você sabe-o tão bem como eu e de duas uma: ou os senhores chamam *direito* ás ordens dos governantes como lhe poderiam chamar chapeu de chuva ou caixa de rapé e então *direito* é apenas uma palavra; ou os senhores ligam a essa palavra um conceito superior e cométem, em prejuizo das classes dominadas, a maior das injustiças. Diga-me lá se isto é, ou não é precisamente assim? O *direito* é o egoismo—e obedecer-lhe é uma covardia. Queime os seus codigos. Mas não. Venda-os a pêso. Ainda poderá lucrar alguma coisa com eles. Despréze a lei porque a lei é feita contra si pelo simples motivo de que é feita pelos outros.

Ia a interromper este singular tipo de doutor cujas teorias vermelhas tiveram a pouca amabilidade de me espertar o sôno—mas a verdade é que esta extraordinaria creatura, um pouco *lord*, um pouco mercador, nem sequér me deu tempo para abrir a bôca. Acendeu um cigarro e proseguiu:

—Para viver, meu caro senhor, é necessario triunfar e para triunfar—acredite—é necessario destruir. Aqui tem a minha *Browning*. Está ao seu dispôr. Sirva-se dela sempre que alguem se opuzér á sua marcha—para o triunfo. Se lhe citarem artigos—dê uma gargalhada. Se insistirem neles—tem o meu revolver. E' de bôa marca. Comprei-o ha pouco em *Saint-Etienne*. Se o Destino o sentar no banco dos reus o meu amigo provará sempre que é apenas um inocente. Como? E' simples. Aqui tem este pacóte.

Abri. Era um masso de notas do Banco Inglês, que me tornava dum momento para o outro arqui-milionário. Quiz recusar. Impossivel. O diabo tinha desaparecido na sombra do corredor. Da sua figura, das suas teorias, do seu septicismo perturbador ficára apenas para a minha consciencia a cinza do seu cigarro.

Luis d'Oliveira Guimarães.

A CAPITAL no Porto

Encontra-se á venda na tabacaria Africana, rua 31 de Janeiro, e nos seguintes kiosques: Carmo, Hospital, Carlos Alberto, Chiado, Santo André, S. Lazaro, Tiburcio, Pavão, Passos Manuel, Pintasilgo, Marquez de Pombal e Conde Ferreira.

Feira de Trieste

De fins de setembro a 15 d'outubro proximo, inaugura-se em Trieste uma exposição denominada feira Internacional de Amostras, para a qual foram convidados todos os produtores, representantes e negociantes a enviar amostras ou modelos de seus produtos ou artigos.

Essa feira abrangerá uma area de 50.000 metros quadrados, onde se poderão reunir 1.500 casas expositoras.

Trieste, que conhece bem o seu papel de intermediaria nos negocios e na civilisação entre os diferentes povos e continentes, quer contribuir, na medida de suas forças, para o estreitamento das relações internacionaes.

A adesão dos expositores será feita em formularios especiaes que o *comité* enviará proximamente.

Advertencia importante

Respondendo a reclamações recebidas

Todos os jornaes da tarde e da noite retomaram já o seu antigo pessoal tipografico, podendo, por esse motivo, sair ás suas horas habituaes. «A Capital», em virtude dos seus operarios se acharem trabalhando no jornal «A Patria» desde 1 de maio, está sendo feita por tipografos na maioria estranhos á classe. Esta explicação convem que os nossos leitores a tenham presente, afim de reclamarem dos vendedores o nosso jornal, por isso que muitos deles, com o fundamento de que «A Capital» sae mais tarde, se recusam a fazer a sua venda. Serve tambem esta explicação de resposta ás reclamações que temos recebido de muitos desses leitores.

A proposito desta advertencia, publicou o jornal *A Batalha* a seguinte nota:

A comissão pró-aumento de salarios dos quadros dos jornais de Lisboa pede-nos a publicação do seguinte:

«Tendo saido no jornal *A Capital*, de 25 do corrente, uma nota na qual a empreza do jornal *A Capital* diz que já todos os jornais retomaram o seu antigo pessoal grafico, podendo, por esse motivo, publicar-se ás horas habituais, esta comissão vem declarar que se a empreza de *A Capital* ainda não resolveu o conflito como as restantes empresas, é unica e exclusivamente devido a não ter querido solucionar o conflito gráfico.

O pessoal de *A Capital* continua em greve e aguarda, na sua Associação de Classe, a adesão da empresa de *A Capital* á organização do trabalho e salarios minimos, já em vigor em todos os restantes jornais de Lisboa.

Esta comissão julga conveniente esclarecer o publico e a classe gráfica do motivo porque a empresa de «A Capital» ainda não tem a laborar o seu antigo quadro. Este não se demitiu, como parece depreender-se da nota publicada na «Capital». Encontra-se, como acima dizemos, na sua Associação de Classe aguardando a solução do conflito».

Ora no dia 21 de maio, publicou «A Capital» o seguinte:

Tendo constado á direcção de «A Capital» que o seu antigo quadro tipografico constituido pelos srs. Miguel Martins, chefe, Manuel e Guilherme do Espirito Santo, linotipistas, Gabriel Duarte, Libanio de Brito, Antonio Pinheiro e Ribeiro Pisco, compositores, estava empregado no jornal «A Patria», que ha-de em breve iniciar a sua publicação, solicitou da direcção desse jornal lhe dissesse se eram ou não verdadeiras as informações que recebera.

A esse pedido respondeu, por parte da direcção da *Patria*, o deputado sr. Antonio Mantas com a seguinte carta:

Sr. Manuel Guimarães dig.mo director d'«A Capital».—Lisboa.—Satisfazendo os desejos de v. manifestados na sua carta de 20 do corrente, cumpre-me declarar-lhe que efectivamente estão em serviço no jornal *A Patria* os tipografos referidos na carta de v., exceptuando Antonio Pinheiro, mas é meu dever dizer a v. que ainda não está constituido o quadro tipografico e todo o pessoal que trabalha na montagem da tipografia de *A Patria* é a jornal.

Devo tambem dizer a v. que o pessoal que fôr admitido neste jornal não acumulará, com o nosso consentimento, serviços com quaisquer de outros jornais.

De v. [illegible] *Antonio Mantas*.

Como esclarecimento, diremos que esta carta foi recebida antes do aparecimento de *A Patria*, a 27 de maio, e que do pessoal que estava trabalhando na montagem desse jornal faziam parte todos os antigos tipografos d'«A Capital», com excepção de um, o sr. Antonio Pinheiro, que está empregado no escritorio da casa Batista & Barbosa, da rua do Poço dos Negros. Esses tipografos ficaram fazendo parte do quadro efectivo de *Patria*.

VIDA SPORTIVA

Portugal lá fóra

Os esgrimistas portuguezes alcançaram em Ostende brilhantes victorias

Não nos enganámos, quando, chamando nestas colunas a atenção do governo para a participação de Portugal nos Jogos Olimpicos de Anvers, dissémos que, tanto a *equipe* de tiro como principalmente os nossos esgrimistas, representariam condignamente o nosso paiz.

Assim foi, de facto.

Cruzando as armas com os melhores do mundo, que são, sem duvida, os francezes e belgas, os portuguezes alcançaram um logar que bastante os honra e ao paiz.

No torneio de Ostende a que os nossos esgrimistas concorreram, antes de seguirem para Anvers entraram 110 concorrentes.

Pois da nossa equipe, com excepção de um, todos foram finalistas, obtendo 2.º logar.

A França ganhou o primeiro apenas por um ponto e a Belgica classificou-se em 3.º logar por 6 pontos dos portuguezes.

No concurso individual, Jorge de Paiva alcançou o 2.º logar, Henrique da Silveira o 3.º e João Sasseti o 6.º.

Ainda tomaram parte alguns membros da «equipe» numa prova militar por «equipes», em que tambem obtiveram a segunda classificação.

Esperemos agora os resultados de Anvers, mas tudo ha a esperar de quem em Ostende tão bem soube representar-nos.

E' lastimavel que a imprensa diaria não tenha um representante nas Olimpiadas. A falta de noticias é constante, talvez porque as pessoas encarregadas pelo C. O. P. das respectivas comunicações se tenham tido um pouco de descuido.

Quando qualquer telegrama cá chega, já pelos jornaes francezes é conhecido.

Teria sido um caso importante a pensar, mas essa indiferença demonstra-nos quanta falta de interesse ha ainda pelo sport, por parte de entidades que nenhuma desculpa podem alegar.

Emfim...

NATAÇÃO

Os campeonatos de water-polo

Começam no proximo domingo os campeonatos de Lisboa de water-polo em 1.ª e 2.ª categorias.

Disputam-se respectivamente as taças «Carlos Moura» e «Veloso Lima», a primeira instituida pelo Club Naval e a segunda pelo Algés e Dafundo.

Em primeira categoria jogam o Casa Pia Atletico Club contra Sport Algés e Dafundo e Club Naval contra Ginasio Club. Ambos os matches devem ser interessantes, mas o C. N. L. e o S. A. D. devem ser os vencedores, porque possuem teams mais homogeneos.

Na segunda categoria é mais dificil fazer prognosticos sobre os vencedores; os desafios que se realisam são entre Algés e Dafundo contra Imperio-Lisboa, Associação Naval contra Club Naval.

A Comissão de Amadores de Natação do Sul conseguiu a cedencia da piscina da Casa Pia de Lisboa para ali realisar os desafios. Constitue isto um melhoramento importante para a boa marcha dos campeonatos, que em anos anteriores tem sido jogados no rio, prejudicando a corrente os nadadores e tornando ás vezes dificil apreciar-se de terra as fases do jogo.

O water-polo é um sport que nos ultimos tempos muito se tem desenvolvido entre nós e o publico vai já tomando interesse em assistir aos desafios.

Não queremos deixar de lembrar á entidade organisadora a conveniencia da escolha dos arbitros recair em pessoas de competencia e imparcialidade para que não suceda, o que por vezes temos presenceado, de se falsear por completo o resultado dum match.

STADIUM

No domingo realisa-se nova festa no Stadium. O ciclista hespanhol Pimoulier fará um match em tres mãos contra Cristiano e Raposo.

Tambem se realisarão corridas de motos, por amadores e profissionais.

Noticiario

Sport Club Recreativo da Pena

Cumprindo com a 1.ª parte do programa das festas do 1.º aniversario d'este club, encontraram-se no passado domingo, no campo da Junqueira, os terceiros e quartos «teams» d'este club com os do Grupo Foot-Ball Nacional, ganhando em terceiros «teams» este ultimo por 5 bolas a 2 e empatando em quartos «teams» por 2 bolas.

Ecos & Noticias

DOENTES

Encontra-se quasi restabelecido do ataque de gripe de que foi ha dias acometido o deputado sr. Nobrega Quintal.

PARTIDAS

Em Paris encontra-se o distinto arquitecto sr. José Pacheco, depois de ter estado algum tempo em Biarritz.

Sucata de ferro fundido

No dia 3 de setembro, na direcção dos caminhos de Ferro do Sul e Sueste, rua de S. Mamede, 63, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 9.000 quilos de sucata de ferro fundido.

A base da licitação será de 240$00 por tonelada e as condições estão patentes na direcção d'esses caminhos de ferro.

O regimen das aguas em Lisboa

O *Diario do Governo*, deve publicar hoje a portaria nomeando a comissão encarregada de estudar a questão do abastecimento de aguas á cidade, caso a que ainda ha dias nos referimos.

Essa comissão fica constituida pelos srs.: Anibal Lucio d'Azevedo, presidente; engenheiro Santos Viegas, chefe de gabinete do ministro do comercio, secretario; dr. Vasco Vasconcelos, dr. João Camoezas, professor Patricio Augusto Prazeres, Lelo Pertela e dr. Americo Olavo, vogais; Joaquim Rodrigues Simões, Alberto Tota e Andrade Neves, pela Camara Municipal; Carlos Pereira, director delegado da Companhia das Aguas, por parte desta.

ENTREVISTAS E PALESTRAS

Alves da Cunha, emprezario do Ginasio, diz-nos os seus projectos para o proximo inverno

Já os jornais deram a noticia de que o Ginasio transitara para a posse duma nova companhia na proxima epoca de inverno.

E que o novo emprezario seria Alves da Cunha.

E que havia em volta do facto complicações, susurros, pretendentes preteridos etc.

E que, finalmente, no dia 1 de outubro tomava posse o referido actor com uma companhia que estava organisando.

Alves da Cunha é uma figura hoje em destaque no nosso teatro e de quem ha a esperar muito na carreira em cujos inicios ainda agora vai. A sua iniciativa de tomar um teatro para nos dar espectaculos artisticos afigurava-se-nos

de tal forma interessante que não quizemos deixar a outros a prioridade de ir colher do distinto actor os seus projectos.

—Meu caro amigo, nos diz Alves da Cunha, a organisação da companhia vae-se fazendo, e mau grado os meus desejos, não lhe posso fornecer o nome de todos os elementos com que conto. Dependem alguns deles, de grande valor artistico, de combinações que se estão efectuando, licenças etc, etc,... você sabe o que isto é, e assentar qualquer coisa ainda no ar seria levantar *encrencas* com as quais ninguem lucraria.

—Mas já conta com..

—Até agora temos além dos que figuram actualmente no Politeama, como Berta Viana da Mota, Otelo de Carvalho, um rapaz Sampaio do Ginasio, Alegrim o nosso primeiro comico, Joaquim Oliveira, e...

—Segredo profissional...

—Não creia; escuso-me a dizer nomes ainda incertos. Mas a grande Virginia tomará parte nalguns espectaculos e o *metteur en scene* será *Cristiano de Sousa*, que, logo que esteja completamente restabelecido fará tambem algumas peças:

—O reportorio...

—Vou trabalhando nele. Até agora tenho *La griffe* de Bernstein, cuja tradução é de Avelino d'Almeida. *A rêde* de Pinillos, tradução de Mario Duarte e Alberto Morais. Uma peça italiana *Ride Palliaci*; tenho vontade de fazer *Les affaires sont les affaires...*

—E originais?

—Um original de Hermano Neves e Henrique Roldão cujo titulo ainda não conheço. *A desforra*, peça em 3 actos dum capitão de artilharia Durão e outra de Armando Ferreira *O ultimo reduto*.

—E Alegrim nesse conjunto que fará?

—Para êle tenho duas peças hespanholas cujos titulos conservo por não estar ainda fechado o contracto com os autores, uma farça *Jesus Maria José* e reprise do reportorio do Vale...

—Quando abre o teatro?

—Naturalmente a 15 de Outubro, inaugurando em Novembro as matinées ás quintas-feiras para a sociedade. Além duma proposta para uma *tournée* ás ilhas, devemos partir para o Brazil em Junho proximo. Abro assinatura para 6 recitas com peças novas...

—Um ano de trabalho...

—Apenas farei peças fortes. Preciso e vou dedicar-me a papeis de composição, galãs bem estudados, para marcar, para fazer qualquer coisa.

Alves da Cunha tem esperanças em que nos vai dar uma epoca cheia de triunfos não só para êle, como para o teatro portuguez, como ainda para os artistas que a seu lado vão trabalhar. E' esse um dos pontos que Alves da Cunha mais nos acentua. Deseja vêr brilhar os seus contratados e não quer á semelhança de muitas companhias que vulgarmente se organisam, montar peças para seu exclusivo interesse.

E sabidas algumas coisas sobre a futura epoca do Ginasio, passámos a outro. O leitor verá o que o espera

D. Justus.

Noticias novas

Lá por fóra

Belgica.—No *Grand Theatre* de Gand subirão á scena na proxima epoca as seguintes peças novas: *Nouveautés! La Route d'Emeraude*, obra inedita em 4 atos e 5 quadros extraida do romance de Eugenio de Molder, musica de Boeck. *Marouf, savetier du Caire* opera comica de Rabaud. *Lorenza*, drama lirico em 3 atos, musica de Mascheroni. *La Glu*, opera de Dupont. *L'enfant prodigue*, scena lirica de Debussy. *La cocarde de Mimi Pinson*, opereta ligeira de Goublier.

França.—No theatre de la Nature de Cauterets subiu á scena *Gaston Phoebus*, peça em 3 atos de H. P. Fauré-Frémier.

—No teatro *Irregulier* figuram as seguintes peças novas para a futura epoca *Le Val l'Evêque* adaptação de Abel Ruffenack. *L'Illustre chevalier de France*, *Lancelot* de Jacques Trève, *La Louve de Prandeles*, *Les ailes du Moulin* de Islande *Le Poeme des Amies et des Enrecés* de Fernand Divoir

—No Scala, além das peças que já aqui apontamos, estrear-se-hão na proxima epoca as seguintes: *Oscar, tu le seras*, por Henry Gorsse e Nancy. *La Femme á Zidor* Moreau, Pierre Veber e Henry de Gorsse.

Inglaterra.—Atualmente discute-se em Inglaterra o tema da peça *The Unknown* no Aldwych Theatre. O clero e todos os jornaes discutem se a guerra não matou a fé, em volta de cuja ideia se passa a esplendida peça. O autor da peça é Mr. Mangham e a principal personagem desempenhado por miss Viola Tree.

—No *New Theatre* Miss Maya Nugent faz sucesso na peça *I'll Leave It to you.*

—Miss George Caimo substituiu Miss Anita Elson no seu papel da peça *The Whistligig* no *Palace Theatre.*

A luta entre russos e polacos

Os bolchevistas retiram para o sudoeste

LONDRES, 17.—Os ultimos telegramas recebidos da missão interaliada em Posen, datados do dia 16, no mesmo tempo que dizem que foi restabelecida a primeira linha de defeza polaca, dão noticia de uma contra-ofensiva da parte dos polacos, que começou obrigando os bolchevistas a retirarem-se rapidamente para o sudoeste.—(*Havas.*)

Navios americanos no Baltico

WASHINGTON, 17.—O couraçado americano e o «destroyer» que se acham em Cherburgo receberam ordens de aparelhar em direcção ao Baltico, afim de protegerem os interesses americanos.—(*Havas.*)

Os laboristas inglezes não vão á França

PARIS, 17.—Diz o *Petit Journal* que os delegados britanicos laboristas deviam vir a França, afim de se pôrem de acordo com a C. G. T., mas que desistiram da sua viagem com receio de serem expulsos do territorio francez.—(*Havas.*)

Kameneff faz intimações...

PARIS, 17.—O *Journal* diz que Kameneff enviou uma mensagem ao sr. Lloyd George, intimando-o a que se pronuncie claramente sobre o reconhecimento do general Wrangel.—(*Havas.*)

A atitude da Alemanha para com os polacos

BERLIM, 17.—O governo informou os soviets de que as forças polacas que penetrarem no territorio plebiscitario serão internadas.—(*Havas.*)

Procurando uma base de entendimento

PARIS, 17.—O primeiro ministro inglez limitou-se a fazer algumas declarações em resposta ás perguntas que lhe foram feitas na Camara dos Comuns sobre a situação polaca e o incidente franco-inglez. Sobre este ultimo assunto realisaram-se conversas entre o embaixador britanico e o secretario geral do ministerio dos negocios estrangeiros, diariamente, nas quaes se tem tratado de diversas combinações, tendo por fim encontrar uma base de acção comum na politica da Europa Oriental.—(*Havas.*)

Os trabalhistas inglezes convidados a abandonar Paris

PARIS, 18.—Chegaram os delegados do Comité executivo do partido trabalhista inglez que foram imediatamente convidados a abandonar o territorio francez. Caso o não fizessem voluntariamente, seriam expulsos. Os delegados dirigiram-se, então, aos ministerios do interior e dos extrangeiros a pedir autorisação para prolongarem a sua estada em Paris, o que lhes foi recusada. Em vista disso, partiram ás 21 horas para Inglaterra.—(*Havas*).

PARIS, 18.—Os delegados do comité executivo do partido trabalhista inglez conferenciaram demoradamente com Jouhaux, secretario da C. G. T.—(*Havas*).

Varsovia não poderá ser tomada, diz o correspondente do «Manchester Guardian»

LONDRES, 18.—O correspondente do «Manchester Guardian» em Varsovia telegrafa dizendo que os bolchevistas não poderão tomar Varsovia porque as fortificações d'esta não podem ser vencidas pela artilharia russa, que é pouca e de inferior qualidade.—(*Havas*).

Não se confirma a tomada de Varsovia

DONDRES, 18.—As estações officiaes continuam a não ter confirmação da tomada de Varsovia pelos russos.—(*Havas*).

Uma nota officiosa alemã

BERLIM, 18.—Uma nota officiosa desmente que officiaes superiores allemães estejam ao serviço do exercito russo.—(*Havas*).

O entendimento anglo-francez

PARIS, 18.—As conversações diplomaticas anglo-francezas continuam em excelentes condições.—(*Havas*).

Associação Protectora da Primeira Infancia

Por proposta da sr.ª D. Leonor Correia Barreto, inscreveram-se socios permanentes, com a quota anual de 100$00, os srs. Joaquim Pinto Leite & C.ª e Antonio da Cruz, Limitada e com 50$00 a Emprezo Industrial do Bomfim e Empreza Vila Franca de Mongem, Limitada.

Pelo director sr. Armando Luiz Rodrigues, tambem foi oferecida á verba precisa para aquisição de uma vaca e cinco obrigações de 4,5 % de 1891.

Juventude Socialista

O nucleo central da Juventude Socialista publicou um manifesto em que combate a orientação dos elementos que se encontram á frente do partido socialista, para combater a qual vae realisar uma serie de sessões, a primeira das quaes se effectuará amanhã, ás 21 horas, na rua do Bomformoso, 150, 1.

A PROPAGANDA DO QUE É NOSSO

Cidades e vilas de Portugal

Um belo empreendimento dos serviços graficos e cinematograficos do exercito

Os serviços graficos do exercito, de vida ainda curta e já bastante atribulada, principalmente durante o periodo dezembrista, tem ultimamente tomado um incremento digno de nota, e prepara-se para desenvolver o seu raio de acção, no que respeita á parte pedagogica, instructiva e historica. Impulsionados pela vontade persistente e activa do seu director, coronel sr. Desiderio Beça, os serviços cinematograficos, que constituem uma secção dependente da direcção dos serviços graficos, estão trabalhando n'um empreendimento belo e patriotico, que só pode merecer os aplausos de todos que á terra portugueza dediquem um pouco de amor e de carinho.

Como se sabe, a secção fotografica e cinematografica vem editando mensalmente uns numeros especiais a que dá o titulo de *Actualidades Portuguezas*, os quais, exibidos já por tres vezes, sempre com assuntos novos, no Salão Central, tem obtido um sucesso animador e bem indicativo do quanto a nossa gente dá preferencia as fitas cinematograficas que lhe apresentam aspectos d'aquilo que é nosso, um logar dos tenebrosos dramalhões que a maior parte das vezes lhe fornecem para perigoso e desmoralizador repasto dos sentidos.

A par das *Actualidades Portuguezas*, a secção cinematografica vai ainda editar uma publicação trimestral, que intitulará *Cidades e Vilas Portuguezas*. Cada numero d'essa publicação tratará de uma cidade ou vila do paiz, exibindo tudo quanto interesse á sua vida local: comercio, arte, monumentos, costumes, trajos regionais, etc.

Será, pois, como se vê, uma publicação de um largo alcance para a propaganda e divulgação das coisas portuguezas, servindo não só para tornar Portugal conhecido dos portuguezes, mas, principalmente, para mostrar aos estrangeiros as belezas incomparaveis e as riquezas maravilhosas d'este paiz.

Dando inicio a este empreendimento, a secção cinematografica preparou já o primeiro numero, que é dedicado á cidade de Beja. Aproveitando a realização, ali, de uma importante feira anual e ainda o concurso de tractores agricolas, de que os nossos leitores teem conhecimento, a respectiva brigada visitou aquela cidade, tendo filmado os aspectos mais interessantes e animados, não só da feira e dos costumes regionais, como do concurso de tractores, da debulha do cereal, desde o sistema primitivo até ao mais moderno e aperfeiçoado, que é a debulha mecanica, os monumentos, paisagens, trechos da cidade, etc.

Surpreendendo Beja no periodo mais activo da sua vida, o qual é a recolha dos cereaes, a secção cinematografica do exercito teve ocasião de apanhar coisas flagrantíssimas, que muito contribuirão para tornar conhecidas as opulencias agricolas daquela cidade alemtejana.

A brigada da secção cinematografica, recebida em Beja com as maiores requintes de gentileza e de afabilidade, teve ocasião de dar espectaculos gratuitos, com exibição de varias fitas, sendo um dedicado á população e outro aos soldados. Por sua vez, a direcção dos Sindicatos Agricolas do Centro do Paiz, que assistiu á filmagem do concurso dos tractores mecanicos, vai adquirir fita que respeita a esse ultimo e talvez tudo que apresente coisas referentes á vida de Beja.

As *Actualidades Portuguesas* são destinadas ao Brazil, onde os serviços graficos já teem um representante, e tambem á America, o mesmo sucedendo, talvez, com a nova publicação trimestral de *Cidades e Vilas de Portugal*.

E' de estranhar é, digamo-lo de passagem, que esses belezas de Portugal não sejam exibidas e divulgadas nos cinemas portuguezes, porque, dessa maneira, contribuiriam para a instrução e educação do povo, libertando-o dessas horripilantes fitas, que, além de nenhum terem belezas algumas, antes se transformam numa escola de desmoralização e até de crime.

Todas as publicações dos serviços cinematograficos ficarão depositadas no arquivo historico e pedagogico, em organização nos serviços graficos e que, não obstante a sua curta duração, já conta ricas e esplendidas collecções, que um dia poderão servir de valiosa documentação para a actual vida portugueza.

ULTIMA HORA

Nos Deputados

Lida a acta, entra-se no expediente onde figura uma carta do sr. Vasco Borges resignando o seu logar de deputado por se afastar da atividade politica.

Antes da ordem o sr. Manuel José da Silva (Oliveira d'Azemeis) defende e envia para a mesa, pedindo urgencia e dispensa de regimento, o seguinte projecto de lei:

Art. 1.º—E' concedido uma epoca extraordinaria de exames, a realisar em outubro proximo, aos alunos das Escolas Normais Primarias, transformadas em Escolas Primarias Superiores, reprovados na passada epoca de julho.

Art. 2.º—Fica revogada a legislação em contrario.

O sr. Alves dos Santos apresenta um outro projecto sobre municipalisação de serviços alterando algumas disposições do Codigo administrativo. Pede para ele, como toda a gente, urgencia e dispensa de regimento.

Entra em discussão na generalidade o projecto de lei que melhora os vencimentos ao pessoal da Imprensa Nacional. Sobre ele falam os srs. João Camoesas, Brito Camacho, Alberto Jordão, Manuel José da Silva (Oliveira de Azemeis) e Domingos Cruz.

O sr. Antonio Pereira requer que, visto ir-se passar á ordem do dia, continue o projecto em discussão. Regeitado.

Aprova-se depois a acta e acaba-se o expediente. Relê-se de novo a carta do deputado Vasco Borges. O sr. Brito Camacho é de opinião que a mesa inste para que aquele sr. deputado retire o seu pedido de renuncia.

O sr. José Domingues dos Santos lamenta a resolução do sr. Vasco Borges e em nome do G. P. D. associa-se ao pedido do sr. Brito Camacho. O sr. Alberto Jordão, em nome dos reconstituintes, faz identicas declarações, acompanhando-os ainda nesse sentindo os srs. Eduardo de Sousa e Julio Martins.

E' posta á votação a urgencia do projecto do sr. Manuel José da Silva sobre exames. O sr. Alberto Jordão não concorda. O sr. ministro da instrucção reputa o projecto indispensavel e de urgencia imediata.

E' aprovada a urgencia e a dispensa de regimento.

Posto o projecto á discussão, falam sobre ele largamente o sr. Alberto Jordão e mais os srs. Alves dos Santos, Aboim Inglez, Manuel José da Silva (Oliveira de Azemeis).

E passa-se a proposta sobre contribuição predial, cuja discussão continua, voltando a usar da palavra o sr. Antonio Maria da Silva, que produz um longo discurso de analise a esta proposta divergindo das suas bases fundamentaes e dos seus efeitos.

Sobre a ordem ha já sete pedidos de palavra, o que nos da a quasi certeza de ter que se votar uma nova prorogação.

No Senado

Abriu a sessão como todos os dias e falou-se como é de uso fazer-se naquela casa do Parlamento, serenamente, pausadamente. Calma e cabelos brancos. E por entre a oratoria varia chegou-se as seguintes conclusões:

—Aprovaram-se o requerimento do sr. Pais de Almeida, as alterações vindas da camara dos deputados ao projeto de lei que dá aos escrivães das execuções fiscais o direito de serem nomiados aspirantes de finanças.

—Aprova-se o credito de 30:000$00 a favor do ministerio da agricultura, afim de acudir á crise das subsistencias.

—Aprova-se o projeto de lei melhorando as condições do Porto de Leixões, projecto de alto fomento que traz para o Estado um credito de 30:000$00.

—O sr. Julio Ribeiro envia para a mesa o parecer da comissão de finanças, de que foi relator, dando parecer favoravel ao projecto de lei regulando a situação dos adventicios da Alfandega.

—Aprovou-se mais um credito de 500 contos a favor do ministerio do trabalho para acudir ás necessidades da provedoria e assistencia social.

E como a sessão continua, ha-de falar-se mais e aprovar-se egualmente mais.

Foi mesmo para isso que se fizeram os Parlamentos.

POEIRA DA ARCADA

Conselho de ministros

O conselho de ministros voltou a reunir hoje na secretaria das colonias, tratando especialmente de assuntos de instrução, visto que fôra convocado a pedido do respectivo ministro. Entre outras deliberações o conselho votou a abertura de um credito de 150 contos para construção do edificio destinado ao liceu de Rodrigues de Freitas, no Porto.

Assuntos de instrução

A sr.ª D. Maria Genoveva de Jesus e Silva foi nomeada professora interina de educação fisica do liceu feminino do Porto.

—Foi para o *Diario do Governo* a portaria nomeando o sr. dr. Queiroz Veloso para substituir o sr. dr. Manuel de Sousa Coutinho nas funções de director geral interino de ensino secundario.

—O sr. ministro da instrução nomeou guarda do liceu de Gil Vicente o soldado mutilado da guerra da 3.ª companhia de reformados Antonio Miguel Alves, que lhe fôra recomendado, pelo Instituto de Arroios, a cargo da Cruzada das Mulheres Portuguesas.

A questão dos eletricos

A Camara Municipal só hoje á noite apreciará a intervenção da Associação Industrial no conflicto

Coisa segura temos hoje a acrescentar sobre as *démarches* effectuadas pela Associação Industrial Portugueza para a solução do conflicto que ha 18 dias se arrasta, com protesto unanime do publico.

Na Camara Municipal guarda-se a maior reserva sobre a plataforma que a referida associação apresentou e a qual só hoje á noite será apreciada pela Camara. Por sua vez a Associação Industrial tambem não toma por emquanto publicas as suas *démarches*, até que a vereação municipal se ocupe do assumpto.

A sentença da auditoria administrativa que causou certa sensação e interesse no publico está agora sendo deturpada, pois que hoje apareceu afixado nas ruas da cidade um Aviso ao Publico assignado pela Comissão executiva da Camara e em que se diz que a referida sentença de 12 do corrente manda respeitar a deliberação Camararia a 28 a Maio ultimo, diz o aviso em questão:

«A Comissão eleita para avaliar a quantia que deve ser aumentada nas tarifas dos carros electricos é de opinião que os preços devem ser conforme as tarifas seguintes:

Carros economicos; zonas e preços: 1.ª, $05; 2.ª, $08; 3.ª, $12; 4.ª, 5.ª e 6.ª, $15.

Carros ordinarios; zonas e preços: 1.ª, $08; 2.ª, $10; 3.ª, $12; 4.ª, $15; 5.ª e 6.ª, $20.

Assinaturas: 120$00 por ano, ou 60$00 por semestre. Por este aumento a receita deve ser de um total de 9.650.000$, o que corresponde a cerca de 95 por cento.

Este aumento deve vigorar só até se fazer ou não o novo contracto. No caso de se reconhecer a impossibilidade de o fazer será anulado este aumento e estudada a questão definitivamente.

Este aumento é votado com a obrigação para a Companhia de elevar os salarios ao pessoal conforme as suas reclamações.»

Por sua vez a Companhia assignou em 31 de maio ultimo um convenio com a Camara, e em virtude do qual se dispoz a augmentar ao seu pessoal os vencimentos n'um total de 800.000 escudos.

Em virtude d'esse convenio ainda em vigôr foi creado o seguinte regimen: Manutenção das tarifas votadas em 28 de maio até que fosse assignada a revisão dos contractos anteriores ou até que se torne indispensavel novo augmento de tarifas; manutenção d'aquele ultimo aumento de salarios feito sobre a base d'essa elevação de tarifas, até que se realise qualquer das mesmas hipotheses e prohibição á companhia de emitir bilhetes de assignatura, anuais ou semestrais, emquanto se não verifique algumas das tais hipotheses.

Ora tal acordo é bem claro e uma vez que a questão está assim posta, resta apenas que o governo se disponha a fazer valer a doutrina do despacho.

Isto é o que se ouvia dizer hoje em Lisboa a toda a gente, a quem já enerva este estado de coisas.

Os grevistas, como de costume, reuniram-se pelas 15,30 horas, na séde da sua associação á Esperança. A assemblea esteve extraordinariamente concorrida ode uma forma como até hoje não havia sucedido e a ponto de quasi se asfixiar na sala. Presidia o sr. José Augusto Martins, que era secretariado pelos srs. Carlos Sanches Ribeiro e Carlos Insula. Usaram da palavra, entre outros, os srs. José Nunes Martins, que foi de opinião que não se devem aceitar plataformas, com o que a assemblea unanimemente concordou, Manuel Carvalhaes, que saudou os operarios da fabrica de Cerveja da Trindade em gréve; José Henriques Moreira, que sauda a classe pelo seu 19.º dia de lucta, terminando por apresentar uma moção para que sejam amnistiados os socios que figuram no livro negro da Associação.

Todos os oradores frisaram bem que os grevistas não retomarão o trabalho sem que os dias do movimento lhes sejam pagos, pois foram empurrados para a gréve, principalmente pela Camara Municipal, causadora e unica responsavel do conflicto que tantos prejuizos está acarretando á população da capital.

A partir de amanhã, 19, o horário dos comboios extraordinarios que circulam entre a Praça do Comercio e Poço do Bispo, pela linha marginal, é modificada pela seguinte forma:

Partidas da P. do Comercio para o Poço do Bispo: ás 9 55, 12-48 e 1-45; do P. do Comercio para o Largo dos Caminhos do Ferro ás 17-12 e 17-45; do P. do Bispo para a P. do Comercio ás 12-18, 14-15 e 16-44; do Largo dos Caminhos de Ferro para a P. do Comercio ás 9-31 e ás 17-82.

Gréves

Os carroceiros continuam recebendo adesões dos patrões

Deve estar dentro em poucos dias solucionada a gréve dos condutores de carroças. A' séde da respectiva associação continuam chegando adesões de proprietarios de carroças que concordam com a nova tabela de preços, sendo essas adesões calculadas até hoje em cerca de duzentas.

Os carroceiros haviam resolvido pôr *placards* nos vehiculos cujos proprietarios deram a sua adesão. O governador civil determinou que tal se não fizesse, motivo por que ordenou á policia que tais *placards* fossem arrancados, tendo sido essa ordem transmitida para todas as esquadras pelo comissario da policia hoje de serviço no Governo Civil, capitão sr. Tribolet. Tambem foi dada ordem para que em caso de conflito entre as comissões de vigilancia e carroceiros que não aderiram ao movimento, a policia proceda com energia, prendendo os que pretendam impedir a liberdade de trabalho.

As classes maritimas

O «Beira» e o «San Miguel» continuam retidos no Tejo

Como é sabido, as classes maritimas teem reclamado melhoria de situação, pedido esse que agora vai a um aumento de 100 a 150 0/0 alem do pagamento das horas extraordinarias de serviço.

O Beira, que devia ter saído em 10 do corrente do nosso porto com destino a Africa, continua retido no Tejo, o mesmo sucedendo ao *S. Miguel* que hontem devia largar para os portos dos Açores. A sua tripulação á ultima hora declarou a gréve, depois de a bordo se encontrarem todos os passageiros, carga, etc.

O sr. ministro da marinha e a associação dos Armadores estão procurando solucionar o incidente, parecendo que de parte a parte haverá transigencias, o que é logico e natural, tendo já sido feita uma proposta para que o aumento de seja 100 0/0.

A Companhia Nacional de Navegação está tendo um grande prejuizo com esta gréve, pois o *Beira* encontra-se paralisado, tendo a Companhia de abonar diariamente á sua tripulação a verba para rações. Ha ainda a mencionar os prejuizos sofridos pelos passageiros, a carga que está retirada e o atrazo das viagens.

Os fragateiros deviam reunir hoje, pelas 15 horas, na séde da sua associação, para se ventilar a melhoria da situação da classe. Por falta de numero a assembléa não chegou a constituir-se, ficando transferida para amanhã, ás 10 horas.

Os leiteiros vão declarar-se em gréve

Os leiteiros reunem amanhã para protestarem contra o facto do governo não permitir o aumento do preço do leite. Devem amanhã declarar a gréve, estando planeado não deixar entrar os vendedores ambulantes e carroças que venham de fóra de portas com leite para a cidade.

O comissario geral da policia foi hoje informado de tal facto, devendo ser tomadas as necessarias medidas de ordem para evitar que tal se dê.

Noticias da Capital

A gatunagem em acção.—Queixaram-se: Carlos da Conceição, rua Gomes Freire, 79, 4.º, de que lhe furtaram uma bicicleta no valor de 150 escudos, e Rodrigo Lopes d'Oliveira, rua da Costa do Castelo, 68, de que lhe subtrairam varios objectos cujo valor por ora desconhece.

Os crimes d'aborto.—Deve ficar hoje concluso o processo elaborado pelo agente José Augusto referente á parteira Emilia Teixeira, acusada de ser a causadora da morte de Beatriz da Costa. A acusada é amanhã enviada para o tribunal da Boa Hora, onde tambem deve ser entregue o relatorio da autopsia da victima.

Generos por preço superior ao da tabela.—Herminia de Jesus, travessa da Trabuqueta, 23, foi presa por vender azeite por preço superior á tabela.

—Tambem foi preso o vendedor ambulante Manuel Nunes, quinta do Loureiro, por andar vendendo leite por preço superior á tabela.

Tia e sobrinha atropeladas por uma galera.—Na rua 24 de Julho foram atropeladas pela galera n.º 6 da G. N. R Luna Crefati, de 36 anos, moradora na rua Direita d'Algés, 26, 2.º e sua sobrinha Lamita Bendral, de 11 anos, residente na praça D. Luiz, 17, 2.º D. As duas são marroquinas, tendo a primeira ficado ferida no cotovelo direito e a segunda contusa no ventre, pelo que deu entrada na enfermaria n.º 8 do hospital do Desterro.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3610 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quinta-feira, 19 de Agosto de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

A cidade martir

Não é a Reims que queremos referir-nos. E' a Lisboa, á capital da Republica portugueza. Se Reims adquiriu na historia o cognome de cidade martir, pelas violencias de que foi alvo por parte dos *boches*, dos continuos bombardeamentos de que foi victima, Lisboa bem merece tambem esse cognome pelo martirio que os seus habitantes sofrem dia a dia.

Póde, por ventura, viver-se como a população de Lisboa está vivendo? Alguma vez, por acaso, se imaginou inferno maior do que aquele que todos nós estamos atravessando, maior preocupação, maior angustia, do que aquelas que dia a dia nos avassalam o espirito, nos tiram a energia, nos depauperam as forças?

E' percorrer as ruas da cidade. Aqui, além, n'uma parte, n'outra, finalmente em todos os lados, em todos os locaes, só se vê gente que se acumula, na maioria mulheres e creanças, se comprime, se empurra e muitas vezes se envolve em desordem, na ancia de disputar o melhor logar. O estrangeiro de passagem em Lisboa, o forasteiro provinciano que nunca tenham presenceado espectaculo semelhante, perguntarão a si proprios do que se trata e suporão nem se sabe o quê. Afinal, se tiverem a curiosidade natural de inquirir o que se passa, ficarão muito admirados, e com razão.

N'um lado, é a *bicha* para alcançar assucar; n'outro, trata-se de obter azeite; aqui, o povo espera horas e horas, á torreira do sol, para conseguir arranjar uns miseros quilos de carvão; mais além, porque se soube que para uma mercearia entraram umas sacas de assucar, a multidão acorre, anciosa.

Feijão, não aparece; arroz, não ha; a banha, ou falta, ou é vendida por um preço exorbitante; para o leite, é preciso é formar-se *bicha* e estamos ameaçados de uma gréve que dum a outro momento pode estalar; de manteiga, ha até quem já se não lembre da côr que ela tem. E como os generos que citamos, tantos outros que nos não ocorrem de momento á memoria.

Fosforos, não ha; tabaco, o que aparece no mercado é caro e na maior parte das vezes, se não sempre, mau. Em resumo, falta tudo, a começar pela carne e a acabar no peixe, de modo que a dona de casa se vê em verdadeiras aflições para conseguir arranjar a mais modesta refeição.

Exageramos? Pintamos o quadro com côres sombrias? Quem nos lê que o diga. Infelizmente, ficamos ainda aquem da verdade.

Para cumulo, até agora nos faltam os transportes e quem tenha de comparecer nas repartições, nos seus empregos em qualquer casa comercial ou industrial, quem tenha numa palavra de ganhar a sua vida, é forçado a calcurrear longas distancias sob um sol abrazador, com perigo até da saude, não falando já no dispendio de energia que tem de fazer forçadamente.

E afinal tudo isto, a falta de generos, a falta de transportes, é devido unica e simplesmente á inepcia e ao desmazelo d'aqueles que estão á frente dos negocios publicos. Os governos que se teem sucedido no poder não se teem importado para coisa alguma com o magno problema da alimentação, que aos dirigentes de outros paizes tanto teem preocupado. Aqui, só se trata de politiquice.

No resto põe-se em pratica o velho aforismo: deixar correr o marfim.

Na questão dos transportes, o primeiro municipio do paiz está procedendo do modo que se vê. Se até um dos seus vereadores declarou a uma comissão que o procurou que a cidade podia passar sem electricos cinco ou seis mezes, que não faziam falta!

Digam-nos se não é verdadeiro o titulo que encima estas ligeiras considerações, se a Lisboa não pode ser dado o cognome de cidade martir!

A ida do sr. Presidente da Republica ao Porto

Como se sabe, o sr. Presidente da Republica e os ministros que o acompanham ao Porto, para assistirem á comemoração do centenario da revolução de 1820, pagam do seu bolso particular as despezas dessa viagem.

Consta que os representantes da Camara Municipal de Lisboa procederão da mesma fórma, não aceitando os 600$00 que a comissão executiva lhes arbitrou para as despezas da viagem.

Invalidos da guerra

Conferencia inter-aliada em Bruxelas

Realisa-se em setembro proximo a 4.ª conferencia inter-aliada, para estudo da interessante questão, Invalidos da Guerra, sob o patronato dos soberanos belgas. Do *comité* de honra fazem parte muitos ministros, governadores de provincia, oficiais do exercito e damas da sociedade elegante da Belgica.

Os assuntos a tratar são os seguintes: Protese de trabalho; indemnisação aos invalidos e mutilados; empregos reservados; relações entre validos e invalidos; associações de invalidez; assistencia a invalidos e mutilados; protecção inter-aliada aos invalidos; invalidos tuberculosos.

O preço de admissão á conferencia é de 25 francos e toda a correspondencia deve ser dirigida a A. Reisdorff, secretario geral da conferencia, á secretaria, em Bruxelas, antes do dia 1 de setembro.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

O livro "Infeliz-Mente!"

TARTUFO!

Ora como eu ia dizendo, quando interrompi para umas elucidações necessarias, não consegui no Sul-Americano falar com o sr. dr. Alfredo da Cunha, como desejava.

A porta que comunicava o seu quarto com o meu e de meu filho, que era o mesmo, pois já ali eu comecei a estar guardada á vista, *só se abria* para dar passagem ao sr. dr. Balbino Rego e a meu filho; de resto, esteve *sempre fechada*. Isto é mais uma cousa que o leitor deve anotar na sua memoria e depois saberá para quê.

No dia 28 de manhã o sr. dr. Balbino Rego disse-me que estivesse pronta á uma hora e, com a gentileza de um Tartufo, ofereceu-me um ramo de flores.

A' uma hora, portanto, eu estava pronta. A' porta do hotel esperava-me um coupé. Sentei-me n'ele, tendo á esquerda o sr. dr. Balbino Rego e á frente meu filho.

Absorta em diversos pensamentos, eu olhava, sem me interessar, as ruas por onde iamos passando. Reparei, todavia, num trem que, á frente do nosso, evidentemente, seguia o mesmo destino e calculei (não era dificil) que ia n'ele o sr. dr. Alfredo da Cunha. Não me enganei.

Atravessando ruas desconhecidas para mim, o trem rodava vagarosamente. Se me levavam para o cemiterio!... De subito parou. Desci. Meu Deus, que horrivel momento aquele! Estava á porta do Conde de Ferreira!

Senti o chão faltar-me, o coração parar, fechei os olhos para não ver...

Tartufo! A casa de saude, era o hospital de doidos! E meu filho consential...

Eu queria poder dizer-lhe, leitor, tudo quanto senti nesse instante supremo em que a terra devia ter-se aberto para me engulir, não deixando que ficasse a sangrar-me dentro do peito o pobre coração. Mas o que as minhas palavras não sabem descrever-lho, adivinha-o a sua alma piedosa e boa.

Ao apear-me do trem eu tinha visto a distancia o sr. dr. Alfredo da Cunha, que estava gozando o efeito da sua obra.

Pelo braço de meu filho atravessei o jardim do hospital, levando á minha esquerda o sr. dr. Balbino Rego; e, vi depois a projectar-se no chão a sombra do sr. dr. Alfredo da Cunha que se juntara ao grupo, indo para o lado do amigo. Entrei no pateo da aceitação. Nem um gesto, nem uma palavra, nada traíu o que passava em mim.

Dar a perceber a minha indignação era peor. Nos hospitais de doidos ha os coletes de forças, com facilidade os vestem a qualquer pessoa e a minha revolta seria tomada como um sintoma de loucura.

O que se passou no acto do meu internamento está descrito no «Doida, não!» mas ainda preciso de aqui me referir á minha entrada no hospital.

Ao saír do gabinete do Director, pelo braço da empregada, que devia servir-me de companheira-carcereira, no corredor veiu ao meu encontro, como digo no «Doida, não!», o secretário do manicómio, perguntar-me se não desejava despedir-me do sr. dr. Alfredo da Cunha.

Agora pergunto eu ao meu leitor: em egualdade de circunstancias, certo de que tudo quanto eu digo no «Doida, não!» é a verdade, apezar de todos os desmentidos, o que teria o leitor feito no meu lugar?

Uma despedida muito afectuosa?

Uma despedida suplicando piedade?

Uma despedida exaltada, cheia de recriminações e ameaças?

Ou, teria feito, como eu fiz, que não ouvia?

O leitor pense serenamente e a sua resposta não m'a mande a mim, faça favor de a mandar ao sr. dr. Alfredo da Cunha, editor do livro *Infeliz*. Muito melhor do que eu lhe responderá, por certo, o leitor, ao ponto, onde no mesmo livro, fazem referencia ao facto de ter eu fingido que não ouvia o secretario. E, olhe, quando lh'a mandar, queira acrescentar que ele, como *marido carinhoso e solicito no tratamento da mulher*, é que devia ter tido para a *pobre inconsciente*, que tantos *cuidados* lhe merecia, uma palavra qualquer.

Mas continuemos:

Não respondi, como já disse, ao secretario; disfarcei e continuei como um automato, pelo braço da minha empregada que me disse — «Então veiu-nos fazer uma visita?» Respondi abstractamente e continuámos, até chegar á casa onde devia tomar o banho regulamentar e onde me aguardavam a ajudante Ludovina e a empregada dos banhos, Maria dos Anjos. Li-lhes no olhar esta interrogação. — «Qual será a loucura desta?» Perguntaram-me se queria que me ajudassem a despir. Respondi negativamente.

Não conheço os balnearios dos outros hospitaes de doidos, mas o do *modelar* Conde de Ferreira deixa bastante a desejar. Cabines onde devem ser tomados banhos a temperatura elevada, alguns duma hora, abertas por cima, com portas mal vedadas e que nem sequer as fecham durante os banhos, como eu lá vi, são tudo quanto ha do menos confortavel.

Verdade seja que quem lá deve banhar-se não se pode queixar. Mas, adiante...

O banho deu-me tempo a refazer-me da comoção sofrida. Terminado êle, pelo braço da minha empregada e acompanhadas pela ajudante, atravessamos vários corredores e parte da quinta, até chegarmos ao pavilhão das criminosas. Paremos, leitor. Deixe-me criar fôrças para subir os degraus do meu primeiro cárcere.

Maria Adelaide

POLITICA

O governo e os partidos — Quem irá para Berlim? — Fantasias vagas

Apela-se mais uma vez, nos orgãos governamentais, para a dissolução do Parlamento, e diz-se que não faltam a este governo os votos da Camara, tendo havido apenas a atitude oposicionista de uma minoria que não permite os trabalhos do Parlamento. Salvo o devido respeito, parece-nos que se o governo dispuzesse *de facto* dos votos da Camara, bem podia essa minoria barafustar que inuteis seriam os seus esforços. Sempre que um governo dispõe d'uma maioria forte e decidida, a sua vida está-lhe perfeitamente garantida e não ha obstrucionismos que lhe resistam. Ora o que ha é precisamente a falta d'essa maioria governamental, quebrando toda a resistencia do governo e inutilisando-lhe os esforços.

E tanto assim é que os mais optimistas dão o governo com vida até outubro, tornando-o assim n'uma especie de tolerado em férias, ministerio de ocasião n'uma interinidade de serviços.

Quanto á afirmação graciosa de que se este governo cahir um outro não será possivel organisar-se, está desmentida na propria afirmação dos que defendem *á outrance* o ministerio Granjo, declarando que este já conseguiu remover certas dificuldades de ordem financeira que o habilitam com os fundos necessarios para poder viver no interregno parlamentar, mesmo sem a aprovação agora das medidas de finanças apresentadas pelo sr. Inocencio Camacho. Ora se assim acontece com o governo actual, qual a razão por que o mesmo não havia de acontecer a um ministerio que se organisasse, apoiado nas esquerdas como querem alguns, ou fixado apenas no ambito restricto d'um só partido, como o deseja a maioria dos elementos combatidos do Partido Liberal?

O que é facto é que ao começo da sessão de hoje os mais categorisados membros dos partidos ainda não sabem se a sessão será ou não prorogada, afirmando contudo que se o não fôr não serão votadas as propostas de finanças. E isso é obvio, visto que, mesmo que o fossem na Camara, não o podiam ser já no Senado.

Ha portanto que optar entre estes dois caminhos: ou não votar as propostas ou prorrogar mais uma vez a sessão, o que parece se fará.

Já não falta muito para chegarmos a uma conclusão definitiva, e bom será que ela seja ponderada e justa para evitar estes dissabores e estas picuinhas improprias da dignidade do nosso mais alto corpo legislativo.

* * *

Ha um jornal da manhã que se refere ao boato da ida do sr. dr. Vasco Borges para ministro de Portugal em Berlim.

Nada mais fantasioso! Nem o sr. dr. Vasco Borges resignou o seu mandatum de deputado por este facto, nem para Berlim irá seja quem fôr primeiro que em Portugal se encontre o respetivo ministro d'aquele paiz.

Já ha muito *A Capital* referiu, e não temos informes em contrario, que para Berlim seria nomeado o sr. Lambertini Pinto.

E' pelo menos o que *em principio* está assente nas esferas oficiaes, sendo egualmente inverosimil o boato a que o mesmo jornal se refere de ser para lá nomeado o diretor d'um jornal da manhã que ha pouco ainda surgiu para a publicidade.

E' tudo quanto ha hoje n'este começo de tarde que algumas surprezas promete nos bastidores da politica...

Hipolito Raposo

Para a torre de S. Julião, a cumprir a pena que lhe foi imposta pelo tribunal militar, seguiu esta tarde o redactor principal d'*A Monarquia*, sr. dr. Hipolito Raposo.

O nosso modo de vêr a respeito da sentença que o condenou já o dissemos, para que precisemos de o tornar a repetir. Limitamo-nos, por isso, a enviar ao ilustre colega as nossas saudações.

Propaganda mutualista

E' no proximo domingo, pelas 20 horas e meia, que o professor sr. Ladislau Batalha realisa, na Sociedade Musical de Carnaxide, a sua conferencia de propaganda subordinada ao tema: «Necessidade de garantir a vida. Vantagens das novas instituições de segurança social».

O documento mais sensacional da guerra

Uma carta do kronprinz ao imperador da Alemanha, escrita em julho de 1917, pedindo a paz, sob pena d'uma revolução

O *Matin*, hoje chegado a Lisboa, insere o seguinte sensacional artigo:

«O sr. Briand estaria sonhando quando em setembro pensou discernir nos dirigentes da Alemanha o desejo de reclamar a paz?

Assim se pretendeu. Habeis politicos chegaram a sorrir da credulidade d'um homem de Estado que até ali não tinha, entretanto, merecido semelhante insinuação.

Eis hoje um documento que esclarece por completo esse momento de guerra.

E' de natureza a destruir muitos dados que se julgavam historicos.

O kronsprinz aparece n'eles sob um aspecto imprevisto. Ele, que tinha partido para a guerra «franco e jovial» em 1914, ele, que continuamos a ver sob o prisma de criminoso sem cerebro, tinha evoluido. A batalha do Marne havia-lhe tirado a fé de gloria facil que lhe fôra prometida por uma côrte de jovens militares ambiciosos e muito senhores de si.

Essa transformação, que ele manifestara pela primeira vez, sem graça alguma, em principios de 1915, com a remessa do seu retrato ao governador de Verdun, com a delicada dedicatoria escrita pelo seu punho «Ao meu cavalheiresco adversario», precipitara-a a resistencia de Verdun em 1916.

Desde então, e até ao enfraquecimento russo, nunca mais acreditou na victoria.

O que ele sabia das disposições do imperador da Austria o confirmava n'aquela especie de desespero, cuja confissão encerra a carta que vae ler-se.

Via ele aproximar-se a revolução que lhe devia custar a corôa, e, em julho de 1917, resolveu-se a pedir a seu pae o sacrificio que era ainda a unica coisa que podia salvar a dinastia.

Os iniciados conheciam a existencia da carta, da qual publicamos algumas passagens. As pessoas que cercavam o principe fizeram com que, ha alguns mezes, se propuzesse ao *Matin* uma entrevista que continha alusões a essa carta.

Recusámos a entrevista, mas, encontrando-nos na pista d'esse documento sensacional, tratámos de obter, de origem digna de credito absoluto, as suas principaes passagens, que hoje damos aos nossos leitores.

Essa carta, escrita ao imperador Guilherme em julho de 1917, datada de Charlevile, dizia:

«E' mais que tempo de estabelecer o nosso balanço e de o comparar com o dos nossos inimigos, a fim de verificar com verdade e exactidão de que quantidades de generos alimenticios, de que reservas militares a nossa patria pode dispor, quaes são na hora actual essas reservas militares assim como as munições, as armas e o material que pode, no estado actual, fabricar. Com certeza que estamos muito mais fracos que os nossos inimigos. Mas o balanço material nada é comparado com o balanço moral. O estado de espirito do povo, apoz os imensos sacrificios que todas as familias alemãs foram forçadas a fazer, é deploravel. A miseria aumenta, o desespero manifesta-se mais abertamente. E' sempre deveras inquietador em periodos pejados de revolução, vêr as mulheres perderem a esperança; tal é o caso das mulheres alemãs, habitualmente tão heroicas. A mortalidade infantil crece em proporções espantosas, as doenças contagiosas multiplicam-se.

Se a Alemanha não obtiver a paz antes do fim do ano, o perigo d'uma revolução será iminente».

Continua a carta:

«A Austria encontra-se na mesma situação, ou antes a vida na Austria é ainda menos suportavel do que na Alemanha. O imperador Carlos é certamente um dos nossos fieis amigos, mas, se fôr forçado a escolher entre a ruina completa da Austria e um meio de a salvar abandonando-nos, o seu dever para com os seus povos ordena-lhe que se separe de nós. A Bulgaria e a Turquia não podem continuar a luta».

Ocupa-se em seguida a carta do kronprinz da guerra submarina:

«A esperança que se fundamentava na guerra submarina é vã. O almirantado repete incessantemente: «Dentro de poucas semanas estaremos salvos». Deixemos passar essas semanas e vejamos os resultados.

Se não justificarem a nossa espectativa, procuremos resolutamente obter a paz».

Finalmente, n'uma das passagens dessa celebre carta, dizia o herdeiro da corôa da Alemanha:

«Não se trata já de victoria, de engrandecimento da Alemanha ou de gloria. Trata-se da vida do povo alemão. Bem algum nos deve ser mais querido. A nossa dinastia estará em perigo? Naturalmente, é para ti e para mim uma grande desgraça, mas nada é em comparação do desastro que ameaça o povo alemão.

Falemos francamente. Não pensemos mais na Belgica. Renunciemos a toda a anexação, mesmo no leste. E' preciso que encetemos *pourparlers* com os nossos inimigos.

Recorda-te do nosso grande antepassado Frederico, que foi vencido por uma coalisão, mas cujo nome ficou grande na historia».

Advertencia importante

Respondendo a reclamações recebidas

Todos os jornaes da tarde e da noite retomaram já o seu antigo pessoal tipografico, podendo, por esse motivo, saír ás suas horas habituaes. «A Capital», em virtude dos seus operarios se acharem trabalhando no jornal «A Patria» desde 1 de maio, está sendo feita por tipografos na maioria estranhos á classe. Esta explicação convem que os nossos leitores a tenham presente, afim de reclamarem dos vendedores o nosso jornal, por isso que muitos deles, com o fundamento de que «A Capital» sae mais tarde, se recusam a fazer a sua venda. Serve tambem esta explicação de resposta ás reclamações que temos recebido de muitos desses leitores.

A proposito desta advertencia, publicou o jornal *A Batalha* a seguinte nota:

A comissão pró-aumento de salarios dos quadros dos jornais de Lisboa pede-nos a publicação do seguinte:

«Tendo saído no jornal *A Capital*, de 28 do corrente, uma nota na qual a empreza do jornal *A Capital* diz que já todos os jornais retomaram o seu antigo pessoal grafico, podendo, por esse motivo, publicar-se ás horas habituais, esta comissão vem declarar que se a empreza de *A Capital* ainda não resolveu o conflito como as restantes empresas, é unica e exclusivamente devido a não ter querido solucionar o conflito gráfico.

O pessoal de *A Capital* continua em gréve e aguarda, na sua Associação de Classe, a adesão da empresa de *A Capital* á organização do trabalho e salarios minimos, já em vigor em todos os restantes jornais de Lisboa.

Esta comissão julga conveniente esclarecer o publico e a classe gráfica do motivo porque a empresa de «A Capital» ainda não tem a laborar o seu antigo quadro. Este não se demitiu, como parece depreender-se da nota publicada na «Capital». Encontra-se, como acima dizemos, na sua Associação de Classe aguardando a solução do conflito».

Ora no dia 21 de maio, publicou «A Capital» o seguinte:

Tendo constado á direcção de «A Capital» que o seu antigo quadro tipografico constituido pelos srs. Miguel Martins, chefe, Manuel e Guilherme do Espirito Santo, linotipistas, Gabriel Duarte, Libanio de Brito, Antonio Pinheiro e Ribeiro Pisco, compositores, estava empregado no jornal «A Patria», que ha-de em breve iniciar a sua publicação, solicitou da direcção desse jornal lhe dissesse se eram ou não verdadeiras as informações que recebera.

A esse pedido respondeu, por parte da direcção da *Patria*, o deputado sr. Antonio Mantas com a seguinte carta:

Sr. Manuel Guimarães dig.^mo director d'«A Capital».—Lisboa.—Satisfazendo os desejos de v. manifestados na sua carta de 20 do corrente, cumpre-me declarar-lhe que efectivamente estão em serviço, no jornal *A Patria* os tipografos referidos na carta de v., exceptuando Antonio Pinheiro, mas é meu dever dizer a v. que ainda não está constituido o quadro tipografico e todo o pessoal que trabalha na montagem da tipografia de *A Patria* é a jornal.

Devo tambem dizer a v. que o pessoal que fôr admitido neste jornal não acumulará, com o nosso consentimento, serviços com quaisquer de outros jornais.

De v., etc.—*Antonio Mantas*.

Como esclarecimento, diremos que esta carta foi recebida antes do aparecimento de *A Patria*, a 27 de maio, e que do pessoal que estava trabalhando na montagem desse jornal faziam parte todos os antigos tipografos d'«A Capital», com excepção de um, o sr. Antonio Pinheiro, que está empregado no escritorio da casa Batista & Barbosa, da rua do Poço dos Negros. Esses tipografos ficaram fazendo parte do quadro efectivo da *Patria*.

PELO TELEGRAFO

As receitas financeiras da Italia — Um aumento de feliz augurio

ROMA, 17. — Tem tido um incremento continuo e sensivel o rendimento dos impostos em Italia. No exercicio economico de 1919-1920 excedeu em 1.854.000.000 de liras o exercicio de 1918-1919, tendo produzido um total de 7.217.000.000 de liras ou seja mais 2.412.000.000 que o que fôra previsto no orçamento das receitas. Este feliz resultado foi obtido com 405 milhões de impostos directos, nos quais, além da importante verba de 235 milhões proveniente da cobrança sobre os lucros da guerra (os quais no exercicio de 1919-1920, são representados pela apreciavel cifra de liras 1.027.000.000), se notam 182 milhões de imposto sobre um maior rendimento dos bons moveis e 64 milhões produzidos pelo imposto complementar sobre os rendimentos superiores a 10.000 liras e sobre os dividendos, o que permitiu obter um tão notavel aumento, não obstante terem deixado de cobrar-se cerca de 90 milhões de liras de impostos que terminaram por haver terminado o estado de guerra. Foi verdadeiramente surpreendente o aumento de receita resultante do imposto sobre os negocios, o qual atingiu bilião e meio de liras e rendeu mais 454 milhões que no precedente exercicio. Todas as verbas contribuiram para este aumento, mas especialmente as heranças com cerca de 20 milhões, o registo com 170 milhões, o selo com 106 milhões, o imposto de transito e o hipotecario com mais de 50 milhões, os impostos sobre as heranças e sobre os automoveis com 35 milhões, as joias e perfumarias com cerca de 37 milhões, o tributo de beneficencia sobre os espectaculos publicos com 13 milhões, os cinematografos com 5 milhões e tambem com 13 milhões a nova taxa sobre os vinhos engarrafados e licores. O imposto para o ensino publico rendeu mais 2.800.000 liras. Todas estas verbas representam o aumento sobre as cobradas no exercicio de 1918-1919. — (*Havas*).

VIDA TEATRAL

Cristiano de Souza

após 11 anos de estagio e sucesso no Brazil, fala á «Capital» da vida teatral da Republica irmã e diz algumas verdades que devem ser lidas e : : : meditadas por todos : : :

No *Francfort* de Santa Justa, aquele hotel que os «blagueurs» dizem assemelhar-se a um aquario visto cá de fóra, acham-se hospedadas duas figuras do teatro portuguez que muitos dos novos mal conhecerão, mas todos os velhos alegrarão ao ouvir-lhes citar os nomes. A Pepa, e Cristiano Sousa.

A Pepa foi a actriz popularissima de Lisboa que aplaudiu o «Tim tim por tim tim», artista em voga, artista conhecida de todos que se disputava para revistas, magicas e operetas. Cristiano de Sousa, foi sempre um actor educado, culto, de linha que entre nós chegou a alcançar exitos e atracções.

Ha 11 anos abalaram. O Brasil atraía-os e por lá se conservaram até agora. A doença de Cristiano, uma passeata de cura pela Europa e o regresso á Lisboa Nova, que eles quasi desconhecem na sua nova feição e na sua gente nova e que, por sua vez, quasi os não conhece já.

Muitas vezes se tem dito que Portugal não conhece nem faz por conhecer o Brasil intelectual de hoje. Não seriamos nós quem se esquivasse a contribuir para que tal lacuna continuasse existindo tanto á mão, acessivel pela sua cortezia, o actor Cristiano Sousa. E d'aí, o irmos ouvi-lo.

Autores dramaticos creando um teatro brazileiro; actores e actrizes de temperamento, existem no Brazil moderno : : : : : : :

Contrariamente ao que em erro se diz, o Brasil não está numa epoca de resurgimento teatral. Para haver um resurgimento seria necessario que o Brasil já tivesse tido teatro, depois um periodo de decadencia e agora voltasse a surgir dotado de novos vigores. Ora o Brasil é um paiz novo, a fazer-se completamente de novo. Teve no periodo do romanticismo algumas manifestações dramaticas que eram apenas correntes ocasionaes. Veio a quéda do regimen, veio a obra constructiva da Republica e agora, quando o Brasil começa a ser uma nação a pesar no concerto mundial, e que o seu teatro começa a surgir por uma forma que não deixa duvidas sobre o desenvolvimento que vae tomar. Entre os primeiros do Teatro Nacional conta com Coelho Neto, Pinto da Rocha, dr. Claudio de Sousa, Abadie Faria Rosa e tambem João do Rio. De todos estes o teatro brasileiro recebeu grande impulso com as obras do dr. Claudio de Sousa, dramaturgo de envergadura, cujo ultimo sucesso «Os fantasmas» pode ombrear com o melhor teatro moderno, bem como as suas peças «Eu arranjo tudo»—a estreia do distinto medico—e «Flores de Sombra».

As peças de Abbadie Rosa, são todas de sucesso garantido, duma feição regional interessante que enobrecem a literatura dramatica brazileira. Qualquer destes dois tem teatro, são verdadeiros carpinteiros de scena, dando aos seus trabalhos aqueles tres requisitos imprescindiveis *Teatro, Teatro, Teatro*, parafraseando os requisitos que Verdi queria para um bom cantor: 1.º voz, 2.º voz e 3.º voz. João do Rio, é mais literario, mais estilista, e d'ahi os seus trabalhos não satisfazerem todo o publico. E' o caso de Robert Flers, os Bensietns, homens de teatro, para a alta comedia ou para o drama moderno, e de *Bataille* já demandando mais condições especiaes no publico que o escuta. E' esta uma grande condição que os autores portugueses deviam ter sempre presente: querendo resuscitar o teatro portuguez, dar-lhe peças novas, devem os seus autores jovens lembrar-se que primeiro devem ser autores teatraes e só depois literatos.

Mas...

Mas voltemos aos outros brasileiros. A par destes que citei, no genero ligeiro, teem ali, muito apreço, Roberto Gomes, Gastão Tojeiro que teem algumas farças de grande sucesso.

Cardoso Menezes em operetas e revistinhas, e Viriato Correia e Aarão Reis para pequenas peças regionaes de grande sucesso popular.

A movimentação do teatro brasileiro é grande hoje; Claudio Sousa deu o alento necessario e todos actualmente tem dedicação e amôr á vida teatral.

—Como elementos de teatro...

—Entre os nacionaes destaca-se incontestavel e completo Leopoldo Froes. Lisboa conheceu-o nos inicios da sua carreira. No Brasil fez-se e é hoje o seu 1.º acto. E' alguem. Depois tem João Barbosa, muito consciencioso, professor do conservatorio. Ferreira de Sousa, portuguez nacionalisado, um belo artista, Antonio Sena tambem portuguez, um galã comico de 1.ª ordem, Carlos Abreu, portuguez, inteligente com grande cultura e preparação e Antonio Silva ainda nosso compatriota:

Em mulheres, tem o Brasil um temperamento extraordinario de artista em Abigail Maia, actriz de comedia ligeira, vaudeville, tudo, em qualquer parte do mundo. Maria Fausta, artista tragica que Lisboa conhece, Lucilia Peres, tambem dramatica e Ema de Sousa, portuguesa.

Entre os atores ligeiros, comicos populares, fazem sucesso, Alfredo, Augusto Anibal, Eduardo Leite, o portuguez Brandão Sobrinho...

—Os portugueses dão grande contingente.

—Sem falar nos que lá estão trabalhando como Alexandre Azevedo, com um belo logar, e os que mais ou menos consecutivamente ali passam em *tournées*:

11 anos de vida teatral — As companhias menos cuidadas que d'aqui partem á aventura deviam, para nossa honra e honra d'elas, orientar-se noutro sentido : : : :

—Falemos um pouco de si. As peças que creou...

E depois dalguns minutos de relutancia, vencida pelas necessidades de reportagem, Cristiano de Souza, ao de leve, explica o que foram os 11 anos de ausencia:

—Fui para o *S. Pedro*, onde representei *O rato azul*, nova no Rio, *As passageiras, Surprezas do divorcio;* duas tournées ao norte e entrei para o *Trianon*. Creei o *Eu arranjo tudo* cujo sucesso foi tal que durou a peça no cartaz a epoca inteira; uma comedia de costumes brazileiros que lançava o dr. Claudio de Souza no começo dos primeiros escritores, como já lhe disse. *Pouff, o Irmão de Felizardo* de Oscar Wilde. *Que pena é ser só ladrão* de João do Rio, *a Pelle Nova, os Inglezes* de Lorjó Tavares, *O intruso* de Coelho Neto, *Penas de Pavão* e *Soldadinhos de Chumbo* de Abadie... Adoeci depois gravemente e agora... agora...

—Ensaiador do *Ginasio* para o inverno.

—Assim parece.

—Do nosso teatro em exportação para o Brazil qual as impressões que tem...

—Acentua-se muito a organisação de companhias incompletas. Leram duas figuras de destaque e o resto sem importancia. No entanto todos fazem interesses porque a colonia, muito grande é muito amavel e bôa. Melhor seria contudo que essas companhias fossem organisadas para honra nossa e honra delas de forma a impôrem-se pela sua verdadeira e homogenea estrutura artistica. No Brazil ha figuras queridas como Aura Abranches, Chaby Pinheiro, José Ricardo, Henrique Alves, e Cremilda. Nascimento Fernandes foi apreciado nas suas creações pitorescas. Sem falar nos nomes queridos de Augusto Rosa e Brazão, Lucinda Simões que todo o publico brazileiro conhece e estima como nós proprios, Ferreira da Silva deixou lá um nome de extraordinario brilho, tendo imensos admiradores que lamentam não ter voltado lá. Dos actores portuguezes ha uma simpatia imensa por Julio Dantas, quer como homem de letras quer como autor dramatico. Tive ocasião de ensaiar a sua peça *O Reposteiro verde* e apesar de ter caído em Lisboa tinha confiança no exito. Realmente o sucesso foi enorme, tendo-se revelado na peça Alves da Cunha como galã-dramatico e Ema de Souza.

—E' um grande publico.

—Oh! duma benevolencia e duma hospitalidade carinhosa. Ainda lá ha esta admiração pessoal por certos actores que é quasi um fanatismo. Diz-se «vamos ver Froes nesta ou naquela peça» como se dizia antigamente «ir ver Brazão no «Kean» ou «Hamlet».

Houve uma pausa.

—Esqueceu-me ha pouco falar-lhe da falta de ensaiadores. Apenas Eduardo Vieira, portuguez, e João Barbosa, ambos professores do conservatorio tem feito alguma coisa. E dos scenografos deixe-me citar-lhe Jaime Silva, portuguez, o Lazari, brasileiro...

Depois desta rapida visão do que é actualmente o teatro brasileiro, fala-se no Brasil, no Rio, a cidade mais bem iluminada do mundo, e depois em Lisboa.

Seguem-se outros assuntos, uma conversa facil e despreocupada, até que nos parecem horas de não fatigar mais Cristiano de Sousa, ainda em convalescença...

Cá em baixo no «aquario» ha verdadeiros peixes... O ar é quente, e na rua ch-ira á suor, de gente, muita gente que anda a pé.

A. F.

O selo da Assistencia

Os pobres serão prejudicados se fôr atendida a reclamação dos donos de hoteis e restaurantes

Se o parlamento atender a reclamação dos donos dos hoteis e restaurantes, que pretendem que o selo da Assistencia seja pago por um adicional de 10 0|0 á contribuição industrial, diz-nos alguem, que entende do assunto, que os pobres serão prejudicados em dezenas de milhares de escudos.

A explicação é facil: Sendo o imposto de 2 0|0 cobrado pela receita bruta dos hoteis, um d'esses estabelecimentos, que tenha uma população de 200 hospedes com uma receita media de 6$00 diarios, isto sem contar com os extraordinarios, terá anualmente o rendimento de 438.000$00. A verba de 2 0|0 para a Assistencia dará 8.760$00, pelo menos.

Ora a taxa industrial dos hoteis é, em media, de 450$00. Pagando 10 0|0, a Assistencia cobrará apenas 45$00, ao passo que o hoteleiro receberá dos hospedes 8.760$00, isto é, ganhará em seu proveito e em prejuizo da Assistencia a quantia de 8.715$00 anuaes.

Isto, calculando sem meter em conta as despezas extraordinarias.

Como se vê, é um belo negocio.

VIDA SPORTIVA

Club Sportivo de Pedrouços

As adesões para as festas sportivas promovidas no dia 12 de Setembro por este Club continuam a afluir.

A inscrição acha-se aberta na séde do Club, rua Direita de Pedrouços, n.º 31-1.º, direito, em todos os dias uteis e no Centro Fotografico da rua da Prata, das 10 ás 17 horas.

A comissão organisadora tomou conhecimento da resposta do Banco Economia Portugueza, afim de a seu tempo a tornar publica por intermedio da imprensa e bem assim da acquiescencia do *boxeur* Silva Ruivo, que se prontificou a fazer varias demonstrações de *box* com o sr. Antonio Silva.

Stadium

A abertura da epoca

Já hoje podemos noticiar a abertura do Stadium, que se efectuou no domingo passado, mas como se trata d'uma manifestação sportiva que desperta bastante interesse no publico não queremos deixar de registar as nossas impressões:

Transportes—A actual gréve dos electricos prejudicou bastante a concorrencia visto que os camions faziam um serviço bastante demorado.

Pista—Sofreu, é certo, algumas modificações que a melhoraram, mas o seu piso não está o que seria para desejar. Notámos que as regas deviam ser feitas com mais regularidade e a ultima quasi á hora das corridas. O calor é bastante, portanto, não prejudicava.

As corridas—Realisaram-se provas ciclistas entre amadores e profissionaes. As dos amadores pouco interesse despertaram visto que apenas tres amadores compareceram.

As dos profissionaes, incluindo o hespanhol Pimouliès, entusiasmaram o publico. Pimouliès é bom mas tem sobre tudo cabeça para correr, falta que se sente nos nossos.

As corridas de motos amadores foram disputadas com um interesse diminuto. Comtudo Fernandes afirmase.

As dos profissionaes, especialmente a segunda, não foi para nós uma demonstração de quanto vale Fuentes como motociclista, embora a sua especialidade seja em estradas.

Arido perdeu a primeira mão e ganhou a segunda. Fuentes nesta corrida teve de desistir, visto que sofreu um furo e um pequeno desastre que, felismente, não teve consequencias graves.

Juri—Postou-se á altura, mas notamos um programa longo: devia atender-se á falta de transportes.

Nas futuras corridas não pode ser permitida a permanencia na «pelouse» a tanta gente.

E' um inferno: Maquinistas ajudantes etc. fiscaes, fiscaes, fiscaes, todos eles teem cartões...

Publico—Como sempre animado, mas por vezes assobiando um ou outro. Não pode ser assim.

A retirada fez-se em boa ordem, a pé, é claro, porque os camions eram trez ou quatro e o publico seriam uns trez ou quatro mil espectadores...

A. de C.

Nas provincias

O Congresso Transmontano

Do Grupo Desportivo Flaviense com séde em Chaves, recebemos com o pedido de publicação a circular que segue:

«Como V. Ex.ª não ignora, por iniciativa de alguns transmontanos em destaque, realisam-se nos dias 14 e 15 do proximo mez, duas sessões do Congresso Transmontano em que se discutirá entre outras tézes, a da «Educação Fisica».

Como somos nós, rapazes flavienses os directamente interessados em que o desporto continue na vanguarda do progresso, resolveu o «Grupo Desportivo Flaviense» realisar n'esses dias um desafio internacional de «Foot-Ball» com o «Rayo Sporting Club» de Verin (Espanha), e varias provas desportivas.

Visto tratar-se d'um desafio internacional, a direcção deliberou instituir entre outros premios uma taça á qual será dado o nome de *Taça Flavia*, desejando nós que ela traduza bem o sentimento artistico portuguez.

Como o estado financeiro do Grupo não permite levar a efeito esta aspiração, resolvemos portanto apelar para o auxilio de todos os bons portuguezes, em cujo numero incluimos V. Ex.ª, rogando-lhe o obsequio de nos enviar qualquer dádiva, o que desde já agradecemos em nome de todos os flavienses».

O problema da alimentação

O nosso colega *A Epoca* publica hoje a seguinte carta que lhe foi enviada pela Associação Central de Agricultura Portugueza:

Sr. redactor de *A Epoca*

Na ocasião da posse do actual comissario dos abastecimentos, sr. Alvaro de Lacerda, disse-se, e os jornais repetiram em todos os tons, que o mesmo homem publico havia sido indicado pela Associação Comercial e que por isso consubstancia em si as forças vivas do paiz, em nome das quais actua e para as quaes irão inteiras e completas as responsabilidades da acção que s. ex.ª entenda ou possa realizar no cumprimento da sua alta missão.

Na *Capital* de 18 diz-se mesmo que o sr. Alvaro de Lacerda—foi indicado pela Associação Comercial, e como esta, na questão que diz respeito á alimentação publica tem sido apoiada e tem procedido de acordo com a Associação Central da Agricultura, segue-se que o comissario dos abastecimentos é um representante do que se convencionou chamar as forças vivas da nação.

Pelo que respeita á Associação Central da Agricultura Portuguesa, nem ela influiu de perto ou de longe na escolha do sr. comissario dos abastecimentos, nem sequer lhe foi possivel fazer-se representar no ato da posse, bem contra sua vontade, por não ter a tempo sabido o dia e hora em que o mesmo ato se realizava. E' claro que esta Associação vê com prazer que a questão dos abastecimentos seja entregue a um tecnico inteligente, cujos conhecimentos especiais o tornem eminentemente proprio para as novas funções, e está pronta, como é seu dever, a dar-lhe todo o auxilio que caiba dentro das suas possibilidades; mas isso não tem a significação que alguem, especialmente alguns politicos, pretende dar á nomeação do sr. Alvaro de Lacerda.

Lisboa, 16 de Agosto de 1920.

A direcção.

Os pescadores de Setubal

Toda a sardinha destinada ás fabricas foi hoje vendida em Lisboa

Apenas dois jornaes da manhã de hoje, *O Seculo* e a *Victoria*, se referem a um novo conflicto que surgiu em Setubal, em virtude do capitão do porto ter determinado que o peixe dos porões e caixotes fosse despejado para os *buques* e não fosse vendido á lota, segundo se diz a pedido da classe maritima.

Mais de 100 barcos com sardinha foram hontem á lota a Setubal, mas até ás 16 horas não venderam um unico cabaz, em consequencia dos maritimos terem resolvido acabar com a venda das próas, devido aos compradores tambem fazerem compras aos vapores. O capitão do porto deu então as instrucções a que acima nos referimos, o que originou as restantes classes terem-se recusado a trabalhar, não tendo podido a sardinha entrar nas fabricas.

Os *buques* com peixe chegaram de madrugada ao Tejo, onde foram tomadas providencias para evitar qualquer conflicto. Em terra, desde Santos até á Ribeira Nova, houve tambem medidas especiaes de ordem, vendo-se nos varios caes forças de cavalaria da guarda republicana e da policia civica, sob o comando do chefe da esquadra da Pampulha.

Receiava-se que uma comissão da classe maritima, que expressamente viera a Lisboa, conseguisse dos compradores e armadores da Ribeira Nova, que não comprassem a sardinha aos pescadores de Setubal.

Afinal tudo correu na melhor ordem não se tendo dado o menor incidente desagradavel.

Uns 80 *buques*, todos ligados uns aos outros, fundearam em frente ao mercado da Ribeira Nova, dando um grande e interessante movimento aquele espaço do rio.

A principio os vendedores recusaram-se a comprar a sardinha, tanto mais que o mercado teve hoje, como já ha muito tempo não sucedia, uma verdadeira imundação d'aquele pescado, que depois foi vendido pelas ruas da capital.

Por fim, um vendedor conhecido pelo *Adeus ó Menina* rompeu o pacto e comprou tres barcos, um deles por 209 escudos. Tremeu Troia! Os colegas exasperaram-se com o caso, dirigiram apostrofes e chufas ao *Adeus ó Menina*, mas este a nada se comoveu.

Por fim outros vendedores imitaram o gesto do colega e d'ai a pouco começava a ser transacionada a sardinha, que era vendida a razão de 200, 150, 130 e 100 escudos cada buque.

O preço foi baixinho, pois a sardinha já tinha tres dias, saindo cada cabaz á razão de 2$45 e 2 escudos cada, quando usualmente cada cabaz é vendido ao preço de 30 escudos.

Muita sardinha foi vendida para varias fabricas de conservas no Seixal.

INTERESSES DA BEIRA ALTA

Um projecto de lei que interessa uma das mais ricas provincias de Portugal

Foi hoje enviado para a meza o seguinte projecto de lei, apresentado pelo ex-ministro do trabalho, sr. Bartolomeu Severino:

Senhores:

Desde a já distante e assinalada passagem de Emidio Navarro pelo Ministerio das Obras Publicas, se vem a relembrar, nos varios planos de viação acelerada, a provincia da Beira Alta. Na rêde de linhas complementares por aquele estadista delineadas e visando a imprimir ás do Minho e Douro a sua plena eficiencia fomentadora aparecem, de facto, as ligações ferro-viarias:—Vidago—Regoa—Vila Franca das Naves—Viseu—Tamega Chaves; e Viseu—Tua.

No plano da rede complementar ao norte do Mondego, decretado a 15 de Fevereiro de 1900, volve a lembrar-se a Beira e em tal plano se fixa que hão de ser exploradas pelo Estado, visto serem subsidiarias da linha do Douro, as da Regoa a Vila Franca das Naves e a do Pocinho á mesma Vila Franca, podendo todavia tornar-se objecto de concessão a empreza particular, as de Tarouca—Viseu Mangualde, a do Val de Vonga (Já ha anos construida) e a de Tua-Viseu. Desta feita ainda, como antes, não se transpoz o dominio das concepções.

A 24 de Abril de 1903, sendo Ministro o sr. Conde de Paçó Vieira, na sua proposta de emprestimo de 7.000 contos para a construção de linhas complementares e tributarias das do Estado, ao parlamento apresentada, de novo se aponta, agora para imediata participação naquele emprestimo, a linha Regoa—Vila Franca das Naves. Consultado sobre a proposta, o Conselho de Administração dos Caminhos do Ferro opina a proposito:—*Não menos palpavel é a importancia da linha da Regoa a Vila Franca das Naves, que põe o Minho e as vastas regiões alem Douro em face e di reta comunicação com as Beiras e o Alto Alemtejo, chamando assim á linha do Douro e ás que nela entroncam, trafego que hoje segue outro itinerario.*

A carta de lei de 1 de julho de 1903, autorisava o Ministro a dar aplicação ás verbas votadas. Pois cerca de um ano corrido, no seu relatorio, elaborado em obediencia ao art. 2.º daquele diploma, o sr. Conde de Paçó Vieira informa nestes termos:

«*Regoa—Vila Franca das Naves*—Vae ser oportunamente elaborado o projeto».

Assim iam correndo avessos os fados para a viação acelerada na Beira até que em 1910 se inicia o rompimento da linha anteriormente citada. Curto, escasso era porem o folego da empreza. Dispendidos que foram uns 80 mil escudos em trabalhos de trincheiras, edtre Regoa e Lamego, tudo estacionou. E o que então se fez, lá continua, inutil, a esboroar-se sob a chuva das invernias.

Sobreveio a Republica. E a 6 de Janeiro de 1913, o Ministro do Fomento, sr. Antonio Maria da Silva, conseguiu ver aprovado pelo Parlamento um novo emprestimo de 5.460 contos, com destino, na maxima parte, á construção de linhas complementares no extremo norte e no extremo sul do Paiz. Durante a discussão na Camara reconhece, é certo, o relator do parecer da Comissão de Obras Publicas, o sr. Ezequiel de Campos—uma autoridade—a necessidade e urgencia de completar a viação na Beira, que sabe ser uma região fertil e com enormo capacidade de produção.

As dotações continuaram seguindo, todavia, a outros destinos. Os esforços brilhantemente afirmados na sessão parlamentar de 1914 pelos ilustres representantes da Provincia da Beira Alta, srs. drs. Paiva Gomes, Pereira Vitorino e Matos Cid como mais tarde pelo sr. dr. José Julio Cesar, em balde foram dispendidos.

As propostas por estes dois ultimos apresentadas para a imediata ligação de Vizeu com o Tua não volveram a surgir do seio das comissões aonde desceram. E ainda agora se constata no recente decreto de emprestimo de 15.000 contos, firmado pelo sr. Brito Guimarães é tambem consignado ás linhas complementares das do Estado, que nenhuma verba taxativamente se atribue á viação acelerada naquela provincia.

Persiste portanto o estranho abandono, sem a justificação sequer das dificeis circunstancias do Paiz que, a invocarem-se neste caso, sómente serviriam a reforçar a urgencia de prover a extensa região beirã de meios de transporte, tanto é certo haver entrado no rol das afirmativas axiomaticas, a de que os transportes faceis constituem seguros propulsores do desenvolvimento e da criação da riqueza, isto é, de nova base para a incidencia do tributo que alimenta os cofres publicos.

Não se encarou de face, e no firme prodosito de realisar, durante a guerra, este e outros problemas cuja resolução se impunha como essencial ao fomento da nação. E d'este modo nos veiu surpreender a paz, desapretechados daqueles elementos de luta economica a que outros povos, de visão menos unilateral, sem comtado desfitarem o objectivo particular dos campos de batalha, concederam oportuno, previdente estudo e conjunta efetivação. A nossa crise, neste lance, é, fundamentalmente, a crise da insuficiencia dos meios de acção economica, que se não improvisam, mas se prepararam a tempo e com metodo.

Assinalando a penuria dos transportes, não exprimimos todavia o convencimento de que advenha do unico suprimento desta falta o factor exclusivo para os resurgimentos da fortuna colectiva. Mas o parecer concordante de quantos lidam nestes assuntos assinala que, sem o facil transito dos produtos até aos centros do consumo, se torna inviavel e intensificada produção de qualquer especie.

Emidio Navarro, já ao começo destas linhas citado, divisou ha 8 dezenas de anos a ampla perspectiva do *caso* nacional. A par do seu *novelo* de linhas ferreas, como por então a desmiolada chacota da nossa terra alcunhou o seu plano de vias complementares das do Estado, lançou a vasta organisação do ensino tecnico. Derrubado o estadista, aproveitaram-se apenas os valiosos subsidios para a elaboração do programa ferro-viario de 1900. O ensino tecnico, deturpado o pensamento que o criara, só furunculou em regra, uma nova especie de candidatos á portaria do orçamento do estado, com escassas lembranças das partidas dobradas e bem pouco prestimo para a industria e o comercio.

Vimos com isto dizer que ha exemplos antigos muito a seguir, expurgando-os daquilo que os prejudica e adaptando-os conformemente com os avisos da experiencia. No tocante á região beirã, a par dos transportes, é sobretudo o ensino agricola que ela requer e precisa:—Um ensino agricola pratico e muito difundido, em maneira a criar, não bachareis em agronomia, mas cavadores sabendo arrancar á terra, pelos melhores processos, uma colheita mais farta.

A verdade é que o distrito de Viseu—releve-se-nos a explanadora, difusa divagação—o terceiro do Paiz em população contando actualmente mais de 400 mil habitantes; o quarto em rendimento para o Estado, pois sendo 3.721:245$00 escudos o valor calculado do seu rendimento colectavel, só tres distritos-Lisboa, Porto e Santarem—o excedem; com 5018 q. ilometros de superficie, onde se exerce uma larga vida agricola, creadora de variados produtos entre os quais se destacam os seus diversos e magnificos tipos de vinho, com uma opulenta riqueza mineira em jazigos de uranio, estanho, chumbo, volframio, bismuto, antimonio e graffites, cuja exploração sobremaneira se veiu intensificando durante o periodo da guerra, dispõe de 933 escassos quilometros de estradas e apenas de 195 quilometros de linhas ferreas.

E ainda estes miseros 195 quilometros, pertencentes ás linhas da Beira Alta, Val do Vouga e ramal de St.ª Comba, todos eles servem sómente a parte sul da provincia. Na vasta malha compreendida entre estas linhas e a do Douro, ao Norte, nem um metro de rail: E', sob este aspecto, o sertão africano ... mas portuguez.

No entanto—já o acentuamos—ó fertil e susceptivel de mais abundantemente contribuir para o abastecimento do Paiz Mas as suas produções, só dificultosamente alcançam os grandes centros de consumo e oneradas pela careza dos transportes. A exploração do sub-solo é entorpecida por uma quasi impraticavel serie de embaraços. As comunicações entre os povos são lentas e dispendiosas. Entre a parte Norte e a parte Sul da provincia em tanta maneira são incomodas e morosas a relações que, em tempo, se escreveu, a quando da propaganda do novo distrito em Lamego, ser mais rapido o chegar a Lisboa que visitar Viseu, capital do distrito.

Estes motivos, sumariamente citados—que nem a natureza desta exposição se compadece com maior latitude de explanação, já agora demasiado extensa e por sem duvida escusada ao culto entender dos srs. deputados—impõem o resolver, de pronto, o problema da viação ferroviaria da Beira Alta que, na parte mais instante da realisação, toda ela é subsidiaria de linhas do Estado. Tal o caso da ligação Regoa, por Lamego, Tarouca, Moimenta, Sernancelhe e Trancoso a Vila Franca das Naves—a qual, entroncando na Regoa, na linha do Douro e, sendo o prolongamento da linha da Regoa a Chaves estabelece a comunicação da parte mais ocidental de Traz-os-Montes com as Beiras e o Alto Alemtejo.

Desde 1888 está estudada para via reduzida de um metro; figura na classificação de 1900; outras diversas vezes, como o já notámos, mereceu *amavcis* referencias; mas hoje, 31 anos volvidos!—continua sendo uma possibilidade. Outro tanto acontece com a linha de Viseu ao Tua, natural prolongamento do ramal Santa Comba-Viseu e por seu turno prolongamento tambem da linha Tua-Bragança. (Ligação das Beiras com a porção central de Traz-os-Montes).

O mesmo se passa com a linha Viseu-Livração por S. Pedro do Sul e o Val do Paiva, a anastomorar-se com a do Tamega e ainda com o do Pocinho a Vila Franca das Naves, pelo Val de Côa, prolongamento até á da Beira Alta, da linha Pocinho a Miranda. (Ligação com a parte oriental de Traz-os-Montes).

Só a linha de Viseu a Mangualde, a estender-se, como tudo o parece aconselhar e exigir, pelos povoados agricolas e fabris da aba setentrional da Serra da Estrela, se excetua do indicado grupo de linhas complementares das do Estado.

Aquelas beneficiando o distrito de Viseu, facultando mais intimas e uteis relações das Beiras com as grandes regiões além Douro, drenam tambem mercadorias e passageiros para a linha do Douro, acrescentando assim, largamente, as suas receitas.

Decerto que entre as indicadas vias aceleradas, é possivel estabelecer uma ordem de preferencia, não sómente sob o aspecto economico de mais seguro rendimento, mas sob o quê designaremos pelo aspeto politico, o qual, neste ensejo, como a Politica se tem descrever com maiuscula inteiramente se concilia com aquel'outra.

E' nossa opinião—(que, como tal, apenas desfruta do valor provindo do escudar-se em parecer de tecnico competente,)—dever conceder-se precedencia á imediata, á urgente ligação da Regoa, por Lamego, com Viseu, isto é adotando até certo ponto o traçado da linha Regoa-Vila Franca e derivando-a, seguidamente, para a séde do distrito, de modo a dar áquela cidade de Lamego a via-ferrea que tanto necessita, facilitando-lhe tambem as suas relações com a Capital da Provincia.

Seguramente aquela derivante não empeceria, nem seria justificativo á tardança na rapida conclusão da rede da Beira tal como profusamente tem sido divulgada nos papeis oficiaes.

Os encargos de construção destas linhas, neste momento avultados; (é este o castigo das acumuladas imprevidencias de dilatados anos!) bem poderiam ser atenuados pelo menor custo da exploração, recorrendo-se á energia eletrica como força motriz. Não escaceiam nas Beiras oficinas hidraulicas com capacidade para os dispendios de toda a rede enumerada, nem novos caudais a aproveitar: Só o Baroza, por uma melhor captação, fornecerá para mais de 8000 cavalos. Teriamos ainda as energias hidraulicas do massiço da Estrela, as do Vouga e as do Paiva, para já não citarmos, como obra de fôlego, a que uma avisada e previsora audacia governativa se afoitaria ou afoitaria outros, o aproveitamento dos 150.000 cavalos perdidos no Douro, á sua passagem pelo norte do distrito da Guarda, na Pronunciada curva em que se contorce cerca de Moncorvo.

Para não citarmos ainda a certamente proxima e necessaria aproveitação do Douro internacional.

Cremos que nem aqueles de quem mais correntiamente sai o apodo á politica de campanario, sempre só, é claro, quando não ande em debate cousa ou lugar onde já se não escute o sino da sua freguezia, divisirão nas nossas palavras simples pleito de bairrismo.

Mas que assim fôra, proclamariamos a vontade e diriamos o requerimento de meio milhão de portugueses da Beira, propagando, ainda que mal, mas com sinceridade, pelos interesses deles que são justos, e pelos do paiz a que eles pertencem e em que contam entre os mais uteis de todos os uteis cidadãos da Republica.

Temos, pois, a honra de submeter á vossa esclarecida apreciação o seguinte projecto de lei:

Projeto de lei

Art. 1.º—E' o Governo autorisado a consignado fundo especial dos Caminhos de Ferro e até ao maximo de escudos 2.000:000$00 anuaes, aos encargos dum emprestimo que, sucessivamente, será aplicado ao complemento da viação ferro-viaria na Beira Alta, em harmonia com o plano ferro-viario ao norte do Mondego, aprovado e classificado por Decreto de 15 de Fevereiro de 1900.

§ 1.º—Poderá o Governo, se assim o entender conveniente, fazer a concessão destas linhas a qualquer individuo, empreza ou companhia, facultando-lhes garantia de juro.

Art. 2º—Se as disponibilidades do fundo especial do Caminho de Ferro do Estado forem insuficientes para cobrir aqueles encargos, será deduzida, como suplemento, a quantia indespensavel ao pagamento de alguma ou algumas anuidades, da receita liquida a entregar ao Tesouro e a que se refere o art. 47 do Decreto 5605 de 10 de Maio de 1919, ou ainda, a prover á mesma insuficiencia, nos termos do n.º 8, do art. 46 do citado Decreto 5605.

Art. 3.º—Na construção destas linhas será dáda preferencia, á que, diretamente, ligue a linha do Douro, por Lamego, com Vireu.

Art. 4.º—E' egualmente autorisado o Governo a construir um Caminho de ferro, ligando Viseu com Mangualde, Gouveia e Ceia, podendo prolonga-lo até ao Entroncamento.

§ 1.º—Será oficialmente notificada a Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, para, no caso de, á data da aprovação deste projecto, se não haver realisado o resgate desta Companhia, no prazo de 30 dias, a contar da publicação desta lei, declarar se pretende usar do direito de opção, consignado no art. 27, do contrato de 3 de Agosto de 1878, para a construção da parte a que tem direito entre Viseu, Gouveia e Ceia.

§ 2.º—No caso da mesma Companhia pretender usar daquele direito, comunica-lo-ho, por escrito, á Direção Geral dos Caminhos de Ferro, no prazo indicado no § 1.º, e, nos 30 dias seguintes, a contar dessa comunicação, depositará na Caixa Geral de Depositos, á ordem do Governo e, para garantia do cumprimento do contrato, a quantia de oitenta mil escudos.

Art. 5.º—Fica o Governo autorisado a eletrificar as novas linhas, para o que poderá adquirir algumas das atuaes instalações hidro-eletricas das Beiras; contratar com elas, ou estabelecer novas instalações.

Art. 6.º—Todos os trabalhos de construção terão começo no prazo de seis mezes, a contar da publicação desta lei, e findarão tres anos depois da mesma data.

Art. 7.º—fica revogada a legislação em contrario

POEIRA DA ARCADA

Taxas no hospital de Ponta Delgada

Em vista d'uma reclamação da comissão executiva da Junta Geral do districto de Ponta Delgada foi aprovada uma nova tabela de taxas a aplicar a nacionaes e estrangeiros, por dia ou fracção egual ou superior a 12 horas, pelo internamento no Hospital de Isolamento d'aquela cidade. As taxas serão: em 1.ª classe, 7$20; em 2.ª, 5$00, e em 3.ª, 3$00; menores de 7 anos, metade das taxas.

Interesses regionaes

O sr. Barbosa de Carvalho, administrador de Sobral de Mont'Agraço, esteve nos ministerios da agricultura e do comercio instando pela resolução de assuntos urgentes que interessam aquele concelho. Conferenciou tambem com o sr. governador civil.

Assuntos coloniaes

Vão ser creadas delegações aduaneiras em Mulugudzi e Muenba, provincia de Moçambique.

—O governador de Moçambique propôz ao ministerio das colonias uma reorganisação dos quadros de pessoal do caminho de ferro de Quelimane.

—Foi nomeado secretario dos negocios indigenas da provincia de Moçambique o sr. Melo Sequeira.

As gréves

Os «chauffeurs» iniciam um movimento geral da classe

Em sinal de protesto contra as multas que injustificadamente teem sido nos ultimos dias lançados aos *chauffeurs*, estes declararam a gréve geral da classe, motivo porque hoje não apareceram nas ruas da cidade *camions* para transportes de passageiros, *side-cars* e automoveis de praça. Tal facto agravou ainda mais a falta de transportes que já se notava devido á gréve dos electricos, prejudicando extraordinariamente o publico, unica entidade que afinal é sempre a prejudicada com todos os conflitos que outros preparam.

O sr. governador civil recebeu hoje de tarde uma comissão de *chauffeurs* que foram pedir ao chefe do distrito a sua intervenção junto do governo, afim de ser revogado o artigo 9.º da lei 1001, comprometendo-se os reclamantes a retomarem imediatamente o trabalho, caso a sua reclamação seja atendida.

O governador civil seguiu depois com os comissionados para o Parlamento, afim de ser tratado o assunto.

Os maritimos

O sr. ministro da marinha procura resolver o assunto

O sr. ministro da marinha está cuidando da forma de resolver com a maior urgencia a questão suscitada entre os maquinistas fluviaes do Porto e os armadores de pesca.

Os fragateiros do porto de Lisboa reuniram-se pelas 10 horas afim de egualmente apreciarem o conflicto. Presidiu o sr. Joaquim Loda, que era secretariado pelos srs. Antonio Micaela e Manuel Vieira, sendo apreciado um telegrama enviado do Porto em que se comunica que o capitão do porto ia retirar todas as cartas de exame desde 1 de julho a todos os que foram indevidamente para bordo dos vapores de pesca.

Tambem se tratou da questão das horas suplementares de trabalho nas fragatas que não são ainda pagas conforme determina a lei. A principiar em 1 de setembro proximo serão postas em vigor as horas suplementares.

Uma comissão da Federação Maritima avistou-se com o sr. ministro da marinha pelas 13 horas afim de solucionar o conflito, ficando resolvido que essa comissão volte mais tarde a avistar-se com o ministro e com os armadores.

A Federação Maritima pede o seguinte aumento: 100 0|0 sobre os salarios actuais e 150 0|0 sobre as rações.

Lisboa sem leite de domingo em diante?

Como estava anunciado, reuniram esta tarde em sessão magna, largamente concorrida, os vendedores de leite de Lisboa.

Presidiu o sr. Bernardino Costa, secretariado pelos srs. Marques Azevedo e Pedro Pereira. Depois dum dos membros da Comissão nomeada para obter dos poderes publicos a alteração da atual lei que rege a venda de leite ter explicado que apenas se teem obtido promessas, foi resolvido efetivar, a partir de domingo, a resolução aprovada em principio em 28 de junho ultimo, de não venderem leite em Lisboa sem que sejam atendidas as suas reclamações.

Todos os oradores concordaram em que a resolução tomada era grave, mas que era o unico caminho que tinham a seguir, em face da apatia das instancias superiores.

ULTIMA HORA

Nos Deputados

Antes da ordem o sr. Bartholomeu Severino envia para a mesa um projecto de lei visando a remediar a falta de communicações da Beira Alta, que está sem estradas nem vias ferroas.

O sr. José Domingues dos Santos—Isso não é verdade. Só se não fizeram as que convinham á sua political

(Entre os srs. Bartholomeu Severino e Domingue dos Santos travam-se vivos apartes e asperas explicações)

Vozes—Isto assim vae mal.

O sr. João Camoezas—E eu a ter que ser comparsa d'esta coisa!

Os animos serenam. O orador manda para a mesa o seu projecto, auctorisando o governo a consignar um fundo especial de 2.000 contos para complemento da viação ferro-viaria da Beira Alta.

O sr. Manuel José da Silva (Oliveira de Azemeis) trata da situação dos reformados das colonias, pedindo a discussão imediata do projecto n.º 571 que lhe diz respeito. De seguido, trata das sobretaxas aplicadas a exportação de azeite de baleia. Por ultimo faz algumas considerações a proposito da representação dos funcionarios da divisão hydraulica do Porto que entrega ao sr. ministro do commercio e em que se pede que a Direcção das Obras Publicas desocupe a parte do predio em que indevidamente se instalou.

O sr. Velhinho Correia, pelo que respeita ao azeite de baleia declarou ter mandado hoje para o *Diario do Governo* um decreto em que se dá satisfação ás reclamações formuladas.

E pelo que respeita á representação procederá conforme fôr de justiça.

O sr. Virgilio Costa protesta contra a maneira como se pensa preencher officialmente as vagas existentes na Bolsa de corretores officiaes.

O sr. ministro do commercio já encontrou uma situação creada quando tomou conta da sua pasta. Procederá no entanto dentro da lei e conforme fôr de justiça.

E entra-se na furia dos requerimentos. Meia Camara requer e a outra concede. Não faz mal. Eles sabem já que tudo aquillo ficará para outubro...

De vez em quando uma voz protesta e outra interroga a mesa. O sr. Camacho quer saber o que a mesa entende por discussão imediata, o que a mesa diz que é aquela que se faz quando se pode fazer. O sr. Amaral Reis protesta novamente—quere a equiparação dos vencimentos dos funcionarios publicos posta imediatamente em discussão.

Ha mais requerimentos. Mais barafunda. Toda a gente fala.

O sr. Antonio Maria da Silva:—Estamos a resolver a mesma coisa de cinco em cinco minutos.

O sr. Henrique de Vasconcelos bate na carteira. Tambem quer fazer o seu requerimento.

O sr. Domingos Cruz—Isto é indecoroso! E' melhor fechar isto de vez!

Ha risos. Apartes. Aumenta a baralunda.

O sr. Ladislau Batalha:—Precisamos aqui d'uma maquina cinematografica.

Toda a Camara ri agora em franca gargalhada. O sr. Mesquita Carvalho na presidencia zanga-se.

Vozes:—Ordem! Ordem! Não pode ser! Basta de brincadeiras!

O sr. João Camoesas:—Opereta e musica de Offenbach é que isto pede!

O barulho aumenta.

O sr. Nunes Loureiro quer que a mesa não aceite mais requerimentos.

E entra-se então na discussão do projecto de lei que diz respeito á Imprensa Nacional e equiparação dos funcionarios.

Falam sobre ele os srs. Alves dos Santos, Brito Camacho, Francisco Antonio Pereira, que requer o seguimento da discussão aprovado em contra-prova, Ladislau Batalha e ministro do interior.

Aprova-se depois o projecto na generalidade e na especialidade com eliminação do art. 4.º e § unico e dispensa da ultima redacção.

O sr. Manuel José da Silva (Oliveira de Azemeis) envia para a meza a seguinte nota de interpelação:

«Declaro desejar interpelar S. Ex.ª o Sr. Ministro das Colonias sobre o regimen e processo das concessões ultramarinas e especialmente sobre a que é conhecida por *Concessão dos Palmares de Kionga*».

O sr. Augusto Dias da Silva requer que o Congresso seja convocado para se prorrogar a sessão até ao fim do mez.

A Camara rejeita e assim se prova que a sessão não passará de hoje. Ficam, portanto, encerrados por hoje os trabalhos parlamentares.

A sessão continua.

No Senado

Obstrucionismo

Como a sessão fôra apenas suspensa na discussão do projecto de lei sobre a concessão do Montijo, hoje, logo de entrada, continuou nas suas considerações o sr. Rodrigues Gaspar, que ocupa toda a sessão, até agora em puro obstrucionismo.

Que lhes preste!

E é assim que no Parlamento se perde tempo e se tratam de questões de interesse vital.

Serviço telegrafico da tarde

Varsovia livre do perigo

VARSOVIA, 18.—Os polacos contra-atacam victoriosamente, participando activamente nos combates oficiaes francezes Os correspondentes dos jornaes asseguram que Varsovia se encontra livre de perigo.—(*Havas*).

O jôgo dos «soviets»

LONDRES, 19.—Um despacho de origem bolchevista diz que começaram hontem ás 7 da tarde as negociações para o armisticio russo polaco. O presidente da delegação bolchevista declarou que o proposito da Russia é respeitar a soberania e independencia da Polonia á qual se offerecerão condições territoriaes melhores que as indicadas pelos aliados conferencia tinha suspendidos o seus trabalhos por algumas horas.—(*Havas*).

OS DRAMAS DO ADULTERIO

O visconde de Vilar morto

pelo coronel Vieira da Rocha

Ha tempos que o sr. coronel Vieira da Rocha, de artilharia da Guarda Republicana, suspeitava que sua esposa mantinha relações com o visconde de Vilar, tendo por varias vezes tentado adquirir a certeza do que se não enganava.

Esta tarde, pelas 17 horas, atravessava a rua do Ouro, proximo ao Banco Lisboa & Açores, o visconde de Vilar em companhia da esposa do coronel com o fim de se meterem n'um trem que ali os aguardava.

Por acaso, o sr. coronel Vieira da Rocha que ia a passar, reconheceu sua esposa e, desorientado, puxou por uma pistola *Savage* disparando quatro tiros contra o visconde de Vilar.

A esposa, ao presenciar a scena, fugiu espavorida, e alguns populares que passavam agarraram-se ao sr. coronel Vieira da Rocha, impedindo-o assim de se lançar em perseguição da culpada.

O visconde caiu por terra ficando junto ao trem, banhado em sangue.

Comparecendo nessa ocasião alguns oficiais e amigos do sr. Vieira da Rocha, levaram-no para a esquadra da rua do Comercio.

Entretanto o ferido era conduzido para o posto da Cruz Vermelha, no Terreiro do Paço, mas ali, devido ao seu estado ser muito grave, mandaram-no para o hospital de S. José, onde, quando chegou era já cadaver.

Pouco depois aparecia na 2.ª esquadra o sr. capitão Rodrigues, 2.º comandante da policia, n'um automovel, o qual levou para o ministerio da guerra o sr. coronel Vieira da Rocha, afim de ser entregue ao poder judicial.

O caso causou grande sensação, manifestando-se o publico a favor do marido e contra a esposa.

Esta foi conduzida para a esquadra, onde se encontra á ordem da policia.

O nome do visconde de Villar D. Vasco da Gama Pinto Pacheco de Moraes, era casado e tinha quatro filhos.

O sr. Vieira da Rocha é director da fabrica da polvora.

A questão dos eletricos

A Camara continua sistematicamente dificultando as «démarches» da Associação Industrial

Continua no mesmo pé o conflicto entre a Camara Municipal de Lisboa e a direcção da Carris, que promete eternisar-se com enorme prejuizo da população da capital e sem que haja quem consiga pôr fim a este estado de coisas, que toda a gente censura. A população de Lisboa já ha dias vem protestando contra a atitude da Camara e n'estes ultimos dias os protestos teem sido mais veementes.

Hoje correu com grande insistencia o boato de que o conflicto ainda não está resolvido, por a Camara Municipal continuar dificultando sistematicamente as *démarches* encetadas pela Associação Industrial Portugueza. A Camara agravou em cerca de 100 0|0 as tarifas em vigor, em 28 de maio ultimo, com excepção dos passes, cujo agravamento foi apenas de 50 0|0, pois as assinaturas que áquela data custavam 40 escudos por semestre passaram a custar 60.

A questão actualmente gira em volta d'esta injustificavel desegualdade, que a Camara de forma alguma quer reparar.

Consciente ou inconscientemente, a Camara está fazendo o jogo de uma *intitulada comissão de municipes* que é orientada por um individuo dissimuladamente inimigo da Republica. Tambem ha quem diga que a campanha contra a Carris vem instigada do estrangeiro por outro individuo egualmente desafecto ás instituições.

Seja como fôr, o conflicto não anda nem desanda, o mesmo sucedendo aos carros... que tambem não andam!

Como de costume, os grevistas voltaram a reunir hoje pelas 15 horas na séde da sua associação sob a presidencia do sr. Carlos Fortes, que era secretariado pelos srs. Joaquim Dias Pereira e Antonio Trindade Durão.

Usaram da palavra, entre outros, os srs. Joaquim Ferreira, José Eduardo Fernandes, Manuel Rola, José Eduardo Fernandes e Jayme Baptista, que se manifestaram largamente contra a vereação que creou uma situação insustentavel.

Todos os oradores foram unanimes em que os grevistas devem manter a maior união e solidariedade, afim das suas reclamações serem atendidas. Recuar ou transigir na actual situação representam um acto de cobardia.

Insurgem-se tambem os oradores contra o facto de pretenderem com a intervenção das auctoridades obriga-los a trabalhar, o que se não conseguirá, motivo por que, mais do que nunca, necessario se torna a maior energia e união da classse do pessoal da carris.

A assembléa protestou energicamente contra o facto de andarem por varios estabelecimentos alguns individuos que se dizem grevistas e a pedir dinheiro, sem para tal estarem auctorisados.

Tres membros da commissão de melhoramentos andaram particularmente procurando na Camara Municipal e na séde da Companhia informações seguras sobre a marcha do conflicto.

Cruz Portuguesa

Realisa-se hoje no Politeama, com a linda peça, «Pele Nova», que ha dias subiu á scena, uma festa promovida pela simpatica instituição de saude denominada «Cruz Portuguesa», que os bombeiros voluntarios de Lisboa, instituiram e que com o esforço da direção actual entrou n'um caminho de grande progresso.

O espectaculo abre com algumas palavras proferidas pelo sr. dr. Tovar de Lemos, director do Instituto de Mutilados, que sobre «A acção da Cruz Portuguesa, na assistencia publica», fará a sua prelecção.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3611 — 11.° ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.° | LISBOA — Sexta-feira, 20 de Agosto de 1920 | Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

Ideias peregrinas!

Na reunião hontem realisada pelos vendedores de leite, houve quem alvitrasse que, caso as reclamações formuladas pela classe não fossem atendidas, se passasse a sustentar as vacas apenas com palho, o que faria imediatamente desaparecer a maior parte das qualidades nutritivas que esse producto tem.

Já o privar por completo de leite a população da cidade, não tomando em linha de conta os doentes e as creanças, merece sérios reparos. Quanto mais o fazer propositadamente com que ele deixe de ser um alimento de primeira ordem, para passar a ser uma mixordia qualquer!

Não sabemos com franqueza que qualificação dar a quem teve tão peregrina—para não dizermos criminosa—ideia.

Na questão dos transportes, as mesmas peregrinas ideias surgem. Uma população inteira sofre as consequencias da paralisação dos carros electricos, porque nem todos teem dinheiro para se meterem em automoveis e trens de praça, que levam o que querem e entendem, sem que para isso se olhe.

Pois um ilustre vereador da camara municipal declarou que a cidade muito bem podia passar cinco ou seis meses sem carros electricos, como se estes fossem um objecto de luxo e não um meio indispensavel de condução para os que teem de ganhar a sua vida e até mesmo para os doentes.

Se esse ilustre edil fosse forçado a percorrer a pé todos os dias longas distancias, a subir e descer as ingremes ruas de Lisboa sob este abrasador sol de canicula, se tivesse de a horas certas estar no seu emprego, emfim se tivesse de ganhar a vida, talvez mudasse de opinião.

Os carros electricos são tanto objecto de luxo como os caminhos de ferro o são.

Devemos concordar que a ideia é peregrina! E não menos peregrina foi a ideia desse outro senhor que na reunião dos 95—note-se bem 95!—portadores de bonés, que pomposamente se atribuem a representação da cidade e falam em nome de todos os municipes, alvitrou que se fosse ás redacções dos jornaes e se obrigassem estes a defender os seus colegas o a Camara na questão com a Carris de Ferro.

Estranha opinião a desse senhor o que falso criterio ele fórma dos casos desta vida!

Como estes exemplos, muito mais poderiamos citar. Mas bastam-nos esses para que se veja quão desnorteados andam certos espiritos, que apoderaram-se de doentes.

Felizmente que a maioria da população portugueza pensa diferentemente e tem ideias sãs. Mas preciso é que essa maioria reaja e se imponha a esses espiritos doentios, cujas locubrações chegam a ser criminosas, como no caso da privação do leite. Queremos crêr que quem propoz tal medida o fez sem avaliar as consequencias que d'ai resultariam, que procedeu mesmo inconscientemente, mas a verdade é que nem por isso deixou de surgir a ideia e de lhe pretender dar execução.

Olhemos todos nós para este estado de coisas e tratemos de meter um pouco de ordem na desordem que parece querer avassalar tudo.

Os interesses capitaes duma população como a de Lisboa não podem estar á mercê do primeiro que se lembre de ter ideias peregrinas.

A guerra civil na Irlanda

Desordens sangrentas se produzem simultaneamente em varias localidades

LONDRES, 19.—Deram-se manifestações anti-militaristas em Dublin.

Perto de Dublin-Castle, tendo sido maltratado grande numero de soldados pelo povo, o posto da guarda deu descargas sobre os manifestantes para permitir aos soldados atacados que se refugiassem no castelo. Mais tarde, os canhões e um automovel blindado andaram patrulhando as ruas da cidade.

Em Sackville-Street, a multidão apoderou-se de varios soldados que iam num *tramway* e tentou atiral-os ao rio Liffey.

Como uma grande multidão ameaçadora se apinhasse junto da ponte O'Connell, um grupo de soldados armados, ás ordens dum oficial, deu uma descarga para o ar, para dispersal-a. O povo encheu-se de panico, e, segundo dizem, ficaram oito pessoas espesinhadas.

A cidade está muito exaltada e a organização dos voluntarios irlandezes aconselha os habitantes a que não se aventurem a andar na rua. A maior parte dos hoteis fecharam as portas.

Em Cork, o povo atacou os soldados que estavam de guarda a um aeroplano militar. Durante a luta que se seguiu, um dos soldados foi morto, ficando outros dois feridos.

Foram afixadas proclamações por toda a cidade, ordenando o *boycottage* á policia ingleza. Alem disso, foi proibido aos irlandezes que abandonassem Cork sem uma licença especial da Republica.

Londonderry foi egualmente teatro de desordens durante o dia. O povo que se juntou em varias ruas foi disperso pelos destacamentos que carregaram sobre os «sinn-feiners», de baioneta calada. Seis pessoas que haviam sido presas e moidas com pancadas deram entrada no hospital.—(*Correspondente*).

POLITICA

O que ficou por votar — O procedimento da Camara perante o projecto dos milicianos—Ponderações, avisos e desabafos—Dois problemas maximos: a ordem publica e a questão das subsistencias

Acabaram hontem as duas casas do Parlamento os ultimos serões d'esta prorogação legislativa em que, pelo visto mal se começou e onde se acabou, com pouco de util e muito de péssimo no decorrer dos respectivos trabalhos.

Procisamos salientar que duas propostas ficaram por discutir que são fundamentalmente um grito de revolta contra o acintoso esquecimento da Camara:—a dos milicianos e a dos tesoureiros de finanças.

A dos milicianos, a que por mais de uma vez nos temos referido aqui, foi dada para a ordem do dia em dezembro do ano passado. E de então até hoje, n'uma farandola macabra, ella tem subido e descido na escala ao sabor dos caprichos da Camara, da má vontade dos ministros e da comprovada incompetencia do sr. Sá Cardoso que o não fadou Deus para cargos de tanta monta!

Foi duas vezes ministro da guerra o major Evangelista... perdão! o sr. Helder Ribeiro e o projecto dos milicianos não se votou!

Quero dizer: emquanto a Patria e a Republica necessitou do esforço e do heroismo desses bravos rapazes, não houve fóra e dentro do Parlamento louvaminhas que lhes não fizessem, citações elogiosas que os não atingissem. Foram na sua quasi maioria milicianos a officiaes que se bateram na Flandres, que demonstraram a sua bravura e a sua heroica resistencia em La Lys e em Armentières, como foram mais tarde os milicianos que se bateram bravamente em Santarem e em Monsanto, em Aveiro e em Chaves.

Miliciano é o deputado sr. Carlos Olavo, um dos prisioneiros dos *bóches*. Milicianos são os deputados srs. Alberto Jordão e Manuel Fragoso, dois dos mais valentes peoneiros da jornada de Santarem. E miliciano,—oh! gentes!—para não citarmos a Camara quasi toda, é o sr. dr. Antonio Granjo, autor da *Grande Aventura*, combatente da Flandres, defensor ardente de Chaves, e actual presidente do ministerio!

Pois nem assim esse projecto foi votado! Pois nem assim a Camara conseguiu vencer a resistencia do chamado espirito de casta que tão bem encarnou nas altas personalidades militares do sr. coronel João Ayres e do sr. tenente-coronel Helder Ribeiro.

Foi o espirito da carta que venceu, esse mesmo espirito da carta que durante a guerra, aparte honrosas e brilhantissimas excepções, nos deu apenas a campanha *defeatiste* e o «21 de outubro», onde, quasi podiamos afirmar, se não encontravam milicianos. E deu-nos ainda como *coup de grace* o «Cinco de dezembro» desdobrado depois no Porto e em Monsanto.

Por essa altura desde 1916 a 1918 os bravos milicianos batiam-se em França como leões, alguns— suprema ironia!— ás ordens do proprio sr. Helder Ribeiro que hoje os vexa para o rol das coisas inuteis e massadoras!

Então eram bons. Hoje não prestam... Mas peor do que tudo isso é o despreso da Camara. A Camara podia ter-lhes regeitado as pretenções. Era um criterio. Bom ou mau, justo ou injusto, a Camara era soberana, e resolvia como entendesse. Mas o que revolta, o que magôa, o que é um escarneo e uma ignominia lançada á farda briosa dos que se bateram, em nome da Patria e da Republica, é este despreso acintoso do Parlamento que fecha as suas portas sem ter um minuto de seu para se ocupar dum assunto que a muitos dos proprios parlamentares dizia respeito!

De nada serviu a voz autorisada de Cunha Leal e de Julio Martins, de Manuel José da Silva (Azemeis) é de Manuel Fragoso, do capitão Plinio Silva e de Alberto Jordão. Tudo inutil! Tudo tempo perdido! E ainda na ultima vez que sobre o assunto incidiu uma votação da Camara, o ministro que a ela devia assistir, passeiava despreocupadamente nos Passos Perdidos. E nem mesmo o sr. presidente do ministerio, o alferes miliciano da Flandres, o defensor heroico de Chaves, teve tempo para levantar a sua voz em prol dos milicianos...

Seja assim! Resta-lhes a eles ao menos a suprema consolação de terem sabido nas horas dificeis da Patria, amal-a e defendel-a com o coração e com a espada. O resto, que é muito, é só poeira das cartas e das politicas que emporcalha mas não deprime.

A Patria e a Republica valem bem o sacrificio de nós todos mesmo que tenha que se passar, como agora, por sobre a ingratidão e o despreso dos politicos.

* *

Fechou hontem o Parlamento. Como dizemos acima ficaram por apreciar e votar alem do projeto dos milicianos, o que dizia respeito aos tesoureiros de finanças que continuam na miseria e na fome, e as propostas de finanças que ao Parlamento apresentou o sr. Inocencio Camacho. Como vae viver agora o governo? O governo viverá com os duodecimos e com o credito especial de 30.000 contos que o Parlamento lhe votou. Falta para que este rasbra um escasso periodo de dois meses durante o qual monetariamente o ministerio do sr. dr. Antonio Granjo terá relativamente vida desafogada. E se hontem o Parlamento não fechasse por falta de numero podia muito bem ser que hoje estivessemos já em pleno regimen de crise declarada. Foi melhor assim? Foi peor assim? Não o podemos afirmar nesta altura. O que podemos é desejar que, livre agora do Parlamento, o governo tem que olhar de frente e com energia para os dois mais graves problemas da hora que passa— a ordem publica e a questão das subsistencias.

Não nos iludamos. Não se iluda o governo. Não ter energia e ponderação, inteligencia e tenacidade. E agora que entramos num periodo morto de acalmia politica, bom será que toda a atenção do ilustre presidente do ministerio se concentre nestes dois pontos maximos da vida nacional, para os resolver, ou pelo menos para os atenuar.

O que não podemos, creia-o o governo, é continuarmos vivendo a vida cheia de pesadelos que caracterisam o penumbreo ambiente das ultimas semanas.

Uma carta do deputado sr. João Bacelar

O sr. dr. João Bacelar pede-nos a publicação do seguinte:

Sr. redactor da "Capital". — Como o jornal «A Situação» faz no seu numero de hoje uma especulação politica sobre o projecto de lei que, com o sr. Jacinto de Freitas, tive a honra de apresentar ao Parlamento, para elucidação do publico peço a v. a fineza de, no seu conceituado jornal, inserir o art. 2.º do mesmo projecto de lei onde se diz: «A presente lei só produzirá os efeitos a que se refere a parte segunda do art. 1.º, passados que sejam 180 dias da sua publicação».

Como v. vê, sr. redactor, o projecto só pôde aproveitar aos individuos presos e ainda sem julgamento, seis mezes após a sua publicação. Quer dizer: se este projecto pretendesse beneficiar alguns em particular, só d'aqui a um ano, pelo menos, esse alguem poderia gosar os beneficios que o projecto porventura lhe concedesse. E não ano na tempo de sobra para julgar todo o individuo que n'esta data aguarde o seu julgamento. Assim a politica deturpa as melhores intenções.
De v. etc.—*João Bacelar.*

PATRIMONIO COLONIAL

Um exemplo a imitar

Quando em Portugal se atravessa uma das mais tremendas crises de que ha memoria no calvario já demasiadamente ingreme da nossa vida economica e financeira, maior que a do seculo XVI, indiscutivelmente maior que a do seculo XVII, crise de tal maneira grave que para a atenuar são poucos todos os esforços possiveis, os olhos de todos os que pensam a serio no futuro da raça e na integridade da nossa autonomia voltam-se ancioasamente para além dos mares, fixando-se insistentemente no muito que ainda ali resta do nosso predominio.

E' lá, por um esforço inteligente e harmonico, patriotico e desassombrado, que nós temos possibilidade de encontrar a indispensavel alavanca cuja existencia possa arcar com a remoção imediata das dificuldades de momento. Momento grave, momento gravissimo, que, ou nós o encaramos de frente, ou ficamos esmagados sob o peso enorme da nossa inercia criminosa!

Eis o motivo por que rejubilámos ao ler ha dias no nosso jornal a constituição d'uma nova empreza agricola, a *Companhia Colonial Agricola Capela*, cujo objetivo principal se cifra na exploração imediata dos fertilissimos terrenos encaixados entre os rios Bengo, ao norte, e Quanza, ao sul, na circunscrição civil de Icolo e Bengo, a dois passos de Loanda. Quer o Bengo, quer o Quanza são navegaveis. E os terrenos da nova *Companhia Colonial Agricola Capela* são ainda atravessados pela linha ferrea de Ambaca e teem nos seus limites nada menos de duas importantissimas lagôas, cujas aguas representam um indiscutivel valor para a fertilisação dos terrenos pela sua drenagem.

Ha ainda novas vias ferreas em estado, pequenos navios de cabotagem para as comunicações com os portos do litoral, e em perspectiva uma carreira de navegação exclusiva para o trafego entre os terrenos da Companhia e o mercado.

Vejamos agora, *grosso modo*, o largo alcance desta empreza. Ha, nos terrenos da *Companhia Capela*, extensissimas matas virgens, com riquissimas madeiras originarias destes climas, de facil e imediata exploração, e os terrenos de cultura prestam-se, por experiencias realisadas e coroadas do maior exito, á cultura do algodão, o que representa um caudal de ouro, canalisado para a metropole. Alem disso, e alem da existencia de terrenos de demais cereais, como seja o milho, arroz, batata, feijão, etc., cultiva-se ali, segundo experiencias feitas, egualmente de resultados magnificos, a sacarina e o tabaco, palmeiras e coqueiros, toda uma riqueza imensa a abrir-se-nos em vantagens de exploração ao nosso mercado asfixiante e famelico.

Aproximadamente tres mil indigenas espalhados em sanzalas já hoje inamoviveis, raça civilisada e pacifica, compreendendo-se na nossa lingua e vivendo os nossos usos e costumes agricolas, oferecem os seus braços solidos á exploração da terra. Garantida assim a mão d'obra, previamente estabelecidas em bases solidas as comunicações rapidas e indispensaveis, e com uma vastidão de terrenos fertilissimos, a nova *Companhia Agricola Capela* representa na miseria do nosso dia a dia economico, o mais agigantado passo na resolução pratica e imediata do nosso problema das subsistencias e na solução não menos importante d'uma parte do nosso gravissimo problema economico, sob o ponto de vista colonial.

Imagine-se o que será dentro em pouco o futuro d'esta Companhia, que, tendo já realisado o capital inicial de quasi quatro mil contos, e pode elevar, d'um momento para o outro, a quinze mil, segundo os seus estatutos, no caso de necessidade.

Iniciativas d'estas, avantajadas emprezas d'esta força, representam, de facto, alguma coisa de muito louvavel e de muito patriotico, na confusa organisação da sociedade em que vivemos.

Não tarda muito que dos ferteis campos das margens do Bengo e do Quanza nos venha um caudal de riqueza enorme em milho, que é ouro, em madeiras, em algodão, em tabaco, que ouro é tambem.

Mas ha mais ainda. O problema do abastecimento das carnes é hoje de uma extrema agudez. Quasi se pode afirmar que estamos desfalcados e exaustos, a tal ponto que os nossos matadouros, dias e dias não abatem uma unica rez por falta de materia prima.

Pois bem. A Companhia tem dentro das suas propriedades uma região especial onde o gado se dá optimamente e, assim, pensa em fazer a sua procreação e explorar as industrias das carnes e cortumes, o que virá necessariamente resolver as dificuldades em que a metropole agora se debate.

Por aqui se vê a importancia enorme e de momento que traz para a economia nacional a constituição da *Companhia Capela* uma das que ultimamente creadas mais deve merecer a nossa atenção e os nossos elogios. Porque é um grande passo realisado na resolução de problemas que são para nós de vida ou de morte; e porque na sua rasgada iniciativa ha muito daquele indispensavel patriotismo, com o qual dificil será salvarmo-nos no meio de tantas e tão graves dificuldades que nos assoberbam.

Represento, de facto, a *Companhia Capela* uma empreza solida, de lucros certos e vantagens indiscutiveis. Mas representa mais do que isso uma era nova de resurgimento colonial que muito folgamos registar e aplaudir e que servirá de incitamento á constituição de novas emprezas, ao desenvolvimento desse colosso que é a provincia de Angola e onde todas as energias teem a melhor garantia dos seus esforços. Um dever sagrado ficará sendo agora, já para os governos, já para os nossos capitaes, favorecerem emprezas, que, como esta, vão juntar-se ao pequeno nucleo de emprezas já hoje florescentes como, por exemplo, a cuja frente se encontra, a do Assucar, de Angola, e que, de vido unicamente ao seu esforço proprio, em conjunto estão salvaguardando patrioticamente o nosso patrimonio colonial.

OS SINDICALISTAS EM ACÇÃO

Um atentado contra o dr. Felix Horta

E' ferido a tiro esse vogal do Tribunal de Defeza Social — A prisão do criminoso—A multidão pretende linchal-o

Mais um atentado identico ao que em 4 de julho foi praticado na Avenida Almirante Reis, contra o saudoso dr. Pedro de Matos, vogal do Tribunal de Defeza Social, foi hoje a meio do dia levado a efeito na rua Primeiro de Dezembro.

Desta vez o alvejado foi o sr. dr. Felix Horta, vogal do mesmo tribunal, e advogado distinto que, como sucedeu ao seu falecido colega dr. Pedro de Matos, foi ferido a tiro por um inimigo da ordem social.

Felizmente, o sr. dr. Felix Horta não ficou atingido mortalmente, sendo de esperar que a não sobrevirem quaisquer complicações, deve amanhã ter alta do hospital de S. José, onde se encontra em tratamento.

Como sucedeu ao dr. Pedro de Matos o sr. dr. Felix Horta ia sendo vitima por cumprir conscienciosamente o dever que lhe fóra incumbido de defender a sociedade dos desvairados, motivo porque chamou sobre si odios que de modo algum se podem justificar.

Como o sr. dr. Felix Horta era um dos membros do Tribunal de Defeza Social que maior energia punha na defeza da sociedade, foi tambem votado á morte, tendo-se para tal fim organisado um *complot*, pondo hoje pouco depois das 13 horas um dos conjurados em pratica o seu plano, em tudo identico ao que vitimou o dr. Pedro de Matos.

Como é natural, o atentado constituiu durante o dia o assunto obrigado de todas as conversações, e durante largo tempo, no Rocio e rua 1.º de Dezembro, teatro do crime, estacionaram milhares de pessoas, que comentavam o ocorrido. Ao hospital de S. José, para onde o sr. dr. Felix Horta fóra conduzido, acudiram numerosas pessoas a inquirir do seu estado, o qual, como acima deixamos dito, não é grave.

Tivemos ocasião de trocar rapidas palavras com o sr. dr. Felix Horta, após ter sido pensado no banco pelo sr. dr. Sabino Pereira e enfermeiro José Bernardo. O ferido, que havia recebido a casa das observações e que tinha o pescoço e cabeça com ligaduras, recebeu-nos alegremente, e é a sorrir que nos descreve como a scena se desenrolou:

—Eu saí de minha casa, na rua do Gremio Luzitano, 21, 3.º, cêrca das 13 horas, afim de me dirigir ao cartorio do antigo tabelião Cosmeli, na rua 1.º de Dezembro, 41 e 43, onde ia ter uma conferencia com uns clientes. Ao passar entre dois tapumes de obras que se erguem proximo do lactario, e, antes de nele ter dado entrada, ouvi um estampido junto dos meus ouvidos, tão forte que julguei se tratasse de um petardo. Depois senti qualquer coisa no ouvido esquerdo, ao qual levei a mão, que retirei ensanguentada. Só então compreendi que estava ferido e, como me dirigia para o notario, desatei a correr para lá e pedi que me socorressem. As pessoas que ali se encontravam ainda ficaram mais atrapalhadas do que eu e na confusão do momento ninguem se lembrou de me fazer conduzir para o hospital.

«Como vi todos aparvalhados, saí então por meu pé, aparecendo-me o alferes Boavida, ajudante do comissario geral da policia, e varias creaturas amigas e entre elas o José de Melo e outros, que me meteram num *side-car*.

«Devo confessar-lhe que tenho o maior horror a essas maquinetas, que me dão a impressão de que se escangalham sempre que a gente toma logar nelas. E, com todos os diachos, era muito desagradavel escapar de um tiro e ir morrer vitima de desastre num *side-car*...

«A *traquitana* não avançava do Rocio e, como eu estivesse a esvair em sangue, resolvi saltar do veiculo e ir tomar um auto que me conduzisse ao hospital. Nessa ocasião vi uma grande turba, tendo-me sido dito que era o meu agressor que seguia preso a caminho do posto do teatro Nacional. Ainda me veiu á cabeça dar-lhe um tiro, mas estava desarmado... Lembrei-me depois de o socar valentemente, porque essa gente só a soco forte, mas... decidi-me a vir para o hospital.

«E aqui estou, não tendo senão a agradecer a fórma carinhosa como o medico e enfermeiros me teem tratado.

«Mas isto não é nada, não tem importancia, e estou capaz de outra,—termina alegremente o nosso interlocutor.

Nesta altura entra na sala das observações, a inquirir do estado do ferido, o seu colega sr. dr. Raul Viana, vogal do Tribunal de Defesa Social. O dr. Felix Horta, sempre bem disposto, exclama:

—O' colega, ponha você agora as barbas de molho... Eles liquidaram o Pedro de Matos e agora queriam liquidar-me. Portanto, vocês estejam prevenidos.

«Mas desde já te aviso que isto é uma grande massada. Estar aqui de cabeça amarrada, com a camisa suja de sangue, representa uma estopada enorme...

«Mas escapei por um milimetro. O meu tiro é o mesmo do Pedro de Matos, e foi dado da mesma fórma e na mesma direcção. A bala do Pedro de Matos deu-lhe a morte por um milimetro e a minha, por um milimetro, não me salvou. Se fosse mais acima um pouco, era um homem morto...

De facto, o medico de serviço no banco do hospital de S. José, o sr. dr. Sabino Pereira, verificou que o sr. dr. Felix Horta apresentava um ferimento do lado esquerdo da face, por debaixo do ouvido, tendo a bala perfurado levemente o pelo, saindo por detrás do queixo. O estado do ferido não inspira cuidados e é natural que o sr. dr. Felix Horta deve ser amanhã transportado do hospital para sua casa.

O criminoso, ao ser conduzido para o Governo Civil, foi maltratado pelo povo

Como acima deixamos dito, milhares de pessoas, ao terem conhecimento do atentado, se dirigiram ao Hospital de S. José, a inquirir do estado do ferido. Ali vimos o sr. ministro do Interior, varios magistrados, funcionarios do tribunal da Boa Hora, vereadores da Camara Municipal; o tenente coronel sr. Liberato Pinto, chefe do Estado Maior da Guarda Republicana, um dos secretarios do sr. ministro da Justiça; funcionarios do Governo Civil, da policia civica e da Segurança do Estado, jornalistas, etc, etc.

O sr. dr. Felix Horta reconheceu o seu agressor ao sair do cartorio do tabelião, vendo-o entre um grupo suspeito. Esse grupo tratou de disfarçadamente pôr a salvo, tendo o criminoso fugido em direcção á rua Nova do Carmo. Feito o alarme sobre ele, foi preso na rua Nova do Carmo pelo guarda civico n.º 1061. O criminoso tentou fazer frente ao captor, apontando-lhe a pistola com que praticou o crime, mas o guarda empunhou tambem a sua pistola, disposto a fazer fogo o que não conseguiu por a arma se ter encepado. O preso intimidou-se então e com o maior sangue frio, guardou a pistola na algibeira, dispondo-se a acompanhar o civico até ao posto do teatro Nacional.

Uma vez ali declarou a sua identidade: Manuel de Abreu, de 19 anos, marceneiro, morador na rua Particular dos Prazeres, 14, rez-do-chão. Trata-se de um jovem sindicalista, que deve fazer parte do grupo maximalista da Cascalheira.

Logo que constou a prisão, uma multidão enorme se juntou no Rocio e proximidades do posto policial, mostrando-se o povo exaltadissimo contra o preso, motivo por que o chefe, sr. Assunção, tomou todas as precauções para evitar qualquer senhoria grave.

O caso foi participado para o Governo Civil, tendo imediatamente seguido para o Rocio o sr. Zeferino da Silva, secretario da policia de Segurança do Estado, que se fazia acompanhar de varios agentes. O preso, metido entre uma grande escolta de policias, seguiu depois para o Governo Civil, sendo acompanhado por enorme multidão, que constantemente o ameaçava.

Quando o preso se dispunha a subir a rua Nova do Carmo, a multidão rompeu com gritos de morra, esboçando-se uma tentativa de linchamento, o que foi evitado pelo chefe da policia de Segurança do Estado, sr. Zeferino, o restantes agentes. O chefe referido teve de brandir a sua espada e o sr. Zeferino de empunhar a sua pistola, pondo assim um dique ás iras do povo. O preso ainda foi socado pelos mais exaltados, chegando varios populares a apedreja-lo, sendo para isso utilisadas as pedras da calçada. Seis pessoas que o preso sendo reparado junto, ás portas da casa de modas de Oliveira & C.ª, da referida rua, 108 e 110.

O chefe Assunção e o secretario da segurança do Estado, auxiliados por varios agentes e guardas, conseguiram ao sem custo restabelecer o socego, seguindo então o preso, para o Governo Civil, sempre acompanhado de enorme multidão que levantava vivas á Republica, correspondidos com verdadeiro entusiasmo.

Uma vez no Governo Civil, onde não foi permitida a entrada a pessoas estranhas, o preso recolheu ao gabinete do comissario de serviço, capitão sr. Ferreira, comparecendo ali pouco depois o sr. governador civil, o comissario geral e demais oficiais da corporação, directores da policia de segurança do Estado e da investigação criminal e o alferes sr. Leote do Rego, ajudante do chefe do estado maior da G. N. R.

O Manuel de Abreu, que sofreu um rapido interrogatorio, confessou o seu crime, tendo-lhe sido apreendida uma pistola, marca F. N. que estava encravada, motivo por que naturalmente o criminoso não poude fazer fogo contra o captor.

Declarou o preso ser o unico responsavel do atentado, que premeditara como protesto por o dr. Felix Horta ter sido quem contribuiu para, em 5 do corrente, serem condenados, no Tribunal de Defeza Social, Antonio José Pinheiro *O Ribeirinho* e Domingos da Silva Figueiredo, implicados nos atentados dinamitistas que em 9 de fevereiro ultimo se deram em Guimarães contra o industrial sr. Antonio Martins Leite.

Depois de fotografado, o preso foi entregue á policia de segurança do Estado, recolhendo por fim, incomunicavel, a uma esquadra.

Tanto o chefe Assunção como o sr. Zeferino da Silva ficaram ligeiramente feridos nos dedos, quando da tentativa de linchamento contra o criminoso.

No hospital de S. José compareceram, após o crime e no intuito de ouvirem as declarações do sr. dr. Felix Horta, o agente Dias da 1.ª secção da policia de investigação criminal, o qual não poude proceder a qualquer diligencia, por o medico de serviço sr. dr. Sabino Pereira entender que o ferido necessitava de repouso.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

O livro "Infeliz-Mente!"

No pavilhão dos criminosos

Ao fechar-se atraz de mim a porta de ferro, meia envidraçada, do pavilhão dos criminosos, destinado ao isolamento preventivo, eu tive a extraordinaria sensação de sentir fechar-se a porta do meu tumulo.

Um extenso corredor, de grande pé direito, iluminado por uma claraboia, tendo d'um lado e d'outro grossas portas de madeira com um orificio em oval, abria-se na minha frente.

A cela do meio, á esquerda, era a que me fôra destinada. Um frio intenso e uma tremura interior se apoderou de mim ao entrar n'esse carcere. N'essa hora de suprema angustia, adejou sobre mim a alma de meu Pae.

A minha cela tinha, como as outras, uma fresta gradeada junto ao tecto.

Como eu era a unica habitante d'aquela horrivel morada, a enfermeira deixou-me passear no corredor; e, então, eu murmurava como n'uma prece, tão baixo, que nem eu propria ouvia: meu Deus! tem piedade! meu Deus! não me abandones! Vendo, porem, que me observavam, tentando descobrir-me qualquer coisa anormal, com uma força de vontade de que me julgava incapaz, não deixei transparecer o que se passava na minha alma. Pensei intimamente que não devia exteriorizar a minha dôr, pois que, d'aquelas portas a dentro, eu era apenas uma louca e tudo quanto fizesse seria tomado como sintomas de loucura!

Chegou o jantar. Mal lhe toquei. Tranzida de frio e, porque não dizê-lo? de horror pelos dias e noites que ali ia passar, deitei-me vestida na via. Não tinha sono, sentia apenas necessidade de descansar o corpo. Mas, ai de mim! A cama era bem dura para que me désse alivio.

Ao escurecer acenderam um gasometro de lata. E' bem mesquinha luz para um hospital *modelar*, mas, tambem, quem ali entra, por muita luz que tenha, não pode saír das trevas.

Quando todos se deitaram, dei livre curso ás lagrimas e, creia o leitor, que, tão amargas, pouca gente as tem chorado.

Sangrava-me o coração e sinda ia no principio do Calvario.

Comecei a ouvir uma canção dolente. Julguei que fôsse alguem que passasse n'alguma rua proximo. Mas a voz não se afastava e a canção era sempre a mesma. Ouvi depois uma outra voz, cantando, e foi então que compreendi que ali estava eu e as loucas. Isto fez-me uma impressão enorme. Cobri bem os ouvidos com a roupa; não queria ouvi-los cantar... Inutil esforço! Ouvia-os apesar de tudo.

Não concilei o sono em toda a noute. De manhã ao levantar-me a algazarra era enorme e foi então que eu soube que pegado ao pavilhão havia uma enfermaria de loucos e no lado, separado apenas por uma estreita rua, um recinto gradeado onde os doidos doutras enfermarias estavam nos dias bons.

Por um instante apenas, leitor, julgue-se no pavilhão dos criminosos a ouvir aquelas vozes, sempre os mesmos sons, os mesmos cantares, os mesmos uivos como de animais e diga-me, depois, se, em seguida ás emoções sofridas, eu não podia ter endoidecido. Não quis, porem, o destino que tal me sucedesse e fez-me resistir para que eu pudesse continuar o meu tormento.

No meu «Doida, não!» está a narrativa do que se passou nesses dias, no isolamento, e, se não me detenho em pormenorizar-lho aqui, é porque não desejo entristecê-lo, descrevendo-lhe os desgraçados que vi na nesse pateo, quando, para espairecer um pouco de ar, a ajudante (presentemente enfermeira) me fazia assomar á porta do pavilhão. Havia um em especial que muito dó me fazia; um rapazinho, para quem no despontar da vida o mundo era, apenas, o pátio do hospital. Essa pobre criança, saltando sempre no mesmo sitio, como quem salta uma pedra, em sons inarticulados, mas estridentes, manifestava a sua alegria imensa... Algumas vezes pensei, quando através a algazarra dos outros lhe distinguia a voz, mesmo estando dentro da minha cela, se não seria para ele muito melhor a morte. Mas quasi morto estava ele, afinal, pois que, embora o corpo tivesse vida, estava morta a razão.

Mudemos, porem, de assunto.

Uma noute sonhei que tinha endoidecido e ao acordar eu queria convencer-me se não passava de um sonho ou se era a realidade. Depois de reconhecer que fôra um pesadelo tranquilisei-me. Estava em meu juizo!

Era forçoso distrair-me de qualquer modo e para isso pedi licença ao secretario, *o ave negra* como no hospital, onde ele não tinha simpatias, e pessoal o alcunhava, quando ele foi visitar-me ao pavilhão, para escrever o meu diario. Mandaram-me papel e eu nalgumas horas do dia tentava alhear-me do que se passava em volta, escrevendo.

Fiz desse pobre diario um confidente, mas devo declarar-lhe que, com medo dos curiosos, não fui de todo franca com ele... se-lo-hei, no entanto, comsigo, leitor.

Maria Adelaide

PELO TELEGRAFO

Um desmentido do general Huerta

MEXICO, 19. — O general Huerta desmente a noticia da sua renuncia á presidencia.—(*Americana*).

A gréve geral na Argentina

BUENOS AIRES, 19. — O chefe de policia nega que as bombas encontradas no palacio de justiça tinham relação com os preparativos da gréve geral. A ordem está assegurada.—(*Americana*).

O direito de voto ás mulheres

NEW YORK, 19. — A camara dos representantes do Tennessee aprovou o projecto que confere o direito de voto ás mulheres. Por este voto, o projecto torna-se definitivo.—(*Havas*).

Theatros e Cinemas

Entrevistas e palestras

: Samwel Diniz :
no Teatro de S. João
: : : no Porto. : : :

Dissémos que este inverno muitas surprezas haveria a constatar.

Dêmos aos leitores a noticia referente ao Ginasio e, no interregno para novas e fenomenaes revelações, aqui teem os leitores outra novidade *à sensation*:

Samwel Diniz, um dos novos que mais facilmente conseguiu aparecer no ano passado, está constituindo uma companhia.

E' ele proprio, amavel, cortez, delicado, quem nos comunica, n'uma rapida palestra, os seus designios:

— Abortadas as negociações para ficar com Alves da Cunha no Ginasio, tratei de procurar a minha posição. Não foi dificil e, se os teatros de Lisboa, mais ou menos tomados para o inverno, não permitiam que aqui figurasse, havia o Porto. E' lá, no Teatro de S. João, durante o inverno até que a *saison* de opera abra, que representarei, com uma companhia onde não haverá aguias, mas simplesmente homogeneidade, honestidade e desejos artisticos.

— Quem figura nele...

— E' cedo ainda para lhe indicar nomes. Muita gente encontrei já contractada; no entanto, repito, tenho já a cooperação de bons elementos.

«O ensaiador será Antonio Pinheiro, terei um galã que é muito apreciado em Lisboa e o Porto ainda não admirou devidamente no seu repertorio forte..., etc., etc., por emquanto segredo profissional.

— E peças...

— D'aqui a alguns dias lhe darei tudo em primeira mão.

— De fórma que o Porto póde contar com uma companhia de declamação durante o inverno, que não vae lá em *tournée*, mas sim se organisa para lá...

— Um facto. E é possivel que, depois d'uns mezes, venha, então, em *tournée* até Lisboa...

Ora ahi teem os leitores o que não esperavam, nem a *madame X*... podia adivinhar no futuro brumoso do Teatro em 1920-1921.

D. Justus.

Noticias velhas

31 de Agosto de 1858

Inaugura-se na rua Oriental do Passeio Publico, ao pé do largo da Annunciada, o «Teatro Mechanico» ou de «fantoches». Os empresarios italianos fizeram grandes interesses, agradando imenso! O teatro era de madeira, e armava-se e desarmava-se com facilidade. Os preços eram altissimos para o tempo: cadeiras numeradas 500 reis, 2.ª plateia 300, terceira 140.

Noticias novas

Entre nós

Faz amanhã 58 anos o maestro *Luiz Felgueiras*.

—A «commère» da revista «Sem camisa» que só subirá á scena na proxima 5.ª feira é a descipula Judith Sousa, antiga «actriz» do Teatro Salão dos Anjos.

—Passa-se no domingo o centenario do grande actor «Tasso». Quem se lembra...

—O actor Sanwell Diniz não faz festa artistica no «Politeama» este verão como erradamente se anunciou. Possivelmente faria uma festa artistica no «Ginasio».

—Está marcada para 2.ª feira 30 no Nacional a premiere da peça portugueza «Os lôbos».

As representações de «A Castro» são interrompidas, no Nacional, nas noites de 24 e 25, visto a companhia ir ao Porto realisar as «recitas de gala» por ocasião da visita do sr. presidente da Republica áquela cidade, a onde se efectuam as festas comemorativas do centenario da revolução de 1820. «A Castro» torna a aparecer, no Nacional logo na noite de 26.

Reclames

Por emquanto ainda está marcada para amanhã no Eden a «premiere» da revista «Sem Camisa», que só não subirá á scena por dificuldades da sua complicada montagem. A nova peça terá a interpreta-la os seguintes artistas: Palmira Torres, Sofia Santos, Flora Dyson, Elisa Santos, Tina Coelho, Clara Baptista, Sarah Medeiros, Lina Santos, Ilda Victoria, Judith de Sousa, Ilda Litaly, Angelina Santos, Antonio Gomes, (do Trindade), Arthur Rodrigues, Alvaro Pereira, Alfredo Pereira, José Guedes, Anibal Augusto, Miguel Pereira, A. Pinto Junior, Silva Machado, Alvaro Fialho João Silva, Teodoro Freitas e Cesar Ferreira. O corpo coral e de baile é composto por mais de 50 figuras.

A luta entre russos e polacos

As negociações para o armisticio

LONDRES, 19.—Kameneff recebeu um desdacho de Moscou de 18 e dizendo que a primeira reunião para o armisticio em Minsk se realisou no dia 17 concordando-se em celebrar outra no dia 18, apezar da oposição dos polacos, que queriam que fôsse em 19. Tendo faltado os polacos, a reunião não se realisou, protestando contra isso os russos de acordo com os ukranianos que tambem assistem ás negociações.—(*Havas*).

As forças russas fôgem em debandada

VARSOVIA, 19.—Os polacos continuam a avançar e a derrotar em varios pontos as forças russas, que fogem em grande panico. No dia 18 os polacos fizeram mais de 2.000 prisioneiros e tomando grande quantidade de aviação franceza. Os polacos estão trabalhando incansavel e eficazmente a fim de conterem em varios pontos os movimentos do inimigo.—(*Havas*).

Gravissimos acontecimentos em Kattowitz

BERLIN, 19.—Os jornais dizem que são gravissimos os acontecimentos do Kattowitz. Durante toda a noite de 18 para 19 esteve cercado pela multidão o edificio onde reune a comissão polaca do armisticio, rendendo-se apenas ás 9 horas da manhã. As 17 pessoas que estavam lá dentro foram fusiladas depois de um julgamento sumarissimo. A multidão saqueou a redacção do jornal polaco e dos estabelecimentos polacos.—(*Havas*).

A simpatia dos Estados Unidos pela Polonia

NEW-YORK, 19.—Respondendo á delegação polaca, o secretario do Estado, sr. Golby, manifestou toda a simpatia dos Estados Unidos pela Polonia. Reiterou a recusa do senado em ratificar o tratado que permite aos Estados Unidos dar á Polonia toda a assistencia desejada.—(*Havas*).

Os russos ameaçados de envolvimento

VARSOVIA, 19.—A ala direita das tropas do marechal Pilsudski ameaça envolver as colunas russas que marchavam sobre Varsovia.—(*Havas*).

Os Estados Unidos estudam um pedido da Polonia

WASHINGTON, 19.—O pedido dos polacos á America relativamente á organisação de voluntarios para a defeza da Polonia implica com questões melindrosas respeitantes á neutralidade que os peritos da Secretaria do Estado se acham estudando. A Secretaria do Estado mostra apreensões sobre os esforços dos russos para a introdução do bolchevismo na Polonia.—(*Havas*).

O chefe do governo francez nas regiões devastadas

Já a Havas tem dado noticias da viagem do sr. Millerand ás regiões devastadas. São interessantes os pormenores que ácerca dessa visita encontramos nos jornais francezes. Uma correspondencia de Soissons diz:

O sr. Millerand, acompanhado pelo sr. Saint, perfeito, e pelo sr. Ringuier, deputado, proseguiu na sua visita ao Aisne devastado.

Os campos, tão ferteis no norte, encontram-se incultos. Aquem e além os trigos estão cortados, a aveia, tardiamente semeada, principia agora a mostrar as suas espigas douradas pelo sol, mas, muito fracas. Ninguem sabe porque uns campos se cultivaram mais tarde que outros, mas atribue-se isso á falta de braços ou insuficiencia de auxilios.

A falta de dinheiro é a verdadeira origem de tudo, e o sr. Millerand ouvirá dizer isso por toda a parte. Em Fére, foi mesmo o sr. Maginier que o fez ouvir, na qualidade de conselheiro geral. Em Tergnier e em Chauny, nos degraus dos edificios municipais, usaram da palavra os *maires*.

A todos, o sr. Millerand fez comprehender, á força de vontade persuasiva, que, dum lado ao outro do *front*, o paiz está arrazado, arruinado, que reconquistará a sua prosperidade só com tempo, com paciencia e trabalho.

A restauração não se faz com o auxilio da varinha magica. Pedir o impossivel, é votar-se a uma completa falta de coragem.

Nas cidades, o levantamento dos escombros principia agora As casas começam a ser reparadas e os abrigos não são bastante numerosos.

A iniciativa, particular de mãos dadas com o esforço, já realisaram maravilhas no dominio industrial, porque Aisne, tão poderosamente agricola, era tambem, antes da guerra, a séde duma florescente industria vidreira. Chauny era em 1914 a capital da industria quimica franceza. Destruida em 98 0/0 com 22 ou 23 milhões de estragos no ano de 1914, principiou a derreter as suas sodas e a despejal-as nos tanques em dezembro de 1919. Nessa industria ocupa agora 1100 operarios.

O seu desimpedimento começou e está quasi terminado, e a sua reconstrução está muito adeantada e já se pode traçar um programa de entrega de trabalhos

Assim acontece em muitas casas fabris.

A visita terminou com a ida de Millerand a Coucy-le-Chateau, a melhor cidade historica, cujas ruinas projectam as suas sombras no céo azul.

Ao meio dia, o presidente do conselho e seu sequito entraram na cidade de Soissons, onde as autoridades locais, a cuajs se havia juntado o sr. Chênebenoit, senador, o receberam no palacio da Perfeitura.

Nota do dia

Parte na proxima segunda feira para Paris o nadador Bazilio dos Santos, que vae representar o nosso paiz na travessia de Paris-Nado, a mais importante prova de natação que se disputa em todo o mundo.

Bazilio é presentemente o nadador de fundo que mais se tem afirmado; o ano passado ganhou a travessia do Porto, e é como premio desta corrida que ele vae tomar parte na travessia de Paris.

Podemos alimentar a esperança de que Bazilio se classifique bem nessa importante corrida, cujo percurso é de 12 quilometros. Ao seu lado lançar-se-hão á agua alguns dos melhores nadadores de todo o mundo.

Antonio Bazilio dos Santos

Bazilio Santos, que em todas as provas nacionaes tem representado o Sport Algés e Dafundo, será acompanhado pelo nosso amigo Oliveira Valença, presidente do Comité Regional do Norte de Natação. Durante a sua estada em Paris, antes da corrida, Bazilio vae manter um treino assiduo e sueca preparação que o coloque em egualdade de circunstancias contra os outros amadores, que sempre se apresentam numa «forma» esplendida.

A Bazilio e Valença desejamos bôa viagem e o triunfo ambicionado.

FOOT-BALL

Espanhoes contra portuguezes

CHAVES, 17.—Vamos, sem duvida, assistir a uma festa encantadora e de valor sportivo com a realisação do desafio internacional de foot-ball, entre os 1.ºs teams do Grupo Desportivo Flaviense e do Rayo Sporting Club, de Espanha, para a disputa da «Taça Flavia».

O vasto campo do Tabulado onde o encontro se vae efectuar, povoar-se-ha nesse dia de milhares de pessoas não faltando, é claro, a graça das gentilissimas damas, em vistosas *toilettes*, avaliando pelo grande enthusiasmo que entre nós está lavrando a grandiosa iniciativa deste acontecimento sportivo, o que constitui mais um bom sintoma de incremento na importante base da vida sportiva.

A' comissão organisadora do desafio tem afluido votos de simpatia e de aplauso, quer de criaturas de fóra, quer de pessoas gradas do nosso meio sportivo, pela vinda duma «équipe» espanhola a esta formosa vila transmontana. De entre estas manifestações de aplauso, destaca-se uma expressiva e animadora carta, dirigida ao ilustre presidente da direcção do Grupo Desportivo Flaviense, sr. Nicolau Sebastião Mesquita, pelo conhecido «foot-baler» do Imperio de Lisboa, sr. Alberto Nunes.

Este simpatico e destemido moço que o ano passado jogou entre nós em alguns desafios, um dos quaes com o mesmo Club que este ano vem disputar a Taça, causou sempre viva admiração na assistencia que o aplaudia constantemente nas suas formosas e cientificas avançadas.

NOTICIARIO

De Portugal

Parece que os campeonatos de water-polo que se deviam iniciar no domingo no tanque da Casa Pia foram transferidos em virtude de não se encontrar ainda o tanque cheio.

—No proximo domingo realisam-se no Stadium corridas ciclistas e de motos.

Pimoulier disputará com Raposo e Cristiano uma prova de resistencia em 3 mãos de 10 voltas.

Os nossos motociclistas amadores disputarão tambem corridas de 20 voltas. Em profissionais, não sabemos se Arido corre, visto que Fuentes teve de se retirar para Espanha em virtude de ter de tomar parte numas corridas que se realisam nos dias 1, 2 e 3 de Setembro entre San Sebastian-Madrid.

Comtudo a empreza do Stadium certamente organisará um programa atraente.

—No proximo domingo volta a efectuar-se nas instalações do Sporting Vila Franquense, em Vila Franca de Xira, uma interessante festa hipica. E' um torneio á antiga, em que tomam parte grande numero dos nossos amadores.

Haverá premios valiosos e a organisação desta festa está confiado a um competente sportsman da velha guarda, presidente do Sporting de Vila Franca.

—No dia 9 do corrente realisou-se no Bombarral uma corrida de bicicletes de 42 kilometros, chegando os corredores pela seguinte ordem:

1.º José Pereira da Conceição, de Bombarral, em 1 h. e 37 m.

2.º Feliz Pereira da Conceição, de Bombarral, em 1 h. 40 s.

3.º Francisco Rosa, de S. Mamede, em 1 h., 45 s. e 30 m.

4.º Joaquim Cairel, de Bombarral, em 1 h. e 47 s.

—Amanhã realisa-se em Cacilhas, promovido por um grupo de socios do Ginasio Club do Sul, um sarau sportivo. Na primeira parte, que começa ás 21 horas, ha recita pelo Grupo Dramatico Lisbonense que representará o drama em actos «A morte civil». A segunda parte, essencialmente sportiva, é assim distribuida: acobratas comicos pelos srs. José Marques e Alfredo dos Santos; trabalhos ginasticos nas argolas e bi-trapezio pelos amadores srs. Marques e André de Castro; demonstração de luta greco-romana entre um socio do Almada Sporting Club e outro do Ginasio Club do Sul; acrobatas excentricos pelos srs. Francisco Batista e João Teodoro e uma esplendida demonstração de box pelos sr. Faustino Pereira (campeão dos amadores de Portugal) e Manuel dos Santos.

Do estrangeiro

Alguns resultados dos Jogos Olimpicos

Nas provas de esgrima de florete por equipes a França venceu a Inglaterra por 14 pontos contra 2; a America por 14 contra 2; a Italia venceu a Dinamarca por 14 a 4, e a Inglaterra por 16 a 0; a Dinamarca venceu a Inglaterra por 9 pontos contra 7.

—Na final da corrida dos 100 metros classificaram-se: 1.º Paddack, americano, 2.º Kirksey, americano, 3.º Edwards, inglês, 4.º Ali Khan, francês, 5.º Schoiz, americano, 6.º Marcisson, americano.

—A corrida de 400 metros barreiras foi ganha pelo americano Loonis.

Geo André, o celebre atleta francês classificou-se em 4.º logar.

—Lorthinen, finlandez, ganhou a final da corrida dos 1.500 metros, sobre Peulhation, Lethonen, Bradley, etc

—No lançamento do dardo, os quatro representantes da Finlandia alcançaram as 4 primeiras classificações.

—A prova de 800 metros foi ganha pelo inglez G. Hills e a de 10.000 metros pelo italiano Frigerio: A corrida de 110 m. barreiras foi ganha pelo canadiano Thompson.

No lançamento do peso o finlandez Porollaville foi o vencedor com 14 m. 81.

—O torneio individual de florete foi ganho por Neddo Nadi, italiano; o 2.º foi o francez Cattiau e o 3.º o italiaco Aldo Nadi.

Pendencia

Não teve seguimento a pendencia entre os srs. Antonio Maria da Silva e dr. Antonio Augusto de Paiva Lereno, por as testemunhas entenderem que não havia motivo para proseguimento, ficando a honra dos seus constituintes ilibada.

Os fosforos

Apesar de ter sido autorisado o aumento do preço dos fosforos ainda estes não apareceram hoje á venda em Lisboa.

Bandas da guarda republicana

As bandas do comando geral e dos batalhões n.ºs 3, 5 e 6 dão amanhã concertos nas paradas dos respectivos quarteis, sendo o do quartel do Carmo ás 17 horas e os dos restantes ás 13.

Noticias da Capital

Julgamentos no governo civil.—Responderam hoje Manuel Nunes, quinta do Lameiro, acusado de vender leite com agua, e Erminia de Jesus, travessa da Trabuqueta, 23, 1.º, por vender um litro de azeite por preço superior ao da tabela.

Foram absolvidos por falta de provas.

Empregado infiel.—O agente João Martins está tratando das investigações de um roubo de joias no valor de 2:000 escudos praticado na ourivesaria Mourão, da rua da Palma, 82, pelo empregado da casa Oracio Pinto, o qual entregou os objectos roubados a Carlos Augusto, para promover a sua venda.

Ambos se encontram já presos, tendo o primeiro confessado e o segundo negado o crime.

Peixe em mau estado.—Apareceu hoje á venda em Lisboa, grande porção de sardinha em mau estado, sendo parte apreendida na Ribeira Nova e outra parte ás peixeiras que andavam pelas ruas, o que deu origem pequenos conflitos.

A roubalheira diaria.—José da Silva, largo de Santa Marinha, 3, 1.º, de que seu filho Julio da Silva, de 17 anos se ausentou de casa, furtando-lhe roupas e outros objectos no valor de 405 escudos, e Tereza Fernandes, rua de S. Paulo, 55, 4.º, de que lhe subtrairam a carteira com 50 escudos.

Descanço semanal

A direcção da União dos Empregados no Comercio de Lisboa, tendo conhecimento de que a lei do descanço semanal estava sendo transgredida, deliberou fazer saír as suas Comissões de Fiscalisação, que fizeram as seguintes autuações no total de 315 desde o dia 1 do corrente, as quais vão ser enviadas ao respectivo tribunal:

84 por falta de descanço, 103 por falta de mapa, 96 por venda de vinho sem comida, 18 por venda de bolos e 14 por motivos varios.

Festas populares

COVA DA PIEDADE, 19. — E' nos dias 28, 29 e 30 do corrente mez e 5 de setembro proximo que nesta aprazivel localidade se realisarão com a maior pompa e luzimento os populares e tradicionais festejos á Senhora da Piedade, os quais constarão de arraial, quermesse, festa da flor, provas desportivas, etc., para o que a comissão promotora está envidando todos os esforços.

As festas serão abrilhantadas pelas apreciadas bandas do 6.º batalhão da Guarda Republicana, sob a regencia do alferes sr. José Antonio de Lima, e das Sociedades União Artistica Piedense e Timbre Seixalense. O arraial efectuar-se-ha no largo 5 de outubro e no jardim publico: A iluminação será á moda do Minho e a luz Wizar.

No domingo, 29, celebrar-se-ha na capela desta localidade a festividade religiosa.

A Parceria dos Vapores Lisbonenses estabelece um serviço extraordinario entre Lisboa e Cacilhas nos dias 29 e 30.

Estão sendo levantadas varias barracas de comidas e bebidas, pim-pam-pum, etc.

Cruz Branca

ALMADA, 19. — A delegação da Cruz Branca, com séde em Cacilhas, realisa no proximo domingo, ás 14 horas, no Club José Avelino, uma sessão solene comemorativa do seu 1.º aniversario.

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Realisou-se o casamento do sr. Alvaro José da Silva, pagador do ministerio do comercio, com a sr.ª D. Leonor Ester da Silva Monteiro, filha da sr.ª D. Maria do Carmo da Silva Monteiro e do falecido cavaleiro tauromaquico Antonio Maria Monteiro. Testemunharam o acto, por parte do noivo, os srs. Juvencio da Silva Ribeiro, comerciante, e Manuel Cisneiros Ribeiro, oficial da armada, e por parte da noiva a sr.ª D. Matilde Monteiro Pedroso e o sr. Henrique Elder Pedroso.

Ultima Hora

As gréves

No mesmo pé se encontra a gréve dos electricos, tendo fracassado todas as *démarches* feitas pela Associação Industrial afim de solucionar o conflicto. Os grévistas voltaram a reunir, como de costume, na séde da sua associação, discutindo as varias fases do movimento e a fórma como a Camara Municipal tem procurado irritar a questão.

Os carroceiros continuam recebendo a adesão dos patrões, pelo que a gréve dos conductores de carroças tende a desaparecer.

Os *chaufeurs* retomaram hoje de manhã o trabalho, tendo sido restabelecidas as carreiras de *camions* para passageiros e aparecendo tambem em serviço os automoveis de praça.

Os maritimos aguardam resposta ao telegrama que os srs. ministros do interior e da marinha enviaram para o Norte sobre a questão dos maquinistas dos barcos de pesca, ordenando ao capitão do porto para fazer cumprir a lei, afim de evitar que depois se manifestem.

Camion que se volta

28 sargentos feridos

De dois camions da Guarda Nacional Republicana, que hoje seguiam com sargentos para a Serra da Carregueira, a fim de fazerem fogo real com metralhadoras pesadas, voltou-se um, ficando feridos os que nele iam, em numero de 28, alguns gravemente. O «chaufeur» ficou ambem em estado grave.

Poeira da Arcada

Ministro da instrução.—O sr. ministro da instrucção parte hoje para Tavira, acompanhado do chefe do seu gabinete e de um dos seus secretarios. O sr. Rego Chagas regressa a Lisboa na segunda feira de manhã.

Gabinete do ministro do interior.—O capitão sr. Paula Pacheco, que estava exercendo interinamente as funções de chefe do gabinete do sr. ministro do interior, passou hoje á efectividade daquele cargo.

Ensino secundario.—O sr. ministro da instrucção anulou o despacho que encarregava o sr. Carlos de Melo Pimentel de exercer as funcções de director geral interino de ensino secundario, fundamentando a anulação no facto do sr. Pimentel não pertencer ao quadro do ministerio.

Malas postaes

Amanhã são expedidas malas postaes pelo vapor «Britania» para os Açores e New York e pelo «Cuyabá» para o Funchal, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu, Buenos Aires e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral, para ambos.

Cruzada das mulheres portuguezas

O sr. José Soares, consul geral de Portugal na California, entregou á Cruzada das Mulheres Portuguezas 7.688$15, metade do produto da subscrição aberta entre a colonia portugueza da California pelo nosso patricio sr. Mario Bettencourt da Camara. Quantia egual foi entregue ao ministerio da guerra, para a obra de assistencia aos soldados tuberculosos.

A Russia desconhece o tratado de Versailles

BERLIM, 19.—O sr. Mason, correspondente em Berlim do *International News Service*, fizera varias perguntas telegraficas ao sr. Tchitecherine, comissario dos negocios estrangeiros da Russia, que lhe respondeu tambem telegraficamente. Eis algumas passagens essenciais d'esses telegrâmas:

«A Russia não tem o menor desejo de conquistar a Polonia. Respeitamos a independencia polaca, e o povo polaco nada tem a recear da nossa parte.

Não temos a intenção de nos impôrmos a um povo, a quem repugna a forma do governo sovietista.

O exercito vermelho está bem organisado e n'ele reina uma perfeita disciplina.

A Russia pede unicamente que a Polonia lhe dê garantias para o futuro e reclama, para esse efeito, a redução do exercito polaco para 50.000 homens. A condição principal é a de que os operarios polacos que pertençam a sindicatos organisados sejam armados, a fim de poderem manter a ordem e a tranquilidade. Cumprida essa condição, o exercito vermelho será retirado da Polonia, onde apenas ficarão 200.000 homens.

A Russia desconhece o tratado de Versailles, porque não tomou parte n'ele. As suas relações com a Polonia e com a Alemanha são baseadas no reconhecimento dos direitos dos povos, para que se possam governar por si proprios.

O seu desejo é viver em paz. Emquanto uma convenção geral não for concluida com a Inglaterra, a Russia conservará a sua liberdade de acção no Oriente».—(*Correspondente*).

A provincia n'A CAPITAL

CEIA, 17.—Realisaram se com grande brilho e concorrencia as festas de Ceia nos dias 14 e 15 do corrente havendo em 14 arraial e iluminação e no dia seguinte festa na egreja matriz a grande instrumental prégando o conego Dias Andrade, senador catolico, que muito agradou.

A' tarde houve procissão, e durante o dia e noite anterior duas filarmonicas tocaram incessantemente. Houve corridas de cantaros, de sacos, de automoveis e camions.

A concorrencia de forasteiros era enorme. Não houve uma nota discordante. Merece grande elogio a comissão das festas, que era a maior parte do comercio local.

ALMADA, 19.—Continua a faltar o assucar, não obstante os constantes pedidos da Camara Municipal.

PAREDE, 19.—Estão chegando a esta linda praia muitas familias que aqui costumam passar a epoca balnear. O Cinema Casino abriu já, sob a direcção do sr. João Augusto Peixoto, exibindo bons *films* e atraentes variedades.

Constituiu-se um grupo de rapazes da *elite* denominado *A malta*, que tem por fim efectuar todas as noites varias festas no referido Casino, o que se deve á gentileza do sr. Peixoto, que prontamente, anuiu a tão bela iniciativa.

Nova Companhia Colonial Agricula Capela

A eleição de corpos gerentes

E' já do dominio publico a optima impressão causada nos nossos meios colonial e financeiro pela constituição da nova Companhia Colonial Agricola Capela que represenla incontestavelmente um passo firme e seguro no desenvolvimento patriotico da nossa provincia de Angola.

Não se pouparam a esforços os srs. conselheiro Silvino da Camara, Avelino José Pires e Ernesto Serzedelo Pressler, que, após um trabalho extenuante, conseguiram vêr coroados do maximo exito a sua iniciativa.

A eleição dos corpos dirigentes fez se no passado domingo, obtendo-se o seguinte resultado:

Conselho de administração:—conselheiro Silvino da Camara, Avelino José Pires e Ernesto Serzedelo Pressler.

Secretario do Conselho de Administração:—Marquez de Sousa Holstein

Conselho Fiscal:—Efectivos: dr. Amancio de Alpoim, dr. Marçal de Mendonça, Joaquim Amancio Junior, Alvaro Neto e Julio Neves Ferreira Junior.

Substitutos: Henrique de Sousa, dr. José Alberto Faria, João Cruz, Luiz Maria de Lima Guimarães Brandão e Julio Magiorani.

Assembleia Geral:—Presidente, dr. Carlos Fuzeta; vice-presidente, José Barbosa; secretarios: Antonio Mascarenhas Judice e Everardo Tavares d'Almeida Carvalho; vice-secretarios: dr. Americo Pinto da Rocha e dr. José d'Athayde.

Administração do 2.º cemiterio (Prazeres)

Aviso

A Administração d'este Cemiterio faz constar, que são retirados do jazigo n.º 3213, a pedido dos seus proprietarios, os seguintes restos mortaes. D. Adelaide Gomes do Campos, falecida em 15-9-1885, chapa 10348; D. Sofia Rosa da Silva, falecida em 12-2-1883, chapa 11011. D. Rosa da Silva, falecida em 2-7-1889, chapa 12758. D. Rosa Maria de Jesus, falecida em 6-6-1889, chapa 12724. D. Emilia Rosa, falecida em 7-7-1886, chapa 14298. O menor Raul, falecido em 12-1-1892, chapa 14525. D. Amelia Augusta Dias d'Oliveira, falecida em 19-12-1888, chapa 15912. Franklin Henrique dos Santos, depositado no jazigo, em 9-4-1894 chapa 16010. Serafim José de Carvalho, falecido em 26-2-1886, e D. Maria Germana de Paiva, falecida em 25-12-1869, ossadas reunidas, chapa 16845. D. Maria Dias da Fonseca, falecida em 31-12-1889, chapa 16876. D. Guilhermina Gomes Fonseca, falecida em 23-10-1893, chapa 19245. D. Emilia da Conceição Teixeira Assis, falecida em 2-12-1893, chapa 19246. D. Adelaide Amaro, falecida em 10-2-1894, menor Julio, falecido em 1-3-1895, ossadas reunidas chapa 19408, menor Artur, falecido em 31-8-1894, chapa 19721. D. Celestina Augusta da Cruz entrou no jazigo em 23-7-1900, chapa 20208. Francisco Soares, faleceu em 9-3-1896, chapa 20639. D. Maria do Rosario, faleceu em 16-7-1896, chapa 21055, a menor Emilia Marques Pereira, falecida em 28-5-1887, chapa 21824. D. Maria Visitação Cruz, falecida em 29-5-1898, chapa 22155. D. Maria Clara Lameira, faleceu em 21-1-1898, chapa 22194. Alvaro Silverio Ferreira, falecido em 13-10-1897, chapa 22570. José Manuel Teixeira, falecido em 20-4-1899, chapa 22887. Bernardino Gomes Ferreira, falecido em 10-8-1900, chapa 24446. D. Maria Frutuosa de Jesus Teixeira, falecida em 16-8-1902, chapa 25746.

Avisa os interessados a tomarem conta dos referidos restos mortaes no prazo de 30 dias; findo este prazo serão os mesmos removidos para sepulturas ou ossarios.

Lisboa 21 de agosto, de 1920.

O Administrador,

Artur Castanheiro Freire

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3612 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sabado, 21 de Agosto de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

Ha dezoito mezes sem julgamento!

Como oportunamente noticiámos, no Senado foi levantada pelo senador sr. Julio Ribeiro a questão de ha 18 mezes estarem presos nas cadeias da Relação do Porto o *chauffeur* Manoel Coelho e um seu irmão, envolvidos no caso da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho, de que *A Capital* se vem ocupando, sem que tenham sido submetidos a julgamento.

O sr. ministro da justiça respondeu a esse senador que ia informar-se e, com efeito, assim o fez. O procurador da Republica junto da Relação do Porto enviou ao ministro um relatorio, de que alguns jornaes da manhã de hoje dão já as conclusões, a fim de provar que a magistratura não tem responsabilidades na demora havida.

E' realmente o que se verifica e julgamos em á magistratura, n'este caso, prestarmos o nossa preito. Mas não quer isto dizer que nos não insurjamos veementemente contra uma legislação defeituosa e que permite abusos como os que se estão dando.

O relatorio diz na sua conclusão segunda que nunca o processo se demorou na conclusão, ou no visto ao Ministerio Publico, por praso superior a quatro horas, sendo, em regra, entregue no mesmo dia.

Muito bem e o Ministerio Publico merece justos elogios.

Mas a causa da demora lá vem indicada claramente na conclusão terceira: «a acusação particular ter indicado para serem inquiridas testemunhas de diferentes comarcas e terem, depois, de se inquirir, alem d'aquelas, tambem as referidas por elas, dando isto logar a novas deprecadas».

De modo que se á acusação particular desse na cabeça indicar testemunhas que estivessem no Brazil, por exemplo, na Africa, na China ou em Timor, emfim em qualquer parte do mundo, só tarde ou nunca se poderia encerrar o processo preparatorio, e no entretanto lá estariam jazendo nas masmorras da Relação do Porto esses dois homens, contra quem afinal ainda nada se provou.

Com que intuito se faz isso e assim se recorre á chicana, sabe-o o publico muito bem, tão bem como nós o sabemos. Mas se a lei o permite!

O procurador da Republica junto da Relação do Porto lá o diz claramente, ao afirmar que, se o ministerio publico estivesse só no processo, já ha muito que os reus estariam julgados.

Pois se a lei se presta a sofismas, a chicanas, a protelar o julgamento de homens que afinal se não sabe se são inocentes ou criminosos, altere-se, reforme-se essa lei. O espirito moderno não se compadece com leis que podem considerar-se retrogradas. A liberdade é um bem muito precioso para que possa estar á mercê do primeiro que queira dela privar um em concidadão.

Acabe-se duma vez por todas com semelhantes anomalias. Não se compreliende, nem se admite que possa atirar-se com dois homens para a enxovia duma cadeia e que se protele propositadamente o seu julgamento. Já vae longe o tempo do quero, posso e mando.

Que a justiça seja livre, absolutamente livre, e que se ponha cobro ás inaltricaveis rêdes, ás artimanhas e aos subterfugios em que a envolvem, eis o que exige o espirito da epoca actual.

Mutilados da Guerra

(ASSOCIAÇÃO)

Por quasi todos os paizes a assistencia aos mutilados da guerra vae perdendo, se não perdeu já, o caracter de assistencia por tutela, que em todos teve, e ainda entre nós tem. A recuperação da saude, o desaparecimento da necessidade da disciplina militar durante a guerra, a restituição á vida civil e aos seus habitos, o licenceamento de muitos profissionaes que cuidaram d'essa assistencia, e, sobre tudo, as dificuldades da vida, o, pelo menos aparente, esquecimento dos sacrificios da guerra, a diminuição do interesse pelas suas vitimas, a realidade e o exemplo que vão dando as classes dos trabalhadores, tudo estimula o mutilado e o leva, a mais ou menos energicamente e por vezes molestamente, a chamar a si a questão da defeza dos seus interesses a a repudiar toda a especie de tutela, escolhendo ele mesmo os tecnicos de que carece, e constituindo-se em associações, algumas por vezes extraordinariamente poderosas (Belgica, França, Italia, p. ex.).

O actual vice-presidente do *comité* permanente inter-aliado, em França, aquele que está á frente do Instituto da Rua do Bac, é um advogado, mutilado da guerra, o sr. Tentch, que foi secretario geral da União Nacional dos Mutilados e Reformados.

Na Belgica um outro mutilado, advogado tambem, o dr. La Clerç tem um papel de grande destaque, na representação dos mutilados belgas. E quando não é um mutilado de grande cultura que representa os mutilados e defende os seus interesses, é um tecnico por eles escolhido, o dr. Valentim, por exemplo, medico e advogado francês, que representava tambem os mutilados de França na conferencia de Roma.

Na Belgica ultimamente quasi tudo se tem conseguido graças á intervenção da Associação. O Rei e a Rainha concederam o seu alto patronato, e tanto no Parlamento como no Governo se tem em larga escala aceite a colaboração e realisado as aspirações oficialmente apresentada pelos representantes das associações.

Chegou o momento tambem de se fazer coisa semelhante entre nós.

Muito grato me foi já o ter conseguido de S. Ex.ª o actual ministro da guerra a autorisação necessaria para a organisação da associação dos mutilados da guerra portuguezes, nos termos que foram propostos pelo seu representante eleito, o capitão do estado maior sr. Americo dos Santos Mateus, que conhece perfeitamente as questões de legislação dos mutilados da guerra, e que com notavel brilho colaborou na comissão oficial que elaborou o projecto de lei que foi apresentado pelo ministro sr. coronel Aguas, e se encontra em estudo no Parlamento.

Bom era que na proxima reunião de Bruxelas se visse que acompanhavamos os progressos da questão, e que, pelo menos, se anunciasse para breve a organisação da associação dos mutilados de guerra portuguezes, e isto por boca dum representante seu.

Com a colaboração de todos os instantes da associação dos mutilados, diz com razão o dr. Le Clerc, que os poderes publicos podem evitar numerosos erros e desfazer muitos equivocos ou mal-entendidos.

A. Aurelio da Costa Ferreira.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

O livro "Infeliz-Mente!"

O meu diario

Prometi que seria franca comsigo, leitor; não quero faltar ao prometido, por isso lhe digo que ao meu diario eu confiava alguns dos meus pensamentos, mas não o fazia sem reservas. Logo num dos primeiros dias de pavilhão, tive alguem que me avisasse de muita cousa e, quem o fez, conhecia bem o hospital. Disse-me como se tratavam ali os doentes e como eram tratadas as pessôas que para lá iam de castigo; que no Conde de Ferreira as paredes tinham ouvidos a as portas tinham olhos, por isso se sabia muita cousa; quais eram as empregadas de quem devia desconfiar-se e aquelas em que se podia confiar; os médicos que tinham simpatias e os que não eram estimados; puzeram-me a claro a vida de muita gente, enfim, apresentaram-me o Conde de Ferreira tal eu vim mais tarde a ver o que êle era. Compreendi imediatamente que tinha a ganhar em ser um canto reservada.

O meu diário foi, pois, mais um passatempo que outra cousa e com êle desabafava só o que eu não me importava que soubessem.

Houve alguem no hospital que mais tarde tinha grande empenho de o ler.

Emquanto estive no pavilhão, lia-o sempre ás empregadas. Molière tambem lia as suas obras á cosinheira e era Molière. Que admira, pois, que eu, misera internada do Conde de Ferreira, lêsse o meu pobre diário ás empregadas? E o que lhe garanto, leitor, é que algumas delas choravam, sinal que qualquer cousa êle tinha que falava ao coração dessas mulheres, que sabiam bem o que era aquela casa.

Quando disse ao meu advogado, sr. dr. Bernardo Lucas, que reclamasse êsse diário que eu tinha deixado no Roção e que a policia entendeu — não ha como a policia para entender certas cousas... — que devia entregar ao sr. dr. Alfredo da Cunha, em vez de o entregar ao Tribunal, como documento importante para a defesa dos dois homens que estão presos e a quem fôra instaurado um processo-crime, o sr. dr. Alfredo da Cunha respondeu que o tinham queimado

Isto lê-se, mas não pode acreditar-se.

O Sr. dr. Alfredo da Cunha que foi revolver todos os papeis velhos (velhos por serem antigos) e não teve escrúpulos em se utilizar dos meus mais antigos e mais modernos escritos, mesmo daquêles que a dignidade dum homem lhe mandava que queimasse, queimou o meu diário!...

Isto não se pode acreditar, principalmente depois de ter visto o livro «*Infeliz*».

Se o meu diário não foi aproveitado por quem aproveitou *tudo mais*, é porque êsse diário não convinha que aparecesse.

E aqui está, bem patente, mais uma prova da lialdade do meu adversário.

Não lhe convinha mostrá-lo, porque êsse escrito provava, á evidencia, que não era uma louca a sua autora e então, com a *mesma verdade*, com que me chama doida, disse que o diário *fora queimado!*

Imaginou o Sr. dr. Alfredo da Cunha que bastava êle dizê-lo para que fôsse acreditado; mas a sua palavra já não tem hoje o mesmo crédito que tinha emquanto foi ignorada a verdade. Dantes era uma cousa, agora tudo está mudado.

A verdade é como o azeite... e, para prova, com a devida vénia e sem nomes, transcrevo para aqui algumas das muitas opiniões que tenho recebido, em cartas, de pessoas que, sem mesmo me conhecerem, a maior parte delas, não resistiram á tentação de me escrever.

Escute-as o leitor:

«Quando li a «Doida, não!» julguei que V. exagerasse no que nos contava de seu marido, mas depois do aparecimento da resposta dêle, acho que V. ficou muito aquêm da verdade».

«Se as obras definem os homens, o livro dêle define-o a êle e a outros».

«Ele disse muito mais de si próprio nêsse livro, do que V. disse dêle no seu, provando os seus maus instintos.»

«Ao livro do Dr. Alfredo da Cunha faço esta apreciação apenas: dinheiro e só dinheiro; maldade e só maldade; mentira e só mentira; e, ou a edição foi enormissima ou não tem tido venda. Os reclames fervem... no Noticias».

«A atitude esmagadora do sr. dr. Alfredo da Cunha revoltou a minha dignidade de homem. Disponha de mim para o que lhe puder ser util.»

«Estive relendo com meu marido as nossas cartas do tempo de namorados, em que diziamos loucuras um ao outro, nos queixávamos da cabeça, etc; e, resolvemos queimá-las. Tivemos medo dos psiquiatras...»

«Comprei o livro que o sr. dr. Alfredo da Cunha editou, mas não o acabei de ler. Indignou-me a sua atitude de algoz.»

«Se a minha opinião se não tivesse formado ao ler o livro do sr. Cunha em resposta ao de V., bastar-me-hia a leitura do *Doida, não!* que só agora li, para lhe dizer — Doida, não e não!»

Deixe-me dizer-lhe, leitor, que o que acabou de ler é escrito por um medico.

«A serenidade com que são escritas as suas cartas para a «Capital» revela que V. está no campo da verdade; a irritação do dr. Cunha e camarilha, prova que se sentem em terreno falso.»

«A carta que me escreveu tem feito furor desde que podem confrontar a letra com o *fac-simile* que vem no livro «Infeliz» como V. com muito acerto lhe chama. Dizem-me todos que quem escreve assim não é uma doida.»

«Se V. foi sempre doida e sempre insuportavel; se seu marido foi sempre tão cuidadoso e bom, reconhecendo que V. era uma doente mental, porque não consultou mais cedo o dr. Julio de Matos e não a meteu mais cedo no Conde de Ferreira, para que o mal não progredisse?»

Leitor, peço-lhe, responda por mim á pessoa que me pergunta isto.

Maria Adelaide

Armando Ferreira

Para o Estoril, onde vae passar a estação calmosa, parte hoje, acompanhado de sua esposa e gentis filhinhas, o nosso querido amigo e colega de redacção Armando Ferreira, distincto engenheiro e secretario da Companhia dos Telefones.

Revolução de 1820

O sr. ministro do trabalho parte ámanhã para Coimbra no rapido das 8,30, onde vae representar o governo nas festas do Centenario de 1820. O sr. dr. Lima Duque regressa a Lisboa na segunda feira á noite.

Os quadros dos van Eyck restituidos á Belgica

BRUXELAS, 19. — Realisou-se, no Museu Real das Belas-artes, a cerimonia de abertura da exposição do Poliptico dos irmãos van Eyck, reconstituido em consequencia da entrega, pela Alemanha, dos quadros que se achavam nos museus alemães.

Essa cerimonia foi presidida pelo sr. d'Estrée, ministro das Sciencias e Artes. Assistiram a rainha e grande numero de personagens artisticas e literarias.

D'Estrée, falando em nome do governo, depois de ter feito a historica alusão áquela obra prima, disse:

— Não se trata d'uma restituição, mas d'uma compensação pela perda artistica sofrida pela guerra.

Acrescentou que a Alemanha havia executado lealmente e sem dificuldades o tratado de Versailles no que se referia ao assunto, e terminou agradecendo aos aliados o auxilio que eles tinham prestado á Belgica, para que aqueles quadros lhe fôssem restituidos.

Tomou depois a palavra o sr. Jaunez, da embaixada de França, em vez do sr. Paulo Durrieu, do Instituto, que desistira de falar. Disse ele que a reconstituição d'aquela joia dos pintores de Bruges teria uma repercussão consideravel entre os artistas francezes, e que se sentia muito satisfeito por partilhar da alegria da Belgica, perante a obra-prima finalmente reconstituida. — (*Correspondente*).

POLITICA

O que ha de politica — O que pensa da actual situação um deputado liberal — Uma versão curiosa sobre um futuro ministerio — Os partidos perante as urnas — Calculos interessantes — A acção do sr. ministro do trabalho — Um novo Bairro Social em Coimbra — A vida do governo — Ocios da politica «sub tegmive fagi»

Continua ainda na ordem do dia o ambiente que cercou o governo nas ultimas horas da ultima sessão parlamentar. E porque o assunto interessa para a historica episodica da politica indigena deu-nos hoje para ouvir sobre o caso um ilustre deputado *liberal*, um dos mais aguerridos e mais inteligentes do velho partido evolucionista, que, sem papas na lingua, nos colocou a questão neste pé:

— «Diz-se para ahi que, na tarde de quinta-feira, todos os grupos politicos se quizeram juntar para dissolver o governo de maneira a organisarem um novo ministerio de que, ficariam de fóra apenas os liberaes. Afirma-se agora que desse **complot** se desviaram os reconstituintes. Deixe-os afirmar o que quizerem. Para mim os maiores inimigos do actual governo são precisamente os amigos do sr. Alvaro de Castro. Se o chefe dos reconstituintes não tivesse a pretensão de ser em breve presidente do ministerio tinha aceitado o cargo de Alto Comissario que fora o objectivo principal da sua vida de colonial. Não o aceitou exatamente por isso. Não o aceitou porque a esse partido meteu-se-lhe ha muito na cabeça ir ao poder sósinho á custa fôsse de quem fôsse. E como o não póde fazer ás costas dos democraticos donde fugiu, anda diligenciando fazel-o ás cavalitas do meu partido. E a sua obsessão é de tal ordem que a unica ameaça séria de crise que teve já o actual governo foi precisamente provocada por um dos ministros do partido reconstituinte, o sr. dr. Lopes Cardoso que por um motivo futil provocou no Senado aquele incidente já conhecido e que você largamente tratou.

— Você é então de opinião que...

— Que o meu partido devia arcar sosinho com as responsabilidades do Poder. O partido liberal tem ideias suas, tem programa seu, tem homens competentes para se ocuparem dos graves problemas do momento que atravessamos e não precisava portanto apoiar-se nas muletas de ninguem. Isto não são afirmações vagas, imprecisas.

Eu cito-lhe nomes. Eu organiso-lhe já um ministerio.

— Não é preciso. Nós sabemos...

— Não, não. E' bom sempre fixar isto não se suponha para aí que nós não temos gente.

— Bom, seja. Do que você nos não livra é da insinuaçãosinha da praxe...

— Eu sei: a de que se vendeu a nós? E' sabido. Quando um jornalista escreve o contrario daquilo que convem a uma certa gente, faz sempre um frete na bocâ dessas creaturas...

— Salvo seja!

— Ora oiça lá. O que havia a dizer a um ministerio assim constituido:

Presidencia e interior — Antonio Granjo.
Justiça — Fernandes Costa.
Guerra — Mendes dos Reis.
Marinha — Ladislau Parreira.
Estrangeiros — Teixeira Gomes.
Colonias — Lisboa de Lima.
Comercio — Lelo Portela.
Instrução — Alves dos Santos.
Trabalho — Lima Duque.
Agricultura — Alboim Inglez.
Finanças — Ferreira da Rocha.

Que dizia você a isto?

— Achava bem. Simplesmente tudo isso não passa duma inofensiva fantasia...

— Fantasia?! Talvez se engane um pouco. Claro que não é agora nas férias parlamentares que estas coisas se fazem. Mas é agora que elas se planeiam e organisam. E eu posso afirmar-lhe que no meu partido ha uma forte corrente que apoiava um ministerio n'estas condições. Dir-me-ha você que o Fernandes Costa não aceitava sob a presidencia do Governo... *Blague*. Aceitava e tornava a aceitar. Dir-me-ha ainda que o Lisboa de Lima não é do meu partido. Isso contos largos. Talvez se engane tambem quanto a essa suposição. O que não é bonito, nem decente, é este conluio hibrido em que vivemos de braço dado com os inimigos da vespera. E' preciso definir esses campos, acentarmos definições.

Conservadores a um lado; radicais a outro. Ora os reconstituintes são tão radicais como os democraticos. O programa dos dois partidos confunde-se e até no programa do governo que o sr. Sá Cardoso apresentou ha lá pontos que pertencem até á extrema esquerda. Tudo isto é assim e não ha habilidades nem sofismas que possam deturpar estas verdades. Mas ha mais. Nós somos o unico partido que quer aberta e claramente a dissolução parlamentar. Porquê? Porque somos tambem um dos partidos que tem uma forte corrente da opinião publica e que amanhã perante as urnas ha de trazer á Camara os seus parlamentares. Acontece o mesmo aos outros? Não. Amanhã se umas eleições rasgadamente liberais se fizerem ha dois partidos que trazem ás Camaras a sua gente — o liberal e o democratico. Os outros podem contar com uma redução de 70 0/0 nas respectivas candidaturas. E é favor. Você verá! Se amanhã se fizer a consulta das urnas o partido reconstituinte não traz ao Parlamento duas duzias de candidatos. Aqui tem o motivo porque o sr. dr. Alvaro de Castro não aceitou o cargo de Alto Comissario, e aqui tem a razão porque o partido reconstituinte, nosso inimigo da vespera é hoje nosso *amigo* no governo».

E como nós lhe fizessemos novas perguntas, o nosso amigo evolucionista declarou-nos peremptoriamente:

— Nem mais uma palavra.

Parece-me que até já falei de mais. E' que vocês são sempre indiscretos...

E lá se foi á vida sob as arcadas pombalinas do Terreiro do Paço.

* * *

As festas do Centenario de 1820 tambem se realisam em Coimbra. A elas assistirá, em nome do governo, o actual ministro do trabalho sr. dr. Lima Duque. Não podia caber a melhor individualidade a representação do governo nas festas de Coimbra. Lima Duque, medico ilustre, senador, *leader* do partido liberal na respectiva Camara, velho jornalista dos que marcaram sempre um logar de destaque nas luctas da politica, é um dos mais devotados amigos da linda cidade do Mondego. Os jornalistas de hoje quasi não conhecem os velhos jornalistas. Lima Duque já era jornalista categorisado, quando os categorisados de hoje ainda andavam no A. B. C. das escolas.

Filiado no evelucionismo, hoje ingressado ao partido liberal, a Republica e o seu partido devem-lhe uma grande dedicação sem limites e o actual presidente da Republica, sr. dr. Antonio José de Almeida ainda ha pouco demonstrou o grande apreço em que o tem convidando-o e instando com ele para que aceitasse a pasta do trabalho.

A proposito diremos que o sr. Lima Duque, segundo as nossas melhores informações pensa muito em breve dotar a cidade de Coimbra com o indiscutivel melhoramento d'um grande bairro social que será construido a St.ª Clara n'um dos pontos mais lindos e mais higienicos da mesma cidade da linda Ignês.

* * *

E a vida do governo? Caminha. Dificultosamente, mas caminha. E agora, livre de S. Bento, com a dotação dos duodecimos e o auxilio dos 30.000 contos, embora não desafogada, a vida ministerial ha de arrastar-se o melhor que possa até outubro em que a atmosphera ha de fatalmente adensar-se de novo nas lutas e nas pugnas da politica parlamentar. E pode muito bem ser que então se deem aquelles acontecimentos e aquellas radicaes remodelações que estavam na forja no ultimo dia do Congresso.

E agora ponto final. A politica foi repostelar-se na frescura agradavel das praias ou ainda, *sub tegmive fagi*, tocando a doce *avena* de Medibeu...

Deixemol-a pois tranquilamente gosar os ocios das longas e fatigantes canceiras de S. Bento!

PELO TELEGRAFO

Vagons com material de guerra retidos pelos ferro-viarios de Baden

STRASBURGO, 20 — O jornal socialista de Carlsruhe dizia ha pouco, com uma alegria mal disfarçada, que os ferro-viarios de Baden haviam detido material de guerra francez na estação do caminho de ferro d'aquela cidade.

Esses 240 vagons francezes, que formam filas interminaveis nas vias destinadas ás mercadorias, ali estão parados. Esses vagons, com um letreiro tricolor, são destinados á Polonia, Romenia e Tcheco-Slovaquia; encerram material de guerra completamente novo: fardamentos, espingardas, autos desarmados, peças de tanks e mantimentos.

No momento em que a Alemanha envia comboios inteiros de munições, para a Russia, por conta dos exercitos dos soviets, os ferro-viarios de Baden são de opinião de que o transito dos vagons francezes é contrario á declaração de neutralidade do Reich e deteem-nos no percurso.

Os ferro-viarios de Wurtemburgo fizeram constar egualmente que se oporiam, se preciso fôsse, á passagem dos comboios francezes.

Ha 15 dias que os 240 vagons em questão se encontram detidos.

Aparentemente ninguem pensa em reclama-los. E' caso para admirar não terem sido ainda devolvidos ao expedidor, admirando tambem que eles não tenham seguido o seu destino, depois de outros o terem já feito.

Um dos membros do sindicato ferro-viario declarou com um riso ironico:

— Não voltam mais á França aqueles vagons! Podem considerar-se confiscados pelo sindicato.

O que interessa principalmente os badenses é o facto dos vagons estarem cheios de fardamentos e viveres. Nalguns já se notam vestigios de arrombamento. são quatro comboios que representam o valor de milhões e milhões — (*Correspondente*).

ORDEM PUBLICA

Um movimento gorado

A policia de Segurança do Estado consegue evitar uma revolução, que devia rebentar na noite de hoje

Os jornais da manhã de hoje noticiam que no jardim das Amoreiras haviam sido detidos alguns sargentos de varias unidades, que faziam parte de um *comité* revolucionario encarregado de levar a efeito mais um movimento que devia rebentar na noite de hoje para amanhã ou seja na madrugada de hoje.

Já ha dias corria com grande insistencia o boato de que a classe dos sargentos estava desgostosa por não terem sido atendidas pelo Parlamento, senão em parte, as suas reclamações sobre melhoria de situação.

Tais boatos foram-se avolumando dia a dia, e *A Capital* teve conhecimento do que se estava passando, não se referindo porém ao caso pelo melindroso que o assunto representava e ainda porque estando as autoridades, tanto civis como militares, procedendo a diligencias, não se justificava uma inconfidencia que muito podia prejudicar a ordem publica.

Convem frisar que o descontentamento dos sargentos foi aproveitado por elementos desafetos ao atual governo e ainda pelos bolchevistas, que nos ultimos dias teem redobrado de propaganda. Ainda não ha muitos dias, cinco conhecidos agitadores estiveram n'uma taberna para os sitios das Janelas Verdes fazendo distribuição de uns livros, em cujas capas se lia o titulo: *Abolição das touradas*.

Aberta, porém, a capa, lia-se na primeira folha: *Instruções sobre propaganda bolchevista*.

Não é só em Lisboa, mas em todo o paiz que tal propaganda se tem desenvolvido nos ultimos dias. Em Viana do Castelo, Porto, Campanhã, em quasi todo o Alemtejo e Algarve tal propaganda tem sido intensa, a ponto de se aconselharem as classes operarias á gréve.

No Porto realisou-se uma reunião secreta dos ferro-viarios do Minho e Douro, tendo aparecido em missão especial por Viana do Castelo, Regua e varios pontos das linhas alguns agitadores ferro-viarios de Lisboa, que declaravam contar para o seu movimento com o apoio moral e material dos metalurgicos, movimento esse que tem sido explorado tambem em Lisboa, pelos agitadores, a titulo de aos ferroviarios da C. P. não terem sido concedidos os passes de livre transito quando apenas foram dados aos ferro-viarios que não tomaram parte na ultima gréve.

O Comité geral dos bolchevistas no Porto é constituido por tres elementos que estão em correspondencia constante e directa com os comités de Lisboa; os quaes não ha muitos dias receberam de Madrid uma carta de um agente bolchevista expulso de Portugal em 1918 e em que o mesmo aconselha os trabalhadores portuguezes a abandonar todos os partidos e a organisar um partido comunista com as esquerdas de todos os partidos avançados, que se filiaria na Terceira Internacional: Internacional comunista de Moscou.

N'uma casa para o Alto do Pina, elementos conhecidos teem realisado tambem varias reuniões conspiratoria. Ora todos estas reuniões foram conhecidas do governo, que recomendou aos seus agentes a maior vigilancia no intuito de se evitarem mais alterações de ordem, que tanto prejudicam a vida nacional e a economia do paiz.

Para evitar qualquer surpreza por parte dos agentes, o ministro da guerra ordenou varias transferencias o que fez com que o movimento se desorganisasse por uns dias. No entanto um sargento que poude escapar-se na ocasião de ir tomar o comboio e que desertou conseguiu reorganisar os trabalhos encetados depois de uma reunião que se realisou no largo da Estrela e na qual se constituiu um comité secreto; composto de delegados de todas as unidades de Lisboa, tendo sido tambem nomeados os agentes de ligação.

Ante-hontem, voltou o comité a reunir para se combinarem os ultimos retoques da conspirata e receber as adhesões de outras unidades que ainda faltavam e fornecer o plano e das posições que cada unidade devia tomar, assentando-se ainda em que o signal para a revolta seriam tres tiros de peça disparados em Campolide.

Hontem voltou o comité a reunir até ás 2 da madrugada n'uma casa para os sitios da Estrela, afim de ser elaborado o projecto das reclamações a apresentar pelos conspiradores, após o movimento revolucionario.

Essas reclamações eram:

Demissão do ministerio e formação de um governo nacional; augmento de 40 escudos á classe dos sargentos; delimitação da competencia disciplinar dos comandantes das unidades; creação de um conselho disciplinar em cada divisão, tirando-se assim a competencia disciplinar aos comandantes das divisões; abolição da disposição regulamentar que determina que a palavra de honra d'um oficial é suficiente prova em participação dada contra as praças; expulsão das dactilografas e enfermeiras militares; fardamentos eguaes aos oficiaes; licenciamento de todas as praças do exercito e G. N. R. que tenham cumprido o tempo regulamentar do serviço; equiparação dos vencimentos dos sargentos e soldados do exercito aos da Armada, sendo a equiparação dos vencimentos dos soldados só depois de terminado o periodo de recruta.

Estas reclamações foram depois apresentadas á classe n'uma reunião magna que se realisou á noite, no Largo dos Prazeres.

No quartel general tinham os conspiradores agentes de ligação, cuja missão era tomarem conta do referido quartel e consequentemente dos telefones, depois de aprisionado o comandante de divisão.

Na Avenida da Liberdade, em frente á pastelaria Bijou, tambem se realisaram reuniões a altas horas da noite, antes do ministro da guerra ter ordenado as transferencias de varios sargentos, os quais se apresentavam quasi sempre á paisana.

A' reunião que, como acima deixamos dito, se realisou no Largo dos Prazeres, faltaram alguns delegados, por á ultima hora terem sido mandados estar de prevenção, mandando no entanto pedir instrucções sobre o papel que lhes fôra destinado no movimento. N'essa reunião ficou definitivamente marcada a noite de hoje para o movimento, procurando-se assim evitar que o sr. Presidente da Republica seguisse para o Porto.

O ponto da concentração de tropas era na Rotunda da Avenida da Liberdade, tendo ali estado ha dias o *comité* revolucionario a escolher o local, e ficando aprovado o mesmo ponto em que esteve o dr. Sidonio Paes.

As forças de cavalaria revolucionarias tinham a seu cargo atacar o grupo de baterias a cavalo de Queluz, que não estava no movimento. Concluida esta operação, uma bateria desse grupo seria deslocado para Monsánto, afim de servir de ponto de apoio á Rotunda para onde seguiriam as restantes baterias. As ruas da cidade seriam patrulhadas por forças de cavalaria, devendo o *comité* achar-se reunido na Rotunda quando fosse dado o sinal para a revolta.

No jardim das Amoreiras devia realisar-se hontem á noite a ultima reunião, a que assistiria o maior numero de delegados, afim de ser dada a senha e marcada a hora certa para o movimento.

Essa reunião foi impedida pela policia de Segurança do Estado, cujos agentes, sob as ordens do adjunto da mesma policia sr. Pinhão, fizeram um cerco aos conspiradores dando-lhes voz de prisão.

Como acima deixamos dito, o governo ha já dias estava ao facto da conspiração, cujos pormenores resumidamente lhe eram fornecidos pela policia da Segurança do Estado, que activamente trabalhou para a descoberta de todo o plano.

Os sargentos presos hontem recolheram já ao forte da Trafaria, tendo sido dadas ordens para deter os restantes membros do *comité* e todos os agentes de ligação implicados no caso.

Os revolucionarios tinham tambem pensado nas entidades que deviam constituir o novo governo, tendo em varias reuniões alvitrado o nome do presidente de uma das mais importantes, — senão a mais importante — colectividade de Lisboa, a quem seria destinada a pasta do Comercio.

As prisões da noite passada

Tendo o governo conhecimento do que varias reuniões se realisavam hontem á noite, e entre elas uma no centro Socialista e outra na Juventude Sindicalista da Construção Civil, ordenou á policia para que tomasse as necessarias providencias afim de se apurar os fins dessas reuniões e quaes os elementos que a elas assistiam.

Na Juventude Sindicalista foram presos 6 individuos que ainda se encontram detidos, tendo sido restituidos á liberdade alguns dos que se encontravam no centro Socialista, da rua do Bemformoso. Para outros foram mantidas as prisões para averiguações, figurando entre os detidos os seguintes individuos: Joaquim Antonio Pereira de Jesus Junior, José da Silva Barreira, Manuel Ramos da Cruz, Alfredo Vieira, José Alexandre do Nascimento, Manuel d'Abreu Vieira, Armando Joaquim, Eduardo Relvas, Francisco Quintal, Francisco dos Santos, José Joaquim Jeronimo, Custodio de Oliveira, Constantino Mateus, Adriano Duarte de Figueiredo, Otavio Antunes Cabral, José Augusto da Silva, José da Mota Guimarães, Manuel Joaquim Salgueiro, Constantino Mateus, etc.

O deputado socialista sr. Antonio Pereira esteve hoje no Governo Civil conferenciando com o major sr. Marreiros director da policia de segurança do Estado, a quem pediu a liberdade d'esses presos, pois os julga incapazes de estarem envolvidos em qualquer movimento revolucionario. O deputado sr. Nobrega Quintal igualmente procurou o comissario geral da policia afim de solicitar a liberdade de um seu irmão menor, que igualmente se encontrava no Centro Socialista, com o unico intuito de assistir a uma conferencia que ali se devia realisar.

Vida Sportiva

Nota do dia

Sempre ouvimos dizer que o direito de critica é uma coisa sagrada e com isso concordamos plenamente; há, porem, o direito egual do discutir essa critica.

Isto vem a proposito do que escreveu um qualquer jornalista francez sobre os concorrentes portuguezes que se apresentaram no desfile da inauguração dos jogos da VII Olimpiada e da apreciação que a essas palavras fez um e lega nosso d'um diario da noite.

Concordamos em que o tal jornalista francez foi pouco cortez salientando o facto dos nossos concorrentes irem «tristes e meditabundos», não podemos mesmo acreditar que assim fosse, porque os nossos esgrimistas são rapazes novos, cheios de vida e com educação necessaria para se não apresentarem n'uma festa em que tudo devo ser alegria, meditabundos e tristes. O facto desse jornalista frizar que Portugal se fazia representar por 3 concorrentes, mostra tambem a sua pouca vista ou má vontade, porquanto uma carta que recebemos de Anvers nos diz que no desfile tomaram parte Sassetti, Paiva, Mouton Osorio e Silveira, portanto quatro homens.

Não achamos, porem, que o nosso Comité Olimpico deva fazer sentir a esse jornalista a sua falta de criterio, porque isso seria ligar-lhe importancia, que ele certamente não merece. E' de facto bem lamentavel que tais palavras apareçam n'um jornal que corre mundo, por não serem a expressão da verdade, mas outros jornais não falam da mesma forma e, portanto, o melhor é deixar passar, embora isso nos custe.

Basta que se saiba que a imprensa portugueza protestou contra a agressão, que outra coisa se lhe não pode chamar.

Mas... aqui, que estamos em familia e podemos desabafar, deixem-nos dizer que realmente triste foi que só quatro concorrentes nossas figurassem no desfile, quando é certo que la temos mais. Para este facto é que chamamos a atenção do «Comité Olimpico Portuguez», porque não podemos compreender o motivo porque alguns dos nossos «equipiers» preferiram, naturalmente, assistir ao desfile em vez de nele tomarem parte como era seu dever. Todas as nações tiveram o maior orgulho em apresentar os seus atletas, mas nós, com o nosso maldito feitio de «não estar para massadas», preferimos expôr-nos a uma critica que o estupida e que revolta, mas que no fundo pode ser ironica e até certo ponto justa. Nao teria sido muito mais bonito que a nossa «equipe» se apresentasse completa?

Emfim, se os que faltaram ao desfile merecem a nossa censura e uma repreensão do C. O. P., se isso para nós todos é triste e lastimavel, devemos consolar-nos com as manifestações que recebemos no Stadium de Anvers, que foram semelhantes ás de outros paizes; os brazileiros e americanos ali ram entusiasticas ovações aos nossos esgrimistas, ouvindo-se muitos «hurrahs» por Portugal. Fizeram justiça ao valor dos nossos homens, no esforço do nosso paiz. E esses aplausos hão-de repetir-se, mais vibrantes, mais calorosos quando os esgrimistas portuguezes triunfarem, como estamos certos que hão-de triunfar.

Pinto d'Almeida.

Noticiario

De Portugal

Realiza-se amanhã no regimento de infantaria 1 uma festa sportiva constando de varios exercicios como foot-ball, saltos, corridas, etc.

— Na segunda feira efectua-se na Associação Naval de Lisboa uma reunião para tratar da realisação de umas regatas.

Foram feitos convites aos redactores sportivos dos jornaes diarios e da especialidade.

— Foi adiada para o dia 29 a corrida ciclista de 50 kilometros organisada pela U. V. P.

— Organisado pelo Sport Lisboa e Bemfica realisa-se amanhã, ás 18 horas, no seu «rink», em Bemfica, a final do campeonato de «hockey» (2.ªs categorias), entre o Sport Lisboa e Bemfica e Portugal Foot-Ball Club, e o apuramento da 2.ª classificação de saltos em altura com trampolim. A's 21 horas, far-se-ha a distribuição dos premios, seguida de baile.

Foi adiado para o dia 29 o torneio hipico que se devia realisar amanhã em Vila Franca de Xira.

— O campeonato de water-polo inicia-se amanhã. Como, porém, o tanque da Casa Pia não estava ainda cheio, a comissão dos Amadores do Sul para, se não atrazar a epoca da natação resolveu fazer disputar os primeiros encontros na doca de Alcantara.

— Continua o jornal «Os Sports» a publicar o interessante folhetim *Vinte anos de luta* escrito pelo celebre lutador Raul Pons.

Theatros e Cinemas

Reclames

Só na proxima quarta feira ficam completamente concluidos, no Eden, os trabalhos da montagem da nova revista, realisando-se portanto, nessa noite a sua *premiére*. Nela e no seu guarda roupa figuram as ultimas novidades, que Castelo Branco, actualmente em Paris, acaba de escolher. Na revista *Sem camisa* a talentosa actriz Palmira Torres desempenha *A Virgem Vermelha*, Antonio Gomes, do Trindade, o *Compere Zaranza*, Judith de Souza, que o acompanha, *A Seta*, Flora Dyson, *O Punhal*, *A Dança*, *A Pedreneira*, *Santa Apolonia* e *Inocencia Pura*, Sofia Santos, *A Feminista*, *A visinha* e *a Mariquinhas da Pascôa* e Elisa Santos *A azagaia*, *A Asca*, *A Fortuna*, *Acajá* e *Maxima da Conceição*.

Noticias velhas

22 de Agosto de 1820

Nasce o grande actor *Tasso*.

Dele escreveu Souza Bastos:

«Nascido na obscuridade, sem ilustração que o guindasse, só o genio, o fogo sagrado elevaram Joaquim José Tasso ao apogeu da gloria, tornando-o um actor notabilissimo.

Todas as incorreções, as faltas de memoria e outros defeitos que ihe notavam, esqueciam por completo, quando o publico, num fremito de entusiasmo, o aclamava delirantemente, arrebatado pelos seus rasgos vehementes que nos faziam estremecer.

Tasso era um actor privilegiado; era o eterno *galã*, era o rei da elegancia e da distinção, era, sobre tudo, o actor que mais comovia e entusiasmava o publico.

Estreou-se no velho teatro da R. dos Condes a 18 de dezembro de 1839 num pequeno papel do drama *Jaquelina de Baviera*. Por muito tempo passou desapercebido no teatro, fazendo *rabulas*.

Com a morte do notavel galã e distinto actor *Ventura* foi *Tasso* encarregado de o substituir no papel de *Roberto* do drama *Barba Roxa* e no de *Albino* do drama *Sineiro de S. Pedro*. Apesar das grandes dificuldades dos confrontos com actor tão querido como era Ventura, conseguiu *Tasso* tomar desde logo o logar que ficára vago de primeiro *galã* da scena portugueza».

Foram estes os inicios da carreira de *Tasso* que em toda a sua vido fez mais de *setecentos* papeis de galã! A lista das peças onde triunfou ocuparia largo espaço motivo porque nos abstemos de a publicar. Quando morreu estava estudando o *Hamlet*.

O cartaz de hoje

Nacional, ás 21,30, «A Castro».
Politeama, ás 21,30, «Pele Nova».
Trindade, ás 21,30, «Chá á torrada».
Ginasio, ás 21,15, «O A's».
Avenida, ás 21,30, «Amor em pó».
Apolo, ás 21,15, «Risos e Flores».
Coliseu dos Recreios, ás 21, «Variedades».
Salão Foz, ás 21 «Variedades».
Olimpia, Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.
Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.
Chantecler, Animatografo e fitas faladas.

Livros e publicações

Revista do Conservatorio Nacional de Musica. — Recebemos o numero 7 d'esta revista, dirigida pelo sr. Viana da Mota e de que é redactor principal o sr. Augusto Machado, nomes bem conhecidos no mundo artistico. Insere, entre muitos outros, um importante artigo sobre a interpretação das obras d'arte.

A. B. C. — Foi ha dias posto á venda o numero 6 d'este magnifico *magazine*, que a dia a dia alcança maior sucesso, devido não só á excelencia da colaboração, mas ás gravuras que apresenta. O numero que temos presente ocupa-se largamente da revolução de 1820, cujo centenario se vae celebrar no proximo dia 24, com o maior brilhantismo, no Porto.

A missão dos guardas dos estabelecimentos penitenciarios. — O sr. dr. João Bacelar acaba de traduzir este livro de C. Fliegenschmidt, destinado a uso dos guardas da Cadeia Nacional de Lisboa. E' um conjunto de regras geraes para elucidação dos guardas e os ensinar a bem desempenhar a sua dificil missão.

Industria do livro

São convidadas as empresas editoras de Lisboa e quaesquer outras, que se representem n'uma reunião que deve realizar-se na proxima quinta-feira, 26 do corrente, pelas 15 horas, nas salas da Inspecção das Bibliotecas (Biblioteca Nacional), a fim de se tratar de assunto que directamente interessa á industria do livro em Portugal.

Festas associativas

Academia Recreio Artistico. — Amanhã, ás 21 e meia horas, baile á inglesa, abrilhantado por um sexteto, havendo concurso de gravatas para cavalheiros e concurso de penteados para senhoras, seguindo-se passo-doble a premio. O concurso de gravatas é só para socios.

Protestando... mas falsificando...

Emquanto hontem estavam reunidos os leiteiros para protestar contra a fiscalisação, alguns fiscaes do ministerio da agricultura apanharam em flagrante nada menos de 7 que vendiam o leite falsificado.

Quem alvitra? Quem reclama?

Vencimentos dos reformados

Sr. director de A Capital. — Bem haja pela sua campanha em nosso favor: já deu entrada na Camara dos deputados o projecto de lei melhorando os vencimentos dos antigos reformados. Ouviu-se a voz da rasão e da justiça.

Falta agora que o poder legislativo secunde e certamente que os oficiaes do exercito e da marinha que aprovaram o projecto melhorando os vencimentos dos reformados militares serão coerentes votando este tambem.

Não havendo tempo, esperemos que seja dada autorisação ao ministro para o fazer no interregno parlamentar.

As circunstancias não admitem tardanças: a vida encarece dia a dia. Não venha a acontecer que o projecto seja posto em vigor quando já não exista nenhum dos antigos reformados para que foi feito: seria mais economico para a fazenda mas d'uma deshumanidade a toda a prova.

Dizemos isto, porque a um deputado ouvimos: «Ora estes reformados pouco mais viverão e teem passado sem o aumento, assim viverão mais tempo o que afinal é peior como está hoje o mundo».

Não cremos que este representante da nação estivesse falando a serio.

Agradecendo a publicação somos de v. ex.ª — *Reformados da marinha.*

No manicomio Miguel Bombarda

Esteve na nossa redação o sr. Domingos Alberto, soldado n.º 1344 da 6.ª companhia de reformados, que teve alta do manicomio Miguel Bombarda e que nos declarou que só na ala onde esteve ha, entre 65 doentes, 26 que estão completamente restabelecidos, mas que não são mandados para suas casas, para evitar maçadas aos enfermeiros.

Acrescentou o sr. Domingos Alberto que ali se não podo reclamar contra a má qualidade da alimentação ou a sua deficiencia, sem se correr imediatamente o risco de ser condenado ao isolamento. Um doente está ha dois mezes isolado por se ter queixado da má sopa que lhe davam.

Finalmente, todos os jornaes podem ali ser lidos, menos *A Capital*, que os enfermeiros e seus ajudantes não permitem que se compre, de ha uns tempos a esta parte. Porque, não o sabe quem nos veiu dar estas informações. E' natural que o director do manicomio o saiba.

Touradas

O jornal *Os Sports* publica no numero que é posto amanhã á venda, uma pagina taurina com interessantes artigos de corridas de Hespanha alem do noticiario de Portugal. Tambem insere as resenhas das ultimas corridas efectuadas no Campo Pequeno e da corrida do bandarilheiro Luciano Moreira realisada em Algés.

Campo Pequeno — Começa ás 17,30 a corrida de amanhã, em homenagem a Adolfo Machado, que é dirigida por D. José de Mascarenhas. Toma parte na corrida o artistico espada *Facultades*, acompanhado do seu bandarilheiro *El Indio*. Todos os demais lidadores são amadores, como os cavaleiros srs. D. Alexandre de Mascarenhas, Vasco Fontalva e Roberto de Vasconcelos, bandarilheiros D. Carlos de Mascarenhas, F. Oliveira, Patricio Cecilio, Gama Lobo, D. Pedro de Bragança e João Malhou, e os forcados srs. A. Abreu (cabo), A. Serra e Moura, B. Jardim, J. Estevam, J. M. Antunes, J. Aguiar, F. Vasconcelos e N. N. Tambem são amadores os campinos, srs. Jaime Godinho (abegão), J. de Matos, F. Barreiros e N. N. A lide será auxiliada pelos profissionaes José da Costa, Rodrigo Largo e *Alfarero*. Os campinos srs. Jaime Godinho e J. de Matos recolherão a cavalo alguns dos touros da corrida.

Noticias da Capital

O roubo á «Micas Gouveia». — No pateo do Governo Civil estão dois cavalos, que foram apreendidos numa cocheira da calçada da Picheleira pelos agentes da 1.ª secção da policia de investigação e que foram comprados por 1.500 escudos, produto do roubo de joias no valor de 15.000 escudos feito ha dias a Maria da Conceição Gouveia, a *Micas Gouveia*, pelo seu amante que ainda não foi preso.

«Azeite a pão fino»... — Joaquim da Graça, de Carregueira, foi preso por estar vendendo azeite por preço superior á tabela.

O agente Aurelio Daniel apreendeu na rua da Pampulha 118 pães finos a uma mulher, que os pretendia vender por preço superior á tabela... O guarda fiscal de apelido Faria, o quál pretendia vender por preço superior á tabela.

O pão foi enviado para o posto do Teatro Nacional, para ser distribuido pelas casas de beneficencia.

A galunagem em acção. — Queixaram-se: Lucia Bico, da rua dos Correeiros, 120, 2.º, de que dois individuos desconhecidos a burlaram pelo processo do *Conto do Vigario* em objectos de ouro e dinheiro no valor de 145 escudos; Francisco Maria de Sousa, com estabelecimento de fazendas na rua Morais Soares, 101, de que lhe foi roubado, por meio de chave falsa, 3 peças de fazenda e outros objectos; ambos com padaria na rua Herões de Kionga, 20, induziram o seu filho Antonio de Sousa, menor de 14 anos, a furtar-lhe 250 escudos, com os quais ele ...

Foram presos: — Manuel Marques Junior, rua dos Poiaes, 20, 2.º, por ter furtado umas roupas no valor superior a 100 escudos a um cabo n.º 10 da artilharia da guarda republicana; Julia da Conceição, rua Renato Batista, 9, 2.º, por ter subtraido valores a sua patroa Isaura da Conceição, da mesma rua, 21-A; Manuel Pereira, calçada do Livramento, 7, 2.º, e Maria Batista, rua do Olival, 71, 1.º, por se tornarem suspeitos, quando conduziam uma saca com 15 kilos de assucar e outro com duas peças de fazenda do lã no valor de 285 escudos, não declarando a sua proveniencia e verificando-se que os referidos objectos haviam sido furtados á firma Silva Vieira & C.ª Limitada, rua de Santa Justa, 22, 2.º.

O atentado contra Venizelos — Um "complot" descoberto na Suissa, em favor do ex-rei Constantino

LONDRES, 20. — Um telegrama de Atenas informa que as autoridades descobriram um «complot» em favor do ex-rei Constantino, que se relaciona com o atentado de que Venizelos foi vitima.

Os reacionarios haviam planeado um golpe de Estado para o dia em que se fizesse a assinatura do tratado turco, mas que foi adiado em consequencia das rigorosas medidas tomadas pelo governo.

Fez-se uma busca na redação dum jornal de oposição o *Athinai*, que deu em resultado a descoberta dum suplemento que anunciava uma tentativa de assassinio contra Venizelos, folha que fôra impressa antes da chegada, de Paris, da noticia do atentado, segundo diz o *Matin*.

O atentado de que Venizelos foi vitima atraiu a atenção sobre a propaganda que fazem na Suissa os partidarios do ex-rei da Grecia. Essa propaganda, que afrouxou no principio do ano, mostra-se mais activa ha algumas semanas.

São são muito numerosos os partidarios do ex-rei. Apenas algumas centenas deles em actividade.

Esses refugiados formaram grupos de propaganda em varias cidades, principalmente em Genebra, Lucerna, Zurich, Lausanne e Montreux.

Mas o centro de actividade dos partidarios do ex-rei é Lucerna. Encontra-se instalado no hotel Nacional, residencia actual do ex-soberano e sua familia.

Ahi se encontram tambem o sr. Streit, antigo ministro dos estrangeiros em Atenas, e dois ajudantes de campo.

E' de Lucerna que derivam as ordens para os partidarios do ex-rei, mantidos por ele, particularmente na Grecia, Egito e America.

Constantino não recebia agora dinheiro da Grecia, mas conserva uma parte da fortuna do pae, o rei Jorge, que tinha os seus capitaes na Dinamarca.

A propaganda é alimentada por donativos de ricos partidarios residentes na America e no Egito. Não se deve esquecer que o principe Cristoforo, irmão do rei Constantino, casou ha alguns mezes em Genebra com uma riquissima americana, viuva do rei do estanho. Mercê da sua nova fortuna, o principe contribue com certeza para as despezas necessarias á propaganda de sua familia.

Um banco, com sucursaes em Lugano, Genebra e Zurich, devia ser fundado brevemente para manter essa propaganda, porém, o projecto foi posto de parte provisoriamente.

Os gregos, bem informados sobre o andamento dos partidarios do seu rei afirmam que o agressor de Venizelos não procedeu por determinações de seus chefes, mas que apenas executou ordens recebidas.

Pelas indicações desses mesmos gregos as prisões levadas a efeito na Grecia demonstram que os partidarios da Suissa não são estranhos aos atentados. — *(Correspondente).*

A guerra civil na Irlanda

LONDRES, 20. — Apesar das palavras de paz pronunciadas pelo sr. Lloyd George e pelos representantes irlandezes nestes ultimos dias, os atentados continuam na Irlanda.

A alfandega de Dublin foi assaltada mas os assaltantes retiraram sem levar coisa alguma.

Em consequencia das desordens havidas em Belfast, um policia ficou ferido gravemente.

A policia teve que se defender a *casse-tête*.

Os sinn-feiners que tinham feito uma fogueira, queimaram nela o retrato de sir Eduardo Carson.

Em Longhgall, no condado de Armagh, atiraram sobre alguns viajantes, dois dos quais morreram em consequencia dos ferimentos recebidos.

Nas desordens que rebentaram em Limerick, um agente de policia foi morto acidentalmente por um camarada. Duma casa de bebidas dispararam tiros sobre a policia e esta respondeu atirando com granadas para o estabelecimento, que ficou totalmente destruido.

Da aldeia de Hospital, no mesmo condado, foi levado um habitante pelos soldados que pouco depois lhe deram a morte.

O conselho de guerra que procedeu ao inquerito sobre a captura do general Lucas pelos sinn-feiners conclue que nenhuma censura poderá ser feita por esse facto ao general e sua comitiva. Ainda assim, «por motivos de disciplina militar» o general não voltará a exercer o seu comando na Irlanda. Ser-lhe-ha dado em logar de identica importancia em Inglaterra. *(Correspondente).*

Ultima Hora

O atentado contra o dr. Felix Horta

Causou a mais viva emoção nos leitores d'«A Capital» o repelente atentado de que foi vitima hontem na rua Primeiro de Dezembro o sr. dr. Felix Horta, vogal do Tribunal de Defesa Social, que como é sabido foi atingido por um tiro disparado pelo joven sindicalista Manuel de Abreu, na ocasião em que se dirigia para o cartorio do tabelião sr. Cornelio.

O sr. dr. Felix Horta continua melhorando, tendo recebido já, em sua casa, na rua do Gremio Luzitano, para onde hontem á noite foi transferido, muitas visitas de amigos e pessoas das suas relações que foram felicita-lo e manifestar-lhe a sua repulsa pelo insolito gesto.

A policia de segurança do Estado ainda hoje esteve procedendo a varias diligencias afim de prender varios agitadores perigosos, todos jovens sindicalistas, que faziam parte do *complot* que como succedeu com o saudoso dr. Pedro de Matos, tambem agora se organisou para assassinar o sr. dr. Felix Horta. Hoje de manhã deviam ser presos varios jovens sindicalistas, os quais procurados em suas casas e varios pontos, não foram encontrados.

O criminoso Manuel de Abreu, que conforme referem os jornais da manhã foi atingido por duas balas quando á noite seguia pela calçada dos Paulistas em direcção á esquadra do Caminho Novo, está livre de perigo, continuando em tratamento numa das enfermarias do hospital de S. José, onde se encontra sob a mais rigorosa incomunicabilidade.

Corre com visos de verdade a versão de que o Abreu foi ferido pelos seus proprios companheiros, que procuraram liquida-lo para evitar que ele, entrando no caminho das revelações, como chegou a fazer, os comprometesse.

As diligencias da policia proseguem com toda a actividade.

A questão dos eletricos

Continua no mesmo pé e sem que se possa calcular quando termine ou se vae para sempre o conflicto entre a Camara Municipal, a direcção da Companhia Carris de Ferro e respectivo pessoal.

Entretanto Lisboa continua sem eletricos, o que representa um enorme prejuizo, não só para a população, como ainda para o comercio da capital.

O pessoal em gréve reuniu hoje, como de costume, na séde da sua associação, sendo todos os oradores unanimes no ataque á vereação municipal, a qual simplesmente por uma birra não quer solucionar o incidente, agravando assim cada vez mais o pessoal da Carris, que ao seu fim vae para a gréve, mas simplesmente pela Camara.

Julgamentos no governo civil

Uma declaração do sr. dr. Paiva Lereno

No governo civil responderam hoje: Luiz Nunes, com leitaria na rua da Fonte Santa, por vender leite com agua; Antonio Rosa Ribeiro, gerente da *Tendinha*, do Rocio, por ter o azeite sonegado; Julio Pereira, com carvoaria na travessa das Larangeiras, 9, por ter escondidos no seu estabelecimento 579 quilos de carvão; Anibal Correia e João Borges d'Oliveira, vendedores ambulantes, por venderem leite falsificado; José Pinto Cabral, com mercearia na rua Eugénio dos Santos, 31, por se recusar a vender manteiga ao publico, e Mario Teles, gerente do café *A Brasileira*, do Rocio, por n'esse estabelecimento 14:480 quilos de café.

Foram absolvidos, por falta de provas. Quanto á apreensão de café n'*A Brasileira*, o sr. dr. Paiva Lereno mandou exarar na ata que o sr. Mario Teles procedeu em harmonia com ordens recebidas e sem intenção criminosa, em virtude de informações dadas pelo ministerio da agricultura dada pelo sr. Maldonado de Freitas, sub-delegado dos abastecimentos d'aquele ministerio.

O sr. Paiva Lereno, ao terminar os julgamentos, despediu-se de todo o pessoal e das pessoas que trabalharam com ele, para quem teve palavras elogiosas, dizendo que feita a nova uma despedida e que virtude de muitas vezes não poder conciliar as suas opiniões com as de outros, grandes, e apenas os pequenos, o que era contrario aos seus principios.

Por esse motivo, renunciava ao seu logar.

Exercicios de metralhadoras pezadas

Nos dias 26 e 27 do corrente, realisa-se nas proximidades de Belas e na Escola Militar respectivamente, ás 9 horas e meia, as provas finaes do 3.º curso da escola de metralhadoras pezadas.

O tema geral dos exercicios é o seguinte:

Um destacamento de tropas de todas as armas do partido A segue pela estrada, Mafra, Pero Pinheiro, Sabugo, tendo por objectivos provaveis Caneças e Bemfica.

Forças contrarias de um destacamento do partido B, de composição aproximadamente egual, vão estacionar escalonadas ao longo das estradas Caneças, A. de Beja e Bemfica, Queluz e d,ali aguardarem a oportunidade de intervir a onde se tornar necessario. A linha principal de resistencia dos seus postos avançados é fixada á esta da estrada Belas C. da Carregueira.

Tema Particular: As avançadas do destacamento do partido A, depois de repelirem as forças de vigilancia para a margem esquerda do ribeiro da Carregueira, são reforçados por cerca de duas companhias, de infantaria e de uma secção de metralhadoras, as quais são vistas a cortar o pinhal a noroeste de Q. do Malhapão na direção das Pedreiras, situada a norte do alto do Suimo (A-282).

Uma companhia de 12 metralhadoras pezadas recebe ordem para ir aguardar numa posição de espera a sul do alto dos Penedos Pardos (A-282)—a oportunidade de executar uma barragem intensiva por cima das nossas tropas sobre os reforços inimigos, procurando obstar ao seu avanço.

E, comandante da escola de metralhadoras pezadas o sr. major José Martins Cameira.

Poeira da Arcada

Assuntos de instrucção

O sr. ministro da instrucção deu ordens terminantes para se regressarem ao serviço todos os funcionarios do ministerio que estejam ausentes sem motivo justificado. Alguns desses funcionarios já se apresentaram.

— A Liga de Estudos e Propaganda de Educação Fisica reune na proxima terça feira, pelas 21 horas, no Ginasio Club Portuguez, a fim de apreciar o resultado das diligencias até agora efectuadas acerca da efectividade dos professores de educação fisica das escolas.

— O sr. Antonio Pires foi aprovado no exame de Estado da secção de filologia classica realizado na Escola Normal Superior de Lisboa.

Sanidade interna

Segundo o boletim de sanidade interna apresentado na ultima sessão do Conselho Superior de Higiene, na semana finda em 14 do corrente, manifestaram-se em Lisboa 7 casos de difteria, 10 de febre tifoide e 1 de variola, e no Porto, 3 de difteria, 2 de febre tifoide, 1 de meningite e 1 de sarampo.

A luta entre russos e polacos

Seis divisões bolchevistas cortadas

VARSOVIA, 20. — O avanço dos polacos continua em toda a frente. O inimigo retira em desordem em muitos pontos, e em outros está completamente cercado.

O plano da contra-ofensiva, feito de acordo com a estrategia franceza, efectuou-se perfeitamente. Seis divisões bolchevistas foram cortadas, tendo os polacos aprendido muita artilharia. — *(Havas).*

A contra ofensiva progride vitoriosa

VARSOVIA, 20. — A contra ofensiva polaca progride vitoriosamente. A ala direita tomou Pultusk e continua o seu avanço em direcção á estrada de Czerbienka e Siedlce e Bielk, a extrema ala direita marcha sobre Brest-Litovsk. — *(Havas).*

Felicitações á cidade de Varsovia

BRUXELAS, 20. — O Conselho dos magistrados municipais, presidido pelo burgo-mestre, resolveu felicitar a cidade de Varsovia e pedir ao governo belga que não impeça o abastecimento da Polonia. — *(Havas).*

Os acontecimentos de Kattowitz

KATTOWITZ, 20. — O general Gattey, em nome do general Perond, convocou as autoridades locais ás quais dirigiu um energico discurso dizendo: «Nas nações civilisadas os cidadãos consideram-se obrigados pelas assinaturas dos seus representantes, mas aqui os seis mezes que vemos proseguir na intenção de faltar á palavra dada pelos representantes dos cidadãos em nome destes. A nossa paciencia está esgotada, mas antes de serem tomadas as rigorosas medidas inerentes no estado de sitio, julgo conveniente chamar a vossa atenção para as consequencias que tais medidas terão para vós, para as vossas familias e para o vosso paiz. Estamos aqui unicamente para manter a ordem e manté-la-hemos a todo o transe. Conto que me ajudareis na minha missão. — *(Havas).*

Felicitações da França ao general Pilsudski

PARIS, 20. — O sr. Millerand telegrafou ao representante da França em Varsovia para que este, em nome do governo francez, felicite o marechal Pilsudski pela vitoria polaca. — *(Havas).*

Os comentarios da imprensa franceza

PARIS, 20. — A imprensa franceza salienta que os brilhantes sucessos obtidos pelos polacos durante os quatro ultimos dias em todos os pontos em que foi incidir a sua contra-ofensiva demonstram a perfeita reorganização do seu exercito que em toda a parte tem o predominio das operações pela rapidez dos movimentos e pela superioridade do comando. — *(Havas).*

Sem noticias da conferencia de Minsk

VARSOVIA, 20. — O governo está sem noticias da Conferencia de Minsk. — *(Havas).*

Os jornaes alemães cautelosos

BERLIM, 20. — Desde as ultimas vitorias polacas que a imprensa alemã se mostra mais reservada nos seus comentarios acerca da questão russo-polaca. A «Gazeta da Cruz» reconhece que os polacos iniciaram com grande energia a acção libertadora do seu territorio. — *(Havas).*

Serviço telegrafico da tarde

Os soviets fabricam notas falsas do Banco de Italia

ROMA, 20. — Os empregados do Banco de Italia em Turin retiraram da circulação varios maços de notas de mil liras, que se reconheceu serem falsas.

Atribue-se essa maravilhosa imitação aos soviets.

Sabe-se que, ha alguns mezes, o governo italiano foi prevenido de que o governo de Moscou chamara espo cialistas alemães para o fabrico de notas do Banco, principalmente notas americanas, inglezas, francezas o italianas. — *(Correspondente).*

A naturalisação dos pescadores estrangeiros

RIO DE JANEIRO, 20. — Na camara o deputado Mauricio de Lacerda pediu ao governo explicações sobre a resolução de serem concedidos 60 dias aos pescadores estrangeiros para se naturalisarem. — *(Americana).*

Cotações, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 20. — Cotações do café, 10$500; cambio sobre Londres, 13 1/8 13 1/16; valor do escudo portuguez, 1$053 reis. — *(Americana).*

O dr. Ruy Barbosa está restabelecido

RIO DE JANEIRO, 20. — O eminente jurisconsulto Ruy Barbosa está restabelecido. — *(Americana).*

A trasladação dos restos mortaes dos imperadores

RIO DE JANEIRO, 20. — O Instituto Historico do Brazil prepara grandes manifestações para receber os restos mortaes dos imperadores. Esta-se organisando o programa das cerimonias religiosas. — *(Americana).*

O «Marseillaise» está em Cherburgo

PARIS, 20. — O ministro da marinha fez saber que o cruzador «Marseillaise» não largou do porto de Cherburgo, tendo aparelhado para o Baltico somente o cruzador «Gueydon». — *(Havas).*

Inundações no Japão, numerosas victimas

HONOLULU, 20. — As noticias recebidas do Japão dizem que estão inundadas as ilhas de Ushu, Seihoku, Kiusiu e as aldeias foram destruidas, tendo a agua feito muitas victimas. — *(Havas).*

Situação precaria do tesouro turco

CONSTANTINOPLA, 20. — O governo turco está organizando tropas com o fim de acabar com a revolta dos nacionalistas.

A situação do Tesouro é precaria estando o governo em negociações com o Banco Otomano para que este lhe adiante o dinheiro necessario para pagar as tropas e aos funcionarios publicos. — *(Havas).*

Couraçado grego em Marselha

PARIS, 20. — O couraçado grego «Averoff» largou ed Villefranche em direcção a Marselha. Os dois filhos do sr. Venizelos, que se encontravam a bordo, partiram a ter com o pae. — *(Havas).*

Restabelecimento de relações entre a Hungria e a Romenia

PARIS, 20. As relações diplomaticas entre a Hungria e a Romenia, que ainda não tinham sido restabelecidas, vão recatagar graças á intervenção da França. O coronel Starcea, ajudante de campo do rei Fernando, que fora escolhido pela Romenia para seu ministro plenipotenciario, vai partir imediatamente para junto do governo hungaro o qual, por seu lado, enviará um seu representante a Bucarest. Igualmente com a aprovação e os bons oficios da França, as relações entre Budapest e Belgrado estão em vesperas de serem reatadas. — *(Havas).*

Politica hespanhola

MADRID, 20. — O presidente do conselho regressou esta noite. O «leader» socialista Pablo Inglezias, cuja saude melhorou, voltou tambem a Madrid depois duma longa permanencia no campo. — *(Havas).*

O funeral de Miguel Moya

MADRID, 20. — Os restos mortais de Miguel Moya, presidente da Sociedade Editorial, chegaram de manhã e foram expostos numa sala de «El Liberal» onde uma multidão de politicos e intelectuais desfilou continuamente até ás 5 horas. Os redactores d'«El Liberal» transportaram então o caixão a braços para a Camara dos Deputados, onde foi deposto, sendo o feretro dali transportado para o cemiterio. O luto foi presidido pela familia e no prestito tomaram parte os membros da Sociedade Editorial, a Associação da Imprensa de Madrid e varios sub-secretarios de Estado, seguidos da redacção de «El Liberal» a maior parte dos jornaes de Madrid e grande numero de notabilidades da politica, letras, etc. — *(Havas).*

Maria da Conceição Gomes da Cruz

FALLECEU

CARLOS DE SEIXAS, sua mulher e filhos, cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus parentes e pessoas das suas relações, que Deus servido chamar á sua divina presença sua querida e chorada mãe, sogra e avó e que o seu funeral se realisa no dia 22 do corrente, pelas 11 horas da manhã saindo o prestito funebre da egreja da Pena, para o cemiterio do Alto de S. João. Não se fazem convites especiaes e desde já agradecem a todas as pessoas que honrarem este acto com a sua presença.

Maria da Conceição Gomes da Cruz

FALLECEU

SEIXAS & Comp.ª, cumprem o doloroso dever de participar os seus amigos e clientes que foi Deus servido levar da vida presente a Senhora D. Maria da Conceição Gomes da Cruz, mãe do seu presado socio, o sr. Carlos de Seixas e que o seu funeral se realisa no dia 22 do corrente pelas 11 horas da manhã, saindo o prestito funebre da egreja da Pena, para o cemiterio do Alto de S. João.

Maria da Conceição Gomes da Cruz

FALLECEU

A PARCERIA VINICOLA DE DOIS PORTOS Ld.ª, participa o falecimento da Senhora D. Maria da Conceição Gomes da Cruz, mãe do socio o sr. Carlos de Seixas e que o seu funeral se realisa no dia 22 do corrente pelas 11 horas da manhã, saindo o prestito funebre da egreja da Pena, para o cemiterio do Alto de S. João.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3613 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redação e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Domingo, 22 de Agosto de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

UMA NOTA OFICIOSA

Os jornaes da manhã publicam a seguinte nota oficiosa, que não recebemos, mas que para todos os efeitos consideramos como recebida, dimanada do sr. governador civil de Lisboa:

«Tendo aparecido no jornal da noite «A Capital», com o titulo «Um movimento gorado», um longo relato sobre um pretenso plano revolucionario, a policia de Segurança do Estado informa-me que esse relato não passa de mera fantasia jornalistica. As prisões efectuadas hontem e que são pouco numerosas não teem a importancia que esse jornal pretende atribuir-lhe, tratando-se de um caso de simples caracter policial».

Temos a maior consideração pelo ministro do interior, o sr. coronel Alves Pedrosa, e como igual consideração temos pelo governador civil de Lisboa, o distincto capitão aviador sr. Lelo Portela, que nesta casa conta com amigos e só amigos, mas não nos permite o animo que deixemos passar em claro a frase de ser uma «mera fantasia jornalistica» o que hontem trouxemos a publico. Não é.

Na defeza da Republica tem sempre *A Capital* posto todo o seu esforço e n'esse campo tem tido muitos companheiros, entre os quaes se contam, e dos mais brilhantes e dedicados, os srs. dr. Antonio Granjo, presidente do ministerio, coronel Alves Pedrosa e Lelo Portela. Se hontem revelámos o que se estava passando, se demos pormenores sobre o movimento que se planeava, pormenores absolutamente verdadeiros, não foi, nem podia ser de modo algum para prejudicar a Republica. Bem ao contrario. Fizemol-o para demonstrar quão intensa vem sendo a propaganda que se está fazendo contra o regimen e como os inimigos d'este aproveitam o descontentamento duma classe, que aliás tem até hoje prestado os seus melhores serviços á Republica, e tentam lançar um movimento, cujas consequencias seriam gravissimas n'um momento como o actual.

Não temos combatido o governo, porque não somos dos que combatem pessoas, só porque sejam d'um ou d'outro partido. Entendemos mesmo que os problemas a resolver são tão graves que toda a idéa de partidarismo deve ser posta de parte. O problema economico sobreleva a todos os outros, e, para o resolver, condição essencial, necessario, imprescindivel mesmo, é que haja ordem.

Que se conspira, dil-o hoje claramente o nosso colega *Republica*, que reaparece ha tempos sob a direcção do sr. dr. Antonio Granjo e que é hoje dirigida pelo sr. Pereira Junior, em virtude do sr. presidente do ministerio não poder estar á sua testa, mas cujas afinidades com ele são bem conhecidas. No seu artigo de fundo, declara esse jornal:

«Certo é que se conspira, não ha duvida de que os que conspiram por ambição e por odio, tendo apenas o objectivo de escalar o poder de governarem só eles e de governarem sempre, não pensam na Republica a quem criam novas dificuldades, nem pensam no Paiz, a quem arruinam e desacreditam ainda mais, porque só pensam em si e só por si correm, e a Republica e o Paiz fazem correr os riscos de uma aventura.

Eles não são novos, no sentido de não terem ainda servido a Republica, e a politica que eles adoptam é a mesma velha politica intolerante e agressiva que levou a Republica e o Paiz ás incertezas e aos perigos da hora presente.

Para que esses homens dominem e domine essa politica, é que se pretende e trama uma nova revolução.

Pode perder-se a Republica e póde perder-se o Paiz, a onda represa da anarquia colhendo o ensejo do incidente revolucionario para galgar todas as defesas e fazer taboa rasa da ordem social?

E' certo que pódem, mas é certo que tambem eles podem vencer.

E por isso tentam a aventura criminosa».

Pois se o proprio jornal governamental afirma que se conspira, que mal ha em tornar publicos os pormenores do movimento que se preparava? Entendemos até que prestámos um verdadeiro serviço, pondo de sobreaviso não só os dedicados defensores da Republica, mas ainda alguns elementos que poderiam não conhecer bem os fins do movimento.

O proprio governo mostrou que está bom servido e que tem na sua mão o poder suficiente para jugular á nascença qualquer tentativa que se esboce da parte dos agitadores e perturbadores da ordem publica.

O jornal *O Mundo*, fazendo hoje um largo relato do que se planeava, perfeitamente identico ao da *Capital*, começa essa noticia do seguinte modo:

«Ha tempo que os inimigos das instituições se agitavam no proposito de lançar o paiz numa nova aventura revolucionaria que neste momento, dadas as condições de ordem economica, financeira e social do paiz, seria de consequencias funestas. Era o odio de sempre á Republica, e só o odio que movia esses elementos perturbadores da ordem, monarquicos, sidonistas, sindicalistas e bolchevistas. As autoridades civis e militares, sabedoras do que se preparava, estabeleceram uma larga vigilancia, seguindo a par e passo todos os trabalhos dos conjurados, notando que ultimamente os inimigos do regimen procuravam aproveitar-se do descontentamento que lavra na classe dos sargentos por não terem sido atendidas, senão em parte, as suas reclamações de aumento de ajuda de custo de vida».

Completando as nossas informações de hontem, diremos que os principaes organisadores do projectado movimento foram:

2.º sargento Freire, do deposito de adidos, que, tendo recebido ordem de transferencia, desertou, tratando depois de reorganizar o movimento, no que foi auxiliado pelo 1.º sargento de artilharia 1, Neves; 2.º sargento Monteiro, de infantaria 16, em serviço no ministerio da guerra; 2.º sargento Barros, do hospital militar de Belem; 1.º sargento Mendes Leal, do regimento de engenharia; sargento Vasconcelos, da companhia de saude; Rego, do regimento de engenharia, fazendo actualmente serviço em infantaria 1; sargente do B. S. C. de Ferro, Monteiro e Vaz Ferreira, 1.ºs sargentos Aguiar, do quartel general e Neves do deposito de adidos; Carlos Santos, de infantaria 1; Costa, do deposito de adidos; sargentos ajudantes Sá Borges e Pereira de Araujo; sargentos Marinho, Soares, Raul dos Santos e Vaz Ferreira.

Por ultimo, diremos que o governo se havia precavido contra este movimento disposto de todos os elementos para o dominar na primeira hora.

DESFAZENDO CALUNIAS...

PORTUGAL NA VII OLIMPIADA

Ao contrario do que se propala, os atiradores portuguezes fizeram boa figura : : Um apelo ao sr. ministro da guerra : :

Pelas noticias que temos publicado na respectiva secção, já os leitores d'*A Capital* sabem que Portugal apenas se fez representar na VII Olimpiada de Anvers por duas equipes: *tiro*, que já disputou as provas, e *esgrima*, que a esta hora as deve estar disputando.

Logo que se iniciaram as provas de tiro, os jornaes estrangeiros, seguindo a sua habitual conduta, que não queremos discutir, traziam até junto de nós os resultados obtidos por varias nações, mas dos portuguezes, por esquecimento talvez, aquele esquecimento eterno com que sempre (!) somos mimoseados, nada diziam. D'ahi a indecisão, augmentando a nossa anciedade de saber noticias dos nossos compatriotas.

Neste ponto,—talvez o unico—o C. O. P. descuidou-se um pouco. E' necessario que, quando se faça uma representação lá fóra, seja onde fôr, é necessario, repetimos, cuidar das noticias para Portugal, principalmente, mas tambem para toda a parte como muito bem fazem as outras nações. Sirva de exemplo a Espanha, que, obtendo um dia uma victoria minima em Anvers, a fez circular por todo o mundo. Sabe-se acaso que os esgrimistas portuguezes triunfaram em Ostende? Não, certamente. Tratou-se de portuguezes, ficou em familia...

Mas vamos ao caso: o C. O. P. descuidou um pouco este ponto, mas, como o que não tem remedio remediado está, queremos hoje dizer bem alto que os portuguezes que tomaram parte nos concursos de tiro fizeram uma figura brilhante.

Podemos afirmal-o sem receio de contestação depois de lermos uma entrevista que um redactor de *Os Sports* fez com o mestre-atirador sr. Dario Canas, chegado a Lisboa ha dias.

Antes, porém, de continuarmos, queremos frizar que de boca em boca se diz que a *representação em tiro foi má*. Mas quem se atreve a afirmar isto sem ao menos conhecer de perto as nossas classificações e as condições da nossa equipe de tiro?

Aqueles que sempre guerrearam a ida dos portuguezes a Anvers? Talvez!

Dario Canas, na entrevista que concedeu a *Os Sports*, põe as coisas no seu logar e é ela que nos pode servir de base para enaltecer o valor dos nossos atiradores, registando com satisfação ao mesmo tempo o facto de ainda haver bastantes portuguezes que são dignos de se intitularem como tal.

Sobre a constituição da equipe, afirmaremos que ela poderia ir um pouco mais forte, porque Dario diz:

«Eu e os meus camaradas muito lamentamos que alguns — bem poucos, infelizmente — dos nossos bons atiradores não pudessem acompanhar as nossas provas até final, pois ter-se hiam decerto classificado — quero referir-me, entre outros, aos irmãos Carvalhos, a A. Lima, alferes Silva — profundamente lamentamos que o capitão Raul e os primorosos atiradores Montez e Mendonça, classificados na final, nos não acompanhassem, o primeiro pelos seus afazeres e o segundo pela doença. Com a ida destes dois atiradores a equipe tinha-se modificado e mais forte ficava».

Mas o que lá vae, lá vae, e agora apenas podemos falar do que se passou em Anvers.

Sobre a carreira de tiro onde os nossos atiradores fizeram fogo, que fica a 70 kilometros de Anvers, continua Dario Canas:

«Para ali partimos no dia 27 á noite, pois só nesse dia as tropas que ali estavam em instrucção o abandonaram; no dia 28 foram apressadamente mudados os alvos electricos a que as tropas fazem fogo pelos alvos do concurso, e a 29 foi o primeiro dia de provas. O nosso acampamento distava dos alvos cerca de 4 kilometros, caminhada esta que todos os dias faziamos sobre areia, 4 vezes por dia, muitas vezes debaixo de chuva e sempre castigados pelo vento que, levantando a areia, nos sujava a todos e ás nossas armas, que não tinhamos outra coisa a fazer senão tentarmos protejer o melhor possivel».

Veja o leitor. Note que todos os concorrentes das outras nações não só tinham tudo quanto necessitavam como se faziam transportar em magnificos automoveis, enfim com todas as comodidades.

Sobre esta nossa informação acrescenta Dario:

«Vejamos os Estados Unidos, por exemplo. A équipe americana tinha tudo quanto necessitava; os seus atiradores tinham ali automoveis, onde se transportavam com armas e munições e não chegaram a sentir os incomodos do terreno que todos os mais experimentaram».

No tiro ha duas coisas indispensaveis para um bom atirador poder conseguir medias boas. São a arma e as munições. Sobre estes dois elementos indispensaveis diremos que todas as nações que melhor se classificaram atiraram com bala especial pontuda, escolhida, o que tem uma grande influencia no tiro.

Os nossos atiradores teem de facto atingido medias boas com a nossa bala, mas melhores as poderiam obter.

Sobre armas, emquanto o governo não consentir aos mestres atiradores a aquisição de uma arma sua, continuaremos sempre como estamos atualmente. E' bom notar que infelizmente os mestres atiradores portuguezes são bem poucos.

Já o leitor vê que as condições da equipe de tiro portugueza, obtendo na totalidade de pontos 1249 ou sejam 153 pontos a mais que os americanos, batendo a Belgica e a Hespanha, pode considerar-se um verdadeiro triunfo.

Acrescentaremos ainda que a nossa reparação foi feita em pouco tempo e não foi possivel selecionar devidamente por todo o paiz equipes que mais tarde em Lisboa disputassem a prova final.

Pois se ha carreiras n'algumas terras que não teem espingardas, alvos ou munições!

E' chegado o momento de se olhar com carinho para a pratica do tiro de guerra. Não é com circulares, decretando, que o tiro de guerra se pratica.

Quanto gostariamos que o sr. ministro da guerra nos lesse, para, ao menos, termos a certeza, dado o seu valor militar, de que olhará para a propaganda do tiro de guerra como se deve olhar.

A. de Campos Junior

POLITICA

O Congresso do P. R. P. — O que se irá passar — Fusão das duas correntes em litigio? — As futuras eleições das mesas e das comissões parlamentares — Qual dos dois será o futuro presidente da Camara: o sr. dr. Domingues Pereira ou o sr. dr. José Domingues dos Santos?

Como dissemos já ha dias, o congresso do Partido Republicano Portuguez vae realisar-se na primeira quinzena de outubro, na cidade do Porto. Que a nossa informação era segura prova-o a *nota oficiosa* que do Directorio do partido hoje recebemos, e que é concedida nos seguintes termos:

«Tendo o congresso do Partido Republicano Portuguez reunido nesta cidade em outubro de 1919, resolvido que o congresso de 1920 se realisasse na cidade do Porto, e não tendo esta resolução sido prejudicada pela reunião do ultimo congresso extraordinario, é convocado o congresso geral ordinario do Partido Republicano Portuguez a reunir na cidade do Porto, nos dias 10, 11 e 12 de outubro proximo. — Lisboa 22 de Agosto de 1920. — A Comissão Executiva (a) Antonio de Paiva Gomes, Herculano Jorge Galhardo e João Carlos Alberto da Costa Gomes.

A reunião desse congresso deve marcar uma nova etape na vida interna do partido que, segundo as nossas informações, deve readquirir ali a sua completa unidade politica e parlamentar. Assim, na proxima reabertura do congresso, o G. P. D., possivelmente um pouco mais reduzido, deve já oferecer uma completa unidade de vistas, obedecendo a uma direcção unica, numa acção harmonica ainda hoje não obtida no Parlamento.

O congresso deverá ser de facto uma das mais importantes reuniões do partido em que o choque fatal das duas correntes se ha de produzir, liquidando de vez birras e mal entendidos, de maneira ao Partido caminhar sem empecilhos de maior.

E na reabertura do Congresso, quando se tratar das eleições das mesas e das futuras comissões, algumas surpresas se hão de produzir, afirmando-se desde já que o sr. Sá Cardoso não reocupará, em novas eleições, o logar de presidente, para o qual se indigitam dois nomes — o do sr. dr. Domingos Pereira e o do sr. dr. José Domingues dos Santos, conforme do Congresso do P. R. P. sahir ou não a perfeita fusão das correntes em que esse partido agora se debate.

Presidente da Republica

Como se sabe, partiu hoje para o Porto, onde vae assistir aos festejos comemorativos do centenario da revolução de 1820, o sr. presidente da Republica.

O sr. dr. Antonio Granjo, presidente do ministerio, teve a amabilidade de pôr á disposição da imprensa logares para os jornalistas que quizessem acompanhar o chefe do Estado. Agradecemos a gentilesa para comnosco havida.

O serviço dos telefones

Todos os dias, durante uma hora ou hora e meia, o serviço do telefone d'*A Capital* está interrompido, o que, como é bem de vêr, nos causa graves transtornos.

Estamos convencidos de que o director da Companhia, o engenheiro sr. Poppe, que nos dizem ser um funcionario inteligente e activo, providenciará rapidamente para que se remedeie a avaria, se ela existe.

O PROBLEMA DA EMIGRAÇÃO

NA ILHA DA MADEIRA

Expõe-no á «Capital» o senador madeirense sr. dr. Vasco Marques

A emigração portugueza, quer do continente, quer das ilhas, é hoje um problema que se não pode classificar de grave porque é simplesmente gravissimo. Abandonam-se os nossos campos, despovoam-se as nossas aldeias, e todos os mezes os grandes transatlanticos nos levam das margens do Douro e das margens do Tejo, como ainda dos portos principaes das nossas ilhas, uma população faminta e anciosa de melhores dias, que, nos grandes centros das duas Americas, vão procurar um trabalho mais recompensante, mais remunerador.

Sobre a nossa emigração continental já por vezes *A Capital* se tem ocupado. Desejavamos hoje, portanto, dizer o que havia sobre a corrente emigratoria na Madeira, onde o problema está tomando aspectos duma gravidade tal que urge pôr-lhe côbro já, antes que a sangria cause perturbações de maior monta.

Lembrámo-nos de que o sr. dr. Vasco Marques, senador e uma das individualidades de maior destaque na Madeira, figura marcante dentro da nova organisação politica do partido reconstituinte, homem estudioso e ponderado e parlamentar dos mais assiduos e dos mais trabalhadores, nos poderia, melhor do que ninguem, elucidar a tal respeito.

E como o interrogassemos sobre o caso, logo o ilustre medico madeirense, sr. dr. Vasco Marquez, com a sua gentilesa de sempre, nos diz:

—E' de facto um dos mais interessantes problemas para a Madeira, no momento presente. A corrente emigratoria sempre foi grande na minha terra.

Já porque não podiamos fugir ás tendencias aventureiras da raça, já porque a familiariedade com o mar, que todo o dia contemplamos, ora magestoso e iracundo, ora poetico e manso, como que convida a atravessal-o em busca do desconhecido,—os madeirenses sempre deram um forte contingente para o povoamento de terras longinquas, atraidos pela miragem da riqueza.

Mas periodos houve em que a febre emigratoria atingia o seu auge, e familias inteiras, constituidas por milhares de criaturas, iam de abalada em busca de fortuna.

E assim, nos ultimos cem anos, cinco d'esses periodos se podem apontar, que constituiram verdadeiras sangrias.

—Pode apontar-nos esses periodos?

—Porque não?!

Foram eles a emigração para Demerara, Sandwich, Brazil, Transwaal e ultimamente America do Norte. As tres primeiras foram as que nos roubaram mais gente, sendo a segunda a mais perniciosa de todas, porque raros foram os que voltaram e nenhum conseguiu enriquecer.

Em Demerara fizeram-se muitas boas fortunas, embora em restrito numero, sendo muito o oiro que d'esta procedencia entrou na Madeira. Do Brazil nenhum madeirense voltou rico a fixar residencia na sua terra, mas em compensação voltaram inumeros emigrantes com economias variaveis entre dois a seis contos, que concorreram depois imensamente para o aproveitamento e desenvolvimento da pequena propriedade, e, consequentemente para o desenvolvimento da riqueza publica. O Transwaal e a America do Norte deram-nos e continuam-nos dando muito oiro.

D'um modo geral pode afirmar-se que a emigração não nos foi perniciosa, não só porque o madeirense nunca se fixava lá fóra, antes sonhava sempre voltar á terra e comprar umas leiras para amanhar e construir-lhe em cima a sua pequena casa, como tambem porque o acentuado excesso da natalidade sobre a mortalidade ia compensando de sobejo os que partiam e não voltavam.

—Nesse caso, a emigração, em vez de ser um mal, é um bem?

—Não é bem assim. O caso agora é até muitissimo differente. A febre de emigrar atingiu o delirio. Tudo quer sair, tudo quer fugir. D'um lado o salario elevado que lá fóra pagam, e d'um modo particular na America do Norte, que é presentemente o ponto de atração; por outro, o agio espantoso que transforma o dolar em chuva de escudos. Assim, um individuo que, para embarcar, pede 500 escudos, chega a America e ao fim de poucas semanas consegue arranjar 100 dolars que envia aos seus. A divida fica paga e ainda sobeja dinheiro! Esta *maravilha* anda de boca em boca e todos querem ir para onde o dinheiro *vale*. Junte a isto a ameaça de fome que paira constantemente sobre a Madeira, que em vão reclama abundancia de milho e trigo;—a carestia da vida que é asfixiante;—a nudez do mercado, porque inumeros artigos essenciaes ali se não encontram;—e diga-me se lealmente não é tentadora a miragem de ir para onde ha de tudo com relativa abundancia, e, sobretudo, de ganhar o dinheiro que vale cinco vezes mais do que o nosso!

O povo no seu raciocinio simplista, não repara que a sua sahida em tão grande numero torna a vida ali impossivel e cada vez mais cara e que a falta de producção é o maior dos males que nos pode afligir, porque, encarecendo tudo espantosamente, o decantado dinheiro americano, embora dando cinco vezes o seu valor nominal, já não chega tambem para nada.

Poucos exemplos bastam. O peixe espada que ali abundava era vendido, em media, a tostão cada um; hoje custa entre 1$50 a 2$00. A carne, que era a $24, está a 1$00. O assucar, que era a $26, custa 1$20. O vinho, que custava a 2$00 o barril, custa 20$00. A ervilha, que era a $08 o quilo, custa a $60 e assim por diante, e assim em proporção. O valor atingido pela propriedade é tambem estonteante, de modo que as vantagens conhecidas da emigração desapareceram, porque hoje o emigrante que regressa com quinze contos adquire muitissimo menos do que aquele que dantes voltava com dois contos. Não exagero.

Ha dez anos atraz um trabalhador de enxada que regressava á Madeira com dois contos comprava terra que, amanhando, lhe dava para os gastos da sua casa; construia uma pequena casa terrea com dois quartos e cosinha; comprava uma vaca; e ainda lhe sobejavam uns dinheiros. Juntando a isto o seu trabalho diario, tinha assegurado o seu futuro.

Hoje, só a vaca lhe custa um conto de réis e a modesta casinha terrea tres contos! Terras só a peso de... papel, porque, como tudo se vende por excessivo preço, o dinheiro gira em abundancia e o camponio não sabe que fazer a um numerario que se rasga, que apodrece, que se desfaz, que está até ameaçado pelos ratos a dentro das caixas mal seguras; junte a este receio o boato espalhado por almas daninhas de que vai haver bancarrota e compreenderá a febre com que o habitante dos campos da Madeira compra terras á doida, sem querer saber de preço.

Quando lhe observam que compraram caro e mal, respondem que a terra ninguem a leva e que dinheiro de papel foi coisa que os avós nunca guardaram, podendo dum momento para outro nada valer. Mais vale um na mão, que dois a voar, rematam sentenciosamente. Na Madeira, para os conchavos de terra, ainda subsiste a medida antiga chamada *cana*, correspondente a trinta metros quadrados. Para ficar fazendo ideia da que a propriedade rustica ali atingiu, dar-lhe-hei um só exemplo, de que tive conhecimento quando lá estive ha dois mezes.

No sitio da Fajã dos Nunes, freguezia de Porto Moniz, foi vendida uma pequena propriedade rustica que ha poucos anos fôra adquirida a cinco escudos a cana, por cento e vinte escudos cada cana. Em curto espaço valorisou-se vinte e quatro vezes. Bem vê que é o delirio. Mas com os predios urbanos a coisa vai tambem a galope. Um predio conheço que foi adquirido por dez contos, sofreu uns melhoramentos e foi depois vendido por dezesete contos, no ano findo; já oferecem por ele trinta e cinco contos. E como este ha tantos casos.

— De maneira que, ponderados esses aspectos graves do problema...

— Ponderados esses aspectos graves e tendo na devida conta todas as circunstancias que lhe apontei, acho que estancar a emigração é uma necessidade, porque os beneficios d'ela resultante são muito inferiores aos maleficios. Como consegui-lo? Em primeiro logar é necessario que os governos olhem com mais cuidado para a Madeira, abastecendo-a do indispensavel, especialmente de milho e trigo, e provando á evidencia que se interessam pelos destinos d'aquele digno povo. Imagine por exemplo que as levadas que conduzem a agua de irrigação, e que são o sangue da terra, pertencem em parte ao Estado, que d'elas aufere receita. Deixar de cuidar das levadas é tornar improdutivas muitas terras, o que neste momento é criminoso. Pois as levadas não só estão em muitos pontos arruinadas como correm o risco de ficar abandonadas, porque o Estado paga a cada trabalhador que delas cuida a ridicula diária de $60, fechando ouvidos a todas as reclamações! As ribeiras que atravessam a ilha tambem pertencem ao Estado, sendo necessario, por todos os motivos, cuidar d'elas. Pois bem, as ultimas invernias arrasaram as muralhas da que atravessa a freguezia da Ribeira Brava, ficando destruidas bastantes propriedades e ameaçadas muitas outras. Não obstante as reclamações, tudo continua na mesma; os concertos não se fazem, deixando-se assim de cultivar muitas terras, umas porque estão arrasadas, outras porque estão ameaçadas. Tudo isto desanima, faz vontade de fugir, e nestas circunstancias não tem o Estado autoridade para pôr cobro á emigração. E note que poucas regiões teem representantes no Parlamento que cuidem da sua terra como os que foram eleitos pela Madeira. Todos eles sem excepção, e independente do seu credo politico, estão constantemente na brecha, mãos dadas quando se trata de defender os legitimos interesses do arquipelago. Mas a sua voz fica muitas vezes sem eco e os seus esforços constantes nem sempre resultam proficuos.

— E' então absolutamente indispensavel a intervenção do Estado?

— Sim. Sem que o Estado prove que a Madeira pode contar com ele e que ali se pode viver, certo estou que não termina a emigração, ficando cada vez mais dificil o problema. O Estado tem, pois, que mudar de processos e depois modificar as condições em que se faz a emigração. Proibil-a por completo é impossivel e é mesmo atentatorio da liberdade individual. Mas quando na Madeira se puder viver, deve condicionar a emigração e canalisal-a para as nossas colonias. Assim, o madeirense ganha dinheiro e concorre para a prosperidade do seu paiz».

Aqui está o que sobre o grave problema da emigração na Madeira nos disse um dos seus filhos mais ilustres e que mais entranhadamente ama esse delicioso paraiso da Perola do Oceano.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

O livro "Infeliz-Mente!"

O QUARTO N.º 2

Aproveitei a minha carta anterior para lhe falar de um diario, visto estar a nossa conversa no ponto em que principiei a escreve-lo. Acho melhor para ambos nós, leitor, á medida que fôr avançando, ir fazendo os comentarios e a argumentação precisa. O leitor fica de pronto esclarecido e eu, com raras exceções, tornarei a referir-me a certos factos.

E' por isso que reservo para o momento oportuno as respostas ás transcrições dum certo livro que, no *Diario de Noticias*, são feitas a *fingir anuncios* e que vêem cheias de *ditinhos* proprios de quem não tem coragem de responder de cara descoberta, frente á frente, a quem nunca foi covarde. Não me oculto para discutir seja com quem fôr: *assino o que escrevo* e assumo-lhe a responsabilidade agora, como a assumirei depois de levantada a minha interdição.

Dizem que devagar se vai ao longe. Eu assim quero ir, leitor, para não cansarmos os dois. Conversamos, discutimos, choraremos juntos algumas vezes, talvez, mas tambem havemos de rir. Há de haver tempo para tudo.

Ora, então, vamos lá continuar.

Terminados os oitos dias de isolamento, que eu não lhe descrevo aqui completamente, porque o que está no no meu *«Doida, não!»* acho escusado repeti-lo, como já tenho dito, pois o leitor provavelmente não o esqueceu, fui mudada para a enfermaria de 1.ª classe, quarto n.º 2, um dos quartos *especiais*, como pomposamente lá se diz no hospital. A sua *especialidade* consiste apenas no preço ser mais elevado que o dos outros.

A propósito do meu primeiro quarto, no livro *«Infeliz»*, põem na boca do secretário—*o ave negra do Conde de Ferreira*—no seu depoimento, estas palavras—*«um bom quarto, com um mobiliario expressamente disposto para ela, tendo o depoente tido o cuidado», etc, etc.*

O quarto era de facto bom, nunca me maltratou; e, se me retinha presa, a culpa não era d'ele, era de quem lá me meteu; mas agora a sério, leitor, o quarto não era mau, tinha uma grande janela, que só abria 15 *centimetros*, e quatro portas, tres para dois outros quartos, um de cada lado e uma para o corredor.

O mobiliario *expressamente disposto* (isto foi para inglez ver) é há muitos anos o mesmo e o mesmo era no proprio dia 9 de agosto de 1919, em que eu deixei o hospital e em que, por acaso, lá entrei, como hei-de contar-lhe, quando chegarmos a esse ponto. E' possivel que tivessem mudado da direita para a esquerda e da esquerda para a direita algumas cadeiras que esse quarto tinha, mas a *expressa disposição* ficou-se por aqui.

Quanto *ao cuidado* do depoente, isso são contos largos, temos muito que dizer... Isto vai devagarinho.

Alvitrou o depoente que eu tivesse uma *criada-privativa*—é como ele se digna chamar ás empregadas-carcereiras—para que *nada me faltasse*, como era o desejo do sr. dr. Alfredo da Cunha, segundo diz *o ave negra*.

E, veja o leitor, tanto á risca ele cumpriu, que eu fiquei farta e bem farta.

Quando cheguei a esse quarto, a minha impressão não foi má, devo dize-lo francamente. Já não era o pavilhão das criminosas, embora fosse ainda o hospital de doidos; mas, ao menos, não via a fresta gradeada da minha cela, nem ouvia os doidos cantar; havia uma variante, ouvia as doidas; e, havia, tambem, mais uma apreensão—o que ia eu ver ali?

Logo na primeira noite me foram visitar duas senhoras que já no pavilhão me tinham dito que estavam lá de castigo.

Ninguem sabia, no hospital, qual a verdadeira razão do meu internamento; eu tambem não tinha empenho em divulgá-la, nem me convinha fazê-lo, porque tambem já me haviam contado a diferença que existia entre o tratamento das verdadeiras doentes e daquelas que ali de doentes só tinham o nome. Nada disse, tampouco, a essas senhoras do que se tinha passado; mas a nossa sorte era a mesma e fizeram-me muita pêna. Duas mulheres na flôr da edade—30 anos — metidas num hospital de doidos por faltas que tantas outras cometem impunemente, e muitas vezes até, com aqueles que se julgam com o direito de as condenar a tão atróz suplicio!...

Mais me visitou uma senhora que ali estava ha 12 anos em tratamento. Falava correntemente, mas após alguns momentos de conversa principiava as suas queixas — sempre as mesmas—todos lhe queriam mal, todos a intrigavam com os médicos para não sair de lá e, ao deixar o meu quarto, ia talvez convencida de que eu, como os outros, lhe não queria bem.

Ainda mais duas me foram ver: uma que tinha fúrias terriveis de vez em quando (dormia no andar de baixo; era o espirito mau da enfermaria-doente e má) e outra, aquela de quem no *Doida, não!* eu digo que o *Senhor* lhe fazia revelações e que foi mudada para as furiosas por ter agredido a enfermeira.

Terminadas as visitas do meu primeiro dia no quarto *especial*, deitei-me.

Assim pudessem as minhas mágoas adormecer!

Maria Adelaide

A nova politica dos soviets de Londres

LONDRES, 21.—O «soviets de Londres», pois é assim que se intitula agora o «comité» d'acção trabalhista, parece adoptar uma nova politica.

No caso de ter de tomar resoluções extremas, o «soviet» resolveu que não é a uma gréve geral que terá de recorrer para auxiliar a Russia dos soviets.

As experiencias procedentes provarem, realmente, como muito bem disse em Sheffield um membro do «comité», que a população faria quanto estivesse ao seu alcance para fazer fracassar semelhante tentativa.

Não queremos arriscar-nos a uma derrota. O «comité» d'acção contentar-se-ha, em caso de necessidade, em opôr o seu voto ao fabrico das munições e fardamentos, assim como aos transportes de material de guerra e de tropas para os portos britanicos.—(Correspondente).

Projecto de nomeação dum novo presidente bavaro

BERLIM, 21.—O «Vossische Zeitung» e os jornaes do partido popular bavaro anunciam a intenção do partido de colocar á frente da Baviera um presidente á semelhança do presidente Ebert.

O mesmo jornal diz que assim ficariam lisongeadas as tendencias particularistas, mas acrescenta que a nomeação dum presidente bavaro arrastaria uma mudança de constituição do paiz, e conclue por dizer que a Baviera ficaria sem presidente de republica.—(Correspondente).

A guerra civil na Irlanda

LONDRES, 21.—As medidas de precaução tomadas em Belfast pelas autoridades militares e policiaes, durante o inquerito aberto naquela cidade acerca do assassinio dum rapaz na semana passada pelos soldados, indicam a gravidade da situação na Irlanda.

Durante uma busca feita em Berrygallon, com o fim de descobrir armas, os sinn-feiners descarregaram as suas armas sobre a policia. Os agentes ripostaram.

Um sinn-feiner foi morto e outro ficou ferido. Em Templemore foi morto um inspector de policia.

Um camion automovel cheio de soldados armados de metralhadoras e um automovel blindado estacionavam em frente do tribunal e, em virtude dessas medidas, não se deu nenhuma desordem.—(Correspondente).

Manifestações anti-alemãs na Inglaterra

RAMSGATE, 21.—O carregamento de carvão de coke para bordo dos navios alemães provocou incidentes.

Homens e mulheres em grupos atacaram a policia que estava de guarda aos navios e atiraram-lhe com garrafas e pedras.

Ficaram feridos varios agentes da policia, tendo um apresentado ferimentos produzidos por um prego de chapeo.

Um outro foi desmontado á pedrada. Finalmente a policia deu uma descarga que dispersou a multidão.—(Correspondente).

Cotações cambiaes, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 21.— Cambio sobre Londres, 13 3/8, 13 7/16; cotação do café 11$108 réis; valor do escudo portuguez, 1$030 réis.—(Americana).

Exportação de borracha brasileira

RIO DE JANEIRO, 21.—Os estados Unidos da America do Norte importaram do Brazil, em 1919, borracha no valor de 20.820.000 dolars.— (Americana).

Artistas portugueses no Brasil

RIO DE JANEIRO, 21.—O embaixador de Portugal foi apresentar ao sr. dr. Epitacio Pessoa o distincto artista portuguez Roque Gameiro e sua filha, que foram convidar o sr. dr. Epitacio Pessoa a visitar a sua exposição.—(Americana).

A emigração portuguesa para o Brasil

RIO DE JANEIRO, 21.—Entraram no Brazil, no primeiro semestre d'este ano, 11.664 imigrantes portuguezes.—(Americana).

A concertista Vera Janocopulos

RIO DE JANEIRO, 21.— A ilustre artista Vera Janocopulos deu um concerto em S. Paulo, que foi brilhantissimo, sendo a distincta artista aplaudidissima.—(Americana).

VIDA SPORTIVA

Nota do dia

Tendo o Botafogo Foot-ball Club convidado o club de foot-ball campeão portuguez para ir ao Brazil jogar um desafio por ocasião das festas do centenario da independencia desse povo e às quaes assistem os reis da Belgica, suscitam-se duvidas sobre qual o «team» a que deve ser atribuido esse convite, porisso que ha um campeão em Lisboa e outro no Porto, mas não ha campeão nacional.

Não estamos em época de fazer disputar o campeonato de Portugal, visto que não é natural que se organise agora o campeonato da temporada 1919-20 nem tão pouco se póde abrir a época de 1920-21 com o campeonato de Portugal.

Assim, vemos apenas uma forma de se chegar a uma conclusão: organisar um match entre os campeões do Porto e de Lisboa, cujo vencedor terá a missão de representar o nosso paiz no Brazil.

O nosso colega dos «Jornal de Noticias», do Porto, lembra que se fizesse disputar um campeonato de Portugal entre todos os clubs, mas não concordamos com isso pelo motivo que acima apresentámos; o nem mesmo se devia organisar um torneio entre esses clubs, porque não havia tempo, pois nos parece que a partida do «team» terá de se efectuar muito em breve.

No Porto está-se fazendo toda a propaganda para que Portugal aceite o convite; nós faremos o mesmo em Lisboa, porque achamos de toda a conveniencia, quer sportiva, quer nacional, a realisação desse «match» de foot-ball entre os povos irmãos, cujos laços se procuram dia a dia estreitar ainda mais.

A Associação de Foot-ball de Lisboa aqui e a Associação de Football do Porto nessa cidade é que se devem interessar a valer pelo assunto, porquê a elas compete a direcção do foot-ball nas duas cidades.

Tambem é preciso que os nossos clubs se mexam e não comecem com as intrigas a que estão habituados, porque, acima de tudo, trata-se de representar o nome portuguez.

Resultados da Olimpiada de Anvers

ANTUERPIA, 21.—Na *poule* final de 5.000 metros, primeiro imperio, italiano, em 13 14 1[5; Parker, italiano em 13 14 1[5; Parkes, australiano, Reiner, Estados Unidos; Naomaster, Africa do Sul; Moronay, Estados Unidos; Lawer inglês, Hehir, inglês, Roiker, Estados Unidos, Beghers, belga. No lançamento de pesos pezados de 25.400 quilos, final Macdonard, Estados Unidos, 11,265 metros; Ryan, Estados Unidos, 10,965 metros; Lind, sueco, 10,25 metros; Diarmud, Canadá, 10 metros; Svenson, sueco, 9,45 metros e Peterson, Finlandia, 9,37 metros.—*(Havas)*.

ANTUERPIA, 21.—Na *poule* final de triplo salto com elan Timles, Finlandia, 14,50 1[2 metros; Johnson, Suecia, 14,48 m.; Aimloriff, Suecia, 14,27 m.; Saint, Suecia m. 14,17 1[2; Sandors, America, 14,17 m; Alearn, America, m. 14,8.—*(Havas)*.

ANTUERPIA, 21.—Na esgrima de espada a Belgica bate a França, e a Italia bate Portugal. No jogo de Law Tennis Lenglen e Dayen, franceses, são batidos por Mac Nam e Mac Kane, inglêses, por 2|6, 6|3 e 8|6. No match de esgrima a Italia bate a Belgica. A' espada, na *poule* final, a Italia bate a Suiça e a Belgica bate Portugal.—*(Havas)*.

Associação João de Deus

No Museu João de Deus, Avenida Alvares Cabral (á Estrela), séde desta Associação, vae brevemente começar um novo curso de explicações gratuitas do Metodo João de Deus, regido pelo antigo professor sr. Frederico Caldeira.

As pessoas que desejarem habilitar-se para o ensino de leitura e escrita pelo referido metodo devem inscrever-se desde já, em todos os dias uteis, das 12 ás 17 horas.

Congresso transmontano

Os festejos na Regoa

REGOA, 21.—Em virtude dos festejos a realisar nos dias 7 e 8 de setembro, os congressistas transmontanos realisam aqui uma reunião, preparando-se para essa ocasião grandiosas festas. Estão já contratadas as excelentes bandas de musica de Paços de Ferreira e dos Bombeiros Voluntarios de Famalicão, esperando-se o concurso de mais uma banda regimental.

O programa das festas consta de touradas, arraiaes, concurso de descantes populares, etc.

Haverá um festival noturno no dia 8, nas margens do Douro, que promete ser dum extraordinario brilhantismo, pois a comissão local esforça-se por que ele constitua o melhor numero de festejos que em Traz-os-Montes se realisam. Por ocasião da chegada dos congressistas, as ruas serão vistosamente engalanadas e o dr. José Pontes tratará de organisar uma grande festa infantil.

Movimento associativo

Socorros Mutuos de empregados no comercio de Lisboa.—Reúne amanhã, ás 21 horas, a assembléa geral para discussão e aprovação do projecto de reforma dos estatutos.

Noticias da Capital

A serie diaria.—Foram presos: João Ribeiro, da rua Morais Soares, J. A. e Manuel de Cintra, da rua Sabino de Souza, 99, que furtaram uma pistola e uma porção de grudo no valor de 55 escudos a José Aguiar, da rua Barão Sabrosa, 131, 2.º; Francisco Vieira, da Travessa do Chafariz á Ajuda, 1, loja, e Maria de Almeida, da rua Silva e Albuquerque, que praticaram um furto nos Armazens Grandela; José Lazaro, da Bica de S. Francisco, 2, que furtou de uma mala de viagem pertencente a Clementina de Jesus Serra, do rua do Outeiro, em Abrantes, uma carteira com dinheiro; José Roiz Carneiro, do Largo dos Trigueiros, 15, 1.º, que na estação do Rocio andava metendo as mãos nas algibeiras dos passageiros; Joaquim Augusto Jorge, da rua do Amparo, 18, que furtou roupas no valor de 60 escudos a Maria Zulmira, da rua do Convento da Encarnação, 32, loja; Manuel Leandro, sem residencia conhecida, que estando a trabalhar na reparação de uma obra na rua dos Anjos, 131, d'ali furtou ao seu companheiro Humberto Simões uma carteira com 247$50; João Francisco Gomes, *O Perica*, da rua Maria Pia, 25, 1.º, e Zeferino Barradas, ambos de Alcantara, juntamente com outros que se evadiram, terem assaltado varios vagons donde furtaram carvão pertencente á firma comercial Raul Sunque, com escriptorio na rua do Vale do Santo Antonio, 255, 1.º

Os gatunos entraram em casa de Maria do Nascimento Gregorio, na rua do Patrocinio, 32, donde furtaram um saco com 65 escudos que estava escondido debaixo do travesseiro de uma cama.

José Francisco, das Escadinhas de S. João Nepomuceno, 6, 1.º, foi passar a noite na hospedaria de Zeferino Barradas, na rua de S. Paulo, 260, 2.º; quando acordou notou que os larapios lhe tinham furtado dos pés as botas, no valor de 50 escudos.

«Chauffeur» desastrado.—Pela rua de S. Paulo seguia o camion S. 4104, pertencente á Companhia Geral de Camionagens, de que era «chauffeur» Antonio do Amaral, da rua de S. João dos Bemcasados. Devido á impericia do «chauffeur», o vehiculo foi de encontro aos estabelecimentos de Bento & Cunha, da mesma rua, 140, e de Alexandre de Oliveira Lino, do n.º 146, causando prejuizos avaliados em 250 escudos.

Uma prisão.—Por mandado do juiz do 1.º juzo de investigação criminal, foi presa Ana Leite de Oliveira, da rua da Graça, 67, cave.

Armado sem ter licença.—Foi preso José Fernandes Cunha, da avenida Gomes Pereira, letras S. B., encontrando na mesma avenida, armado de revolver com 5 cargas, sem estar munido da respectiva licença.

Tentando pôr termo á vida.—Num predio em construcção no Bairro Novo apareceu pendurado pelo pescoço João Antonio Aleixo, do beco da Bolacha, 22. Agostinho da Silva, da rua do Meio, á Lapa, 52, 2.º, que por ali passou, foi participar o caso á proxima esquadra, saindo dali a policia que foi encontrar o tresloucado já no chão, com a corda cortada, tendo-lhe sido prestado esse socorro por Antonio Alexandre, da rua das Fontainhas, 32. Depois do pensado, seguiu para casa.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

«O Comercio do Porto» mensal.—Recebemos e agradecemos o numero correspondente a julho d'este mensario do nosso estimado colega do Porto, que, é, como de costume, um interessante repositorio.

Camara Portugueza do Rio de Janeiro.—O Boletim mensal da Camara Portuguesa de Comercio e Industria do Rio de Janeiro, correspondente a abril findo, traz, entre outros artigos, um intitulado «A importação portugueza no Brazil em 1919», por onde se vê que o Brazil importou, em 1919, menos 8472 toneladas de mercadorias do que em 1918, mas dispendeu a mais cerca de 1754 contos.

Festas associativas

Club Recreativo «Os Chorass».—Reuniu a direcção deste Club, que entre outros assuntos resolveu nomear uma comissão para promover as festas do 3.º aniversario que se realizam no proximo mez de setembro, sendo nomeados os seguintes socios: Joaquim Romeiro, José David, Julio Branco, Americo Holtreman, Octavio Lopes, Francisco Mega e Alfredo Rocha.

Os trabalhistas inglezes em Paris

Um manifesto da C. G. T.

Como a Havas já noticiou, os trabalhistas inglezes que tinham ido a Paris, a fim de conferenciarem com a Confederação Geral do Trabalho, foram convidados a abandonar o territorio francez no mais curto prazo de tempo.

No *Matin* chegado hoje a Lisboa encontramos os seguintes pormenores:

Terça-feira do manhã, os socialistas ingleses W. Adamson, da Federação dos Mineiros, deputado e presidente da comissão parlamentar do grupo socialista no parlamento britanico, e Harry Gosling, presidente da Federação Nacional dos Transportes, chegaram a Paris.

Conferenciaram com a C. G. T. e o partido socialista ácerca da situação internacional e especialmente da republica dos soviets e da Polonia.

Tendo-lhes o governo francês feito saber que deviam saír do Paris pelo primeiro comboio, os delegados inglezes tomaram o das 21,10.

Entretanto o comité dirigente do C. G. T. deliberava. Os seus membros separaram-se cerca da meia noite, tendo-se pronunciado «em favor da acção internacional por intermedio da Federação sindical internacional e não d'uma acção limitada e um entendimento dos trabalhadores franco-inglezes que era preconisado pelos cidadãos Gosling e Adamson».

Neste sentido foi encarregado o cidadão Jonhaux de levar a resposta ao *bureau* internacional.

A C. G. T. redigiu um manifesto nos termos seguintes:

«1.º Protestar contra a expulsão da delegação ingleza, feita sem razões validas.

2.º Protestar contra a politica da França para com a Russia, politica que não soube ainda reparar os erros praticados no inicio do conflito russo-polaco.

3.º Protestar contra o auxilio prestado ao general Wrangel.

4.º Afirmação em favor da independencia dos povos e da sua liberdade de obter um governo da sua escolha.

5.º Convite aos operarios francezes para acentuarem a sua recusa em trabalhar para a guerra.

Postos de socorros noturnos

O movimento dos seis postos durante a ultima semana foi de 15 chamadas.

Como se sabe, esses postos estão abertos, para casos de urgencia, das 22 ás 8 horas.

As gréves

As classes maritimas abandonam o trabalho

Ainda por motivo do conflicto que se deu entre o chefe do departamento maritimo do Norte e a Federação maritima sobre o cumprimento da lei de 18 de Setembro de 1918, respeitante aos exames para maquinistas, acabam de se declararem em gréve todas as classes maritimas federadas, devendo manter-se n'esta situação por tempo indeterminado emquanto o caso não fôr resolvido.

Os srs. Presidente do Ministerio e Ministro da marinha haviam dado ordens para a lei ser cumprida, mas o facto é que tal não sucedeu por parte do chefe do departamento maritimo do Norte, e pelo delegado do departamento de Leixões, motivo porque a Federação maritima resolveu entregar o caso ao sr. Presidente do ministerio.

A partir de hoje abandonaram o trabalho: os descarregadores de mar e terra, os fragateiros, os maquinistas navais, pessoal de estiva, etc. O sr. presidente do ministerio, que já hoje se ocupou do assunto, vai tratar do caso directamente no Porto, para onde segue em companhia do sr. presidente da Republica.

Por sua parte, o sr. governador civil de Lisboa, no intuito de conciliar quanto antes as partes em litigio, convidou para conferenciar no seu gabinete o presidente da Associação do Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa, comandantes dos vapores «Josefina» e «Cysne», presidente da Associação dos Fragateiros e delegados dos descarregadores não associados. Por ser domingo, dificil se tornou encontrar as pessoas procuradas, pelo que algumas dessas entrevistas só amanhã se realiserão.

A luta entre russos e polacos

Os incidentes com francezes na Alta Silesia

BERLIM, 21.—Os batalhões francezes que se encontravam em Teschen foram transportados para a Alta Silesia, em seis comboios. Esses comboios foram detidos no caminho pelos ferro-viarios alemães, que, imaginando tratar-se de remessa de tropas para a Polonia, os não queriam deixar seguir. As explicações que lhes foram fornecidas satisfizeram os ferro-viarios, que se não opuzeram á marcha.

Mas, no percurso, um dos comboios foi novamente detido a caminho de Katovitz, em Gleiwitz, recusando-se os ferro-viarios a deixá-lo seguir.

Mudaram-lhe a agulha e fizeram passar o comboio para um desvio. Durante a manobra produziu-se uma colisão. Foram mortos três soldados e cinco ficaram feridos, dois d'eles gravemente. Está aberto um inquerito para conhecer as verdadeiras causas do acidente.—*(Correspondente)*.

A Polonia recebe, apezar das dificuldades, material e munições

PARIS, 21.—O grande sucesso alcançado pelas tropas do general Haller afrouxa a pressão feita pelos exercitos vermelhos na Varsovia. E', porem, evidente que a vitoria dos polacos depende, na maior parte, da regularidade com que chegaram os materiais de guerra e munições.

Um alto personagem do estado maior polaco, de passagem em Paris, fornece noticias optimistas a tal respeito, a um jornalista.

— Não ha duvida — disse esse oficial — que a recusa dos alemães em consentir o transito das armas pela via Coblenz — Varsovia, junto á má vontade dos tchecos e á propaganda que impede, na Inglaterra, na Belgica e na Alemanha a carga e descarga dos navios que se destinem a Dantzig, nos tem criado muito grandes dificuldades.

«Depois de 29 de junho ultimo, foi assaltado um comboio de munições e mais d'um vagon não foi autorisado a atravessar a Alemanha.

«Isso é tanto mais singular, quanto existe entre o governo polaco e o governo alemão um acôrdo que prevê a passagem em perto de 200 comboios carregados de material de guerra para os exercitos polacos, que lutam ha dois anos contra o bolchevismo russo.

«O contrato não terminou ainda, e cem comboios apenas atravessaram a Alemanha, o qual, até ao fim de julho, não fizera a menor objecção.

«Só depois dos exercitos vermelhos terem entrado na Polonia é que o governo alemão suspendeu os transportes que não considerava antes e desde muito uma violação da neutralidade alemã.

«Essa decisão, que nada justificava a principio, nem de facto, indica o acôrdo escrito ou tacito entre o governo de Berlim e o de Moscou.

«Mas, apezar de todos esses obstaculos, terminou sorrindo o oficial, que acabára de receber animadores noticias de Varsovia, o armamento e munições vão chegando á Polonia em quantidades suficientes. — *(Correspondente)*.

Os polacos continuam a avançar

VARSOVIA, 21.—As tropas polacas partiram de Dembliem, ocuparam as cidades de Siedlce e de Biala e chegaram até á margem esquerda do Bug a jusante de Brest Litowsk; a ala direita polaca chegou tambem diante dos fortes ao sul e uma parte dos seus elementos transpoz o Bug na direcção de Kowel. Ao nordeste de Varsovia, na bifurcação do Bug e do Narow, os polacos, depois de terem tomado de assalto o talude da ponte de Pultsk continuam na sua progressão na direcção de Ostrolenka. Esta manobra ameaça a unica via de retirada que resta ás tropas vermelhas que se encontram na direcção de Malawa-Saldan para perseguirem as tropas polacas concentradas na linha Modlin Dantzig — *(Havas)*.

Os telegramas de felicitação do governo francez

PARIS, 21.—Eis o texto do telegrama que o presidente do conselho enviou ao ministro da França na Polonia: «O governo da Republica dirige as suas felicitações ás missões diplomatica e militar da França na Polonia pela parte que lhes cabe na vitoria dos exercitos polacos». Por outro lado o sr. Millerand enviou o telegrama ao sr. Jusserand: «Queira oferecer ao marechal Pilsudski as felicitações do governo da Republica pela gloria de que o exercito polaco acaba de se cobrir. A França, que sempre teve fé no patriotismo do povo polaco, sauda com alegria esta vitoria que salva a Polonia e assegura o cumprimento dos seus destinos historicos». — *(Havas)*.

A derrota dos bolchevistas

VARSOVIA, 21. — Os polacos continuam perseguindo e derrotando as forças bolchevistas. O numero de prisioneiros sobe já a 19.000, além da grande quantidade de armamento e munições que lhes tomaram.—*(Havas)*.

Os comunicados dos vermelhos

MOSCOU, 21.—O comunicado bolchevista limita-se a mencionar combates na frente de Varsovia e anuncia a ocupação de Clinany, a oeste de Lemberg, a captura de 300 prisioneiros e de 20 canhões, a passagem da ribeira do Sirpa e a ocupação de Wasiliewka na região da Crimea.—*(Havas)*.

A opinião da imprensa francesa

PARIS, 21.—Os jornaes são de parecer que a nova situação militar da Polonia não modificará o programa dos delegados á conferencia de Minsk. A atitude do alto comissario inglez em Dantzig, Resnald Pow, preocupa muito a imprensa franceza.—(Havas).

O que os delegados polacos exigem

VARSOVIA, 21.—Os delegados polacos partiram para Minsk com o seguinte programa: A Polonia não reivindicará para si senão os territorios habitados na maioria por população polaca e catolica. Não se desinteressará do destino da antiga republica real da Polonia e reivindicará para esses povos o direito de disporem livremente do seu destino. As declarações dos soviets sobre estes pontos deverão ser garantidas por obras. (Havas).

Os bolchevistas tentam uma digressão pela Galicia

VARSOVIA, 21.—Os bolchevistas tentam uma diversão pela Galicia mas o comando polaco tomou as necessarias precauções para que esta emprêza não tenha repercussão na batalha decisiva que se está travando entre o exercito vermelho, que se acha em situação embaraçosa, deve decidir-se entre Ostrolenka e Lomza, num terreno pantanoso do Narew.—*(Havas)*.

ULTIMA HORA

O atentado contra o dr. Felix Horta

A policia de Segurança do Estado proseguiu hoje nas suas diligencias sobre o atentado de que foi vitima, na rua Primeiro de Dezembro, o sr. dr. Felix Horta, vogal do Tribunal de Defeza Social.

Não se efectuaram ainda novas prisões apesar da policia ter sido informada de que o Complot foi organisado na Cadeia do Limoeiro, donde saíram as instruções para os jovens sindicalistas.

O Manuel Alves Vieira que continua em tratamento na enfermaria da Cadeia do Limoeiro, deve sofrer amanhã novo interrogatorio.

A policia teve tambem conhecimento de que se preparava um novo atentado contra o sr. Pinhão, adjunto do director da policia de Segurança do Estado, e alferes Sá Portugal que costuma acompanher aquelle funccionario.

A questão dos eletricos

Parece finalmente que está em via de solução a malfadada questão dos eletricos.

O sr. Presidente do Ministerio, que chamou o caso a si teve uma demorada conferencia com o sr. Freire de Andrade, director da Companhia Carris de Ferro.

Dessa entrevista, ao que nos consta, ficou assente que o governo garantisse a liberdade de trabalho e autorisava a Companhia a cobrar do publico os bilhetes com o augmento de tarifas determinado ultimamente pela vereação municipal, ou seja em conformidade com o convenio que ha dias foi assinado no ministerio do interior entre a Camara e a Companhia.

O governo protegerá os carros em circulação com praças de infantaria e cavalaria da Guarda Republicana.

Serviço telegrafico da tarde

A situação na Alta Silesia melhora

PARIS, 21.—A situação na Alta Silesia vai melhorando. O dia de hontem e a noite passada decorreram sem incidente. As tropas de ocupação estão inteiramente senhoras da situação. Em Beuthen continua a gréve dos mineiros, mas o trabalho recomeçou por completo nas fabricas metalurgicas.—*(Havas)*.

BERLIM, 21.—O jornal «Freiheit» atribue a responsabilidade dos acontecimentos que se deram em Kattowitz aos nacionalistas alemães.—*(Havas)*.

OPPELN, 21.—Depois das desordens que se deram em Kattowitz, reina uma certa agitação na população polaca, de um e outro lado da fronteira, na Alta Silesia. A comissão interaliada ampliou o estado de sitio ao circulo de Kattowitz e sem campo o enviou tropas para o local. Estão tomadas todas as providencias para proteger a fronteira. O general Le Rond declarou que está decidido a reprimir energicamente toda e qualquer tentativa de agitação.—*(Havas)*.

Declarações do sr. Millerand

PARIS, 21.—Na sexta-feira, o presidente do conselho afirmou, na sua visita a Nancy, que, para que a obra de reconstituição se execute tão rapidamente quanto possivel, é preciso que a França possa desenvolver-se inteiramente na paz e na segurança, e, para isso é preciso que o tratado de Versailles seja cumprido; é preciso que os paizes cuja independencia foi proclamada constituam contra o perigo do barbaro um escudo que seja para a Europa inteira uma garantia; é preciso que esses paizes vejam a sua independencia mantida pelo acôrdo d'aqueles que lhes assistiram; é preciso que esses povos, tão robustos e tão ardentemente animados pela chama da coragem, ajudados e guiados pelo seu bom senso, não deixem invadir as suas fronteiras pela anarquia do exterior; é preciso que conservem sempre alta a bandeira da civilisação que salvou outros povos.—*(Havas)*.

Um movimento comunista na Alemanha

BERLIM, 21.—Foi restabelecido o regimen constitucional em Velbert, sendo presos 25 comunistas. Foi proclamada a republica dos conselhos em Koethen, tendo partido já destacamentos da Reichswehr, afim de sufocarem o movimento.—*(Havas)*.

A telegrafia sem fios até 20.000 quilometros

BORDEUS, 21.—A estação de telegrafia sem fios Lafayette, começada a construir em 1917 pelos americanos, perto de Bordeus, será entregue no dia 4 de Outubro proximo ao governo francês. Esta importante estação compõe-se de 8 torres de 240 metros de altura para suportarem as antenas, que são as mais extensas do mundo e cujas ondas chegam até 20.000 quilometros.

Hungaros e austriacos

VIENA, 21.—Os soldados hungaros tentaram retomar Fraibenkirche. A gendarmeria apreendeu um trem automovel, que continha armas e que se destinavam á Hungria. As tropas austriacas repeliram os hungaros que tentaram a passar a fronteira sem nada levarem comsigo.—*(Havas)*.

Francêses repatriados na Russia

PARIS, 21.—Chegaram aqui 685 francêses repatriados na Russia, ficando ainda 700, em Moscou.—*(Havas)*.

ATENAS, 21.—O general Doumanis, chefe do estado maior no tempo do rei Constantino, e o general Karakounis, antigo chefe da gendarmaria, foram presos por estarem implicados no complot contra o sr. Venizelos e levados para o carcere Lacanes, sendo presos mais 30 individuos, incluindo 13 chefes da oposição, e 4 directores de jornais.

A justiça possue provas suficientes do complot e da culpabilidade dos presos. Crê-se que o julgamento do processo contra eles instaurado comece no dia 23 do corrente, perante um conselho de guerra extraordinario.—*(Havas)*.

DUBLIN, 21.—Hontem á noite 70 homens armados e mascarados assaltaram e destruiram a estação irlandesa da telegrafia sem fios em Browhead. Uma patrulha de gendarmes caiu numa emboscada proximo de Galway, sendo morto um gendarme, ficando outro ferido e desaparecendo o terceiro, que se supõe que tambem tenha morrido.—*(Havas)*.

BEYRUT, 21.—A situação na Mesopotamia continua a ser alarmante.—*(Havas)*.

PARIS, 22, á 1,17.—O sr. Millerand regressou a Paris na noite de 21.—*(Havas)*.

LUCERNE, 21.—Chegou o sr. Giolitti, que era esperado na gare pelo sr. Lloyd George.

O encontro dos dois ministros foi muito cordial, devendo encontrar-se de novo no dia 23 pela manhã em casa do sr. Lloyd George.—*(Havas)*.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3614 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Segunda-feira, 23 de Agosto de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

O centenario da revolução de 1820

Para o Porto partiu hontem á noite o chefe do Estado, que ali vae assistir ás festas da comemoração do centenario da Revolução de 1820.

Não quiz o sr. presidente da Republica deixar de se associar á consagração d'um dos acontecimentos mais notaveis da nossa historia, e bem andou, porque a sua presença vae emprestar grande brilho aos festejos que hoje ali começam.

O Porto, cidade com tradições por excelencia, não podia deixar passar despercebida uma data que marca o inicio da conquista das liberdades em Portugal. Foi da revolução de 1820 que partiram os movimentos que haviam de fazer com que mais tarde se pudesse implantar entre nós o constitucionalismo, frase de transição para um periodo mais amplo de conquista de ideias modernos, os ideaes de que as sociedades hoje não podem prescindir e sem os quaes não podem viver.

Os nomes dos promotores dêsse movimento redentor bem merecem a consagração que lhes vae ser feita. Obreiros do progresso, arriscaram intemeratamente a vida para darem á sua terra bem amada um pouco da liberdade que tanto lhe faltava.

A reacção tratou de a breve trecho sufocar esse movimento. Que importava, porém? A semente fôra lançada á terra e germinara. Era o suficiente, pelo menos de momento. Seguiram-se as lutas entre os que defendiam a *outrance* o regimen absoluto e os que aspiravam pelo regimen liberal. Venceram estes, como era fatal que sucedesse. Mas a vitoria, que tão cara custou, foi devida ao movimento de 1820.

Honra, pois, a esse movimento e aos homens que o prepararam.

A proposito d'uma exoneração

Uma carta do sr. dr. Paiva Lereno

Do sr. dr. Paiva Lereno, adjunto do director da policia de investigação, recebemos a seguinte carta:

Sr. director.—Tendo todos os jornaes publicado uma local, na qual se noticia a minha despedida do tribunal dos açambarcadores e atribuindo-se-me n'essa local palavras que não proferi, peço a v. o favor de declarar que nego a autoria d'essas palavras, que foram mal interpretadas pelo seu digno informador.

Não envio a v. o resumo da pequena alocução que fiz ao despedir-me do pessoal que há meses me auxiliava no ingrato trabalho que desempenhava, porque, sabendo que o Ex.mo Sr. Ministro do Interior encarregou a um sindicante esse caso, me reservo para junto d'ele restabelecer a verdade dos factos.

De v. etc.—*Paiva Lereno.*

O movimento dos sargentos

Varrendo a testada

Veiu á nossa redacção o 2.º sargento sr. Salvador dos Santos Rego, entregar-nos uma longa carta, da qual damos os topicos principaes.

Declara ele que não está envolvido nem nunca o esteve em conspiratas. A sua classe estava um tanto ou quanto descontente por as suas reclamações não terem sido atendidas, mas desde que em parte o foram, esse descontentamento desapareceu.

Não conhecia o sargento Freire, com quem apenas falou uma vez, ao passar junto do café «Chave do Ouro», tendo-o nessa ocasião prevenido o 1.º sargento Neves de que não estreitasse relações com esse sargento, por não ser homem serio.

Diz que alguns dos seus camaradas que se citam como envolvidos no pretenso movimento são bons e leaes republicanos e os julga incapazes de tomarem parte em aventuras contra o regimen.

O sr. Salvador Rego acrescenta:

«Além disso devo dizer a V. que sou republicano muito antes da implantação da Republica, e so não tomei parte activa no 5 de Outubro foi porque fui transferido do 16 de Infantaria para o R. I. n.º 4. Devo dizer mais a V. que durante o periodo dezembrista também fui um martir visto ter ido preso para Elvas, pelos minhas arreigadas convicções republicanas. Bati-me no dia 14 de maio, comandando um grupo de valentes civis e militares.

Ora já V. vê que eu não iria para um movimento sidonista-monarquico ou para qualquer outro, pois que qualquer movimento que se possa esboçar porá em risco a nossa nacionalidade. Eu, que me prezo de ser um verdadeiro patriota e republicano desde já declaro que não consentiria que os inimigos da Republica trabalhassem na sombra para a apunhalarem.»

O atentado contra o dr. Felix Horta

O sr. dr. Reis Junior, director da policia de investigação criminal, recebeu uma carta anonima, afiançando-o de que será morto se no praso de tres dias não publicar no *Diario de Noticias* o nome daquele que atentou contra a vida de Manuel Vieira, o autor do atentado contra o sr. dr. Felix Horta.

A policia trata de descobrir o autor da carta.

Ministro da instrucção

O sr. ministro da instrucção seguiu hoje de Tavira.

O livro "Infeliz-Mente!"

INTIMAÇÃO

No dia seguinte travei conhecimento com mais senhoras da enfermaria, quando enquanto arrumavam o meu quarto, passeei no corredor.

Todas elas doentes, cada uma lá tinha as suas manias e os seus ataques; mas por delicadeza devia atendê-las, ouvir-lhes as queixas e dar-lhes sempre razão.

Dois dias depois, para um quarto ao lado do meu veiu a senhora que entrara no pavilhão enquanto eu lá estava, como conto no meu livro.

Passaram a reunir-se no seu quarto ou no meu algumas das senhoras que depois da sua crise ficavam em estado de conversar e as duas senhoras internadas por castigo.

Tambem me visitava uma velhinha que está há muitos anos no Conde de Ferreira. Entrou como pensionista de primeira classe e hoje anda com os fatos do hospital e está lá por caridade. Veja o leitor que eu não digo só mal. E' infensiva por isso pode andar por toda a parte. Faz meia e umas bolsinhas de crochet que oferece ás pensionistas. Traz sempre no bolso comida para os gatos.

Cada vez que ia ao meu quarto ficava encantada com dois tapetes que lá havia, um com um pavão, outro com um animal qualquer que podia ser um cão (tapete da era dos Afonsinhos) e discursava acêrca dêles. Depois falava-me do seu casamento; «dos electricos verdes que cram de meu pai» dizia-me que eu era muito engraçadinha, que escrevesse á irmã para a ir buscar (até ela lá não quer estar), contava-me uma historia dumas libras e um dia ofereceu-me 40 rs. se eu quizesse utilisar-me, mimosa! Passavam todas as conversas umas risadinhas que faziam impressão.

A minha *criada-privativa*, é claro que não me perdia de vista, mas como não era má pessoa e a esse tempo ainda não tinham descoberto que eu estivesse *atacada da loucura lucida*, dava-me algumas momentos de folga favorecendo-me com a sua ausencia. Tinha o marido em França, na guerra, escrevia-lhe todos os dias e, enquanto ela escrevia, deixava-me respirar...

Mas eu sentia-me doente. Os intestinos não se tinham dado bem com a comida o decerto não lhe haviam sido indiferentes os abalos sofridos. Sabia que o sr. dr. Forbes Costa era um bom medico, além disso fôra o unico que me vira nos primeiros dias do hospital, pois que, nem no acto da minha entrada, nem nos dias do isolamento, qualquer outro me tinha ido ver, pedi, portanto, que ele fosse chamado.

No dia 8 de Dezembro de 1918 êsse senhor foi ao meu quarto e pouco antes eu escrevera ao sr. dr. Alfredo da Cunha, pedindo-lhe que fôsse ver-me; queria tentar uma entrevista de que pudesse resultar qualquer solução que fôsse a do hospital de doidos.

Uma das minhas *ilusões!*

Como no Conde de Ferreira ignoravam quando entrei a verdadeira razão do meu internamento, tinha licença de escrever; mas as minhas cartas teriam de passar pela censura da Direcção.

Quando no pavilhão das criminosas eu escrevera a minha irmã, a proposito da morte de meu irmão Eduardo e ao meu afilhado (e mesmo a quem no dia 6 de Dezembro p. p. mandei os parabens pelo seu aniversario) quererendo assim provar aos paes dêle que não estava doida, alguem me disse— «O modo seguro das cartas seguirem é dizer bem do hospital»—na carta que escrevi ao sr. dr. Alfredo da Cunha e que eu queria absolutamente que fosse ao seu destino, puz-lhe o *salvo-conduto*—umas palavras de louvor ao *modelar* Conde de Ferreira; e, é claro, a carta foi.

Escrevi tambem a meu filho duas cartas; á minha afilhada (aquella a quem em 12 de Dezembro p. p. felicitei pelos seus anos) mandei uma carta; e escrevi ao sr. dr. Balbino Rego, agradecendo os sentimentos que me enviou pelo falecimento de meu irmão Eduardo.

Leitor: chegou o momento de eu intimar o sr. dr. Balbino Rego, publicamente, assinando com o meu nome esta intimação que não vae em forma de anuncio, mas sim numa forma leal e nada cobarde, para publicar essa carta na integra seja como anuncio, seja como quizer, mas a publicá-la *zincografada* no jornal que preferir.

Desejo que se so torne conhecida para ser devidamente apreciada por quem tenha o gesto menos largo, seja mais leal e de espirito mais subtil do que esse senhor.

Maria Adelaide

POLITICA

Calmaria completa — Nem politicos, nem politica — O regresso do sr. dr. Afonso Costa — Condições "sine qua non" — Uma proposta encravada — Instancias... de pouca monta

Mar môrto. Plena calmaria. Nos cafés e nas Arcadas, na rua do Ouro e nas Brazileiras um silencio sepulcral. Uma paz pôdre idilica. Nem um politico, nem um parlamentar, nem um descontente.

Casualmente surge-nos a uma esquina o deputado Antonio Mantas. Não sabe nada. Chegou agora e vae almoçar.

Descemos a rua do Ouro. Sôbe-a o sr. Leote do Rego e desce-a o sr. Cunha Leal. Uma paragem. Conversamos um pouco, *blagueia-se* um pouco, e lá nos separámos. Ao longo atravessa o Terreiro do Paço e sr. tenente coronel Mendes dos Reis. Vae com pressa. Tambem não sabe nada. Tudo em férias, e os que não estão em férias foram para o Porto assistir ás festas do centenario. Percorro os ministerios. Desertos. Volto ao Terreiro do Paço. Deserto. Começa o desanimo. Não ha uma novidade, não ha sequer uma *blague* que valha um registo especial.

Por fim um categorisado politico surge.

—Ora até que emfim!
—Até que emfim o quê?
—Aparece alguem que possa dizer coisas interessantes.
—Para quê? Para você ir logo pôr o nome lá na gazeta...
—Prometo o maximo sigilo. Depois, que diabo! já estou habituado a conversar com os politicos sem lhes citar os nomes.
—Por isso lhe vão chamando intriguista.
—Que importa! O que nós precisamos é o que ha de novo?
—De novo é tudo velho. Olhe: só ha uma novidade—a vinda de Afonso.
—Novidade?
—Sim. A novidade não está nessa informação. Está nesta. O Afonso só virá para a politica mediante certas condições.
—Quaes são?
—Estas. A dos politicos se entenderem na organisação de dois grandes partidos do governo, um radical e outro conservador. Se conseguirem isso voltará para chefiar o seu antigo partido. Senão, não.
—Mais nada?
—Nada mais...

E com ares de quem tivesse dito coisa de pôlpa subiu apressado as escadas do ministerio do Interior.

Ficamos na mesma. Pelo largo, magalas, gente de negocios, reformados, mangas de alpaca, e uma ou outra datilografa, alegre e saltitante. São horas do *lunch*. E' tudo um mundo que sae e que entra, que formiga, cavando a vida o melhor que pode.

Subimos de novo a rua do Ouro. Já quasi ao cimo esbarramos com um outro deputado amigo do grupo popular. O dr. Manuel José da Silva (Oliveira de Azemeis).

—Que ha de novo, dr.?
—Que me conste, nada. O Granjo aguenta-se até outubro. Depois... Depois, ha de ver-se. E que me diz áquela historia do Senado?...
—Qual d'elas?
—A da proposta Paiva Gomes...
Você lembra-se. O *leader* democratico apresentou na Camara uma proposta de lei anulando todos os decretos assignados pelo ministro das colonias sr. Utra Machado que os havia publicado ao abrigo do artigo 87 da constituição, durante as ferias da Paschoa. Note que eu já não concordo com este processo que reputo anticonstitucional visto que ao abrigo desse artigo os ministros só podem legislar quando o Parlamento esteja encerrado, e nunca quando ele esteja apenas em férias. Mas passe. O que foi depois tratado na Camara, a proposta Paiva Gomes foi aprovada e toda essa legislação foi anular. Havia depois que sujeitar a proposta ao Senado. O Senado apreciou-a e votou-a integralmente. Quer dizer, passava a ser lei do paiz para todos os efeitos, e os decretos Utra Machado deviam a estas horas encontrar-se já anulados. Mas tal não sucede. A pretexto da forma como fôra redigida a proposta esta baixa intempestivamente á comissão da redacção, e protela-se tudo. Mau é isto. Se a Camara e o Senado a haviam aprovado, só um caminho se devia ter seguido—cumpri-la! Não se fez isto e mau foi porque por detraz dessa protelação podem surgir dificuldades, reclamações o diabo?
—E que mais?
—Mais nada. Não sei mais nada...

Olhe já agora desfaça lá essa habilidade de que a instancias de *agora* o «Funchal» trouxe da Madeira 101 rêzes para consumo. Não ha instancias nem meias instancias. Ha a carga normal que esses navios, ou seja o «Funchal» ou seja o «S. Miguel» trazem em todas as viagens.

E lá se foi apressadamente embora.

E como não encontrassemos mais ninguem que nos soubesse coisas interessantes, fechamos os ouvidos aos que as desejavam saber, de graça, e viemos escrever estas para o jornal.

São muitas? São poucas?

São apenas as que foi possivel arranjar.

Os tanks

A possibilidade de transporem os rios, sendo assim «anfibios»

A uma pergunta para se saber se se havia previsto o emprego de tanks para a travessia do Rheno, houve uma resposta afirmativa da parte do general Estienne.

Um outro oficial disse:

«As nossas previsões já haviam incidido sobre a passagem dos rios. Admitiu-se sempre ser preciso garantir a estabilidade dos tanks até determinada altura. Muito antes da rotura das linhas alemãs—em agosto de 1918—já eles nos eram precisos para a travessia dos rios, mas, especialmente, para a passagem do Rheno, que se não podia atravessar a vau. O problema foi tão minuciosamente estudado que se fizeram encomendas e muitos construtores traçaram um plano de carros completamente calafetados. E' claro que foi necessario escolher um ponto de passagem, um ponto arenoso, de preferencia a um ponto lodoso. O problema interessante de resolver e era-o, nessa epoca, prendia toda a atenção dos tecnicos.

—Mas, podia ter-se confiança no ponto de passagem, sem que haja o receio de ficar o tank enterrado?

—Sabe-se que ele perde metade do seu peso na agua e que o seu avanço duma á outra margem de qualquer rio se pode garantir por sobre as sinuosidades do fundo e sem pesar muito sobre ele.

«Na realidade não ficaria sendo senão um veiculo «sub-fluvial» quando o que se pensava era em obter um «submarino». Ficaria sendo um «anfibio» e a sua evolução na agua não seria mais difícil do que em terra. Os inglezes haviam até pensado num muito melhor emprego dos tanks.

Muitos disseram: Oh! assim poderemos atravessar o canal da Mancha».

—E' avançar muito nessa hipotese, porque o canal tem varios fundos e cavernas, sem falar nas diversas profundidades, que aumentariam singularmente a extensão do trajecto, e é preciso pensar bem no cubo d'ar respiravel durante uma tão arrojada travessia. Voar por sobre o canal parece-nos infinitamente mais curto.

—E' certo termos aqui a materia dum romance «á Julio Verne», mas não oferece duvidas que, para a travessia dos rios, embora profundos, a acção combinada dos tanks com os aviões abre o caminho a todas as possibilidades.

—Esses carros já tiveram alguma notavel influencia na mudança de sorte polaca na batalha que se está ferindo em volta de Varsovia?

—Os exercitos polacos, graças a nós, já tinham um bom numero de tanks. Quantos perderam? E' o que, nem aproximadamente eu poderei dizer. Só duma vez o comunicado dos exercitos vermelhos anunciou a captura de dois tanks. Os outros influiriam muito na acção dos ultimos dias? E' um caso verosimil, pois que a sua presença foi ali assinalada. Emquanto ao futuro dessa arma, é uma resultante da necessidade de vencer o obstaculo ou simplesmente transpô-lo com a maxima protecção.

Na Republica do Equador

O novo presidente Tamayo é alvo de calorosas demonstrações

GUAYAQUIL, 21. — O novo presidente eleito, José Luiz Tamayo, que actualmente viaja pela provincia, tem recebido calorosas demonstrações de simpatia.

Assegura-se que eminentes personalidades politicas do Equador formarão parte do novo ministerio. Entre elas contam-se Cesareo Carrero, senador e ex-ministro dos estrangeiros, e Abelard Andrade, ex-consul em Anvers. Após o escrutinio, o Congresso Nacional proclamou eleito presidente Tamayo por 26000 votos. O paiz manifestou grande satisfação por essa eleição.

Por ocasião do aniversario da independencia do Equador, os presidentes do Brazil, Estados Unidos e da maioria das Republicas sul-americanas dirigiram ao governo equatoriano as cordeaes felicitações.—(*Americana*).

A luta entre russos e polacos

Para se seguir bem a luta neste momento travada entre russos e polacos e de que depende a sorte do governo dos «soviets», parece-nos necessario dar um resumo das operações efectuadas e que tão brilhante resultado trouxeram para os exercitos polacos.

Depois de terem deixado aproximar as forças bolchevistas do curso medio do Vistula e até dos fortes exteriores de Varsovia, os polacos desencadearam ofensivas contra as duas alas.

A primeira, partindo de Demblin (Ivangorod), na direcção de Brest-Litovski, desenvolveu-se sob o comando do chefe de Estado; a segunda foi lançada de Modlin (Novo-Georgiewsk), subindo o Narew, emquanto outras forças polacas subiam ao longo da via ferrea Varsovia-Dantzig, em direcção a Mlawa.

A acção das tropas comandadas pelo marechal Pilsudski teve como efeito o repelir o inimigo em toda a linha, a partir da ribeira Wieprz até ao Narew, numa profundidade de 40 a 80 quilometros. Na direcção de Brest-Litovski alcançaram Parczew e operaram a sua junção com a ala direita dos exercitos polacos, que uma feliz contra-ofensiva tinha feito avançar ao longo do Bug na mesma direcção.

Ao norte do Narew, onde os oficiaes francezes, comandados pelo general Henrys e o seu adjunto, o general Billot, haviam tomado a frente das tropas de assalto, as duas ofensivas atingiram com grande rapidez os seus primeiros objectivos.

As operações, que tiveram como resultado o libertar por completo a margem norte do baixo Narew e recuperar os fortes de Serock (na confluencia do Bug e do Narew), restabelecem a linha natural de defesa de Varsovia.

O chamado corredor de Dantzig, que esteve a ponto de ser cortado, foi ocupado pelos polacos e restabelecida a linha Marienburg-Mlawa, assim como o serviço Thorn-Varsovia. A cidade de Grandenz foi igualmente libertada.

Foi de capital importancia essa acção, porque o exercito vermelho tentara um consideravel esforço para se apoderar de Dantzig e impedir assim o reabastecimento por mar de munições e de viveres para a Polonia.

Ao mesmo tempo, o exercito vermelho avançava sobre Thorn, chegando a estar distante d'ali apenas 7 quilometros. Foi então, vendo esse perigo, que o general Weygand aconselhou ao estado maior polaco que desencadeasse uma contra ofensiva nessa direcção, por um movimento estrategico que indicou, que tentasse deter, se ainda fôsse tempo, o avanço russo.

Trotzky especulando com o que se passa em Inglaterra

Um telegrama especial do *Matin*, enviado de Londres, diz o seguinte:

«Ao falar, em Moscou, numa reunião dos soviets, Trotzky declarou:

«—A detenção temporaria das nossas tropas em frente de Varsovia não muda de forma alguma a situação geral.

«O front polaco está dividido em duas partes, uma militar, em Varsovia, outra, diplomatica, em Min k.

«As negociações de paz de Minsk são d'uma importancia excepcional, porque se desenvolvem em bases instaveis sujeitas aos movimentos violentos dos trabalhadores.

«A Gran-Bretanha atravessa hoje uma crise sem precedentes, onde se manifesta a sobrexcitação dos seus trabalhadores ácêrca das negociações da paz russo-polaca.

Embora a sorte da revolução dependa do front polaco, o front do general Wrangel começa a adquirir grande importancia, porque, com o auxilio da armada franceza, procura transferir os operações para as margens do Mar Negro e do Mar d'Azoff e alcançar os territorios do Don e do Kouban».

O general Wrangel é de opinião que a Entente não deve intervir militarmente

O *Daily Telegraph* publica o seguinte telegrama datado de 14, do estado maior das forças armadas do sul da Russia:

«O general Wrangel acaba de me dizer que não é tanto a situação militar no seu front e nos outros da Russia que o preocupa, como as condições economicas de todo o paiz.

«—A Russia sovietica—disse ele—terá fome no proximo inverno. Isso não se dará nas regiões de que tenho a responsabilidade, mas terão também de «apertar a barriga».

«Estou convencido de que o futuro da Russia não será regulado por dois exercitos russos que se batem um contra outro. A guerra civil terminaria ámanhã se não fossem os chinezes e outros mercenarios empregados pelos bolchevistas, conjuntamente com os elementos suspeitos que se encontram em todos os paizes, para forçarem todos os russos a submeterem-se ás ordens d'um pequeno bando de opressores. Até os lobos, arrojados, abandonam o exercito bolchevista.

«A agressão polaca despertou o sentimento nacional de todos os russos e despertai-o-ha sempre. Lenine é um oportunista que se serve do nacionalismo russo para propagar o internacionalismo e fazer crer ao mundo que a maioria dos russos são seus partidarios.

«Dos 30.000 prisioneiros que fizemos em tres mezes, mais de dois terços poderiam passar para nós juntar. A terra deve ser cultivada e toda a vida industrial do paiz deve recomeçar.»

O general declarou em seguida peremptoriamente que estava resolvido a recusar todo o auxilio material estrangeiro, porque o seu fim era evitar a guerra civil.

«Enviar exercitos inglezes ou francezes contra os meus compatriotas seria repetir o erro de Lenine. A Russia nunca conhecerá a paz se lhe fôr imposto um governo por influencia estrangeira. O povo russo deve, por voto livre, determinar a sua fórma de governo. Os inglezes e os francezes podem auxiliar-nos politica, diplomatica e economicamente».

«Os acontecimentos provarão que 99 % dos russos são tão comunistas como eu o sou. Mas póde por acaso ser diversa fórma quando de cinco russos quatro são camponeses cujas ambições eram tornar-se proprietarios das suas terras?

«Convido os membros do parlamento britanico e os representantes dos operarios a virem verificar a veracidade do que digo.»

A conversa foi em francez, porque o general não fala nem inglez, nem alemão. Descendo duma familia sueca que se estabeleceu na Russia há já seculos.

A atitude da C. G. T. italiana

ROMA, 21. — A confederação geral do trabalho italiana trocou nestes ultimos dias varios telegramas com as organisações sindicaes inglezas e francezas sobre a atitude a adoptar em presença do conflito russo polaco. No dia 17, a confederação italiana comunicou aos organismos francezes uma moção na qual, depois de ter aludido ao facto do governo italiano já ter reconhecido a Republica dos «soviets», se garante á confederação franceza a completa solidariedade do proletariado italiano.—(*Correspondente*).

Os operarios alemães auxiliando os «soviets»

PARIS, 23.—Informam de Dantzig ao *Journal* que os operarios alemães constituidos em *soviets* ocuparam a gare e resolveram impedir toda a especie de desembarques com destino á Polonia.

O comandante alemão do porto recusou indicar ancoradouro ao aviso francez *Acre* e ao cruzador *Gueydar*. Consultado o alto comissario sir Reginald Tower, recusou-se a tomar qualquer responsabilidade d'esses factos, declarando que esperava instrucções de Londres.—(*Havas*).

Um desmentido de lord Derby

LONDRES, 23—Llord Derby, á sua chegada de França, exprimiu a cordealidade com que foi recebido pelo sr. Millerand, desmentindo que houvesse sido discutida entre os dois a questão polaca.—(*Havas*).

A conferencia entre Lloyd George e Giolitti

LUCERNA, 23. — Os srs. Lloyd George e Giolitti conferenciaram durante duas horas não havendo noticia de qualquer resolução definitiva. —(*Havas*).

Acentua-se a vitoria dos polacos—Os vermelhos sofrem grandes perdas

VARSOVIA, 23. — O comunicado oficial do dia 19 diz que na frente norte o inimigo atacando Plock com o fim de forçar o Vistula para cercar a capital foi repelido dos arrabaldes d'aquela cidade com grandes perdas. A ala direita forçou a linha do Narew. O 1.º exercito tomou Wyskow, cercando o inimigo que se encontrava entre o Bug e Narew. No centro, os nossos destacamentos, proseguindo no avanço, tomaram Lokolew, Drohiczlin, Biala e Kodew, fazendo 10.000 prisioneiros e tomaram 32 canhões, 112 metralhadoras e 1.500 carros de material tecnico, bem como muitas provisões. Em Siodcle foi aprisionado um destacamento de voluntarios judeus. Na frente sul, destacamentos de infanteria empenharam no dia 15 uma luta encarniçada na região de Vinniki com a cavalaria de Budieny que foi derrotada. O inimigo, atacando do lado de Beltior foi repelido sobre os pantanos de Ydiyiu perdendo grandes perdas em homens, cavalos e material.—(*Havas*).

Portugal e Brazil

A bordo do "Lima" chega brevemente a Lisboa o distinto orador e jornalista brasileiro sr. dr. Baptista Moreira

Como é sabido, o vapor *Lima* dos T. M. E. iniciou há dias as suas carreiras para o Brazil tendo sido convidada a fazer-se representar n'essa viagem a imprensa de Lisboa, que por dificuldades de ocasião não poude enviar delegados conforme fôra solicitado pela direcção dos Transportes Maritimos á Associação dos Trabalhadores da Imprensa de Lisboa.

O que se deu com a imprensa da capital não representou menos consideração ou qualquer reserva para com os T. M. mas simplesmente o facto de ser dificil em tão curto praso de tempo, de se fazer representar na primeira viagem á Europa.

A direcção dos T. M. E. procedeu em relação á imprensa brasileira da mesma fórma que procedera para com a de Lisboa, tendo sido encarregado o consul de Portugal no Pará de convidar a imprensa d'aquele Estado a se fazer representar na viagem á Europa. Aquela colectividade indicou o sr. dr. Batista Moreira, orador e jornalista considerado, tendo sido já feita tal comunicação á Associação dos Trabalhadores da Imprensa, por parte do sr. dr. Lamberlini Pinto, director geral dos Negocios Comerciaes e consulado do ministerio dos Negocios Estrangeiros.

PELO TELEGRAFO

Opondo-se á partida do material de guerra

BERLIM, 21.—Os ferro-viarios da gare de Stein, em Berlim, não consentiram na partida dum comboio de 28 vagons com material de guerra militar destinado á policia de segurança da Prussia oriental.

Parece que os vapores encerravam 240.000 cartuchos, granadas de mão e canhões de trincheiras.

Os ferro-viarios pretendem que, após o tratado de Versailles, a policia de segurança não devia ser armada de canhões de trincheira e que, demais, havia grandes probabilidades do comboio ser descarregado antes de chegar a Koenigsberg.—(*Correspondente*).

Espião condenado á morte

GRENOBLE, 22.—O conselho de guerra condenou á morte, á revelia, por deserção e entendimento com o inimigo, o soldado Paulo Goldman, de infantaria 140.—(*Correspondente*).

Novas desordens em Berlim?

BERLIM, 21.—Ha aqui a impressão geral de que uma nova «putsh» (palavra alemã que significa insurreição) está prestes a dar-se.

As tropas acham-se concentradas nos campos em volta de Berlim, ostensivamente para exercicios, mas realmente com o fim de estarem prontas para suprimir qualquer revolução.

Não se sabe de que lado partirá o ataque.—(*Correspondente*).

A exposição de Roque Gameiro obtem um sucesso

RIO DE JANEIRO, 22.—Tem sido muito elogiada a exposição do distinto aguarelista Roque Gameiro e de sua filha Helena.—(*Americana*).

Columbano visitará o Brazil

RIO DE JANEIRO, 22.—Anuncia-se para em breve uma visita do grande pintor portuguez Columbano Bordalo Pinheiro.—(*Americana*).

O sr. presidente da Republica aconselha ao operariado uma acção pacifica

RIO DE JANEIRO, 22.—O sr. dr. Epitacio Pessoa, num discurso dirigido ao operariado, explica a atitude do Governo e o seu criterio pessoal, aconselhando uma acção pacifica como o melhor meio de conseguir a realisação de novos ideaes de justiça e prometendo a publicação duma lei que corresponderá á situação actual. —(*Americana*).

A emigração de portuguezes e alemães no Brazil

RIO DE JANEIRO, 22.—A imprensa recebe com aplauso a noticia de aumentar a imigração de portuguezes e alemães, que encontram no Brazil além da afeição, inumeras riquezas inexploradas ainda.—(*Americana*).

O monumento a Pedro Alvares Cabral

RIO DE JANEIRO, 22.—Os portuguezes na Bahia abriram uma subscripção para o grande monumento que vae ser erigido a Pedro Alvares Cabral.—*Americana*).

A organização de exercitos vermelhos em toda a Europa

GENEBRA, 21.—Um telegrama atrazado na transmissão diz que numerosos comboios militares que transportavam principalmente soldados da Reichswehr, que haviam sido desmobilisados, se encontram a caminho da Prussia Oriental onde se acham todas as tropas que tomaram parte na conspiração Kapp-Suttwitz. Os oficiaes estão em comunicação com os bolchevistas, aos quaes ofereceram os seus serviços.

Um conselho comunista internacional com um estado maior para dirigir a revolução mundial, acaba de estabelecer-se em Moscou sob os auspicios da 3.ª Internacional.

Em cada paiz estrangeiro haverá um *comité* secreto ás suas ordens. Estabelecer-se-hão exercitos vermelhos na Europa ocidental e oriental e um fundo de 500 milhões de rublos foi já obstinado para esse serviço.

Cem oficiaes russos e alemães foram enviados para Baku e para a Persia afim de tomarem parte na propaganda da guerra contra a Inglaterra. Entre os alemães encontram-se von Kanitz e von Liehthofen.—(*Correspondente*).

A Romenia e a França

PARIS, 22.—O dr. Chroghiou, presidente da comissão interina de Bucarest, dirigiu ao sr. Millerand assim como ao governo da Republica um telegramma, exprimindo profunda gratidão pela Cruz de Guerra que foi concedida a Bucarest e declarando que os laços indissoluveis que ligam a Romenia á França ainda mais se estreitaram com esta prova de amizade por parte da França. A Romenia conservar-lhe-ha uma amizade inalteravel e um eterno reconhecimento.—(*Havas*).

A telefonia sem fios

Marconi, entrevistado acêrca dos estudos que está fazendo ha alguns tempos sobre a telefonia sem fios, declarou que tenciona no proximo mez de novembro pronunciar-se sobre o assunto. As experiencias que tem feito são mais que satisfatorias.

Atendendo a que, ha apenas algumas semanas só se poderia telefonar de Londres para Gibraltar, hoje pode ouvir-se perfeitamente em Napoles o que se telefona na capital ingleza; é por esse modo que Marconi ouve, no seu gabinete de trabalho e muito tranquilamente sentado, a leitura de duas colunas do *Times*.

Marconi está acabando de aperfeiçoar uma importante descoberta: a de dirigir numa direcção determinada as ondas electricas, sem que elas possam ser interceptadas por outras estações.

VIDA SPORTIVA

Nota do dia

Sobre a nota do dia de 21 recebemos a seguinte carta:

«Na sua nota do dia da secção «Vida Sportiva» da *Capital* de 21, censura você os nossos esgrimistas pela sua parcial ausencia no desfile dos atletas quando da abertura dos Jogos Olimpicos d'Anvers. Não foi você justo, porque noticias chegadas hoje, embora de caracter particular, elucidam-nos dos motivos porque a equipe nacional de esgrima não se apresentou completa, nessa colossal parada de atletas de todo o mundo.

Triste mas forçoso é porém confessal-o ao grande publico desportivo que a leu, que os nossos representantes não compareceram na sua totalidade porque qualquer dos membros da nossa gloriosa equipe a isso se recusasse, mas unicamente por um caso de força maior e não previsto no nosso programa.

No dia 4 do corrente mez, algumas horas antes dos nossos esgrimistas partirem de Lisboa, o C. O. P. comprou num Banco desta cidade alguns milhares de francos em cheque sobre Bruxelas, que foram entregues ao chefe da equipe, o dr. Manuel Queiroz.

Seguiram os nossos representantes directamente para Ostende, onde foram concorrer aos torneios internacionaes de esgrima, conforme já é do conhecimento publico. Findos esses torneios, seguiram os esgrimistas para Bruxelas, onde iam continuar os seus treinos e ao mesmo tempo rebater os cheques em seu poder.

Sucede porem que até ao dia 15, data d'abertura do Stadium, ainda não havia ordem de pagamento no Banco sacado, e assim os nossos representantes viram-se, como é facil de calcular, em sérios embaraços financeiros para rapidamente se transportarem para Anvers. Nesta grave o imprevista colisão, conseguiram com os fundos que ainda lhes restavam, dificilmente, alugar um automovel que da primeira jornada levou 5 atiradores, voltando novamente a Bruxelas buscar os restantes, que infelizmente já não chegaram a tempo de se enfileirar ao lado dos primeiros, no desfile.

Lamentavel foi na realidade que lhes houvesse acontecido taes contratempos, e no brio e patriotismo dos nossos «equipiers» certamente foi um golpe bem sensivel.

Chegam-nos porém noticias que tudo está em ordem, e o entusiasmo dos nossos admiraveis jogadores é quente e fervoroso, deixando antever a esperança d'uma brilhante classificação na final.

Que Deus os proteja.»

Agradecendo antecipadamente a publicação destas linhas feitas sobre o joelho, mas ingentemente exigidas, que mais não representam de que um dever de grande e inteira justiça a quem de direito a merece (ao mesmo tempo que evitarei explorações provaveis do seu artigo) julgo-me ainda feliz de ter tido o ensejo de vir hoje mais uma vez patentear quer aos nossos representantes ás provas de tiro, quer ainda aos nossos esgrimistas que são a *Gloria do Sport Nacional*, o preito modesto sim, mas o mais sincero e vehemente da minha admiração pela grandeza do seu valor e do seu patriotismo.—Seu amigo sincero—*Eliseu de Carvalho. do C. O. P.*»

Noticiario

O campeonato de vater-polo disputado hontem na doca de Alcantara deu os seguintes resultados:

Jogaram os 1.os «teams» da 2.as categorias do Algés e Dafundo Club e Club Naval, ganhando este por 3 «goals» contra 0, e depois os 1.os «teams» das 1.as categorias da Casa Pia, Atletico Club e Algés e Dafundo, vencendo este por 3 «goals» contra 2.

—Recebemos do nadador Antonio Bazilio dos Santos um cartão de despedida. Bazilio é como se sabe o nadador que vae tomar parte na travessia de Paris, que se realisa no dia 29 do corrente.

— Teem despertado bastante interesse os artigos que o capitão sr. Julio d'Oliveira está publicando em «Os Sports».

— Hontem realisou-se no Stadium a anunciada festa. A concorrencia foi inferior á de domingo passado. Nas corridas ciclistas (profissionaes) disputaram-se duas mãos sendo a primeira ganha por Raposo. A segunda foi ganho por Cristiano. Pimouiller desistiu da 3.ª mão.

Na corrida ciclista (amadores) venceu Carlos Branco e em motos amadores Carlos Fernandes ganhou por 2 voltas a Bitteller. O terceiro classificado foi Julio Martins. No proximo domingo inaugura-se as corridas de meio fundo.

Do estrangeiro

A caminho da victoria

Os esgrimistas portuguezes devem fazer parte da final

ANTUERPIA, 23. — Na 3.ª «poule» de esgrima de espada, Trombert, francez e Correia, portuguez obtiveram «ex-acquo» 5 victorias. Na 7.ª «poule» Delport, belga, Freckwrite, americano, Moreau, francez e Paiva, portuguez, obtiveram «ex-acquo» 6 victorias. Na 8.ª «poule», Moutigny, belga, Casanova, francez, Dejongh, holandez e Silveira, portuguez, tiveram 7 victorias.—(*Havas*).

Resultados de Anvers

ANTUERPIA, 22. — Olimpiada. Resultado final das corridas de Maratona, Kohehmaine (Finlandia); 2 horas 32' 35" 4|5; Losmann (Suecia); Blavi (Italia); Broos (Belgica); Kulmingk (Finlandia); Sofus (Dinamarca); Le Roy (Estados Unidos); Hanssen (Dinamarca); Pallgreen (Finlandia); e Kolehmainen (Finlandia); No concurso de espada individual a primeira *poule* foi ganha por Goblet Dalviela, 8 victorias; Sassetti, portuguez; Linthlos, dinamarquez; Duc, francez; Antonideas, grego. Na segunda *poule* Vanderwielen, holandez, 5 victorias; quatro atiradores em grego; Mascarenhas, portuguez; Wiltoujby, inglez A terceira *poule* não se realisou. Na quarta *poule*: Duperdin, (França) 4 victorias; Rasmussen (Dinamarca); Sultirnad Govers (Belgica); Guy Sportel, (Suissa). Na quinta *poule* Hollstein, (Dinamarca) 3 victorias; Mayer, (Portugal); Docarker (Belgica); Gvarock, (Slovaquia); Lippemann, (França). Na sexta *poule*: Puchard (França) 6 victorias; Pozza, (Italia); Daniel, (Holanda); Berstein, (Dinamarca); Brussel, (Estados Unidos). A sétima 8.ª *poule* não se realisaram. Na nona *poule*: Massard, (França); Urbano, (Italia); Massandnin e Falglich, (Inglaterra) e Baeressen, (Dinamarca).—(*Havas*).

Theatros e Cinemas

NOTICIARIO

A companhia de operetas e revistas que, sob a direcção do estimado e habil empresario Luiz Ruas fará a temporada de inverno no Nacional, do Porto, começa, ali, os seus ensaios a 1 de setembro, sendo a peça da inauguração da epoca a festejada revista «Pam» em que desempenham os papeis de «Fura, o compère», o distincto actor Alfredo Ruas, que ha pouco regressou do Brazil, aonde conquistou unanime agrado.

E' ele a 1.ª figura masculina da companhia, cabendo egual qualificativo, no que se refere ao outro sexo, á gentil actriz cantora Justina de Magalhães que na referida peça interpreta, tambem pela 1.ª vez, os papeis de «Inspiração, Maria, O Decote e Vento da Desgraça».

—Está despertando uma grande curiosidade a «première» da revista «Sem Camisa», que está marcada para depois de amanhã, 4.ª feira, no Eden. Alem de Palmira Torres, do Nacional, e Antonio Gomes, do Trindade, além de Sofia Santos, Tina Coelho Clara Batista, Sara Medeiros, Judith de Sousa, Artur Rodrigues e Alvaro Pereira, que desempenham na peça varios papeis, cujos nomes já indicamos, entram, tambem, na revista Zulmira Bettencourt, que faz a «espada moderna», «meia lua» e «diabinho d'oiro»; Ilda Victoria, que interpreta «A pistola e a Henriqueta», Gina Santos, «a espada antiga», Ilda Litaly, «a carabina e o monograma de Cristo»; Ema Polonio, «o pagem e romã», Angelita Santos, «o Trovero das conquistas»; Lucinda Gonçalves, «a baioneta e escaravelho d'oiro».

Pão sem o peso legal

Antonio Dias, morador na rua Actor Taborda, foi preso por andar vendendo pão sem ter o peso legal.

NOTICIAS DA CAPITAL

A cronica da roubalheira. — Foram presos: Alfredo da Silva Almeida, pateo das Parreiras, 2, por ter abusado da confiança de Homero d'Almeida Moreira, rua do Arco do Limoeiro, 68, que o acusa de ter ficado com a quantia de 224 escudos de uma conta que mandára receber; Filipe Antonio, rua do Olival, 81, por fazer parte da quadrilha de gatunos, que ha dias praticou um furto importante á firma Silva, Vieira, Sobrinho, Limitada, da rua de Santa Justa, 7, tendo já sido presos, conforme noticiámos, Manoel Ferreira, calçada do Livramento, 7. 2.º, e Maria Báutista, rua do Olival, 71, 1.º; João Pedro da Fonseca, beco da Cardosa, 12, por ter furtado a quantia de 90 escudos a José Afonso, rua dos Trabalhadores Maritimos, em Setubal; Antonio d'Almeida, rua do Embaixador, 60, 1.º, por ter entrado por meio de escalamento na proprie lade de Bernardo dos Santos, rua da Praia da Junqueira, 2, onde subtrahiram carvão no valor de 60 escudos; João da Graça e Cristiano Pedroso, trabalhadores, por terem furtado chumbo e materiaes para construção nas obras da Escola Normal em Bemfica; Ermelinda da Conceição, rua de Campolide, 203, por ter subtraido objectos de ouro e dinheiro no valor de 222 escudos ao soldado da guarda fiscal n.º 169, da 5.ª companhia.

Julgamentos no governo civil

Recomeçam amanhã os julgamentos dos açambarcadores no governo civil, sob a presidencia do sr. dr. Reis Junior, em substituição do sr. dr. Paiva Leceno, que, como noticiamos, pediu a sua exoneração.

O cartaz de hoje

Nacional, ás 21.30, «Sonho d'uma noite d'agosto».

Politeama, ás 21,30, «Pele Nova».

Trindade, ás 21.15, «Chá e torradas».

Ginasio, ás 21.15, «O A's».

Avenida, ás 21.30, «Amor em pó».

Apolo, ás 21,15, «Risos e Flôres».

Coliseu dos Recreios, ás 21, «Variedades».

Salão Foz, ás 21 «Variedades».

Olimpia, Animatografo e concerto.

Salão da Trindade, Animatografo.

Cinema Condes, Animatografo e concerto.

Salão Central, Animatografo e concerto.

Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.

Chantecler, Animatografo e fitas faladas.

TOURADAS

Algés.—No domingo, em Algés, realisa-se mais uma das divertidissimas corridas que são caracteristicas da popular praça. A empreza preparou e confia aos seus intervalleiros um intermedio destinado a grande sucesso, pois trata-se de uma feliz e engraçada parodia á celebre scena do «Quo Vadis», passada no circo de Roma, em que Lygia é salva das hastes de um touro pelo herculeo Ursus, que em Algés se chamará Urso. Haverá aparato de guarda-roupa neste novo e atraente intermedio. Os «Cavaleiros mirabolantes» serão outro intermedio da tarde, que vai, pois, ser fertil em gargalhada. O resto da festa é preenchida pelo cavaleiro José Gomes, pelos principiantes de bandarilheiros e por um grupo de forcados, tudo auxiliado por artistas de alternativa e pratic...

ULTIMA HORA

A questão dos eletricos

O pessoal não aceita a plataforma que lhe foi apresentada

Não está ainda solucionada a questão que ha 24 dias se debate por causa dos eletricos.

O incidente que se levantou entre a Camara e a Carris está já arrumado pelo sr. presidente do ministerio, que julgou o incidente em favor da companhia e em conformidade com a sentença lavrada no recurso interposto pela companhia contra a Camara, sentença essa lavrada pela auditoria administrativa.

O conflito agora debate-se entre a direção da companhia e o seu pessoal, o qual continua disposto a não retomar o trabalho sem que todas as suas reclamações sejam atendidas.

As *démarches* entre as duas partes em litigio prosseguem com grande atividade, tendo-se já avistado com a direção da Carris a comissão de melhoramentos, que ainda hoje voltou a ter conferencia com o sr. Freire de Andrade.

E' natural que a solução do conflito não demore muitos dias, pois a companhia Carris, ao que nos dizem, está nas melhores intenções de não crear mais dificuldades ao publico, que tanto tem sido prejudicado com a falta de carros.

Os grévistas, como de costume, voltaram a reunir hoje, pelas 14 horas, na sede da sua Associação á Esperança, sob a presidencia do sr. Carlos Fortes, que era secretariado pelos srs. José Garcia e Arthur Lopes.

O sr. José Eduardo Fernandes, o primeiro orador a usar da palavra, congratula-se pela união da classe durante 24 dias de luota.

O sr. Claudio dos Santos, da Comissão de Melhoramentos, passa depois a expôr á classe a plataforma apresentada pelo sr. ministro do interior, que era os grevistas retomarem o trabalho com os salarios que auferiam antes da declaração da greve e mais uma subvenção a titulo de pagamento dos dias da greve.

A assembleia, com energia, repudia tal oferta, exclamando numa só voz que não volta ao serviço sem que todas as regalias lhe sejam dadas.

O sr. Manuel Rola é de opinião que a classe só agora começa a lutar, supondo-se portanto que o pessoal da carris continue com a mesma energia, imitando assim a classe os manipuladores de fosforos que só após 52 dias retomaram o trabalho, depois de completamente atendidas as suas reclamações, incluindo o pagamento dos dias da greve.

O sr. Manuel Carvalhaes mais uma vez ataca a vereação municipal, afirmando que se ela tivesse um pouco de vergonha já ha muito que tinha abandonado os Paços do Concelho. Foi a vereação que empurrou a classe para a greve, com as suas intransigencias e birras, mas, tendo assim sucedido, os grevistas teem agora o dever de se manterem até que as suas reclamações sejam por completo atendidas.

Na mesma ordem de ideias falam depois os srs. José Nunes Martins, que reclama o cumprimento do acordo firmado em 31 de maio ultimo; José Eduardo Fernandes, Jaime Batista, Carlos Fortes, Antonio Anibal de Souza, José Augusto Martins e outros.

A sessão esteve animadissima e com uma concorrencia verdadeiramente extraordinaria, vendo-se as salas da Associação e escadaria completamente apinhadas.

Na rua, os grévistas formavam grupos, que a policia tratou de dispersar sendo nessa ocasião detidos alguns grévistas.

Uma comissão dirigiu-se depois ao governo civil a avistar-se com o chefe do districto, a quem pediu a libertação dos seus camaradas.

Dois directores da companhia Carris de Ferro e um representante da Associação Industrial Portugueza conferenciaram hoje com o sr. ministro das finanças ácêrca da questão dos electricos, visto ser o sr. Inocencio Camacho quem ficou substituindo o sr. presidente do ministerio para tratar desse assunto por parte do governo. Tem-se como possivel que na proxima quinta feira já circulem os carros.

Marinha colonial

Foram nomeados director das oficinas navaes de Macau o primeiro tenente engenheiro maquinista sr. Raul Rial e comandante da canhoneira *Macau* o oficial da mesma patente sr. Cunha Gomes.

Altos comissarios

Exoneração de governadores

Foi já assinado o decreto exonerando o sr. visconde de Pedralva de governador geral de Angola. Por motivo de nomeação do sr. general Norton de Matos para o cargo de alto comissario, serão tambem, ao que parece, exonerados varios governadores de districtos daquela provincia.

Melhoramentos nos observatorios açorianos

Os de Ponta Delgada, Angra e Horta vão ser dotados de aparelhos de recepção da T. S. F.

O coronel sr. Francisco A. Chaves é um distinto meteorologista, bem conhecido no mundo da sciencia. Acaba de chegar a Ponta Delgada após uma viagem de estudo.

Ao nosso colega *Correio dos Açores* concedeu ele uma entrevista, da qual recortámos, com a devida venia, os seguintes periodos:

—A sciencia, que tem aplicações praticas, nada perdeu da sua importancia, apezar de ser um dos dominios inacessiveis ao novo-rico. De resto, penso como Littré — a sciencia devo sempre tratar as cousas teoricamente e nunca se preocupar com as aplicações, certo de que quanto mais a sciencia seguir a via abstrata rigorosamente, sem se deixar desviar do seu caminho pelo clamor vulgar, mais ela será fiel á sua verdadeira missão e mais favorecerá na verdade essas aplicações, das quais parece desviar-se.

«O que mais me impressionou lá fóra, nesta minha ultima viagem, em materia de aplicação scientifica, foram os progressos realisados na telegrafia sem fios. Necessitando montar aparelhos de recepção nos Observatorios dos Açores e sendo prohibido em Portugal, mesmo nos estabelecimentos do Estado instala-los estações sem autorisação do Governo, dirigi-me á Administração Geral dos Correios e Telegrafos, que não só me deu a mesma autorisação como aprovou que estudasse e escolhesse em Paris os respectivos aparelhos.

«Em Paris, continuou o sr. coronel Chaves, hesitei na escolha de aparelhos Marconi ou da Sociedade Franceza Radio-Eletrica e só estas duas casas tomei em consideração, pelo facto de possuirem aparelhos identicos aos vapores que regularmente passam pelo nosso porto e portanto tornar-se facil uma reparação ou aquisição de qualquer peça. Decidime pela Sociedade Radio-Eletrica, que tem introduzido extraordinarios aperfeiçoamentos nos seus aparelhos, com recepção fotografica, transmissão automatica, ou recepção fonografica, com a velocidade de 200 palavras por minuto, podendo apesar disso ser submarino ou se pode mandar, em condições excepcionaes, 60 palavras por minuto.

«Além disso ha aparelhos da Sociedade Radio Eletrica que funcionam sem antena nem quadro!

«Na estação de Levalois Porret, nos arredores de Paris, no dia 3 de julho, os engenheiros da Radio fizeram funcionar os aparelhos de recepção que escolhi e com eles ouvimos, de dia, Arlington nos Estados Unidos. A primeira dessas estações vai ser montada em Ponta Delgada.

—E são caros esses aparelhos?

—Devem custar quatro contos fortes depois de instalados. E' claro que podia conseguir mais barato um aparelho mediocre. Ha tambem microscopios que custam 10:000 réis e outros que custam dois contos. Simplesmente não realisam o mesmo trabalho.

Portugal lá fóra

A classificação final do torneio de esgrima em Anvers foi a seguinte: 1.º, Italia; 2.º, Belgica; 3.º, Portugal e França.

A greve maritima

Estão por completo paralisados os serviços no rio, devido á greve hontem declarada pela classe maritima, constituida pelos fragateiros, descarregadores de mar e terra, pessoal maritimo da Parceria dos Vapores Lisbonenses, catraeiros e descarregadores de mar e terra, catraeiros, etc.

Não houve hoje carreiras de vapores para Cacilhas, Aldegalega, Seixal e Alcochete, tendo apenas trabalhado os vapores do sul e sueste. As fragatas que andavam no Tejo eram timonadas pelos seus proprietarios.

Outras fragatas com frutas e legumes eram rebocadas por vapores do Arsenal e da policia maritima.

A greve traz grandes prejuizos ao publico e principalmente á margem sul do Tejo, que esta sem comunicação com Lisboa.

Professores das escolas primarias superiores

A reforma do ensino primario de 1919 determinara que a habilitação dos professores das escolas primarias superiores fosse feita nas escolas normais primarias. Brevemente serão publicados os regulamentos e programas das disciplinas que compõem o respectivo curso, pelo que já no proximo ano lectivo não podem ser abertas matriculas nos faculdades de letras e de sciencias para o curso de habilitação ao magisterio primario superior.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3615 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Terça-feira, 24 de Agosto de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

O MARTIRIO D'UMA MULHER

Como sou levado á presença da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho

O que observei e o que lhe ouvi

::: Doida, não! :::

... A's 11 horas da noite o auto corria veloz atravez campos desconhecidos, paisagens que a noite envolvia no negro manto do seu misterio. No interior do carro reinava um silencio absoluto. A todos dominava a mesma impaciencia, a todos atormentava a mesma anciedade de chegar ao fim — de dissipar as duvidas que ainda podiam restar sobre a monstruosidade que servira de epilogo a este extranho drama de amor... Acompanhavam-me nessa peregrinação, que um grande clarão de justiça e de caridade guiava, dois colegas na imprensa — um de Lisboa e outro do Porto — e ainda dois distintissimos advogados, a quem as dificuldades, os atritos de toda a ordem, não teem conseguido fazer desfalecer no caminho recto que as suas altas qualidades de espirito e de coração traçaram... Ha cêrca de uma hora e meia que viajo, sempre por estradas para mim anonimas que, de quando em quando, o veio cristalino d'um rio espreita num ar de caricia e de coquetismo! Como se afigura interminavel o caminho! Quando chegarei? Como distrair a obcessão, cada vez mais febril, de chegar, no meio d'uma escuridão muito densa, e que os milhares infinitos de estrelas que recamam este céo calmo e doce de julho, não logram aliviar?

Finalmente, parece que chegamos ao nosso destino. O auto pára. Apeamo-nos. Sempre as mesmas paisagens misteriosas que nem eu nem os meus colegas tentamos desvendar. Andamos ainda, durante alguns minutos, a pé. Mas eis que, na tela negra da noite, se destaca uma figura vaga, imprecisa. Dirige-se ao nosso encontro. O silencio é então interrompido por um dos ilustres advogados que diz quasi em segredo:

—E' a sr.ª D. Maria Adelaide que está impaciente por falar com os senhores...

Mesmo naquele sitio descampado se fazem as apresentações. Trocamos as primeiras palavras. Da nossa parte, esforçamo-nos, com brevidade e correção, por animar a desventurada senhora a quem precisamos de incutir confiança e fé; da parte da nossa interlocutora, ouvem-se frases de reconhecimento, repassadas de uma grande emoção. Encaminhamo-nos para uma casa, especie de *chalet* que, com o absoluto isolamento de que está cercado, completa este quadro de misterio.

Posso agora distinguir bem, á luz dum candieiro de petroleo que alumia uma sala modestamente mobilada, a sr.ª D. Maria Adelaide Coelho. E' baixa, mas muito elegante. Veste uma *toilette* preta, Império, levemente decotada. Adivinha-se, atravez o tecido pobre do vestido, a natural garridice da sua sensibilidade feminil e a sua distinção de mulher da sociedade. Está penteada com cuidado e os seus cabelos, aqui e acolá, empoeirados de prata formam uma moldura sugestiva ao seu rosto formoso e cheio de frescura. Não póde esconder a comoção que a domina.

As suas palavras são impregnadas duma grande doçura e dúma grande tristeza. Senta-se na nossa frente e de forma que a luz bate-lhe em cheio. Diz-nos:

—Os senhores—a imprensa—são a minha unica esperança. Sou filha dum grande jornalista, e ainda que mais não seja do que pela memoria de meu pae, os senhores hão de esforçar-se por ser os meus salvadores.

Depois d'um curto momento de silencio, prosegue:

— Aqui estou... vivendo de esmolas, vivendo da caridade d'aqueles que, ainda ha pouco tempo, eram extranhos. Não tenho casa certa, porque a familia ameaça-me constantemente com os horrores do manicomio que, infelizmente, já experimentei durante mezes que não tinham fim. Medicos, juizes—a justiça oficial e a ostentação da sciencia—agrupam-se em volta da minha familia que, com os privilegios da sua posição e da sua fortuna, tudo pode, tudo tem conseguido... Só os senhores—os jornalistas—me defendem e me estendem os braços... E mais uma vez me parece sentir a memoria de meu adorado Pae a perdoar-me e a proteger-me.

A sr.ª D. Maria Adelaide passa, em seguida, a contar-nos o que foram os ultimos dias da sua permanencia em casa, no convivio com o seu marido e o seu filho. Atormentava-lhe a consciencia ter cometido aquela falta de amor. Não sabia dissimular, custava-lhe mentir. Oh! se ela fosse como as outras, tudo seria facil, tudo se teria remediado! Mas, para a sua alma clara, franca e leal, essa comedia era impossivel. D'ahi, a sua tristeza imensa, o desejo de esconder as suas lagrimas, de se encerrar no isolamento do seu quarto... Pois bem, tudo isso que significava da sua parte consciencia e nobreza nativa de sentimentos—foi desvirtuado pela sua familia, foi interpretado pelos *principes da sciencia* como sintomas cathegoricos de loucura.

Narra-nos depois a sua fuga de casa, numa tarde de infinitas agonias, de amargas saudades, já pressentidas... Não acreditava, porém, que a sua ausencia pudesse causar desgosto ao sr. dr. Alfredo da Cunha, cuja severidade era de dia para dia mais acentuada, cavando entre ambos um abismo irremediavel. O seu livro «Doida, não!» — acrescenta — reflete situações verdadeiras dessa intimidade fria e afastadora.

A sr.ª D. Maria Adelaide fala ainda pelo espaço de duas horas. Descreve-nos como foi surpreendida em Santa Comba e como foi transportada para o Conde de Ferreira. Ao referir-se a seu filho, chora amargamente. Tambem ela o abandonava às mãos dos seus carrascos, dos seus mesquinhos vingadores. Depois, seguem-se os dias tormentosos do Conde de Ferreira — de desalento e de luta, de desolação e de esperança... Planeia a fuga, apela para a dedicação dum amigo que a vá buscar, que a salve. Ele acode a este chamamento e a fuga realisa-se. Novas perseguições, novos esforços para a voltarem a enclausurar. E conseguem!... E' que o dinheiro, a mola real com que se move e transforma o mundo inteiro, estava do lado de lá, embora muito dele lhe pertencesse, constituisse o trabalho e a herança de seus pais. Vem depois a dedicação infinita do dr. Bernardo Lucas, o seu advogado e o seu querido amigo, para quem vão as mais sentidas lagrimas do seu reconhecimento. Que distancia o separa d'esse bando negro e sinistro que rodopia em volta da fortuna legada por seu pai — fragmentada agora em dadivas generosas, para retribuição de serviços criminosos!...

Que grande alma a sua, no meio duma sociedade de hipocrisia e de podridão!

Acusam-na de trazer para o fóco do escandalo um drama que devia guardar-se, bem intimo. Mas quem o trouxe para o pó do escandalo não foram, porventura, eles, os seus carrascos? Então quando se comete um crime, não se acusam e condenam os criminosos para que o escandalo não surja?

Alem disto, estão neste momento presos dois homens honestos, dois homens de bem, embora pertençam ao povo e disso se orgulhem.

Estão presos por sua causa; estão presos porque os acusam de a ter guardado em carcere privado, quando a verdade é que a procuraram salvar das torturas do hospital de doidos. Calar-se e remeter-se ao silencio seria implicitamente sancionar com o seu consentimento a prisão injusta desses dois homens honrados e leaes, que, desde ha longos mezes, se arrastam pelas enxovias da cadeia do Porto.

Defender-se a si implica defendelos a eles. Implorar justiça e caridade para a sua situação será o mesmo que implorar justiça e caridade para a situação deles, que no seu gesto nobre procuraram salva-la.

... A noite já vae alta. A manhã não tarda a clarear. Duas a tres horas de conversa e as duvidas que ainda podiam restar haviam-se desfeito aos fulgores daquele espirito formosissimo, cheio de talento e que uma voz, com as mais belas inflexões de ternura, punha ao seu serviço e de que completava a singular sugestão.

O centenario da revolução de 1820

Sob a presidencia do dr. Costa Gomes, secretariado pelo sr. Alvaro Neves e com a comparencia dos srs. Luiz Mello e Atayde, Francisco Noronha, dr. Estevão da Silva, Eloy do Amaral, capitão Salvador José da Costa, e Antonio Casimiro da Silva, reuniu hoje na Camara a Comissão do Centenario da revolução de 1820.

Alem do expediente foi lido o excerpto de um livro sobre a revolução de 1820, intitulado «A situação do operario e a liberdade do trabalho em 1820».

Tambem se tratou de prioridade do Centenario, que pertence ao Gremio Luzitano, sendo por fim enviados telegramas de saudação ás comissões do Porto e da Figueira da Foz.

Segredos a toda a gente

O SORRISO D'ELAS

Quando estou em Lisboa, nunca deixo de permitir-me o luxo de passar, ás cinco horas, pela *Portugal-Brazil*, de travar relações com o ultimo *vient-de-paraître*, de folhear ao acaso uma revista ou um livro de figurinos,—de seguir, na nevoa luminosa da tarde, atravez da vitrine larga, assentado n'uma d'aquelas cadeiras de castanho que dir-se-hiam arrancadas a um côro capitular, a revoada viçosa das raparigas bonitas. Ha meia duzia de dias, precisamente quando ia a sair, depois de ter trocado as minhas impressões com o *Je sais tout*—um automovel, forrado de branco, parou á porta da *Marques* e uma mulher, ainda nova, desceu, vestida de glacé azul-escuro, um chapéu de veludo preto na cabeça, uma sombrinha de rendas na mão, atravessou o passeio n'uma ondulação fulva de loira e perdeu-se em passinhos de *fox-trot* na penumbra cinzenta da sala. Eu tinha visto já, fôsse onde fôsse, aquela creatura. Procurei, debalde, acordar as minhas reminiscencias: nada. Decididamente não me lembrava aonde, não me lembrava quando,—mas, indiscreto como toda a gente, seduzido pela mais perigosa de todas as curiosidades, a da mulher que passa, tive a impressão nitida, a impressão fatal de que o seu perfume me perturbava e de que o seu misterio me atraía.

E afinal que motivos tinha eu para não tomar uma chicara de café, naquela altura? Nenhuns. E que os tivesse? Lembrei-me da frase de Wendel Holms—e segui-a. Sentei-me quasi defronte dela, resolvi pedir á ultima hora uma carapinhada de morango e procurei analisar essa pequenina *soeur farouche* côr de rosa que o acaso—a blague mais scintilante de Deus—tivera a fantasia de colocar no meu caminho précisamente quando eu, com o ultimo livro de Gustavo Le Bon debaixo do braço, me dispunha a regressar a casa. Emquanto ela tomava distraidamente um gelado e comia bôlos de crême—observei-a como quem observa um prato de Delft ou uma jarra da India. Era uma creatura viva, loira, flexuosa, elegante não dessa elegancia desconjuntada que os caricaturistas definem inesperadamente com dois traços ondulosos de *crayon*, mas duma elegancia ritmica, feminina, que tem muito da terra cotas gregas e dos vasos etruscos e que se revela sempre nos mais pequenos pormenores, no pé estreito e alto, nos tornozelos finos e esbeltos, na elasticidade fragil da cinta, na graça imaterial dos ombros, na transparencia branca das mãos. A idade? Eu não sei se já lhes disse que as mulheres bonitas não teem idade, mas, emfim, se insistirem, ela não podia deixar de ter a idade em que, como diz Anatole France, *les femmes joignent à la fleur de la beauté toute la force de l'esprit*. Vinte e seis anos, talvez.

Segui o seu perfil de medalha que Hoffmann não desdenharia de assinar; á mancha fulva e doirada do seu cabelo a adivinhar-se na sombra do chapeu largo, de veludo preto; o pescoço alto vergando, insensivelmente, como uma haste de lirio sobre a ondulação luminosa e pagã de tres dedos de cólo nú; considerei os arcos das suas sobrancelhas nitidos e avivados como certos esmaltes da China, convergindo-lhe ao nariz naquela delicadeza de desenho que aparece nas mulheres de raça; a sombra azulada das suas palpebras descidas e enormes; a sua boca vermelha até ao inverosimil, *bouche en coeur*, pequenina, ironica, reveladora, primída aos cantos, boca feita ao mesmo tempo para nos beijar—e para nos morder; debrucei-me, de longe, sobre a sua pele tão fina que ao menor contacto causaria vertigens; sobre as suas mãos expressivas, delicadas e brancas que—sou da opinião de Balzac—só se adquirem em cinco seculos de ociosidade; tive a impressão de que aquela *Thaís* rosada e fresca nascera apenas *pour charmer les hommes* e perguntava a mim mesmo quem seria aquela mulher, que destino, que homem, que fatalidade, que ilusão teria desfolhado sobre ela as rosas da eterna manhã—quando ela fixou em mim os seus grandes olhos azues e sorriu, como eu nunca vi sorrir uma mulher.

Não era o sorriso calmo e indulgente da *Virgem Doirada* de Amiens; não era o sorriso futil e leve como uma renda da Princeza de Lambale; não era o sorriso de Mona Lisa Gioconda, esse sorriso quasi imponderavel com que ela acarinhava, no *atelier* de Leonardo Vinci, os musicos e os bôbos; não era tambem o sorriso que no seculo XIII foi frescura, que depois, no tempo das saias de balão e dos leques, foi ingenuidade e que hoje, segundo as teorias modernas das saias curtas e dos livros de Bourget, é apenas desdem. Não. Era um sorriso diferente de todos estes, mas, não sei por que milagre de paradoxo, participando um pouco de todos eles. Tinha o quer que seja de tragico e de comico como o sorriso da farça italiana; dir-se-hia trazer na sua aza invisivel o bicorne preto de Arlequim, a meia mascara de veludo de Colombina, a graça misteriosa de Pierrette; sorriso que revelava, sem querer, como um *loup* mal feito, o orvalho impertinente duma lagrima que não existia, a imensidade dolorosa dum abismo que ninguem suspeitava; sorriso ironico, mordaz, desdenhoso, incoerente, delicioso, indefinido, mortal...

Quando essa mulher saiu tive a impressão de que caminhava com ela a fatalidade de alguem. Infelizmente não me enganei.

—Viste esta rapariga que saiu agora?—perguntou-me instantes depois um rapaz, meu amigo, que viéra sentar-se á minha mesa, com a sua chicara de chá e o seu prato de bôlos.

—Vi.

—Matou-se-lhe, ha quinze dias, o marido.

Luis d'Oliveira Guimarães.

VERDADES AMARGAS

Lisboa, cidade imunda!...

Uma estrumeira municipal na rua 24 de Julho...

Lisboa «de marmore e de granito», Lisboa «rainha do oceano», Lisboa eterna «das caravelas e das conquistas», Lisboa d'aquilo que quizerem os poetas e os cronistas, mas no fundo e ao cabo Lisboa imunda, Lisboa porca, Lisboa cheia de lixo e de estrumeiras!

Razão tinha o outro quando escrevia no seu livro de viagens que a *péste grande* nos poupara um pouco, mercê, talvêz, do nosso classico *agua vae*...

Mas hoje Lisboa está miseravelmente imunda! Eu não sei, leitor, se tu moras para os lados da linha de Cascaes, e se, pela falta de electricos, te tens utilisado dos comboios da Sociedade «Estoril». Se moras vaes darme rasão. Se não moras vaes ouvir coisas de espantar. Não te falamos já na provisoria estação do Caes do Sodré, espelho vivo da incuria e do desleixo, nem chamamos a tua atenção para os barracões infectos do mercado da Ribeira Nova. Olha-me apenas para os terrenos que marginam a linha férrea. Que vês? Lixo, porcaria, cabeças esverdinhadas de peixe, montes de pedras, tapumes de aldeia miseravel em cortelhos de gente pobre, erva por toda a parte, caules esguias de couves ressequidas, habitações miserandas dos guardas da linha.

Vae olhando. Que vês agora? Pasmas? Não acreditas?! Pois é verdade! N'uma extensão de muitos metros, em plena rua 24 de Julho, uma montureira municipal! Eu repito, leitor: uma montureira municipal!

Andam no ar nuvens de mosquitos, o cheiro é nauseabundo, o aspecto repugnante.

Passam por ali milhares de forasteiros, ha milhares de olhos extranhos a ver, a observar, a analisar essa grande miseria citadina. Garotos, mulheres esfarrapadas, toda a vasa humana das sargetas sociaes, vasculha e remexe o lixo, escancara as podridões, infecciona mais ainda o ambiente.

A dois passos, no Tejo limpido e sereno, os transatlanticos aguardam os passageiros, e estes ao regressarem a bordo devem ter uma grande dificuldade em explicar aos que não vieram a terra a diferença que ha entre Lisboa e Marrocos.

Mas tu segues viagem, leitor, e desde o Cáes do Sodré até Cascaes, não vês outra coisa mais do que desmazelo, lixo e estrumeiras. E é porque não queres reparar nas proprias estações que nem nos sertões d'Africa as ha tão imundas, tão pifias, tão indecentes.

E se tu és creatura viajada sentes uma magua enorme ao recordares a gracilidade das estações floridas entre Bayonne e Biarritz, o asseio das estações suburbanas de Paris, a cuidada higiene de todas as estações que tu conheces em todas as linhas do mundo, menos na miseravel, na imunda linha de Cascaes.

Sim, Lisboa é hoje a mais suja e a mais porca das cidades civilisadas. Diga-se isto alto e bom som a ver se alguem se lembra de lhe dar remedio pronto e eficaz.

As nossas ruas, mal lavadas, mal regadas, mal varridas, tresandam. Das valetas vem-nos um cheiro nauseabundo. Os nossos largos, as nossas praças, os nossos jardins, são depositos de pedras e de lixo, ponto de reunião á jogatina desenfreada dos garotes. Por essa cidade alem a maior parte das edificações, por caiar e por limpar, oferecem um aspecto entristecedor e dão a nota exacta do desleixo dos municipes e da incuria fiscalisadora dos edis.

A nossa *Avenida da India* é um nojo, valhacoito de gatunos, de vadios e de mulheres perdidas, atravessal-a noite fora, peor seria do que atravessar á dezentos anos, sósinho, a serra da Carregueira.

O largo em frente á *praça Afonso de Albuquerque*, em Belem, é um nojo. Os terrenos que circundam o jardim que enfrenta essa joia manuelina dos Jeronimos, são montes de lixo e de pedras, exemplos vivos de desmazelo e de porcaria. E por toda a parte, em todos os bairros da cidade, barracões, tapumes, incuria, desleixo.

Ha barracões em Alcantara e na Graça, no Caminho de Ferro e na Estrela. Barracões e tapumes por toda a parte. Ruas que nunca mais se acabam, edificações que jamais se conhecem

A rua dos Luziadas não tem sahida. Porquê? Porque ha um barracão da Camara a proteger a birra d'um senhorio. A *Avenida da India* não tem ligação capaz com o largo das Fontainhas. Porquê? Porque ha um barracão da União Fabril a atravancar-lhe a passagem.

A rua Vasco da Gama quebra ao fundo da Avenida das Côrtes porquê? Porque um tapume lhe veda a passagem.

Aqui mesmo ao pé de nós, ao cimo da rua D. Pedro V, ha á esquerda uma rua principiada. Porque se não acaba? Porque um velho pardieiro lh'o não consente.

E assim por toda a parte, em todos os bairros, quasi em todas as ruas. Um desmazelo, uma incuria, um nojo, uma porcaria.

Mas já é tempo, senhores de fazermos uma cidade decente, limpa, capaz, ela que, pela sua situação topographica, é a mais bela, a mais linda, a mais encantadora de todas as cidades do mundo.

Mas assim, não!

Não se constróe um palacio de encantos numa estrumeira de imundicies!...

O movimento dos sargentos

Varrendo a testada e dizendo de sua justiça

Sr. Redactor da «Capital». — Tendo lido no seu jornal de 22, no seu artigo de fundo, que eu fazia parte do «pretenso movimento dos sargentos», venho solicitar a v. se digne publicar no seu jornal o desmentido categorico de que não só não fazia parte d'um pretenso movimento, como não conheço sequer pessoalmente nenhum dos meus camaradas no mesmo referido, e ainda porque, por principio de ordem e disciplina, sou contrario de todo e qualquer movimento, quer individual, quer colectivo, desde que se pretenda impôr a fôrça á fôrça.

Levado, porem, o movimento d'esses meus camaradas para o campo da politica, como muito claramente se tem depreendido da leitura do noticiario referentes ao mesmo, publicado, não só na *Capital* como por outros jornais de Lisboa, ouso declarar a v. que de nenhuma fórma me prestaria a qualquer movimento de caracter acentuadamente politico, pois que fui d'aqueles que durante a situação nefasta do dezembrismo sofri perseguições continuadas e alguns mezes recluso nas prisões do Porto, forte da Praça em Elvas e S. Julião da Barra, de onde consegui evadir-me a quando do movimento de Monsanto, tendo depois marchado para o Norte a combater os monarquicos.

N'esta ordem de ideias, ignoro quaes os motivos que levaram a entidade competente a incluir o meu nome no numero dos principaes responsaveis como a *Capital* o afirma, tendo solicitado já pelas vias competentes uma larga sindicancia em que se desminta a falsidade de taes acusações desafiando, por ultimo, quem quer que seja, a declarar que eu fazia parte d'esse futuro movimento ou se alguemas ligações mantinha, quer directa quer indirectamente, com os implicados nesse caso, se porventura tiverem hombridade de caracter necessario para fazerem tal declaração. E o resto virá a seu tempo.

Pela publicação desta na integra muito grato se confessa o de v. etc. — *Carlos dos Santos*, 1.º sargento inf. 1.

Tambem nos escreve o sr. Antonio Maria Lopes da Silva, administrador de *O Exercito*, a pedir-nos uma rectificação quanto ao nome do sr. Adelino Mendes Leal.

Em casos da gravidade de que se trata não se compreende nem admite procuradores. E' ao proprio interessado que convem dizer de sua justiça, se acaso está inocente. Porque nós não inventámos, fique isso bem assente.

O serviço telegrafico

Do Porto a Lisboa, mais de 12 horas

E' simplesmente extraordinario o que se passa com o serviço telegrafico para os jornais.

N'um momento em que todos os olhos estão fitos na capital do norte, porque ali se encontra o chefe de Estado, interessando portanto tudo quanto no Porto se passe, não ha ao menos da parte dos senhores do telegrafo a condescendencia—chamemos-lhe assim—de fazer seguir os telegramas destinados aos jornais e que continham a noticia da brilhante recepção que o Porto fez ao sr. presidente d aRepublica.

O nosso correspondente no Porto enviou-nos hontem dali um telegrama, que foi expedido ás 11. 5o. Pois só foi entendido em Lisboa ás 21. 50 e registado ás 0.15!

E' o cumulo!

Quer dizer: podia *A Capital* ter dado hontem a noticia do que se passára na capital do norte, podia ter bem informado os seus leitores, mas não o quizeram assim, assim o não entenderam os senhores dos telegrafos.

Reclamar providencias, para quê? Num paiz onde se pudesse exigir perdas e danos, fariamos a competente reclamação. Aqui, de nada isso nos serviria. Cá ficamos esperando que o telegrama que porventura nos seja hoje enviado só chegue amanhã de manhã.

Os exercitos polacos em perseguição dos vermelhos

A ocupação de Novo-Minsk

Em data de 19 do corrente, telegrafou ao *Matin* o seu correspondente especial no «front» polaco:

Acabamos de tomar Novo—Minsk.

—Onde está o exercito polaco?—perguntei a um oficial que ia a caminho do front.

—Com exactidão não sei, mas tenho a certeza de que avança.

Na estrada a agitação habitual dos bastidores da guerra. Uma fila descendente de carros de camponios transporta feridos deitados sobre a palha, uma fila ascendente transporta peças de artilharia e numa carreira vertiginosa seguem automoveis conduzindo oficiais de todos os paizes. A' direita, á esquerda, aqui, acolá, uma peça ou um cavalo abandonado. Na aldeia de Zakrety ha um parque de artilharia. Muitos homens empregam-se nas bagagens. Atrelam-se cavalos a carruagens, pôem-se em marcha os camions —Os bolchevistas ainda esta manhã se encontravam aqui,—disseram,—mas é de crer que continuem recuando, pois recebemos ordem de avançar.

Encontramo-nos justamente no centro das posições bolchevistas, defendidos naquela manhã.

Vejo que as trincheiras haviam sido bem abertas, mas substituido o arame farpado por espetos de pau.

Vejo que os tanks haviam varrido o terreno. A aparição desses engenhos devia ter produzido grande terror nas fileiras do exercito vermelho, a avaliar pela quantidade de cartuchos que se notam abandonados no fundo das trincheiras de Soblonerez.

E' isso uma prova de que ao exercito dos soviets não faltam munições.

Avançamos mais um quilometro, quando, em Debe-Wielkie, uma sentinela nos detem:

—Não avancem mais, pois podem ser apanhados pelos cossacos.

Mais adeante aproxima-se um oficial do meu auto.

—O omnibus parte daqui a cinco minutos,—disse ele risonho—e se quizer aproveitá-lo...

Chamava ele omnibus a um wagon blindado que, nos seus flancos negros, ostentava, em letras grandes, o nome de Paderewski.

E' muito bom esse wagon com as suas vinte e quatro metralhadoras e os seus quatro canhões. Foi tudo construido em Lvov.

—E onde vamos?—pergunto.

—O mais longe possivel,—respondeu-me o oficial.—Talvez possamos ir até Novo-Minsk.

De repente um ruido aterrador se ouviu, fazendo repercussão nos toldos d'aço.

Os canhões atiravam, seguidos logo pelo estampido das metralhadoras.

Num pincaro banhado pelo sol diviso uns pontos brancos e o inimigo a correr em todas as direcções.

Era uma coluna de cavalaria bolchevista, em volta da qual o «Paderewski» apertava o cerco com obuses e balas. Finalmente, metade proximamente dessa coluna fugia e conseguia ganhar a floresta que vedava o horizonte.

Entretanto nós vamos avançando cada vez mais lentamente; os soldados andavam reparando a via ferrea, mas finalmente entrámos na gare de Novo-Minsk. A nova espalhou-se logo por toda a parte. Imediatamente o nosso comboio foi cercado por uma multidão de mulheres de perna nua, camponezes e creanças. Oferecemos cigarros aos homens, o que, pelo que se passa na Polonia, não deixa de ser um sacrificio, embora pequeno. Ouvi, entre gritos de alegria e lagrimas, a narrativa das atrocidades bolchevistas. Consistiam elas principalmente em roubar tudo na maioria dos casos.

Uma mulher disse:

—Não ha um alfinete nas lojas de Novo-Minsk. Tudo levaram, desde o calçado ás loções de peliculas.

—Os bolchevistas ainda se encontram no castelo,—acrescentou alguem.

—Vamos já desalojá-los,—declara um oficial, que logo organisa uma expedição de cincoenta soldados, quatro metralhadoras.

Eu acompanhei tudo. A' nossa passagem, o mesmo entusiasmo que na estação.

—Então não é verdade,—gritavam muitos, surpreendidos,—terem eles tomado Varsovia?

Dos bolchevistas, porém, não encontramos sequer vestigios.

—Fugiram agora,—disse um velho empregado do castelo,—e se vissem a loucura que deles se apossou! Os carros voltavam-se, caiam uns por cima dos outros; os cavalos chapavam-se...

Neste momento os soldados principiaram aos tiros e viu-se sair dum matagal um gigante vestido de cinzento que levantou os braços para o ceo.

Um homem mais pequeno que o seguia imitou-lhe o gesto. Como devem supor, eram bolchevistas. O primeiro era um aldeão de Tverskaia, valente e brutal; o segundo, um tal Stolberg, nascera como que por acaso em Novo-Minsk e fôra nomeado agente da «Tchreswytchaika». O primeiro apanhou um bocado de pão e uma maçã, o segundo uma valente coronhada no posterior.

Veio ligar-se-nos um turbilhão de automoveis. Trazia, na vanguarda, o general Haller, seguido por alguns adidos militares e correspondentes de guerra.

—Muito naturalmente vejo,—exclamou o general,—que o *Matin* chegou primeiro que todos. Muito bem! E agora, que o apanhámos, ha de dizer-nos tudo quanto se passou.

Narrei ao general os acontecimentos e, em seguida, fiz por minha vez, algumas perguntas.

—Ficaria muito mais satisfeito se soubesse que os bolchevistas não se tinham safado tão depressa. Trata se duma luta de velocidade. Para que a vitoria fôsse completa, deviamos chegar a Brest-Litovsk primeiro que eles...

Estava eu dormindo no vagon do comboio blindado, que entrava em Debe-Wielkie, quando fui sacudido por um estrondo formidavel. O vagon fôra arremessado ao ar e eu atirado para a linha.

Os bolchevistas haviam conseguido levantar um pedaço de *rail*. Fiquei apenas com algumas contusões. Foi esse o fim dum dia bem empregado.

Uma acção comum dos aliados

LUCERNA, 24. — Depois de varias conferencias, os srs. Lloyd George e Giollitti terminaram por telegrafar ao sr. Millerand exprimindo o desejo de se encontrarem brevemente com ele afim de combinarem uma acção comum dos aliados para que a Polonia possa utilisar-se brevemente do porto de Dantzig. — (*Havas*).

O general Wrangel continua triunfando

CONSTANTINOPLA, 23. — Um comunicado do exercito de Wrangel, aqui publicado, diz que continua derrotando os bolchevistas e ganhando terreno. — (*Havas*).

Bolchevistas que se refugiam na Alemanha

KOENISBERG, 24. — Até agora refugiaram-se em territorio alemão 11.000 soldados bolchevistas, que foram imediatamente desarmados e internados.—(*Havas*).

Os «soviets» manifestam claramente o receio que teem de Wrangel

LONDRES, 23.—O receio que inspira aos soviets o avanço feito ao norte pelo general Wrangel, avanço que lhe garante a cooperação da maioria dos cossacos de Don, foi indicado por um «radio» recebido de Moscou.

Diz ele:

«Wrangel torna-se de dia para dia mais perigoso e ameaçador. Pode fazer-nos muito mal e cortar as nossas provisões de carvão e trigo, condenando as nossas cidades ao frio e á fome. Temos que fazer flutuar a bandeira vermelha sobre a peninsula da Criméa e ao Mar Negro transformar-se em mar Vermelho».—(Correspondente).

Trotzky entende-se com oficiaes do estado maior alemão

DANTZIG, 23.—Trotzky chegou secretamente a Prescken, na fronteira da Prussia oriental, para negociar as questões politicas e estrategicas com os oficiaes do estado maior alemão.

Tinha-se já realizado uma conferencia entre presonalidades oficioes alemãs e delegados soviets.

Os voluntarios alemaes da Prussia oriental estão resolvidos a organizar um exercito perto de Vilna para marchar para a Prussia oriental no mesmo tempo que o exercito revolucionario e tentar desenvolver uma acção contra a Polonia por parte da Prussia oriental e dos soviets reunidos.—(Correspondente).

Um desembarque do general Wrangel

CONSTANTINOPLA, 23.—O general Wrangel acaba de efectuar com sucesso um desembarque nas costas de Konbam. A população prestou-lhe todo o auxilio.—(Correspondente).

O numero de prisioneiros aumenta—35.000 e 200 canhões

VARSOVIA, 23. — Os polacos, que reunem as suas forças, formaram dois exercitos: exercito do norte, sob o comando do general Haller e o exercito centro, sob o comando do marechal Pilsedski, sendo este ultimo encarregado de cortar as linhas de retirada aos quatro exercitos bolchevistas. O grupo do general Haller alcançou já a linha do Mlava-Pransnych, progredindo á direita em direcção a Ostreleka. O movimento envolvente do exercito do marechal Pilsudski continua nas melhores condições e fez já mais 35.000 prisioneiros, tendo tomado 200 canhões.—(*Havas*).

Ocupação de cidades, entre as quaes Brest-Litovsk

VARSOVIA, 23.—No dia 22 á noite a situação dos exercitos polacos era a seguinte: Na extrema esquerda a cavalaria vermelha era batida em diversos encontros e expulsa de Sandois e da região situada ao norte do Vistula, entre Pleck e Thorn. O grupo e exercitos do general Haller tinha atingido a linha do Mlava e as orlas proximo de Przmyls. A' direita o exercito do marechal Pilsudski progredia na direcção Ostrolenka, depois de se ter apoderado de Ostiau-Biansk e continuava a sua perseguição sobre Lomza e Biehstank; a sua ala direita reocupava Brest-Litowsk.—(*Havas*).

A Polonia lucta apenas pela sua independencia, diz o ministro polaco em Lisboa

PARIS, 23.—O *Petit Parisien* reproduz as declarações que o ministro da Polonia em Londres fez a um jornalista. A Polonia luta simplesmente para expulsar os bolchevistas do seu territorio. Desejamos que a paz seja assinada o mais depressa possivel, mas não aceitaremos condições que vão de encontro á independencia da Polonia ou permitam a ingerencia do estrangeiro nos seus negocios internos. Tal é o ponto de vista que os delegados polacos constantemente teem defendido durante as negociações e que os acontecimentos militares, favoraveis ou não, nunca modificaram.—(*Havas*).

A dificuldade de comunicações com a delegação polaca

VARSOVIA, 23.—Parece que, não obstante as declarações em contrario do governo dos soviets, as comunicações com a delegação polaca encontram ainda algumas dificuldades. O principe Sapieha, ministro dos negocios estrangeiros da Polonia, enviou um sem fios ao sr. Tchitcherine, exprimindo a esperança de que o governo bolchevista facilitaria as comunicações em harmonia com as garantias dadas.—(*Havas*).

Theatros e Cinemas

ENTREVISTAS E PALESTRAS

Damos aos nossos leitores a entrevista que a actriz Lucinda Simões concedeu a um redactor da *Gazeta de Noticias* no Rio de Janeiro:

«Foi a sr.ª Lucinda Simões quem primeiro encontrámos—escreve o *reporter* da *Gazeta*. Está hospedada no Hotel Avenida, onde nos recebeu amavelmente.

Sem embargo dos seus 62 anos de idade, a querida artista portuguesa ainda se mostra bem forte, satisfeita e disposta.

Acolheu-nos com um sorriso gentilissimo, a sr.ª D. Lucinda Simões, que nos foi logo narrando as suas impressões:

—Gosto do Rio, tinha mesmo vontade de rever o Rio. Mas venho muito triste, porque a minha neta casou tres dias antes da minha partida, ficando em Lisboa. Porém o Rio é tão bonito, que já estou mais alegre. Ha 14 anos que eu não vinha aqui! E quanta mudança, quanto progresso encontrei agora! E' verdade que já havia deixado a Avenida. Mas, neste momento, encontrei outras coisas novas. Que vida! Que animação! Que encanto! Era facil de prever estas transformações.

Estou, por isso, contente, apesar das saudades. Se não fôra uma queda desastrada que levei a bordo, ao galgar uma escada, o que me magoou deveras, estaria ainda mais satisfeita.

—A estreia será?...

—Ainda não está marcado o dia. Debutarei, porém, com uma peça da minha maior predilecção—«A Conspiradora». Foi uma criação minha, esta peça, no Teatro Ginasio, de Lisboa. Era neste teatro que eu trabalhava ultimamente. Fiz nele a temporada de inverno, deste ano. Apesar d'isso, entretanto, representei com Brasão e Palmira uma peça espanhola—«Pipiola», no Teatro Nacional Almeida Garrett.

—E o teatro em Portugal?

—Progredindo. Francamente progredindo. Vai-se notando uma verdadeira reviravolta no gosto do publico. O teatro serio e puro cria prestigio em Lisboa. A plateia requinta, transforma-se, educa-se.

«Fatigado das facecias e chalaças das revistas, o povo volta os olhos para o drama, para a comedia, para o que se pode chamar — teatro. E no Brasil tambem, ao que parece, as cousas teatraes são olhadas com simpatia. Os escritores mesmo são admiraveis. Ainda agora li com um prazer imenso um original brasileiro, «Flor de Sombra». E' magistral. Agradou-me vivamente. E é-me grato vêr que aqui é uma verdade o teatro nacional.

—Os escritores teatraes de Portugal...

—São poucos, hoje. Mas teem muito talento. Agora mesmo trazemos no nosso reportorio uma adaptação da peça de Zurilla, «Dom João Tonorio», feita por Julio Dantas, que é um primor. Além dele, ha actualmente em Lisboa uma «parceria» de grande valor. São tres rapazes de talento, que lograram um dos maiores sucessos desses ultimos tempos com o «João Ratão», que Amarante creou com muito brilho. Aliás, os sucessos teatraes em Lisboa, hoje em dia, são constantes. O povo gosta já do teatro.

—E o que nos diz da peça da estreia—«O Cardeal»?

—E' uma creação admiraval de Eduardo Brazão. Ele representa-a com muita grandeza, muito encanto. A plateia Rio vai gostar muito tambem da Palmira, que é uma excelente artista. E' encatadora em todos os papeis. Na «Pipiola» tem ela um dos seus maiores sucessos.

«Eu estava licenciada no Teatro Nacional, trabalhando, porém, no Ginasio. Agora, voltei á companhia do Brazão, para vir ao Brasil. Só tive pena de que a minha neta não me pudesse acompanhar ao Rio. Ela como havia de gostar! E' até brasileira a minha netinha!

«E sabe duma cousa? A sua passagem pelo teatro foi rapida, mas muito auspiciosa. Efemera, porém, brilhante. Estreou-se a minha Julieta no Ginasio, com o «Amigo Fritz», servindo-lhe de padrinho artistico Eduardo Brazão. Isso em Julho de 1919. Terminou a temporada em Maio de 1920, casando em 8 de Julho, dias antes da minha partida. Deixou assim de ser a minha Julieta, para ser a sr.ª D. Julieta da Fonseca, esposa do dr. Antonio da Fonseca, ex-ministro das Finanças do gabinete Sá Cardoso. A sua passagem pelo palco foi muito feliz. Uma bonita revelação. E tive pena de que ela abandonasse o teatro tão cedo.

E a ilustre artista, sorrindo com melancolia, evocava com saudade a sua querida neta, emquanto nós agradecidos e satisfeitos, nos retiravamos.»

Os nossos autores como Bento Mantua, Carlos Selvagem, Mendonça Alves, etc. e os artistas como Amelia Rey Colaço, Alves da Cunha, Robles Monteiro...

Noticiario

Entre nós

Por noticias particulares recebidas na nossa redacção sabemos que a Palmira Bastos foi friamente acolhida nas *marionettes* e que a companhia já deixou o Rio de Janeiro, devendo estar de regresso mais cedo do que o que se esperava.

—Tendo-nos chegado aos ouvidos algumas referencias sobre as nossas ultimas entrevistas com Alves da Cunha e Samwel Diniz, cumpre-nos declarar que não fazemos inconfidencias jornalisticas, pois as palestras citadas foram claramente tratadas, e não enganámos a ingenuidade virgem... dos novos emprezarios.

E' preciso acentuar que além de informação aos nossos leitores, só desejamos prestar auxilio a todos os que trabalham pelo teatro e que são os proprios a virem nos procurar para os ajudarmos, o que fazemos gratamente, dentro das medidas do possivel.

—Diz-se que a estreia da filha do nossa colega Maria Judice da Costa, se fará no Porto.

—Segundo nos dizem a peça *Os Lobos* que agora vai subir á scena no Nacional, já ali tinha estado tendo sido *reprovada* depois d'um mez de... passeio pelos dorminhocos funcionarios que se encarregam de reprovar peças sem as ler.

—No Ginasio, provavelmente toda a epoca se fará com *Az*. E' caso para parabens.

QUESTÕES ECONOMICAS

A importação portugueza no Brazil em 1919

O valor total foi de cêrca de 10.000 contos, moeda Brasileira

O Brazil importou de Portugal, durante o ano findo, 26.269.571 quilogramas de mercadorias diversas, no valor de réis 39.717.449$000.

Em 1918, o movimento de importação fôra de 34.742.399 quilogramas, no valor de 37.962.789$000 réis.

Ha, portanto, uma diminuição em quantidade de 8.472.828 quilogramas e um aumento em valor de 1.757 contos.

Em animaes vivos, o movimento em 1919 foi de 8 cabeças computadas em 11.791$000. Nos dois anos anteriores não houvera importação.

Em materias primas e artigos com aplicação ás artes e industrias, a importação foi de cerca de 1.172 toneladas no valor de 1.186 contos.

De palha para cigaros, 41 toneladas valendo 275 contos em 1919 e 36 computadas em 244 contos no ano anterior.

O consumo de folhas, flores, ervas, etc., de origem portugueza teve o melhor ano do quinquénio em 1918: 504 contos contra 423 em 1919.

A importação de briquettes no principio do quinquénio foi de 137 contos, valor de 1.000 toneladas, subiu em 1916, começou a declinar no ano seguinte, fixando-se em 1919 em 399 toneladas pelo preço de 91 contos.

Para marmores parece ter havido procura, passando de 7 toneladas no primeiro ano para 70 no ultimo, nos respectivos valores de um conto para quarenta e dous.

As pedras e outros mineraes parece que tambem encareceram, pois 475 toneladas valiam em 1915 apenas 47 contos e as 265, recebidas em 1919, conto e tres contos.

As passamanarias, rendas, etc., que, de cerca de 4 contos em 1915, subiram a 144 em 1918, baixaram para 60 no ano findo.

Regista-se tambem uma grande baixa na roupa feita de algodão (camisas, etc.). Apenas se compraram 22 toneladas em 1919, quando, nos anos anteriores, o Brazil adquiriu 41 toneladas em 1918, 47 em 1917 e 36 em 1916. A diferença dos valores para mais, nas 22 toneladas em relação ás 41 do ano anterior, é de 151:086$000.

Para manufacturas de algodão não especificadas, a baixa é assaz importante, pois de 113 contos em 1915, no ano findo só se importaram 25 contos.

As escôvas, espanadores, pinceis etc., cujo movimento em 1915 foi de 10 contos, subindo sensivelmente até 112 contos em 1918, desceram para 90 contos no ano findo.

Nas manufacturas de estanho, etc., deu-se um aumento deveras importante. De 829$000 no principio do quinquénio, atingiram no ultimo ano 71 contos.

Obtivemos um grande aumento na cutelaria. De um conto e setecentos mil réis, no primeiro ano do quinquénio passou a 105 contos no anofindo A cutelaria portugueza foi sempre muito considerada. Em artigos cirurgicos, atesta a sua supremacia a exportação que se fazia antigamente para a Alemanha.

Nos instrumentos musicos deu-se um aumento importante. Em 5 anos passaram de 8 contos para 64.

Na roupa de linho houve aumento notavel. De 7 contos fixou-se em 46, dando-se o inverso nos tecidos do mesmo filamento que de 15 contos desceram a 8.

Vidros para vidraças, adquiriram-se em quantidades apreciaveis. Em 1915 vieram 72 contos e em 1919 registou-se a entrada de 169 contos. Mais avultada poderia ser esta importação se os industriais e comissarios portuguezes adotassem os sistemas de embalagem belga e frances. Não haveria tantos prejuizos e o consumo da nossa vidraça tomaria grande incremento.

A's manufacturas de porcelana e louça, a guerra tambem veiu dar grande impulso, mas infeliz-mente já se começam a fazer sentir os efeitos da concorrencia. Nos cinco anos decorridos registam-se os seguintes algarismos: 38-143-167-205 e 125 contos.

Ferramentas e utencilios diversos. Abriu o quinquénio com 85 contos e fechou com 370, tendo-se importado em 1918 o valor de 437 contos.

Os palitos para mesa, tiveram um grande consumo no ano findo. Compraram-se 457 contos, quantia nunca atingida até hoje. Só a importação do mesmo artigo em 1913 se aproximou. Esta foi de 455 contos.

As rolhas de cortiça, continuaram a manter condignamente o seu logar a-pesar da concorrencia espanhola, rolhas muito mais bem apresentadas, de inferior custo e de melhor qualidade. Devemos acrescentar que os espanhoes compram a nossa melhor cortiça e dela se utilizam com vantagem. Ainda assim, houve uma pequena diminuição em 1919, com relação ao ano antecedente, de 61 contos.

Em diversos outros productos se fez sentir a diferença, mas nos vinhos comuns se nota uma diferença enormissima entre o seu preço actual e o de há cinco anos. Pagaram-se em 1915 por 24.603 toneladas, 11.440 contos e para as 13.989 vindas no ano transacto, isto é, menos 10.614, foi declarado o valor de 16.886 contos.

Nas mesmas condições se encontra o vinho do Porto; 1.884 toneladas, em 1915, foram compradas por 3.372 contos e, no ano findo, 1.320 toneladas valiam 5.214 contos.

Em resumo, o Brazil importou de Portugal, em 1919, menos 8.472 toneladas de mercadorias do que no ano de 1918, mas dispendeu a mais cerca de 1.754 contos.

INCENDIO

Pelas 10 horas de hoje manifestou-se incendio na séde do Centro Escolar Democratico de Campo de Ourique, na rua de Campo de Ourique, 77.

Devido á ponta de cigarro que ficou num escarrador, arderam parte do soalho, um tabique e a guarnição de uma porta. Compareceram os bombeiros municipais, que extinguiram o incendio com o auxilio de uma agulheta.

Noticias da Capital

Prisão de um negociante.—Foi preso Alfredo Patricio, morador na rua Quatro de Infantaria, 24, 4.º, por andar vendendo manteiga por preço superior ao da tabela.

A serie diaria.—Queixaram-se Maria Emilia, rua do S. Nicolau, 13, 2.º de que lhe furtaram roupas e objectos de ouro no valor de 143$00; Antonio Pires, Vila Mariana, de que os gatunos arrombaram a porta dum barracão que possuia na rua Pereira Henriques, de onde subtrairam uma porção de adubos e peças de fundo para vacilhame, cujo valor ainda desconhece; Salustiano Bernardo Lucas, Vila Dias, de que assaltaram a sua quinta, furtando-lhe uma porção de estanho no valor de 60 escudos, indicando á policia o nome de tres individuos de quem suspeita; Sebastião Fernandes, de Gouveia, de passagem em Lisboa, de que pelo processo do «Conto do vigario» foi burlado por dois individuos na quantia de 106 escudos; José Borges de Oliveira, empregado no hospital do Rego, de que, tambem pelo «Conto do vigario» foi burlado na quantia de 543 escudos.

Foram presos: — Casimiro Simões Costa, pateo Gomes Pereira, 1, 3.º, por ter furtado varios objectos de ouro no valor de 65 escudos a Joaquim Frazão, pateo do Balseiro, 7; Domingos Nobre, rua de S. Bento, 218, 1.º, por mais de uma vez ter roubado sua propria mãe e não querer trabalhar; João Benjamim, Francisco de Carvalho, Antonio dos Santos Vieira e Joaquim Fortunato, todos sem residencia por serem encontrados deitados debaixo de umas arvores na avenida Conde Walbon, e, ao serem interrogados na esquadra das Picôas, cairam em varias contradições, havendo suspeitas de que façam parte de uma quadrilha de gatunos de arrombamento, que ultimamente teem praticado roubos nas avenidas novas.

Julgamentos no governo civil

Responderam hoje Maria do Rosario, de Cintra, por vender assucar por preço superior ao da tabela; Daniel Branco, morador na rua das Amoreiras, 2, 1.º, e Francisco do Castro, Telheiras do Baixo, por andarem vendendo carvão, sem terem a respetiva guia de transito do ministerio da agricultura; José Joaquim, travessa Gaspar do Trigo, 16, por vender bacalhau improprio para consumo, e José Pedro Cordeiro Junior, com leitaria na rua Paulo Duque, no Dafundo, por vender leite com agua.

Os primeiros foram absolvidos, por falta de provas, e o ultimo condenado na multa de 1:000 escudos.

Vendedor de leite que foge

Uma senhora brasileira, de nome Maria Machel, moradora na rua Actor Taborda, queixou-se aos fiscais do ministerio da agricultura srs. José Antonio David, José Rodrigues Lourenço e Augusto Mario da Cruz, de ter comprado a um vendedor ambulante, leite que se achava incapaz para consumo.

O vendedor, ao ver-se perseguido pelos fiscaes, abandonou as bilhas numa escada e evadiu-se.

Apreendidas as vasilhas, verificou-se que o leite estava completamente estragado.

Homem agredido barbaramente

Emilia de Jesus, residente na travessa do Malvar, 1, 2.º queixou-se á policia, de que quando seu marido, Pedro Antonio, se dirigia para casa, ao passar pela travessa do Machado, fôra assaltado e agredido barbaramente por uns individuos desconhecidos, que o pisaram nos pés, fazendo-lhe perder os sentidos.

Conduzido a sua casa em braços, ahi se encontra em tratamento.

A policia vae investigar.

A gréve maritima

Continua sem solução, devido á intransigencia do chefe do Departamento Maritimo do Norte, a gréve maritima em Lisboa e Porto.

Uma comissão de grévistas procurou hoje os ministros interessados no assumpto, não conseguindo porem falar-lhes, pois se encontram no Porto.

Um delegado do Comissario dos Abastecimentos procurou a Federação Maritima para que fossem descarregar umas fragatas que se encontram no Tejo com trigo porquan to a demorar-se a gréve se sentirá a falta de pão em Lisboa, como já sucede no Barreiro e em Aldegalega.

A Federação Maritima resolveu enviar delegados para varios pontos do paiz, afim de que o movimento tome maior extensão.

Varios agentes de navegação esperam que se façam cargas e descargas nos navios surtos no Tejo.

Os grévistas só retomarão o trabalho quando forem atendidas as suas reclamações que são:

Renumeração para os maquinistas fluviais no Porto, 4 escudos diaros e 1 0/0 sobre a receita bruta; fogueiros, 3 escudos e 1/4 0/0 sobre a receita bruta, e a demissão do chefe do Departamento Maritimo do Norte que entendem encontrar-se ilegalmente no logar porquanto este compete a um capitão de fragata e não a um vice-almirante. Os grévistas ainda se queixam do sr. Guilherme Howell ter desrespeitado as ordens dos srs. presidente do ministerio e ministro da marinha, que consistiam em dar como nulos os exames feitos de 1 de julho em diante e demetido todo o pessoal que n'essas condições fosse encontrado a bordo das traineiras.

O «comité» da gréve espera resoluções tomadas no Porto para então proceder.

Hoje logo de manhã foram restabelecidas as carreiras dos vapores de passageiros para Cacilhas, Seixal, Aldegalega e Alcochete, que se encontravam paralisados, o que levantára justos protestos e indignação dos habitantes da margem sul do Tejo.

Os sindicalistas em acção

O director da policia de investigação, sr. dr. Reis Junior, tem continuado a receber cartas anonimas com ameaças de morte, distinguindo-se pela sua linguagem violenta uma cuja procedencia indica ter sido escrita no Porto.

Ecos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

Parte amanhã, no rapido de Madrid, para Paris, com sua esposa, o sr. Frederico Daupias, barão de Alcochete.

Sucata de mangueiras de borracha

No escritorio dos armazens geraes dos caminhos de ferro do Sul e Sueste, na estação do Terreiro do Paço, recebem-se propostas até ás 16 horas de 20 de setembro para a compra de cerca de 218 quilos de sucata de mangueiras de borracha, que pode ser vista todos os dias uteis, das 11 ás 17 horas, no Barreiro.

Jardim Zoologico

Apesar da grande falta de transportes, entraram ante-hontem neste Jardim 2.278 visitantes, nenhum dos quaes deixou de vêr o elefante.

Despertou grande interesse o banho que «Epana» tomou, pelas 17 horas, no tanque de «Venus» (nome de trato do hipopotamo).

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Portugal Comercial e Industrial.—Recebemos o numero 9, correspondente a julho, d'esta publicação, dirigida pelo sr. Ferreira da Silva e que acusa sensiveis progressos de numero para numero. O que temos presente está realmente bom, trasendo variada leitura e boas gravuras.

O cartaz de hoje

Politeama, ás 21,30, «Pele Nova».
Trindade, ás 21,15, «Chá e torradas».
Ginasio, ás 21,15, «O A's».
Avenida, ás 21,30, «Amor em pó».
Apolo, ás 21,15, «Risos e Flôres».
Coliseu dos Recreios, ás 21, «Variedades».
Salão Foz, ás 21 «Variedades».
Olimpia, Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.
Chiado Terrasso, Animatografo e concerto.
Chantecler, Animatografo e fitas faladas.

ULTIMA HORA

Ordem publica

Corria hoje com grande insistencia no governo civil, que os srs. comissario geral da Policia e demais oficialidade da corporação, bem como os directores da policia de investigação e da Segurança do Estado iam pedir a demissão dos seus cargos por não encontrarem apoio nas instancias superiores, para as medidas que urge adoptar, para de uma vez por todas se pôr termo á propaganda sindicalista.

A questão dos eletricos

A' hora a que escrevemos continua ainda no mesmo pé a gréve do pessoal da Carris de Ferro. As «démarches» vão-se realisando morosamente, sendo natural que só depois de ámanhã Lisboa tenha eletricos, isto caso as negociações, que por emquanto vão em bom caminho, não sofram quaesquer contrariedades.

Estava marcada para hoje, ás 12 horas, uma reunião no gabinete do sr. ministro das finanças entre as direcções da Companhia e da Associação Industrial e comissão de melhoramentos do pessoal da Carris. Até ás 14 horas não haviam comparecido senão o ministro das finanças e o pessoal da Carris. Ficou resolvido que tal reunião se realisasse mais tarde.

O pessoal em gréve reuniu, pelas 10 horas, na séde da sua associação, á Esperança, vendo-se as salas e escadaria completamente apinhadas. Presidiu o sr. Carlos Fortes, que era secretariado pelos srs. Santos Junior e Henrique Raul de Oliveira.

Usou primeiramente da palavra o sr. Santos Junior, que participa ter sido a assemblea marcada para as 10 horas afim da Comissão de Melhoramentos dar conhecimento á classe da entrevista que se realisou com o sr. presidente do Ministerio.

A referida Comissão foi á hora marcada ao Ministerio, mas não poude ser recebida ficando marcada essa reunião para mais tarde.

O sr. Santos Junior diz ter plena confiança na Comissão de Melhoramentos e sabe bem que ela não está disposta a transigir nas reclamações apresentadas, pois os grevistas não retomarão o trabalho desde que lhes não sejam pagos os dias de greve. Lembra que a classe se mantenha unida até completa satisfação das suas aspirações.

Falaram depois os srs. Manuel Carvalhaes, Manuel Rolo, José Mendes Roque, José Augusto Martins, que egualmente aconselharam a união da classe.

Pelas 12 horas foi lido um comunicado do *Comité Central* para que fôsse suspensa a sessão até ás 15 horas, que é quando o *Comité* poderá dar definitivas instrucções sobre as resoluções do governo. A assemblea que suspendeu entre vivas á greve e ao *Comité* reabriu ás horas acima marcadas, sendo a mesa constituida como a da sessão da manhã.

O presidente sr. Carlos Fortes mais uma vez aconselha ordem, energia e solicariedade entre a classe, pois a vitoria será ganha.

O sr. José Augusto Martins expõe as *démarches* que desde hontem á noite se efectuaram e ás quaes os jornais da manhã de hoje se referem ja.

Por essas *démarches* parece verificar-se que o conflicto ainda hoje ficará solucionado, mas ele orador, entende que mais 24 dias de gréve sobre o tempo que até agora tem dúrado o movimento, serão uma garantia para os grevistas serem atendidos nas suas reclamações. Aconselha, pois, a maior energia porque com ela se conseguirá a vitoria final.

Outros oradores, que se seguem, são da mesma opinião do orador anterior, decorrendo a sessão sem interesse de maior.

Pelas 16 horas foi lido um novo comunicado do *comite* em que se participa que a comissão de melhoramentos estava ás 14,30 no Ministerio das Finanças aguardando ser recebida, o que não tinha ainda sucedido, por não estarem presentes os delegados das restantes colectividades.

* * *

Com o sr. ministro das finanças conferenciaram alguns vereadores da Camara Municipal, a direção da Companhia Carris e a comissão de melhoramentos do pessoal.

Ao que consta, a Camara mostra-se irreductivel.

Taça Mutilados da Guerra

A reunião de hoje

Reunem hoje, pelas 22 horas, na redacção de «Os Sports», os delegados dos clubs de foot-ball afim de resolverem a efectivação do torneio da «Taça Mutilados da Guerra».

Serviço telegrafico da tarde

As tropas bolchevistas procuram abrir caminho para a retirada

VARSOVIA, 24.—As tropas bolchevistas procuram, a marchar forçadas, escapar á tenaz dos polacos que continua a apertal-as. Tem fracassado sucessivamente todos os esforços dos bolchevistas para abrirem caminho na sua retirada. A ação mais intensa da batalha está agora entre o Narew e o Bug que decidirá da sorte dos bolchevistas. Estes acham-se apertados entre o Narew e fronteira prussiana.—(*Havas*).

Os polacos fizeram já 27.000 prisioneiros

VARSOVIA, 23. — Da frente de batalha dizem que o general Budieny, que atacava do lado de Lemberg, acaba, depois de ter reagrupado as suas forças, de mudar ruidosamente de direcção com o fim de se ver livre do cerco dos exercitos polacos, que vão na sua perseguição. O total dos prisioneiros feitos pelo exercito polaco. de 15 de Agosto para cá passa de 27.000. Durante a sua marcha o exercito do centro aprisionou grande numero de comboios.—(*Havas*).

Imigrantes turcos

RIO DE JANEIRO, 23.—Chegaram 500 emigrantes turcos.—(*Americana*).

Cotações, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 23.—Cotações do café, 12$00; cambio sobre Londres, 13 5/8, 13 11/16; valor do escudo portuguez, 1$020 réis.—(*Americana*).

A exposição Roque Gameiro é inaugurada pelo presidente da Republica

RIO DE JANEIRO, 23.—O sr. dr. Epitacio Pessoa presidiu á inauguração da exposição de Roque Gameiro e sua filha.

A comissão Pro Patria adquiriu, para oferecer ao sr. dr. Epitacio Pessoa, o quadro «Porta do templo dos Jeronimos», «Esposa» e «Ultimo Olhar».—(*Americana*).

Construção de casas para operarios

RIO DE JANEIRO, 23.—O architecto Ramalho Ortigão entregou ao sr. presidente da Republica um projecto da construcção de 300 casas para operarios, pedindo para esse fim lhe seja concedido um emprestimo ao juro modico.—(*Americana*).

A Internacional estende os seus tentaculos

LILLE, 23.—Um manifesto espalhado profusamente em Lille, Roubaix e Tourcoing diz:

A «Federação do Norte, 3.ª Internacional comunista» anuncia que se formou um «Comité do Norte da 3.ª Internacional» e que esse comité tem a séde em Lille.

«As bases constitucionaes são as da revolução russa: «Ditadura do proletariado; regimen sovietico; lei do trabalho egual para todos.

«O que aderir ao *comité* tem que escolher entre o soviet e o Parlamento, entre a ditadura e a lealdade, entre o comunismo e a democracia, entre a revolução e as eleições.

Tendo o partido socialista organisado para o domingo seguinte, uma manifestação contra a guerra, os comunistas da região anunciaram que tomariam parte nela.

Declara-se nos centros operarios que o *comité* do Norte da 3.ª Internacional, só conta um pequeno numero de aderentes e aguarda-se com curiosidade a manifestação, para que os comunistas agrupados em volta da bandeira dos soviets se possa pronunciar.—(*Correspondente*).

A luta entre russos e persas

TEHERAN, 23.—A cavalaria e infantaria do corpo expedicionario persa do Norte dispersou uma coluna inimiga a sueste de Juzdashi-Chai, na estrada de Kasvine a Recht, ocupando esta localidade.—(*Correspondente*).

Os francezes na Siria e na Cilicia

PARIS, 23.—O sucesso da politico pacifica do general Gouraud na Siria e na Cilicia acentua-se de dia para dia, escreve o *Temps*. Varios chefes de importantes tribus fizeram perante o general Gouraud a afirmação solene da sua dedicação á França. Por outro lado a derrota que os kenalistas sofreram ao noroeste de Adana restabeleceu a segurança em toda esta região. A guarnição franceza de Adana saiu da cidade com o fim de limpar os arredores que eram ameaçados pelos kemalistas, que foram completamente dispersos e que lhes abandonaram um importante material.—(*Havas*).

Está concluida a aliança tcheco-iugo-slava

PRAGA, 23. — A imprensa d'esta capital diz que o conselho de ministros de Belgrado já aprovou a conclusão da aliança definitiva entre a Iugo-Slavia e a Tcheco-Slovaquia. O presidente do conselho de ministros servio, sr. Mestnich, vai apresentar o seu relatorio á Assemblea Nacional e redigirá em seguida o texto do tratado. A imprensa de Belgrado sauda a aliança tcheco-iugos-lava com entusiasmo.—(*Havas*).

Na Alta Silesia ha socego

BERLIM, 23.—O socego parece estar restabelecido na Alta Silesia.—(*Havas*).

O primeiro radio da estação La Fayette

WASHINGTON, 23.—O secretario de Estado da marinha, Mr. Daniels, recebeu da estação de telegrafia sem fios La Fayette, de Bordeus, uma mensagem, dizendo ser a primeira mensagem que expede, a qual será recebida em todo o mundo e marcará uma nova étapa no caminho dos progressos scientificos. Mr. Daniels respondeu, enviando as suas felicitações pela obra concebida e manifestando a esperança que cada vez se apertem mais as relações entre a França e a America.—(*Havas*).

Restabelecimento do gran-visir

CONSTANTINOPLA, 23.—O gran-visir voltou a ocupar-se de assuntos do governo.—(*Havas*).

Enorme multidão desfila por deante dos catafalcos das tres vitimas

SARAGOÇA, 24.—Os corpos das tres vitimas do atentado foram esta manhã depositados em camara ardente no salão da camara por onde desfilou enorme multidão durante toda a noite. Os habitantes encarregaram-se de assegurar por si proprios o serviço de iluminação. Os bombeiros recusaram-se a restabelecer a iluminação publica nos ultimos dias, pelo que foram todos demitidos pela municipalidade. Esta resolveu arbitrar pensões ás familias das vitimas, mantendo lhes os ordenados por inteiro.—(*Havas*).

A creação duma legião estrangeira espanhola em Marrocos

MADRID, 24.—O conselho de gabinete reunido hontem á noite aprovou o projecto de creação de uma legião extrangeira em Marrocos. O presidente do conselho deu novamente conta aos seus colegas da decisão irrevogavel do ministro do interior em manter o seu pedido de demissão. A recomposição ministerial será adiada até ao regresso a Madrid de todos os membros do gabinete.—(*Havas*).

Na conferencia de Lloyd George e Giollitti trata-se da Polonia

LUCERNA, 24.—Os jornaes publicam uma nota de origem inglesa, dizendo que os srs. Lloyd George e Giollitti se ocuparam nas suas entrevistas da situação politica geral, sobretudo dos acontecimentos na Europa Oriental. A nota lamenta a atitude do governo dos «soviets» que trataram á ultima hora de impôr á Polonia condições incompativeis com a sua independencia e integridade nacional, apesar de todas as promessas feitas em Londres por Kameneff em nomo do governo de Moscou.—(*Havas*).

Os bolchevistas em completa desordem

VARSOVIA, 24.—As forças polacas formando dois grupos de exercitos tratam de apertar o cerco ás forças «bolchevistas» afim de as aprisionar ou obrigal-as a refugiarem-se em territorio alemão. Os «bolchevistas» retiram em desordem, tendo os oficiaes e comissarios dos «soviets» que manter a disciplina de revólver em punho.—(*Havas*).

As greves em Hespanha—atentados pessoaes

SARAGOÇA, 23.—O arquitecto e os engenheiros, que foram mortos a tiros de revolver, estavam encarregados da reparação do cabo da iluminação electrica, cujo pessoal operario está em greve ha já alguns dias. O autor do atentado fez fogo sobre eles no alto da escada de um mictorio subterraneo e fugiu logo, sendo preso dai a pouco escondido debaixo da escada de uma casa proxima. A noticia do atentado espalhou-se rapidamente e imediatamente todas as lojas e armazens fecharam as suas portas em sinal de protesto, organisando-se uma manifestação que se dirigiu ao palacio do governador militar para lhe pedir que assumisse o governo da cidade, indo depois a camara municipal reclamar um castigo inexoravel para o culpado e as necessarias medidas de segurança.—(*Havas*).

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3616 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 25 de Agosto de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

O MARTIRIO DE UMA MULHER

O livro "Infeliz-Mente!"

Uma carta do sr. dr. Alfredo da Cunha

Como lhe disse, leitor, a minha carta para o sr. dr. Alfredo da Cunha seguiu e eu fiquei esperando a resposta d'esse senhor.

Dias depois, alguem que conhecia meu filho por dois retratos d'ele que eu levara de casa para Santa Comba-Dão, d'ali para o hotel Sul-Americano e d'este hotel para o hospital — o leitor repare bem n'isto — veiu dizer-me que meu filho tinha entrado no Conde do Ferreira em companhia talvez do Pai. Eu estava de cama n'esse dia, sentia-me muito fraca e tinha dôres intestinais bastante fortes, mas, apesar disso, pedi que, se os vissem sair, me avisassem; podiam ir-se embora sem me falar; adivinhei sem querer. Algum tempo depois preveniram-me para me aproximar da janela e vi, a distancia, atravessando o jardim, já perto do portão de grades, o sr. dr. Alfredo da Cunha, meu filho e o sr. dr. Bahia Junior, que saiam.

Era uma sexta-feira, dia aziago, dizem.

Não disse a ninguem que os tinha visto; só eu e a pessoa que me avisou o sabiamos.

Escrevi, então, uma carta ao director, que lhe foi entregue no dia seguinte, fingindo ignorar a estada do sr. dr. Alfredo da Cunha no Porto e pedindo-lhe licença para o receber no meu quarto, se, atendendendo ao pedido que eu em carta lhe fizera, este senhor me viesse ver. Respondeu-me verbalmente, por intermedio da enfermeira, que autorisava a visita.

No dia imediato—14 de dezembro—esperei o sr. dr. Alfredo da Cunha ou meu filho, e com sacrificio levantei-me; mas nenhum foi ao hospital e, proximo á noutinha, entregaram-me uma carta do sr. dr. Alfredo da Cunha, quatro paginas escritas muito pensadamente e nas quais não transparecia o tratamento que me dava—tanto cuidado para escrever a uma *inconsciente*...—datada de 12 e fingindo ter sido escrita em Lisboa.

Indignou-me essa carta de cujos termos me não recordo bem e que deve estar em poder da direcção do hospital, assim como mais outras.

Quando chegar o momento oportuno eu direi ao leitor porque elas estão ali. Da existencia dum maço lacrado em que elas se encontram tem o meu advogado, sr. dr. Bernardo Lucas, certidão passada pelo hospital.

Pouco depois do recebimento da carta do sr. dr. Alfredo da Cunha, a senhora que estava no quarto ao lado do meu, a mesma que estivera comigo no pavilhão das criminosas, nos meus ultimos dias de isolamento, teve um ataque, em virtude da enfermeira a ter contrariado. Era a primeira vez que eu assistia a uma scena daquelas. Sendo essa senhora muito nutrida, parecia, nessa ocasião, leve como uma folha de papel. Essa tristissima scena impressionou-me e comoveu-me imenso.

Mas voltemos á carta do sr. dr. Alfredo da Cunha.

Mandei pedir ao director o incomodo de ir no dia seguinte ao meu quarto. Esse senhor acedeu ao meu pedido e visitou-me efectivamente no outro dia—15 de dezembro.

Posso precisar estas datas, não só porque na vespera desta visita do director, tinham assassinado o Presidente da Republica, dr. Sidonio Paes, mas ainda porque no livro *Infeliz* se confessa ter o sr. dr. Alfredo da Cunha ido ao Conde de Ferreira no dia 13.

Perguntei ao director porque razão tinha sido negada ao sr. dr. Alfredo da Cunha, na ante-vespera, licença para uma visita que ele director tinha autorisado na véspera. Este senhor disse-me que desconhecia tal pedido do sr. dr. Alfredo da Cunha e mostrei-lhe a carta que recebera. Depois de a ler disse-me—«Aqui ha uma pequena contradicção»—mas não m'a explicou. Então chamei a sua atenção para a irregularidade do meu internamento, sem exames medicos nem fóra, nem dentro do hospital, e o director respondeu-me o que vem no «Doida, não!» a pag. 34 e que eu, excepcionalmente, aqui transcrevo, porque desejo que o leitor fixe bem. Desculpe-me, se o aborreço.

—«Aqui ha duas formas de receber os doentes e eu lh'as digo: Nos casos vulgares, os doentes veem acompanhados d'um atestado com duas assinaturas medicas, passado em virtude do exame que lhes tenha sido feito; em casos urgentes (*e o meu foi dêstes, é claro!*), a pessoa que acompanha o doente compromete-se, por escrito, a em poucos dias apresentar esse documento. Que até áquela data o meu ainda não tinha sido entregue. Que meu marido, a quem ele não conhecera senão uns dias antes, o procurara com uma carta que o sr. dr. Moreirinha escrevera ao sr. dr. Julio de Matos e que, tendo-lhe perguntado se ele dr. Magalhães Lemos conhecia alguns medicos que pudessem passar o meu atestado, lhe respondera que não sabia naquela ocasião de nenhum, porque uns estavam mobilisados e outros ausentes do Porto, mas que o sr. dr. Bahia se tinha encarregado de os arranjar». —

Não esqueça, leitor, nada do que leu, porque prometo-lhe, para mais tarde, uma grande surpresa.

Maria Adelaide

AUTENTICAS

O assucar

O assucar é hoje o fulcro luminoso para onde convergem todas as aspirações dos portuguezes.

Cá na provincia tem assumido um papel absorvente, dominante.

O vil metal desaparecido, o vil papel a desaparecer, nunca tiveram uma acção tão avassaladora das consciencias. Por cá a sociedade portugueza divide-se em duas grandes familias: pessoas com assucar e sem assucar, doces e azedos. Se qualquer movimento de reivindicação social houver de vingar, será quando os azedos se decidirem a pôr forma drastica, estabelecerem que haja doçuras para todos; quer dizer para os que hoje os não teem, embora os assucarados do presente fiquem amargos como fel. Não ha mais diferenças sociaes assentes sobre a riqueza, pergaminhos e talentos varios. Valemos, segundo temos assucar ou o não temos.

Numa das vilas mais importantes desta provincia da Beira Alta, já se demitiu uma vereação por causa de uma remessa de assucar.

Os regedores não podem aguentar-se perante as justas invectivas, as criticas acerbas, amargas, dos não contemplados na distribuição.

Desde a edilidade á regedoria, das juntas de paroquia á misericordia, tudo gira sobre a força magica, portentosa, desse pó dulcificante, com que se os grandes se lambem.

No comboio entre Santa Comba Dão e Mangualde ouvi afirmações tremendas a uns ilustres viajantes que se iam ás eleições da Misericordia.

A furia de um que não tinha voto era digna de melhor logar de erupção.

Não estava recenceado, não tinha sido inscrito, não figurava na lista dos eleitores, e queria saber a razão, haviam de lhe explicar, ou a coisa seria falada.

Como elle gritava, e como os seus braços acompanhavam a vozearia! Do ataque defendeu-se um tipo sanguineo, barrigudo que depois soube ser pessoa de pezo na politica local. Não tardou que uma senhora, a mulher do arguidor entrasse na contenda. Para serenar os animos?

Não. Isso era dantes. Só deste momento em deante é que aquela rotundidade politica esteve deveras em perigo. O que a dama [illegible] disse foi uma coisa [illegible] de uma estrondosa zaragata, se o revisor e a guarda republicana não andassem [illegible] na provisão facil do epilogo.

E' que os resentimentos eram antigos.

A dama explodiu:

— Aqui está porque nunca mais me deu assucar. Como o meu marido não tem voto, já não precisa de nós. Mas a gente ha de saber o destino de um vagon, que veiu lá dias.

«Deixa lá, troou o marido ameaçadoramente, que lá chegando vere-mos, se se tira assim um voto a um homem».

Por aqui já o leitor vê que mulher que não tenha homem com voto nem sequer pode pensar em assucar.

A mulher d'um simples eleitor abiscoita de vez em quando, para que em casa se mantenha o fogo sagrado da dedicação partidaria, as suas 125 gramas.

Os regedores que são pessoas estabelecidas e necessarias, são sempre bem contemplados na distribuição inicial.

A arte com que depois colocam o assucar ás 125, 250 gramas e aos meios kilos, é a suprema garantia dos seus triunfos de caciques.

Não falte quem aspire a uma vereação para se assucarar a si, aos parentes e aos amigos pessoaes e politicos.

O assucar tornou-se o sangue arterial deste organismo social.

Voto para as eleições da Misericordia 125 gramas; para as da junta 250; para as das camaras municipaes meio kilo; e personagem que marque alguma coisa indo á urna, quando o congresso da Republica carece de novo formado, apanha o seu kilo, confidencialmente, muito posto em relevo a grande dificuldade disso se fazer.

Se estivessemos nos tempos em que se geravam os mitos, as lendas e as religiões, tinhamos com breve o assucar divinisado.

Quem não tem assucar não é gente e tenho a certeza de que nas proximas eleições quem dispozer de 2 vagons de assucar vencerá o mais esperançoso paladino da salvação da Patria, se este aparecer por cá apenas com o melaço das suas palavras.

D. Thomaz de Noronha.

O movimento dos sargentos

Dizendo de sua justiça

Procurou-nos o 1.º sargento sr. Neves, da bateria d'artilharia n.º 1 da guarda nacional republicana, aquartelada em Campolide, para nos dizer que é menos verdadeira a acusação que lhe fazem de estar envolvido no pretenso movimento dos sargentos.

Do quanto ama a Republica dil-o suficientemente o facto de ter sido um dos revolucionarios de Santarem, tendo por esse motivo estado preso, e o ter ido combater ao norte os monarchicos.

Quanto ao sargento Freire, nem sequer lhe fala, por saber bem que qualidade de homem elle é.

Taes são as declarações que pessoalmente veiu fazer o sr. Neves e que lealmente reproduzimos, porque já o dissemos e tornamos hoje a repetir, [illegible] contra a sua classe, antes a temos sempre defendido e exalçado os serviços por ela prestados á Republica.

POLITICA

O futuro de um partido entre tres chicaras de café — O congresso do P. R. P. — O programa modificado? — A união e a homogeneidade readquiridas? — A nova Junta Parlamentar? — Voltaremos amanhã

E o deputado amigo, um dos poucos que ficaram na cidade, cavando honradamente a vida, á custa do seu curso, rapaz cheio de ideias novas, viajado e lido, homem de gabinete e homem de acção, bebia o ultimo gôle de café, pousava tranquilamente a chicara no pires, sobre a pequenina meza, anunciando não sei que bebida exquisita, e dizia-me, com uma serenidade de filosofo, antevendo futuras carrapatas:

— Tudo na vida tem dois prismas. Um negro, cheio de presagios, de duvidas, de pontos de interrogação. Outro côr de rosa, repleoto das mais fagueiras esperanças, cheio de luz, de vida, de intimas e agradaveis aspirações.

— Por qual vaes enveredar agora?

— Pelo primeiro. Com este sol, com esta doidice de luz que nos inunda, neste momento agradavel em que somos quasi os unicos que estorvamos o absoluto socego d'este vasto *mentidero* da politica que foi sempre a «Brazileira do Chiado», podemos falar tranquilamente, filosofando um pouco, não á maneira amarga do Fradique, mas, se quizeres, com o alegre optimismo de Pangloss.

— Seja...

— Andam no ar fundas congeminações da politica dos partidos. Era-me facil falar da situação creada pelos outros, mas prefiro que conversemos sobre o P. R. P. Ha nisso uma vantagem: jogar com dados certos num taboleiro já meu conhecido.

— Mas prometes fantasiar o menos possivel?

— Prometo. Não vou garantir-te uma verdade absoluta. Nunca tive feitio para messias, nem gosto de fazer prognosticos. Mas posso dar-te alguns dados curiosos e interessantes que tu aproveitarás conforme te convier.»

Lá fora o sol faiscava. A' pressa sob o seu latego de fogo, passavam rapidamente creaturas que andavam no giro fatigante da vida. Era cedo ainda para os passeios da *élite*, e as saltitantes arveolas das *Five o clock* estariam ainda quando muito principiando as suas mais intimas *toilettes*. O meu amigo deputado, mandou vir mais um café, e continuou:

— Como sabes, o congresso do meu partido vae realisar-se em outubro. Já o disseste e já acrescentaste mesmo algumas notas interessantes. Mas falharam-te as principaes.

— E' natural. Quando falha a minha secção politica, não sou eu quem falha. São os meus informadores...

— Justo. Então ouve. No Congresso vão debater-se dois pontos da maxima importancia: a revisão de todo o nosso velho programa, e a unidade do partido. Outros assuntos, outros pontos, outras necessidades serão egualmente abordadas, mas todos numa escala inferior em importancia. Vamos ao primeiro. O nosso programa sofrerá fundas alterações senão sob o ponto de vista politico pela certa sob o ponto de vista social. Ha que acompanhar a velocidade das novas regalias do proletario, ha que fazer barreira inteligente á *avalanche* vermelha que nos promete esmagar. Se tu quizeres deter a marcha d'um comboio abruptamente, obstruindo a linha, pondo lhe á frente obstaculos o que te acontece? Que o comboio descarrila, que tudo se escavaca, e que dessa montanha de energias fumegantes só restará para ti e para os outros um montão cahotico de destroços. Para lhe deteres a marcha o melhor é ainda tornares te maquinista e lançares sabiamente mão dos freios. E' o que é preciso fazer. O movimento vindo da Russia vermelha, desorganisado e cahotico, tem coisas más, coisas pessimas, e coisas humanamente aceitaveis. Estamos n'uma epoca de transição, parturiente e dolorosa. E' preciso olhar de frente, encarar de frente o problema. Dos partidos da Republica o unico que o pode fazer, que o deve fazer é o meu.

Exactamente por isso o problema será arrojadamente lançado á discussão do Congresso a fim de, homens de acção, estabelecermos uma decente plataforma de vida e de progresso, indispensavel ao futuro da nacionalidade e da Republica. Este é o ponto principal a tratar. O outro, é, a unidade do partido. Como conseguil-a? Transigindo? Não. A transigencia é sempre um principio mortal de desorganisação, e um organismo forte precisa, não de se estribar em mutuas transigencias, mas e principalmente em mutuos entendimentos.

Isto de facto não pode continuar como até aqui: o Antonio Maria a querer uma coisa, o Paiva Gomes a desejar outra, o Domingos Pereira a desejar o contrario, o José Domingos a barafustar por seu lado e o Abilio Marçal e mais o Herculano Galhardo a pensarem a seu modo. Não pode ser. E como não pode ser, a unidade do partido far-se-ha nos pontos concretos do programa. Revisto o programa, retificado definitivamente definido o programa, todos eles só teem uma coisa a fazer o programa obedecer ou retirar:

Estava bebida a segunda chicara de café. Chiado abaixo, chiado acima, a vida deslisava ofegante. O calor apertava, atravessava o toldo empardecido pelo tempo, e atirava para dentro do comprido retangulo da Brazileira, baforada de ar quente. Veiu o terceiro café e o meu amigo saboreando o primeiro sôrvo da terceira série, continuou.

— Ora a unidade vae fazer-se.

Com todos os elementos? E' possivel. Já te disse que estou analisando isto com vidros côr de rosa. E é possivel porque o mal é a falta de programa definido e concreto. Ora terminando a origem do mal tudo leva a crêr que cessou os seus efeitos. Crear-se-ha então uma junta parlamentar homogenea, com pontos definidos, com finalidade certa, e a coisa marchará. Da junta farão precisamente aqueles que teem obrigação de entender-se.

«Compor-se-ha assim do Antonio Maria da Silva, Domingos Pereira, José Domingos dos Santos, Abilio Larçal, João Camoezas e Herculano Galhardo. E as suas resoluções far-se-hão sempre antes das sessões para imprimir aos futuros trabalhos parlamentares uma orientação digna e honrosa. O regimento das Camaras será profunda e radicalmente modificado, acabar-se-ha com o paleio por obstrucionismo, e dar-se-ha ás comissões uma mais lata organisação. Sob o ponto de vista do funcionamento da Camara acabar-se-ha com a chuchadeira deprimente das faltas. Deputado ou vereador que falte dez vezes numa legislatura, a não ser por motivo de doença ou por licença justificada, perderá o *mandatum*.

Não haverá a tal respeito contemporisações, nem contemplações. E assim as coisas marcharão como devem marchar, como é necessario para bem do Paiz e para honra da Republica que marchem.»

Estava bebido o ultimo café. A atmosfera escaldante sufocava. Levantamo-nos. E' o meu amigo deputado estendendo-me amigavelmente a mão despediu-se. E nós parodiando irreverentemente as *Rosas* do sr. Dantas lembramos-lhe:

— Ha café todos os dias...

— Seja! Voltaremos amanhã.

Lisboa imunda...

A estrumeira da rua 24 de Julho

Já hontem o dissemos. A estrumeira municipal da rua 24 de Julho é uma vergonha e é um crime.

Hoje contamos as carroças que estavam despejando o lixo da cidade, ali naquele deserto da rua 24 de Julho, ponto obrigado á passagem dos *touristes*. Eram nove. A montureira ocupa seguramente uns duzentos metros e vae das alturas da rampa de Santos até quasi á primeira passagem do nivel. Oito velhos, tres mulheres andrajosas e 27 creanças esgaravatavam hoje o lixo, ás onze horas da manhã! O cheiro era pestilencial, nauseabundo.

O aspecto repugnante. Toda a gente passava de lenço no nariz para evitar o contagio pestilencial. Uma vergonha e um crime!

E entretanto os senhores vereadores...

Com licença. Os senhores vereadores fazem o que nos revela hoje o nosso presado colega *A Manhã*:

«Lá que não haja electricos, por capricho, birra ou o que quer seja da Camara, admite-se, porque vivemos uma hora em que tudo... se admite. Que os vereadores, por outro lado, atravessem a cidade nas *tipoias* do serviço dos incendios, como tem sido dito na imprensa, sem qualquer especie de contestação, tambem vá que não vá, porque a *nossa* vereação — salvo seja! — de tudo se tem tornado digna. Que, porém, ao domingo, conforme sucedeu na tarde de 22 de Agosto de 1920, o automovel grande dos bombeiros vá de longada por essas estradas de Mafra, Malveira e adjacencias, ajoujado de senhoras e de cavalheiros, com dois bombeiros fardados á laia de *chauffeur* e de trintanario, afrontando não só a moral, que deve presidir aos negocios municipais, como a resignada indiferença da população que, ha um mez, se vê obrigada a calcurriar a pé Lisboa e arredores, eis o que nos parece demasiado e contra o que protestamos aqui, muito embora a Camara continue, serena e placida, a dizer que está no Pelourinho a defender-nos os haveres. Quais haveres, afinal, é que a Camara nos está defendendo? Deixemo-nos de cerimonias: isto agora é demais!»

Se é demais! Se ha muito que passou das marcas. Mas então aquelo da estrumeira, em plena rua 24 de Julho, está a pedir uma intervenção energica e eficaz!

O peor é que a gente não sabe, nesta altura, a quem ha-de enderessar as nossas reclamações!

Emfim eis ahi ficam mais uma vez, embora tudo isto seja bradar no deserto... da Camara Municipal.

A caricatura d'*A CAPITAL*

A VIDA DIFICIL

(*Desenho de Jorge Barradas.*)

... Mais criminoso foi o assassinado, enganando o réu com a falsa promessa de 250 gr. de manteiga da Ilha...

NA RUSSIA

O terror que Wrangel inspira a Trotzky

A lucta entre o governo dos "soviets" e os polacos : : Os vermelhos batidos em todas as frentes : :

Os jornaes franceses continuam inserindo curiosos pormenores sobre o que se está passando na Russia. Do que é e do que vale o general Wrangel já dissemos ha dias. O «Matin,» hoje chegado, completa a descripção do comandante em chefe do exercito da Criméa nos seguintes termos:

Novas proclamações surgem dia a dia de Trotzky ou do governo dos soviets contra Wrangel. Dir-se-ha que os soviets esquecem a Polonia.

O derradeiro grito de furor e de angustia foi transmitido pela telegrafia sem fios. Revela o nenhum crédito que se pode dar aos comunicados optimistas que a propaganda bolchevista espalha, principalmente sobre a situação da Criméa.

Diz o radio:

«A derrota da Polonia branca obrigou o governo francez a incitar o general Wrangel a proceder contra a Russia dos soviets.

O *front* desse general é de primeira importancia. Wrangel é oficialmente mantido pela França e recebe todo o possivel auxilio da Entente. Contando principalmente com a cavalaria de Kouban e com a infantaria de Denikine, procura abrir uma brecha e ir até aos territorios do Don e do Kouban.

Tendo constituido um *front* ao sul, transformou-se numa ameaça muito séria para a republica dos soviets. A luta contra Wrangel é agora um dos mais importantes problemas dessa republica e o *front* desse general deve ser suprimido pelo nosso exercito da rectaguarda, sem enfraquecer de forma alguma as forças que combatem a Polonia».

Entre as medidas que os bolchevistas consideram como absolutamente necessarias para combater Wrangel, fazem eles especial menção da organisação de destacamentos especiaes de cavalaria, do reforço do exercito vermelho, do envio por parte dos sovjets e dos sindicatos operarios dos seus melhores agentes ao sul, e em especial da «aplicação da disciplina mais severa e dos metodos revolucionarios.»

* * *

A raiva de Protzky seria o suficiente para fazer o elogio do general Wrangel. Mas nós temos a respeito d'esse chefe as mais preciosas informações.

Um francez recem-chegado da Criméa disse-nos:

— Ouço algumas vezes comparar aqui Wrangel com Denikine. Não ha mais injusta comparação. Denikine desorganisava, Wrangel organisa. Apenas ele ocupa um territorio, instala ahi a administração e a justiça. Os habitantes, a quem os oficiais do tempo de Denikine aterravam, respiram. A Criméa começa a usufruir, sob a influencia de Wrangel, os beneficios da ordem e da liberdade.

O mesmo oficial descreve o caracter de Wrangel n'estes termos:

— Wrangel! bela figura militar; o verdadeiro soldado: de estatura acima de mediana, magro, impecavel sempre no seu uniforme de general de cossacos, o general barão Wrangel, produz uma viva impressão sobre as tropas submetidas ao seu comando. A franqueza do seu todo, a clareza das suas palavras e do seu procedimento, a elevação dos seus pensamentos e a sua muita cultura geral atraem sobre si a simpatia e o respeito.

«O general Wrangel fala perfeitamente a nossa lingua, conhecendo-lhe as mais subtis *nuances*; apezar da sua origem e ao contrario dos boatos que agentes interessados fizeram propalar, manifesta uma profunda dedicação á França.

«Durante as ultimas semanas do governo de Denikine, quando crescia a impopularidade d'este ultimo e principalmente do seu chefe de estado maior, o general Romenorosky — assassinado mais tarde em Constantinopla — a grande maioria dos voluntarios procuraram fazer com que Wrangel fôsse nomeado comandante em chefe na Criméa em substituição do general Schilling, que havia perdido por completo a confiança do exercito, em consequencia da lamentavel evacuação de Odessa.

Foi feita uma *démarche* junto de Denikine pelos nossos aliados para obter essa nomeação... sem sucesso, porque Denikine respondeu que estava satisfeitissimo com os serviços prestados por Schilling e que não era pela sua substituição. Os generaes e almirantes russos que se haviam colocado abertamente do lado de Wrangel foram transferidos ou censurados e Wrangel, que então (fevereiro de 1920) se encontrava em Sebastopol, recebeu ordem para se afastar da Russia.

Foi então quando eu o vi, a bordo do *Alexandre-Mikailowitch*, no porto de Sebastopol, entre os refugiados que se apressavam a fugir da Criméa ameaçada. Recusando-se a obedecer ás sugestões daqueles que o incitavam a tomar o poder, no momento em que se acentuava a *debâcle* de Denikine, na hora em que os hospitaes, os hoteis, as casas particulares de Sebastopol regorgitavam de tifosos e colericos sem roupas, sem remedios e sem carvão para se aquecerem no meio daquele frio rigoroso, no instante em que o general Slatchoff mantinha a custo o *front* de Pérékon e dos lagos gelados até ao fundo, quando o aventureiro Orloff marchava de Yalta sobre Sebastopol e quando Slatchoff mandava deter e aprisionar os vermelhos da retaguarda, Wrangel, levado por um sincero espirito de obediencia militar, preparava-se para a partida. Desejava ele, como bem m'o disse, ir viver para perto de Raguse no momento em que sonhava com o fim rapido da guerra civil na Russia, a unica forma de conseguir a decomposição do exercito vermelho».

Sem combustivel, sem luz, apenas anoitecia, Wrangel contentava-se com a sua sorte com uma dignidade perfeita. Tivemos então o ensejo de suavisar o rigor da situação dos passageiros do *Mikalovitch* e de lhes fornecer algum carvão e luz.

Tive depois a prova de que Wrangel não esqueciu jamais as nossas relações amigaveis.

Wrangel passou depois algum tempo em Constantinopla e instalou a familia em Prinkipo, numa das ilhas onde os aliados amontoam os refugiados russos e depois, designado por Denikine no momento mais critico, quando a sorte dos fragmentos do exercito voluntario parecia desesperada, Wrangel aceitou o comando supremo e, galvanisando o que restava dêsse exercito, conseguiu estabilisar a ofensiva vermelha, em seguida cobrá-la e abastecer a Criméa por meio de seu ataque soberbo a Melitopol. Senhor actualmente duma parte do litoral do Azeff, trata de ver se se liga com os cossacos do Don e do Kouban e se apodera-se do vale mineiro de Donetz e parece têl-o conseguido. Compreendem-se pois os receios de Trotsky e os seus gritos de socorro».

A deslealdade do governo dos «soviets» claramente manifestada — O acordo dos governos britanico e italiano

LUCERNA, 23. — Os srs. Lloyd George e Giolitti ocuparam-se da situação politica e, em particular, dos acontecimentos da Europa oriental. Da troca de vistas entre os dois estadistas estabeleceu-se um perfeito acordo entre os governos britanico e italiano sobre a necessidade de restabelecer quanto antes a paz na Europa. A primeira garantia d'esta paz reside nos diversos tratados de paz e na maneira como são aplicados; os vencedores deveriam dar provas do seu espirito de moderação na aplicação d'eles e os vencidos mostrarem na sua execução espirito de lealdade. Emquanto a paz não fôr restabelecida entre a Russia e as outras partes do mundo haverá sempre uma atmosfera de perturbação e agitação. Por isso os governos britanico e italiano tomaram as medidas necessarias para restabelecer as comunicações entre a Russia e o mundo exterior. Foi com magua que viram o governo dos «soviets» tentar impôr á Polonia condições incompativeis com a independencia nacional d'este paiz, muito embora os representantes dos «soviets» em Londres tenham frequentemente repetido o contrario. A creação d'um exercito civico nacional na 4.ª condição das propostas de paz dos «soviets» constitue um metodo de organisação para destruir a constituição democratica e substituir-lhe o despotismo da minoria que adoptou as doutrinas bolchevistas. As negociações com o governo, que faltou á palavra dada, tornam-se dificeis se não impossiveis. Se o governo dos «soviets» se recusar a retirar aquela desagradavel proposta, se continuar a fazer a guerra no interior dos territorios da Polonia a fim de impôr semelhante clausula aos povos polacos, nenhum governo livre poderá reconhecer ou tratar com a oligarchia dos «soviets». Os governos italiano e britanico unem-se para aconselhar se tentem todos os esforços para pôr fim ao conflicto existente entre aquelas duas nações.—(*Havas.*)

As entrevistas entre Lloyd George, Millerand e Giolitti

PARIS, 24.—Não é exacto, como se disse, que haja desde já em Lucerna uma entrevista entre os srs. Lloyd George, Giolitti e Millerand. As entrevistas entre os srs. Millerand e Giolitti, que devem realisar-se em Aix-les-Bains, foram fixadas para o meado de setembro. Só ulteriormente a não ser que as circunstancias o exigissem, é que o sr. Millerand se encontrará com o sr. Lloyd George. —(*Havas*).

PARIS, 24.—Respondendo aos telegramas que lhe foram dirigidos de Lucerna, o sr. Millerand enviou aos srs. Lloyd George e Giolitti o telegrama seguinte: «Muito penhorado pelo amavel pensamento de Vossas Excelencias constituirá para mim um prazer o entrar em breve, conforme se combinou, em relações pessoais com o sr. Giolitti e de visitar V. Ex.ª dentro em pouco.—(*Havas*).

O que dizem os comunicados bolchevistas

ZURICH, 24.—Os bolchevistas que comunicam de Moscou pelo telegrafo sem fios fazem saber que hontem tiveram violentos combates na região de Brest-Litowt com o inimigo que tomou a ofensiva, tambem em Vladimir houve combates e continuam á data das ultimas noticias em Trovosokowo. As forças bolchevistas estão aquarteladas na região de Malwa e Soldau esforçando-se para escapar aos ataques dos polacos. As tentativas dos bolchevistas em Stypa tiveram maus resultados.—(*Havas*).

Wrangel toma o titulo de comandante em chefe

CONSTANTINOPLA, 23.—O general Wrangel publicou um decreto segundo qual tomará o titulo de comandante em chefe do exercito russo e assumirá o governo do Sul da Russia.—(*Havas*).

A questão dos electricos

Vem-se arrastando ha longos, longuissimos dias, a questão dos electricos, não por culpa da Companhia, nem mesmo do pessoal, mas unica e exclusivamente por culpa da camara municipal.

A Companhia Carris de Ferro tem acedido a tudo quanto o governo tem pedido, n'um espirito de conciliação realmente digno de elogio e no intuito de não crear dificuldades.

Mas a verdade é que a sua situação financeira lhe não permite fazer maiores sacrificios que os até hoje já feitos, e as proprias comissões nomeadas pela camara municipal para examinarem a sua escrituração foram n'isso concordes, verificando que as receitas não cobriam as despezas.

Não é justo, pois, nos parece, que se exijam mais sacrificios a quem já os não póde suportar.

Até á hora a que escrevemos, ainda se não tinham hoje realisado quaesquer conferencias com a direcção da Companhia, mas, ao que parece, talvez á noite o sr. ministro das finanças se entenda com alguns dos directores para duma vez se acabar com este estado de coisas, que tanto está prejudicando o publico, que dia a dia mais se irrita por o obrigarem a percorrer a pé longas distancias, sob este sol canicular.

Esperemos que, dada a transigencia e a boa vontade da Companhia já amanhã ou depois, o mais tardar, possamos ter electricos.

Creia o governo que será um verdadeiro serviço o que assim prestará á população da capital.

VIDA SPORTIVA

Nota do dia

A decantada questão do remo!

Fala-se, escreve-se, mas a Associação Naval de Lisboa não houve, não fala...não faz nada.

E' uma teimosia, está no seu direito. Mas tambem nós estamos no direito de lhe dizer que enveredou pelo mau caminho...que está velha, que precisa reforma.

Sim, o melhor é conceder-lhe a reforma, não pensar mais nela. Ficará como uma reliquia do passado, como um monumento historico que nós muito apreciamos e que os nossos netos hão-de venerar, como hoje nós veneramos as coisas de ha dois seculos!

Não queremos mal a ninguem, nem mesmo á A. N. L. que tantos erros tem ultimamente cometido; queriamos apenas que se fizesse sport, que a Associação Naval se deixasse de teimosias que nada explica e que voltasse aos seus tempos de bom sport.

Do que temos lido e ouvido, depreendemos que o motivo principal que leva a A. N. L. a não ceder um dos seus barcos de 8 ao C. N. L. é não quererque este club vá concorrer á Taça Vitoria que no proximo dia 12 se realisa na Figueira. Mas qual o fim a atingir? Certamente afugentar o Club Naval...para ter certa a victoria. Sim, não deve ser outro o motivo. Mas o C. N. L. treinadas duas equipes de 4 e de qualquer forma ha-de correr na Figueira, segundo nos dizem.

Os clubs dessa encantadora praia podiam bem aproveitar-se desta questão que se passa na capital para disputarem unicamente entre si a Taça da Vitoria, não consentindo a inscrição da A. N. L.; mas estamos certos que não procederão desta forma porque desejam fazer sport, que para outro fim não foram creadas.

Birras de velha, que cada qual apreciará como entender.

Se ao menos a Associação Naval não quizesse ceder o seu barco para poder treinar duas tripulações com os seus associados e dar-nos interessantes corridas, ainda teria desculpa; mas se talvez nem uma tripulação apareça, a que devemos atribuir a sua rabujice?...

Será aquele caso de «como não posso eu tambem tu não poderás?

Deve ser!

E foi para estas scenas estupidas e revoltantes que se creou a Federação de Remo!

Como isto é triste e mostra o espirito sportivo dos nossos homens!... Fazem as pazes no Porto e na Figueira, zangam-se em Lisboa.

Põem acima de tudo a vaidade; preferem não correr a perder uma corrida com honra! Onde se viu isto? Pois não sabem que acima da sua vaidade pessoal está o bom nome da Associação Naval de Lisboa e do sport?!

Se é por falta de comprehensão destes principios, para que se sentaram nos «fauteils» da direcção e entravam o caminho sportivo digno que os outros que os outros querem trilhar?

E' tarde já para emendar, mas tempo ainda para remediar. Que haja alguem do bom senso a dentro da A. N. L. que faça comprehender á sua direcção o erro em que labora, para bem do nome glorioso da Associação e do sport que todos nós tanto amamos.

Mais vale tarde que nunca, diz o ditado, dizemos nós e deve dizer tambem o Club Naval, se receber amanhã da Associação Naval o outrigger de 8 remos que por compromisso lhe deve ceder ou emprestar.

Que assim seja...

Pinto d'Almeida.

Automobilismo

Uma iniciativa interessante do engenheiro Palma Vilhena—Realisar-se-ha o Circuito do Minho?

O engenheiro Palma de Vilhena, um dos nossos mais distinctos automobilistas, que actualmente está dirigindo as grandes oficinas da marca «Fiat», na sua secção do jornal «Os Sports», vem defendendo, com grande entusiasmo, a realisação de provas consecutivas de resistencia e velocidade em automoveis e até de camions, como um dos principaes factores para o desenvolvimento entre nós do automobilismo porque só assim se poderá ocupar no nosso paiz o grau de desenvolvimento que lá fóra se regista.

Palma de Vilhena, n'uma rapida conversa que com ele tivemos, sobre as importantes corridas do Circuito do Minho diz-nos:

—«Seria uma boa ocasião para as diferentes marcas d'automoveis mostrarem as suas qualidades de regularidade, economia e resistencia, sobre tudo na prova de consumo.

Na prova de velocidade, a par da pericia necessaria dos condutores, atendendo ao pessimo estado das estradas, obteriamos informes seguros sobre a resistencia, equilibrio travões etc. dos carros concorrentes.

Como naturalmente estaria indicado, haveria uma prova de regularidade para os camions e camionetes; uma novidade entre nós e que muito ajudaria o comprador de camions na escolha da marca.

Além d'isso, seria uma demonstração de vantagem do camion no serviço de comunicação, que tão atrazado ainda está no nosso paiz.»

Palma de Vilhena depois de nos dizer o que rapidamente acima reproduzimos, faz-nos a proposta de encetarmos a propaganda e iniciarmos de acordo com os representantes de automoveis e camions, as bases das corridas que em relação ao nosso meio e ás nossas estradas e até aos carros se possam levar a efeito.

Aceitámos a sua proposta e confessamos que o entusiasmo com que Palma de Vilhena nos falou ha-de por certo despertar tambem n'aquelles que muito podem contribuir para a sua iniciativa o mesmo entusiasmo, porque afinal o interesse não é individual, mas sim de todos, inclusivamente o sport em geral.

Brevemente ao que nos informa esse distincto engenheiro elaborará regulamentos e mais detalhes que oportunamente serão distribuidos e publicados.

A. de C.

Uma aplicação das ondas hertzianas

Para evitar os perigos de abalroamentos em tempo de nevoeiro

BREST, 24.—Durante a sua viagem a Brest, o sr. Landry, ministro da marinha, assistiu á experiencia duma nova utilisação de ondas hertzianas para dirigir os navios em tempo de nevoeiro. Um cabo de 80 quilometros, imerso na bahia de Ninon e que termina a oeste da ilha de Ouessant receberá uma corrente electrica alternada. As ondas emitidas por essa corrente serão recebidas a bordo dos navios perdidos no nevoeiro por simplissimos aparelhos. A frequencia dessas correntes será observada por um microfone que vibração aumenta ou diminue segundo o navio se aproxima ou afasta desse cabo. Basta que os navios perdidos se mantenham na linha em que as vibrações atingem a mais forte intensidade para seguir um caminho sempre fóra de perigo, visto que o cabo se encontra imerso em um percurso sondado e reconhecido.

O sr. Landry assistiu de bordo da canhoneira *Belliqueuse* á experiencia reduzida dessa descoberta, que se deve a dois oficiais de marinha, os srs. Audonart e Floch, e cuja importancia é digna de registo, quer sob o ponto de vista de manobras de guerra, quer sob o da navegação em tempo de paz.—*(Correspondente)*.

O movimento no Tejo

Vindo de Inglaterra, com elevado numero de passageiros, entre os quaes os boy-scouts portuguezes que tomaram parte no congresso do escotismo, entrou hoje no nosso porto o paquete *Demerara*.

Tambem entrou, vindo da America do Sul, o *Liger*, que egualmente trazia grande numero de passageiros, quer com destino a Lisboa, quer em transito.

Quasi todos estes ultimos desembarcaram para visitar a cidade e todos eles mostraram estupefactos ao depararem-lhes a montureira da rua 24 Julho, que n'outro logar nos referimos.

Que belas recordações não devem levar de Lisboa esses passageiros!

Dr. Hermano de Medeiros

Deu-nos o praser da sua visita o sr. dr. Hermano de Medeiros, director geral dos hospitaes civis de Lisboa, que veiu apresentar-nos os seus cumprimentos e ao mesmo tempo solicitar a nossa coadjuvação em favor dos enfermos, que bem merecem que por eles se olhe desveladamente.

Ao distincto medico agradecemos a gentilesa para comnosco havida e repetimos aqui o que verbalmente lhe dissemos: ter-nos-ha a seu lado em todas as medidas que forem justas, como aliás é de esperar da sua competencia e do seu caracter.

Pela instrucção

A entrega de requerimentos para a matricula neste instituto realisar-se-ha de 16 a 30 de setembro proximo, recebendo-se dentro do mesmo praso os dos candidatos a exame de admissão. As aulas serão diurnas ou nocturnas conforme as conveniencias dos alunos. Na secretaria do Instituto rua de Bueno Aires, 16, prestam-se todos os esclarecimentos e dão-se regulamento, condições de matricula, programa do exame de admissão, horarios, etc., a quem os pedir.

De Portugal

Casa dos jornalistas e «Mutilados da guerra»

Continuam afluindo as adesões ás festas patrioticas que o club sportivo de Pedrouços levará a efeito no proximo dia 12 de setembro.

As companhias de seguros «Adamastor», «Alemtejo» e «Latina» contribuiram respectivamente com as importancias de trinta, vinte e dez escudos com destino á requisição de premios para as provas que irão disputar-se.

Os srs. ministros do Interior, Marinha e Instrução gostosamente contribuiram com premios para o mesmo fim, devendo a Camara Municipal na sua sessão de amanhã, tratar do mesmo assunto.

A comissão organisadora tem recebido grande numero de telegramas e cartas aplaudindo a sua patriotica iniciativa.

Sport Club Recreativo da Pona

Cumprindo a segunda parte do programa das festas do 1.º aniversario realisou este grupo uma corrida de bicicletes com a partida da Calçada de Santana a Loures e volta, cujo percurso é calculado em 130 kilometros, comparecendo no local da partida os delegados da União Velocipedica Portugueza que, perante enorme assistencia, deram a partida ás 12 horas e 10 minutos.

Pelas 13 horas e 25 minutos chegou em primeiro logar o sr. Antonio Vieira, ás 13 horas e 28 minutos o sr. Franquelim Braga e ás 13 horas e 38 minutos o sr. Antonio L. Marques.

Os premios serão distribuidos no domingo.

Do estrangeiro

Foram tiradas as sortes para as eliminatorias do torneio de water-polo dos jogos Olimpicos, que deu o seguinte resultado: America-Grecia; Italia-Espanha; Inglaterra-Canadá; Suecia-Slovaquia; França-Brazil; Suissa-Belgica; Holanda-Australia.

—O combate de box entre Beckett e Moran deve realisar-se em 29 de outubro ou 26 de novembro, no Halborn Stadium.

—Com o curso do Sindicato da Imprensa Sportiva franceza, a U. S. F. S. A. organisará provavelmente em 29 de outubro um grande concurso de sports atleticos em Colombes com a concorrencia dos campeões da Suecia e Estados Unidos ao lado dos francezes.

A guerra civil na Irlanda

Os sinn-feinners praticam crueldades

LONDRES, 24.—Noticias de origem oficial vindas de Dublin dizem que os sinn-feiners se entregaram agora que ultrapassam em crueldades todos os atentados cometidos até hoje.

No condado de Roscomon, quatro homens, um dos quaes mascarado, prenderam uma mulher que, segundo supozeram, forneceria esclarecimentos á policia.

Tres d'entre eles conservaram-na imovel emquanto o quarto introduzia nos dedos da desventurada, por meio de pinças, aneis munidos interiormente de bicos que lhe penetravam nas carnes.

Só quarenta e oito horas depois é que êsses instrumentos de suplicio puderam ser extraidos pelos medicos.

A maioria dos comerciantes de Boyne, Donegal e Kailkolly receberam cartas com ameaças, se fornecessem comestiveis á policia e aos soldados.—*(Correspondente)*.

Julgamentos no governo civil

Responderam hoje Manoel Esteves, de Mafra, e Raimundo Ventura, vendedores ambulantes, por trazerem leite com agua, e Victorino Godinho de Melo, gerente da mercearia da rua Pinheiro Chagas, 16, acusado de se recusar a vender assucar ao publico, tendo-lhe sido apreendidos 105 kilos.

Provou-se no decorrer da audiencia, que esse assucar se encontrava depositado á ordem da junta de paroquia de S. Sebastião da Pedreira, de que o reu é tesoureiro, e que era destinado a fornecer as mercearias d'aquela freguezia.

Responderam ainda Abel Luiz Lopes, acusado de ser fabricante de pão fino clandestinamente; provando-se que o reu, tendo em sua casa um forno e achando-se gravemente enfermo, fabricára uma pequena porção de pão, que não era vendido ao publico, e Antonio Domingos Madeira, com mercearia na Travessa da Trabuqueta, 23, fabricar pão e Antonio Mendes Farinha, com mercearia na rua da Rosa, 198, por se recusar a vender manteiga ao publico.

Foram todos absolvidos, excepto o ultimo, que foi condenado na multa de 1.000 escudos.

A questão das aguas

Na Casa da Moeda reuniu hoje, pelas 10 horas, a comissão encarregada de estudar a tão debatida questão do abastecimento das aguas á cidade de Lisboa.

Foi largamente tratado o caso de restrição do consumo da agua, devendo ficar este ponto definitivamente resolvido na nova reunião que depois de amanhã, pelas 10 horas, se realisa na Casa da Moeda.

Festas associativas

Sociedade Promotora de Educação Popular.—Realisa-se depois d'amanhã ás 21 horas prefixas, o primeiro espectaculo promovido pela nova direcção, organisado e dirigido pelo sr. Benjamim Barreto. No sabado ha baile.

Movimento associativo

Ferro-viarios do Sul e Sueste.—Foi o seguinte o resultado da eleição da comissão administrativa do cofre de amparo ás viuvas e orfãos dos ferroviarios do Sul e Sueste:

Presidente, Antonio Francisco da Silva Vieira; vice-presidente, João Antonio do Carmo; 1.º secretario, João de Deus Magalhães; 2, Guilherme Fernandes Dias; Tesoureiro, José Prata; Vogais: João dos Santos Pimenta, Firmino da Purificação do Carmo, Miguel Simões, Antonio Luiz Cabrera, João Guilherme, Luiz Cesar das Neves, João José Palmela, Fernando Antonio Magno, Eduardo de Almeida, João Luiz Casal, Luiz de Carvalho de Oliveira e José Dias.

Lotaria de Lisboa

Numeros mais premiados

6709—20.000$00
1736— 2.000$00
3087— 1.000$00

5392	500$00	4032	200$00
538	200$00	4181	200$00
647	200$00	5264	200$00
1398	200$00	5674	200$00
1891	200$00	7999	200$00
3834	200$00		

ULTIMA HORA

A questão dos electricos

Sucedem-se as reuniões e as «demarches», mas parece que se não chega a resolver o conflito

Está no mesmo pé a malfadada questão dos electricos, não se passando de reuniões estereis, continuando tudo na mesma, ou seja a cidade sem meios de transportes o que vem fazendo com que dia a dia alastre a irritação que lavra contra a Camara Municipal, a principal responsavel por tal estado de coisas.

Apesar do descontentamento crescente contra parte da vereação municipal, esta vae procurando lançar poeira nos olhos do publico, para fazer crer que a razão está do seu lado.

Ainda hoje, pelas 14 horas, na sala das conferencias da Camara se reuniram alguns empregados municipaes para apreciarem a questão dos electricos. Presidiu o chefe da secretaria sr. dr. Joaquim Kopke, que foi secretariado pelos srs. Vieira da Silva e Eduardo Simões.

Depois de varios funcionarios terem usado da palavra, foi aprovada a seguinte proposta da autoria do sr. Henrique Martins Vagueiro:

«Considerando que a atitude da Camara Municipal de Lisboa na questão dos electricos é a unica consentanea com os interesses do Municipio e dos municipes em geral;

Considerando que qualquer intervenção em tão magna questão, desde que traduza ou exerça qualquer coação na Camara Municipal de Lisboa, é contraria á sua autonomia e ás suas prerogativas;

Considerando que essas prerogativas estão sendo defendidas pela actual vereação;

Os funcionarios da Camara, apreciando a sua nobre conduta e absolutamente identificados com a sua acção, resolvem dar-lhe o seu incondicional apoio, manifestar-lhe toda a sua solidariedade.»

A reunião terminou com vivas á Republica e á autonomia Municipal.

A' hora a que escrevemos a vereação Municipal está reunida tambem com o directorio do Partido Republicano Portuguez, na séde do Centro Thomaz Cabreira.

Liga-se uma certa importancia a esta reunião, que foi marcada em virtude do governo estar na disposição de fazer circular os carros electricos, podo assim termo a uma questão, que, como dizemos, está trazendo o publico que é sempre o eterno prejudicado com taes caturrices.

Hoje não se realisaram quaesquer *démarches* visto terem falhado as tentativas feitas hontem pelo sr. ministro das Finanças. Não houve forma da Camara se entender com a Companhia, nem desta entrar em acordo com o seu pessoal apesar dos directores da Carris serem os primeiros a concordar em que os grévistas teem toda a razão do seu lado. E neste ponto se encontra a questão que não anda nem desanda, aguardando-se agora o regresso a Lisboa do sr. presidente do Ministerio, que será quem definitivamente deve liquidar o irritante assunto.

Os grévistas voltaram a reunir hoje pelas 14,5 sob a presidencia do sr. José Augusto Martins que era secretariado pelos srs. Antonio Ferreira e José Garcia. Usou da palavra em primeiro logar o sr. Manuel Rolo, que mais uma vez se referiu á plataforma apresentada ao pessoal da Carris, declarando que tal plataforma não é aceite sem que os dias de gréve sejam pagos.

Sucedendo assim, natural é que os carros possam então sair das estações de Santo Amaro e Arco do Cego, pois que as peças que foram retiradas dos carros por determinação do «comité» central rapidamente serão colocadas nos seus logares. O sr. Manuel Carvalhaes mostra a sua satisfação por ver a assembleia tão concorrida, regosijando-se por esse facto se dar ao 18 dia de gréve.

O sr. Armando Martins, da comissão de melhoramentos, diz que a mudar de tacta seria bem o que se deve somente atacar a Camara por ser essa a culpada por incompetentes, mas tambem a Companhia pelo seu egoismo, pois que agora se recusa a cumprir o acordo de 31 de maio, não querendo pagar os 50 0|0 de aumento votados para os mezes de junho e julho.

A plataforma do governo foi reprovada apesar de todos concordarem em que o pessoal tem razão, mas um facto é, que nem só com a *razão* se pode viver, pois não é com essa palavra que se pagam as contas ao merceeiro, ao padeiro e ao carvoeiro. Entrevistando-se hoje a comissão que conferenciou com um dos directores da companhia, o sr. Freire de Andrade respondendo, que o pessoal *tinha razão*, mas que a companhia não tinha dinheiro e que lhe não repugnava que o governo explorasse os carros. Por sua parte ao pessoal pouco importa que a exploração das carreiras seja feita por A B ou C, desejando apenas que lhe sejam pagos os dias de gréve, pois nao era a classe transigir em coisas que já lhe tinham sido dados e depois retirados.

O orador informa depois que tendo consultado uma alta individualidade, esta lhe dissera que a situação era delicada, mas que os grévistas não eram responsaveis por ela e que em consequencia estes, se forem presos, depois que se ser tratado em conselho de ministros para ser resolvido em ultima instancia. Participa depois o orador que depois de uma conferencia na qual os demais melhoramentos vae encetar uma *démarche*, que consiste em consultar os tribunaes sobre os grevistas assiste ou não razão nas suas reclamações. Aconselha a os unidos nos seus postos, um por todos e todos por um, até que se consiga a vitoria, que será dos grevistas.

Aconselha o maior espirito de sacrificio para a luta que vae iniciar-se e se algum camarada baquear isso não o movo para desanimo.

Haja pois coragem e coragem para a luta e assim se conseguirá, desde que não haja desfalecimentos, ganhar a causa.

O sr. José Henriques Moreira, que, para se fazer ouvir pela enorme assistencia, tem de subir a uma cadeira, ocupa-se em seguida da atitude da Camara e da Companhia, afirmando mais que o conflito não está ainda solucionado isso se deve ao publico, que não se tem imposto.

Todos afinal teem culpa e agora cabe á Companhia uma certa responsabilidade pela intransigencia em ter retirado aos seus operarios o que lhes havia concedido, o que não é justo, pois a Companhia está-se valendo do seu pessoal para defesa dos seus interesses.

Falou por ultimo o sr. Alfredo Roldão, que proseguiu na mesma ordem de ideias, tendo-se manifestado a assembleia por varios vezes, com estridentes vivas á gréve, á união da classe e aos grévistas.

Apreensão de bombas

Foram encontradas n'um moinho que fazia de fabrica nos Terramotos

Já ha tempos que a policia de Segurança do Estado tinha conhecimento de que para os sitios dos Terremotos se fabricavam explosivos, destinados, ao que se diz, para um breve movimento revolucionario. O adjunto da policia referida sr. Vargio Pinhão e alferes sr. Durão teem procedido a varias diligencias afim de descobrir o local onde tais explosivos eram fabricados, tanto mais que houve tambem conhecimento de que elementos conhecidos como agitadores frequentavam a miudo os sitios dos Terremotos.

Os srs. Pinhão e alferes Durão trataram de se disfarçar e metendo-se de gorra com a gente do sitio conseguiram descobrir que taes elementos se reuniam n'um arruinado moinho, onde dormia uma velhota que vive de esmolas.

Conhecido pois o local foi este assaltado, sendo ali encontradas 20 bombas de grande poder, sendo 3 muito grandes de rastilho, 2 cilindicas 6 laranginhas e as restantes ovaes. Foi tudo metido n'um cesto e conduzido para o governo civil.

O assalto foi dado na ausencia dos fabricantes motivo por que estes não poderam ser presos, tanto mais que avisados depois pela tal velhinha nunca mais voltaram ao local.

Estes explosivos deviam ser empregados contra a guarda republicana.

A gréve maritima

Segundo telegrama recebido pelo governo está solucionado o conflito suscitado entre os maquinistas fluviaes do Porto e as empresas dos armadores.

Egual telegrama foi recebido pela Federação Maritima, devendo pela 1 hora da madrugada de amanhã ficar egualmente solucionado o conflicto em Lisboa, pois as reclamações dos grévistas foram atendidas.

A Federação Maritima aguarda a chegada dos delegados que partiram para o Porto e que devem regressar hoje á noite a Lisboa.

NOTICIAS DA CAPITAL

Proezas da gatunagem. — Foram presos: Manoel Lubeto, sem residencia, por ter furtado a sua patroa, Albina de Oliveira Ataide, rua de Santo Amaro, 66, uma mala com a quantia de 50 escudos; Lucio Emilio e Antonio Correia, ambos sem residencia, por serem encontrados deitados no Parque do Campo Grande, havendo suspeita de que façam parte de uma quadrilha de gatunos que ultimamente tem praticado varios furtos naquela area; Julio Rodrigues Charneca, rua do Olival, 84, 1.º, por ter furtado uma porção de assucar e umas peças de fazenda que se achavam para despachar nos armazens da Empresa Insulana de Navegação, assucar e fazenda pertencentes a José Fernandes, da rua do Livramento, 14.

Queixaram-se: Constantino Nogueira, rua do Terreirinho, 63, 2.º, de que a sua parente Manuel Antunes, da Chamusca, lhe furtou varios objectos de ouro no valor de 200 escudos; Antonio Frederico Plagio, Bairro Ermida, 7, 1.º, de que foi roubado na calçada da Mouraria, e agredido por uns desconhecidos, os quaes lhe subtrairam uma corrente de ouro no valor de 60 escudos.

Soldados desordeiros. — No banco do hospital de S. José recebeu curativo o civico n.º 1790, João Augusto Ventura, que foi ferido com uma cutilada no braço esquerdo pelo soldado n.º 989 do 1.º grupo de companhia de saude, José da Costa, o qual por sua vez ficou ferido na cabeça e n'um braço, tendo depois de pensado recolhido á esquadra da Mouraria.

Serviço telegrafico da tarde

Banquete ao embaixador portuguez

RIO DE JANEIRO, 24.—A colonia oferece amanhã um banquete ao embaixador portuguez, sr. Duarte Leite, nos salões do Gabinete Portuguez de Leitura.—(Americana).

Morte d'um marechal

RIO DE JANEIRO, 24.—Faleceu o marechal Cunha Matos.—(Americana).

O exito da viagem do «Lima»

RIO DE JANEIRO, 24.—O exito da viagem efectuada pelo vapor «Lima» excedeu toda a espectativa.

Foi a Manaus. Não podendo receber toda a carga que lhe estava destinada em Belem, Pará, tal a quantidade que afluiu.—(Americana).

A familia ex-imperial brazileira pode voltar á patria

RIO DE JANEIRO, 24.—O Senado votou por unanimidade o decreto que anula a disposição que banía do territorio brazileiro a familia imperial.—(Havas).

PARIS, 24.—Consta que a familia dos condes d'Eu vae pedir ao governo brazileiro licença para residir em Petropolis.—(Havas).

Visitas de soberanos

NICE, 24.—De visita ao rei do Montenegro, o duque partiu hoje a Nice o rei de Italia.—(Havas).

CANNES, 24.—O rei de Italia visitou o rei do Montenegro partindo para Villa Santana, Valdieri.—(Havas).

Explosão, sete mortos

ROMA, 24.—Na explosão que se deu nas minas de Coni houve sete mortos.—(Havas).

Os gregos infligem grandes perdas aos turcos

ATENAS, 24.—4.000 turcos atacaram, no dia 20 do corrente, um destacamento grego em Dmerdji; as tentativas para o envolverem falharam e, depois d'um combate que durou dois dias, o destacamento repeliu o inimigo e infligiu-lhe grandes perdas.—(Havas).

Os albanezes batem os servios

ROMA, 24.—Segundo «O Tempo» os albanezes comunicam que, na região de Sibra, bateram os servios que perderam dois mil homens. As tropas albanezas, aguardando a resposta de Belgrado, deteveram-se na fronteira de 1913.—(Havas).

O marechal Joffre em Belgrado

BELGRADO, 24.—Procedente de Bucarest, chegou o marechal Joffre que se demorará alguns dias em Belgrado. A imprensa faz um acolhimento caloroso ao marechal e recorda a participação que ele teve na formação da frente de Salonica.—(Havas).

A resposta do governo francez á embaixada da Inglaterra

PARIS, 24.—A embaixada da Inglaterra comunicou oficialmente ao ministro dos negocios estrangeiros o texto da comunicação que se fez depois da entrevista havida entre os srs. Lloyd George e Giolitte em Lucerna. Respondendo a essa comunicação, o ministro dos negocios estrangeiros enviou a seguinte nota á embaixada ingleza: «O governo francez agradece aos governos britanico e italiano a comunicação que se dignaram fazer-lhe e considera-se feliz em verificar que não ha nada nessa comunicação que não esteja em harmonia com as ideias e com os principaes que sempre defendeu».—(Havas).

A demissão do ministro dos extrangeiros da Belgica

BRUXELAS, 24.—O sr. Hymans ministro dos negocios estrangeiros, pediu a sua demissão por motivo da atitude de alguns dos seus colegas na questão russo-polaca.—(Havas).

Alto comissario francez junto do governo de Wrangel

PARIS, 24.—O sr. De Martel, conselheiro de embaixada, foi nomeado alto comissario francez junto do general Wrangel. O sr. Martel, que é actualmente o representante da França junto da Republica do Caucaso irá directamente de Tiflis para Sebastopol. O sr. Abel Chevalley, ministro plenipotenciario que representava a França na comissão de plebiscito de Allenstein cujos trabalhos terminaram, foi nomeado alto comissario francez junto da Republica do Caucaso e partirá imediatamente para Tiflis.—(Havas).

O comunicado polaco assinala novas vitorias

VARSOVIA, 23.—As lutas são agora mais encarniçadas na região Mlava Soldau. Na linha Varsovia, Dantzig as perdas dos bolchevistas em prisioneiros, nestes dois ultimos dias, andam por 11.000. As tropas polacas em marcha para a frente do Narew, repeliram os bolchevistas para o norte. O grosso das forças polacas, avançando de Varsovia, ocupou o territorio compreendido entre a foz do Narew e do Bug. As mesmas forças marcham rapidamente sobre Ostrolenka e Lomza, onde a cavalaria cortou já a retirada ao inimigo entre Lomza e Bialistock. A batalha que se está travando nas margens do medio Narew deve decidir da sorte de todas as forças vermelhas apanhadas entre o Narew e a fronteira prussiana.—(Havas).

O reconhecimento do governo polaco ao general Weygand

VARSOVIA, 23.—O governo polaco dirigiu uma carta ao general Weygand manifestando ao grande representante da gloria imortal da França o reconhecimento dos corações polacos pela nobre atitude e colaboração eficaz que na hora do perigo supremo prestou á nação polaca.—*(Havas)*.

Regressa a Varsovia o pessoal da legação franceza

POSEN, 24.—O sr. Parafieu e o pessoal da legação de França na Polonia regressaram ontem a Varsovia.—*(Havas)*.

Resultados da VII Olimpiada

ANVERS, 25.—Na final de tenis mixed-doubles, os francezes Mademoiselle Leuglen, M. Decugis venceram os inglezes Miss Kane, Woosman, por 6|4, 6|2.

ZURICH, 25.—Uma comunicação de Varsovia pela T. S. F. diz que fracassaram os esforços desesperados que os bolchevistas fazem para romper o cerco que lhes fôra feito entre Mlawa e Soldau.

Os polacos ocuparam o importante cruzamento de Bielostock.—*(Havas)*.

VARSOVIA, 23.—(Oficial) Tomamos os 22 canhões pesados que eram destinados a bombardear Varsovia. A desmoralisação das tropas dos sovietes do norte vae alastrando para o sul. Os destacamentos que atacavam Lomberg recuam em diversas direcções. Atingimos a linha de Bueg e ocupamos Stryj. Tomamos Przemysz, Atzmisk e Mlawa conseguindo dividir as divisões do 15.º exercito dos sovietes; cobrindo a retirada cercamos o grosso do 4.º exercito e o 3.º corpo de cavalaria, tomando muitos despojos e fizemos numerosos prisioneiros. Estamos senhores de Soldau, Zembrow Mazowecz e passamos o Narew a nordeste de Lomza.—*(Havas)*.

VARSOVIA, 24.—Os bolchevistas completamente desmoralisados atravessam o rio Bug. Até hoje no interior foram internados em territorio alemão mais de 50.000 bolchevistas, fugindo á perseguição das tropas polacos.—*(Havas)*.

POEIRA DA ARCADA

Altos comissarios

E' ponto assente que o sr. dr. Brito Camacho não aceita o cargo de alto comissario na provincia de Moçambique.

Conflitos de pesca

Uma comissão de maritimos de Setubal esteve hoje na secretaria da marinha, a fim de pedir a interferencia do respectivo ministro no sentido de que seja solucionado o conflito suscitado com os pescadores daquele porto, reconhecendo-se que os grévistas, a que concorreu para agravar o incidente. Os comissionados foram recebidos pelo chefe do gabinete do ministro, visto o sr. Pires

Gomes ter partido para o Luzo com sua familia.

Governador civil de Portalegre

E' positivo que vai ser nomeado governador civil de Portalegre o sr. dr. Paes Abranches, que ha dias está dirigindo os serviços da Providencia da Assistencia de Lisboa.

Vapor «Pangim»

Por telegramma recebido no ministerio da marinha, sabe-se que chegou hoje a Las Palmas o vapor «Pangim» da frota mercante do Estado.

Ministro do comercio

O sr. ministro do comercio só regressará do Porto na proxima sexta feira no combolo que chega á estação do Rocio ás 6,30.

Culturas mecanicas

O sr. presidente do ministerio tenciona ir a Beja depois de amanhã afim de assistir a experiencias de tractores agricolas.

Aviso 5 d'Outubro

O «aviso 5 de outubro» que se encontra no Porto, prestando honras ao chefe do Estado, regressa ao Tejo depois de amanhã, devendo receber a bordo a segunda turma de aspirantes que vai realisar varios trabalhos hidrograficos na costa de Portugal.

Conservação de uma ponte

O deputado sr. dr. Baltazar Teixeira esteve no ministerio do comercio instando pela pintura da ponte sobre o rio Tejo que liga Belver a Gavião e que está sofrendo graves deteriorações por falta de tinta.

O cartaz de hoje

Politeama, ás 21,30, «Pele Nova».
Trindade, ás 21,15, «Chá e torradas».
Ginasio, ás 21.15, «O A's».
Avenida, ás 21,30, «Amor em pó».
Apolo, ás 21,15, «Risos e Flôres».
Coliseu dos Recreios, ás 21, «Variedades».
Salão Foz, ás 21 «Variedades».
Olimpia, Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.
Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.
Chantecler, Animatografo e fitas faladas.

Romana Machado Miranda

FALECEU

Margarida Machado Miranda Ferraz, seu marido Plinio Ferraz e filhos, Hortencia Machado Miranda Borges, seu marido Vasco Borges, José Ribeiro Machado Miranda participam o falecimento de sua querida mãe, sogra e avó Romana Machado Miranda e que o seu funeral se realisa amanhã, ás 18 horas, saindo o prestito funebre da Avenida Casal Ribeiro, 67, para o cemiterio oriental.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3617 — 11.º ano

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 26 de Agosto de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

O racionamento

Vae ser afixado nos logares do costume um edital do Concelho Central das juntas das freguezias de Lisboa determinando que por ordem do Comissario dos Abastecimentos a população da cidade, por intermedio dos chefes de familia, se inscreva nos cadastros das respectivas freguezias, para o efeito do racionamento dos generos de primeira necessidade.

Muito bem. Não discutem agora se o racionamento é ou não o melhor expediente governativo.

Racionar no papel é facil, colocar os editaes mais facil é ainda, e lê-los, para quem souber o A. B. C., é facilimo.

Mas ha que atender a uma coisa para a qual desde já nos permitimos chamar a atenção do sr. Comissario dos Abastecimentos.

Como toda a gente sabe a area das juntas obedece ainda hoje á antiga divisão eclesiastica e juntas ha que teem a seu cargo verdadeiras populações de cidades importantes.

A junta de Santa Isabel, a dos Anjos, a do Coração de Jesus, a de Alcantara, por exemplo, representam milhares e milhares de cidadãos. Alem disso as juntas são compostas por individuos não remunerados e que teem as suas ocupações particulares, em muitas casas se não em todas, o exclusivo ganha-pão de familias numerosas.

Como vão ser portanto distribuidas as fixas correspondentes aos boletins entregues, e como se faz depois a troca pelos anunciados cartões de familia?

Como é que juntas de freguezias populosas como as que citamos fazem essa distribuição?

Vamos ter novamente um incremento oficial á vergonha das *bichas?*

Evidentemente! Não é num dia, nem em dois que se distribuem vinte e trinta mil cartões num só local. Ha pois que estudar maduramente o caso para não ter que arrepelar os cabelos na presença do irremediavel.

O sr. Comissario dos Abastecimentos, quanto a nós, procederá ajuizadamente subdividindo as juntas em zonas de distribuição, com varias secções onde o publico, sem recorrer á vergonha das bichas interminaveis, possa rapidamente ser servido.

Enormes como são as areas das juntas de Lisboa, se elas não forem inteligentemente estudadas e conscienciosamente repartidas por zonas, a distribuição a fazer será uma coisa pavorosamente imaginada, de resultados contraproducentes e que em vez de representar um alto beneficio á população da capital, só servirá para trazer novas perturbações, e novas e mais graves dificuldades á vida do governo, agravando apenas a já dificil vida citadina.

Depois é preciso não esquecer que estamos aqui, estamos no inverno, que as Juntas não teem salões, nem abrigos, e que se não pode sugeitar toda uma população de centenas de milhares de creaturas ás «intempéries» do tempo.

Já pensou nisto o sr. Comissario dos Abastecimentos?

Folgamos que assim seja, e que nós só tenhamos que registar uma acertada, logica e sensata medida, no sentido de se evitarem os grandes aglomeramentos, as interminaveis *bichas* que, pelo facto de serem oficiaes, não deixam de representar uma das maiores vergonhas do momento dificil que atravessamos.

Faça-se o racionamento, mas faça-se com ponderação e criterio, dispersando a população por tantas zonas quantas forem as reputadamente indispensaveis.

Tudo que não seja isto é um mal e pode ser um perigo de funestissimas consequencias.

O caso do arroz

Recortamos do nosso colega «A Manhã» a seguinte interessante e curiosa local:

«Segundo informações que hontem nos prestaram, está demorada a solução da chamada questão do arroz espanhol comprado ha mais de tres anos pelo governo portuguez na avultada quantia de 900 mil pesetas, e de que ainda hoje se encontra desembolsado. O governo hespanhol, cuja delonga em deixar sair esse arroz tem sido aparentemente mal interpretada, parece que assenta a sua resolução em circunstancias tão delicadas que, a serem conhecidas publicamente, deixariam uma impressão desagradavel sobre o assunto. O ilustre ministro dos negocios estrangeiros, sr. Melo Barreto, tem exercido a maior actividade para a solução do assunto, tendo até, podemos afirmá-lo, mandando a questão nos tribunais para defesa dos interesses portuguezes. Não obstante, uma surda e aparentemente inesplicavel resistencia passiva ainda não conseguiu ser vencida parte de uma vez se liquidar o malaventurado «affaire». O arroz, dizem-nos encontrar-se n'uma minima parte armazenado em Valencia quasi todo estragado. E, para cumulo, mesmo que estivesse bom, nenhuma garantia poderia oferecer, pois nem sequer está em nome do governo portuguez, que, afinal, foi quem desembolsou o dinheiro. Visto tratar-se de um magno assunto de subsistencias não poderia o sr. Alvaro de Lacerda chamar o assunto ao seu coidado.

Já por varias vezes nos temos referido tambem a este melindroso assunto. Julgamos portanto que, perante as declarações que transcrevemos, só ha uma coisa a esperar. Saber o que sobre o caso pensam oficialmente o sr. presidente do ministerio e o sr. ministro dos negocios estrangeiros.

Estando tanto em moda as «notas oficiosas» seria para louvar que sobre tão importante e melindroso caso, ela se não fizesse esperar agora para que a ultima palavra do governo sobre o caso fosse difinitivamente conhecida.

Aguardemos...

POLITICA

Continuando — A outra face da medalha

E chegamos ao café precisamente ao mesmo tempo...

— Dizia-te eu hontem, á laia do sr. Dantas que havia café todos os dias...

— E eu prometi que estava hoje aqui para te analisar o Congresso do P. R. P. visto atravez uns oculos côr de chumbo. E' a outra face das coisas...

— Lêste a *Manhã?*

— Li. Diz ela que fizeste o meu retrato a primor. Parabens. Não sabia que eras tão habil pintor, e ignorava que tivesse todos aqueles predicados. Mas ia apostar cem contra um em como o teu colega se engana no numero da porta.

— Talvez. As aparencias iludem.

— Bebes um café?

— Não. Prefiro um copo d'agua. Vocês para falarem, precisam de excitantes. Nós para ouvir precisamos apenas nervos calmos, serenidade budica, e ouvido alerta. Começa...

— Rapaz! Traz-me um café dos grandes. Podemos agora principiar...

«Como viste, se tudo se realisar como eu hontem apresentei, o P. R. P. voltará á sua antiga unidade de vistas e possivelmente á sua hegemonia passada, na politica portugueza. Mas supõe que tal se não dá, e que o conflito Domingos Pereira — Antonio Maria da Silva estoura no Congresso do Porto a sua irritante irredutibilidade. O que acontece? Como nós estamos já muito fartos de situações equivocas, pomos a questão em pratos limpos. Ou se entendem duma vez para sempre ou aquele que não concordar com a orientação politica do partido que se vá embora.

«Ha dois caminhos aqui. Vejamos o primeiro: a saída do Domingos Pereira. Quem o acompanha? Muita gente? Pouca gente? Nem muita nem pouca. Pela certa o Domingos Cruz, o Bartolomeu Severino, o Vasco Borges que já lá vai, o Lucio de Azevedo e pouco mais. Quem fica? O Antonio Maria, o Camoezas, o Domingos dos Santos, o Herculano Galhardo, o Abilio Marçal. Emfim, todos os que, nas votações da Camara estiveram ao lado do governo das esquerdas na apresentação do Antonio Maria da Silva. Agora o outro caminho. O ultimo. O decisivo. O irrevogavel.

—Homem, desembucha!

—Já vae. E' que isto custa. Não nos nascem impunemente os dentes dentro dum partido para chegarmos a esta conclusão. Rapaz! Traz outro café. Dos grandes...

—Envenenas-te assim...

—Deixa. Não se morre disto. Peor, muito peor é a gente andar a pé, sem electricos, e ninguem se queixa...

—Dizias então...

—Que o ultimo caminho seria, com um embrulho geral, dos chefes a dissolução do partido.

E o deputado amigo serveu d'um trago o resto da chicara, limpou as camarinhas de suór, circumvagou a vista pela casa, quasi vazia, e disse:

—Se isso se désse as coisas mudavam muito de figura. Muito! Toda a minha energia, toda a nossa energia de rapazes, todo o nosso esforço, toda a nossa inteligencia iria para o extremo da extrema esquerda. Admiras-te? E' assim mesmo. Para o extremo da extrema esquerda. E' que nós não fizemos a Republica, nem amamos a Republica, para a entregarmos de mão beijada... aos seus inimigos de sempre!»

E friamente, camo quem tivesse tomado uma resolução inabalavel, o meu amigo deputado levantou-se, apertou-me nervosamente a mão, e terminou:

—Amanhã não bebo café...

—Já sei. Acabaram as confidencias.

—Sim. Porque o resto, só t'o direi nas vesperas do Congresso...

"Os Sports" de hoje

Este magnifico bisemanario foi hoje posto á venda, inserindo a seguinte colaboração:

Fundo. — Campeonatos peninsulares.

Natação.—Resultados diversos e cartas do nadador Emile Renou.

Stadium.—Resultados das provas de domingo passado.

Hipismo.—Artigo do capitão Julio d'Oliveira, sobre o hipismo em Anvers resposta ao tenente coronel Manoel Latino.

VII olimpiada.—Resultados de todas as provas disputadas até agora

Aviação.—Artigo e noticiario por Pedro Ribeiro d'Almeida.

Exercito.—Artigo do capitão Alfredo da Silva e noticias de Queluz e Caldas das Taipas.

Consultorio.—Interessante secção de Rui da Cunha.

Provincias.—Noticiario de varias terras do paiz.

No regimen dos "soviets"

«Os teatros estão á cunha, mas morre-se de fome», dizem os repatriados francezes

Noventa e seis francezes e alguns servios acabam de ser repatriados da Russia, chegando a Paris no dia 21, no comboio das 7, 20 e tendo partido de Liége na vespera ás 16, 25.

Na gare do Norte eram aguardados pelos srs. Duchêne, antigo consul geral de França em Moscou, delegado pelo sr. Millerand, a quem representava; Varin e Breton, representante do ministro do interior; Levy, presidente do «comité» parisiense da Obra dos refugiados francezes da Russia; Ston, presidente da Liga dos interesses francezes na Russia, e Escande, comissario especial da gare do Norte, que receberam os desgraçados francezes.

Vestidos corretamente, sem luxo, sem ostentação, os francezes não apresentavam os rostos descorados nem o porte inquieto de pessoas que sofreram muito. Tendo saido de Moscou em 20 de Julho, haviam apenas repousado alguns dias em Tinosky na Finlandia, depois em Helsinfors, onde foram admiravelmente recebidos e tratados.

Exgotados por um regimen de fome, não tendo comido carne durante mais de dois anos, os refugiados francezes tiveram na Finlandia uma cura progressiva de alimentação; passaram depois á Suecia, alcançaram Stockolmo, atravessaram o mar, desembarcaram na costa alemã, passaram por Berlim, Colonia e Liége, d'onde vieram.

Depois, a uma ordem do sr. Escande, aos servios e francezes foi pedido o favor de se deixarem apalpar, muito discretamente—operação util nestes tempos de propaganda bolchevista—e os refugiados francezes foram passados para uma sala, junto á porta principal da gare do Norte, onde o sr. Duchêne lhes falou.

Os gritos entusiastas de «Viva a França! Viva Millerand!» resoaram por toda a sala e foi esse o instante discreto e tão desejado em que os parentes, que se encontravam em França, ciaam nos braços d'aquelas que chegavam.

Uma pergunta aflorava a todos os labios:

— Os bolchevistas?

— Bandidos, respondiam os infelizes, sem a menor hesitação.

E essas palavras voavam de grupo em grupo.

Interrogámos alguns dos nossos compatriotas. Alguns encontravam-se na Russia, ha anos.

Falou uma bretã de rosto redondo e olhar vivo:

— O bolchevistas? Ladrões!

Um chefe de familia, magrinho mas vigoroso, deu esta resposta:

— Ladrões e bandidos, meu senhor! A sua liberdade: a prisão para aqueles que não pensam como eles, para os que não lhes obedecem.

Ali se encontra um operario parisiense que tinha ido para a Russia. Chama-se Dazin. Organisara em Moscou um «comité» que permitia aos nossos compatriotas que não morressem á fome.

— E os bolchevistas?

Um encolher de hombros, desdenhoso, foi a resposta.

A sr.ª Rhabilles, outra compatriota nossa, disse, referindo-se aos partidarios de Lénine:

—O melhor é ser-se mudo.

Foi-nos possivel conversar mais tempo com uma senhora, Paulina Lafontaine, professora franceza que esteve trinta e cinco anos na Russia.

Eis o que nos declarou:

— O regimen actual é simples para os bolchevistas. Para eles tudo quanto resta de viveres. Para os outros, nada, ou quasi nada. Sopa, distribuida segundo a ordem do «soviet» da casa, porque cada casa tem o seu, que estabelece o quanto precisam os locatarios. Tres quartos de pão por dia. Assucar todos os mezes, em principio mas, na verdade, só nos distribuiram meio quilo durante o inverno. Não ha carvão, não ha lenha, não ha luz.

«Sei de muitas familias que foram ricas e nada teem. Toda a gente trabalha agora e no inverno varre a neve e mete-a em carros. Uma rapariga recusou-se a carregar com a neve ás costas, e foi obrigada, sob a ameaça das baionetas, a ir limpar as casernas dos soldados bolchevistas.

«O exercito, numeroso, é dirigido por comissarios e sub-comissarios do povo, quatro por cada companhia, existindo ahi o regimen da denuncia. Resultado: fuzilamentos sumarios.

«Os camponezes, que permanecem nas suas terras, esperam com uma resignação bem oriental o fim do regimen. Os operarios ou são mobilisados ou retidos por uma disciplina de ferro que os não deixa mexer.

«A educação do povo é exercida e tentada pela irmã de Lénine, mas as creanças morrem com muita facilidade; não teem tempo de ir as escolas, onde, geralmente, ha falta de professores.

«São precisos actualmente 50.000 rublos por mez para viver. Um operario ganha 5.000 e pode caulcular...

«Os teatros, esses estão sempre á cunha. Os actores são menos desgraçados. São protegidos pelos comissarios do povo e Lunatcharsky desempenha o logar de ministro das belas-artes.

«E recordações? Ah! como as tenho e bem pungentes! Olhe, tome nota da que sempre me avassala: Chegaram a Toula tres vagons de soldados mortos, uns por sobre os outros. Os corpos desses desgraçados decompuzeram-se e outros foram devorados pelos cães...»

O sussuro abranda. A um canto, o sr. Stichler, velho alsaciano de 85 anos, paralitico, é trazido numa cadeira de rodas. E' um velho lente da universidade de Kazan. Chora em silencio ao pé de seu filho, que já tem 55 anos, que ele acaba de encontrar e que lhe apresenta um neto que foi ha pouco condecorado.

O velho sorri, por entre as suas lagrimas e dirigindo-se ao neto:

—E's a minha derradeira consolação «e a França é toda ternura».

Chegam os autobus enviados pelo ministerio do Interior.

Os nossos compatriotas sobem para eles e vão para os abarracamentos do «boullevard Jourdan» onde as camas se acham feitas á sua espera.

Podemos, tambem conhecer, a composição do «soviet» fundado em Moscou pelo grupo comunista francez. Fazem parte dele: Chaponan, Rouzier, antigo *chaufeur* condenado a prisão pelos bolchevistas; Petit, Marchand, Pascal, Sadoul e Guilbeaux.

* * *

Mademoiselle Crabanac, que viveu com a familia do ilustre escritor russo Tourgueneff, diz o seguinte:

— Julguei despertar d'um pesadelo, não podendo precisar os factos. A Russia é um caos indescritivel. Resume se tudo em duas palavras. Vive-se n'uma espectativa perpetua, não se sabe do que nem porquê. E isso dura sempre, na suposição de que a capacidade humana é ilimitada.

«Uma policia formidavel, invisivel e presente em toda a parte, espia os nossos gestos e palavras. Por uma palavra, por um pedaço de pão, por uma pitada de assucar fóra da ração, por uma pequena infracção ás leis do trabalho, é-se preso, esquecido nas prisões, que regorgitam de presos que ali estão sem saberem por quê.

«De vez em quando fuzila-se por gosto. O silencio da noite, sem luz, em Moscou é interrompido por tiros ao longe, por descargas até. Quando ha execuções empregam-se os motores dos autos para abafar o ruido dos tiros.

«Tive sempre muita sorte. Fiz-me pequenina n'um cantinho da aldeia onde me havia refugiado, em casa d'uma familia russa que não era suspeita aos bolchevistas.

«A miseria dos camponezes ultrapassa quanto se pode imaginar. N'em um unico vi que fôsse bolchevista. Alem dos soldados e operarios não ha partidarios do bolchevismo.

«Quantas vezes eu ouvi murmurar aos camponezes:

— «Antes o tempo do czar! era-se roubado e agredido, mas ao menos matava-se a fome e dormia-se descansado.

«Emquanto ao racionamento organisado na Russia, está isso feito de uma fórma incerta e caprichosa.

«O boletim de alimentação em Moscou dá direito a 300 gramas de pão para dois dias, quando o ha. Sabão, apanham-se umas cem gramas de tres em tres mezes. Um dia julguei morrer de alegria por ter recebido 200 gramas de doce americano!

«O comercio clandestino dos viveres faz-se com furor, apezar das mais severas ordens. O arratel de pão vale 550 rublos, o arratel de manteiga 5.000, a carne de cavalo 2.000 a 3.000.

«Galinhas, porcos, vacas e carneiros foram ha muito tirados aos camponezes, que, desanimados, não criam nem trabalham... Para quê?

«Emquanto a roupa branca e fatos, nada se encontra. Um par de botas novas vende-se por 75.000 rublos. Um vestido 100.000... e as demais cousas, assim sucessivamente».

Ouçamos o que se diz em varios grupos:

—Mais de duzentos oficiaes francezes, caidos nas mãos dos vermelhos, vindos do «front» de Arkangel, foram transportados para Vologda e ainda se conservam nas prisões de Moscou.

—O comandante Guibert, ajudante Jeanot estão ainda detidos pelo departamento especial do tribunal revolucionario.

—Em Kharkov, os chinezes que fazem serviço na rectaguarda do exercito vermelho, saquearam tudo e tudo destruiram. Do jardim da Universidade cortaram e queimaram todas as arvores. Em toda a Russia não está de pé uma unica casa de madeira.

Paulina Lafontaine, que dirigiu na Russia um curso de francez acrescenta, referindo-se á sorte das nobres familias do antigo regimen:

—Tiraram-lhes tudo e os que conseguiram salvar a vida, por milagre, foram condenados aos trabalhos mais rudes e mais repugnantes.

Vi uma das minhas discipulas, uma pobre menina, ser obrigada a varrer a neve da linha ferrea. Semi-morta de frio, correu para aquecer-se. Os guardas vermelhos, imaginando que ela fugia, apanharam-na. Foi condenada a limpar a porcaria dos soldados e como esse trabalho lhe causava nauseas, picavam-na com as pontas das baionetas.

Teve mais sorte uma outra discipula minha que casou com um empregado que conhecia a irmã de Lénine. Fiquei menos inquieta a seu respeito.

O alimento? E' o soviet da casa que recebe os viveres e os distribue. Ainda pergunto a mim mesma como tanta gente pode durante tanto tempo levar uma tão precaria existencia.

«A escola bolchevista? Juro ser bolchevista. Ali uma creança aprende a ser desobediente a seus paes, ensinam-lhe o odio de raça, o despreso pelas leis, a zombaria da moral. Os garotos de quatro e cinco anos já fumam e rapazes e raparigas de dez e doze anos vivem numa promiscuidade inaudita.

«Numerosas familias recusam-se a mandar os filhos para o ginasio, tanto por causa da instrução que ali se dá, como por causa das deploraveis condições higienicas.

«Entretanto, os russos não se revoltam. Não têem força nem coragem. Pareço estar abolida a energia, viver-se num completo marasmo, tanto em casa de burguezes como do operarios, sobrecarregados de trabalho, roubados e racionados descaradamente. Vive-se na esperança dum socorro que não se sabe quando nem donde virá.

AUTENTICAS

Na conquista do assucar

Aqui, na quinta do Prado, no Carapito, tenho dois palacios; um de verão, outro de inverno. O de verão ainda o não o utilisei. A temperatura por cá, a 1000 metros de altitude, tem ido de forma a fazer-nos fugir das sombras cerradas.

Agora mesmo estava eu debaixo do meu palacio de inverno, um castanheiro em ruina, cuja copa falhada tempéra a fresquidão, deixando que o sol se meta por entre as folhas, quando além, no caminho uma familia de aldeões me saudou:

—Boa tarde sr. doutor.

E uma das mulheres do grupo logo se poz a chamar:

—O' sr. doutor, sr. doutor; então não cura a gente?

— Alguns tenho curado, respondi. Mas imediatamente pensei: ái, que tal disseste! porque todos pararam.

O que eles queriam era troco, entabolamento de relações, e desde que eu respondera, a rede estava lançada.

Já sabiam tudo:

Eu tinha tirado as dores de dentes á Anunciação da tia Amelia; curára em dois dias as maleitas á mesma; aliviara num pronto o pequeno do Manuel com uma fricção, ele que se despenhara por uma escadaria de pedra, e ainda não tem 2 anos!

E a tosse do Joaquim? Aquilo é que era tosse!

E o olho da vaca do Manuel que todos julgavamos que cegava?

A enumeração dos milagres proseguia, emquanto se aproximavam.

De facto eu tirara a dôr de dentes com tintura de iodo; curara as maleitas com bacilos lacteos e quinino; fizera esfregar o pequeno com alcool camforado e terbentina; déra soluto de sulfato de zinco para lavarem o olho da vaca. E tudo sarára e tudo estava são.

O Joaquim moço estava mal, tinha o estomago rijo como pedra; preguei-lhe com dois purgantes cavalares, e já por cá anda aos murros no peito e no estomago para nos convencer de que está como novo.

Supõem uns que é o meu saber, — pobre curandeiro de aldeia! Outros que é a força da minha virtude.

Aquelas mesmas drogas indicadas por outro, pelo tio Mateus, vamos pelo barbeiro que vem aqui ao sabado, tê-los-ia deixado na mesma, se não os liquidasse...

Eis o que lhes passava pela cabeça; eu bem lh'o lia nos olhos.

Depois a que me falara de longe, tratou de não perder a cartada.

— Ai sr. doutor, veja se pode curar este menino.

Olhei para o lado e, com efeito, já havia tomado posição, mesmo junto a mim, como para a consulta, um belo rapaz com uma creança ao colo.

O pequeno tinha sómente; coqueluche, conjuntivite tão agravada que não podia abrir os olhos e sarampo.

E vinha da Guarda, ha dois kilometros, ao sol e ao vento!

Como se dispuzessem a acampar para me ouvir, aconselhei:

—Levem-no já para casa, embrulhem-no em saiótes de baeta vermelha, abafem-no bem, e eu lhes darei o remedio que terá de tomar muito quente, para suar muito, ouviram?

—E a tosse? volveu a mesma que deve ser a mãe do pequeno.

—A tosse... depois.

—E os olhos?

—Isso depois; isso depois; agora vão abafal-o em roupa vermelha.

Pensará o leitor, que o pequeno tenha sido acometido pela febre na Guarda, e que a familia recolha açodada ao seu domicilio.

Qual historia!

O pequeno estava no mais agudo da febre, tinha o corpo todo coberto de manchas escarlates; mas hoje, domingo, pegaram nele e levaram-no á Guarda.

A' Guarda? e porque não? Iria á cidade para a consulta?

Tambem eu o supuz, até á despedida. Só então, em resposta á minha censura áspera, quando lhes ralhava por andarem com a creança ao colo naquele estado, é que o ilustre parlamentar notificou:

— Tivemos de o levar á Guarda, a ver se arranjavamos um poucochinho de assucar! Mas nem assim alcançamos pitada.

Como julguei que tivessem pretendido arrancal-o a alguma farmacia, ainda lhes disse ingenuamente:

— Não admira; essas doenças não se tratam com assucar, e as boticas se o teem não o fornecem sem receita.

— Nós não fomos á botica; quem distribue o assucar é a Camara, sentenciou a creatura, abalando com o seu rancho.

Assim aquela pobre creança peregrinara por estas serras jogando as sua existencia em perigo, uma familia que dispuzera dela como argumento supremo para a consecução duma pitada de assucar.

D. Thomaz de Noronha.

Uma sindicancia

Foi ordenada uma sindicancia ao sr. Cesar dos Santos, procurador da Republica junto do Tribunal da Relação de Lisboa, sendo nomeado sindicante o sr. dr. Alves Ferreiro, juiz do mesmo Tribunal.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

O livro "Infeliz-Mente!"

— Uma noite de Natal no Conde de Ferreira —

A carta do sr. dr. Alfredo da Cunha como lhe disse, leitor, indignou-me, mas foi um estimulante.

Como o director me havia dito uma vez que eu podia dar uns passeios de trem com a minha empregada-carcereira, sentindo necessidade de respirar ar livre, na véspera de Natal, aproveitando a licença, podi que me deixassem sair. Depois de algumas dificuldades consegui que consentissem na saida e levei comigo o meu diario. Havia alguem que tinha muito empenho de mo apanhar para o ler e eu nunca o deixava um só momento, nem de noute, em que o metia debaixo do travesseiro. Sai, pois, num coupé com a minha *criada-privativa*; fui a varias lojas procurar uns agasalhos que não achei em parte alguma; depois deixámos o trem no largo dos Loios, passamos pela praça da Liberdade, subimos a rua 31 de janeiro pelo lado direito, descemos pelo outro lado e ao fim da rua comprei numa pastelaria um Bolo Rei, porque a senhora do quarto pegado ao meu, me tinha dito á saida que comprasse um bolo para festejarmos o Natal.

Confesso-lhe, leitor, que as impressões do meu primeiro e ultimo passeio foram bem pouco agradaveis. Parecia-me que todos me olhavam como uma doida do Conde de Ferreira, passeando com a empregada e, quando cheguei ao hospital, ia pouco animada e aborrecida por não ter encontrado os agasalhos.

Dizem no livro «*Infeliz*»—que *uma pessoa de alta categoria social e da maior honorabilidade, (?) que será tambêm chamada a depôr como testemunha»* mandara em 26 de Dezembro um relato, (como vêem andou depressa), em que dizia que «tinha sabido *pormenores interessantes* a respeito do passeio e por isso os transmitia.» Ora os *pormenores interessantes*, são os que acabei de contar-lhe. Mas o *conscencioso* informador diz:—«*A compra de agasalhos foi unicamente um pretexto e parece que não comprou nenhuns. Quiz descer e subir a pé a rua de Santo Antonio* (31 de Janeiro) *entrou em varias confeitarias a comprar bolos* (comprei um) *e dôces* (é falso) *e regressou a casa* (ao manicómio) *sem a menor novidade. Como quizesse mandar fazer chá* (é falso) *e a enfermeira dissesse que áquela hora chá podia obter, porque o tinha, mas o que não tinha era assucar* (é falso) *respondeu que o tinha ela,* (é falso) *porque o havia comprado e assim se fez o chá»,* (é falso).

Leitor, os parenteses são meus.

Quem será esta personagem *de alta categoria social e da maior honorabilidade*, que como qualquer policia da secreta se entretinha a espiar a minha vida? Eu desconfio quem seja e, se não me enganar... lá lhe há de chegar tambem a sua vez... Continuemos:

O meu regresso ao manicomio foi muito antes da hora de jantar e só á noite, a senhora do quarto ao lado mandou ela fazer chá que ofereceu no seu quarto — quarto n.º 1 — a mais seis internadas e a mim, chá que foi tomado ás 22 horas. Cada senhora levou a sua chicara, cada uma deu qualquer cousa da sua sobremesa, eu dei o bolo e uma senhora que está ha ano no hospital em condições excepcionalissimas, mas muito misteriosas, emprestou a roupa da meza. Assim se festejou o Natal de 1918 no Conde de Ferreira.

No meu malfadado diário, estava descrita essa noite e quem o tem poderá ler que, quando me deitei, correram dos meus olhos lagrimas bem tristes.

Da familia ninguem tinha pensado em mandar á hospitalizada uma palavra qualquer que a fizesse sentir-se menos só n'aqueles dias de festa para todos que não estejam n'um hospital de doidos. Tambem nenhum parente nem amigo, pessoas que puderam conseguir coisas muito mais dificeis, tinham tentado sequer aproximar-se de mim e já decorrera quasi um mez.

Estava votada ao esquecimento! Estava votada ao manicomio!

O meu coração dilacerado sentia em cada dia que passava, aumentar a amargura e em cada dia tambem a revolta ia aumentando.

No dia de Natal visitou-me o director e pela conversa que tivemos e que vem contada no «*Doida, não!*» a pag. 36, perdi toda a esperança, que até então alimentara, dele se interessar por mim. Tambem ele não se importava que eu ali estivesse em meu juizo, com atestados falsos!

Pois bem, seria o que Deus quizesse. Piedade aos meus não pediria nunca; e, da Direcção, já sabia o que devia esperar.

No dia 24 tinha conseguido fazer sair do hospital, por alguem que se tinha apiedado do meu enorme infortunio, mas ignorando a verdade, uma carta para o homem a quem ligara a minha vida, desde que partiramos ambos para Santa Comba-Dão. Essa carta saira milagrosamente sem passar pela censura. A esse homem pediria o que tinha a certeza dele não me recusar.

Em breve saberá, leitor, qual foi o meu pedido.

Maria Adelaide

O centenario da revolução de 1820

Regressa a Lisboa o sr. Presidente da Republica

que na estação do Rocio é alvo de entusiasticas manifestações de simpatia

Após tres dias de uma estada triunfal na capital do norte onde foi juntamente com o chefe do governo e outros ministros assistir ás festas comemorativas da revolução de 1820, regressou hoje de manhã a Lisboa o sr. Presidente da Republica, que se fazia acompanhar das mesmas entidades que com ele tinham seguido para o Porto, apenas com excepção dos srs. ministros dos estrangeiros e do comercio que ficaram ainda no norte.

O chefe do Estado, que saiu hontem, pelas 21 horas, da estação de S. Bento, recebeu inequivocas provas de simpatia. Em todas as estações até á Granja houve manifestações entusiasticas a que o povo se associou com verdadeiro delirio. Em Espinho, Ovar e Granja estralejaram constantemente os foguetes e morteiros, vendo-se formadas naquelas estações as competentes guardas de honra, que prestaram ao sr. Presidente da Republica a devida continencia, tendo as bandas de musica executado o hino nacional. Da Granja em deante não houve manifestações, tendo sido nesse sentido enviados telegramas ás respectivas auctoridades, afim do chefe Estado e comitiva poderem descansar um pouco.

O comboio chegou á tabela, 6,45 á *gare* do Rocio, onde, apesar da hora matutina, era extraordinaria a concorrencia.

Ali se viam todas as entidades oficiaes, taes como os membros do Governo com o pessoal dos respectivos gabinetes; governador civil de Lisboa; comandante da divisão; oficialidade superior da armada e do exercito; Camara Municipal; chefe do estado maior da Guarda Republicana; comissario geral da policia e demais oficialidade da corporação; adjunto da policia de segurança do Estado; oficialidade da Guarda Republicana, largamente representada, muitos sargentos da mesma guarda e grande quantidade de povo.

Na *gare*, em frente á linha onde o comboio parou, formava a guarda de honra constituida por uma companhia do 6.º batalhão da G. N. R. com bandeira e banda, que prestou ao chefe de Estado a continencia da praxe.

O sr. dr. Antonio José de Almeida, acolhido com vivas e estridentes salvas de palmas, recebeu no salão os cumprimentos das pessoas presentes, findo o que se apeou, sendo alvo na *gare*, de imponentes manifestações, que se estenderam até ao largo do Camões.

O chefe de Estado desceu no elevador, vindo ao largo do Camões tomar a carruagem que o devia conduzir até casa, na avenida Antonio Augusto de Aguiar.

No largo, dando a direita á estação, formava em parada um batalhão composto de 4 companhias, na força de 300 homens, da Guarda Republicana, do comando do major sr. Santa Barbara, com bandeira e a banda do comando geral da regencia do maestro sr. Fão, estendaendo-se essa força pela praça dos Restauradores e Avenida da Liberdade.

Formava depois o grupo de esquadrões n.º 1 de cavalaria da mesma guarda com o seu estandarte, o grupo de metralhadoras pesadas e a bateria de artilharia n.º 1. Todas estas forças eram superiormente comandadas pelo tenente-coronel sr. Caroço.

A' passagem do cortejo presidencial as forças apresentaram armas, tendo as bandas de musica e os ternos de corneteiros, clarins e tambores executado a marcha de continencia.

O sr. Presidente da Republica tomou logar num *landau* juntamente com o secretario geral sr. Joaquim Athias e secretario particular sr. dr. João Rocha, sendo a carruagem presidencial escoltada por uma força de cavalaria do esquadrão n.º 1 da guarda.

A bateria de artilharia n.º 3 da guarda republicana, postada na alameda de S. Pedro de Alcantara, deu as salvas da ordenança, tendo nessa ocasião estralejado os foguetes e sendo tambem queimados varios morteiros.

PELO TELEGRAFO

O ministro do interior belga não se demite

BRUXELAS, 25—O ministro do interior, sr. Janson, declarou á saída do conselho de ministros que tinha reconsiderado na sua resolução, porque o abandono do seu logar poderia comprometer a aliança militar franco-belga e que mantendo-se nêle tinha a certeza de que esta se realisará no praso de 8 dias.—(*Havas*).

Recepção á colonia portugueza

RIO DE JANEIRO, 25.—O sr. dr. Epitacio Pessoa receberá amanhã a colonia portugueza que lhe oferecerá, como prova de agradecimento das palavras por ele proferidas ha dias por ocasião da sua visita ao parlamento, o seu retrato a oleo, trabalho de Carlos Reis, e um bronze, do professor Correia Lima.

Será lida uma mensagem escrita em pergaminho.—(Americana).

Cotações, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 25.—Cambio sobre Londres, 13 1/4, 13 5/10, valor do escudo portuguez, 1$000, cotação do café, 11$450.—(Americana).

O banquete oferecido ao embaixador portuguez

RIO DE JANEIRO, 25.—O banquete oferecido ao embaixador portuguez sr. dr. Duarte Leite, foi uma festa esplendida.

Discursou o ilustre escritor Carlos Malheiro Dias.—(Americana).

Uma gentilesa de madame Epitacio Pessoa

RIO DE JANEIRO, 25.—Madame Epitacio Pessoa ofereceu no palacio do Cattete um chá á distincta artista portugueza D. Helena Gameiro.—(Americana).

Theatros e Cinemas

ANTE-PRIMEIRAS

Sem camisa

Sobe ámanhã á scena no Eden uma nova revista *Sem camisa*. Não iriamos certamente dar o entrecho, quasi inexistente duma vulgar revista, se está se não apresentasse com o subtitulo explicativo de adaptação da *Lenda do homem feliz*. Pareceu-nos pois que no trabalho que agora vae subir á scena devia existir qualquer ideia. A *lenda do homem feliz*, é certo, daria logar a uma magica ou peça fantastica. Todos conhecem essa interessante historieta em que um rei deseja encontrar na terra o homem feliz para lhe adquirir a camisa, que por sua vez lhe traria a felicidade. O proprio rei vae em procura desse homem—avis rara—e por toda a parte encontra gente satisfeita, riça ou pobre, cantando ou chorando mas ninguem se julga feliz. Até que um dia esse homem aparece-lhe. Num bosque, ele ahi está na sua simplicidade pagã, desafiando os infortunios do mundo. E' feliz.

O rei pede-lhe a camisa, mas, cae desiludido quando o *homem feliz* lhe declara a sorrir, que é coisa que nunca usou.

Desta base partiram os autores, do *Sem camisa*, para o seu trabalho. Um dia numa dessas alfurjas onde se forjam as revoluções, a *Pedra da rua* pensa em fazer uma nova revolta. A virgem vermelha sustem-lhe o gesto evando-o á razão. *D. Terror* opõe á rebelião que a *Pedra da rua* lhe quer fazer as suas armas, as armas luziadas, e julga-se em vitoria, e julga que pode dormir tranquilo. Mas a virgem vermelha diz-lhe que não; que a sua felicidade é vã pois a *Pedra da rua* não se deixa assim esmagar facilmente. *D. Terror* pensa então —como o rei da lenda—em mandar procurar o *homem feliz* e pedir-lhe a camisa; em sua busca parte o inevitavel *compère* e a revista tem, o seu seguimento logico.

E' uma revista; mais uma revista.

Para nós de ante mão registamos o seguinte; é simpatica a ideia, que aliaz os proprios interessados não reconhecerão, de não deixar durante um mez e meio, toda a enorme falange da gente de teatro sem ganhar.

Para eles é principalmente a revista. deixados sem trabalho a dois mezes da epoca normal de inverno. Por isso a ideia é simpatica.

Mas, a ideia; porque da peça, amanhã o publico, dirá, como de sua alta justiça lhe competir.

Festa de Gabriel Prata

No Teatro da Trindade realisa-se amanhã, conforme temos noticiado, a festa do simpatico e popular actor Gabriel Prata, um dos elementos mais preponderantes da magnifica companhia Taveira, artista consciencioso e correctissimo, homem de teatro disciplinador na sua missão de director de scena, que ocupa com o maior escrupulo e competencia. Representa-se mais uma vez, a notabilissima revista *Chá e Torradas* fazendo o festejado a celebre personagem *13 de Fevereiro*, que lhe marcou um grande exito, alguns curiosos e interessantes *couplets* inteiramente novos, alem doutres novidades e atracções reaparecendo a actriz cantora Elvira Costa.

Os amigos de Gabriel Prata prepararam-lhe uma bela recepção. Hoje repete-se mais uma vez *Chá e Torradas*.

Noticiario

Entre nós

Os lobos só subirão á scena no dia 2 do proximo mez.

—Está-se tratando da ida da companhia da Trindade ao Brazil na proxima epoca de verão.

—Macedo e Brito que com Nascimento Fernandes acaba de tomar o Eden-Teatro, pensa em explorar magica e opereta durante a proxima epoca, iniciando es espectaculos pela *Chave da porta* de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.

— A peça *Irmãos Unidos* do reportorio Alegrim, cujos ensaios pararam ha pouco, fica no Ginasio para a epoca do inverno, para o mesmo actor.

—Pensa-se em resuscitar para o inverno, no Nacional, uma peça historica de grande sucesso, do reportorio de Eduardo Brazão.

—Apesar do que em contrario correu, está certa a vinda na proxima temporada para o *Eden*, do actor Erico Braga.

—Nascimento Fernandes parte no sabado para a sua viagem ao extrangeiro.

—E' possivel que Elisa Santos vá ao Porto tomar parte nalguns *films* duma companhia cinematografica portugueza.

O cartaz de hoje

Politeama, ás 21,30, «Pele Nova».
Trindade, ás 21,15, «Chá e torradas».
Ginasio, ás 21,15, «O A's».
Avenida, ás 21,30, «Amor em pó».
Apolo, ás 21,15, «Risos e Flôres».
Coliseu dos Recreios, ás 21, «Variedades».
Salão Foz, ás 21 «Variedades».
Olimpia, Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.
Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.
Chantecler, Animatografo e fitas faladas.

Vida Sportiva

BOX

Uma serie de Combates no Salão-Foz portuguezes e estrangeiros

A noticia dada em primeira mão pelos nossos colegas da manhã da realisação de uma serie de combates de box internacionaes no Salão Foz tem sido o assunto do dia no nosso publico de sport, e principalmente nos auctores da «nobre arte». Apesar de dificuldades de varia especie que a principio sugeriram já se conseguiu reunir na inscrição tres dos nossos melhores boxeurs. São eles: Silva Ruivo, José Leslie e o amador Faustino Pereira, que pela primeira vez vae entrar no «ring», fazendo um combate com luvas de 4 onças contra profissionaes. Tambem se inscreveu o americano Holl-Bill, que disputará o primeiro combate no sabado contra o popular Silva Ruivo, que actualmente está n'uma magnifica forma, mais pesado e portanto com vantagem para vencer.

O «Salão Foz» deseja proporcionar aos amadores de box uma serie de lutas, absolutamente sinceras, visto que os boxeurs ganharão os premios combinados quando obtenham victorias.

E' na verdade ésta a melhor forma de justificar a sinceridade dos combates e de despertar entusiasmo, no publico tanto mais que a inscripção continua ainda aberta.

O americano Holl-Bill é um boxeur de grandes qualidades, tendo já disputado o campeonato de França de 1909, fazendo parte da marinha americana.

Os bilhetes podem marcar-se desde hoje á noite.

Um torneio hipico

Realisa-se no domingo em Vila Franca

No novo campo do Sporting Club Vilafranquense, construido de maneira a servir para a realisação das mais grandiosas provas, efectua-se definitivamente, no domingo, o apparatoso e rigoroso torneio á antiga portugueza, em cuja organisação tem a direcção do Sporting posto todo o seu cuidado e atenção, para conseguir que nele revivam os antigos, tradicionais e brilhantes torneios de cavalaria.

Luxuosos e adequados serão os trajes dos cavaleiros e os arreios dos cavalos. Será o programa de provas como os que antigamente arrebatavam as assistencias. Serão os concorrentes cavaleiros distinctos, dos mais conhecidos no nosso meio hipico.

Tiro aos pombos

Organisado pelo Club Tiro da Granja realisa-se no proximo dimingo, na praia da Granja o campeonato do sorte 1920. Disputam-se, alem da taça do campeonato, a taça Granja e outros premios de valor.

O campeonato é disputado a 15 pombos e a inscripção é de 20 escudos.

Realisar-se-hão outras «poules» antes do campeonato e, ao que parece, os atiradres inscriptos são em grande numero.

NOTICIARIO

O Capitão do «team» de foot-ball, do grupo da Tuna Comercial pede a comparencia no domingo, pelas 9 e meia, na estação do Rocio, para jogarem na Amadora, dos seguintes jogadores:

João Pedroso, Almicar Maia, Mascarenhas, Abel, Serafim, Julio, Augusto, Vigia, Faria, J. Santos e José Lemos.

Jardim Zoologico

O elefante oferecido ao Jardim Zoologico pelo sr. Sebastião Esteves Rodrigues consome, diariamente, em varias refeições, os seguintes generos: 5 litros de fava, 3 quilos de farinha de cevada, 0,k5 de pão, 5 k. de maçãs ou peras, 1 molho de cenouras e cerca de 15 k. de verdura.

A importancia da alimentação e do salario do cornaca, exclusivamente encarregado do tratamento e guarda do animal, é superior a 6 escudos diarios, sendo «Epéna» o exemplar mais dispendioso do jardim.

Ecos & Noticias

ANIVERSARIOS

Como tivesse passado hontem o aniversario natalicio do sr. Moledo Branco, inteligente empregado da Agencia Americana, os seus camaradas do Rio de Janeiro—onde presentemente se encontra trabalhando na sédo central da mesma agencia—ofereceram-lhe um jantar sendo trocados colossaes brindes em que foram recordados os principaes paladinos da aproximação entre os dois paises.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

A B C—Saiu o numero 7 desta revista, que se apresenta, como de costume, com boa e escolhida colaboração e boas gravuras.

«A America» e «La Hocienda»—O numero 1, do 3.º volume da primeira destas revistas, publicada em portuguez em Nova-York, constitue um util reportorio para comerciantes e industriaes. O numero 10.º do 15.º volume de «La Hacienda», publicado em Buffalo, é tambem digno de ler-se.

O representante em Lisboa é o sr. Francisco da Silva Dias, com escritorio na rua do Arco do Marquez d'Alegrete, 13.

Noticias da Capital

Julgamentos no Governo Civil. — Responderam hoje: Joaquina da Graça, acusada de ter exposto á venda, numa escada da calçada do Carmo, azeite por preço superior ao da tabela; Antonio da Silva, com mercearia na rua das Trinas, 110, por ter no seu estabelecimento assucar sonegado; Antonio da Costa Santos, com leitaria na rua Garcia da Horta, 61, por vender leite por preço superior ao da tabela e Jose Inacio Felgueiras, acusado pela junta de paroquia dos Restauradores de ter ido ali pedir senhas para assucar para varios paroquianos, dizendo estarem doentes e indo vendel-o por preço superior ao da tabela. Foram todos absolvidos.

A série diaria.—Foram presos: Abilio Marques Vilar, rua dos Correeiros, 174, 2.º, acusado por José Trigo Mira, da mesma rua, n.º 126, de lhe ter confiado um relogio de ouro no valor de 130 escudos para concertar, não o tendo ainda entregado, pelo que suspeita que fosse vendido ou empenhado; Rufino Simões, rua da Bombarda, 49, e Manuel Severino, rua do Sol, 52, 1.º, por terem entrado por meio de arrombamento em casa de Joaquim da Fonseca, rua das Janelas Verdes, 88, furtando d'ali roupas e outros artigos no valor de 1:000 escudos.

O roubo na Companhia do Gaz. — O agente José Mira continua nas suas investigações sobre o importante roubo de metaes praticado na Central Electrica da Companhia do Gaz, em que se acham envolvidos e por esse motivo presos tres empregados superiores da Companhia e o aprendiz Joaquim de Carvalho, de 17 anos, o qual era incumbido de proceder á venda dos metaes e acompanhar a carroça que os conduzia.

Devem efectuar-se ainda varias prisões, entre as quaes a do guarda-portão da Companhia e do conductor da carroça que conduzia esses metaes.

Cadaver de creança abandonada

Suspeitas de crime que desaparecem

Noticiou um jornal da manhã de hontem que ao cemiterio do Lumiar fôra conduzido, n'um caixão, o cadaver d'uma creança de pouca edade, tendo desaparecido misteriosamente os portadores, um homem e uma mulher, pelo que se suspeitava tratar-se de um crime.

O agente José Augusto, encarregado pelo chefe Murtinheira de saber o que se passava, averiguou que a creança morta era filha de Luiz Martins e Palmira Martins, moradores na calçada da Penha de França, 25 1.º, e nasceu no dia 15, morta, tendo sido o obito verificado pelo sr. dr. Agostinho Lucio, sub-delegado de saude, o qual passou o respectivo atestado no dia 17.

Os irmãos da creança levaram o pequeno cadaver para o cemiterio, sendo acompanhados pelos paes, mas ali os empregados, em virtude de faltar a certidão da administração do bairro, disseram que se até ao dia seguinte, ás 9 horas não fôsse apresentado esse documento, a creança seria sepultada na vala comum.

Os paes retiraram, deixando o caixão, e como não pudessem conseguir essa certidão no praso marcado, não tornaram ali a aparecer. Dahi as suspeitas de que se tratava dum crime, suspeitas que, como se vê eram infundadas.

Quem alvitra? Quem reclama?

A falta de manteiga

Escreve-nos alguem que se assigna «Um assignante, que não sabe já a côr da manteiga», dizendo que vae em tres mezes não tem manteiga, nem vê possibilidade de a adquirir. Em todas as manteigarias e mercearias onde procura esse genero, dizem-lhe que não teem e que não estão para perder dinheiro.

E quem nos escreve, numa longa exposição que faz, diz que assim como se permite que a banha seja vendida por um preço fabuloso, que o queijo custe hoje mais cinco ou seis vezes do que antigamente custava, que o leite se venda já a $40 o litro, que, finalmente, tudo esteja pela hora da morte, se consinta que seja elevado o preço desse condimento, mas que ao menos o haja á venda, para ele poder ter o prazer de comer ao almoço um bocado de pão com manteiga, visto que o que ganha lhe não dá para passar além do café com pão e manteiga.

Ahi fica a reclamação, em palavras resumidas, porque o nosso assinante faz extensissimas considerações sobre a carestia da vida, que não reproduzimos por nos faltar o espaço.

As bandas da Guarda Republicana

Dirige-nos «Um amador de boa musica» uma carta em que protesta contra a redução que lhe consta se vae fazer de algumas figuras no quadro das bandas de musica dos batalhões com séde em Lisboa.

Diz ele;

«Com 40 executantes que compõem cada uma dessas bandas ainda não é o suficiente para constituir uma organisação regular, e muito menos uma organisação boa. Mas emfim com os 40 executantes já os regentes dessas bandas, com um pouco de criterio, podem sair dos limites da miscelanea de fados e do popourrisinho da opera, opereta e zarzuela.

Depois deve-se atender a que se trata de bandas de musica da capital e pertencentes a um corpo de elite, não fazendo tambem sentido que se vá cortar nas bandas de 40 figuras quando ainda é recente o aumento para cento e tal figuras da banda do Comando Geral e para perto de sessenta a do Porto.»

Ultima Hora

O movimento dos sargentos

O 1.º sargento Mendes Leal nega a acusação que lhe é feita

Do 1.º sargento de engenharia e nosso colega na imprensa sr. Adelino Mendes Leal acabamos de receber a seguinte carta:

Lisboa, 26 agosto de 1920. — Sr. redactor d'*A Capital*. — Só volvidos 110 horas de incomunicabilidade na prisão do Regimento de Sapadores Mineiros, para onde me arrastou o meu grande amor á Republica e á Ordem, que sempre tenho defendido, me é possivel comunicar aos leitores da *Capital* a falsidade do que a meu respeito se escreveu.

E' falso que eu tenha tomado parte em movimentos revolucionarios ou sequer assistido a qualquer reunião, pois nem ao Parlamento fui. Não conheço os sargentos que dizem estar envolvidos no *complot*.

Sei a que visou o acto de que fui vitima, arrastando para a prisão um inocente, a quem não se querem reconhecer os serviços prestados á Republica, que me mereceram louvores, tentando aniquilar-se *O Exercito*, jornal que sob a minha direcção só tem apregoado a ordem e o prestigio da Republica que tanto amo.

Ao fim de 17 anos d'uma vida exemplar, vão á 1 hora da manhã buscar-me a casa, deixando meus filhinhos sem amparo e cometendo-se a injustiça de se conservar incomunicavel 110 horas, contra o que determina a lei, um republicano sincero que me préso de ser.

Desafio seja quem fôr a provar as minhas culpabilidades. A minha inocencia apregoam'na os meus superiores que mais do que eu lamentam a injustiça que me foi feita.

Não me justifico, porque não sou criminoso, mas dirijo um jornal amante da ordem e da disciplina e por isso me prendem.

Só a consideração que tenho por v. me leva a escrever esta pedindo a sua publicação para se ver como se persegue quem sabe defender a Republica.

De V. etc.—*Adelino Mendes Leal*, 1.º sargento de Engenharia e director do jornal «O Exercito».

O ODIO AOS MILICIANOS

Mais uma do "manjor Evangelista,,

No forte da Graça, em Elvas, está neste momento cumprindo trinta dias de prisão correccional um alferes miliciano, cujo nome por óra não diremos, mas que, caso seja preciso, revelaremos, pelo enorme *crime* de ter, num artigo que escreveu para um jornal, apreciado as inovações recentemente introduzidas no exercito, de origem ingleza, mas sobremodo inadaptaveis ás nossas caracteristicas etnicas. Lamentava esse oficial que ainda nada se houvesse escrito sobre a guerra—nova nas directivas e processos—mas introduzindo modificações que em giria militar se chamam de tarimbeiro.

Porque teve a coragem de assumir a responsabilidade do que escrevera e que afinal é o que pensam e dizem muitos dos seus camaradas, o «manjor Exangelista» da secretaría da guerra esperou que fechasse o parlamento—não fosse o diabo tecel-as!—e, zás, aplica a esse oficial, sem processo, sem sequer ouvir a sua defeza, 30 dias de prisão no forte da Graça.

Ora esse alferes miliciano—esta qualidade é a peor recomendação para os senhores da guerra—tem sido victima de odios e perseguições pelo seu amor á Republica. Colaborou na preparação do movimento de 12 de outubro em Coimbra; estando em Lisboa, operou sob as ordens do comité revolucionario—com grave risco —no quartel de cavalaria 4; preparou em Setubal um movimento paralelo ao de Santarem que não teve eclosão por o governo Tamagnini Barbosa ter tomado repressivas; tomou parte nas operações contra os revoltosos monarquicos, fazendo parte da coluna do general Abel Hipolito, sendo o pelotão por ele comandado o primeiro a entrar em Lamego, após o combate de 10 de fevereiro.

Pois foi este oficial o castigado. Estamos convencidos de que, ao reabrir, o parlamento se ocupará do assunto, pedindo contas a quem de direito.

Na Alemanha

A agitação sovietista

O governo dos conselhos de Hothen, á formação do qual os dois partidos socialistas tinham ficado completamente estranhos, foi já derrubado como o telegrafo noticiou.

O chefe do movimento foi o oficial de reserva Berg, que, ha uns seis mezes, saiu de Sarrebruck para se ir instalar em Hoethen. Quando soube que a noticia da proclamação da republica dos conselhos em Leiszig, Magdeburgo e Halle era falsa, declarou dissolvido o comité executivo.

Um outro dirigente, de nome Boaf, tinha, no entanto, partido precipitadamente para Magdeburgo. Assim terminou o caso de Hoethen.

O pretenso comité d'execução de Hoethen publicára duas proclamações nas quaes exortava o proletariado «a quebrar as cadeias deshonrosas de que os seus opressores o tinham carregado» e nas quaes egualmente se aconselhava a entrar em luta com a Polonia e a França.

A policia de segurança ocupou no dia 21 Vellert, onde a republica dos soviets havia sido proclamada e prendeu 25 chefes comunistas.

A questão dos eletricos

Finalmente!

Foi solucionado o conflicto, devendo amanhã haver carros

A' hora a que *A Capital* vae para a maquina, deve estar já solucionado o conflicto que irritantemente se arrastou durante 28 dias entre a Camara Municipal de Lisboa, a direcção da Carris e o respectivo pessoal, movimento esse que tão graves prejuizos acarretou para a população de Lisboa.

As «démarches» levadas a efeito pelo sr. ministro das finanças e direcção da Carris, parece terem chegado a bom termo, aguardando-se apenas que o conselho de ministros convocado expressamente para tratar do assunto se manifeste definitivamente.

Depois disso o *Diario de Governo* publicará o acordo a que se chegou, devendo imediatamente o pessoal retomar o trabalho, sendo natural que já amanhã Lisboa tenha os meios de transporte desejados, e que tanta falta teem feito á população que deseja trabalhar.

Os grévistas reuniram pelas 14,10 na séde da sua associação, vendo-se as salas e escadarias apinhadas duma forma como até agora nunca tinha sucedido.

Presidiu o sr. Carlos Fortes, que era secretariado pelos srs. Januario da Conceição e Páscoal Soares Peres. Foi lido um oficio da União Defesa dos Consumidores protestando contra o facto de não estar ainda solucionado o movimento, e uma carta em que o condutor n.º 12 Antonio Luiz Gonçalves Costeira se congratula com a atitude dos grévistas pela forma como se teem conduzido.

Usou depois da palavra o sr. Antonio da Silva, da comissão de melhoramentos, que se insurge contra o procedimento de alguns companheiros que apenas tem ido ás sessões para desempenhar o papel de traidores, no intuito de estabelecerem duas correntes de opinião procurando assim prejudicar o movimento.

Termina pedindo a todos a maior firmeza porque só assim se conseguirá obter a vitoria.

O sr. J. Rolo segue na mesma ordem de ideias, afirmando que ainda podia estar em luta mais 6 mezes, lamentando que nem todos estivessem nas mesmas condições.

O sr. Antonio Ferreira passa a historiar as *démarches* que se teem realisado ultimamente e qual a atitude da Camara já sobejamente conhecida.

Os srs. Carlos Fortes e Henrique Moreira da Comissão de Melhoramentos; occupam-se dos varios individuos que levantaram boatos contra a situação dos grevistas, sendo o orador Henrique Moreira de opinião que se «condecorem» esses boateiros...

Nesta altura é lida na mesa uma nota do *comité* aconselhando aos grevistas a manterem-se na maxima ordem e união e a repudiarem os maus camaradas que pretendem desmoralisar a classe.

Nesse comunicado o *comité* participa que o conflito está em via de solução sendo a vitoria total para os grevistas.

O comunicado em questão fecha dizendo:

—«Camaradas: *A' ultima hora*, e no momento em que fechamos este comunicado somos informados de que o conflito se encontra terminado, faltando apenas dar uns retoques que são indispensaveis para garantia das nossas reclamações».

Momentos depois é lido outro comunicado tambem assinado pelo comité central que diz que conquanto a vitoria possa ser considerada ganha ninguem deve retomar o trabalho sem que tal seja ordenado, não devendo os grevistas abandonar a associação sem que sejam conhecidas as resoluções definitivas, e a hora a que deve ser retomado o trabalho, isto para garantir a honra da classe.

A assembleia rompe então com vivas ao pessoal da Carris á C. G. T. e á U. S. O., correspondidos com extraordinario entusiasmo.

O sr. José Augusto Martins insurge-se contra a atitude da Companhia e principalmente contra um dos seus directores que ataca violentamente por explorar o seu pessoal. Ocupa-se do aumento de salario que combate pois que taes aumentos apenas servem para desorganisar as classes que, vendo-se atendidas, não lutam pelos seus ideaes, dando assim a impressão de uma cobardia.

O presidente sr. Carlos Fortes convida depois todos os presentes a que terminado que seja o conflito actual, todos se reunam para que se associem ao movimento contra a carestia da vida. Se tal se não fizer o pessoal da carris é uma classe ao mar.

O sr. Manuel Pedro ataca a vereação e principalmente o vereador sr. Paiva e Pona pela sua incompetencia provada durante o tempo que tem estado nas cadeiras dos Paços do Concelho. Esse veador—diz—e o que mais tem prejudicado a cidade de Lisboa, irritando sempre todas as questões e dificultando-as. Felizmente que esse vereador e outros acabam de receber a *Extrema Unção* sendo com grande e enorme satisfação que a população da capital acaba de receber tal noticia.

A sessão decorre depois sem interesse de maior, saindo das salas a maior parte dos grevistas que vão para as imediações da Associação aguardar novo comunicado do Comité Central.

Nas outras salas do sindicato realisaram-se sessões identicas a da sala Central alim de que todos os grevistas fôssem informados do que se ia passando.

A favor do agulheiro João Felix Monteiro, foi aberta uma quete que rendeu 19$70.

A monteira da rua 24 de Julho

Terminada a gréve maritima, começou hoje a ser removido o lixo que se acumulava na rua 24 de Julho, n'aquele deserto, onde era admirado por todos os passageiros dos transatlanticos que nos ultimos dias visitaram Lisboa.

A remoção fez-se para os barcos que o conduziram á Outra Banda.

Mais vale tarde do que nunca, diz o rifão, mas que para outra vez a ilustre vereação municipal dê as necessarias providencias para evitar vergonhas d'estas.

Incendio na alfandega do Porto

A hora de fecharmos o nosso jornal, chega-nos a noticia de se ter declarado um violento incendio na alfandega do Porto, sendo já avultados os prejuizos.

A gréve maritima

Conforme referem os jornaes da manhã, está em parte solucionada a gréve maritima.

Os delegados, reunidos de madrugada, resolveram que se retomasse o trabalho hoje de manhã visto terem sido atendidas as suas reclamações sobre o conflito que se levantou entre o chefe do departamento maritimo do Norte e os maquinistas e fogueiros dos barcos de pesca.

Tambem os moços, marinheiros e inscritos maritimos, resolveram ás 17,30 retomar o trabalho.

Poeira da Arcada

Conselho de ministros

Deve reunir ainda hoje o conselho de ministros para tratar da nova plataforma da questão dos electricos.

Faculdade de medicina

Foram exonerados de 2.ºs assistentes da 2.ª cadeira de clinica cirurgica da faculdade de medicina de Lisboa, os srs. drs. Luiz de Sousa Adão, Rafael da Cunha Franco, Alberto Madureira de Carvalho Osorio, Mario de Melo e Castro de Matos.

Empregados de tesourarias

Uma comissão de empregados das tesourarias dos bairros fiscais de Lisboa procurou o sr. ministro das finanças para solicitar melhoria de vencimentos. A comissão foi recebida por um dos secretarios do sr. Inocencio Camacho a quem entregou a representação de que era portadora.

Experiencias agricolas em Beja

A pedido do sr. governador civil de Beja, o sr. presidente do ministerio adiou a sua visita áquela cidade por motivo de não ter chegado ainda ali uma das maquinas agricolas que está detida em Vendas Novas por se ter avariado o vapor em que era transportada.

A lucta com os "vermelhos"

Descarga de munições para a Polonia

VARSOVIA, 24.—Sir Reginald Tower, alto comissario em Dantzig, autorisou a descarga das munições que se achavam a bordo do Gueydon.—(Havas).

Kameneff sae de Londres

LONDRES, 24.—A «Pall Mall Gazett» sabe de fonte autorisada que o governo de Moscou deu ordem a Kameneff para sair de Londres, antes mesmo de receber a carta do Snr. Balfour.—(Havas).

Essa saida equivale a uma declaração de guerra

PARIS, 25.—A' informação dada pela «Pall Mall Gazette», de Londres, sobre a partida de Inglaterra do delegado russo Kameneff, acrescenta o «Journal» que numa entrevista particular foi admitido pela delegação, que a saida de Londres equivale a uma declaração de guerra á Inglaterra sob a forma de um ataque no Extremo Oriente.—(Havas).

Os bolchevistas batidos pelas tropas de Wangel

PARIS, 25.—No litoral do mar de Azoff as tropas do general Wrangel avançam para o interior do Kuban. Na região de Volnovak o inimigo desencadiou um ofensiva contra Waldogeria, mas foi repelido para Taker e Nogevia. As tropas do general Wrangel aprisionaram um regimento inteiro. Na região de Ekaterinoslaco, ao norte de Moskvosk e a noroeste de Alexandrekst ha grandes levantamentos contra os bolchevistas.—(Havas).

Os sindicalistas franceses contra o bolchevismo

PARIS, 25.—A imprensa francesa nota com satisfação que os mais notaveis sindicalistas franceses acabam de se pronunciar claramente contra a «Dondrfnf Bolcherst». Na «Information ouvriére et sociale» o secretario de federação da metalurgia escreve o seguinte a respeito de (Merrheim: «O comunismo russo não tem nada que ver com o socialismo ou com o sindicalismo. Não pode subsistir e manter-se senão pela ditadura de um individuo ou de um pequeno grupo de individuos que imponham aos seus adeptos uma disciplina de força, dominando pelo terror, graças a um exercito de mercenarios. E por este motivo que nós, os militantes temos o dever de nos levantarmos contra semelhantes doutrinas militaristas e retrograda, que cria uma casta reacionaria e militarista, tão criminosa se não mais que a casta engendrada pelo caciquismo» (?) «O sr. Bastuel chega a uma conclusão analoga na «Bataille»; finalmente o secretario da confederação geral do trabalho, sr. Jouhaux, depois de se ter pronunciado contra a terceira internacional, acaba de declarar perante o comité confederal da confederação geral do trabalho, que a proclamação assinada Zinoview e dirigida aos proletarios do mundo inteiro é uma declaração de guerra contra as organisações sindicaes, como atestamas declarações feitas no recente congresso da 3.ª internacional.—(Havas).

Serviço telegrafico da tarde

LONDRES, 25.—O pedido de passaportes dos delegados dos «soviets» Krassini e Kameneff, para deixarem a Inglaterra na proxima sexta feira, e consequencia do ultimatum do governo inglez para que os soviets precisem as suas condições de paz. — *(Havas)*.

LONDRES, 25.—A irmã de lorde maior de Cork que se recusa a tomar alimentos na prisão, informou o sr. Lloyd George que no caso de ela vir a falecer, o povo irlandez torna o chefe do governo inglez responsavel por tal crime.—*(Havas)*.

TURIM, 25.—O sr. Giolitti conferenciou, na sua chegada á estação de Berne com o presidente da republica Suissa.—(Havas).

CHRISTIANA, 25.—O governo autorisou que o delegado russo, Litwineff venha tratar de assumptos comerciaes que interessam a Russia e Noruega.—(Havas).

VARSOVIA, 25.—Os exercitos dos generaes Haller e Pilsdusky proseguem no seu avanço. Os bolchevistas intensificam a rapidez da retirada, na esperança de que os polacos percam o contacto com eles. Até agora foram feitos 63.000 prisioneiros e tomados 200 canhões e 1.000 metralhadoras. Telegramas de Vienna asseguram que as forças bolchevistas na frente norte estão negociando a sua capitulação com o general polaco Sikorsky que lhes vinha fazendo a perseguição.—*(Havas)*.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3618 — 11.° ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA — Sexta-feira, 27 de Agosto de 1920

Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

O MARTIRIO DE UMA MULHER

O livro "Infeliz-Mente!"

A carta em papel almaço

Da carta que saira milagrosamente do Conde de Ferreira como lhe disse, leitor, vou transcrever aqui parte dela, porque é preciso que seja lembrada por todos que me leem, mesmo que a tenham lido já no meu livro, onde ela vem numa nota do meu advogado, sr. dr. Bernardo Lucas, a paginas 174 e 175.

«22 de Dezembro

Minha querida Emilia:

Meteram-me no hospital do Conde de Ferreira, no Porto. E' horrivel! Em meu *perfeito juizo*, num hospital de doidos! Isto é peor do que uma penitenciaria. Tudo é proibido; tudo fechado á chave, até as janelas; tenho sempre uma empregada ao pé de mim, com a desculpa de me servir de creada; não me deixam ler jornais; as cartas que escrevo vão á Direcção, para ela ler e depois mandar para o correio; as que veem para mim veem para a mesma Direcção, abertas e, depois de lidas é que mas entregam. Enfim é medonho tudo isto! Já aqui estive muito doente uns 15 dias, mas fiz por melhorar, pois tenho fé em Deus e quero ter coragem para levar esta pesada cruz ao Calvário. Esta carta tem que dar muitas voltas antes de te chegar ás mãos, por isso não posso contar-te como as coisas se passaram sem saber se as recebeste.

Não passa pela Direcção, mas é perigoso o meio de que me sirvo, pois a vigilancia aqui é muito grande em tudo e ha castigos muito severos. Como tambem não posso receber cartas tuas, manda um anuncio para o Primeiro de Janeiro, dizendo-me se recebeste, se estás boa, se estás com tua mãe e se posso continuar a escrever por esta fórma. Como titulo no anuncio, põe a data dos teus anos e assina com o numero da porta da Rita, para eu ter a certeza que é teu. Ha aqui quem me empreste este jornal todos os dias.

Desculpa o pápel, mas não tenho outro. Imagina que não me fizeram *nenhum exame medico* para aqui me meterem; mas o dinheiro pode tudo e a prova está á vista. E' preciso que desconfies de *tudo* e de *todos* em *toda* a parte e principalmente do B. R. que teve em tudo isto um papel de miseravel, como depois te contarei».

Esta carta, que era escrita em papel almaço azul, folha que tirei a um caderno do meu diário, fingi por cautela, dirigi-la a uma mulher. Escapou, milagrosamente, a varias buscas policiais e para que algum espirito excessivamente meticuloso não vá pensar que ela foi escrita recentemente, é bom dizer que foi vista por um advogado de Lamego, em Dezembro de 1918, por um medico de Castro Daire, em Março de 1919 e ainda por outras pessoas. O meu fim apresentando-a aqui é fazer com que, pelo seu conteudo, que não foi á censura do hospital, o leitor possa regular-se para avaliar as minhas impressões ácêrca do Conde de Ferreira e do sr. dr. Balbino Rego que n'ela figura apenas com as iniciais B. R., mas que se vê bem que não pode ser outra pessoa, atendendo ao juizo que formei d'ele ao cruzar os portões do hospital Conde de Ferreira.

Quando li no *Primeiro de Janeiro* que a minha visinha me passava, algumas vezes, por debaixo duma das portas do seu quarto que deitava para o meu e que eu lhe restituia do mesmo modo, escrevi segunda carta, pedindo que consultasse um advogado, que lhe mostrasse as minhas cartas e lhe perguntasse como poderia eu sair do Conde de Ferreira e requerer o divorcio.

Entretanto, no dia 30 de Dezembro, a minha visinha de quarto disse-me que desejava oferecer um chá de despedida de ano ás mesmas senhoras a quem o tinha oferecido na véspera de Natal. Para a não contrariar disse-lhe que aceitava e que daria outro bolo.

No dia 31 pedi que me deixassem sair, isto logo de manhã para haver tempo de prevenir o trem que eu desejava ás 14 horas.

Tendo obtido a licença vesti-me para sair e quando ia a meter o meu diario no bolso do casaco para o levar comigo disse-me a minha empregada: — «Porque o não deixa ficar fechado numa gaveta?»

— «Porque eu sei que no Conde de Ferreira ha uma chave que abre todas as portas e outra que abre todas as gavetas. Ele não me pesa».

A empregada foi-se vestir e demorou-se imenso. Quando voltou, vinha muito corada. Notei-lho isso e ela deu-me como desculpa que fôra de vestir o espartilho depois de comer. Podia ser, mas... não acreditei.

Como o trem se demorasse, mandei perguntar á enfermeira se não teria havido esquecimento em dar o recado.

Passou um pedaço e, nem trem, nem resposta. Percebi que andava cousa no ar...

Daí a pouco vieram dizer-me que o trem devia estar a chegar.

Novo compasso de espera durante o qual notei que a minha empregada-carcereira, não se sentia á vontade.

Era fóra de dúvida, andava cousa no ar... O que seria? Não esperei muito para o saber e, o leitor tambem não tardará que o saiba.

Maria Adelaide

BALDIOS!

Portugal, onde ha uma assustadora percentagem de vadios — Lisboa é a cidade do mundo onde, ás horas de trabalho, se encontra muita gente á bôa-vida—tem egualmente uma rasoavel percentagem de baldios. Não ha uma unica das nossas provincias que os não possua. Porque é preciso não restringirmos ao maximo o significado do termo. Baldio não é só o rincão do Estado abandonado á producção e á exploração.

Ha, dentro das mais ricas herdades do Alemtejo, e das mais ferteis quintas, tapadas e casaes do resto do paiz, campos e campos de baldio.

Não nos venham dizer que são campos de pousio ou campos de pastagem. São baldios. A abundancia de terrenos e a falta de dinheiro em lavradores arruinados obriga os a isso. Outras vezes é o desleixo, a apatia. Outras ainda a falta de educação agricola, o amor á terra, a compreensão sagrada do valor da terra. E ainda outros, e não poucos, o odio ao regimen, a má vontade ao governo, o criminoso ideal de crear embaraços á Republica tirando-lhe os meios economicos de viver.

Ha pois baldios e *baldios*.

Dos primeiros só podemos incriminar o Estado. Dos segundos, o Estado só tem culpa do não agir convenientemente obrigando os seus possuidores ao indispensavel amanho das suas terras.

Um exemplo só para amostra.

Ha dez anos conhecemos de perto um caso tipico do valor dos nossos baldios. Referimo-nos ao do distrito de Leiria, situado entre S. Cristovam e Albergaria dos Dôse, e que hoje continua precisamente no mesmo pé.

E' um baldio de muitos kilometros com vales e encostas, terrenos rasoaveis, terrenos maus e terrenos optimos.

Parecia que havia toda a conveniencia em tentar ao menos fazer daquilo uma coisa produtiva e util, e não simples logradouro publico de exiguas pastagens. Tal não se fez ainda por parte do Estado, e as pessoas a quem já por varias vezes temos falado no assunto, respondem-nos imediatamente: «Ah! o baldio de S. Cristovam? Fraquinho. Grande, mas fraquinho. Terrenos intrataveis. Não vale a pena...»

Pois muito bem. Aqui ha cincoenta ou sessenta anos, chegou a uma das aldeias proximas do baldio—conhecemos pessoalmente o caso—um homem que, se não estamos em erro, se ocupava então no negocio de compra e venda de galinaceos, ou coisa que o valha, tendo de seu o burro, as cangalhas e meia duzia de patacos que não lhe dariam por certo para comprar outro burro se dele necessitasse. Nessa aldeia existia uma mulherzita, viuva que tinha de seu uns cobres, coisa tambem de pouca monta, e uma nesga boa de terra, paredes meias com os terrenos safaros e desprezados do baldio.

O homem viu a coisa, lume no olho e expediente pronto, namorou a velha e casou. Casou e poz de parte o seu calcorreante oficio de regatão.

E todos os anos, amanhando a nesga de terra junto ao baldio, a foi alargando, alargando sempre, aproveitando os terrenos que os outros não queriam e que o Estado abandonava. E ha dez anos esse homem era um dos mais ricos proprietarios do seu concelho, coisa para cima de duzentos contos, fortuna quasi toda assente nos terrenos, que, na opinião de toda a gente, não prestam para nada.

Aqui tem o leitor para que servem os baldios quando alguem os aproveita. Só o Estado a abarrotar de fartura não vê nada disto, não percebe nada disto, nem quer saber disto para nada.

As nossas serras estão improductivas. Andam no ar campanhas que são blagues, fala-se em riquezas que não existem e desperdiça-se o que temos ahi em abundancia e em fartura que é um louvar a Deus!

Blagues! Palanfrorios, tudo isso!

E' ver as nossas tapadas de Mafra, da Ajuda, do Alfeite e de Villa Viçosa.

A de Mafra sobretudo. Uma vergonha! São trez: a tapada de fóra, a do meio e a de dentro. Optimos terrenos de semeadura. Agua a jorrar de todas as partes, terrenos com uma abundancia digna de registo. O paiz atravessa uma crise tremenda. Lisboa principalmente vê-se a braços com a falta alarmante dos generos de primeira necessidade. Pois bem, só a ex-Real Tapada de Mafra, abastecia o mercado de Lisboa, se o quisessem, em legumes e hortaliças.

Que historia! Constituiram tudo aquilo feudo de varios potentados e o vandalismo nacional assentando arraiaes desde a *porta Vermelha, á porta do Coudeçal*, tem arrasado, devastado, inutilisado tudo. E' preciso dizer-se isto para vergonha de todos nós: a Tapada de Mafra que podia dar rios de dinheiro, dá, por ano, um prejuizo fabuloso ao Estado!

E o que dizemos da de Mafra, podemos dizer, em menor escala da da Ajuda, o do Alfeite, e da Villa Viçosa.

Uma vergonha!

Vejamos a Tapada da Ajuda.

O terreno é optimo. Magnifico. E afirmamos isto porque ainda este ano o experimentamos por passatempo ancestral. Não admira. D'uma geração toda de lavradores temos acentuadamente o amôr á terra. Pois bem. A Tapada da Ajuda podia ser, devia ser o grande mercado geral do importantissimo bairro de Alcantara, um dos mais populosos dos bairros fabris da capital. Pois não é!

Ignorancia? Desleixo? Estupidez? Tudo isso junto e mais esta miseravel calaicice nacional que tudo entrava e tudo inutilisa.

Note-se que não estamos a fazer afirmações no ar. Tudo isto é assim. E se o sr. Comissario Geral dos Abastecimentos o duvida que se dê ao trabalho d'um ligeiro estudo de algumas semanas e verá se lhe falamos ou não a linguagem da verdade. Rude? Talvez. A verdade prima quasi sempre por isso mesmo.

Já é tempo de se acabar n'este paiz cheio de dificuldades com a plethora dos baldios e dos vadios!

E façam isso emquanto é tempo!...

O sindicalismo fóra dos partidos politicos

Um cheque no bolchevismo russo

Já hontem, em telegrama, nos referimos ao facto. O sindicalismo francez acaba de se manifestar contra o bolchevismo. Os jornaes francezes dão sobre o caso mais amplos pormenores, que se podem resumir do seguinte modo:

Depois dos acontecimentos devidos á greve dos ferro-viarios franceses a comissão administrativa da C. G. T. resolveu convocar um congresso nacional extraordinario de todos os sindicatos confederados. Esse congresso efectuar-se-ha em Orleans no dia 2 de outubro proximo. Anteriormente, a C. G. P. julgou util reunir o «comité» nacional confederal, composto de representantes de confederações e uniões departamentaes, para que ele se pronunciasse sobre as questões a debater na ordem do dia do congresso.

A primeira sessão dêsse «comité» nacional realisou-se já, em Paris, numa sala do boulevard Strasburgo. O cidadão Jonhaux, secretario geral da C. G. T., vindo na vespera de Amsterdam, onde assistiu ás deliberações da Internacional sindical, dá contas do seu mandato e das resoluções tomadas pelo organismo internacional, que aprovou inteiramente as propostas francesas.

Todos se recordam de que, por ocasião da sua ultima viagem a Paris, os delegados Adamson e Gosling pediram aos sindicalistas e socialistas franceses que se ligassem a eles na acção empreendida pelo «comité» de acção formado pelos trabalhistas ingleses.

E quando o partido unificado se mostrava disposto a aceitar o oferecimento dos delegados britanicos, a C. G. T, afirmando a estes a sua mais completa solidariedade, reservava-se o levar a questão para a Internacional sindical. Essa decisão significava que os sindicatos franceses entendiam ficar senhores da sua acção, independente de todo e qualquer partido politico. Efectivamente, agora que o partido unificado concede os seus favores ao sovietismo, a C. G. T., de acordo com a Internacional sindical, pronuncia-se a favor do direito dos povos disporem de si proprios e afirma ser necessaria a independencia da Polonia.

Eis algumas passagens essenciaes da declaração da Federação sindical internacional, lida pelo cidadão Jouhaux ao «comité» nacional:

«A Internacional sindical — recordando o direito dos povos se governarem a si proprios—condena toda a intervenção estrangeira nos negocios dum povo, assim como todo o auxilio militar prestado a empresas reacionarias.

Lavrando na acta a declaração do governo russo, que afirma solenemente o seu desejo de fazer a paz com a Polonia nas bases da independencia polaca e da liberdade, para o povo polaco, de dirigir os seus destinos, a Federação sindical internacional proclama que, sobre essas bases, a matança fratricida tem que terminar.

A paz geral e mundial deve ser imediatamente estabelecida sobre a base do respeito pelas conquistas revolucionarias e da independencia dos povos.

A Internacional sindical recomenda tambem a acção para que cessem, em todos os paizes, os fabricos de guerra e que seja levado finalmente a efeito o desarmamento geral, que libertará os povos do militarismo, e aumentará as forças de produção.

«Em seguida, uma intervenção do cidadão Lapierre, secretario adido á C. G. T., a respeito das modificações nos estatutos confederaes, origina uma discussão deveras interessante sobre os ultimos movimentos de gréves.

Querendo evitar no futuro os «erros» praticados pelos extremistas da Federação dos ferro-viarios que colocaram a C. G. T. ante o facto consumado, obrigando-a a agir em momento oportuno, o conselho nacional federal, desde este primeiro debate, parece orientar-se nesta conclusão: «que d'hora avante seja ele, conselho, o unico soberano para avaliar a situação no seu conjuncto e para decretar um movimento de greve geral».

Se esta opinião for admitida, será um grande cheque para os sindicalistas extremistas, os quaes sempre se teem mostrado contrarios ás maiorias e pela acção determinada pelas «minorias que actuam», forma por que eles muito gostam de se exprimir.

RUSSOS E POLACOS

A fuga do exercito vermelho

Toda a batalha da Polonia toma agora o aspecto duma grande corrida de velocidade. Apezar da fadiga reciproca, polacos e bolchevistas fazem esforços para atingir os principaes centros de comunicação, que são como que as portas da Polonia. Segundo as ordens do alto comando sovietista, o exercito vermelho só quer uma cousa: Abandonar a Polonia com as menos perdas possiveis. Os polacos esforçam-se por evitar essa evasão, e n'essa ordem de idéas é considerada como um grande sucesso a ocupação dos fortes e da gare de Brest-Litovsk.

Actualmente, o principal objectivo do comando polaco é chegar a Bielostok sem se preocupar por emquanto com as forças bolchevistas que operam ao pé de Mlava e de Plock. A retirada d'estas é d'ora avante e desde já extremamente dificil, e as ofensivas locaes que elas tentam não conseguem levá-los a parte alguma.

Tentam avançar, porque quasi lhes é impossivel recuar.

A's dificuldades estrategicas da retirada dos bolchevistas liga-se a hostilidade terrivel das povoações. Qualquer grupo isolado de bolchevistas, será implacavelmente massacrado pelos camponezes, armados de foices, machados e espingardas caçadeiras, e esses homens, arruinados pelos invasores, não lhes dão quartel. A população operaria amotina-se egualmente, e nas ruas de Plock foram os operarios, como se sabe, que, de laço vermelho na lapela, dizimaram os bolchevistas.

Se se acrescentar a isso a ação desprimentissima dos aviões de bombardeamento contra os quaes os bolchevistas se encontram sem defeza, e que em razão da grande quantidade de cavalos utilisados no transporte das tropas vermelhas, espalham uma grande confusão nas suas colunas, compreende-se bem a desordem em que se efectua a fuga bolchevista. A maior parte dos canhões são abandonados, porque os aviões metralham sistematicamente os cavalos que os puxam.

Milhares de armões que o exercito vermelho leva a reboque na sua fuga atravez dos campos, ou se enterram nos pantanos ou se perdem nas florestas.

E uma prova do desfalecimento carateristico é que os soldados abandonam as espingardas, de que todos os dias se faz excelente colheita. D'aqui a pouco o exercito vermelho não passará dum bando de fugitivos desarmados.

Policia de segurança publica

Apesar dos constantes prometimentos de aumento de ordenado á policia de segurança publica, a fim de evitar o seu inevitavel exodo, esse beneficio ainda se não fez sentir. E' simplesmente deploravel a situação dêsses modestos servidores do Estado, tanto mais que impossivel é haver uma policia modelar com os infimos ordenados que percebem e as enormes responsabilidades que teem para o bom desempenho do seu arduo cargo.

Mais uma vez chamamos a atenção do governo para que esta situação se resolva, não só para atender ás justas reclamações da corporação, mas ainda para que se evite tanto quanto possivel a serie de crimes e roubos que diariamente se dão nesta cidade, pondo em constante risco a vida e a propriedade do cidadão.

A TELEGRAFIA SEM FIOS

O primeiro radiograma transmitido pelo posto La Fayette

PARIS, 26.—Um telegrama de Nova York anuncia que a estação da telegrafia sem fios de Palo-Alto, na California, recebeu os sinaes enviados pelo posto de La Fayette, á Croix d'Hins, perto de Bordeus, que se encontra afastado 10.800 kilometros.

O sr. Daniels, secretario de Estado da marinha, recebeu o primeiro telegrama transmitido pelo posto de La Fayette, destinado á marinha americana.

E' ele do teor seguinte:

«Eis o primeiro telegrama sem fios que poderá ser recebido por todo o mundo. Marca uma *étape* memoravel na estrada dos progressos scientificos».

O posto de La Fayette, construido no parque de aviação da Croix-d'Hins, foi erigido pelos americanos durante a guerra, não podendo estar terminado á data do armisticio. Dentro de algumas semanas, a administração telegrafica franceza tomará posse dele. E' a mais poderosa estação do mundo. A sua antena é sustentada por oito pilões de 250 metros de alto, e construida sobre uma superficie de 1.200 metros de comprimento por 400 de largo. O seu comprimento de onda é de 23.000 metros.—(*Correspondente*).

PELO TELEGRAFO

A propaganda bolchevista na Italia

ROMA, 25.—O «Giornale d'Italia» diz que o representante dos «soviets» na Italia, Vodorosoff, está em estreitas relações com os socialistas italianos e com alguns jornalistas, a fim de intensificar a propaganda em favor d'uma republica dos «soviets» na Italia.

Vodorosoff prometeu elevadas quantias tanto a uns como a outros para essa propaganda. O «Giornal d'Italia» pede que se ponha cobro á actividade do representante dos «soviets».—(Correspondente).

NO EXTREMO ORIENTE

A pacificação da Siria e da Cilicia

deve ter favoraveis efeitos na Mesopotamia, onde os ingleses lutam com grandes dificuldades

Não é só na Polonia que a energia dá bons resultados. Sucede o mesmo nas partes da Asia Menor onde a França é responsavel pela manutenção da ordem e pela protecção das populações.

No meado de julho, o sr. Millerand, cançado da agitação que o emir Fayçal provocava na Siria, em nome d'uma autoridade usurpada, enviava ao general Gourand ordem para acabar com o «rei de Damasco», que a infinda paciencia franceza tinha animado e cujas provocações se haviam tornado intoleraveis.

Essa operação de policia foi executada com rapidez e coroada de exito. Após uma fraca tentativa de resistencia, Fayçal preferiu fugir, sem esperar pela entrada dos francezes em Damasco. O seu poder assentava apenas na jatancia e na longanimidade franceza de que ele abonava n'um paiz ao qual era estranho e onde se lhe metera em cabeça arranjar um reino.

Depois, os sirios respiram. Sob a protecção da França, da qual começavam a duvidar, organisam a sua vida politica.

Os habitantes do Libano proclamam a sua independencia e haverá, n'essa ocasião grandes festas em Beyroth. Assim, o general Gourand terá completado uma obra cuja origem remonta ás Cruzadas.

Mas a pacificação da Siria terá ainda outras consequencias felizes. Na Cilicia, que os francezes ocupam provisoriamente, em conformidade com os acordos inter-aliados, a agitação mantida em Damasco por Fayçal tivera desastrosas repercussões. As tropas francezas eram constantemente incomodadas pelos nacionalistas turcos, ligados com os nacionalistas árabes. Uma prova cabal foi o caso, devéras sério, de Marache.

D'esse lado, tambem ha boas noticias. Os nacionalistas turcos foram derrotados ao norte de Adana, que haviam, durante um momento, ameaçado cercar. Foi um serio cheque para o irredutivel Mustapha Kemal, o chefe da resistencia na Turquia da Asia, com o qual, no emtanto, as autoridades francezas haviam tentado concluir um acordo e até mesmo na primavera passada, concluido umas treguas.

Onde a persuação nada consegue, tem de se empregar outros metodos, o que não impede que a politica franceza no Oriente continue a ser a mesma, isto é, sem hostilidade preconcebida quanto á população turca, com a qual a França se deseja entender.

Apoz a vitoria polaca, é outro exito para a politica de firmeza de Millerand. De resto, tanto na Asia Menor como na Polonia, essa politica é util a toda a gente. A pacificação da Siria e da Cilicia produzirá verosimilmente efeitos favoraveis na Mesopotamia, onde a insurreição continua e onde os inglezes lutam com graves dificuldades.

A França acaba assim de prestar mais um serviço aos seus aliados e á Europa, o que não deixará, de certo, de influir nas proximas conferencias diplomaticas.

Livre pensamento

Apesar de não estarem ainda concluidos os trabalhos tipograficos relativos ao V Congresso Nacional do Livre Pensamento, já começou a fazer-se a inscrição, que é de 1$00 por pessoa e 2$50 por colectividade.

A penutima conferencia dos trabalhos preparatórios realisa-se depois de amanhã, na séde da Associação dos Trabalhadores do Mar, em Setubal, sendo conferente o professor sr. Lino da Silva, que dissertará sobre o tema *A educação do povo sob o ponto de vista religioso, economico e social.*

O conferente será acompanhado pelo secretario sr. Eduardo dos Santos Rodrigues na ausencia do secretario exterior.

A restrição da agua

Voltou a reunir hoje a comissão encarregada de estudar a debatida questão do abastecimento das aguas á cidade de Lisboa. Os trabalhos, que se prolongaram até ás 13,30, limitaram-se á restrição do consumo, devendo o assunto ficar definitivamente resolvido na reunião seguinte marcada para segunda-feira proxima.

A questão dos electricos

O conflito agrava-se

Não se sabe ainda quando haverá carros

Tudo parecia indicar, hontem, no fim da tarde, que a tão debatida questão dos electricos teria hoje o seu fim e d'isso estava convencido o proprio comité dos grevistas que nos seus comunicados publicados pela *Capital* indicava o fim provavel do movimento. As *démarches* realisadas durante a tarde de hontem faziam prever que o acordo a que se chegou seria publicado no *Diario do Governo* de hoje, mas afinal tal não sucedeu com espanto não só das entidades interessadas no assunto, como ainda do publico que afinal é sempre o prejudicado com todas as caturrices urdidas em redor do malfadado conflito.

A questão voltou hoje á primeira forma, em virtude das noticias oficiosas que do ministerio do Interior sairam para os varios jornaes e em que se dizia que o pessoal desistia do pagamento dos 50 % em divida desde junho.

Ora o que é verdade é que o pessoal da Carris nunca fez tal desistencia e nas suas reuniões diarias essa reclamação era sempre bem vincada, assim como a do pagamento dos dias em gréve.

Mas ainda ha mais; a propria direção da Carris, tendo recebido hontem a comissão de melhoramentos, declarava-se disposta a pagar os dias da gréve, bem como os referidos 50 0|0 ou seja atender as reclamações apresentadas pelo seu pessoal.

O que se vê é ter havido qualquer mal entendido ou *equivico*, como agora é vulgar dizer-se, de que resultou não estar ainda solucionado o incidente, não circularem os carros, e o publico continuar a ser prejudicado com a falta de transportes.

E parece que a questão não se resolverá tão rapidamente como os habitantes da capital desejam, não podendo portanto os carros trabalhar senão de segunda feira em diante isto no caso de não sobrevirem quaesquer novas complicações, aliás naturaes n'um paiz em que o imprevisto e o inverosimil são pechos vulgares.

O mais curioso é que nas estações oficiaes nada hoje se sabia da solução do incidente que se arrasta ha já 28 longos dias, ninguem sabendo explicar em que pé se encontra a questão. Apenas os grevistas continuam trabalhando com metodo, diga-se em abono da verdade. Voltaram eles a reunir hoje, pelas 14 horas, na séde da sua Associação de classe, á Esperança, sendo a mesa constituida pelo sr. Carlos Fortes, que ocupava a presidencia, sendo secretariado pelos srs. Pascoal Soares Peres e Artur Joaquim Lopes.

Todas as salas, bem como as escadarias e os passeios da rua fronteiros á Associação se encontravam completamente apinhados, reinando em todo o pessoal da Carris a maior animação. Usou da palavra em primeiro logar o presidente, sr. Carlos Fortes, que se ocupou da noticia a que acima nos referimos, da autoria do governo e que foi publicada num jornal da manhã de hoje, a qual em seu entender deve ser desmentida formalmente para honra da classe. Trata-se da desistencia dos 50 % por parte do pessoal o que não representa a expressão da verdade, diz o orador. As reclamações dos grevistas manteem-se integralmente, não desistindo eles das regalias que, tendo-lhes sido concedidas, depois lhes foram abrutamente retiradas.

O sr. Rodrigues Joaquim Calçada é de opinião que tal noticia seja imediatamente desmentida e aconselha todos os colegas a continuarem unidos e a não se deixarem arrastar pelos camaradas traidores. Na mesma ordem de ideias falam os srs. Alfredo Roldão e Manuel Rolo, os quais se insurgem contra o facto de varios camaradas se terem apresentado fardados na estação do Arco do Cego, atendendo assim ao chamamento do expedidor Marques Pinto, quando afinal o *comité* da greve não tinha ainda dado instruções n'esse sentido.

O sr. Manuel Carvalhais ataca o expedidor Marques Pinto que está procedendo irregularmente procurando trair a classe, como já fez d'outras vezes, para conseguir assim ser nomeado fiscal da companhia.

Pelas 15 horas foi lido na meza um comunicado do *comité* central em que se aconselha coragem, pois a vitoria não se fará esperar, e em que se diz não ser verdade que o conflito se encontrava já solucionado e tanto que a comissão de melhoramentos não fôra chamada ao Governo, apesar de se afirmar que o pessoal prescindira dos 50 0|0. Foi um *truc* que não deu resultado e para evitar outros *trucs* aconselha o mesmo comunicado que o pessoal vigie de perto as estações de Santo Amaro e Arco do Cego, para desfazer a propaganda que alguns traidores estão fazendo. O comunicado termina aconselhando a que ninguem retome o trabalho sem que o *comité* central assim o ordene.

Foi depois lido um aviso do mesmo «comité» determinando ao pessoal para votar ao maior despreso os ajudantes de expedidor no Arco do Cego e especialmente um deles de nome Raul Marques, que pode ser considerado um verdadeiro traidor, bem como os revisores Trindade, Martins e José da Silva, *O desdentado*.

O sr. Santos Junior apresenta em seguida uma moção concebida nos seguintes termos.

«Considerando que o pessoal da Carris de Ferro se encontra disposto a reagir e arcar com todos os obstaculos que inesperadamente lhe entravam a marcha gloriosa do triunfo;

Considerando que a reunião demonstrada pela classe é a prova bastante do triunfo;

Considerando que individuos pouco escrupulosos andam pondo em campo artimanhas para desvirtuar o movimento;

A assembleia geral magna hoje reunida resolve pôr de parte todos os boatos tendenciosos e só retomar o trabalho quando o seu «comité» central em nota oficiosa assim o determine».

Tanto o comunicado do «comité» como a moção acima foram aprovadas por unanimidade, ouvindo-se por toda a sala vivas á greve do pessoal da Carris, correspondidos com extraordinario entusiasmo.

Falou depois o sr. Armando Martins, da comissão de melhoramentos, o qual pediu á autoridade presente que, em vista da noticia tendenciosa que o governo fez publicar n'um jornal da manhã, informe o governador civil para este por seu turno esclarecer o sr. Ministro do Interior, que o pessoal se encontra hoje reunido como ha 10 ou 12 dias. Os grévistas não aceitam a conciliação entre o governo e a Companhia sem que a sua comissão de melhoramentos seja tambem ouvida. Ela discutirá o caso e só depois os grévistas poderão resolver se sim ou não devem retomar o trabalho.

O orador ataca vivamente o *amarelo* Trindade bem como outros que pretendem trair o movimento, aos quaes aconselha prudencia e moderação evitando-se assim qualquer scena sobremaneira grave e desagradavel. Para evitar qualquer surpresa, o orador pede á mesa que nomeie comissões de vigilancia para as estações de Santo Amaro e Arco do Cego, e termina aconselhando ordem, união e disciplina, pois que só com esses factores se conseguirá a victoria final, a qual não tardará muito, pois que a Companhia já preparou as suas coisas para conseguir a verba de 400.000 escudos, para poder atender as reclamações dos seus operarios.

O orador ainda dá explicações á assembleia, á qual participa que, quando hontem disse que o conflito estava solucionado e só faltava a publicação do acôrdo no *Diario do Governo*, isso lhe fôra comunicado oficialmente pelo director da companhia, engenheiro sr. Freire de Andrade. A comissão de melhoramentos em face da noticia governamental inserta nos jornaes vae ainda hoje procurar o sr. presidente do ministerio para inquirir o que ha de verdade sobre a desistencia dos 50 0|0 e pede portanto aos grevistas para que não abandonem as salas até que a referida comissão volte com uma resposta.

Mais uma vez aconselha á classe união e firmeza, pois não ha motivos para receios tanto mais que os carros não sairão das estações senão quando os grevistas queiram. Haja em vista o que sucedeu ha dias quando um soldado procurou timonar um electrico. Este incendiou-se, mas não andou, sendo necessario chamar alguem entendido no caso, para evitar que os carros ardessem todos.

Ora este carro, diz o orador, cumpriu o seu dever. Preferiu ficar queimado e não andar, devendo esse exemplo ser seguido por todo o pessoal da carris.

Estas declarações despertam a mais franca hilaridade na assembléa.

Uma bomba abandonada

O menor de 12 anos João Ferreira residente na Travessa do Pó de Ferro 24, entregou á policia uma bomba de dinamite que achou entre o lixo na rua 24 de Julho.

Serviços da Assistencia Publica

Foi para o *Diario do Governo* o regulamento da colocação de menores na Tutoria Central da Assistencia.

Foram agregadas á grande comissão encarregada de proceder ao estudo da reforma dos serviços de assistencia publica, os srs. dr. Antonio Maria Pereira Junior e José Francisco Grilo.

Vinhos tintos do Porto

O director geral do comercio agricola, sr. Joaquim Belford oficiou ao sr. Luiz Cierco, secretario da Camara Portugueza de Comercio em Paris agradecendo em seu nome e no dos viticultores da região duriense e dos respectivos exportadores os relevantes serviços por ele prestados na justa defesa do credito dos vinhos tintos do Porto.

Professores agregados dos liceus

Treze concorrentes a lugares de professores agregados dos liceus, cujo concurso foi aberto em 8 de maio ultimo, devem legalisar os respectivos documentos no praso de 5 dias, na direcção geral do ensino secundario, onde foi aberto novo concurso por 30 dias para iguais cargos.

Reclamações coloniaes

NOVO REDONDO, 18.—A Associação Comercial, Industrial e Agricola manifesta o seu completo desagrado por vêr desrespeitados os principios da democracia em que assentam as nossas instituições, que dão ao povo o direito de escolher os seus dirigentes, mantendo o seu desejo governador do Quanza Sul o capitão Santos Junior. (a) Associação Comercial.—(Havas).

Marinha de guerra

Vindo do norte, entrou hoje no Tejo o submarino portuguez *Golfinho*.

VIDA SPORTIVA

Automobilismo

Provas de automobilismo e camions —um programa colossal—As adesões

Chegou agora o momento do bi-semanario «Os Sports» começar a desenvolver a sua actividade, cumprindo no mesmo tempo o programa que traçou, mercê do bolo acolhimento que tem sempre tido.

Seguindo o exemplo de todos os jornaes modernos do estrangeiro «Os Sports» elaborará dentro em pouco um calendario de provas para amadores e outras para profissionaes.

Fará disputar um torneio de foot-ball entre «teams» de 1.ª categoria uma grande prova ciclista em estrada, um torneio d'armas, um campeonato infantil de sports atleticos provas automobilistas etc. Tudo isto pouco a pouco irá tornando publico ainda que não possa precisar desde já as suas datas.

Hoje já podemos falar das duas primeiras provas: automovel e camion que nos fins de setembro te rão realisação, tendo já chamado a si conhecidos automobilistas afim de se elaborarem todos os regulamentos e condições d'estas provas.

Em virtude do decreto ha pouco posto em execução, a falta de automoveis tem-se sentido no nosso mercado, mas ao contrario, o camion está atingindo um desenvolvimento enorme.

Hoje existem já no mercado centenares de marcas e todas elas se anunciam como boas, como melhores mas a verificação da afirmação feita pelos seus representantes vae agora ter execução.

E' a primeira vez que no nosso paiz se realisa uma prova de camions, porque só o «camion» começa a ser comprehendido como um verdadeiro transporte mais economico etc.

Pois é uma prova-destas que o jornal «Os Sports» vae realisar e está detalhadamente estudando tudo quanto a ela se relaciona.

Tambem e possivelmente no mesmo dia se disputará uma prova automobilista a fim dos nossos amadores poderem apresentar os seus carros e com eles disputarem a marca que melhores vantagens dá para o nosso paiz.

Temos já a adesão de inumeras casas, o que garante o exito que «Os Sports» espera alcançar.

A. de C.

BOX

Os combates internacionaes

E' já amanhã pela 23 horas que no «Salão Foz» se realisa o primeiro combate de box, da serie que ali se vae efectuar, entre o nosso campeão profissional Silva Ruivo e o americano Holl-Bill.

Justifica-se o interesse que reina no nosso meio, visto tratar-se de combates verdadeiros, pondo portanto, em jogo o nome dos boxeurs. Cada um defende-se e, a defeza está em batalhar até derrotar. Os combates serão de 6 «roundes» de 3 minutos com um descanço.

O arbitro, cronometrista e Juri será organisado por conhecidos sportsmen que gentilmente a isso se prestam dado o valor dos combates.

José Leslie e Faustino Pereira tambem farão um combate mas até agora nada está assente definitivamente.

As corridas do Stadium

No proximo domingo não se realisam no Stadium corridas, em virtude da falta dos meios de transporte.

No dia 5 de Setembro deverá reabrir com um programa bom.

Raposo e Cristiano farão uma prova de fundo com dois conhecidos motociclistas.

O corredor americano «Nelson» já se encontra entre nós e vae iniciar os seus treinos.

HIPISMO

O concurso da Figueira

Nos dias 6, 8, 10 e 11 de Setembro realisa-se na Figueira da Foz o concurso hipico internacional com as seguintes provas:

Dia 6.—«Prova Luzitana» (civil e militar, 12 obstaculos e 380 escudos de premios.

Dia 8.—«Grande prova militar», 10 obstaculos e 290 escudos de premios; «Prova Fontalva»; 13 obstaculos 230 escudos de premios e «Amazonas».

Dia 10.—«Grande Premio da Figueira», 15 obstaculos com 1.110 escudos de premios «Discipulos» com 8 obstaculos objectos d'arte e laços de premios.

Dia 11.—Prova alter e Taça Xavier d'Almeida.

NATAÇÃO

Travessia do Porto

A importante corrida de natação, Travessia do Porto realisa-se no dia 12 de Setembro. Ao que parece, alem dos nadadores de Lisboa e Porto concorrem alguns campeões francezes.

Noticiario

Na reunião que serealizou na segunda feira passada na Associação Naval de Lisboa, foi resolvido não efectuar as regatas de vela em Cascaes no dia 5 de setembro, como estava projectado.

—Parece que o 1.º «team» do Sport Lisboa e Benfica vae ao Funchal.

—Continua animada a classe de luta grego romana do Gymnasio Club Portuguez, obsequiosamente dirigida pelo professor sr. Claudio d'Oliveira.

—No domingo continuam os jogos de water-polo na doca de Alcantara com o seguinte programa:

«Taça Gloria»—2.ª categoria.—1.º desafio, ás 16 1/2 —S. A. D. contra A. N. B. arbitro; João Formosinho.

2.º desafio, ás 18.—C. P. A. C. contra N. L. arbitro: José Simões.

«Taça Carlos Moura»—1.ª categoria.—1.º desafio, ás 17 1/2—S. A. D. contra G. C. P. arbitro: Henrique Teles.

2.º desafio, ás 18—C. P. A. contra C. N. L. arbitro: Eugenio Ricardo.

—Fundou-se um novo club com o nome de Sport Central Lisboa, com séde na rua Fernandes Tomaz, 19, 1.º Esq. Tendo reunido os fundadores em assembleia geral, foram eleitos para os corpos gerentes: Assembléa geral: Presidente, Carlos Lourenço; secretarios, José Fernandes Fortes e Manuel Patricio Soares. Direcção: Presidente, José de Carvalho Ferreira; secretario, José Maria da Cunha Alves; tesoureiro, Augusto Anselmo da Cruz; vogaes, Luiz Vicente Nunes e Joaquim Manuel Pereira. Conselho fiscal: Presidente, Raul Soares Coronel Pessoa; secretario, José Luiz Vieira; relator, Antonio Esteves.

Os fins d'este club são: o desenvolvimento de diversos ramos sportivos entre os seus associados.

Realisou-se uma assembléa geral extraordinaria para a nomeação do conselho tecnico, que ficou assim constituido: Presidente, Antonio Mattos; secretario Augusto Matos; secretarios Antonio F. M. Xavier de Brito e Carlos Lourenço.

Os estatutos já foram aprovados, assim como o regulamento para a concessão das medalhas para os socios. Tambem já principiaram as aulas de ginastica, sob a direcção do sr. Carlos Lourenço, e os treinos de «foot-ball».

A inscripção para novos socios encontra-se aberta todos os dias na sua séde, das 20 ás 23 horas.

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Pela snr.ª D. Cecilia Morris de Resende Freitas Oliveira Lima e seu esposo, o capitão de fragata, Sr. Luiz Constantino Lima, foi pedida para seu filho, o alferes de infantaria sr. Joaquim de Freitas Oliveira Lima a snr.ª D. Maria Margarida Llansol Matamouros Nunes, filha da snr.ª D. Isabel Maria Isaac Llansol Matamouros Nunes e do capitão da guarda republicana sr. Eduardo Augusto Cordeiro da Cruz Nunes.

FALECIMENTOS

Com 39 anos faleceu o sr. Antonio Maria Saraiva, muito estimado pelas suas excelentes qualidades de caracter e socio da firma comercial A. Bastos Limitada, sucessora da antiga casa Antonio Vasques.

O funeral realisa-se amanhã, ás 16 horas, da egreja de Santa Isabel para o cemiterio dos Prazeres.

Federação Nacional das Cooperativas

A reunião de delegados em que a direcção da Federação vae expor o que foi tratado com o chefe do governo e com o comissario dos abastecimentos sr. Alvaro de Lacerda, e á qual todas as cooperativas do paiz devem enviar delegados, realisa-se no domingo, pelas 13 horas, no Associação do Registo Civil, largo do Intendente, 45-1.º.

TOURADAS

Algés.—Realisa-se depois d'amanhã mais uma corrida de risota permanente e de gargalhada irreprimivel. A empreza, buscando sempre novidades de interesse, poz em scena uma parodia á salvação de Lygia no circo de Roma, a conhecida passagem do celebre livro «Quo Vadis». O certo é que nada faltará, nem mesmo uma Lygia amarrada ás hastes da fera e salva pelo valente Ursus.

Outro intermedio comico faz parte do espectaculo: «Os cavaleiros mirabolantes», sendo o cartaz completado por um grupo de arrojados bandarilheiros principiantes, pelo cavaleiro do Cacem, José Gomes, por um rijo grupo de forcados e por alguns bandarilheiros de alternativa e praticantes, que auxiliarão a lide.

NOTICIAS DA CAPITAL

A serie diaria.—Foram presos: Sabino Antunes, rua de S. João da Mata, 76, 3.º; Francisco Gomes Gonçalves, Casal do Evaristo, e Henrique Augusto Leal, rua do Salvador, 50, 2.º, por terem furtado latas com atum no valor de 80 escudos a Manuel Gomes Barroso, rua de S. Julião, 72; Augusto da Fonseca, rua da Judiaria, 12, 1.º, em Almada, por ter furtado a 31 de julho findo ter furtado na estação do Terreiro do Paço uma mala com roupas e outros artigos no valor de 1.000 escudos, pertencente a Maria das Dores Tavares, rua de S. Paulo, 7, 4.º; Antonio de Oliveira, pateo do Badinho, 2, por ter subtraido dois chapeus para senhora no valor de 60 escudos, a Izidra Rice, rua Tomaz da Anunciação, 169, 2.º.

Queixaram-se: José Henriques Ferreira, pateo Maria Alves, 3, ao Beato, de que pelo processo do «conto do vigario» o burlaram em 500 escudos, e Fernanda Ribeiro Ferreira, rua João Crisostomo, 37, de que lhe furtaram roupas e outros objectos no valor de 800 escudos.

Atestado perdido. Na escada da nossa redacção foi encontrado um atestado de vacina passado pelo sr. dr. Manuel Augusto de Lacerda a David Marques Pereira, que o pode vir reclamar aos nossos escritorios.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

O Automovel — Desta publicação quinzenal, editada pela firma Vaquinhas & C.ª, Limitada, e de que é director o sr. Jorge de Castilho, recebemos o numero 9.

O Mutilado—Recebemos e agradecemos o numero 3 deste jornal, dirigido pelo sr. Alberto Baptista Alves e criado para defeza dos mutilados e estropiados da guerra portuguezes.

O cartaz de hoje

Nacional, ás 21,15, «A Castro».

Politeama, ás 21,30, «Pele Nova».

Trindade, ás 21,15, «Chá e torradas».

Ginasio, ás 21,15, «O A's».

Avenida, ás 21,30, «Amor em pó».

Apolo, ás 21,15, «Risos e Flores».

Coliseu dos Recreios, ás 21, «Variedades».

Salão Foz, ás 21 «Variedades».

Olimpia, Animatografo e concerto.

Salão da Trindade, Animatografo.

Cinema Condes, Animatografo e concerto.

Salão Central, Animatografo e concerto.

Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.

Chantecler, Animatografo e fitas faladas.

O governo dos "soviets,, em perigo

O general Wrangel amplia as suas operações

Os ultimos comunicados bolchevistas noticiam serios combates no sector denominado «da Criméa» contra os exercitos de Wrangel e os radiotelegramas de Moscou teem assinalado por diversas vezes o perigo que para os «soviets» constituem os exitos do governo da Russia do sul.

Depois de ter varrido por completo da Criméa as tropas bolchevistas, ter ahi instituido uma administração democratica sobre a base dos zemstvos e distribuido as terras aos camponezes, o general Wrangel amplica as suas operações para leste na direção do Don, e, para noroeste, na direção do Dnieper.

O primeiro movimento teve um rapido exito. Berdiansk, Marinpol, Taganrog, Rostav, cairam sucessivamente nas mãos de Wrangel, devido ao apoio que o general encontrou da parte dos cossacos do Don, do Kouban e do Terek da sua luta contra o bolchevismo, devido igualmente á concentração das tropas vermelhas contra a Polonia.

O avanço continuou em seguida sobre o Don e o Donetz e as ultimas cidades tomadas aos bolchevistas foram Konstantinovrkaia e Alexandrovsk—Grouchewsko. O general Wrangel está hoje senhor dos ricos territorios productores de trigo do sul da Russia e d'uma parte da bacia hulheira do Donetz, quê produsia antes da guerra trinta e sete milhões de toneladas e que, não se deve esquecel-o, está mais perto de Marselha do do que a bacia do Ruhr.

A oeste, o chefe do governo da Russia meridional estendeu a ala extrema ao longo do Dnieper inferior, e, apesar dos violentos ataques dos bolchevistas, poude alcançar Cherson, Alechki, Berislav, Soriechov e Alexandrovsk.

E' sobre esta frente que os vermelhos fazem o mais energico esforço, porque o seu objectivo é separar os exercitos Wrangel da Criméa e chegar a Perekop, no istmo do mesmo nome. Essa ofensiva dos «soviets» até hoje não obteve exito, visto que Wrangel está hoje de posse do toda a Taurida.

A colaboração que lhe trouxe o akraniano Makhno e o apoio que lhe prometeram os cossacos do Don e do Kouban aumentaram extraordinariamente as suas forças militares.

Será d'esta vez que a Europa se verá liberta do pesadelo bolchevista russo?

A CAPITAL no Porto

Encontra-se á venda na tabacaria Africana, rua 31 de Janeiro, e nos seguintes kiosques: Carmo, Hospital, Carlos Alberto, Chiado, Santo André, S. Lazaro, Tiburcio, Pavão, Passos Manuel, Pintasilgo, Marquez de Pombal e Conde Ferreira.

Agua da Foz da Certã

A Agua mineromedicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios;—nas preversões digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.;—no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Alem d'isso, gosa de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, o Vibrão cholerico em pouco tempo n'ela perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

EM VERDUN

A visita dos "Cavaleiros de Colombo,,

Como se sabe, os «Cavaleiros de Colombo» estão em França a fim de visitarem os cemiterios onde repousam os seus compatriotas, os norte-americanos que tomaram parte na Grande Guerra. Ao mesmo tempo vão em peregrinação ás cidades e regiões que foram devastadas pelos novos hunos.

«As nossas bocas, até aqui, tinham aclamado; as nossas mãos tinham aplaudido, os nossos olhos tinham chorado; mas, agora, os nossos olhos crispam-se.»

Taes foram as palavras que James Flaherty, o chefe supremo dos Cavaleiros, proferiu quando, do alto da praça da catedral, se lhe depararam as ruinas de Verdun.

E com efeito os punhos dos Cavaleiros crisparam-se quando o seu longo cortejo penetrou na cidade, inviolada, mas destruida; os punhos crisparam-se-lhes quando entraram na catedral para ouvirem entoar um *De profundis*, emquanto uma fina chuva caía, atravez o tecto arrombado. Os punhos crisparam-se-lhes ainda quando, de tarde, subiram a encosta de Douaumont e avistaram o panorama horrivel e sagrado e que os seus olhos distinguiram, na terra removida de fresco d'um atolho, algumas ossadas.

Em volta da grande cruz de madeira que indica o local do futuro ossuario, reuniram-se, de cabeça descoberta, formando circulo, e um dos seus capelães, o vigario geral de Galveston, disse com simplicidade:

—Meus amigos, é aqui que quatrocentos mil francezes morreram para salvar as vossas vidas e a minha e alguma coisa de mais precioso ainda que as nossas vidas: a civilisação do mundo. Concentrem-se e escutem a voz do grande soldado que vae contar-lhes a tragedia.

O marechal Pétain, que estava presente, tomou então a palavra e, com voz clara e tranquila, fez a exposição de toda a batalha, desde 21 de fevereiro até 10 de dezembro de 1916.

Com a bengala, indicava os outeiros cujo nome hoje é imortal. Douaumont, Haux, Voux Mort-Homme, cota 304, e, frase por frase, o coronel de Chambrun tradusia o que o marechal disia.

No fim da sua exposição, a voz do marechal animou-se:

—E' a gloria dos soldados de Verdun—disse ele—que prestará homenagem o monumento cuja primeira pedra vamos lançar. Colocado no centro dos sectores ocupados pelos nossos exercitos, edificado em parte por mãos americanas, dirá o esforço admiravel feito pelos Estados Unidos e será o simbolo da amisade indissoluvel que une os nossos dois povos. Sobre esta colina d'ora avante sagrada se levantará este monumento simples e sobrio como a alma do soldado, vasto e nobre como a grandeza do sacrificio, imperecivel como a recordação dos herdes de Verdun.

Não houve resposta. Apenas um cavaleiro, entre a multidão imovel, disse em voz alta:

—Diremos a nossos filhos o que vimos, para que eles o repitam a seus filhos.

Depois, um a um, os Cavaleiros, silenciosamente, desfilaram perante o marechal apertando-lhe todos a mão, antes de se meterem nos seus autos, para se dirigirem ao cemiterio americano de Rogagne.

Como se curam certas doenças

E' a impureza do sangue a causa principal que origina e faz estacionar a doença Combater a causa é o tratamento mais racional e proveitoso que o doente pode fazer. A syphilis, o rheumatismo, escrophulas, tumor e eczemas seccos e humidos, as doenças do utero e ovario, muitas doenças dos olhos, etc., curam-se sómente pela expulsão de toxinas contidas no sangue. E' o depurativo Dias Amado (Antonio) não conhudir, o unico preparado que ha perto de vinte e cinco annos tem feito milhares e milhares de curas d'este genero de doenças. O verdadeiro depurativo o unico que está registado é o de Antonio Dias Amado.

Deposito geral—Farmacia Luso-Brazileira, praça de S. Paulo, 20 e —22. Telef. 1667.

ULTIMA HORA

Os atentados sindicalistas

Uma prisão

Na rua de S. Bento, foi hoje preso o pedreiro Guilherme Loureiro, morador no pateo da Batalha, 2, que estava fazendo a apologia do atentado contra o sr. dr. Felix Horta.

O director da policia de segurança do Estado vae enviar ao sr. ministro da justiça um relatorio em que se queixa de que, estando sob rigorosa incomunicabilidade, na cadeia do Limoeiro, o preso Manuel Vieira, auctor do atentado da rua Primeiro de Dezembro, ele tinha conseguido fazer sair correspondencia para varias pessoas.

Não se comprehende tal facto e contra ele protesta esse funcionario.

A montureira da rua 24 de Julho

Continuou hoje a ser removido o lixo que ha dias se acumula na rua 24 de Julho, mercê da recente gréve maritima.

A remoção fez-se para a outra banda do Tejo em barcos, sendo agora menor a montureira, urgindo que tal espectaculo desapareça de vez, para que os estrangeiros que nos visitam não tenham a impressão de que se encontram em Marrocos.

A provincia n'A CAPITAL

PRAIA DA ROCHA, 26.—Regressaram de Lisboa, D. Maria Agueda e João Monteiro Mascarenhas.

—O casino abre no dia 29 do corrente, em que se espera grande animação; um belo quarteto de Freire abrilhantará durante a temporada.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3619 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabado, 28 de Agosto de 1920

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

O assalto á "Batalha,,

Na noite de hontem foram os moradores da calçada de Combro sobresaltados com o assalto dado á redação de *A Batalha*, onde, segundo referem os jornaes da manhã, chegou a penetrar um grupo, que tentou empastelar a tipografia dêsse jornal.

Somos contra todas as violencias e, por esse motivo, não podemos deixar de condenar a que se pretendeu levar a efeito. Acima de todas as paixões, de todos os resentimentos que possa haver, devemos colocar os principios, e esses, por forma alguma, aconselham, quanto mais podem permitir semelhante atentado contra a livre expressão do pensamento. Ha uma lei de imprensa. Quando um jornal ou um jornalista prevarica, chame-se á responsabilidade e seja julgado em conformidade com essa lei.

Este, e só este o caminho que deve ser seguido. Em harmonia com este modo de pensar, repelimos qualquer especie de solidariedade com os assaltantes.

Mas, assim como repelimos a solidariedade com aquelas que assim procederam, tambem, dizemol-o com toda a lealdade e franqueza, não somos, nem queremos ser solidarios com *A Batalha*, que assumiu, na questão que deu origem ao que se passou hontem, uma atitude que está em contradição com os principios que ela propria defende.

E' necessario, é indispensavel que quer na imprensa, quer em conferencias, seja onde fôr emfim, se ponha acima de tudo os principios e se não pregue a politica do odio e da vingança, que nos arrastará a resultados para todos funestissimos.

UM PROBLEMA GRAVE

O abastecimento d'agua

vae ser restringido

Espera-se que na proxima segunda-feira apareça redigido e prompto o novo decreto restringindo em Lisboa o consumo da agua da Companhia, e afirma-se que, n'esse mesmo dia, o referido decreto irá com todos os sacramentos para o *Diario do Governo*.

Já tinhamos restrição de tudo. Vamos ter mais a restrição da agua. Lisboa, com os seus 800.000 habitantes, era já uma cidade quasi sem higiene. Passa a ser de facto uma cidade porca. Não temos balnearios. Lisboa não tem o habito de se lavar. Agora passa a não se lavar oficialmente. Na maioria das casas da cidade o gasto mensal não ia alem de 2.m3. N'uma minoria insignificante iria aos 5.m3. Talvez 2 ou 3 por 1000 gastariam coisa que se visse. E isto é assim, e não podia deixar de ser assim porque a Companhia não tem agua. Chegando a junho a agua diminue. Em julho a sua distribuição é já precária.

Em agosto e setembro é um pavôr!

Quem escreve estas linhas móra n'um ponto alto da cidade, mas não dos mais elevados. Desde julho que a agua lhe falta durante o dia e já durante este mês esteve tres dias sem gota d'agua no contador. Actualmente a agua aparece depois das 19 horas e quando chega ás 8, o maximo ás dez horas da manhã, já não ha agua. Hoje pouco depois das 8,30 não havia uma gota sequer que pudesse sahir da esfingica torneira do contador de pressão.

Note-se que se trata d'um rez-do chão. Nas casas que tenham mais andares e mais inquilinos o drama sobe de ponto. Como é que se pensa, n'estes termos, n'uma maior restrição de agua á cidade de Lisboa?

Ha baboseiras tão criminosas que a gente até sente repugnancia em as escrever.

Lá fora, pode faltar tudo. A agua sobeja sempre. No Rio de Janeiro a agua abunda em todas as casas, em todos os bairros, em todos os jardins, em todas as praças publicas. S. Paulo tem agua á farta. A cidade de Santos é uma das mais bem fornecidas de todo o mundo, agua finissima arrancada ás vertentes da Serra do Mar, que lhe fica proxima. A sua distribuição faz-se profusamente á razão de 400 litros de agua por habitante, o que dá mais de 20 milhões por dia, alem de milhão e meio a dois milhões para lavagens e exgôtos! E basta dizer-se ainda para reforço das nossas opiniões, que o edificio apontado em Buenos Aires á curiosidade de todos os forasteiros é o das *Aguas Corrientes* com os seus filtros monstros nas zonas de distribuição, com os seus innumeraveis depositos com capacidade para 145,022.m3 de agua!

E Lisboa? Em Lisboa é o que se sabe. Ninguem tem uns depositos exiguos, e tem sobretudo um abastecimento criminoso.

Não ha agua. O Deposito de Fardamentos ardeu por falta de agua. A fabrica de Moagem deSanto Amaro é hoje um montão de ruinas por falta de agua. Mas para remediar isto tudo o que vae fazer-se? Restringir um consumo que é quasi uma *blague*. Um consumo que já de si está restringido ao minimo!

E' justo? E' humano? E' racional isto? Não é!

Lisboa é das cidades do mundo uma das mais fartas do precioso liquido. As vertentes da Senhora do Monte, do Castelo, da Graça, de S. Pedro de Alcantara, da Madragôa e da Ajuda são ricas e abundantes d'agua. A agua, abra-se-lhe um furo onde se abrir, jórra em caudaes preciosos.

Agua optima, finissima.

Mas ha mais. Toda a cidade está cheia de póços dos quaes apenas um se conserva aberto ao publico—o do Borratem.

Naquela mesma linha, que nós nos recordemos agora ha pelo menos mais oito e não é crivel que sendo uma optima, potavel, a dos outros seja má, salôbra.

Nas encostas da Graça, do Castelo, na Madragôa, em Alcantara, ha póços. Uns d'agua intragavel? E' possivel. Mas a maioria d'agua finissima. Ha dois mêses uma casa que custou ha quinze anos quatro contos foi vendida por quaronta. Razão: o ter um pequeno quintal com poço d'agua nativa, purissima, deliciosa.

Toda a Tapada da Ajuda está cheia de agua, a melhor talvez de toda a cidade de Lisboa. A agua da Feliteira tem fama. A da Estrangeira de Cima é procurada.

Ora, sendo isto assim, supomos nós que a titulo de experiencia, a titulo provisorio, se devia pensar, em vez de decretos de restrição, em aproveitamento de toda essa agua, completamente perdida para o consumo publico.

Custava dinheiro isso? Mas era um dinheiro utilmente gasto, era um dispendio que toda a cidade comprehendia e aplaudia. Em tempos aventou-se a ideia duma grande cisterna de distribuição para regas, no Parque Eduardo VII. Em que ficaram esses projectos?

Enfim, quere-nos parecer que enveredamos por mau caminho. Restringir uma coisa que já não existe parece-nos mau processo. E desde que Lisboa tem agua por todos os cantos o que haveria de melhor a fazer era aproveital-a.

Pérdia com isso a Companhia? Engano. Agua a jôrros para o publico. De graça. A' vontadinha. E quem a quizesse em casa, sem trabalho nem canceiras de maior que a pagasse.

Tudo o que não seja isto, é, salvo melhor opinião, disparate.

Disparate, e disparate grôsso. Veremos... e falaremos depois.

Os serviços dos Transportes Maritimos do Estado

Sem comentarios, porque o leitor, melhor do que nós os fará, damos a seguinte carta que a casa Raul Vieira, Limitada, da rua da Prata, enviou á direcção dos Transportes Maritimos:

26 de Agosto de 1920 — Ex.mo Sr. Director dos *Transportes Maritimos do Estado* — Lisboa — Ex.mo Sr. — Em 16 de julho foram embarcadas no vapor *Santo Antão* pela casa Roren & Vaternan, de New-York, 3 caixas com pneumaticos destinados á nossa casa.

São decorridos 41 dias, e pela secção respectiva, foi-nos informado que o vapor ainda se encontrava em New-York.

Depois d'essa data, recebemos diversa mercadoria embarcada posteriormente pelo *Abianst* e pelo *Roma*.

Telefonámos hoje para esses serviços, e depois de muito solicitarmos, obtivemos que alguem fizesse o obzequio de nos informar sobre o vapor acima citado, sendo-nos respondido que o mesmo se encontrava em New-York, não se sabendo quando regressaria.

Não sendo admissivel que as mercadorias se conservem tão largo tempo a bordo do vapor cujas carreiras sejam tão irregulares avisámos a pessoa com quem estávamos falando, de que nos via-mos forçados, bem contra nossa vontade a dizer ás casas nossas correspondentes da America do Norte de que se abstivessem de efétuar quaesquor embarques em vapores dos Transportes Maritimos, pois não podiamos ter as mercadorias indefinidamente a bordo.

Foi-nos respondido em tom de chacota de que *bem nos ralamos nós com isso*.

Se o serviço dos Transportes Maritimos do Estado, fôssem propriedade de qualquer empreza particular, nada teriamos a acrescentar a resposta irónica que nos foi dada, porem, como portuguezes que sômos, protestamos contra o cahos d'esses serviços e contra a resposta incorrecta que recebemos, obrigando-nos contra o nosso dever de patriotas, a ordenar a casas estrangeiras que não embarquem nos navios que são propriedade do Governo Portuguez, e não de meia duzia de individuos que não teem a consciencia da gravidade que representa para o bom nome do nosso paiz, uma ordem dada por casas portuguezas contra os vapores do Governo do seu proprio paiz.

Sem outro assunto, nos subscrevemos com toda a consideração de V. etc. — *Raul Vieira, Limitada.*

RUSSOS E POLACOS

Como foi planeada a batalha do Marne polaco

O plano do general Weygand fez obter ao estado maior polaco uma surpresa estrategica e tactica, que decidiu da victoria

O correspondente especial do *Excelsior* em Varsovia descreve do seguinte modo o plano da batalha que salvou a Polonia do jugo bolchevista:

No momento em que se desencadeava a grande batalha do Vistula, que devia decidir da sorte de Varsovia e do futuro da Polonia, um dos mais reputados jornalistas polacos, o sr. Stronski, traduzindo eloquentemente o sentimento geral dos seus compatriotas, publicava no *Rzeczpospolita* um vibrante artigo intitulado: «O milagre do Vistula».

Os exercitos bolchevistas avançavam triunfantes e apenas se lhes podia opôr tropas polacas extenuadas e desmoralisadas pela longa retirada que acabavam de executar, desde Bérézina até Bug. O patriotismo ardente dos polacos fazia com que eles não desesperassem da vitoria. Os varsovianos comparavam a sorte da sua capital com a de Paris de 1914, e todos anciavam com ardor porque a batalha do Vistula fôsse para eles uma batalha do Marne.

A maravilhosa audacia dum dos nossos grandes chefes militares, a inteligencia, o patriotismo, a constancia, a bravura dos oficiaes e soldados polacos, auxiliados pela missão franceza levaram a efeito esse tão desejado milagre.

Assim que as disposições se tomaram para a grande batalha, os exercitos polacos encontravam-se alinhados atraz de Bug. A sua retirada de Bérézina, operara-se em linhas sucessivas e em virtude duma concepção estrategica bastante simplista. Qualquer ideia de manobra parecia estar abandonada pelo estado maior.

Logo que a sua linha se rompia, rapidamente se unia numa nova linha, sem tentar reagir a serio. Mas as tropas tambem se desmoralisavam com aquela retirada constante.

A grande dificuldade para o comando, no momento em que se travou a batalha de Varsovia, consistia em obter desse exercito desmoralisado que se batesse, mas, com a vontade inquebrantavel de resistir ao inimigo e vencê-lo: Foi o primeiro exercito encarregado de resistir a todo o custo na frente de Varsovia para permitir o desenvolvimento da manobra. Era precisamente esse o exercito mais fraco, o regimento mais cansado, o mesmo que no Duna havia sido batido pelos bolchevistas e cujo recuo precipitado havia arrastado todos os outros regimentos.

O estado-maior polaco, até ali, contentara-se com uma contra-ofensiva contra Budienny na frente sul, na esperança de que uma vitoria, que, naquela região seria mais facilmente obtida, poderia tornar os «soviets» menos exigentes no momento em que já se falava em armisticio. Mas a contra-ofensiva no sul não tinha dado os resultados que se esperavam e os «soviets» queriam demorar as negociações até serem senhores de Varsovia.

Vejamos qual foi o tema da grande manobra que salvou Varsovia. Pode-se, já, sem inconveniente, falar a respeito dela.

O comando bolchevista, seguindo a concepção estrategica alemã, havia concentrado as suas divisões ao norte de Vaasovia, de maneira a atingir a região fortificada Varsovia-Modlin e a cortar o corredor de Dantzig.

Esse movimento envolvente devia isolar a Polonia, fazer cair Varsovia e destruir a ala esquerda polaca.

Mas para concentrar o grosso das suas forças ao norte de Varsovia, os «bolchevistas» tinham que limitar-se a deixar uma cortina de tropas na região de Brest-Litovsk.

Para executar a famosa contra-ofensiva do flanco que projectavam, o comando polaco e seus conselheiros franceses precisavam dum exercito de reserva; ora, era isso o que não tinham.

Criou um exercito, um maravilhoso golpe de audacia. Retiraram-se as tropas que se encontravam deante do *front* bolchevista de Brest-Litovsk e foram levadas, com o maior segredo e o mais rapidamente possivel, para a rectaguarda de Wieprz, na região de Ivangorof, a cem quilometros a sueste de Varsovia.

Essas forças constituiram o 4.º exercito, destinado ao contra-ataque. Mas, para as ter, era preciso fazer um vacuo na linha polaca defronte de Brest. Ora, o exercito bolchevista que operava nessa região, desconcertado por se encontrar deante duma brecha aberta, supoz que os polacos haviam fugido e tratou de ir lentamente avançando, em rasão das poucas forças de que dispunha.

Criou-se então, para a contra-ofensiva, e como fazendo parte do mesmo conjunto de manobra, um 3.º regimento, com divisões vindas do sul do Pripet e uma divisão ukraniana. Esse regimento foi colocado á direita do 4.º, na região de Chelm (Kholm).

Todos esses movimentos se executaram com a necessaria rapidez, mercê da extraordinaria velocidade da marcha polaca.

Quatro divisões estavam guardando o Vistula, entre Varsovia e Ivangorof, e ao nordeste de Modlni criava-se um quinto exercito.

* * *

O ponto delicado de todo o sistema era a frente de Varsovia, frente defensiva, mas confiada ao 1.º regimento, sobre a solidariedade de qual haviam duvidas justificadas pela sua atitude anterior.

Foi então que o papel dos oficiaes francezes foi capital. Tinham preparado o terreno e aberto trincheiras, onde instalaram as divisões esgotadas. Ao comandante de artilharia haviam adido um oficial francez. Essa artilharia, organisada com canhões de varias proveniencias, era comtudo poderosa, e a sua acção desconcertou os bolchevistas, que, desde o combate do Berezina, não haviam recebidos mais canhões.

Os bolchevistas ainda tentaram investir as posições que protegiam Varsovia. Mas o 1.º regimento tinha que vigiar durante o periodo critico de 12 a 16 de agosto. Agarrou-se ao terreno e dali não saiu. Os combates encarniçados tiveram logar deante de Radzymin, que foi perdido e retomado mais de seis vezes. Os soldados polacos estavam animados. Atacavam, com oficiaes á frente, com uma coragem magnifica, sem mesmo se deitarem perante o fogo de metralhadoras. Voltavam a ser os maravilhosos soldados que a historia celebrou.

Durante esse tempo, na noite de 15 para 16, o contra-ataque do 4.º regimento desenvolvia-se e a 14.ª divisão, partida de Ivangoro, chegava ao meio dia a Garwolin, depois de percorrer 45 quilometros. No dia seguinte encontrava-se deante de Novo-Mink, do que se apoderou no outro dia.

Em resumo, a audaciosa manobra dos exercitos polacos que neste momento continua a desenvolver-se com um sucesso crescente, pode definir-se nisto: emquanto o grosso das forças bolchevistas era contido deante de Varsovia pelo 1.º regimento, e castigado energicamente ao norte pelo 5.º regimento, via-se contra-atacado no seu flanco esquerdo pelos 3.º e 4.º regimentos polacos.

Segundo o plano do general Weygand, o estado-maior polaco obteve uma surpreza estrategica e tatica que lhe deu a vitoria.

Agora, Varsovia está salva e com ela a Polonia, e a moral do exercito polaco completamente levantada. Reconhece-se nessa bela manobra estrategica do exercito do Vistula a aplicação dos grandes principios que deram a vitoria aos exercitos franceses durante a grande guerra.

O seu maravilhoso sucesso acaba de provar, mais uma vez, a verdade destas palavras do general Foch:

—A vitoria é sempre de quem a merece pela sua maior força de vontade e de inteligencia.

Mutilados da Guerra

(Missões)

De bom grado me ocuparei hoje de um assunto a que o doloroso acontecimento da morte de um dos meus colaboradores dava oportunidade, se não fosse estar a escrever fóra de Lisboa e ter fóra de mão alguns elementos que precisava recolher. Ocupar-me-hei, por isso, de um outro assunto de importancia tambem e que diz respeito ás missões que ao extrangeiro se tem enviado por causa de questões relativas aos mutilados da guerra.

Essas missões, que teem sido varias, teem tido composição e fins diversos, foram missões uteis. No principio essas missões foram principalmente de estudo e delas resultou o aprendizado que se fez e o material e unidades de aparelhagem e tecnica, que se adquiriram, e de que d'alguns até pela primeira vez se falou em Portugal. Traços e documentos importantes de acção dessas missões se podem ainda ver nos Institutos de Arroios e Santa Izabel. O que ali se encontra é do melhor que havia e os aparelhos de prothese de tipo americano e os estudos, por exemplo, que se tem feito de exame de aparelhos dos membros inferiores pelo metodo grafico, demonstram bem que nos esforçámos e conseguimos, em certos ramos da assistencia aos mutilados, pôrmo-nos completamente ao par dos paizes em que mais longe se foi. Nestas missões, a que me estou referindo, trabalharam principalmente os drs. Tovar de Lemos e Formigal Luzes e a minha pessoa.

Por intermedio das missões que se mandaram ao extrangeiro se estabeleceram novas e uteis relações e se fez propaganda em favor do nosso paiz, tendo-se conseguido até que se realisasse em Lisboa uma reunião do «Comité», o que foi quasi de inteira e bem sucedida iniciativa do dr. José Pontes, a quem se devem notaveis trabalhos de propaganda.

A este tipo de missões pertence a que foi a Londres sob a presidencia do dr. Gomes Ribeiro, e a quem foi cometida uma delicada e patriotica missão, cujos espinhos e melindres tambem e tão bem experimentei.

No que diz respeito á intervenção das nossas missões em materia propriamente de politica dos mutilados, a nossa acção fez-se sobretudo sentir em Roma, onde poude, pela honrosissima situação que o destino me talhou de presidir ao «comité» permanente e ter sido relator oficial da questão das relações da Cruz Vermelha com o «comité», contribuir para que sem violencias se tomasse o rumo que se tomou e a que particularmente no referi no artigo sobre *Associação*.

Seria muito conveniente que o nosso logar na Conferencia se continuasse a afirmar e que logicamente ali agora tomasse logar, ao lado do delegado da escolha do governo, delegado ou delegados eleitos pelos mutilados, como se propoz e resolveu em Roma.

Place aux Associations de Mutilés, como na cidade eterna com exito se proclamou.

A. Aurelio da Costa Ferreira.

Funcionario que não é reintegrado

embora tenha saido ilibado da acusação que se lhe fazia e lhe sejam pagos os vencimentos

No nosso numero de 14 do corrente, chamámos a atenção do sr. ministro das colonias para o caso de ter, já ha mezes, dado entrada no seu ministerio o requerimento de um 2.º exoficial da Curadoria geral dos serviçaes e colonos da provincia de S. Tomé e Principe, pedindo a sua reintegração, sem que até hoje tenha sequer sido ouvido o Conselho Colonial.

Ampliando essa noticia, diremos que o funcionario em questão é o sr. Velho da Palma, que, em agosto de 1914, foi suspenso do exercicio do seu cargo por supostas irregularidades cometidas em serviço. Instaurado o respectivo processo disciplinar, foi, mais tarde, transformado em processo crime, pelo que respondeu esse funcionario no tribunal de S. Tomé, em 27 de fevereiro de 1919, sendo absolvido. A sentença foi confirmada por acordão do Tribunal da Relação de Loanda, com transito em julgado.

Ora, como dizemos, esse funcionario foi suspenso em agosto do ano de 1914, tendo seguido viagem, de S. Tomé para Lisboa, com guias passadas pela repartição competente e apresentando-se, após a sua chegada aqui, na 2.ª repartição do ministerio das colonias.

Exposta a sua situação ao então ministro das colonias, sr. Lisboa de Lima, e, ouvidas as suas reclamações, foi-lhe mandado abonar, nos termos da lei, metade do vencimento de categoria, até liquidação do caso.

Varias e inumeras vezes o sr. Velho da Palma procurou ir para S. Tomé, a fim de, definitivamente, liquidar a situação dúbia que, naquela provincia, alguem de má fé lhe creára. Inuteis foram os seus esforços. Só muito mais tarde, em 1918, ali foi, particularmente, tratar da sua situação.

Ao tempo já não era funcionario, porque, não tendo comparecido á chamada feita por um anuncio publicado no *Boletim Oficial* da provincia de S. Tomé e Principe, foi exonerado *por abandono de logar*.

Mas como podia esse funcionario ser exonerado por abandono de logar, se em Lisboa se encontrava oficialmente e percebia metade do seu vencimento de categoria?

Porque é que a publicação do anuncio se fez no *Boletim Oficial* da Provincia e não no *Diario do Governo*, em duas publicações seguidas, se *oficialmente* estava em Lisboa?

E como é que, depois de ilibado de toda a responsabilidade, não foi reintegrado no seu antigo logar, mas unicamente nomeado secretario interino da Direcção das Obras Publicas, durante a ausencia do proprietario?

Como é que esse funcionario, *exonerado por abandono de logar*, recebe todos os vencimentos — desde a data da suspensão até á exoneração — num total aproximado de 2.000 escudos e não é reintegrado?

O pagamento dêsses vencimentos é a confirmação logica da justiça e direito que assiste ao sr. Velho da Palma para reclamar da exoneração que lhe foi dada.

E' para este estranho caso que chamamos, de novo, a atenção do sr. ministro das colonias, para que justiça seja feita a quem de direito.

NA ALSACIA LORENA

A visita dos Cavaleiros de Colombo a Strasburgo

Logo depois da chegada dos Cavaleiros de Colombo a Strasburgo, estes dirigiram-se á catedral, onde eram aguardados por milhares de pessoas. No alto da capela-mór, foram recebidos por mgr. Ruch, bispo e soldado, que falou como quem tinha estado na guerra. Depois do *Te Deum*, os canticos de jubilo e de reconhecimento espraiaram-se pelas abobadas da nave magestosa, como outr'ora em novembro de 1918, nos momentos inolvidaveis da libertação.

Eram 18 horas quando o cortejo dos Cavaleiros, levando á sua frente o sr. Alapetite, comissario geral da Republica, o sr. Flaherty e o general Lyantey, residente geral francez em Marrocos, chegou á praça Kleber. E nesse incomparavel quadrilongo da praça ladeada de predios côr de rosa, assistiu-se á mais impressionante scena que se tem presenciado. Os Cavaleiros de Colombo agruparam-se em torno da estatua do glorioso filho de Strasburgo e encheram o pedestal de flores.

No meio dos aplausos da multidão, entregaram os Cavaleiros ao residente geral em Marrocos um bronze que representava uma Vitoria alada.

Alguns instantes mais tarde, no salão nobre do palacio da Camara, o sr. Eugenio Neunreiter, secretario do *maire*, discursou nos termos seguintes:

—Deixem-me, senhores, saudar os vossos estandartes, que vejo cobertos duma gloria indestrutivel e imorredoura na guerra travada para a libertação mundial. Saudo em particular o chefe dos vossos regimentos de *élite*, cuja bravura e resistencia provocaram a admiração universal, o valente general Pershing, que, pela sua origem, pertence á terra da Alsacia e que, de acôrdo com os meus colegas do conselho municipal, eu proclamo cidadão honorario da cidade de Strasburgo.

A' noite, no banquete, os oradores exaltaram os multiplos laços que desde muito tempo ligam a Alsacia á America.

Plantas e productos medicinaes

O conselho superior de higiene deu parecer contrario á exportação de plantas e productos medicinaes e farmaceuticas, de origem estrangeira.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

O livro "Infeliz-Mente!"

O que andava no ar

Chegou finalmente o trem. Abriram-me a porta da enfermaria, sai por ela com a empregada e a enfermeira Margarida; desci a larga escadaria que conduz ao pateo da Aceitação e, quando ia a descer os ultimos degraus, disse-me na sua voz jesuiticamente dôce a enfermeira: — «Sr.ª D. Maria Adelaide, o sr. dr. José de Magalhães diz que como se espera movimento na cidade, tem que ir um empregado do hospital ao lado do cocheiro».

Não me desconcertei e respondi-lhe secamente: — «O que a senhora quer dizer são tumultos, pois que movimento ha sempre na cidade; mas eu n'essas condições não saio. Para humilhação basta-me a empregada. O meu passeio não urge. Esperarei que passem os receios de tumultos, mas melhor teria sido, quando eu pedi de manhã para saír, terem-me logo prevenido».

A mulher ficou atrapalhada, titubiando desculpas; eu voltei para traz; subi a escada e disse-lhe: — «Diga ao sr. doutor que lhe agradeço o cuidado, mas que as doidas do Conde de Ferreira, quando precisam dois guardas, não saem do hospital».

Quando cheguei ao meu quarto disse á minha empregada: — «A Julia podia-me ter dito francamente que não queria saír só comigo, porque eu tinha desistido do passeio e escusava de sofrer mais esta humilhação». — Ela respondeu-me que não tinha culpa, mas eu não me convenci e tratei de procurar saber por outro lado a razão daquela ordem; e soube-a.

Antes de lhe dizer, porém, leitor, quero que saiba que pouco depois de eu entrar no meu quarto, me procurou o sr. dr. José de Magalhães, naturalmente imaginando que ia assistir a alguma scena de lagrimas. Eu recebi-o com o mesmo modo de sempre e disse-lhe oxactamente o que tinha dito á enfermeira, que já lh'o tinha ido passar, repetindo-lhe que, naquelas condições, não sairia nunca.

Agora vou dizer-lhe a razão da ordem: uma empregada da mesma enfermaria, *criada privativa* da senhora ali internada ha 12 anos, (a que julga que todos lhe querem mal), estava encarregada pelo *ave-negra* de me vigiar na ausencia da minha empregada. Ora, emquanto esta fôra vestir-se para sairmos, eu tinha ido passear no corredor; a outra viu o meu diario que eu levava num bolso do casaco e, vendo papeis, não tratou de mais nada, foi ter com o *ave-negra* dar-lhe parte da descoberta. Valeu-lhe isto uma gratificação do sr. dr. Alfredo da Cunha.

O *ave-negra* chamou a minha empregada-carcereira ao gabinete d'ele pondo-lhe a mão no hombro, disse-lhe: — «Tu respondes por ela». — A mulher amedrontou-se e, para maior segurança, resolveram que fôsse um empregado comnosco. Aí estavam explicadas as demoras, a côr vermelha da Julia, o seu embaraço, emfim, estava descoberta uma das intriguinhas em que o Conde de Ferreira é fertil.

Mas perguntará o leitor: — «Como é que V. soube isso?» — «Eu não lhe disse já que no Conde de Ferreira as portas teem-lhe olhos e as paredes ouvidos? Ali tudo se sabe, mesmo aquilo que se não deve saber.

Gorado, portanto, o meu passeio, não ofereci o bolo á minha visinha.

O ano bom passou sem que ninguém pensasse em mim. Na enfermaria dizia-se á boca pequena que eu tinha casa para o resto da vida, pois que a familia nem pelas festas me tinha ido ver, nem uma lembrança, sequer, me tinham mandado. Isto, aumentado com a indiferença do Director pela minha situação, misturado com o cinismo do sub-director, os *cuidados* do *ave negra* a irritarem-me e com as humilhações a sucederem-se, fez-me tomar uma resolução inabalável, custasse o que custasse, no Conde de Ferreira não ficaria eu.

Haviam de vir a saber que não se tem impunemente, em seu juizo, uma mulher num hospital de doidos!

O conselho que dera o advogado que em meu nome tinha sido consultado, não era de facil execução. Só havia um meio de me furtar aquêle martirio—fugir! Mas fugir do Conde de Ferreira uma mulher que estava como eu com *tanto cuidado* guardada, tambem era dificil. Faz, porém, mais quem quer do que quem póde; e eu queria.

Antes de mais nada precisava estudar com segurança os meios a empregar para chegar ao fim sem ser descoberto o plano.

Do hospital eu conhecia apenas o meu quarto e o corredor: era pouco, era nada.

Tornava-se indispensavel a máxima cautela e toda a astucia era pouca.

Uma noute no meu quarto estavamos reunidas quatro: as duas senhoras que, em igualdade de circunstancias, ali se encontravam, outra senhora que entrára ha pouco tempo no hospital, diziam la por castigo tambem, e eu.

Essa senhora, filha dum homem de grande fortuna, era pensionista de segunda, como se a primeira classe fôsse boa demais... Emfim, cousas do mundo e dos homens.

Nessa noute, dizendo mal da nossa sorte, discutiamos o Conde de Ferreira. A minha empregada estava escrevendo ao marido, num quarto ao fim do corredor. Uma delas de repente disse: — «E se nós fugissemos as quatro?» — Já me parecia tão dificil fugir só uma, quanto mais as quatro... Mas, enfim, não as desanimei, seria crueldade; e, afinal, podiamos ter fugido todas...

O leitor verá se eu lhe minto.

Maria Adelaide

A guerra civil na Irlanda

Incendios e desordens

As desordens e os atentados na Irlanda tomaram agora um incremento sem precedentes.

Depois do assassinio do inspector de policia Swanzy, em Lisburn, perto de Belfast, a cidade tem sido teatro de desordens extraordinarias que duram um dia. No domingo, principalmente, os tumultos não cessaram um só instante e ao cair da noite, os incendios deram-se simultaneamente em diversos bairros da cidade.

Os bombeiros tornaram-se impotentes para dominar o fogo, primeiramente porque se propagava com uma rapidez espantosa, e seguidamente porque o povo não os deixou trabalhar. Em alguns casos, a multidão chegou a cortar as mangueiras. O incendio foi alimentado como represalia, porque se viu depois que foram apenas atingidas as lojas e os domicilios dos sinn-feinners. O bairro comercial de Lisburn é agora um montão de ruinas e desolação. O mobiliario dos sinn-feinners foi atirado para o meio da rua e serviu para alastrar o fogo por toda a parte.

Deram-se desordens em outros pontos da Irlanda. Em Cranmore, onde um agente policial havia sido morto na vespera, deram-se tumultos graves na mesma noite. Uma loja de bebidas e uma propriedade foram incendiadas de baixo a cima. Mais edificios foram devorados pelas chamas. Nas ruas, os tiros ouviam-se constantemente, tendo sido lançadas algumas bombas. Felizmente só ha uma pessoa morta, tendo os habitantes, aterrados, abandonado a cidade para se refugiarem nos arredores. Reina o terror em toda a região.

Damos a versão oficial que corre sobre o incendio de Lisburn. A maior parte da cidade encontra-se totalmente queimada e o numero de predios destruidos eleva-se a 40. As tropas foram reforçar a policia.

O comunicado oficial anuncia que a propria cidade de Dublin se acha numa situação embaraçosa.

A carreira do general Maximo Weygand

Como se vê do que acima fica dito, foi o general Weyland quem concebeu o plano da batalha de Varsovia.

Maximo Weygand tem quasi 54 anos, pois nasceu a 21 de Janeiro de 1867, em Bruxelas. Entrou aos 18 anos para a escola de Saint-Cyr. Era tenente coronel de cavalaria quando rebentou a grande guerra. Durante a batalha do Marne foi chefe do estado maior de Foch, a quem acompanhou durante toda a campanha. A 21 de setembro de 1914 foi promovido a coronel, interinamente, como chefe do estado maior do 9.º exercito; nomeado efectivo a 1 de novembro do mesmo ano, foi colocado, fóra do quadro, como chefe do estado maior do grupo dos exercitos do Norte.

A 8 de agosto de 1916 foi promovido a general de brigada e a general de divisão em 26 de junho de 1918, sendo desde janeiro d'esse ano, chefe do estado maior do marechal Foch. E' comendador da Legião de Honra e tem a ordem de Sant'Ana da Russia, e grande oficial da ordem de Leopoldo e tem a Cruz do Cristo de Italia. E' tambem gran-cruz da ordem do Merito militar de Hespanha.

Tres qualidades distinguem esse chefe: a paciencia, o saber-se dominar e o espirito de decisão. Perante os acontecimentos sabe dominar-se e esperar com confiança; quando não póde lançar-se na acção, tem o sangue frio, a ponderação e a tranquilidade d'um diplomata; logo que os factos o exigem, a sua actividade multiplica-se e a sua vontade exerce-se exteriormente, no terreno que preparou.

Póde dizer-se que foi, no estado maior de Foch, alternadamente um precioso elemento ponderador nas horas de concepção e um notavel executador no momento da acção. E' um chefe, na verdadeira acepção do termo, e o marechal Foch definiu-o pela seguinte formula energica e concisa: «Uma cabeça e uma alma; pode confiar-se n'ele».

Como chefe do estado maior de Foch foi ele o indicado para se entender com os delegados alemães no momento do armisticio. A 8 de novembro de 1918, recebeu von Winterfeld, e no dia 9, em Rethondes, avistava-se com o major von Bapst.

Como ultimo pormenor, diremos que o general Weygand não gosta de ruido em volta do seu nome.

A cooperação dos alemães com os bolchevistas

VARSOVIA, 26. — Os bolchevistas receberam grandes quantidades de munições dos alemães.

Diz-se que o numero dos spartakistas que, na Prussia oriental, se juntaram aos vermelhos é de 3.000, ou talvez mais.

De Thon disem que, durante o ultimo movimento dos bolchevistas por mar, os habitantes alemães auxiliavam em toda a parte o comando inimigo. Em Wlalewo, no momento da ocupação dessa localidade por um destacamento da guarnição de Thorn, os polacos surpreenderam alguns habitantes de origem alemã fazendo sinaes aos bolchevistas e cortando os fios telefonicos. Tres culpados, apanhados em flagrante, foram imediatamente fusilados.—(*Correspondente*).

VIDA SPORTIVA

Automobilismo

A conveniencia duma prova de camions para se avaliar a superioridade de marcas

O meio comercial recebeu com entusiasmo a ideia do bi-semanario «Os Sports» organisar no fim do proximo mez de Setembro uma prova «criterio» de camions de todas as tonelagens. Alguns tecnicos da especialidade estão elaborando o regulamento.

Parece que a prova será disputada num percurso aproximado de 80 quilometros, sendo tantas as categorias quantas forem as diversas tonelagens dos carros. Não é, como se compreende, uma corrida, uma prova de velocidade, mas sim um concurso em que se poderão apreciar as qualidades de cada marca de camions, para se ficar sabendo quaes são os que melhores serviços podem prestar ao nosso comercio e á nossa industria. Todos os representantes de carros teem, pois, conveniencia em concorrer á prova, que não constitue um reclame, mas sim um certificado do valor das suas marcas.

Apesar de não serem ainda conhecidas nas suas particularidades as condições do concurso, muitos comerciantes de camions garantem a sua inscripção, porque não temem confrontos, pois que estão certos da superioridade dos seus carros.

Ao mesmo tempo que se fizer este interessante concurso, que pela primeira vez se realisa em Portugal, «Os Sports» organisam uma corrida de automoveis para amadores, dividindo os carros em categorias, conforme as suas caracteristicas. E' de crer que muitos serão os automobilistas a concorrer a esta prova, que vae pôr em jogo as suas aptidões para o «volante».

Nesta prova disputar-se-hão tantos premios quantas forem as categorias.

NATAÇÃO

Os campeonatos de Water-polo

Continuam despertando certo interesse os campeonatos de water-polo tanto em 1.ª como em 2.ª categorias.

Pena é que alguns clubs não tenham apresentado os seus «teams», o que reduz bastante o numero de «matchs».

O Club Naval venceu o Algés e Dafundo e este venceu a Casa Pia, devendo a victoria final pertencer ao C. N. L., isto em 1.ª categoria.

Na 2.ª categoria o Club Naval venceu o Algés e Dafundo com grande superioridade.

Amanhã realisam-se novos desafios, conforme o programa que hontem publicamos.

BOX

O combate de hoje — Ruivo contra um americano

Será hoje satisfeita a coriosidade do publico, pelo combate de box que se realisa no Salão Foz entre Silva Ruivo e o americano Boll-Hill.

Ruivo querendo ganhar, terá de batalhar, porque o seu adversario, embora leal, é de uma energia extraordinaria, resistente e «batendo» como poucos.

O matchs de hoje começa ás 23 horas.

Na segunda feira realisa-se o segundo combate entre o campeão Silva Ruivo e Faustino Pereira, que passa á categoria de profissional. Faustino é, como se sabe, um dos nossos melhores amadores campeão da sua categoria, devendo por isso este combate tornar-se deveras interessante.

ESGRIMA

Os atiradores portuguezes na Olimpiada

Para a final de esgrima, individual, entre algumas dezenas de concorrentes inscritos, classificaram-se 6 francezes, os nossos compatriotas Jorge Paiva e Mascarenhas, 3 belgas e um sueco.

Pelas noticias recebidas, sabe-se que a prova foi ganha pelo francez Armand Massard, ficando em segundo logar Lipman e em terceiro Buchard. Não se sabe ainda a classificação que obtiveram os nossos esgrimistas, mas deve-se ter ficado em 6.º, 7.º, e 8.º logares, o que não deixa de ser muito para nós regogizante. O facto de entrarem na final já é bastante honroso.

Noticiario

De Portugal

Foi adiado para 1 de setembro o torneio hipico de Vila Franca de Xira.

—O Sport de Lisboa e Bemfica vae realisar o campeonato de sports atleticos nos dias 16 e 18 de setembro.

Do estrangeiro

Nas provas de tiro dos Jogos Olimpicos realisadas em Beverloo, as 18 nações inscritas levavam os seguintes concorrentes: Belgica 24, Brasil 7, Canadá 2, Dinamarca 18, Espanha 12, Finlandia 9, Noruega 15, Grecia 12, Holanda 8, Italia 11, America 26, Portugal 6, Africa do Sul 8, Suecia 24, Suissa 1 e Tcheco-Slovaquia 13, o que dá um total de 231 atiradores.

—O combate de Carpentier com o americano Sevinski, para o titulo de campeão do mundo de box (meios-pesos) realisa-se em 12 de novembro proximo em Brooklin, provavelmente em 15 rounds. Se Carpentier fôr o vencedor, terá que bater-se com o campeão do mundo, o adversario Dempsei.

Escoteiros de Portugal

A fim de comunicar aos escoteiros do grupo n.º 9 o que foi o 1.º *jamboree* em Londres, em que tomaram parte dois seus delegados, devem os escoteiros comparecer amanhã, ás 10 horas prefixas, na séde do grupo, rua de Santa Marta.

Para o que lhe havia de dar...

José Antunes, morador na avenida 5 de Outubro, J. F. foi preso por de madrugada andar n'aquele local disparando tiros de pistola, o que, como é bem de supôr, pôz em sobresalto os habitantes d'aquela arteria de cidade.

NOTICIAS DA CAPITAL

Julgamentos no governo civil. — Deviam hoje ser julgados José Maria Vitoria, rua Castelo Branco Saraiva, 12, e Manuel Luiz d'Almeida, *O Marquêsinho*, lavrador na Moita, acusados de venderem batata por preço superior ao da tabela, não se realisando, porem, o julgamento em consequencia do advogado de defeza ter recorrido, por motivo de não estar junto ao processo o auto da apreensão da batata.

As proezas da gatunagem.—Queixaram-se: Ana de Jesus, rua da Condessa, 60, 3.º de que lhe furtaram roupas no valor de 120 escudos. Benedito Antunes, de Nelas, de passagem em Lisboa, hospedado no hotel Minho, de que tendo comprado e pago 20 caixas com sabão, na importancia de 578$20 na Saboaria Lusitana, na rua dos Anjos, 171, se recusam a entregar-lhe o sabão ou o dinheiro que deu; Fernando Augusto Guerra de Sena Lemos, rua da Alegria, 43, de que nas terras do Parque Eduardo VII, foi assaltado por um desconhecido que lhe furtou uma corrente de ouro e bolsa de prata no valor de 100 escudos; Maria Rodrigues Branca, travessa dos Algarves, 11, de que lhe subtrairam a quantia de 140 escudos.

—Foram presos: Luiz Antonio Machado, Quinta do Reguinho, por ter furtado correame, no valor de 80 escudos, a Antonio da Silva, Avenida 5 de Outubro, A. S; Joana Rosa da Silva, rua Vicente Borga, 8, 1.º por ter subtraido varios artigos no valor de 50 escudos no estabelecimento de Manuel Joaquim da Silva, da mesma rua, 18; Braz da Costa, travessa do Chão do Loureiro, 8, 1.º, por se tornar suspeito quando conduzia quatro peles de pelica, de que não declarou a sua proveniencia.

Cumprimentos ao sr. governador civil

Esteve esta manhã no governo civil, cumprimentando o chefe do distrito, a banda da Sociedade Filarmonica Humanitaria de Palmela, que segeiu para o Carregado, a abrilhantar as festas que ali se realisam amanhã.

O grande combate de box de hoje no Salão Foz

E' esta noite que o nosso publico vae assistir ao empolgante combate de box entre o nosso compatriota Silva Ruivo e o americano Holt Bill. O combate é em 6 grandes rounds de 3 minutos, com luvas de 4 onças.

Silva Ruivo é o campeão portuguez de box que tem saido sempre vitorioso dos seus temiveis adversarios. Holt Bill lutou na equipe da marinha americana, para o campeonato de 1919 em França, tendo conquistado um dos primeiros logares.

Em Honollulu defrontou-se com os famosos G. Ingell e J. Mc. Marsdem e em S. Francisco da California com Jimy Lacey, James O'Brien e Jim Dundee.

São dois adversarios de extraordinarios recursos que por certo vão tornar o combate de hoje verdadeiramente emocionante.

Jardim Zoologico

A paralisação dos serviços dos electricos tem acarretado sensiveis prejuizos ao Jardim Zoologico, privando muitos milhares de pessoas de visitarem o parque das Laranjeiras, e, portanto, o elegante «Epana», que a maior parte da população de Lisboa está desejosa de vêr.

Terminada a gréve, a afluencia ao Jardim deve ser consideravel.

TOURADAS

Algés.—Principia ás 17,45 a corrida de amanhã, em que é apresentada pela primeira vez uma aparatosa e engraçadissima parodia á salvação de Lygia no circo romano pelo dedicado e hercules Ursus, uma das mais emocionantes passagens do «Quo Vadis». Ha outro intermedio comico «Os cavaleiros mirabolantes».

Toureia a cavalo o popular José Gomes, do Cacem. São dos mais arrojados os bandarilheiros principiantes e os forcados Amadores artistas conhecidos coadjuvarão a lide.

A corrida de «O Seculo»

Realisa-se no dia 12 de Setembro no Campo Pequeno a corrida organisada pelo «Seculo» cujo producto reverte para a Sopa dos Pobres.

O cartel da corrida é constituido com os melhores elementos. Os touros serão fornecidos pelo acreditado lavrador sr. João Coimbra.

«Os Sports» — Este bi-semanario publicará neste dia uma pagina tauromaquica com interessantes artigos, noticiario, fotografias, etc.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Camara de Comercio Portugueza em França.—Recebemos o numero 1 do Boletim d'esta Camara, recentemente fundada em Paris e destinada a prestar os melhores serviços aos nossos negociantes. O volume que temos presente traz já valiosas indicações e preconisa o estreitamento de relações comerciaes entre os dois paizes.

Quem alvitra? Quem reclama?

Aspirantes da direcção de finanças pedindo justiça

Recebemos o seguinte, endereçado ao sr. ministro das finanças:

«Os aspirantes das direcções de finanças, como os seus colegas das repartições concelhias, pagaram direitos de mercê emolumentos e selos pelos logares que teem exercido e por isso uns outros estão em egualdade de circumstancias na concessão do que lhes faculta o Art.º 8.º da Lei n.º 4238 de 27/4/1918, mas a 2.ª Repartição da Direcção Geral das Contribuições e Impostos nega nos aspirantes das direcções o titulo de renda vitalicia que concede aos aspirantes das Repartições concelhias com fundamento de que aqueles não pagam contribuição industrial ou imposto de rendimento o que não é verdadeiro visto que nos termos do n.º 6 do Art.º 126 do Decreto 5859 de 5/6/1919 aqueles funcionarios é descontado imposto de rendimento nos seus vencimentos.

Pedem-se pois, providencias para que cumprindo-se a lei, se faça justiça aos aspirantes das direcções lesados nos seus direitos».

Artilharia de campanha

O sr. ministro da guerra foi a Vendas Novas assistir aos exercicios finais da escola de tiro de artilharia de campanha. Acompanharam o sr. Helder Ribeiro os srs. generais Bernardo de Faria e Mendonça e Matos, o chefe da repartição do gabinete, sr. major Ferreira de Passos, e o ajudante sr. capitão Campos Vieira.

INCENDIO

Os bombeiros durante meia hora, por falta de agua, não puderam trabalhar

A's 5 horas de hoje, na agua-furtada do predio 39 da rua dos Poiaes de S. Bento, residencia de Adelaide Amelia Amil, declarou-se incendio, na cosinha, tendo, por falta de agua, passado ao madeiramento do telhado, o qual ficou destruido por completo.

O pessoal de incendio, que compareceu no local do sinistro, esteve cerca de meia hora esperando que a agua chegasse ás agulhetas, o que contribuiu para o incendio ameaçar tomar grandes proporções.

Felizmente que, ao aparecer tão desejado liquido, os bombeiros voluntarios de Lisboa e municipaes, sob a direcção do ajudante Ribeiro e chefes de secção Luiz Alves e Pedroso, este pela escada magyrus ao telhado e aquele com uma agulheta directa ao andar incendiado, conseguiram num curto espaço de tempo localisar o fogo, sendo para notar a dedicação daqueles soldados da paz, que com risco da sua propria vida se aproximavam do foco, e de forma a merecer os mais rasgados elogios.

Os prejuizos são importantes, especialmente na propriedade que pertence á sr.ª D. Avelina Portas Carvalhedo e que está segura na companhia «A Lisbonense».

A locataria, uma velhota de 66 anos, que morava na agua furtada com sua filha, Albertina da Conceição Amil, deu pelo fogo, já quando o fumo começava a asfixia-la, razão porque fugiram, a tempo, para a rua, sem que soffressem mais do que o susto, embora perdessem todo os seus haveres, que não estavam no seguro.

No local compareceram o comandante Parente e o director da Companhia das aguas sr. Carlos Pereira.

A proposito, lembramos á comissão recentemente nomeada pelo governo para, d'acordo com o corpo de bombeiros, fixarem o abastecimento de agua ao mesmo corpo, em caso de incendio, evitando-se, como hoje, que o pessoal esteja inactivo por tanto tempo, sem ter o elemento primacial para combater tão horroroso inimigo.

O cartaz de hoje

Nacional, ás 21,15, «A Castro».
Politeama, ás 21,30, «Pelo Nova».
Trindade, ás 21,15, «Chá e torradas».
Ginasio, ás 21.15, «O A's».
Avenida, ás 21,30, «Amor em pó».
Apolo, ás 21,15, «Risos e Flôres».
Coliseu dos Recreios, ás 21, «Variedades».
Salão Foz, ás 21 «Variedades».
Olimpia, Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.
Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.
Chantecler, Animatografo e fitas faladas.

A CAPITAL no Porto

Encontra-se á venda na tabacaria Africana, rua 31 de Janeiro, e nos seguintes kiosques: Carmo, Hospital, Carlos Alberto, Chiado, Santo André, S. Lazaro, Tiburcio, Pavão, Passos Manuel, Pintasilgo, Marquez de Pombal e Conde

ULTIMA HORA

A questão dos electricos

Voltou hoje a realisar-se uma «démarche» entre a Companhia e o seu pessoal em greve

A' hora a que o nosso jornal vae para a maquina está-se ainda realisando uma «démarche», que talvez seja a ultima, entre a direcção da Companhia Carris de Ferro e o seu pessoal em greve, afim de se estabelecer, o acordo em que o referido pessoal deve retomar o trabalho, visto já se terem entendido as restantes partes em litigio: a Camara e a direcção da Carris.

Os jornaes da manhã referem-se a esse entendimento que consiste em: a companhia poder cobrar desde agosto até 31 do corrente as tarifas aprovadas pela camara em 28 de maio ultimo; o fornecimento de passes até dezembro por 60 escudos ao semestre e o reatamento de negociações entre a camara e a companhia para a revisão dos contratos em vigor e sua unificação num só diploma, o que representa um armisticio até ao fim do corrente ano, não abdicando porem a camara do principio que defende sobre o fornecimento obrigatorio de passes a todos os assinantes que os desejarem. Este acordo foi assinado hoje pelas duas partes que ha tempos andavam em litigio, faltando agora resolver apenas o incidente entre a direção da companhia e o seu pessoal. Esta havia-se avistado de manhã com o engenheiro sr. Freire de Andrade, que marcou uma nova reunião para as 16 horas, a que se está realisando.

Os grevistas voltaram a reunir pelas 14,15 na séde da sua associação sob a presidencia do sr. Carlos Fortes, secretariado pelos srs. Antonio Ferreira e João Martins Duarte. A sessão que decorreu sem interesse foi quasi toda ocupada em manifestações de protesto pelo assalto ao jornal *A Batalha*.

Para discutir ainda a questão da greve usaram da palavra os srs. José Eduardo Fernandes, que se congratulou com a missão da classe durante os 29 dias de luta, aconselhando a que ninguem vacile porque a vitoria está prestes; Armando Martins, que anuncia que a comissão de melhoramentos tendo tido uma entrevista com o engenheiro sr. Freire de Andrade, volta mais tarde a avistar-se com aquele director da Companhia; Manuel Carvalhaes, que aconselha a luta até ser cumprido o acôrdo que estabelece os 50 010 de aumento, o qual uma vez perdido dá logar a que se percam outras regalias, e José Augusto Martins que tambem apela para a solidariedade da classe.

N'esta altura foi lido na mesa um comunicado em que o Comité Central também deliberou que toda a classe pelo seu moral o pede para ser encerrada a sessão ás 18 horas afim da comissão de melhoramentos então expôr á assembléa o resultado das *demarches* efectuadas com a direcção da Companhia, terminando por afirmar que a vitoria é dos grevistas e aconselhando estes a desprezar os «amarelos».

A sessão foi encerrada depois de aprovada uma moção a que n'outro logar nos referimos.

Sanidade interna

Segundo o boletim de sanidade interna na semana finda em 21 do corrente manifestaram-se em Lisboa 6 casos de difterias, 8 de febre tifoide, 2 de tosse convulsa e 4 de variola.

Interesses locaes

O deputado sr. Domingos da Cruz conferenciou com o sr. ministro do comercio ácerca da escola industrial de Gondomar e da reparação da estrada do seu circulo.

Liceu de Evora

Foi nomeado secretario do Liceu de Evora o professor sr. Domingos Ramalho Franco.

A situação na Mesopotamia

continua a ser grave

O ministerio da guerra inglez forneceu á imprensa o seguinte comunicado sobre a situação na Mesopotamia:

«No sector de Bakuba houve novos combates e um ataque contra a ponte do caminho de ferro foi detido pelo fogo das nossas metralhadoras.

Os rebeldes em armas n'esse sector são em numero de 4.000.

Todas as mulheres e creanças britanicos foram evacuadas de Kirkuk, assim como de Hit e de Ana, no Euphrates.

No sector de Euphrates, avalia-se o numero de rebeldes, que estão a ponto de investir Kufa, em 2.000, havendo ainda uns 1.200 nas cercanias de Hilla.

Na região de Feludja-Ramadi, a situação continua agitada. O saque e os *raids* continuam. Cerca de 4.500 revoltados se encontram na margem esquerda do Euphrates; é tudo o que parece restar dos 34.000 homens que estavam em armas contra nós ainda ha pouco, e que no maior parte voltaram para suas casas devido ás severas perdas que lhes infligimos».

O assalto a "A Batalha,,

As auctoridades mandam proceder a inqueritos para averiguar responsabilidades

Foi o assunto do dia, o assalto que de madrugada se deu ao antigo edificio do correio geral dos Paulistos onde se acham instalados os escritorios do orgão operario *A Batalha* e as sédes da C. G. T., da U. S. O. e das varias colectividades federadas.

O referido edificio, que esteve guardado até de manhã por forças de infantaria da guarda republicana e da policia civica, foi depois entregue aos seus locatarios, os quaes franquearam então as portas ao publico, afim deste poder examinar os destroços.

Os assaltantes, que entraram de roldão na sala da redacção, deixaram ali escavacados todos os moveis que ainda ali estão, á mistura com destroços de jornaes, vidros e escarradores. Na tipografia apenas se vê empastelada a composição das cintas para os assinantes e alguns anuncios que se alinhavam nos prateleiras.

Do «marmore» que está a meio da casa, apenas levaram a cabeça do jornal, ou seja o titulo *A Batalha*, tendo sido voltados trez caixotins que estavam nos cavaletes num dos corredores da oficina. O grupo assaltante arrombou e tirou uma das portas que liga com a secretaria da construção civil, onde o mobiliario ficou quasi todo partido e derrubado, amontoando-se os destroços a meio da casa. Numa das paredes foi colocado um grande «placard» onde se lia a indicação de quem, no entender das agremiações operarias, tinham sido os assaltantes.

Durante toda a tarde muitas centenas de pessoas desfilaram pelas salas da *A Batalha*, lavrando o seu protesto.

Na sala da redacção vêem-se ainda vestigios de balas nas paredes, no teto e n'uma porta, tendo sido os buracos avivados com cruzes negras.

Na sessão do pessoal dos electricos o sr. Armando Martins verberou o assalto, pedindo que na acta seja lavrado o seu protesto e apresentando por fim uma moção cujas conclusões são: 1.º, protestar contra o assalto; 2.º secundar qualquer movimento que se leve a efeito em seguida de protesto contra o sucedido; 3.º Contribuir dos cofres associativos com a quantia de 100 escudos para atenuar em parte os prejuizos sofridos pela *Batalha*; 4.º e que depois da gréve solucionada, na segunda semana do pagamento cada operario da carris subscreva com 50 centavos para auxiliar o orgão operario. Esta moção foi aprovada por aclamação.

Num dos corredores do jornal assaltado foram encontrados varios documentos pertencentes a alguns dos assaltantes, tais como cartões de identidade, algumas cartas amorosas e quotas de um grupo, que, ao retirarem-se, deixaram cair.

A fachada de *A Batalha* apareceu hoje embandeirada, tendo sido colocada na varanda um «placard» onde em grandes letras vermelhas se lia: —«Viva a grève geral de segunda-feira.»

Este *placard* foi mandado retirar pela policia, a qual teve depois conhecimento de que as classes operarias, em sinal de protesto contra o assalto que se deu, haviam declarado a greve geral de todas as classes para depois de amanhã.

O sr. governador civil teve durante a tarde uma larga conferencia no seu gabinete com o comissario geral da policia e demais oficialidade, director da policia de investigação e adjuntos.

Os tipografos de *A Batalha* reuniram de tarde na séde da Federação do Livro e do Jornal, juntamente com os quadros dos outros jornaes afim de se acordar no caminho a seguir. Ficou marcada nova reunião para as 19 horas.

O director da policia de investigação, por determinação do governador civil, começou hoje a fazer um inquerito sobre o ocorrido.

Outro inquerito vae ser feito por um oficial do exercito expressamente nomeado pelo ministerio da guerra.

As autoridades andam muito bem em averiguar responsabilidades.

Como n'outro logar dizemos, *A Capital* protesta contra o assalto a *A Batalha*. He leis e só elas devem ser as que se cumprem. Leis da rua não as aplaudimos, nem podemos sancional-as.

Serviço telegrafico da tarde

As conferencias sobre a Polonia

LONDRES, 27. — Assegura-se que o sr. Lloyd George não assistirá á conferencia de Aix-les-Bains, continuando entretanto estar em constante comunicação durante ela, com os srs. Giolitti e Millerand. — *(Havas)*.

Os bolchevistas na Persia

TECHERAN, — Está travado o combate em que se disputa a posse do porto de Euzeli. O resultado é por enquanto, duvidoso em vista de o inimigo ter recebido grandes reforços vindos de Baku. — *(Havas)*.

Promoções na Legião de Honra

PARIS, 27 — Foi concedida a gran-cruz da Legião d'Honra ao Dr. Roux, director do Instituto Pasteur. Afirma-se que egual distinção será conferida ao general Weygand.—*(Havas)*.

Comunicado oficial polaco

VARSOVIA, 28.—Comunicado oficial do dia 26: «Continuamos limpando de inimigos o territorio polaco. Apresamos 3.000 bolchevistas proximo de Mlava e 2.000 proximo de Koblyn, incluindo os estados maiores da 3.ª e 5.ª divisões de cavalaria alem de canhões e metralhadoras».—*(Havas)*.

Manifestações contra os aliados na Alemanha

BRESLAU, 27.—Foram gravissimas as manifestações contra as missões franceza e polaca. A população saqueou os consulados, queimando os arquivos. Os tumultos continuaram em frente do hotel onde se encontra a missão inter-aliada. A' noite foram queimados os automoveis da missão franceza. Os manifestantes dirigiram-se ao bairro judeu que saquearam.—*(Havas)*.

BERLIM, 28.—A imprensa lamenta os acontecimentos de Breslau, atribuindo-os aos nacionalistas e reacionarios alemães e salientando os dissabores que podem causar ao povo alemão. —*(Havas)*.

BERLIM, 27. — O «Berliner Tageblatt» atribue os sucessos de Breslau exclusivamente aos nacionalistas alemães.—*(Havas)*.

BERLIM, 28. — O governo exprimiu os seus sentimentos de pesar ao embaixador de França e encarregado de nos gocios da Polonia, por motivo de acontecimentos de Breslau. — *(Havas)*.

A opinião do general Weygand

PARIS, 27. — Hoje chegará o general Weygan que disse ao correspondente do *Petit Parisien* em Varsovia que os polacos são dignos de todo o elogio, faltando-lhes sómente oficiais, no que a França os ajudaria. Crê que a paz estará concluida antes do inverno. Em caso contrario será preferivel que os polacos se estabeleçam em solidas posições, aguardando os acontecimentos. — *(Havas)*.

RIO DE JANEIRO, 27.—Foi encontrado o cadaver do aviador Abiatar Martins, boiando na lagôa Esteves. Não foi ainda encontrado o seu companheiro Pinder.

Como se sabe, os dois aviadores morreram afogados por ocasião do «raid» Rio de Janeiro Buenos Aires. —(Americana)

RIO DE JANEIRO, 27.—A Booth Line incorporou na sua frota o paquete «Saint Patrick» e vae melhorar os seus serviços.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 27.—No «Lima» partirá para Lisboa, em missão intelectual, o presidente da Associação da Imprensa do Pará, Baptista Moreira.—(Americana).

Condes de Pinheiro Domingues

RIO DE JANEIRO, 27.—Chegaram os condes de Pinheiro Domingues.—(Americana).

Cotações, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 27.—Cotação do café, 11$700 reis; cambio sobre Londres, 13 5/16, 13 13/32; valor do escudo, 1$030 reis.—(Americana).

O acordo entre alemães e bolchevistas

PARIS, 27.—O correspondente do «Journal» comunica que fez o trajecto de Dantzig a Varsovia, obtendo a convicção de que os allemães e bolchevistas procedem de acordo. Afirma-se mesmo que foi realisado entre eles um convenio em virtude do qual a Allemanha auxiliará com material e oficiaes os bolchevistas, que, em troca, se comprometeram a restituir o territorio tirado á Allemanha pelo tratado de Versailles.—(Havas).

Tentando impedir a capitulação d'algumas divisões

VARSOVIA, 27. — Afirma-se que Trotsky reune apressadamente reforços, calculando em 30.000 homens, para impedirem a capitulação das divisões russas cercadas em Mlawa. O numero de bolchevistas que atravessaram a fronteira allemã, fugindo á perseguição dos polacos, ascende a 120.000.—(Havas).

A familia ex-imperial do Brazil

RIO DE JANEIRO, 26.—A lei que derroga o desterro da familia imperial foi votada no senado por 25 votos contra 8. Far-se-ha brevemente a trasladação para o Brazil dos restos mortaes de D. Pedro II: —*(Havas)*.

A aliança franco-belga

BRUXELLAS, 27. — Assegura-se que o conselho de ministros aprovou por unanimidade o novo texto da aliança franco-belga que será em breve ractificado pelo governo.—*(Havas)*

Desenvolvimento das colonias

O caminho de ferro de Malange

O sr. A. de Sousa Santos, presidente da Associação Comercial de Lunda, numa entrevista com o «Independente», faz um apêlo angustioso para se por ordem o caminho de ferro de Ambaca, dizendo que de Malange poderia vir em quantidades notaveis a fuba, o milho, o arroz, as hortaliças, os legumes, as frutas e tijolo, talha e ladrilhos necessarios para a cidade e outras povoações. Acrescenta:

«O desenvolvimento de Malange depende e isto não é nova da linha ferrea. E' uma questão de «vida ou morte» como dizemos dizer para acentuar a importancia d'um assunto que classificamos de capital importancia. Sem um trafego eficiente, continuo regular, não ha progresso nem incitamento possivel. Resolva o Governo a situação do caminho de ferro de Loanda a Malange, melhore a linha, aumente o trafego de-nos comboios, e o desenvolvimento auspicioso do sul será suplantado, em pouco tempo, pelo norte. E não ha exagero, não ha paixão, não ha «bairrismo» (se o termo se admite) nesta argumentação. Baseio-me nos seus conhecimentos de região planaltica, do districto que quizeram chamar Guanza-Norte, mas que nós, os antigos, arreigados a tradição e poucos avessos a aceitar estas denominações modernas, chamaremos sempre o districto de Malange.

Tambem não é novo dizer que é latente o desanimo entre o comercio e a agricultura. Todas as energias, todas as iniciativas, todos os emprehendimentos gravitam a roda da solução do problema ferroviario. Sem transportes não ha desafogo para a produção. E enquanto se aguardar a vez de meter mercadorias nas estações e «hangars» ferroviarios e ali, depois, apodrecerem os generos á espera da sua altura no embarque, não ha possibilidades nem esperanças de sairmos deste regimen de «conta gotas» que enerva quem pretende trabalhar e estiola quem presiste em lutar com o presente estado de cousas».

Latino-Americana
Annuncios e comunicados em todos os jornaes nacionaes e estrangeiros
Rua Antonio Maria Cardoso, 26
Telefone:—2143-C.
SUCURSAL — RUA DO OURO, 81

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3620 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, L.º | LISBOA — Domingo, 29 de Agosto de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

Uma ameaça

Em junho de 1919, declarou-se a primeira gréve tipografica. Uma das clausulas impostas pela Federação do Livro e do Jornal era a de suspenderem a sua publicação todos os jornaes desde que houvesse qualquer violencia contra o orgão operario «A Batalha».

Apoz «démarches» varias, chegou-se a um acordo, do qual consta o seguinte:

a) Em harmonia com o principio defendido pelas empresas jornalisticas, a Federação do Livro e do Jornal não imporá a essas empresas a suspensão dos jornaes quando qualquer deles seja impedido de circular.

As empresas jornalisticas, por sua vez, reconhecem, como sempre reconheceram, á Federação do Livro e do Jornal o seu direito e dever de defender os interesses moraes e economicos da classe grafica, especialmente quando se trate de paralisação do trabalho provocada por assaltos ou suspensão violenta de qualquer jornal.

b) A Federação usará d'esse direito de defender a classe grafica por forma a não prejudicar as empresas jornalisticas que sejam alheias no conflito, ás quaes, de futuro, previamente se dirigirá.

As empresas jornalisticas apreciarão o assunto que lhes fôr submetido e sobre ele livremente se pronunciarão.»

Esse acordo foi assignado: por parte das empresas jornalisticas, pelos srs. Hermano Neves e João Pereira da Rosa; por parte da Federação do Livro e do Jornal, pelos srs. Manuel da Conceição Affonso e Alfredo Silva Dias; pela Associação dos Trabalhadores da Imprensa, pelo sr. Luthero de Moraes.

No dia 4 de julho de 1919 reapareciam os jornaes que não tinham querido aceitar a estranha doutrina sobre o direito que a classe grafica pretendia ter de que suspendessem o trabalho todos os jornaes em caso de assalto ou violencia contra «A Batalha».

Como se vê das clausulas do acordo que acima transcrevemos, não faltamos, nem falseamos a doutrina que sempre defendemos.

Merece-nos toda a consideração a classe grafica, e seja-nos licito pôr em destaque os que n'este momento estão a nosso lado trabalhando, mas, repetimos, não compreendemos que haja motivo para deixarmos de publicar «A Capital».

Somos coerentes e respeitamos o pacto assignado com a Federação do Livro e do Jornal. Tal é o nosso caso.

* *

Pois apezar de estarmos no uso d'um direito, que reputamos bem legitimo, ha pouco veiu á nossa redacção uma comissão delegada da Federação do Livro e do Jornal declarar-nos, em nome d'essa colectividade, que declinava toda a responsabilidade em qualquer incidente que porventura se possa dar quer com o jornal, quer com o nosso director.

A ameaça é bem clara, para que percisemos de pô-la em relevo.

A questão dos electricos

Tudo na mesma

Nada ha ainda definitivo sobre a solução do conflicto dos electricos que agora se debate entre a direcção da companhia e o respectivo pessoal em gréve.

A reunião que hontem á tarde se devia realisar entre a direcção da companhia e a comissão de melhoramentos do pessoal e não deu resultados definitivos, pois que o acordo que devia ser entregue para discussão, aos grevistas ainda não foi hoje recebido na respectiva associação de classe.

E, assim se compreende que a sessão que os grévistas, como de costume hoje realisaram tivesse decorrido sem interesse e sem concorrencia. Presidiu o sr. Carlos Fortes que era secretariado pelos srs. José Garcia e Artur Lopes, tendo usado da palavra entre outros os srs. Jayme Batista que apresentou as desculpas do revisor Silva acusado de traidor; Manuel Carvalhaes que atacou o Governo por ter ao seu serviço como agentes de autoridade individuos de cadastro; Francisco Reboião que apresentou um requerimento afim de que fosse dada por discutida a materia — *traidores*; — Armando Martins que expôs á assembleia as «démarches» hontem realisadas sem resultado, apontando o facto do incidente não estar ainda liquidado por a direcção da Companhia não ter dado hoje sinaes de vida.

O orador participa por ultimo que ao contrario do que anunciam hoje os jornais não haveria ainda electricos amanhã, o mesmo que o conflito estivesse solucionado os grevistas solidarios com as outras classes acompanha-las-hiam na gréve geral de protesto anunciada para amanhã.

A CAPITAL no Porto

Encontra-se á venda na tabacaria Africana, rua 31 de Janeiro, e nos seguintes kiosques: Carmo, Hospital, Carlos Alberto, Chiado, Santo André, S. Lazaro, Tiburcio, Pavão, Passos Manuel, Pintasilgo, Marquez de Pombal e Conde Ferreira.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

O livro "Infeliz-Mente!"

Preparando a fuga

Desde aquela noute em diante, quando nos encontravamos longe das visitas e dos ouvidos da minha «criada-privativa», cautelosamente, como uns conspiradores, discutiamos a melhor maneira de levar a efeito a fuga. Cada uma alvitrava o seu parecer.

As outras senhoras estavam melhor do que eu, porque não tinham empregadas, mas eu que a tinha sempre ao pé...

Era evidente que só podiamos fugir de noute, mas como e por aonde?

Nenhum plano se aprovava. No que se assentou, porém, foi em me convidarem para eu ir uma noute ao andar de baixo e ir uma tarde á quinta.

De facto, uma noute, juntamo-nos a outra senhora da enfermaria e com o pretexto de me irem mostrar o refeitorio, vi o rez-do-chão todo. Vou tentar descrever-lho, leitor, para que me acompanhe no meu projecto, que ninguem conseguiu, apezar das diligencias feitas até hoje, conhecer verdadeiramente. Mas a si vou-lho dizer, leitor.

A pouco mais de meio do corredor do primeiro andar ha uma escada de pedra, em dois lanços. Ao fundo desta escada encontra-se um corredor que fica por baixo do do primeiro andar na mesma direcção e em frente da escada uma porta que deita para a quinta.

Dum lado e doutro desta porta, janelas que só abrem os tais «15 centimetros», em frente destas janelas, para a esquerda, quartos de pensionistas e ao fundo do corredor, o quarto da enfermeira Margarida; para a direita, sala de recreio, o refeitorio e, no topo, uma porta de comunicação.

Ao escurecer as janelas todas do hospital são fechadas, umas com chave, outras com «gazulas» como lá dizem. A porta que deita para a quinta era tambem fechada á chave, que a enfermeira guardava.

Conhecido o rez-do-chão, faltava-me conhecer a quinta. Tinha feito protesto de nunca lá ir passear, porque me custava imenso ver as pobres loucas metidas entre grades como animais ferozes dentro de jaulas; era confrangedor; nunca podia ser um passeio salutar, ao contrario. Todavia necessário se tornava para fugir para sempre a êsse espectaculo triste, vel-o mais de perto, ao menos uma vez. Era absolutamente preciso conhecer o terreno; e, se houvesse cães, tornar-me conhecida d'eles para me não ladrarem na noute da fuga.

Foram, portanto, uma tarde convidar-me as tres senhoras para ir com elas á quinta. Já tinha pedido licença á enfermeira e ela tinha respondido que indo com a empregada me deixava ir. «Fiz-me rogada», a minha criada-privativa que queria passear, instou tambem e eu, «para não desmanchar prazeres», foi tendo o cuidado de me munir dum pedaço de pão que me ficara do almoço, para dar aos cães, se os houvesse.

Afastando-me o mais possivel das divisões gradeadas, para não ver aqueles horrores, percorri a quinta toda. O muro que deita para a rua é muito alto, mas havia um ponto, donde era facilimo subir para ele, mesmo sem escada. Tinha, porem, em frente umas casas e para o lado de fóra era altissimo, segundo me disseram. Tem esse muro dois portões de ferro, em pontos diferentes: um, a que chamam a porta do cavallo, é por onde fazem sair os mortos; e outro quasi nunca o abrem. Na quinta havia realmente um cão pequeno; tratei de o afagar, dei-lhe pão e o animal não me deixou mais. Por ali estavamos bem.

Interessando-me muito por tudo quanto ia vendo, mesmo por cousas que não me interessavam nada, fui obtendo as informações precisas. Fiquei conhecendo a praça, para preparar as manobras.

Encontrei-me na quinta com a senhora que se tornou, depois da minha segunda entrada no Conde de Ferreira, minha amiga—aquela para quem tódas são manas—que me oferecéu dois malmequeres. Passeava com duas empregadas. Eu já a conhecia de a ter visto na enfermaria. Fez-me tanta pena, leitor!

De volta ao meu quarto comecei a imaginar a fuga; mas as dificuldades eram muitas.

Um dia, porem, quando estava a sós com a senhora que me acompanhou nêsse golpe de audacia, as dificuldades começaram a desaparecer.

Nessa altura o grupo das quatro estava dividido em dois, por ter havido uma desavença entre duas das senhoras. Isto favorecia-me. Era mais seguro o plano ser só conhecido de duas. Se conseguissemos vencer todas as dificuldades, nas proximidades da fuga diriamos ás outras que, querendo, podiam acompanhar-nos, sem, todavia, adiantar explicações. Uma palavra irreflectida podia deitar tudo a perder.

A minha companheira ficou de fazer aparecer a chave da porta, pela qual pensavamos sair da enfermaria e que ela sabia em que mão se encontrava. O resto era comigo.

Quando começara a germinar-me no espirito a ideia de fugir, unico meio de escapar áquele suplicio, tinha escrito ao Manuel, perguntando se podia contar com o seu auxilio.

Respondeu-me que contasse com ele em absoluto, pois, custasse o que custasse, me queria ver fóra do hospital de doidos.

Cumpriu a sua palavra. Mas, a ele custou-lhe a liberdade e a-lhe custando a vida; a mim tem-me custado o mais atróz suplicio e lagrimas amarissimas.

No entanto, nem um nem outro foi covarde.

Maria Adelaide.

As carreiras para o Brasil

Uma carta dos representantes da Booth Line

Sr. Redactor de *A Capital*.—Tendo despertado a nossa atenção varios comunicados provenientes do Brasil e ultimamente publicados em alguns jornais de Lisboa, alegando a Booth Line estar estabelecendo concorrencia aos Transportes Maritimos do Estado e estando certos da incorrecção de tais comunicados, cujo fim é bem claro, nós, como agentes geraes em Portugal daquela Companhia, imediatamente chamamos a atenção dos nossos representados para estes factos.

A historia de Booth Line com relação a Portugal é para aqueles que a conhecem uma historia que sobeja para torná-se necessario repudiar estes boatos. Para aqueles, porém, que não conhecem suficientemente o amistoso e sempre inalteravel procedimento da Booth Line para com Portugal, é absolutamente imprescindivel opôr um formal desmentido a tais boatos, para o que estamos autorisados pela supracitada Companhia, mas desejar clara não ter reduzido os seus preços, nem tão pouco feito alteração alguma no itinerario dos seus vapores.

A Boot Line reconhece a aspiração natural dos portuguezes em possuir uma linha de vapores nacional e, não tenciona tomar medidas coercivas no sentido de concorrer e prejudicar as linhas portuguesas.

Esperando dever o favor a V. da publicação destas linhas no seu conceituado jornal, subscrevemo-nos com toda a estima e consideração de v. etc.—*Garland, Laidley e C.ª, Limited.*

O atentado contra Venizelos

A morte desse estadista grego foi resolvida numa sessão secreta

Foi numa sessão secreta realisada perto de Lucerna e na qual tomaram parte os principaes partidarios de Constantino residentes na Suissa que se tramou o ultimo atentado contra Venizelos, presidente do conselho de ministros da Grecia. Varios partidarios do ex-rei tinham ido propositadamente da Grecia para tomar parte nessa sessão, á qual assistiu o principe André, que foi considerado presidente honorario. A assembleia imaginou que só a morte de Venizelos poderia contribuir para que o rei Constantino fôsse outra vez sentar-se no trono.

Em consequencia dessa reunião, foi transmitida a todos os partidarios do ex-rei particularmente aos da Grecia, Alemanha e America, a ordem para matar Venizelos por todos os meios possiveis. Foi encarregado de transmitir essa resolução aos partidarios do ex-rei que se encontram na Italia, um tal Petrelias. Era, tambem, o mesmo Petrelias quem servia habitualmente de traço de união entre os constantinianos da Suissa e os de Italia.

Constantino foi informado, em Salso-Maggiore, na Italia, onde nesse momento se encontrava em vilegiatura, da resolução tomada contra Venizelos na sessão secreta de Lucerna.

Partido Republicano Portuguez

O Directorio e a Junta Consultiva deste Partido reuniram hontem, apreciando o trabalho da Camara e do Governo na questão dos electricos e demorando-se principalmente no estudo das alterações ao programa e á lei organica, que devem ser apreciadas no proximo congresso partidario.

Carta da Foz do Douro

O mar! — Considerações de ordem filosofica — A visita ao Porto do sr. presidente da Republica — Trinta mil contos para o porto de Leixões

Meus caros amigos:—Ha tres semanas que não lhes dou sinal de vida, apesar da promessa de lhes enviar frequentes noticias dos sitios onde vim procurar alivios para uma pessoa querida de familia.

Desculpem; não tem remedio senão desculpar-me. O descanso impoz-se-me como uma necessidade imperiosa, e bem merecido foi após tantos mezes de trabalho extenuante.

Tres semanas sem escrever para jornais!... De momento afigurou-se-me não haver na vida maior prazer!

Passei este tempo que para mim decorreu com a velocidade do relampago, enlevado todos os dias na admiração da magnificencia do mar e na contemplação dos seus multiplos e empolgantes aspectos, ora encrespando-se a superficie, como quem carrega o sobr'olho, zangado por se sentir incessante e impertinentemente fustigado pelo vento, ora atirando em largas ondulações, como quem toma o folego, cansado da sua luta perene contra as terras que o conteem, contra os fundos, contra as rochas, ora espargiçando-se com deleite na praia areenta, gosando os beneficios da quietitude atmosferica, sob a acção vivificadora dum sol radiante.

Que paradoxal beleza, esta sucessão ininterrupta de aspectos variadissimos no quadro monotono da côr uniforme do céo e da extensão infinda das aguas!

Noutros tempos, quando a saude m'o permitia, fui muitas vezes para longe, para bem longe, fóra da vista da terra, contemplar face a face os grandiosos espectaculos da natureza, que as lutas desabridas dos elementos, que a pureza tranquila do resplandecimento dos raios do sol no imenso espelho das aguas. Desejar seria que todos pudessem fazer o mesmo. A humanidade seria muito melhor do que é, porque, lá ao largo, em contacto com a imensidade do mar e a infinidade dos céos, e sob a impetuosa furia dos elementos ou dominado pelo encanto e grandiosidade dos magnificos ocasos ou nascimentos do sol, o homem aprende a despir-se das vaidades terrenas e a conhecer-se mais conscienciosa e escrupulosamente, deixando-se penetrar pela convicção de que não passa duma misera criatura cuja existencia decorre á mercê do mais ligeiro incidente da vida do universo, tal como a formiga que o transeunte esmaga sob os seus passos sem disso se aperceber seguer.

Lá longe, naquele maravilhoso isolamento sob a abobada cerulea dos céos e sobre a extensissima superficie liquida que encobre o abismo, o homem é subjugado pela evidencia da sua mesquinha pequenez e pela ideia da existencia d'uma superior Inteligencia directriz dos destinos dos mundos. E se, quando admira, extatico a inimitavel harmonia natural, lhe perpassa por acaso pela mente a lembrança de que ha quem pretenda viver sem Deus e sem religião, acode-lhe ao coração um benevolente sentimento de piedade por esses seus semelhantes destituidos das faculdades necessarias para se elevarem a concepções metafisicas ácerca da origem e finalidade do Universo e que, por isso, se vêem condenados a viver na proximidade dos limites da irracionalidade dos seres inferiores da criação.

Eu não pratico nenhuma das religiões organisadas, mas não sou um ateu. Amo o mar e os céos, adoro o Sol e todas as outras estrelas, venero a vida seja qual fôr a forma sob que ela se apresente, desde o rolar infinito dos astros ao vôo do mais insignificante insecto, e na suma universalidade dos seres vejo consubstanciada a força superior que preside á harmonia universal. A filosofia chama a isto panteismo e eu sou, quasi sem disso me aperceber, partidario dum sentido hylosoista.

Mas para lhes fazer esta revelação do meu modo de ser espiritual não valia a pena gastar papel e tinta. Sou o primeiro a reconhecel-o. Obedeci, porém, á necessidade de expansão determinada pela vida de isolamento, toda contemplativa, que nas ultimas tres semanas passei á borda do Oceano, d'esse poderosissimo instrumento da civilisação mundial, e ao qual nós portuguezes devemos ser particularmente gratos, porque a ele aterramos a nossa independencia e por ele a tornamos indestrutivel.

Do alheamento em que vivi nesse pequeno intervalo de tempo, foi arrancado por um acontecimento nada banal para a segunda cidade do paiz — a visita do sr. presidente da Republica para as festas da comemoração do centenario da revolução de 1820.

* *

Eu explico a razão por que este acontecimento teve o condão de me chamar á realidade da vida, da qual andava apartado, não prestando sequer ouvidos aos rumores do mundo exterior. E' que o sr. dr. Antonio José de Almeida é para mim um velho conhecimento dos bancos da Universidade de Coimbra e toda a gente sabe que a vida academica coimbrã estabelecia, nos tempos em que não estava ainda envenenada pela politica, um tal solidariedade entre os contemporaneos, e, sobretudo, entre os condiscipulos, que resistia a todas as contrariedades da vida e até á acção destrutiva do tempo. Dois rapazes que após a vida saudosa de Coimbra deixam de se avistar largos anos e depois se encontram casualmente, miram-se, hesitam um pouco e logo a seguir abrem os braços numa grande exclamação de jubilo. O primeiro movimento é de simpatia, sem quererem saber do que cada qual fez durante esse largo intervalo de tempo em que andaram apartados.

Embora a minha passagem por Coimbra não fôsse de longa duração, é o unico tempo da minha vida de academico de que tenho verdadeiras saudades. Todos os acontecimentos felizes da vida dos meus antigos condiscipulos me regosijam, e penalisam-me, como se de mim se tratasse, todas as contrariedades que os afligem. O sr. dr. Antonio José d'Almeida não fez excepção a esta regra. Eu não pertencia á roda dos seus amigos, mas mantinha com ele boas relações de camaradagem. Era ele nesse tempo um rapaz magro, nervoso e vivo, de genio alegre, sempre pronto para qualquer daquelas estúrdias em que os rapazes se comprazium.

Quem nos havia de dizer que estava ali um futuro chefe de Estado?

Quando passou á faculdade de medicina já eu não estava em Coimbra, mas chegaram até mim, muitas vezes, os ecos da sua agitada vida politica (a vibora havia-o mordido) numa propaganda tenaz contra a monarquia que ele, de cabeleira solta ao vento, bombardeava com tropos inflamados. Veio depois a partida para S. Tomé, onde foi angariar pelo seu trabalho recursos para melhor e mais desafogadamente proseguir na obra politica que resumia todas as aspirações de sua vida, tornando-se proverbial naquela ilha a sua probidade profissional. Quando regressou, poz todo o seu ardor na organisação da luta contra o regimen monarquico, apresentando-se no sufragio dos eleitores lisboetas que mais do uma vez o levaram á camara, até que viu coroados do exito os seus pertinazes esforços na jornada de 5 de outubro.

Dados estes precedentes da relações academicas natural era que me houvesse a curiosidade de assistir á recepção que o Porto preparava ao chefe do Estado, meu antigo condiscipulo. O acolhimento que lhe fizeram os portuenses, foi digno das suas tradições de bizarria e hospitalidade. Acorreram em grande numero o elemento oficial e o elemento popular e o sr. presidente da Republica andou sempre envolvido, em todas as cerimonias a que assistiu, numa atmosfera de respeito e simpatia.

Fez-se preceder do decreto que consignou a quantia de 30 mil contos ao proseguimento das obras do porto de Leixões, mas era desnecessario esse estimulo para que os habitantes do Porto manifestassem ao chefe do Estado a sua alta consideração.

Trinta mil contos para o porto de Leixões!

Ele lá está, visitei-o ha poucos dias ostentando a imponencia das suas extensas muralhas fortemente enrocadas. Mas com toda aquela sua aparencia magestosa não representa mais que um grandioso desperdicio, exemplo memoravel do desnorteamento da administração portuguez, e perigosa ratoeira para os navios que a ele confiam a sua segurança.

Não são os portos que fazem grande o comercio, mas sim o comercio que faz os grandes portos e nós atravessamos uma epoca de grandes concorrencias comerciais num pequeno numero de portos superiormente apetrechados. Ora para um paiz como o nosso, ainda que desuplicar-se o valor das suas transacções comerciais, o porto de Lisboa seria mais que suficiente. Chegaria até para o comercio de toda a peninsula, se tanto fôsse necessario.

O porto de Leixões é, portanto, um erro economico que vem de longe. O mais importante comercio do Porto, o dos vinhos, dificilmente virá a aproveital-o e continuará, talvez para sempre, a servir-se da barra do Douro que não é tão impraticavel, como querem dizer. E', todavia, talvez mais vantajoso concluil-o que deixar estragar o que está feito e que alguns milhares de contos custou já ao tesouro publico.

Poder-se-ia, porém, esperar mais algum tempo e aplicar aqueles 30 mil contos ás imperiosas urgencias do grave momento que passa, como as que nos impõem um plano de fomento metodico e intensivo das culturas alimentares, unico remedio a aplicar contra a carestia da vida que nos tortura.

Avelino da Silva Monteiro

Policia de Segurança do Estado

Nota oficiosa

Pela Confederação Geral do Trabalho foram hontem distribuidos uns manifestos proclamando uma gréve geral, e como pretexto de revindita por um assalto de que o jornal sindicalista, «A Batalha» foi vitima.

N'esse manifesto afirma-se que os assaltantes pertenciam, na sua maioria, á policia de segurança do Estado.

Independentemente do procedimento legal contra tal calunia, esta direcção desmente categoricamente tal afirmação, repelindo indignadamente a insinuação feita, e intima, quem quer que seja, a provar que um só agente d'esta policia tomasse parte em tal assalto.

Lisboa e Direcção da Policia de Segurança do Estado, aos 29 de Agosto de 1920.

PELO TELEGRAFO

Festejando o centenario da independencia

GUAIAQUIL, 28.—Ha grande entusiasmo entre a população pela proposta de se organizarem grandes festejos em comemoração do centenario da independencia.—(*Americana*).

Um protesto do Chile

SANTIAGO, 28.—Assegura-se que o governo ordenou aos seus representantes em Londres e Berlim que protestassem contra a entrega em Hamburgo de armamento ao Peru para 80.000 homens, violando assim o tratado de Versailles.—(*Americana*).

A posse do novo presidente do Equador

QUITO, 28.—O novo presidente da Republica, José Luis Tamayo, tomará posse em presença dos membros do Congresso.

O corpo diplomatico, entre o qual ha embaixadores extraordinarios da maior parte das republicas sul-americanas, assistirá á cerimonia.

Preparam-se manifestações entusiasticas.—(*Americana*).

Sindicato central ferro-viario

RIO DE JANEIRO, 28.—Foi inaugurado o sindicato central ferro-viario, o maior expressão da vontade dos operarios brasileiros.—(*Americana*).

Cotações, valor do escudo

RIO DE JANEIRO, 28.—Cotação do café, 11$700; cambio sobre Londres, 13 3/8 e 13 15/32; valor do escudo, 1$000 reis.—(*Americana*).

Aparece o cadaver do aviador Pinder

RIO DE JANEIRO, 28.—Apareceu o cadaver do aviador Pinder, companheiro de Aliatar Martins.—(*Americana*).

Campeonato de foot-ball sul-americano

RIO DE JANEIRO, 28.—Partiu para o Chile a delegação desportiva que vae disputar o campeonato de foot-ball sul-americano.—(*Americana*).

Situação da praça

RIO DE JANEIRO, 28.—A situação da praça melhorou.—(*Americana*).

NA RUSSIA DO SUL

Os cossacos apoiam Wrangel

CONSTANTINOPLA, 26.—O acordo recentemente estabelecido entre o general Wrangel e os representantes cossacos foi seguido dum desembarque de tres corpos expedicionarios, que, segundo parece, teem a promessa cabal do completo auxilio dos cossacos de Kouban e de Terek, assim como dos sobreviventes dos «verdes», camponezes da Circassia, que foram perseguidos pelo governo dos «soviets» depois de se ter servido deles.

O primeiro corpo que desembarcou ao sul do Ilisk, (no sudoeste de Rostov), avançou até meio caminho da junção do caminho de ferro de Tikhoriers Kaya (no caminho de ferro Novorossisk-Tsaristsyn), o segundo desembarcou perto de Anapa, a noroeste de Novorossisk, a ameaça esta cidade; finalmente, o terceiro encontra-se ao sul de Lotchia, a 185 quilometros a sueste de Novorossisk.

Ainda é cedo para expressar uma opinião sobre os sucessos déstes corpos expedicionarios, mas uma coisa é certa: que na grande maioria os camponezas da região que se estende entre o mar de Azoff e o mar Caspio são verdadeiramente hostis ao regimen dos comissarios bolchevistas. (*Correspondente*).

A luta entre russos e polacos

Manifestações em honra do general Weygand

VARSOVIA, 26.—Por ocasião da partida do general Weygand, houve uma importante manifestação de reconhecimento dos polacos.

Enorme multidão, aos sons alternados da «Marselheza» e do hino da «Polonia invencivel», estacionou defronte do palacio do general, que assomando a uma janela, foi alvo de aclamações importantes.

Dezenas de delegações, representando todos os oficios e artes, desfilaram abatendo as bandeiras diante do general.

Os veteranos de 1863 desfilaram com o estandarte despedaçado da batalha de Grodno, onde a insurreição polaca foi esmagada e onde foi agora vencido o bolchevismo.

Por fim, o governador da cidade foi entregar ao general o diploma de cidadão honorario de Varsovia e em nome de toda a Polonia fez-lhe tambem entrega do sabre historico de Stefan Batory, rei da Polonia, que no seculo XVII, repeliu a invasão dos barbaros.

Ao agradecer ao povo aquelas provas de carinho, o general Weygand declarou:

As ultimas semanas firmaram entre a França e a Polonia uma aliança para a vida e para a morte.—(*Correspondente*).

Uma intervenção finlandeza contra a Russia

LONDRES, 27.—Diz o «Daily Telegraph»:

Os polacos e Wrangel podem bater os bolchevistas, mas é lhes impossivel tomar Moscou. Por isso, deve esperar-se a intervenção d'um terceiro factor: a Finlandia.

Seria caso para causar surpreza que se não lançasse mão de todos os meios da parte dos inimigos de Lénine para livrar os finlandezes, cujo exercito é valoroso e bem equipado, a avançar sobre Petrogrado.

Estão apenas a 50 quilometros e a queda d'esta cidade teria não só um imenso alcance moral, mas seria uma ameaça directa contra a capital dos bolchevistas. Seria, na realidade, para eles o começo do fim.—(*Correspondente*).

VARSOVIA, 28.—Comunicado de 27 de Agosto:—Na frente norte a situação não se modificou. No centro derrotámos uma importante coluna inimiga que desembarcava na estação de Zabinska, fazendo-lhe mais de 650 prisioneiros e tomando-lhe 12 metralhadoras e 14 autos.

Ao sul, na região de Leopol continuam os combates vigorosos. No sector de Bobrka e Swirz repelimos varios ataques encarniçados do inimigo. Ao sul de Phorylice destruimos um regimento de infantaria, fazendo-lhe 120 prisioneiros.

Ao longo do Dniester a situação não mudou.—(*Havas*).

LONDRES, 28.—O governo russo propôz á Polonia que as negociações de Minsk continuassem numa povoação da Lituania.—(*Havas*).

ROMA, 29.—Dizem os jornaes que o Papa pediu á Polonia que não fosse além das suas fronteiras e que se mostrasse conciliadora nas negociações da paz.—(*Havas*).

VARSOVIA, 28.—Depois de terem retomado Ossewetz e Krakow, os polacos continuam a progredir para leste onde fizeram 1.200 prisioneiros. Na região de Mlava capturaram 3.000 vermelhos e tomaram 3 peças de artilharia.—(*Havas*).

BERLIM, 29.—O representante dos soviets em Berlim, Kopp, numa entrevista concedida ao «Berliner Tageblatt» disse: «Insistimos por que o exercito polaco seja reduzido a 50.000 homens. Não devem acusar-nos de pacifistas, porquanto o pacifismo e bolchevismo são antagonicos, mas necessitamos a paz com a Polonia».—(*Havas*).

BERLIM, 29.—O «Worwaorts» recebeu um telegrama de Beuthen dizendo que, mercê das tropas aliadas, se encontra restabelecida a ordem na Alta Silesia, trabalhando já 80 por cento dos mineiros.—(*Havas*).

PARIS, 28.—A legação da Polonia comunicou á imprensa a seguinte nota: «Uma informação que apareceu em alguns jornais era de molde a deixar perceber que a partida, de Varsovia, do general Weygand teria sido motivada por um desacordo entre este e o alto comando polaco. A legação da Polonia, de acordo com o estado maior do marechal Foch, desmente energicamente esse boato tendencioso e absolutamente contrario á verdade.—(*Havas*).

O assalto á "A Batalha,,

As auctoridades começaram hoje o inquerito

O edificio onde se acham installados os escritorios do jornal «A Batalha» foram hoje visitados por muitas pessoas que desfilaram pelas varias salas, onde os destroços do mobiliario continuam amontoados, vendo-se pelas paredes «placards» em que se indicam as entidades que o operariado julga autoras do assalto.

Vigiando o edificio que se encontra embandeirado veem-se dois guardas civicos.

As auctoridades iniciaram já os seus trabalhos sobre o inquerito solicitado pelo sr. governador civil e a que o sr. presidente do ministerio e ministro do interior deram todo o apoio.

Por parte da policia de investigação, as diligencias são dirigidas pelo sr. dr. Teixeira de Azevedo, adjunto do director da policia de investigação, visto o director sr. dr. Reis Junior ter-se por ido escuso, por se julgar suspeito em virtude dos ataques que os sindicalistas teem feito ultimamente aquele magistrado.

Ao sr. governador civil foz hoje a sua apresentação o major sr. Alvaro Teles de Azevedo, comandante do grupo de metralhadores do Lazareto, um republicano de sempre, cujo nome é uma garantia absoluta de que inteira luz e justiça serão feitas.

Foram já dadas instrucções para que logo que se comecem a apurar responsabilidades, os implicados sejam presos.

Na reunião de hojo do pessoal de Carris em gréve, protestou-se novamente contra o assalto, tendo usado da palavra n'esse sentido os srs. Manuel Carvalhaes, Manuel Rolo e Armando Martins, que convidam todos os seus camaradas a assistir á reunião magna que a U. S. O. realisa hoje, ás 20 horas.

A direcção da Associação dos Trabalhadores da Imprensa, que reuniu extraordinariamente para apreciar o ocorrido resolveu enviar ao presidente do Ministerio o seguinte telegrama:

«Associação Trabalhadores Imprensa vem perante antigo jornalista dr. Antonio Granjo protestar ante que injustificado jornal *Batalha* apelando autoridade chefe governo não repetição tais factos que desprestigiam a Republica».

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

TEATRO EDEN—**Sem camisa**, revista em 2 actos de Bento Faria, Alvaro Santos e Amadeu Ferveça, musica de Bernardo Ferreira.

Está tomando as proporçoes d um conflito irritante a forma por que, uma diminuta parte dum publico que vae ao teatro, que paga e que, socegadamente e para se distrair deseja ver o espectaculo, entende, dentro do que chama a sua critica, interrompel-o de formas diversas que vão, desde o dito que procura ter espirito e que, na maioria das vezes não produz o efeito desejado, até á turbulencia que irrita os pacatos e incomóda as senhoras. Claro está que a critica é livre e todos a podem fazer, segundo a sua maneira de ver e segundo o seu critério mas nunca de forma por que, ultimamente, meia duzia de meninos que dizem tomar chá no Benard e na Garrett a tem procurado fazer, levantando, como é de justiça, um protesto geral. E, exposta a nossa maneira de sentir sobre o assunto, vejamos os comentarios que a peça nos sugere.

Baseada na conhecida lenda do homem feliz, procuraram os seus autores, fazer no genero revista, uma obra que divergisse, muito especialmente na factura das peças congéneres. Não ha duvida que o conseguiram em parte e esse facto, só por si, é motivo de louvor e não de protesto. O primeiro acto é, sem sombra de duvida, bastante superior ao segundo, embora necessite de cortes, não só por estar longo, em demasia mas ainda porque o bom senso aconselha a que tal se faça, eliminando alguns numeros, recitativos e falas que apenas conseguem amornar a obra e, por vezes, fazer esquecer o seu fio coudutor. Estão neste caso, alguns dos recitativos a cargo da sr.ª Palmira Torres, societaria do teatro Nacional e que entendeu por bem, experimentar tambem o genero revista o que já nos não sugere comentarios que só poderiam ser desagradaveis áquela artista mas que nos deixa bem vincada a impressão de que a *revista* se é certo que, até hoje, tem sido o teatro que mais agrada á classe popular é tambem uma especie de epidemia a que se não tem sabido furtar os artistas de comedia. Sofrem-lhe o contacto e em seguida, curam-se. Pena é que se deixem contaminar.

Sem camisa procura diferençar-se das outras. E' certo. No primeiro quadro, original e bem tratado, logo se nota essa inovação e seguidamente o terceiro, prende a atenção do publico pelo scenario e pela riqueza e bom gosto do guarda-roupa, não se assemelha em nada, felizmente, ao que ultimamente temos visto e denota que, se por parte dos autores houve inventiva, a Empreza procurou corresponder e até valorisar essa imaginação. Segue-se-lhe uma apoteose divergindo, por completo da do segundo acto, mas qualquer d'elas, interessante. Em todo o resto da obra, trez ou quatro ditos com graça e um outro numero que agrada por completo, como seja a fabula do *Gato Pingado*, por Alvaro Pereira, o *fado serenata dos Pierrots* por Faria Coelho, e outros numeros em que é justo destacar Clara Batista, Elisa Santos, Sofia Santos, Flora Dyson e Sazar Medeiros, quanto ao elemento feminino e Artur Rodrigues e Gomes, o primeiro em algumas rabulas que fez com a sua costumada honestidade e o segundo que marcou o *compère* da peça, da forma porque é habito seu fazel-o, sem esgares e sem excessos, fazendo rir com a sua costumada veia comica.

Musica de Bernardo Ferreira, com alguns numeros felizes, muito embora outros existam já bastantes ouvidos. Regencia certa mas os côros por vezes sem entrarem a tempo.

Marcação de Sant'Ana, perfeita, bem fantasiada, sem cair nos excessos que algumas vezes vão até ao inverosimil e os adereços optimos.

Alvaro Lima

NOTICIARIO

Entre nós

E' menos verdadeira a noticia de que madame Maria Judice da Costa vá fazer parte da companhia dramatica que na proxima epoca funcionará no teatro de S. João, no Porto.

Nunca a distinta artista lirica pensou sequer em se dedicar ao genero dramatico.

O cartaz de hoje

Nacional, ás 21,15, «A Castro».
Politeama, ás 21,30, «Pele Nova».
Trindade, ás 21,15, «Chá e torradas».
Ginasio, ás 21,15, «O A's».
Avenida, ás 21,30, «Amor em pó».
Apolo, ás 21,15, «Risos e Flôres».
Coliseu dos Recreios, ás 21, «Variedades».
Salão Foz, ás 21 «Variedades».
Olimpia, Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.
Chiado Terrasse, Animatografo e concerto.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Les Anomalies de l'existence,—Da Sociedade de Edições, boulevard de Clichy, 34, Paris, recebemos esta cançoneta, do reportorio de Mauricet e pelo autor creada na «Boite á Fury».

Vida Sportiva

BOX

Os combates do Salão Foz

Realisou-se ontem no Salão Foz o primeiro combate de box da serie que ali se vae efectuar. Ruivo dominou ao 2.º round o seu adversario, sendo bastante aclamado.

Amanhã realisa-se novo combate entre Faustino Pereira e Silva Ruivo Deve ser um combate *duro* e cheio de interesse. São dois portuguezes um já afirmado em numerosos combates, o outro iniciando a sua carreira de pugilista profissional.

Parece que um boxeur mexicano, que se encontra entre nós, mostrou desejo de combater com Silva Ruivo brevemente.

José Leslie tambem dentro em poucos dias fará um combate.

A inscrição de boxeurs para esta serie de combates continúa aberta nos escritorios da empresa.

TIRO

Sociedade de Tiro n.º 1

Com o final das provas do campeonato, que terminaram no domingo passado, na carreira de Tiro de Pedrouços, ficou concluido o programa que esta sociedade se propoz levar a efeito no corrente ano.

O resultado das classificações foi o seguinte:

1.º Francisco Jorge de Carvalho.
2.º Carlos Marrafa.
3.º Fernando Augusto Pinto Viegas.
4.º Antonio Manuel dos Reis.
5.º Adolfo Teixeira.
6.º Clemente Silva.

Os premios constavam de uma medalha de «vermeil», duas de prata e três de cobre com esmalte e devem ser brévemente distribuidas.

Na capital do norte

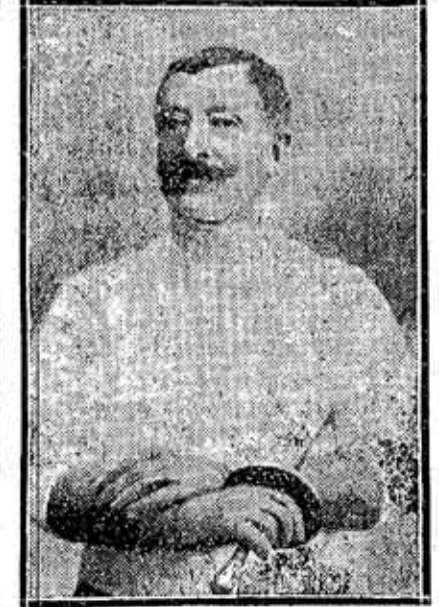
Provas de natação

Está animadissima a epoca de natação no Porto.

Na ultima quarta-feira a Liga dos Clubs de natação fez disputar algumas

O nadador Carlos Caetano da Silva, do Club Sportivo Nuno Alvares, campeão regional dos 500 metros

provas cujos resultados a seguir damos: *100 metros* (campeonatos do norte)—1.º Carlos Caetano; 2.º Alvaro Sequeira; 3.º Luiz Pereira.

O campeonato regional de waterpolo de 1.as categorias foi ganho pela equipe do Club Sportivo Nuno Alvares que era constituido do seguinte modo: Garrido de Castro, M. Magalhães, Alvaro Sequeira, Domingos Frias, A. Ramos Correia e Caetano.

O mestre d'armas Antonio Pinto Martins, de quem os esgrimistas portuguezes teem recebido grandes ensinamentos

Realisou-se tambem a final do torneio de segundas categorias, entre o C. S. M. A. e F. C. P., que finalisou por 2 a 1.

Os grupos que jogavam estavam assim compostos:

C. S. N. A.—Gonçalo Mesquita, Adriano Pereira, Vitor d'Oliveira Correia, Aurelio Fernandes, Antonio Branco e Casaes.

F. C. P.—José Manco, João Costa, Mario Silva, Armando Moura, F. Teixeira, Alberto Machado e Alvaro de Aouino.

O torneio de Vila Franca

Foi adiada a grande festa hipica

Um dos principais organisadores e concorrentes do torneio hipico á antiga portugueza que estava anunciada para amanhã e se devia realisar no campo do Sporting Club Vilafranquense, foi vitima de um desastre. Por esse motivo, o torneio foi adiado para o dia 5 de setembro.

Com o que tem a ganhar o publico, porque o programa será melhorado, e os concorrentes, porque mais tempo terão para se treinarem.

Amanhã á noite, na tabacaria Chave de Ouro, encerra-se a inscrição de concorrentes, realisando se, ás 22 horas, entre os que quizerem comparecer, uma reunião, afim de se assentarem e esclarecerem detalhes da festa.

Noticiario

Parece que os esgrimistas portuguezes que se encontram em Anvers, foram convidados a tomar parte no campeonato da Europa, que se disputará em Deauville.

Não sabemos se o convite será aceito, mas seria interessante que os nossos esgrimistas disputassem essa prova, a que de certo concorrerão os melhores atiradores de todo o mundo.

—O Sport Algés e Dafundo está elaborando um programa para uma festa nautica, que conta levar a efeito no dia 27 de Setembro proximo.

Entre outros numeros fazem parte do programa a prova da «milha», para o que já tem como certa a coadjuvação da Comissão dos Amadores de Natação do Sul.

—Terminou no passado domingo o campeonato de Hoskey (segundas categorias), com a vitoria do Portugal Foot-ball Club, que mostrou muita decisão e energia, sendo para destacar a forma brilhante como obteve esta classificação, tanto mais que ha pouco tempo que pratica este «sport».

A' noite, no elegante salão do S. L. B., fez-se a distribuição dos premios d'estes campeonatos, sendo entregues por uma comissão a maneira como a assistencia vitoriou os premiados. As taças de patinagem e «hokey» (primeiras categorias) foram, este ano, de novo conferidas ao Benfica.

—Continuam afluindo á redacção do bi-semanario «Os Sports» inumeras adhesões de oficiaes do exercito, apoiando a campanha que aquele jornal está fazendo, no intuito de se praticar o sport no nosso exercito.

—No dia 9 de Setembro realisa-se a assembléa geral da Associação de Foot-Ball.

—No dia 8 termina o prazo de inscripção para o campeonato de sports atleticos que o S. L. B. vae efectuar nos dias 18 e 19 de Setembro.

Descida perigosa

Trata-se duma perigosissima descida, da altura dalguns centos de metros, mas que o arrojado artista americano Elmo Lincoln faz com a maior facilidade.

E quem não acreditar, que aproveite o espectaculo desta noite no Salão Central: ali verá, na exibição do 16.º episodio do colossal film de aventuras, *Elmo, o Poderoso*, a verdade das nossas palavras.

Amanhã, na matinée que ali tem logar, realise-se a estreia do 17.º e penultimo episodio, com o titulo *Mergulho forçado*.

TOURADAS

Campo Pequeno.—O famoso espada mexicano Rodolfo Gaona, que no domingo lida no Campo Pequeno, á hespanhola touros de Emilio Infante da Camara, dará a alternativa ao seu compatriota e valente matador de novilhos Miguel Gallardo, que depois a confirmará em Hespanha.

Gallardo traz o seu bandarilheiro Rafael Ortega «El Cuco» e Gaona os picadores «Marinero» e Telesforo Gonzalez e os bandarilheiros P. Palomino e José Lopez «El mejicano».

Estão ainda contratados o cavaleiro Adolfo Machado e os bandarilheiros G. Tadeu, Falcão, «Malagueño» e «Alfareiro».

Por especial deferencia tomará parte na lide o festejado cavaleiro amador sr. D. Alexandre de Mascarenhas. Haverá um escolhido grupo de forcados.

Noticias da Capital

A serie diaria.—Está novamente a contas com a policia o gatuno de cadastro Virgilio Franco, da calçada dos Cavaleiros 24, 1.º, acusado por Antonio da Silva Pinto, da Travessa de Bica aos Anjos, 46, loja, de ter furtado uma caixa com tecidos no valor de 2.500 escudos, caso em que tambem está implicado um larapio conhecido pelo *Carlitas*. O furto foi encontrado n'uma escada da rua dos Douradores pelo Silva Pinto, estando o caso a ser investigado pelo agente David Martins.

A um dos calabouços do governo civil recolheu Francisco Antonio Cancelos, empregado do comercio, sem residencia, cuja detenção foi pedida pela firma comercial Joaquim Martins & C.ta, com escritorio na travessa das Portas do Mar, 2-A, 1.º, que o acusa de a haver burlado em varias quantias importantes, quelhe tinham sido confiadas para comprar coroas.

—Tambem foram detidos: Antonio Simões, da rua da Pascoa, 8, 2.º, que estando empregado na papelaria de Fernando & C.ª L.da, da rua da Prata, 33 e 35, ali praticou um desfalque na importancia de 2 000 escudos, tendo-lhe sido apreendido a quantia de 780 escudos, um corrente de ouro e um relogio; Quiteria Marques, da travessa de Santa Quiteria, 10, loja, que furtou roupas no valor de 130 escudos a Vasco de Almeida, do beco do Ramos, 5; Augusto Correia, da rua da Magdalena, 237, 4.º, que furtou a quantia de 81$80 a sua propria mãe, Amelia Correia, a qual declarou á policia que o filho é desertor do regimento de cavalaria 4, onde tinha o n.º 2090, do 1.º esquadrão; Etelvina da Anunciação, do pateo Gomes Pereira, que, estando como creada em casa de Maria Rosa da Silva, na rua das Trinas, 54, dali furtou a quantia de 100 escudos.

—Os gatunos entraram, por escalamento de um muro, no quintal da residencia de Vicente Guerra, na Avenida Almirante Reis, 57, cave, donde furtaram roupas que estavam a secar e que são avaliadas em 150 escudos.

—A' policia foram entregues as seguintes queixas: de Virginia Torres, da rua 24 de Julho, 4, 3.º acusando Maria da Conceição, sua companheira de casa, de lhe ter furtado um vestido avaliado em 54$50; de Lidia de Matos, da Vila Correia, 2, 2.º, acusando a sua companheira de casa Joaquina da Conceição, de lhe ter furtado varios objectos de ouro avaliados em 119 escudos;

—Para o tribunal da Boa Hora foram enviados hoje: Rufino Simões, sem residencia e Manuel Loureiro da rua do Vale a Jesus, 52, 1.º, que por arrombamento furtaram roupas avaliadas em 1.000 escudos; e Armando de Souza, da rua de S. Vicente á Guia, 31, 1.º, que furtou a quantia de 55 escudos a seu patrão Antonio Gomes Leite, da rua da Beneficencia, C. S.

Para o que o vinho lhe deu...—Pela rua do Sol ao Rato, andava hoje de madrugada, muito embriagado e praticando disturbios de toda a especie, Alfredo da Silva Neto, soldado do quartel de Campolide, o que do baioneta em punho ameaçava de morte os transeuntes. O ebrio chegou a agredir José Ribeiro, da rua Maria Pia, 255, cave, João Jorge, da rua Particular á rua Maria Pia, M. N. J., e Guilherme de Oliveira, da rua de Campo de Ourique, 117, 2.º, ao ser preso pelo guarda 613 tentou agredir o cabo e uma vez na esquadra praticou novos disturbios, sendo então desarmado e metido n'um calabouço até que compareceu uma escolta que o levou para o quartel.

Latino-Americana
Anuncios e comunicados em todos os jornaes nacionaes e estrangeiros
Rua Antonio Maria Cardoso, 26
Telefone:—2143-C.
SUCURSAL — RUA DO OURO, 81

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3621 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Segunda-feira, 30 de Agosto de 1920 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

O atentado contra "A Capital"

Até ás 15 horas, quando traçamos estas linhas, a grève geral não se efectivou. Se muitos operarios deixaram de trabalhar, muitos outros não deixaram de se ocupar dos seus afazeres. De modo que a grève passou a ser parcial.

Tanto os que trabalharam, como os que o não quizeram fazer, estão no seu pleno direito e ninguem lhes póde querer mal por isso.

Não anima especie alguma de odio ou o minimo resentimento contra qualquer classe e muito menos com a classe grafica, companheira constante do nosso labutar diario neste trabalho exaustivo e fatigante de todos os dias, de todas as horas.

Acentuando isto, acrescentaremos que não nos ocorre sequer a idéa de tornar responsaveis pelo atentado que hontem á noite foi dirigido contra a nossa redacção os operarios conscientes. Serão esses os primeiros, temos a certeza, a repudiar o gesto, que só pode ser obra de alguns desvairados. Não se compreende, realmente, que se atirem duas bombas—porque foram duas—contra a redacção d'um jornal, pelo simples facto d'ele se publicar, em harmonia até mesmo com as clausulas do acordo assinado com a Federação do Livro e do Jornal.

Repetimos: de modo algum tornamos ou podemos tornar responsaveis os operarios conscientes por esse atentado.

Não nos fará isso desviar do que supômos ser o nosso dever. A liberdade de trabalho deve ser sempre respeitada. E no momento gravissimo que estamos atravessando, mais do que nunca se impõe o trabalho util e honesto.

Contra o atentado que nos alvejou, nem uma palavra mais diremos.

O publico, que é sempre o melhor juiz, se pronunciará.

Entre as muitas outras pessoas que nos teem vindo apresentar felicitações e juntamente o seu protesto pelo atentado contra *A Capital* seja-nos licito citar, sem desprimor para ninguem:

Dr. Eduardo de Sousa, antigo director da *Republica*, que nos pediu para que fixassemos a circunstancia de que, a quando do assalto ao seu jornal, a classe grafica nem protestou, nem declarou a grève; dr. Miguel de Mendonça Monteiro; tenentes-coroneis Ivo Ferreira e Correia dos Santos, Adriano de Vasconcelos, Lima Cardoso, madame Judice da Costa, Alfredo Moura, comerciante, 1.º tenente Anibal Covacich, Bartolomeu Severino, etc., etc.

Falsificação de vinhos do Porto

A directoria da Camara Portuguesa do Comercio e Industria do Rio de Janeiro oficiou ao director geral do Comercio Agricola, sr. Joaquim Belford agradecendo as precisas informações que lhe forneceu sobre um pseudo exportador de vinhos do Porto, que, com um descaramento inaudito e criminoso tentara introduzir em todos os estados do Brazil vinhos falsificados como se fôssem legitimos vinhos do Porto.

Foi devido ás informações do sr. Belford que o falsificador foi descoberto, estando agora a contas com o governo brazileiro.

Um convite aos exportadores

Foram convidados os exportadores de madeiras, coiros e peles, que tenham requerimentos dependentes de despacho na direcção geral do comercio e industria a apresentarem no praso de 15 dias as propostas para importação das mercadorias de primeira necessidade como compensação da exportação que pretendem fazer, afim dos seus requerimentos serem tomados na devida consideração.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

O livro "Infeliz-Mente!"

Tudo preparado

Conhecido o terreno, era necessario estudar a melhor hora para deixar o hospital. Noute alta seria o mais seguro; mas dizem as paredes do Conde Ferreira que ha uma porta que se abre misteriosamente a horas mortas e corriamos o risco de esbarrar com o visitante noctivago... Além disso, apesar do sono da minha empregada-carcereira ser pesado, era arriscadissimo eu sair do quarto. Vimos então que a hora mais conveniente seria das 19 e meia para as 20.

Indagámos, muito diplomaticamente, já se vê, qual seria o castigo das empregadas e da enfermeira, realizada com exito a fuga e apurámos que seria, provavelmente, uma mudança de enfermaria; era, pelo menos, o que costumava ser, quando se dava algum caso de fuga ou de suicidio. Por ai, portanto, não havia mal. Não queriamos que ninguem perdesse o seu pão por nossa causa.

Assentes os preparativos a fazer, a minha companheira escreveu uma carta á pessoa que tinha a chave de que precisavamos. Essa chave fôra feita para uma fuga que tinha estado para ser levada a efeito no ano anterior, se não me engano, mas que não chegára a efectuar-se por a senhora ter sido retirada do hospital.

Eu encarreguei-me de fazer chegar a carta ás mãos do destinatário e, não me considero delatora, contando êstes pormenores, porque: em primeiro logar, a senhora que fugiu comigo e que, infelizmente, foi capturada mêses depois e hospitalizada de novo, segundo li num jornal, conseguiu evadir-se ha pouco, quando saiu de trem para ir a um den-ô tista—aqui tem o leitor uma cura milagrosa que eu operei sem ser psiquiatra, pois que no Conde Ferreira não a aceitam mais;—segundo, porque a pessoa que tinha a chave, e que era um carpinteiro que trabalhava ha muitos anos no hospital e que esteve preso na policia, não chegando, porem, a ser pronunciado, já descobriu, ele proprio, que nos auxiliou na fuga.

Esse mesmo carpinteiro foi quem levou a chave ao hospital, assim como um relógio que eu tinha mandado pedir emprestado ao Manuel, para não haver desencontro de horas na noute da fuga; e eu lhe conto como ele me passou tudo.

O carpinteiro é bom homem e fazia um ou outro recado ás internadas, sem no hospital saberem, já se vê. Era ele quem costumava arranjar os stores das janelas, fechaduras de gavetas, etc, etc, mas sempre que ele ia á enfermaria ficava uma empregada a guardá-lo. Isto servia de muito, leitor, vai ver.

No dia em que o homem foi levar a chave, ainda eu o não conhecia, mas a minha companheira foi prevenir-me de que ele tinha feito sinal de que trazia qualquer cousa e eu apresentei-me no corredor ao lado dela. Vinha com ele outro carpinteiro e a minha empregada estava no corredor a guardá-los. Que fazer?

Lembrei-me, de repente, que a porta do meu «quarto especial», tinha a «especialidade» de estar empenada de tal modo, que custava a abrir. Disse então á minha empregada que, se os homens que ali andavam, eram carpinteiros, podiam talvez arranjar a porta. Ela achou muito bem lembrado e mandou fazer o arranjo de que a porta precisasse.

O homem percebeu o «truc», principiou a fechar e a abrir a porta para a experimentar, num dado momento fechou a porta ficando do lado de dentro do quarto, eu já lá estava e... passou-me o relógio, a chave e muito mais que trouxesse me podia ter passado, nas barbas da autoridade...

De posse dessas cousas, pouco faltava para a fuga.

Tinha sido restaurada a monarquia no Porto, estavam cortadas as comunicações com Lisboa, era preciso aproveitar a ocasião.

Conhecia, por me haverem contado no Conde de Ferreira, os pormenores da fuga do Sr. dr. Da Cunha Dias, de aquele hospital e sabia que o pessoal do manicómio o tinha perseguido, após ela, não conseguindo, felizmente, apanhá-lo por ir de automovel. Precisava, portanto, um automovel para me afastar rapidamente do Conde de Ferreira.

Pedira, pois, ao Manuel mais duas cousas; uma escada para galgar o muro que tem tres metros e tanto de altura e um auto para me distanciar depressa do hospital. A resposta fora que contasse com ambas as cousas.

No Conde de Ferreira continuava tudo o «sucego», mas eu e a minha companheira é que não tinhamos descanso. Sabiamos que o menos que nos podia acontecer, se fosse descoberto o plano, ou apanhadas no acto de fugirmos, era ir parar a uma casa forte do pavilhão das furiosas, por uns seis mezes; mas quem se não arriscou...e a liberdade tenta tanto... Só sabe bem o que ela vale, quem a tenha perdido alguma vez.

Para sair as barreiras, precisavamos dum salvo-canduto; lembrei que se pedisse o auxilio do Alberto (primo do Manuel, que com ele se encontra preso ha 18 mezes na Relação do Porto e que é casado) para passar como sua mulher. Alma boa e generosa, ele poz-se tambem ao meu dispôr e eu tanto mal lhe fiz sem querer!...

Tudo preparado, faltava marcar o dia.

A enfermeira adoecera e uma das senhoras tambem estava de cama.

Todas as noutes iamos visitar aquela, para nos habituarmos a descer a escada...e ver bem o que se passava em baixo, para ficarmos sabendo com o que podiamos contar.

Estavamos em Fevereiro, os dias eram pequenos; ás 19 e meia era noute, mas ia começar a haver luar. Marcámos o dia 3. Era uma segunda feira.

Iria raiar para nós a liberdade?

Maria Adelaide.

POLITICA

Não ha crise — Perfeita uniformidade de vistas — Governo até outubro — O novo ministerio — O congresso do P. R. P. — Fantasias que podem muito bem valorisar-se

A politica volta a animar-se.

A crise, aquela famosa crise, em que se fala quasi desde a primeira hora em que o governo se formou, voltou a andar na boca de toda a gente, assoprada ao ouvido dos que com essa situação ministerial se preocupam.

Mas haverá realmente crise?

Fomos hontem propositadamente interrogar a tal respeito uma alta figura da Republica que pela posição que agora mesmo ocupa tem toda a autoridade para dizer de sua justiça no caso que se debate.

—Pode V. Ex.ª dizer-me o que ha sobre crise do governo?

—Oiço falar nisso. Mas posso dizer-lhe que, entre todos os membros do actual governo, reina a melhor harmonia, a melhor unidade de vistas. Apelou-se já para a questão dos electricos a fim d'uma scisão ministerial. Fantasias nuns, politiquice noutros. O governo tem até o maior acordo possivel nas medidas tomadas a tal respeito. Falta só como sabe Companhia assignar o acordo com o seu pessoal e tudo se resolverá em bem.

—O que já não é sem tempo...

—Decerto. Mas o governo, nem foi o culpado da demora na solução da grève dos electricos, nem esse assunto o preocupou jamais sob o ponto de vista politico.

—De maneira que...

—A saida do sr. Velhinho Correia e Rego Chagas no actual momento não passa d'uma *blague* adrede forjada pelos inimigos do regimen.

—Temos n'esse caso governo até outubro?

—Sim. Devemos ter. E só em outubro, possivelmente em novembro, o governo estará realmente em crise. Até lá aguenta-se. Até lá, mesmo que surja qualquer caso de rua, o governo manter-se-ha sólido e unido. Depois cairá perante o Parlamento. E' quasi sabido isso e dificilmente esse facto se poderá evitar.

—E quem vae?

—Um novo governo das *direitas* sob a chefia do sr. Alvaro de Castro. E' o que se afirma. E' o que mais facilmente se poderá organisar.

—Sustentado e constituido por quem?

—Por reconstituintes, liberaes, independentes, dominguistas e directorio do P. R. P.

—Uma nova salada russa.

—Parece-lhe agora isso. Mas depois do Congresso do P. R. P. verá como isso se torna facil e compreensivel.

—E o congresso? Será agitado?

—Agitadissimo!

—Crê isso?

—Creio, não. Tenho a quasi certeza matematica de que será assim.

—E os resultados?

—O desfacelamento.

—Duvido...

—Verá! O Domingos Pereira sae do P. R. P. com a sua gente. O Directorio afasta-se do grupo A. M. S. e este ou ficará manobrando sósinho ou irá para os populares.

—Fantasias!

—Ha-de ter a prova de que me aproximo muito da verdade. Muito! Tanto que até parece que falei hoje com *Madame Brouillard*.

—O diabo o jure!...

E o nosso ilustre amigo, ageitando os oculos, fitou-nos atravez das suas lentes de miope, com um riso bastante significativo.

Seja. Aguardemos algum tempo mais, que já não falta muito para assistirmos á confirmação ou á negação de todas estas afirmações.

Comissario geral dos abastecimentos

Constava hoje na Arcada que tinha pedido a exoneração o sr. Alvaro de Lacerda, comissario geral dos abastecimentos.

A luta entre russos e polacos

O que é e o que vale o exercito vermelho

O correspondente especial do *Matin* em Varsovia descreve o exercito vermelho do seguinte modo:

Quantos são eles? Qual a sua moral, a sua organisação, os seus meios de combate?

São estas as perguntas que se fazem quando se trata do exercito vermelho. Responde-se a elas, mas geralmente exagera-se num ou noutro sentido.

Agora, a verdade é mais facil de conhecer, pela simples razão de que uma grande parte do exercito vermelho se encontra nos campos de concentração. Pude observá-la muito á minha vontade, e eis a pequena resenha que consegui obter.

O exercito vermelho conta 100 divisões muito reduzidas.

Cada divisão compreende 3 brigadas, cada brigada tres regimentos, o regimento tres batalhões, e finalmente cada batalhão 3 companhias. Mas a companhia conta 40 ou 50 homens, o que faz o total por divisões de 3.500 homens, aproximadamente e todo o exercito vermelho 350.000.

Sob o ponto de vista técnico, esse exercito é miseravel. Não tem mais de vinte canhões por cada divisão, e êsses canhões não funcionam sempre porque o serviço dos armões funciona pessimamente. Para alimentar as suas peças os bolchevistas servem-se dos pequenos carros dos camponêses russos e polacos cuja capacidade de transporte é de 500 quilos o maximo.

Teem muitas metralhadoras mas raramente se sabem servir delas. Os soldados, em geral, estão mal vestidos. 90% dos oficiais do exercito vermelho são antigos oficiais do exercito do czar. O oficial vermelho é quasi uma legenda.

Estes oficiais teem autoridade para castigar e fazer-se obedecer mais ainda que no tempo em que serviam Nicolau II, e o abismo que os separa dos seus homens é mais profundo ainda, se tal é possivel, que no tempo do czarismo. Teoricamente as graduações foram suprimidas, mas o que foi inventado para as substituir não tem fóros duma inovação audaciosa.

O capitão intitula-se actualmente comandante de companhia; o general de brigada, comandante de brigada. As insignias restabelecidas: um numero variavel de quadradinhos dourados em fundo vermelho para os oficiaes, losangos d'ouro para os generaes.

Além dos oficiais, o exercito vermelho conta comissarios. São muito numerosos: uns quinze mil, talvez. Toda a unidade, inclusivé a companhia, tem o seu comissario. Até no regimento o comissario se chama nu *politkon* (abreviação de *polititchesky komissar*); nas unidades mais importantes, chama-se *politronk* (*polititchesky roukowditek*—director politico).

Ha mais no exercito sovietista: os *yatcheykas* (células) comunistas. Ha-os em todos os regimentos, sendo éles uns trinta homens filiados no partido.

Repartidos por todas as companhias formam a especie de okrana do exercito vermelho. De tempos a tempos realisam reuniões secretas que fazem estremecer soldados e comissarios, porque é durante esses conciliabulos que se forjam as acusações de «contra-revolucionismo». Todos os oficiaes e soldados se vêem a todo o momento esfriados, e o receio da denuncia, perseguido e fuzilado, tornou-se uma das principais preocupações do exercito. Coisa singular e que demonstra a logica implacavel que os comunistas querem impôr no seu sistema terrorifico: alguns oficiais russos foram condenados á morte por não terem querido castigar faltas leves praticadas pelos seus subordinados.

Portanto, queira ou não queira, o oficial russo é obrigado a fazer trabalhar os seus homens á chicotada, porque arrisca a cabeça se não fôr assas feroz e tiranico. Evidentemente, durante um certo tempo, esse sistema deu excelentes resultados. Tanto mais que se a chicotada nao era suficiente para incitar o valente aldeão de Tver ou de Kalonga a deixar-se matar, havia ainda para lhe evitar a fuga os terriveis destacamentos de barragem, unidades compostas exclusivamente de comunistas, que atiravam sobre os fugitivos.

Mas parece que esses metodos terroristas não triunfaram do patriotismo duma nação resolvida a viver, e sabiamente aconselhada pela experiencia dum grande general francez.

O general Weygand recebido pelo ministro da guerra

PARIS, 29.—O sr. André Lefévre, ministro da guerra, recebeu esta manhã a visita do general Weygand, que conversou demoradamente com ele. O sr. Lefévre disse ao general Weygand que o governo tinha resolvido eleva-lo á dignidade de grande oficial da Legião de Honra.—(*Havas*).

As negociações do armisticio

VARSOVIA, 29.—Em seguida a ter sido recebido um telegrama da delegação polaca da paz em Minsk declarando que os seus membros tinham sido classificados de espiões pelos soviets, verificou-se que o mastro da estação de telegrafia sem fios tinha sido partido em condições suspeitas.

O governo polaco dirigiu a Tchitcherine um telegrama dizendo ser necessario mudar o local das negociações e propondo que êsse local seja Riga, se a Lotónia estiver de acôrdo.—(*Havas*).

Os polacos forçaram a passagem do Dniester e avançam

VARSOVIA, 29.—Segundo o comunicado do dia 28, ao norte de Belz continua a luta encarniçada contra a cavalaria de Budieny, tendo um destacamento desta atingido Tyazywog.

Nos sectores de Bobkre e Swirs os polacos repeliram diversos ataques russos e, contra-atacando, destruiram muitos esquadrões inimigos.

Na noite de 26 para 27 as tropas do general Povlenk forçou a passagem do Dniester avançando na direção do norte.—(*Havas*).

Preconizando uma «entente» russo-germana

VARSOVIA, 29.—Os jornais dizem que a vitória polaca se vai afirmando dia a dia. A quantidade de prisioneiros atinge atualmente 120.000.

O moral do exército vermelho, no qual reina a maior indisciplina, parece estar definitivamente quebrado.

Um sem fios do Moscou, interceptado pelos polacos, ordena a todas as unidades que escaparam ao envolvimento que se reunam em Minsk onde Trotzki tenta um supremo esforço para reorganizar o exército russo.

Trotzki, arengando ás trópas, preconizou uma «Entente» russo-germanica para destruir os governos imperialistas da Europa.—(*Havas*).

Um agradecimento de Wrangel

PARIS, 29.—O general Wrangel dirigiu ao sr. Millerand um telegrama agradecendo o reconhecimento, pela França, do governo da Russia do Sul.—(*Havas*).

Para proteger os nacionais americanos

WASHINGTON, 29.—O secretario da marinha ordenou ao cruzador «Eittsburg» que abandonasse Reval e se dirigisse a Dantzig a fim de proteger os nacionais americanos.—(*Havas*).

PELO TELEGRAFO

Resoluções dos ferro-viarios alemães

BERLIM, 29.—Tres organizações sindicais dos ferroviarios, alemães aprovaram uma resolução estipulando a necessidade de deixar circular os transportes de munições destinadas á policia de segurança e ao exercito bem como os transportes estrangeiros transitando pela Alemanha em conformidade com os tratados e acordos estabelecidos. Essa resolução nega ás organisações politicas qualquer direito de fiscalização sobre os transportes.—(Havas).

A insurreição na Irlanda

BELFAST, 29.—Esta noite a multidão atacou uma caserna da policia.

Acudiram tropas em automoveis blindados, as quais fizeram fogo sobre os manifestantes, matando 6 e ferindo uns cincoenta.—(Havas).

O zeppelin «L. 61»

ROMA, 29.— Chegou o «zeppelin» L. 61 que aterrou com facilidade.—(Havas).

MILÃO, 29.—O «zeppelin» L. 61, entregue pela Alemanha á Italia, voou hoje sobre esta cidade em direcção a Roma.—(Havas).

Formação d'uma guarda civica

PARIS, 29.—O conselho municipal de Heulher aprovou o projecto da Entente, relativo á formação d'uma guarda civica.—(Havas).

Na Alta Silesia—Uma nota da comissão inter-aliada

PARIS, 29.—Comunicam de Benthen que a comissão inter-aliada na Alta Silesia publicou a seguinte nota: «Segundo o que dizem alguns jornais poderia supor-se que a comissão inter-aliada autorizou que uma parte da população conservasse as suas armas. A comissão já deu bastantes provas da sua imparcialidade para que alguem possa duvidar de que ela reprova vivamente qualquer infracção. A comissão convida toda a população a entregar imediatamente, á fiscalização do distrito, as armas que possua».—(Havas).

Artista cinematografica victima de desastre

PARIS, 29.—A artista cinematografica Suzana Grandais e o seu operador faleceram vitimas de um desastre de automovel, proximo de Orovino.—(Havas).

A morte do cardeal Amette

PARIS, 29.—O cardeal Amette, arcebispo de Paris, faleceu subitamente esta manhã em Antony, nos suburbios de Paris, onde fôra repousar por alguns dias. Assim que teve conhecimento da triste noticia o arcebispo coadjutor Rolland Gosselin dirigiu-se a Antony. O corpo do cardeal Amette será esta tarde reconduzido para Paris para a sua residencia particular.—(Havas).

PARIS, 29.—Faleceu repentinamente esa manhã em Antony perto de Paris, onde passava alguns dias de descanço o cardeal Amette.

Logo que a noticia foi conhecida o arcebispo coadjutor Mgr. Rolland Gosselin partiu para Antony. O corpo virá esta tarde para a sua residencia particular do cardeal.—(Havas).

A comissão de migrações do Bureau do Trabalho

GENEBRA, 29. — A presidencia da comições de emigrações de «Bureau» do Trabalho foi oferecida á Inglaterra, que designou para esse cargo o visconde Gave. A comissão reunirá em Genebra na proxima primavera. A 42 governos aderentes foi enviado um questionário sobre imigrações.—(Havas).

Novas do «Porto Alexandre»

PORTO ALEGRE, 23.—Os oficiais do conves, telegrafista e primeiro maquinista do vapor «Porto Alexandre» saudam suas familias. Seguem para S. Vicente.—(Havas).

Contra a falcificação dos vinhos portuguezes

RIO DE JANEIRO, 29.—Entre as entidades oficiaes de Portugal e Brazil estão entabolados negociações para reprimir a falcificação dos vinhos.—(*Americana*).

A partida do representante da imprensa do Pará para Lisboa

RIO DE JANEIRO, 29.—A Associação da Imprensa do Pará deu um banquete de despedida ao seu director sr. Baptista Moreira, que partiu hontem a bordo do «Lima» com destino a Lisboa.

Assistiu á festa o consul de Portugal sr. Veiga Simões.—(*Americana*).

A exposição Gameiro apreciadissima pela imprensa

RIO DE JANEIRO, 29.—A imprensa diz que a exposição do ilustre artista Roque Gameiro e de sua filha D. Helena é a mais interessante que se tem realizado na actual temporada.—(*Americana*).

Segredos a toda a gente

"A HISTORIA DUMA CASACA"

O *vintismo* foi, como de resto o são todas as afirmações politicas, uma questão de *toilette*. Por isso durou tão pouco. Surgiu com a casaca de briche e o chapeu alto revolucionario—e passou á historia, quando a côrte voltou a povoar Queluz e Salvaterra, e, por um momento, apareceram de novo as casacas de seda, as cabeleiras de nós, as fivelas de prata. 1820 podia não ter sido um regimen, podia não ter sido uma doutrina, podia não ter sido senão, muito ao de leve, uma ideia, mas foi incontestavelmente um problema de indumentaria—porque a historia, como quasi todos nós, fatiga-se a breve trecho da mesma côr de gravata. O Portugal dos frades e dos fidalgos, das procissões e das toiradas, que jogava o voltarete com o Marquez de Marialva, que vestia de França como os elegantes do seculo XVIII, que se esquecia da caixa de rapé no regaço das freiras como o sr. D. João V—mudára triunfantemente de casaca. Podia ter virado a antiga, mas não.

Il faut avoir le coeur de son âge. E' preciso—perdoem-me a tradução—ter o espirito do seu tempo. Comprou briche da Covilhã como uma afirmação nacional; chamou o alfaiate; tirou as medidas—e como uma especie de *Brumell* politico, de *Lauzan* revolucionario, de *Morny* irreverente, marcou o seu figurino na *Praça Nova*, do Porto, fez epoca em Lisboa, deixou a perder de vista a elegancia *ancien-regime*, impertinente como uma pitada de rapé, soléne como um desembargador.

A historia do *vintismo* é a historia duma casaca. A moda—não sei se sabem?—foi sempre a melhor definição para um seculo, para a sua fisionomia, para a sua virtude, para o seu ridiculo, para a sua noção de ponto de honra, para o seu conceito de moral politica—e eu aconselho-lhes, meus senhores, que quando quizerem estudar a historia duma epoca não precisam mais do que estudar o *guarda roupa* dessa epoca. Os alfaiates foram quasi sempre como os cabeleireiros, excelentes psicologos, mas nunca, que eu saiba, deixaram de ser, como os mestres de dança de Voltaire, péssimos politicos. A vida é uma contradição—já o notára Carlyle com o mais britanico dos sorrisos—e talvez por isso mesmo os *Tailleurs* da *Rue de la Paix* a da *Regent Street*, impecaveis geralmente na arte suprema de cortar fazenda, foram sempre defeituosos na arte cada vez mais perigosa de governar os povos.

Mas isto não vem ao caso.

A politica como tem a sua côr tem tambem os seus vestuarios caracteristicos, tão caracteristicos, afinal, como a *redingote grise* de Napoleão, o *cachenez* enorme do Duque d'Avila, a niza verde do D. Miguel.

Houve tempo — e ainda hoje — que se definia uma convicção pelo menor acidente de *toilette*. Lembram-se, decerto, que, por volta de 1830, uma capa á hespanhola e o anel em certo dedo, eram dois argumentos mais do que decisivos para se ser partidario *enragé* do sr. Infante. Recordam-se, sem duvida, dos perigos a que se expunha todo o pobre diabo que, em pleno absolutismo, se esquecia de apertar o ultimo botão do colete ou envergava, pela simples razão de não ter outra, uma casaca azul? Repararam, com certeza, como o chapéu ás tres pancadas dum politico muito nosso conhecido, definiu, durante tres anos, a orientação do seu partido.

Pois bem. E' escusado insistir. Dentro da casaca de briche do 1820 couberam a caixa de rapé, o lenço d'Alcobaça, a Constituição de 22 — todas as aspirações dos burguezes romanticos e rebeldes, tudo que eles desejaram e que não conseguiram, tudo que eles foram e tudo que não foram, o seu valor, a sua força de renovação, a caracteristica dominante da sua obra, todas as ironias, todas as *blagues*, todas as anecdotas que a oposição lhes quiz atribuir—por distracção, certamente. E mal imaginam talvez o assombro, embora efémero, que produziu, ao tempo, o figurino dêsse excelente *metteur-en-scène* que foi Fernandes Tomaz. Tocaram os sinos, sairam as seges, acenderam-se os nichos, tremeram os frades, como varas verdes, as tabernes coalharam-se de almocreves, de ciganos, de bolieiros, de eguariços, de pedintes, de marchantes que comentavam, muito risonhos, aquela casaca severa de bofe de rendas e de abas caidas que deslumbrava, que dominava, que triunfava, que sacudira a Inglaterra, que trabalhára a Constituição, que limpára, com a sua manga apertada, a poeira de um seculo, o cotão dum paiz, as teias de aranha duma geração. E aqui teem, meus leitores, como eu que não sou alfaiate — infelizmente, não lhes parece? — estou ha mais dum quarto d'hora a assentar as costuras duma casaca que os nossos homens publicos foram cortejar ao Porto, precisamente um seculo depois de ela ter sido dependurada no cabide da Historia...

Luis d'Oliveira Guimarães.

O assalto á "Batalha,,

Um movimento de protesto

A gréve geral decretada para hoje foi parcial, tendo-se dado pequenos conflitos

O assalto na madrugada de antehontem ao jornal *A Batalha* deu logar a que os dirigentes da C. G. T. ordenassem, como signal de protesto, a gréve geral por 24 horas das classes trabalhadoras.

Não se póde, porém, dizer que a gréve fosse geral, pois que a grande maioria dos operarios trabalhou, não se tendo portanto notado na vida da cidade o movimento que usualmente se dá quando os operarios em gréve andam de passeio pelas ruas da cidade. Lisboa apresentou, apesar de todos os boatos que começaram correndo a partir da madrugada, o mesmo aspecto dos dias normaes. Apenas se notou que as ruas apresentavam maior policiamento, andando os guardas em patrulhas dobradas, para o que o comissario geral da policia havia determinado que a prevenção rigorosa começasse ás 8 horas.

Eguaes instruções foram dadas á Guarda Nacional Republicana, que se conservou nos respectivos quarteis pronta a sair á primeira voz. As ruas do Bairro Alto, onde, como é sabido, se encontra instalado o maior numero de jornaes, teve um policiamento especial, com policia, patrulhas de cavalaria e praças de infantaria da Guarda Republicana. Todos os jornaes sofreram uma vigilancia especial e muito principalmente *A Capital*, o *Diario de Noticias* e *O Seculo*, cujos edificios eram guardados por policia e forças de infantaria da referida guarda, que tratavam do inquirir das pessoas que passavam o destino que levavam, só as deixando proseguir na sua marcha depois das respostas não darem motivo a qualquer suspeita.

Tais medidas foram motivadas pelo atentado dinamitista da madrugada de hoje contra o jornal *A Capital* levado á prática depois de uma ameaça formal que conforme dissemos nos foi feita pelos delegados da Federação do Livro e do Jornal.

Milhares de pessoas acorreram durante o dia de hoje á Praça do Camões e imediações no intuito de examinar os destroços causados pela bomba que explodiu na soleira do portão dos nossos escritorios e que deixou crivada de estilhaços uma das portas.

A policia e a guarda, não permitia porém, ajuntamentos e toda a gente seguia ao seu destino, tendo aparecido no entanto alguns exaltados que não obedeciam, motivo porque eram presos e conduzidos ao Governo Civil.

De manhã, cerca das 7 horas foi encontrada outra bomba, por explodir, na valeta da rua do Norte, muito proximo do portão dos nossos escritorios. Foi descoberta por um soldado de infantaria da guarda republicana, que julgou ser uma bola de ferro, um ornamento usado nas varandas das janelas. Um policia, conhecendo do que se tratava, aconselhou o soldado a não a atirar ao chão, sendo por fim a bomba removida para o Governo Civil.

A policia prende alguns individuos que andavam incitando á greve geral

Como acima deixamos dito, a anunciada gréve de todas as classes não foi geral, pois que trabalharam: os ferro-viarios da C. P. e dos caminhos de ferro do Estado; o pessoal dos correios e telegrafos, os carroceiros, *chauffeurs*, telefonistas, cocheiros, pessoal de limpeza e regas da camara municipal, operarios do arsenal da marinha, pessoal burocratico da camara municipal e dos varios serviços da mesma, etc. O comercio abriu as suas portas, pois os caixeiros trabalharam.

A gréve geral resumiu-se aos operarios da construção civil, nem todo; ao pessoal operario do matadouro municipal, a uma parte da classe maritima; aos graficos, compositores e impressores, motivo porque muitas casas de obras não chegaram a abrir as suas portas; pessoal das obras e regas dos jardins; metalurgicos, pessoal do material de guerra e outras classes operarias dependentes da C. G. T. Mas, repetimos, a paralisação destas classes, em coisa alguma contribuiu para a paralisação da vida da cidade.

O pessoal operario do Matadouro Municipal chegou a comparecer de manhã no edificio, mas retirou pouco depois de a tal ter sido convidado por uma comissão, ficando por abater 2.300 carneiros e 28 rezes destinadas a embarque, não tendo sido tambem abatido gado para os hospitaes.

Nas avenidas novas trabalhou-se em algumas obras, tendo alguns operarios abandonado o trabalho depois do para tal convidados por comissões de vigilancia.

Parte do pessoal grafico da Imprensa Nacional compareceu nas oficinas, o que deu motivo a que o restante pessoal que aderiu ao movimento publicasse um manifesto em que se convidam os seus colegas a não trabalhar, de tarde.

Comquanto uma parte da classe maritima não tivesse pegado no trabalho, facto é que o Tejo foi atravessado por varias fragatas e outras embarcações tendo-se feito as carrei-

ras para Aldegalega, Cacilhas, Trafaria, Seixal, Alcochete e Barreiro.

Grupos de metalurgicos percorreram tambem varias serralharias, fabricas e oficinas no intuito de impedirem que os seus camaradas trabalhassem. Em alguns pontos deram-se ligeiros conflitos a que a policia pôz termo rapidamente, tendo a policia de defrontar-se com um grupo que apareceu na avenida das Côrtes proximo da fabrica Iniguez, a tentar impedir que varios operarios trabalhassem. O guarda que no local se encontrava de giro disparou alguns tiros para o ar, aparecendo pouco depois mais policia que á pranchada pôz os manifestantes em debandada. Na rua 24 de Julho, e Boa Vista tambem foram dispersados varios grupos, o mesmo sucedendo na Cruz da Pedra.

O pessoal da Exploração do Porto de Lisboa trabalhou, o mesmo sucedendo aos operarios das fabricas das Companhias reunidas Gaz e Electricidade, motivo porque não faltou a energia electrica na cidade, não faltando tambem durante a noite a iluminação.

Logo ás primeiras horas da manhã compareceram no Governo Civil o chefe do distrito, o comissario geral da policia e seu adjunto, todos os oficiais da corporação, director e adjuntes dos serviços de investigação, director da policia de segurança do Estado e pessoal do serviço de informações.

O sr. governador civil ao ter conhecimento de que varios grupos de grevistas andavam impedindo os seus camaradas de trabalharem, deu instruções para a policia garantir a liberdade do trabalho, prendendo os discolos que se manifestassem, tendo ainda avisado todos os industriaes a que em caso de qualquer ataque requisitassem pelo telefone os necessarios socorros á policia ou aos quarteis da G. N. R. mais proximos do local da ocorrencia.

Aos calabouços do governo civil recolheram durante o dia: João Lucio Vieira, carreiro, da cerca da Casa Pia, que estava na rua Vieira Portuense fazendo a apologia da gréve e dos assaltos.

Antonio da Silva, ourives, da rua do Terreirinho, 10, 1.º e Alfredo da Silva Baltazar, sapateiro, da rua dos Cavaleiros, 27, 3.º que andavam distribuindo manifestos incitando o povo á gréve geral; Daniel Severino, do pateo da Torrinha, 32, 1.º que tambem andava distribuindo manifestos e fazendo propaganda bolchevista; Manuel Gameiro, trabalhador, do Arco do Carvalhão que se tornou suspeito aos soldados da G. N. R. n.ºs 14 e 26, da 1.ª companhia do 1.º batalhão; Gabriel dos Reis Mourato, trabalhador, do pateo do Cachoneta; Francisco d'Oliveira Anjos, pedreiro, do Arco do Carvalhão, 6 e Joaquim Pereira, trabalhador, da rua Maria Pia, 102, que andavam pelos sitios dos Terramotos, fazendo propaganda bolchevista e cantando a *Internacional*.

Tambem foram detidos varios individuos que no Bairro Alto desobedeceram ás instruções da Guarda Republicana.

A reunião dos grévistas na séde da C. G. T.

Haviam resolvido os grévistas realisar sessões de propaganda nos seus sindicatos, rematando essas sessões com uma assembleia magna, anunciada para as 16 horas, na séde da C. G. T., no antigo edificio do Correio Geral.

Em todas as assembleias o assalto de que foi victima o jornal *A Batalha* foi verberado com indignação, tendo de egual forma procedido o pessoal da Carris, que, como de costume, reuniu, pelas 14 horas, na séde da sua associação, sob a presidencia do sr. Carlos Fortes, que era secretariado pelos srs. Luciano da Costa Pereira e Alfredo Nascimento Roldão.

Usaram da palavra os srs. Armando Martins, Manuel Rolo, Antonio Ferreira e Antonio da Silva, sendo por fim aprovado a moção da C. G. T. sobre a gréve geral, resolvendo a classe que o dia de hoje fosse contado não como de gréve do pessoal da Carris mas como de adesão ao movimento geral das outras classes.

Pouco depois das 16 horas, achando-se todas as salas da C. G. T. complectamente apinhadas, bem como o pateo, realisou-se a anunciada sessão magna, que se prolonga até á hora a que escrevemes.

Enquanto durou a sessão o largo do Calhariz e imediações estiveram policiadas por piquetes de cavalaria da G. N. R., uma força de infanteria da mesma guarda e policia civica que não permitia o estacionamento de qualquer pessoa.

Na Praça de Camões formou tambem um grupo de metralhadoras não tendo as forças de intervir pois os operarios conservaram-se na melhor ordem.

No governo civil esteve de prevenção uma força de 35 guardas armados de carabinas.

Os trabalhos do inquerito

Por ordem superior a policia apreendeu hoje o suplemento d'*A Batalha* que hontem foi publicado.

O major sr. Azevedo, que foi nomeado para proceder ao inquerito sobre o assalto esteve hoje ouvindo o quadro tipografico daquele jornal, devendo ouvir amanhã um *reporter* do *Seculo*.

VIDA SPORTIVA

BOX

O combate de hoje no Salão Foz

Realisa-se hoje, pelas 23 horas, o segundo combate de box, da serie que no Salão Foz se vao efectuar. Os adversarios hoje são dois portuguêses, que pela primeira vez se encontram: Silva Ruivo e Faustino Pereira. O primeiro já tem o seu nome firmado, e o ultimo iniciando com o combate de hoje a vida profissional, vai por certo batalhar por forma a ganhar ou perder com honra. Silva Ruivo, apesar de neste momento se encontrar numa magnifica forma, não pode ter a vitoria como certa porque Faustino, o nosso melhor boxeur amador, aquele que mais combates tem feito e por tanto experimentado já no «ring», não deixará, valendo-se do seu enorme folego, de preparar a Ruivo qualquer surpresa, como de resto tem sucedido nos combates que tem feito.

Na quarta feira José Leslie fará um combate não estando ainda assente qual o seu adversario.

Theatros e Cinemas

Medalhões

Alberto Ghira

Dentre os actores populares pode citar-se como agradando hoje em dia, Alberto Ghira. Fez-se á custa do seu esforço. Cavou a vida, furou, lançou-se até que poude impôr as suas qualidades de compère *alegre, dizendo com naturalidade, marcando bem as frases maliciosas, ou os* double sens.

Tem uns olhos de goraz, um corpo de sardinha de conserva, mas um todo bonacheirão e comico que agrada ás plateias.

E os nossos louvores que são sempre justos, ainda desta vez não erram o seu principio estabelecido, porque não entram hossanas de apoteose: atestam apenas um trabalhador e prestam homenagem na sua festa artistica a alguem que tem persistencia e fé: nada mais.

Reclames

Na proxima quinta-feira o bi-semanario *Os Sports* publica a pagina teatral que no nosso meio tem despertado grande interesse. Entre outros colaboradores registam-se os nomes de José Tocha, Armando Ferreira, Luiz Oliveira Guimarães, Henrique Roldão, Alvaro Lima, etc.

E' hoje que no Trindade se efectua a recita de homenagem ao querido actor-comico Alberto Ghira, dedicada pela Sociedade Teatral Limitada o simpatico e impagavel *compère*, da revista *Chá e Torradas*. O festejado de hoje é alem de um artista correctissimo, culto, estudioso, cheio de vontade de vencer e com um logar marcado no teatro de opereta e revista, um rapaz interessante, amigo do seu amigo, com uma longa bagagem de connecimentos, carregado de simpatias, pois conta com um sem numero de amigos, que hão de ser todos quantos lhe encherão hoje a casa totalmente. Representa-se a revista *Chá e Torradas* com a estreia dos numeros novos. *O fosforo e a acendalha*, por Cremilda Torres e Maria Clementina; *O amor livre*, por Emilia de Oliveira e o *Fado da Alta* por Elvira Costa e Emilia de Oliveira. Bilhetes á venda no camaroteiro.

TOURADAS

Os Sports.—No meio tauromaquico está despertando interesse a pagina taurina que o bi-semanario *Os Sports* publica no dia 12 de Setembro, dia da corrida que *O Seculo* leva a efeito no Campo Pequeno.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Revista internacional de Dun.— Saiu o numero 1 do 2.º volume d'esta publicação mensal, que vê a luz da publicidade em Nova-York, com variada leitura e boas ilustrações.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3622 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Terça-feira, 31 de Agosto de 1920 | Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

Extremismos

Saiu hontem no *Diario do Governo* lei preceituando e regulando os casos de demissão, reforma e separação do serviço dos oficiais que foram reintegrados depois de 5 de dezembro de 1917.

Como se sabe, no periodo do dezembrismo foram reintegrados no exercito com a patente que lhes pertencia, se não tivessem abandonado o serviço, todos ou quasi todos os oficiaes que, aproveitando a sua passagem por Espanha, desertaram para não irem para a guerra, e aqueles que, sob pretextos varios, se reformaram ou arranjaram situações para se eximirem a cumprir o dever de defender a Patria.

Egualmente abrange a lei agora publicada, mandando-os reformar, os que fizeram parte do corpo expedicionario á França ou ao ultramar, como manda demitir os que tenham estado na situação de ausente sem licença ou na de desertor durante o periodo de operações militares contra os revoltosos monarquicos em 1919.

A lei vae castigar rigorosamente todos os que desertaram para não irem para a guerra. Muito bem, e tal medida merece todo o nosso aplauso. Quem não quiz cumprir o seu dever, sob o pretexto de que a guerra não era com Portugal, mas sim com um partido, como proclamavam alto e bom som todos esses senhores que assim entenderam invocar um pretexto para salvaguardar as suas preciosas vidas, não tem jus a consideração de especie alguma. Não se compreende, nem pode justificar-se de fórma alguma que, no momento em que se jogava o destino da nação, houvesse quem, sob um pretexto futil se recusasse a marchar para os campos de batalha.

Quem assim procedeu não tem direito a envergar uma farda.

Vai ainda a lei castigar os que tomaram parte no movimento monarquico. Que aos que tinham os altos comandos, aos que exerciam missões de confiança, se peça toda a responsabilidade, plenamente d'acordo. Mas temos que distinguir.

Oficiais ha que para França foram, como foram para o ultramar, combater os alemães, sem querer saber da intriga politica, sem tratar de averiguar se a guerra era feita, como diziam os defectistas, pelos democraticos. Cumpriram ahi o seu dever e, ao voltarem á Patria, depois de incorporados nas suas unidades, viram-se envolvidos no movimento monarquico, muitos d'eles, se não a maior parte, sem saberem até mesmo do que se tratava. Eram subordinados, obedeciam ás ordens que recebiam.

Colocar no mesmo plano os que tinham os altos comandos e aqueles que se limitaram a obedecer, não é justo, nem equitativo. Aos primeiros exija-se toda a responsabilidade, repetimos, mas para os segundos a medida é em extremo rigorosa.

Que a esses oficiaes, durante algum tempo, se não confiem missões de confiança, que se lhes experimente mesmo o caracter, que continuem com postos de importancia secundaria, va. Mas ir á separa-los do exercito, é um extremismo com que não concordamos.

E' necessario fazer a indispensavel graduação de responsabilidade.

A lei foi votada pelo parlamento n'um momento de extremismo. Ora esse parlamento é o mesmo que, quando reuniu para ter presidente eleito, o fez sob a presidencia do decano, um inspector escolar que no norte, no tempo, acatou o regimen monarquico.

Não nos parece, portanto, que tenha autoridade para tomar tão extremas medidas. O parlamento não se pode abster de pôr e devia e deve lembrar-se de que a medida agora tomada vae contender com centenares de familias.

Demais, essa medida está em contradição flagrante com as declarações feitas por todos os governos que se teem sucedido no poder depois da revolução monarquica, e até mesmo com as palavras do chefe do Estado.

O destrinçamento de responsabilidades é indispensavel neste caso, que é gravissimo. Não se póde, nem se deve castigar a esmo.

Tal é o nosso modo de pensar e, como costumamos falar sempre o que entendemos sem a linguagem da razão e da justiça, d'ahi o nosso protesto contra o extremismo que vae pôr-se em pratica.

Comissario geral dos abastecimentos

Como hontem noticiámos, o sr. Alvaro de Lacerda pediu a demissão de comissario geral dos abastecimentos.

O sr. Alvaro de Lacerda dirigiu uma carta, que os jornaes da manhã publicaram, ao sr. presidente do ministerio, e por sua vez o governo enviou aos jornaes uma nota oficiosa, a fim de bem se esclarecer o assunto.

N'esta ultima ha uma parte que não compreendemos. E' aquela em que se diz que o sr. Alvaro de Lacerda instalara o comissariado na direcção geral do sr. Joaquim Belford.

Por sua vez, o nosso colega «A Manhã» insere um telegrama de Abrantes, noticiando que tinham estado em Alferrarede os srs. Alvaro de Lacerda e Alfredo da Silva, director da Companhia União Fabril.

Por ultimo, diremos que hoje corria na Arcada que seriam convidados para esse logar o sr. Freire de Andrade ou o sr. Lima Bastos.

A CAPITAL no Porto

Encontra-se á venda na tabacaria Africana, rua 31 de Janeiro, e nos seguintes kiosques: Carmo, Hospital, Carlos Alberto, Chiado, Santo André, S. Lazaro, Tiburcio, Pavão, Passos Manuel, Pintasilgo, Marquez de Pombal e Conde Ferreira.

Evoca-se a figura energica do coronel Baptista

Dura ha um mês a greve dos electricos! Ha um mês que a população inteira duma cidade como Lisboa se vê privada dos seus meios de locomoção, obrigada assim a calcorrear distancias enormes, ou dispender quantias fabulosas em transportes que lhe derrancam o espirito e lhe amachucam o organismo fisico já de si debilitado por uma alimentação deficiente.

Não discutimos agora quem tem razão, nem vamos analisar o caso nos seus *dessous* mais caricatos e reprovaveis. Vamos apenas dizer que não uma, mas centenas de vezes temos ouvido, á gente do povo e á gente das *elites* esta frase simples, singela, justiceira e oportuna: *Se tivessemos o Baptista!*...

E ninguem, absolutamente ninguem, ao pronuncia-la tem duvidas de que, se de facto fosse ainda vivo o coronel Antonio Maria Baptista, a greve dos electricos teria sido esta vergonha e esta miseria a que ha um mês vimos assistindo num desrespeito maximo pelos interesses da cidade, pelos direitos dos municipes, e pelo prestigio das autoridades.

E ao compararmos a acção dubia, diluida, papas de linhaça, do sr. dr. Antonio Granjo com a energia por vezes selvagem, mas sempre coherente, do coronel Baptista, nós vemos a distancia avantajada que separa os dois presidentes de ministerio:—um o simples politico, jogando á sorte, hoje dum lado e amanhã do outro, já ameaçando céus e terra já manso e suave como o borrego de S. João Baptista,—e o outro figura de militar brioso, casmurro, energico, vehemente, por vezes arrebatado por vezes impetuoso, mas sempre cheio de desinteressado patriotismo, nada lhe importando a politica, de pouco se lhe dando as conveniencias dos partidos para só ver na sua frente a Patria, interesses da Patria, a figura sacrosanta da Patria que ele amara até ao fanatismo, que ele soube energicamente defender lá onde o exercito portuguesa era uma gota de agua no oceano dos exercitos cruzados.

Foi por isso que nós desde a primeira hora estivemos ao lado do coronel Baptista. Ele era o homem bom, de coração generoso e franco, incapaz duma injustiça premeditada, era tambem o homem forte, energico, decidido, para quem a palavra medo só existia no dicionario dos cobardes. Quantas vezes, no seu gabinete do ministerio do interior lhe vimos os olhos marejados de lagrimas ante os problemas dificeis da sua hora negra de governo! Mas fossem falar-lhe em desanimos, em transigencias, em contemporisações! A sua figura apagada de pigmeu agigantava-se, impunha-se, e dos seus olhos de miope, quasi cegos, irrompiam ainda clarões duma energia que era toda a força do seu governo, duma energia que enchia de coragem e prendia pela dedicação os que com ele mais de perto conviviam.

Tem pois razão o povo: «*se tivessemos o Baptista*» já ha muito não tinhamos a grêve dos electricos.

Mas como temos o sr. dr. Antonio Granjo, mais politico do que homem de acção, a grêve arrasta-se, enerva-nos, prejudica-nos, hoje melhorando, amanhã peorando, n'uma farandola louca de incompetencia e de subserviencia.

Está-se brincando com o fogo. Está-se criminosamente deixando lavrar o incendio que tudo vae minando e corroendo. E não é de admirar-se um dia quando as labaredas se ateiarem e já não houver bombeiros capazes de atalhar o incendio.

Vamos mal neste *não te rales* que caracteriza a acção pouco decidida do actual governo. E só quem não anda por ahi, como nós, é que não ouve os comentarios acres, as amarguras que extravazam das conversas de toda a gente, o mal estar geral e epidemico que vae já dum extremo ao outro da cidade, abrangendo tudo e todos, pobres e remediados, ricos e proletarios, industria e comercio, numa situação deprimente para os que lhe dão origem e mais deprimente ainda para os que a consentem.

E' velho axioma que, «quem me avisa meu amigo é», e nós que não temos má vontade alguma ao governo que está, porque só temos um fito, bem servir a Patria e a Republica, avisando o sr. dr. Granjo do incendio que lavra e que ameaça tornar-se em pavorosa tragedia, apenas demonstramos estar de acordo com o velho aforismo que recordamos acima. Cautela! Amanhã pode ser tarde e o povo, e nós todos podemos cansar-nos de repetir a frase: «*se tivessemos o Baptista*»...

Porque se o coronel Baptista, de saudosissima memoria, morreu, sacrificando-se á Patria e á Republica, é preciso que outro Baptista surja, com a mesma energia, com a mesma decidida boa vontade e com o mesmo acendrado patriotismo.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

O livro "Infeliz-Mente!"

A FUGA

Dois ou tres dias antes soubemos que o portão de entrada do Conde de Ferreira tinha sido mandado fechar muito mais cedo que a hora habitual. O que haveria? Suspeitariam da fuga e deslocariam o porteiro para a quinta? Estaria a quinta guardada?

A ansiedade aumentava.

Tinhamos duas ou tres noutes antes da que tinhamos marcado para fugirmos, tinham posto ao fim da escada um gazometro. Não era costume. Estavamos muito inquietas.

Eu tinha tido o cuidado de passar para fóra do hospital, o meu diario e as cartas recebidas da familia, deixando apenas os envelopes, para no caso de a minha empregada abrir a gaveta onde eu as tinha, supôr que elas estavam lá.

Comigo ficaram apenas retratos de meu filho e de meus Pais, que eu levaria na ocasião e que me não seriam tirados como fariam ao diario se mo encontrassem.

Tinha escrito um artigo destinado a um jornal para ser publicado caso fossemos apanhadas ao fugir, artigo em que eu soltava um grito de alarme e de socorro, visto que, se fosse metida num dos quartos fortes do pavilhão das furiosas, só tarde, muito tarde, tornaria a ver o sol. Esse artigo já estava em poder do Manuel, portanto podia estar por esse lado descançada.

As outras duas senhoras, uma continuava, por infelicidade, bem doente; estava cheia de febre; a outra continuava zangada com a minha companheira de fuga.

A enfermeira já se levantava, mas não saía do quarto.

Amanheceu o dia 3. Pouco tinha dormido e á senhora que fugiu comigo sucedera o mesmo. O dia decorrera tranquilo. O sr. dr. José de Magalhães visitou, como era o seu costume, a enfermaria, mas eu não lhe falei no meu quarto. Quando ele passou a visita, muito propositadamente, eu estava no quarto da senhora doente, que lhe mereceu nesse dia o cuidado especial duma auscultação, de que até então ainda se não tinha lembrado.

Afinal faltas de lembrança, todos teem...

Eu e a minha companheira estavamos tristes por deixar no hospital as outras duas senhoras; mas era de as esquecer e...tivesse paciencia o sr. Director do Conde de Ferreira, elas haviam de ser lembradas...

Nada alteramos aos nossos habitos no dia 3 e no hospital tudo tambem continuava sem alterações.

Aproximava-se a hora...Seria o que Deus quizesse.

Alguem devia esperar a minha companheira, porque tinhamos combinado que assim que saltassemos o negro muro do hospital, cada qual seguiria o seu destino; mas eu, prevendo um possivel desencontro, disse-lhe que pessoa para onde havia de ir, caso não aparecesse a pessoa com quem ela contava.

Escondera-se o sol; á pressa a minha companheira fez dentro dum chale um amontoado de roupas e eu no meu quarto meti dentro de uma echarpe de lã, duas ou tres peças; no seio os retratos e calcei uns sapatos finos para não ser presentida.

A minha trouxa era pequena, porque não só tinha que percorrer com ela grande parte do corredor, o que podia ser notado, como tinha de levar na quinta a minha companheira pelo braço, porque a escuridão amedrontava-a.

Aproximava-se o momento e no corredor passeavam duas doentes. A minha empregada tinha ido ao pateo do refeitorio lavar a louça do meu jantar, as outras empregadas estavam tambem no pateo. Apenas uma ficara no 1.º andar ao pé duma doente.

Alguns minutos mais de demora e tudo estaria perdido.

Fui ao quarto da senhora que se encontrava de cama dar-lhe um beijo, sem lhe dizer porque e voltei ao meu quarto. Dando o braço á minha companheira, com a minha trouxa escondida entre uma e outra percorremos o corredor até ao seu quarto que ficava quasi pegado á escada.

Espreitei as duas doentes que passeavam e, quando elas de costas voltadas se afastaram, rapidamente passamos para a escada. Fui a primeira a descê-la para sondar o corredor de baixo. Não havia perigo.

Aberta a porta, que deitava para a quinta, com a chave que a minha companheira fornecera, ouvimos uma voz, chamando—Conceição, Conceição—dois minutos mais e eramos apanhadas. A minha companheira já estava ao pé de mim. Saimos a porta da enfermaria, que eu fechei sobre nós, sem ruido, dei-lhe o braço e dirigimo-nos para o muro da quinta, em passo leve.

As fontes latejavam-me fortemente, o coração parecia querer saltar-me fora do peito.

Sondando a escuridão, para ver se divisava alguem, passamos perto do pavilhão das furiosas, mas o barulho interior protegia-nos.

Um ramo de arvore prendeu a minha companheira que me disse assustada:—«Uma ratoeira!»—mas eu, apertando-lhe um pouco o braço, disse-lhe:—«E' um tronco de arvore, andemos para diante»—

Sempre encostadas ao muro chegamos á «porta do cavalo». Era ali que estava a escada. Eu tinha prometido á minha companheira que seria ela a primeira a subir. Cumpri o que prometera.

Sentadas sobre o muro, mudou-se a escada para o lado de fora. Fui eu a primeira a descê-la. Estavamos salvas!

Aproximava-se gente que vinha ao fundo da rua.

Quem devia ir buscar a minha companheira faltara e eu não podia deixá-la abandonada.

Afastámo-nos apressadamente até encontrar o automovel que nos esperava a distancia. Entramos; o auto poz-se em marcha. No Campo 24 de Agosto parou para a minha companheira descer.

E cada uma seguiu o seu destino.

Maria Adelaide

As conquistas da sciencia

O frio artificial vae ser utilisado em França

Uma transformação profunda no comercio e a industrialisação dos matadouros

Como preludio á abertura do congresso do frio e da grande quinzena do peixe, a Companhia de Orleans e a Associação Francêsa do Frio organisaram, de comum acôrdo, uma missão de estudos sobre matadouros regionaes, entrepostos e transportes frigorificos, para confirmar os progressos já realisados.

Essa missão, presidida pelo sr. Barbet, primeiro vice-presidente da Associação francêsa do frio, é composta de sabios, *maires* e delegados dos municipios da maior parte das cidades de primeira ordem, delegados dos conselhos gerais, camaras de comercio, sindicatos agricolas, grupos de parlamentares, etc., e numerosos industriais ou comerciantes.

O intendente geral Foucault representava o ministro da guerra; o professor Gariel, o ministro de higiene; o professor Growel, o ministro das colonias; o sr. de Lavour, o sub-secretario de Estado dos abastecimentos; o sr. Geoffroy Saint-Hilaire, o governo de Tunes, etc.

Realisou-se uma conferencia preliminar, no Museu Social, entre os membros da missão.

Depois dalgumas palavras do sr. Barbet, o sr. Martel, director do serviço veterinario do Sena, demonstrou os beneficios do frio no abastecimento das cidades, tratando muito especialmente da questão da carne e dos matadouros industriais.

—Cada vez se nota mais,—disse ele,—que são os matadouros da provincia que forneçem carne ás grandes cidades; essa carne morta ocupa menos logar e viaja mais facilmente, empregando-se menos vagons e mais rapidez.

«Os matadouros parisienses, que outr'ora forneciam 83 %, isto é, quasi a totalidade da carne para Paris, não forneçem actualmente mais que 47 %.

A creação de matadouros industriais regionais, onde o menor sub-producto é recuperado e onde se pode conservar a carne, fará ainda diminuir essa proporção e, com a utilisação dos vagons frigorificos, não haverá risco de que se perca pelo caminho. Nem mesmo se verá, durante as caniculares, esses *stocks* enormes de centenas de toneladas de carnes preparadas ainda não ha muito tempo.»

E' a industrialisação da criação do gado e da matança que começa a pôr-se em pratica. E' o progresso; provem disso muito bons resultados, devendo-se o frio industrial a Charles Terlier. Não se estabelece sem perturbar alguns usos e costumes e até interesses colectivos. A Villete pode julgar-se evidentemente ameaçada; mas é de crer que o matadouro parisiense se industrialisará tambem e que assim transformado possa subsistir. Um projeto de sindicato de talhos por grosso foi já submetido ao conselho municipal.

Depois do sr. Martel, o sr. Bloch, chefe da exploração da Companhia de Orleans, anunciou que existe atualmente em França um parque de 2250 vagons frigorificos, 450 dos quais foram cedidos pelos Estados Unidos depois da desmobilisação.

Esse numero é suficiente para satisfazer todas as necessidades. Os vagons tipo francês não são em nada inferiores aos da America, antes representam aperfeiçoamentos.

São já utilisados bem activamente para a carne e para o peixe. Todas as manhãs, de Lorient ou da Rochele, o peixe é trazido nesses vagons para Paris e levado para outras importantes cidades, e é magnifico o seu estado de frescura.

Entretanto, os vendedores de peixe fresco hesitam ainda em se utilisar dos vagons frigorificos por causa da taxa bastante elevada que teem que pagar á Companhia de transportes frigorificos, filial da rêde que tem a administração desse material; mas, quando virem que a grande economia de gêlo que lucram, compensa perfeitamente o que gastam e que deixa de existir o perigo de perda ou desvio, é natural que se sirvam d'elles e veremos vagons que podem transportar oito toneladas carregados apenas cinco toneladas dêste peixe.

Terminada a conferencia, a missão foi visitar a gare frigorifica de Paris—Ivry, que está quasi concluida e que poderá funcionar no dia 15 de Outubro. Do tipo mais moderno, compõe-se dum grande entreposto com inumeras camaras frias para os generos mais diversos, encontrando-se ahi toda a escala de temperaturas.

Existe mesmo uma sala para congelar a carne.

O maquinismo está pronto a pôr-se em movimento. Duas linhas longitudinais servem o entreposto exteriormente; duas outras interiormente. Sob um *hall* fechado, uma outra linha liga com um cais especial de desembarque, acto que poderá ser feito rapidamente, assim como o embarque.

Anteriormente foram visitados quatro tipos de vagons em serviço: um simplesmente isolado, com paredes duplas, para a carne congelada e peixe gelado; os outros dois com prateleiras nos extremos para generos frescos.

São notaveis os resultados obtidos por esses vagons, segundo a opinião dos entendedores. A temperatura, que á partida desce até cerca de zero, permanece constante até á chegada

REIS NO EXILIO

Uma entrevista com o ex-rei da Grecia Constantino

O cunhado de Guilherme II não oculta a sua : : esperança de tornar a subir ao trono : :

O atentado contra Venizelos trouxe de novo á tela da discusão a personalidade do ex-rei Constantino. O correspondente especial do *Excelsior* em Lucerna obteve uma entrevista, em que o cunhado de Guilherme II manifestou claramente as suas esperanças de voltar a sentar-se no trono que lhe foi tirado pelos aliados. Essa sensacional entrevista é do seguinte teor:

«Imaginem um sumptuoso palacio, sito nas margens do lago de Lucerna.

Os unicos estrangeiros que ahi se encontram — excepto os Cavaleiros de Colombo que chegaram na manhã de 25 — são soberanos em vilegiatura, reis no exilio, ministros que veem conferenciar e representantes dos principais jornais do mundo.

A familia real da Grecia recebe no *halle* do hotel a rainha e as princezas da Romenia.

As tres irmãs do imperador da Alemanha — a rainha Sofia e as princezas de Schambourg-Lippe — conversam sobre os rigores duma *estranha* epoca; o rei Constantino conversa amavelmente com a rainha Maria e as filhas do rei da Grecia, as princezas Helena, Irene e Catarina, rodeiam afectuosamente sua futura cunhada, a princeza Elisabeth da Romenia, cujo pedido de casamento com o duque de Sparta era feito oficialmente nesse dia.

Pareceu-nos interessante então entrevistar o rei Constantino no dia seguinte ao do atentado que esteve a ponto de privar a Grecia dum dos seus maiores ministros e no momento em que — diga o ex-rei o que quizer — os esforços da sua diplomacia se conjugam para obter para ele uma entrevista com Lloyd George.

O antigo soberano fez-me a seguinte declaração:

— Vivo em Lucerna ha dois anos, no *entourage* reconfortante de minha familia e de alguns amigos. Espero aqui, com resignação, o dia em que, por vontade do meu povo e pela força das tradições, reocuparei, no reino da Grecia, o trono de que não desmereci. De resto, não abdiquei e a maior parte do meu povo continua a considerar-me como seu rei.

E' infelizmente impossivel estabelecer uma ligação entre mim e a minha patria. Não se permitiu sequer a meu filho Alexandre, que me substituiu provisoriamente no trono da Grecia, que estivessemos em relações comigo. O principe Christophoro, meu irmão, quiz, ha dias, telefonar a seu sobrinho, quando este estava em Paris. Pediu comunicação para mademoiselle Manos, no hotel Majestic, e como que por acaso, foi mr. Romanos quem respondeu. O ministro da Grecia em Paris comunicou então a meu jovem filho que se abstivesse de todas as relações conosco.

O governo de Venizelos, como vê, organisou em redor de nós uma severa vigilancia.

O atentado contra Venizelos

—O que pensa, sire, do recente atentado contra Venizelos?

—Lastimo profundamente que um dos meus subditos tenha praticado essa covarde tentativa de assassinio. Pretendeu-se, bem erradamente, que eu fora o instigador. E' monstruoso. Nunca mantive, em Lucerna ou noutro ponto, centros de repressão contra o novo regimen. Protesto com todas as minhas forças contra essas mentiras, que atingem a minha dignidade de homem e de soberano. Repugna-me o assassinio e só aspiro á evolução fisiologica da questão grega.

«A politica actual da Grecia é, na sua opinião, conforme as suas aspirações nacionaes?

—As nossas aspirações nacionais foram, efectivamente, compreendidas pelas potencias. A prosperidade da minha patria é indispensavel aos grandes interesses mediterraneos. O povo grego é digno de que se desenvolva. Uma Grecia forte e prospera constitue um factor poderoso de ordem e de civilisação.

«Os serviços que prestou aos aliados, antes e depois da sua participação na guerra, não serão contestados por pessoa alguma. Permitir-me-hão, entretanto, que sinta muito a divisão da Grecia, causada por uma politica muito pessoal do sr. Venizelos.

«O presidente do conselho não soube, apezar das suas indiscutiveis qualidades de homem de Estado, conservar á Grecia a unidade precisa para o dominio do seu poder e do seu prestigio. Como li recentemente no *Excelsior*, o sr. Venizelos afirmou o seu desejo de manter na Grecia o socego, a pacificação e a união de todos os gregos.

«Não ha entre nós patriotas cujos desejos não sejam eguais aos seus. No que diz respeito, a minha politica consistiu sempre em pregar a união e apaziguar os espiritos.

«A minha atitude para com o meu povo, no momento em que deixei Atenas, justifica essa confirmação. Submeti-me a todas as exigencias das potencias para evitar no meu povo um possivel conflito com as nações que presidiram á reorganisação helenica e ás quaes nos uniam importantes interesses mediterraneos.

— Venizelos arrasta após si a maior parte do povo?

— Censuro o sr. Venizelos por ter querido, em meu detrimento, monopolisar os bons grados da Entente.

«Não atendeu, nesse caso, á nossa Constituição e roubou ao povo grego todas as liberdades civicas e politicas.

— Que liberdades, sire?

— A liberdade de imprensa e a da opinião. Já não existem no meu paiz. Eu sei, duma forma precisa, que o meu povo se me conserva fiel. Ha, além disso, um meio muito simples de conhecer os seus verdadeiros sentimentos: proceder, no meu reino, a novas e regulares eleições.

—Ser-lhe-ha permitido voltar a Atenas?

— Assim o espero. A Entente comprometeu-se a não se opôr ao meu regresso á Grecia se, depois da guerra, o povo grego manifestasse o desejo de me tornar a ver no trono de meus pais. Retomarei, nesse caso, sem paixão, sem rancor e sem odio as nobres obrigações da minha corôa.

— O que sucederá a Venizelos?

—Se a Grecia continuar a cercá-lo dos seus favores não hesitarei em o aceitar para a presidencia do meu conselho.

—E a sua atitude para com os paizes visinhos?

—Não pode ser diferente da do sr. Venizelos.

—E a respeito da França?

—Meu pai amava do coração o seu paiz. Garanto-lhe, hoje, que os meus sentimentos para com a França são tão ardentes como eram os seus.

—Não se pode esquecer, sire, que em plena guerra, no momento em que a França talvez sucumbir, enviou ao Kaiser, seu cunhado, um telegrama em que lhe assegurava toda a sua simpatia.

—Desnaturaram, ou compreenderam mal, o sentido exacto d'uma mensagem. O imperador da Alemanha pedia-me incessantemente que mandasse enfileirar o meu exercito ao lado dos seus. Recusei-me sempre a isso; as suas solicitações tornaram-se então mais urgentes e eu tive de lhe dirigir uma resposta categorica afirmando-lhe que os destinos do meu povo estavam ligados aos dos aliados, mas que, apezar d'isso, tinha por ele toda a simpatia.

«A rainha, por outro lado, nunca influiu nas minhas resoluções. O seu papel junto de mim não é imiscuir-se nos negocios politicos e dou-lhe a minha palavra de rei que em epoca alguma se ligou á Alemanha o meu compromisso de aliança ou de neutralidade.

«Acusaram-me tambem de ter fornecido o reabastecimento dos submarinos alemães nas costas gregas. E' falso. Caso algum se pode citar. O mesmo sucede com todas as alegações dadas para justificar as paixões exercidas contra a Grecia e contra o seu rei».

O exodo na policia

Abandonam a corporação mais de 100 homens

Já por varias vezes se tem referido A Capital á miseravel situação em que se encontram os guardas da policia civica de Lisboa, para os quaes os poderes do Estado ainda não tiveram tempo de olhar, mercê, sem duvida, de outros assuntos de mais alta importancia. *A Capital*, em varios *sueltos*, tem mostrado a desigualdade de que teem sido victimas esses pobres servidores que á causa da ordem publica teem dado o melhor do seu esforço.

Infelizmente, as nossas palavras não teem sido atendidas por quem de direito, motivo por que o exodo na policia continua de tal forma que em breves dias a cidade não terá agentes de segurança que velem pela tranquilidade nas ruas e que impeçam os assaltos, furtos e roubos. Se taes crimes se teem praticado ultimamente com maior frequencia, devido á falta do policiamento, de futuro esse mal agravar-se-ha mais, pois que a cidade está ameaçada de em breves dias não ter policia nas ruas.

Ha mezes que se vem prometendo aos agentes encarregados da manutenção de ordem o subsidio de 40 escudos, para ajuda de custo da vida, tal como foi decretado para todos os funcionarios do Estado. Mas a burocracia fez com que o decreto emperrasse algures, pois que duvidas se levantaram se o guarda civico poderia ou não ser considerado funcionario do Estado, duvida um tanto extraordinaria, porquanto sabido é que todas as despezas feitas com as varias policias, inclusivé a de segurança, são pagas pelo ministerio do Interior, que põe o dinheiro ás suas folhas.

E, como ainda não se conseguiu resolver a duvida que ha mezes se levantou os guardas continuam percebendo 1$60 ou 1$90 diarios, conforme as classes a que pertencem, quando, afinal, um carroceiro percebe actualmente 5 escudos diarios!

O esquecimento a que foi votada a policia tem dado motivo a que muitos guardas tenham desertado ou pedido a demissão.

Ainda hoje, das varias esquadras desertaram 6 homens, tendo sido tambem apresentados no comissario geral 100 pedidos de demissão, que o chefe da corporação, em conformidade com os regulamentos, tem de deferir.

Em resumo: Lisboa está ameaçada de ficar em breves dias sem policia, o que equivale a dizer que ficará transformada em verdadeiro campo de manobras dos gatunos e outros criminosos de egual jaez.

O atentado contra "A Capital"

Todos ou quasi todos os nossos colegas de imprensa se referem ao atentado de que fomos alvo com palavras em extremo cativantes para nós e pelas quaes aqui deixamos expresso o nosso mais sincero agradecimento.

O *Diario de Noticias*, porém, diz que a bomba arremessada contra a porta dos nossos escritorios foi de clorato. E' que o colega não veiu ver os estragos por ela produzidos, porque se tivesse dado ao incomodo daqui vir — onde seria recebido com a estima que nos merece — talvez assim não falasse.

Entre as muitas pessoas que pessoalmente, ou por meio de cartas e telegramas nos tem dirigido felicitações, citaremos os srs.:

Capitão Lelo Portela, ilustre chefe do distrito; Luiz Derouet, Carlos Pereira, almirante Nunes da Mata, major Guilherme Augusto d'Oliveira, dr. Antonio Ferrão, dr. Bernardo Lucas, Erico Braga, dr. Adolfo Bravo, Alberto Carneiro, Mario R. Mauricio, Antonio Figueiredo, José de Carvalho, etc.

A todos os que assim se teem dignado manifestar-nos a sua simpatia o nosso mais profundo reconhecimento. Citaremos por ultimo o protesto, que em extremo nos penhorou, lavrado pelo sr. tenente coronel Fernando Augusto Borges, em seu nome e no do nosso colega *Comercio do Porto* contra a violencia de que fomos alvo.

A luta entre russos e polacos

BERLIM, 27.—O sr. Rosemberg, representante do ministro dos negocios estrangeiros, manifestou ao embaixador de França e ao encarregado de negocios polaco o pezar do governo alemão pelos incidentes que se deram em Breslau.—(Havas).

LONDRES, 27.—O Conselho de acção do partido trabalhista, tendo registado com satisfação a decisão dos soviets, convida o governo inglez a publicar «in-extenso» as condições em que se está disposto a fazer a paz com a Russia; e convida igualmente os soviets a fazer uma publicação nas mesmas condições.—(Havas).

WASHINGTON, 26.—O Departamento do Estado confirma ter enviado em 21 deste mez uma nota á Polonia sugerindo-lhe que dê a conhecer as suas intenções e convidando-a a não ultrapassar as fronteiras do tratado de paz de Versailles. Os funcionarios do Departamento do Estado afirmam que neste foram recebidas garantias oficiosas da Polonia de que os desejos americanos seriam respeitados.—(Havas).

VARSOVIA, 27.—As tropas polacas continuam perseguindo, e capturando as tropas vermelhas que se refugiam nos bosques. O «comité» sovietista de Tsiasdoro, que foi capturado, será submetido a conselho de guerra.—(Havas).

VARSOVIA, 27.—Uma nota oficiosa diz que a vitoria do exercito polaco não modificará as instruções dadas á delegação polaca de armisticio em Minsk. Outra nota, queixando-se de que os soviets impedem, ou dificultam as comunicações da delegação com o governo de Varsovia, diz que nestas condições as negociações se tornam impossiveis, pelo que se telegrafou ao presidente da delegação para que vá a Brest-Litovsk a conferenciar com o governo polaco, substituindo-o, durante a sua ausencia, um outro delegado.—(Havas).

VARSOVIA, 27.—Na Galicia oriental as tropas polacas teem, pouco a pouco, limpado de destacamentos bolchevistas a região ao sul do Dniester e a margem esquerda do Bug. Tendo alguns elementos bolchevistas conseguido atingir a margem direita do Dniester, foram repelidos e envolvidos e capturados. Uma brigada bolchevista de 4.000 homens que atravessou o rio em frente de Bogolenska foi cercada e rendeu-se na sua totalidade. Calcula-se em 80.000 o numero de vermelhos que teem passado para a Alemanha e elevando-se a 30.000 o numero de internados.—(Havas).

VARSOVIA, 27.—A delegação polaca em Minsk recebeu as propostas de paz com os «soviets».—(Havas).

Livre pensamento

Ficou transferida para o proximo domingo a conferencia que se devia ter realisado ante-hontem na séde da Associação dos Trabalhadores do mar, em Setubal, pelo professor sr. José Lino da Silva.

O 5 d'Outubro

São convidados todos os republicanos da freguezia de Arroios a reunir hoje, pelas 21 horas, em assembleia, para se eleger a comissão promotora dos festejos do aniversario da Republica.

VIDA SPORTIVA

Os sportsmen portuguezes em Lisboa

Chega hoje no rapido do Porto a «equipe» de remo do Sport Club do Porto.

Acompanha-os os srs. Oliveira Valença, Marques da Fonseca.

BOX

Os combates do Foz—Amanhã Ruivo contra José Leslie em 6 rounds

Os combates de box que se estão disputando no Salão Foz teem chamado áquela casa de espectaculos enorme concorrencia. O combate de hontem entre Ruivo e Faustino foi deveras interessante.

Amanhã novo combate se realisa entre José Leslie e Silva Ruivo. O primeiro é um «boxeur» scientifico, conhecedor do ring, e vae com certeza opôr grande resistencia a Ruivo.

A organisação dos combates tem sido bôa, motivo porque a concorrencia, como acima dizemos, tem sido enorme.

O publico tem aplaudido os boxeurs pela forma leal e sincera como os combates teem decorrido.

O combate de amanhã começa ás 23 horas em ponto.

NATAÇÃO

ANTUERPIA, 27.—Na prova de sabre por «equipes» a Italia bateu a França por 13 pontos e os Estados Unidos bateram a Dinamarca por 9 contra 6.—(Havas).

JOGOS OLIMPICOS

LONDRES, 27.—O nadador Sullivan abandonou, depois de nadar durante 19 horas, a travessia do Canal da Mancha, tendo chegado a 3 milhas da costa franceza.—(Havas).

TOURADAS

Campo Pequeno.—Rodolfo Gaona, o artistico matador de touros mexicano, tão apreciado em Lisboa pelas finuras e adornos do seu toureio, apresenta-se no Campo Pequeno no proximo domingo, lidando á hespanhola touros do sr. Emilio Infante da Camara. Gaona traz os seus picadores «Marinero» e Telesforo Gonzalez e os bandarilheiros P. Palosino e José Lopez «El mejicano». Gaona dará em Lisboa a alternativa de matador de touros ao seu compatriota e valente sevilheiro Miguel Gallardo, que vem acompanhado pelo famoso bandarilheiro Rafael Ortega «Cuco».

A cavalo tourearão o laureado amador sr. D. Alexandre de Mascarenhas, por deferencia para com a Empreza, e o artista Adolfo Machado. A pé G. Tadeu, M. Falcão e os toureiros hespanhoes «Malagueñño» e «Alfarero».

Um grupo de bons forcados completa o cartaz d'esta magnifica corrida.

NOTICIAS DA CAPITAL

A série diaria.—Foram presos. Domingos Passos, travessa de Estevam Pinto, 39, 2.º, por ter furtado varios objectos de oiro no valor de 222 escudos ao soldado n.º 169 da 5.ª companhia da guarda fiscal; João Marques, beco das Farinhas, 1, e Maria José, da mesma casa, por andarem no mercado da praça da Figueira fazendo a cobrança de varias transacções, dando na demasia nos trocos cedulas de 10 centavos falsas, sendo-lhes ainda apreendida a quantia de 25$90 tambem em cedulas falsas.

O cartaz de hoje

Nacional, ás 21,15, «A Castro».
Eden, ás 20,15, «Sem camisa».
Trindade, ás 21,15, «Chá e torrados».
Ginasio, ás 21,15, «O A's».
Apolo, ás 21,15, «Risos e Flôres».
Coliseu dos Recreios, ás 21, «Variedades».
Salão Foz, ás 21 «Variedades».
Olimpia, Animatografo e concerto.
Salão da Trindade, Animatografo.
Cinema Condes, Animatografo e concerto.
Salão Central, Animatografo e concerto.

Incendio em Alcantara

Prejuizos de 39:000 escudos

Hoje, pelas 5 horas, ardeu totalmente uma propriedade que estava em construção, na Ponte Nova, dentro da quinta do Loureiro, ao fundo da rua da Fabrica da Polvora, a Alcantara.

A propriedade pertencia ao sr. Teotonio da Cruz, existindo nela grande quantidade de fardos de palha e milho, e nuns barracões contiguos, 32 cabeças de gado vaccum.

O fogo começou nos baixos da referida propriedade, tendo sido causado por descuido do criado Joaquim José da Silva que, ao deitar-se, deixou ficar a luz acesa sobre um fardo de palha.

Quando deu pelo fogo, só teve tempo para fugir, deixando a palha a arder, contribuindo para que o incendio se desenvolvesse com grande intensidade o facto de naquele local não haver agua.

Os bombeiros compareceram com o respectivo material, mas os seus serviços foram pouco eficazes, pela circunstancia acima apontada.

Ainda assim foram postas a trabalhar tres agulhetas, com agua de dois poços de quintas proximas, que á hora a que escrevemos esta noticia ainda estão procedendo aos trabalhos de rescaldo.

Os prejuizos são calculados em 39.000 escudos, nada estando no seguro.

POEIRA DA ARCADA

Conselho de ministros

O conselho de ministros reuniu-se hoje, ocupando-se de assuntos de administração e de ordem publica e da questão das subsistencias.

Policia politica internacional

O agente da policia de investigação e chefe da policia politica internacional, sr. Baldy Belem, passou ao quadro dos adidos do ministerio dos negocios estrangeiros.

Assuntos de instrução

Sob a consulta do Supremo Tribunal Administrativo, o sr. ministro da instrução levou á assinatura presidencial o decreto dando provimento ao recurso n.º 16.700, em que são recorrentes Dionisio José, Joaquim Gonçalves, João Pedro Simões e Patricio Antonio Pacheco e recorrido o secretario geral do governo civil de Faro. O objecto do recurso foi a nomeação feita pela comissão executiva da camara municipal de Portimão de Francisco Carmo Silva, para professor do terceiro lugar da escola masculina daquela vila.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Revolução de 1820.—Recebemos o numero unico *d'A Revolução de 1820*, comemorando o primeiro centenario d'essa data historica e cuja publicação foi feita em Coimbra.

Em magnifico papel *couché*, traz os retratos do sr. Antonio José d'Almeida, ilustre chefe de Estado, dr. Magalhães Lima, dr. Manuel Fernandes Tomás e Gomes Freire, com artigos de Floro Henriques, Silvio Pélico, filho, A. Gonçalves, Magalhães Lima, Lima Duque, Melo Ataide e Teles de Menezes

ULTIMA HORA

ORDEM PUBLICA

Os ultimos acontecimentos

As autoridades continuam investigando sobre os ataques á «Capital» e á «Batalha»

Dia calmo e de completo socego foi o de hoje em Lisboa, tendo retomado o trabalho as classes operarias que hontem se haviam declarado em gréve, conforme a moção do C. G. T. por motivo do assalto ao jornal *A Batalha*. Lisboa voltou a ter o aspecto dos dias normaes, havendo apenas a registar a continuação da falta dos electricos, que muito e gravemente tem prejudicado a população da capital.

Terminada, pois, a falida manifestação de força das classes proletarias, e tendo a cidade retomado a sua vida normal, prosegue agora a policia com mais ardôr nas suas diligencias sobre os varios atentados que se deram e entre eles o de que foi alvo o nosso jornal, contra o qual, um bando de desvairados, depois de uma ameaça disfarçada feita pelos delegados da Federação do Livro e do Jornal, arremessou duas bombas, uma das quaes não chegou felizmente a explodir. Muita gente veiu hoje á rua do Norte, junto da porta principal dos nossos escriptorios, examinar os vestigios deixados pelos estilhaços da bomba que um nosso colega, não conhecedor do caso, diz ser de simples clorato.

A policia de Segurança do Estado informou-nos ainda hoje tratar-se de um explosivo de grande poder destruidor, que felizmente não exerceu maior acção por se encontrar em sitio isolado, sem pressão e impedido portanto de expandir a sua perigosa acção. Isto dizem os technicos, que certamente perceberão melhor do assunto que os incompetentes que não podem avaliar se se trata de um petardo de clorato ou de uma bomba de dinamite... Tambem sobre o assalto feito ao jornal operario *A Batalha* devem proseguir ámanhã as diligencias, tendo o sr. major Azevedo interrompido hoje as suas investigações.

A policia de segurança deteve durante a noite passada os seguintes individuos: Joaquim Fernandes, pedreiro, da rua Nova dos Olivaes 13, que andava distribuindo a *Bandeira Vermelha* e fazendo propaganda bolchevista; Augusto Lopes, pedreiro, da Vila Santos, encontrado junto do quartel de Campolide, fazendo propaganda dissolvente, e José Marques, carpinteiro, da rua dos Jeronimos, 64, 1.º, que andava pelos sitios de Belem, afixando *placards* nos quaes o povo de Lisboa e a classe operaria eram convidados á revolta.

Mas estas prisões foram efectuadas a titulo preventivo, porquanto, tendo fracassado por completo o movimento planeado, resolveu o governo que fossem restituidos á liberdade todos os presos que não tenham cadastro e contra os quaes nada de comprometedor se apure.

O sr. dr. Paiva Lereno, adjunto do director da policia de investigação, esteve hoje ouvindo varias testemunhas do assalto ao jornal *A Batalha* e entre elas dois *reporters* de *O Seculo* que fazem serviço no Governo Civil, sendo as suas declarações reduzidas a auto pelo agente José de Mira, da 4.ª secção.

Em varias esquadras continuam presos os jovens sindicalistas Alvaro Estrela e Antonio Carlos Silva, ambos carpinteiros, aos quaes foram apreendidos documentos a que se liga grande importancia. *A Capital* tinha hontem conhecimento de taes prisões, não publicando porém a noticia a pedido do major sr. Marreiros, director da policia de Segurança do Estado, que egual pedido fez a todos os jornaes incluindo o nosso colega *Diario de Noticias*. Com excepção deste jornal, todos os outros incluindo a *Capital* atenderam o pedido, evitando assim que ficassem prejudicadas as diligencias policiaes; que ao que nos consta seguem bom caminho.

A policia não voltou a ter prevenção conservando-se apenas no governo civil prompta a sair á primeira voz, uma força de 33 guardas ou seja o piquete, devidamente armado de carabinas e com duas cartucheiras.

Hoje de madrugada deu-se no Alto Pina, um ligeiro conflicto que podia ter tido as mais graves consequencias o que felizmente foi evitado por aqueles que teem a seu cargo velar pela ordem publica.

Foi o caso que, devido certamente a qualquer mal entendido uma força de metrelhadoras, andando pelo Alto do Pina, foi parar em frente á esquadra de policia ali existente, tendo o sargento comandante dessa força intimado o pessoal da esquadra a fazer-lhe entrega de todo o armamento, ou sejam 19 espingardas, sob a ameaça de um bombardeamento caso a ordem não fosse acatada.

O telefone da esquadra foi tomado, não sendo permitido ao respectivo pessoal que qualquer comunicação fosse feita para o Governo Civil. Algumas praças andaram depois aos tiros pelo local, onde aliás o socego era absoluto, o que alarmou sobremaneira os moradores.

Houve descargas cerradas, tendo sido assaltada a séde da secção da construção civil do Alto do Pina, donde foi retirada e rasgada uma bandeira, que hoje apareceu para ser entregue no governo civil. Ali não a quizeram receber, sendo o caso comunicado superiormente e estando sendo levantados inqueritos na policia e na Guarda Republicana.

Casos como este são para lamentar. Por mais d'uma vez aqui temos dito. e hoje repetimol-o, que entre a policia e a guarda deve existir a melhor harmonia e os inimigos do regimen aproveitam sempre qualquer incidente para lançar a discordia entre as duas corporações.

Todo o cuidado é pouco com esses manejos.

SERÁ DESTA VEZ?

A questão dos electricos

Segundo se diz, ámanhã haverá carros

O sr. ministro do Comercio esteve hoje conferenciando com o advogado sindico da Camara Municipal e com os vereadores Luiz Paiva e Pona e Cezar dos Santos, sobre a questão dos electricos. Depois d'essa entrevista o sr. Presidente do Ministerio garantiu aos representantes da empresa que ámanhã já funcionarão os carros, porque o conflicto havia ficado definitivamente resolvido.

O pessoal em gréve voltou a reunir pelas 14 horas na séde da sua Associação, tendo usado da palavra os srs. Armando Martins e Antonio da Silva, ambos da comissão de melhoramentos, os quaes participaram aos seus colegas que o conflito até ás 15 horas se encontrava no mesmo pé, sendo possivel que ás 18 horas estivesse já em poder da referida comissão o acordo assinado entre a direcção da Companhia e a Camara, que garantia definitivamente a solução do conflito.

Propaganda monarchica

Não é o dentista sr. Solano de Almeida, da Praça Luiz de Camões que se encontra preso no governo civil, conforme os jornaes de hoje noticiaram mas sim, seu irmão o sr. José Solano de Almeida, chefe da fiscalisação do selo.

E' acusado de fazer propaganda monarquica, e foi hoje largamente interrogado pela policia de Segurança do Estado.

Serviço telegrafico da tarde

E' concedido o voto ás mulheres americanas

WASHINGTON, 27.—Foi aprovada a emenda á Constituição, que concede o voto ás mulheres.—*(Havas)*.

Os mineiros do Illinois aceitam o aumento concedido

CHICAGO, 27.—Os mineiros do Illinois, que exigiam um aumento de salario de 2 dollars por dia, aceitaram dollar e meio.—*(Havas)*.

Nova gréve dos mineiros ingleses?

LONDRES, 27.—Os ultimos resultados apurados sobre a votação dos mineiros relativamente á questão da gréve eventual acuzam uma maioria esmagadora a favor da gréve.—*(Havas)*.

Os bandidos mexicanos

WASHINGTON, 27.—O bandido Zamorra foi cercado pelas tropas mexicanas.—*(Havas)*.

Demissão do ministerio hespanhol

MADRID, 30, ás 19,20.—O gabinete pediu a demissão.—*(Havas)*.

Um novo jornal propagandista da aproximação luso-brasileira

RIO DE JANEIRO, 31.—Deve aparecer amanhã o novo jornal *A Patria* dirigido pelo distinto escritor e jornalista Paulo Barreto (João do Rio) e sob moldes jornalisticos inteiramente modernos. Terá uma desolvida colaboração de literatos e jornalistas portuguêses, anunciando ainda uma intensa propaganda de aproximação intelectual e economica entre Portugal e o Brazil. Pertence a uma poderosa empreza, devendo o seu capital realisado atingir já a soma de 2.000 contos.—*(Americana)*.

A elevação do dr. Roux a gran-cruz da Legião de Honra

PARIS, 27.—O Journal oficial publicou um decreto, elevando a dignidade de gran-cruz da Legião de Honra o dr. Roux, director do Instituto Pasteur, o qual, no meio de uma vida de admiravel simplicidade e modestia, prosegue no labor e dedicação da grande obra de Pasteur, principalmente no que respeita ás pesquizas sobre o crup, e venceu a terrivel doença pela descoberta do soro antidifterico, dando assim renome universal ao Instituto Pasteur.—*(Havas)*.

Os nacionalistas turcos agitam-se

CONSTANTINOPLA, 27.—Nota-se uma certa recrudescencia na agitação dos nacionalistas, tendo as suas tropas ocupado Mussoylb e alguns oficiais desembarcado no pequeno porto de Bartin, no Mar Negro.—*(Havas)*.

A aliança franco-belga

BRUXELAS, 27.—O «Journal» diz que os ministros belgas aprovaram por unanimidade o tratado de aliança franco belga o qual será ratificado pelo governo belga numa carta que será dirigida ao governo francês.—*(Havas)*.

O marechal Joffre volta a Paris

BELGRADO, 30.—O marechal Jofre depois do banquete que lhe ofereceu o ministro da guerra e os oficiaes servios, regressou a Paris.—*(Havas)*.